

Digitized by Google

BIBLIOTECA
COMPLUTENSE.
27 8 5
E. 57 c. 9 N. 11.

Digitized by Google

bfr
N° 14472

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

IMAGEM
DA
VIRTUDE
Em o Noviciado da Companhia de
JESU
NA CORTE DE LISBOA,
EM QUE SE CONTEM A FUNDAÇAM DA CAZA,
& os Religiosos de virtude, que em Lisboa foraõ Noviços.

OFFERECIDA
A'
VIRGEM SENHORA
DA
ASSUMPCAÕ
Padroeyra do meſmo Noviciado.

PELLO
P. ANTONIO FRANCO
Da Companhia de JESU
Noviço, que foy na meſma caza.

Dita herança Asilo
Mata anô
Dono

da Comp.ª Altre &
de 1751
Pinto Casam.

COIMBRA:
NO REAL COLLEGIO DAS ARTES DA COMPANHIA DE JESU,
ANNO M. DCC. XVII.
Com todas as licenças neceſſarias.

BIBLIOTECA

Digitized by Google

IMAGEM

DA

Digitized by Google

A'
VIRGEM SENHORA
DA
ASSUMPCAÕ
Padroeyra do Noviciado de Lisboa.

JA que a boa fortuna dos tres Noviciados desta Provincia foy, ſerem conſagrados a voſſo nome, MAY SANCTISSIMA, *pede a boa razaõ, naõ queira outros patrocinios eſta obra, mais que o voſſo amparo. Aſſim como eſtas ſanctas cazas com elle crecerão tanto, & eſperaõ crecer cada dia mais, & mais, ſe pode eſte meu pequeno obſequio prometter todas as boas venturas; & quando naõ tenha outra mais, que a de ſer feito em honra voſſa, lhe baſta por todas as outras. Neſte meu trabalho vos offereço tantos Anjos pera o voſſo triumpho, quantas ſaõ as illuſtres vidas cheyas de maravilhoſas virtudes, que nelle ſe contem. Todas foraõ obra de voſſa maõ, na qual Deos como em tezouro depoſitou ſua Omnipotencia, & virtude ſingular obrado-*

Digitized by Google

ra de couſas, todas muyto do ſeu agrado, & dignas do ſeu amor, como foraõ eſtes voſſos filhos, & todos os mais, que neſte ſancto retiro ſe criaraõ ao voſſo baſo, & no mimo da voſſa devaçaõ. Quem pudera, VIRGEM MAY, *ter prezentes neſta obra, como em prato, todas as virtudes, que os filhos deſta caza, & por iſſo voſſos, tem obrado em todas as quatro partes do mundo, pera vos aprezentar huma iguaria pera vós das mais ſaborozas? Mas offerece a minha pouquidade, o que pode aver, pera que ſe conſerve em obſequio voſſo alguma parte do muyto, que infundio voſſa liberal maõ em almas taõ ſanctas. Vos, May amoroſiſſima, com aquelles olhos, que fazem avultar as couſas, ſó com as ver, olhai pera eſte limitado offerecimento; & lhe dai, em quem por elle paſſar os olhos, tal agrado, que da ſua liçaõ vos cobre hum amor, qual eu dezejo vos tenhaõ todas as creaturas: & qual vos devemos ter todos, os que neſta caza nos criamos à voſſa ſombra, & com o leyte da voſſa devaçaõ; a qual he nos filhos da Companhia de JESUS mais obrigaçaõ, que obſequio; pois por ſer do filho, toda he Companhia da May, cuja mayor honra procura ſó eſta obra, & ſó quer por premio ſeu Author.*

Voſſo inutil, & indigno ſervo

Antonio Franco.

INTRO-

Digitized by Google

INTRODUCÇAÕ.

HUM dos tempos mais bem gaſtados he aquelle, que ſe occupa em eſcrever as vidas dos homens ſanctos; & conſervar os exemplos daquelles heroes, que aſſim como na vida eſpiravaõ virtude, aſſim depois da morte eſſa meſma eſtaõ inculcando nos ſanctos exemplos, que nos deixaraõ. A nós pertence telos prezentes, pera com elles nos ajuſtarmos, procurando, que noſſas obras ſejaõ como as ſuas. Saõ as vidas eſcrittas humas como eſtatuas dos homens, que reprezentaõ: & tem ſem duvida muyto mais energia, pera perſuadir, do que achava Scipiaõ terem as eſtatuas dos ſeus Romanos, a cuja viſta elle confeſſava conceber novos alentos, & eſpiritos capazes de ſe medir com todas as couſas grandes. Nas vidas dos homens ſanctos aprendem, os que ſeguem ſemelhante inſtituto, o modo, que elles tiveraõ em o exercitar: o cuidado, & vigilancia, com que ſe ouveraõ, pera chegar aos apices da perfeiçaõ Evangelica, a que ſubiraõ. Os caracteres, que tem diante dos olhos, lhes eſtaõ mudamente repitindo a inſcripçaõ, que os Athenienſes tinhaõ aos pés das eſtatuas dos ſeus antepaſſados: *Sereis*, dizia a inſcripçaõ, *como eſtes, ſe fizerdes como êſtes.* Continuando pois o meu trabalho em eſcrever as vidas de alguns dos muytos homens de virtude, que teve eſta noſſa Provincia de Portugal, ajuntei neſte volume todos aquelles, de quem pude aver memoria, que em Lisboa foraõ Noviços nos diverſos domicilios, q̃ naquella Corte ouve pera os deſte eſtado; dando principio pella vida do Padre Meſtre Simaõ Rodrigues fundador deſta noſſa Provincia. Vai toda a obra repartida em quatro livros. No primeiro a vida do fũdador, do primeiro Noviço da provincia, & de outros, que ou foraõ admitidos, ou paſſaraõ o ſeu Noviciado na caza de Sancto Antaõ o velho, que hoje he dos Padres de S. Agoſtinho. No ſegundo refiro as vidas de muytos ſervos de Deos, que fizeraõ ſeus Noviciados na caza de Saõ Roque, & na quinta de Campolide. No terceiro, & no quarto ſe contem homens

homens pertencentes à caza do Monte Olivete, em que hoje ſe criaõ os Irmaõs Noviços. No principio do terceiro livro eſcrevo a muy exemplar vida do Padre Joaõ Nunes, ſervirá de huma como moſtra dos inſignes Meſtres de Noviços, que ouve neſta caza, cujas vidas por eſtarem jà eſcritas em outro lugar, as naõ repito. No principio ſe dà huma noticia dos domicilios, em que em Lisboa ſe criaraõ em diverſos tempos os Irmaõs Noviços. No fim ajunto hum Catalogo dos que aqui foraõ Noviços, & eſcreveraõ livros. Naõ hà duvida, que foraõ muytos mais em numero os homens, que com ſuas virtudes podiaõ illuſtrar eſta obra, porem com dizer, que ajuntei no corpo deſte volume ſó as de que achei noticia, tenho dado ſatisfaçaõ. Quanto neſta obra eſcrevo, he recolhido de noticias fide dignas, dellas jà impreſſas, & as mais de manuſcritos. Nas vidas, que andaõ impreſſas, he muy rara aquella, que naõ vai muyto acreſcentada, & muyto diverſa, do que antes andava; por tanto ouve niſto mais trabalho, q̃ tresladar, ou verter de huma em outra lingua. Algumas foraõ em todo trabalho meu, porque inquirindo de homens, que ſabiaõ os bons exemplos dos taes ſervos de Deos, os uni todos em hum ſó corpo. O eſtilo he, quanto baſta pera os noſſos Irmaõs Noviços, a quem encaminho o meu trabalho, fogindo quanto poſſo em a narraçaõ das couſas de fazer digreſſoens, porque o Leytor dizem ſer como o caminhante, que goſta mais do caminho igual ſem rodeos: ſe eſtes, poſto que apraziveis, ſaõ muytos, o enfado naõ he pouco. Aos noſſos Irmaõs Noviços da caza de Lisboa, a quem conſagro eſta *Imagem da Virtude*, rogo muyto ſe lembrem de me encomendar a Deos, por eſte limitado obſequio, que fiz à caza, onde vivem, na qual tambem paſſei os ultimos mezes dos meus dous annos de Noviciado, & depois de profeſſo vivi ſinco annos enſinando letras humanas aos noſſos Irmaõs eſtudantes, que entaõ alli eſtudaraõ; & ſempre me fez Deos naquella caza muytas mercês, & favores; em agradecimento deſtes ſe ſirva o Senhor de aceitar a limitaçaõ deſte meo qualquer trabalho, o qual todo quero, que ſeja em ſua mayor honra, & gloria.

PRO-

Digitized by Google

PROTESTAÇÃO DO AUTHOR.

POrque toda esta obra trata de homens de virtude, & muytas cousas, que parecem milagrozas, martyrios, revelaçoens, profecias; declaro, que só quero, se tomem estas cousas todas, & quaisquer palavras, com que me explico, no sentido, que a Sancta Igreja as costuma permitir, sogeitando tudo ao seu juizo, & disposiçaõ, naõ querendo em nada encontrar os Decretos Pontificios, que hà nesta materia.

Digitized by Google

LICENÇAS
Da Ordem.

MAnoel Dias da Companhia de JESU Prepozito Provincial da Provincia de Portugal por particular commiſſaõ, que pera iſſo me foy dada por noſſo Muyto Reverendo Padre Geral Miguel Angelo Tamburino, dou licença, pera que ſe imprima o livro intitulado *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de JESU em Lisboa*, cõpoſto pello Padre Antonio Franco da meſma Companhia, o qual foy examinado, & approvado por Peſſoas doutas, & graves della, & por verdade dei eſta por mim aſſignada, & ſellada com o ſello de meu officio. Lisboa 21 de Agoſto de 1709.

Manoel Dias.

Do S. Officio.

CENSURA DO M.R.P.M. D. ANTONIO CAETANO de Souza C.R.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

VI por ordem de V. Illuſtriſſima o livro intitulado *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de JESU na Corte de Lisboa*, que compoz o M.R.P.M. Antonio Franco da meſma Companhia, o qual naõ contem couſa alguma contra a noſſa Sancta Fé, ou bons coſtumes; & me parece muy digno de que V. Illuſtriſſima lhe dê a licença, que pede, pera q̃ o mundo admire juntas aquellas meſmas virtudes, que em diverſos tempos tanto o edificou; & em taõ grande gloria da Companhia. Lisboa na caza de N. Senhora da Divina Providencia 6 de Fevereyro de 1710.

D. Antonio Caetano de Souza C. R.

CEN-

Digitized by Google

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. ALVARO Pimentel.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

REví o livro, que ſe intitula *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de JESU na Corte de Lisboa*, compoſto pello Muyto Reverendo Padre Meſtre Antonio Franco da meſma Companhia; & alem de naõ achar nelle couſa, que encontre noſſa Sancta Fé, & bons coſtumes, leyo nelle taõ inumeraveis acçoens de virtude obradas pellos Filhos de *Sancto Ignacio*, que parece impoſſivel o publicarem-ſe no prelo, ſem que arrebatem as almas à imitaçaõ, & à conſtancia da fé, que profeſſaõ. E aſſim me parece devido o deſpacho, que pede ſeu Author. V. Illuſtriſſima fará o que melhor parecer. Lisboa, Graça 28 de Março de 1710.

O M. Fr. Alvaro Pimentel.

Do S. Officio.

VIſtas as informaçoens podeſe imprimir o livro intitulado *Imagem da Virtude*, & impreſſo tornará pera ſe conferir, & dar licença que corra, & ſem ella naõ correrá. Lisboa 11 de Abril de 1710.

Carneyro. Moniz. Haſſe. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barretto.

Do Ordinario.

POdeſe imprimir o livro intitulado *Imagem da Virtude*, & impreſſo torne pera ſe conferir, & dar licença que corra. Lisboa 7 de Mayo de 1710.

Biſpo de Tagaſte.

Digitized by Google

Do Paço.

CENSURA DO M. R. P. M. ANTONIO Botelho.

SENHOR.

MAndame V. Mageſtade, que veja o livro intitulado *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia na Corte de Lisboa*, compoſto pello Muyto Reverendo Padre Antonio Franco da Sagrada Religiaõ da Companhia de JESUS, pera que o cenſure; & bem poſſo dizer agora, o que em ſemelhante occaziaõ diſſe Caſiodoro: *Fruſtra ad cenſuram proponitur, qui tantis titulis approbatus videtur*, que he eſcuſada a cenſura em hum livro por tantos titulos approvado. He-o eſte livro pello Author, & pella materia de que trata. Pello Author tanto pellos talentos, com que Deos o dotou, como tambem por ſer filho da ſagrada Religiaõ da Companhia de JESUS, officina donde tem ſahido os melhores livros, que ſe tem eſcrito em todas as materias, & de officina taõ excellente naõ pode ſahir obra, que o naõ ſeja. E ſe he doutrina de Chriſto, que a arvore boa de força ha de produzir frutos bons: *Omnis arbor bona fructus bonos facit*; ſendo eſte livro fruto de taõ boa arvore, naõ pode deyxar de ſer bom. He tambem eſte livro approvado pella materia de que trata. He o ſeu aſſumpto as vidas dos Varoens, que floreceraõ em letras, & virtudes na Religiaõ ſagrada da Companhia de JESUS, tendo o ſeu Noviciado em eſta Cidade de Lisboa: & que obra mais approvada pera a Republica do que eſta? Porque ſe as Reſpublicas entaõ ſaõ mais felices, & ditoſas, quando nellas florecem Varoens de letras, & ſantidade, o melhor meyo pera eſtes florecerem ſaõ as vidas, & exemplos de outros, que em algum tempo floreceraõ; tanto, que ſe por impoſſivel faltaſſem os preceitos Divinos, que à virtude incitaõ, baſtariaõ os exemplos dos homens virtuozos. He doutrina de S. Izodoro: *Si ad boni incitamentum, divina, quibus admonemur, præcepta deeſſent, pro lege nobis Sanctorum exempla ſufficerent.* Nem pode diminuir eſta razaõ o teremſe jà eſcritos muytos livros de ſemelhante materia; porque ſempre foy conveniente em materias de grande importancia o haver muytos livros da meſma, pera poderem chegar às maõs

Caſiodor. lib. 7. Epiſtol. 19.

Matth. 7. 17.

S. Izidor. lib. 2. cap. 11.

Digitized by Google

maõs de todos. *Expedit de eadem materia* (diſſe S. Agoſtinho) *fieri multos libros, quia non omnium ſcripta ad omnes veniunt.* Em hum livro pois taõ approvado, que tenho eu mais que dizer, ſe naõ que ſeu Author ſe faz muyto digno de que V. Mageſtade lhe conceda a faculdade, que pede? Com tudo V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa, & Congregaçaõ do Oratorio 1 de Junho de 1710. S. Agoſt. de Trinit.

Antonio Botelho.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do S. Officio, & Ordinario, & depois de impreſſo tornará à Meza pera ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo naõ correrá. Lisboa 16 de Junho de 1710.

Lacerda. Andrade. Coſta. Botelho.

Digitized by Google

Digitized by Google

Vidas q estam neste tomo do noviciado de Lisboa q ia estam nos 6 tomos dos varões illustres de Eusebio, e Andrade

Este catalogo manuscrito he p.a q o R.do P. com facilid.e vejaõ nos tomos do P. Eusebio e Andrade, q vidas pa minim.os breves, se devam meter mais difusas em a nova obra.

P. Ant.o de Andr.a esta no tomo Hon.s e gloria de S. Ign.o pag. 411.

P. Fran.co Lopes está no tomo q se intitula. Firmamento de Lusidas astros pag. L.

P. Hieronimo de Carvalho esta no tomo quarto cujo titulo he Vidas exemplares, e m.tos breves pag. 690

P. Ioam Baptista Machado está no tomo 4 titulo, Vidas exemplares pag. 694.

P. Luis Froes. está no tomo. Hon.s e gloria de S. Ign.o pag. 697

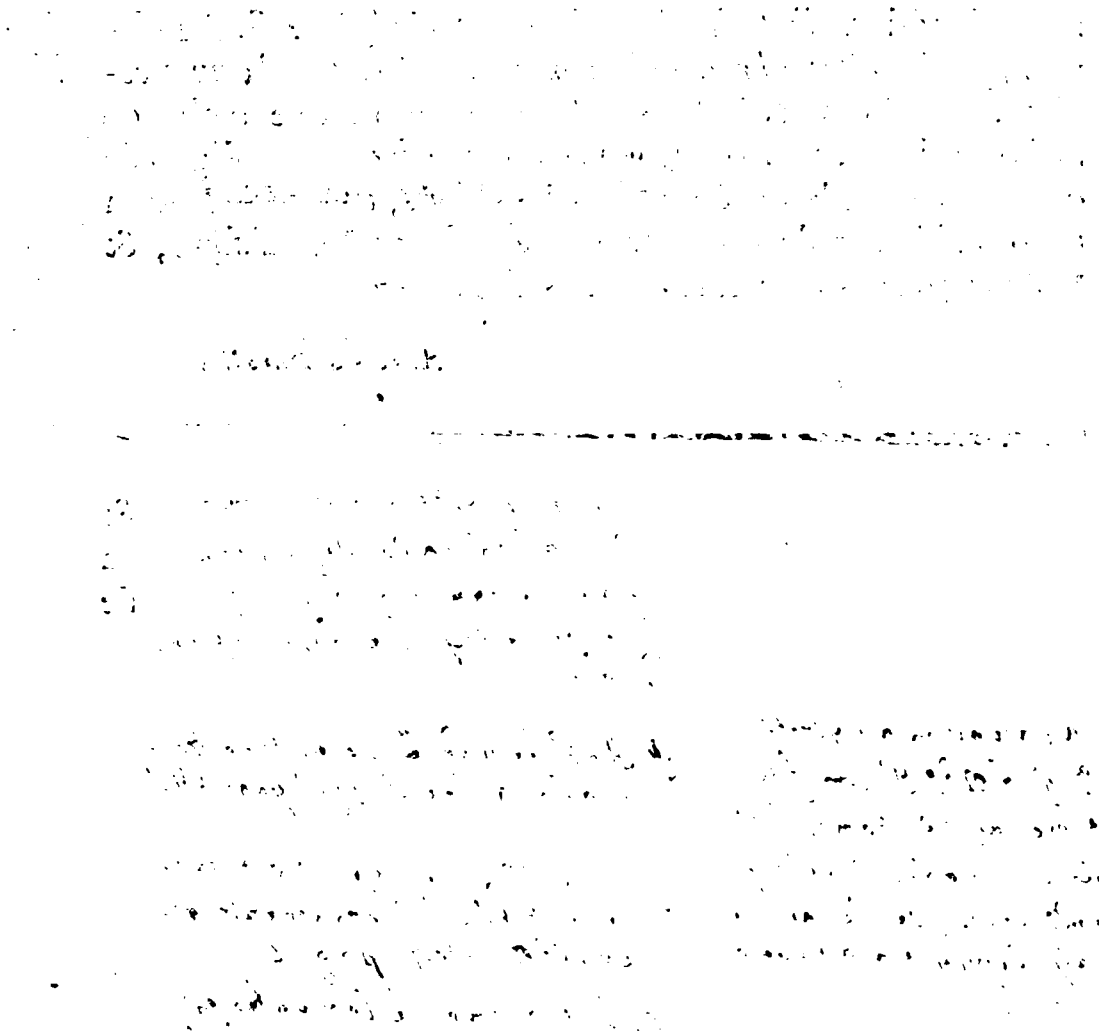
P. Miguel Carvalho martyr. esta no tomo 5. feito pelo P. Andrade pag. 690.

P. Simaõ Rodrigues está no tomo Hon.s e gloria de S. Ign.o pag. 20

P. Sebastiaõ Barradas está no tomo, Firmamento de Lusidas astros. pag. 539.

P. Gaspar Vilela esta no tomo Hon.s e gloria de S. Ign.o pag. 642

Digitized by Google



Digitized by Google

INDICE

DOS SERVOS DE DEOS, QUE SE contem neſta obra. O numero ſignifica a pagina.

A

AFfonſo Freyre 632.
Affonſo Barretto 169.
Agoſtinho de Lima 939.
Ambrozio Rodrigues 629.
Amaro Fernandes 956.
Antonio de Monſerrate 278.
Antonio Affonſo 311.
Antonio de Caſtello-branco 306.
Antonio de Andrade 335.
Antonio da Cruz 476.
Antonio Ferreyra 551.
Antonio de Macedo 677.
Antonio Fernandes 588.
Antonio de Lemos 744.
Andre Fernandes 592.
Antonio de Mello 308.

B

Balthezar da Coſta 637.
Bento de Caſtro 301.
Bernardo de Mello 567.
Bartholomeu Lourenço 324.

C

Carlos da Silveyra 609.
Coſme Vaz 311.
Chriſtovaõ Ferreyra 366.

D

Domingos da Cunha 485.
Diogo Gomes 632.
Diogo Vidal 916.

F

Fernaõ Rebello 301.
Fernaõ Coutinho 329.
Franciſco Marques 467.
Franciſco de Vaſcõcellos 686.
Franciſco Pimentel 577.
Franciſco Lopes 159.
Franciſco Ayres 709.
Franciſco Soares 615.
Franciſco de Almada 632.

G

Gaſpar da Fonſeca 329.
Gaſpar Villela 174.
Gaſpar Freyre 673.
Gaſpar Lourenço 673.
Gonçalo de Medeyros 130.
Gonçalo Cardozo 169.

Digitized by Google

H

Hieronymo de Carvalho. 314.
Hieronymo Gonçalves 308.

I

Joaõ Gonçalves 308.
Ignácio Xavier 588.
Ignacio Rodrigues 891.
Joaõ Alvres 321.
Joaõ Nunes 421.
Joaõ Velaſco 418.
Joaõ de Brito 755.
Joaõ Furtado 883.
Joaõ de Carvalho 701.
Joaõ Bautiſta 336.
Jorge Fernandes 301.

L

Leopoldo Fués 873.
Lourenço Rebello 605.
Luis Froes 201.
Luis de Mello 654.
Luis Soares 647.
Luis Dias 586.

M

Manoel de Almeyda 939.
Manoel Godinho 136.
Manoel Fernandes 145.
Manoel Gameiro 556.
Manoel Ferreyra 583.
Manoel Rodrigues 847.
Manoel Caſtellaõ 586.
Miguel Carvalho 353.

N

Nuno Rodrigues 332.

P

Pedro Caſſui 474.
Pedro Tavares 714.
Pedro Delgado 474.

R

Ruy de Mello 751.

S

Simaõ Rodrigues 20.
Sebaſtiaõ Barradas 255.

Digitized by Google

INDICE

PELLOS DIAS DOS MEZES DOS VAROENS Illuſtres, q̃ ſe contem neſte tomo do Noviciado de Lisboa. Os q̃ tem eſte final ✠ foraõ Martyres; os q̃ tem eſte C. morreraõ ſervindo em Contagios. Aquelles, de que naõ conſta o mez de ſua morte, vaõ juntos no fim.

JANEYRO

Anno da morte.

6. IRm. Gaſpar Lourenço. Lisboa. 1676.
8. Padre Antonio de Caſtellobranco. Coimbra. 1643.
10. Padre Doutor Antonio Ferreyra. Evora. 1676.
12. Padre Manoel Caſtellaõ. Evora. 1694.
19. P. Doutor Franciſco Soares. Jerumenha. 1659.

FEVEREYRO.

4. PAdre Luis de Mello. Madure. 1691.
✠ 4. Veneravel Padre Joaõ de Britto. Maravâ. 1693.
5. Padre Joaõ Furtado. Coimbra. 1700.
12. Padre Affonſo Barreto. Lisboa. 1557.
13. Padre Ruy de Mello. Lisboa. 1663.
✠ 18. Padre Manoel Fernandes. Evora. 1555.

MARC,O.

1. PAdre Nuno Rodrigues. Goa. 1604.
2. Padre Lourenço Rebello. Angra. 1679.
5. Padre Antonio de Monſerrate. Salſete. 1600.
10. Padre Joaõ Alvres. Evora. 1623.
19. Padre Antonio de Andrade. Goa. 1634.
20. Irmaõ Gaſpar Freyre. Evora. 1625.
22. Irmaõ Joaõ Carvalho. Evora. 1659.
C. 29. Padre Affonſo Freyre. Evora. 1659.

ABRIL.

4. PAdre Gonçalo de Medeyros. Lisboa. 1552.
13. P. Doutor Antonio Fernandes. Lõdres. 1674.
14. Veneravel P. Doutor Sebaſtiaõ Barradas. Coimbra. 1615.
21. Padre Balthaſar da Coſta. Na Viagẽ da India. 1673.

MAYO.

1. PAdre Fraõciſco Lopes. Fremonâ. 1597.
2. Padre Amaro Fernandes. Evora. 1705.
5. P. Ignacio Rodrigues. Na Viagem da India. 1702.
11. Veneravel Irmaõ Domingos da Cunha. Lisboa. 1644.

17. Pa-

Digitized by Google

17. Padre Franciſco de Vaſcõcellos. Lisboa. 1662.
✝ 22. Padre Joaõ Bautiſta Machado. Cori. 1617.
✝ 22. Padre Gonçalo Cardozo. Ethiopia. 1574.

JUNHO.

15. PAdre Carlos da Sylveyra. Angola. 1683.
23. Irmaõ Joaõ Gonçalves. Lisboa. 1574.
29. Irmaõ Luis Soares. Evora. 1705.

JULHO.

2 IRmaõ Hicronimo Gõçalves. Lisboa. 1588.
8. Padre Luis Froes. Nãgaſaqui. 1597.
15. Veneravel Padre Meſtre Simaõ Rodrigues. Lisboa. 1579.
✝ 15. Irmaõ Bẽto de Caſtro. No mar. 1570.
15. Padre Antonio de Macedo, Lisboa. 1693.
22. Irmaõ Pedro Delgado. Lisboa. 1629.
30. Irm. Antonio da Crus. Evora. 1632.
✝ * P. Pedro Caſlui. Yẽdo. 1639.
* Irmaõ Antonio de Mello. Evora. 1564.

AGOSTO.

4. PAdre Manoel Godinho. Lisboa. 1569.
9. P. Antonio de Lemos.
15. Irmaõ Bartholomeu Lourenço. Evora. 1629.
✝ 25. Padre Miguel Carvalho. Omura. 1624.
C. 26. Irmaõ Coſme Vas. Lisboa. 1569.
C. 30. Padre Franciſco Marques. Dio. 1639.

SETEMBRO.

C. 2. IRmaõ Antonio Afonſo. Lisboa. 1569.
5. V. P. Franciſco Pimẽtel. Tunquim. 1675.
* Padre Ignacio Xavier. Madure. 1680.
19. Irmaõ Gaſpar da Fonſeca. Lisboa. 1560.
24. V. P. Jorge Fernandes. Lagos. 1580.

OUTUBRO.

C. 21. PAdre Ambroſio Rodrigues. Evora. 1658.
24. Irmaõ Bernardo de Mello. Lisboa. 1658.
25. P. Hieronymo de Carvalho. Coimbra. 1604.
26. Padre Leopoldo Fues. Lisboa. 1697.
27. Padre Doutor Andre Fernandes Biſpo eleito de Japaõ. Lisboa. 1660.
C. 30. Irmaõ Franciſco de Almada. Evora. 1658.

NOVEMBRO.

11. PAdre Franciſco Ayres. Lisboa. 1664.
20. P. Doutor Fernaõ Rebello. Evora. 1608.
C. 20. Irmaõ Diogo Gomes. Evora. 1658.
21. Irmaõ Manoel Gameyro. Lisboa. 1651.

DEZEMBRO.

8. PAdre Fernaõ Coutinho. Evora. 1588.
14 Padre Pedro Tavares. Porto. 1670.
28. Veneravel Padre Joaõ Nunes. Lisboa. 1656.
29. Padre Luis Dias. Evora. 1688.

Os ſeguintes ſaõ em mes, & dia incerto.

✝ Padre Chriſtovaõ Ferreyra. 1662
Padre Gaſpar Villela. 1592
Padre Joaõ Velaſco. 1600
Padre Manoel Ferreyra. China
Padre Manoel Rodrigues. 1693
Padre Diogo Vidal. 1702

IMA-

Digitized by Google

LIVRO PRIMEYRO
DA
IMAGEM DA VIRTUDE
EM O NOVICIADO DE LISBOA
da Companhia de JESU.

DOS VARIOS DOMICILIOS, QUE TEVE ESTE Noviciado, Vida do P. M. Simaõ Rodrigues Fundador desta Provincia, & de alguns servos de Deos, que foraõ Noviços na caza de Sãcto Antaõ o velho.

CAPITULO I.

Da-se noticia das cazas, nas quais em Lisboa ouve Noviços.

1 PARECE, que dispoz a Divina Providencia com especial cuydado, que o Noviciado da Companhia em Lisboa assistisse em diversos lugares, athe tomar assento estavel no sitio, em que hoje se criaõ os Noviços, para que em todas as partes, onde saõ mais frequentes estes sanctos Irmaõs, tivessem, como despertadores do seu fervor, os exemplos dos antepassados, & Noviços primitivos da Companhia. Ainda que pellos bens de Deos, neste estado sempre o espirito primitivo se foy perpetuando, assim o conhecemos todos, os que procuramos ser filhos de may taõ sancta, qual he a Companhia de JESU.

2 Tomando mais atraz a agoa;a noſſa Companhia entrou em Portugal no mez de Abril de mil quinhentos, & quarenta, ſendo os primeyros, que vieraõ a eſte Reyno o P. M. Simaõ Rodrigues terceyro companheyro de Sancto Ignacio, de naçaõ Portuguez, & o Padre Paulo Camerte Italiano. Aportaraõ a Setuval,como tem a hiſtoria da Provincia, porque vieraõ por mar. Chegados a Lisboa ſe hoſpedaraõ no Hoſpital de todos os Sanctos. Vinhaõ elles por ordem del-Rey Dom Joaõ o terceyro, o qual ordenara a ſeu Apozentador, lhes tiveſſe cazas preparadas, porem elles ſegundo as direcçoens, que tinhaõ de Sancto Ignacio, buſcaraõ o Hoſpital, agradecendo a El-Rey os outros cõmodos, & naõ os aceytando.

3 No mez de Junho do meſmo anno chegou de Roma Saõ Franciſco Xavier em cõpanhia do Embayxador Dom Pedro Maſcarenhas. Acõmodouſe o Sãcto no meſmo Hoſpital com os outros dous Padres, que tinhaõ chegado em Abril. Morando eſtes Sanctos, & Apoſtolicos varoens no Hoſpital de todos os Sanctos, admittiraõ na Companhia ao P. M. Gonçalo de Medeyros, que em Pariz conhecera, & tratara a Sancto Ignacio,& a ſeus companheyros, o qual vendo em Lisboa ſeus raros exemplos, ſe lhes affeyçoou, como em ſua vida mais largamente ſe dirà. Eſte foy o primeyro Noviço da Companhia em Portugal, a ſua caza de provaçaõ o Hoſpital de Lisboa, ſeu Meſtre de Noviços Saõ Franciſco Xavier, & o P. M. Simaõ Rodrigues. Da grande caridade, & modeſtia,com que eſtes noſſos primeyros Padres ſerviaõ na quelle Hoſpital aos enfermos, he razaõ ſe lembrem os noſſos Irmaõs Noviços, quãdo alli vaõ, como he ſeu antigo coſtume, conſolar os mizeraveis, & fazerlhes as camas. A quem nam affervorarà conſiderar, que andaraõ tais Irmaõs, & Pays noſſos nas meſmas enfermarias, em que nòs ſeus filhos andamos.

4 Excepto algũ tẽpo,que aſſiſtio com a Corte em Almeyrim o Padre Saõ Frãciſco, & mais Padres,foy ſua morada o Hoſpital, athe ſe embarcar para a India no Abril de mil quinhẽtos quarẽta,& hũ. Deſte mez athe o fim do anno cõtinuou alli o P. M. Simaõ cõ o P M. Gonçalo no Hoſpital,& tambẽ acho memorias antigas, q̃ tem, morarẽ algũ tempo em humas cazas, que ficavaõ defronte do Hoſpital.

5 No principio de Janeyro de mil quinhentos quarenta, &

ta, & dous, tendo o P. M. Simaõ havido o Moſteyro de Sancto Antaõ o velho, pello modo, que adiante em ſua vida ſe dirà, ſe paſſou para elle, como para caza ſua. Eſte Moſteyro foy da Companhia athe o anno de mil quinhentos noventa, & quatro, em que ſe largou por onze mil cruzados aos Padres Gracianos de Sancto Agoſtinho. Neſta caza recebeo o P. M. Simaõ alguns ſogeytos na Cõpanhia, & depois morando ja os noſſos em Coimbra, alli vinhaõ continuar algũs Noviços, para ajudarẽ às Miſſas, & outros miniſterios domeſticos. Deſtes foy hũ o Padre Affonſo Barreto, o qual andou algũ tẽpo feyto na Ribeyra moço da ceyrinha, & entre os deſte exercicio para os trazer a Deos, como ſe contarà em ſua vida. Eſte raro exemplo de caridade em hum Noviço, fidalgo por ſeus pays, pode ſervir de incitamento ſancto aos noſſos Noviços, quãdo vaõ à Ribeyra, ou a enſinar a ſancta doutrina, ou a trazer a ſeus hombros para caza o provimento, que ſe compra, conſiderando a grãde devoçaõ, com que aquelle, & outros ſeus Irmaõs ſe occuparaõ neſtes exercicios.

6 No anno de mil quinhentos ſincoenta, & tres pello mez de Outubro, teve ſeu principio a noſſa caza de Saõ Roque em Lisboa. No principio do anno de mil quinhentos ſincoenta, & oito comeſſou a haver nella Noviciado, para cuja fundaçaõ foraõ Noviços de Evora, & Coimbra, & por Meſtre o Padre Antonio Correa, que em Coimbra fora o primeyro Meſtre de Noviços depois de publicadas as conſtituiçoens, & introduzida a nova forma de criar Noviços, que hoje ſe uza.

7 Tenho diante de mim, quando iſto eſcrevo, o livro antigo dos Noviços, que ſe receberam na caza de Saõ Roque, onde ſe nomeaõ, os que de Evora, & Coimbra vieraõ.

8 Daqui ſe vè em como nam he certo, o que tem o Padre Manoel da Veyga no ſeu memorial da caza de Saõ Roque, dizendo, que eſte fora o primeyro Noviciado, que ouvera em forma neſta provincia depois de promulgadas as Conſtituiçoens, ſendo couza ſem duvida, que foy o terceyro. Nem elle vio o livro antigo da entrada dos Noviços da caza de Saõ Roque, que tenho diante de mim, & ſe conſerva no Cartorio de Coimbra, donde eu o encontrey. No cubiculo do Padre Meſtre, & Reytor dos Noviços em Lisboa ha hum livro, que conta os Noviços da caza de S.

Roque deſ-do Abril de 1556, & athé o mez de Junho cõta onze, que entraraõ, mas athe Março de 1558. nenhum refere, que alli entraſſe de novo. Tambem por falta de ſemelhante noticia, ha na Hiſtoria impreſſa deſta provincia algum deſcuydo neſta materia. O noſſo Padre Alvaro Lobo, a quem quanto à ſubſtancia das couzas ſe encoſtou a Hiſtoria impreſſa, tem, que o Padre Antonio Correa começara a ſer Meſtre dos Noviços em Coimbra, tẽdo por Noviços, alem de outros, aos Padres Ruy Vicente, Luis de Molina, & Manoel Fernandes, que foy Miſſionario inſigne na Ethiopia. O P. Meſtre Balthezar Telles, com eſtes meſmos, diz, comeſſara a ſer Meſtre na caza de S. Roque; & conta alli huma mortificaçaõ, que fizera ao Padre Manoel Fernandes diante do Padre Provincial, & Prepoſito da caza, & mais communidade, mandandoo ſubir à cadeyra do refeytorio, & dizer certas confuzoens, que conto em ſua vida. O certo he, que iſto foy equivocaçaõ, confundindo o meſmo Meſtre em S. Roque, comſigo meſmo em Coimbra, & o principio de hum Noviciado com o outro. O livro, que alleguei, tais Noviços naõ tem; & menos podia ſer o Padre Manoel Fernandes, que no anno de mil quinhentos ſincoenta, & ſinco navegou para a India, antes de haver Noviciado na caza de S. Roque. E acho carta, que de Goa eſcreveo a Coimbra ao Padre Antonio Correa. O cazo das confuzoens, que no refeitorio diſſe, ſuccedeo no Collegio de Coimbra.

10 He às vezes precizo nas Hiſtorias fazer eſtas anatomias dos annos, & tempos, para que a narraçaõ das couzas caminhe com a certeza, que he bem haja em as contar. E por eu neſta parte me fiar da Hiſtoria da provincia, deſcubertos documentos de mais certeza, me foy neceſſario refundir muytas couzas, que tinha eſcrito, & por ventura em tanta vaſtidaõ, me fique alguma por emmendar, & eu caya em outras, que outros emmendem em mim. Tornando ao fio, durou o Noviciado em Saõ Roque athe o anno de mil quinhentos ſeſenta, & nove; nelle por cauza da peſte grande, com que Lisboa ſe conſumio, foy neceſſario, mãdar os Noviços parte para Coimbra, parte para Evora, couza de hum anno, depois ſe tornou a povoar athe o anno de 1579. em que tornando a haver peſte ſe deſfez outra vez, & ceſſou aquelle Noviciado: attendendoſe, a ſer mais util, ter na caza operarios, que Noviços.

No

11 No anno de mil quinhentos, & setenta, quando estava deserto o Noviciado de Saõ Roque, se naõ pedirão nelle por algumas semanas os Martyres do Brazil, que padecerão em companhia dos veneraveis Padres Ignacio de Azevedo, & Pedro Dias na viagem do Brazil. Ouve nesta caza Noviços muy Sanctos. Ainda hoje se vè sobre a portaria do carro o edificio, que servio de Noviciado. A estes servos de Deos, em especial aos Noviços Martyres do Brazil, devem trazer diante de seus olhos os Irmaõs Noviços, que vaõ servir na quella Santa caza; passando pella memoria a modestia, compostura, & recolhimento interior, com que entravaõ, & sahiaõ pellas mesmas portas, & andavaõ nos mesmos corredores, & officinas.

12 Ainda, que cessou o Noviciado em Saõ Roque, cõ tudo alli entraraõ depois alguns, em especial Irmaõs coadjutores, & de vez em quando algum estudante, que era logo mandado para os outros Noviciados dos Collegios. Em todos os annos, que em Lisboa naõ ouve Noviciado, hiaõ ora de Coimbra, ora de Evora Noviços a servir na caza de Saõ Roque, como hoje o fazem os de Lisboa; tendo alli assistido algũ tempo, vinhaõ outros, que os rendiaõ. O nosso Padre Francisco de Araujo, que muytos annos correo com estes Noviços, que naquelle tempo hiaõ dos Collegios a S. Roque, fez delles hum grande catalogo, que eu li, em que hia escrevendo distinctamente os mezes, & annos, em que foraõ.

13 No anno de mil quinhentos oitenta, & sete na Cõgregaçaõ, que se teve na caza de Saõ Roque, sendo Provincial o Padre Sebastiaõ de Morais, se propoz, se era bem haver na provincia caza de Noviços separada. Conformaraõ os Padres, que a ouvesse. Assim o pediraõ a nosso R. P. Geral Claudio Aquaviva, & que havendo de ser em Lisboa, fosse no Collegio de Sãcto Antaõ o velho. Ja neste tẽpo o Collegio de Sancto Antaõ o novo tinha o seu edificio quasi capaz de brevemente se passarem a elle os nossos Religiozos, deyxãdo o Collegio velho. Em effeyto se mudaraõ para elle aos oito de Novembro de mil quinhentos noventa, & tres.

14 Feyta a mudança, logo no anno seguinte se fez a venda do Collegio velho aos Padres Gracianos. Ouve em quem governava o Collegio novo, grande fome de vender, o que

do que bem se vio nas clausulas, com que se fez a escritura. A ediçaõ muytos Padres graves, & zelozos ao Padre Geral, papa impedir a tal venda. Veyo de Roma obediencia; que fernaõ fizesse; mas chegou esta tres, ou quatro dias depois de estar a venda celebrada por escritura. Cauzou isto na provincia muyto sentimento, & havia pera elle muytas rezoens, naõ tanto por ser a venda como de graça; pois se largou por onze mil cruzados, o que se avaliou em vinte, & sinco mil, quanto por ser aquella caza a primeyra propria, que teve em todo o mundo a Companhia, porque a de Roma era ainda de aluguel. E tambem porque tratandose de caza de Noviços, lhe ficava para estes em grande cõmodo.

15 Crecio mais esta magoa, quãdo havendo os Padres determinado fazer Noviciado em Lisboa, apalparaõ algũs vinte sitios, & nenhum tinha os cõmodos da quella caza, & os preços, que se pediaõ eraõ exorbitantissimos. Porem deyxando esta magoa, & o mais, que ouve sobre ella, digamos como teve sua origem o Noviciado de Campolide.

CAPITULO II.

Do Noviciado, que ouve em Campolide, & como se lançou a primeyra pedra à caza do Monte Olivete.

NO anno de mil quinhentos oitenta, & sinco começou a ser da Companhia hũa quinta na quelle sitio, que se chama Campolide, na quál determinaraõ os Padres se desse principio ao Noviciado, em quanto se naõ edificava outra caza. O Senhor Fernaõ Telles de Menezes, que fora Governador da India, & era Regedor da Justiça, & a Senhora Dona Maria de Noronha sua mulher tomaraõ por devoçaõ fundar à Companhia em Lisboa caza especial para Noviços.

2 Deraõ para esta fundaçaõ quinhentos mil reis de renda, o capital delles eraõ vinte mil cruzados, seis na quinta do Monte Olivete no sitio da Cotovia, onde hoje está a caza dos Irmaõs Noviços. O mais se deu em juros bem parados, que naõ ha porque os especificar, basta saber, que de mais sò deu a ditta propriedade. Aceytada por nosso Reverendo Padre Geral a fundaçaõ, de que o ditto Senhor fez sua escritura em vinte, & seis de Dezembro de mil quinhentos

nhentos noventa, & ſete, tendo ja feyto outra no Algarve, ſendo alli Governador, ſe deu ordem à dedicaçaõ da nova caza de Noviços.

3 Foy feyta eſta dedicaçaõ em dezoito de Dezembro de mil quinhentos noventa, & ſete, dia da Expectaçaõ da Senhora com titulo de ſua glorioza Aſſumpſaõ, a quem a nova caza era conſagrada, & tambem a capella da quinta, em q̃ ſe fazia. Mandara o Padre Provincial Chriſtovaõ de Gouvea vir de Coimbra, & Evora athe quinze Noviços, delles era Reytor o Padre Antonio Maſcarenhas. Diſſe Miſſa na capella o Padre Provincial, & deulhes a Communhaõ. Acharaõſe prezentes o Senhor Fernaõ Telles de Menezes fundador, o Padre Joaõ de Madureyra Prepoſito da caza de Saõ Roque, & Irmaõ do Padre Provincial, o Padre Luis Alvres Reytor do Collegio de Sãcto Antaõ, & outros Padres graves. Eſte Padre Luis Alvres naõ era o pregador celebre, que ja no ditto anno era fallecido, mas outro do meſmo nome.

4 A meza ſerviraõ na quelle dia o Padre Prepoſito, o Padre Reytor de Sancto Antaõ, & o Padre Secretario da provincia, outro Padre antigo leo à meza. Ouve em todos muyta conſolaçaõ eſpiritual, eſperando os grandes bẽs, que da quella nova caza haviaõ de reſultar a eſta provincia, & a todas as miſſoens deſta Coroa.

5 O primeyro Reytor, como ditto he, foy o Padre Antonio Maſcarenhas, homem illuſtriſſimo por ſangue, & mais por ſuas virtudes, as quais em ſeu lugar ſe eſcrevẽ em a Imagem da Virtude do Noviciado de Evora. Tres annos continuou aquelle governo, do qual foy promovido, à ſer Reytor do Collegio de Coimbra.

6 O primeyro Noviço, que em Campolide foy recebido, ſe chamava Antonio de Azevedo, natural de Lisboa, era Sacerdote, tinha de idade quarenta, & ſete annos, homem fidalgo, & que ſe achara na batalha del-Rey *D.* Sebaſtiaõ em Africa, & nella fora cativo. Era de muyta virtude, & havia dous annos pertendia ſer da Companhia, o que ſe tinha dilatado, por ſe duvidar, ſe poderia com o trabalho, por ſer enfermiço, & de tenues forças. Porẽ Deos, que delle ſe queria ſervir, o favoreceo, & depois andando annos, veyo a falecer cheo de merecimentos na caza de Saõ Roque aos 22. de Julho de 1632.

7 Aju-

7 Ajudou muyto com ſuas eſmolas eſta nova fundação. Alem do movel de ſua caza, lhe aplicou huma penção de cento, & vinte mil reis em cada hum anno, que lhe pagava o Arcipreſte de Lisboa, & outra, que tinha no Biſpado de Vizeu.

8 A Quinta de Campolide ſe dividio em duas partes, huma ficou dos Noviços, outra com ſeu pomar era da caza de Saõ Roque, que a poſſuia na forma, que as cõſtituiçoens permittem huma quinta às noſſas cazas profeſſas. No anno de mil ſeis centos, & vinte quatro, os noſſos Padres de Saõ Roque venderaõ tambem a outra parte à caza dos Irmaõs Noviços, como lhe tinhaõ vendido a primeyra. Delles he hoje toda eſta propriedade, & lhes ſerve de quinta ordinaria, em que vaõ paſſar ſeus dias de honeſta, & ſancta recreaçaõ.

9 Durou o Noviciado em Campolide couza de ſeis annos, por quanto no de ſeis centos, & tres, os Padres pediraõ a noſſo R. P. Geral ſe ſuſpendeſſe, para ſe gaſtarem os rendimentos em o edificio do Monte Olivete. Neſtes poucos annos ouve naquella caza Noviços, que foraõ, andando annos, huns Martyres illuſtriſſimos, como os Padres Joaõ Baptiſta Machado, Chriſtovaõ Ferreyra, & Miguel Carvalho, todos Martyres em Japaõ; & o Padre Apollinar de Almeyda Biſpo de Nicea, & Martyr na Ethiopia, outros Miſſionarios affamados, como o Padre Antonio de Andrade Apoſtolo de Tibet, o Padre Ioaõ Velaſco, & outros; de cujas virtudes ſe devem lembrar, & fallar os noſſos Irmaõs Noviços, quando alli os mandaõ ter o ſeu dia de allivio, conſiderando, que a terra, que pizaõ foy ſanctificada com os pès de tantos Martyres.

10 Neſte governo do Padre Antonio Maſcarenhas ſuccedeo alli huma couza muy notavel. Ha no fundo da quinta hum poço, que neſtes annos proximos ſe afundou, & ſe lhe buſcou agoa com huma mina, & fizeraõ outras induſtrias, com que ficou de grande ſervintia, & proveyto, porem naquelles tempos alem de eſtreyto, como o conhecemos, era de pouca agoa, & às vezes ſe ſecava. Aconteceo pois, haver anno de ſeca, foyſſe alli buſcar agoa para o ſerviço da caza, & ſe achou ſem gota de agoa no fundo. Voltaraõ os Irmaõs ao Padre Reytor, o qual antes de fallarem, lhes diſſe: *Que he iſſo, naõ tem o poço agoa?* reſpondendo,

dendo, que assim passava; lhes ordenou, que voltassem a elle, & naõ a achando, fizessem o final da Cruz, & que logo teriam agoa. Tornaraõ, & vendoo seco, como o deyxaraõ, fizeraõ o final da Cruz, & logo começou a vir agoa, & nunca mais o poço em tempo do governo do Padre Antonio Mascarenhas se tornou a secar. Em acçaõ de graças foy la com os Noviços o Padre Reytor, & todos rezaraõ o *Te Deum laudamus.*

11 Logo, que se fez a dedicaçaõ assima referida, se poz todo o cuydado em buscar sitio em Lisboa pera a nova caza. Nisto se foraõ passando muytos annos, sem aparecer couza a contento, & cõ cõmodo. Dava suas queyxas disso o Fundador, que dezejava ver com seus olhos promovida a obra, que toda era sua. Por fim das diligencias rezolveo o Padre Joaõ Correa Provincial, & o aprovou nosso Reverendo Padre, que o edificio se levantasse na quinta do Mõte Olivete dada pello Fundador no sitio da Cotovia, por ser o lugar, em que menos inconvenientes por entaõ se achavaõ, antes ficava em bom cõmodo, por estar pouco distante da Cidade, & da caza de Saõ Roque, ser o sitio de bellos prospectos, lavado dos ventos, & sadio.

12 O que nesta eleyçaõ deu mais cuydado, foy a pouca firmeza do solo, por ser cortado com muytas minas, feytas pera tirar barro de oleyros; & sò se achou firme no lugar onde estava o monte. Alli se determinaraõ fosse a fabrica, naõ obstante o custo, que havia de fazer o monte em se arrazar, pera correr o edificio em pavimento igual.

13 Tomada esta resoluçaõ, se lançou a primeyra pedra dia de Saõ Jorge aos vinte, & tres de Abril de mil seis centos, & tres. A pedra tinha seis faces, era quadrada por todas as partes, no quadrado supremo tinha com letras goticas aberto este letreyro: *Deo Trino, Uni, & B. Virg. jactus 23. Aprilis, anno D. 1603. hora nona.* Em outro quadrado dizia o letreyro: *Ferdinando Telles de Menezes, & D. Maria de Noronha ejus* (& no seguinte lado) *Uxore Fundatoribus.* Noutro quadrado dizia: *Papa Clemente VIII. Rege Philippo II.* Em outro tinha: *Præposito Generali Societatis Claudio Aquaviva, Provinciale Joanne Correa.* No quadro sexto inferior naõ tinha letreyro, mas sò huma pequena concavidade, que se tapava, & enchia com çapa da mesma pedra feyta ao justo.

14 No dia de Saõ Iorge, veyo o Fũdador, & mais Padres autorizados de toda a provincia, que ſe acharaõ na Congregaçaõ, que ſe acabava de celebrar em Saõ Roque. Leraõſe os letreyros, enramouſe a pedra com flores, & tẽdo o Fundador na maõ hũ cordaõ de ſeda, & o Padre Provincial outro, que eſtavaõ atados nas pontas da taboa, ſobre quem eſtava a pedra tambem atada, ſe começou a lançar devagar, dizendo o Fundador ao Padre Provincial, que lhe deytaſſe hũa grande bençaõ; & o Padre Provincial lhe diſſe certa oraçaõ. Neſta forma a ſom de charamelas foy a pedra aſſentada no fundo do alicerce.

15 Antes de hir abayxo, ſe lançaraõ na concavidade della algumas medalhas de noſſa Senhora, de Saõ Pedro, & Saõ Paulo, do noſſo Padre Sancto Ignacio, & Sancto Xavier, alguns reales de prata, & o Fundador lançou hum Portuguez de ouro, moeda da quelle tempo, & ſe tapou a pedra. Feyta eſta ſolemnidade, ſe foraõ paſſar o dia em honeſta recreaçaõ à quinta de Campolide, aonde viviaõ os Irmaõs Noviços, que, como fica ditto, em breve deyxaraõ o poſto paſſando pera Coimbra, & Evora, em ordem a crecer o rendimento pera os gaſtos do edificio.

16 Depois do Padre Antonio Maſcarenhas foy Vice-Reytor em Campolide o Padre Franciſco de Araujo, que era muy eſpiritual, & de conhecida virtude. Fez na quinta os paſſos da Payxaõ do Senhor, de que ainda hoje ſe vem alguns veſtigios. E os Irmaõs os corriaõ com ſingular devoçaõ. Achandoſe alli o Padre Alberto Laercio grande Miſſionario do Oriente, & que neſte anno de mil ſeis cẽtos, & dous conduzio ao Oriente a mayor miſſaõ, que la paſſou da Companhia, pois eraõ alguns ſincoenta, & oito, & elle meſmo ajudou a arvorar a Cruz, que ſe levãtou no paſſo do Calvario.

17 Depois de alli eſtar hum anno o Padre Franciſco de Araujo, lhe ſuccedeo com patente do noſſo R. P. Geral o Padre Simeaõ Caldeyra, que foy Meſtre dos Noviços em Evora, & Reytor do Collegio do Porto. Antes tinha eſtado alguns annos na ſecretaria de Roma. Depois de tomar poſſe do Reytorado, da hi a hum mez fez ſua profiſſaõ de quatro votos na caza de Saõ Roque. Couza, que nos tempos prezentes, em que as couzas tem outras andaduras, ſem duvida parece muy eſtranha; & por iſſo a quiz referir. Eſte

Padre

Digitized by Google

Padre foy homem de muyta virtude, & delle pode ter especial gloria a Villa de Niza no Biſpado de Portalegre, onde naceo, & entrou na Companhia em Evora em fete de Mayo de mil quinhentos oitenta, & dous com dezanove de idade. Eſte Padre continuou, athe ſe ſuſpender o Noviciado de Campolide, & foy a ſer Reytor do Collegio do Porto.

CAPITULO III.

De como ſe continuou o edificio do Monte Olivete, & adiantou por meyo do Irmaõ Lourenço Lombardo, de quem ſe da noticia, & do mais da caza, & mudança dos Noviços pera ella.

1 DEpois, que ſe lançou a primeyra pedra, foy continuando o edificio. Achouſe pedreyra no fim da quinta, & do monte, que ſe arrazou ſe tirou muyta pedra pera cal, muyta area, & barro pera tejolo, que naõ foy pequeno adjutorio da obra. Algum tempo correo com ella o noſſo Padre Ioaõ Delgado, que fora Meſtre de Mathematica, pera os noſſos no Collegio de Coimbra, & pera os de fora no de Sancto Antaõ em Lisboa.

2 No anno de mil ſeis centos, & ſinco aos vinte de Março ſe lançou a primeyra pedra da Igreja pello Biſpo de Malaca Dom Frey Chriſtovaõ da Ordem de Saõ Ieronymo grande devoto da noſſa Companhia. Era Provincial o Padre Antonio Maſcarenhas. Neſte tempo ainda vivia o Fundador, mas naõ acho, que aſſiſtiſſe. Athe ſeis centos, & ſete correo com a obra o Padre Ioaõ Delgado, da-hi athe os principios do anno de ſeis centos, & nove teve della cuydado Balthezar Alvres Arquitecto das obras del-Rey, o qual fez nova traça da Igreja, & Capella mor, & a fez mais cuſtoza, do que os Padres imaginaraõ. Achouſe, que a obra hia devagar, & que a continua aſſiſtencia dos noſſos lhe fazia grande falta; pois sò dous tinhaõ a ſeu cuydado obra, & fazenda, & moravaõ no Collegio de Sancto Antaõ.

3 Por tanto ordenou o Padre Vice-Provincial Martim de Mello com os Padres Conſultores da provincia, ouveſſe no Monte Olivete huma Rezidencia de quatro Religiozos

noſſos, que tiveſſem cuydado das obras, & fazenda. Com eſta aſſiſtencia começou a obra a luzir a olhos viſtos. Quiz a Fundadora, que em primeyro lugar ſe fizeſſe com calor a Capella mòr da Igreja, porque queria trazer a ella, & collocar em hum nobre mauzoleo os oſſos de ſeu marido Fernaõ Telles, que com beneplacito de noſſo R. P. Geral eſtavaõ depozitados na Sacriſtia da caza de Saõ Roque.

4 Mandou eſta Senhora fabricar hum mageſtozo mauzoleo de marmores, aſſentado ſobre dous elefantes em hũ vaõ no lado do Evangelho da Capella mòr. He a obra neſte genero grandioza, fez de cuſto tres mil cruzados. Nella eſtaõ os oſſos dos dous Fundadores com o ſeguinte letreyro, que por dar huma noticia deſtes Senhores, & ſeus fallecimentos o quero aqui ajuntar com ſuas palavras: *Aqui jaz Fernaõ Telles de Menezes filho de Bras Telles de Menezes Camareyro mòr, & Guarda mòr, & Capitaõ dos Ginetes, que foy do Infante Dom Luis, & de D. Caterina de Britto ſua mulher, o qual foy do Conſelho do Eſtado del-Rey noſſo Senhor, & governou os eſtados da India, & o Reyno do Algarve, & foy Regedor da juſtiça da caza da ſupplicaçaõ, & Prezidente do Conſelho da India, & partes ultramarinas. E ſua mulher D. Maria de Noronha filha de D. Franciſco de Faro Vedor da fazenda dos Reys Dom Sebaſtiaõ, & Dom Anrique, & de D. Meſſia de Albuquerque ſua primeyra mulher: os quais fundaraõ, & dotaraõ eſta caza da Provaçaõ da Companhia de JESU, & tomaraõ eſta Capella mòr pera ſeu jazigo. Falleceo Fernaõ Telles de Menezes a XXVI. de Novembro de MDCV. & D. Maria de Noronha a VII. de Março de MDCXXIII.*

5 Continuava a obra do edificio naõ com aquella preſſa, que ſe dezejava, por ſer o cuſto muyto, & os rendimentos limitados. Duraria por muytos mais annos, ſe Deos o naõ tomara à ſua conta, trazendo à Companhia ao Irmaõ Lourenço Lombardo, no anno de mil ſeis centos, & doze, o qual foy, o que mais deu a eſta caza, & mais ajudou a fundaçaõ do edificio. Sua vocaçaõ, & bemfeytorias foraõ na forma ſeguinte.

6 Havia em Lisboa hum Flamengo chamado Lourenço Lombardo natural de Envres. Eſte ſahira, trinta annos havia de ſua patria a buſcar fortuna, veyo a Lisboa, & della navegou à Mina, ajuntou algũ cabedal. Cazou em Lisboa com huma filha de hum Flamengo, & de huma Portugueza.

Digitized by Google

za. Depois disto foy duas vezes à India. Por ser homem de grande meneo, & industria, tratando, & negoceando, enriqueceo de maneyra, que era dos homens estrangeyros hum dos mais ricos em Lisboa.

7 Sendo de idade de sincoenta annos pouco mais, ou menos, o foy tocando nosso Senhor com particulares dezejos de sua salvaçaõ. Frequentava os Sacramẽtos na Igreja de Saõ Roque, corrẽdo cõ alguns Padres da quella caza, atheque foy ter com o Padre Fernaõ Guerreyro, que entaõ alli rezidia. Como era cazado, & tinha hum filho, & huma filha, naõ passava a mais sua devoçaõ, que a receber os Sacramentos da confissaõ, & comunhaõ todos os oito dias, viver retirado, & muy cauto em conversaçoens.

8 Dos filhos o macho era incapaz, de nelle se fazer caza, por ser mẽtecapto, por isso o tinha em Flãdres, determinãdo fazer caza na filha. Com este intento edificou em hum outeyro, que chamaõ moinho de vento, assima de Saõ Roque, as cazas, que hoje saõ de Francisco Barreto, & a rua de cazas menores, que ficaõ de fronte dellas, pera viver alli, & as deyxar com a mais fazenda a sua filha, que determinava cazar.

9 Tendo as cazas quazi acabadas, estando pera se passar a ellas, dez dias antes de fazer a mudança lhe morreo a filha. Vendose sem herdeyra, tomando isto com grande animo começou a entrar em mais elevados pensamentos, & tratar com sua mulher de ambos se recolherem, a fazer vida perfeyta. Naõ se mostrava ella a isto taõ facil, como elle o estava. Passaraõse pera as cazas novas, dez dias depois de fallecer a filha. Outros dez dias havia, que estavaõ nas cazas, quando de repente deu hum accidente à mulher, ao principio pareceo couza de pouco momento, mas brevemente lhe tirou a vida.

10 Vendo elle como Deos o dezempedia, pera seguir a vocaçaõ divina, que o chamava. Tratou com o Padre Fernaõ Guerreyro da mudança de sua vida, & da dispoziçaõ, que faria de suas couzas. Pareceo ao Padre, que devia mandar vir o filho, que tinha em Flandres, pera que prezencialmente se visse sua incapacidade, & o que se havia de obrar na disposiçaõ. Assim o fez. Vindo o moço, & vista juridicamente sua incapacidade, tomou rezoluçaõ do estado de sua vida. Disse ao Padre, como queria entrar

na

BIBLIOTECA

Digitized by Google

na Companhia, & aplicar ſua fazenda, ou a mayor parte della à obra, que ſe julgaſſe ſer de mayor ſerviço de Deos na meſma Companhia.

11 Neſtes termos, o Padre lhe reprezentou eſta caza, declarou o fim, pera que ſe fundava, o qual era criaremſe nella ſogeytos, que foſſem eſtudar aos Collegios, & depois ſe repartiſſem pellas miſſoens da India, China, Japaõ, & outras da gentilidade, pera pregar o Evangelho; donde reſultava a Deos grande gloria, & augmento à fe Catholica. Porem como o titulo de Fundador ſe tinha ja dado a Fernaõ Telles, neſte naõ podia haver mudança, mas que ſegundo a eſmola, que aplicaſſe, ſe lhe fariaõ na Companhia os ſuffragios, que ſe coſtumaõ fazer aos Fundadores. Eſtava elle ja affeyçoado a eſta caza pella vizinhança, que com ella tinha; por iſſo abraçou com mayor goſto o alvitre do Padre, & aſſentou comſigo de ſe empregar todo neſta caza.

12 Logo deu ordem à ſuas couzas, repartio cõ grandeza com os parentes de ſua mulher, cazou hũa Irmaã della, que criara em ſua caza, em que empregou muytos mil cruzados. Fez outras obras pias. Depois de fazer partilhas com o filho por rezaõ da legitima da may, que lhe cabia, fez tambem teſtamento por elle como por pupillo.

13 Aplicou à eſta caza a legitima do filho em cazo, q̃ morreſſe no eſtado, em que eſtava. Logo o entregou aos Padres aſſinandolhe ſeus alimentos, pera que o tiveſſem em alguma Rezidencia do Collegio de Coimbra, como no Canal, ou Saõ Fins, fora, & longe de Lisboa. Quinze mil cruzados em dinheyro aplicou todos pera o edificio, que hia muyto devagar.

14 Noſſo R.P. Geral Claudio Aquaviva lhe mãdou fazer os ſuffragios de Fundador vivo, como a taõ inſigne bẽfeytor, que dava mais à caza, do que ſeu Fundador lhe dera. Tambem por ſer ja de idade, & naõ poder hir fazer ſeu Noviciado a Evora, ou a Coimbra, & haver niſto outros juſtos reſpeytos, diſpenſou com elle o Padre Geral, que entraſſe na Companhia na caza de Saõ Roque. Aſſim o fez em Julho de mil ſeis centos, & treze, tendo delle cuydado o Padre Fernaõ Guerreyro.

15 Na caza de Saõ Roque tomou os Exercicios de Sancto Ignacio, ſervio na cozinha, & eſteve athe Março de ſeis centos, & quatorze. Neſte mez ſe determinou pellos

ſupe-

ſuperiores, que paſſaſſe pera a Rezidencia do Monte Olivete, & correſſe com as obras do edificio; que ſegundo ſua grande intelligencia, & deſpoziçaõ neſtas couzas, nenhum outro o poderia igualmente adiantar. Com elle foy o Padre Fernaõ Guerreyro, pera o dirigir, & ajudar em ſeu eſpirito.

16 Foy continuando ſeu Noviciado com a edificaçaõ, que delle ſe eſperava: acabados os dous annos de Noviço, por ordem do Padre Provincial Franciſco de Gouvea fez os votos dos eſtudantes conforme o Inſtituto da Companhia aos ſinco de Julho de mil ſeis centos, & quinze, na Capella de noſſa Senhora de S. Lucas da caza de Saõ Roque. Chamolhe votos dos eſtudantes, porque aſſim chamaraõ os noſſos antepaſſados, aos que ſe fazem no fim do Noviciado, por ſerem a mayor parte, dos que os fazem eſtudantes, ainda, que outros ſejaõ Irmaõs Coadjutores, como o Irmaõ Lombardo.

17 Parece, lhe quiz alli com eſte beneficio pagar a Senhora o ſerviço, que lhe tinha feyto, antes de ſer da Companhia, em ornar aquella Capella, em que gaſtara mil cruzados fazendoa quazi de novo. Moveoſe a eſta obra pia por entender, que eſtando no principio do primeyro corredor de ſima, & naõ longe da portaria, ſerviria muyto pera augmentar a devoçaõ à Senhora. Elle a poz no aſſeo, & limpeza, que hoje tem. Fazendolhe retabolo, tecto, pavimẽto, & o mais, que nella ſe ve. Naõ ſe enganou no ſeu penſamento, porque muytos ſenhores nobres lhe cobraraõ ſingular devoçaõ, vindo alli ouvir Miſſa, & cõmungar, & muytos Biſpos, & Sacerdotes graves goſtavaõ de dizer nella ſuas Miſſas.

18 Foy o Irmaõ Lombardo adiantando o edificio, & tudo a olhos viſtos crecia, nas ſuas maõs o pouco valia muyto, & os ſeus quinze mil cruzados diſpendidos por elle valeraõ outro tanto. O que antes ſe naõ fazia com ſeis centos mil reis, elle o fazia com duzentos, & ainda menos. O que bem ſe vio na ciſterna mais pequena das duas, que ha no pateo, que naõ a querendo hum official fazer de empreytada por menos de ſeis centos mil reis, elle a jornal a fez por menos de duzentos, & neſta forma eraõ outras couzas.

19 Em menos de tres annos, & meyo poz o edificio capaz

capaz de ſe habitar; acabou a Igreja, que he muyto ayroza. Dia de todos os Sanctos primeyro de Novembro de mil ſeis centos, & dezaſeis ſe poz nella o Sanctiſſimo Sacramẽto. Da hi a oito dias ſe tresladaraõ pera o tumulo os oſſos do Fundador, que eſtavaõ na Sacriſtia de Saõ Roque, vieraõ com grande pompa funeral em hombros de ſeus parẽtes, & acompanhamento muy numerozo, de que toda Lisboa ſe edificou, por ver, quam agradecidos nos moſtravamos a noſſos bemfeytores.

20 Eſtando a Igreja acabada, & os dous corredores, que principiaõ no fronteſpicio quazi no fim, & o outro, que os faz a ambos communicaveis de todo acabado, pareceo ao Padre Provincial Franciſco Pereyra, & aos Padres Conſultores, ſe acommodaſſe o edificio feyto, em ordem a virem pera elle os Noviços; por quanto ja a demora lhes parecia muyta, &, por ſer a renda pouca, dalli a muytos annos naõ poderia eſtar de todo acabada a caza. Por tanto ordenou ao Irmaõ Lombardo, que logo a cõmodaſſe por entretanto officinas, correſſe huma parede do fim de hũ corredor ao outro, cõ q̃ fechaſſe o pateo das ciſternas. Fizeſſe refeytorio no quarto, que hia correndo ao Noroeſte. E neſta conformidade ſe trataſſe de alfayas, & mais couzas neceſſarias em huma caza, que ha de ſer habitada.

21 Tudo foy pondo em execuſſaõ o Irmaõ Lombardo, & no anno de mil ſeis centos, & dezanove tinha acçõmodado a caza em forma, que pudeſſem nella entrar a viver os Noviços. Por tanto ſe diſpoz a nova dedicaçaõ em dia de Sancto Antonio do dito anno. Neſte dia eſtava bẽ armada a Capella interior da caza nos corredores de ſima. Nella ſe armou altar com imagem de vulto do gloriozo Sancto Antonio. Tinhaõ vindo de Coimbra nove Irmaõs Noviços, & ſeis de Evora, com os quais ſe deu principio ao Noviciado.

22 No dia de Sancto Antonio o Padre Antonio Maſcarenhas Provincial diſſe a Miſſa da dedicaſſaõ na Capella interior, em que cõmungaraõ os Irmaõs Noviços; & o Padre Provincial lhe fez ſua pratica eſpiritual accõmodada à prezente ſolẽnidade. Aſſiſtiraõ os principais Padres da caza de Saõ Roque, o Padre Prepozito Chriſtovaõ de Gouvea, o Padre Manoel de Lima, o Padre Jeronymo Dias,

&

Digitized by Google

& outros. O Padre Luis Lobo Reytor do Collegio de Sãõ Antaõ com outros Padres do mesmo Collegio, & tambem alguns Padres estrangeyros, como o Padre Francisco Marquesaldo Confessor da Princeza, & outros, porque estava então em Lisboa El-Rey Philippe terceyro.

23 O primeyro Reytor foy o Padre Antonio de Morais, que havia ja annos, que era Mestre dos Noviços em Coimbra, & depois falleceo no Collegio de Evora. Neste anno de seis centos, & dezanove se extinguirão a primeyra vez os Noviciados de Coimbra, & Evora, passando todos os Noviços a viver nesta caza. Nisso tem havido em diversos tempos suas mudanças, ora extinguindose aquelles dous Noviciados, ora tornandose a restituir, como ao prezente estaõ.

24 Depois, que esta caza comessou a ser habitada, naõ pode medrar mais o edificio, & assim o temos hoje imperfeyto com aquellas accõmodaçoens de officinas, com as quais no entretanto o dispoz o Irmaõ Lombardo. He a obra disposta em quadra de Sul a Norte. Esta por fazer o corredor, que a devia fechar pella face do Norte, em que se tinha determinado ficarem officinas, & refeytorio. A Igreja, que fica no meyo da face, que olhe ao Sul, he obra muy linda, & concertada. Athe o prezente tem varias capellas dos lados sem ornato, por ser a caza pobre, & naõ haver, quem as tenha tomado à sua conta.

25 Nelle se vestio huma, roda de marmores com embutidos feyta com grande custo à expensas da Rainha Frãceza primeyra mulher del-Rey Dom Pedro o segundo. As mais, que estaõ ornadas, se fizeram por pessoas particulares, que nellas ordenaraõ suas sepulturas. No Cruzeyro à parte do Evangelho se venera a Imagem de nossa Senhora da Graça, que he na caza de muyta devoçaõ, & tem o Senhor por seu meyo feyto a diversas pessoas muytos favores. O mais assinalado foy ao Irmaõ Domingos da Cunha Pintor, cuja vida nesta obra vay escrita, a quem o Senhor diante desta Imagem revelou, que se havia de salvar. Tevelhe singular devoçaõ o veneravel Padre Joaõ da Fonseca, como tambem escrevo em sua vida. O retabolo de obra moderna lhe fez o senhor Manoel Lopes de Lavre, intervindo nesta sua devoçaõ o Padre Ioaõ da Fonseca entaõ Reytor da caza, & grande seu amigo.

26 He, geralmente fallando, toda ella caza muy dezabafada, & alegre, com dous andares de corredores assi o hum, como o outro de aboboda. He muy sadia, lavada de todos os ventos; os prospectos saõ agradaveis. O do Nacente ve a Cidade; o do Sul goza a vista do rio, & das naos. O do Norte quintas. O do Poente tambem quintas, & montes. A cerca he espaçoza, parte bem povoada de arvores fruiferas, parte se semea de trigo, que o dà excellente, por ser toda ella de terra pingue. Sò de agoa he pouco abastada. Da pernoue tem huma fonte de vea tersue, pouco mais de hũa penna. Ha poucos annos, que no meyo desta cerca mandou edificar huma Capella de boa traça a Senhora Dona Caterina Rainha de Inglaterra, por gostar muyto da aprazibilidade deste sitio, aonde por vezes vinha espayrecer.

27 Quando o material desta obra estava acabado, como hoje se ve, acontecendo, formar se nesta caza estudo de letras humanas, que nella durou por seis annos, a ditta Senhora se esfriou na sua devoçaõ, imaginando, qũe os estudos tiravaõ à caza aquella santa solidaõ, que aqui a trazia; & assim ficou a obra sem a sua ultima perfeyçaõ; & a caza naõ perdeo pouco com o retiro desta Senhora, que athe alli muyto a favorecia com suas esmolas, de que bem necessitava, por ser, como ja disse, pobre de bens temporais.

28 Os seus principais bẽfeytores, depois do Irmaõ Lõbardo, foraõ algũs Religiozos da nossa Cõpanhia, que lhe deyxaraõ suas legitimas. Os Padres Antonio Mascarenhas, & Nuno Mascarenhas lhe doaraõ a herdade de Valfermozo no termo de Moura, & porq̃ o Irmaõ Frãcisco Mascarenhas, Irmaõ dos dittos Padres, por fallecer na caza de Saõ Roque, deyxou seis centos mil reis de sua legitima na mesma herdade à caza de Saõ Roque, o Noviciado lhos satisfez, & ficou senhor de toda esta fazenda. A qual por estar em paiz, que havendo guerras se naõ pode cultivar, se veyo finalmente a vender ao Conde das Galveas, o que resultou em dano da caza, que ainda hoje sente este dezacerto, & naõ he dunico, que nestas materias nella tem havido; por isso anda sempre alcançada, & mal pode sustentar hum pequeno numero de Noviços, com os mais Religiozos, que pera sua administraçaõ saõ necessarios.

29 Ouve outros bemfeytores, como foraõ o Padre An-

Antonio de Vaſcõcellos Autor do livro, q̃ ſe intitula Anacephaleoſe dos Reys de Portugal eſcrito em latim. O Padre Paulo de Oliveyra, que ſendo ja profeſſo de quatro votos foy pera a India. Tambem foy ſeu bemfeytor o Padre Simaõ de Almeyda Fundador do Collegio de Portalegre. E neſtes tempos prezentes tem feyto muyto bem a eſta caza o Padre Miguel Dias, natural de Lisboa, que ſendo aſſiſtente da Companhia em Roma, por ſeus achaques,& annos, deyxada a occupaçaõ, ſe recolheo a paſſar o ultimo quartel neſte ſancto retiro, & nelle vive, quando eſta obra ſe imprime: tem gaſtado, & gaſta em utilidade da caza a cõgrua, que ſe lhe paga, por ter ſido Confeſſor da Rainha de Portugal ſegunda mulher dél-Rey Dom Pedro o ſegundo.

30 O Irmaõ Lombardo por ſua humildade naõ quiz ſer Sacerdote. Pedioſe a noſſo R. Padre Geral o fizeſſe profeſſo ſolemne de tres votos. A iſto reſpondeo, como achey em apontamentos do Padre Diogo Monteyro, que ſe o Irmaõ quizera ſer Sacerdote, pouca difficuldade havia em deſpachar a petiçaõ, mas que naõ o ſendo, era exemplo novo; porem que achandoſe exemplo diſto, naõ tinha difficuldade. O exemplo ſe deſcobrio, & naõ achey alli apontado, qual foſſe; & o Irmaõ Lourenço Lombardo fez ſua profiſſaõ de tres votos ſolemnes; o que lhe concedeo a Companhia em agradecimento do grande bem, que tinha feyto a eſta caza; onde viveo ſanctamente, & veyo a fallecer aos dous de Novembro de mil ſeis centos trinta, & quatro. Diſſeraõſelhe as Miſſas dos Fundadores. Deu a eſta caza trinta mil cruzados,& no bom meneo das obras lhe deu muyto. Foy enterrado no meyo da Sacriſtia: alli tem ſua campa com letreyro, & ſe lhe poz na parede hum paynel em q̃ eſtà pintado pera eterna memoria do muyto, que lhe devemos.

31 Tem havido neſta caza grandes Meſtres de Noviços. O Padre Diogo Monteyro, Simaõ Alvres, Joaõ Nunes, Luis Lopes, Bernardino de Sampayo, Joaõ da Fonſeca, & outros muytos. Em ſeu lugar ſe farà delles mençaõ. Ainda,q̃ he de todas as dos Noviços a caza mais moderna, tẽ della ſahido homens em virtude, & letras muy eſclarecidos. De todos aquelles, cujas virtudes vieraõ à minha noticia, adiante ſe eſcreverà. De todos sò quatro, que neſta

caza do Monte Olivete foraõ Noviços, athe o prezente anno de sete centos, & nove tem padecido Martyrio o Padre Joaõ Pereyra, o Padre Pedro Cassui Japaõ, o Padre Joaõ de Britto, & o Padre Joaõ de Sequeyra, deste ultimo escrevo em outro lugar. A estes se pode ajuntar o Padre Luis de Mello, como se verà da cauza de sua morte. De todos estes servos de Deos, que aqui, como em paynel, reprezento, & offereço aos nossos Irmaõs, que nesta caza se criaõ, he bem se lembrem muy de continuo, & procurem ser, quais elles foraõ, considerando, que a cada passo os tem diante de seus olhos assim pera reprehender os defeytos, como pera os exhortar às virtudes. E com isto passemos adiante, começando pella vida do Fundador desta nossa Provincia; pois em Lisboa lhe deu principio.

CAPITULO IV.

Vida do P. M. Simaõ Rodrigues Fundador desta nossa Provincia, terceyro Companheyro de Sancto Ignacio. Sua patria, pays, estudos, conversaõ a Deos, & modo primeyro de vida, que votaraõ nossos primeyros Padres.

Em Lisboa 15. de Julho de 1579.

1 GRande injuria faria ao Veneravel P. M. Simaõ Rodrigues, Fundador desta nossa provincia de Portugal, & das mais, que della dependem, & ainda podemos dizer o foy das de Castella, como adiante se verà, se neste meu limitado trabalho naõ tivesse elle hũa boa parer; pois delle, depois de Sancto Ignacio, se derivou toda a materia deste meu emprego. Nem me parece tem lugar mais proprio, que o prezente, em que se falla dos primeyros Noviços desta provincia, a quem elle em Lisboa aceytou, & de quem foy Mestre, pois os tempos naõ tinhaõ outro.

2 Tambem entendo, que nisto faço obsequio a taõ bõ pay, cujas virtudes, & discurso da vida, ainda que anda escrito por diversos, nẽ todos trazẽ as mesmas cousas; & o que mais delle traz, que he o P. M. Balthezar Telles na primeyra parte da Historia desta provincia, segundo o estillo chronologico, que guarda, mete entre humas, & outras cousas tantas digressoens, que se naõ ve, como em hum só pay-

paynel a pintura deſte grande Heroe; & ditas as couſas a pedaços, bem ſe deyxa ver, que naõ avultaõ tanto, como quando ſe referem todas em hum corpo, como eu pertendo fazer.

3 Naceo o P. M. Simaõ Rodrigues de Azevedo na Villa de Vouzella no Biſpado de Vizeu, a qual com muyta rezaõ ſe gloria de tal filho. Seus pays ſe chamaraõ Gil Gonçalves, & Catherina de Azevedo, ambos da gente mais nobre da quelle povo; &, ſegundo tradiçaõ, parentes do gloriozo Padre Saõ Frey Gil Rodrigues da Ordem de Saõ Domingos. A titulo deſte parenteſco concedeo o Biſpo Dom Jorge de Ataide licença aos parentes do P. M. Simaõ, pera levantar altar ao dito Sancto, & lhe fazer feſta todos os annos. Eſtando ſeu pay pera morrer, & prezentes os mais filhos, tomou nos braços a Simaõ, que era menino, & entregandoo a ſua may lhe diſſe: *Encõmendovos ſenhora eſte menino, criayo com eſpecial cuydado, porque Deos o tem eſcolhido pera grandes couſas de ſua gloria.* Parece, que Deos fallou neſta occaziaõ pella boca deſte bom velho, pois o effeyto moſtrou, que as ſuas palavras naõ foraõ ditas a cazo.

4 Teve a may eſpecial cuydado do menino Simaõ, & o criou com ſanctos coſtumes. Sendo ja de idade competente, o mandou eſtudar à Univerſidade de Pariz em companhia de Sebaſtiaõ Rodrigues de Azevedo ſeu irmaõ mais velho, que depois por ſuas letras, & autoridade foy por muytos annos Phyſico mòr dos Reys de Portugal. Podiaõ muyto com El-Rey os merecimentos de Ioaõ Rodrigues de Azevedo Capitaõ do mar da coſta do Maluco, de quem fallaõ as Chronicas das couſas da India, & aſſim, que os dous irmaõs, como couſa de Ioaõ Rodrigues foraõ eſtudar a expenſas del-Rey, como hiaõ outros muytos a Pariz, por naõ haver athe entaõ Univerſidades em Portugal, que deve eſte grande bem a El-Rey Dom Ioaõ o terceyro.

5 Eſtudou no Collegio de Sancta Barbara grãmatica, letras humanas, & depois Artes liberais. No anno de 1536. tomou alli o grao de Meſtre em Artes, do qual tirou carta em 3. de Outubro do meſmo anno. Eſta carta em pergaminho com ſeu ſello pendente temos no arquivo de Coimbra, & a encontrey no cartorio das fazendas entre papeis, & pergaminhos rejectos. Dalli a paſſey pera o arquivo, em que ſe guardaõ couſas de edificaçaõ, pera ſe naõ perder me-

memoria de taõ ſancto Padre, & que he de crer a tiveraõ em ſuas maõs S. Ignacio, & S. Franciſco Xavier. Era de todos muyto amado, & bem quiſto, porque tinha grande graça, & affabilidade na converſaſſaõ. Era de natural vivo, & por iſſo tido dos Portuguezes por traveſſo, & inquieto. E aſſim cõtou o Biſpo Dõ Antonio Pinheyro ao Padre Franciſco de Araujo, que o deyxou eſcrito, q̃ fizera grande eſpanto a ſua converſaõ entre aquelles, que o conheciaõ. Diſto foy teſtemunha de viſta o meſmo Biſpo, que entaõ eſtudava em Pariz, & algum tempo morou nas meſmas cazas com o Padre Sancto Ignacio. Eraõ as cazas de tres ſobrados, o Sancto morava no mais alto, & os eſtudantes traziaõ em pratica, que o ſobrado mais alto era o paraizo, o do meyo o Purgatorio, o ultimo o Inferno, pella deſinquietaçaõ, que neſte de bayxo havia, & que o P. S. Ignacio eſcolhera o de ſima por mais quieto.

6 Porem as deſinquietaçoẽs de Simaõ Rodrigues naõ eraõ das que daõ em vicios; porque ſendo taõ vivo, foy taõ caſto, que o Padre Ruy Martins ſeu Confeſſor, depois da morte do Padre declarou, em como ſempre guardara em ſeu ſer o dom da pureza. Nem lhe faltaraõ occazioens, q̃ quando mais eſtava no fervor dos annos, o procuraraõ arruynar. Huma criada da caza, onde morava, fingindo naõ ſey, que recado, entrou sò no apozento, em que eſtava Simaõ Rodrigues, & o provocou a mal; porem elle a deſpedio com tal rezoluçaõ, que a triſte ſe foy envergonhada do ſeu pouco pejo, & por fartar ſua ira, diſſe ao caſto mancebo muytas injurias, & afrontas.

7 Outra vez fazendo jornada por França, ſe vio fora de horas provocado pella hoſpeda. O ſeu remedio foy, o de que em ſemelhante cazo uzou o gloriozo Padre Saõ Bernardo, dizendo em voz alta, ladroens, ladroens, com a qual palavra a infeliz mulher temendo ſer apanhada no furto, mais que de paſſo ſe retirou. Quem ſe havia com eſta generozidade, ſendo ainda hum eſtudante havido por eſperto, menos he de admirar, rebateſſe depois de convertido a Deos ſemelhantes ondas. Eſtando pregando, & confeſſando em huma Cidade de Italia, certa mulher de boa fama, & que profeſſava virtude, teve modo pera entrar alta noyte no ſeu apozento, tentada, pera o tentar. Eſtava elle em pe vigiando, tanto que a vio diante de ſi, a apar-

tou

tou dalli como a tiſſaõ do Inferno; vendoſe ella aſſim deſprezada, & perdido o bom nome, que della o Padre tinha, ſe foy taõ envergonhada, que nunca mais ſe atreveo a aparecer diante delle.

8 Neſtas, & em outras accaziões moſtrou bẽ o amor, que tinha a virtude taõ Angelical, como hé a da Pureza. E Deos noſſo Senhor, que a hum eſtudante fogozo deu taes alentos, lhe tocou fortemente o coraçaõ, pera que deyxado o mundo, ſe abraçaſſe com Deos. Direy iſto com as palavras, com que o eſcreveo o meſmo Padre em huma relaçaõ, que fez por ordẽ de Saõ Franciſco de Borja dos principios da Companhia, a qual tenho diante de mim, quando iſto eſcrevo.

9 Contando a vocaçaõ dos companheyros de Sancto Ignacio, depois de fallar em primeyro lugar do Sancto, em ſegundo do P. M. Pedro Fabro, & em terceyro do P. M. S. Franciſco Xavier, chegando a fallar de ſi, tem eſtas palavras. *O quarto foy outro de naçaõ Portuguez, o qual por ſuas muytas imperfeyçoens, & mizerias naõ merece ter nome entre taõ grandes ſervos de Deos, mas por ſeguir o diſcurſo, & ordem, de que ſe trata, ſomente direy, como eſte foy muy poderoſamente movido, & chamado de Deos, pera que mudaſſe a vida, & o ſerviſſe, & ainda que nunca havia tratado, nẽ fallado com o Padre Ignacio, toda-via pella noticia, que tinha de ſua ſantidade, determinou dar lhe parte de ſeus deſejos, & alma, & ſem perſuaſaõ de ninguẽ, & ſem ainda entaõ ſaber a determinaçaõ, que tinhaõ os Padres aſſima ditos, de vizitar a terra Sancta, ſe determinou de vizitar a terra Sancta, & de empregar toda ſua vida (aſſim como tambem os outros tinhaõ determinado) em ajuda, & proveyto da ſalvaçaõ do proximo.* Athe aqui ſuas formais palavras.

10 Abrindoſe todo com Sancto Ignacio, elle o recebeo com grande amor, & confirmou em taõ ſanctos propoſitos, deulhe os ſeus exercicios, inſtroio nas couzas eſpirituais, por eſte modo obrou nelle tanto maõ a de Deos, que ficou muy outro, do que era ſem as verduras, que antes eraõ notadas dos outros eſtudantes. O mais, que fez antes de ſahir de Pariz foraõ couzas commuas aos mais dos companheyros do Sancto, & de conſelho cõmum; & como ellas tambem pertencem ao Padre; as quero contar cõ ſuas meſmas palavras.

12 Perſeverando os dittos ſete Padres (dizo Pedro Fabro) por que ainda entaõ os outros naõ tinhaõ a meſma determinaçaõ, & crecendo cada dia mais em novos dezejos, & amor de ſua determinaçaõ, ſe começou entre elles a tratar do tempo, em o qual ſeria bem, que ſe partiſſem de Paris pera começar a dar principio a ſeus dezejos. E porque conforme a determinaçaõ, que tinhaõ, de empregar ſua vida (tornandoos Deos de Jeruſalem) em ſeruiço, & ajuda da ſalvaçaõ do proximo, pareceo, que requeria eſte miniſterio alguma mais ſufficiencia de letras, do que athe entaõ ſe tinha. E aſſim determinaraõ de eſtar ainda em Paris tres annos, ou pouco mais, ou menos continuando ſeus eſtudos de Theologia, & ſem fazer alguma outra mudança exterior de vida, & que cada hum eſtivoſſe aſſim, como athe entaõ eſtava.

13 Aſſentouſe a iſto parecer conveniente, que pois havia de ſeguir huma empreza taõ grande, & de tantos trabalhos, & difficuldades, era bem, que primeyro por algum tempo encommendaſſem eſte negocio a Deos, & procuraſſem fazer alguma mais provizaõ de virtudes, pera o poder levar adiante, & reſiſtir, & vencer os encontros, & tormentos, que depois havião de ſucceder.

14 Atraz eſta determinaçaõ ſe tratou, & pareceo, ſer conveniente, pera mais firmeza da couſa, que todos fizeſſem voto de pobreza, & caſtidade, & de ir a Jeruſalem, & depois tornandoos Deos della, de empregar toda ſua vida em ſeruiço de Deos, ajudando em qualquer occupaçaõ, que pudeſſem, a ſalvar o proximo, aſſim fiel, como infiel, principalmente pregando a palavra de Deos, miniſtrando ſem nenhum eſtipendio os Sacramentos da Confiſſaõ, & Communhaõ.

15 E logo ſe declarou, que o voto da pobreza, naõ ſe entendeſſe, em quanto eſtiveſſem em Paris eſtudando, nem taõ pouco os privaſſe do viatico, que era neceſſario pera a peregrinaçaõ de Jeruſalem. Tambem fizeraõ voto de naõ tomar eſmola pellas Miſſas, que diſſeſſem, confeſſando toda-via, que era licito aſſim pellas Miſſas, como pellos outros miniſterios receber eſmolas, mas elles por quererem mais ſeguir a pobreza, & perfeyçaõ Evangelica, quizeraõ privarſe daquillo, que lhes era licito, & tambem por em alguma maneyra furtar o corpo às tentações dos beneficios, & occaſiaõ, que poderiaõ, ainda que o fazião com pretexto, & cor de virtude, pera aſſim melhor ganhar ſua vida, & ſe fazerem ricos.

15 *E por que alguns tinhaõ grandes movimentos, & fervores de pregar a infieis a Fe Sancta de IESU Christo, começouse tambem à tratar êste ponto. Comõ tòdos tinhaõ as vontades, & coraçoens promptas, & dezejosas de morrer, pello q̃ fosse mais servisso de Deos, todos vieraõ, quem mais, & quem menos, em os mesmos dezejos, toda-via se limitaraõ estes dezejos da maneyra seguinte. Que todos fossem a Ierusalem, & la de nove encomendassem este ponto a Deos: & que se a mayor parte delles fosse de parecer, que se pregasse a infieis (pois ja la estavaõ ao pe da obra) que assim se fizesse: & se fosse de parecer, que naõ convinha, que entaõ todos se tornassem, sem fazer entre si divizaõ alguna.*

16 *Logo se determinou, & se assentou, que se dentro de hum anno depois de chegados a Veneza (feyta toda a diligencia possivel) naõ podessem passar a Ierusalem, que entaõ ficassem livres do tal ida, & voto de ir a Ierusalem. Assentaraõ assim mais, que tornando de Ierusalem, & naõ podendo passar la dentro de hum anno, que entaõ todos fossem ao Papa, & que como a Vigario de Christo lhe dessem parte, & declarassem os dezejos, que todos tinhaõ de servir a Deos (o qual era firme determinaçaõ de empregar toda a sua vida em serviço de Deos, & bem do proximo da maneyra, que arriba ditto he) & lhe pedissem, que os aconselhasse, & enderegasse: & que approvando sua Santidade esta determinaçaõ, entaõ lhe pedissem (pera isto se poder melhor fazer) licença pera pregar, & ministrar os Sacramentos da Confissaõ, & Communhaõ por todo o mundo: & que tambem, se sua Santidade as mandasse pregar a infieis, que pera tudo se offereciaõ, & estavaõ aparelhados a fazer, sem replicar a nada.*

17 *Esta arriba declarada foy a primeyra traça, que a sabedoria divina deu à Companhia, & foy feyto este voto a primeyra vez, que se fez o anno (se bem me lembra) de mil quinhentas trinta, & quatro a quinze de Agosto dia de nossa Senhora de Agosto (festa de sua Sancta Assumpçaõ aos Ceos) a qual todos tomaraõ neste negocio por ajudadora, & protectora, & particular favorecedora diante de seu filho IESU Christo Senhor nosso: & tambem tomaraõ por intercessor ao Bemaventurado Martyr Saõ Dinis, em cuja capella fizeraõ os dittos votos.*

CAPITULO V.

Continua a meſma narraçaõ do mais, que paſſaraõ em Pariz noſſos primeyros Padres.

1 *ELegeraõ, & determinaraõ, que foſſe o lugar, pera fazer eſte voto hum monte chamado o monte dos Martyres, que eſtà como hum quarto de legoa fora de Pariz, & em huma Ermida de Saõ Diniz, por eſtar ſollitaria em o meyo daquelle monte. Pera mais devotamente poderem fazer eſte ſacrificio, q̃ de ſuas peſſoas queriaõ offerecer a Deos, primeyro ſe prepararaõ com jejum, oraçaõ, confiſſaõ, & com algumas outras corporais afflıçoens.*

2 *A eſte voto, que depois ſe fez por duas vezes, em o meſmo dia, & annos ſeguintes, & no meſmo lugar, & capella, ou hermida de Saõ Diniz, naõ ſe achou prezente o Padre Ignacio por certos reſpeytos, mas tudo ſe fazia com ſeu conſelho, & parecer: & no ſegundo anno, que ſe tornou a renovar o dito voto, duvido ſe ainda entaõ ſe achou prezẽte o Padre Claudio Iayo, mas em a terceyra vez, que foy a derradeyra, ſe achou elle prezente, & tambem os outros dous Padres, que foraõ os ultimos, que Deos trouxe a meſma vocaçaõ.*

3 *Em fim eſtando todos juntos na quella Ermida, & ſem nenhuma outra gente de fora, diſſe o Padre Fabro Miſſa, & antes de lhes dar a Communhaõ, tendo o Sanctiſſimo Sacramẽto nas maõs, diante delle, cada hum per ſi com os joelhos em terra, & o coraçaõ em Deos fez ſeu voto cõ voz diſtincta, & de todos ouvida, & depois todos receberaõ o Sanctiſſimo Sacramento, & o Padre Fabro tornando ao altar, tambem antes de commungar fez a meſmo voto com voz alta, q̃ todos ouviraõ.*

4 *Certefico a voſſa Reverencia, que fizeraõ aquelles Padres eſte ſacrificio de ſi a Deos entregandoſe a elle taõ de verdade, & com tanta renunciaçaõ de ſuas proprias vontades, & com tanta devoçaõ, & confiança em ſua divina miſericordia, q̃ algumas vezes depois cuydando niſſo, me crecia nova devoçaõ, & admiraçaõ.*

5 *Depois de acabado o arriba dittó, a mayor parte, que ficava da quelle dia paſſaraõ aquelles Padres junto de huma fonte, que eſtà aopè da quelle monte da outra parte da Ermida, onde ſe fizeraõ os votos (em a qual fonte querem dizer alguns,*

guns, que Saõ Diniz levando ſua cabeça nas moõs lavou o ſangue, que della corria) tratando com grande conſolaçaõ, & goza eſpiritual da determinaçaõ, & propoſitos, q̃ tinhaõ de ſervir a Deos, & chegandoſe a noyte, ſe tornaraõ a ſuas cazas louvando a Deos.

6 Sempre os Padres depois, que começaraõ a tratar de ſua vocaçaõ juntamente com os eſtudos, perſeveraraõ em a frequentaçaõ dos Sanctiſſimos Sacramentos da Confiſſaõ, & Communhaõ todos os Domingos, & feſtas principais do anno, por cuja exortaçaõ, & exemplo ſe moveo grande copia, & numero de eſtudantes, & de outras peſſoas da quella Cidade, & Univerſidade a frequentar tambem os meſmos Sacramentos.

7 Vendo o demonio eſta novidade (devia de conjecturar, que da qui lhe devia ſucceder pouco proveyto) perſuadio a certos eſtudantes Heſpanhois, que foſſem ao Inquizidor da quella Cidade, acuzar o Padre Iguacio, o que elles fizeraõ com mais zelo, do que deveraõ, ſem ter pera iſſo mais argumento, que ſua propria imaginaçaõ, & ſoſpeyta, & tudo o que diſſeraõ, era em confuzo, ſem dizerem couſa nenhuma em particular, mais que duvidarem, que o Padre Iguacio enſinaſſe ſecretamente alguma mà doutrina. Fazendo o Inquizidor ſuas diligencias, achou, que tudo eraõ ſanctas devoçoens, & ficou taõ edificado, que dalli por diante foy grande amigo do Padre Iguacio, & dos outros mais Padres.

8 Deſte trabalho tirou noſſo Senhor hum grande proveyto, & foy, que a cabo de alguns annos, ſe levantou em Roma huma muy trabalhoza perſeguiçaõ contra os ditos Padres, dizendo entre outras couſas, que eraõ fugidos de Pariz por hereges. Neſte meſmo tempo quiz Deos, que a tudo provè, & ſoccorre com ſua miſericordia, que ſe achaſſe eſte meſmo Inquizidor em Roma, o qual teſtemunhou largamente em favor dos ditos Padres, dizendo, as diligencias, que em Pariz fizera contra elles, & que todos os achara innocentes, & catholicos, & que quando ſe partiraõ de Pariz, naõ ſe partiraõ por hereges, mas que antes deyxaraõ em aquella Cidade muyta edificaçaõ de ſuas peſſoas.

9 Ja neſte tẽpo creciaõ muyto as indiſpoſiçoens do Padre Ignacio, & principalmente dores muy intenſas, & grandes do eſtomago, & por pareser dos Medicos, & perſuaſaõ dos mais Padres ſe foy a Heſpanha a provar ſe a natureza o ajudava; porque da maneyra, que elle entaõ eſtava, naõ era pera poder

com nenhum trabalho corporal; mas os Padres ainda, que ſentiraõ muyto ſua auzencia, toda-via nem por iſſo enfraqueciaõ em ſeus ſanctos prepoſitos (erat enim eorum ſpes, & fortitudo in Deo poſita) *& aſſim como cada hum delles ſe determinou em a vocaçaõ aſſima ditta, ſem ſaber nenhum da determinaçaõ do outro, aſſim cada hum delles com grande firmeza, tinha aſſentado em ſeu coraçaõ de a ſeguir ſò per ſi, ſem tornar a traz, ainda que os outros faltaſſem. De maneyra, que o Padre Ignacio foy pera Heſpanha hum anno, ou por ventura mais, antes, que os outros Padres ſahiſſem de Pariz, & de Heſpanha cobrando alguma mais ſaude, ſe foy a Veneza, eſperar os outros companheyros, aſſim como todos tinhaõ aſſentado.*

10 *Chegandoſe o tempo, em que tinhaõ determinado acabar ſeus eſtudos de Theologia, & partirſe de Pariz, & ſabendo por cartas do Padre Ignacio, que ja elle era chegado, & eſtava em Veneza, pareceo a todos os dittos Padres anticipar o tempo, que tinhaõ determinado partirſe de Pariz (que era vinte, & ſinco de Ianeyro de mil quinhentos trinta, & ſete, dia da Converſaõ de S. Paulo) & determinaraõ partirſe, & de effeyto ſe partiraõ em o mez de Novembro de mil quinhẽtos trinta, & ſeis.*

11 *A cauſa de anticipar eſta ſahida, foy cuydarem, que ſe poderiaõ deter no caminho mais tempo, do que convinha, pellas difficuldades, & perigos, que ſe offereciaõ entaõ, pera ſahir de França, por eſtarem os caminhos, & ſahidas da quelle Reyno pera Italia, & outras partes embaraçados com a guerra, que em aquelle tempo noſſos peccados levantaraõ entre el-Rey de França, & el-Rey de Heſpanha.*

12 *Determinaraõ antes de partirſe, dar parte de ſeus propoſitos a dous Doutores muy principais, que na quella Univerſidade liaõ Theologia, os quais louvaraõ, & approvaraõ ſeus dezejos, mas que a empreza era chea de muytas difficuldades. Outro Doutor tambem dos mais principais ſabendo, que o Padre Fabro (ſem ſaber nada dos outros) ſe queria hir da quella Univerſidade, lhe fallou, & diſſe, que o obrigava a peccado mortal, ſe ſe partia da quella Univerſidade, deyxando o fruto certo, que alli fazia pello incerto, & que ſe lhe dava licença, ajuntaria, & faria clauſtro de todos os Doutores Theologos, & lhes provaria, o que dizia: mas em fim Deos tinha determinado outra couſa. Iſto he, o que ſumariamente me lembra, ter paſſado em Pariz em os principios da Companhia,*

reme-

remettendome assim nisto, como no demais, a quem das dittas cousas tiver melhor lembrança.

CAPITULO VI.

Da viagem de Pariz athe Veneza, & cousas especiais, que nella aconteceraõ ao P. M. Simaõ.

1 OFfereciaõse muytas difficuldades pella parte dos que eraõ Hespanhois, pera poder seguramẽte, & sem perigo sahir de França, por causa das guerras, que arriba digo, mas em fim considerando humas, & outras difficuldades, tomaraõ por caminho mais seguro passar de França ao Ducado de Lorena, que confina por huma parte com França (& he Estado, que estava entaõ neutral bem com França, & bẽ com Hespanha) & por outra parte confina com os Estados de Flandres, & por outra com os Suiços, & por esta parte de Alemanha determinaraõ os Padres sahir deste Ducado, & entrando em Alemanha ja ficavaõ mais seguros dos perigos de serem Hespanhois, ou Francezes.

2 Era este caminho de Pariz pera Italia muy comprido, porque se fez hum rodeo, & volta a modo de meya lua, ou a modo de duas partes de hum triangulo, naõ sendo necessario, se se ouvera de fazer por seu caminho direyto, fazer mais que a huma parte do triangulo, toda-via assim foy necessario, pera poder hir mais seguramente.

3 Sahiraõ os Padres vestidos com roupas compridas, & ja uzadas, a modo dos estudantes de Pariz, & com bordoens nas maõs, & sombreyros na cabeça, & cada hum levava huma bolsa de couro ao pescosso lançada a huma ilharga do corpo, em a qual levavaõ cada hum suas Biblias, & Breviario, & alguns outros escritos; & cada hum levava seu Rozario patente lançado ao pescosso, & porque as roupas eraõ compridas, as alçavaõ apertandoas com a cinctura, pera que dessem lugar a se poder andar, & caminhar a pè. Desta maneyra sahiraõ de Pariz entregues, & confiados em a graça, & providencia de Deos com tanto alvoroço, & gozo espiritual, que parecia, que naõ punhaõ os pès sobre a terra por obra de sinco, ou seis dias. Sahiraõ de Pariz primeyro alguns delles, & forão esperar os outros (que ficavaõ dando a pobres algumas cousas, que sobejaraõ) à Cidade de Meaus, que está doze legoas de Paris, se bem me lembra.

4 Acon-

4 *Aconteceo a hum da quelles, que fahiraõ primeyro, acharſe em a noyte da quella primeyra jornada com hum inchaço muy grande, & muy vermelho, como ſangue, ſobre hum hombro, de maneyra, que velo ſomente fazia eſpanto, & medo, & toda aquella noyte paſſou aquelle Padre com grande triſteza, & deſconſolaçaõ, dando voltas ſobre a terra, em que jazia, pello ſentimento, & medo, que tinha de poder eſte mal impedir ſua jornada. Sendo manhaã, & hora de partir, olhou como eſtava aquelle inchaço, & naõ achou inchaço, nem final delle, como ſe nunca alli eſtivera.*

5 Athe aqui a narraçaõ do P. M. Simaõ, por ſuas palavras, agora ſerà neceſſario, naõ me ajuſtar a ſuas palavras, por fazer alguma declaraſſaõ das couſas, que neſta viagem foraõ ſpeciais do P. M. Simaõ, por quanto elle por ſua humildade, o naõ declarou neſta relaçaõ, mas por outros documentos nos conſta. Eſte cazo taõ prodigiozo do inchaſſo lhe aconteceo a elle, & foy hum dos companheyros, que ſahiraõ diante a eſperar em Meaus.

Orland. l. 1. n. 108.

6 Chegando os mais, conſultaraõ, ſe fariaõ o caminho divididos, ou todos juntos, ſe hiriaõ vivendo de eſmolas, dando o Viatico aos pobres, ou ſe viviriaõ delle. Aſſentaraõ, ſer em tais tempos mais conveniente hirem todos juntos, & ſuſtentarſe do viatico, por quanto haviaõ de paſſar por terras de hereges. Os Padres Fabro, Claudio, & Paſcaſio, que eraõ Sacerdotes, ſe havia cõmodo, diziaõ Miſſa todos os dias, quando naõ, a dizia hum sò, & cõmungavaõ, como o faziaõ todos os dias, os que naõ eraõ Sacerdotes.

7 O trabalho era; como os Heſpanhois ſe haviaõ de diſſimular, em quanto fizeraõ caminho por França, tiveraõ eſta ordem, que ſempre os Padres Francezes fallavaõ, a quẽ perguntava, & os Heſpanhois calavaõ, ſenaõ eraõ dous, que fallavaõ bem Francez. Se aos Francezes ſe perguntava, de que terra eraõ, reſpondiaõ, o que paſſava; ſe aos Heſpanhois, sò diziaõ, ſomos eſtudantes de Pariz. Huma vez, diz o Padre Simaõ, que achandoſe hum dos Heſpanhois, q̃ fallava bem Francez com hum ſoldado no caminho, veyo o ſoldado a apertar tanto com elle, de que terra era, & de que gente, que naõ lhe podia eſcapar, & ſempre reſpondia: ſou eſtudante de Pariz. O ſoldado apertava dizendo: ja vejo iſſo, mas de que terra ſois, & vendo que ſempre lhe dizia,

zia, ſou eſtudante de Pariz, reſpondeo com ira: Ora eu vos digo, que ſois huma groſſa beſta, & com iſto o deyxou.

8 Duas jornadas a diante de Meaus teve o P. M. Simaõ hum grave encontro; porque chegaraõ no ſeu alcance ſeu Irmaõ, & outro eſtudante ſeu parente, & lhe começaraõ a dar forte bataria, pera que ſe voltaſſe com elles, & deyxaſſe aquella, que chamavaõ doudiſſe; mas o Padre lhes fallou taõ altamente de Deos, da pouquidade do mundo, do engano, em que viviaõ, perſuadindoos, que lhes fizeſſem companhia, que elles deſenganados de poder conſeguir delle alguma couſa, ſe voltaraõ muy triſtes pera Pariz.

9 A mayor parte do caminho ſe gaſtava em oraçoens, gemidos, ſuſpiros a Deos, & em ſanctas conſideraçoens. Aos que lhe perguntavaõ, onde hiaõ, reſpondiaõ, que em peregrinaçaõ a Saõ Nicolao de Lorena, onde tinhaõ tambem tençaõ de hir. A qualquer pouzada, que chegavaõ, ſe punhaõ logo em chegando de joelhos, ainda que foſſe diante de quem quer, que foſſe, dando graças a noſſo Senhor pellas merces, que lhes fizera, em os trazer alli com paz, & ſaude. Da meſma maneira faziaõ tambem oraçaõ, quando partiaõ da pouzada, pedindo a noſſo Senhor, que os guiaſſe.

10 Sahindo de França como por deſpedida da terra, onde eſtiveraõ alguns annos, ſe confeſſaraõ, & commungaraõ. Em Lorena entraraõ em novos perigos de ſer roubados, & conhecidos por Heſpanhoes, por andarem naquelle Eſtado muy inſolentes os ſoldados Francezes, tanto que nem os naturais da terra, ſe atreviaõ a andar pellos caminhos, & quando viraõ, que os Padres paſſaraõ, ſem receber mal, o tinhaõ por couſa rara. Hum dia junto a Mez Corte de Lorena encontraraõ o exercito, & apenas com alguma gente, que fogia dos campos, ſe puderaõ recolher na Cidade, dizendo ſer eſtudantes de Pariz, que hiaõ em romaria a Saõ Nicolao. Quando chegaraõ à caza do Sancto, que he ja perto de Alemanha, toda agente ſe admirava, dizendo, que naõ podia ſer, que alli chegaſſem ſenaõ pello ar, porque pella terra naõ hera poſſivel.

11 Eſtando neſta Cidade entrou o P. M. Simaõ em dezejos de achar algum Ermitaõ Sancto, com quem trataſſe, porque ſempre teve propenſaõ à vida ſolitaria. *Souba*, diz o Padre fallando em terceyra peſſoa, *de algumas peſſoas daquella*

quella terra, que da hi a huma meya legoa pouco mais, ou menos, eſtava huma Ermida, & hum Ermitaõ, & ſem dizer nada aos companheyros, ſe foy la, & achou huma Ermida quaſi toda por terra, & ſem ninguem.

12 *Tornando, quaſi no meyo do caminho em hum certo lugar deſcampado de improviſo ſe chegou a elle hũ homem robuſto, & ſe lhe poz no caminho, convidandoo a huma mà occaſiaõ, & ſe lhe punha no caminho, sẽ o querer deyxar ir a diante, dizendo, que por mais, que fizeſſe, havia de ir com elle. Em fim a porfia foy de maneyra, que elles vieraõ the a ferrar hũ com o outro, arca por arca, ſem hum poder vencer ao outro, & andãdo neſta luta, diſſe aquelle homem: comigo, comigo ouzais vos a tomarvos; & a luta hia por diante, & o Padre trabalhava, & dezejava, podello ſacudir de ſi, & fazendopera iſſo hum grãde impeto de força, o apartou de ſi, mas elle ſempre ſe lhe punha diante na parte do caminho, que hia pera a Cidade.*

13 *Em fim o Padre era ſoldado novo, & pouco experimẽtado neſtas couſas, & cuydando de eſcapar, lançou a correr pera a Ermida donde vinha, & o homem tambem lançou a correr atraz delle. Entrando o Padre na Ermida, ſe poz de joelhos diante do altar, a orar, ainda que de preſſa, & ſe levantou, & ſahio por outra porta, & tornou ao caminho da Cidade, & o homem ſempre atraz delle: outra vez no caminho tornaraõ aos braços, & tambem ſe tornou outra vez a ſoltar delle, & foy correndo pera a Cidade athe entrar correndo por huma rua dourrabalde da quella Cidade bem dentro, & a quelle homem ſempre correndo atraz delle.*

14 *Ao Padre lhe parecia, que ninguem os via; porque ninguem olhava pera elles. Em fim o homem ſe deyxou ficar, metendoſe debayxo de hum balcaõ, que eſtava diante de humas portas, pondo hum dedo ſobre a cara, ameaçandoo, como ſe diſſeſſe em noſſo commum modo de fallar: por eſta, que vos mo pagareis: & o Padre ſe foy bem cançado, & ſuado (ainda q̃ fazia muyto grãde frio) pera os outros cõpanheyros, ſem lhes dizer, o q̃ paſſara.* Eſte o trabalho do Padre M. Simaõ contado com ſuas meſmas palavras, adiante veremos outro em parte ſemelhante a eſte, que lhe aconteceo em Italia, pera que entendeſſe, que a ſua vocaçaõ naõ era viver sò pera ſi.

15 Paſſados dous, ou tres dias de caminho, entraraõ em huma Cidade de Alemanha, que favorecia as partes do Imperador Carlos V. Os Governadores mandaraõ chamar

mar os Padres, pera ſe informar, que gente foſſe, ſicando na hoſpedagem os Padres Francezes, foraõ sò os Heſpanhoes, & perguntados reſponderaõ, ſerem eſtudantes de Pariz, que hiaõ viſitar a caza da Senhora do Loreto. Eſta meſma repoſta era, a que cõmũmemente, davaõ neſta jornada, aos que lhe faziaõ ſemelhante pergunta. Hum dos Governadores herege começou em latim a diſputar, reprovãdo aquella romaria, os Padres lhe reſponderaõ muy bem.

16 Dalli por diante athe entrar em Italia, q̃ ſeria caminho de mez, & meyo pouco mais, ou menos, ſempre os Padres caminharaõ por neves, com grandes frios, entre hereges, ſem ſaber a lingua, nem os caminhos, que eſtavaõ cubertos de neve, nem tinhaõ, quem os guiaſſe, ſenaõ Deos, à cuja confiança ſe tinhaõ de todo entregues. Todos os trabalhos lhes pareciaõ couſa pouca, pera o que dezejavaõ padecer. Chegaraõ a Baſilea Cidade muy principal de Alemanha; cançados, & cortados dos caminhos, neves, & frios. Tres dias ſe detiveraõ alli, pera tomar algũ alento.

17 Neſta Cidade varias peſſoas por vezes vieraõ diſputar com elles nas materias da fé, aos quais os Padres cõtradiziaõ ſem médo algum, desfazendo as mentiras dos hereges. Toda a Cidade era a meſma laſtima, por ſerem todos hereges. A ſua Igreja, cujo edificio era muy fermoſo, em lugar de altares, & imagens de Sanctos tinha tres, ou quatro rodas de cordoeyros, que nella faziaõ cordas. Nem na Igreja, nem no cemeterio queriaõ os hereges enterrar ſeus mortos, tinhaõ pera iſto hum campo fora da Cidade, onde os levavaõ, aſſim como os caẽs mortos ſe leuaõ aos lugares immundos, ſem Cruz, nem velas, nem oraçoẽs, ſem os encommendarem; & na verdade pera taes mortos tudo iſto era eſcuſado. Tal eſtrago tinha feyto naquella grande Cidade o contagio da herezia. Tudo iſto cortava aos Padres o coraçaõ, porque naõ podiaõ por lhe remedio.

18 Continuando os Padres a viagem, por naõ ſaberẽ a lingua, erraraõ muytas vezes o caminho. Succedialhes, andar por campos, & valles, perdidos, & enterrados na neve athe os joelhos. Hum dia entre outros, errando o caminho, chegaraõ muy de noyte a hũa aldea grande, que começava de todo a deyxar a fé. Acharaõ a pouzada chea de gente com grandes muzicas, & banquetes, em que ſe gaſtou quaſi toda a noute, toda a cauſa da feſta era terſe ca-

zado o seu Cura, o qual alli andava muy pago de si com sua espada à ilharga, recebendo os applausos, que se lhe davaõ.

19 Quatro legoas antes da Cidade de Constança tiveraõ hum grande perigo. Acharaõ alli o Cura, grande herege, cazado com mulher, & filhos, era mediocremente douto: là quasi noute com seis, ou sete dos hõrados da terra veyo a disputar com os Padres, que estavaõ bem cançados. Durando a disputa algumas horas, disseraõ os cõpanheyros do Cura, ser tempo de cear, & que depois tornariaõ às disputas. Quizeraõ elles comer com os Padres a hũa meza. Estavaõ ja os Padres taõ acezos no zelo da fé, que disseraõ, naõ avemos de comer com vosco a hũa meza, que sois hereges excommungados.

20 A isto se rio o Clerigo, & com os seus comeo à outra meza. Depois de cear, se tornou à disputa; & o Padre Diogo Laynes o apertou tanto, que elle naõ sabendo ja, q̃ responder, disse: certamente estou concluido. A isto disse hum dos outros Padres, pois logo porque ensinais hũa ley, que naõ sabeis defender? Esta palavra lhe custou muyto, & levantandose com ira disse: amenhaã vos farey meter na cadea, & vereis, se vos sey responder. E assim se foy com os seus hereges dizendo em Alemaõ humas palavras, que os Padres naõ entenderaõ; & se consolaraõ muyto com entender, teriaõ occasiaõ de padecer por Christo, sò os entristicia, cuydarem, que os poriaõ em diversas cadeas, onde naõ tratassem huns com os outros.

21 Encommendaraõ a Deos este ponto, & logo em rompendo a Alva entrou na estalagem hum homem ao parecer de trinta annos, & na disposiçaõ gentil, no rosto muy affavel. Este lhes disse em Alemaõ: vinde comigo, seguime, que eu vos ensinarey o caminho. Os Padres sem lhe perguntar, nem replicar palavra, se foraõ com elle muy confiados. Levou-os por fora do caminho real cousa de duas legoas. Algumas vezes olhava pera elles sorrindose, com que muyto os alegrava. Avia hum pedaço, q̃ parecia o mais trabalhozo de andar; neste naõ avia neve, nem sinais della, sendo assim que tudo o mais estava della cuberto. Fez isto aos Padres grãde admiraçaõ, pois nem aquillo era caminho trilhado, nem avia causa natural, que dalli tirasse a neve. E começou hum a cuydar entre si, que homem seria aquelle, que sabia, ou fazia tais caminhos. Tanto, q̃

os

os meteo na estrada real, apontando com o dedo o caminho, que haviaõ de seguir, se despedio delles com a boca chea de riso. Tiveraõ pera si os servos do Senhor, que aquelle homem fora Anjo, pello qual Deos os livrara, & guiara.

22 Chegaraõ naquelle dia à Cidade de Constança, q̃ de commum consentimento tinha deyxado a fé. Huma sò igreja deixaraõ fora dos muros, com tal condiçaõ, que quem nella quizesse dizer Missa, havia de pagar certo tributo. Partindo dalli padeceraõ por alguns dias trabalhos, & frios muy rigorosos. Antes de chegar a certa Villa toda de hereges, hum quarto de legoa, encontraraõ hũ hospital ao parecer de lazaros, passando por elle sahio de dẽtro huma velha, & vendo os Padres com Rozarios ao pescosso, pareceolhe, que eraõ Catholicos, veose a elles, levantando os olhos ao Cèo, estendendo os braços quasi a modo de Cruz, dando vozes em Alemaõ, começou a beijar os Rozarios.

23 Sem os Padres a entenderem, julgaraõ ser catholica; & na verdade o era, & bem catholica. Fez final, que esperassem, entrou no hospital, & trouxe huma grãde abada de Rozarios, maons, pès, & cabeças de Imagens de Santos, que os hereges quebraraõ. Pondose os Padres de joelhos sobre a neve, beijaraõ aquellas cabeças, & pedaços das Imagens. A velha estava taõ alegre, que tudo nella era prazer; foise com os Padres athe a Cidade, entrando pella porta começou em voz alta a dizer: Eis-aqui, mà gẽte, eis-aqui homens Christaõs, tinheisme ditto, que ja todo o mundo era herege, como vòs sois, vedes aqui como me quereis enganar. Depois souberam os Padres, como nem por dadivas, nem por ameaças, puderaõ acabar com ella, que fosse herege; & porque o naõ queria ser, a lançaraõ fora da Cidade, & puzeraõ naquelle hospital. Dizia hum daquelles malditos hereges, esta velha he huma douda, a mais obstinada, que creyo ha em todo o mundo, tanto, que ainda que todo o mundo receba a verdade (assim chamava seus erros) esta velha sempre ha de estar em sua opiniaõ.

24 Nesta terra tiveraõ grandes encontros com os hereges: trazendo os Padres alguns lugares da Escriptura, elles viaõ huma sua em Alemaõ feyta por Lutero, na qual

ou eraõ tirados de todo, ou eſtavaõ corruptos os lugares, que faziaõ contra ſua perverſa doutrina. Muytos outros trabalhos, & cazos (diz o P. M. Simaõ) paſſaraõ neſta peregrinaçaõ de Alemanha, que deyxava de contar, por naõ ſer comprido. Pello meyo de tantos perigos fizeraõ noſſos primeiros Padres eſta ſua primeira peregrinaçaõ, que foy hum como pronoſtico de quantas peregrinaçoens trabalhoſas haviaõ de ter os filhos da Companhia, q̃ fundavaõ, a qual por meyo de trabalhos tanto tem avultado no mundo. Deos a conſerve ſempre entre elles, & cõ elles a augmente pera mayor honra, & gloria ſua.

CAPITULO VII.

Como ſervio nos hoſpitais em Veneza, & dalli paſſou a Roma, apontaõſe algumas couſas notaveis, & ſua rara mortificaçaõ.

1 DEpois de tres mezes de caminho taõ rigorozo, como fica ditto, & de paſſar tãtos ſobreſaltos, & perigos chegou a Veneza o P. M. Simaõ cõ os mais cõpanheiros. Foi incrivel o goſto, que ouve, aſſim em Sancto Ignacio com ſua chegada, como nos Padres com a viſta de Sancto Ignacio. Começouſe a tratar, do que fariaõ, athe chegar o tempo, que ſeria como meyo anno, de ir a Jeruſalẽ. Determinaraõ gaſtar eſte tempo, parte em ſervir aos pobres nos hoſpitais, parte em ir a Roma, tomar a bençaõ do Summo Pontifice, eſperando que o Senhor por meyo da bençaõ do ſeu Vigario, teria delles mayor providencia.

2 Repartiraõſe por dous hoſpitais, hum dos incuraveis, outro chamado de S. Joaõ, & S. Paulo, neſte ficou o P. M. Simaõ, onde bem moſtrou ſua charidade. O exercicio ordinario era, fazer as camas dos enfermos, varrer as enfermarias, acodir aos miniſterios mais aſquerozos no ſerviço dos doentes, alegralos com praticas eſpirituais, exortalos à confiſſaõ. Se algum morria, fazerlhe com o ſeu trabalho a cova, & com ſuas maõs enterralo.

3 Procurava cada hum vencer as repugnancias, que tais miniſterios trazem conſigo, & ouve niſto cazos muy notaveis, direy sò, o que pertence ao P. M. Simaõ, que he o que

o que faz ao meu intento. Sendo noyte, eſtando tòdos accõmodados, ſem haver lugar vago pera enfermo algũ, bateo à porta hum leprozo, pedio agazalho. Diſſelhe o infermeyro mòr, que perdoaſſe, que o naõ havia no hoſpital. Inſtou huma, & outra vez o pobre, mas o imfermeiro cõtinuou na meſma deſculpa. Ouvindo iſto o P. M. Simaõ, lhe pedio, o deyxaſſe entrar, acodiolhe com a meſma repoſta, dizendo, que nem cama havia em que o recolher.

4 Naõ ſeja eſſe o impedimento, diz o P. M. Simaõ, eu o agazalharey na minha. Entaõ ſe dobrou o infermeiro, abriolhe a porta, entrou o leprozo, & o Padre o recolheo conſigo na meſma cama, acto, que naõ tem neceſſidade de encarecimentos, pera ſe ver ſua eſtranheza. Pella menhã deſapareceo o leprozo, ſem ſe ſaber, como, nem por onde fora; & o P. M. Simaõ ſe achou cuberto de lepra. A novidade cauzou laſtima, & deſconſolaçaõ nos companheyros; mas o P. ficou muy alegre, dizendo: Naõ he nada, naõ he nada. Aſſim paſſou todo aquelle dia cõ grande dor, & ſentimento dos companheiros: porem ao outro dia pella menhã ſe achou totalmente ſaõ, como ſe tal couſa por elle naõ paſſara. Com iſto ſe ficou entendẽdo, qual podia ſer taõ admiravel leprozo.

5 Dous mezes, & meyo gaſtou neſte hoſpital o P. M. Simaõ. Depois ficando sò em Veneza Sancto Ignacio por certos reſpeitos, que traz a Hiſtoria geral da Companhia, ſe partiraõ os mais pera Roma a viſitar os lugares Sanctos, & pedir a bençaõ a ſua Santidade, pera com ella ſe partirem pera Jeruſalem. Naõ hiaõ todos juntos, como quando vieraõ de Pariz pera Veneza, ſenaõ de dous em dous, ou de tres em tres, por mais commodo, & remedio de ſua pobreza. *Orl. l. 2. n. 3.*

6 O P. M. Simaõ fez ſeu caminho com dous companheiros, vivendo das eſmolas, que pediaõ pellas portas aceitando sò, o que pera o prezente lhes era precizo, ſem fazer provimento pera o ſeguinte dia. Algumas vezes paſſaraõ dous, & tres dias quaſi ſem comer. Desfaleciaõ cõ a fome, & canſaſſo, mas o Senhor os esforçava. Sua hoſpedagem eraõ os hoſpitais, ou cazas, onde ſe agazalhavaõ os pobres. Succedialhes chegar por vezes todos molhados aſſim da muita agoa, que chovia, como das ribeiras, que vadeavaõ.

7 Hu-

7 Huma vez indo junto ao mar Adriatico, paſſaraõ hum rio, que por cauſa da chea ſaira da madre, & inundara os campos, & o barqueiro os lançou no lugar, onde, quando naõ havia chea, era o deſembarque; pello que lhes foy neceſſario andar hum terço de legoa por agoa taõ alta, que em humas partes lhes dava aſſima do joelho, em outras lhes chegava athe os peitos. Sahiraõ deſta lida mortos de fome, valeraõſe de hum pinhal, derrubando pinhas, & comendo os pinhois. Vendo porẽ, que era fraco o remedio contra fome tamanha, & que niſto ſe gaſtava muyto tempo, ſe foraõ adiante ſeu caminho. Neſte dia, que era a dominga da Payxaõ, ſarou hum daquelles Padres de certa como ſarna, q̃ havia muytos annos trazia em hum pè.

8 Neſte dia chegaraõ a Ravena molhados, & mortos de fome. Foraõſe ao hoſpital, nelle lhes deraõ pera todos tres huma cama com huns lançois por extremo immũdos, cheios de nodoas das chagas, & ſangue de algum miſeravel. Dos dous companheyros do P. M. Simaõ, por ſe mortificarem, hum ſe meteo na cama com o veſtido, outro ſem elle; mas o P. M. Simaõ teve tal aſco, que ſe naõ quiz, nẽ atreveo a meter em tal cama. Depois ainda caindo em ſi, ficou notavelmente magoado, parecendolhe, que por mimo, & amor do ſeu corpo perdera taõ bella occaſiaõ de ſe mortificar.

9 Dezejou grandemente recuperar o que aqui perdera, & brevemente o fez; porque indo o P. M. Simaõ ſeu caminho, chegando a hũa aldea, pedindo agazalho, a hoſpitaleira reſpondeo, q̃ naõ tinha outra cama, excepto huma, em que na quelle dia morrera hum pobre da doença, que ſe chama em latim *pedicularis*, mas que os lançois lhe naõ tinhaõ ſervido em vida, mas sò de pano funeral, em que depois de morto ſe puzer a o corpo, & aſſim eſtavaõ molhados com a agoa benta, que ſe lançou ſobre o morto, quando o encomendaraõ a Deos, & alem diſſo, que tinha grandiſſima copia daquelles animalejos, que ſaõ effeito da tal doença. Teve o P. M. Simaõ a occaſiaõ, q̃ ſe lhe offerecia por mui a propoſito, pera recobrar o perdido. Meteoſe, ſem couſa alguma ſobre o corpo, entre aquelle horror, deraõ nelle aquellas pragas de bichos, & lhe davaõ tais ferrotoadas, q̃ o faziaõ ſuar. Paſſou a noyte

te neſte tormento, & ficou muy alegre de ter vingado em ſi a covardia, que antes tivera.

10 Chegando a Ravena, pediraõ pellas portas aſſim o ſuſtento, como alguma eſmola pera pagar aos barqueiros, que os naõ queriaõ paſſar ſem dinheiro. Succedia, por naõ terem outra couſa, dar aos barqueiros o gibaõ, ou alguma outra peça do uſo neceſſario. Andando o P. M. Simaõ pedindo eſta eſmola; chegou, ſem ſaber aonde batia, à porta de tres mulheres roins, que ſahiraõ com deſcoco; ficou o Padre aſſuſtado, como ſe encontraſſe com alguma ſerpente, & mais que depreſſa deceo a eſcada, & poſto no lumiar da porta lhes começou a pregar o que por entaõ lhe ditou ſeu eſpirito contra a fealdade, em que viviaõ.

11 Chegaraõſe ellas, moſtrando contriçaõ, em eſpecial huma, que começou a chorar. Eſtando neſta exhortaçaõ, apareceo à porta daquellas molheres hum frade sò, ſem companheyro veſtido em habito de S. Agoſtinho, era homem moreno, & ſobrevelho; que moſtrava mais de ſincoenta annos, mui feio, & melancolico, tinha alguns dos dentes quebrados, outros quaſi moidos, & comidos de ſi meſmos, & gaſtados, os olhos mui luzidios. Todo o geſto dizia, o que depois ſe entendeo ſer. Começou em Heſpanhol, com enfado, & como quem niſto tinha empenho, a dizer ao Padre: Senhor vaſſe da-hi, deixe eſſas mulheres, que quer agora, cuida, que as ha de converter? vaſſe, deixeas, porque perde tempo.

12 O Padre como eſtava cõ fervor, naõ deu pello ditto do fingido frade, foi continuando na exhortaçaõ. Aquella mulher, que começara a chorar, naõ podendo ter no peito a ſua dor, diſſe entre muitas lagrimas: Padre eu ſou perdida, naõ tenho remedio de ſalvaçaõ, ſenaõ hir com voſco a Roma, ahi me dareis ordem a algum modo de vida, porque me quero ſalvar. Dizendolhe o Padre, que buſcaſſe outro remedio, q̃ a elle lhe naõ cõvinha levalla cõſigo; eſtava o frade ouvindo iſto como triſte, & melãcolico. Entaõ o Padre voltandoſe a elle o ſaudou, & lhe perguntou, donde vinha, & pera onde hia. Reſpondeo, que vinha de Roma, & hia pera Veneza.

13 Deſpedioſe o frade, & o Padre o vio hir, & andar em hũa rua jũto ao lugar, onde a gente ſe embarcava, a modo de quem negocea, ou anda eſpreitando de huma, em

outra

outra parte, ſem aquietar; & como nada fizeſſe, com tantas andanças, fez niſſo o Padre grande reparo. Neſte tẽpo eſtando o Padre a ponto de ſe embarcar, chegou chorando aquella peccadora, dizendo havia de ir com elle. Contou o P. M. Simaõ à ſeus companheiros, o que com ella lhe tinha acontecido. Ajuntouſe com a novidade muita gente, & fallava neſta mudança. Quiz ella primeyro, que os Padres entrar na barca; porem elles diſſeraõ aos barqueiros, que ſe tal mulher foſſe, naõ iriaõ naquella barca. Por tanto naõ foi admittida, & ſe ficou alli chorando, quando os Padres ſahiraõ de Ravena. Do frade ſe entendeo, ſer o Demonio, que ſentia tirarſelhe das unhas aquella alma.

14 De Ravena chegaraõ a certo porto, & determinavaõ ſahir em terra, & ir peregrinando athe Ancona; porem ſabendo, havia rios, que paſſar, tomaraõ outro conſelho, metendoſe em huma barca, ſem levar de comer, & ſem dinheyro pera o frete. Paſſaraõ hum dia, & noite ſem nada meter na boca, athe chegar à Cidade de Ancona. Aqui foi o trabalho com os barqueiros; porque dizendolhe os Padres, que naõ tinhaõ, com que pagar, ſe aſcenderaõ em colera, jurando, & tresjurando, que nenhum ſahiria da barca, ſem o dinheiro eſtar na maõ. Por fim de contas ſe concertaraõ, que ſahiſſe hum delles buſcar algum remedio. E foi hum, que naõ era Sacerdote, nem o brigado a rezar o officio Divino, a caza de hum livreiro, & lhe vendeo o Breviario com condiçaõ, que ſe dentro de certas horas, lhe tornaſſe o dinheiro, ſeria obrigado, a lhe dar o ſeu Breviario. Deſte modo ſatisfizeraõ aos barqueiros.

15 Em ſahindo, foraõſe ao hoſpital, alli acharaõ dous dos outros Padres, com que muito ſe conſolaraõ. Dos finco, ficando hum sò em caſa, os quatro ſe repartiraõ a pedir eſmola pella Cidade, huns por hũa, outros por outra parte. Andando neſte ſancto exercicio, o P. M. Simaõ encontrou ao P. M. Diogo Laynes com as abas da roupa levantadas athe os joelhos, & deſcalço pedindo em hũa praça entre certas vendedeiras, das quais hũa lhe dava iſto, outra aquillo, do que eſtava vendendo.

16 Parou o P. M. Simaõ (como elle eſcreve) cõſiderãdo por hũa parte a pobreza, & humildade daquelle Padre, & por outra as letras, & partes, que tinha, pera valer no mundo,

mundo, que em verdade eraõ eſpantoſas, como os tempos o moſtraraõ, em eſpecial no Concilio Tridentino. Eſta conſideraçaõ penetrou tanto ao P. M. Simaõ Rodrigues, que fazendoa em outras occaſioẽs, & a reſpeito dos outros Padres, aſſentou conſigo, que naõ era digno de andar entre homens taõ ſanctos, como eraõ ſeus companheiros. De eſmola ajuntaraõ com abundancia, & puderaõ reſgatar o ſeu Breviario.

17 De Ancona chegaraõ à ſancta caza de Loreto, onde ſe detiveraõ dous, ou tres dias, cumprindo com ſuas devoçoẽs. De Loreto pera Roma por cauſa das muitas chuvas, lamas, & atoleiros padeceraõ grandes trabalhos. Hum dia aconteceo, que ſendo de jejum, & muita chuva, paſſaraõ todo o dia ſem comer, chegaraõ a Tolentim ja mui de noute, fazendo grande eſcuro. O P. M. Simaõ, sẽ ſe querer apartar a nenhũa parte das ruas foi entrando por lamas, & agoa, dizendo dentro de ſi, por mais chuva que venha, ou lama que haja, ja nem mẽ poſſo molhar, nẽ enlamear mais.

18 Naõ mui longe da entrada no meio daquellas lamas, ſe lhe poz diante hum homem alto de corpo, & bem diſpoſto, embuçado com hũa capa, & ſeu chapeo na cabeça, sẽ dizer nada, tomou a maõ ao Padre, & pozlhe nella certas moedas de prata, & tornandolha a fechar apertãdo a maõ paſſou adiante. O Padre por entaõ naõ diſcorreo ſobre iſto, mas cuidou ſeria algum homem virtuoſo. Levou a maõ cerrada athe o hoſpital, aonde a abrio, & achou, quanto baſtava pera cearem, & ainda darem de eſmola.

19 Hum pobre, que alli eſtava lhes diſſe; he tarde, & vòs naõ ſabeis a terra, ſe quereis, vos irei comprar o ſuſtẽto. Tiveraõ iſto os Padres em tal tempo por ſegunda eſmola. Deraõlhe o dinheiro, trouxe paõ, vinho, & figos paſſados, de que cearaõ, & deraõ a outros pobres, dando a Deos as graças por ter delles taõ eſpecial cuidado, que athe quem lhes compraſſe o ſuſtento, lhes deparou em tal occaſiaõ.

CAPITULO VIII.

Do que lhes aconteceo, como voltaraõ a Veneza, & ſe ordenaraõ. De como S. Ignacio deu ſaude ao Padre Simaõ, & como Deos o livrou de hũa tentaçaõ.

1 ESta foy a primeira peregrinaçaõ, que o noſſo P. M. Simaõ Rodrigues, & ſeus companheiros fizeraõ ſem viatico, fiados unicamente na Divina Providencia, deſpidos de ſubſidios humanos. Depois de caminho taõ penoſo chegaraõ a Roma, cada-hum ſe foi ao hoſpital da ſua naçaõ. Sobre elles ſe fizeraõ varios diſcurſos, huns diziaõ, que hiaõ pertender beneficios a Roma, outros que vinhaõ deixar os habitos fugidos de algũa Religiaõ. Os Padres perguntados reſpondiaõ, que vieraõ a viſitar os Sãctos lugares daquella Cidade.

2 Aſſim o faziaõ, & com todos tratavaõ de Deos. Viviaõ de eſmolas de porta em porta. Em poucos dias ſe cobrou delles boa opiniaõ; & alguns cortezaõs ricos Heſpanhois tendo por deſcredito da ſua naçaõ, que tais homens andaſſem pedindo pellas portas, os recolheraõ aſſim Heſpanhois, como a Francezes no ſeu hoſpital de Sãtiago, & lhes davaõ o ſuſtẽto neceſſario. Aceitaraõ-o os Padres, pera poder mais deſimpedidos andar as Eſtaçoẽs, & Igrejas de Roma.

3 Eſtava em Roma Pedro Ortiz Heſpanhol de naçaõ, & que em Pariz fora mui contrario a Sancto Ignacio, & o eſtar elle em Roma foi hũa das cauſas, porque o Sancto agora ſe ficou em Veneza, temendo naõ foſſe pouco favoravel a ſuas couſas. Corria eſte Doutor com negocios do Imperador Carlos Quinto; & fallando com o Papa Paulo Terceiro, que entaõ governava, lhe diſſe, como eſtavaõ naquella Cidade nove Theologos de Pariz, que pareciaõ homens de grandes eſperanças, que ſeguiaõ eſtreita pobreza, & hiaõ a Jeruſalem.

4 Reſpondeolhe o Papa: Trazeios amanhã à minha meza, & fazei, q̃ venhaõ alguns outros Theologos, q̃ folgarei, em quanto como, de os ver diſputar. No outro dia eſtavaõ à meza do Papa muitos Theologos, perguntaraõ, ora a hum

a hum, ora a outro dos Padres ſuas queſtoẽs, & ficou o Papa mui ſatisfeito delles. Quando ſe levantou da meza, ſe lhe lançaraõ todos aos pès, & lhe beijaraõ o pè. Eſtendeo o Papa os braços, como ſe a todos juntos os quizeſſe abraçar. Diſſelhes em latim, que recebia grande prazer, de ver tanta humildade junta com tantas letras, que viſsẽ ſe delle queriaõ algũa couſa. Reſponderaõ, que sò de ſua Santidade queriaõ a bençaõ, & licença pera irem a Jeruſalem. A bençaõ, diſſe o Papa, eu vola dou, mas naõ creio, que paſſareis a Jeruſalem. Iſto acreſcentou, porque ſabia, que os Venezianos eſtavaõ pera romper guerra com o Turco.

5 Deulhes mais licença, pera ſe ordenarem de Miſſa em tres feſtas, & por qualquer Biſpo, & que lhes dava ſuas letras por ſufficiente patrimonio. Mandoulhes por duas vezes dar boa eſmola de dinheiro. De modo, que entre o que lhes deu o Papa, & alguns Heſpanhois, paſſaraõ por letra a Veneza duzentos, & dez cruzados, pera pagar o frete da nào, em que haviaõ de paſſar a Jeruſalem, & pera outros direitos, que là ſe pagaõ ao Turco; os quais dinheiros, vendo depois, que ja naõ paſſavaõ a Jeruſalẽ, tornaraõ por meio do Doutor Pedro Ortiz a mandar ao Papa, & às outras peſſoas, que lho deraõ. Diſto ficou o Papa mui admirado, & edificado, mas naõ quiz mandar receber, o que tinha dado, nem taõ pouco quizeraõ uzar deſte dinheiro.

6 Voltaraõ os Padres a Veneza, ordenãdo o caminho, como à vinda o tinhaõ feito. Recolheraõſe nos hoſpitais, em que antes eſtavaõ. Fizeraõ voto de pobreza, & caſtidade diante do Nuncio do Summo Pontifice. Tomaraõ ordens ſete, dos quais hum era o P. M. Símaõ. Precedendo os mais graos ſe ordenaraõ de Miſſa dia de Saõ Joaõ Bautiſta. O Biſpo Arbenſe, que lhe deu as ordẽs, confeſſou, que tendo muitas vezes ordenádo a outros, nunca ſentira a conſolaçaõ, que tivera em dar ordẽs a eſtes ſervos de Deos.

7 Neſte tẽpo ſe rompeo guerra dos Venezianos, Carlos quinto, & o Papa Paulo terceiro contra os Turcos. Vendo os Padres, que naõ podiaõ paſſar a Jeruſalem, determinaraõ, conforme o ſeu voto, eſperar por eſpaço de hũ anno, & por tres mezes, pouco mais, ou menos, retirarſe a

diverſos lugares ſolitarios, pera com a oraçaõ, & meditaçaõ ſe diſporem, pera dizer a ſua primeira Miſſa. Neſtes lugares ſolitarios foi a primeira vez, que começaraõ a querer viver em obediencia, ainda que voluntaria. Em quanto andavaõ dous, & dous, ou tres, & tres cada-hum era ſuperior por ſua ſemana. Eſta obediencia guardavaõ com tanta ſugeiçaõ, como ſe della tiveſſem feito voto.

8 Em Roma, quando ja eſtavaõ juntos, eſtenderaõ eſta obediencia a eſpaço de hum mez; iſto durou athe Sãcto Ignacio ſer eleito Geral. Toda-via, ainda que o Sancto no mez, que os outros mandavaõ, obedecia, ſempre os mais lhe tinhaõ, como a Pay, grande reverencia. Na repartiçaõ dos lugares ſolitarios, coube ao P. M. Simaõ Rodrigues, & ao Padre Claudio Jayo a Cidade de Baſſaõ.

9 Morava na Ermida de Saõ Vito naõ longe de Baſſaõ hum Ermitaõ por nome Antonio de vida exemplar, o qual tinha conſigo dous diſcipulos imitadores do ſeu exemplo. Os Padres ſe determinaraõ, a ir viver tambem naquelle retiro. Pediraõ licença ao velho, pera alli ſe recolherem alguns dias. Eſtava elle eſcandalizado de alguns, que tinhaõ alli vindo com ſemelhante petiçaõ, & depois provaraõ mui mal; por eſta cauſa tinha propoſito, demais naõ permittir, nem querer outros companheiros. Porem vendo diante de ſi aos dous Padres, aſſim ſe lhes affeiçoou em ſeu animo, que diſſe à ſeus diſcipulos, que ſe os naõ agazalhara, cuidaria fazer niſſo grande peccado.

10 Aqui gaſtavaõ a maior parte do dia, & da noite tratando com Deos na meditaçaõ, & oraçaõ. Dormiaõ ſobre hũa taboa, guardavaõ grande rigor no comer, & mais tratamento de ſuas peſſoas. Serviaõ ao velho com muita humildade, indo por vezes com hum jumentinho, pera lhe ajudarem a recolher as eſmolas, que pedia nas eiras. Porem naõ o tinhaõ por Meſtre, nem mudaraõ traje, andãdo ſempre no veſtido de Sacerdotes honeſtos.

11 Cada-hum dos dous era ſuperior do outro às ſemanas. Neſte rigor de vida teve o P. M. Simaõ tal doença, que os Medicos deſconfiaraõ de ſua vida. Neſta occaſiaõ eſtava Sancto Ignacio de cama com grandes febres em Vincencia. Tendo o Sancto novas do trabalho do P. M. Simaõ, ſe levantou da cama, & em companhia do Padre Pedro Fabro ſe poz em caminho pera Baſſaõ, fazendo

a jor-

Digitized by Google

a jornada com tal diligencia, que ſempre hia diante do companheiro.

12 Neſte caminho, ao parecer humano taõ fora de tẽpo, fez Deos à noſſo Sancto Padre dous grandes favores, o primeiro, que havendo, fallando naturalmente, a febre de ſe alterar mais, de todo ſe tirou ao Sancto; o ſegundo, que lhe revelou Deos, que o P. M. Simaõ naõ morreria da prezente doença. Fez elle oraçaõ a Deos, & della ſe levãtou mui alegre dizendo ao Padre Fabro, que bem podiaõ ir mais devagar, & ſem cuidado, que Deos concedia a vida ao M. Simaõ.

13 Entrando na caza do velho Antonio, achou o ſeu enfermo muito no cabo da vida, eſtava elle veſtido, & deitado ſobre hũa deſabrida taboa. Abraçou-o Sancto Ignacio, & lhe diſſe: *Alegrai vos M. Simaõ, que Deos ſe quer ſervir de voſſos trabalhos, naõ morrereis deſta em Baſſaõ, tendes ainda muito, que andar, & fazer por quem vos eſtende os annos de vida.*

14 Logo deu ordem por via do Ermitaõ, a haver hũa cama, em que o fez deitar, & deſpir; & lhe aſſiſtio com ſua coſtumada charidade. Com tal enfermeiro deſappareceo a doença, & dentro de pouco tempo, ſarou o enfermo, & pode tornar a ſeus coſtumados exercicios.

15 Daqui ficou o P. M. Simaõ notavelmente mais afeiçoado à vida eremitica: duvidou em ſeu penſamento, qual ſeria mais do agrado de Deos, ſe continuar na vida ſolitaria, ou naquella, que com os mais companheiros determinara fazer. Cõ eſta duvida ſe ſahio de Baſſaõ, & quiz ir tomar conſelho com o velho Antonio. Sem dizer palavra a S. Ignacio, parte pera a Ermida de Saõ Vito. Pouco diſtante eſtava ja da Cidade, quando ſe lhe poem diante hum homem armado, no aſpecto feròz, & terrivel com a eſpada nua na maõ: ameaçando-o com eſtranha braveza: era o Padre animoſo, & ainda que no primeiro encontro ſe perturbou, tratava de romper a diante. Aqui o homẽ tomou nova ira, & colera, com a eſpada feita vai endireitãdo com o P. M. Simaõ, o qual toda-via parecendolhe, que a couſa era de veras, ſe encheo de aſſombro, em effeito deu em fugir pera a Cidade, indo ſempre o homem no ſeu alcãce, athe o meter na caza, onde os Padres ſe recolhiaõ.

16 Tudo iſto vira em eſpirito Sancto Ignacio, & pondo

do os olhos no Padre Simaõ, que vinha cançado da lida, & fazia por diſſimular a cauſa do ſeu canſaſſo, lhe diſſe cõ roſto alegre: *Simaõ porque duvidaſte?* alludindo às palavras, que o Senhor diſſera a Simaõ Pedro: *Modicæ fidei quare dubitaſti?* Eſtas palavras penetraraõ o coraçaõ do P. M. Simaõ, & ficou entendendo, que Deos revelara o ſuccedido a Sancto Ignacio. Tambem ſe perſuadio, ſer aquelle homem armado algum Anjo, que Deos mandara pera ſeu bem, pois vindo ambos correndo por meio da Cidade de Baſſaõ, eſtando as ruas cheas de gente, nenhum delles foi viſto de peſſoa viva; porque em tal novidade naõ podia deixar de haver grande reparo, & o Padre notou, que nenhum ouve. Com eſte ſegundo aviſo do Ceo, ficou de todo confirmado em ſua vocaçaõ.

Matt. 14 31.

17 Depois deſtes quarenta dias, que tomaraõ noſſos primeiros Padres, pera ſe preparar mui de veras pera dizerem ſuas primeiras Miſſas, ſe ajuntaraõ todos em Vincencia, com Sancto Ignacio em huma caza, em que o Sancto eſtivera cõ os Padres Pedro Fabro, & Diogo Laynes. Era ſummo o deſabrigo da caza, de noute ſerravaõ a janela com huns pedaços de ladrilhos velhos, de dia os tiravaõ pera ter luz, a porta ſempre eſtava aberta, porque naõ tinhaõ com que a ſerrar. Viviaõ das eſmolas, que pediaõ pellas portas, a cama, em que dormiaõ, era hũa pouca de palha. Alguns diſſeraõ em Vincencia ſuas primeiras Miſſas, o P. M. Simaõ a dilatou pera mais ſe preparar, & depois a diſſe em Ferrara.

CAPITULO IX.

Do que obrou em Ferrara, & Padua.

1 CHegou o fim do anno de mil quinhentos trinta, & ſete, que era o termo do voto, que tinhaõ feito de ir a Jeruſalem. Conſultaraõ os Padres, o que deviaõ fazer, & reſolveraõ, que Sancto Ignacio com os Padres Pedro Fabro, & Diogo Laynes foſſem a Roma fazer offerecimento de ſuas peſſoas, & dos mais companheiros ao Papa, pera que ſua Santidade ſe ſerviſſe delles aſſim na cõverſaõ dos infieis, como no bem eſpiritual dos mais proximos.

Digitized by Google

ximos. E que os outros ſe repartiſſem pellas principais Cidades, & Univerſidades de Italia, & com pregaçoẽs, & doutrinas frutificaſſem nos povos, & fizeſſem, com que Deos moveſſe alguns moços de preſtimo, pera ſeguirem o meſmo inſtituto.

2 Eſta repartiçaõ, que fizeraõ noſſos primeiros Padres, foi revelada por Saõ Jeronymo a noſſo P. Saõ Franciſco Xavier. No hoſpital de Vincencia eſtava doẽte Saõ Franciſco Xavier, & o P. M. Simaõ, ambos em hũa cama muito eſtreita, muitas vezes com cezoẽs deſencontradas. Acontecia eſtar hum com o frio batendo o dente, & o outro com o crecimento ardendo em febre, hum dezejando mais roupa, outro nem podendo aturar a pouca, q̃ ſobre ſi tinha. Aſſim eſtavaõ ſobre hum xergaõ eſtes dous admiraveis Padres, quando hũa noite appareceo ao Sãcto Xavier o Doutor Maximo da Igreja Saõ Jeronymo; & com roſto alegre lhe diſſe, que tiveſſe bom animo, fortaleza, & paciencia pera os trabalhos: que Deos o tinha eſcolhido pera grandes emprezas, que Bolonha o eſperava aquelle anno; que dos companheiros hũns iriaõ a Roma, outros a Padua, outros a Sena, outros a Ferrara, a fazer gente pera Deos naquellas Univerſidades. Iſto ditto deſappareceo.

3 O meſmo, que o Sancto revelou, diſpuzeraõ entre ſi os mais Padres, ſem o communicar aos enfermos, nem ſaber da revelaçaõ. Deixou o P. M. Simaõ Rodrigues eſcrita eſta appariçaõ de Saõ Jeronymo, que devia contarlha o Sancto Xavier, ſe a cazo elle naõ foi tambem teſtemunha de viſta, pois eſtava na meſma cama.

4 Neſta diviſaõ coube aos Padres Simaõ Rodrigues, & Claudio Jayo a Cidade de Ferrara, onde paſſaraõ o inverno, que foi mui frio, & tempeſtuoſo. Recolheraõſe no hoſpital, que era hũa caza terrea, humida, & mal telhada. A hoſpitaleira era hũa velha de condiçaõ azeda, & mui determinada, a qual com grande rigor lhes fazia guardar certas leis meudas; andava ſempre com os olhos ſobre elles, porque a naõ enganaſſem, como outros lhe deviaõ ter feito, vigiavaos com particular circunſpecçaõ.

5 Notou, que no maior ſilencio da noite, cortando pello ſono ſe levantavaõ, feriaõ fogo, punhaõſe de joelhos, tinhaõ oraçaõ, & faziaõ ſuas devoçoẽs. Confrontãdo

do ella eſtas vigias, & depois o cuidado, com que de diz tavaõ dos enfermos, & enſinavaõ aos pobres a doutrina Chriſtaã, cobrou delles ſingular opiniaõ de virtude. A bocca cheia dizia pella Cidade, que em ſua caza tinha dous Sanctos. Iſto repetio tanto, contando as boas obras, q nelles via, que chegou a fama à Marqueza de Peſcara Senhora de muita virtude, que ſe achava entaõ naquella Cidade. Dezejou certificarſe, do que ouvira. Vendo hum dia na Igreja ao P. M. Simaõ, lhe perguntou, ſe por ventura era algum de huns Theologos Parizianos, que em Veneza eſperavaõ occaſiaõ de paſſar a Jeruſalem.

6 Reſpondeo o Padre, que ſim. Soube delle, onde ſe recolhiaõ. Por mais ſaber a verdade, foi hum dia ao hoſpital, eſtando os Padres auzentes. Fallou com a hoſpitaleira, & lhe meteo pratica dos ſeus hoſpedes; a velha, ſem ſaber o fim da Marqueza, lhe diſſe mil bens dos Padres, & o que nelles obſervava. Conſoloufe muito a Marqueza de a ouvir, & vendo a pobreza, com que os Padres alli viviaõ, os mandou paſſar a outro lugar de melhor cõmodo; & todos os dias lhes mandava o ſuſtento neceſſario, pera poderem mais deſembaraçados acodir à pregaçaõ do Evãgelho.

7 Athe eſte tempo naõ tinha o P. M. Simaõ ditto a primeira Miſſa, receando com hum ſancto temor, chegarſe ao Altar; porem vendo, que dizendoa, ficava mais expedito, pera ajudar aos proximos, aqui em Ferrara, ſe venceo, & a celebrou com inexplicavel conſolaçaõ de ſeu eſpirito. O fervor, com que em Ferrara pregavaõ, fez no povo grande abalo. Naõ era o P. M. Simaõ ainda mui verſado na lingua da terra, mas aquellas ſuas palavras toſcas, & mal limadas tinhaõ tal eſpirito, que moviaõ a devoçaõ os ouvintes. Havia muitas confiſſoẽs, porque as pregaçoẽs sò ſe empenhavaõ, em cauſar nos ouvintes dor dos peccados.

8 Louvavaõ todos o zelo dos Padres, & os admiraveis effeitos do ſeu trabalho. Porem muitos murmuravaõ, de modo, que vindo eſtas conſas todas à noticia do Biſpo, nunqua elle lhes deu favor, por muito tempo, nem os quiz ver, nem ouvir. Hia o prudente Prelado devagar, athe q tendo viſto por larga experiencia da Cidade, ſua recta intẽçaõ, & fervoroſo, & deſintereſſado zelo ſe lhes affeiçoou gran-

grandemente; elle em peſſoa os foi buſcar, fezlhe grandes offerecimentos. Vioſe obrigado, a darlhes rezaõ da ſequidaõ, que athe o prezente tinha moſtrado a ſuas couſas.

9 Convidou-os a jantar à meza, & ſobre meza lhes diſſe; que a cauſa de ſe ter com elles havido na forma, que ſabiaõ, fora, por naõ ſe expor a perigo de authorizar os màos, como lhe tinha acontecido nos ſeus tempos em Ferrara, aonde ouvera hum pregador de tanto nome, & ao parecer de tanto zelo, que aſſim nobres, como plebeos ſe hiaõ atraz delle, & o reſpeitavaõ. Eſte, ao parecer Sancto, era de vida taõ eſtragada, que trazia em ſua companhia em trajos de homem, hũa mulher, a qual hia por companheiro ſeu ao pulpito, & lhe ajudava à Miſſa. Hum dia pregando foi tal a ſua efficacia, que a mulher perdida aſſim ſe penetrou, que alli diante de todos, começou a chorar o ſeu peccado, & com o impeto da dor deſcobrio o ſeu fingimento. Neſta forma confundio Deos alli diante de todo o auditorio ao pregador, & moſtrou quam poderoſa era a ſua palavra, ainda na bocca dos pregadores de vida perdida. Eſte ſucceſſo, dizia o Biſpo, o tinha obrigado, a ir de vagar, porque às vezes debaixo de hũa capa de virtude ſe encobre hũa refinada malicia. Dalli por diante foi o bom Prelado hum perpetuo elogio dos Padres, moſtrando ter delles ſingular eſtimaçaõ: fazendo por vezes, que jantaſſem com elle, & ajudandoſe dos ſeus preſtimos em todas as obras de piedade, & do ſeu officio paſtoral.

10 Dos companheiros de Sancto Ignacio tinhaõ hido a Padua os Padres Joaõ Coduri, & Ozes, eſte foi o ultimo, que em Veneza ſe ajũtou a Sancto Ignacio, & o primeiro da Companhia, que Deos levou pera ſi. Tendo pregado na praça de Padua ſobre as palavras: *Vigilate ergo, quia neſcitis, qua hora dominus veſter venturus ſit*: Vigiai, que naõ ſabeis, quando morrereis: lhe deu a doença, de que ſanctamente morreo, & Sancto Ignacio, eſtando em monte Caſſino, vio ſer ſua alma levada ao Ceo em grande triumpho.

11 Sabendo o P. M. Simaõ da morte do Padre Ozes, ſe partio logo pera Padua, a conſolar, & ajudar ao Padre Joaõ Coduri. Julgou o P. M. Simaõ, ſer de maior ſerviço de Deos em Padua, que em Ferrara, & aſſim ſe deixou ficar naquella Cidade, aonde lhe ſervio de novo eſtimulo a

memoria do glorioſo Sancto Antonio ſeu natural.

12 Succedeo logo adoecer o Padre Ioaõ Coduri. Foi a doença grande, & ſeria maior o deſemparo, ſenaõ viera o P.M. Simaõ. Hum nobre Eccleſiaſtico levou pera caza o doente, & o curou com ſingular caridade. Pagoulhe Deos eſta obra de miſericordia, porque a ſancta converſaſſaõ do enfermo, lhe cauſou hum grande temor de offẽder a Deos. Vivia elle de portas adentro com a occaſiaõ da ſua ruina, de que ja tinha filhos; tanto que ſe deixou penetrar da inſpiraçaõ de Deos, ſe abſteve de cahir na ſua miſeria, tendo ainda a mulher em caſa. Porem os Padres acabaraõ com elle, que ſe apartaſſe de viver com ella na meſma caſa, pello perigo, & eſcandalo, que niſſo havia. Elle a cazou, & ficou livre deſte embaraço ſervindo dalli por diante a Deos com exemplo, & edificaçaõ dos que ſabiaõ ſeus màos coſtumes.

13 O P. M. Simaõ neſte tempo ſe agazalhava em caza de hũa viuva nobre, a qual tinha dous filhos, hum era Doutor, & homem de muito reſpeito. Foi notavel a mudança, que naquella caza fez com ſeu bom exẽplo, & converſaſſaõ. O filho Doutor entrou em Religiaõ edificando toda a Cidade, por ſer homem de reſpeito entre ſeus naturaes, & abundante de fazenda. Teve diſſo a may grande conſolaçaõ pello ver taõ dado a Deos. Deſpedindoſe da may lhe pedio, tiveſſe por filho em ſeu lugar ao P. M. Simaõ. O outro filho ſe entregou tambem de veras a Deos, vivendo como ſancto, em caza de ſua may. Dentro de pouco tempo teve doença mortal, nella eſteve mui conforme com a divina vontade. Eſtando pera morrer, pedio tambem a ſua may, tiveſſe por filho ao P. M. Simaõ. Vendo ella, que Deos dera à ſeus filhos taõ boa fortuna por meio do P. M. Simaõ, lhe cobrou grande amor, & aſſim à elle, como à ſeu companheiro os provia do neceſſario, ſentindo muito, que naõ admittiſſem mais, que a preciza ſuſtentaçaõ.

14 Quando os Padres ſe ouveraõ de partir pera Roma, os quiz eſta nobre ſenhora prover do viatico, elles o naõ aceitaraõ, de que teve ſua deſconſolaçaõ; inſtou, que pello menos haviaõ de receber alguns lenços, naõ puderaõ reſiſtir a eſta petiçaõ. Meteo-os na maõ ao P. M. Simaõ Rodrigues, o qual à noite deſenrolando o envoltorio, lhe cahiraõ

cahirão aos pès algũas moedas de ouro, & prata, que a devota matrona lhes dera com esta dissimulaçaõ; & foraõlhe bem necessarias pera acodir às necessidades, que lhe sobrevieraõ.

15 Deixaraõ estes sanctos Padres saudosa memoria em Padua. Muitos os dezejaraõ acompanhar, de que os Padres os escusaraõ, sò naõ poderaõ acabar, que o naõ fizesse hum Conego illustre em sangue, que com os Padres foi athe Veneza, dalli a Ancona, & athe Loreto. Admirouse muito de ver, que dormiaõ no chaõ, & que de noite se levantavaõ a orar, & reprehendiase a si mesmo, por se naõ atrever a imitar tal rigor, que o uso tinha feito aos Padres taõ familiar.

CAPITULO X.

Do que lhe aconteceo, & obrou em Roma, & de duas visoẽs, que teve à cerca da Companhia.

1 CHegaraõ o P. M. Simaõ, & seu companheiro a Roma, aonde ja estavaõ os mais Padres, & elles se tinhaõ dilatado por acabar em Padua algumas cousas do serviço de Deos, que naõ convinha deixar em aberto. Ajũtaraõse todos em Roma depois da Paschoa do año de mil quinhentos trinta, & oito. Pousavaõ entaõ em hũas casas de aluguel, naõ longe do mosteiro dos meninos, que chamaõ da Sanctissima Trindade, eraõ estas mais accõmodadas pera os nossos ministerios, que as casas de Quirino Garzonio devoto da Cõpanhia, aonde os Padres ao principio estiveraõ.

2 Pregavaõ os Padres com geral edificaçaõ em diversas Igrejas da Cidade, o P. M. Simaõ pregava na Saõ de Angelo *in foro piscario*. Exhortavaõ pellas praças a gẽte a frequentarem os Sacramentos. Era tanto o concurso aos Sãtos Sacramentos, que os Padres naõ podiaõ suprir com o trabalho, porem andavaõ nelle taõ embebidos, que se naõ lembravaõ do comer. Quando se recolhiaõ a casa, naõ havia, que meter na bocca. Entaõ, ainda que em tempos naõ convenientes, sahiaõ a pedir o sustento pellas portas. Dous delles liaõ no Collegio da Sapiencia duas liçoẽs,

hũa de Eſcriptura, outra de Theologia eſpeculativa. O Papa os mandava por vezes chamar à ſua meza, & alli diſputar, em quanto elle comia, & lhes moſtrava grande amor. E diz o P. M. Simaõ Rodrigues na ſua Relaçaõ, que era neſte tempo couſa taõ nova, & deſacoſtumada, ver pregar Clerigos, que com grande eſpanto diziaõ alguns: Nos cuidavamos, que naõ podiaõ os Clerigos pregar, & que sòmente os Frades o podiaõ fazer.

3 Entre as innumeraveis couſas do ſerviço de Deos, que os Padres obraraõ em bem dos pobres foi hũa, q̃ havẽdo no inverno grandiſſima falta de trigo, aſſim por cauſa da fome, como do frio os pobres morriaõ de noite pellas ruas; compadeceraõſe os Padres, ſahiaõ de noite pellas ruas, a buſcar os pobres, que nellas dormiaõ, traziaõ-os a caſa, haviaõ eſmolas de peſſoas devotas, com que lhes davaõ fogo, pera ſe aquentarem, & palha, em que dormirẽ, & algum pouco de paõ. Enſinavaõlhes a doutrina, & oraçoẽs, que eraõ obrigados a ſaber. Pella menhã os deixavaõ ir buſcar ſua vida.

4 Chegou o numero deſtes pobres a trezentos, & ja naõ cabiaõ nas caſas, que os Padres tinhão. Eſta obra moveo tanto a muitas peſſoas ricas, que dizião conſigo, grãde confuſaõ he noſſa, que huns Clerigos pobres, que naõ tem, que comer, façaõ tal obra, & que nòs podendo, não olhemos por ella. Acodirão com muitas eſmolas, os Padres buſcarão pera os pobres outras caſas mais capazes. Não sòmente remediarão, aos que andavão pellas ruas, mas aos que eſtavão em ſuas caſas, & não podião pedir, que ſerião mais de duas mil peſſoas. Eſte exemplo moveo tambem aos da Cidade, pera fazer maior diligencia por trigo, com que eſta falta ſe remediou.

5 Antes de fazerem eſta obra, tendoſe acabado o tempo do aluguel das caſas, em que moravão, lhes offerecerão hũas caſas, que eſtavaõ deshabitadas, por ſer fama, andavão nellas Demonios. Diſto nada ſe diſſe aos Padres. Mandarão pera là certos bancos, & mezas, & foi o P. M. Simão là dormir a primeira noite sò, pera ter cuidado daquella pobreza. Entrada bem a noite, eſtando as portas fechadas, ſentio grande eſtrondo, & deſaloſſego, & diſſe dentro de ſi: ſe ſaõ ladroẽs, pouco tem, que furtar, ſe ſaõ Demonios, não podem fazer mais, do que Deos lhes permittir: ſe

Deos

Digitized by Google

Deos quer, que elles me matem, seja feita a sua vontade; & assim se aquietou, & continuou seu sono, deixando fazer os Demonios, o que quizessem.

6 Depois de virem todos os Padres pera esta casa, continuou o Demonio com extraordinarias matinadas; parecia cahir toda a casa, quebrarse tudo. Eraõ infinitas as perturbaçoẽs, que fazia; contando o P. M. Simaõ este desasossego, tem estas palavras: *O que mais agora me espanta saõ duas cousas: hũa he ver a pouca conta, que os Padres faziaõ daquelle espirito, fallando, & rindose muitas vezes das invençoẽs, que elle fazia. A segunda he, que nunca lhes passou pella memoria, querelo esconjurar. Em fim os Padres como naõ se curavaõ delle, deixavaõno andar por alli, como cousa impertinente.*

7 Em hũa noite cuidouse, que quizera o mào espirito afogar a Saõ Francisco de Xavier, porque a cordou dizendo palavras de devoçaõ, & despedindo pellos narizes hum torno de sangue; perguntado, que fosse, calou por entaõ; dahi a tempo perguntandolhe, o P. M. Simaõ, que cousa fosse aquella, lhe respondeo, fora hum sonho ruim, & que cõ a resistencia, que em sonhos fizera, pera o apartar de si, lhe arrebentara aquelle torno de sangue.

8 Nesta casa consultaraõ os Padres o modo, que haviõ de ter em fundar a Companhia. Disto parece se doia tanto o mào espirito, & prevendo o mal, que se lhe seguiria, fazia todos estes espantos, por ver se podia perturbar os Padres.

9 Como o Demonio vio, que por este caminho nada effeituava, levantou grande tormenta na Cidade contra os Padres por meio de hum Frade de certa Religiaõ, Pregador herege, & de dous Clerigos tais como elle. Publicaraõ dos Padres, que eraõ hereges; porẽ elles puzeraõ tudo em pratos taõ limpos, que o Frade foi queimado por heresiarca, dos Clerigos hum, que fugio, foi queimado em estatua, o outro condenado a carcere perpetuo, veio a morrer confessando seus erros, & tendo à cabesseira hum Padre da Companhia. Ouve nesta occasiaõ huma rara providencia de Deos, porque se acharaõ em Roma os Juizes, que em Alcalà, Paris, & Veneza tinhaõ examinado, & inquirido o modo de proceder de Sancto Ignacio, que testemunharaõ, o que lhes tinha acontecido com o Padre.

10 Da-

10 Daqui creceo nova eſtimaçaõ aos Padres. Tendo determinado entre ſi o modo de vida, q̃ haviaõ de ſeguir. No mez de Setembro de mil quinhentos trinta, & nove, eſtando o Papa em Tibuli, por meio do Cardeal Gaſpar Contareno Veneziano, propuzeraõ a ſua Santidade o inſtituto, que dezejavaõ ſeguir, pedindolhe o approvaſſe, & lhes deſſe nome de Companhia de JESU. Ouvindo elle, o que lhe propunha o Cardeal, fazẽdo hũa bẽçaõ diſſe: *Benedicimus, laudamus, & approbamus.* Depois ao paſſar das bullas da confirmaçaõ do noſſo Inſtituto, ouve grãdes difficuldades, que todas com a graça divina ſe venceraõ.

11 Por eſte tempo teve o P. M. Simaõ duas viſoẽs myſterioſas acerca da Companhia, q̃ elle em nome de terceiro eſcreve com as palavras ſeguintes. *Eſtando hum Padre em oraçaõ encommendando eſte negocio a Deos, ſe lhe reprezentou em ſeu entendimento ver hũa vinha, como ja em mortuorio, chea de herva, & com as vides envelhecidas, & por podar, & com as folhas das vides pouco crecidas. Em hũa parte deſta vinha entre as outras videiras mal medradas ſe lhe reprezentou com grãde viveza, & claridade ver hũa videira com muitas folhas grandes, & mui freſcas, & verdes, cõ hũas varas mui compridas, & com alguns cachos de uvas mui fermozos, mas naõ ainda maduros: & via que aquellas varas cõ ſuas folhas, & cachos ſe hiaõ metendo, & eſtendendo mui fortemente pello meio daquella herva, ou feno, que era bem creçido, & pello meio daquellas outras videiras, & atraz iſſo por aquella vinha em mortuorio, & chea de herva, & por podar.*

12 *Pareceolhe entender, que aquelle era o eſtado, em que entaõ eſtava a Igreja; & pella videira, & varas com cachos verdes entre aquella vinha mal medrada, lhe parecia, entender o eſtado, em que a Companhia entaõ eſtava no mundo; & pellas varas compridas daquella videira, que ſe metiaõ fortemente, & eſtendiaõ por meio daquellas hervas, & vinha envelhecida, lhe parecia, que aſſim ſe havia de eſtender, & meter pello mundo a Companhia.*

13 *Da meſma maneira eſtando outra vez em oraçaõ, ſe lhe reprezentou no entendimento ver hũa arvore mui fermoza, & de mediocre altura, & o tronco, ou pè da arvore a modo de hũa columna mui redonda, mui bem proporcionada, em ſima com ſeus ramos verdes fazia hũa copa, & roda mui gracioſa,*

Digitized by Google

cioſa, & bem ordenada. Eſtando cuidando, que arvore ſeria aquella, veolhe ao entendimento, que era pereira, & de pereira diſcorreo dizendo: pereira, Petrus, Petra : *& atraz iſto fez hũa concluſaõ, dizendo: Em fim por eſta arvore ſe reprezenta a Igreja.*

14 *Atraz diſto vio ao pè deſta arvore hũa videira ainda nova, & delgada, mas bem comprida, a qual ſe abraçava, & cingia com o tronco, & pè daquella arvore, & começava a dar volta ao redor della, & a ſubir, & trepar por ella arriba : & logo atraz iſto ſe lhe reprezentou, que aquella nova videira era a Companhia, que de novo crecia na Igreja, & com ella ſe ajuntava. Eſte ajuntamento ſentia aquelle Padre dentro de ſi ſer hũa grande couſa.* Athe aqui as viſoẽs do P. M. Simaõ por ſuas meſmas palavras.

CAPITULO XI.

Como foi mandado a Sena, & o que alli obrou.

1 PEllo meſmo tempo, q̃ ſe tratava com calor da confirmaçaõ da Companhia, ſe ſervio o Papa Paulo terceiro dos Padres Meſtres Simaõ Rodrigues, & Paſcazio Broet, pera acodir ao bem eſpiritual da Cidade de Sena, em que havia algũas couſas, que neceſſitavaõ de remedios: deſtas era hũa certo moſteiro de Freiras, que viviaõ com pouca clauſura, & exemplo bem differente do ſeu eſtado. Tinha dado muito, em que entender ao Biſpo de Sena, & ao Doutor Ambroſio Caberino, Irmaõ da Abbadeſſa, & outras peſſoas graves. Chegando os Padres a Sena, a primeira couſa foi, procurarem o favor de Deos por meio da oraçaõ, depois começaraõ a tratar eſpiritualmente as Religioſas, pregaraõ por vezes no ſeu Convẽto, fizeraõ muitas exhortaçoẽs, ouviraõ-as de confiſſaõ; ouveraõſe com tal deſtreza, que ellas de ſua vontade abraçaraõ a reformaçaõ Religioſa, & ſe ſogeitaraõ ao q̃ ordenava o Pontifice. Cauſou iſto geral edificaçaõ, & grangeou grande opiniaõ aos Padres, por acabarem com tanta ſuavidade, o que todos tinhaõ por negocio mui difficultozo.

2 O outro ponto era hum diabolico embuſte, com q̃ o demonio tinha como enfeitiçada toda a Cidade. Havia naõ longe de Sena hũa Ermida da juriſdiçaõ dos Cavaleiros de Saõ Joaõ de Malta, da qual Ermida correo pella Cidade grande fama de milagres: nacco eſta fama da avareza de hũ eſtalajadeiro alli vizinho, & outros vendeiros, imaginando, que do concurſo creceria o ſeu intereſſe, levãtaraõ eſta voz commua, de ſer a Ermida milagroſa.

3 Como tudo tinha ſeu principio no Demonio, permittio Deos, que elle fizeſſe alli muitos dos ſeus embuſtes. Começou com a fama dos milagres a concorrer innumeravel gente de toda a ſorte, cobriaõſe della os campos, homens, & mulheres ſem o divido reſguardo entravaõ, & ficavaõ na Ermida, & fora della. O que punha maior eſpanto era, ver ſahir eſta gente toda da Ermida, bradando como fora de ſi, & repetindo a grandes vozes, Milagres, milagres.

4 Logo com hum deſatino furioſo corria a hum penedo, que perto eſtava, & ſe lançava de coſtas, ſem demora entrava o Demonio nos que aſſim ſe deitavaõ, & ficavaõ de todo enfeitiçados. Ja eſta diabrura hia entrãdo nos Conventos de Religioſas, & caſas de gente recolhida. Como naõ podiaõ ſahir de caſa, inquiriaõ os paſſos, que havia da Cidade à Ermida, & deſta ao penedo, punhaõ em ſuas caſas certas balizas, que andadas, & tornadas a andar faziaõ aquelles paſſos; &, feita a negra romaria, ficavaõ enfeitiçadas bradando como loucas Milagres, milagres.

5 Eſta illuſaõ deſterraraõ os Padres por meio dos Sãctos exorciſmos, a que ajuntaraõ muitas oraçoẽs, jejuns, & diſciplinas. Pregaraõ contra o vicio da avareza, donde naſcera taõ abominavel embuſte. De todo o ponto deſfizeraõ eſte enredo, & a Cidade com o favor de Deos ficou deſaſſombrada.

6 Eſtes dous pontos, porque o Pontifice os mandara a Sena, naõ tiravaõ occuparemſe no bem da mais gente da Cidade, em eſpecial dos eſtudantes. Tomou o P. M. Sirmaõ a ſeu cargo ler hũa liçaõ da ſagrada Eſcriptura ſobre as Epiſtolas de São Paulo, pera com a curioſidade da ſciencia melhor entrar a exhortação à virtude. Succedeo iſto ao Padre à medida do ſeu dezejo, concorreo grande numero de moços nobres, os quais tomavaõ ſua doutrina,

&

Digitized by Google

& como o Padre era mui affavel, aſſim os grangeou pera Deos, que em tudo ſeguiaõ o regimento, que lhes dava.

7 Frequentavaõ a Confiſſaõ, & Cõmunhaõ, ſerviaõ aos enfermos nos hoſpitais, faziãolhes as camas, ajudavaõos a bem morrer. Succedeolhes hũa vez aſſiſtindo a hũ enfermo, que eſtava ja com a voz ſumida, duvidar elle da immortalidade da alma, dizendo, provaime, que a alma naõ acaba com o corpo; então vendo os devotos eſtudantes o erro, em que eſtava, aſſim trabalharaõ com elle, que o fizeraõ crer, & dezejar a felicidade, que quaſi de todo tinha perdido.

8 Alguns deſtes moços dezejoſos de alcançar a perfeiçaõ, quizerão confeſſarſe geralmente, pera reſarcir alguns deſcuidos, ou negligencias, que ouveſſem tido nas confiſſoẽs paſſadas. Pera eſte fim lhes alugaraõ os Padres hũas cazas fora da Cidade, aonde recolhidos em ſeus apoſentos à parte huns dos outros, tomavaõ os Exercicios de Sancto Ignacio, que lhes hia dar o P. M. Simaõ. Invejou o Demonio eſta obra, & fez crer aos da Cidade, que ſeus filhos com capa de virtude eſtavaõ alli enganados, levantaraõ hum motim, pera dar na caza, & tirar dalli aos moços. Quando niſto andavão, deu Deos hũa forte inſpiração ao P. M. Simão, que o não deixou ſocegar, de que logo, logo, foſſe à quella caza, & mandaſſe ir dalli os eſtudantes pera a Cidade.

9 Eſcaſſamente ſe tinha iſto effeituado, quando o povo poſto em motim veyo à caſa, & de tropel entrou correndo de hum em outro apozento; & naõ achando o q̃ ſe dizia, tão facilmente ſe applacou, quam ligeiramente ſe tinha amotinado. Não ſe esfriarão os bons eſtudantes, antes diſſimulando alguns dias com ſeus Pays, ſe partiraõ ſecretamente pera Roma, pera alli deixar o mundo; porem ſendo no caminho aſſaltados por ſeus Pays, & trazidos a Sena; dahi a pouco pondo em ſi mais cautela, puderão fugir, & chegar a Roma, aonde huns entrarão na Companhia, outros em diverſas Religioẽs.

10 De mais admiração foi a converſaõ de hũ Sacerdote, a quem o P. M. Simão fez com ſuas exhortaçoẽs dar hũa volta à vida. Eſte homem eſquecido do ſeu eſtado era mui nomeado em Sena por farciſta, & grande comediante. Não contente com elle gaſtar o tẽpo, em compor

comedias, & entremezes de materias mui levianas; elle meſmo em peſſoa entrava a reprezentar no teatro papeis ridiculos, & de figuras baixas, & indecentes. Tratou eſte com os Padres, os quais lhe moſtraraõ, quam fea couſa era hũ Sacerdote pella menhã no Altar, & à tarde no teatro.

11 Conheceo o ſeu eſcandalo, & pedio ao P. M. Simaõ, que ſe queria por alguns dias recolher naquella caſa, onde ſe recolheraõ os eſtudantes, pera fazer hũa confiſſaõ geral, & chorar a perdiçaõ de ſua vida paſſada. Alli lhe deu o P. M. Simaõ as meditaçoẽs da primeira ſemana dos Exercicios de Sancto Ignacio. Deulhe o Senhor por eſte meyo grandiſſima contriçaõ, nenhuma couſa mais dezejava, que deſcobrir modo, com q̃ deſſe a toda a Cidade hũa geral ſatisfaçaõ.

12 Depois de ter niſto conſigo muita lida, ſe reſolveo entrar na Igreja, quando eſtiveſſe chea de gente, em corpo, pès deſcalços, & hũa corda ao peſcoſſo, & neſta forma pedir a todos perdaõ de ſeus eſcandalos. Antes de o fazer, ſe aconſelhou com o P. M. Simaõ, eſte lhe diſſe, o naõ fizeſſe ſem primeiro conſultar o Vigario geral da Cidade. Louvoulhe o Vigario muito ſeu ſancto propoſito, em querer dar tal ſatisfaçaõ.

13 Dizendo iſto ao P. M. Simaõ, elle lhe diſſe, foſſe ter com hum Religioſo de S. Franciſco pregador da Cidade, & communicãdo ſeu intento, lhe pediſſe, ſignificaſſe ao povo, acabada a pregaçaõ, que eſperaſſe hum pouco. Aſſim o fez o pregador, & o Sacerdote em habito de penitencia na forma, que o tinha conſiderado, ſubio ao pulpito, & com grande impeto de lagrimas pedio a todos perdão dos eſcandalos paſſados. Foi tal a commoçaõ no auditorio, que ſe desfez em pranto à viſta de eſpectaculo taõ pouco imaginado. Pedio apos iſto ſer admitido dos noſſos, o que elles naõ quizeraõ fazer, aſſim porque a infamia da vida paſſada naõ deſſe mào nome à Companhia, entre aquelles, q̃ naõ tinhaõ viſto ſua converſaõ, o que lhe naõ eſtava bem, por ſer tenra, & mui perſeguida, como porque julgaraõ, lhe ſeria melhor profeſſar vida retirada dos olhos dos homens. Por tanto ſe recolheo na Capucha de Saõ Franciſco, onde viveo, & acabou ſanctamente.

14 Do immenſo trabalho, que teve em Sena o P. M. Simaõ, lhe ſobreveio hũa doença, que o chegou às ultimas,

a bom

Digitized by Google

a bom livrar ficou della com hũas quartans, com as quais foi mandado vir a Roma por Sancto Ignacio, pera partir pera Portugal. Este foi o theor, & ordem da vida deste bẽdito Padre antes de vir pera Portugal, patria sua, aquem por seu meyo Deos havia de fazer tantos bens, & merces.

CAPITULO XII.

Como o P. M. Simaõ Rodrigues veyo a Portugal, aportou a Setuval, como foi recebido del-Rey, occupase com S. Francisco Xavier nos ministerios da Companhia.

1 TEndo el-Rey Dom Joaõ o terceiro de Portugal noticia do muito, que em Roma, & Italia obravaõ no bem das almas os filhos da Companhia, achou, que naõ podia escolher melhores obreiros, pera trabalharem nos dilatados Reynos do Oriente. Esta noticia lhe deu assim o seu Embayxador em Roma Dõ Pedro Mascarenhas, como o Doutor Diogo de Gouvea Portuguez natural de Beja, que em Pariz fora Reytor no Collegio de Sancta Barbara, & conhecera bem a Sancto Ignacio, & a seus companheiros.

2 Entaõ lhe encarregou el-Rey, que pois elle conhecia a Sancto Ignacio, lhe escrevesse sobre este negocio, de lhe mandar alguns Padres. Respondeo o Sancto, que elles todos se tinhaõ posto nas maõs do Summo Pontifice; por tanto, que na maõ de sua Santidade estava toda a disposiçaõ de suas pessoas, & que com o Summo Pontifice se havia de tratar este negocio.

3 Logo el-Rey escreveo ao seu Embayxador, que da sua parte falasse com o Summo Pontifice, & com Sancto Ignacio, à quem os mais tinhaõ certa sogeiçaõ filial, por elle ainda naõ ser Geral, nem a Companhia confirmada pella Sè Apostolica. Falando o Embayxador a Sancto Ignacio, & pedindo seis Padres; segundo os poucos, que eraõ, foi Sancto Ignacio de parecer, que fossem dous pera a India, por ter muito, a que accodir com os outros.

4 Communicou o Embayxador este negocio ao Papa, & tambem a reposta de Sancto Ignacio, com a qual o Sum-

mo Pontifice ſe conformou. Paſſavaõ eſtas couſas pellos fins do año de 1540. O Embayxador eſtava quaſi de partida, naõ o queria fazer ſem os Padres; aſſim por dar goſto a ſeu Rey, como porque eſtiveſſem em Portugal a tempo da viagem da India. Apertou com Sancto Ignacio, que nomeaſſe os dous. Logo o Sancto Padre mandou vir de Sena ao Padre Meſtre Simaõ, que por ſer Portuguez, lhe pareceo ſer mui a propoſito pera eſta empreza, em que tanto havia de tratar com Portuguezes.

5 Veyo logo o P. M. Simaõ, ainda que lhe continuavaõ as quartãs. Naõ quiz eſperar pello Embayxador. Partioſe por mar com o Padre Paulo Camerte. Foi eſta ſahida de Roma aos ſinco de Março do anno de mil quinhentos, & quarenta, quando ainda a Companhia sò eſtava approvada *Vivæ vocis oraculo*. Embarcou em Civitâ vecha, porto no dominio do Summo Pontifice. Foi a viagẽ mui proſpera, porque dentro de oito dias chegou a Portugal. Aportou na enſeada de Setuval, que he aquelle porto, em que, ſegundo dizem as antiguidades de Portugal, ſahiraõ os primeiros povoadores de Heſpanha, depois do diluvio de Noe. Neſte modo de contar me vou ajuſtando ao que anda impreſſo, deixando pera outro lugar, o que tem o Padre Alvaro Lobo na ſua hiſtoria manuſcrita, de que o P. M. Simaõ viera de Barcelona por terra, que nas arrayas eſperara por S. Franciſco Xavier, & que ambos pella Beira vieraõ pera Lisboa, & que o P. M. Simaõ paſſando naõ longe de ſua patria, naõ quizera vizitar ſua may.

P. Tell. Hiſt. de Ethiopia liv. 2. cap 3. onde retrata o que tinha eſcrito na ſua Cronica.

6 Por ordem particular, que o Padre trazia do Embayxador, ſe retirou à ſua quinta da Palma, pera alli deſcançar da viagem, & convaleſcer das quartãs. A Palma, que he Villa hoje titular dos Maſcarenhas Condes da Palma, fica entre Setuval, & Alcacere do ſal, junto do rio Sado, que he o que deſemboca no mar em Setuval. Tinha alli o Embayxador ſuas caſas de campo mui nobres, por ſer o ſitio mui bom pera paſſar os invernos, & tempos de primavera. Muitas oportunidades pera a recreaçaõ aſſim de caça na terra, como de peſca no rio, ou braço de mar.

7 Por ventura, que tambem o Embayxador alli mandaſſe parar ao P. M. Simaõ, athe elle chegar de Roma; donde fazia o caminho por terra com Saõ Franciſco Xavier. Daqui ſe ve, que naõ vai fora de caminho hũa tradi-

ção,

çaõ, que há na Villa de Setuval, de que Saõ Franciſco de Xavier deſembarcara em hũ grande penedo, q̃ eſtà no fim da Villa na praya contigua ao monte do Caſtello de Saõ Philippe; por ſer alli o antigo deſembarcadouro, aindaque com os tempos as areas deſviaraõ o mar, & hoje o tal penedo eſtà em ſeco, & sò chegaõ a elle agoas vivas.

8 Hũ anno deſtes, a tempo, que lançavaõ alicerſe ao ſeu Convento, que fica naõ mui longe deſte penedo, os Religioſos de Sancta Thereſa, querendoſe aproveitar daquella penha, desfazendoa, ſe lhe diſſe, tal couſa naõ fizeſſem, por haver naquelle povo a ſobredita tradiçaõ; por tanto elles deixaraõ o penedo em ſeu ſer. Veſſe, que naõ ha couſa, que encontre a tal tradiçaõ; porque pode ſer, & eſtava couſa mui natural, vir o Embaixador, quando cõ o Sancto veyo de Roma, a deſcançar neſta ſua quinta da Palma, em quanto diſpunha a ſua entrada na Corte: naõ era grande o rodeo; & poriſſo ſe faz eſta conjectura crivel: & que dalli deſceria em algum bargãtim pello rio abaixo athe Setuval, que era viagem mais cõmoda, & dahi por terra iria pera Lisboa. O certo he, que naquelle povo ſe tem ao Sancto Apoſtolo ſingular devoçaõ, & o tem eſcolhido por ſeu eſpecial padroeiro.

9 Naõ permittio el-Rey por muito tempo a auſencia do P. M. Simaõ, maudou-o viſitar por hum gentil-homem da Corte com ordem, que o conduziſſe pera Lisboa, que era lugar mais ſadio, & aonde poderia melhor convaleſcer; entrou em Lisboa aos dezaſete de Abril, el-Rey o recebeo com ſingular agrado. Ordenou a ſeus miniſtros, q̃ lhe aſſiſtiſſem com tudo o neceſſario pera o gaſto de ſua peſſoa. Vendo o Padre a liberalidade del-Rey, lhe agradeceo muito, pedindolhe por primeiro favor o deixaſſe ſeguir o coſtume, que os da Companhia athe entaõ obſervavaõ, de ſe hoſpedar nos hoſpitais. Niſto fez tais inſtancias, que o Rey, ainda que com difficuldade, veyo no que o Padre pedia, permittindo, aſſiſtiſſem no hoſpital, em quãto lhes naõ aſſinava caſa propria.

10 Havida licença del-Rey, ſe recolheo com ſeu companheiro no hoſpital de todos os Sanctos, & eſta foi a primeira caſa, que neſte Reyno teve dentro de ſi de aſſiſtencia aos Padres da noſſa Companhia. Naõ obſtante continuarem as quartans, o Padre Simaõ em nada ſe poupava,

pre-

pregando, confeſſando, ajudando os enfermos, & edificã-do a todos.

11 Tres mezes havia ja, que eſtava em Portugal, ſem o largarem as quartãs, quando nos principios de Junho de mil quinhentos, & quarenta chegou a Lisboa Saõ Franciſco Xavier, que por terra viera com o Embayxador. Logo ſe foi ao hoſpital a viſitar ao P. M. Simaõ, que neſta hora eſtava com a ſua quartã: abraçaraõſe, como dous cordeais amigos, que eraõ. Foi tal a virtude daquella viſta, & abraço do Sancto Xavier, que a quartã ſe deſpedio, & nunca mais voltou.

12 Os tres primeiros dias ſe aliviaraõ entre ſi, & alegraraõ eſtes dous fideliſſimos companheiros. No fim dos tres dias el-Rey os mandou ir à ſua prezença. Naõ he explicavel a benevolencia, cõ que os recebeo, & tratou, como Pay a filhos mui amados. Perguntoulhe com meudeza pellas couſas da Cõpanhia, deulhe relaçaõ do governo de ſua caſa, & das ſuas conquiſtas, dos filhos, que tivera, dos que eraõ mortos, & dos que viviaõ, mandou alli vir ao Principe Dom Joaõ, & a Princeza Dona Maria.

13 Depois lhes encõmendou, que, em quanto naõ chegava o tempo da navegaçaõ pera a India, tomaſſem a ſeu cargo doutrinar todos os moços fidalgos, que andavaõ no ſeu Paço, porque queria ſe criaſſem em coſtumes ſanctos. Eraõ eſtes meninos illuſtres, & moços fidalgos quaſi cem, & vinha a ſer toda a flor de Portugal. Eſta occupaçaõ, que então el-Rey encõmendou aos Padres, durou athe o tempo del-Rey Dom Sebaſtiaõ, em que o companheiro do Padre Confeſſor del-Rey ſe occupava em enſinar eſtes meninos, & moços fidalgos. Contava depois o Padre Miguel de Souza da noſſa Companhia, que ſe achou prezente, porque era menino fidalgo do ſerviço del-Rey, que neſte dia concorrera gente innumeravel ao Paço, pera verem, cõmo diziaõ, os Padres Sanctos vindos de Roma; & que depois de ſe deſpedirem da prezẽça del-Rey, eſte ficara dizendo: *Saõ varoẽs Apoſtolicos, ſaõ varoẽs Apoſtolicos*; & que deſte ditto (que tem grande força os dos Reys) ſe originou o glorioſo nome de Apoſtolos, com que Portugal honra aos da Companhia.

14 Vioſe, quam bem lhes quadrava eſte nome nas obras, que depois fizeraõ, com que o confirmaraõ, & adqui-

quiriraõ no povo. Tratou logo o Apoſentador del-Rey de dar ordem, a que os Padres ſe mudaſſem pera hũas caſas, que lhes eſtavaõ cuſtoſamente preparadas, aonde haviaõ de ſer tratados, como peſſoas tanto do agrado del-Rey.

15 Porem como ja o P. M. Simaõ eſtava apoſentado no hoſpital, & nelle paſſara os tres dias de hoſpede o Padre Saõ Franciſco, nenhuma diligencia baſtou, pera mudarem de hoſpedagem. Por tanto ſahindo do Paço, que entaõ era o edificio, aonde hoje no rocío de Lisboa eſtà o Tribunal da Sancta Inquiſiçaõ, ſe foraõ ao hoſpital, que eſtà no meſmo rocío.

16 Logo trataraõ os dous Padres de exercitar em Lisboa noſſos miniſterios. Fizeraõ, com que os meninos, & moços fidalgos ſe confeſſaſſem, & commungaſſem todas as feſtas feiras. Os Padres os ouviaõ de confiſſaõ, & depois lhes davaõ a Sagrada Cõmunhaõ. O bom exemplo dos filhos ſeguiraõ muitas peſſoas illuſtres; a muitas deraõ os Padres os Exercicios de Sancto Ignacio. Começouſe a introduzir a frequencia dos Sacramentos, que antes sò ſe chegava a gente a elles pella quareſma, & havia neſta materia notavel deſcuido, q̃ pouco a pouco ſe foi pella Cõpanhia deſterrando em todo eſte Reyno de Portugal, como na mais Chriſtandade: & foi hum dos ſingulares frutos, que neſte mundo fez a Companhia.

17 O theor da vida dos dous Padres era mais de Anjos do Ceo, que de homens da terra. Grande parte da noite ſe lhes hia em vela, oraçaõ, liçaõ eſpiritual, o menos tempo era do deſcanço. Viſitavaõ os enfermos logo de menhã. Tambem frequentemente viſitavaõ os carceres; pregavaõ, & doutrinavaõ, tudo cõ grande moçaõ do povo. Ouve delles geral opiniaõ de virtude, & a ſua ſingular modeſtia, com que eraõ viſtos nas praças, & ruas, era hũa efficaz pregaçaõ a toda a ſorte de gente: dizia delles o povo, que eraõ de tanta virtude, que tinhaõ paſſado o Tejo a pè enxuto. Tal era a opiniaõ, que delles corria, que naõ achavaõ ſer couſa fora da ſua virtude eſte prodigio, que em verdade naõ tinha acontecido.

C A-

Digitized by Google

CAPITULO XIII.

Do grande affecto, que el-Rei moſtrou aos Padres. Como ſe reſolveo, que foſſe pera a India hum, & ficaſſe o outro em Portugal.

1 EM certa occaſiaõ eſtando el-Rey a hũa janela com o Marquez de Villa Real Dom Pedro de Menezes, paſſaraõ por defronte os dous Padres com tal compoſtura, & modeſtia, q̃ el-Rey diſſe pera o Marquez: *Que vos parecem eſtes homens?* Reſpondeo o Marquez cõ grande abonaçaõ da virtude dos Padres: tornou el-Rey: *A mim, vos digo, que me parecem huns Apoſtolos.* A repetiçaõ deſte nome na bocca del-Rey vindo à noticia do povo nos ratificou nome taõ authorizado.

2 El-Rey ſe affeiçoou de tal ſorte a todos os da Companhia, que logo procurou do Sũmo Pontifice Paulo terceiro, que confirmaſſe a Companhia: pera iſto eſcreveo a ſeu cunhado o Emperador Carlos quinto, & a el-Rey Franciſco de França ſeu grande amigo, que diante do Sũmo Pontifice procuraſſem a meſma confirmaçaõ.

3 No meſmo tempo continuavaõ os Padres nos ſeus Apoſtolicos miniſterios. Ajuntouſelhes alli no hoſpital o Padre Gonçalo de Medeyros, que foi o primeiro Noviço da Companhia em Portugal, de cujas virtudes em ſeu lugar ſe fará a devida menção.

4 Confirmada a Companhia em 27. de Setembro de 1540, em cuja glorioſa obra tanto ſe deve a el-Rey Dõ Joaõ o terceiro, movido com a virtude, que vio nos dous Padres, tratou de nos dar morada, edificandonos hũ grandioſo Collegio, em que ſe criaſſem Miſſionarios pera a India, & ſogeitos, que em Portugal aproveitaſſem aos pòvos.

5 Neſte tempo chegandoſe o inverno, el-Rey, ſegundo o coſtume dos Reys de Portugal, ſe retirou ao ſeu Paço da Villa de Almeyrim defronte de Santarem. Mandou ir em ſua companhia aos Padres; alli os fez hoſpedar em hũas cazas vizinhas à horta do Paço. Eſtas cazas depois ſe accomodaraõ melhor por ordem del-Rey Dom Sebaſtiaõ,

tiaõ, & nellas ſe recolhiaõ os noſſos Padres, que ſeguiaõ a Corte. Todos os dias hiaõ dizer Miſſa a hũa Ermida de Saõ Roque. Quatro eraõ ja os Padres, a ſaber Saõ Franciſco Xavier, o P. M. Simaõ, & os Padres Paulo Camerte, & Gonçalo de Medeyros. Todos em Almeirim faziaõ os meſmos miniſterios, que em Lisboa.

6 Vindoſe ja chegando a primavera, que he o tempo ordinario da viagem da India, el-Rey ſe moſtrava menos affeiçoado a deixar partir os Padres pello muito affecto, q̃ lhes tinha cobrado, por cauſa do fruto, que faziaõ no povo, & na mais gente do ſeu Reyno. Como os Padres inſtaſſem, em ordem a por corrente a ſua viagem, poz el-Rey em conſelho de Eſtado, ſe deixaria ir aos Padres, ou ſe os deteria em Portugal.

7 Neſte conſelho foraõ diverſos os pareceres. O Infante Dom Henrique, julgou, que el-Rey deixaſſe ir aos Padres pera a India, dizendo ſerem eſcuſadas em Portugal Religioẽs novas; & que ſe devia ir muito attento com os Padres, pois tinhaõ andado nas regioẽs do Norte, por aquelles miſeraveis tempos taõ corruptos com a herezia. Eſtava o Infante ja neſte tempo com algũas tintas menos ayroſas das couſas da Companhia, por iſſo naõ goſtava tãto dos Padres. A eſte parecer ſe encoſtaraõ outros, dando por rezaõ, que em Portugal naõ havia delles a neceſſidade, que na India.

8 Outros com o Infante Dom Luis foraõ de parecer, que os Padres deviaõ ſer retidos em Portugal, porque alẽ de outras rezoẽs, aſſim ſe acodia melhor à India, porque os Padres admitiriaõ outros, & informados no meſmo eſpirito, poderiaõ ſucceſſivamente ir acodindo à India, & ſervir ao Reyno, que pera tudo haveria, fundandolhe el-Rey caſa, & dandolhe rendas. Eſte parecer, que entendiaõ ſer o del-Rey, teve por ſi os mais votos. E neſta reſoluçaõ ficou por entaõ el-Rey. O Padre Saquino na ſegunda parte da hiſtoria geral, livro quarto, numero cento & ſetenta & dous, tem, q̃ Bento Ugueciено Caſtelhano filho de pays Florentinos, que nos edificou o Collegio de Bellimar junto a Burgos, pello grande amor, que cobrara aos Padres, dandolhe o P. M. Simaõ os Exercicios de Sancto Ignacio fora o primeiro, que dera conſelho a el-Rey, que deyxaſſe antes ficar os Padres em Portugal, mas que depois ſe ti-

vera por melhor conſelho ir hum, & ficar outro.

9 Tanto que os Padres, muito antes deſte conſelho, entenderaõ a inclinaçaõ de ſua Mageſtade, fizeraõ aviſo a Sancto Ignacio, o qual communicou tudo ao Summo Põtifice, cujo parecer foi, que os Padres em tudo ſe accõmodaſſem à diſpoſiçaõ del-Rey; & eſte parecer era tambem o de Sancto Ignacio; & logo aviſou aos Padres, deixaſſem correr as couſas, ſegundo a vontade del-Rey. Porem na carta, que o Sancto Patriarca eſcreveo a Dom Pedro Maſcarenhas, falando ſobre eſte negocio, dizia; que ſe ſua Mageſtade no caſo prezente lhe perguntaſſe, o que ſentia, ſeria o ſeu parecer, que o Padre Meſtre Franciſco foſſe pera a India, a tratar da converſaõ dos gentios, & o P. M. Simaõ ficaſſe em Portugal, pera fundar o Seminario, que ſua Mageſtade intentava fazer. Lendo Dom Pedro a el-Rey eſta carta, ſem demora mudou a reſoluçaõ, ſentindo ſer o parecer de Sancto Ignacio em tudo mais prudente, & acertado, porque com elle ſe acodia a ambas as partes.

10 Chamou aos dous Padres, & lhes declarou a ſua reſoluçaõ. Foraõ os effeitos mui diverſos. Saõ Franciſco ficou alegriſſimo com a nova, & o P. Simaõ triſte, & magoado. Deu a entender a el-Rey eſta ſua pena com palavras cheas de rendimento, & ſubmiſſaõ, acreſcentando, q̃ ainda que por entaõ naõ hia; naõ perdia as eſperanças, de no tempo adiante conſeguir eſta boa dita.

11 Chegado o tempo, & dia de ſe embarcar o P. M. Saõ Franciſco, foi cõ elle a bordo o P. M. Simaõ, alli quaſi entre os ultimos abraços, deſcobrio o Padre Saõ Franciſco ao P. M. Simaõ hum ſegredo, que sò entaõ quiz manifeſtar, por ver ſe lhe começava a dar cumprimento. *Lembrado eſtareis*, diſſe o Padre Saõ Franciſco, *daquelles brados, que me ouviſtes em hum hoſpital de Roma, quando com voz em grito dizia*, mais, mais, mais; *muito dezejaſtes entaõ ſaber, que brados eraõ eſtes; agora volos declaro: reprezentou-me Deo os trabalhos da India, cuja navegaçaõ hoje começo, & foi tal o animo, que entaõ me deu, que ſabi naquelles gritos. Rogay por mim a Deos, que pois me deu tãto animo, quãdo os ſonhei, daqui por diante, que os começo, me aſſiſta, pera os padecer.* Finalmente deu à vela Saõ Franciſco de Xavier pera o Oriente aos ſete de Abril de mil quinhẽtos quarẽta, & hum; havẽdo eſtado em Portugal dez mezes: & neſte Reyno fez ſua profiſſaõ de quatro votos. CA-

Digitized by Google

CAPITULO XIV.

Mudaſe o P. M. Simaõ pera a caſa de Sancto Antaõ o velho, paſſa a fundar o Collegio de Coimbra.

1 DEpois que Saõ Franciſco Xavier ſe fez à vela pera a India, naõ deixou logo o ſeu hoſpital o P. M. Simaõ. Dalli continuava nos exercicios, que antes fazia. Vendo elle, que a fundaçaõ do Seminario, porque ficou em Portugal, ſenaõ effeituava, & o negocio eſtava em calmaria, entrou de novo em penſamentos, de no anno ſeguinte ſe partir pera a India. Deu conta a Sancto Ignacio, que naõ veyo em tal reſoluçaõ. *Tell. 1 p. cap. 16. n. 2.*

2 Succedeo neſte meyo tempo vagar o Moſteiro de Noſſa Senhora de Carquere, que fora dos Conegos Regrantes de Sancto Agoſtinho. Naõ eſperava el-Rey outra couſa, ſenaõ ter renda, que dar pera o novo Collegio: por tanto logo deu eſta ao P. M. Simaõ, & aſſentou, q̃ o Collegio ſe fundaſſe em Coimbra, aonde o Rey havia fundado antes a Univerſidade, a cujos eſtudos concorria o melhor de toda a flor deſte Reyno. O ditto Moſteiro he no Biſpado de Lamego. Pouco depois o trocou o P. M. Simaõ pella commenda de Sancto Antaõ de Benoſpera: a rezaõ, que pera iſto teve, foi a ſeguinte.

3 Dezejava o Padre ter caſa em Lisboa, aonde receber ſogeitos, com que dar principio à fundaçaõ do Collegio de Coimbra, & tambem pera ſe agazalharem os noſſos, que haviaõ de ir pera as Miſſoẽs, & em Lisboa haviaõ de tratar os negocios da fundaçaõ, & tambem pera naõ faltarem noſſos miniſterios na Corte. Todas eſtas rezoẽs, como ſe ve, eraõ mui forçoſas.

4 Junto ao Caſtello de Lisboa havia hum Moſteiro de Conegos da ordem de Sancto Antaõ, ſogeito ao de Beneſpera, que eſtava reduzido a cõmenda, & a lograva hũ Biſpo por nome Dom Ambroſio, que era Religioſo dos Conegos de Sancto Antaõ. A origem deſta caſa, & o mais das mudanças, que nella ouve, antes de vir a ſer da Cõpanhia, refere o Padre Telles na primeira parte da hiſtoria deſta provincia, nem ao meu intento ſerve mais, que hũa noticia

noticia muito pello groſſo deſtas couſas, por naõ correr a narraçaõ defeituoſa, & della trato difuſamente na fundaçaõ do Collegio de S. Antaõ.

5 Com o ditto Biſpo fez troca o P.M. Simaõ, dandolhe o Moſteiro de Carquere, que hoje he do Collegio de Coimbra, por eſta commenda de Sancto Antaõ, onde entrava a caſa de Lisboa. Feito eſte contracto, & tomada a poſſe, o P. M. Simaõ ſe mudou pera eſta caſa aos ſinco de Janeiro de mil ſeiscentos quarenta, & dous, deixando o hoſpital, aonde athe entaõ aſſiſtia. A eſcritura deſta troca ſe fez no anno ſeguinte, depois de ſe porem as couſas expeditas em Roma.

6 Iſto he o que neſta materia tem a hiſtoria deſta provincia; & os mais documentos dos noſſos cartorios; dõde ſe ve a fallencia de naõ ſei que tradiçaõ, que ouço dizer ha na caſa de Sancto Antaõ o velho, de ſe moſtrar alli o o cubiculo, aonde morava Saõ Franciſco Xavier; pois o Sancto, excepto o tempo, que eſteve em Almeyrim, aſſiſtio no hoſpital, & no meſmo eſteve o P. M. Simaõ, ainda depois de ir o Sancto pera a India, quãto vai de Abril athe ſinco de Janeiro de 1542, em que os Padres da Cõpanhia começaraõ a morar naquella caſa. Succede às vezes naſcerem ſemelhantes tradiçoẽs de algum principio ligeiro, &, como dizem tanto com a piedade, ſe abraçaõ facilmente, & muitas vezes prevalecem, quando naõ ha couſa, que as encontre, o que eſta naõ tem.

7 Neſta caſa recebeo o P. M. Simaõ alguns bons ſugeitos, homens ja de idade feita, & expeditos pera em breve exercitarem os noſſos miniſterios. Naquella caſa, como em propria, ſe começaraõ a por em ordem os governos domeſticos de hũa communidade. Eſta foi em todo o mũdo a primeira caſa, que teve a Companhia, excepto a de Roma, que foi may de todas. Era hũa como reſidẽcia pertencente ao Collegio de Coimbra, que no meſmo anno teve ſeu principio. Eſte edificio, depois da fundaçaõ do novo Collegio de Sancto Antaõ, ſe largou aos Padres de Sãcto Agoſtinho, que hoje ſaõ delle moradores.

8 Com alguns dos ſugeitos, que aqui recebeo na Cõpanhia o P. M. Simaõ, & outros, que Sancto Ignaçio lhe enviou, deixando o governo da caſa ao Padre Gonçalo de Medeyros, em nove de Junho deſte anno de mil quinhentos

nhentos quarenta, & dous se partio pera Coimbra a dar principio àquelle Real, & grandioso Collegio, q̃ foi o primeiro de toda a Companhia; porque a casa de Sãcto Antaõ sò era hũa residencia a elle sugeita.

9 Chegaraõ a Coimbra em treze de Iunho, & por ordem del-Rey foraõ hospedados no Real Mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra. Depois dispõdo em forma de Collegio algũas casas no sitio, em que hoje se ve aquella Real fabrica, dia da Visitaçaõ da Senhora se passou a ella cõ seus companheiros, aquem poz por Reytor ao Irmaõ Diogo Miraõ, que ainda naõ era Sacerdote. Dispostos assim os principios do Collegio de Coimbra, o P. M. Simaõ se voltou a Lisboa, como el-Rey lhe ordenara, pera dar calor aos augmentos do novo Collegio, & mais acrescentamẽtos da Companhia.

10 No anno de mil quinhentos quarenta, & tres por rezoẽs mui forçosas tirou o Summo Pontifice a limitaçaõ, que tinha posto na Companhia, de que os Professos naõ passassem de sesenta. Foi o P. M. Simaõ dar esta nova a el-Rey, que a festejou, como quem era Pay da Companhia. Perguntoulhe entaõ: que subditos tinha no seu Collegio de Coimbra? Respondeo o Padre, que eraõ vinte, & sinco. Tornou el-Rey: & porque naõ faõ mais? A isto respondeo o Padre: Senhor naõ chegaõ a mais as rendas. Entaõ disse el-Rey: Padre naõ ponhais termo algum ao Espirito Sancto, recebei na Companhia quantos quizerdes, q̃ eu darei o sustentaçaõ pera todos.

11 Com esta Real liberalidade o Collegio, aquẽ athe entaõ sò dava el-Rey o sustento pera vinte, & sinco, de sorte se foi augmẽtãdo, q̃ por vezes chegaraõ a estar nelle duzentos, & sincoenta Religiosos, como tẽ a historia desta Provincia. A exençaõ de poderem os Professos na Cõpanhia passar de sessenta se deve em boa parte ao P. M. Simaõ, porque, vendo nosso Sancto Padre os progressos da Companhia em Portugal, pedio ao Summo Pontifice tirasse a sobredita limitaçaõ. Esta mesma tinha sido a causa em parte de o Padre Mestre Simaõ naõ receber em Coimbra mais sugeitos; por quanto era taõ curto o numero, que pera toda a Companhia sò havia licença pera sessenta Professos.

CA-

CAPITULO XV.

Como o P. M. Simaõ rejeitou o Biſpado de Coimbra, he Meſtre do Principe Dom Joaõ. Refere ſe ſua grande humildade, deſapego de parentes, & merces, que el-Rey lhe fazia.

1 ERa o P. M. Simaõ homem de grandes talentos. O trato taõ affavel, & feiticeiro, que lhe cobravaõ notavel amor os que o tratavaõ. El-Rey Dom Joaõ o amou tanto, que naõ ſofria tello auſente de ſi. Apenas pellas Paſchoas principais lhe dava licença pera ir viſitar o Collegio de Coimbra. Com elle abria ſua alma; communicavalhe as couſas de mais importancia, pera ouvir o ſeu conſelho, por ſer mui prudente, & avizado.

2 Succedeo vagar o Biſpado de Coimbra em 25. de Julho do anno de 1543. por morte de Dom Jorge de Almeyda. Dezejou el-Rey darlhe eſte Biſpado, aſſim por ſer elle peſſoa, que enchia ſemelhãte dignidade, como pera maior adiantamento do ſeu Collegio, & da Univerſidade, que tudo eſtava nos ſeus principios. Deſcobrio eſta ſua vontade, & motivos della ao P. M. Simaõ.

3 Ouvindo eſte couſa, de que eſtava taõ longe, teve notavel pena; repreſentou a el-Rey com grande efficacia as ſuas rezoẽs dizendo, que naõ queria elle na Companhia dar ſemelhante exemplo, pois ſabia naõ podia fazer couſa mais encontrada ao goſto de Sancto Ignacio. Vendo el-Rey as ſuas lagrimas, & ſanctos propoſitos ſe deixou deſte provimento. Foi o P. M. Simaõ o primeiro na Companhia, que rejeitou dignidades, ſendo aſſim, que ainda naõ fazião os Profeſſos voto de naõ aceitar dignidades.

4 Como o P. M. Simaõ naõ quiz aceitar eſte Biſpado, el-Rey o proveo em Frey Joaõ Soares ſeu Pregador, & Meſtre do Principe Dom Joaõ ſeu filho. Por cauſa deſta promoçaõ, ficando o Principe ſem Meſtre, eſcolheo el-Rey pera eſta occupaçaõ ao P. Simaõ Rodrigues. Cõcorriaõ nelle as boas prendas, que el-Rey podia dezejar; alem da ſua conhecida virtude era Philoſopho, & Theologo excellente. Sabia as linguas Latina, Grega, Italiana,

&

Digitized by Google

& Franceza. Tinha corrido muitas terras. Todas eſtas couſas faziaõ muito pera a occupaçaõ, que ſe lhe encarregava.

5 Aceitou o P. M. Simaõ eſte cuidado, por naõ ſer deſgoſtoſo a hum tal Rey, & entender, ſer eſta a vontade de Sancto Ignacio, pera melhor ſe acodir às couſas da Cõpanhia. Neſta occupaçaõ, & trato mais familiar com os Senhores da Corte ſe fez ſenhor dos coraçoẽs de todos. Em eſpecial do Infante Dom Luis, Duque de Aveyro, Conde da Caſtanheira, & outros muitos Senhores de grãde ſer, aquem o bom modo, & virtude do P. M. Simaõ tinha como enfeitiçados.

6 Eſta honra em nada mudou a eſte ſervo de Deos, antes lhe ſervio pera ſahir mais ſua pobreza, & humildade. Naõ quiz aceitar algũa tença, ou rendimento, conforme de ordinario daõ os Reys aos que tem ſemelhantes occupaçoẽs. Ao Paço hia pobremente veſtido com hũa roupeta velha, & algũas vezes parda, atada no collar com hũa ataca de couro branco. Reparandolhe alguns Cortezaõs neſta humildade de veſtido em hum Meſtre de hum Principe, reſpondia, que os ruins veſtidos nos Meſtres naõ tiravaõ o dar bons aviſos aos diſcipulos.

7 Os ſeus caminhos, ou indo a Coimbra, ou ſeguindo a Corte eraõ em cavalgaduras de albarda, naõ querendo admittir as mulas bem aparamentadas, que por cauſa da ſua occupaçaõ ſe lhe offereciaõ. Caminhando elle neſta forma de Evora pera Coimbra, ſuccedeo encõtrarſe com o R. P. Frey Antonio Moniz Reformador do Conuento de Tomar, que hia com outras peſſoas pera a ſua quinta da Cardiga.

8 Logo que deu com os olhos no P. M. Simaõ, ſe apeou, & o meſmo fizeraõ os mais. Foiſe a elle, abraçou-o, deixa o caminho da Cardiga, volta a Tomar, pera o agazalhar no ſeu Convento. Cõ hũa urbanidade cortez, & de amigo lhe eſtranha ir cõ tãto incõmodo, pedindolhe, naõ quizeſſe deſautorizar aos Principes, de quem era Meſtre, sò por ſe mortificar a ſi. A volta deſta queyxa lhe fez força, pera aceitar hũa bem preparada mula. Sorriſe a tudo o P. M. Simaõ; & lhe diſſe eſtas palavras: *Bem ſabeis, Senhor Frey Antonio, quanta honra Deos poz no deſprezo della, & quanto lẽ authorizada a humildade, da qual eu me quero valer,*

ler, pera reſponder a Alteza do Principe; que pois em mim naõ ha outra couſa, com que o poſſa authorizar, juſto he, que o honre com moſtras de pobreza, & com ſinais de humildade: a eſta conta, com voſſa boa licença, hey de continuar o caminho na poſtura, em que o tenho começado. Aſſim o fez, como o diſſe, edificãdoſe muito aquelle graviſſimo Religioſo de humildade taõ ſingular.

9 Sendo Meſtre do Principe, & Provincial da Companhia hia muitas vezes pello meyo de Lisboa veſtido de pardo com hũ caldeiraõ às coſtas levar de comer aos prezos. A obrigaçaõ de aſſiſtir no Paço lhe era mui penoſa, hũas vezes lhe chamava o ſeu purgatorio, outras o ſeu cativeiro. Eſcrevendo ao Reytor do Collegio de Coimbra, lhe dizia em hũa carta, que de melhor vontade ſeria Carreiro do Collegio, que Meſtre do Principe. Por vezes ſe lhe ouvio dizer, que a maior mortificaçaõ, que tivera depois de ſer da Companhia, fora naõ ir pera a India com o P M. Franciſco, & a ſegunda andar na Corte entre honras do mundo.

10 Tendo tanta entrada no paço, nunca pertendeo couſa algũa pera ſeus parentes, nem por ſua via tiveraõ deſpacho algum, ainda que intentaraõ aprovcitarſe do ſeu valimento. As ſuas interceſſoẽs eraõ, no que tocava a ſua May a Cõpanhia, neſta materia tinha el-Rey ſingular goſto de lhe fazer merce, eſte ſe via no aſſinar as proviſoẽs, cartas, & portarias eſtando em pè, por qualquer Religioſo noſſo, que ellas foſſem eſcritas.

11 Hũa vez fallando a el-Rey ſobre hum negocio da Companhia, que alguns grandes do Reyno encontraraõ; el-Rey o animou, dizendo: *Deixaios dizer, Meſtre Simaõ, bom procurador tendes em mim: no que for neceſſario pera bẽ da Companhia, naõ acudais a outrem, ſenaõ amim, nem outrem me falle em voſſas couſas, ſenaõ vòs.*

12 Em outra occaſiaõ fallando com el-Rey lhe diſſe, em como o Collegio de Coimbra tinha creſcido no numero de cem Religioſos, que eraõ neceſſarias alfayas, pera as quais pedia a ſua Mageſtade, lhe mandaſſe dar algũa eſmola. Mandou logo el-Rey, ſe lhe deſſem cem mil cruzados. Agradeceo o Padre taõ Real merce, & liberalidade, beijãdo a maõ a el-Rey: porem replicou, que naõ era neceſſario tanto, que com dezoito mil cruzados ſe comporia tudo.

Digitized by Google

do. Fezſe a portaria, & ſe contou o dinheiro ao Padre.

13 Succedeo neſte tempo virẽ novas, dé que o Turco intentava ir ſobre a Cidade de Ceuta, chave de tôda a Heſpanha no eſtreito de Gibaltar, que hoje he del-Rey de Caſtella. Pareceo, ſer preciſo fortalecerſe, & proverſe bẽ aquella praça, o que naõ podia ſer ſem grandes deſpezas. Logo o P. M. Simaõ ſe foi ter com el-Rey, dizendo, que pois naõ tinha, com que ſervir a ſua Mageſtade, ſenaõ cõ as merces, que de ſua Mageſtade recebera: alli eſtavaõ em ſer os dezoito mil cruzados, que delles ſe ajudaſſe, pois eſtava primeiro o bem commum, que o particular do ſeu Collegio. Eſtimou el-Rey muito eſte offerecimento, & por ſer tal o aperto uzou delle. Depois fez ao Padre merces dignas de ſua liberalidade, dando todo o dinheiro neceſſario pera correrem as obras do Collegio, & pera ſuſtẽto dos Religioſos, ordenando ao Padre, que trataſſe logo de dar principio a fundaçaõ.

CAPITULO XVI.

Do zelo, que o P. M. Simaõ tinha do bem das almas, & quanto affervorou a ſeus ſubditos.

1 NO anno de 1543. chegou a Lisboa hum gentio da India por Embayxador de ſeu Rey ao de Portugal. Doeoſe el-Rey Dom Joaõ da cegueira daquelle homem, a quem por ſuas boas partes eſtimava. Encomendou ao P. M. Simaõ, que fizeſſe pello converter. Tomando o Padre iſto à ſua conta, ſe fez amigo do Embayxador, viſitou-o, & elle ficou taõ pago do bom modo do P. M. Simaõ, que lhe vinha à caſa de Sancto Antaõ pagar as viſitas. Depois deſta amizade mutua, o Padre ſe meteo no negocio da converſaõ. Foi o ſucceſſo, como ſe dezejava. O Embayxador abraçando noſſa fé ſe bautizou com geral applauſo de Lisboa, ſummo goſto del-Rey, & muito credito da virtude do P. M. Simaõ.

2 Naõ havia pera eſte ſervo de Deos couſa de maior goſto, que o bem das almas, poriſſo naõ obſtante a occupaçaõ do Paço, acodia frequentemente a fazer praticas nas

praças, a viſitar os hoſpitais, & ſemelhantes miniſterios. O ſeu dezejo de ir à India foi ſempre mui notorio a Saõ Franciſco de Xavier: poriſſo o Sancto, quando ſe embarcou pera a China eſcrevendo ao P. M. Simaõ lhe diz na carta eſtas palavras: *Irmaõ Meſtre Simaõ, ſe noſſo Senhor for ſervido de agora ſe manifeſtar entre gente taõ diſcreta, & engenhoſa, parece, que naõ deveis deixar de vir à China, cumprir voſſos ſanctos dezejos. Se Deos là me levar, eu vos eſcreverei da diſpoſiçaõ da terra: tanto dezejo tenho de vos ver, Irmaõ meu Meſtre Simaõ, antes de acabar eſta vida, que ſempre ando cuidando, como poderei effeituar eſtes meus dezejos.* Athe aqui a clauſula daquella carta.

3 Como o P. M. Simaõ naõ podia ſatisfazer na India ao ſeu grande dezejo de ſalvar almas, em Portugal o compria, quanto eſtava na ſua maõ; fazendo, que os ſeus ſubditos foſſem neſta materia mui zeloſos. Em Coimbra tinha dado aviſo, & ſe guardava inviolavelmente, que ſe algum noſſo tratando com gente de fora, ao tempo do jantar naõ tiveſſe exhortado a algũa peſſoa ao bem de ſua ſalvaçaõ, antes de ir à meſa, fôſſe dar conta deſte ſeu deſcuido ao ſuperior, & ſem iſſo naõ pudeſſe ir jantar. Que na verdade era bom deſpertador, pera ter neſta materia grãde lembrãça, & tal era a virtude daquelles ſervos de Deos, que naõ faltavaõ em executar, ou hũa, ou outra couſa.

4 Ordenava, que as miſſoẽs ſe fizeſſem a pè, sò com hum bordaõ na maõ, com o breviario debayxo do braço, & que as caſas, em que ſe recolheſſem, haviaõ de ſer os hoſpitais.

5 No anno de 1543. foi com licença del-Rey paſſar a feſta do Notal em Coimbra, aonde foi grande o alvoroço de todos, eſtavaõ na meſa ao tempo, que chegou à portaria; logo ſem poderem ter maõ em ſi, interromperaõ o jãtar, & foraõ tomar a bençaõ a taõ amado, & Sancto Pay. Neſta occaſiaõ teve ſeu principio a piedade, que nas noites do Natal ha neſta noſſa Provincia, porque ouve preſepio, & alli ſe foraõ offerecer a Deos Menino com ſuaviſſimos colloquios.

6 Muitas vezes ajuntava a todos na Capella, fazialhes praticas, os principais pontos eraõ, encommendarlhes a uniaõ fraterna, dizendo, que os da Companhia haviaõ de ſer como hum coraçaõ, & hũa sò alma. Tambem exhortava

hortava muito, que os noſſos foſſem em tudo mui lizos, & homens de coraçaõ lavado, & ſem reſolho. Que no trato dos ſeculares foſſem prudentes, & acautelados; porque naõ ſuccedeſſe, meterſe no Inferno a ſi, quando deviaõ meter a todos no Ceo. Que na materia da pureza foſſem Anjos, dizendo, que Deos naõ permittia, perſeveraſſe na Cõpanhia, quem neſta virtude lhe naõ era fiel.

7 Em hũa das noites da feſta do Natal, em que eſtava com os mais na capella, ordenou a todos, que nenhum ſe moveſſe do lugar, aonde eſtava; levantouſe elle do ſeu, & poſto de joelhos no meio da capella pedio a todos com lagrimas, que pois elle era homem, & que errava; ou alli em publico, ou em particular, como mais quizeſſem, o advertiſſem dos ſeus erros nos officios, & occupaçoẽs, que tinha, pois delles havia de dar conta mui eſtreita a Deos. Apoz iſto beijou os pès a todos, & a todos enterneceo.

8 Com eſtas ſanctas praticas, & exemplos meteo no Collegio notavel fervor, & grande deſprezo do mundo. Havia ja nelle peſſoas mui authorizadas hũas por letras, outras por ſangue, todas por virtude. Eſtes ſahiaõ em corpo pobremente veſtidos a levar recados à Cidade, como ſe foſſem moços deſtinados pera eſte miniſterio. Outros hiaõ buſcar agoa com o carro do Collegio. Outros com as mullas hiaõ buſcar o neceſſario pera o provimento do Collegio, como ſe pera iſto sò os ſuſtentaſſe a caſa.

9 Eſtas mortificaçoẽs, que ſaõ indicio certo de amor à virtude, foraõ mui familiares naquelles bẽditos tẽpos; & o P. M. Simaõ nellas coſtumava exercitar naõ sò aos q̃ ja eraõ da Companhia, mas aos que nella pertendiaõ entrar: entendendo naõ ſer ſogeito capaz pera a Companhia, quẽ fazia cazo da eſtimaçaõ propria.

CAPITULO XVII.

He o P. M. Simaõ meio pera entrar a Companhia em Caſtella. Padece algũas perſeguiçoẽs. He viſitado del-Rey em hũa enfermidade.

1 DEzejava muito Sancto Ignacio, que a Companhia entraſſe em Caſtella, pera comprimento deſtes dezejos do Sancto Padre, ouve hũa boa occaſiaõ

no cazamento da Infanta Dona Maria filha del-Rey Dom Joaõ com o Principe Dom Philippe filho de Carlos Quinto. El-Rey Dom Joaõ tratou o ponto da Companhia com o P. M. Simaõ, dizendolhe, alcançaſſe de Sancto Ignacio dous de ſeus primeiros companheiros, os quais com titulo de acompanhar a Infanta, dilataſſem a Cõpanhia em Caſtella. Eſcreveo ao ſeu Embayxador em Roma, pediſſe os dous a Santo Ignacio, & naõ podendo ſer, pello menos hum, que ſeria ou o P. Diogo Laynes, ou Pedro Fabro: & apontava mais dous Padres, que foraõ Capellaẽs das Infantas Dona Maria, & dona Joanna filhas de Carlos Quinto.

2 Tanto que em Alemanha, onde eſtava, ſe pode deſocupar o P. Fabro, veyo por Lovaina a Portugal. Neſta occaſiaõ veyo, alem de outros, o famoſo Pregador Irmaõ Franciſco Eſtrada, que ainda naõ era Sacerdote, & já com ſuas pregaçoẽs enchia de aſſombro as Cidades, onde prégava; & agora depois de aſſombrar Lovaina, fez grandes abalos na de Coimbra. Por cauſa dos mui abalizados ſogeitos, que por ſeu meyo Deos trouxe em Coimbra à Cõpanhia, teve aſſim a Companhia, como o P. M. Simaõ neſte tempo algũa moleſtia, que sò ſervio pera mais o ouro ſe apurar.

3 Corria o anno de 1544, quando vendo muitos da Univerſidade naõ sò ſeculares, mas Religioſos os muitos eſtudantes, que entravaõ na Companhia, os quais eraõ os olhos da Univerſidade, & as eſperanças do Reyno, começſarem a murmurar de noſſas couſas, & ainda a fazelas ſoſpeitoſas em pontos taõ vidrentos, como ſaõ os da fé, dizendo, que tais mudanças pareciaõ encanto, & que ſe podia temer, naõ occultaſſem as apparencias de virtude, que nos noſſos ſe viaõ, alguma grande maldade, que quando rompeſſe tiveſſe mui difficultoſo o remedio.

4 Sobre eſta materia ſe fizeraõ papeis, nos quais apontavaõ as importancias, que avia, de que as doutrinas, & modo dos da Companhia foſſe examinado, & apurado. Eſtas papeladas ſe enviaraõ ao Infante Cardeal Dom Henrique; ſabiaõ elles, ſer eſte Principe pouco affeiçoado á Companhia. Tomou elle o negocio a ſi, como quem era Inquiſidor Geral, & tinha outros grandes poderes. Primeiro diſſe a El-Rey, que avia de ſer ſervido, de ſe examinar a dou-

a doutrina dos exercicios, & do P. M. Simaõ, & seus companheiros, pera se tirar de hũa vez a verdade a limpo. El-Rey, que estava mui inteirado da lisura do P. M. Simaõ, & dos mais da Companhia, facilmente veyo em tudo.

5 A diligencia se cometeo ao Reverendo P. Frey Diogo de Murcia da Ordem de Saõ Hieronymo entam Reytor da Universidade: aquem se ordenou, que durante a diligencia, nem o P. M. Simaõ communicasse com os subditos, nem estes a elle tivessem recurso. El-Rey mandou aviso de tudo ao P. M. Simaõ, porque se naõ achasse novo, & que por bons respeitos assim o permittia. Agradeceo o Padre a El-Rey a tal permissaõ, porque assim se veria melhor, quam saã era a Companhia: & de caminho pedio a El-Rey, quizesse Sua Magestade, que elle no entre tãto estivesse preso, pera que saindo culpado, tivesse logo o merecido castigo. Edificousse El-Rey desta reposta, que via nacer de consciencia, que nem devia, nem temia.

6 Fez o Reytor a diligencia com as cantellas, que se lhe encomendaraõ, tomando tudo por escrito. Em especial se informou daquelles, que entraraõ contra o querer de seus parentes; inquirindo, se nos Exercicios viaõ algũas visoẽs, que este era hum dos capitais artigos. Perguntou ao Irmaõ Dom Rodrigo de Menezes, se nos Exercicios tivera algũa visaõ? Sim tive, respondeo: cuidou o Reytor, que estava descuberta a cassa; instou, que disseste a visaõ. *Senhor*, disse Dom Rodrigo, *Vime a mim mesmo, que athe agora me naõ tinha visto: esta foi a visaõ.*

7 Ficou o Reytor mui frio com tal reposta, & dando os autos por concluſos, fechou a devassa, & a remeteo ao Cardeal. O primeiro, que abrio os olhos, foy o Reytor, que depois confessava o seu engano, & a muita virtude do P. M. Simaõ, & de seus companheiros. O segundo o Cardeal Infante, que daqui por diante começou a ver com outros olhos ao P. M. Simaõ, de quem antes se desviava, & a naõ ter receos da doutrina, & vida dos religiosos da Companhia.

8 Neste anno de 1544. por ordem de Sancto Ignacio mandou o P. M. Simaõ ao P. Diogo Miraõ a fundar o Collegio de Valença, tendo ja ido pera Álcalá o Irmaõ Francisco de Villanova, fundador daquelle Collegio. Ja em Castella tinha a Companhia o abrigo da Infanta dona Maria

Digitized by Google

ria, que diſſemos cazara com o Principe Dom Philippe; ainda que eſte lhe naõ durou muito, por quanto eſta Princeſa morreo do ſeu primeiro parto com geral ſentimento de todos, & mais dos Religioſos da Companhia, por terem entrado em Caſtella à ſua ſombra. Tudo por boas induſtrias do P. M. Simaõ pello muito, que cabia com El-Rey Dom Joaõ o Terceiro. Ainda que a Princeſa morreo ſedo, neſſe tempo alcançou licença do Emperador Carlos Quinto, & do Principe Dom Philippe ſeu marido, peraque a Companhia ficaſſe de aſſento em Caſtella.

9 Outra grande perſeguiçaõ a fora a Sobredita teve o P. M. Simaõ, & a Companhia em Coimbra. Faziaõ os noſſos muitas mortificaçoẽs publicas, diſto murmuravaõ muitos, dizendo, que era aſoalhar a virtude, tudo invençoẽs de hypocreſia. Ouve Religioſos, que nos pulpitos pregaraõ contra eſtas mortificaçoẽs. E porque os noſſos varias vezes bradavaõ nas ruas, penitencia, inferno, juizo, morte, & outras palavras, que deſpertaõ a dor dos peccados, ſe puzeraõ por miniſtros Eccleſiaſticos graves penas, peraque naõ bradaſſemos.

10 Pertenderaõ fazer da ſua opiniaõ ao veneravel P. Luis de Montoya Reformador dos Ermitaẽs de Sancto Agoſtinho; oqual, porque via eſtas couſas com outros olhos, deſenganou, aos que o pertendiaõ fazer da ſua parte, com aquellas palavras de Saõ Paulo: *Spiritualis homo omnia judicat, ipſe a nemine judicatur.* Que o varaõ eſpiritual julga todas as couzas, porem eſſe por ninguem he julgado. Dando a entender, que eſtas couſas naõ ſe aviaõ de tomar, como pareciaõ, mas como em ſi eraõ, que pareciaõ imprudencia, & eraõ Sanctidade muy apurada.

11 Fizeraõ varios papeis, & ſe atreveraõ a dar memoriais a El-Rey, & ao Cardeal, nos quais boliaõ com todo o edificio da companhia, dizendo; que toda era hum mero fingimento do P. M. Simaõ, que naõ tinha outras regras mais que o ſeu arbitrio: que era hum homem extravagante, que com as ſuas invençoẽs trazia enganados os melhores ſogeitos da Univerſidade de Coimbra; que a Companhia naõ era Religiaõ: a eſte tom eraõ as mais calumnias.

12 Naõ parou aqui a demaſia dos calumniadores, ouve hum Licenciado, que diſſe muitas afrontas ao P. M. Simaõ

Digitized by Google

Simaõ, & com diabolico atrevimento poz nelle as mãos, porque lhe tinha deſpedido da Companhia a hum ſeu Irmaõ, que era perturbador. Quanto no que tocava a companhia, ſe desfez tudo com moſtrar as bullas, izençoẽs, & privilegios.

13 No que tocava à peſſoa do P. M. Simaõ, naõ fallou elle per ſi palavra, calou, & ſofreo. Porẽ El-Rey tendo noticia do deſaforo, mãdou devaſſar, depois deu ſentença q̃ foſſem os agreſſores lãçados fora dos ſeus Reynos por toda a vida. Aqui ſe vio a charidade do P. M. Simaõ, pedio encarecidamente a El-Rey, perdoaſſe aos culpados. O mais que pode alcançar, foi, que em parte ſe lhe diminuiſſem as penas, & quanto ao deſterro, nunca El-Rey ſe quis dobrar.

14 O muito, que eſte monarca eſtimava ao P. M. Simaõ ſe vio bem em Almeyrim, porque adoecendo o Padre, El-Rey o foy viſitar acompanhado do Principe Dom Joaõ, & dos Prelados, que ſeguiaõ a Corte. Querendo Deos com eſta honra ainda entre os homens authorizar a eſte ſeu ſervo pellas injurias, que tinha ſofrido por ſeu amor.

CAPITULO XVIII.

Apontaõſe algumas mortificaçoens publicas, comque o P. M. Simaõ provava aos ſeus ſubditos.

1 O Eſpirito de mortificaçaõ, q̃ o P. M. Simaõ meteo no Collegio de Coimbra, foi couſa mui admiravel. Porq̃ naõ fallando nas anſias de caſtigar com penitencias os corpos, que ouve tais, que no numero dos açoutes pertendiaõ chegar aos ſinco mil, que o Senhor levou na ſua Payxam, era grãde o dezejo, de ſe veſtirem deſprezivelmente com pelotes, que era certo modo de veſtidos ruſticos, & toſcos, & aſſim veſtidos ſahiaõ pella Cidade.

2 Era o P. M. Simaõ mui liberal em conceder eſtas mortificaçoẽs publicas; & alem diſſo; elle os exercitava com outras. Apontarei algũas mais extravagantes. Chegara o Irmaõ Manoel Alvres, que depois foi miſſionario da India, com o Irmaõ Luis Gonçalves de hũa peregrinaçaõ;

çaõ; dando conta o Irmaõ Luis Gonçalves ao P. M. Simaõ do ſucceſſo da viagem, lhe diſſe em como paſſando pella Cidade de Vizeu nunca pudera acabar com o Irmaõ Manoel Alvres, foſſe a huma venda comprar dous reis de azeite, pera comerem hum pouco de peixe, q̃ ſe lhes dera de eſmola. Logo o mandou chamar o P. M. Simaõ, meteolhe na maõ huma moeda de cobre, & huma almontolia, ordenoulhe, foſſe logo a Vizeu, que diſta como treze legoas de Coimbra, & na meſma venda, onde repugnara entrar, compraſſe aquella moeda de azeite.

3 Abaixou a cabeça o bom Irmaõ, & ſe poz a caminho. Dizia elle depois; imaginar, que a coula naõ era de veras, & acada-paſſo ſe perſuadia, lhe chegaſſe aviſo, de que ſe recolheſſe a caſa. Com eſte penſamento andou as primeiras duas legoas. Entaõ ſe deſenganou, que naõ havia, que eſperar redençaõ. Continua o caminho vivendo de eſmolas, chega a Vizeu, vaiſe à meſma venda, compra o azeite, tira certidaõ, de como alli chegara, & depois de ſinco dias appareceo outra vez no Collegio de Coimbra.

4 No Collegio havia hum Noviço naturalmente briozo, & convinha quebrarlhe aquelle natural, pera ſe fundar em humildade. Mandoulhe o P. M. Simaõ, que veſtido em hum deſprezivel pelote, foſſe como moço de recados à caſa de hum calceteiro, que morava na praça, & levaſſe a concertar humas meyas. Obedeceo o Noviço, & na volta ſuccedeo perder hũa meya, cuja falta ſe achou em caſa. Manda logo o P. M. Simaõ, que volte a buſcar a meya, & pergunte, aos que encontrar pello caminho, ſe deraõ fé della, & ſe ſabiaõ, quem a tiveſſe achado. Tudo cumprio à riſca, tendo muito, que offerecer a Deos nas zombarias, que delle pelas ruas ſe fizeraõ.

5 Mais celebre foi a experiencia, que fez da vocaſſaõ de Ambrozio Ferreyra, que pertendia entrar na Companhia pera Coadjutor temporal. Fora eſte homem inſigne Organiſta do Biſpo de Coimbra Dom Jorge de Almeyda. Por morte do Biſpo o paſſaraõ com partido avantejado ao ſerviço del-Rey: porẽ elle tocado de Deos ſe determinou a entrar em algũa Religiaõ, onde naõ foſſe eſtimado por ſua arte. Eſcolheo a Companhia. De Lisboa paſſou a Coimbra, foiſe ter com o P. M. Simaõ; deſcobriolhe o ſeu dezejo.

6 O

6 O Padre lhe diſſe, que naõ enterraſſe a ſua arte, em que era taõ eminente, na Companhia, que noutra Religiaõ a poderia aproveitar em ſerviço de Deos no culto divino. A iſto reſpondeo, que pois naõ tinha outras riquezas, que deixar por Deos, lhe queria offerecer toda a eſtimaçaõ, que daquella arte lhe podia reſultar, entrando em Religiaõ, onde ella nenhũa eſtimaçaõ tinha.

7 Viſto iſto, diſſe o P. M. Simaõ, pois entrais a fim de ſer deſeſtimado, naõ vos receberei ſem provar eſta voſſa deliberaçaõ com algum acto publico, & ſeja, virdes de dia do Arnado, que he no fim da Cidade athe eſte noſſo Collegio pelas ruas com a caveira de hum morto na maõ, detendovos, a fazer oraçaõ em todas as igrejas, que achardes no caminho.

8 Rigoroſa condiçaõ foi eſta pera Ambrozio Ferreyra. Era mui conhecido em Coimbra, mas tudo venceo o ſeu fervor. Armouſe cõ a oraçaõ, ſahio de caſa com capa, & eſpada, tomou nas maõs a caveira, & comeſſou mui ſezudo a ir devagar pelas ruas. Com tal viſta foi na gente grande o alvoroço, tendo pera ſi, que endoudecera. Os meninos, & gente moça lhe fizeraõ a feſta, que coſtumaõ aos doudos. Quando chegou a fazer oraçaõ na Igreja de Santa Cruz, era tanta a chuſma de rapazes, & gentalha, q̃ pelo livrar de ſuas maõs, ſe interpuzeraõ alguns amigos compadecidos, da que imaginavaõ, ſer loucura. Porém elle nem fazendo caſo da benevolencia dos amigos, nem da gritaria dos rapazes, continuou com a meſma ſeſudeza athe chegar ao Collegio. Alli o recebeo nos braços, & na Companhia o P. M. Simaõ, & entre nòs viveo, & morreo depois ſanctamente.

9 Outras vezes mandava à boca da noite a varios noſſos pela Cidade. Chegando a certas paragens, hum delles tocava hũa campainha, & algum lançava eſte, ou ſemelhante pregaõ: *Lembraivos, irmaõs, que ha gloria pera bons, & Inferno, pera os que eſtaõ em peccado mortal.* Indo hũa noite neſte exercicio ſancto, ſe ajuntou a ellés hum Sacerdote virtuoſo, que ſabia mui bem, onde havia roindades; & guiando aos noſſos, em chegando a lugar competente, lhes dizia em voz bayxa, & porque o naõ entendeſſe o povo, em latim: *Fratres, clamate hic, clamate.*

10 Depois deſtes ſanctos clamores no dia ſeguinte,

mandava diverſos Irmaõs, que com a campainha convidavaõ a gente a ouvir a palavra de Deos, faziaõ exhortaçoẽs mui fervoroſas, de que ſe recolhiaõ copioſos frutos.

11 Hiaõ cõ quartas às coſtas buſcar agoa ao rio Mondego, & a outras fontes publicas: hiaõ pedir pellas portas veſtidos pobriſſimamente; & iſto homens, & mancebos, q̃ havia pouco eraõ o brio da Univerſidade. Tiveraõ eſtas extravagancias ſanctas muitas perſeguiçoẽs de homens, q̃ naõ ſabiaõ as delicadezas da ſabedoria chriſtaã, que nos olhos dos mundanos coſtuma ſer avaliada por doudiſſe.

12 Sobre iſto eſcreveo S. Ignacio, pera que ouveſſe moderacaõ, por ſenaõ levantarem tantas tormentas, quãtas ſe experimentavaõ, dizendo, ſe reduziſſem eſtas ſanctas loucuras a hũa diſcreta mediocridade, regulada ſempre pella obediencia. Naõ condenou o Sancto eſtes fervores, antes tem naquella carta eſtas palavras: *Naõ cuideis, que me deſcontentaraõ voſſas mortificaçoẽs, que eſtas, & outras doudices ſanctas, ſei eu, que as uſaõ os Sanctos com frũto, & ſaõ de muito proveito, pera hum ſe vencer a ſi meſmo, & adquirir mais copioſa graça, em eſpecial nos principios.*

CAPITULO XIX.

Eſcuſa el-Rey o P. M. Simaõ de ir a Roma. He feito Provincial. Lança a primeira pedra em Coimbra. Como ſe ouve contra os que ſe naõ acomodavaõ.

1 COrria o anno de mil quinhentos quarenta, & ſinco, quando Sancto Ignacio, dezejando alliviarſe do cargo de Geral, intentou, q̃ o P. M. Simaõ foſſe a Roma, porque naõ queria tomar eſta reſoluçaõ, ſem a tratar com ſeus companheiros. He couſa eſtranha, que ſendo Sancto Ignacio dentro dos termos da virtude hum dos homens, que no mundo ouve mais politicos, athe o ſobreditto anno nem hũa sò regra tinha eſcrito a el-Rey Dom Joaõ o Terceiro, ſendo tais os favores, que delle a Companhia tinha recebidos, que naõ ouve, quem lhos fizeſſe mayores.

2 Elle a abrigou antes de ſer confirmada, elle procurou

rou ſua confirmaçaõ, & pagou as letras della. A boca chea dizia Sancto Ignacio, que a Companhia mais era del-Rey Dom Joaõ o Terceiro, que ſua. Elle fez, com que entraſſe, & tiveſſe favor em Caſtella. Sendo tudo neſta forma, o S. Padre, quãto entendemos, por ſua humildade lhe naõ tinha eſcrito, dizendo, ſe tinha por indigno de eſcrever a taõ grande Senhor. Tudo o que ſe obrou athe eſte anno, foi por meyo do P. M. Simaõ, a quem Sancto Ignacio eſcrevia, pera que em ſeu nome ſe trataſſem as couſas com el-Rey.

3 Porem agora, como naõ tinha, por quem negociar com el-Rey a ida do P. M. Simaõ a Roma, ſe afoutou, a lhe eſcrever, & abrio caminho ao fazer da-hi por diante muitas vezes. Por ter entendido, dezejava el-Rey ſaber, a ordem das couſas, que lhe tinhaõ acontecido, de ſua converſaõ, das ſuas peregrinaçoẽs, & prizoẽs, de tudo lhe deu conta; & depois veyo a deſcahir na ſua pertençaõ, apontando as cauſas della.

4 Eſtimou el-Rey muito eſta carta, porque tinha alta opiniaõ da virtude deſte Sancto. No que tocava à ida do P. M. Simaõ, lhe ſignificou, ſer lhe couſa mui difficultoſa, deixalo ir; aſſim pella falta, que faria às couſas de ſua conſciencia, & governo, como pella que tambem faria ao enſino do Principe, & moços fidalgos. Acreſcentava, q̃ a Cõpanhia ſem tal eſtẽo, poderia em Portugal ter algum detrimento. Naõ inſtou mais o Sancto Padre, & dilatou aſſim a pertençaõ de ſe alliviar, como da ida do Padre Simaõ Rodrigues athe o anno de 1550.

5 No anno de mil quinhentos quarenta, & ſeis declarou S. Ignacio a Companhia em Portugal por provincia, & foi a ſegunda, que ouve em toda a Companhia, que a primeira, & may de todas foi a de Roma. Della fez Provincial ao P. M. Simaõ. Pello Natal do ditto anno foi o P. M. Simaõ a Coimbra, aſſim pera alli, como outras vezes, gaſtar aquelle ſancto tempo, como pera ler a declaraçaõ da nova provincia. Leo a bulla, que de novo ſahira pera ſe admitirem coadjutores temporais, & eſpirituais; & por eſta occaſiaõ tentou o eſpirito de ſeus ſubditos, pera ver, ſe tinhaõ a indiferença, que nelles queria a Companhia.

6 Ordenou, que cada-hum, lhe deſſe por eſcrito o ſentimento, que tinha do grao, a que na Companhia mais

ſe inclinava. No dia ſeguinte cada-hum lhe levou ſeu eſcritinho. Elles ſe vinhaõ a reſumir, em sò querer, o q̃ foſſe vontade da ſancta obediencia, de quem ſe confeſſavaõ filhos mui obſequioſos.

7 No anno de mil quinhentos quarenta, & ſete eſtãdo a corte em Almeyrim, no mez de Abril foi o P. M. Simaõ a Coimbra; & em quatorze do dito mez lançou a primeyra pedra à quelle Real Collegio; & depois de lançar quatro, hũa com o nome de JESUS, de quem ſe chama o Collegio, outra do Papa Paulo Terceiro, outra de Sancto Ignacio, & a quarta del-Rey. Lançou mais duas, hũa em nome da Rainha Dona Catherina, outra do Principe Dom Joaõ. Finalmente tres fermoſas pedras em nome das tres virtudes, que conſtituem o eſtado Religioſo: Pobreza, Caſtidade, & Obediencia.

8 Por occaſiaõ das obras do Collegio, ouve em todos muito exercicio de humildade, ſervindo nas obras os Religioſos, como ſe foſsẽ trabalhadores, q̃ vivẽ do ſuor de ſeu roſto. Com tudo a alguns Irmaõs coadjutores ſoube mal tanta humildade, moſtraraõ diſto deſprazer. Era Reytor o Padre Luis Gonçalves da Camara, aviſou ao P. M. Simaõ, do que paſſava. A ſua repoſta he bem ſe refira cõ ſuas meſmas palavras, cheas de eſpirito, humildade, & reſoluçaõ; ſaõ as ſeguintes pera o Padre Reytor.

9 *Vede*, lhe diz, *ſe eſtaõ os Irmaõs, a que fallaſtes, aparelhados, pera andar com a carreta, ſenaõ vaõſe muito embora, que eu por eſta me offereço a ſer voſſo carreiro, & niſto levarei mais goſto, que em ſer Meſtre do Principe. Naõ temos neceſſidade de gente, que ſe reja por reſpeitos humanos: convẽ deſpir eſtes, & o mundo, & naõ curar de vaidades, que o que leva o carreiro, pode manter dous Irmaõs. Azemel parece neceſſario tomar de fora. A Cruz de Chriſto naõ foi ſenaõ às coſtas, nem a levou o Senhor dentro de caſa, ſenaõ pello meyo de Jeruſalem, & fora della. Prouvera ao Senhor, que tivera eu eſſa liberdade, que ſumamente amo, & dezejo. Quem naõ ama a Chriſto crucificado, ſeja havido por excomungado, & por abominavel: quem naõ ama as deshonras da Cruz de Chriſto, naõ he de Chriſto. Ja por muitas vezes vos diſſe, que era melhor ſermos quatro na Companhia: agora vos digo, que com hum sò me contentarei, & conhecerſehaõ, os que ſaõ deſta Companhia.* Qui non ſequitur Chriſtum anathema ſit, rece-

recedat, & abeat, ſeparetur a nobis: *aparteſe daqui, buſque outro Chriſto; porque nòs buſcamos a Chriſto crucificado.* Com eſta clareza de palavras ſe explicava neſta materia o P. M. Simaõ.

10 Neſta occaſiaõ enganou o Demonio a tres no Collegio de Coimbra: por ſuas faltas os caſtigou o Reytor. Elles ſentidos determinaraõ deixar a Companhia, quizeraõ levar conſigo a outro, que eſtava em Lisboa. Ao criado, que era do Collegio, fizeraõ grandes recomendaçoẽs, que deſſe as cartas em maõ propria, aſſim o fez. Lendo o Religioſo tais cartas, entrado do eſcrupulo as foi meter na maõ do P. M. Simaõ ſeu Provincial. Vendo elle taõ grande maldade, mandou logo as cartas ao Padre Luis Gonçalves, ordenandolhe, que em prezença de todos declaraſſe as culpas daquelles tres, hum era Sacerdote, os dous Irmaõs, & que os deſpediſſe da Companhia.

11 Chamou o Padre Reytor a communidade, poſto no meyo de joelhos pedio a todos perdaõ de ſuas faltas cõ muitas lagrimas, logo lhes encomẽdou, foſſem fieis á Religiaõ. A pos iſto o Padre Manoel Godinho Miniſtro do Collegio leo as cartas dos tres criminoſos. Depois leo hũa do Padre Provincial, pella qual os mandava deſpedir da Companhia; por naõ ſerem ſemelhantes eſpiritos, pera viver entre nòs, & que quem os imitaſſe, teria o meſmo caſtigo. Foi eſte eſpirito de alimpar a Companhia, com lançar fora aos de maos procedimentos, mui igual naquelles noſſos primeiros Padres, como meyo, que Deos dera neſta Religiaõ, pera ella ſe conſervar ſempre; nem ſabemos, que ella por aqui perca couſa algũa, antes ſe algum dia lhe faltar antidoto taõ preſervativo, o que Deos naõ permitta, ſem duvida chegarà a grande miſeria; como tem chegado muitas Religioẽs, por terem dentro de ſi homẽs, de cujos procedimentos naõ ha a devida ſatisfaçaõ.

CAPITULO XX.

Grande fortaleza do P. M. Simaõ, quando admittio na Companhia ao filho do Duque de Bragança.

1 AInda que alguns puſillanimes fraquearaõ na ſua vocaçaõ por cauſa dos exercicios de humildade, que

que

que ſe exercitavaõ nas obras do Collegio, ouve muitos, a quem eſtas meſmas couſas moveraõ, a ſe abraçar com Deos na Companhia. O principal foi Dom Theotonio de Bragança filho dos Duques de Bragança Dom Jaimes, & Dona Joanna de Mendoça.

2 Eſtudava entaõ em Coimbra, por vezes vinha elle ver os noſſos, que trabalhavaõ nas obras: admirava a ſingular compoſtura, & modeſtia, que nelles reſplandecia. Finalmente affeiçoado a ſeguir taõ ſanctos exemplos, pedio ao P. M. Simaõ, o admittiſſe na Companhia. A repoſta do P. M. Simaõ foi, que ſemelhantes mudanças, & em peſſoas da ſua qualidade, requeriaõ mais vagar, & conſelho em tudo maduro.

3 Naõ obſtante a repulſa, que lhe dava o P. M. Simaõ, inſtava Dom Theotonio com mais fervor, como ſe a meſma repulſa mais o aſſopraſſe. Foi tal a tezidaõ do pertendente, que o P. M. Simaõ, conſiderado eſte negocio mui de eſpaço, pondo sò os olhos em Deos, cuja parecia a vocaçaõ, o admittio por Noviço na Companhia. Comeſſou Dom Theotonio com fervor, dando bons exemplos do deſprezo do mundo.

4 Cauſou eſta mudança grande deſgoſto no Duque ſeu irmaõ, tendo por injuria da ſua caſa entrar ſeu irmaõ em hũa Religiaõ pouco authorizada, & taõ nova, que ainda naõ cõtava dez annos de idade, corria entaõ o de 1549; & ella fora confirmada em Setembro de 1540. Sobre tudo, que ſe effeituaſſe eſta couſa, ſem ordem ſua. O meſmo ſentimento teve a Duqueza.

5 Logo foi a el-Rey ſeu tio, dandolhe grandes queixas do P. M. Simaõ, de que recebeſſe a Dom Theotonio ſem ordem, nem licença de hum Rey ſeu tio, & de hum Duque ſeu irmaõ; que ſenaõ havia de permittir, que ſendo a Companhia taõ nova, ſe quizeſſe fazer conhecida com peſſoas illuſtres, enganadas com as ſuas invençoens, que à menhãa naõ eſtaria em Portugal ſeguro algum filho das peſſoas illuſtres. A volta deſtas queixas pede a el-Rey, ou que logo lhe faça entregar a ſeu irmaõ, reprehendẽdo muito ao P. M. Simaõ por tomar tal confiança, ou ao menos lho mande depoſitar em algũa outra Religiaõ, aonde ſe lhe façaõ perguntas por Religioſos, que elle nomear.

6 Ouvida a pertençaõ do Duque, que el-Rey tinha por

por mui justa; deulhe palavra de acodir por aquelle negocio, & pello menos fazer, que se depositasse, como pedia. Logo mandou chamar ao P. M. Simaõ, a quem recebeo cõ semblante carregado, fora do que costumava. Dislhe o seu sentimento, & o do Duque, perguntalhe, como se atrevera a tal cousa, sem lhe dar parte, ordenalhe, que logo o depositè.

7 Tinha o P. M. Simaõ previsto toda esta tempestade, & pera ella tinha ja feito o estamago; pedio a el-Rey licença pera dar rezaõ de si, & descarga de tudo, quanto neste ponto obrara. Havida a licença: disse a el-Rey, que nenhũa cousa mais sentia, q̃ ter a minima occasiaõ de dar dissabor a hum Rey, a quem devia a Companhia, quasi todo o ser, que tinha. Porẽ que o negocio, q̃ se tratava, era cousa sobre a jurisdiçaõ dos homens, pois era tirar a Deos, o que ja era seu; & que elle pera si escolhera.

8 Quanto às rezoens do Duque, que elle naõ podia negar ser a Companhia nova, mas quem naõ sabia contentarem mais as cousas novas, que as velhas: nem se podia dizer, que era pouco authorizada, estando ella no abrigo de sua Magestade, & sendo cousa tanto sua, q̃ por esta rezaõ, a julgava taõ nobre, que athe o Principe Dom Joaõ filho de sua Magestade, receberia honra, se nella entrasse.

9 Que naõ era cousa inaudita, que Dom Theotonio tomasse aquelle estado, pois estavaõ cheas as historias de semelhantes pessoas terẽ estas sanctas eleiçoẽs. Quanto ao dizer o Duque, q̃ elle Mestre Simaõ enganara a Dõ Theotonio, q̃ o contrario constava, pois era cousa mui sabida, q̃ Dom Theotonio o importunara. Que se o fizera, sem o fazer a saber a sua Magestade, & ao Duque, fora por entender, que tais vocaçoẽs naõ se haviaõ de dizer, a quem se sabia de certo, que as havia de encontrar, com aquella efficacia, com que obra o poder dos Reys, & grandes Principes. Que Dom Theotonio tinha ja dezoito annos, & capacidade pera saber, o que fazia, & que era senhor da sua liberdade, & mais quando tambem a empregava. Que Christo dizia, que quem senaõ desfazia de Pay, May, & Irmaõs, naõ podia ser seu discipulo.

10 Que naõ se lhe escondia, que poderiaõ dizer, que denotava pouca criaçaõ, naõ tomar primeiro Dom Theotonio a bençaõ a sua Magestade, & tivesse seu beneplacito; & se-

& ſemelhante termo guardaſſe com ſeu Irmaõ. Tudo iſto aſſim era bem foſſe, quando naõ ſoubeſſe de certo, que le tal fizeſſe, ficariaõ de todo fruſtrados ſeus intentos.

11 No que devia o Duque, que nenhum Senhor em Portugal teria ſeus filhos ſeguros da Companhia, provera a Deos, foſſem tais as inclinaçoens dos moços fidalgos, que sò pera alli os levaſſem; mas que a virtude naõ ſe pegava, como o contagio: por tanto, que naõ avia, que ter ſemelhantes receos.

12 No ponto capital, de ſer depoſitado Dom Theotonio, pera ſe lhe fazerem preguntas, lhe parecia couſa mui eſcuſada, pois elle por vezes lhas fizera per ſi, & per outros Religiozos da Companhia. Por tanto, que naõ convinha deſenquietar o noviço. E por reſoluçaõ, que por ordem ſua elle naõ avia de ſahir pella porta do Collegio, por onde tinha entrado a poder de lagrimas. E que neſte particular lhe era a elle M. Simaõ impoſſivel, obedecer a ſua Mageſtade, pois Deos eſtava primeiro. Que sò por força poderia Dom Theotonio ſahir do Collegio, mas que elle naõ eſperava de Rey tam pio tal violencia.

13 Aſſim arrezoou o P. M. Simaõ. Naõ ficou pago el-Rey deſta ſancta liberdade, & ſentio achar eſta reſiſtencia, tendo elle dado ſua Real palavra, em que era pouco decôro, tornar atras. Por tanto cheo de diſgoſto diſſe ao Padre, que pois nam queria com ſuavidade fazer o ditto depoſito, que o faria por força pois sò a ella moſtrava querer obedecer.

14 Conſiderando o Padre, que eſta violencia ſeria de deſdouro a Companhia, & que podia dar ouzadia a peſſoas de menor qualidade, pertenderem ſemelhantes depoſitos com grande perturbaçaõ da Religiaõ, replicou a el-Rey com notavel conſtancia: que ſe ſua Mageſtade mandava tirar a Dom Theotonio do Collegio, deſſe ordem aos miniſtros da execuſſaõ, que ſe entregaſſem do Collegio, & de todas as doaçoens, & provizoens Reais, que eſtiveſſem feitas à Companhia: porque naõ era juſto ficaſſe eſta em Reyno, onde ſe lhe fazia tal violencia.

15 Ditto iſto, ſe ſahio o Padre da prezença del-Rey. Logo eſcreveo ao Reytor de Coimbra, que em primeiro lugar mandaſſe a Dom Theotonio, aonde naõ pudeſſe ſer moleſtado por miniſtros Reais, nem perguntado por ou-

Digitized by Google

outros Religioſos. Em ſegundo lugar entregaſſe o Collegio, & ſuas alfayas com o mais, que lhe pertencia, aos miniſtros Reais, que foſſem fazer a execuſſam, & que mandaſſe aos ſubditos do Collegio de dous em dous pera o Collegio de Salamanca, que entaõ principiava. Apoz eſta carta o P. M. Simaõ ſe partio pera Coimbra, pera effeituar a mudança dos noſſos, em cazo, que el-Rey perſiſtiſſe na ſua reſoluçaõ.

16 Eſtâ o coraſlaõ dos Reys na maõ de Deos, elle os amolga como, & quando melhor lhe parece: aſſim trocou neſta occaſiaõ o deſte Rey, naõ permittindo ſe arruinaſſe a Companhia com a maõ, com que elle a queria exaltar. Naõ quis el-Rey paſſar adiante na ſua deliberaçaõ, julgãdo naõ ſer eſte baſtante motivo, pera desfazer huma obra, em que a gloria de Deos, & a ſua hiam tam intereſſadas. Ordenou ao Duque, ſe a quietaſſe.

17 Deſta ſorte ſe amaynou a tormenta, comque a pequena naveſinha da Companhia eſteve a pique de ſe a fundir em Portugal, aonde tanto em taõ pouco tempo tinha ſurgido. Duas couſas neſte ſucceſſo foraõ eſpantoſas, huma a inteireza, & magnanimidade do P. M. Simaõ, outra o amor del-Rey pera com a Companhia, pois faltou à ſua palavra, por lhe naõ faltar a ella.

18 Deſembaraçado Dom Theotonio dos ſuſtos, que o ſoſobravaõ, ſe deu de veras às virtudes: era mui humilde, fora dos fumos, que em ſemelhantes peſſoas infunde a natureza. Davaſe as mortificaçoens com exceſſo, & niſto veyo a dar em hum extremo mui perjúdicial, que era ſentir mal de o moderarem nas ſuas extravagancias. Era mui aferrado a ſua opiniam. Pertendeo ſer Irmaõ coadjutor temporal. De tudo ſe da va meuda conta a Sancto Ignacio, por ſer tal a peſſoa.

19 Dezejou o Sancto telo em Roma, por ver ſe o podia formar a ſeu geito, & modo da Companhia. O meſmo dezejava Dom Theotonio, por ver, & tratar a S. Ignacio. Por tanto foi Dom Theotonio pera Roma. Vio S. Ignacio de perto ſeus fervores, & tambem que os ſeus brios ſenaõ acabavaõ de pôr no eſtilo da Companhia. O que mais ſevio no demaſiado ſentimento, que teve, & moſtrou, quando por ordem de Sancto Ignacio, o P. M. Simaõ foi alliviado do cargo de Provincial, &

mandado ir a Roma, como veremos a bayxo.

20 Sete annos eſteve eſte Principe na Companhia. Pareceo a Sancto Ignacio, que perſeverando em ſeus brios poderia na Religiaõ cauſar algum notavel abalo, de muito dano à Companhia. Por atalhar iſto o Sancto, depois de ter comprimento com el-Rey Dom Joaõ, & avido o ſeu beneplacito, alliviou dos votos a Dom Theotonio, que por tempos veyo a ſer Arcebiſpo de Evora, mui exẽplar, & virtuoſo, como ſe ve na ſua vida, que anda impreſſa. Tomou tambem o ſancto por pretexto de o mandar a pouca ſaude de Dom Theotonio. O certo he, que ſemelhantes peſſoas aſſim como nas Religioens, ſe ſe a comodã, ſam mui proficuas; aſſim ſaõ perjudiciais, ſenaõ dominaõ os ſeus arbitrios, & juizo proprio: pois naõ ha Prelado, que ſe lhes atreva, & elles ſe afoutaõ a tudo.

CAPITULO XXI.

Pertende o P. M. Simaõ, ir pera o Braſil. Vai a Roma, & na vinda paſſando por Evora deixa aſſentada a fundaçaõ do Collegio.

1 AInda, que o P. M. Simaõ eſtava com o corpo em Portugal, o coraſſaõ eſtava nas miſſoens da India, pera as quais viera de Roma. Mandava pera ellas todos os annos fervoroſos Miſſionarios, ficando elle pezarozo de os naõ ſeguir. No anno de 1549. ſe lhe abrio huma boa porta, & foi a miſſaõ do Braſil. De pois que aquelle grande mundo ſe deſcobrira, sò alguns poucos Religioſos de Saõ Franciſco, dos quais hum morreo afogado em hum rio, & aos outros comeraõ os barbaros, tinhaõ alli pregado a fê.

2 Dezejando el-Rey o bem daquellas almas, chamou ao P. M. Simaõ, pera que mandaſſe ao Braſil alguns Padres. Naõ quis elle deixar de ſer hum deſtes, porem via a difficuldade; pois ſe el-Rey niſſo naõ vieſſe, Sancto Ignacio lhe naõ daria liçença. Reſolveoſe a fallar a el-Rey: diſſelhe, que pois atte o prezente nada tinha pedido pera ſi, agora queria pedir huma merce a ſua Mageſtade. Vi-

Digitized by Google

Vinha a ſer, que pois viera de Roma pera a India, lhe deſſe agora licença, pera ir pregar a fe no Braſil: que a ſua aſſiſtencia ja naõ era neceſſaria, porque o Collegio, que fora a cauſa de ficar, ja ſem elle podia crecer. Quanto ao enſino do Principe, que outros avia, que o fariam melhor; & pera eſtas occupaçoens nunca faltavaõ homens, naõ os havendo pera ir cultivar gentios nos matos do Braſil.

3 Ainda, que el-Rey naõ era de tal parecer, por naõ tirar a ſeu filho tambom Meſtre, nem ſe privar a ſi do goſto, que tinha de o tratar; forаõ as inſtancias do Padre taes, que el-Rey lhe ouve de dar a licença, mas sò por tres annos, no fim dos quais voltaria a Portugal. Logo deu conta a S. Ignacio da licença del-Rey, pedindolhe a ſua. O Sancto lha concedeo; & o P. M. Simaõ sò eſperava de Roma ao P. Martinho de Sancta Cruz, que la fora com negocios de grande pezo tocantes ao bem da Companhia. Quando eſtava neſta expectaçaõ, chegou nova da morte do ditto Padre. Logo ouve taes couſas, & circunſtancias, que foi precizo, dilatarſe a ida do P. M. Simaõ ao Braſil. Ficando o Padre mui ſentido de naõ ir, enviou ao P. Manoel de Nobrega com outros noſſos Religioſos, que deraõ principio à provincia do Braſil, & à converſaõ de innumeraveis gentios.

4 Eſtava o P. M. Simaõ em Portugal ao modo, que o Sol na ſua eſfera, da qual acode com ſeus influxos, & luzes às partes mais vezinhas, & às mais remotas; aſſim eſte Padre, ora mandava diverſas miſſoens por todas as provincias do Reyno, ora diſtribuia ſogeitos pera todas as regioens ultramarinas, da Africa, da Aſia, da America.

5 No anno de 1550. chegou carta de noſſo Sancto Padre, em que pedia a el-Rey, deixaſſe ir a Roma o P. M. Simaõ, por quanto queria comunicar aos Padres mais antigos as conſtituiçoens da Companhia, & tambem renunciar o Generalado. Eſtava el-Rey a eſte tempo, pera ir ver a ſua Univerſidade de Coimbra, & de caminho o ſeu, & noſſo Collegio, por iſſo naõ conſentio em o P. M. Simaõ, ſe partir pera Roma, antes de elle fazer eſta viſita, na qual o P. o acompanhou. Edificouſe muito el-Rey de ver a modeſtia dos noſſos Religioſos, & taõ luzido, a quelle ſeminario de miſſoens.

6 Tinha Sancto Ignacio eſcrito ao P. M. Simaõ, que

neſta occaſiaõ foſſem a Roma alguns Theologos jâ paſſantes pera verem a Companhia em ſua fonte; por iſſo mandou diante a tres, que ſe formaſſem de doutores na Univerſidade de Gandia, era hum o P. Gonçalo da Sylveira, & que alli o eſperaſſem. Mas depois de o P. Sylveira tomar o grao, & prégar em Valença, por ordem del-Rey, o P. M. Simaõ o mandou voltar a Portugal.

7 Logo o P. M. Simaõ diſpos a ſua jornada, deyxou por meſtre do Principe em ſeu lugar ao P. Luis Gonçalves da Camara, & o cargo de Provincial proveo no P. Gõçaló de Medeiros, que era o primeiro Noviço, que entrara neſta provincia, homem de muita virtude. Fez el-Rey ao P. M. Simaõ ſeu Agente em negocios gerais, & particulares, pera aſſim ter melhores deſpachos nas couſas tocantes à Companhia; deulhe cartas de recõmendaçaõ pera o Papa Julio terceiro. Chegou a Roma, aonde Sancto Ignacio com grande amor o recebeo, & tratou, como a homẽ, a quem tanto devia ſeus augmentos a Companhia. Acabouſe em breve a quella junta, na qual foraõ os dous Principais pontos, a renuncia, que Sancto Ignacio queria fazer; niſto naõ conſentiraõ: o ſegundo foi approvarem as conſtituiçoens, que o Sancto tinha eſcrito; o que todos ſem diſcrepancia fizeraõ. E o P. M. Simaõ voltou a Portugal.

8 Atte o anno de 1550 naõ avia em Portugal outro Collegio mais, que o de Coimbra, & as Reſidencias de Sancto Antaõ em Lisboa, & a de Saõ Fins na provincia de Entre Douro, & Minho: logo que o P. Simaõ voltou de Roma lhe cõmunicou o Cardeal Infante, em como queria fundar em Evora Collegio à Companhia. Eſte Principe fora antes mui pouco affeiçoado a noſſas couſas por receos, que lhe tinhaõ metido na cabeça, de que em nos podia aver algumas doutrinas pouco ſinceras, como de gente das partes do Norte, onde os mais, que nos ſeus principios avia em Portugal da Companhia, tinhaõ eſtado. Pezavalhe muito ver no paço ao P. M. Simaõ. No anno de 1550 acabou de deyxar eſta ſua opiniaõ, vendo o raro fruto, que por todo o Alemtejo fizeraõ os miſſionarios da Companhia, que elle tinha pedido ao P. M. Simaõ: & eſte foi o motivo, que agora o obrigou a nos fundar o Collegio, & Univerſidade, que a Companhia tem em Evo-

Evora. E com esta boa nova, que o Padre teve ao passar por Evora, quando vinha de Roma, lhe quis Deos alliviar as molestias do caminho, deu graças a Deos, por ter assim trocado o coraçaõ do Cardeal, sendo antes notoriamente pouco inclinado à Companhia, & em especial ao P. M. Simaõ.

CAPITULO XXII.

Deyxa o P. M. Simaõ o governo, & o que succedeo atte se retirar à Residencia de Saõ Fins.

1 NO anno de 1552 se dividio em duas a Provincia de Castella, na de Castella, & na de Aragaõ. Na de Castella ficou por Provincial o P. Antonio Araoz, pera a de Aragaõ nomeou Sancto Ignacio ao P. M. Simaõ Rodrigues. Muitas causas se apontam desta mudança, & outras somente por indicios se alcançaõ. Avia ja doze annos, que o P. M. Simaõ era superior, & como se aviaõ de publicar as constituiçoens, que faziaõ os governos trienais, quis o Sancto Patriarca, se começasse a por esta lei em praxe. Outra rezaõ mui forçosa era, que com a publicaçaõ das constituiçoens se aviaõ necessariamente de alterar muitos costumes, & modos introduzidos pello P. M. Simaõ, & ficaria a mudança menos difficultoza estando elle fora de Portugal. Quis o Sancto Fundador atalhar de huma ves todos estes inconvenientes, que eraõ quasi certos, sendo o P. M. Simaõ taõ amado de todos. O nosso Historiador geral tambem dá por causa alguma indulgencia, com que o P. M. Simaõ tratava a seus subditos, naõ accomodando o seu governo exactamente ao modo, que Sancto Ignacio em Roma praticava. *Orland. l. 12. n. 54.*

2 Na quelle tempo era mui ordinaria na Companhia a mudança dos sogeitos de huns pera outros Reynos, por isso menos estranhada. Logo que chegou a ordem de Sancto Ignacio o P. M. Simaõ, entregou o governo ao P. Diogo Miraõ, tendo disto inexplicavel alegria, pondo huma, & outra ves sobre a cabeça, & beijando a carta do Sancto Patriarca.

3 So se lhe fazia pezado, ir continuar os governos, que

que deſtes ſe queria totalmente ver livre. Logo que ſe divulgou na corte, que era o P. Simaõ mudado pera outro Reyno, ſe tomou iſto mui mal. Os que moſtraraõ maior ſentimento foi o Duque de Aveiro Dom Joaõ de Alencaſtre, & o Conde da Caſtanheira valido del-Rey, & grãde amigo do Padre.

4 Eſtes Senhores por todas as vias procuravaõ eſtorvar eſta mudança, offerecendoſe a fazer bayxar decreto del-Rey, que a impediſſe. Outros pertendiaõ aver ordẽ, & ainda obediencia de Sancto Ignacio, em que de novo ordenaſſe ao P. o naõ ſahir de Portugal. Outros ſabendo dar niſto goſto a el-Rey, & ao Principe, tratavaõ de hir detendo o Padre, em quanto tiravaõ hum breve do Papa, pello qual o mandaſſe reſidir na Corte, & continuar no magiſterio do Principe; & ſecretamente apertavaõ com el-Rey, que o obrigaſſe por via do Pontifice a aceitar algum Biſpado.

5 Vendo Sancto Ignacio eſtas difficuldades de antemaõ, eſcreveo cartas a el-Rey, à Rainha, aos Infantes Dom Luis, & Dom Henrique, dandolhe as rezoens, que tinha, pera alliviar do governo ao P. M. Simaõ; & outras aos Padres Urbano, & Leaõ Henriques; em que lhes ordenava, aſſiſtiſſem à execuſſaõ deſte negocio. Depois do P. M. Simaõ fazer a entrega do governo ao P. Miraõ, pedio a el-Rey licença, pera ſe retirar à Reſidencia de ſaõ Fins junto ao Minho, querendo na quelle retiro viver sò a ſi. Neſte entretanto eſcreveo a Sancto Ignacio, eſcuſandoſe do governo de Aragaõ: & dando por razaõ de naõ ir pera o Braſil, pera que o Sancto P. nas ſuas cartas lhe dava licença, os ſeus achaques, que ja naõ davaõ lugar a navegaçoens compridas.

6 Avida licença del-Rey, ſe partio pera o ſeu retiro com geral ſentimento dos Senhores da Corte, de quem era taõ amado. Neſta nova mudança de governos, ouve no Collegio de Coimbra, que entaõ era toda a Companhia em Portugal, o demais avultava mui pouco, ouve digo grandes deſconſolaçoens, porque o P. Diogo Miraõ Provincial, & o P. Manoel Godinho Reytor do Collegio eraõ homens de huma ſanctidade rigoroſa: queriam de repente por as couſas em outro andar, naõ avia officio na caza, onde ſe naõ meteſſem, parecendolhes, que ſe aſſim naõ era,

era, tudo hia perdido. Naõ eraõ homens, que foſſem por partes; & as couſas aſſim alteradas tambem coſtumaõ alterar aos homens, com quem jogaõ.

7 Vinha-lhes à memoria a ſuavidade do P. M. Simaõ, & a conſideraçaõ deſta por tantos annos, experimentada, lhes fazia deſagradaveis todas as diſpoſiçoens dos novos ſuperiores; as quais, quanto ao modo, tambem deſcontentaraõ a Sancto Ignacio, pois nem aviaõ de ſer com tanto repente, nem metendoſe os ſuperiores maiores em todas as meudezas da caza, moſtrando, que deſconfiavaõ dos ſubditos, como eſtes bons Padres o faziaõ.

8 Neſta perturbaçaõ eſtava o Collegio, quando o P. M. Simaõ, indo pera o ſeu retiro, nelle entrou de caminho. Bem ſe deixa ver, quanto eſta viſta, traria mais á memoria o ſeu modo de governar; por tanto ſe accendeo mais o tedio dos novos ſuperiores, & creceo o dezejo, de que o foſſe o P. M. Simaõ. Contando eſte ſucceſſo hum Hiſtoriador eſtrangeiro; & fallando deſta entrada do P. no Collegio, deyxa cahir huma palavra mui pouco a cautelada, dizendo, que ouve ſoſpeita, que o P. M. Simaõ dera aſſopro a eſta nova alteraçaõ, ou que a cauſara algum inimigo da Cruz de Chriſto, o que elle mais cria.

Orland. l. 12. n. 59. Tum vero Simonis adventu, ſive admonente; ipſo [ut ſuſpicio fuit] ſive aliquis ex maxime turbulentis, & crucis oppoſitoribus, ut potius credidere rim &c.

9 Naõ era o P. M. Simaõ Rodrigues homem, de quẽ taes couſas ſe pudeſſem ſonhar, como era huma taõ grave como eſta, de que fallamos: pois ſabemos, que nas comunidades as culpas mais pezadas ſaõ, as que metem perturbaçaõ entre os Irmãos, & de homens taõ ſanctos como o P. M. Simaõ, ſonhar taes deſordens, hé fazerlhes injuria, & & ſe foi ſonho de algum zelo imprudente, naõ parece bem ſe conte o ſonho, ſem ſe lhe ajuntar a inconſideraçaõ do ſonhador.

10 O P. M. Simaõ continuou logo o ſeu caminho, & ſe foi meter no retiro de Saõ Fins. Crecia de cadaves mais a deſconſolaçaõ dos ſubditos, muitos naõ queriaõ outro ſuperior, mais, que ao P. M. Simaõ; naõ conſiderando, que os que nos ſogeitamos a Religiaõ, hemos de ſer governados como, & porquem ella quer; & naõ como, nem porquem nos queremos.

11 Neſte retiro de Saõ Fins ſuccedeo ao Padre huma couſa mui notavel, & a tras na quarta parte a Hiſtoria Geral da companhia. Succedia ao P. M. Simaõ no rezar o offi-

officio divino, enlevarſe todo nalgumas clauſulas, parando em contemplaçaõ. Eſtando rezando junto a huã fonte, que ſe chama de S. Maria Magdalena, chegou aquellas palavras: *Aſtitit Regina a dexteris tuis in veſtitu deaurato.* Aqui ſe enlevou todo em contemplar as perfeiçoens da Senhora, ficou em extaſi, & o impeto do eſpirito levantou ao corpo no ar, & depois veyo abayxo com tal fervor, que parecia deſencayxarenſe huns de outros todos os membros do corpo. Tal era a devaçaõ deſte Sancto homem.

CAPITULO XXIII.

Como ſahio de Portugal, & o mais, que lhe aconteceo atte em Roma ſe ver com Sancto Ignacio.

1 PEra que eſte ponto, que vou tratando, fique mais declarado, alem das rezoens, que ficaõ ditas, que tinha Sancto Ignacio pera alliviar ao P.M. Simaõ do cargo de Provincial, & o tirar de Portugal, avia algumas queixas, que hoje ſe teriaõ por couſa de pouco ſer, como em verdade o eraõ, mas o rigor dos tempos, & zelo ferveroſo de alguns as pintou como couſas medonhas, que cediaõ em grande perjuizo da rigida obſervancia, & vida auſteriſſima, que naquelle primitivo eſpirito da Religiaõ queriaõ alguns Padres homens de natural ſevero, & eſtudioſiſſimos da mortificaçaõ, & deſprezo proprio.

2 Culpavaõ ao P.M. Simaõ de ſer muí valido do Rey, Principes, & Senhores da Corte, dizendo, que por aqui podia entrar na Companhia algum eſpirito de ambiçaõ, aſſolador da humildade Religioſa. Creceo eſta poeira, vẽdo que atte o tempo, que o P. viera eſta ultima ves de Roma, ſendo Meſtre do Principe, ſempre ao perto andara a pe, & as jornadas fazia em beſta de aluguel, & que naõ era de ſella; porem agora depois de vir de Roma, às vezes andava em beſta de ſella. Naõ fazia o Padre iſto por authoridade, o que bem ſe via no moço, que ordinariamente hia veſtido de burel, & deſcalſo; mas andava ja taõ debilitado com as penitencias, & achaques, que lhe era preciſo uſar deſte melhor comodo.

3 Deu-

Digitized by Google

3 Deuſelhe tambem em culpa levar os Irmãos em ſua companhia a tomar alguma recreaçaõ na quinta de hum ſecular devoto do noſſo inſtituto. Iſto fazia o Padre mui raras vezes, aſſim por naõ termos ainda quinta propria, como por ſe afroxar algum tanto o arco, que em verdade naquelles tempos andava mui tezo, & ſenaõ tiveſſe eſta honeſta remiſſaõ, poderia eſtalar: porem aquelles Padres taxavaõ eſta indulgencia de muita largueza na obſervancia, que o ſeu eſpirito queria ſempre debaixo de huma continua mortificaçaõ.

4 Reparavaõ tambem no zelo do P. M. Simaõ em reſiſtir, a que vieſſem Padres, & Irmãos de outras naçoens, a eſtudar no Collegio de Coimbra, o que fazia Sancto Ignacio, pera com eſtes ſogeitos acodir a outros Reynos ſetemptrionais inficionados com a herezia. O motivo, que niſto tinha o P. M. Simaõ, era perſuadirſe, naõ ſe fazerem eſtes gaſtos conforme a tençaõ del-Rey, que edificara o Collegio, pera nelle ſe criarem obreiros pera a India, & naõ pera os Reynos do Norte. Sobre eſte ponto parece, que deixou cahir algumas palavras, em que ſignificava o diſgoſto, que diſto teria el-Rey, & como podia atalhar eſte inconveniente por meyo do Pontifice.

5 Bem verdade era, que tudo ficava ſuprido com muitos Padres eſtrangeiros, que Sancto Ignacio mandava à eſte Reyno, aſſim pera nelle ajudarem nos miniſterios da Companhia, como pera irem as miſſoens ultramarinas. Fazia tambem iſto o Sancto Padre, pera fomentar a caridade entre todos os da Companhia, q̃ com o mutuo trato, & converſaſſaõ de eſtranhos, & naturais muito ſe conſerva, amandoſe todos huns aos outros, como ſenaõ tiveſſem outra patria, & outros pays, ſenaõ a Companhia de JESU, onde viviaõ.

4 Eſtas, & ſemelhantes couſas eſcreveraõ por vezes a Sancto Ignacio, o qual eſtava mui certo da virtude do P. M. Simaõ, mas por atalhar eſtas delaçoens, & que naõ pudeſſe daqui nacer alguma deſuniaõ, que arruinaſſe a Companhia, tomou a ſobredita reſoluçaõ, ſendo occaſiaõ pera ella a publicaçaõ das conſtituiçoens, em que os governos ſe diſpunhaõ ſomente trienais. Fundava o Sancto os ſeus temores no muito amor, que todos tinhaõ ao P. M. Simaõ. O effeito moſtrou, como fica dito no capitulo

antecedente, quam bem fundados eraõ os temores de Sancto Ignacio.

5 Tendo elle em Roma avizo, de quam mal ſe tomara em Coimbra o novo governo; julgou, que naõ averia quietaçaõ, em quanto naõ ſahiſſe de Portugal o P. M. Simaõ. Avia niſto graviſſimas difficuldades. Porem o coraçaõ do Sancto Padre, que naceo pera vencer as mais arduas, quando via ſer aſſim neceſſario pera maior gloria de Deos, com nada ſe acanhou.

6 Pera conſeguir eſte fim, mandou ir de Salamanca a Portugal por vizitador ao P. doutor Miguel de Torres, que governava o Collegio de Salamanca. O pretexto da vinda era, dar a el-Rey Dom Joaõ o terceiro em nome de Sancto Ignacio, & de toda a Companhia as graças, pello muito favor, que tinha feito a noſſas couſas.

7 Trazia o P. ordem, pera pedir a el-Rey, que aos favores paſſados acrecentaſſe outro, de dar licença, pera que o P. M. Simaõ ſahiſſe de Portugal, a governar a provincia de Aragaõ. Foi o P. vizitador bem recebido, del-Rey; quanto ao P. M. Simaõ moſtrou deſprazer, pello muito cazo, que fazia de ſua virtude, & bons talentos; porem que como eſta era a vontade, & parecer de noſſo Sancto Padre, elle cortava pello ſeu proprio goſto, & dava a licença, que ſe pedia. Na repoſta á carta do Sancto começſa aſſim: *P. M. Ignacio, recebi voſſas cartas, & com ellas muito contentamento, & ouve por ſerviço de noſſo Senhor, o que me pediſtes a cerca da mudança do* P. *M. Simaõ, o que ſe fes da maneira, que o* P. *Luis Gonçalves vos dirâ.*

8 Eſta foi huma das eſpeciais occaſioens, em que el-Rey moſtrou, quanto amava a Companhia, & que a eſtimaçaõ, que fazia do Padre, ſe fundava toda no amor a Religiaõ, ainda que tinha muitas rezoens, pera aſſentar bem toda a eſtimaçaõ em homem taõ adequado, como eſte era, de cujo enſino fiava elle ao Principe ſeu filho, & ſentia muito, que foſſe privado de tal Meſtre. Ouve fidalgo, que por explicar o muito, que el-Rey eſtimava ao P. M. Simaõ, diſſe, que o amava tanto, que ſe lhe pediſſe a metade do Reyno, lha daria. Tambem acho eſcrito, que el-Rey quizera impedir eſta ſua ida a Roma, mas que o Padre tal couſa naõ conſentira.

9 Logo que o P. Torres teve o conſentimento del-

del-Rey, tratou de dar à execuſſaõ a vontade de Sancto Ignacio. Mandaralhe o Sancto de Roma muitas folhas em branco com a ſua firma, pera nellas eſcrever, o que pediſſe à occurrencia dos tempos conforme os negocios, que trazia a ſeu cargo. Em huma deſtas cartas ordenou ao P. M. Simaõ, foſſe logo tomar o governo da provincia. Naõ conſtava ao P. do beneplacito del-Rey, à cujas ordens o tinha ſogeitado Sancto Ignacio. Partio logo pera Lisboa em ordem a aver o ſeu beneplacito, & cumprir com a obediencia: naõ obſtante, o naõ lhe ter chegado repoſta da carta, que eſcrevera a Sancto Ignacio, na qual lhe pedia o eſcuſaſſe do governo da provincia de Aragaõ, & lhe deſſe licença pera ir a Roma, a lançarſe a ſeus pes, & ſe conſolar com a ſua viſta.

10 Vindo o Padre de Coimbra, na villa de Thomar lhe foi entregue a carta del-Rey, que dizia aſſim: *Meſtre Simaõ, eu el-Rey vos envio muito a ſuadar. O P. M. Ignacio me eſcreveo, como vos mandava huma ſua comiſſaõ, pera irdes ao Reyno de Valença, a ſer Provincial da Provincia daquelle Reyno: & porque eu receberia contentamento, de vos obedecerdes a dita commiſſaõ, & fazerdes, o que por ella vos he mandado, vos encomendo muito, que o queirais logo aſſim fazer, & muito volo agradecerei, & folgarei de me eſcreverdes ſempre, o que la fazeis, que confio, ſerâ o que for mais ſerviço de noſſo Senhor, & bem da Companhia. Feita em Lisboa aos vinte, & tres de Julho de mil quinhentos ſincoenta, & dous. Rey.*

11 A' viſta deſta carta, por evitar inconvenientes, que pudeſſem nacer da ſua ida a Lisboa, de Tomar endireitou ſeu caminho pera o Reyno de Valença. Tanto, que ſe divulgou eſta ſua partida, creceraõ em muitos tanto as deſconſolaçoens, que deixaraõ a Companhia. O P. Diogo Miraõ em huma ſua carta pera Sancto Ignacio lhe da conta deſta tormenta com as palavras ſeguintes.

12 *A noſſa tribulaçaõ* (diſo P.) *começou, quando por ordem de voſſa Paternidade ſe mandou o P. M. Simaõ por Provincial a Valença. Alteraraõſe muitos dos noſſos, que eſtavaõ comnoſco, & muitos dos de fora, os quais como ha parecido, lhe tinhaõ affeiçaõ mais chegada à carne, que ao eſpirito. Naõ conſideravaõ, que baſtava a vontade de voſſa Paternidade, pera mudar hum Provincial, nem que os Provinciais ſegundo*

a ordem da Companhia de ordinario hão de ser por tres annos; & que aquella mudança a pedia a descrissão, & observancia do modo de proceder da Companhia sem nota de peccado.

13 Foi o M. Simão à sua provincia. No Collegio de Coimbra se avia recebido tanta multidão, que nella foi difficultoso o delecto, & a ordem em governar. Alguns, ido o M. Simão, tomarão occasião de sahirse sem licença, dos quais podemos julgar, que não tinhão aquelle ser de sua alma, & espirito, que a sua vocação, & votos pediã. Alguns, que de si erão ineptos pera a Companhia, inquietandose neste tempo forão despedidos. Os que de veras se deixarão possuir da graça de nosso Senhor, ficarão. Muitos de fora se perturbarão, parentes, & amigos, & algumas pessoas principais, & outros, & destes menos foi de maravilhar, por ser seculares, & não ter inteiramente entendido a Companhia.

14 Este estado de cousas, & tribulação naceo, de que cadahum fallava, & escrevia com liberdade, conforme a disposição, que em si tinha; de modo que alguns imaginavão ser destruida em Portugal a Companhia. Nos, Padre, nos davamos à oração, cumpriamos a obediencia, guardavamos a ordẽ de vossa Paternidade. Consideravamos, que atte então este Collegio, & Companhia em Portugal avia tido principio, & havia mister grandes raizes; sentiamos, que então se radicava.

15 Consolavamonos na virtude, que o Senhor ha dado grande entre outras a Companhia, que possa alimparse, como sabiamos ja antes, & avemos claramente visto na segunda parte das constituiçoens; & mais em sentir, que por tribulaçoens queria fundar o Senhor esta parte, como sua mão benignissima hâ fundado a Companhia universal. Juntamente nos confortava o Senhor, que em tanta tribulação, nem o Rey, & Rainha, Principe, & Infantes se perturbarão, mas estavão tão firmes, como os que dos nossos mais o estavão. Elles cada hum com o seu agrado guiavão todas as cousas, como Padres da Companhia.

16 Tornou o M. Simão da sua Provincia por enfermo, & por ordem de vossa Paternidade foi mandado a Roma, atte este tempo durou a perturbação. Daquella graça da tribulação, & daquellas raizes se começou a mostrar o fruto, & augmento da Companhia á maior gloria, & louvor de JESU Christo nosso criador, & Senhor. Atte aqui parte da carta

do

Digitized by Google

do P. Diogo Miraõ, que foi dada em Outubro de mil quinhentos sincoenta, & tres; & aquis aqui lançar por dar clareza a estas cousas, em que toda a culpa foi dos ineptos, & imperfeitos.

17 Tornando ao P. M. Simaõ, indo pera a sua provincia, adoeceo em forma, que foi necessario vir a Lisboa, pera se curar. Chegou elle a portaria da caza de Sancto Antaõ o velho, deuse recado ao superior, o qual sevio em grande aperto, por huma parte considerando, que o P. M. Simaõ era pay de todos os desta Provincia, o queria meter na alma, por outra vendo, que naõ trazia patente, nem licença, pera tornar a Portugal, & quanto tinha custado a Sancto Ignacio sua partida, pellos estorvos, que nisso ouve; lhe mandou dizer, fazendo grande força a si mesmo, por vencer a natural repugnancia, que se a sua Reverencia naõ parecesse outra cousa, elle tinha escrupulo de o receber em caza, sem ordem de seu Superior.

18 Sentio em extremo o P. M. Simaõ ferida taõ inopinada, vendo pera elle fechadas as portas da quelle Collegio, que tinha fundado. Sem dizer palavra, poz os olhos no Ceo, dando graças a Deos pello chegar a tal desemparo, que nem seus proprios filhos em Christo o recebiaõ; considerando, como a Christo o desconheceraõ os seus, & o naõ receberaõ. A ninguem culpou, antes louvou a fidelidade, que em tal cazo mostravaõ, segundo o que se persuadiaõ, aver obrigaçaõ de assim o fazerem. Despedio se da portaria trespassado de pena, & affliçaõ, que mais o penetraraõ, que os seus achaques, determinou, irse curar ao hospital, que fora a primeira caza, que em Lisboa o recolhera. Sabendo disto Dom Joaõ de Lancastre Duque de Aveiro, seu grande, & antigo amigo, tal cousa naõ sofreo, nem que o P. M. Simaõ se cutasse fora de sua caza, onde o tratou com singular amor, & caridade.

19 Neste tempo, que elle teve por de grande desemparo, naõ por lhe faltarem cõmodos temporais, mas por se considerar assim apartado de seus Irmãos, & filhos em o Senhor, o seu allivio era o trato com Deos, com o qual sempre nos achamos, & mais, quando mais nos desemparaõ os homens. Escreveo por vezes a Sancto Ignacio, atte que delle recebeo a carta seguinte: *Mestre Simaõ Rodrigues amado filho em o Senhor nossa, lidas, & consideradas as vos-*

voſſas de dez de Fevereiro, de vinte, & tres, & vinte ſeis de Março, & doze de Abril, & outras muitas, que recebo de lâ, por ſentir, & conhecer, que muito em o Senhor noſſo convem, pera maior quietaçaõ, & conſolaçaõ eſpiritual, dos que perſeveraõ na noſſa congregaçaõ nos Reynos de Portugal, & tambem pera tratar de outras couſas univerſais, que tocam a toda a Companhia, naõ ſe podendo tratar por menos, que pella preſença, me hâ parecido em o Senhor, de vos por em hum pouco de trabalho corporal, vindo a eſta Roma; & aſſim em virtude de ſancta obediencia, como couſa, que muito importa, volo mando por parte de Chriſto Noſſo Senhor, por mar, ou por terra, como vos parecer mais conveniente, & iſto ſeja com a brevidade, que puderdes, de modo, que oito dias depois de viſta a prezente, vos ponhais em caminho, & continueis. Rogo a Deos Noſſo Senhor vos guie, & acompanhe, & a todos de graça de conhecer ſempre, & fazer ſua ſanctiſſima vontade. De Roma vinte de Mayo de mil quinhentos ſincoenta, & tres.

20 *Filho Meſtre Simaõ, fiaivos de mim, que com voſſa vinda aqui, voſſa alma, & a minha ſeraõ conſoladas em o Senhor Noſſo, & todas as couſas, que vos, & eu dezejamos à maior gloria divina, teraõ bom fim, por tanto tomai com muita devoçaõ, que nos vejamos, & ſe naõ achardes tanta, Deos Noſſo Senhor vola dará na perſeverança de vir pera cá, & lembraivos, que com tal boa vontade, pello que eu vos diſſe, ſem ter eu alguma authoridade ſobre voſſa peſſoa, foſtes com quartans a Portugal, & depois ſaraſtes, pois quanto mais agora por obediencia, & infermidades naõ aſſim ſevcras. Meſtre Simaõ, ponde-vos logo a caminho, como arriba eſtá dito, & naõ duvideis, ſenaõ que nos gozaremos cá tanto da ſaude eſpiritual, como corporal à maior gloria divina, & fiaivos de mim em tudo, & ficareis mui contente em o Senhor Noſſo. Eſtamos aos doze de Julho. Ignacio.*

21 Parte deſta carta foi feita em Mayo, & o Sancto Padre a devia retardar, por examinar mais eſte ponto; ou por outras prudentes razoens, que naõ acho declaradas; mas ellas ſe deixaõ conjecturar do pezo deſte negocio, no qual o Sancto tomou a ultima reſoluçaõ no mes de Julho, & ſendo a mais carta eſcrita por ſeu ſecretario, eſte additamento foi todo da ſua maõ, como ſe adverte no treſlado, donde eu aqui a eſcrevo.

22 Por força deſta carta o P. M. Simaõ tomando con-

conſigo ao P. Belchior Carneiro, ſe poz em caminho pera Roma fazendo a jornada por terra, durando ainda as ſuas indiſpoſiçoens, guardava com grande pontualidade a ordem dos ſeus exercicios eſpirituais. Quando chegou a Roma lhe meteraõ na maõ hum breve, pello qual o Papa Julio terceiro izentava ao P. M. Simaõ da obediencia da Companhia, & lhe dava licença pera poder reſidir na Corte de Portugal, ou onde foſſe mais conſolaçaõ ſua. Eſte Breve tinha agenceado em Roma o Duque de Aveiro, por Dom Affonſo de Alencaſtre ſeu irmaõ entaõ Embaixador de Portugal em Roma.

23 Recebeo o P. o Breve, por naõ parecer, que deſprezava, a quem o alcançara, ſendo peſſoa taõ illuſtre, & a quem taõ obrigado eſtava, porem ſentio muito aver, quem preſumiſſe, que elle poderia conſentir em tal izençaõ. Com o Breve na maõ ſe foi lançar aos pes de Sancto *Ignacio*, meteolhe nas mãos o dito Breve da izençaõ. Depois de o ler, lho tornou a dar o Sancto Padre, & recebendo-o o P. M. Simaõ, dizendo, que tal couſa nem queria, nem aceitava, em prezença do Sancto raſgou o Breve. Deſte tal exemplo de ſogeiçaõ ficou Sancto Ignacio conſoladiſſimo, & vio, com quanta rezaõ era digna de ſer eſtimada a virtude deſte ſeu amado companheiro.

24 Iſto he o que tem a cerca deſte Breve os documẽtos deſta noſſa Provincia, que ſe guardaõ no cartorio do Collegio de Coimbra, & os tenho diante de mim, quando eſtas couſas eſcrevo. E o tem a Hiſtoria deſta noſſa provincia no lugar citado a margem, onde conclue com eſtas palavras: *Eſta be a noticia, que entre nos ha deſte Breve, & a temos por mais certa, que a que daõ delle em outra forma mui diverſa alguns authores menos informados, & pouco affeiçoados as couſas de Portugal.* *Hiſtor. da Prov. 1. p. l. 3. c. 36. n. 3.* *P. Alvaro Lobo na Chronica manuſcr. 1. part. liv. 5. c. 24. fol. 364. & outros documẽtos.*

25 Depois continua o meſmo Hiſtoriador, em como Sancto Ignacio eſtimara, como era bem eſta ſogeiçaõ, & delle ſe informara meudamente das couſas da Companhia em Portugal. E que o P. M. Simaõ dezejozo de ſe livrar totalmente de negocios, pedira ao Sancto licença, pera ir a Jeruſalem, & que avida eſta, ſe partira pera Veneza, mas que adoecendo alli naõ pode continuar; & que depois avida licença fora viver em Heſpanha. *Orland. l. 14. n. 6.* *Euſebio nos Varoens illuſtres.*

CA-

CAPITULO XXIV.

Acodeſe, ao que neſta materia contaõ alguns eſcritores do P. M. Simaõ, & do mais, que lhe ſuccedeo atte ſe retirar a Heſpanha. E buã ſua profecia deſtas couſas.

1 SE tivera deſtas couſas todas as noticias legitimas o Hiſtoriador geral da Companhia, ſem duvida naõ daria á ſua pena as largas, que deu tratando da veneravel peſſoa do P. M. Simaõ. Cuſtaraõ tanto ao P. Thomas de Villacaſtim bem conhecido por ſuas virtudes, & livros eſpirituais, que andaõ nas mãos de todos, eſtas couſas, que o Hiſtoriador geral tem do P. M. Simaõ, que eſcreveo ao noſſo veneravel P. Diogo Monteiro, cuja carta ſe conſerva no cartorio de Coimbra, pedindolhe como a Provincial, que era, lhe mãdaſſe fazer diligencia pellos documentos, que ſobre iſto avía na Provincia, porque queria desfazer com elles, o que do P. M. Simaõ ſe tinha eſcrito.

Orland. lib. 12. n. 60. & lib. 14. a n. 4.

2 O modo, com que o dito Hiſtoriador refere, o que diz, paſſou neſta materia, he o ſeguinte. No livro decimo ſegundo tem; que depois de partido o P. M. Simaõ pera Valença, o P. Miguel de Torres puzera todo o cuidado em aquietar as couſas; muitos, que naõ ſofriaõ ſer emendados, ou ſe foraõ da Companhia, ou foraõ lançados fora della. Treze dos mais moços do Collegio de Coimbra foraõ mandados com hum Meſtre dos Noviços pera a Reſidencia de Saõ Fins, dos quais hum, ou dous ſomente perſeverou na Companhia.

3 O P. Miguel Gomes, que era neſta provincia companheiro do P. M. Simaõ, & o acompanhara na de Valença, naõ pode ſofrer por muito tempo a auzencia da patria, & lhe parecia ſer de hum certo modo deſterrado; por tanto tomando por pretexto os ſeus achaques ſe tornou a Portugal. Eſte em tendo occaſiaõ, pera que foſſe reſtituido a eſta Provincia o P. M. Simaõ Rodrigues, ſe diz, que diante del-Rey, & dos grandes do Reyno diſſera muitas couſas falſas contra Sancto Ignacio. Culpou-o, que por ambiçaõ cazara ſua ſobrinha com Dom Joaõ de Borja, do

qual

qual Miguel Gomes affirmava ter ja feito os votos na Companhia.

4 Que tirava dinheiros desta Provincia de Portugal pera acodir a outras da Companhia, & porque o P. M. Simaõ nisto se lhe oppuzera, o tinha tirado de Provincial. Que tinha despojado esta Provincia de homens doutos, & naturais della, & que a tinha cheyo de rudes, & estrangeiros, os quais se fizessem letrados à custa da Provincia, reclamando sempre a isto o P. M. Simaõ. Com estas mentiras assim alienou os animos do Rey, & grandes, de Sancto Ignacio, & os mudou, que a mesma Companhia imaginou ser acabada em Portugal.

5 Porem naõ faltaraõ Padres, que tiraraõ a el-Rey este engano. Foraõ estes o P. Francisco Henriques, & o P. Luis Gonçalves da Camara. Logo aponta o Historiador as rezoens, & verdades, com que desfizeraõ as accusassoẽs do P. Miguel Gomes, & se restituio a Sancto Ignacio o bom nome, que este mao filho queria escurecer; nem ha porque eu aqui gaste papel em as vresladar, no dito Autor se podem ver. So quis de caminho referir isto, porque se veja que alguns homens turbulentos foraõ, os que com suas desordens fizeraõ, que fosse mordida a innocencia do P. M. Simaõ, cuidando alguns zelozos, & fervorosos, que elle intervinha nestas perturbaçoens. *Orland. lib. 12. n. 60.*

6 No livro decimo quarto diz, em como no anno de mil quinhentos sincoenta, & quatro fora a Roma o P. Luis Gonçalves da Camara, pera informar a Sancto Ignacio do estado da Provincia: Que o P. M. Simaõ chamado do mesmo Sancto chegara tambem a Roma, & que se queixara de ter sido calumniado. Pareceo a Sancto Ignacio, pera de huma ves cortar todas as causas de perturbaçaõ pera o diante, naõ desprezar as cousas passadas, determinou certos Padres Professos por Juizes, os quais naõ ao modo forense, mas religioso tirassem sua devaça dos Autores desta perturbaçaõ, deixando o Sancto pera si sô o direito de castigar. *Lib. 14. an. 4.*

7 Aprovou o P. M. Simaõ os ditos Juizes, fizeraõ elles no cazo exacta diligencia, & depois de encomendar isto a Deos, affirmaraõ com juramento, que parecia, que o P. M. Simaõ era a causa das perturbaçoens passadas. Ouvio o P. esta sentença com grande modestia, & com a

meſma ſe lançou aos pes de Sancto Ignacio, dizendo, eſtar aparelhado pera tudo, o que delle ſe fizeſſe. Alegrouſe muito o Sancto Padre com tal modeſtia, & ſummiſſaõ. Nenhuma outra couſa determinou contra elle, ſenaõ, que por ſe tirar alguma cauſa a qualquer nova perturbaçaõ, naõ voltaſſe o P. a Portugal. Contentouſe, com que o P. M. Simaõ conheceſſe o ſeu defeito, & de ter com aquelle modo de juizo dado ſatisfaçaõ a todos aquelles, a quem a diſſimulaçaõ poderia ſer danoſa.

8 Porem (continua a meſma Hiſtoria) o inimigo do genero humano naõ podia ſofrer, que hum taõ fermoſo exemplo de obediencia, & humildade paſſaſſe aos vindouros ſem algum deſar. Pareceo entre Sonhos ao P. M. Simaõ, & elle claramente o dizia, que ſobia por hum outeiro ingreme; & como na ſobida coſta aſſima, & aſpera lhe faltaſſem as forças, vira, que ſe chegara a elle o P. Ignacio, o qual o tomara aos hombros, & o levava com grande trabalho. Aſſás fez crivel eſte ſonho a paciencia, & caridade de Sancto Ignacio bem exercitada pello P. M. Simaõ.

9 De pois daquella ſentença imaginando, quanto perdia ſeu bom nome, ſenaõ voltaſſe a Portugal, fez todas as diligencias, pera alcançar hum Breve do Papa, pello qual ficaſſe izento da obediencia do Geral da Companhia, & ſe pudeſſe recolher a viver sô aſi em algum retiro de Portugal.

10 Atte aqui o modo com que eſte Hiſtoriador refere o ſucceſſo. Logo paſſando de Hiſtoriador a pregador comeſſa a fazer grandes, & por ventura eſcuſadas ponderaçoens ſobre o cazo, que eu tenho por taõ eſcuſado referir, como era eſcuſado o fazelas; ſe elle do Breve tiveſſe as legitimas noticias, livrarſehia deſta ſua pregaçaõ, & ſe deſfaria nos elogios, que merecia hum acto taõ heroico, como fez o P. M. Simaõ em raſgar o Breve, ſem delle querer uſar.

11 De pois de fazer a ſua pregaçaõ, conta, em como Sancto Ignacio vigiou ſobre ſeu amado companheiro, tomou todas as vias, & quebrara as lanças de Satanás com as oraçoens, & ſacrificios aſſim ſeus, como dos outros. Que chamara do campo Piceno ao P. Bobadilha, & de Napoles ao P. Salmeiraõ, & com elles diſpos a couſa neſta forma: que o P. M. Simaõ foſſe a Jeruſalem, como no principio dezejara, & alli começaſſe a fundar hum Collegio da

Com-

Cõpanhia, peraque avia licẽça. Deulhe cõpanheiro, & dinheiro pera a viagem, porem chegando o P. M. Simaõ a Veneza, como lhe sobrevieſſe huã doença, naõ pode cõtinuar a jornada. Aqui acaba o Hoſtoriador com a narraçaõ pertencente às couſas do P. M. Simaõ Rodrigues.

12 Bem conſideradas eſtas couſas ſe deixa ver a innocencia do P. M. Simaõ. Quanto à ſentença, que contra elle ſe deu, sò dizia, que parecia ter culpa. De crer he, q̃ ſe entendeſſe Sancto Ignacio, avia nelle culpa, o naõ faria Provincial de Aragaõ. Devéo Sancto Ignacio conhecer no ſilencio do P. M. Simaõ em naõ acodir por ſi, aſſim a modeſtia, & humildade do Padre, como a innocencia da cauſa; & por ventura eſſe foi o motivo de o naõ penitenciar. Pois o Sancto Padre o naõ deixou ficar por penitencia fora de Portugal, mas sò o fez, por ſenaõ perturbarẽ outra vez os fracos, & de pouco eſpirito. E naquelles tẽpos eraõ as provincias da Companhia, como patria de todos, por iſſo dos ſogeitos de hũas eraõ mui facilmente mãdados pera as outras; ſem aver niſſo reparo.

Lib. 14. n. 5. Cumque delecti judices cognoſcẽdis rebus accuratam, ut imperatũ erat, dediſſent operam, conſultoq̃ precibus Deo, juraticẽ ſuiſſent, ſuperiorũ motuum culpã reſidere penes Simonem videri &c.

13 Se o P. M. Simaõ a cazo depois do parecer de Sãcto Ignacio, intentou voltar a Portugal, fallando humanamente merece ſua deſculpa; porque ſendo tal peſſoa, Meſtre, & Confeſſor do Principe, & homem em Portugal de grande opiniaõ, claro he, que ſeu bom nome ſe expunha a padecer algum deſdouro. Se elle tal pertendeo, naõ foi por meyo de Breves, pois o Breve paſſou na forma dita, ſeria propondo como a regra o conſente. Porem aſſáz moſtrou ſua muita virtude, em ſe acõmodar finalmente ao querer de Sancto Ignacio, & cortar pello que diriaõ as gentes. O certo he, que o Hiſtoriador, que taõ meudo foi neſtes, que eſcreveo por defeitos ſeus, bem pudera advertir, que o P. M. Simaõ ſendo taõ bem viſto dos Principes, & peſſoas, q̃ na Corte de Portugal podiaõ muito, nũca tratou de ſe valer dos ſeus patrocinios em ordem aos ſeus cõmodos. Sendo aſſim, que entaõ naõ avia as prohibiçoẽs, que hoje temos.

14 Eſta revolta foi naquelles tempos mui debatida, & ouve temores, de que a Companhia em Portugal, onde mais avultava, ſe queria governar ſobre ſi ſem algũa dependencia do governo de Roma: por iſſo Sancto Ignacio poz tanta vigilancia, & cuidado em atalhar qualquer prin-

cipio, donde pudeſſe brotar eſta hydra, a qual naõ podia ter alento ſem ruina da Companhia, cujo fundamento he a uniaõ em hũa sò cabeça. Por tanto a culpa deſtas perturbaçoens foi dos diſtrahidos; & o zelo de alguns Padres graves imaginou, que nacia do ſuperior o deſmancho dos ſubditos, como muitas vezes experimentamos nas cõmunidades, ſerem ſem culpa ſua mordidos os Prelados por cauſa da culpa, que he toda dos ſubditos.

15 He ſem duvida, que a Companhia toda eſtâ em grandiſſimas obrigaçoens ao P. M. Simaõ; nem ſei, que naquelles principios deveſſem os ſeus adiantamentos tanto a outro algum Companheiro de Sancto Ignacio; mas tãbem he certo, que as ſuas couſas devem bem pouco a alguns hiſtoriadores da Companhia, porem pode o P. M. Simaõ conſolarſe com outro dos principais companheiros de Sancto Ignacio, & de quem o Sancto diſſe, que era dos homens, a quem mais devia a Companhia, de quẽ a Hiſtoria Geral deixou em memoria alguma couſa bẽ eſcuſada, & de que todos nos indignamos, quando a lemos. Nem tudo o que anda pellos cartorios he pera as Hiſtorias publicas, principalmente quando nenhuma utilidade reſulta da tal noticia, & sô ſerve unicamente de deſar ao ſogeito, de quem ſe dâ. Dos defeitos naturais ninguem tem culpa, os morais podem ter muitas deſculpas, & nos homens de virtudes excellentes de ordinario as tem, & he rezaõ, que quem delles eſcreve, aſſim como diz, o que ſe reprezenta ſer defeito, aponte as rezoens, ſe as hâ, que deſculpam aquelle, que parece deſacerto.

16 Sahio a dita Hiſtoria a primeira ves a lus no anno de mil ſeis centos, & quinze, em que eraõ vivos muitos Padres graves, & Sanctos deſta Provincia, que tinhaõ vivido, & tratado com o P. M. Simaõ, & olhavaõ pera elle, como pera homem do Ceo; & ſentiraõ muito, como era rezaõ, que ſe imprimiſſem de tal homem ſemelhantes couſas, quais eſta Hiſtoria refere: & ſe fez papel, que tenho na minha maõ, em que ſe moſtra, deviaõ ſer tiradas as tais couſas da Hiſtoria, porque naõ perdeſſe o ſeu credito, pois aſſim como era pouco ſegura, no que dizia do P. M. Simaõ, de quem ſe ſabia o contrario, dava occaſiaõ, a ſe cuidar, teria pouca firmeza em outras couſas.

17 Quanto aos intentos taõ imperfeitos de alcançar o Bre-

Digitized by Google

o Breve, fica dito, ó que em verdade paſſou; & ſe a cazo tiveſſe acontecido, como a Hiſtoria o conta, couſa bem eſcuſada, & ſem fruto era, eſcrevelo, & aſſoalhar imperfeiçoens de hum dos primeiros pays da Companhia, que como filhos honrados deviamos encobrir, & lançar ſobre ellas alguma capa, como fizeraõ os Sanctos filhos de Noé.

18 Quanto á froxidaõ, que taxa no P. M. Simaõ Rodrigues, ſe o Hiſtoriador pezara de vagar os exemplos, que deu de ſua inteireza, tal nota lhe naõ paſſaria por penſamento. Huma ves mandou deſpedir a certos Irmãos, por ſenaõ acõmodarem a andar com as carretas, que ſerviaõ nas obras, que começavaõ no Collegio de Coimbra, & dizerem, que dentro de caza fariaõ todo o ſerviço, mas naõ por fora, por ſer couſa de grande afronta ſua.

19 Em outra occaſiaõ mandou deſpedir tres Irmãos, por mandarem cartas fora com grandes cautellas, & reſguardos dos ſuperiores, dizendo o P. neſta ſua carta: que aſſim ſe haõ de caſtigar com pena taõ grave os defeitos, que impedem o bem publico, & daõ occaſiaõ, a ſe fazerẽ das leis, corruptelas, & que a Companhia naõ tem neceſſidade de homens, que ſe recataõ dos ſuperiores. Ao P. Luis Gonçalves da Camara, tirou de Reytor do Collegio de Coimbra, & mandou ſervir na cozinha, peraque deſſe taõ bom exemplo de humildade, como o dera de bom ſuperior. Jâ a quelle valor inexplicavel, & ſancta fortaleza, com que reſiſtio a el-Rey Dom Joaõ, quando procurou, que ſahiſſe da Companhia Dom Theotonio, quem negarâ, que denotou hum animo mais que de homem?

20 O zelo de ſe conſervar puro, & inteiro o verdadeiro eſpirito, que Deos communicou a Sancto Ignacio, era tal, que em huma das ſuas cartas diz: *Que naõ importava á Companhia ſer numeroſa em ſogeitos, mas que lhe baſtavaõ quatro, & ainda hum ſõ, que tiveſſe em ſeu vigor o tal eſpirito, & quando Deos permitiſſe, faltarem todos, que lhe dava Deos animo, pera de novo plantar a Companhia em Roma, & em Heſpanha.* Todas eſtas ſaõ palavras do P. M. Simaõ. Se eſtas couſas ſaõ ſer remiſſo, & froxo em fazer obſervar a diſciplina Religioſa, naõ ſei, quem neſta materia ſeja forte, & conſtante.

21 O certo he, que a forma, em que a dita Hiſtoria fal-

falla em algumas partes da veneraval peſſoa do P. M. Simaõ, naõ ſomente ſera ſempre aborrecida a todas as noſſas Provincias da Coroa de Portugal, das quais ſe pode o P. M. Simaõ chamar fundador, mas tambem ás de Heſpanha, nas quais elle teve tanta parte, que o P. Araoz, diz em huma carta ſua de 25. de Abril de 1549, *Que noſſo Senhor tinha tomado o P. M. Simaõ por miniſtro pera Heſpanha.*

22 E porque eſtas palavras naõ pareçaõ sô de cumprimento, couſa certa he, que fez com el-Rey, que pera a Companhia entrar em Caſtella, pediſſe a Sancto Ignacio, mandaſſe o P. Fabro, pera ir a companhando a Princeza a Caſtella, quando foi cazar com o Principe Dom Philippe. Com eſte pretexto veyo a eſte Reyno o P. Fabro, & deſte Reyno ſe partio pera Valhadolid, onde eſtava a Corte, alli deu grandes exemplos, dando com iſſo principio as fundaçoens de Valhadolid.

23 Pera a fundaçaõ do Collegio de Gandia mandou o meſmo P. M. Simaõ ao P. Andre de Oviedo com outros do Collegio de Coimbra; donde tambem mandou outros, & o P. Villanova, pera ſe fundar Collegio em Alcalâ. Depois ao P. Miraõ com outros a fundar o Collegio de Valença, & o meſmo P. M. Simaõ foi mandado pôr em ordẽ a Provincia de Aragaõ. Tambem mandou ao P. Pedro Domenec fundador das cazas dos Meninos orfaõs neſte Reyno, pera ajudar a promover o Collegio de Barcellona em Catalunha.

24 Quanto a outras Provincias, a que el-Rey Dom Joaõ o terceiro fez grandes merces. & acodio com ſeu patrocinio em cazos apertados, tudo era meneado pello P. M. Simaõ. Os exemplos de ſua peſſoa, quam raros foſſem, ſe deixa bem ver, do que neſta vida eſcrevo. Os Padres Diogo Laynes, & Affonſo Salmeiraõ companheiros tambem de noſſo Sancto Padre Ignacio, eſcrevendo de Trento ao P. M. Simaõ no anno de 1545, lhe daõ as graças *Pello bom odor das virtudes, que dava em Portugal*; Aonde rejeitara ſer Biſpo de Coimbra, & foi o primeiro da Companhia, que deu de maõ a dignidades.

25 Pera que ſe veja mais ſua rara virtude, & a juſta rezaõ do noſſo ſentimento, he de ſaber, que Deos lhe tinha revelado eſtas couſas da ſua mudança pera Reynos eſtranhos. Quero aqui lançar com ſuas palavras, o que teſtemunhou

munhou Dinis Pinto, de quem ao diante contaremos, como nelle ſe cumprio huma profecia do P. M. Simaõ. Era eſte homem ainda da Companhia, de pois foi Juis dos Orfaons da Villa do Conde, era achacado, eſtudava na Reſidencia de ſaõ Fins.

26 *Mudandoſe* (diſſe elle no ſeu teſtemunho) *da quelle moſteiro pera Coimbra o P. M. Simaõ, me trouxe conſigo, & paſſando por eſta Villa, recolhido ja noite, pera repouzar em hum apozento das cazas de minha may, como vendo em eſpirito tudo, o que depois ſuccedeo, me diſſe: Irmaõ Dinis, voſſa diſpoſiçaõ naõ he pera a Companhia, ſois muito enfermo, & naõ aveis de ſer curado daqui por diante com os mimos, & remedios de atte aqui, porque na Companhia ha de aver huma grande mudança, & eu hei de ir a Roma, & la por eſſas partes hei de eſtar de vagar, vos cazareis neſta villa, & nella fareis humas cazas, & eu virei ter com voſco a ellas.* Atte aqui as palavras de Dinis Pinto, abaixo veremos, como ſe cumprio à riſca tudo, o que antes de ſucceder, diſſe a eſte homem.

27 Veſſe como Deos tinha revelado a ſeu ſervo toda a mudança, de que aſſima fallei, & ſendo tal ſua virtude, que merecia eſtes, & outros favores do Ceo, fica mais clara ſua innocencia. A carta de Dinis Pinto, em que refere o ſobredito, ſe conſerva no cartorio de Coimbra, & a tenho diante de mim, quando iſto eſcrevo.

28 Tambem naõ poſſo deixar de advertir, que os documentos principais pera à quella Hiſtoria, como ſe diz no prologo, & o tem Saquino na quarta parte livro quarto, numero vinte, & dous, foraõ de certo Padre, a quem na quarta congregaçaõ Geral da Companhia, os Padres Portuguezes deſviaraõ de ſer eleito Geral da Companhia, por certo achaque, que alli delle refere a Hiſtoria. E pode ſucceder, que quem tem rezoens pera eſtar menos afeiçoado a huma naçaõ, ſe della eſcreve, naõ ſeja taõ apurado no exame das couſas, como o fora, ſenaõ concurreſſem motivos de ſentimento. Os valimentos do P. M. Simaõ com el-Rey fizeraõ emulaçaõ, & della ſe ſeguio eſcreverenſe a Roma muitas couſas pouco certas, & eſtas cartas, que deviaõ ſer mais apalpadas deraõ occaſiaõ a muitas deſatençoens deſta Hiſtoria a cerca do P. M. Simaõ. Iſto baſte neſta materia, que julguei ſer precizo, por

aco-

acodir, como bom filho pello credito de hũ pay, a quem tãtas, & taõ florentes Provincias da Companhia, & a meſma Companhia toda eſtà taõ obrigada, pello muito, que a procurou plantar, & adiantar.

29 Naõ nos conſta o tempo, que o P. M. Simaõ Rodrigues ſe deteve na Provincia de Aragaõ, he certo que naõ foi muito, como tẽ Orlandino. Em Italia ſe deteve eſta ultima ves atte o anno de mil quinhentos ſeſſenta, & quatro, no qual ſe retirou a viver em Heſpanha. O P. Saquino na ſegunda parte da hiſtoria geral, livro quarto, numero cento ſetenta, & hũ tem, q̃ o primeiro Provincial de Aragaõ, fora o Padre Franciſco Eſtrada, o ſegundo o P. Baptiſta Barma, o terceiro o P. Antonio Cordezes, donde ſe ve, que o P. Meſtre Simaõ naõ chegou a exercitar o cargo, ou foi taõ pouco tempo, que ſe reputou como ſenaõ foſſe. Orlandino livro decimo quarto, numero ſincoenta, & dous, tem eſtas palavras: *Nam tametſi perexiguo tempore Simon Aragoniæ præfuerat, nec eam diviſionem valde probarat Araozius, ad eumque Simonis diſceſſu adminiſtratio univerſa redierat, noluerat tamen B. Pater duarum provinciarum nomen extingui.* Acho huma carta ſua dada em Genova aos tres de Outubro de mil quinhentos ſeſſenta, & dous, que he poſta a huma, em que ſe lhe eſcreveo o Martyrio do P. Gonçalo da Silveira; da qual aqui quero apontar algũa parte, por ſignificar bem as invejas ſanctas, que lhe teve.

Orland. 14. n. 52. Synops. 1. ſec. pag. 53. Sacchin. 3. part. lib. 1. n. 31.

30 *Aſſim*, dizio Padre, *dezejo que todos ſejamos aparelhados a fazermos em pedaços por noſſo* Deos, *& que naõ ſejamos homens de manteiga: ora bem, Deos nos ajude, todos nos havemos de achar diante de Deos*, Unuſquiſque referet, quæ geſſit, ſive bona, ſive mala. *Quem for carregada de palha, achar ſehâ ſem graõ, & quem for de manteiga, derreter ſehâ no fogo. Em fim a virtude ha de ſer dura como huma penha, & naõ ſe ha de deixar romper com picons de vento, & de vaidade, & de ſenſaborias, & parvoices, & imaginaçoens.*

31 *Quando li as novas da morte deſte homem Apoſtolico, ſe em mim fora poder ir, & acharme ao ſeu ſacrificio, ſem duvida creyo, que de boa vontade me embarcara ſobre huma cortiça; & ſenaõ pera ſer participante de huma morte ſemelhante á ſua, pois conheço, que naõ ſou digno della, ao menos, pera me fartar de chorar, & pera ſer como hum Eliſeu, & me ficar com a capa de Elias nas mãos.*

32 Mas

Digitized by Google

32 *Mas eu achome com as mãos cheas de nada, velho, podre, miſero, & miſeravel. Ora vede, que conſolaçaõ poſſo ter, os Filhos gozaõ da patria, & Cidade celeſtial,* Et pater manet exul, & peregrinus in regione tenebroſa, & in umbra mortis. Citius cucurrit, quia fortior me erat, fortior me erat, quia citius pervenit ad palmam. *Eu todavia, ainda que naõ ſeja tal, irmeei com hum bordaõ pouco a pouco peregrinando, atte que chegue a Santiago, & pois palavras naõ baſtaõ pera chegar a Santiago, deixalaſei, & pedirei a Deos hum bordaõ de fê, eſperança, & paciencia, que bem cumpre, que a tenha, pois me vejo taõ longe da virtude de Dom Gonçalo.*

33 Atte aqui parte da ſua carta: do que neſtes annos fez em Italia, nada acho eſcrito, sô que ſe achou na eleiçaõ do P. Diogo Laynes em Geral da Companhia, em que avendo certa revolta, que refere a Hiſtoria geral, o P. M. Simaõ ſe deſviou della. Tambem acho, que navegando em huma galè pella coſta de Italia, juravaõ muito os marinheiros, o Padre lhes pedio, que naõ juraſſem, a iſto reſponderaõ, que tambem os Clerigos o faziaõ. Entaõ lhes fez eſte partido, que por cada juramento pagaſſe cada hum delles hum vintem pera certa obra pia, & que elle pagaria hum cruzado. Aceitaraõ com feſta o partido, & o Padre recolheo huma boa eſmola pera a obra pia, porque em quanto naõ puzeraõ boa cautela ſobreſi, ſem querer, cahiaõ no que eſtavaõ habituados; porem quis o Senhor, que a traça tiveſſe bom effeito no cuidado, que puzeraõ, em ſe emendar; & era muito pera ver, como em todo eſte tempo eſpreitaraõ ao Padre, por ver ſe o colhiaõ em algum juramento, pera pagar o cruzado.

34 Tomando a galê porto em huma fortaleza, o Padre ſaltando em terra, ſe retirou como pobre mendigo a alimpar o veſtido dos animalejos, que cria o corpo humano. Eſtando neſta funçaõ, deu ſinal a fortaleza, a ſe recolher a ella toda a gente, por ſe virem chegando as galês dos Turcos. Vioſſe o P. em grande aperto, quando chegou, jâ eſtava fechada, & as chaves na maõ do Capitaõ. Valeolhe o ſotocapitaõ, que era Portugues, ao qual contando os paſſageiros, em como o Padre era da meſma naçaõ, negociou hum ceſto, que lançou pendente de huma corda, & por huma janela da torre o meteo dentro nella.

Aſſim o livrou Deos de ſer cativo dos Turcos.

35 No anno de mil quinhentos ſeſſenta,& quatro paſſou a Heſpanha, naõ ſei ſe neſta viagem, ſe na outra, que jâ de Roma tinha feito a Portugal, paſſando pellos montes Alpes em tempo, que tudo eſtava cuberto de neve, perdeo o caminho; quando eſtava neſta afliçaõ apareceo alli hum menino, que o guiou, & foi tido por Anjo do Ceo, porque depois de o por no caminho, de repente deſapareceo.

CAPITULO XXV.

Como o P. M. Simaõ ſe retirou às Provincias de Caſtella, de como alli paſſou muitos annos. Volta a Portugal, duas couſas, que no caminho lhe aconteceraõ. Eſcuſaſe de ſer confeſſor del-Rey.

1 VEndo pois que naõ podia fazer a viagem a Jeruſalem, ficou alguns annos em Italia, depois ſe recolheo a Heſpanha. Viveo muitos annos no Collegio de Murcia, fundado por Dom Eſtevaõ de Almeida Portugues de naçaõ, Biſpo de Carthagena, & em outros das Provincias de Caſtella, ſendo a todos hum vivo exemplo de Sanctidade. Cometeolhe o P. Geral ſeus poderes, pera em todos os negocios de importancia ſe fazer, o que elle, & o P. Antonio Araoz determinaſſem. Porem o Padre ſe ouve ſempre com tal retiro, & encolhimento, que sô uſou deſte poder em alguns cazos particulares, que lhe encomendou por rezoens eſpeciais.

2 Huin ſe acha eſcrito, & foi, o litigio dos Reytores de dous Collegios, dizendo cada hum, que certa peça pertencia ao ſeu Collegio. Era de importancia, & por iſſo maior a fadiga dos litigantes. Eſte negocio por vezes ſe remeteo a noſſo R. P. Geral, & ſempre ouve replicas. Entaõ foi encomendado ao P. M. Simaõ a ultima deciſaõ.

3 Depois de viſitar ambos os Collegios, ouvir as rezoens dos Reytores, vendo a dificuldade, que havia em os aquietar, levou a couſa por traça. Mudou os Reytores cada hum pera o Collegio do outro; & os mandou de novo arrezoar: porem elles com a mudança de governos, mu-

daraõ

daraõ de opiniaõ, & ja cada hum acodia pello Collegio, onde era Reytor, fazendo eſcudo das rezoens, que antes tinha por nenhumas. Entaõ o Padre os convenceo de pouco conſtantes nos ſeus pareceres, & depois deu a ſentença pella parte, que julgou ter mais firmes, & ſolidas rezoens.

4 Neſta quietaçaõ de vida particular eſteve o P. M. Simaõ muitos annos, como ſe tal homem naõ ouveſſe neſte mundo. Finalmente avendo congregaçaõ geral no anno de 1573, em que foi eleito o P. Everardo Mercuriano, ſe fizeraõ inſtancias da Provincia, nos reſtituiſſe ao P. M. Simaõ. Ordenou o Padre Everardo, que todos os da Companhia, que eſtavaõ em Provincias diverſas das ſuas, ſe recolheſſem a ellas; porque nos primeiros tempos da Companhia, como naõ avia gente feita em todas as Provincias, foi coſtume, mandar os homens feitos de huns Reynos a outros, pera ir acodindo a tudo. Deſtes em eſpecial eraõ muitos os de Heſpenha, que por força deſta diſpoſiçaõ ſe recolheraõ às Provincias, a que pertenciaõ; pois avendo ja homens feitos naturais de cada Reyno, eraõ eſcuzados eſtrangeiros.

5 Por eſta rezaõ tambem veyo o P. M. Simaõ pera Portugal no anno de mil quinhentos ſetenta, & tres. Eſtava entaõ em JESUS del monte de Alcalâ, onde deſpedindoſe dos noſſos ouve grandes ſaudades, porque o amavaõ muito. Fizeraõ muitas coplas, & verſos, em que declaravaõ o ſeu ſentimento. Chegando a Portugal lhe aconteceraõ duas couſas notaveis. A primeira na villa do Conde na Provincia de Entre Douro, & Minho, chegou alli por lhe ficar no caminho: perguntou por Diniz Pinto Juis dos Orfaons, & o foi buſcar a ſua caza, ficou Diniz Pinto como aſſombrado com a viſta do P. M. Simaõ, aquem paſſava de vinte annos, que naõ vira. A cauſa deſte ſeu aſſombramento foi a ſeguinte. Sendo Dinis Pinto eſtudante Theologo da Companhia em Coimbra lhe profetizara tres couſas o P. M. Simaõ. A primeira, que ainda que era Theologo, naõ avia de tomar eſtado Eccleſiaſtico, & aſſim foi, porque ſe cazou, depois que por ſuas infermidades, naõ podendo ſervir de nada na Companhia, eſta o alliviou dos votos, & elle foi viver em ares naturais. A ſegũda, que na villa do Conde avia de edificar humas cazas novas, pera nellas morar. A terceira, que elle M. Simaõ

depois de muitos annos o avia de vizitar nas meſmas caſas; iſto lhe diſſe o P. levandoo por companheiro, quando veio de ſaõ Fins como fica dito.

6 As duas primeiras ſe cumpriraõ, & vivia o homẽ mui conſolado, entendendo ſerem as ſuas couſas agradaveis a Deos, pois aſſim antemaõ lhas tinha ſignificado. Sobrevieraõ-lhe depois alguns deſgoſtos; & ſabendo que o P. M. Simaõ eſtava de aſſento em Reynos eſtranhos, tev e o ſuccedido por ditos caſuais. Quando hum dia eſtando deſpachando hum feito ſobre a meza, porque era Juiz dos Orfaons, ve entrar pella porta ao P. M. Simaõ, fica todo ſobreſaltado, occorrelhe o cumprimento da profecia, lançaſe aos pes do Padre, abraçao com goſto inexplicavel. Depois contava Diniz Pinto muitas vezes o ſuccedido como couſa admiravel.

7 O ſegundo acontecimento foi, que à inſtancia de Dom Jorge de Ataide Biſpo de Viſeu grande devoto do *P.* M. Simaõ, foi a velo na ſua cidade de Viſeu. Neſte caminho, que fez com dous companheiros mais, paſſou junto a Vouzella patria ſua, onde vivia ainda huma ſua Irmãa, & tinha muitos parentes, que eraõ dos principais da terra. Perſuadiraõ-no ſeus companheiros, que os foſſe conſolar, pois avia tantos annos eſtava fora de Portugal: porem o Padre, naõ ſô o naõ quis fazer, mas nem ainda mandarlhe recado algum, avendoſe com elles, como ſe os naõ tivera. Exemplo mui ſemelhante ao que neſta materia nos deyxou S. Franciſco Xavier, quando indo pera à India paſſou por Navarra, ſem querer ir ver ſua may, por mais que lho pedio o Embaixador.

8 Entrou finalmente no Collegio de Coimbra aos 24 de Setembro de 1573, onde foi recebido, como taõ Sancto, & bom pay merecia. Em toda a Provincia ouve goſto inexplicavel, renovouſe o antigo amor, que lhe tinhaõ os Senhores grandes. O meſmo Rey Dom Sebaſtiaõ, que jâ reynava, lhe mandou dar as boas vindas, & o quis tomar por ſeu confeſſor em lugar do P. Luis Gonçalves, que eſtava mui doente. Mãdoulhe pera iſto fallar por Dom Jorge de Almeyda Arcebiſpo de Lisboa: mas o Padre ſe eſcuſou allegando ſua idade, & indiſpoſiçoẽs: & muito mais o fazia, pello que elle ſentia do paço, & coſtumava dizer: *Que o paço encantava, & que quando ſe queria deixar, naõ era poſſivel, fazelo.*

CA-

CAPITULO XXVI.

Das virtudes do P. M. Simaõ.

1 FOi o P. M. Simaõ Rodrigues homem de ſingular devaçaõ em eſpecial, quando rezava o Officio Divino. Hum Padre, que com elle rezou muito tempo, notou que quando no hymno do Advento: *Verbum ſupernũ prodiens*, Chegava à quelle paſſo, que nos hymnos novos ſe emendou: *Judexque cum poſt aderis, rimari facta pectoris* &c. Se desfazia em lagrimas. Jâ aſſima contei, o que lhe acontecera junto a fonte de Sancta Maria Magdalena na Reſidencia de ſaõ Fins enlevandoſe todo na belleza da Senhora, rezando no Officio Divino as palavras: *Aſtitit Regina a dextris tuis in veſtitu deaurato.* Quando eſte meſmo Padre, que com elle rezava diſſe Miſſa nova, o P. M. Simaõ lhe diſſe eſtas unicas palavras: *Lembreſe Padre da conta, que ha de dar a Deos de taõ alto eſtado.* Iſto que encomendava, conſiderava elle muitas vezes; & eſta conſideraçaõ, o fazia chorar.

2 Vendo hum Irmaõ em Coimbra mui afligido com dores de eſtamago, o levou ao ſeu cubiculo, & fazendoo encoſtar ſobre a ſua cama, elle com ſuas mãos fez hum empraſto de certo unguento, & deſcobrindo o peito do achacado, fazendo o ſinal da Cruz lhe pôs o empraſto, & logo ſe lhe foraõ as dores.

3 No refeitorio, ainda quando vinha de longe, naõ conſentia lhe fizeſſem particularidades, nem puzeſſem ave, querendo, & conſentindo ſomente o comer ordinario, de que uſava a communidade. Se lhe punhaõ diante algum mimo, que pudeſſe ſervir aos doentes, o mandava tirar, & que lho deſſem.

4 Tendo algumas occaſioens de diſgoſtos graves com algumas peſſoas, que lhos cauſavaõ, diſſe a hum Padre: *Confeſſovos, que nunca tive reſabio algum, ou amaritud em minha alma contra alguem.* O effeito moſtrava ſer aſſim, porque de tal modo ſervia, a os que o tinhaõ agravado, q̃ parecia ter delles recebido ſingulares obſequios.

5 Partindo de hum Collegio pera outro, quando jâ eſta-

eſtava na portaria, lhe lembrou, que por eſquecimento ſe naõ deſpidira de certo Padre, o qual em outro tempo cuidando, zelava o bem da Religiaõ, tinha encontrado as couſas do P. Simaõ Rodrigues; logo tornou a ſobir as eſcadas, & o foi buſcar, & ſe deſpedio delle. A outro, que tivera ſemelhante zelo, eſtando enfermo, aſſiſtia o P. M. Simaõ com tais moſtras de caridade, que bem moſtrava, que o amava ſingularmente em o Senhor, & que ſeu animo eſtava mui longe de ter lembranças do paſſado.

6 Trabalhava de ter oraçaõ, & fazer ſuas devaçoens taõ encubertamente, que ninguem o pudeſſe ſentir, nem ver. Por vezes foi nellas achado com huma poſtura, que parecia, eſtar mais no Ceo, que na terra. Sempre celebrava, ainda quando eſtava enfermo, ſe ſe podia ter em pe. Coſtumava dizer, que ja, que Noſſo Senhor lhe tirara na enfermidade, o poder ter oraçaõ, lhe deixara a conſolaçaõ da Miſſa, que era taõ grande, que ainda pera o corpo lhe fazia mais proveito, que o mantimento corporal.

7 Dizia quando fazia algumas praticas, que poſto, que a Companhia era ordenada, pera tratar com o proximo em ordem a ſua ſalvaçaõ, que com a gente de fora ſe avia de tratar com grande tento, & cautela, citando a eſte propoſito o de Chriſto *Cavete ab hominibus.* Nas moleſtias, & perſeguiçoens, que teve, nunca ſe vio, que ſahiſſe da quella ſua paz, ou moſtraſſe ſinais exteriores de ter em ſeu animo alguma deſenquietaçaõ. Notouſe nelle, que naõ avia couſa, com que abafaſſe, porque a ſua generoſidade nadava ſobre todos os contraſtes. Em ſeus valimentos nũca tratou de adiantar parentes, avendoſe com elles, como ſe os naõ tivera. Nem huma sò palavra fallou por ſeu Irmaõ o doutor Sebaſtiaõ Rodrigues. As merces, que recebeo del-Rey Dom Sebaſtiaõ, todas foraõ no tempo, que o P. eſtava fora de Portugal. Quando entrou em Portugal, tem o P. Alvaro Lobo o fizera por terra, que paſſara por Fataunços meya legoa de Vouzella, ſem viſitar, may, & parentes. Nem ja mais a foi viſitar, ſendo que ſua patria diſta pouco mais de huma jornada do Collegio de Coimbra, onde vinha tantas vezes da Corte. Por tanto a nobre matrona o foi ver a Lisboa, onde as fidalgas lhe fizeraõ muitas honras tendoa por ditoza, por ſer may de tal filho.

8 Quando ſe principiou o Collegio de Coimbra, fez,

que

Digitized by Google

que os fundamentos foſſem muito maiores, que aquelles, ſobre os quais depois ſe fundou, querendo foſſe ainda maior, do que he, pera nelle ſe criarem muito mais ſogeitos, com os quais a Companhia ſe augmentaſſe. Perguntandolhe, porque mandava fazer as paredes dos cubiculos taõ groſſas? Reſpondeo: *Pera que os Irmãos poſſam dar gemidos, & ſuſpiros ao Ceo, ſem ſerem ouvidos.*

9 Tinha grande odio a eſcuſas, dizendo, que homem, que ſe eſcuſava, era impoſſivel emendarſe, porque o amor proprio dava tal cor a falta, que tendoa por falta, lhe naõ parecia falta. Mandandolhe o P. Geral, que eſcreveſſe a vida de S. Ignacio, elle o tomou tanto a peitos, que por muitas horas aturava a eſcrever: dizendolhe alguns Padres, porque ſe matava tanto? Reſpondia, que nas couſas da obediencia naõ ſe avia de ter mimo, eſpecialmente na Companhia, cuja perfeiçaõ, toda conſiſtia na obediencia. Supponho que eſta vida era a Relaçaõ de que atras tanto fallei, que eſcreveo dos principios da Companhia, nem acho noticia, que eſcreveſſe o P. M. Simaõ alguma outra vida de Sancto Ignacio.

10 Era taõ dado à oraçaõ, que todos os dias gaſtava nella duas, & tres horas. De noite ſempre tinha a candea aceza, pera ver huma Cruz que diante de ſi tinha: dizia, que ſe acordando de noite, totalmente a naõ viſſe, morreria, pella grande conſolaçaõ, que lhe vinha de pôr nella os olhos. Sò deixava de rezar o Officio Divino, quando o nimio rigor da enfermidade a iſſo naõ dava lugar algum.

11 Era taõ inimigo de ſi, que nenhum amor tinha a eſta vida, a que outros andaõ taõ aferrados. Quando eſtava na doẽça ultima tinha grãdiſſimos dezejos de morrer, entre eſtes diſſe por graça a hum Irmaõ, que foſſe buſcar pera elle a morte; cuſtaſſe, o que cuſtaſſe, que a trouxeſſe. Nacia eſte dezejo de huã firme ſegurança, que tinha de ſe ſalvar, & deſta lhe parecia eſtar taõ ſeguro, como o pertendente de alguma merce del-Rey, depois de ter na maõ a portaria. Dizendolhe hum Padre, que ſua Reverencia naõ avia de morrer daquella doença, reſpondeo, que a morte naõ vinha dando brados, & que elle quando morreſſe, nenhum eſgar avia de fazer, ſenaõ abrir a boca.

12 Couſa de quarto, & meyo antes da morte chamou ao Irmaõ, que o ſervia, & lhe diſſe, que morria. Reſpondeo

deo o Irmaõ, que viſſe ſua Reverẽdiſſima naõ foſſe imaginaçaõ; reſpondeo, que naõ. Dalli a meyo quarto tornou a dizer o meſmo, & o Irmaõ lhe deu a meſma repoſta: paſſando outro meyo quarto repetio, que morria, & dizendolhe o credo, deu ſua alma nas mãos de ſeu Criador, ſem fazer mais que abrir a boca com muita paz, & ſocego, como diſſera.

13 Com ſeus ſuperiores ſe ouve ſempre com grande humildade. No fim da Relaçaõ, que dos principios da Companhia mandou a Saõ Franciſco de Borja entaõ Geral, conclue com eſtas palavras: *Digo, que minha intençaõ naõ foi eſcrever de ninguem em particular, ſenaõ em geral do progreſſo, & origem da companhia, & ſe niſto, ou em alguma outra couſa procedi indiſcretamente, & com pouca conſideraçaõ, voſſa Paternidade cõ ſua prudencia encubra minhas faltas, & as emende, emande a penitencia, que ellas, & eu merecemos*: Et in omnibus exaltetur ille, a quo bona cuncta procedunt, & qui omnia operatur in omnibus.

14 Quando ultimamente veyo pera Portugal, trazẽdo todos os poderes do P. Geral, pera poder uſar de ſuperioridade nas caſas, & Collegios, onde ſe achaſſe, ou quizeſſe eſtar, nunca por ſua humildade, & modeſtia quis uſar delles; nem deſcobrio eſtes ſeus poderes, ſenaõ a certo propoſito fallando com hum Padre.

15 Entrando huma ves em o Collegio de Coimbra, quando era Provincial, depois de ter levado comer aos prezos em huma caldeira de cobre, que levara, & trazia as coſtas, o ſahiraõ os Irmãos a receber na portaria lançãdo em terra ſuas capas, pera que paſſaſſe ſobre ellas a imitaçaõ de Chriſto. Eſtranhoulhes o Padre eſte exceſſo, o qual nacia todo do reſpeito, que lhe tinhaõ. Na ultima doença, & poucos dias antes da morte declarou a hum Padre, o que paſſara a cerca da Cruz, que tinha no peito, de que abaixo ſe ditâ, porque achandoſe, quando o amortalhaſſem, naõ ſe cuidaſſe, que era couſa milagroſa. Por toda a vida, & em todas as occaſiões procurou moſtrar eſpirito de humildade. Nenhũmas honras o entonaraõ, & de todas procurou fugir.

16 Por toda a vida ſe deu muito à penitentia de jejũs, diſciplinas, & cilicios, com o que muito ſe attenuou. Todos os dias fazia alguma mortificaçaõ eſpecial. Perguntan-

do

do huma ves, qual fora a maior mortificaçaõ, que tivera em ſua vida? Reſpondeo, que a primeira fora, naõ ir pera India, & a ſegunda andar no Paço ſendo Meſtre do Principe. Era naturalmente affavel. Daqui tomaraõ occaſiaõ alguns eſcriptores eſtrangeiros, pera eſcreverem delle com menos fundamento, que era remiſſo com os ſubditos.

17 O certo he, que elle ſabia temperar o rigor com a ſuavidade, uſando a ſeu rempo, do que pedia a occaſiaõ. Sendo neceſſario exercitava os ſubditos em couſas difficultozas. Por culpas muito leves dava pezadas penitencias, dizendo, que os Religioſos naõ aviaõ de eſtranhar as penitencias, pois naõ vieraõ à Religiaõ, pera levar vida folgada.

18 Facilmente ſe inclinava a deſpedir os inuteis da Companhia, dizendo, que o deſpedir tinha a virtude da ſangria, que tira o ſangue, mas dà ſaude. Dizia, que o Religioſo da Companhia avia de ſer de aço, pera aturar o trabalho. Explicavaſe acrecentando, que naõ ſerviaõ câ homens de manteiga, que com qualquer ar de tribulaçaõ ſe derretem; por iſſo queria, que os Irmãos ſerviſſem nos officios mais humildes atte de carreiro, & outros ſemelhantes.

19 Era taõ grande o reſpeito junto com hum amor filial, que todos lhe tinhaõ, que ainda os mais velhos eſtavaõ diante delle, como ſe foſſem meninos. De pouco tinha entrado hum ſacerdote, que fóra ſe tratava com brio, & aceyo no veſtir, mandandoo peregrinar veſtido com certo trage, que as memorias antigas chamaõ pelote, & por humildade o uſavam em ſuas peregrinaçoens os noſſos, o noviço moſtrou repugnancia. Chamouo o P. Meſtre Simaõ, diſſelhe ſô eſtas palavras: *Como aſſim Padre meu, & naõ vos lembrais de Chriſto deſpido por voſſo amor?* Quvindo eſtas palavras aſſim ſe rendeo logo, que lançado aos pes do Padre lhe pedio perdaõ, & tomou o veſtido, a que tinha repugnancia.

20 Seu zelo do bem das almas foi notoriamente grãde. Sahia muitas vezes a pe a prègar, & enſinar a doutrina em huns, & outros lugares recolhendoſe em os hoſpitais, & vivendo de eſmolas. Teve neſta materia tanto eſpirito, & fervor, que o P. Saquino com muita rezaõ diz, que a elle principalmente ſe deve o conſervarſe neſte Reyno 4 p. l. 7. n. 272.

em os da Companhia o nome de Apoſtolos, com que eſta naçaõ nos autorizou ſempre. Promoveo muito a frequẽcia da comunhaõ prégando no territorio Tarviſiano em Italia, em eſpecial com hum caſo, que elle bem averiguou, & pouco antes ſuccedera no lugar Salzano. Indo hum Sacerdote sò com hum menino levar o Viatico a hum enfermo, paſſou por hum lugar, em que andava hũa manada de jumentos, os quais, como ſe tiveſſem conhecimento, ſe dividiraõ em duas fileiras, & puzeraõ de joelhos, ficou atonito o Sacerdote, & foi paſſando, os jumentos ſe levantaraõ, & em duas alas o foraõ ſeguindo athe a porta do ẽfermo, alli eſperaraõ athe ſair o Sacerdote, & lançandolhes a bençaõ tornaraõ ao ſeu prado. Com eſte prodigio deſpertou Deos a frieza dos fieis, & com a ponderaçaõ delle inflamou muito aos povos o P. M. Simaõ. Aſſim o refere Orlandino no livro ſegũdo da ſua Hiſtoria. Todos os annos athe ſua morte renovou em dia da Aſſumpſaõ da Senhora ſua profiſſaõ ſolemne, em lembrança das renovaçoens, que com os mais Padres fizera em Pariz antes de ſe fũdar a Companhia. Finalmente elle foi no exercicio de todas as virtudes varaõ perfeitiſſimo, & de elevado eſpirito de oraçaõ, & mortificaçaõ.

CAPITULO XXVII.

De alguns favores, que Deos fez por meyo do P. M. Simaõ, & couſas, que prediſſe.

1 ALgumas couſas obrou Deos por meyo deſte ſeu grande ſervo, com as quais manifeſtou, quanto lhe agradavaõ ſuas oraçoens. O Padre Vicente Rodrigues irmaõ do veneravel Padre Jorge Rijo era muito achacado, & ſogeito a crueis dores de cabeça. Fizeraõ-ſelhe em Coimbra todos os remedios, ſem delles reſultar algum proveito. Ordenaraõ os Medicos, que o mandaſsẽ aos ares patrios. Era natural da Fonte da talha junto a Sacavem naõ longe de Lisboa, por ſerem os ares os meſmos, foi mandado pera a caſa de Sancto Antaõ o velho de Lisboa.

2 Nem

2 Nem mudança de ares, nem repetiçaõ de Medicinas foraõ de algum proveito. Por tanto deraõ os Medicos a cura por deſeſperada, caminhando o enfermo a grande preſſa pera a morte. Neſte tempo chegou de Coimbra o P. M. Simaõ noſſo provincial. Depois de viſitar o Santiſſimo, foi logo, como tinha de coſtume, quando entrava de novo, viſitar os enfermos. Entrou a ver o Padre Vicente, alegrouſe, & abraçando-o lhe diſſe eſtas palavras: *Confia, irmaõ, que naõ aveis de morrer deſta.* Foraõ as palavras de tanta efficacia, que logo ficou ſaõ, ſem achaque, & ſem dor, & ſe levantou. O caſo foi tido, & havido por prodigioſo, & como tal ſe eſcreveo a Roma. Orlandino o refere no livro oitavo da Hiſtoria Geral, numero oitenta. Alli meſmo conta o ſeguinte, que naõ he de menos admiraçaõ.

3 No anno de 1548. deu em Coimbra hum priorizaõ ao Padre Gonçalo da Silveyra. Ouve deſcuido em ſe deſcobrir a tempo, & foi tambem pouco nos Medicos o conhecimento da doença. Quando ſe lhe acodio, ja o mal ſe tinha apoderado em forma, que ſendo chamado o Doutor Thomas Rodrigues Lente de Prima de Medicina, advertio ao P. M. Simaõ, que mandaſſe aquella noite vigiar o enfermo, porque naõ podia chegar ao outro dia. Eſte deſengano penetrou com dor a todos, por ſer o Padre Gonçalo por todas as rezoens os olhos do Colleglo. Ainda que a magoa cuſtou a todos, mais atraveſſou o coraçaõ do P. M. Simaõ Rodrigues. A noite ſe lhe foi toda fazendo oraçaõ pello enfermo. Foraõ-no alentando com fomentaçoens, & ſubſtancias.

4 Chegou a menhãa, eſtando o P. M. Simaõ no cubiculo do enfermo lhe diſſe: *Irmaõ Gonçalo, tende bom animo, que eu vou dizer Miſſa por voſſa ſaude.* Eſtando o Padre dizendo Miſſa de repẽte ſe alvoraçou o enfermo ja deplorado. Diſſe em preſença do Padre Reytor, & mais circunſtantes: *Meu Senhor JESUS, eu eſtou ſaõ. o P. M. Simaõ me alcançou a vida.* Fez a novidade em todos grande abalo, começaraõ a concorrer. Acabada a Miſſa chegou o P. M. Simaõ, diſſelhe o enfermo: *Eu eſtou ſaõ, ſò me falta a licença de voſſa Reverencia, pera me levantar.* Diſſimulando o Padre, lhe naõ conſentio, que ſe levantaſſe. Foi eſta ſaude taõ inopinada, que temendo muitos naõ foſſe

como a chama grande, que dà a candea, quando eſtà pera eſpirar, mandaraõ chamar o ſobredito Medico, o qual tomando o pulſo, diſſe eſtava ſaõ, & que a ſaude fora ſobrenatural. Cõ eſte deſengano ficaraõ certificados, ſer a ſaude effeito das oraçoens do P. M. Simaõ. Por ſuceder iſto em dia de S. Sylveſtre, uſou o Padre Gonçalo por algum tempo do nome de Sylveſtre em lugar do ſeu. Segundo ſe dizia, todos os annos ao diante no dia do Sancto acodia ao Padre Gonçalo alguma febre, como deſpertador do beneficio recebido naquelle dia.

5 Tambem foi maravilhoſo o ſuccedido com o Padre Ignacio de Azevedo no tempo, em que eſtudava Philoſophia na Reſidencia de Saõ Fins. Ao eſtudo acreſcentava exceſſiva mortificaçaõ, com a qual viſivelmente ſe attenuou, & enfraqueceo por extremo. Indo o P. M. Simaõ a Saõ Fins, vendo ao Padre Azevedo taõ deſfigurado, & debilitado, lhe diſſe: *Irmaõ, engordai, & tomai forças para o divino ſerviſſo.* Foi couſa, que todos notaraõ por rara, que dentro de muito poucos dias tomou carnes, & cores; o que tudo ſe attribuio à virtude do P. M. Simaõ.

6 Eſtes ſucceſſos ſoraõ em vida do Padre, os ſeguintes depois de ſua morte. O Padre Vitto Liner da noſſa Companhia de naçaõ Alemaõ vindo em peregrinaçaõ a Santiago de Galiza no anno de 1583. eſteve na caſa de S. Roque. Quando ſe ouve de partir, pedio hum bordaõ, porque havia de ir a pé. Por lhe fazerem favor, lhe deraõ hum, que fora do P. M. Simaõ, o qual por eſta cauſa eſtimou com eſpecialidade.

7 Chegando à Villa de Aveiro ſe hoſpedou em huma eſtalagem, onde eſtava enfermo hum menino ja deſconfiado dos Medicos. Pediraõ ao Padre lhe rezaſſe o Evangelho. Pondo nelle o menino os olhos ſe alvoraçou. Cõ meneos, choro, maõſinhas, & acenos pedia o bordaõ, que o Padre tinha. Rogoulhe a may, que lho largaſſe. Aſſim o fez, dizendo, que fora de hum Padre de muita virtude. Abraçouſe o menino com elle, & beijouo. Eis que de repente o menino ſe acha ſaõ, & à viſta dos prezentes ſe levantou dando ſaltos pella caſa. Dalli por diante naõ quiz mais o Padre uſar do bordaõ. Mette-o em huma bainha de pano, & o levava pendente do hombro. Neſta forma entrou no Collegio de Braga contando o ſuccedido, & a cauſa de

ſa de eſtimar tanto o ſeu bordaõ, que levou comſigo pera Alemanha.

8 Entre os confeſſados do P. M. Simaõ foi hũ, o qual ſe eſqueceo da doutrina, & ſanctos aviſos do Padre em forma, que de nada vivia mais deſcuidado, que de ſua ſalvaçaõ. Sendo ja velho no ſeu deſcuido, & na idade, lhe appareceo entre ſonhos o P. M. Simaõ, & com palavras ſeveras lhe eſtranhou o letargo, em que vivia. Intimou-lhe, ſe confeſſaſſe, pois havia trinta annos, o naõ fizera. Acordou aſſuſtado, & fez nelle o aviſo tal impreſſaõ, que emmendou o ſeu deſcuido.

9 Em muitas occaſioens ſe vio, como Deos lhe communicava couſas futuras, & occultas. Ja diſſe, como tivera revelaſſaõ da tormenta, com que Deos o provou, & como aconteceraõ as couſas, que muitos annos antes prediſſe a Diniz Pinto; todas moſtrou o effeito ſerem dittas cõ eſpirito ſuperior. Indo por Lisboa com ſeu companheiro ſe chegou ao ſaudar hum menino fidalgo da primeira nobreſa. Pondo nelle os olhos diſſe pera o companheiro: vedes eſte menino? entrará na Companhia, nella ſerá hũ perturbador. Nem a idade, nem a indole tais couſas indicavaõ. Entrou na Companhia, nella viveo annos, ſem roim fama. Porẽ ſempre cauſou temor o ditto do P. M. Simaõ, o qual plenamente ſe cumprio quarenta annos depois, que o proferio. Fez tais obras, & perturbaçoens na Companhia, que ſó ſe aquietaraõ ſendo elle deſpedido. Fòra ſahio em tais exorbitancias, que foi preciſo raparlhe a bocca, & refrear ſua demaſia, por meyo de juſtiça, & por eſta via acodir pello bom nome da Companhia, que elle procurava infamar.

10 Poucos dias antes de morrer, entraraõ a lhe tomar a beneçaõ tres Noviços, que hiaõ peregrinar, diſſelhes: *Ide, & vinde com Deos, que eu ja no Ceo vos hei de eſperar.* Eſpertando mais a voz repetio: *Adverti, no que vos digo: No Ceo, Irmaõs, vos hei de eſperar.* Quando já ſe apartavaõ, tornou a dizer as meſmas palavras, & acreſcentou: *Vede la, naõ me falteis.* Foi tal o modo, com que diſſe huma, & outra vez eſtas palavras, que os prezentes temeraõ algum infortunio. O caſo foi, que delles hum naõ perſeverou na Cõpanhia; & ſe entẽdeo, que à diſgraça deſte ſe dirigira o modo de fallar do Padre.

11 O

11 O Sancto varaõ Joſeph de Anchieta tendo em ſeu noviciado rendidas as coſtas, encobria eſta leſaõ, & andava muito deſconſolado, imaginando podia por eſta cauſa ſer deſpedido. Penetrou o P. M. Simaõ com luz ſuperior, o que paſſava em o Noviço,& põdo nelle os olhos lhe diſſe eſtas palavras: *Filho Joſeph, deixai eſſe cuidado, com que andais, porque Deos vos naõ quer com mais ſaude.* Com eſtas palavras ſocegou, entendendo, que Deos deſcobrira tudo a ſeu ſuperior.

CAPITULO XXVIII.

Ultima enfermidade do P. M. Simaõ Rodrigues, exemplos, q nella deu, & ſua ſancta morte.

1 NO Janeiro de 1576. ouve Congregaçaõ Provincial na caſa de S. Roque. Nella ſe achou o P. M. Simaõ. Por eſtremo ſe alegrou vendo com ſeus olhos, que homens taõ ſanctos, & doutos recebera na Companhia. Naõ foi menor o goſto de todos, pello terem diante de ſeus olhos. Os ultimos annos, que viveo em Portugal, depois que veyo de Caſtella, viſitou todos os Collegios de eſpaço, conſolando a todos com ſuas palavras, & exemplos.

2 Finalmente ſe recolheo na caſa profeſſa de S. Roque. Alli lhe ſobreveyo huma febre lenta, que por eſpaço de hum anno o foi gaſtando, & conſumindo, ſem lhe deixar lugar a ter algum alivio. Andava ja muito attenuado com as penitencias, que nelle, como fica ditto, foraõ ſempre continuas, & rigoroſas. Com a febre aſſim ſe conſumio, que naõ parecia ter mais, que oſſos, & pelle. Neſte tempo, quando o haviaõ de mudar de hũa pera outra parte, coſtumava dizer: *Mudai, pera onde quizerdes, eſſe coſtal de terra.*

3 Aſſim deſfeito, & reduzido a huma oſſada, viveo perto de tres mezes com eſpanto dos Medicos,que naõ entendiaõ, como podia viver. Sua paciencia era tal, que o explicala naõ cabe em palavras. Era pratica ordinaria dos Medicos, & enfermeiros, que nunca viraõ tal moderaçaõ

Digitized by Google

raçaõ de palavras, nem tal ſofrimẽto entre ancias taõ agudas. Ardia em ferventiſſimos dezejos de ver a Deos, & à Virgem Senhora, de quem fora devotiſſimo, a Sancto Ignacio, & mais Padres, com quem fundara a Companhia. Repetia frequentemente o de David: *Heu mihi quia incolatus meus prolongatus eſt!* outras vezes dizia: *Grande bem he, Senhor meu, ter grande ſede de vòs, & com ella beber, beber, beber, ſem ja mais fartar.* Alguns mezes antes de fallecer, rogou a hum Padre ſeu amigo, que logo, que os Medicos tiveſſem qualquer deſconfiança de ſua vida, o avizaſſe, porque niſto lhe dava o maior goſto.

4 Dandolhe o Padre a ſeu tempo a nova, de como os Medicos diziaõ, aviſinharſe o tempo de ſe deſpedir deſta vida. Perguntou, ſe havia de ſer logo? Reſpondeolhe, dizerem, que duraria por todo o diſcurſo da prezẽte lua. Moſtrou ſentimento de tanta demora, dizendo a Deos eſtas palavras: *Baſta, Senhor, que ainda ei de eſtar tanto tempo, ſem vos ver. Vinde, Senhor, vinde, Deos de minha alma, vinde, & naõ queirais tardar bom JESU.*

5 Nos ultimos dias de vida diſſe, que teria grande cõſolaçaõ de eſtar sò, ſem eſtorvo das continuas viſitas dos Padres, & Irmaõs, que ſe lhe naõ tiravaõ do cubiculo. Todos eſtes dias gaſtou em colloquios com Deos. Chorava de ternura, & devaçaõ abrazandoſe todo em dezejos da gloria. Como lhe diſſeſſem os Padres, que attendendo a ſua fraqueza deixaſſe de fallar, & tomaſſe deſcanſo. Reſpondeo, que o ſeu alivio era com Deos, porque sò a eſte tinha por deſcanſo, & sò a eſte dezejava.

6 O que a todos admirou muito, foi, que ſendo taõ comprida, & de tal qualidade a doença, ſempre guardou o rigor, que guardara por toda a vida, de ſempre dormir veſtido, tirando ſomente a roupeta. A qual ſeveridade, & rigor, naõ ſe pode negar, ſer couſa muito eſtranha, & penitencia exceſſiva. Pedio ao Padre Doutor Jorge Serraõ Prepoſito da caſa, lhe mandaſſe tirar do cubiculo tudo, quanto nelle ouveſſe das pobres alfayas, que tem qualquer pobre Religioſo, dizendo, queria morrer deſpido de tudo, como Saõ Franciſco. Logo ſe lhe deu eſta conſolaçaõ.

7 Pedindolhe alguns Padres, & Irmaõs algumas das couſas, que lhe tinhaõ ſervido, pera ſua conſolaçaõ, reſpõdeo: *Padres, & Irmaõs, eu naõ tenho nada meu, o de que uſei,*

uſei, tudo me tinha empreſtado a Religiaõ, & abi fica, iſſo, q̃ querem, peçaõ ao Padre Prepoſito ſeu ſuperior, & meu.

8 A ſeu tempo pedio o Sancto Viatico, tendo-o nas maõs o Sacerdote, diſſe o enfermo: *Diſſolve, Domine, jugum captivitatis meæ; complaceat tibi, domine, ut eruas me, feſtina, domine, & deſcende, & libera me.* Deſatai, Senhor, o jugo do meu cativeiro, livraime, Senhor, apreſſaivos, libertaime. Avendo recebido entre muitas lagrimas o Sancto Viatico, pedio depois a Sancta-Unçaõ. Recebeo-a indo elle reſpondẽdo ao Sacerdote; por quanto ſempre cõſervou ſeu perfeito juizo, como de ordinario acontece aos tificos.

9 Poucas horas antes de acabar, pedio ao Padre Prepoſito, lhe mandaſſe vir todos os Padres, & Irmaõs da caſa, que pois eſtava de caminho, ſe queria deſpedir delles. Encheoſſe o ſancto velho de alegria, vendo diante de ſi tãtos ſervos de Deos, & taõ acreſcentada a Companhia, com tantos filhos, que elle gerara em Chriſto. De todos, & de cada-hum em particular ſe foi deſpedindo. Lançoulhes ſua bençaõ, todos a tomaraõ, como de pay amoroſo. Pedindolhe licença, lhe beijaraõ todos a maõ, ſendo o primeiro o Padre Prepoſito, aquem ſendo muito moço recebera na Companhia. Eſta funçaõ ſe fez com aquella ternura, que ella de ſi eſtà dizendo.

10 Encomendoulhes ſobre tudo tiveſsẽ grande amor à Companhia, onde Deos os trouxera. Depois tornando a ficar com menos gente no cubiculo, tornou aos coſtumados colloquios. Chegando às duas horas depois da meya noite, olhando pera os prezentes, diſſe, que morria. Tendo na bocca o Santiſſimo nome de JESUS ſem outro algũ movimento, entregou ſeu eſpirito nas maõs de Deos em a caſa de S. Roque de Lisboa aos quinze de Julho de 1579. Acodiraõ os Padres, & Irmaõs, a lhe beijar a maõ, & tomar alguma reliquia. Deſcobriraõ no peito huma cruz, q̃ nos principios de ſua converſaõ tinha aberto com ferro, pera ſe marcar por eſcravo de Chriſto Crucificado. Vioſe, que a haſte tinha hum palmo de cõprimento, & a haſte, que atraveſſava, era de meyo palmo, a largura de ambas era de hum dedo. Os que eſtavaõ prezentes a beijaraõ por ſua devaçaõ.

11 Na meſma hora, em que falleceo, ſe vio ſobre a caſa de

ſa de Saõ Roque huma fermoſa luz. A peſſoa, que da Cidade a vio, ficou paſmada, ſem ſaber, que couſa foſſe. Pella menhãa foi á caſa, contou, o que vira, & as horas da noite, apontou a parte do telhado, ſobre que eſtava. Achouſe ſer o cubiculo do Padre, & na hora, em q̃ eſpirou. Querendo o Ceo com aquella luz ſignificar a gloria deſta ditoſa âlma.

12 As exequias ſe lhe fizeraõ mais com lagrimas dos olhos, que com vozes. Alem dos noſſos Religioſos acodiraõ outros muitos de diverſas Religioens. Acharaõſe prezentes tres Biſpos, Dom Jorge de Ataide Capellaõ mor muito ſeu amigo, eſte ajudou a rezar o officio com os Padres. Antonio Telles Biſpo de Lamego, & hum Biſpo de Parma, que ſe achava em Lisboa, & conhecera ao Padre em Italia.

13 Seu corpo foi depoſitado na capella mòr defronte do Sanctiſſimo das grades da Comunhaõ pera dentro, junto dos degraos do altar mòr. Sentio muito ſua morte o Arcebiſpo de Evora Dom Theotonio de Bragança, porq̃ o amava como a pay, depois que o recebera na Companhia. Pedio licẽça a noſſo R. Padre Geral Claudio, pera ornar com grandes marmores, & epitaphios ſua ſepultura. Quando chegou a licença, era ja morto o Arcebiſpo. Pella grande devoçaõ, que lhe teve, dedicou as cartas do Japaõ, que fez imprimir, a S. Franciſco Xavier, que ainda naõ era canonizado, & ao P. M. Simaõ.

14 Andando annos ſe tiraraõ os oſſos daquella ſepultura, meteraõſe em hũa pequena caixa de marmore quadrado, & ſe puzeraõ na parede da Igreja no cruzeiro junto à porta, que ſahe da via da Sacriſtia com ſeu letreiro: Eſte marmore razo no anno de 1705. mandou acompanhar o Padre Prepoſito Miguel Dias com hum fermoſo tarjaõ de marmore finiſſimo luſtrado, & ſe emmendou o letreiro, que por erro tinha ſer ſua morte aos quatorze. Diz aſſim: *Oſſa P. M. Simonis Roderici pia recordationis, qui provinciam hanc Luſitanam fundavit, primus in ea Provincialis, unus e novem B. P. N. Ignatij ſociis. Obiit in hac domo 15. Julij, anno 1579.*

15 Foi o P. M. Simaõ Rodrigues, quanto ao corpo dotado de todas aquellas perfeiçoens exteriores, de que os homens ſe prezaõ. A eſtatura proporçionada, o aſpecto

veneravel, & compoſto, os olhos grandes, a cor branca, toda a correſpondencia de membros, & geſtos taõ cabais, quanto ſe podiaõ dezejar. Fazia ſeu grave aſpecto veneraçaõ, em quem nelle punha os olhos.

16 A vida do P. M. Simaõ Rodrigues eſcrevem Euſebio nos varoens illuſtres, & a recolheo em parte de Orlãdino, poriſſo o ſeguio, no que menos ajuſtadamente eſcreveo do P. M. Simaõ. O Padre Saquino na quarta parte da Hiſtoria geral da Cõpanhia. O Padre Balthezar Telles na ſua Chronica miſturãdoa cõ os mais ſucceſſos da Provincia. O Padre Alvaro Lobo na Hiſtoria manuſcripta. Deſtes Autores, & outros documẽtos antiguos dos noſſos Cartorios de Coimbra, & Evora ſe ordenou eſta vida mais copioſa, que todas as mais, q̃ delle andaõ impreſſas. Advirto, que algumas couſas ſe acharaõ aqui encontradas ao Padre Balthezar Telles, como dos annos, que eſteve em Heſpanha, que naõ foraõ tantos como diz, & conſta, o que digo da Hiſtoria de Saquino, que o tem com documentos certos.

CAPITULO XXIX.

Em Liſboa aos 4 de Abril de 1552.

Vida do Padre Gonçalo de Medeyros. Sua converſaõ a Deos, entra na Companhia. Algumas de ſuas virtudes.

1 O Padre Gonçalo de Medeyros, que foi o primeiro, que em Portugal entrou na Companhia: era natural da Villa Mezamfrio na provincia de Trasosmontes, & no Biſpado do Porto. Tinha hum irmaõ chamado Frãciſco de Medeyros eſcrivaõ da caſa da India, homẽ de muitos preſtimos, & grande intelligencia no meneo da fazenda Real. Por ſeus bons ſerviços el-Rey lhe fez merce, de meter a ſeu irmaõ Gõçalo de Medeyros em o numero, dos que à cuſta da ſua Real fazenda eſtudavaõ em Pariz.

2 Naquella Univerſidade ſe achou a tempo, que Sãcto Ignacio com ſeus cõpanheiros alli davaõ notaveis exẽplos, & eraõ aſſombro geral de toda a Corte de Pariz. Logo entaõ ſentio impulſos de deixar o mundo, & em effeito ſe abraçou com huma vida mais ajuſtada; a cauſa foi huma couſa ordinaria, que em huma prégaçaõ ouvira. Diſſe o Pré-

Prégador, que aſſim como as aves ſenaõ poem na meſa del-Rey ſenaõ mortas, depenadas, & aſſadas, aſſim tambem os homens, que quizeſſem contentar a Deos, aviaõ de mortificar ſeus corpos, & ſeus apetites.

3 Com eſta ſemelhança entrou tanto em ſi, que determinou mudar de eſtilo. Cingioſe com aſpero cilicio, & começou a fazer vida mortificada, & dequem de veras ſe chegava à Deos. Muitos jejuns, diſciplinas rigoroſas, & outras auſteridades, de que ſe aproveitaõ os homens de Deos, pera domar, & ter ſogeito o corpo. Em o noſſo eſtudante ſuccedia, ſerem eſtas couſas, como oleo no fogo, porque as tentaçoens da carne o afligiaõ, & perſeguiaõ terrivelmente, & ſenaõ podia, nem ſabia dar a conſelho com lida taõ importuna.

4 Chegou a tanto deſamparo, como elle imaginava, que quaſi deſconfiou de ſua ſalvaçaõ. Eſtando em oraçaõ lidando com eſtas anſias, que eraõ pera elle anſias de morte, lhe apareceo hum Anjo, que com ſua viſta muito o conſolou, & lhe diſſe da parte de Deos eſtas palavras em latim: *Conſide, tu ſalvus eris.* Logo deſapareceo, & juntamente ſe abonançou toda a tempeſtade, em que lhe parecia fazer naufragio.

5 No fim dos ſeus eſtudos voltou a Portugal, continuando na vida melhorada, que abraçara em Paris. No anno de mil quinhentos, & quarenta chegaraõ a Lisboa S. Franciſco Xavier, & o P. Meſtre Simaõ Rodrigues. Naquella corte fizeraõ ambos grande comoçaõ com ſua vida, & doutrina. Lembravaſe Gonçalo de Medeiros do bom exemplo, que os meſmos Padres tinhaõ dado em Paris. Perſuadioſe, que Deos o chamava pello meſmo caminho, por onde aquelles dous Padres caminhavaõ. Tratou-os, & pedio com fervor, o aceitaſſem em ſua companhia. Vẽdo elles, quam bem fundado eſtava eſte ſeu dezejo, o admittiraõ na Companhia. Naõ ſabemos o dia, nem o mes, que o anno foi o de 1540, no Setembro do qual confirmou o Papa a noſſa Companhia.

6 Neſte tempo moravaõ os dous Padres no Hoſpital de todos os Sanctos de Lisboa, & alli podemos dizer começou, & teve ſeu Noviciado o P. Gonçalo de Medeiros: Sendo ſeu Meſtre aſſim o glorioſo Padre Saõ Franciſco Xavier, como o P. Meſtre Simaõ. No tempo do inverno,

Digitized by Google

ſe retirou el-Rey Dom Joaõ o Terceiro a villa de Almeyrim de fronte de Sanctarem. Levou conſigo aos Padres Saõ Franciſco Xavier, P. Meſtre Simaõ, Padre Paulo Camerte, & ao Padre Gonçalo de Medeyros, que tinhaõ recebido em Lisboa. Hiaõ alli todos os dias a dizer Miſſa a huma ermida da invocaçaõ de Saõ Roque. As cazas, em que el-Rey entaõ os mandou hoſpedar, eraõ junto à ſua horta; & depois el-Rey Dom Sebaſtiaõ as mandou acomodar melhor, pera nellas ſe hoſpedarem os Padres, que por rezaõ de ſuas occupaçoens ſeguiaõ a Corte.

Chron. da Prov. 1.p.c.16. n.2.

7 Alli faziaõ os meſmos exercicios de ajudar aos proximos, que em Lisboa. Em Abril de 1541, deu à vela pera o Oriente Saõ Franciſco Xavier, ficou em Lisboa o P. Meſtre Simaõ Rodrigues, & o P. Gonçalo de Medeyros. Atte eſte tempo era a ſua habitaſſaõ no Hoſpital. Do Hoſpital em ſinco de Janeiro do anno de mil quinhentos quarenta, & dous paſſaraõ a morar na caſa de Sancto Antaõ o velho, que foi a primeira, que teve em Portugal a Companhia, & hoje he dos Padres de Sancto Agoſtinho.

8 Foi o P. Gonçalo de Medeyros homem de ſingular virtude, & bom Letrado, & taõ inſigne Theologo, & affeiçoado à doutrina de Sancto Thomas, que ſabia como de còr as ſuas partes da ſuma theologica. Logo, que o P. M. Simaõ ouve de ſe partir, a fundar o Collegio de Coimbra, que foi em Junho do meſmo anno de 1542 deixou o governo da caſa de Sancto Antaõ ao P. Gonçalo de Medeyros. Aſſim meſmo indo o P. Meſtre Simaõ depois a Roma, o deyxou por Viceprovincial.

9 Fazia todos os noſſos miniſterios com edificaçaõ. Era homem de muito trato com Deos. A maior parte da noite ſe lhe paſſava em oraçaõ. De dia aſſim tinha diſtribuido o ſeu tempo, que eſtava de ordinario quatro, & ſinco horas em oraçaõ mental. Deſta muita continuaçaõ veyo a padecer grandes dores de cabeſſa, & foi neceſſario, que neſta materia o moderaſſem os ſuperiores. Das couſas eſpirituais teve tanta noticia, & ſciencia, que era conſultado ainda de muita gente principal: reparavaſe muito, que cõ poucas palavras reſolvia grandes queſtoens.

10 Amou ſempre as ſolidas virtudes, dizendo que o mais eraõ huns como fervores de panela, que eſtâ ao fogo, que logo eſcuma, & levanta fervura, mas em lhe faltando a quen-

Digitized by Google

a quentura de huma devaçaõ ſenſivel, logo ſe esfria, & torna, ao que ſeu era, & de ſi tinha. O ſeu principal exercicio foi aſſiſtir ao confeſſionario, em que era incanſavel, & em que fazia nas almas grandes frutos: porque teve pera eſte ſancto miniſterio ſingular modo, afabilidade, & conſelho.

11 Madrugava muito pera rezar, & ter oraçaõ, & em rompendo a menhã ſe punha no confeſſionario, a ouvir, quantos ſe chegavaõ a elle. Pellas onze horas dizia a ſua Miſſa, & dava a comunhaõ. Depois, que ao jantar tomava ſua refeiçaõ, rezava ſuas horas; & tanto, que de tarde ſe abria a Igreja, ſe tornava ao confeſſionario, onde aſſiſtia atte horas de ſe fechar a porta.

12 Se a caſo na Igreja faltavaõ penitentes, deyxavaſe eſtar aſſentado no confeſſionario eſperando por elles. E por naõ eſtar alli de vago, tirava hum livro de Sancto Thomas, ou a ſuma de Caetano, & eſtudava nas materias mais occurrentes nas confiſſoens. Sabendo os penitentes, quã certo o tinhaõ ſẽpre, a elle acodiaõ em grande numero.

13 No confeſſionario naõ ſe deixava levar de reſpeitos humanos, antes inclinava ſempre a aviar primeiro os penitentes mais pobres. Huma ves lhe mandou dizer por hum pagem Dona Antonia de Menezes molher de Diogo Lopes entaõ Governador da caſa do civel, aquelle, que por morte del-Rey Dom Henrique foi hum dos Governadores do Reyno; que a quizeſſe ouvir de confiſſaõ. Reſpondeolhe, que de boa vontade, mas que avia de confeſſar primeiro huma negra, que lhe precedia no tempo, & muito mais na neceſſidade; porque era eſcrava, & em caſa ſe poderiaõ agaſtar com ella, ſe foſſe tarde. Edificouſe muito a fidalga deſta Sancta Chaneza, & depois a contava em abono do Padre Gonçalo de Medeyros.

CAPITULO XXX.

Continuaõſe as mais virtudes do P. Gonçalo de Medeyros, & ſua ditoſa morte.

1 MUitas peſſoas de vidas perdidas confeſſandoſe cõ elle, tomavaõ notaveis reſoluçoens de ſervir deveras a Deos. Tinha o Padre com todos humas entranhas de

de caridade, porque com os afligtos ſe afligia, como ſe as culpas foſſem ſuas proprias, & naõ dos penitentes. Hum homem de credito contou de pois da morte deſte ſervo de Deos, que ſentindoſe carregado de culpas, ſe foi confeſſar geralmente com o Padre Medeyros. Eſperava elle no fim alguma penitencia extraordinaria. O Padre lhe diſſe, rezaſſe ſinco vezes a oraçaõ do Padre noſſo, & outras tantas a da Ave Maria; acrecentando, que ficava mui conſolado, por ver nelle taõ bons ſinais de contriçaõ; & que a mais penitencia devida a tais culpas outrem a faria por elle tomando o Padre ſobre ſi eſte cuidado. Ficoulhe o penitente taõ afeiçoado, que depois de morto o Padre, todos os dias lhe hia lançar agoa benta na ſepultura, & rezarlhe ſuas oraçoens.

2 Quando as dores de cabeſſa naõ davaõ lugar a aſſiſtir no confeſſionario, excercitavaſe em officios de humildade, como em varrer os dormitorios, & os cubiculos, ajudar os officiais de caſa nos ſeus miniſterios; & ſe lhe diziaõ alguma palavra, em que ſignificavaõ, que ſenaõ canſaſſe, reſpondia: Que nem ainda doente lhe convinha eſtar ociozo; que pois a cabeſſa naõ podia aturar o confeſſionario, ſe exercitaſſem as mãos em varrer com a vaſſoura.

3 Naõ duvidavaõ os Padres, que as grandes enfermidades, que padecia, tinhaõ ſua origem no trabalho incanſavel do confeſſionario. Eſtando elle jâ deſconfiado dos Medicos, lhe diſſe o Irmaõ Enfermeiro, que ſua Reverencia morria do muito trabalho, que tomara em ouvir confiſſoens: a iſto acodio com roſto alegre dizendo: Prouvera a Noſſo Senhor, que minha morte tivera cauſa taõ ſancta, & occaſiaõ taõ ditoſa, que acabara eu em meu officio, dando o ultimo eſpirito no confeſſionario, pera deſta cadeira de penitencia merecer alcançar a da gloria.

4 A virtude da obediencia foi nelle eſtremada. Huma ves o mandou chamar de Lisboa a Coimbra o P. Meſtre Simaõ ſeu Provincial. Logo ſe poz ao caminho a pe, & ſem viatico. Chegando à portaria, mandou pello porteiro a ſua patente, como he eſtilo, ao P. Provincial, eſperando da parte de fora, que o mandaſſe entrar. O P. Meſtre Simaõ, ao que parece, querendo deyxar eſte exemplo aos vindouros, lhe mandou dizer pello porteiro, que ſua Reverencia

Digitized by Google

rencia jâ naõ era neceſſario, por tanto, que dahi ſe voltaſſe logo pera a caſa de Sancto Antaõ, donde viera. Foi tal a ſua prõptidaõ, que ſem deſcanſar, ſem entrar da portaria pera dentro, ſem fallar com outro Religioſo, excepto o porteiro, começſou logo a deſandar o caminho quaſi de trinta, & quatro legoas, que tantas fazem de Coimbra a Lisboa. Neſte paſſo repetio ao porteiro as palavras ſabidas de huma cantiga ruſtica: *Davalhe o vento no chapeiraõ, quer dé, quer naõ.* E com eſta ruſticidade affectada ſignificou, que elle era tanto do querer da obediencia, que com quais quer aſſopros ſeus ſe movia ſem reparo, como as abas de hum chapeo velho ſe movem ao compaſſo do vento.

5 Vendo os ſuperiores ſeus muitos achaques, por vezes o dezejaraõ paſſar pera outra terra, & inquirindo niſto a ſua vontade, ſo lhe tiravaõ eſta palavra: *Farei, o que me mandarem.* Eſtando doente em Coimbra, lhe diſſe o P. Meſtre Simaõ, ſe goſtaria de ir pera Lisboa, por ſer clima mais temperado? Reſpondeo, que elle naõ tinha outro querer, ſenaõ o de ſeus ſuperiores. Foi mandado aos ares patrios, mas como empeyoraſſe, voltou a Coimbra, & dali omandaraõ pera Lisboa.

6 A ſua humildade foi mui conhecida. Quando o P. Meſtre Simaõ foi a Roma, quis el-Rey Dom Joaõ o Terceiro, que o P. Medeiros ficaſſe no tempo deſta auzencia por Meſtre do Principe Dom Joaõ ſeu filho: porem a humildade do Padre naõ pode acabar conſigo, accõmodarſe a tal honra, & reſiſtio tanto, que foi neceſſario nomear pera aquella honroza ſubſtituiçaõ ao P. Luis Gonçalves da Camara. Ficou neſta auzenſia por Viceprovincial; dizia, que ſo lhe ſervia o officio, & o eſtimava, pera ſe mortificar à ſua vontade.

7 A Rainha Dona Caterina fazia de ſua virtude ſingular eſtimaçaõ. Huma ves em Almeyrim eſtava elle em oraçaõ dentro em huma capella da horta del-Rey, pera aqual os Padres tinhaõ porta; paſſando por alli a Rainha, & vendoo aſſim em oraçaõ, lhe diſſe: *Encomendaime a Deos Padre Meſtre Gonçalo.* Eſtava elle de joelhos, & ſem mudar poſtura, lhe reſpondeo, que ſim, abayxando humildemente a cabeça. Querendo as damas, que ſeguiaõ a Rainha fazer a meſma petiçaõ, lhes diſſe: *Deyxái ao Sancto, que rogue a Deos por nos.* 8 Apu-

Digitized by Google

8 Apurou Deos ſua paciencia com muitos achaques. Ordenou a Rainha pello muito, que o eſtimava, que lhe aſſiſtiſſem os melhores medicos da Corte, & que vieſſe de fora hum eccleſiaſtico mui afamado em fazer grandes curas. Mas nada lhe aproveitou. Quando lhe aplicavaõ na ultima doença varios remedios dizia: *Que naõ ſe canſaſſem, em curar hum tronco velho, que ja naõ podia reverdecer.* Atte o dia antes de ſua morte diſſe Miſſa. Eſtando jâ nas veſporas de ſe ver com Deos, eraõ mui fervoroſos os colloquios, que fazia. Vendo, que a morte ſe avizinhava, pedio a vela, & ajudandoo alguns Padres repetio o ſimbolo dos Apoſtolos, depois diſſe eſtas palavras: *Neſta fê me criaraõ, neſta vivi ſempre, & declaro, que neſta morro: teſtifico neſta hora, que ſe com a agonia da morte mẽ eſcapar alguma palavra indigna de peito Chriſtaõ, ja de agora a hei por naõ ditta.* Logo eſtendendo o braço com a vela na maõ diſſe mais: *Aſſim como eſte lume allumia os olhos do corpo, aſſim creyo eu, que meu Senhor JESU Chriſto allumia todo o homem, que vem a eſte mundo, porque elle he lus verdadeira, & eterna.*

9 Dittas eſtas palavras continuou nos coſtumados colloquios com Deos, & com a Virgem Senhora. Tendo recebido todos os Sacramentos, acabou em bella pas, & ſoccego na caſa de Sancto Antaõ o velho de Lisboa aos quatro de Abril de mil quinhentos ſincoenta, & dous. A vida do P. Gonçalo de Medeyros traſem diverſos lugares da Hiſtoria da Provincia na primeira parte o P. Balthezar Telles, mais aſprayada, do que aqui a refiro, & o P. Alvaro Lobo na hiſtoria manuſcripta. Tambem delle ſe faz lembrança na primeira parte da Hiſtoria Geral da Companhia; & Antonio Carvalho na Corografia Luſitana tomo primeiro folhas 430, aonde tem ſer natural de Freyxo de eſpadacinta, com tudo as noſſas memorias, a que ſe deve mais fê neſta materia, lhe daõ a patria ſobredita.

CAPITULO XXXI.

Vida do Padre Manoel Godinho.

Em Lisboa aos 4 de Agoſto de 1569.

1 NO anno de mil quinhentos quarenta, & dous no principio de Janeiro ſe mudou o P. M. Simaõ Rodrigues do Hoſpital pera a caſa de Sancto Antaõ o velho. Lo-

Logo começſou a admittir alguns na Companhia por ter ja caſa, onde os recolher. Deſtes que aqui recebeo, foi o primeiro o Padre Manoel Godinho. O P. M. Balthezar Telles na Hiſtoria da provincia diz, que era natural de Lisboa. O meſmo tem o Padre Orlãdino na Hiſtoria Geral da Cõpanhia. Porem o P. Saquino, que continuou a meſma Hiſtoria geral na terceira parte della livro quinto numero duzentos, & deſaſete diz, que fora natural da Villa de Viana do Arcebiſpado de Evora. Sem duvida he, que naõ emẽdaria, o que ja ſe tinha ditto na meſma Hiſtoria Geral, ſenaõ conſtando da verdade.

Tell. 1. p. l. 1, c. 28 n. 2.

Orland. l. 3. n. 81.

2 Era de gente nobre, & aſſiſtia no ſerviço del-Rey Dom Joaõ o terceiro deſte nome. Tratou em Almeyrim com os dous primeiros Padres Saõ Franciſco Xavier, & P. M. Simaõ Rodrigues. Movido dos bons exemplos, que nelles via, fez huma confiſlaõ geral com Saõ Franciſco de Xavier; & ficou taõ affeiçoado aos Padres, que nunca lhes ſahia de caſa. Andando ja abalado o moveo de todo hum Sermaõ, que ouvio ao Padre Frey Joaõ Soares Prégador del-Rey, que depois foi Biſpo de Coimbra. Foi o ſermaõ na Capella Real da Transfiguraçaõ do Senhor, no qual o Prégador fazia comparaçaõ entre os bens eternos, & temporais, ponderando a vileza deſtes, & excellencias daquelles, dos quais hũ quaſi nada baſtou pera ſuſpender ao glorioſo Apoſtolo S. Pedro.

3 Naõ dilatou mais o Padre Godinho a inſpiraçaõ divina, que o chamava. Tinha de idade vinte, & tres annos, quando aos onze de Março de 1542. foi admittido na Cõpanhia na caſa de Sancto Antaõ o velho pello P. M. Simaõ tendo vinte, & tres annos de idade. Quando hia pera entrar, paſſando pella Miſericordia, ſe preparavaõ os irmaõs, pera ir ſepultar hum defunto. Entrou em fervor de tomar hum dos habitos, de que neſtas funçoens uſaõ, & os acõpanhar neſta obra pia. Porem caindo em ſi entendeo ſer tentaçaõ de Demonio, por quanto, por ſer tarde, os Irmaons ſe recolheriaõ de noite, & o P. M. Simaõ em caſtigo o dilataria; logo por lugares eſcuſos, por evitar algum encõtro, que o impediſſe, ſe foi à noſſa caſa. Entrou em hum ſabbado. No dia ſeguinte o fez o Padre recolher em os Exercicios de Sancto Ignacio. Delles ſahio muito aproveitado. Fez logo ſeus votos de Irmaõ eſtudante. Achou

o P. M. Simaõ Rodrigues eſtar em ſeu eſpirito tambẽ fundado, que fiou delle huma trabalhoſa empreſa. Mandoulhe, que foſſe em peregrinaçaõ a Santiago de Galiza, & q̃ na volta ficaſſe em Coimbra no veſtido de ſecular; andaſſe entre os eſtudantes pera com ſeu exẽplo os affeiçoar à virtude; & pera que dando com ſuas praticas noticia da Cõpanhia naquella Univerſidade, depois os naõ eſtranhaſſem, quando foſſem começſſar a fundaçaõ do Collegio de Coimbra.

4 Sem demora ſe poz ao caminho, q̃ fazia apé. Chegando a Coimbra ſe achou mui desfallecido aſſim do trabalho da jornada em peſſoa criada com mimo, como de hũas terçans, que totalmente lhe impediraõ continuar a jornada. Em Coimbra ſeguindo as ordens do P. M. Simaõ ſe poz no trajo de eſtudante. Aſſiſtia com hum ſeu Irmaõ Religioſo Carmelitano, que alli eſtudava; eſte por vezes o procurou perſuadir, que ſe queria ſer Religioſo, o foſſe de alguma Religiaõ conhecida, & naõ daquelles Clerigos, de quem ſe naõ ſabia, que couſa foſſem. Mas nada baſtou pera o tirar de ſeus ſanctos propoſitos.

5 Em treze de Junho do meſmo anno chegaraõ a Coimbra os noſſos Religioſos, pera dar principio à quelle Real Collegio. Ouve na Univerſidade grande materia pera diſcurſos ſobre eſta nova Religiaõ. Huns ſe admiravaõ, de que el-Rey fizeſſe caſo de gente idiota, que por taes entaõ nos tiveraõ. Outros athe nos faziaõ ſoſpeitos na fé, porque alguns daquelles primeiros Religioſos vieraõ das partes do Norte, nas quais fazia a hereſia extraordinarios eſtragos. Neſtas converſas ſe achava o Irmaõ Manoel Godinho, & como tinha pezo, no que dizia, & viera da Corte, ſempre ſe punha com boas rezoens a defender o partido da virtude.

6 Dizialhes os exemplos, que em Lisboa tinhaõ dado, quanto ſua modeſtia agradara às peſſoas Reais: que antes de os tratar, naõ cenſuraſſem ſeus procedimentos: que todas as couſas novas padeciaõ eſtes deſares, em quanto o uſo as naõ connaturalizava: que ſe os converſaſſem, logo haviaõ de mudar ſeus pareceres, & veriaõ, como eraõ errados. Neſte tempo o Irmaõ Manoel Godinho hia muitas vezes, confeſſarſe, & comungar ao Collegio. De caminho levava outros eſtudantes conſigo, ora huns, ora outros amigos,

Digitized by Google

migos, pera que foſſem perdendo o medo; & vendo com ſeus olhos, quanto deſdizia o noſſo obrar do conceito, que de nòs ſe fazia na Univerſidade.

7 Eſte ſancto diſfarce do Irmaõ Manoel Godinho foi hum grande inſtrumento, por meyo do qual Deos noſſo Senhor trouxe à Companhia gente mui aſſinalada da Univerſidade, entre os quais foi o veneravel Padre Gonçalo da Sylveira. Foraõ tantos em numero, que o P. M. Simaõ ouve de fechar a porta, a entrarem mais ſogeitos, aſſim porque naquelle tempo durava a prohibiçaõ do Pontifice de naõ ſe admittirẽ á profiſſaõ, mais de ſeſſenta em toda a Companhia, como tambem porque as rendas pera os ſuſtentar, eraõ limitadas, por quanto el-Rey naquelles principios sò mandava dar, o que baſtaſſe pera vinte, & ſinco ſogeitos.

8 Tendo o Irmaõ Manoel Godinho feito mui bem ſua obrigaçaõ, foi mandado recolher ao Collegio, & depor o diſfarce, em que andara, ſem ſeu Irmaõ imaginar, o que havia. Da-hi por diante ſe deu de todo à perfeiçaõ. Foi homem grandemente amador do deſprezo de ſua peſſoa. Sahio huma vez a peregrinar veſtido pobremente, indo por ſeu companheiro o Irmaõ Rodrigo de Menezes. Veyolhe dezejo de imitar a deſnudez de Chriſto no duro Lenho da Cruz. deſpioſe da cintura pera ſima, & mui roto, & deſcalço, foi pedindo eſmola por toda a Villa da Certãa do Priorado do Crato. O ſeu intento era tirar boa eſmola de afrontas, & zombaria de todos grãdes, & pequenos, & ſer tido por homem ſem juiſo. Mas ſuccedeolhe ao contrario. Todos ſe edificaraõ de tanta humildade, porque quis Deos entendeſſem a cauſa da Sancta Loucura. Por tanto em lugar de afrontas lhe lançavaõ mil bençoens, & lhe dàvaõ eſmolas com maõ mais liberal.

9 Andando o tempo veyo eſte Padre a ſer Reytor do Collegio de Coimbra em occaſiaõ, que entrava por Provincial o Padre Diogo Miraõ, & acabava de o ſer o P. M. Simaõ Rodrigues. Era o Padre Godinho muito mortificado em ſua peſſoa, & do meſmo modo era o Padre Miraõ, quizeraõ ambos meter no Collegio de repente aquelle rigor, que uſavaõ com ſuas peſſoas, de qué ſe ſeguiraõ muitas deſconſolaçoens nos ſubditos; em quẽ eſtava mui freſca a memoria do governo affavel, & benigno do P. M. Si-

mão; que foi homem, que tudo acabou com a sua vidade, de que o dotou a natureza.

10 Pera prova de sua severidade não só basta, mas sobeja huma extravagancia, que Sãcto Ignacio chamou loucura sancta, nem ella tem outra melhor desculpa. A sua origem foi esta. Ainda hoje se vé huma torre no muro da Cidade, a qual pertence ao nosso Collegio, & se lhe deu com o sitio, onde está. Fica sobranceira ao Mosteiro dos Reverendos Padres de Sancta Cruz. Havia queixas, que estas janellas os devaçavão, puzerão demanda aos Padres, pera que se tapassem. Acodirão os nossos pello seu direito, & se sustentarão na sua posse. Causou isto digosto em alguns Cidadoens de Coimbra, inclinados á parte contraria, & mal affectos á Companhia, por ter despedido alguns sogeitos, que eraõ cousa sua.

11 Quiz o Padre Manoel Godinho dar huma satisfação publica, como se em ter mão no seu direito, tivesse cometido alguma grande offensa, contra os que injustamente se mostravão queixosos. Encomendou a Deos o negocio, q̃ meditava. Disse Missa, deu graças a Deos, & assentou na resolução, que tinha considerado. Fez logo ajuntar a Cõmunidade na Capella. Depois de juntos, lhes encomendou pedissem instantemente a Deos, desse forças, & ajuda a hum grande peccador, pera huma obra difficultosa, que queria emprender. O modo sentido, com que fallava, causou notavel suspensão em todos, & mais, quando lhes ordenou, se não levantassem da oração, athe elle não voltar à quelle lugar.

12 Ficando todo o Collegio em oração, se foi ao cubiculo, tomou huma veste de penitencia, & humas disciplinas mui asperas, & com o rosto descuberto sahio pellas ruas de Coimbra disciplinandose rigorosamente. Pasmava a gente com tão novo espectaculo. Indo continuando se ajoelhou em doze lugares, & levantando a voz com grandes lagrimas, dizia. Senhores Conimbricenses, pellas chagas de Christo perdoai toda a offensa, que tendes recebido do Collegio de JESU, eu sou a causa de toda esta culpa: meus peccados merecerão este castigo.

13 Depois de assim correr a Cidade, voltando ao Collegio, entrou pella Capella, onde os mais estavão em oração, feriase rijamente com a disciplina. Vendo os Religiosos

sos ao seu Reytor assim ensangoentado, sem saber a causa da estranheza, todos se compungiraõ, & começaraõ a chorar.

14 No meyo desta confusaõ, o Padre Antonio de Quadros Ministro do Collegio se lançou aos pés do Padre Reytor, & lhe pedio licença pera elle tambem tomar hũa disciplina publica pella Cidade. Ateouse de huns em outros o fervor, & em breve tempo estavaõ preparados cõ vestes de penitencia, & disciplinas.

15 Ordenaõ huma procissaõ. Diante hia huma devota imagem de hum Crucifixo, logo se seguiaõ dous Irmãos entoando a Ladainha. Os mais hiaõ em duas fileiras, & diante o Padre Reytor. Concorreo todo o povo a cousa taõ nova. Foraõ disciplinandose na forma, que antes o fizera o Reytor, que segunda vez repetia em si a crueldade dos açoutes. Chegaraõ à Misericordia, & postos de joelhos, pedio o Reytor a Deos misericordia; seguiraõno os companheiros, & ajudandoos as vozes do povo, tudo era hum pranto desfeito. Finalmente se recolheraõ ao Collegio cõ a mesma solemnidade, de Ladainhas, & açoutes. Deste fervor sentiraõ muitos de diverso modo, huns tendo-o por imprudente, outros porẽ que naõ medião as comoçoens do Espirito Sancto pellos ditames da prudẽcia humana, o julgaraõ por aoçaõ edificativa, & daquellas sanctas extravagancias, em que o espirito de Deos faz muitas vezes dar aos homens sanctos.

16 O certo he, que o veneravel Martyr Padre Gonçalo da Sylveira, que entaõ se achava fazendo Missaõ em Braga, ouvindo este cazo, sentio muito, naõ se achar em Coimbra, pera ser companheiro de seus Irmaõs nesta mortificaçaõ. Della se seguio no Collegio grande fruto, porque durando athe alli o dissabor, que fica tocado, ouvera na mudança de Provincial, dalli por diante entraraõ todos em novo fervor, com o qual muito se adiantou o amor da observancia, & dezejo de exercitar os nossos ministerios. Tambem se seguio, q̃ os animos, que por causa da demanda, & despedidos, estavaõ mal affeiçoados, se foraõ amolgando, considerando, que quem fazia tais excessos, naõ teria obrado contra rezaõ.

17 Hum cazo lhe aconteceo ja nos ultimos annos de sua vida, que bem confirmou o espirito de mortificaçaõ,

que

q̃ nelle havia. Sendo Superior da caſa de S. Roque o Padre Franciſco Henriques entrou em todos notavel eſpirito de mortificaçaõ, entre outras mandaraõ ao Padre Godinho, que tiveſſe maõ em hum caſtiçal todo o tempo da meſa, o que fez alumiando aos que comiaõ, como ſe foſſe inſencivel.

18 Ainda que o Padre Manoel Godinho era comſigo aſpero, tinha pera com os fracos muita caridade, & ſe vio bem no caſo ſeguinte. Hum mancebo, que entrara cõ fervor na Companhia, pouco a pouco foi deſdizendo do primeiro fervor; & tambem ſe começou a deſconſolar de viver na Companhia. Sentia as penitencias, que lhe davaõ, lançava a culpa aos ſuperiores, que o vigiavaõ, & naõ ao deſcuido, com que procedia. Meteolhe o Demonio na cabeça, q̃ ſe paſſaſſe à outra Religiaõ mais apertada: moveoſe finalmente a tomar o habito de Saõ Franciſco no Convento de Sancto Antonio dos Olivais.

19 Bem via o Padre Reytor Manoel Godinho, donde nacia eſte dezejo de mudança, que era apetite de largueza, como ordinariamente he em todos, os que tomaõ ſemelhãtes reſoluçoens. O Padre cõ entranhas de Pay lhe deſcobrio o ſeu engano; & q̃ o ſeu dezejo era mais faſtio da virtude, que amor á perfeiçaõ. Nada pode acabar com elle; athe que os Superiores levados de tantas importunaçoẽs, lhe deraõ a licença, que pedia. Doeoſe o Padre Manoel Godinho, de que o Demonio lhe fizeſſe preza naquella ovelha. Foi com elle grande parte do caminho, dandolhe conſelhos, avizandoo do ſeu precipicio. Como viſſe a dureza, o deyxou, & ſe voltou ao Collegio. Chegou ao Cõvento, onde os Padres o receberaõ, como ſe lhe entrara por caſa outro Sancto Antonio.

20 Naõ eraõ paſſados quatro dias, em que o tiveraõ como hoſpede, quando logo ſe enfadou; & diſſe aquelles Padres, em como eſtava arrependido, de ter deixado a Companhia. Com a meſma liviandade ſe veyo ao Collegio, pedio ao Padre Godinho, ſer admittido. Querendo o Padre ver ſe trazia alguma melhora, o mandou hoſpedar em huma caſa junto á portaria, onde ſecretamente o fazia vigiar; porque ſem duvida achandoſe sò, fahiria em alguma liviandade, ſe a caſo a mudãça naõ foſſe de veras. Succedeo ter alli hum homem de fora deyxado a ſua eſpadã: tirou

tirou deſta, & com ella na maõ andava eſgrimindo por toda a caſa, como ſenaõ tiveſſe outros cuidados.

21 Sabendo o Padre Reytor, o que paſſava, ordenou, a quem tinha cuidado do hoſpede, deyxaſſe a porta da caſa aberta, pera ſe ver, que reſoluçaõ tomava. Naõ quiz perder a occaſiaõ, & ſem demora ſe foi pera caſa de ſua may; que era, o que o Demonio pertendia com tantas andanças. A may, que tivera pena de elle entrar na Companhia, ſe alegrou muito de o ver em caſa. Mandou-o eſtudar a Coimbra, onde ſeus procedimentos foraõ eſcandaloſos. Indo nas primeiras ferias pera caſa da may, que nelle ſe revia, hum dia diante della ſe poz a eſgrimir com outro, o qual lhe metteo por hum olho a ponta da eſpada, & com tal ſucceſſo, que logo alli cahio morto ſem confiſſaõ. Aſſim caſtigou Deos a eſte mancebo taõ inconſtante nos ſeus propoſitos, & com quem nada pode a muita caridade do Padre Manoel Godinho.

22 Ajuntou a eſtas virtudes huma ſingular humildade. No principio do Collegio de Coimbra, em quanto naõ ouve lugares comuns, elle tinha a ſeu cargo deſpejar todos os dias os vaſos immundos. Era contrario ao trato dos noſſos Religioſos em Palacio, dizendo, que nem ſervia ao bem particular, nem ao comum; & que sò ſe haviaõ de metter nelle, quando naõ pudeſſe ſer de outra ſorte. Aſſim ſabemos, o fizeraõ muitos dos noſſos Padres, que sò tomavaõ ſemelhantes occupaçoens obrigados das vontades dos Reys, depois de repetidas inſtancias. Sua profiſſaõ ſolemne fez aos vinte, & nove de Março de 1562.

23 No anno de 1569 ſe achava o P. Manoel Godinho morador na caſa de Saõ Roque. Succedeo neſte anno em Lisboa aquella peſte, que ſe chamou grande pello exceſſivo eſtrago, que fes na Cidade. Sahiraõ os Padres de Saõ Roque a acodir aos proximos, no que deraõ notaveis exemplos de caridade. Entre elles o Padre Manoel Godinho, que foi dos primeiros, a quem ferio o mal eſtando ouvindo de confiſſaõ a hum ferido de peſte. Delle diz o P. Antonio de Monſerrate em huma ſua carta pera o P. Doutor Miguel de Torres as palavras ſeguintes:

24 Em Agoſto aos ſeis dias levou Noſſo Senhor pera ſi ao Padre Manoel Godinho, o qual como voſſa Reverencia ſabe, era exercitado em andar ſempre ſolitario, & tratar

tratar ſempre com Deos, sò, gemendo, & chorando *Sicut pullus hirundinis*, & cantando ſempre entre dentes louvores a Deos: de maneira, que ſe lhe pode aplicar, *Ducam eam in ſolitudinem, & loquar ad cor ejus*; E taõ eſmerado na humildade, & obediencia, ſe aſſinalou neſta doença muito na paciencia, eſtando como hum Cordeiro, quando lhe cortavaõ a carne viva ao redor do carbunculo, pera lho tirarem: agora ſe eſtà gozando das ſuas ſaudades. Atte aqui o P. Monſerrate, que neſta peſte foi operario incanſavel. Faleceo eſte Padre na caſa de S. Roque de Lisboa aos quatro de Agoſto de 1569, Nem obſta ter o P. Monſerrate nas palavras referidas, que falecera aos ſeis, porque foi equivocaçaõ, porque as cartas no meſmo tempo eſcritas da caſa de S. Roque tem, que ſua morte fora aos quatro; & o P. Monſerrate, eſcreveo dahi a dias do Collegio de Sancto Antaõ. Eſtas poucas couſas recolhi da Hiſtoria deſta Provincia, & da Geral da Companhia, & tambem de hum manuſcripto, que trata deſta peſte de Liſboa, & ſe guarda no cartorio do Collegio de Evora. Foi eſte Padre profeſſo de quatro votos ſolemnes, & fes ſua profiſſaõ aos 29 de Março de 1562.

25 No cartorio de Coimbra fui encontrar duas cartas de ordens do P. Manoel Godinho, das menores tomadas na Sê de Evora aos nove de Março de 1533, onde ſe diſſer filho de Pero Lopes da Gaya, & Meſſia Godinha moradores na villa de Viana do Arcebiſpado de Evora. A outra carta he das mais ordens, que tomou ja na Companhia em Coimbra no mes de Abril de 1546, em que ſe lhe daõ os meſmos pays, & patria. Donde ſe vé a muita rezaõ, com que eſte ponto ſe emendou na Hiſtoria Geral.

26 O P. Franciſco de Araujo natural de Lisboa, que entrando na Companhia ſendo vivo Sancto Ignacio, o vio canonizado, em hum catalogo, que fes dos Padres de grãde virtude, que naceraõ na Provincia de Alemtejo, começa pelo P. Gonçalo da Sylveira, & logo o P. Manoel Godinho.

27 A demanda, de que aſſima falei com os Padres de Sancta Cruz, depois de alguns annos da dita diſciplina ſe terminou por cõpoſiçaõ, como vi na meſma eſcriptura de compoſiçaõ em o noſſo cartorio de Coimbra, & tambem me diſſe hum Religioſo grave daquella ſagrada Congrega-

çaõ

çaõ, que elle a vira em o seu cartorio de Santa Cruz. O que me pareceo advertir por algumas cousas, que sobre este ponto andaõ impressas por modo differente, do q̃ em si foi.

CAPITULO XXXII.

Vida do P. Manoel Fernandes. De sua grande caridade antes de ser da Companhia, & do grande fruto, que fes com suas prègaçoens.

Em Evora 18. de Fever. de 1555.

1 AInda, que a vida do P. Manoel Fernandes anda escripta largamente no livro terceiro da primeira parte da Historia desta Provincia, encontrei em papeis antigos muitas cousas, que naõ he bem fiquem em esquecimento por conter em si muita doutrina, & exemplo Sancto. Naceo este ditozo Padre em Africa na Cidade de Tangere, que entaõ era colonia de Portuguezes. Seus pays, se chamavaõ Joaõ Fernandes, & Caterina Espinosa: eraõ nobres, & criaraõ a seu filho em costumes sanctos. Delle se pode dizer, que trouxe comsigo das entranhas da may a caridade, & compayxaõ dos proximos.

2 De idade de tres annos começou a mostrar esta propensaõ, & boa inclinaçaõ aos pobres, & logo, que foi crecendo era nelle tanta, que os pays senaõ entendiaõ cõ elle, porque tudo, o que podia aver âs mãos, o dava logo aos pobres. Se pedia alguma cousa, pera dar aos pobres, & os pays lha negavaõ, chorava, atte que pera o acalentar os pays lhe davaõ, o que pedia. Muitas vezes pelejavaõ com elle por causa das sanctas extravagancias, que nestas materias fazia, mas nada bastava, pera reprimir esta natural propensaõ.

3 Mandandoo o pay arrecadar dividas de dez, & doze mil reis, achando ser gente pobre, se voltava dizendo com muytas lagrimas ao pay, que aquellas pessoas naõ tinhaõ, com que pagar, por tanto, que lhes desse os escritos de divida, & os desobrigasse, & naõ avia acabar com elle, que comesse, nem bebesse, atte que o pay naõ desse os conhecimentos. Movido o pay de suas lagrimas por vezes lhe fes a vontade.

4 Eſtudou latim, & ſe ordenou de ordens menores. As de Epiſtola, & Evãgelho tomou depois na Companhia em Coimbra no mes de Junho de 1546, como vi na carta de ſuas ordens, que temos no cartorio daquelle Collegio. Faço eſta advertencia, por andar impreſſo, entrara com ordens de Epiſtola. Neſte tempo lhe morreo o pay. Ficoulhe may, & huma Irmãa donzela. Tinha grande propenſaõ a ſer prégador; por eſta cauſa importunou muito a ſua may, que o deyxaſſe paſſar a Lisboa, dizendo: Que avia de ſer prégador, ainda que muyto pezaſſe ao Demonio. Venceraõ ſuas ſanctas importunaçoens, & paſſou a Lisboa. Succedeo iſto em tempo, que vio, & tratou aos Padres Saõ Franciſco Xavier, & Meſtre Simaõ Rodrigues; & eſte o aceytou na Cõpanhia na caſa de Sancto Antaõ o velho em Lisboa.

5 De Lisboa paſſou a Coimbra com o P. M. Simaõ, que hia fundar aquelle Collegio. Alli chegaraõ em treze de Junho de 1542. Na Univerſidade acabou de eſtudar Philoſophia, & Theologia; exercitandoſe neſte tempo em muitos actos de mortificaçaõ publica, como os mais moradores do Collegio, que neſta materia deraõ os exemplos raros, que ſe lem nas Hiſtorias da Companhia. Acho eſcrito, que fora em peregrinaçaõ a pê a Santiago de Galiza cõ o P. Belchior Carneiro, que depois foi Biſpo, & que tres dias paſſaraõ ſem ter outra couſa, que comer mais, que amoras de ſylva.

6 A ſua primeira prégaçaõ, que fes em Lisboa, teve pro fruto a converſaõ de hum Alfaqueque del-Rey, he nome, com que ſe declara o officio de tirar cativos de Africa, eſte homem era natural da Cidade de Tangere, & havia nove annos vivia em Lisboa com huma concubina, eſquecido de ſua molher, & filhos, que tinha em Tangere. Ficou taõ mudado, que logo ſe foi a Tangere, viver em ſua caza, & fez voto de nunca mais ter tratos com a concubina, & aſſim o comprio. Eſtas foraõ as primicias dos frutos das prégaçoens do P. Manoel Fernandes.

7 No anno de 1550, ſendo Arcebiſpo de Evora o Infante Cardeal Dom Henrique, pedio ao P. Meſtre Simaõ Rodrigues alguns prégadores da Companhia, que diſcorreſem em miſſaõ pello ſeu Arcebiſpado. Hum delles foi o P. Manoel Fernandes; o qual comeſſou a prégar por toda

da a Provincia de Alemtejo como hum novo Apoſtolo. Os povos onde entrava ſe abalavaõ todos, & ſentiaõ notaveis mudanças, tirava odios, abuſos, ſuperſtiçoens. Em tudo, no que metia maõ, tinha ſucceſſo igual ao ſeu dezejo.

8 Vendo o Cardeal effeitos taõ eſtranhos, entendeo faria grande ſerviço à Deos, & ao ſeu Arcebiſpado, ſe fundaſſe à Companhia hum Collegio em Evora. O zelo deſte Padre foi o primeiro incentivo, que teve eſte Principe, pera obra taõ glorioſa, como foi a fundaçaõ do Real Collegio, & Univerſidade de Evora; obra que em todos os tempos tem ſido de grandes utilidades ao bem eſpiritual dos proximos.

9 Avia naquelles tempos grande falta de douctrina, os prégadores poucos, os parochos ignorantes; á tudo ſe acodio por meyo do Collegio de Evora; & delle ſe ſeguio a grande cultura, que hâ nos parochos da Provincia de Alẽtejo, & bom enſino dos povos; que tudo foraõ como frutos das prégaçoens do P. Manoel Fernandes, em quanto nellas tiveraõ ſua primeira origem.

10 O ſeu modo era andar à pê, prégava muitas vezes, vivia de eſmolas como qualquer pedinte. Ardia em odios a Cidade de Beja, prégou contra elles com tanto zelo, que pondoſe huma ves junto àquella porta da Cidade, que chamaõ de Moura, fez com que alli ſe fallaſſem, & abraçaſſem mais de ſincoenta peſſoas, que andavaõ encontradas. Foraõ muitas as lagrimas de conſolaçaõ, todos com ellas nos olhos ſe davaõ os parabens da nova mudança, q̃ o eſpirito de Deos por meyo daquelle ſeu ſervo nelles tinha obrado.

11 Em Tavîra no Algarve foi tal a cõmoçaõ dos ouvintes, que todos os que viviaõ mal, ſe arrependeraõ, hiaõ às Igrejas fazer votos de melhorar as vidas, & depois ſe confeſſavaõ com o Padre. O meſmo lhe aconteceo na Villa de Avîs. Tanto que acabava de prégar, logo ſentia dentro de ſi, ſe tinha feito fruto na prégaçaõ; & mandava certas peſſoas, que eſpreitaſſem, ſe viaõ ir à Igreja algumas peſſoas com moſtras de arrependimento; à eſtas fazia logo chamar, & as confeſſava.

12 Quando avia de entrar em alguma grande batalha de extinguir odios, ou deſterrar vicios eſcandaloſos, pri-

meiro dizia Miſſa, & ſe preparava com muyta oraçaõ. Daqual ſahia taõ forte, que a nada punha hombros, que naõ effeituaſſe. Nas prégaçoens naõ fazia caſo de palavras, mas de rezoens eſpiritoſas, & cheas de Deos, donde ſe ſeguia no auditorio notavel compunçaõ. Prégando na sê de Evora alternadamente com outro Religioſo de certa Religiaõ, prégador afamado, o P. Manoel Fernandes era o que dominava os coraçoens. A caſo ſahindo dous fidalgos da prégaçaõ hum perguntou ao outro, que ſentia do prégador, & qual dos dous mais lhe contentava? Reſpondeo: que quando ouvia ao outro Religioſo, vinha contente do prégador; mas que quando ouvia ao Apoſtolo, vinha deſcontente de ſi. Tinha o P. Manoel Fernandes ſingular dõ de lagrimas, com as quais abrandava duras pedras. Quando no ſermaõ tinha algum lugar de devaçaõ, lhe eſcrevia à margem, *Emmanuel hic lachrymat.*

13 He digno de eterna lembrança, & agradecimento das Religioſas do convento de Saõ Bento de Evora. Eſtas mui Religioſas ſervas de Deos, ſe aproveitaraõ muito da virtude, & doutrina deſte Padre; & como depois de ſua morte, ſoubeſſem, lhe ficara huma sò Irmãa chamada Maria Eſpinoſa, que vivia em Lisboa, a mandaraõ chamar, & a receberaõ por Freyra no ſeu convento ſem dote algum. Que he exemplo alem de grande caridade, de extraordinario agradecimento; tanto mais digno de todos os louvores, quanto menos negociado foi: poiso Padre, ſendo vivo, tal couſa ſenaõ atreveria a pedir, & de pois de morto ja as Religioſas delle naõ podiaõ eſperar as conſolaçoens eſpirituais, com que vivo as alentava: mas quando os animos ſaõ taõ generoſos, como ſe moſtraraõ os deſtas ſanctas Religioſas, naõ ſe eſquecem por cauſa da morte, de quem eſtavaõ penhorados em vida.

CAPITULO XXXIII.

Do fruto, que fez em Evora, & Elvas.

1 O Seu eſtilo ordinario era, hir pellas ruas de Evora com ſeu companheiro, perguntando ſe avia doentes, pera os conſolar, & ajudar a bem morrer. Nos lu-

lugares, onde avia maior concurſo, fazia praticas eſpirituais. Inquiria, ſe naquella rua avia odios, ou eſcandalos; & ſe os achava, era o ſeu cuidado, remedialos; convidava a todos, pera ſe confeſſarem, & lhes aſſignava o tempo, & hora, em que os eſperava, pera os ouvir.

2 Aos dias ſanctos à tarde ajuntava toda eſta gente em hum apoſento das caſas, onde morava; alli lhes prégava com tanto eſpirito, que à todos enternecia. Iſto fez cõ mais cõmodo dos ouvintes, depois que os noſſos Religioſos paſſaraõ á morar no paço del-Rey; onde em huma ſala grande, que chamavaõ da Princeza, fazia eſtas praticas com notaveis concurſos de homens; porque naõ ſe permittia, entrarem molheres naquelle lugar.

3 No tempo que o Padre Manoel Fernandes fazia notaveis mudanças nos coſtumes da gente de Evora, aſſiſtiaõ na meſma Cidade aquelles dous excellentes homẽs os veneraveis Frey Luis de Granada, & Frey Barthola-meu dos Martyres, que de pois foi Arcebiſpo de Braga ambos mui eſtimados do Infante Cardeal. Eſtes dous Padres como homens ſanctos, que eraõ, & que sò dezejavaõ a maior gloria de Deos, ſe alegravaõ notavelmente com o muito fruto, que nas almas fazia com ſuas prégaçoens o P. Manoel Fernandes.

4 Trataraõ huma ves entre ſi de o irem ouvir ſecretamente, levados de huma ſancta curioſidade, & tambem, porque deſte modo naõ fariaõ algum abalo no prégador; que ſe poderia aſſuſtar achandoſe com tais ouvintes; & naõ entender com o auditorio com a coſtumada liberdade. Ouviraõ, & ficaraõ admirados, & ſentiraõ em ſeus animos huma ſancta compunçaõ; depois como ſanctos, & humildes, que eraõ, diziaõ muitas vezes: que o P. Manoel Fernandes com a ſua ſancta, & doura ſimplicidade acabava com todos, o que naõ poderia conſeguir a eloquencia de grandes prégadores.

5 Acrecentava o veneravel Padre Frey Luis de Granada; que indo elle prégar à Cidade de Elvas por mandado do Cardeal, nunca pudera arrancar os odios, & deſterrar os abuſos, nem remediar os peccados publicos daquella Cidade; mas que o Padre Manoel Fernandes logo que foi, reformara toda a Cidade, melhorandoa nos coſtumes, & adiantandoa na piedade. Tal era a humildade deſte veneravel

neravel Padre. Ajuntou mais eſtas palavras: ſenaõ fora eſte habito de Saõ Domingos, que me tem prezo, naõ entrara em outra Religiaõ, ſenaõ naquella, em que vive eſte ſervo de Deos, & varaõ ſancto.

6 No veneravel Padre Frey Bartholameu dos Martyres foi igual a eſtimaçaõ, que daqui comeſſou a ter dos Religioſos da Companhia. Eſta ſe vio bem entre as mais couſas no grandioſo Collegio, que nos fundou em Braga.

7 O fruto, que com ſeus ſermoens, & praticas fazia o P. Manoel Fernandes, naõ he explicavel. Parecia ter na maõ os coraçoens dos ouvintes. Teve grandes diſcipulos do ſeu eſpirito. O principal foi Simaõ Gomes, a quem chamaraõ o ſapateiro ſancto, cuja vida compôs, & imprimio o noſſo Padre Manoel da Veyga. Naquelles tempos foi homem por ſuas virtudes, & eſpirito de profecia mui celebrado.

8 Elle era o principal inſtrumento, de que ſe aproveitava o Padre Manoel Fernandes. Elle lembrava as praticas, elle fazia o auditorio, rogando a ſeus conhecidos, que foſſem tratar com o P. Manoel Fernandes, & que foſſem aſſiſtir às ſuas prégaçoens. Entre outros ſanctos coſtumes introduzio o Padre em Evora, que alguns homens pios, & devotos, foſſem vizitar o hoſpital, as cadeas, & outros lugares neceſſitados de remedio. Repartiaõſe por diverſas partes da Cidade, ſegundo as ordens, que o Padre lhes dava, ſendo de conſolaçaõ a toda a ſorte de affligidos. Elle foi o primeiro da Companhia, que na Cidade de Evora começou o ſancto coſtume de acompanhar os padecẽtes, que morriaõ por juſtiça. Aſſiſtialhes de dia, & de noyte nos carceres. Depois de chegar ao lugar do ſupplicio, ſobia ao mais alto da eſcada, & dalli fazia prégaçaõ ao povo, que neſtas occaſioens coſtuma ſer numeroſo. Depois hia acõpanhando a bandeira da Miſericordia, atte ſe recolher a caſa, como ſe foſſe hum dos Capellaens.

9 O ſeu trato com a gente era mui affavel, eſpecialmente com os que oúvia de confiſſaõ; parecia que os metia a todos dentro na alma. Poriſſo era grande a confiança, com que lhe abriaõ ſeus coraçoens. Elle naõ sò remediava as neceſſidades eſpirituais, mas tambem muitas vezes as corporais com eſmolas, que negoceava. Tanto que acabava de jantar nos dias, que prégava, pedia licença,

pera

Digitized by Google

pera ir fora acodir ao bem do proximo; & ſe attendendo ao ſeu trabalho, o ſuperior lhe negava a licença, tanto rogava, que lha concedia. Viaſe, que o ſeu allivio era acodir ao bem alheo.

10 Contra o jogo prégava com grande fervor, reprehendendo os juramentos, de que elle he origem. Huma vez puxou no ſermaõ por huma baralha de cartas, & começou a imitar os jogadores, como juravaõ, & arrenegavaõ. Mas como o P. diſto nada ſabia, deu muitos erros; o que foi de edificaçaõ, & lhe cobraraõ muito amor, & reſpeito a ſua ſanctidade: pois tal acçaõ sò homem, que a fazia com o ſeu eſpirito, & circunſtancias, que naõ concorrem em outros, a poderia fazer com proveito, & ſem alguma cenſura, como elle a fez.

11 Avendo na Cidade de Elvas muitas couſas, que cercear nos coſtumes, foi alli mandado o P. Manoel Fernandes, & com ſuas prégaçoens fez grande mudança nos coſtumes, couſa que outros prégadores afamados, & de muito eſpirito naõ poderaõ fazer. Entre outras couſas foi mui notoria a mudança de huma molher vaidoza.

12 Avia na Cidade huma molher das mais nobres, & ricas, toda a meſma vaidade, & apparato no ſeu trato de galas, & bizarrias, nem tinha outros cuidados. Ouvindo prégar ao Padre da vaidade do mundo, aſſim ſe trocou; que indo pera caſa tirou as joyas, & brincos, & todos os mais ornatos, ficando em hum trajo honeſto. Vindo de fora o marido, viſta tal novidade, & entendida a cauſa, comeſſou a dizer mal do prégador, & da Companhia, ſendo que lhe devia eſtar mui obrigado, pello muito, que lhe poupava. A molher lhe pedio, naõ diſſeſſe mal do Padre, ſem primeiro o ouvir pello menos huma sò vez.

13 Veyo niſſo o marido mais por conhecer, que homem foſſe, que pera ſe aproveitar da prêgaçaõ. Mas tanto, que o ouvio, de ſorte ficou mudado, que naõ sò aprovou, o que ſua molher fizera, mas elle ſe deu todo a Deos, veſtindoſe por dentro de cilicio, dizendo, que por fora, ſe lhe fora licito, ſe veſtiria todo de ſaco. Naõ ſe podia apartar do P. Eſtes dous cazados foraõ dous grandes inſtrumentos, pera trazer a gente a Deos. A molher trazia ao P. muitas molheres nobres, pera ſe confeſſarem, & o marido muitos homens principais.

14 No

14 No anno de 1554 por petiçaõ do Infante Cardeal foi mãdado prégar a quaresma na Cidade de Elvas. Levou por seu companheiro ao P. Pedro de Sancta Cruz, que era homem no confessionario incansavel. Na quaresma prégava o P. Manoel Fernandes quartas, & sestas feiras, as domingas de menhãa sobre o Evangelho, & de tarde sobre os mandamentos. Cobroulhe a gente toda notavel respeito. Davalhe no pulpito terriveis reprehensoens, mas todas, ainda que asperas, se tomavaõ bem. Na primeira dominga, prégando das tentaçoens, reprehendeo taõ severamente aos amancebados, que depois do sermaõ, os que tinhaõ esta chaga, se foraõ ter com elle, pera se confessar, & emmendar suas vidas. Delles foi huma molher, que avia annos, tinha por vida, andar com recados, agora contrita do seu peccado dizia, querer comer o seu bocado de paõ em graça de Deos. Outros se cazaraõ com as mesmas occasioens do seu peccado.

15 No mesmo dia vindose recolhendo do sermaõ, passou pella cadea, fez aos prezos huma breve exhortaçaõ. Entre outros estava prezo hum homem principal de lingua mui solta em blasfemias, a quem por vezes o Padre tinha avisado, pera que puzesse freyo em suas liberdades, mas como naõ se emendasse; tendoo agora diante de si, começou a pedir justiça a Deos, & a dizer a hum filho delRey Mouro de Fez, que alli estava, que naõ tomasse exemplo de taõ mao Christaõ. Penetrouse o homem tanto da energia, com que o Padre lhe fallou, que ficou de se emmendar.

16 Foi singular a industria, com que desterrou os juramentos. Avia nesta materia grande soltura nas linguas. Ordenou o Padre huma confraria em honra do Sanctissimo nome de JESU, pella qual se desterrassem os jurammẽtos, & o nome de Deos fosse honrado. Fez pera isto, com que todos pellas parochias se assentassem em hum livro. Depois pera cada freguezia se fez sua cayxa, em que se aviaõ de lançar as penas pecuniarias dos juramentos. Em cada parochia se poz huma taboa em publico com os juramentos, que se prohibiaõ, & as penas, que avia de pagar, quem os jurasse. Aviaõse de accusar huns aos outros de qualquer calidade, que fossem, dentro, ou fora de suas casas com muita cortezia, dizendolhe, que se lembrasse, que

ti-

tinha jurado. O que no tal caso naõ avizasse, era obrigado, a pagar a mesma pena, que aquelle, que jurava.

17 Todos os annos se havia de fazer procissaõ do nome de JESUS. Nos Domingos do anno se havia de mandar dizer huma Missa do dinheiro das penas, & o de mais, que crecece, se entregava à mesa da Misericordia, pera se distribuir em esmolas; desta confraria assim disposta se seguio tal emmenda nos juramentos, que senaõ ouviaõ nas affirmaçoens outros modos, senaõ, em verdade, certamente, & semelhantes. Tambem algumas tardes ensinava aos meninos os mandamentos cantados em algumas cantigas devotas, com as quais se esqueciaõ das cantigas profanas. Nas festas feiras à noite fazia sua pratica, & havia disciplina enchendose a Igreja de toda a sorte de homens.

18 Diziaõ, que o Padre Manoel Fernandes os havia a todos por força de fazer bons Christaõs. O respeito, q̃ lhe tinhaõ, era, quanto se pode dizer. Alem destas obras, se empregava em desterrar odios, & fez nesta materia grãdes, & muitas mudanças. Introduzio, que muitos homẽs, & mulheres se confessassem todos os mezes. Isto, que pellos bens de Deos hoje he em muitas pessoas cousa ordinaria, naquelles tempos era insolita, porque se alguẽm entre anno se confessava, & comungava; taõ fora estava de se edificar, que murmurava o mundo. Tal estava naquelles tempos, & taõ pouco affeiçoado aos Sanctos Sacramentos. Os frutos, que nesta materia hoje se experimentaõ, he sem duvida, foraõ effeitos do muito, que nesta materia obraraõ os nossos primeiros Padres.

19 Hospedouse o Padre com seu companheiro no Hospital, cousa, que tambem foi de admiraçaõ a todos, q̃ se espantavaõ, de que naõ se aproveitase da casa de algum Sacerdote, dos q̃ se lhe offereceraõ, ou pello menos uzasse de outra casa. Vivia de esmolas, tomando sò o necessario pera cada-dia. Algumas vezes hia pedir a certas pessoas. Naõ pedia pella Cidade, porque os Irmaõs da Misericordia tomaraõ isso em caso de honra, & descredito seu, & assim lhe rogaraõ, que tal cousa naõ fizesse, que elles lhe dariaõ o sustento necessario. Porem o Padre nada delles queria aceitar, por serem os bens da Sancta casa da Misericordia fazenda dos pobres.

20 Por serem os concursos extraordinarios, prégava

à porta da Igreja. A gente, que eſtava junta da parte de fora, era mais, que a que eſtava das portas a dentro. Aſſiſtio o Padre neſta Cidade couſa de quatro mezes. Paſſada a quareſma diziaõ muitos, que as prégaçoens naõ ſeriaõ com tanto ſucceſſo como na quareſma, por quanto os ſermoens da quareſma eraõ couſa ja feita, & compoſta de ſobremaõ, & que os dalli por diante de novo os havia de cõpor; & como andava taõ occupado, naõ o poderia fazer. A experiencia lhes moſtrou, quã errados eraõ os ſeus diſcurſos; o Padre continuou com igual ſatisfaçaõ, porque o ſeu eſpirito era o meſmo, que antes, & deſte naciaõ os ſeus ſermoens, & naõ da continuaçaõ do eſtudo. De ordinario prégava duas horas, & quando menos hora, & meya, ſendo ſempre ouvido ſem faſtio, & com attençaõ.

21 Nos juramentos foi a emmenda tanta, quanta ſe podia dezejar. A the os meninos de quatro annos coſtumavaõ dizer a ſuas mays, ſe as ouviaõ jurar: May beije o chaõ, porque jurou, que aſſim nos enſinou noſſo Meſtre. Os que antes ſe naõ tinhaõ por homens, ſe naõ juravaõ, cobraraõ tal odio aos juramentos, que tinhaõ o jurar por couſa de menos valor, & indigna de homẽ de entendimento.

22 Contaſe nas memorias, que referem eſta Miſſaõ, por couſa eſtranha, chegarem a cem os homens, que todos os mezes ſe confeſſavaõ. As molheres eraõ mais em numero. Dos homens eraõ muitos fidalgos. Retiravaõſe dos jogos, & outros divertimentos, que ſaõ occaſionados a desbaratar a conſciencia. A ſua recreaçaõ era ſahir a humas hermidas fora da Cidade, levando conſigo vidas de Sanctos, com cuja liçaõ ſe entretinhaõ, & gaſtavaõ o tempo com Deos. Deſta gente muitos tratavaõ de veras da perfeiçaõ, & comungavaõ cada oito dias. O Padre lhes fazia huma pratica da vida de Chriſto hũa vez cada ſemana. A ella acodia muita gente grave. Fazia eſta pratica em huma caſa do Hoſpital, onde morava: por naõ haver aſſentos, & ſer a caſa naõ baſtante pera tanta gente, huns eſtavaõ em pé, outros ſe aſſentavaõ no chaõ, tudo com notavel humildade, que tanto mais era digna de eſtimar, quãto muita deſta gente era da mais nobre, & principal.

23 A ſemana, que ſe haviaõ de confeſſar, os que o faziaõ cada-mez, ſe dava certo ſinal com o ſino da Igreja, pera que ſe preparaſſem. No Domingo comungavaõ na

Igreja

Digitized by Google

Igreja principal, pera com ſeu exemplo fazerem fervor na Cidade, & facilitarem aos mais, a ſe chegarem aos Sacramentos.

24 Aos Clerigos deu o Padre as Meditaçoens da primeira ſemana dos exercicios de Sancto Ignacio. Dellas tiraraõ grande fruto; porque ficaraõ movidos a ajudar aos proximos nos confiſſionarios, onde aſſiſtiaõ, & os penitẽtes em querendo, tinhaõ Confeſſor: o que antes ſenaõ uſava, tendoſe a tal aſſiſtencia por couſa odioſa. Fez tambem, com que em cada parochia ſe fizeſſem confiſſionarios pella traça dos que uſava a Companhia, pera ſe guardar mais decòro, & gravidade em lugar taõ ſagrado. De tudo ſe ſeguio acharem os penitentes Confeſſores em todas as freguezias da Cidade, de que ſe ſeguio copioſo fruto.

25 Tinha eſte Padre introduzido em Evora, que os Irmãos da Miſericordia ſe confeſſaſſem pello menos quatro vezes no anno nas feſtas principais. Tivera eſte cuidado bom ſucceſſo, porque fazendo da ſua parte em primeiro lugar ao Provedor, que era fidalgo mui illuſtre, depois andando de caſa em caſa buſcando os Irmãos, que paſſavaõ de duzentos, acabou com todos, o que negoceava pera bem de ſuas almas. Agora em Elvas emprendeo a meſma couſa nos Irmãos da Miſericordia. Deu principio a eſte coſtume ſancto na Paſcoa de Pentecoſtes.

26 Pera iſto fez aviſo aos fidalgos, que eſtavaõ em ſuas quintas, que vieraõ com grande piedade, & exemplo, comungaraõ de miſtura com os pobres, & negros: de que reſultou geral edificaçaõ. O Padre Pedro de Sancta Cruz, que era companheiro, diz em huma carta ſua, que deſde pella menhãa athe a noite eſtava atado ao confiſſionario, como a hum cepo. Homens, que antes sò a poder de excommunhoens ſe chegavaõ huma vez no anno à confiſſaõ, agora vinhaõ importunar os Confeſſores, pera ſe confeſſar tres, & quatro vezes no anno. Depois da quareſma era tal a frequencia dos Sacramentos, que parecia, eſtarẽ nella.

27 No dia de Paſcoa do Eſpirito Sancto foi o fervor à medida do dia. O Cura da Igreja dava a comunhaõ, & o Padre Manoel Fernandes o lavatorio. Chegaraõ neſte dia as comunhoens a ſetecentas, & oitenta, o que nas memo-

rias antigas ſe refere, couſa rara pera aquelles tempos. Na tarde do dia do Eſpirito Sancto ſahio o Padre com os ſeus devotos a eſpairecer a huma hermida de Noſſa Senhora da Graça diſtante da Cidade como hum quarto de legoa. Alli lhes fez huma pratica eſpiritual. Depois vinhaõ de quatro em quatro fallando de Deos, & contemplando as flores, & hervinhas dos campos. A gente da Cidade paſmava de tanta devaçaõ, & de mudança taõ geral nos coſtumes, tudo effeitos do muito eſpirito do Padre Manoel Fernandes, a quem reſpeitavaõ como a Sancto. Depois de eſtar o Padre quatro mezes em Elvas, & ter taõ cultivada aquella Cidade, ſe recolheo ao Collegio de Evora.

28 Neſta Cidade alem de afervorar os ſeculares, conſolou muito as Religioſas do Convento de Sancta Clara. Por meyo dos ſeus Religioſos lhe pedio a Abadeſſa quizeſſe conſolar aquella Communidade. Cumprio com eſta devaçaõ; & a meteo taõ grande no Convento, que muitas fizeraõ os Exercicios de Sancto Ignacio. Tiraraõ as joyas, que traziaõ, & outras couſas, que tinhaõ de preço, & as levavaõ aos pés da Abadeſſa. O eſpirito de oraçaõ era muito. As que faziaõ os Exercicios, de ordinario dormiaõ veſtidas por naõ perder o tempo da oraçaõ de noite, que conforme as direçoens dos Exercicios, havia de ſer a primeira oraçaõ pella meya noite, como entaõ ſe coſtumava. Eſta Miſſaõ a Elvas atribue o Padre Orlandino a outro Padre do meſmo nome, que morreo em Ethiopia, porem naõ foi ſenaõ o Martyr, como temos nos documentos originais do Cartorio de Evora.

CAPITULO XXXIV.

Da occaſiaõ de ſua morte, & caridade, que uſou com os homicidas.

1 ESte era o eſpirito do Padre Manoel Fernandes: o qual pegava fogo do Ceo nas terras, onde fazia Miſſaõ. Quiz o Senhor coroar ſeus trabalhos com hum fim glorioſo. O ſucceſſo teve ſua origem na meſma Cidade de Elvas no anno de 1555. Voltara elle a Elvas a continuar ſeus ſanctos empregos, Havia na Cidade hum peccado

cado antigo mui escandaloso entre duas pessoas nobres, que por serem tais as pessoas, era mais notorio o escandalo. Geralmente se murmurava de tanta devacidaõ nas praças, & nos corrilhos. Era o peccador Ecclesiastico.

2 Quiz o Padre tirar taõ pernicioso exemplo, & prégando contra os sensuais, & deshonestos, o fez com tal pezo, & energia; que a peccadora, que ouvia o sermaõ, deyxou o seu peccado. Sentio isto bravamente o louco amante, & determinou tirar a vida, aquem lhe tirava a sua occasiaõ. Voltava o Padre pera Evora; no caminho vinha algum tanto atraz do companheiro; pera assim, como era estilo seu, vir considerando em Deos, & tendo oraçaõ. Chegava a huma paragem deserta, quando lhe sahiraõ ao encontro certos homens armados, & rebuçados. Foraõse ao Padre, deraõ com elle em terra; disseraõlhe a causa, porq̃ o vinhaõ matar. Logo tirando de huns sacos de area, q̃ traziaõ preparados pera este fim, o começaraõ cõ elles a moer. Choviaõ os golpes sobre o Padre, que elle sofria com grande paciencia. Dava graças a Deos, por lhe dar tal occasiaõ. Pedia à imitaçaõ de Christo perdaõ pera os seus matadores.

3 Satisfeitos, & imaginando estava morto, o deixavaõ. Entaõ o Padre alentando a voz entre tantas ansias mortais, lhes começou a dizer: Naõ fujais, de quem sò dezeja o vosso bem, & està mais sentido do vosso peccado, q̃ das suas dores: tornay amim, senhores, que ainda estou vivo, pera rogar por vós a Deos, & sofrer a morte muitas vezes. Naõ vos temais da justiça da terra, que como naõ derramastes sangue, naõ ha feridas, que vos publiquem, nem eu serey parte pera vos accusar. Sò da justiça divina vos podereis temer, & por isso em mim achareis o remedio pera o perdaõ. E porque serà difficultoso achar, quem vos absolva deste horrendo sacrilegio, & excomunhaõ, confessai comigo vosso peccado, que pellos poderes, que tenho, vos absolverei, & livrarei da excomunhaõ.

4 Estas palavras despedidas como rayo de hum coraçaõ assim abrazado em amor de Deos, foraõ taõ poderosas; que penetraraõ, & renderaõ o coraçaõ de hum dos homicidas. Lançase por terra, chora sua disgraça. Aqui levantou o servo de Deos aquelles olhos, & braços amortecidos ao Ceo, dando graças a Deos por assim o consolar

com

com a converſaõ de alma taõ perdida. Confeſſou-o, & abſolvéo. O meſmo homem lhe deu a maõ, & o ajudou á trazer athe o Collegio de Evora. Eſte meſmo foi, o que ao depois contou, & de quem ſe ſoube a cauſa da morte deſte ſervo de Deos; que elle neſta materia naõ diſſe palavra, por ſenaõ vir a entender, quem foraõ os matadores.

5 Em toda a Cidade de Evora foi o ſentimento igual ao amor, que lhe tinhaõ. O Cardeal Infante pella grande eſtimaçaõ, que delle, & ſuas virtudes fazia, o foi viſitar à cama. Depois recebidos os Sacramentos, eſpirou com o Sancto nome de JESUS na boca. Foi ſua morte no Collegio de Evora aos dezoito de Fevereiro de 1555.

6 Tanto que na Cidade ſe ſoube a morte do Padre, & ſe comeſſou a divulgar a cauſa della, naõ ſe pòde crer o sẽtimento, que em todos ouve. Acodio a Cidade toda a ſeu enterramento, procurando cada-hum haver alguma couſa de ſeu uſo como reliquia de homem Sancto. Naõ tinha ainda a Companhia Igreja, em q̃ o podeſſe enterrar. Muitas ſe offereceraõ, querendo ſanctificarſe com ſeu corpo, venceo porem a Sé. Foi o Cabido com a Clerezia ao noſſo Collegio. Dalli foi levado em veſtidos Sacerdotais com ſolemne acompanhamento de toda a Cidade. Na Sé foi depoſitado na ſepultura de hum Conego chamado Gomes Pires, que quiz foſſe ſanctificada com o corpo de homem taõ Sancto, & pera iſſo a offereceo.

7 Por muitos dias hia gente chorar ſobre a ſepultura, chamandolhe homem Sancto, pay de pobres, & remedio de peccadores. No anno de mil quinhentos oitenta, & nove, aos nove de Agoſto tratou de o tresladar pera a Igreja do noſſo Collegio o Arcebiſpo Dom Theotonio de Bragança. Acharaõſelhe inteiros, & incorruptos os ornamẽtos Sacerdotais, com que havia tantos annos fora enterrado.

8 Acodio toda a Cidade, dizendo: Vamos ver o Sãcto. Fez o Arcebiſpo eſta tresladaçaõ com grande ſolemnidade, & os oſſos metidos em hum cayxaõ foraõ depoſitados no carneiro da Capella de Saõ Vicente, aonde eſtiveraõ athe os 29. de Junho de 1684. ſem athe eſte tempo ſe abrir aquella aboboda por reſpeito dos oſſos, que alli eſtavaõ. Neſte dia, & anno hum Sancriſtaõ, que tinha pouca noticia das couſas do Collegio, & eſta com os annos eſ-

tava

tava mui apagada, abrio o carneiro, pera nelle meter o corpo de hũ defũto, & cõfũdio os ossos deste veneravel Padre com os mais, dos q̃ tinhaõ sido enterrados na mesma Igreja, com bem magoa dos homens, que sabiaõ, quem alli estava sepultado. Tais descuidos destes succedẽ naõ poucas vezes nas comunidades, por serem as cousas governadas por Irmaõs rudes, & pouco noticiosos, cuja simplicidade faz semelhantes desatentos. A vida, & martyrio deste Apostolico Prégador escreve o P. M. Balthezar Telles na primeira parte da Historia desta provincia, livro terceiro, desde o capitulo vinte, & dous athe o capitulo vinte, & quatro. O Padre Mathias Taner nos Martyres da Companhia. O Agiologio Lusitano no dia de sua morte, & outros. Muitas cousas, que elles naõ trazem, recolhi de papeys antigos, que se conservaõ no Cartorio do Collegio de Evora.

CAPITULO XXXV.

Vida do Padre Francisco Lopes, Missionario de Ethiopia.

Fremona 1. de Mayo de 1597.

1 HUm dos homens admiraveis, que com suas raras virtudes muito enobreceraõ a esta nossa provincia, foi o incomparavel servo de Deos o Padre Francisco Lopes, homem de quem testemunharaõ os Christaõs da Ethiopia, que dos companheiros do Sanctissimo Patriarca Andre de Oviedo, elle fora o mais Sancto, sendo assim, que todos os mais foraõ de virtudes mui assinaladas. Quarenta annos trabalhou em Ethiopia na salvaçaõ das almas, vinte em companhia do Admiravel Prelado Andre de Oviedo, & vinte depois de sua morte; sem haver na Ethiopia outro Sacerdote, depois que Deos levou pera si os mais companheiros, de todos elle foi o ultimo, que poz fim a seus ditosos, & felices dias.

2 Naceo este grande servo de Deos na Villa de Fronteyra no Bispado de Elvas. Entendo, que foi admittido na Companhia na casa de Sancto Antaõ o velho, pois os catalogos de todos os Noviços antigos da provincia, que tenho na minha maõ, naõ tem algum Francisco Lopes athe o anno, que este servo de Deos partio pera a India; & sò

dos

dos Noviços, que foraõ recebidos naquella caſa naõ ha catalogos, ſendo aſſim, que de outras noticias nos conſta, que alli foraõ muitos admittidos em tempo, que na provincia havia ſomente o Collegio de Coimbra, & eſta caſa.

3 Entrou pera Coadjutor temporal, & neſte eſtado partio pera a India com o Patriarca Joaõ Nunes Barreto, & Biſpo Andre de Oviedo, & Sancto Padre Gonçalo da Silveyra, & outros Miſſionarios da noſſa Companhia. Partiraõ de Lisboa no anno de mil quinhentos ſincoenta, & ſeis. Quando chegaraõ a Goa achou o Patriarca por noticias mui freſcas da Ethiopia, que eſtavaõ là as couſas da Religiaõ, mui outras, do que em Portugal ſe cuidava; & que o Imperador naõ tinha animo de deyxar ſeus erros, contra o que tinha eſcrito a el-Rey de Portugal, que a eſſe reſpeito lhe mandava Patriarca.

4 Por tãto ſe aſſentou no governo da India, naõ paſſaſſe por entaõ o Patriarca a Ethiopia, mas que baſtava ir o Biſpo com alguns Padres, os quais ſondaſſem de perto as alturas das couſas; & que eſtando de boa feiçaõ, poderia partir de Goa o Patriarca; por ſenaõ expor huma tal dignidade aos deſacatos dos Sciſmaticos.

5 Tomado eſte conſelho, que por entaõ pareceo o mais ſeguro, mandou o governador da India Franciſco Barreto preparar quatro fuſtas bem eſquipadas de ſoldados Portuguezes, das quais eraõ capitaens Manoel Travaſſos de Figueyredo, Pedro de Sequeira, Vaſco Correa, & Antonio Vas. Nellas ſe embarcou o Biſpo, os Padres Manoel Fernandes, & Andre Gualdames, & os Irmaons coadjutores Antonio Fernandes de Braga, que entrou na Companhia na India, Franciſco Lopes, & Gonçalo Cardozo, aquem depois na Ethiopia ordenou de Sacerdotes o Sãcto Prelado Andre de Oviedo, pera com elles ſuprir a falta, que avia de Sacerdotes.

6 No principio de Fevereiro de mil quinhentos ſincoenta, & ſete deraõ à vela pera o mar Roxo, aonde fica a Ethiopia, regiaõ mui dilatada da Africa, na qual tem ſua fonte o rio Nilo, cujos povos ſeguiaõ os dogmas de Eutyches, & Dioſcoro dirivados da cadeira de Alexandria, q̃ tem a eſtes dous Antichriſtos por huns grandes ſanctos.

7 Chegaraõ os navegantes nos ultimos dias de Março a hum porto da Ethiopia chamado Arquico, que fica den-

dentro no mar Roxo. Logo que os lançarão em terra; se voltarão as quatro fustas por não cahir nas mãos dos Turcos, que andavão naquelles mares mui poderosos, & insolentes, & com os olhos em conquistar os portos maritimos de Ethiopia, & tirarem aos Abexins a cõmunicação com o mar, como depois fizerão, ganhando as ilhas de Maçuâ, & Suaquem, proximas à praya de Ethiopia, & o porto de Arquico na terra firme, que são as escalas, que pello mar Roxo tem o Imperio dos Abexins.

8 Logo forão os servos de Deos entrando pella terra dentro atte Debaroâ, que era a povoação, onde residia o Bahar Nagays, assim era o titulo do governador Abexim daquellas terras do Reyno de Tigrè, que estão vizinhas ao mar Roxo. Este era o mesmo, que no anno de mil quinhentos quarenta, & hum meteo na Ethiopia a Dom Christovão da Gama com a gente de armas Portugueza. Fez aos hospedes bom agazalhado, & recebimento, porq̃ ainda conservava o amor aos Portuguezes.

9 Dalli passarão à Corte, era Imperador Claudios muĩ afeiçoado aos Portuguezes, este os tratou bem, & lhes assistio com bom termo. Somente nunca quis mudar de religião. Em Março de mil quinhentos sincoenta, & nove lhe entrou hum Mouro de Adel pello Imperio destroindo tudo, sahiolhe ao encontro, foi delle vencido, & morto. Vendose na batalha disse: Coitado do Bispo, se eu morro, & que hâ de ser delle?

10 Succedeolhe Adamâs Segued seu Irmão, que em nada se parecia com Claudios; Tomou grande odio ao Bispo, Padres, & mais Catholicos, dizendo, que Deos castigara a seu Irmão, pellos não perseguir. Forão notaveis as vexaçoens, que fez ao Bispo, & se referem na vida deste sancto Prelado: nellas teve sempre boa parte o P. Francisco Lopes, como seu inseparavel companheiro. Mandou-os a ambos desterrados pera terras de clima pestilente. Mandou secretamente, que os matassem no caminho, ou no desterro. Livrou-os Deos da morte por meyo da molher do Senhor da quella terra: a qual vio sobre a choupana, onde os tinhão metido, hum resplandor, como do sol, com esta vista ficou admirada; & ajuntandose o muito, que tinha ouvido da virtude do Bispo, fez com o marido, que lhes perdoasse a vida.

11 Naõ dilatou o Ceo o caſtigo contra o tirano, porque o Bahar Nagays tomou a vos de hum filho do Imperador Claudios, & as armas contra Adamâs, chamando em ſeu favor aos Turcos. Entaõ Adamâs tendo neceſſidade, de que ſe puzeſſem da ſua parte os Portuguezes, mãdou vir do deſterro aos ſervos de Deos, que foraõ em cõpanhia dos Portuguezes no arrayal.

12 Ouve batalha, em que Adamâs ficou vencido, & morto. Aqui ſuccedeo huma couſa eſtranha. Na perturbaçaõ do deſtroço, Padres, & Portuguezes ſe dividiraõ, pera onde os levou a tormenta. O Padre Franciſco Lopes em companhia do ſancto Patriarca ſe poz no meyo do arrayal em lugar patente fora das tendas, de joelhos em oraçaõ. Foi ella taõ poderoſa, que os fez inviſiveis aos inimigos: paſſavaõ aſſim Turcos, como Abexins junto delles, matando, & roubando, ſem darem fê dos dous ſervos de Deos. Soccegada aquella primeira furia dos vencedores, alguns Portuguezes indo pera onde os dous eſtavaõ, lhe perguntaraõ, que feito era dos mais Padres. Reſpondeo o ſancto Patriarca: Naõ tiveſſem cuidado, porque os Padres eſtavaõ com vida, ainda que em poder dos Turcos, do qual em breve tempo ſahiriaõ, como logo ſe comprio.

13 Antes deſta ultima ves tinha o meſmo Imperador deſterrado ao ſancto Prelado, & com elle ao P. Franciſco Lopes pera huma ſerra mui alta, eſteril, & fragoſa. Oito mezes paſſaraõ neſte deſerto, ſofrendo grande falta do neceſſario, & ſumo deſemparo.

14 Depois obrigado com os rogos de alguns ſenhores ſeus vaſſallos, levantou o degredo. Mandou ſob graves penas aos ſeus, que naõ tiveſſem comercio com o ſancto Prelado. Intentou fazer, tornar atras na fê a alguns, que ſe tinhaõ reduzido. A quatro deſtes mandou lançar aos Leoens, mas eſtes eſquecidos, de que eraõ feras, ſe puzeraõ mui quietos, ſem ofenderem aos Sanctos Confeſſores, por mais que os miniſtros os procuravaõ aſſanhar. Sahio de ſi o tirano, & ordenou foſſem levados ao deſterro.

15 Naõ quis o ſancto Prelado deſemparar ſuas ovelhas neſta deſconſolaçaõ, elle com o P. Franciſco Lopes foraõ pera o meſmo lugar do deſterro. Era eſtranha a crueldade dos executores, a fragoſidade dos caminhos alẽ de com-

comprida, aſperrima, & falta do neceſſario grandiſſima.

16 Naõ ſentiaõ os ſervos de Deos tanto a ſua falta, quanto a dos innocentes deſterrados, levantaraõ olhos, & mãos ao Ceo, pediraõ a Deos, que pois no dezerto acodira antigamente ao ſeu povo, & no lago dos Leoens ſocorrera a Daniel, lhes acodiſſe na prezente neceſſidade. Succedia iſto junto de huma ribeira. Cazo notavel. Logo, que fizeraõ ſua oraçaõ, ſe renovou alli o milagre do Jordaõ, quando paſſou a arca do teſtamento, porque a ribeira ſe dividio, ficando como de repreza as agoas da parte de ſima, & as de bayxo ſe foraõ com taõ arrebatado curſo, que deixaraõ os peyxes ſaltando no fundo deſpejado de agoa, logo foraõ entrando, fizeraõ ſeu provimento do peyxe, & remediaraõ a falta prezente, & as que ſe aviaõ de ſeguir; & paſſado a pé enxuto o rio, tornou elle à ſua natural corrente. A viſta de couſa taõ eſtupenda, abriraõ os olhos muitos daquelles Sciſmaticos, que levavaõ os ſanctos ao deſterro, & abraçaraõ noſſa ſancta fé.

17 Eſte prodigio encheo de aſſombro toda a Ethiopia, & movidos com a fama delle muitos dos grandes fizeraõ com o Imperador, que mandaſſe levantar eſte deſterro, como em effeito ſe executou.

18 Em quanto viveo eſte Imperador, a vida deſtes ſervos de Deos foi hum continuado martyrio: alem deſtes deſterros, por vezes eſtiveraõ com ſuas vidas poſtas nas mãos da morte. Depois delle morrer às mãos dos Turços, como fica dito, lhe ſuccedeo outro, o qual ſe embebeo todo nas guerras, que foraõ muitas, ſem tratar de couſas de Religiaõ. Nem favoreceo, nem desfavorceo os Catolicos.

19 O Patriarca, & Padres viviaõ em huma ſerra chamada Maegogâ em hum lugar, que ſe dizia Fremonâ no Reyno de Tigre: alli era a principal aſſiſtencia dos Portuguezes, que lâ ficaraõ de Dom Chriſtovaõ da Gama, & de ſeus filhos, & familias, que era a principal Chriſtandade de Ethiopia. Alli conſignara o Imperador aos Portuguezes por ſeus ſerviços terras, de que viveſſem.

20 Aqui foi o principal teatro das virtudes do P. Franciſco Lopes aſſim por vinte annos antes da morte do Sancto Patriarca, como por outros vinte depois della. Chegaraõ a tal extremo de pobreza, que o Patriarca la-

vrava com dous boys a terra, & ſemeava em ordem ao ſeu ſuſtento, a penas tinha huma pele, com que cobrir ſeu myrrado corpo. Delle referem as noſſas Hiſtorias neſta, & em toda a materia de virtude couſas aſſombroſas, que ſe autenticaraõ por mandado do Illuſtriſſimo Senhor Dom Frey Aleyxo de Menezes Arcebiſpo de Goa, & depois Primâs de Braga.

21 Os perigos, de que Deos livrou a eſte ſeu ſervo, podemos dizer, que foraõ innumeraveis. Huma ves foi mandado por ſeu ſuperior aſſiſtir em Dambiâ aos Chriſtaons, no caminho foraõ inveſtidos dos Sciſmaticos elle, & ſeu companheiro o P. Gonçalo Cardozo, eſte foi morto âs lançadas, & o P. Franciſco Lopes com huma cruel lançada ſe pode na revolta eſconder por hum matto, & conſervar a vida, pera acodir por mais annos aos ſeus Chriſtaons.

CAPITULO XXXVI.

Notavel caridade do P. Franciſco Lopes, & o mais atte ſua ditoſa morte.

1 O P. Franciſco Lopes como foi inſeparavel companheiro do Sancto Patriarca, eſtampou em ſi todas as virtudes, que foraõ raras na quelle admiravel, & portẽtoſo homem. Elle foi o ultimo, que dos companheiros do Patriarca pôs fim a ſua vida, & por muitos annos ſem outro ſacerdote acodio aquelles pobres, & affligidos Chriſtaons.

2 A penitencia foi nelle eſtremada, coſtumava dizer, que eſta vida sò nos fora dada pera trabalhar, & fazer penitencia; & aſſim como o dizia, o fazia. Seu corpo com os trabalhos andava tal, que parecia huma oſſada cuberta cõ a pelle.

3 A ſua caridade teve muito, em que ſe ver. Por cauſa dos continuos roubos, & guerras, os ſeus Chriſtaõs chegaraõ a extrema neceſſidade. Tudo quanto tinha em caſa por morte de ſeus companheiros o deu de eſmolas aos ſeus Chriſtaons. Atte os veſtidos, com que ſe cobria, chegou a dar. Hum dia fez a ſua capa em pedaços, & a deu a varios pobres. Pedindolhe hum pobre eſmola, naõ tendo

do outra couſa lhe deu ametade da roupeta, cobrindoſe com o outro pedaço, & como depois diſto ſe chegaſſe à elle outro pobre, lhe deu o outro pedaço da roupeta ficando sò com o veſtido interior, que era a meſma pobreza.

4 Dalli por diante cobria o corpo, pera ſe abrigar dos frios alli intoleraveis, com huma pelle de algum animal. Naõ parou aqui a ſua caridade. Hum dia encontrou o cadaver de huma pobre molher, que naõ tinha, cõ que ſe amortalhar, logo o Padre Franciſco Loges ſe apartou, & tirando a camiza, a deu, a quem amortalhou o corpo, que como teſtemunha de viſta depois jurou, o que vira.

5 Depois de dar a camiza, lhe ficava ainda huma pobre cama, em que tomava algum deſcanſo, tambem deu eſta, & ficou sò com a terra nua por cama. Vendo tal pobreza hum Chriſtaõ, lhe deu hum ſaco de pano groſſo, no qual encoſtaſſe o corpo. Recebeo com moſtras de agradecimento, mas naõ lhe ſofreo o coraçaõ, uſar delle, avendo pobres, que dormiaõ na terra fria, logo o deu a hum delles, & aſſim ficou deſcanſado.

6 Quando Deos o levou pera ſi, naõ ſe achou na ſua choupana, com que o amortalharem. Nem teve na ultima doença outra cama mais, que hum couro velho, & roto, que lhe empreſtaraõ. Sabendo, que eſtavaõ enfermos de mal contagioſo alguns pobres reduzidos ao ultimo deſemparo, dos quais aſſim por medo da contagiaõ, como pello roim cheiro, fogiaõ todos, pois ninguem podia parar dentro das cabanas, onde eſtavaõ: acodiolhes o Padre Franciſco Lopes metendoſe nas choupanas, onde por eſpaço de tres, ou quatro mezes os ſervio de dia, & de noyte; fazendo, quanto era neceſſario, pois os pobrezinhos naõ tinhaõ outro enfermeiro, nem outra peſſoa, que delles tiveſſe cuidado. Foi Deos ſervido, que finalmente os deſſe ſaons com notavel alegria do Padre. Eſte exemplo foi de grande admiraçaõ naõ sò aos Catholicos, mas aos Sciſmaticos, dos quais muitos abriraõ os olhos, & viraõ a ſua cegueira.

7 Em outra occaſiaõ tinha elle a ſeu cuidado hum pobre cheo de chagas, & podridaõ, quando chegaraõ os Gallas crueis inimigos dos Abexins, todos deſpejavaõ, & ſe acolhiaõ a lugar ſeguro, o P. Franciſco Lopes tomou às co-

coſtas o ſeu doente, & com elle ſe meteo na cova de hum deſerto, onde o curou, & abrigou, atte os inimigos deixarem a terra.

8 Tais obras bem mereciaõ os ſingulares favores, cõ que Deos alliviava ſeus trabalhos, pois no meyo delles ſentia o maior goſto. Jurou huma teſtemunha no proceſſo, q̃ ſe fez de ſuas virtudes, que ſeu pay lhe diſſera: Filho faze muito caſo do P. Franciſco Lopes, porque he hum grande ſancto, eu o vi por muitas vezes no tempo, que dizia Miſſa, & ſe virava pera o povo com o roſto abrazado, fermoſo, & reſplandecente como o meſmo Sol, & quando ſe tornava a voltar pera o altar, aquella meſma claridade o hia ſeguindo, & virandoſe com o meſmo roſto.

9 Outra teſtemunha jurou, que quando dizia Miſſa, ſeu roſto eſtava taõ reſplandecente, que parecia hum Anjo, & que os cabellos eraõ como fios de ouro, ficando depois da Miſſa brancos, como em ſi eraõ; & que a tal reverberaçaõ lhe feria os olhos, por ſer mui intenſa.

10 Veyolhe huma grave infermidade, que parecia ſer a ultima. Eſtava o P. mui alegre, mas os ſeus Chriſtaons entraraõ em agonias de morte, vendo, que naquella vida eſtava cifrado todo o ſeu remedio, & que faltando ella, ficavaõ ſem pay, ſem may, ſem medico, ſem paſtor, que tudo era pera elles eſte ſancto homem. Foraõ muitas, & mui fervoroſas as oraçoens, que fizeraõ a Deos por vida, em que tanto lhes hia.

11 Ouvio Deos as oraçoens dos Catholicos, porque eſtando no maior perigo da doença, ſe levantou ſam, foi à Igreja, diſſe Miſſa. Acabada ella, declarou aos Chriſtaons, em como Deos por ſuas oraçoens lhe dera ſaude repentina, & dilatara a vida por mais dous annos; o que elle, ainda q̃ ardia em dezejos de ir ver a Deos, aceitara de boa vontade, pellos ſervir mais tempo, & acodir ao bem de ſuas almas.

12 Neſtes dous annos aſſim trabalhou, como ſe entaõ dera principio a ſua vida. Chegado o fim dos dous annos, huma ſemana antes de ſua morte, ajuntou na Igreja os ſeus Chriſtaons, exhortou-os à perſeverar na virtude, & na fê Romana, deulhes muitos documentos ſanctos, & aviſos em ordem a ſua perſeverança, & conſervaçaõ nos bons coſtumes. No fim lhes diſ, que dalli a oito dias avia de mor-

morrer, pera ir gozar de Deos, que naõ ſe affligiſſem com a ſua morte, que lhes fazia ſaber, que Deos os tinha muito à ſua conta, que naõ paſſaria hum anno, ſem terem ſacerdote da Igreja Romana.

13 Tudo aſſim ſuccedeo, porque dalli a oito dias, que foi o primeiro de Mayo de mil quinhentos noventa, & ſete entre amoroſos colloquios com ſeu Deos lhe entregou ſeu ditoſo eſpirito, tendo oitenta annos de idade, os quarenta gaſtados na Ethiopia, & foi o ultimo dos companheiros do Sancto Patriarca Andre de Oviedo, que acabou ſeus dias. Foi amortalhado em hum pano, que de eſmola deu pera iſto hum Portugues; & poſto na ſepultura do Patriarca, onde eſtavaõ os outros companheiros.

14 Em comprimento da ſua profecia antes de hum anno chegou a Ethiopia hum ſacerdote chamado Belchior da Sylva, homem de muito exemplo, & virtude, que o Arcebiſpo Dom Frey Aleyxo de Menezes mandara a ſaber o eſtado dos Chriſtaons da Ethiopia, eſte por ſer da India pode com as feiçoens facilmente enganar os Turcos, perſuadidos naõ ſer, o que era, & entrar naquella dezemparada chriſtandade, couſa que avia quarenta annos ſenaõ tinha podido conſeguir, ſendo, que por vezes o intentaraõ ſem efeito varios Religioſos da Companhia.

15 No anno de mil ſeiscentos, & quatro pode tambẽ entrar o P. Pedro Paes da noſſa Companhia, & o Sacerdote ſe voltou â India, por elle mandou aos noſſos Padres a cabeſſa do Sancto Patriarca, & deyxou ficar pera conſolaçaõ ſua, & dos Chriſtaons à do P. Franciſco Lopes, que eſtava na meſma ſepultura.

16 Quando lidava com as ultimas agonias pedio, que lhe fizeſſem huma Cruz em certa parte da ſua choupana, & logo acrecentou, que a Senhora com ſua prezença lançara ao Demonio daquelle lugar, & diſſe com grande affecto eſtas palavras: *O Sanctiſſima Senhora, May Noſſa Sanctiſſima: eſtou vendo a May de Deos toda veſtida de Luzes.*

17 A morte deſte Sancto Padre trazem alguns em quinze de Mayo. A Hiſtoria da noſſa Provincia a tem no primeiro deſte mes. Deſte ſervo de Deos trata o P. M. Balthezar Telles na ſegunda parte da Hiſtoria deſta noſſa Provincia, & tambem no livro ſegundo da ſua Hiſtoria de Ethiopia. O P. Euſebio no tomo dos ſeus varoens Illuſtres,

que

que intitula: Firmamento Religioſo de luzidos Aſtros. O P. Nadaſi no ſeu Annus dierum. Pedro Jarric no ſegundo tomo do ſeu Theſauro Indico. O Agiologio Luſitano, & os que eſcrevem do Sancto Patriarca Andre de Oviedo.

18 Foi eſte ſervo de Deos depois de ſua morte hum grande protector do lugar de Fremonâ, como o fora em vida. Querendo huma noite huns ſalteadores dar de ſubito em hum Viſorey Catholico, que eſtava com pouca gente alojado junto a Fremonâ, & logo ſaquear, & deſtroir o lugar; hum dos ſalteadores veyo dar aviſo, que o aſſalto eſtava aſſentado no quarto da modorra. O Viſorey com alguns Portuguezes ſe puzeraõ à ſombra de humas cazas, a quem o luar dava nas coſtas. Chegaraõ os inimigos, & no maior ſilencio, em que vinhaõ, foraõ recebidos com huma carga de eſpingardas. Atonitos com eſte inſperado ſucceſſo, voltaraõ as coſtas, foraõ mortos muitos, & outros prezos. No meſmo tempo apareceo em ſonhos à hũ homem em Fremonâ o P. Franciſco Lopes com hũa imagem da Senhora nas mãos, & lhe foi declarado todo o ſucceſſo, & mandado, que pella menhãa, contaſſe tudo, o que em ſonhos vira. Aſſim o fez, ninguem lhe deu credito atte que chegou noticia meuda de tudo; & ſe ficou entendendo, que Deos os livrara por meyo do ſeu bemaventurado P. Franciſco Lopes. Ultimamente advirto, que o P. Balthezar Telles tem, que o P. Franciſco Lopes era natural de Lisboa, porem o noſſo P. Franciſco de Souſa na Hiſtoria da Provincia de Goa, parte ſegunda, Conquiſta primeira, diviſaõ ſegunda, paragrafo vinte, & ſinco dis, que os catalogos de Goa o tem natural de Fronteyra, o que eu tenho por certo, pois os catalogos das Provincias ſaõ couſas averiguadas, & neſta materia as mais ſeguras. Advirto, q̃ alguns eſcriptores confundem com eſte, outro P. Franciſco Lopes, que foi martyrizado pellos Mouros no mar da India, dizendo deſte, que fora pera à India no anno de 1556, ſendo em verdade, que o de que aqui ſe eſcreve, he o que foi no tal anno. Do outro naõ acho, que entraſſe em Portugal na Companhia, poriſſo delle naõ eſcrevo em alguma das partes deſta obra.

C A-

Digitized by Google

CAPITULO XXXVII.

Vida do P. Affonso Barreto, & morte ditosa do P. Gonçalo Cardozo.

Em Lisboa 12. de Fev. de 1557.

1 O P. Affonso Barreto teve dous Irmãos na Companhia ambos homens de grande ser, & que muito nos acreditaraõ, a saber o P. Belchior Nunes Barreto, que na India foi Missionario de grande espirito, o P. Joaõ Nunes Barreto, que foi Patriarca de Ethiopia; o mais moço dos Irmãos foi o P. Affonso Barreto. Seu Pay se chamou Fernaõ Nunes Barreto senhor do morgado de Freiris, & Penagate mui nobre por seu sangue, & mais pellos filhos, que Deos lhe deu, todos gente sancta, & consagrada a Deos. Sua may dona Izabel Ferras. Quatro filhas, que teve foraõ Religiosas exemplares no convento de Sancta Clara da Cidade do Porto, patria ditosa de todos estes servos, & servas de Deos: dos quatro filhos, Dom Gaspar Nunes Barreto herdou a casa, que hoje esta metida na primeira nobreza do Reyno, os outros tres entraraõ na Companhia.

2 Vivia Affonso Barreto em casa de seus pays, sendo o seu Benjamim, porque era dos Irmãos o de menor idade, & as demais prendas o faziaõ grandemente amado. Era de muy gentil disposiçaõ, costumes suaves, & dignos do amor, que os pays lhe tinhaõ. Contava quinze annos de idade quando se moveo a ser da Companhia com o exemplo de seus dous Irmãos. Previo elle que a may, pello muito, que lhe queria, de nenhum modo o largaria, & deyxaria ser da Companhia, por tanto com todo o segredo fogio da casa dos pays, & se foi a Coimbra.

3 Fallou com o P. Martinho de Sancta Cruz Reytor do nosso Collegio, o qual vio nelle tal fervor, que o ouve de recolher em o Noviciado aos oito de Junho de 1545. Faziaõ na quelle tempo os nossos em Coimbra mui estranhas mortificaçoens exteriores. Vendo estas o nosso noviço, naõ quis ficar atras. Alcançada licença, depoem o vestido ordinario, toma huma veste de penitente, & com os pês descalsos sahe do Collegio: vayse à praça de Coim-

bra, & como ſe foſſe malfeitor, ſe fez atar de pes, & mãos ao pelourinho.

4 Apoz iſto levantou a vos, & comeſſou a bradar dizendo: *Meu Senhor JESU Chriſto, que em caſa de Pilatos permittiſtes, que vos ataſſem a huma coluna, ponde os olhos de voſſa divina miſericordia neſte povo peccador, naõ pera o caſtigardes, mas pera lhe perdoardes.* Eſtas vozes repetidas por vezes fizeraõ acodir a gente, que eſtava na praça. Huns cuidavaõ, que enlouquecera, outros que alguem tinha perſuadido àquelle innocenteſinho, fazer tal doudiſſe: porem outros conſiderando a ſua modeſtia, & mais circunſtancias, que bem declaravaõ o eſpirito, que o movia, ſe compungiraõ, & o noviço vencedor de ſi meſmo ſe recolheo ao Collegio: tendo imitado neſte ſeu exemplo o ſ. do glorioſo P. Saõ Franciſco de Aſſis, que hum dia deſpido da cintura pera ſima, como tem S. Boaventura na ſua vida, & com huma corda ao peſcoço, ſe fez levar ao pelourinho, & alli ouvindoo todos, apregoou de ſi grandes confuſoens.

5 Pouco tempo depois de ter entrado em Coimbra, foi mandado continuar ſeu Noviciado na caſa de Sancto Antaõ o velho em Lisboa, pera ajudar âs Miſſas, & nos officios domeſticos. Alli entrou em novos fervores. Hia por vezes à ribeira com o comprador pera trazer a ſeus hombros o provimento, que ſe comprava. Ha naquelles lugares grande multidaõ de homens de ganhar, que levaõ de humas pera outras partes as couſas de maior pezo, & tambem ha muitos moços pequenos, a que chamaõ da ceirinha, porque trazem huma, em que levaõ carne, ou peyxe a caſa, de quem a compra. Toda eſta gente he inculta, & groſſeira, qual he a occupaçaõ, em que vivem.

6 Vendo o Irmaõ Barreto eſte campo bravîo, intentou cultivalo. Pede na oraçaõ a Deos, que ſe o que traçava, era pera maior gloria ſua, moveſſe o animo de ſeu ſuperior, pera que lhe deſſe licença, em ordem ao executar. O que elle excogitara dentro de ſi, fora fazerſe moço da ceirinha, pera com eſte disfarce encaminhar pera Deos aquella gente.

7 Aſſim como o meditou, o pos por obra, pede ao P. Gonçalo de Medeyros ſuperior da caſa, lhe dé licença pera viver alguns dias entre aquella gente. Avida a licença

ſe

ſe veſtio nos meſmos andrajos, que os do officio; tirou a roupeta de noviço, veſtioſe de hum pelote de burel, gualteira velha na cabeſſa, pês deſcalſos, ſacco ao hombro, ceirinha às coſtas com ſeu tiracolo de corda de eſparto: aſſim veſtido, ou mal enfeixado, ſe aprezentou a ſeu ſuperior, o qual naõ pode conter as lagrimas vendo a hum menino taõ nobre, taõ eſpecioſo, de taõ pouca idade, & de taõ poucos meſes de noviciado transformado com divina metamorphoſi em maraoſinho, sò por ſe mortificar, & fazer a Deos algum ſerviço.

8 Fezlhe o ſuperior ſuas lembranças, & lhe ordenou, que todos os domingos lhe vieſſe dar conta do fruto, que pella ſemana tinha feito, & tambem ſe confeſſar, & comungar. Aſſim veſtido ſe foi meter entre os do meſmo officio, pera os trazer a Deos. Em poucos dias teve boa freguezia, porque nelle concorriaõ todas as boas partes, q̃ a podiaõ fazer. Era mui fiel, naõ ſe deſavinha nos preços, o roſto ſempre alegre, & verdadeiramente de Anjo: as palavras mui compoſtas, & todas as acçoens tanto em ſeu ſer, que dava à todos, que admirar: chamavaõlhe o maraoſinho ſancto.

9 Com os do officio teve grande queda, faziaſe amigo de cada hum, & todos goſtavaõ de o ſer ſeu: contavalhes hiſtorias ſanctas, eſtranhavalhes os peccados, enſinavalhes a doutrina. Tudo fazia com tal graça, que era de todos hum doce enleo, & o vieraõ a ter por ſeu capatâs, & a honra do officio. Ouviaõ ſuas palavras, como ſe fahiſſem de algum oraculo. Exhortavaos à confiſſaõ, & elles tomavaõ mui bem as exhortaçoens, admirandoſe, deque ſendo da ſua idade, & do ſeu officio, ſoubeſſe tanto. Aſſim rodeado dos companheiros vinha o Irmaõ Barreto a Sancto Antaõ, & alli os fazia confeſſar.

10 Depois deſta ſancta traça tomou a peitos huma empreza aſſâs difficultoſa. Algumas vezes levou elle cargas a certa rua, onde ouvio dizer, vivia hum ſacerdote, eſcandalo de toda a vizinhança, por viver com a torpeza de portas a dẽtro. Dãdo cõta ao ſuperior, lhe pedio licẽça, pera ſe fazer por alguns mezes moço daquelle Sacerdote; per ver, ſe tinha occaſiaõ de o tirar do ſeu atoladeiro. Lãçoulhe o Padre ſua ſancta bençaõ, & o Irmaõ Barreto cõ o meſmo diſfarçe de moço da ceirinha ſe foi a caſa do Clerigo.

11 Offereceoſelhe, pera o ſervir ſem ſoldada. Vendo o Clerigo o ſeu agradavel modo, & que de graça o queria ſervir, de boa vontade o admittio em ſua caſa. Soubelhe grangear tanto os affectos, que lhe tirou o veſtido de burel, & veſtindoo de preto, ſe ſervia delle como de pagem de o acompanhar. Pouco a pouco veyo o Irmaõ a ganhar confiança, & a modo de quem ſe ria, lhe dava lembranças ſaudaveis. O Clerigo as tomava em graça, & fazia galantaria das prégaçoens do ſeu pagem.

12 Com tudo continuando elle nos aviſos, lhe hiaõ ſabendo de cada ves menos ao Clerigo: dizialhe, que ſe lembraſſe, que o tinha tirado da ceirinha; que fallava tanto, depois que ſe vira limpo com veſtido novo, que o obrigaria a tornar à ceirinha. Que depois, que ſe vira farto, naõ avia, quem ſe entendeſſe com elle. Vendo o noviço, que aproveitava pouco, hum dia cheo de eſpirito ſancto, levantando a voz, fes ao Clerigo hum alto ſermaõ: trouxelhe à memoria a morte, o juiſo, o Inferno, onde, ſenaõ ſe emmendava, iria ſem duvida cahir. Entaõ o Clerigo a modo do phrenetico, que ſe enfurece contra o Medico, ſe enviou ao prégador, lançou-o aos encontroẽs pella porta fora, dizendolhe, que ſe mais lhe cruzaſſe a porta, ou ſubiſſe pella eſcada, o lançaria mui bem moido pella janela.

13 Ficou o Irmaõ alegre com as injurias, mas triſte de ver o pouco fruto das ſuas prégaçoens, & do ſeu trabalho. Naõ quis o Senhor, que eſtas ſanctas invençoens ficaſſem ſem premio, & ja que nada pode effeituar com o ſacerdote, lhe deu pro lucro a converſaõ da molher, com quem vivia em peccado. Recolhendoſe o Noviço para a caſa de Sancto Antaõ, encontrou no caminho a mâ molher: fallolhe com tal eſpirito, que ella ſe trocou, deyxou ſua eſtragada vida, apartouſe do Sacerdote, foi à caſa de Sancto Antaõ, fes confiſſaõ geral, & comungou. Conſolouſſe muito com eſte bom ſucceſſo o noviço, & deu por bem empregado todo o ſeu trabalho. Foi hum dos primeiros, que no anno de 1551 foi a Evora, pera ſe fundar alli Collegio; era entaõ theologo, & hia com outros tres pera ſerem condiſcipulos do Senhor Dom Antonio; tivera alli por Meſtre ao admiravel varaõ Frey Bartholameu dos Martyres.

14 O reſtante de ſua vida em tudo foi igual: tres virtudes

tudes nelle em eſpecial reſplandeceraõ; grande modeſtia, grande caridade pera com o proximo, & devaçaõ pera cõ Deos. Enſinou em Sancto Antaõ letras humanas. Foy Vicereytor do Collegio de Evora por mui breve tempo. Teve outras occupaçoens, em todas ſe vio ſeu exemplo, & virtude. Foi homem de grande mortificaçaõ, della ſe lhe originou huma febre continua, que lentamente o foi conſumindo, & deſta etica, depois de bem preparado, veyo a morrer ſegundo a Hiſtoria da Provincia no Collegio de Sancto Antaõ em Lisboa. Eſcreve ſua vida na Hiſtoria deſta Provincia o P. M. Baltezar Telles, & o P. Manoel da Veyga no Memorial da caſa de Saõ Roque. Em hum manuſcripto do P. Franciſco de Araujo achei o ſeguinte. *No livro dos defunctos da caſa de Saõ Roque na primeira folha tem: O P. Affonſo Barreto theologo, & que foi Reytor no Collegio de Evora, falleceo neſta caſa a 12 de Fevereiro de 1557; foi homem de muita oraçaõ, & pas, & eu acrecento, porque o conheci, & foi meu Meſtre de latim na ſegunda claſſe de Sancto Antaõ, ſendo eſtudante de fora, & digo, que era hum Paàre de grande ſanctidade, rara modeſtia, & pas, & com grande fundamento ſe podia dizer delle, que era pomba ſem fel.* Tambem deſte P. falla o Agiologio Luſitano.

15 O P. Gonçalo Cardozo sò acho, que foi Portugues. De que patria foſſe naõ conſta, nem o trazem os catalogos antigos, donde collijo ſeria admittido na caſa de Sancto Antaõ. No anno de mil quinhentos ſincoenta, & ſeis paſſou à India em companhia do Patriarca Joaõ Nunes Barreto, & o Biſpo Andre de Oviedo.

16 Em Fevereiro de mil quinhentos ſincoenta, & ſete deu à vela de Goa pera Ethiopia com o Biſpo Andre de Oviedo, & alguns Religioſos da Companhia, levados em fuſtas Portuguezas. Sahiraõ no porto de Arquico, & entraraõ pella Ethiopia, na qual foraõ recebidos dos Portuguezes, que lâ tinhaõ entrado com Dom Chriſtovaõ da Gama, como Anjos do Ceo.

17 Neſtas terras o P. Gonçalo Cardozo trabalhou com zelo incanſavel, & padeceo em grande parte as innumeraveis vexaſſoens, que alli ſe fizeraõ ao Sancto Biſpo Andre de Oviedo, como jâ toquei aſſima na vida do P. Franciſco Lopes. Teve o Padre Gõçalo Cardozo ſingular graça em atrahir os coraçoens de todas as peſſoas, cõ quẽ tra-

tratava: porisso naõ sò era amado dos Catholicos, mas tãbẽ dos hereges. Cõ hũa palavra cõpunha grandes discordias.

18 Reveloulhe Deos o tempo de sua morte, porque mandandoo seu superior a hum lugar chamado Dambiâ, que distava quinze dias de caminho, dizendolhe o Sancto Patriarca Andre de Oviedo na despedida palavras, em q̃ significava o dezejo da boa jornada, respondeo: *Eu vou muito alegre fazer este serviço à sancta obediencia, a quem estimo mais que a vida, mas saiba Vossa Senhoria, que eu nem hei de chegar a Dambiâ, nem tornar a este lugar.*

19 Partio em companhia do grande servo de Deos o P. Francisco Lopes. Indo caminhando deraõ sobre elles os ladroens, & mataraõ às lançadas ao P. Gonçalo Cardozo, que tambem tinha dito a seu companheiro, que naquelle caminho o aviaõ de matar. Ao P. Francisco Lopes deraõ no braço huma lançada, de que escapou com vida, porque o tinha Deos reservado pera muitos trabalhos, & cousas do seu serviço. Tambem refere o P. Saquino, que naõ fora morto, porque a espada chegando à carne, se dobrava como se encontrara alguma saya de malha. Dos mais Catholicos, que os acompanhavaõ, nenhum perigou: porque os Scismaticos incitados pello Demonio sò a estes dous como prégadores da verdadeira ley, parece, que buscavaõ. O P. Francisco Lopes assim ferido naquella confusaõ, valendose dos matos se pode livrar pera bem dos Catholicos, que tanto dependiaõ de sua vida.

20 Foi a morte do Padre Gõçalo aos vinte, & dous de Mayo de mil quinhentos setenta, & quatro. Deste servo de Deos falla o P. M. Balthezar Telles na segunda parte da Historia desta provincia, & no segundo livro da Historia de Ethiopia. O P. Mathias Taner nos Martyres da Cõpanhia, Nadasi no seu Añus dierũ, & o Agiologio Lusitano. Alegambe nas mortes illustres dos filhos da Cõpanhia.

CAPITULO XXXVIII.

Em Goa anno de 1572. *Vida do P. Gaspar Villela Missionario de Japaõ. Sua patria, educassaõ, entrada na Companhia, jornada, que fes atte chegar à China.*

1 HUm dos grandes imitadores, que teve na comquista espiritual do Japaõ o glorioso Padre Saõ Fran-

Franciſco Xavier, foi ſem duvida o veneravel Padre Gaſpar Villela, homem cheo de eſpirito de Deos, & por cujo meyo innumeraveis almas vieraõ ao conhecimento, & ſerviço de ſeu Criador. Eſte ditozo Padre naceo na muy nobre villa de Avîs no Arcebiſpado de Evora. Onde tem ſua cabeſſa a ordem militar de Saõ Bento, a que neſte Reyno chamaõ de Avîs, tomando deſta villa o nome.

2 No Real Moſteiro, que alli tem os Freyres conventuais deſta Ordem, ſe criou eſte ſervo de Deos em ſeus primeiros annos. Alli com bons, & ſanctos coſtumes aprendeo juntamente as primeiras letras. Por toda a vida viveo mui lembrado do bom enſino, q̃ de gente taõ virtuoſa tinha aprendido. Da India lhe eſcrevia, dandolhe conta de ſuas couſas, em ſinal do amor, que ſempre lhes teve.

3 Em hũa carta, q̃ depois de vir de Japaõ lhes eſcreveo de Goa, comeſſa com eſtas palavras: *Parece, que ſe me podia contar por muita ingratidaõ, ſenaõ tiveſſe em lẽbrança viva o bẽ, q̃ deſſe ſancto, & virtuoſo Convento em minha mocidade tenho recebido: porque aſſim como pera hũa peſſoa naõ errar o caminho, he cauſa a boa guia, que leva; aſſim tambem tenho por ſem duvida, q̃ o principiar, & perſeverar no da virtude, a principal ajuda, ſaõ os principios bons, & virtuoſos, em que hum ſe cria, conforme aquillo da Eſcritura*: Bonum eſt viro, cum portaverit jugum ab adoleſcencia.

4 *Finalmente, que quando cuido vir a eſtado de ſer ajũtado à Companhia de JESUS, na qual eſtou com muita alegria, dou os agradecimentos a eſſa Religiaõ do bemaventurado Saõ Bento, que foraõ os principios de minha vocaçaõ a eſta. O Senhor gratifique os Reverendos Padres, que me enſinaraõ, & doutrinaraõ, com grandes gráos de ſua gloria: Amen.* Aſſim dà principio áquella carta eſcrita a todos os Padres daquelle ſancto Convento.

5 Naõ ſabemos, porque occaſiaõ entrou na Companhia, nem o anno de ſua entrada. Segundo conjecturo, entrou na Companhia na caſa de Sancto Antaõ o velho de Lisboa. Naquelle tempo, que foi pouco antes do anno de 1551. sò tinhamos neſte Reyno o Collegio de Coimbra, & a dita caſa. Na minha maõ tenho o catalogo de todos os Noviços, que foraõ admittidos em Coimbra, deſde que a Companhia naquella Cidade teve Collegio. Nelles naõ eſtà o Padre Gaſpar Villela; poriſſo me perſuado,

foi

foi Noviço na caſa de Sancto Antaõ, em q̃ naquelles principios tambem ouve Noviços. Naõ tinha entaõ a criaçaõ dos Noviços a ſeparaçaõ, & modo, que hoje; & ainda que naõ exiſta catalogo dos que entraraõ em eſpecial naquella caſa, de outras memorias nos conſta ſerem muitos alli admitidos.

6 Ou ſendo ainda Noviço, ou muito pouco depois do anno, que naõ era entaõ o noviciado mais que de hũ sò anno, paſſou à India em companhia do Padre Belchior Nunes Barreto, que fez eſta navegaçaõ no anno de 1551: por todos os da companhia eraõ quatorze, os que neſta occaſiaõ navegaraõ a conquiſtar almas a Deos no Oriente. Ordenouſe de Sacerdote em Goa, & no Mayo de 1554. ſe partio em Cõpanhia do Padre Belchior Nunes pera Japaõ.

7 Neſta viagem athe Malaca tiveraõ ventos mui contrarios, & das tardanças ſe ſeguio falta de mantimento em a náo. Com aſſás trabalho chegaraõ a Malaca. Logo acharaõ navio, pera continuar a derrota: mas intervindo naõ ſei, que controverſia, o navio por ordem dos miniſtros del-Rey foi deſaparelhado, & impedido. Por tanto foraõ obrigados a invernar em Malaca. Neſte tempo da ſua detença ſe fez muito fruto na Cidade com prégaçoens, doutrinas, & confiſſoens. Viviaõ de eſmolas pedidas de porta, em porta. Acodiaõ a dous hoſpitais hum dos enfermos Portuguezes, outro dos naturais da terra, ſervindoos em ordem ao bem de ſeu corpo, & de ſuas almas.

8 Com grande trabalho puderaõ aver hum caravela del-Rey, & com naõ menor a apreſtaraõ pera continuar a viagem. Em o primeiro de Abril de 1555 ſahiraõ de Malaca. Tinhaõlhe os moradores cobrado tanto amor, que ouve neſta deſpedida dos Padres copioſas lagrimas nos moradores de Malaca, como em huma ſua carta refere o P. Belchior Nunes.

9 Parece, que todo o inferno em pezo ſe armou contra eſta navegaçaõ; tanto, que paſmaraõ os marinheiros, q̃ ſendo ella toda pera ſerviço de Deos, tiveſſe taõ ameudados contraſtes; naõ entendendo, que por iſſo meſmo os tinha. Doze legoas de Malaca veyo hum vento taõ rijo, que rompeo a vela, & ſe a naõ raſgara, ſem duvida a embarcaçaõ ſe affundira. Chegando ao eſtreito de Cincapura deu a caravela em ſeco ſobre huma pedra. Sendo aquella ter-

Digitized by Google

la terra de gente mui inimiga de Portuguezes, dandose todos por perdidos, pediraõ ao Padre Belchior Nunes, que se metesse no batel, & fizesse por fallar a hum galiaõ Portuguezes, que hia mais afastado. Assim o fez, mas junto da noyte cahiraõ sobre o batel perto de sincoenta paraos, que saõ embarcaçoens pequenas, & quasi o abalroavaõ: mas foi Deos servido, que puderaõ chegar à sombra do Galiaõ, cõ isto os Mouros se detiveraõ. O Galiaõ despedio os bateis, quando chegaraõ, ja a caravela estava fora da pedra, porque a tinhaõ aliviado.

10 Chegando à ilha Polimaõ, sahiraõ alguns Portuguezes a fazer aguada; puzeraõse os Mouros da ilha em sillada, pera os matar, o que naõ effeituaraõ, porque foraõ sentidos. Aqui lhe fugiraõ quatro Mouros do serviço da caravela, que foi falta mui consideravel. Dalli chegaraõ a Patane, onde a terra toda estava alevantada contra os Portuguezes, porque o Galeaõ assima dito tinha tomado hum junco do Capitaõ de Patane, morto toda a gente, & metido-o no fundo. Alli seviraõ em perigo evidente dous Irmaõs, que sahiraõ em terra a fazer algum provimento.

11 De Patane emproaraõ em Japaõ; mas em breve tempo no golfaõ de Pulocondor sobreveyo taõ forte trolmenta, que se abrio a caravela, & com os balanços tomava tanta agoa, que dando à bomba de dia, & de noyte a naõ podiaõ esgotar. Entaõ os da caravela juraraõ nas maõs do Capitaõ, em como entendiaõ sem temeridade, continuar a viagem, pois a perda era certa com tal embarcaçaõ, & tais tempos.

12 Por tanto foraõ obrigados a arribar a Polimaõ, da-hi a tres dias depois que chegaraõ a esta terra; chegaraõ a ella pera fazer aguada duas náos Portuguezas, que hiaõ pera a China. Os Capitaẽs destas náos rogaraõ ao Padre Superior, quizesse nellas passar à China, que dalli teria navio pera Japaõ. Concorreraõ outras boas rezoens, que todas o obrigaraõ à tomar o conselho dos Capitaens, a cujas nâos se passou com os mais companheiros.

13 Hum dia antes, que se passassem pera o Galeaõ de Francisco Toscano, estiveraõ perdidos na caravela, porq veyo de noyte huma brava trevoada, & no escuro della veyo cahindo a encontrarse com a embarcaçaõ dos Padres o Galeaõ, & quasi esteve a ponto de marar nella, & com a

pancada a meteria no fundo. Livres do Galeaõ com aſſáz trabalho foraõ deſcahir ſobre huns penedos, por ſer o fundo pouco limpo, & ſe deraõ alli por perdidos; com tudo com muito ſuor, & perigo ſahiraõ do meyo da ruina, tendo-o por eſpecial favor de Deos, pois os remedios humanos em tais anguſtias eraõ de poucas forças, & ſucceſſo.

14 Paſſados ao Galeaõ no meyo de Julho chegaraõ à Ilha de Sanchaõ. Aonde muito ſe conſolaraõ com viſitar o lugar, onde eſtivera ſepultado o corpo de Saõ Franciſco Xavier, & nelle diſſeraõ Miſſa. Dalli foraõ à Cidade de Cantaõ na China. Dous annos gaſtaraõ neſtas navegaçoens. Por fim de ſeus trabalhos foi Deos ſervido, que da China chegaſſem ao dezejado termo de ſuas ancias o Japaõ, aonde ao noſſo Padre Gaſpar Villela o eſperavaõ outros trabalhos mais prolongados, que os que ja tinha padecido, & foraõ huns como enſayo dos outros.

CAPITULO XXXIX.

Daſſe breve noticia do Japaõ, & como a elle chegou o Padre Villela, & o que lhe aconteceo em Bungo, & Firando.

1 POrque eſtas couſas, que ſe eſcrevem pera andar em maõs de muitos, he bem tenhaõ muita clareza: porque nem todos, os que lem, ſaõ noticioſos, naõ he fora do meu intento, dar de caminho huma ſumaria noticia do Japaõ: a qual ſerve pera ficarem com mais clareza aſſim as couſas tocantes à vida do Padre Gaſpar Villela, como taõbem à do Padre Luis Froes, que logo depois deſta ſe ha de referir.

2 Japaõ ſaõ humas ilhas no fim do mundo, que eſtà deſcuberto pera as partes Orientais, contem em ſi eſtas ilhas ſeſſenta, & ſeis Reynos. Dividemſe em tres partes, a principal, onde eſtà a Cidade de Miaco, contem ſincoenta & tres Reynos. Neſta eſtà hum dominio de ſinco Reynos, que chamaõ Goquinay, & quem he Senhor deſte, ſe intitula Senhor de todo o Japaõ, ou da Tenca, que aſſim chamaõ a eſta ſua ſuprema Monarquia.

3 A ſegunda parte contem quatro Reynos, que iſſo ſigni-

significa o nome Xicoco, com que a nomeaõ. A terceira parte se chama Xiuo contem em si nove Reynos. A maior parte destes chegou a ser de Senhores Christaõs.

4 Nos primeiros tempos ouve no Japaõ hum sò Monarca, que se dizia Vo, & por outro nome Dayri: tinha dous Governadores, ou como em lingua de Japaõ se nomeaõ dous Cubos: hum destes matando ao outro se levantou com o governo da Monarquia, deyxando ao Rey natural sò com o titulo de Rey. Por esta occasiaõ se levantaraõ tantas guerras, que puxando cada hum por seu pedaço, a Monarquia se repartio em sessenta, & seis Reynos. O que era Senhor de Goquinay se chamou sempre Cubozama; tendo mais, ou menos Reynos, segundo lhos dava, ou tirava a guerra, que no Japaõ he quasi cõtinua, por ser a naçaõ de genio bellicoso, & revoltoso.

5 O Dayri, cuja familia devia ser de boa avença, se conservou contente com o titulo de Rey do Japaõ. Todavia o Dayri dà, & acrescenta os titulos dos Reys, & Senhores de Japaõ, nem elles os tem por fermosos sem este caracter, de serem da maõ do Dayri. He accepsaõ daquellas gentes.

6 Os seus Ecclesiasticos se chamaõ Bonzos saõ muitos em numero, & de grossas rendas, tem mosteiros mui sumptuosos. As seitas, que saõ muitas, se podem reduzir a dous principios, huma daquelles, que naõ reconhecem outra vida, mais que esta, que vem com os olhos. Depois da qual nem tem, aver premio, nem castigo. Esta seita he, a que seguem comummente os Reys, & grandes Senhores: Chamaõse os Sectarios Jenxûs, adoraõ os Camis, que foraõ Reys, & Senhores grandes.

7 A outra he, dos que tem aver outra vida Inferno pera os máos, bem aventurança pera os bons. Estes adoraõ huns idolos, chamados Fotoques por outro nome Amida, & Xaca. Nesta classe ha grande diversidade de Sectarios. Os maiores inimigos da ley de Deos se chamaõ Foquexus, que a olhos fechados crem as mentiras de hum livro de Xaca por nome Foquê, donde tomaraõ o nome.

8 Deste Xaca dizem, que antes de nacer, nacera oitocentas vezes em cada especie de cousas, & por derradeiro nasceo Xaca, que quer dizer sem principio. Sahio pella ilharga da may comendoa com os dentes. Em nacendo

levantou o dedo ao Ceo, dizendo, que no Ceo, & na terra elle sò era Senhor, que todos eraõ seus filhos. A este tom accumulaõ outras patranhas, que naõ ha, porque gastar papel em as contar. Basta esta brevissima digressaõ, pera entender, a que gentes prégou o Padre Gaspar Villela.

9 No mez de Julho de 1556. partio o Padre Belchior Nunes, & o Padre Gaspar Villela, & alguns Irmaõs Coadjutores, da China pera Japaõ. Naõ foi a jornada sem perigo, porque passando a náo entre dous ilheos quasi por milagre senaõ desfez nos calhaos; & diz o P. M. Belchior em huma carta, que lhe parecia ter passado a náo entre Scilla, & Caribdis.

10 Chegaraõ a Bungo no Japaõ, aonde acharaõ ao P. Cosme de Torres, & mais alguns poucos da Companhia, que em Japaõ havia. A vista foi pera huns, & outros de incrivel gosto. Logo se ordenou, que o Padre Villela ficasse em Bungo assim pera cõsolaçaõ do Sãcto velho Cosme de Torres, como pera delle aprender o modo, que se guardava com os Christaõs, & os costumes da terra.

11 Dalli sahia o Padre Gaspar Villela a consolar com a Missa, & a fazer bautismos nos lugares fora da Cidade. Huma vez sahio a huma povoaçaõ distante dez legoas, que andou a pé com muita fome, & frio, chegaraõ elle, & o Irmaõ Ioaõ Fernandes companheiro, que fora do Sãcto Xavier, a casa de huma Christãa, que os hospedou com rabaõs, & inhames, por ser mui pobre; logo lhe pediraõ chamasse gente pera ouvir a prégaçaõ.

12 Ouviraõ-na muitos gentios, & dez receberaõ a ley de Christo. Entre estes era hum velho de setẽta annos entrevado, em cuja casa se fez a prégaçaõ; o qual quando fallava, tremia tanto, que era cousa de admiraçaõ. Este fora grande matador de homens. Adorava ao Demonio na sua mesma figura. Depois de instruido foi bautizado pello Padre Villela, & dahi a dous dias se levantou da cama, perdeo o tremor, & naõ foi mais entrevado. Queimou em prezença do Padre muitos papeis do Demonio, & outras cousas do mesmo, a que athe alli dera credito.

13 Naõ faltaraõ em Bungo sustos aos Padres, todo hũ inverno estiveraõ preparados, pera cada instante receber a morte. Andava a terra mui perturbada. El-Rey estava em huma fortaleza distante sinco legoas, os ladroens andavaõ

vaõ mui soltos. Os Bonzos os incitavaõ, a matarẽ os Padres. Tinhaõ de noyte vigia entre si repartida a quartos. Vinhaõ os Christãos a vigiar a casa. Naõ comiaõ os pobres de Christo bocado, que naõ fosse destemperado com o temor da morte. Entre estas perturbaçoens naõ cessava a conversaõ dos gentios, que muito se adiantava, & servia aos ministros Evãgelicos este copioso fruto de lhe adubar, & adoçar os sobresaltos, em que de contino estavaõ.

14 Neste tempo levantaraõ os Padres hum hospital em Bungo, onde muito se exercitou a caridade com toda a sorte de pobreza. Nelle, conta o P. Villela em huma carta, succederaõ curas notaveis, como eraõ curarem-se em quinze dias postemas de dez, & vinte annos; o que mais parecia virtude especial de Deos, que effeito de medicamentos.

15 Em setembro de 1557 foi o P. Villela mandado pera a Cidade de Firando, que era do mesmo Reyno de Bungo, aonde principalmente hiaõ os Portuguezes a seus contractos, por ser o porto dos melhores de Japaõ. Nesta ilha, que terá somẽte tres legoas frutificou muito a palavra de Deos. Em dous meses se fizeraõ mil, & trezentos Christaõs. E se converteraõ em Igrejas tres templos dos Pagodes.

16 Naõ podia o Demonio aquietar muito vendo, q̃ o seu culto se hia deminuindo. Teve o P. Villela huã disputa com hum Bonzo poderoso; ficou o triste confundido, & tambem envergonhado. Por se desafrontar, começou a prégar em Firando contra a ley de Deos, & seu ministro dizendo muitas mentiras, & falsos testimunhos. Amotinou o povo contra o Padre, derribaraõ as cruzes, & foi o P. lançado fora. Viraõse neste tempo muitas cruzes no ar, & outros sinais, que eraõ como vozes mudas, que significavaõ aos gentios seus desacertos.

17 Esta furia dos Bonzos, & do seu mayoral se irritou sobre maneira, quando viraõ, que os Christaõs irados de terem os gentios quebrado as cruzes, de noyte lhe puzeraõ fogo no seu mosteiro; sem desta determinaçaõ ter noticia o Padre, ainda, que os Bonzos disseraõ, ser tudo por seu mandado: por tanto o mesmo Rey naõ dando ouvidos à satisfaçaõ, que o Padre lhe dava, se acomodou ao querer dos Bonzos, & o Padre se ouve de voltar outra vez pera Bungo, donde viera.

CA-

CAPITULO XXXX.

De como o P. Gaſpar Villela paſſou a fundar Chriſtandade na Corte de Japaõ.

1 DEzejava muito o P. Coſme de Torres ſuperior dos noſſos Religioſos em Japaõ, degolar a Hidra da idolatria no ſeu meſmo berço, que era a Univerſidade de Fienoama junto à Cidade de Miaco cabeſſa de todo o Japaõ. Depois, que Saõ Franciſco Xavier entrara no Miaco, nenhum outro da Companhia nella tinha poſto os pês: & era de grandiſſima importancia, que alli ſoſſe a fê conhecida, aſſim pera maior credito ſeu, como pera ſe fazer mais notoria a todos os Reynos de Japaõ.

2 Foi eleito pera eſta taõ ardua empreza o P. Gaſpar Villela, o qual eſcrevendo neſta occaziaõ aos noſſos Religioſos do Collegio de Goa lhes dis aſſim: *Por aver alguns dias, que eſtamos neſta terra, & ſenaõ ter conhecimento, nem experiencia da cabeça della, que he onde eſtaõ ſeus letrados, & manaõ ſuas ſeitas, pareceo in Domino ao P. Coſme de Torres noſſo ſuperior, ſaberſe, o que lá avia; & palparmos, ſe o Senhor por ſua miſericordia quer abrir a porta naquellas partes; de modo, que depois de muitas oraçoens, & ſacrificios ordenados a eſte fim, ſahio a ſorte naõ ſobre Mattias na virtude, mas ſobre mim miſeravel, & peccador, taõ inſufficiente pera tal empreza: mas ja, que o Senhor aſſim o permitte, & a obediencia aſſim o ordena, abayxo a cabeça, offerecendo alma, & corpo pera a morte, frios, injurias, & muitas adverſidades aſſim no mar, como na terra, que eſtaõ mui certas, tendo muita eſperança em voſſas oraçoens, cariſſimos Irmaõs.*

3 *A maneira, que levo por ordem da ſancta obediencia, he ir direito à cabeſſa dos Bonzos, que ſe chama Fienoama, q̃ quer dizer outeiro de fogo, & he tida, como temos na Chriſtãdade a Univerſidade de Paris. Levo comigo hum Irmaõ natural de Japaõ por nome Lourenço, pera ſer interprete nas diſputas, & praticas, que tiver, & nas mais couſas do ſerviço do Senhor: porque ainda, que eu ſaiba a lingoa, per derradeiro a mim me he madraſta, & a elle natural.* Aſſim falla o P. naquella carta.

4 Ti-

4 Tinha ſido grande parte ao P. Coſme de Torres, ter recebido huma carta de hum Bonzo ſuperior de hum dos moſteiros daquella Univerſidade, o qual ouvindo dizer muitas couſas da nova ley, que em Bungo ſe prégava, eſcreveo ao P. Coſme de Torres, em como elle por ſeus annos, occupaçaõ, & diſtancia naõ podia ir a Bungo, por tanto, que lhe mandaſſe alguem, que lhe deſſe noticia daquella ley. O portador da reposta foi o P. Villela, que juntamente levava a carta do Bonzo, péra fazer fé.

5 Partiraõ os dous da Cidade de Funay em Setébro de 1559. pera Miaco, que diſta por mar como cento ſincoenta legoas. Neſta navegaçaõ lhe naõ faltou, que padecer. Pondoſe o vento contrario, começaraõ os barqueiros, que eraõ gentios, a tirar da gente, que paſſava, eſmola pera hum idolo, que coſtumavaõ invocar em ſemelhantes faltas de vento. Pedindo ao P. Villela, reſpondeo, que elle adorava ao Criador do Ceo, & da terra, & naõ a idolos, por tanto, que naõ avia, que pedir lhe eſmola.

6 Agravaraõſe deſta reposta, & ficaraõ perſuadidos, que o vento lhes faltava, por levarem em ſua companhia hum taõ grande inimigo dos ſeus Deoſes. Afroxóu alguma couſa eſta perſuaſaõ, quando no dia ſeguinte tornaraõ a ter vento favoravel: mas como duraſſe pouco, totalmente aſſentaraõ conſigo, que do Padre lhes vinha o mal.

7 Chegaraõ a hum porto com muito trabalho. Alli quizeraõ deixar ao Padre. Depois de muitas inſtancias alcançou delles, que o levaſſem atte outro porto, que diſtava doze legoas. Avia nelle muitas embarcaçoens, porem os que o tinhaõ acompanhado, ſe foraõ a cada huma dellas, dizendolhes, que naõ levaſſem conſigo taõ mao homem, porque ſe veriaõ em grandes perigos. Por tanto nunca pode acabar o Padre com algum delles, que o admittiſſe.

8 Depois de todos ſe partirem, chegou huma embarcaçaõ, que como naõ tinha noticia, do que paſſara, nem outros paſſageiros, tomou em ſi ao Padre. Foi couſa rara, que das outras embarcaçoens, humas ſe perderaõ cõ naufragio, outras foraõ tomadas por coſſarios; sò a em q̃ hiaõ os ſervos de Deos chegou em paz à Cidade de Sacay, q̃ diſta do Miaco doze, ou treze legoas. Chegou alli aos dezoito de Outubro do meſmo anno de 1559.

9 De Sacay paſſaraõ a huma villa chamada Sacamoto,

moto, que estava na raiz da serra de Fienoama, aonde dirigiaõ a sua jornada, por nella estar o mosteiro, pera cujo Superior levavaõ carta. O Padre ficando em Sacamotó na casa de hum Christaõ por nome Diogo, mandou levar a carta ao Innaõ Lourenço. Succedeo, ser ja morto aquelle Bonzo, estava no seu lugar hum seu discipulo: recebeo a carta; & vendo, o que nella se tratava, se escusou de os amparar, dizendo, que elle era pobre, & que naõ tinha authoridade, como seu Mestre. No dia seguinte se vio com elle o Padre Villela, prégoulhe de como havia hum Criador de todas as cousas, & os mais mysterios da fé, q̃ o Bonzo, & dez seus discipulos ouviraõ. Por fim respondeo, q̃ pera manifestar aquella nova ley, era necessario fallar primeiro com o maioral de todos os Bonzos de Fienoama.

10 Inculcoulhe juntamente hum homem, que lhe podia facilitar a entrada, que naõ era pouco difficultosa. Fallou com elle o Padre; porem entendendo o homem, que a materia seria de pouco agrado do Bonzo, o naõ quiz levar, nem ainda a ver o mosteiro; porquanto senaõ mostrava, senaõ, aquem levava algum prezente ao Bonzo.

11 Vendo o Padre, que era por demais intentar por entaõ fazer algum fruto em Fienoama. Deixada aquella terra se foi pera Miaco, que dista della como tres legoas. Esta Cidade, segundo as historias de Iapaõ, teve em tempos passados sete legoas de comprimento, & tres de largura. Com ella se continuava a serra de Fienoama, com todos os seus Mosteiros, que passavaõ naquelle tempo de tres mil. Porem sobrevindo muitas guerras, a Cidade se diminuio de sorte, que no tempo, que nella entrou o P. Gaspar Villela, naõ tinha decomprido mais de huma legoa, & Fienoama ficava distante della quasi quatro legoas, & dos tres mil Mosteiros haveria ainda como quatrocentos. Onde tinhaõ suas origens as seitas, que estavaõ espalhadas por todo o Iapaõ.

12 Nesta Cidade assistia toda a principal nobreza assim secular, como Ecclesiastica. Nella floreciaõ as sciencias de Iapaõ: a gente se prezava, & era a mais polida de todos aquelles sessenta, & seis Reynos. Em huma palavra, Miaco era a todo o Iapaõ hum como exemplar dos costumes, & leys da naçaõ, & fonte donde bebiaõ seu ser.

CA-

CAPITULO XXXXI.

Começa o Padre Villela a prègar no Miaco, & fruto, que fazia.

1 NOs ultimos de Novembro de mil quinhentos, & sincoenta, & nove entrou o Padre Gaspar Villela na grande Corte de Iapaõ destituido de todos os patrocinios humanos, mas com huma grande confiança em Deos, cuja honra eraõ todos os seus disvelos. Na casa, onde se hospedou, esteve alguns dias recolhido encomendando a Deos, lhe descobrisse modo, com que proceder nesta empreza. Depois destes dias tomou na maõ huma Cruz, & sahio a publico, prégando em como havia hum sò Deos Criador do Ceo, & da terra, & outros mysterios de nossa sancta fé. Concorria muita gente a ver o estrangeiro, mais por zombar, que por outra cousa. Deste modo se divulgou nos primeiros dias o nome de Deos no Miaco.

2 Trinta, & nove dias passados sem recolher fruto do seu trabalho, por conselho, & intercessaõ de hum Bonzo honrado fallou o Padre com o Cubozama, que tinha o dominio, & governo temporal do Reyno. Recebeo com agrado, & lhe deu a beber do seu chà pella mesma taça, por onde elle o bebia, que he final de amizade. Grangeou-lhe esta visita mais autoridade, do que a que athe entaõ tinha, que era nenhuma.

3 Logo se passou a morar em outra casa de melhor sitio. Concurria muita gente a ouvir, & Bonzos a disputar: porem huns zombavaõ, outros escarneciaõ do Padre, nenhum abraçava a verdade. A primeira, que se converteo, foi huma velha pobre, depois hum fidalgo de Amanguchi com dez criados.

4 Começaraõ logo os Bonzos a dizer grandes mentiras do Padre, que comia carne humana, que onde assistia tudo era destroido, & traziaõ pera exemplo as guerras de Bungo, & Amanguchi. Fizeraõ credito aos seus ditos cõ hum fogo, que se pegou nas casas da mesma rua, em que o Padre morava. Vendo elles, que o Padre por nenhuns ditos, nem zombarias desistia: meteraõ grandes medos ao

hoſpede, pera que o lançaſſe de ſua caſa. Cheo o homem de medo mandou ſahir ao Padre, & como fizeſſe alguma demora, ſe foi a elle com a eſpada nua, & o obrigou a deſpejar, dous dias antes de comeſſar o ſeu anno novo, que teve principio em vinte, & ſinco de Janeiro de mil quinhẽtos, & ſeſſenta ſegundo o uſo de Iapaõ, que comeſſaõ o ſeu anno no primeiro da lua nova de Fevereiro.

5 Paſſouſe o Padre com o Irmaõ Lourenço a huma caſinha mui deſabrigada, & por ſerem os frios grandes tiveraõ mais, que padecer, naõ tinha portas, nem janelas, era o meſmo deſemparo. As injurias, que aqui ſofreraõ do povo, & gente moça induzida pellos Bonzos, naõ ſe podẽ numerar: de noyte lhes tiravaõ muitas pedradas, deitavaõ terra, & area ſobre a caſa, faziaõ outros muitos eſcarneos. Aſſim continuou athe o mez de Abril, prégando a todos com as palavras, & com o ſofrimento, que era virtude naquellas gentes pouco viſta, & uſada. Neſte tempo ſe fizeraõ como cem chriſtaõs. Foraõ muitas as diſputas com Bonzos de varias ſeitas, de que ſahiaõ confundidos.

6 Entre os mais Bonzos veyo hum chamado Quẽxu. Trinta annos tinha gaſtado nas ſuas meditaçoens, fora aprovado por homem Sancto por dous letrados, que no Miaco tinhaõ eſte officio, & canonizavaõ eſtes novos Sãctos com grandes ceremonias, dellas era huma, aſſentaremno em huma cadeira, & adoralo. Eſte Sancto veyo ter cõ o Padre, dizendo: que elle tinha clara noticia, do que fora antes de nacer, do que era de prezente, & do que havia de ſer depois de ſua morte. Pera ſignificar eſte ſeu conhecimento, tinha em ſua caſa pintado em hum papel aſſinado pellos dous letrados huma arvore ſeca com dous verſos. O primeiro dizia: *Ati arvore ſeca, quem te ſemeou? Eu, que meu principio foi nada, & em nada me hei de tornar.* O ſegundo verſo tinha: *Meu coraçaõ, que naõ tem ſer, nem naõ ſer; naõ vay, nem vem eſtà detido.*

7 Eſte entrou a fallar com o Padre, dizendo grandes prefaçoens da ſua ſabedoria, & que naõ vinha ouvir couſas tocantes à ſalvaçaõ, que lhe naõ eram neceſſarias; mas sò por ouvir couſas novas, & com a noticia dellas paſſar hum pedaço de tempo. Falloulhe o Padre, & o homem ſe deyxou penetrar tanto das verdades da fé, que como em hum claro eſpelho vio a cegueira, em que tinha andado, & final-

finalmente abraçou a verdade, & se fez christaõ. Este Bõzo, como era de sabedoria conhecida, fez grande abalo na Cidade com a sua conversaõ.

8 Naõ foi menos pera louvar a Deos a conversaõ de outro Bonzo homem de abstinencia rara. Naõ comia carne, nem peixe, nem paõ de trigo, cevada, nem arroz, nẽ legumes, somente se sustentava com ervas, & frutas secas de algumas arvores. Tinha feito voto de ensinar de graça cem mil vezes hum livro de Xaca chamado Foquequio, tudo isto fazia, pera se salvar. Contou ao Padre, que haveria dez annos, que em sonhos vira huns Padres, que vinhaõ de longe, & que lhe ensinavaõ o caminho da salvação. Logo no outro dia depois do sonho, ouvira dizer, em como estavaõ no Amanguchi huns Padres vindos de longe, que ensinavaõ o tal caminho. Este, ouvida nossa santa ley, voltou logo a sua casa a dispor algumas cousas, porque era de fora do Miaco, pera vir desembaraçado de todo receber o santo bautismo.

9 Receberaõ mais o bautismo outros quinze Bonzos: muitas pessoas honradas vinhaõ de noyte a ouvir o Padre. Vendose com tudo o Padre vexado, foi a casa de Mioxindono hum dos principais Regedores do Cubozama pera lhe pedir seu amparo. Hia em companhia de hum fidalgo de sua casa. Logo os Bonzos deitaraõ fama pella Cidade, que o Regedor mandara prender ao Padre, & que se tinha mandado fahir da Cidade por publico pregaõ. Brevemẽte foraõ desmentidos, porque o Regedor ordenou se lançasse pregaõ, que ninguem se atrevesse a fazer mal algum ao Padre estrangeiro.

10 A vida do Padre tambem prégava muito. Viaõ os Bonzos prudentes nelle outros costumes, & santidade, q̃ naõ viaõ nos seus Padres espirituais. Todos os de huma seita venerando, quasi como ao seu Deos Xaca, a este Bonzo seu Mestre, tomaraõ conselho de o privar do superiorado, dizendo; que naõ era naõ casto, como o Padre dos christaõs, o qual alem de naõ ter molher, prohibia, que os seculares a vessem mais de huma: & que o seu Bõzo prégando lhes castidade, tinha escondidamente muitas molheres. Que occultamente comia carne, & peixe, ensinando lhes o contrario: que levava dinheiro pellos ensinos, cousa que o Padre naõ fazia.

11 Com iſto foi o Padre entrando em taõ boa opiniaõ, & parecia ſua doutrina tão ajuſtada aos Bonzos; que cada ſeita queria pera credito ſeu, que o que elle enſinava, naõ era outra couſa, ſenaõ a meſma doutrina do Padre explicada por outros termos, & palavras.

12 Succedeo tambem hum caſo, que muito atemorizou os gentios. Pediraõ os Chriſtaõs ao P. que levantaſſe huma Cruz em hum campo, q̃ tinhaõ eſcolhido, pera ſe enterrarem. O P. o fez contra ſua vontade, & sô por ſuas importunaçoens: ficava a Cruz defronte de hum moſteiro, que tinha huma torre, couſa taõ ſoberba, que era a honra do Miaco. Invejoſos os Bonzos cortaraõ a Cruz, meteraõna em caſa, & logo no fogo. Naõ tardou o caſtigo, porque ſobrevindo huma tempeſtade de muita chuva, & rayos, hum rayo deu na torre, toda ſe abrazou, ſem ficar della hũ sò palmo. A muita ferragem ſe derreteo. Nenhuma diligencia pode atalhar o fogo, que a conſumio por ſer de madeira, como as mais obras naquella terra.

CAPITULO XXXXII.

De huma perſeguiçaõ, que teve o Padre, & como fundou Chriſtandade no Sacay.

1 ABafavaõ com tudo os miniſtros do demonio, porque cada dia lhe hiaõ faltando muitos freguezes, valeraõſe de diſputas, pera infamar o Padre, mas ſempre ficaraõ de peyor partido. Creciaõ em numero cada dia mais os Chriſtaõs. Conſiderando o Padre a pouca firmeza da ſua eſtancia no meyo de taõ poderoſos inimigos, negociou licença do Cubozama ſenhor do Reyno, pera livremente poder morar no Miaco, & prégar a ley de Deos. Conſeguio eſte ſeu intento por meyo de alguns fidalgos amigos de hum dos Bonzos convertidos.

2 Avida a licença comprou caſa, & fez Igreja, & foi a primeira, que ouve naquella grande Corte. Dedicou-a ao Nacimento da Senhora. Nella ſe diſſe a primeira Miſſa aos 8. de ſetembro de 1560. Pera a fabrica ajudaraõ os Chriſtaõs com ſuas eſmolas. Aqui ſobio de ponto a furia dos Bonzos, pois aquella eſtreita fabrica era huma incontraſta-

tavel

tavel fortaleza contra todas as ſuas ſeitas; & idolos de Japaõ.

3 Armouſe huma cruel tempeſtade contra o piloto da naveta. Conſultaraõ entre ſi os Bonzos de Fienoama o modo, que teriaõ em fazer deſterrar, ou matar o Padre. Sahio da conſelha, que deſſem grande ſumma de dinheiro aos do governo, pera que o lançaſſem fóra com afronta, & deshonra, ajuntando a iſto, que enſinava huma ley do diabo, que toda a Cidade andava com ella amotinada: os deoſes eraõ deſprezados. Que onde eſtes Padres punhaõ os pès, tudo eraõ infortunios.

4 Sabendo os Chriſtaõs deſta negociaçaõ dos Bonzos, & de cujo ſucceſſo naõ duvidavaõ, por ſer o dinheiro, o que tudo acaba. Fizeraõ com o Padre, ſahiſſe da Cidade, antes, que com ignominia foſſe della deſterrado; q̃ deſte modo ſe daria lugar a taõ precipitada furia; & ſe buſcaria o contraveneno deſta peçonha.

5 Huma noyte ſahio acompanhado dos Chriſtaõs atte huma legoa fóra da Cidade, aonde o deixaraõ sò. Paſſou a noyte em vela. Vindo a menhãa ſe fuí meter em hũa *villa*, que era como couto de todos os malfeitores. Tres dias eſteve naquelle lugar. Depois tomou conſelho de ſe voltar pera a Cidade, & eſconderſe em caſa de hum Chriſtaõ, como fez, & dalli negociar a ſua reſtituiçaõ.

6 Quando o P. faltou na Cidade, ouve ſobre a materia varios diſcurſos, dizendo huns, que com rezaõ o aviaõ lançado fora: porem outros eſtranhavaõ muito eſta deshumanidade, poiſo P. a ninguem fazia mál, antes enſinava huma doutrina, que toda ſe amolgava com a rezaõ.

7 Conſultando entre ſi os Chriſtaõs, julgaraõ pedir aos do governo quatro mezes de tregoas, nos quais ſe examinaſſe, ſe convinha, que o P. foſſe pera ſempre deſterrado, ou que aſſiſtiſſe na Cidade. Intervieraõ niſto peſſoas de grande reſpeito, poriſſo ſe conſeguiraõ eſtas tregoas; & com ellas o Padre ſahio a publico. Soube o Cuboçama os intentos dos Bonzos contra o Padre, & ſe moſtrou ſentido, de ſer intentado tal couſa contra a licença, que tinha dado: paſſou logo novas proviſoẽs, com que os inimigos ficaraõ atalhados nos ſeus deſignios; & o Padre, & Chriſtaõs por hora livres deſte grande ſuſto.

8 Depois deſta perſeguiçaõ conſolou o Senhor ao Pa-

Padre, com ſe lhe abrir nova porta, pera introduzir a fê na Cidade do Sacay. Eſta Cidade diſta como des, ou doze legoas do Miacó, he mui populoſa, & rica. Fallavaſe neſta terra da ley de Deos, que ſe promulgava no Miaco, como de couſa nova. Veyo dezejo a hum nobre cidadaõ de a ouvir, eſcreveo ao P. Villela, lhe mandaſſe alguem, q̃ o enſinaſſe; offerecendoſe, pera recolher em ſua caſa ao prégador da nova ley.

9 Pareceo aos Chriſtaons ir o Padre com o Irmaõ Lourenço, pois naõ era bem, que taõ boa occaſiaõ ſe deixaſſe ir dentre maons. Encomendou a Igreja do Miaco a alguns Chriſtaons, & partio pera o Sacay. Foi hoſpedado do Cidadaõ, que o chamou, & lhes aſſiſtio com o neceſſario. Logo, que começſou a prégar, foraõ grandes os cõcurſos. Era agente da terra polida, & culta, & entendia bem as verdades; mas tinha cada hum por deſdouro, ſer o primeiro, que as abraçaſſe.

10 Quis Deos fazer eſta graça ao hoſpede, o qual cõ a muita communicaſſaõ do Padre entendeo de vagar os miſterios da fê, & ſe bautizou com toda a ſua familia. Tomou por nome Sancho. O ſeu exemplo ſeguiraõ logo alguns ſoldados, & cidadaons. Foi eſta ida do Padre ao Sacay eſpecial proteçaõ de Deos, porque eſtando naquella Cidade, o Miacó ſe revolveo com guerras, & em grande parte foi queimada, & o Cubozama eſteve a ponto de ſer deſtroido de todo por ſeus inimigos: & ſe o Padre eſtivera no Miaco, ouſeria morto, ou cativo; & na agoa envolta procuraraõ os Bonzos de fartar o ſeu odio, o que entaõ poderiaõ fazer ſem eſtorvo.

11 Livre dos inimigos o Miaco, voltou de Sacay o P. Villela, & foi continuando nos exercicios coſtumados. Naõ durou muito eſte ſoccego, porque a Cidade começſou a entrar em novos ſoſſobros de guerra; porque ſe divulgou, que os inimigos vencidos ſe tinhaõ refeito, & com novo exercito voltavaõ a ſe deſaffrontar. Por eſta cauſa pediraõ os Chriſtaons ao P. que ſe retiraſſe pera Sacay, até ver, em que paravaõ os temores. Aſſim o fez, & como os inimigos naõ vieſſem, o Padre voltou ao Miaco, a entrar em nova batalha com os inimigos de Deos.

CA-

CAPITULO XXXXIII.

De huma grande perſeguiçaõ, que teve, & os grandes proveitos, que della ſe ſeguiraõ.

1 NO mes de Janeiro de 1564 teve o P. novo ſocorro de dous Irmaons Japoens chamados Damiaõ, & Agoſtinho, que lhe mandara o P. Coſme de Torres, pera que o ajudaſſem, & ao Irmaõ Lourenço. Com eſtes dous operarios foi luzindo muito mais o trabalho. Faziaõſe muitos Chriſtaons naõ ſò da gente ordinaria, mas da nobreza, & ſenhores da Corte.

2 Com iſto entraraõ em novos cuidados os Bonzos capitais inimigos do Padre, & da fé. De maõ comua ſe ajũtaraõ, os que avia em Miaco, & os da Univerſidade de Fienoama com o ſeu mayoral chamado Jaco. Conſulteraõ o modo de atalhar por huma ves a deſtroiçaõ dos ſeus idolos. Pera que fique tudo mais claro: He de ſaber, que o Cubozama tinha dous criados, por quem corria aſſim o governo da Cidade, como do Reyno. Hum ſe chamava Mioxindono, era cõmo Viſo-Rey, ou Preſidente de todos os negocios. O ſegundo ſe chamava Dixandono, era como Regedor de todas as juſtiças.

3 Avia dous Bonzos mui celebres, & grandes letrados, hum ſe chamava Xamaxicodono. O ſeu officio era ſer Meſtre do Viſo-Rey nas couſas pertencentes às ſeitas. O outro ſe chamava Quicodono; eſte era principal conſelheiro do Regedor. A eſtes dous Bonzos tomaraõ os mais, pera menearem eſte negocio, de cujo ſucceſſo naõ duvidavaõ, conſiderada a autoridade, & valimento dos agẽtes com os dous principais miniſtros do Reyno.

4 Porque o veneno foſſe dourado com pretexto do bem comum, & paz do Reyno: formaraõ dezaſete capitulos, nos quais davaõ grandes alvitres pera o bom governo. Neſtes capitulos meteraõ dous contra o Padre. O primeiro, que convinha ſer deſterrado, porque o ſeguia muita gente: Xaca, & Amida eraõ deſprezados; de cujo deſprezo ſe ſeguiaõ traiçoẽs, & outros enormes peccados. O ſegundo, que as terras, onde tal gente reſidia, eraõ aſſoladas

ladas com guerra, como ſe vira em Amanguchi, Fucata, & outros Reynos, & avia bem pouco o tinhaõ viſto no Miaco, em que tudo eſteve a ponto de ſe perder.

5 Deraõſe os capitulos ao Regedor Dixandono, lendoos, reſpondeo: que quanto ao Padre, como era eſtrangeiro, naõ lhe parecia, ſer honra ſua, deſterralo, ſem que primeiro foſſem ſuas couſas bem examinadas: por tanto, que elle remetia o exame aos dous Bonzos Xamaxicodono, & Quicodono, os quais ſe julgaſſem ſer preverſa a doutrina do Padre, & contraria ao bem comum, logo o deſterraſſem, & lhe tomaſſem a Igreja.

6 Eſte deſpacho encheo de goſto aos Bonzos, vendo, que tinhaõ na ſua maõ tudo, quanto podiaõ dezejar. A deſcolaçaõ dos Chriſtaõs foi extraordinaria. Rogaraõ ao Padre, que ſe retiraſſe pera a Cidade de Sacay, pois o intẽto dos Bonzos era lançalo fora com publico pregaõ, & iſſo ſenaõ atreviaõ elles a ver com ſeus olhos: que auzentandoſe o Padre, podiaõ as couſas porſe de melhor ſemblante, pois faltava aos Bonzos o incentivo da ſua ira. Aſſim o fez o Padre, julgando ſer maior ſerviço de Deos. Levou conſigo aos tres Irmaõs da Companhia.

7 Quam profundos ſaõ os juiſos de Deos! Que uſa dos meſmos inſtrumentos da malicia pera ſua maior honra, quando elles tem outros intentos, & procuraõ deſtroir ao meſmo Deos. Andando os Bonzos ſaltando de prazer, eſperando por dias, ou horas fazer preza na Igreja, ſuccedeo vir ao Miaco com certo requerimento diante do Regedor das juſtiças hum Chriſtaõ por nome Diogo. Achouſe em caſa do Regedor o Bonzo Xamaxicodono, que era hum dos dous, a quem o exame da doutrina do Padre eſtava cometido. Eſte por modo de quem zomba diſſe a Diogo: Tu es Chriſtaõ? Reſpondeo, que ſim. Tornou o Bonzo: Pois dize, que couſas vos enſinaõ os voſſos Meſtres.

8 Reſpondeo Diogo: Ainda que eu tenho a ley de Deos por verdadeira, cum tudo como nella ſou ſoldado novo, naõ poſſo dar cabal rezaõ dos ſeus myſterios. Replicou o Bonzo: dizenos eſſe pouco, que ſabes. Entaõ Diogo lhe referio as rezoens, que perſuadem aver hum ſõ Deos, caſtigo eterno pera os maos, premio pera os bons. Ouvio tudo o Bonzo, & como homem de bõ entendimẽto

ſe

ſe deyxou penetrar ajudado da maõ de Deos, que nelle queria fazer eſpecial mudança.

9 Logo diſſe a Diogo, vai, & chama ao teu Padre, porque ſe tu ſabendo taõ pouco dizes tais couſas, certo he, que elle as dirâ mais profundas, & com melhores declaraçoẽs, dizelhe, que quero ouvir a ſua doutrina, & ſe me ſatisfizer, eu a hei de abraçar, & Quicodono. Eſte era o ſegundo Bõzo, aquem o exame da doutrina do Padre eſtava cometido

10 Ficou o Chriſtaõ mui admirado, & entendendo, q̃ a maõ eſpecial de Deos andava neſte negocio, pondo de parte o ſeu requerimento, ſe partio pera Sacay, deu conta de tudo ao Padre Villela. Pareceo aos Chriſtaõs, ſer fingimento do Bonzo, que por eſte caminho queria haver o Padre às maõs. Poriſſo ainda que o Padre queria hir, o naõ conſentiraõ, mas que foſſe Lourenço tomar as alturas ao váo: & q̃ ſe dẽtro de quatro dias naõ voltaſſe, teriaõ entendido, que eſtava prezo, ou o haviaõ morto.

11 Partioſe Lourenço offerecido a qualquer fortuna. Era eſte Irmaõ mui verſado nas ſeitas de Japaõ, fallou aos Bonzos, tiraraõ ſuas duvidas, ficando em tudo ſatisfeitos. Foi neceſſario deterſe mais Lourenço. Cuidouſe no Sacay, o que ſe temia antes. Mandaraõ hum Chriſtaõ a ſaber, o que ſuccedera. No caminho encõtrou a Lourenço cheo de prazer, por ver tais effeitos da graça de Deos. Chegou a Sacay, deu conta ao Padre em como os Bonzos eſtavaõ convertidos, & queriaõ receber o bautiſmo da ſua maõ.

12 Deu o Padre graças a Deos, que aſſim ſabe tirar mel das pedras, & vencer ao Demonio com as ſuas meſmas armas. Voltou logo o Padre, & depois de os inſtruir, & a hũ parẽte do Viſo-Rey, os bautizou a todos tres cõ incrivel goſto ſeu, & dos Chriſtaõs, & confuſaõ de todos os Bonzos de Miaco, & Fienoama, os quais de corridos ſe naõ atreviaõ aparecer diante de gente. Paſmavaõ de verem tal mudança em dous homens, q̃ eraõ os ſeus oraculos.

13 O Fidalgo parente do Viſo-Rey, a quem o Padre poz o nome de Dom Sancho, tinha a ſeu cargo huma fortaleza chamada Imori diſtante do Miaco oito legoas. Depois, que a ella ſe recolheo, & contou a muitos fidalgos, que alli moravaõ, a converſaõ dos dous Bonzos, & a ſua; entrou nelles o fervor do eſpirito Sancto; mandaraõ pedir ao Padre lhes foſſe prégar, ou mandaſſe alguem em ſeu lu-

gar. Foi là o Irmaõ Lourẽço, por eſtar o Padre muito occupado na Cidade. Converteraõſe ſeſſenta homens principais, & no lugar junto à fortaleza quinhentas peſſoas. Levantouſe Igreja, aonde ſe faziaõ os exercicios ſanctos cõ ſingular devaçaõ.

14 Por conſelho de hum dos dous Bonzos foi o Padre Villela viſitar ao Viſo-Rey Mioxindono, que eſtava algumas legoas alem da fortaleza de Imori. Recebeo-o com agrado, & lhe prometeo de favorecer aos Chriſtaõs. Na volta paſſou por Imori, & diſſe na Igreja a primeira Miſſa. Fez alguns bautiſmos de gente principal, & os deixou mui conſolados.

15 Os dous Bonzos compuzeraõ hum livro, no qual declaravaõ os fundamentos das ſeitas de Japaõ, & o mais recondito dellas; & logo a verdade da ley de Deos. Eſte livro foi muito celebre, & fez grandes frutos por ſaberem os Japoẽs, quã grandes letrados eraõ os Autores. Seguioſſe de tudo iſto muita honra ao Padre naõ sò diante dos principais miniſtros Mioxindono, & Dixandono, mas diante do meſmo Cubozama: O qual hum dia, que o Padre o foi viſitar, lhe fez ſingular gazalhado. Pediolhe carta de favor para que el-Rey de Amanguchi naõ vexaſſe aos Chriſtaõs, & lhes reſtituiſſe a ſua Igreja. Deulha de boa vontadè, de que aos fieis de Amanguchi ſe ſeguio deſcanſo. Eſtes, & outros muitos proveitos recolheo o Padre Villela das ſuas perſeguiçoens.

CAPITULO XXXXIV.

Continua o Padre Villela nos ſeus empregos Apoſtolicos. Como ſe revolveraõ as couſas, & perigo, em que eſteve.

1 VEndo o Padre Gaſpar Villela, quanto crecia a cõverſaõ, eſcreveo ao Padre Coſme de Torres, lhe mandaſſe outro Padrè, porque elle sò naõ podia abranger a taõ copioſa meſſe. Eſtava o Padre Villela mui gaſtado com o trabalho, com tudo iſſo naõ afroxava couſa alguma, por ſer incanſavel ſeu eſpirito. Nos principios do anno de 1565. chegou a Miaco o Padre Luis Froes mandadado

dado pello Padre Cosme de Torres. Sua chegada, que foi no ultimo dia de Janeiro, foi ao Padre Villela de gosto inexplicavel. O Padre Froes dando conta desta sua chegada, tem as palavras seguintes: *Em estremo se alegrou o Padre Gaspar Villela, & os Christaõs com nossa chegada, pello muito, que o desejavaõ, principalmente o Padre Gaspar Villela, que ha perto de seis annos, que cà está no Miaco, sem ver Padre, nem Irmaõ da Companhia athe agora, mais que dous Japoẽs, que tem em sua companhia. Com ser de quarẽta annos, está ja todo branco, como se fosse de setenta mui cortado dos frios, que saõ grandissimos. Falla a lingoa desta Corte, que he a principal, & mais polida de todo Japaõ, mui correntemente, prèga, & confessa nella. Tem tresladado alguns livros devotos, & de boa doutrina na mesma lingoa.* Athe aqui o Padre Froes em huma das suas cartas.

2 Succedeo ser entaõ o principio do anno de Japaõ, no qual todos os Senhores visitaõ ao Cubozama, & o prezenteaõ. Por convir muito à honra da ley de Deos, costumava os annos antes fazer estas visitas o Padre Gaspar Villela; & por fazer nos olhos destas gentes muito ao cazo a gravidade do trajo exterior, usava o Padre athe entaõ nestas visitas de sobrepelliz, estola, & barrete vermelho: agora sobio mais de ponto, indo com huma capa de asperges, levou comsigo ao Padre Froes, pera o acostumar, & fazer conhecido.

3 Fizeraõlhe companhia vinte Christaõs mui honrados. O Cubozama o recebeo com agrado, estimou o prezente, que era de cousas da India, & por novas, mais que por preciosas, tinhaõ estimaçaõ. No dia seguinte foi visitar aos dous principais ministros, q estavaõ fóra do Miaco, & consolar os Christaõs da fortaleza de Imori. Por este tẽpo ouve cõversoens de pessoas mui illustres, com que a ley de Deos se hia de cada vez mais aumentando.

4 Estava aquella Corte dividida em duas partes, hũa se chamava o Miaco de bayxo, outra o Miaco de sima. Neste ficava o paço do Cubozama, desejou o Padre Villela ter alli tambem casa, & igreja, como tinha no Miaco de bayxo, por quanto no de sima morava a fidalguia. O puzeraõse os Bonzos, & nenhumas diligencias bastaraõ, a conseguir estes intentos. Naõ tardou muito, que se naõ visse a grande providencia, que Deos teve com seus servos,

em naõ alcançarem ſua pertençaõ: como logo direi na grande mudança, que tomaraõ as couſas publicas.

5 Corria o anno de 1565. oito dias antes da Paſcoa do Eſpirito Sancto publicou o Padre hum Jubileu do Summo Pontifice em ordem ao felîs ſucceſſo do Concilio Tridentino. Ouve nos fieis grande devaçaõ, & no Padre Villela foi multiplicado o trabalho. *Neſta ſemana* (diz o Padre Luis Froes em huma ſua carta) *adoeceo o Padre Villela de frios, & febres, & eu, & quantos havia em caſa. Creyo, que com a doença todos mereceraõ muito, tirando eu, que por meus peccados ſou indigno de todo o bem; porque em toda eſta Cidade ſenaõ pode achar couſa de carne, nem peixe, mais que algumas alfaces cozidas em agoa, & ſal, por naõ haver outros aduhos, & algumas folhas de rabaõs ſecas, & arroz, toda-via depois ſe achou hum pouco de peixe ſalgado, com que começamos a convaleſcer. O Padre por naõ deixar os Chriſtaõs deſconſolados com grande febre, & fraqueza os confeſſou a todos, & os mais delles em cama.* Athe aqui aquella clauſula da carta do Padre Froes.

6 Neſtas ſuas febres hia paſſando o Padre, quando logo depois da Paſcoa do Eſpirito Sancto ſuccedeo huma fatalidade a maior, que em Japaõ ſe vio, com ſe verem nelle muitas. O Cubozama deu hum grande titulo ao ſeu Viſo-Rey Mioxindono, com que muito o elevou; ajuntando elle doze mil homens veyo ao Miaco com prétexto de dar hum banquete ao Cubozama em agradecimento da merce recebida. Trouxe comſigo a ſeu filho, & a Dijandono, q aſſima fica ditto, era o ſegundo miniſtro do Reyno homẽ grande tirano, & muito cruel.

7 Quis o Viſo-Rey dar o banquete em hum moſteiro fóra da Cidade. Soſpeitou o Cubozama alguma traiçaõ, pois naõ via, a que ſe ordenaſſe tanta ſoldadeſca. Emquanto faz por ſe eſcuſar, no domingo da Trindade de manhãa foi cercado no ſeu palacio, & morto com outras peſſoas reais, & muitos fidalgos. Dezoito annos havia, que reinava com boa adminiſtraçaõ, ſem haver delle queixas, nem cauſa pera taõ enorme aleivozia. Foraõ ſaqueados, & queimados os paços do Rey, & os dos fidalgos ſeus aliados.

8 Eſte Rey ſempre favoreceraõs Chriſtaõs, que agora ficavaõ em ſumo deſemparo. Logo hum fidalgo Chriſtaõ da caſa de Dijandono, mandou hum recado ao Padre, dizendo,

zendo, q̃ seu senhor todos os seus segredos lhe costumava descobrir, & que sò lhe naõ manifestara esta traiçaõ, de q̃ fora o principal autor; mas que de homem, que tal àleivozia fizera, todos os males se podiaõ temer; q̃ elle era muito dos Bonzos, & que faria, o que elles quizessem, & era sem duvida, que procurariaõ fartar seu odio contra os Padres. Por tanto se puzessem em cobro.

9 Tomado conselho com os Christaõs, tiveraõ por menos inconveniente deixarse estar em casa, pois o sahir a tal tempo, que todos os caminhos estavaõ tomados, era perigo evidente. Havia no arrayal de Miozindono cento, & sincoenta fidalgos Christaõs; estes tomaraõ à seu cuidado emparar a Igreja, & casa dos Padres. Estando as cousas nestes apertos veyo hum fidalgo da fortaleza de Imori, q̃ era como cabeça dos Senhores Christaõs, & fez com o Padre Villela, passasse pera aquella fortaleza; porque dalli observariaõ o estado das cousas, & se podia tomar conselho muito a seu salvo.

10 Naõ pode o Padre deixar de se acomodar a estes Christaõs, pois assim o pediaõ as circumstancias. Deu ordem ao Padre Froes, naõ largasse o posto, senaõ vindo ordem expressa do tirano, a qual naõ podia tardar, segundo era nisto muito grande a agencia dos Bonzos, & mais inimigos da ley de Deos.

CAPITULO XXXXV.

Como sahio de Miaco, passou a Bungo, converteo o povo de Nangazaqui, voltou à India, & sua santa morte.

1 HUma sesta feira de menhãa aos vinte, & sete de Julho se partio o Padre Villela pera Imori. Da-hi a poucos dias foi ter à mesma fortaleza o Padre Luis Froes desterrado de Miaco. Dalli se foraõ ambos pera a Cidade de Sacay, & se recolheraõ em huma casa lobrega. Começaraõ a prẽgar, fizeraõ muitos Christaõs. Neste tempo se deraõ duas batalhas à vista da Cidade, em huma foi morto o tirano Dijandono, que fora o principal traidor contra o Cubozama; & que desterrara os Padres do Miaco, na outra

tra acabou outro mao homem, que tambem interviera muito no desterro dos Padres.

2 Com tudo foi especial providencia de Deos, naõ ficarem os Padres no Miaco, porque como ficou a terra sẽ cabessa, andavaõ mui soltas as desordens, & sendo taõ grãde o odio dos Bonzos, seria difficultozo, dia mais, dia menos naõ serem mortos os Padres; & com sua morte acabaria de todo aquella Christandade.

3 No ultimo de Abril de 1566 partio o P. Villela de Sacay pera Bungo por ordem do P. Cosme de Torres, pera concordarem entresi hum modo de proceder na conversaõ dos Japoens, & trato com aquellas gentes. Depois trabalhou alguns annos nas Christandades do Ximo: em especial no lugar de Nangazaqui, ao qual elle fez todo de Christaõs no anno de sessenta, & nove, & de setenta.

4 Neste lugar, onde depois se veyo a formar huma boa Cidade, era senhor hum fidalgo Christaõ vassallo de Dom Bartholameu senhor do estado de Omura. Quando alli foi o Padre se aposentou em hum Pagode, ou casa dos idolos, que o fidalgo lhe dera, pera della fazer Igreja. Naõ a quis logo destroir o Padre, por naõ irritar os gentios, aos quais lhe servia carear, pera com mais facilidade os converter. Ajuntou os gentios, que da primeira ves ouviraõ de mâ vontade a prégaçaõ. Segunda ves os tornou a ajuntar, & foi Deos servido, de que a sua palavra começasse a frutificar. Bautizou a quantos havia no lugar, humas vezes duzentos, outras quatro centos. No primeiro anno fez alli mil, & quinhentos Christaõs.

5 Hum senhor de outro lugar vizinho o mandou chamar, & com grande numero de gente se bautizou. Era tãto o fervor do Espirito Sancto, que de consolaçaõ naõ podia o P. Villela conter as lagrimas. Neste anno de sessenta, & nove desfez o Pagode, & levantou Igreja no mesmo lugar. Fez nelle os officios da semana Sancta com grande concurso, & devoçaõ dos Neophytos.

6 Em Outubro de 1570 estando no lugar chamádo Xequi, adoeceo o Sancto velho Cosme de Torres pay das Christandades do Japaõ, & dos nossos Religiosos, que nellas trabalhavaõ. Falleceo com ditosa morte nos braços do P. Villela. Tinha este sancto velho, por se achar mui gastado com annos, & achaques, pedido superior, que em seu lu-

lugar tiveſſe cuidado das Chriſtandades do Japaõ. Chegou antes deſta ſua ultima doença o P. Franciſco Cabral, pera lhe ſucceder no cargo; parece, que naõ eſperava outra couſa, pera ſe deſpedir deſta vida.

7 Com o novo ſuperior veyo tambem ordem do P. Gonçalo Alvres viſitador dos noſſos no Oriente, que o P. Villela ſe recolheſſe a Goa, aſſim pera ſe refazer das forças, porque as tinha mui quebradas, como pera delle tomar meudas noticias o P. Viſitador. Nos fins do anno de 1570 ſe fez à vela pera a India. Teve jornada felis, & em pouco mais de tres mezes tomou porto na Cidade de Cochim, onde jâ eſtava nos 4 de Fevereiro de 1571.

8 Dezaſeis annos tinha gaſtado no Japaõ entre immenſos trabalhos; fallando dos que padeceo na demanda da ſua aſſiſtencia no Miaco em hũa carta, que eſcreveo aos Freyres conventuais de Avîs, tem eſtas palavras: Pareceo ſerviço do Senhor vir a hum Reyno, & Cidade chamado Miaco, que he cabeça de todos eſtes Reynos de Japaõ, & a Cidade he outra Roma aſſim na policia, como por ſer cabeça de todas as ſuas leys, pera a qual me parti.

9 Os trabalhos, que tive no caminho, por ſer quaſi trezentas legoas pella terra a dentro, sò Deos eſquadrinhador dos coraçoens o ſabe: quantas vezes eſtive jâ com a cabeça poſta ao talho! quantas vezes apedrejado: quantas fomes, frios, & perigos no mar, por aver muitos ladroens entre elles: quantos falſos teſtimunhos, quantas vezes eſcondido em caſas, & caminhos eſtive; andando por eſcuro, por entre muitos rios, & ribeiros com perigo da vida, o Senhor o ſabe. Digo iſto cariſſimos Padres a voſſas Reverencias, naõ com vangloria, nem pera me louvar, mas pera que ſaibaõ, de quanta miſericordia uſou o Senhor todo poderoſo comigo, & me fez tamanha merce de padecer alguma couſa pello ſeu nome, porque como diz o Apoſtolo: *Si fuerimus ſocii paſſionum, erimus, & conſolationum.*

10 Iſto diz o P. dos ſeus trabalhos, & na meſma carta falla de ſi com taõ profunda humildade, que sò as ſuas palavras, podem explicar o ſeu conceito: diz pois aſſim: como de Deos Noſſo Senhor ſeja dos maiores peccadores fazer grandes juſtos, & ſanctos, pera que ſe conheça mais ſua bondade; o que moſtrou Chriſto Noſſo Salvador com aquillo, que reſpondeo aos Fariſeus: Naõ vim buſcar juſtos

ſtos, mas peccadores a penitencia: como vemos chamar a Saõ Paulo da infedilidade, chamar a Magdalena do mundo; chamar a S. Matteus do Cambio, & onzena, chamar a David do adulterio: perdoar ao publicano, perdoar ao ladraõ na Cruz; & cada dia perdoar com a meſma benignidade, aos que o buſcaõ, lembrouſe de mim naõ menos, que do ladraõ, & do publicano, em chamarme, & ajuntarme a tãtos ſanctos, & perfeitos como eſtaõ neſta ordem de JESUS.

11 Por certo, que eu era a ovelha perdida das novẽta, & nove, mas buſcoume o Senhor dandome graça pera o ſeguir. Em mim ſe pode conſiderar hum peccador grandiſſimo, como ſou, & em o Senhor huma infinita miſericordia em me chamar. De modo, que por mim podem tomar os muitos peccadores animo de ſe chegar a ſeu Criador com muita eſperança de ſerem perdoados, pois pera mim ſendoo tanto ſobreabundou ſua miſericordia minha malicia. Aſſim falla de ſi eſte humilde de coraçaõ, que parece ſe naõ farta de ſe humilhar.

12 Naõ viveo o P. Gaſpar Villela muito depois de chegar a Goa. Sobreveolhe huma febre rija, entendeo ſer chegado o ſeu fim, preparouſe com huma confiſlaõ geral, recebeo os mais ſacramentos com grande ternura, & devoçaõ, & com morte de juſto deu ſua alma a Deos, cuja gloria tanto procurara com ſeus trabalhos. Falleceo no anno de 1572. Foi homem de virtudes Apoſtolicas, nas quais muito imitou ao glorioſo P. Saõ Franciſco Xavier, & foi hum dos primeiros Apoſtolos do Japaõ. Sua vida trás em meya folha de papel nos ſeus varoens illuſtres o P. Euſebio. Eſta que aqui fica eſcrita reçolhi aſſim das ſuas cartas, q̃ andaõ impreſſas, como das do Padre Luis Froes. Por fim advirto, que sò no P. Euzebio achei, em como fora pera a India com o P. M. Belchior Nunes Barreto. Huma de ſuas cartas eſcrita aos Freyres de Avîs, tem algumas palavras, que parece, daõ a entender, que entrara na Companhia na India; ſe a caſo aſſim foi, & o P. Euſebio teve niſto alguma equivocaçaõ, ſervirâ a narraçaõ deſta vida aſſim de ficar mais illuſtrado eſte Apoſtolico varaõ, como pera que a vida do P. Luis Froes corra com mais clareza: pois aquelle P. cuja vida logo refiro, continou a obra da converſaõ nos Reynos do Miaco taõbem funda-

da

dá pello P. Gaspar Villela. Delle tem hum grande elogio a Biblioteca da Companhia. Em nenhuma parte encontrei o dia de sua morte.

CAPITULO XXXXVI.

Vida do Padre Luis Froes. Entra na Companhia, passa a Japaõ, & do que lhe succedeo atte entrarem Firando.

Em Nagazaqui aos 8. de Julho de 1597.

1 O P. Luis Froes he homem dignissimo de grandes memorias, assim por ser a sua vida chea de emprezas, & trabalhos Apostolicos, como por ser hum dos seus empregos entre tantas lidas escrever repetidas cartas do muito, que em serviço de Deos obravaõ na conversaõ dos gentios os nossos Religiosos no Japaõ. A sua pena se devem as principais noticias, que dos seus tempos nesta materia nos ficaraõ, porisso o escrever suas cousas me parece mais obrigaçaõ, que obsequio. Andaõ ellas escritas pello P. Eusebio nos seus varoens illustres, mas taõ apanhadamente, que sendo elle hum gigante, alli avulta muy pouco.

2 Este Padre naceo na Cidade de Beja no Arcebispado de Evora. Quanto entendo entrou na Companhia na casa de Sancto Antaõ o velho, por quanto os Catalogos dos Noviços de Coimbra o naõ tem, & naquelle tempo sò tinhamos em Portugal alem do Collegio de Coimbra, esta casa de Sancto Antaõ, aonde tambem avia noviços, como de outras memorias nos consta.

3 Viveo o P. Luis Froes sincoenta annos na Companhia, quarenta, & nove no Oriente, & hum anno (se chegou a anno) em Portugal. No anno de mil quinhentos quarenta, & oito se embarcou pera a India. Por todos hiaõ nove da Companhia, superior delles o Sancto varaõ Gaspar Barzeo. Esta foi a quarta missaõ, & atte aquelle anno a mais numerosa, que deste Reyno foi pera o Oriente. Teve sua caridade hum grande teatro em a Nao por todo o tempo da navegaçaõ, acodindo a todo o genero de miseraveis.

4 Em Goa estava occupado em seus estudos, quando a San-

a Santa Obediencia no anno de 1554 o mandou à Cidade de Malaca, onde trabalhou por espaço de hum anno: depois voltou a continuar seus estudos em Goa. Estes acabados, foi mandado a Iapaõ, aonde tendo passado por muitos trabalhos chegou no anno de 1563, & desembarcou em Omura.

5 Sahio a terra jâ alta noyte, foi tanto o alvoroço dos Christaõs, que parecia querer meter ao Padre, & a seus cõpanheiros no coraçaõ: mais de duzentos os foraõ acompanhando atte a Igreja. Foi singular a consolaçaõ do P. Cosme de Torres, & Irmaõ Joaõ Fernandes, os quais estavaõ consumidos, & gastados com os continuos trabalhos. Eraõ estes dous servos de Deos os pays daquella Christandade, & a quem deyxara por seus substitutos o Apostolo do Oriente Saõ Francisco Xavier.

6 Como o P. Froes naõ sabia a lingua, se lhe deu o cuidado de fazer os bautismos; & no quarto dia depois de sua chegada fez mais de sessenta, & quasi todos os dias dahi por diante avia bautismos de gente nobre, fidalgos, & Bonzos, & senhores de muitos vassallos, que Dom Bartholameu senhor daquelle Reyno, tinha induzido a se fazerẽ Christaõs. Os mais destes tomavaõ por estilo a doutrina assim pera mais se radicarem nella, como pera a ensinarem em suas casas aos da sua familia.

7 Estava o Padre em Vocoxiura porto do Reyno de Omura, onde o Padre Cosme de Torres tinha sua principal assistencia. Chegando vespora da Assumpsaõ da Senhora, em que o Padre Cosme de Torres avia de fazer sua profissaõ, que avia sinco annos deyxava de fazer por falta do Padre, sobreveyo ao P. Froes huma febre, & dor de cabeça muy rija: com a qual esteve a confessar na Igreja aos Portuguezes atte a noyte, & por jâ se naõ poder ter, se recolheo a casa, & encostou sobre huma esteira. Alli crecendo a dor esteve confessando atte as dos horas da noyte.

8 Sentia o Padre muito, naõ fosse isto causa, de que no dia seguinte naõ pudesse dizer Missa, pera o Padre Torres fazer a sua profissaõ, & tambem, que a doença lhe impedisse, ir a Vomura, aonde era chamado por el Rey Dom Bartholameu, pera dar principio a huma Igreja. Chegou a menhãa, & a febre senaõ despedia. Assim com ella se revestio, pera dizer Missa, sendo a cazula, por ser de broca-

do,

do, mui pezada: mas Deos, que naõ queria faltar com aquella conſolaçaõ ao Sancto velho Coſme de Torres, deu alentos ao P. Froes pera dizer a Miſſa, & dar a Comunhaõ.

9 De Vomura tinha vindo hum fidalgo Chriſtaõ por nome Dom Luis, pera conduzir em nome do Rey aos Padres: vendo eſte que o P. Froes, eſtava com taõ rija febre, & o P. Torres mui enfraquecido, pois naõ pudera fazer a profiſſaõ de joelhos, diſſe, que ficaſſe a ida, pera dahi a dous, ou tres dias, & que elle voltava a dar conta da detença a ſeu Rey.

10 Eſta detença livrou da morte aos Padres. Voltãdo Dom Luis foi morto no barco por hum traidor, que o inveſtio, cuidando, que Dom Luis levava comigo Padres. He de ſaber, que os gentios tinhaõ entreſi traçado matar a Dom Bartholameu, & com elle aos Padres, por iſſo apertaraõ com elle, que antes de ſe partir pera huma guerra, deſſe principio à Igreja, que dezejava fazer, e que os Padres ſe aviaõ de achar. E neſte acto tinhaõ determinado romper a conjuraçaõ, matando os Padres, & ao Rey, pois aſſim viaõ ir deſcaindo o culto dos ſeus Deoſes.

11 Era o matador de Dom Luis ſenhor de alguns lugares, & hum dos principais conjurados, arreceandoſe os mais, naõ ouveſſe noticia por occaſiaõ deſta morte, do q eſtava aſſentado, & ſe atalhaſſem ſeus intentos, ſahiraõ na ſua furia, queymando o paço del-Rey, & fazendo outras inſolencias. El-Rey ſe retirou a huma fortaleza, onde ſe poſ em ſeguro. Logo que os Padres tiveraõ aviſo, foi grande a perturbaçaõ, deyxada a terra, ſe meteraõ nas embarcaçoens dos Portuguezes, que no porto eſtavaõ; aonde tambem ſe recolheraõ muitos Chriſtaõs com ſuas molheres, & filhos.

12 Eſtando neſta perturbaçaõ, paſſados alguns quarenta dias, que por tantos eſtivera Dom Bartholameu deſapoſſado do Reyno, chegou hum ſeu fidalgo com novas, de que já eſtava ſenhor do Reyno, & em Vomura. Ouve geral alegria, & ſe deraõ a el-Rey os parabens, & ficaraõ todos deſaſſuſtados, & a eſpada del-Rey foi fazendo grandes eſtragos nos alevantados. Neſta revolta foi abrazado o lugar de Vocoxiura, & com elle a Igreja, & caſa dos Padres, & aſſim ficaraõ ſem comodo algum naquelle porto.

13 O Padre Coſme de Torres com dous Irmaõs da Companhia ſe foi por mar pera Tacaxe, que era terra del-Rey de Bungo. O P. Luis Froes foi pera a ilha de Tacuxima, padecendo ainda crueis frios, & febres, que o moleſtaraõ por quatro mezes. Alli eſtava o Irmaõ Ioaõ Fernandes, que avia mais de hum mes, que o eſperava. Teria a ilha como trezentas, & ſincoenta almas todos Chriſtaõs. Sahiraõ muitos ao mar em almadias, a receber o Padre, os mais o eſperavaõ na praya.

14 Eſta ilha era de hum fidalgo Chriſtaõ, poriſſo nella podiaõ eſtar ſem deſenquietaçaõ dos homens, mas Deos os provou de outro modo. Fizera o Padre, & Irmaõ mais capâs a Igreja, que era antes mui pequena, & lhe ajuntaraõ outras obras, cõ q̃ ficou tudo mais acomodado, pera paſſarem alli o inverno. Achouſe o Padre Froes aſſaltado de huma ſezam, que era reliquias das febres paſſadas, quando por deſcuido de hum Chriſtaõ, que derretia cera, pera fazer velas, pegou o fogo na caſa, aqual, por ſer o vento eſperto, ardeo logo, & a pos ella a Igreja, ſancriſtia, caſas dos Padres. & outras quinze de Chriſtaõs pobriſſimos, como eraõ todos os da ilha: a penas ſe pode livrar do fogo o ornamento da Miſſa.

15 Cortoulhe muito o coraçaõ aos ſervos de Deos ver o deſabrigo dos Chriſtaõs, viaõſe na rua pays, & mays cercados de ſete, & oito filhinhos tremendo com frio, porque o fazia entaõ grande, & cahia neve. o P. Luis Froes ſe recolheo com o Irmaõ Ioaõ Fernandes à caſa de hũ Chriſtaõ, aonde eſteve cortindo a febre da ſezaõ deitado no chaõ ſobre hũa eſteirinha, a cabeça encoſtada ſobre hum pao, que naõ avia na caſa outro traveſſeiro. Alli ſe ajuntaraõ ao redor do Padre homens, molheres, & meninos fazendo pranto, como ſe lhes morreſſem ſeus pays, tiravaõ os quimoens, que ſaõ o ſeus veſtidos, pera cobrirem o Padre.

16 Porque a terra he pobriſſima; huns lhe traziaõ dous, ou tres caracois, pera comer ſobre a febre, outros algumas cebollas verdes, ou alhos do matto. Alguns Chriſtaõs de Firando, & Facata, que na ilha eſtavaõ, tomaraõ a ſeu cargo acodir aos ſervos de Deos, huns por ſete, outros por oito dias, mandandolhe o comer feito de caſa. Algum dinheiro, que pera ſeu ſuſtento tinhaõ, alguma rou-

roupa, capas, & arroz, que resgataraõ do meyo do incendio, & atte as camisas repartiraõ entre os pobres Christãos, pera com isto se remediarem em parte das suas perdas. Logo concurreraõ Christaõs de outras partes, trouxeraõ canas, cordas, palha, & outros materiais, comque os Padres tornaraõ a fazer a sua Igreja, & casa, & ajudaraõ a levantar as dos Christaõs.

17 O que mais sentiaõ os Christaõs, era, naõ ter o Padre ainda bastante noticia da lingua, pera os ouvir de confissaõ, & tinhaõ grandes invejas ao Irmaõ Ioaõ Fernandes, quando o viaõ tantas vezes confessar, & comungar. O Padre os consolava, com lhes dizer Missa, & celebrar as festas, como do Nacimento, & officios da somana sancta; o Irmaõ lhes prégava, & era o seu Apostolo.

18 Estando nesta ilha chegou huma nao de Portuguezes com tres Padres da Companhia, logo o P. Froes se meteo em huma embarcaçaõ, foi â nao, pedio ao Capitaõ, naõ quizesse tomar porto em Firando, por quanto aquelle Rey era inimigo dos Christaõs, & de Dom Bartholameu Rey Christaõ, & cõ isto lhe davaõ novas forças. Vinha o Capitaõ, no que pedia, mas os mercadores estavaõ taõ enfastiados do mar, que naõ vieraõ em tal cousa; mas Deos lhes mostrou brevemente com o castigo, que a petiçaõ do P. Froes era do seu serviço. Porque pondo as fazendas em terra em humas casas de palha, os ladrões, pera furtarẽ mais a seu salvo, pegaraõ fogo na casa; & o que elles furtaraõ, & o fogo comeo, se avaliou como em doze mil cruzados.

19 Este aviso de Deos fez, com que o Padre tivesse occasiaõ, pera de novo pedir, & alcançar dos Portuguezes, naõ entrassem em Firando, sem el-Rey tornar primeiro a admittir alli os Padres, que tinha lançado fora. Estava a nao duas legoas abayxo da Cidade, fez o Capitaõ a dita petiçaõ a el-Rey, elle a despachou pella dependencia dos interesses da nao.

20 Logo quizeraõ os Portuguezes, q̃ o P. Froes, & Irmaõ Joaõ Fernandes entrassem com grandes demostraçoens de alegria, pera se recompensar o vituperio, com que o Padre Gaspar Villela fora desterrado de Firando. Empavezaraõ a nao, fizeraõ os Portuguezes grandes folias, deraõ muitas salvas de artilharia, no meyo deste triumpho en-

entraraõ os servos de Deos em Firando: sendo grande a confusaõ dos gentios, & incrivel a alegria dos Christaõs, q̃ tal cousa naõ imaginavaõ, poderiaõ ver em seus dias. Dos tres navios se tiraraõ mais de trezentos cruzados de esmola, com que em breves dias se fez Igreja, em que se disse Missa.

CAPITULO XXXXVII.

Do caminho, que o Padre fez pera a Cidade do Miaco, & como della foi desterrado.

1 DEpois de ter estado o Padre Froes na ilha Tacuxima dez mezes, ordenou o Padre Cosme de Torres superior dos nossos em Japaõ, que o Padre Froes fosse pera a Cidade do Miaco Corte do Imperio, em ordẽ a ajudar alli a recolher as redes, que o Padre Gaspar Villela tinha lançado, sendo sem conto as almàs, que buscavaõ a seu Criador. Foi por seu companheiro o Irmaõ Luis de Almeyda, o qual hia pera tomar conhecimento da terra, & voltar com noticias de tudo ao Padre Superior.

2 De Firando partio o Padre, & o Irmaõ por mar pera Cochinoçu, onde estava o Padre Cosme de Torres, a quem o Padre Froes havia hum anno, que naõ tinha visto. Depois de se consolarem com elle, se embarcaraõ, pera Ximabara, terra onde havia muitos Christaõs. Detiveraõse dous dias. Fez o Irmaõ muitas prẽgaçoens, & o Padre muitos bautismos. Dalli foraõ pera Tacaxe, lugar, onde se dividem os Reynos de Bungo, & Arima. Daqui fizeraõ o caminho por terra athe Bungo. Os frios eraõ mui grandes, os caminhos por serras as mais asperas de Japaõ. A tudo se acrescentou ter chovido muito naquelles dias, porisso estavaõ os caminhos muito peyores, do que saõ. Oito, ou dez dias durou este trabalho, athe chegarem a Bungo. Estava o Rey como sete legoas fora de Bungo, ambos o foraõ visitar, & fazer sabedor do seu caminho. Recebeos com agrado, deulhes cartas de recomendaçaõ pera o Miaco.

3 Tres vezes em Bungo se embarcaraõ, & outras tantas tornaraõ a arribar; entenderaõ, ao que parece, serem ora-

oraçoens dos Christaõs, porque estes rogavaõ muito a Deos, lhes naõ desse tempo, pera partirem, athe naõ passar a festa do Natal, assim o alcançaraõ. Porque athe aquelle dia os ventos foraõ contrarios. Celebraraõna com grãde consolaçaõ sua, & dos Christaõs. Logo na primeira oitava se tornaraõ a embarcar, & com bom vento chegaraõ na terceira oitava a hum Reyno chamado Yu. Padeceraõ nesta viagem grande tormenta, & viaõ nas bocas mais de naufragio no fato, que sobre ellas andava: mas o q̃ mais os afligio, foi o hir em companhia de idolatras, dos quaes huns adoravaõ o Sol, & a Lua, outros adoravaõ Veados, & diversos animais.

4 Esta ilha de Yu tem como cem legoas de fertil, dividise em quatro Reynos. Sahiraõ em terra em hum porto chamado Forô, por ser dalli natural o Capitaõ. Alli acharaõ alguns Christaõs feitos no Miaco. Detiveraõse oito dias. Depois o Capitaõ, segundo o contrato, que tinhaõ feito, os levou a outro porto chamado Yvaqui. Sete dias gastaraõ nesta viagem. Padeceraõ frios crueis, mais, sendo os que antes sofreraõ em Japaõ muy brandos a respeito destes. Os montes estavaõ cubertos de neve, & delle de continuo cahia em grande copia.

5 De Xivaqui em hum barco grande passaraõ a hum porto distante quatorze legoas, indo sempre em hum continuo susto, por serem aquelles mares infestados de cossarios. Com tudo foi Deos servido, que chegaraõ, sem ter encontro algum. Dalli navegaraõ ao Sacay, huma noyte antes de entrarem no porto, virão arder aquella povoaçaõ, cujo incendio consumio mais de mil casas. No dia seguinte se partio o Padre Froes pera o Miaco, ficando no Sacay o Irmaõ Luis de Almeyda. Aconteceo, que dormindo em huma Cidade alem do Sacay tres legoas, chamada Ozaca, se pegou nella o fogo. Por esta causa temendo, os que o acõpanhavaõ, algum desastre, por ser fama entre os gentios, que onde chegavaõ os da Companhia, logo havia incendios, & se destroya tudo, encobriraõ o Padre, & se salvaraõ ante manhãa da Cidade. Neste dia cahio tanta neve, que diziaõ as pessoas velhas, que havia sincoenta annos, tal cousa senaõ vira.

6 No ultimo dia de Janeiro de 1565. chegou o Padre Luis Froes ao Miaco Cidade principal de todo o Japaõ, tẽ-

do

do partido de Firando em dez de Novembro. Alli ſe conſolaraõ mutuamente, elle, & o Padre Gaſpar Villela, que havia ſeis annos naõ tinha viſto outro algum da Companhia. Succedeo, ſer eſta chegada no principio do año novo dos Iapoens, cujo primeiro dia foi o de Fevereiro. He coſtume deſde os nove da Lua athe os quinze, ou vinte deſte ſeu primeiro mez, irem os Senhores viſitar os Reys: o prezente, q levaõ, ſaõ dez maõs de papel, & hum abano dourado. Iſto depois de aprezentado, o recolhem pera ſi algũs moços fidalgos.

7 Viſitaõſe tambem a Rainha, & ſemelhantes peſſoas, & lhes offerecem ſuas peças ricas. O Rey a ninguem diz palavra, ſòmente a alguns Bonzos de grande eſtado inclina alguma couſa o leque, que tem na maõ. Sò por eſtas peſſoas grandes ſe deyxa viſitar, que de outras, ainda que offertem montes de ouro, naõ admitte eſtas viſitas. Entendendo o Padre Villela, ſer de grande importancia, pera honra, & autorizo da fé, fazer elle, & o Padre Froes eſta viſita, facilitaraõ a entrada por meyo de hum grande Senhor, mui affeiçoado à ley de Deos.

8 Eſtimaõ os Japoens a gente pello bom trato, que nella vem. Acertara o Padre Froes trazer de Bungo huma capa de aſperges com hum ſebaſte de brocado, & hũ coberto de chamalote uſado. Deſte fez o Padre Villela hũa loba aberta de mangas largas, ſobre ella poz a capa de aſperges, & outros veſtidos ricos, & o Padre Froes veſtio Quimoens do Japaõ com capa de pano de Portugal: aſſim ſe apreſtaraõ pera a viſita: Cada-hum hia em ſua liteira. O Padre Froes levou por prezente hum eſpelho de Criſtal grande, hum ſombreiro, huns alambres, algum almiſcar, & huma cana de Bengala, que por ſerem couſas peregrinas, tinhaõ mais eſtimaçaõ, que valia.

9 Em companhia de alguns Senhores entraraõ os Padres; o paço era eſpectavel, tudo cheo de Mageſtade, & riqueza: el-Rey, & ſua may, & Rainha os receberaõ com benevolencia, de que reſultou credito a ſuas peſſoas, & à Religiaõ, que prégavaõ.

10 Eſtando a Cidade em boa paz, ſe rompeo contra o Cubozama huma terrivel conſpiraçaõ. Cubozama era o nome do Senhor univerſal de Japaõ. Em Junho de 1565. dous grandes Senhores ſe chegaraõ ao Miaco com doze

mil

mil homẽs, mataraõ ao Cubozama, & a todos os ſeus, Rainha, May, & amigos. Roubaraõ o paço, puzeraõlhe o fogo. Fizeraõ eſtranhas inſolencias, filhas todas de huma abominãda traiçaõ, aquem o Cubozama nenhũa cauſa dera. Neſta geral perturbaçaõ correo evidente perigo a vida dos Padres, por ſerem os dous alevantados grandes inimigos da ley de Deos, & baſtaria o minimo aſſopro dos Bonzos, pera logo ſerem mortos. Ponderadas as circunſtancias, aſſentaraõ de ſe preparar pera a morte, fecharaõ por dentro a porta; & cada-vez, que algum vinha com aviſo, do que paſſava, imaginavaõ entrarlhe a morte pellas portas.

11 Abayxo de Deos, os livrou da morte algum numero de ſoldados Chriſtaõs, homens fidalgos, que vinhaõ no exercito: eſtes tomaraõ a ſeu cuidado o amparo dos Padres. O Padre Gaſpar Villela, por aſſim ſer preciſo, acodio a huma fortaleza algumas legoas diſtãte do Miaco, deixando ordem ao Padre Froes, que naõ largaſſe o poſto, ſenaõ em caſo, que o alevantado o mandaſſe ſahir.

12 Avia grande dezejo nos gentios de matarem os Padres, ou os lançarem fóra da Cidade: pera evitar qualquer furor repentino, os ſoldados Chriſtaõs aſſim de noyte, como de dia, repartindo entre ſi as horas vigiavaõ ſobre a caſa dos Padres.

13 Finalmente os Chriſtaõs vieraõ com nova certa, de que eſtava paſſada ordẽ, pera o Padre ſer mãdado ſahir da Cidade. Logo entrouxou os ornamentos ſagrados, & os remeteo pera a fortaleza, onde eſtava o Padre Villela; & querendo os Chriſtaõs, foſſe tambem o Padre Froes, reſpondeo, que a obediencia lhe ordenara, naõ ſahiſſe ſem ordem expreſſa do tirano; que em cumprir a obediencia hia muito, & no perder a vida mui pouco.

14 Paſſava iſto em hum domingo de tarde; na ſegunda feira de menhãa lhe mandou dizer hum dos Regedores homem naturalmente bom, & ainda que gentio affeiçoado aos Padres, que elle tinha feito, quãto era em ſua maõ, pellos naõ deitarem fóra, mas que nada pudera conſeguir. Portanto ſe partiſſe logo pera Sacay, ou pera onde eſtava o Padre Villela, que naõ convinha eſtar no dia ſeguinte em Miaco. Alem diſto lhe mandou duas proviſoens, com as quais lhe deſempedia a jornada de quaiſquer obſtaculos, q

lha pudeſſem fazer incomoda: que naõ pagaſſe pello caminho direitos do fato,& que de graça ſe lhe deſſem duas embarcaçoens, em que fizeſſe viagem.

15 Sabendo do eſtado das couſas hum bom, Chriſtaõ Secretario de hum dos dous principais levantados,chamado Mixiondono, foi ter com dous fidalgos ſeus parentes, grandes inimigos da ley de Deos, os quais ficavaõ na Cidade, partindoſe della os tiranos, sò a fim de lançar fóra o Padre, pediolhe naõ quizeſſem ir à Igreja, porque era grãde affronta ſer o Padre lançado fóra com vituperio, mas q̃ elle mandaria ſeu recado, & que naõ mandaſſem dar os pregoens athe o Padre naõ ſer partido da Cidade.

16 Sabido iſto pellos Chriſtaõs concorreraõ à Igreja, & a começaraõ a deſmãtelar de tudo athe de portas, & janellas, porque ſabião avia de ſer profanada dos gentios. Não pode o Padre Froes reprimir as lagrimas, quando vio irſe tudo desfazendo: entraraõ então na Igreja quinze molheres Chriſtãas, as quais com tal viſta levãtaraõ inconſolavel pranto. O Padre lhes fez huma pratica, em que mais eraõ as lagrimas, que as palavras, exortandoas a eſtar firmes na fé, & aſſim as deſpedio.

17 Antes deſtas quinze tinha vindo huma Chriſtãa enferma,a qual diſſe ao Irmaõ Damiaõ, que ella eſtava de cama, & que ouvira dizer, mandavaõ cortar a cabeça ao Padre por prêgar a Sancta ley, que logo ſe levantara, & viera à Igreja, pera que tambem alli a mataſſem, por ſer Chriſtãa: niſto dizia verdade, porque o tirano não mandara ſahir o Padre, mas que lhe cortaſſem a cabeça, ainda que ſe obviou, & impedio.

18 No tempo, que a Igreja ſe desfazia, vinhão muitos Bonzos, que ſaõ os ſeus Eccleſiaſticos, & por medo da gente de armas, ſe naõ atreviaõ a entrar,mas poſtos de frõte davão grandes rizadas; & nas noytes antes por vezes vinhaõ tirar pedradas às portas, & janellas.

19 Sahio o Padre metido em hum andorzinho acompanhado dos Chriſtaõs, & do Secretario de Mixiondono. Dalli a duas legoas tomou embarcação, & ſe foi, pera onde eſtava o Padre Gaſpar Villela. No dia ſeguinte ſe lançou por toda a Cidade hum pregão, em que ſe dizia, que o Regedor do Reyno mandava lançar fóra aos Padres, por prégarem a ley de Deos, que era ley do diabo, & enganoſa, & que a Igreja ſe tomaſſe por perdida. CA-

Digitized by Google

CAPITULO XXXXVIII.

Como o Padre Luis Froes foi pera a Cidade do Sacay, & frutos que fez a Deos.

1 LOgo que o Padre ſe embarcou, forão pera a fortaleza chamada Imori, onde o Padre Villela o eſperava com muitos Chriſtaõs em huma ermida junto da fortaleza. No meſmo dia foi o Padre Froes pera hum ilheo de hum fidalgo Chriſtão, que diſtava huma legoa. Tiverão os Padres eſte deſterro por grande providencia divina, porque como a Cidade eſtava tão perturbada, avia muitos roubos, & inſolencias, era couſa ſem duvida, que ſegundo era cruel o odio, que lhe tinhaõ os Bonzos, dia mais, dia menos os matarião, & ficaria de todo perdida a eſperança de tornarẽ outra vez no Miaco a tomar aſſento as couſas de noſſa Sancta fé.

2 Depois de ſe deter naquelle ilheo ſete, ou oito dias, elle, & o Padre Villela ſe foraõ pera a Cidade de Sacay diſtante treze legoas do Miaco, que he das mais ricas, & populoſas do Japaõ. Alli eſtiverão evangelizando a ley de Deos, & confundindo aos Bonzos, que não ſabião dar rezão de ſi: poriſſo tinhão à ley de Deos, & aos Padres entranhavel odio, levantavaõlhe muitos falſos teſtemunhos, pera os deſacreditarem: entre elles foi hũ, que eſtando os Padres enfermos, & morando em huma logem eſcura, ſahiraõ hum dia por luar claro a horas de Ave Marias a eſpairecer junto do mar.

3 Succedeo, que em pouca diſtancia andavaõ algũs meninos brincando. Hum deſtes ſe agazalhou em caſa de huma tĩa, & como fizeſſe em caſa falta, & os pays o buſcaſſem, & o naõ achaſſẽ; divulgaraõ logo os Bonzos, q̃ os Padres o tinhaõ furtado, & comido. No dia ſeguinte voltou o menino a caſa dos pays, & os Bõzos ficaraõ taõ corridos do ſeu dito, que ſe naõ atreviaõ a aparecer. Por eſte modo, & evidencia ſe apanhavaõ às maõs outras mentiras, que eſpalhavaõ à cerca dos Padres.

4 Trabalharaõ neſte tempo os Padres por alcãçar do Dayri, que aſſim chamaõ ao Rey de todo o Japaõ, quanto

ao titulo, que sò tem, que o demais lho tem tirado, procurafaõ digo alcançar delle patente, pera voltar a Miaco: reſpondeo aos Chriſtaõs, que iſto negociavaõ, que juraſſem pellos ſeus idolos, em como os Padres naõ comiaõ carne humana, pois aſſim corria por couſa certa. Reſponderaõ, que jurar pellos idolos naõ podiaõ, ſenão sò pello verdadeiro Deos. Não quiz o Dayri admittir tal juramento.

5 He de ſaber, como ja toquei na vida do Padre Villela, que o Rey de Japaõ nos tempos paſſados ſe chamava Dayri, aquẽ o Iapaõ obedecia: porẽ cõ os tẽpos ficou deſpojado do governo temporal, & sò lhe deixaraõ eſte titulo perfunctorio, aquem ſe conſerva ſeu reſpeito, & vai ſeguindo a familia. Elle eſtá ſempre metido em caſa, como ſe foſſe algum Pagode, contente com o nome de Rey; porque o que tem dominio tẽporal, ſenaõ pode intitular Rey, mas toma outro nome, que ſignifica Governador geral.

6 Junto do Sacay ſe deraõ neſte tempo duas batalhas, em huma morreo o traidor, que tinha tirado a vida ao Cubozama: & na outra hum ſeu valido, que no Miaco mandara homens a caſa dos Padres, pera os matar; o que fizera, ſe os naõ impediraõ os ſoldados Chriſtaõs. Aſſim quiz Deos acabaſſem diante dos olhos dos meſmos Padres os maiores inimigos de Deos, que havia em Japaõ, & que os tinhaõ deſterrado do Miaco.

7 No ultimo de Abril de 1566. partio do Sacay pera Bungo o Padre Gaſpar Villela, ficando o Padre Froes no Sacay tendo cuidado dos Chriſtaõs, & de os acreſcentar com muitos, que alli ſe converteraõ. Aqui ſe vio o Padre em hum grande trabalho. Athe eſte tempo naõ tinhã elle ſufficiente noticia da lingua, poriſſo naõ tinha confeſſado. He a lingua daquellas terras mui polida, & mui eſcura. Vieraõ pella feſta da Aſſenſaõ a ter com o Padre alguns fidalgos, & outros Chriſtaõs, pera os Confeſſar. Vendo o Padre a ſua difficuldade, & o dezejo dos Chriſtaõs, ainda que ſe anguſtiou, encõmendandoſe muito a Deos, determinou, de os confeſſar; tirando forças aſſim da grande fraqueza do corpo, como da pouca noticia da lingua. Deos o ajudou de ſorte, que elles entenderaõ o Padre, & o Padre os entendeo a elles; que foi aſſim pera os penitentes, como pera o confeſſor materia de ſingular conſolaçaõ.

8 Como ſe divulgou eſta noticia entre o Chriſtaõs do Miaco

Miaco, & outras terras, concorriaõ ao Sacay a ſe confeſſar, & o faziaõ com grande miudeza: & era pera ver, diz o Padre em huma carta, como eſtavaõ pellos cantos da pobre caſa examinando ſuas conſciencias, & apontando por eſcrito ſuas culpas, por ſenaõ eſquecerem: & diz mais, que por ver a devaçaõ daquella gente, & os dezejos, que tinha de ſe ſalvar, ſe puderaõ dar por bẽ empregados quaisquer trabalhos.

9 Fez o Padre aqui muitos bautiſmos de peſſoas de conta, que vinhaõ com elle tirar ſuas duvidas nas materias de ſalvaçaõ. Entre outros veyo hum Bonzo homem de ſeſſenta annos natural do Bandou, q̃ he hũ grande Reyno pera o fim de Japaõ, eſte era Meſtre de muitos fidalgos, & conſigo trouxe tres irmaõs fidalgos ſeus diſcipulos. Ouviraõ quatro dias continuos os myſterios da fè, ſem proporem ſuas duvidas, dizendo o Bonzo, que nas materias da ſalvaçaõ ſe havia de ouvir o fio das couſas athe o fim, ſem interromper. Aſſim o fizeraõ: depois de o padre dar cabal ſatisfaçaõ a ſuas duvidas, foraõ inſtroidos, & bautizados. O Bonzo eſcreveo aos ſeus diſcipulos, deſdizendoſe da doutrina, que lhes dera, & inculcandolhe a verdadeira.

10 Diſſe eſte Bonzo ao Padre, que ſe foſſe a Bandou; indo bem inſtroido na lingua, ſe fariaõ grandes converſoens, porque havendo diſputa publica, & conhecida a verdade, deyxariaõ ſeus erros. Contoulhe mais, que alli havia as mais celebres Univerſidades de Japaõ; & que elle por vezes vira com ſeus olhos, morrendo algum homem celebre das Univerſidades, ſer ſeu corpo levado pellos ares dependurado de hum ramo, outras vezes a tumba cõ o meſmo corpo era arrebatada, ſem mais aparecer: que ſe ouveſſe em Bandou, quem reprimiſſe eſte deſemfreamento dos demonios, iſto ſò baſtaria, pera os convencer, & fazer mudar de ley.

11 Bem dezejara o Padre fazer eſta peregrinaçaõ, mas os Reynos todos eſtavaõ em guerra, & ſendo elle ſò naõ podia deyxar os Chriſtaõs de Sacay: & concorriaõ alli tãtos, que o Padre deſde pella menhãa athe à noite naõ tinha tempo, em que naõ eſtiveſſe occupado. A tudo acodia, ainda que de forças corporais andava mui fraco, & tinha por cauſa das enfermidades a viſta taõ canſada, q̃ naõ podia eſcrever, ſenaõ a pedaços, & com muito trabalho.

12 Os

12 Os muitos incomodos, que por eſte tempo padecia, refere em huma carta por eſtas palavras, por occaſiaõ de eſcrever a hum Padre de Goa ſobre o cuidado, de ſe lhe mandarem algũas couſas neceſſarias: diz aſſim: Pello amor de Deos, & pello que voſſa Reverencia tem às couſas de Japaõ, ſe lembre, de niſſo dar alguma ajuda, eſpecialmente pera quẽ eſtà cà trezentas legoas pella terra dentro, onde nem dos Padres de Japaõ tenho novas ſenaõ de anno em anno, & a terra taõ cara em tanto eſtremo, que a dous Padres, que aqui eſtivemos athe agora com dous Irmaõs Japoẽs, & dous, ou tres moços, comendo folhas de rabaõs, & arroz, & algumas ſardinhas ſalgadas por feſta, naõ baſtavaõ quatrocentos, & ſincoenta cruzados de gaſto pera hum anno.

13 Eſtive algumas vinte vezes à morte da minha doença, que voſſa Reverencia me vio em Goa, quando logo cheguei de Malaca, & quando me cà dà, nem tempo, nem lugar mẽ dà, pera me confeſſar. Pois dos remedios, q̃ voſſa Reverencia entaõ com ſua muita caridade miniſtrava, bem pode crer, que he eſta terra totalmente deſemparada, & naõ ha mais, que por os olhos nos Ceos, & eſperar pella morte, & os inimigos tantos, que nem dos fiſicos ſe pode homem fiar; porque como ſaõ gentios, & uſaõ muito de peçonha, temem onos della, por cauſa dos Bonzos.

14 Porem bemdito ſeja o Senhor, alegrome muito cõ iſto, porque ainda, que naõ viera mais a Iapaõ, que a fazer alguma pequena penitencia de meus peccados, era aſſáz beneficio grande, que Deos noſſo Senhor niſſo me faz, & naõ ſe podem eſcuſar eſtes, & outros trabalhos: porque ſe naõ ouveſſemos de fazer mais caſo, os que cà ſomos enviados, que de nos aſſentarmos na lavoura ja ſemeada, & cultivada pellos primeiros Padres, que levaraõ *pondus diei, & æſtus*, & eſtarmos em hum, ou dous lugares, onde a náo da China vem huma vez no anno, & os Portuguezes ajudaõ com alguma eſmola, do que lhes fica da ſua matalotagem, nunca o fruto de Iapaõ ſe multiplicara; mas he neceſſario hir por Reynos eſtranhos, porque ha ſeſſenta, & ſeis em Iapaõ, *& quærere invitatos ad nuptias*: o que ſenaõ pode fazer, ſem padecer muitas fomes, & injurias, blaſfemias, eſcarneos, pedradas, & muitos perigos de morte, por ſer a terra abundante deſta fruta, & com eu ſer, o que ſem duvida, menos,

menos, que todos tenho padecido, ja do meu alforje poderia repartir com hum par de Irmaõs. Iſto he o que diz naquella ſua carta o Padre Froes.

CAPITULO XXXXIX.

Vencidas muitas difficuldades torna o Padre Luis Froes pera o Miaco.

1 AInda que o Padre Luis Froes fazia a Deos muitos ſerviços no Sacay, com tudo o ſeu cuidado era, como havia de voltar ao Miaco: eſta meſma era a anſia dos Chriſtaõs. Saõ os Iapoens homens, que ſe levaõ muito de pontos de honra, & ſentiaõ grandemente o deſcredito de ſer no Padre a ſua ley deſterrada da Corte. Eraõ muitos delles homens fidalgos, em quem a honra coſtuma ſer pera as emprezas o ſeu maior eſtimulo.

2 Entre eſtes havia hum grande privado de Xinovaradono, que era entaõ o Senhor de maior poder, & de quem tudo eſtava como pendente, pois elle tinha tomado à ſua conta, pôr da ſua maõ outro novo Cubozama. O Padre o foi viſitar algumas vezes, & lhe fez a honra, que coſtumava aos grandes Bonzos, couſa de que muito ſe admiravaõ os gentios, & ainda ſe doyaõ, por verem, que aquellas demonſtraçoens eraõ evidẽtes ſinais de o favorecer.

3 Eſte fidalgo valido de Xinovaradono tomou ſobre ſi, meter o Padre no Miaco. Eſcreveo cartas aos tres Governadores, que no Miaco podiaõ tudo, pera que fallaſsẽ ao Dayri, que conſentiſſe na reſtituiçaõ do Padre. Reſpõdeo hum dos tres, que tal couſa ſe naõ faria, porque alem da ley, que prégavaõ os Padres, ſer do demonio, & os Padres comerem gente; as arvores, & plantas, onde tocavaõ, ſe ſecavaõ logo, & os Reynos ſe deſtroiaõ; por tanto, que naõ era licito fallar em veneno taõ peſtilente. A iſto reſpondeo o fidalgo desfazendo cada huma das calumnias. Dizendo, que quanto ao comerem gente, era dito taõ fatuo, & taõ mal fundado, que naõ devia ſahir pella boca a hum ſenhor, com quem o Rey ſe aconſelhava. Se a ley era de Deos, ou do demonio, que ordenaſſe diſputas, a que vieſſem

vieſſem os maiores letrados de Iapaõ, & o Padre, & que ſe o convenceſſem, que foſſe lançado fora de Japaõ; mas que ſe os Bonzos ficaſſem vencidos, foſſem obrigados a ſeguir a ley de Chriſto. Quanto ao ſecaremſe as arvores, onde tocavaõ, nos lugares, onde os Padres reſidiaõ, era falſo, pois delles por aver fome no Miaco, vinhaõ os provimentos. No que dizia, de ſerem deſtroidos os Reynos, em que avia Padres, era couſa ſem geito; pois antes de elles virem a Iapaõ, ſe ſabia mui bem as guerras, que de continuo avia: & que por naõ irem mais longe, depois, que o Padre fora lançado fora do Miaco, viera o exercito do Reyno de Vomi, & na Cidade fizera os eſtragos, que eraõ notorios, ſem o Padre eſtar no Miaco; & que a miſeria, a que viera o Dayri, de Rey de Iapaõ a ſer sò huma figura de Rey, bem entendiaõ elles, que lhe naõ nacera dos Padres, por ſer a couſa jâ de tantos annos antes de aparecerem Padres no Iapaõ.

4 Em reſoluçaõ concluia, que pois o Dayri, o naõ queria fazer de grado, que o faria por força, & eſcuſaria elle, de lhe ficar neſſa obrigaçaõ. Eſta repoſta intimidou ao Governador, mandou chamar alguns Chriſtaõs; & com palavras brandas lhes diſſe, que favoreceria o Padre, no que ſe pedia. Reforçaraõ eſta pertençaõ outros fidalgos Chriſtaõs diante de Xinovaradono, cujas partes neſta guerra ſeguiam, & elle achando tinhaõ rezaõ, tomou ſobre ſi eſte negocio.

5 Ouve nos Chriſtaõs grande alvoroço, dando o negocio por concluſo, quando ſobreveyo outro impedimẽto maior, que os jâ vencidos. Hum mancebo Chriſtaõ parente de hum dos Regedores do Miaco, requeria, ſe lhe deſſe a renda de ſeu pay, que importava em quatro, ou ſinco mil cruzados em cada hum anno. Eſte, onde ſe achava, logo altercava com os gentios ſobre os enganos das ſuas ſeitas.

6 Achavaſe em huma fortaleza, em que eſtavaõ actualmente Xinovaradono, & os tres Regedores do Miaco; ſahio com outros moços fidalgos a ſe recrear atte o templo de hum idolo de grande reſpeito entre os gentios. Alli lhe diſſeraõ os moços fidalgos, como naõ temia ſer caſtigado dos Deoſes, dizendo delles tantas blaſfemias? Vioſſe o moço taõ ſobejamente moleſtado das ſuas importunidades,

des, que indignado, respondeo, que naõ havia porque temer paos, & pedras, quais os seus Deoses eraõ; & continuando no fervor; disse, porque vejais o pouco que podẽ & os temo, vede o caso que delles faço. Entre estas palavras se chegou ao idolo, & lhe fez huma notavel injuria.

7 Divulgouse esta como hum horrendissimo sacrilegio. Mandaraõ os Regedores vir diante delles ao Christaõ. Perguntaraõlhe, se o Padre lhe mandara fazer aquillo, ou se os Christaõs o tinhaõ de costume? Respondeo, que o Padre tal cousa naõ mandara, mas que elle obrara irritado da sobeja importunaçaõ, dos que o acompanhavaõ: se merecia castigo, estava prompto pera elle. Entaõ hum dos Regedores lhe disse, que senaõ attendera a ser seu primo, & parente dos dous Regedores, logo o avia de mandar pôr em huma Cruz; mas que dalli se ouvesse por despedido de sua amizade, & parentesco, & da renda, em cujo requerimento andava.

8 Naõ faltou hum fidalgo Christaõ, que o recolheo a si, & o sustentou. Daqui tomaraõ os Regedores occasiaõ, de dizerem muito mal dos Christaõs, & sua ley diante de Xinovaradono. Elle ainda que semostrou sentido da injuria do idolo, desculpou ao Padre, & lhes pedio acabassem com o Dayri, lhe permitisse, viver no Miacó: pera isso escreveo, & fez com os Regedores, que escrevessem. Elles o fizeraõ, por lhe comprazer, que as vontades eraõ outras.

9 Déraõse as cartas a hum Christaõ, chegando com ellas ao Miaco, succedeo, advertirse, que os sobrescritos hiaõ errados. Voltou atras, & emmendados os descuidos; tornou logo pera o Miaco. Estando os Regedores pera despachar o negocio, sobreveyo outro novo embaraço, porque dous grandes senhores sahiraõ do Sacay com quatro, ou sinco mil homens com intentos de tomarem o Reyno do Miaco, por serem inimigos dos Regedores, & de Xinovaradono. Com esta perturbaçaõ parou este negocio, & foi grande providencia de Deos, por naõ expor o Padre aos perigos, que corria, se em tempos taõ revoltos entrasse no Miaco. Com tudo acabou Xinovaradono, que a Igreja, cujas portas estavaõ fechadas, se abrisse, & entregasse aos Christaõs, atte as cousas darem lugar,

a introduzir de todo o Padre no Miaco.

10 Neſtas grandes revoltas ſe valeo hum Irmaõ do Cubozama morto, del-Rey de Voari chamado Nobunanga, o qual com cem mil homens o meteo de poſſe no lugar do Irmaõ. Vatadono ViſoRey do Jamaxirô Reyno onde eſtâ o Sacay, tinha conhecimento com o P. Froes, era grande amigo do novo Cubozama, & naõ menos eſtimado de Nobunanga, prometeo ao Padre, que ſuccedendo às partes, a que elle acoſtava, conſeguir ſeus intentos, o avia logo de meter no Miaco.

11 Como o diſſe, o cumprio, & aſſim que Nobunanga entrou na Cidade, facilitadas todas as difficuldades, mãdou recado ao Padre, que podia livremente mudarſe pera o Miaco. Aſſim o fez logo o Padre em Março de 1569. Os Chriſtaõs ſahiram ao eſperar com geral alegria, & naõ menos pena dos inimigos da ley de Deos, que ſe comiaõ de raiva, por ver ao Padre na Cidade. Vatadono o mandou logo viſitar, & dizerlhe, eſtiveſſe preſtes, pera viſitar a Nobunanga, que jâ perguntara, ſe tinha vindo do Sacay.

CAPITULO XXXXX.

Como Deos caſtigou os inimigos do P. Froes, & vencidos alguns embaraços, ouve patentes pera aſſiſtir no Miaco.

1 AInda que Deos algum tempo diſſimula com os maos, finalmente os vem a caſtigar, ſendo muitas vezes teſtimunhas do ſeu caſtigo aquelles, por cujo reſpeito o mereceraõ, aſſim aconteceo neſta occaziaõ; pois jâ referimos como à viſta do P. Froes junto dos muros de Sacay morreraõ violentamente os dous principais ſenhores, de que ſe aproveitou o odio dos Bonzos, pera deſterrarem ao Padre de Miaco: agora parece, trouxe Deos ao Padre pera ver aos meſmos Bonzos bem caſtigados.

2 He de ſaber, que eſte Nobunanga Rey de Voari, que veyo introduzir ao Cubozama Irmaõ, do que foi morto aleivoſamente, era homem ſem ley alguma, aos idolos tinha por couſa de zombaria, & meros fingimentos dos Bonzos. Naõ conhecia Creador de todas as couſas, nem im-

immortalidade da alma. Quanto às partes de Rey as tinha mui cabays, amigo de justiça, grandemente bellicoso, & nas suas emprezas militava cõ elle a fortuna, & assim em poucos annos conquistou muitos, & grandes Reynos.

3 Valendose delle o Irmaõ do Cubozama, o veyo entronizar, & o fez no mesmo lugar, onde o outro fora morto: & porque o paço se queimara, & jâ naquelle sitio estavaõ dous templos, os mandou arrazar. Mandou aqui fazer huma fortaleza, & hum paço. Nesta obra trabalhavaõ de ordinario vinte, & sinco mil homens, & Nobunanga vestido como de campo com huma bengala na maõ assistia a obra dando as direcçoens. Sendo a obra em tudo a mesma grandeza se acabou em setenta dias, cousa que dis o P. Froes, parecia incrivel.

4 Determinou logo no principio, que toda a obra fosse de cantaria, cousa nunca vista em Iapaõ, pera isto ordenou se desfizessem os altares dos idolos, que eraõ de pedra; o que se fez sem replica, & grande horror dos gentios do Miaco, que viaõ assim desfeitos os seus templos, & idolos, cuja veneraçaõ atte alli era a cousa mais sagrada, & sacrosancta; eraõ os idolos quebrados, pera os afeiçoarem pera a obra, & trazidos às carradas, ou arrasto por cordas. Vista por certo mui aprezivel pera o P. Froes, pois chegava a ver executado, o que antes sò lhe pareceria sonho.

5 Este açoute abrangeo mais a hum mosteiro do Miaco, onde se forjou o desterro do P. Froes; Aquelle mosteiro era de Bonzos, que tinhaõ por Deos a Xaca, mui rico, & elles enimicissimos da ley de Deos. Quando Dajandono matou aleivosamente ao Cubozama, estes Bonzos o peitaraõ com dinheiro, pera que mandasse matar os Padres, ou os desterrasse do Miaco, como se fez; & quando o Padre sahio, elles o seguiraõ dando grandes rizadas, & vayas em significaçaõ da sua victoria.

6 Agora vendo Nobunanga, que as madeiras pera o palacio feriaõ de dilaçaõ, se viessem de fora, ordenou, que toda a madeira daquelle mosteiro, & todos os panos ricos, com que estava guarnecido, se passassem pera o novo palacio, & com ellas se aperfeiçoasse. Ouve grandes empenhos, pera se naõ desmantelar hum dos mais famosos sanctuarios de Iapaõ, mais rico, & mais grandioso, offerecendose o dinheiro, que Nobunanga quizesse, mas elle de na-

da fez caſo: & aſſim ſe ouve de executar a ſua ordem, amofinandoſe com prantos, & lagrimas a chuſma dos Bonzos; & pera mais evidente final do triumpho da ley de Deos, muitas deſtas peças de preço ſe depoſitaraõ na caſa dos Padres.

7 Antes do Padre vir pera Miaco, ſabendo o ſuperior daquelle moſteiro, que acabamos de dizer, fora arruinado, que o Padre era mandado vir, ſe foi ter com Nobunanga, pedindolhe, tal naõ conſentiſſe, dando por cauſa, que onde elle eſtava tudo eraõ ruinas. Zõbou Nobunanga da petiçaõ, dizendo: Andai, naõ tenhais taõ eſtreito,& apertado o coraçaõ, como moſtrais ter, pois vos perſuadis, que em huma cidade taõ grande como Miaco, pode hum homem ſer cauſa de ſe deſenquietar o Reyno. Calouſe o Bonzo, porque a Nobunanga, como era homem altivo, & que a todos fallava por ſima do hombro, ninguem ſe atrevia a replicar.

8 Quando o P. o foi viſitar, eſtava occupado em ouvir muſica, poriſſo entaõ naõ entrou,mas Vatadono lhe aprezentou as dadivas, que o P. lhe levava, vinhaõ a ſer hũ ſombreiro de veludo; hum eſpelho, huma cana de Bengala, & huma cauda de pavaõ, tudo pouquidade pera o conceito, que todos tinhaõ das couſas ricas, que o P. lhe podia offerecer. Aceitou deſtas peças o ſombreiro. Logo voltaraõ com o recado, de que ſe alegrava com a ſua vinda, que em outra occaſiaõ eſtando deſocupado o mandaria entrar.

9 Depois diſſe Nobunanga a Vatadono, que naõ mãdara entrar o Padre, por naõ ſaber como avia de tratar a hum homem, que viera de tantas mil legoas a prégar nova ley, & que cortezia avia de uſar com elle. Tambem porq entrando a fallar em lugar ſecreto, cuidarſehia, que o hia bautizar. Comeſſou logo o demonio por ſeus miniſtros a uſar de ſuas aſtucias. Divulgaraõ os gentios, que o P. fora lançado fora do Sacay, & que poriſſo viera pera o Miaco. Outros levantaraõ, que Nobunanga, indoo elle viſitar, o mandara logo prender, conſtrangendoo a reedificar o grãde But de Narâ, que era hum templo, cuja reſtauraçaõ demandava pello menos dous contos de ouro.

10 Logo que ſoube o Dayri, que o Padre eſtava na Cidade, mandou dizer ao Cubozama, que o naõ quizeſſe ver, & que mandaſſe dizer a Nobunanga, que o deitaſſe

Digitized by Google

ſe fora da Cidade. Huma ſeſta feira de madrugada, tendo o Padre preparado tudo pera dizer Miſſa, chegou hum aviſo, que no meſmo inſtante ſe foſſe dalli, antes, que vieſſe recado do Dayri, & que deſtroiſſem por ſeu reſpeito a caſa do Chriſtaõ, onde eſtava. Tomou o P. ſomente o Breviario, & diurno, & os Chriſtaõs o levaraõ dalli tres, ou quatro ruas, & o meteraõ em hum apoſento apertado, & eſcuro, onde paſſou todo o dia da ſeſta feira. Quando pera alli foi, deſpedio a hum ſeu familiar, que deſſe conta ao ſeu protector Vatadono, do que paſſava. Veyo eſte de tarde cõ a repoſta, em que Vatadono dizia, ſer tudo invenções dos Bonzos, que o P. ſe tornaſſe pera ſua caſa, que eſtando elle debaixo do ſeu amparo, ſe deſſe por ſeguro.

11 Voltando pera caſa paſſou com os ſeus Chriſtaõs a ſomana ſancta com grande piedade, & devaçaõ. Nas oitavas da Paſcoa foi viſitar ao novo Cubozama, o qual por eſtar doente, o naõ mandou entrar, mas recebeo a viſita por huma ama ſua, a quem eſtimava como May. Tiveraõ os Chriſtaõs deſconſolaçaõ, de que nem Nobunanga, nem o Cubozama mandaſſem entrar o P. porque daqui ſe ſeguia, levantarem os Bonzos, o que lhes vinha à cabeſſa.

12 Sabendo iſto Vatadono, tomou o caſo em honra ſua, & perſuadio a Nobunanga, que ſe deixaſſe viſitar do Padre. Avido o ſeu beneplacito, aviſou ao P. ſe fizeſſe preſtes, foi atte lâ em hum palanquim, que he certo genero de andor levado em hombros de homens. Andava Nobunanga nas obras entre ſeis, ou ſete mil homens, fezlhe o P. de longe ſua reverencia, elle o chamou pera junto deſi, fezlhe cobrir a cabeſſa por cauſa do ſol. Levoulhe o P. de prezente hum fraſco de confeitos, & humas velas de cera. Detevéſe fallando com o P. couſa de hora, & meya, ou duas horas.

13 Fez ao P. varias perguntas aſſim das couſas da India, como de Europa. Perguntoulhe, ſe a caſo ſe naõ dilataſſe a fé de Chriſto em Iapaõ, ſe tornaria elle pera a India? Reſpondeo, que avendo hum sô Chriſtaõ em Iapaõ, eſſe baſtava, pera que qualquer P. pello conſervar, alli eſtiveſſe toda a vida. Perguntoulhe, porque naõ avia grande cõverſaõ no Miaco; reſpondeo, que como o graõ nacia, eraõ muitas as eſpinhas, que o afogavaõ; dando com iſto a

en-

entender as contradiçoens dos Bonzos.

14 Aqui tomou a maõ Nobunanga, & começou a dizer as grandes maldades dos Bonzos, cujo cuidado sò era tirar dinheiro, & regalar os corpos. Deste fallar de Nobunanga tomou occasiaõ Lourenço, hum dos familiares do Padre, pera dizer: que ja sua Alteza teria entendido, em como os Padres no Japaõ nem buscavaõ honras, nem riquezas, nem outras cousas temporais, mas sò promulgar a ley verdadeira do Criador do mundo: & pois sua Alteza tinha o supremo poder em Japaõ, & podia por seu passatẽpo cotejar a ley do Criador de tudo com as seitas de Japaõ; lhe pedia, mandasse vir os melhores letrados do seu Imperio, & que sem accepsaõ de pessoas, ouvesse disputas na materia; & que ficando o Padre convencido, entaõ o mãdasse lançar fora do Miaco, por ser nelle cousa inutil; & se os letrados fossem convencidos, os constrangesse a ouvir à ley de Deos, porque em quanto naõ ouvesse isto, naõ cessariaõ contra o Padre as maquinaçoens dos Bonzos, pois lhes contradizia suas seitas, sem elles terem clareza da efficacia das rezoens, com que o fazia.

15 A isto se rio Nobunanga, dizendo aos seus, que de grandes Reynos naõ podia deixar de nacer grande capacidade, & fortaleza de animo; & tornandose a virar pera o Padre disse, que naõ sabia, se os letrados de Japaõ quereriaõ aceitar a disputa: mas que poderia ser, que ao diante assim se fizesse. Depois lhe pedio o Padre huma patente sua, pera poder residir no Miaco, dizendo, lhe naõ podia fazer maior merce, & que seria dilatar sua fama entre as naçoens da Christandade. A isto por entaõ sò mostrou hũ rosto alegre. Estas cousas passaraõ diante dos Bonzos, que afastados as escutavaõ, & espreitavaõ.

16 Depois lhe deu o Padre as graças pella insigne obra de justiça, que tinha feito em restituir o Cubozama à dignidade de seu Irmaõ, a quem taõ injustamente se tinha tirado a vida. A todas estas cousas estava prezente Vatadono, & Sacûma, que de quando em quando abonavaõ, o que dizia o Padre, & davaõ vento à vela, pera que mais se encheste. Depois desta pratica por largo tempo, el-Rey mãdou a Vatadono, que fosse mostrar as obras da fortaleza ao Padre, & os paços, que fazia pera o Cubozama: as quais obras, como assima fica tocado, eraõ cousa sumamẽte grãdio-

dioſas. Depois ſe deſpedio o Padre, uſando ſempre com elle Nobunanga de muitos ſinais de benevolencia.

17 Dahi a poucos dias Vatadono lhe franqueou tambem a viſita ao Cubozama, tendolhe primeiro encarecido a nobreza, & dignidade do Padre: o prezente, que lhe levou foi huma cauda de pavaõ. Semelhantes miudezas, ainda que de pouco preço, por ſerem novas na terra, he, que ſempre ſaõ bem viſtas. Recebeo ao Padre com moſtras de benevolencia.

18 Feitas eſtas viſitas, era o cuidado do Padre, haver proviſoens deſtes principes, pellas quais deſſem licença, pera poder reſidir no Miaco. Era o ponto de notavel difficuldade por cauſa do cuſto deſtas patentes com huma aſſinatura particular, que o Padre queria. As tais patentes tiravaõ as Cidades, & Moſteiros por vinte, & quinze mil cruzados: outros por dez, & mais barras de ouro. Como eſte negocio ſe dilataſſe, ſem o Padre niſto intervir, hum Chriſtaõ levou tres barras de prata a Vatadono pera ajuda de tirar a patente.

19 Vendo Vatadono a pouquidade, & que tudo pera Nobunanga era lançar huma gota de agoa no mar; por naõ deſconſolar o Chriſtaõ, lhe diſſe, que as entregaſſe a hum ſeu criado, depois elle por ſua propria vontade poz ſete barras de prata de ſua caſa, & com eſtas dez eſpreitando boa occaſiaõ ſe foi a Nobunanga, dizendo, que por aquillo ſer couſa mui pouca, & o Padre mui Pobre, ſenaõ atrevera em peſſoa a offerecer aquellas barras a ſua Alteza. A iſto ſe rio Nobunanga, dizendo com graça, que naõ era neceſſaria prata, nem ouro pera elle dar patente ao Padre, que de graça lha daria; que baſtava ſer elle eſtrangeiro, pera ter inimigos.

20 Logo ordenou a Vatadono, que a notaſſe, & a mandaſſe moſtrar ao Padre, pera ver, ſe eſtava à ſua vontade, antes de nella ſe aſſinar. Depois por via de Vatadono, ſe ouve tambem patente do Cubozama. Faltava sòmente patente do Dayri, que poſto naõ ſer a de mais monta, podia a falta della cauſar alguma deſenquietaçaõ, como o effeito depois moſtrou. Vatadono diſſe ao Padre, que elle tinha feito muitos ſerviços ao Dayri, pellos quais lhe eſtava obrigado, & por premio delles sò pediria a patente, pera elle aſſiſtir no Miaco.

21 Tam-

21 Tambem Vatadono lhe agenceou sahir da Igreja hum fidalgo gentio, que nella se tinha apozentado. Outras vezes fallou o Padre com Nobunanga, antes de se partir pera o seu reyno de Voari, & sempre lhe mostrou agrado, em especial huma vez, que lhe mostrou hum relogio despertador, q̃ por ser entre aquellas gentes cousa nunca vista, causou grande admiraçaõ das naçoens, & ingenhos de Europa, que tal artificio sabiaõ obrar.

CAPITULO LI.

Da perseguiçaõ, que hum Bonzo levantou contra o Padre.

1 COm estas patentes parecia estar seguro, mas o demonio, aquem doya muito esta ferida, se aproveitou das roins manhas de hum Bonzo, a que os Christaõs deraõ por nome Antichristo, & Lucifer encarnado. Porque este homem, cujo nome era Nequijoxomim, de bayxo veyo a ter estimaçaõ, he de saber, que era quanto à estatura do corpo, cousa mui ridicula, pequeno, mui feyo, & desprezivel, sem letras, nem noticia das leys de Japaõ, alem disto de vil nacimento. Com tudo foi de vivo, & esperto ingenho, muito livre no fallar, em que era tido por eloquentissimo.

2 Este depois de se achar mal no estado de matrimonio, & peyor no de soldado, se fez Bonzo, & comessou a andar em peregrinaçoens. Fingio revelaçoens, em que dizia, que os Deozes o tinhaõ tomado por instromento, pera reformar as seitas do Japaõ, & restituir o Dayri no seu antigo dominio de ser absoluto senhor do Japaõ, como algum tempo fora, porque naquelle sò tinha de Rey o titulo, & algumas preminencias, que tudo naõ passava de huma sombra de Rey, mas esta se lhe conservou sempre, ainda q̃ ninguem lhe obedecia.

3 Entre innumeraveis trapaças, que fez este Bonzo, foi levar humas cartas de traiçaõ pera hum dos alevantados, que mataraõ o Cubozama, com estas o apanharaõ no Sacay a tempo, que alli estava o Padre Froes, & foi prezo, & rijamente açoutado: com tudo teve traças pera que o Day-

o Dayri pedisse por elle, & por este meyo sahio da prizaõ.

4 Vindo Nobunanga ao Miaco pera restituir ao Irmaõ do Cubozama, o Dayri querendo ter algum proveito nesta agoa envolta, meteo por seu agente a Nequijoxomim. Succedeo cahir elle em graça a Nobunanga, & quasi sempre andava ao seu lado.

5 No dia antes de o Padre se despedir a ultima vez de Nobunanga, que estava de caminho, este Bonzo lhe tinha pedido com grandes instancias, que se naõ partisse, sem antes lançar fóra do Miaco ao Padre, que por elle alli estar succedera a morte do Cubozama. Riose Nobunanga, & lhe disse, que tinha mui pequeno coraçaõ, pois abafava cõ taõ pouco. Que naõ havia de desterrar o P e, pois elle, & o Cubozama lhe deraõ suas patentes. No dia seguinte, indo o Padre despedirse de Nobunanga, por elle lhe ter dito, o visitasse antes de sua partida, entre outras cousas disse o Padre: que visto sua Alteza se partia, & elle naõ tinha outro abrigo mais que seu real patrocinio, & haver alguns Bonzos, que ainda solicitavaõ seu desterro, lhe pedia, naõ desse credito a seus ditos, sem o ouvir primeiro, porque como seguiaõ leys encontradas à sua, eraõ seus inimigos, & que da sua maõ o entregasse a Vatadono seu protector.

6 Perguntou Nobunanga, que causa havia, pera lhe terem odio os Bonzos. Respondeolhe, que a differença, que havia entre huns, & outros, a qual era bem como a q̃ ha entre frio, & calor, entre vicios, & virtudes. Perguntoulhe mais, se adorava os Camîs, & Fotoquês Deoses de Japaõ: respondeo, que naõ, porque elles foraõ homens, que nem a si puderaõ salvar, nem livrar da morte, & menos salvariaõ aos outros.

7 Estava junto del-Rey o Bonzo Nequijo sem fallar: nẽ o Padre, nẽ Lourenço seu familiar o conheciaõ. Entaõ lhe disse el-Rey: Nequijo, que dizeis a isto? Perguntai alguma cousa. Aqui levantou o Bonzo a voz mui afrautada; & a modo de quem tinha ao Padre no laço; perguntou, que Deos adorava? Respondeo, que a Deos trino, & uno Criador do Ceo, & da terra. Padre, mostrainolo, replicou Nequijo. He invisivel, respondeo o Padre. Perguntou mais, se fora antes de Xaca, & Amida Deoses do Japaõ. Respondeo, q̃ antes; que nunca tivera principio, nem teria

fim, por ſer ſubſtancia infinita, & eterna. Aqui Lourenço eſprayou mais eſtas couſas; depois do Bonzo ouvir hũ pedaço, diſſe pera Nobunanga: Iſto he traquinada, deſterreos voſſa Alteza logo, que ſaõ huns embaucadores.

8 Entaõ ſe rio Nobunanga, dizendo: Nequijo deſcorçoais; perguntai, & reſpondervoshaõ. Começou a fallar, & a titubear, Lourenço lhe fez varias perguntas, porem a ſua repoſta a todas era: Naõ ſei: depois ſobindolhe a colera, diſſe a el-Rey, que era tarde, que os mandaſſe lançar fóra, por elles eſtarem no Miaco, fora morto o Cubozama, & que o Padre viera fugido do Sacay.

9 Fazendo Nobunanga pouco caſo dos ditos do Bõzo, perguntou ao Padre, ſe o ſeu Deos dava premio pellos bens, & caſtigo pellos males? Diſſe Lourenço, que ſim; mas que era em duas maneiras, ou temporal neſta vida, ou eterno na outra. Acodio o Bonzo, logo ſegundo, o que dizeis, depois do homem morto, fica couſa delle, que receba premio, ou caſtigo? A poz iſto deu huma grãde riſada, como quem o convencia de hum grande disbarate. Aqui diſſe o Padre Froes, que ſe naõ admirava do ſeu eſpanto, pois a ſciencia dos letrados do Japaõ naõ paſſava deſtas couſas, que viaõ com os olhos, das quais ignoravaõ muitas, & aſſim, que naõ era de admirar, tiveſſem por novidade, tratarlhes de couſas inviſiveis, & immortais, como era a alma.

10 Logo lhe foi o Padre trazendo algumas rezoẽs das mais palpaveis, com que moſtrou a immotalidade da alma. Eſtando o Padre neſte diſcurſo, rangendo Nequijo com os dentes, & cheyo de hum eſtranho furor diſſe: Pois dizeis, que fica alma, aveiſma agora de moſtrar, & pera iſſo hei de cortar a cabeça a eſte voſſo diſcipulo (que era Lourenço) pera me moſtrardes a ſubſtancia intellectual, q̃ fica depois da morte. Entre eſtas palavras ſe arremeçou a huma catana del-Rey, que eſtava em hum canto da caſa, & começãdoa a deſembainhar, acodio Nobunanga, abraçouſe com elle por detraz Vatadono, & outros Senhores, que muito ſe indignaraõ do arrevimento: & Vatadono lhe diſſe, que a naõ eſtar diante del-Rey, lhe cortaria logo a cabeça. Nobunanga paſſou tudo com hum riſo; entendeoſe, tivera eſta diſſimulaçaõ por reſpeyto do Dayri, pera cujos paços o dia antes entregara Nobunanga a eſte Bonzo quarenta mil cruzados, de que fez merce ao Dayri. 11 De-

Digitized by Google

11 Depois deſtas altercraçoẽs, por ſer tarde, ſe deſpedio Padre, a quem os Chriſtaõs eſtavaõ fora eſperando. Elles, & Vatadono o acompanharaõ athe ſua caſa. Antes de Nobunanga ſe partir, tornou o negro Bonzo a pedirlhe, deſterraſſe o Padre. Eſtranhoulhe Nobunanga taõ louca tezidaõ, & muito mais o reprehendeo Vatadono. Mas elle naõ deſiſtio de ſua loucura. Partindoſe pera o ſeu Reyno de Voari Nobunanga, o acompanhou Vatadono como ſete legoas fóra do Miaco, quando o mandou voltar lhe diſſe, que declaraſſe ao Padre, podia eſtar deſcanſado, & ſem ſoſobro, nem temor algum.

12 Continuando pois o maldito Bonzo, fez com que o Dayri mandaſſe pedir ao Cubozama, que naõ obſtante a patente, deſterraſſe ao Padre do Miaco: reſpondeo, que tal couſa naõ faria. Dahi a poucos dias, entrou em caſa hũ Chriſtaõ todo cheo de aſſombro dizendo, que o Nequijo naõ sò ouvera licença do Dayri, pera expulſar do Miaco ao Padre, mas pera aſſim o apregoar em toda a Cidade, & no Sacay. Deu o Padre conta a Vatadono. A repoſta foi, mandar hum fidalgo de ſua caſa com muitos ſoldados à rua do Padre, & dizer aos moradores, que ſe Nequijo alli mandaſſe pregoar alguma couſa, della naõ fizeſſem caſo, a ainda que o recado vieſſe do Dayri, ou do Cubozama, antes reſpondeſſem, que o foſſem dizer a Vatadono, que aſſim o ordenara; & ſe fizeſſem o contrario, que eſtiveſſem certos, os havia a todos de vexar, pois o Padre tinha patentes do Cubozama, & de Nobunanga, pera livremente eſtar, onde quizeſſe. Com eſte avizo pode o Padre aquietar algum pouco tempo, & fazer alguns bautiſmos, porque a tempeſtade, que Nequijo movera, apenas dera lugar, a deſviar ſua furia.

CAPITULO LII.

Continuaſe a perſeguiçaõ do Bonzo, & como o Padre Froes ſe valeo de Nobunanga, & favores, que lhe fez.

1 SUccedeo neſte tempo, que Nequijo ſobio em eſtimaçaõ com o Dayri, & com Nobunanga, que lhe encomendou couſas de muita honra, & poder: com eſta

nova fortuna arrimou de novo os hombros à ſua lida. Ouve proviſaõ do Dayri, pera deſterrar o Padre, deu contra elle muitos capitulos, que formou da parte do Dayri. Enviou eſtes a Nobunanga: o qual reſpondeo, que quanto ao deſterro do Padre ſe remetia ao Dayri, q̃ era Senhor do Japaõ.

2 De tudo teve aviſo Vatadono, que era o unico eſcudo dos Chriſtaõs. Sentio-o muito, & mandandolhe os Cungés, que ſaõ miniſtros do Dayri, cartas com ſeus negocios, as naõ quiz deſpachar, agravado da proviſaõ do Dayri. Depois eſcreveo duas cartas, huma a tres Senhores fidalgos do Cubozama, pera que favoreceſſem o Padre, outra pera Nequijo, pedindolhe deſiſtiſſe da ſua pertençaõ. A repoſta foi huma comprida carta, em que moſtrava as rezoens, porque naõ vinha, no que lhe pedia Vatadono.

3 Neſtes apertos tomado conſelho com os Chriſtaõs, aſſentaraõ foſſe o Padre Froes ao Reyno de Voari fallar cõ Nobunanga. Eſcrevendo o Padre Froes, quando eſtava de caminho ao Padre Belchior de Figueiredo tem eſtas palavras: *Eu ando ja tal, que quaſi por certo me naõ poſſo ter de fraqueza deſtas infermidades continuas, que me acompanhaõ: porem ditoſo eu, ſe deſta maneira acabar em ſerviço do Senhor: ſomente ſinto carecer ha ſinco, ou ſeis annos de confiſſaõ, porem confiado na ſancta virtude da obediencia, naõ temo perigo.*

4 Neſta occaſiaõ eſtava Vatadono como ſete legoas do Miaco em huma fortaleza; & pello ter auzente, Nequijo fazia mais eſforço, & mais ſe afoutava. Logo ſe deſpachou pera elle com cartas o familiar Lourenço, nas quais lhe pediaõ cartas de favor pera o Nobunanga, pera quem o Padre ſe partio com reſoluçaõ de eſperar no caminho em certo lugar eſtas cartas de favor. Deu Vatadono as cartas, q̃ ſe lhe pediaõ, & diſſe muitas obuſas pezadas contra o Bonzo. Das cartas huma era pera hum grande Senhor, pera o introduzir a fallar a el-Rey, outra pera hũ ſeu hoſpede na Cidade de Goyſu junto à fortaleza, onde eſtava Nobunanga, a quem ordenava, agazalhaſe o Padre, & que elle pagaria os gaſtos.

5 Eſtava junto à quella povoaçaõ hum lago como de trinta legoas de comprido, & oito de largo, por elle navegou

gou o Padre, & ſaindo em terra foi dalli pera Goyſu; pello caminho encontrou muitos idolos deſcabeſſados, porque a todos Nobu nanga tinha mandado quebrar as cabeças. Chegado à hoſpedagem achou, ſer ella huma grande confuſaõ, por ſe hoſpedarem alli mercadores de diverſos Reynos, o trafego era tal, que toda a noyte eſtavaõ huns a jugar, outros comiaõ, & bebiaõ; outros vendiaõ, & compravaõ, outros tudo era enfardelar, & deſenfardelar fazendas, alem diſto eſtavaõ a garnel em hum ſobrado, por naõ haver na caſa outro apoſento mais comodo; bem ſe ve, que andando o Padre taõ enfermiço, ſeria grandiſſima a ſua moleſtia.

6 Com eſta ſe acomodava elle, mas ſuccedeo eſtar auſente o amigo de Vatadono, pera quem vinha a carta de recomendaçaõ; porem Deos, que nunca falta aos ſeus, depois de dous dias trouxe alli dous grãdes Senhores do Miaco, mui amigos de Vatadono, & do Padre. Eſtes tomaraõ à ſua conta dizer a el-Rey, que era alli vindo o Padre, & eſpreitar occaſiaõ oportuna pera a viſita.

7 Por eſte tempo da auſencia foi grande a magoa dos Chriſtaõs aſſim do Miaco, como de outros Reynos, porq Nequijo, & os ſeus lançaraõ fama, que Nobunanga tinha prezo ao Padre, pera o mandar matar conforme a vontade do Dayri, que dalli por diante nem fumo de Chriſtaõs haveria no Miaco.

8 Tornando ao Padre Froes, indo os dous fidalgos viſitar a Nobunãga, lhe diſſeraõ em como o Padre era vindo: entaõ moſtrando niſſo contentamento, lhes diſſe: muito me peza de ter o Dayri mãdado, que lançaſſem fóra o P. ou o mataſſem; porque he a maior graça do mundo, meterem lhe na cabeça, que qualquer Reyno, onde eſtes Padres eſtaõ, he logo deſtroido. Pella compayxaõ, que tenho do Padre por ſer eſtrangeiro, o hei de favorecer, pera que naõ ſeja deſterrado do Miaco.

9 Acabando de ouvir huma muſica, ſahio pera fora com os dous fidalgos pera ir ver huns paços novos, que alli fazia. Saindo encontrou ao Padre Froes. Deteveſe em pê hum pedaço, alegrandoſe com ſua vinda, dizendo que bem fóra eſtava elle, de que a Reynos taõ diſtantes o ouveſſe de vir a viſitar. Mandou entaõ chamar mais alguns fidalgos, entre elles hum, que antigamente interviera em

ſer

ſer o Padre deſterrado, por ſer cruel inimigo da ley de Deos. Quiz o Senhor foſſe agora teſtemunha das honras do Padre, que foraõ tantas, & tais, que a todos eraõ de eſpanto.

10 Com dez fidalgos, & com o P. ſe entrou Nobunanga no ſeu paço, pera lho moſtrar; ficando fora como ſeis cẽtos fidalgos:& he de ſaber,que os meſmos dez fidalgos era a primeira vez,que entravaõ no interior dos paços, nem iſſo ſe fazia a fidalgo algum. Por eſta rezaõ a dita benevolencia cauſou notavel admiraçaõ a todos.

11 Era o paço obra em tudo taõ maravilhoſa, que ao P. fallando neſta materia, lhe faltaõ palavras, pera explicar a riqueza, primor,freſcura, limpeza, & grandeza, que de tudo avia em grao ſobido no palacio deſte Rey. Dis o P. que toda eſta magnificencia ſe pode conjecturar, de que Nobunanga era homem, que naõ conhecia outra vida, ſe naõ a prezente, abundãtiſſimo de tezoutos, & que determinara fazer pera ſi eſte palacio, como ſeu unico paraiſo, que o qual naõ ouveſſe couſa no mundo mais pompoſa, & rica:daqui ſe conjectura, que querendo elle, & podendo, a obra ſeria de inveja a mais alta, & elevada ſoberba, q̃ ouveſſe em qualquer outra obra chea de magnificenſia.

12 Logo, dis o P. em huma carta. quando entrei pela porta dos paços propûs conſervar o retrato, & ſemelhança delles, pera depois neſta o referir. Mas foraõ tantas as couſas, que vi, que a grandeza, & perfeiçaõ de humas aſſim como ſe hiaõ multiplicando, me fazia eſquecer, o que tinha reſervado das outras, pello que a cerca diſto, me reſumirei, remettendome no mais ao diſcurſo de voſſa Reverencia.

13 Depois de o P. entrar, diſſe Nobunanga, que dezejava moſtrarlhe o ſeu paço, mas por outra parte, que tinha pejo, porque comparado, cõ o que o P. tinha viſto na India, & Europa, ficaria ſendo couſa pouca, mas que por vir de taõ longe, queria elle meſmo ſer a guia em lho moſtrar.

14 Foi o Padre vendo o paço, cheo de couſas taõ ricas, & ſingulares, feitas com tais artificios, que entrar alli, era andar em hum laberintho de Creta, & confeſſa, que a elle lhe faltavaõ palavras, pera contar o que vio. Em huma ſala mandou vir hum anaõ de grandiſſimo roſto, &

voz,

voz, veſtido ricamente, trouxeraõno em hum ceſto, felo cantar, & dançar, que foi pera todos couſa de ſingular recreaçaõ. Eſta viſita foi de muito credito pera o P. pois tal couſa com ninguem a uſava Nobunanga.

15 Dalli a dous dias chegou de fora Toquigiro, pera quem o P. levava as cartas, & recomendaçoens de Vatadono. Foi logo verſe com elle, recebeo com eſtimaçaõ, mandou aviſo ao hoſpede, que aſſiſtiſſe bem ao P. & lhe diſſe, que deſcanſaſſe na ſua pertençaõ, que logo o deſpacharia com el-Rey.

16 Dos bons ſucceſſos deſtas couſas aviſava logo o P. a Vatadono, & aos ſeus Chriſtaõs, pera que eſtiveſſem cõſolados. Por agencia de Toquigiro fez el-Rey huma carta, em que pedia ao Dayri, & Cubozama, que favoreceſſem o Padre. Logo Toquigiro eſcreveo duas cartas, hũa a Vatadono, outra a Nequijo, neſta lhe dizia o amor, que Nobunanga moſtrava ao Padre; por tanto que o favoreceſſe. Iſto feito, Toquigiro ſe voltou outra ves pera a guerra donde viera.

17 Entaõ o P. ſe valeo dos primeiros ſenhores, pera que o introduziſſem a fallar com el-Rey, pera lhe beijar a maõ pella merce, & ſe deſpedir. Quando entrou, a lhe fallar eſta ſegunda ves, lhe diſſe Nobunanga diante de grande numero de fidalgos do Miaco: Naõ tenhais conta com o Dayri, nem com o Cubozama, porque tudo eſtá debayxo do meu poder, ſomente fazei, o que vos eu diſſer, & eſtai, onde quizerdes. Logo lhe perguntou, quando ſe avia de tornar pera Miaco. Reſpondeolhe, q̃ na menhãa do dia ſeguinte, por eſtar ja deſpachado por ſua Alteza.

18 A iſto diſſe Nobunanga: He muito de preſſa, dilatai a jornada, pera daqui a dous dias, porque à menhãa vos quero moſtrar a minha fortaleza. Recomendou mais a certos fidalgos, que depois de jantar o Padre, o levaſſem à fortaleza; & a hum grande ſenhor diſſe, que jantaſſe cõ o P. em nome delle Nobunanga. Com eſtes favores nunca viſtos eſtava aſſombrada toda aquella Corte, & os grandes ſenhores diziaõ ao P. que naõ acabavaõ de entender, que cauſa ouveſſe, pera Nobunanga fazer ao P. taõ exquiſitos favores. Mas naõ he muito ſe maravilhaſſem, por naõ ter conhecimento de Deos, o qual tem nas maõs os coraçoens dos Reys, & aſſim queria ſer honrado neſte ſeu fiel ſervo.

19 No

19 No dia seguinte lhe deu hum fidalgo hum banquete: estava el-Rey taõ apetitoso, de que fosse o P. que foraõ dous recados seus ao fidalgo, dizendo, que se o P. tinha jantado, o levasse à fortaleza. Avia nesta obra muito tambem, que ver, nella tinha nobilissimo palacio. Antes de entrar, lhe mandou o P.o seu prezente pello fidalgo, que o conduzia. Constava de huma camisa, & humas ciroulas de certo pano fino, & humas chinelas vermelhas. Logo Nobunanga vestio as ciroulas, & mandou entrar o P. recebeo, dizendo, que pera o veraõ parecia bom traje. Mãdou vir o seu Châ, deu a primeira porcelana ao Padre, elle bebeo a segunda, deu a terceira à Lourenço companheiro do P.O Châ trouxe alli o segundo filho de Nobunanga.

20 Depois lhe mostrou a fortaleza, & os Reynos, que della se viaõ, que era hum grande prospecto, por serem campinas mui estendidas. Por largo tempo esteve conversando com o P. das cousas, & costumes da Europa, do Sol, Lua, & estrellas, & calidades das terras frias, & quentes. No meyo da pratica chamou ao seu filho menor, & em voz bayxa lhe disse, que fosse dar aviso dentro, que fizessem de cear pera o P. Cousa foi esta taõ nova, que a ninguem a tinha feito.

21 Da hi a hum pouco se levantou, ficando o P. sò em huma varanda; eis que torna el-Rey com a mesa de comer pera o Padre; & seu filho com outra pera Lourenço, dizendo, que vieraõ de repente, porisso naõ avia cousa, com que os cõvidar. Depois de comerem, veyo seu filho de dentr o cõ hum vestido mui rico, dizendo, que seu pay o mandava, & que o vestisse logo, & outro pera Lourenço. Vestidos os mandou ir, onde estava; dissellhes, que lhes ficava bem, & que dalli por diante o fosse muitas vezes visitar, porque assim lhe era conveniente, pera ficar mais firme sua estancia no Miaco. Finalmente o despedio cõ o agrado, com que o tinha recebido.

CAPITULO LIII.

Vesse o P. Froes em novos perigos, & de todos o livra Deos.

1 OIto dias se deteve o P. Luis Froes na Corte de Goyfu. Os dias se passavaõ em agencear os despachos,

pachos, grande parte da noyte se lhe hia em prégar a ley de Deos: quando se recolhia a casa, assim criados del-Rey, como outra gente da rua o estavaõ esperando, pera ouvir doutrina taõ nova, pois era a primeira ves, que naquelle Reyno se prégou a ley de Christo.

2 Pediaõlhe com instancia, se detivesse alli mais tempo, que se fariaõ Christaõs. Naõ pode entaõ condescender com seus dezejos, porque da detença se seguia, cobrarem no Miaco grandes animos os inimigos da ley de Deos, & blasfemarem cada dia mais seu sancto nome, & vexarõ os Christaõs. Neste caminho de Goyfu atte Miaco padeceo o P. muito, por causa dos caminhos, & das chuvas, roim comer, & peyor dormir, mas como vinha bem despachado, todos os trabalhos lhe ficavaõ mui doces.

3 Chegou ao Miaco em tempo, que tal se naõ esperava. Naõ cabiaõ em si de alegres os Christaõs. Como os favores de Nobunanga foraõ taõ raros, & publicos, tudo se divulgou pella Cidade de Miaco, com immensa tristeza dos Bonzos, que tal cousa naõ sonhavaõ. Despedio logo o Padre a Lourenço com as novas a Vatadono, que estava vinte legoas do Miaco. Foi tanto o gosto, que teve este senhor, que disse, que se entaõ lhe dessem hum Reyno, naõ poderia ter gosto igual.

4 A cerca de por em rezaõ o Nequijo, se ouve cõ manha, escrevendolhe huma carta cõ alguma sumissaõ, em que lhe pedia, visto o favor de Nobunanga, quizesse elle tambem patrocinar ao Padre, & que entendesse, lhe naõ poderia fazer cousa de maior gosto; & que oferecendose occasiaõ de o servir, os effeitos lhe mostrariaõ a boa vontade, que disso tinha.

5 Nada bastou pera Nequijo ceder porque como a sua fortuna o tinha posto ao seu parecer em lugar seguro, contra tudo se atrevia. Duas cousas sentia pella vida, que o naõ deixavaõ aquietar; a primeira a dor, de ficar a primeira ves, que sevio cõ o P. diante de Nobunanga, atado, & convencido, sem ter que dar por reposta, mais, que sahir naquellas furias desatinadas, que assima referi. A segunda era, ter elle alcançado do Dayri provisaõ, pera ou matar, ou desterrar o P. a qual tinha divulgado no Miaco, Sacay, & outras terras, onde avia Christaõs, & agora vendo, que o effeito era mui diverso, seria tido por homem

de menos valer, & que naõ podia tanto, quanto blazonava.

6 Estas rezoens o obrigavaõ, a naõ deyxar pedra por mover. Determinou, ir em pessoa tratar o negocio cõ Nobunanga. Aqui se renovou o receo do Padre, por ser o inimigo taõ forte, & taõ ardiloso. Deu conta ao seu protector Vatadono, o qual logo lhe tomou os portos, porque escrevendo a seus amigos, que no paço tinha, de nenhum effeito foraõ as astucias de Nequijo diante de Nobunanga.

7 Vendo este Demonio, que estando em pê Vatadono, naõ lhe era possivel dar com o P. Froes por terra, voltou toda a artilharia, & todas as suas maquinas contra Vatadono. Ajudouse de outras pessoas illustres, aquem persuadio, capitulassem contra Vatadono, fingindo mil testimunhos falsos sobre o governo dos dous Reynos, que estavaõ a cargo de Vatadono. Com esta papelada voltou Nequijo a Nobunanga, & de tal sorte tingio as cousas, q̃ teve por verdades, o que eraõ sò fingimentos. Nada disto sabia Vatadono. Succedeo, ir elle à Corte de Nobunanga sobre alguns negocios, quando lhe sahio no encõtro gente de cavallo del-Rey, que dizia Nobunanga, que o naõ queria ver, & que ninguem lhe desse pousada em suas terras.

8 Dahi a quinze dias mandou Nobunanga desfazer huma rica fortaleza de Vatadono, pouco depois lhe tirou cousa de vinte mil cruzados de renda. Saltava Nequijo, & os seus de prazer, dizendo a huma voz: que bem se via, que o P. naõ sò era causa, de os Deoses castigarem as terras, onde estava, mas tambem a todos, os que o favoreciaõ, como se via em Vatadono. Viose nesta tormenta a grandeza do coraçaõ deste nobre gentio; porque dizia; que nenhuma adversidade o sossobrava; cõ tanto, que o P. estivesse, como estava no Miaco; & que se a cazo o Dayri, Cubozama, & el-Rey o mandassem pera a India, elle avia de deyxar seus estados, rendas, molher, & filhos, & acompanhar ao Padre.

9 Pasmava Nequijo desta cõfiança, & dizia, que tal cousa naõ podia ser, se naõ porque o P. lhe dava grossissimas peitas, que lupriaõ estas diminuiçoens. Passados como dez meses desta impetuosa tormenta, Vatadono pera

moſtrar o ſeu ſentimento, rapou a cabeça, & barba, que he em Japaõ, como entre nos moſtrarſe hum fidalgo agravado del-Rey, ou dar de mão à ſuperintendencia das couſas temporais. Cõ elle ſe raparaõ logo paſſante de duzentas peſſoas; dellas eraõ muitos fidalgos.

10 Neſte tempo foi Nobunanga ao Miaco, cõcorreraõ os ſenhores grandes a viſitalo, entre os quais veyo de huma ſua fortaleza Vatadono. Andou quinze dias ſem el-Rey o ver, eſperando Nequijo por horas, que lhe mandaſſe corrar a cabeſſa. Quando hum dia Nobunanga o manda chamar, diſſelhe palavras de muito amor, mandoulhe dar hum ſeu veſtido rico, & que deixaſſe crecer o cabello, & a barba, que ſe queria delle ſervir nas guerras. Logo cavalgou Nobunanga, & o Viſo Rey cõ elle, ambos foraõ correr os cavalos. Deulhe ſobre, o que ſe lhe tinha tirado quarenta mil fardos de arroz cada anno.

11 Sahio Nobunanga a huma guerra, em que por induſtria, & valor de Vatadono ouve huma glorioſa victoria; ficoulhe taõ afeiçoado, que lhe deu a eſpada, que cingia, que era de grandiſſimo preço. Pera cabal gloria de Vatadono, ſeguioſſe logo a ruina de Nequijo, que já parece, lhe tardava. Poucos dias depois de Vatadono ſer reſtituido à graça del-Rey, foi Nequijo acuſado de graves delictos, de cuja noticia por eſtremo ſe irou Nobunanga, depois de o deshonrar de palavra diante de muitos ſenhores, mandou, que o pizaſſem a couces, & o deitaſſem fora. Apos iſto foi deſpojado dos cargos, & hõras, que tinha, ficando mui abatido, & avilitado, sò diſſimulou el-Rey em elle ficar com o cuidado das obras do paço do Dayri, porque ſe naõ acolheſſe, ſem dar conta do muito dinheiro, que pera eſta obra ſe lhe tinha entregue.

12 De preſſa tornou o Padre Froes, tendo ſahido cõ os ſeus Chriſtaõs de huma tormenta, a entrar noutra. Sahira à guerra Nobunanga, & por ſeu general Vatadono: no campo ſobrevieraõ a Vatadono febres crueis, por eſta cauſa, & outras Nobunanga ſe voltou ao Miaco; deſpedio a gente de guerra ficando sô cõ treze mil homens. Imaginando dous Reys ſeus inimigos, que elle vinha derrotado, ajuntaraõ hum groſſo exercito, pera darem em Nobunanga, antes, que ſe recolheſſe ao ſeu Reyno. Tendo elle aviſo, ſahio logo do Miaco em demanda dos inimigos, que ſe

recolherão a humas ſerras, ao pê das quais aſſentou Nobunanga o ſeu campo.

13 Dos apertos, em que neſta occaſião ſe vio a Cidade do Miaco, diz o P. forão grandes; & de ſi tem eſtas palavras em huma carta: *Como todos os caminhos eſtão tomados, alem deſta Cidade naturalmente ſer carecida de mantimẽtos, por eſtar do porto vinte legoas pella terra dentro, agora carece muito mais delles. Porem temos, louvado Deos, arroz, & obra de quinze reſtes de rabaons, & nabos poſtos a ſecar, que aqui nos derão os Chriſtaõs por amor de Deos, de que nos ſuſtentaremos, em quanto o cerco durar. Verdade he, que pera as muitas doenças, & faſtio, que quaſi ſempre me acompanhão, não deixa a natureza de repugnar no tempo da febre, ou de grandes dores ſuſtentar ſua neceſſidade com rabão ſeco cozido em agoa, & ſal. Porem affirmolhe, que lá poem Deos huma doçura, & hum não ſei que neſtes manjares pobres, que quem delles goſta, os não trocaria pellos mais eſplendidos banquetes da India.*

14 Mais abayxo diz: *Mas falando ſincera, & realmẽte, quem de lá não vier cozido em mortificação, & mui qualificado em todo o genero de virtude com grandes ancoras de temor, & amor de Deos noſſo Senhor, não correrá menos riſco neſtas ondas, & continuas alteraçoens do Demonio, do que eu corro.*

15 Neſte cerco do Miaco huma eſperança lhe dava algum alento, que vencendo os inimigos, avia entre elles muitos fidalgos Chriſtaõs, que ſeriaõ ſeus protectores pera ficar no Miaco. Quando ſe aſſim alentava, lhe veyo carta do Sacay do ſeu familiar Lourenço, que lá eſtava, em como ſe ſabia por noticia dos fidalgos Chriſtaõs, dizerem os inimigos, que ſe alcançaſſem a victoria, logo aviaõ de deſterrar os Padres do Miaco; pois era couſa notavel, que onde eſtavaõ tudo eraõ guerras, & deſtroiçoens. Porem Deos Noſſo Senhor, que tinha ao Padre de bayxo da ſua protecçaõ, concluio as couſas a favor de Nobunanga; & ficou ſeu ſervo livre de tamanhos ſuſtos, que por ſete, ou oito annos continuos o moleſtaraõ ſahindo de huns pera outros.

CA-

CAPITULO LIV.

Entra o P. em outros ſuſtos, & como ſabio delles, & foraõ deſtroidos os Bonzos.

1 BEm ſe deixa ver, que taõ continuas perturbaçoens dos povos naõ davaõ lugar, a ſe poder dilatar a fé, aſſás fazia o P. Froes em ir conſervando o pequeno rabanho de Chriſto, que cõ algumas converſoens, ainda que poucas, ſe accrecentava. O odio, que os gentios tinhaõ à ley de Deos, em nenhuma parte era igual ao do Miaco. Na rua, em que morava o P. fizeraõ entreſi os gẽtios cõcerto, de nenhum ſe cõverter ſob graves penas: & o guardavaõ à riſca.

2 A cauſa de neſta Cidade ſer a converſaõ mais difficultoſa, era, ſer ella a fonte das ſeitas do Japaõ, a vêr Bõzos de grande autoridade, muita eloquencia, prégaçoens cõtinuas, & diz o P. em huma carta, que nellas eraõ mui eloquentes, & traziaõ a gente como ſuſpenſa, por tanto, que mais milagre ſeria, cõverterſe hum gentio no Miaco, que duzentos em qualquer outro Reyno do Japaõ.

3 Neſtes principios, como entre tantas gentes naõ avultavaõ os Chriſtaõs, naõ ſe davaõ os Bõzos por empenhados, em os cõtradizerem nas ſuas prégaçoens; mas eſſe pouco, que era, baſtava pera fazer huma averſaõ à ley de Deos mui grande no coraçaõ dos gentios.

4 Hum Bõzo em eſpecial pello antigo odio, que tinha à ley de Deos, pois fora hum, dos que mais procurara o deſterro do Padre, nas ſuas prégaçoens muito ſe indignava cõtra o P. Eſte homem à ſua cuſta tinha feito hum templo do ſeu Deos Xaca junto aos paços do Rey, nelle prégava cõtra todas as outras ſeitas.

5 Eſtando huma ves na ſua prégaçaõ, parou à porta hum Chriſtaõ moço fidalgo do Cubozama, & depois do prégador ſe chorar da miſeria, & cegueira dos homens, em reconhecerem outros Deoſes mais, que a Xaca, diſſe: Pera verdes, a quanto eſta cegueira tem chegado, baſta ſaberdes, como he manifeſto, que eſtá agora neſta Corte, & Univerſidade, & cabeça de todo o Japaõ hum miſeravel eſtran-

eſtrangeiro embaidor, o qual naõ ſabeis, dõde veo, nem ſe o chóveraõ as nuves: ou ſe o produzio o Inferno: ſe vedes ſeus livros eſcritos ao reyvês, naõ vós ſabeis determinar, ſe ſaõ regras, ou minhocas: ſe olhais pera a ſua doutrina, quer vos perſuadir, que adoreis a hum homem crucificado.

6 Chega a tanto a doudice, & temeridade dos homẽs, que eſquecidos do pay de todas as gentes, o altiſſimo Xaca principio de todas as miſericordias, que oito mil vezes naceo neſte mundo por nos ſalvar, & avendo tanta evidencia de ſeus milagres, & oito, ou dezoito mil livros impreſſos, que daõ teſtimunho de ſua ſanctidade, hâ homens taõ deſatinados, que vaõ ouvir as doudices, & inſenſaborias de nenhum momento, que alli eſtâ grégando Deos (cõ eſte nome chamava ao Padre) ſendo eſte eſtrangeiro, & eu eſtou aqui voſſo natural eſquecido de minha honra, & proveitos temporais, ſomente movido cõ zelo de vos ſalvar, & ainda difficultoſamente vos poſſo aqui ajuntar. Neſte paſſo o moço fidalgo, que da porta ouvia, deu huma grãde rizada, & diſſe em alta voz pera os ouvintes, vede ſenhores, naõ vos engane eſte embaucador, & ſe foi ſeu caminho a diante.

7 Pouco tempo deixou Deos lograr pacificamente da victoria, que dera aos Chriſtaõs cõtra o Bõzo Nequijo, porque no mes de ſetembro de 1571, ſaindo o inſigne protector dos Chriſtaõs Vatadono cõ pouca gente a ſocorrer huma ſua fortaleza, cahio em huma ſilada, que os inimigos lhe tinhaõ armado, & cõ duzentos nobres, que o acõpanhavaõ, foi morto. Naõ he neceſſario dizer a pena, que teria o P. Froes, & os Chriſtaõs, aquem ſempre tanto favoreceo. Por vezes tinha ouvido as prégaçoens do cateciſmo, dizendo ſe queria fazer Chriſtaõ depois de ſaber bem os myſterios, mas cõ a revoluçaõ dos tempos, & infinidade de negocios nunca ſe pode deſembaraçar, pera ſer inſtroido, como queria.

8 Foi neſte homem o amor pera cõ o P. & Chriſtaõs couſa nunca viſta, nem imaginada em hum ſenhor gentio, & a penas teraõ as hiſtorias exemplo igual. O P. Froes em huma ſua carta, que anda impreſſa eſcrita ao P. Antonio de Quadros Provincial da India, por occaſiaõ de lhe cõtar a morte de Vatadono, refere meudamente, os bens,

que

Digitized by Google

que delle tinhaõ recebido os Chriſtaõs, que por ſer narraçaõ diffuſa, a deixo; mas do que aſſima fica ditto, mui bem ſe infere o mais. Pois querer hum gentio antes perder o valimento de hum Rey, que deyxar de amparar a huns pobres, de quem nada podia eſperar, he fineza, que cõ nenhumas palavras, ſe pode ſufficientemente encarecer. Huma ves dizendolhe o P. Froes, que pois naõ tinha cõ que lhe agradecer tantos, & taõ repetidos beneficios, o dezejava fazer Chriſtaõ; reſpõdeo, que elle no coraçaõ jâ o era, que em eſtando deſembaraçado, trataria diſto mais de veras. Dizia muitos louvores da ley de Deos diante dos outros Senhores, & dezejava, que todos a ouviſſem, & elle ouvia ſuas couſas, & myſterios com goſto particular, & como quem ſe queria abraçar com ellas.

9 Na occaſiaõ deſta morte eſtava o Padre Froes fóra do Miaco, logo ſe recolheo à Cidade pello meyo de muitos perigos, por andar tudo cheo de ſoldadeſca. Chorando ſeu deſemparo, & dos Chriſtaõs no meyo de tantos lobos, cuja opinaõ de que noſſos amigos eraõ logo deſtroidos, entaõ mais que nunca, cobrava forças, determinou logo mandar cõ ſeus prezẽtes a Lourẽnço viſitar a Nobunanga, antes, que os inimigos com eſta mudãça pudeſſem, nelle fazer alguma impreſſaõ contra os Chriſtaõs.

10 Porem como a falta de Vatadono deixava mui só ao Cubozama, ſem demora no meſmo mez, que o Viſo-Rey foi morto, Nobunanga com hum poderoſo exercito veyo pór em feiçaõ as couſas do Miaco. De caminho fez huma acçaõ eſtranha, & foi deſtroir a celebertima Univerſidade de Fienoama, fonte, & fortaleza de todas as ſeitas de Iapaõ, & o mais incontraſtavel padraſto, que teria contra ſi a ley de Deos, em comeſſando a creſcer.

11 He de ſaber, que hum Rey ſenhor de todo o Japaõ, & muito zeloſo dos ſeus Deoſes em huma ſerra mui alta diſtante tres legoas do Miaco edificou tres mil, & oito centos templos em deſaſeis valles no deſtrito de tres legoas. Aos Bonzos deu grandes rendas, pera todos ſe darem ao eſtudo das letras, ſuperior de todos era algũ Irmaõ del-Rey, ou peſſoa deſte ſer. Com a variedade, que os annos conſigo trazem, no anno de 1571. ja deſtes templos havia pouco mais de quatrocentos, com tudo o reſpeito, que a eſte lugar ſe tinha, era grandiſſimo. Por ſer alli como

mo

mo a fonte das ſeitas do Iapaõ.

12 Aſſima diſſemos como Nobunanga com treze mil homens ſe puzera ao pé deſta ſerra, onde os inimigos ſe fortaleceraõ, os Bonzos os ajudaraõ com mantimentos, & armas, poriſſo Nobunanga veyo a concertos, pellos quais o inimigo ſe retirou a ſeu ſalvo, & Nobunanga ſe foi pera o ſeu reyno levando atraveſſados na garganta os Bonzos de Fienoama. Voltando agora com o exercito julgou ſer a occaſiaõ bella, pera ſe vingar delles. Mandou queimar todos os templos, & moſteiros, que eſtavaõ nos valles da ſerra. Recolheraõſe os Bonzos, & ſe fizeraõ fortes no cume da ſerra, onde era venerado hum idolo o mais celebre, & reſpeitado de Japaõ, porque era perſuaſaõ das gentes, que ninguem offendia eſte idolo, que naõ foſſe logo caſtigado.

13 Porem Nobunanga, que deſtas carrancas nenhum caſo fazia, foi apertando com os Bonzos, que ſe puzeraõ em reſiſtencia, mas naõ podendo ſuſtentar por muito tẽpo a furia dos ſoldados, foi entrado aquelle ſerro, & elles todos com outra gente paſſados ao fio da eſpada; & porque nenhum eſcapaſſe mandou Nobunanga homens com eſpingardas por toda a ſerra a fazer montaria nos Bonzos, que neſta occaſiaõ ſeriaõ mortos como mil, & quinhentos. Eſta deſtroiçaõ foi couſa taõ eſtrondoza, que poz em eſpantos todos os Reynos de Iapaõ, & muito mais aos Bonzos.

14 Logo ſe recolheo Nobunanga no Miaco, onde o foi viſitar o Padre Froes, & o Padre Organtino, que tinha vindo pera o Miaco, a ſer companheiro do Padre Frocs. Fez aos Padres muito gazalhado. E porque ſe veja como Deos ſe naõ deſcuida em caſtigar os inimigos da ſua ley. Succedeo, que o Bonzo, do qual diſſemos aſſima, que prégava contra o Padre no templo, que tinha edificado a Xaca diſſeſſe diante do Cubozama humas palavras jocoſas, q̃ tocavaõ em Nobunanga, dizendo, que o poder, & eſtado de Nobunanga tinha ja chegado ao termo, & que lhe naõ faltava mais, que como figo maduro cahir da arvore, & dar comigo em terra. Soube Nobunanga do dito, mandou-o prender, ſem baſtarem, pera o ſoltar nem interceſſoens do Dayri, nem de Cubozama; levou-o, quando voltou pera ſeu reyno, & no caminho, lhe mandou cortar a cabeſſa. Eſ-

te

te tambem tinha intervindo no deſterro do Padre Froes. E porque aos Bonzos naõ vieſſe ao penſamento, levantar cabeſſa, repartio as rẽdas dos templos entre varios Senhores, dizendo, que naõ era rezaõ, comerem Bonzos, q̃ ſerviaõ a homens mortos, o que ſe devia a ſoldados vivos, q̃ pelejavaõ pella defenſaõ do Reyno.

CAPITULO LV.

Entra o Padre Froes em grandes perigos por occaſiaõ das guerras, & como Deos o livrou.

1 NEſte tempo conſolou Deos ao Padre Froes com o bautiſmo de hum mancebo cunhado de Nobunãga, que por ſer tal a peſſoa, foi couſa mui honroſa pera noſſa Sancta fê. As continuas revoluçoens davaõ apenas lugar, pera ir fomentando os Chriſtaõs ja feitos, quando de novo ſe vio o Padre Froes em mui urgentes perigos. Cubozama deſconhecido aos favores, que tinha recebido de Nobunanga, ſe conjurou contra elle unindoſe com ſeus inimigos, dos quais hum poderoſo Rey tomou à ſua conta deſtroir a Nobunanga, por ſer inimigo dos Deoſes, & dos Bonzos.

2 Naõ tardou muito Nobunanga, que naõ vieſſe ſobre Miaco, onde Cubozama ſe tinha feito forte. Neſta occaſiaõ foi preciſo ao Padre Froes, ſahirſe da Cidade, por aſſim o diſporem os Chriſtaõs, & cada-qual buſcava ſua vida, porque ſabiaõ, ſeria grande a deſtroiçaõ, & confuſaõ no Miaco. Levaraõ o Padre pera hum lugar como meya legoa da Cidade. Eſtãdo alli entraraõ no lugar muitos ſoldados eſpingardeiros, pera o queimar. Naõ ſabiaõ os Chriſtaõs, onde meter o Padre; por fim o levaraõ a caſa de hum gentio principal, cujo pay era Chriſtaõ, & naõ eſtava em caſa.

3 Naõ o quiſeraõ admittir, tendo niſſo agouro, de q̃ logo ſeriaõ deſtroidos. Neſte tempo chegou o dono da caſa, & por reſpeito de ſer ſeu pay Chriſtaõ, foi meter o Padre, & a dous ſeus companheiros em hum palheirinho detraz das caſas, em que eſcaſſamẽte podiaõ eſtar aſſentados.

Os ſoldados logo, que entraraõ no lugar, determinaraõ matar à eſpingarda gallos, & gallinhas, pera comerem; quando ſe chegaraõ pera o palheiro, em que eſtava o Padre, correo grande perigo de o encontrar alguma bala, porque muitas lhe paſſaraõ ſobre a cabeça.

4 Naõ parou aqui o perigo. Imaginando os gentios, que davaõ hum grande alvitre aos ſoldados, lhe foraõ dizer, em como naquelle lugar eſtava o Padre dos Chriſtaõs, ſe o quizeſſem matar, o podiaõ fazer; ou quando naõ, o deſpiſſem, & lhe deſſem tratos, athe tirar delle boa ſuma de dinheiro, do qual elles ficariaõ com ametade, & lhes dariaõ a outra. Naõ lhes deſagradou o alvitre: vaõ logo a caſa do gentio, que lhe entregaſſe o Padre. Entaõ elle cõ diſſimulaçaõ entrou no palheiro, & ſahio logo, dizendo, q̃ ja alli naõ eſtava, & acrecentou, que ainda, que ſoubeſſe, onde ſe eſcondia, o naõ havia de deſcobrir, por ſer ſeu pay Chriſtaõ, & o Padre ſer amigo de Nobunanga, que a elles, & a elle, & a todo o lugar mandaria conſumir, ſe ao Padre foſſe feito algum mal. Com iſto, & por ſe perſuadirem, tinha mudado de eſtancia, ſe deixaraõ deſte intento.

5 Logo tomaraõ ſeu conſelho os Chriſtaõs com o gẽtio hoſpede, & reſolveraõ paſſar o Padre pera hum lugar grande chamado Tongi; hum dos Chriſtaõs ſecretamente tratou com huns ſeus primos gentios, que fechavaõ as portas do lugar, as detiveſsẽ, athe elles de noyte meter ao Padre das portas pera dentro: aſſim o conſeguiraõ. Entaõ por caminhos occultos levaraõ ao Padre pera Tõgi. Depois de eſtar dentro, & as chaves ſe levarem aos Bonzos do idolo Cambodaixi, de quem o lugar era, hum Chriſtaõ tomou às coſtas ao Padre, pera o paſſar por hum foſſo de agoa: apenas ſahia delle, quando chegaõ duas molheres de dous, que o acompanhavaõ, chorando, & dizendo; que os Bonzos tendo alguma noticia, de que o Padre intentava, recolherſe alli, tinhaõ mandado lançar pregaõ, que o Padre foſſe morto, & a caſa, onde ſe achaſe, totalmente deſtroida.

6 Aqui ſe viraõ todos em grãde affliçaõ; porque o tornar a traz, naõ era poſſivel, por eſtarem ja as chaves nas maõs dos Bonzos; ir adiante, naõ ſabiaõ, pera onde; & nenhum com o medo ſe afoutava a recolher o Padre. Eſtando neſta perplexidade, hũ dos gentios parente dos Chriſtaõs

taõs diſſe: nao tenhais medo, que eu meterei o Padre em minha caſa, & ſe ouver alguma perturbaçaõ no povo, eu morrerei pella defenſaõ do Padre. Logo o tomou pella maõ, & o foi guiando athe ſua caſa com muito tento, por eſtar o caminho cheo de eſtrepes. Neſta caſa eſteve recolhido oito dias.

7 Por ſer eſte Templo do Cambodaixi huma das couſas celebres de Iapaõ, naõ ſerà injucundo dar delle breve noticia, em quanto o Padre Froes toma algum deſcanſo deſta ſua lida. Cambodaixi foi hum perverſo homem, eſte ſe meteo vivo na ſepultura dizẽdo, q̃ ninguẽ foſſe ouſado tocar ſua ſepultura, porque elle naõ morria, mas eſtava repouzando, pera quando ſe deſtroiſſe o mundo, o reſtaurar. Eſtaõ alli muitos Bonzos, & vivem mui perverſamente.

8 Todas as peſſoas honradas ordenaõ, que depois de ſua morte, ſejaõ ſeus dentes levados a eſte lugar, tendo por certo, que ſendo enterrados junto deſte idolo, elles ficaõ ſanctificados. Diante deſte demonio ardiaõ quatro mil alampadas aceſas de continuo, q̃ alli conſagraraõ muitos Reys, deixandolhe groſſos rendimentos. Deſtas, humas tres, ou quatro tinhaõ a cem pavios cada-huma. A riqueza bem ſe ve, que naõ podia deyxar de ſer muito grande, ſendo tanta a celebridade do templo.

9 Mas voltando ao fio dos trabalhos do Padre Froes. Neſte eſcondrijo eſteve em perpetuo ſuſto, como tambem todo o lugar. Chegouſſe Nobunanga com o ſeu exercito ao Miaco. Fechouſſe o Cubozama na fortaleza, que era inconquiſtavel, ſalvo por fome. Cuidou, que Nobunanga hum sò dia eſtaria ſitiando Miaco, porque como temor dos conſpirados, que com poderoſo exercito vinhaõ no ſeu alcance, ſe poria logo em ſeguro. Porem achouſſe enganado, porque o nome, & terror de Nobunanga era taõ eſpantoſo, que em todos os dias, que eſteve ſobre Miaco, nem hum sò inimigo ſe atreveo a lhe aparecer.

10 Quiz elle pôr tudo em rezaõ compadecido do deſacerto do Cubozama, porem eſte fiado nos ſeus aliados no principio eſteve tezo. Quatro dias ſe gaſtaraõ neſtes recados, ſem Nobunanga fazer hoſtilidade alguma: chegou a mandar dizer ao Cubozama, que ſe pera elle, ſe amolgar, foſſe neceſſario, que elle, & ſeu filho ſe rapaſſem (he eſta acçaõ nos Japoens de ſuma humilhaçaõ) que logo o faria,

ria, & com ſeu filho o iria viſitar. Conſideraſſe, quãto lhe devia, que a ſua eſpada naõ tinha medo de ninguem, que nenhuma com ella ſe media, puzeſſe diante dos olhos a deſtroiçaõ dos povos, que era preciſa: finalmente, que elle eſcreveſſe as condiçoens de paz, que todas as guardaria. Com nada ſe moveo o Cubozama. Vendo Nobunanga, ſer violentado, a fazer, o que naõ queria, naõ pode conter as lagrimas, & aſſim dizem, que chorara de compayxaõ.

11 Logo mandou como ſete, ou oito mil homens, queimar villas, & lugares à roda do Miaco, donde lhe vinhaõ os mantimentos. Em hum dia queimaraõ, & aſſolaraõ noventa, & tantos lugares, huns de quinhentos, outros de quatrocentos, & mais viſinhos com os templos, & moſteiros, que nelles havia. Alguns troços deſta gente chegaraõ ao lugar, onde o Padre eſtava, porem o cuidado dos Bonzos, por huma parte, & a gente da terra por outra tiveraõ maõ nas primeiras furias; mas vendo que ſe naõ poderiaõ ſuſtentar, deraõ oitenta barras de prata aos Capitaens. Deſte modo ficou o lugar, & o Padre livres deſte grãde perigo.

12 Feita eſta deſtroiçaõ, tornou Nobunanga a tentar o animo do Cubozama, pera vir nas pazes. Porem o homem eſtava taõ perſuadido dos ſeus, que naõ deu ouvidos a eſte tratado. Succedeo ſer queimada grande parte da Cidade por deſacerto de alguns moradores. Tudo via o Cubozama da ſua fortaleza, ſem nada o abrandar. Entaõ por ultimo remedio determinou Nobunãga levantar quatro fortalezas ao redor daquella, em que eſtava o Cubozama, pera lhe naõ poderem entrar ſocorros, nem viveres, & nomear por Cubozama a hum filho do Dayri.

13 Eſta reſoluçaõ amedrontou ao Cubozama, & obrigou a pedir pazes a Nobunanga. Eſtas ſe fizeraõ, ainda que de tal modo, que bem ſe via, que o Cubozama sò vinha nellas por remir ſua vexaſſaõ. Logo Nobunanga levantou o campo, & na volta pera o Reyno de Vomi deſbaratou huma Univerſidade de Bonzos chamada Facuſangi, que havia ſeiscentos annos florecia em riquezas, & grãdeza, ſem por eſtes ſeculos ter padecido alguma deſtroiçaõ. Nella eraõ muitos, & mui ricos os templos, & moſteiros, tudo foi roubado, & depois reduzido a cinzas com eſpanto dos gentios, que tinhaõ a eſte homem por hum açoute

dos seus idolos, & os Christaõs o chamavaõ açoute tomado por Deos, pera castigar o gentilismo. Tanto que se partio, os Christaõs levaraõ ao Padre Froes pera a Cidade: bem dezejara elle visitar no arrayal a Nobunanga, mas naõ o pode fazer, por se ter ja retirado.

14 O Principe, que com seus soldados presidiava a fortaleza do Cubozama, era finissimo Christaõ, frequentemente vinha à nossa igreja, & por seu meyo muitos gentios ouviaõ o Catecismo, & muitos delles Senhores de cõta, com que a fé hia cobrando alentos. Este Principe se chamava Joaõ, senhor de boas fortalezas. Nesta occasiaõ bautizou o Padre Froes a hum seu Irmaõ. Naõ refiro em particular outros bautismos, por naõ intervir nelles cousa fóra do ordinario.

CAPITULO LVI.

Referemse algumas viagens, & trabalhos, em que se vio o P. Froes.

1 DEpois de ter estado por annos no Miaco, & ter alli grangeado com immensos trabalhos, & perigos assento aos prégadores do Evangelho, sendo elle hum dos primeiros Apostolos daquelles Reynos depois do glorioso P. Saõ Francisco Xavier, foi mandado pera o Reyno de Bungo pello Padre Francisco Cabral, ficando em seu lugar no Miaco o Padre Ioaõ Francisco Italiano com o Padre Organtino.

2 Vespora da Circuncisaõ no fim do anno de 1577. se partio do Miaco: nesse dia chegou a huma fortaleza toda de Christaõs, depois de os ajuntar lhes fez huma pratica sobre as palavras: *Non habemus hic civitatem permanẽtem*, depois no discurso aplicando isto a si, que tantos annos havia, estava no Miaco, & agora passava a outra terra, foi tal o pranto, pello muito, que o amavaõ, que tudo foraõ soluços, & lagrimas nos Christaõs, & no Padre.

3 No dia seguinte continuou a jornada, & apenas se podiaõ desaferrar delle os Christaõs, a cada outeiro achava multidaõ delles, que o esperavaõ com os filhinhos postos no caminho, os quais lhe tiravaõ da roupeta, como pera

ra o deterem, & diziaõ tantas laſtimas, que cortavaõ o coraçaõ.

4 Chegando à terra, onde ſe havia de embarcar, ſe hoſpedou em hum moſteiro de Bonzos, os quais paſmavaõ de ver o amor, que lhe tinhaõ os Chriſtaõs, que em grande numero alli vieraõ. Sendo pella meya noyte, fazendo bom luar ſahio com os Chriſtaõs à praya do mar, & lhes fez huma exortaçaõ, porem as lagrimas eraõ tantas, q̃ naõ davaõ lugar a ouvir palavras; depois pondoſe o Padre, & todos de joelhos rezaraõ tres Padres noſſos, & Ave Marias; & ſaudando-os o Padre ſe embarcou, indo com elle dous Iapoens Chriſtaõs.

5 Chegaraõ a hum porto chamado Xivaqui. Onde por ſer quaſi em veſporas do primeiro dia do anno novo de Iapaõ, ouve muita difficuldade, em achar embarcaçaõ. Succedeo alli, que achandoſe mal huma peſſoa da viſinhãça, o hoſpede pedio ao Padre, ſe tinha alguma mezinha. Deulhe pedra de bazar, com taõ bom ſucceſſo, que logo a peſſoa melhorou. Correo fama pella terra, que eſtava alli hum medico raro. Comeſſaraõ a concorrer ao Padre enfermos de toda a ſorte. Por mais, que elle dizia, naõ ſer Medico, naõ havia fazer, com que o creſſem: Em huma carta a outro Padre tem eſtas palavras: *Digolhe, que dezejei entaõ de ſer Sancto, ou ao menos, que naõ fora taõ grande peccador, & inſtromento taõ remoto, pera que noſſo Senhor por ſua piedade concorrera alli com ſua graça.*

6 De Xivaqui partio, indo os marinheiros cheos de medo por cauſa dos muitos ladroens, q̃ infeſtavaõ o mar, mas foi Deos ſervido de chegarem a ſalvamento, ſem terẽ ſemelhantes encontros. Veſpora do anno bom de Iapaõ, que coſtuma ſer o primeiro da Lua de Fevereiro, entrou o Padre no porto de Funay, que he no Reyno de Bungo, pera onde hia. Logo paſſou pera Uzuqui corte del-Rey de Bungo, por ſer alli a principal aſſiſtencia dos Padres. Todos ſe conſolaraõ muito em o Senhor.

7 Dahi a poucos dias ſahio o Padre Froes com hũ Irmaõ Japaõ a hum lugar diſtante como nove legoas, aſſim pera confeſſar os Chriſtaõs, como pera prégar aos gentios. Alli havia hum lavrador com dous filhos, & huma filha, a quem o demonio coſtumava deſinquietar. Explicãdoſe aos Catecumenos a doutrina, chegando ao ponto, de

como

Como Chriſto por nos ſalvar, morrera em huma Cruz, entrou o Demonio cõ eſtranha furia na filha do lavrador, dizendo, que ſe queria deitar no fogo, & naõ ouvir aquillo. Fezlhe o P. Froes os exorciſmos, logo ſe aquietou, & tomou na boca o ſancto nome de JESU, que antes nunca quiſera nomear. Continuou em ouvir a prégaçaõ; & no dia ſeguinte a todos bautizou o Padre, & nunca mais foraõ vexados do eſpirito maligno.

8 Naõ foi menos admiravel o effeito do ſancto bautiſmo, que o P. Luis Froes deu a hũa gentia, q̃ eſtava ja tiſica incuravel, ſem poder ſahir da cama, pedio ſer inſtruida na fé, depois ſe fez trazer em braços à Igreja, aonde dezejava ſer bautizada. Recebeo o Sacramento da maõ do P. Froes, & dahi a alguns dias veyo à Igreja ſaã, & reſtituida a ſuas forças. Alli deu graças a Deos, & à Senhora por taõ eſpecial favor.

9 No tempo, que o P. Froes eſteve em Bungo ouve mudanças mui notaveis, & por vezes eſteve, & os mais da Cõpanhia em perigo evidente de ſerem mortos pellos gentios. Huma vez foi o perigo por raiva da Rainha, & de hum ſeu Jrmaõ, cujo filho adoptivo ſe tinha bautizado. Livrouos o Rey de Bungo, que neſte tempo erâ jâ quaſi Catecumeno, & depois foi bautizado, tomando em hõra do Sancto Xavier o nome de Franciſco. A outra occaſiaõ foi hum mao ſucceſſo, que tiveraõ as armas de Bungo. Os gentios o atribuiraõ à ley de Deos, & a caſtigo dos ſeus idolos, cujos templos el-Rey mandara aſſolar. De todos eſtes grandes perigos foi Deos ſervido livrar os Padres.

10 No anno de 1581 voltou o P. Froes às partes do Miaco em Cõpanhia do P. Alexandre Valignano Viſitador das Chriſtandades de Japaõ. Dos perigos da viagem os livrou o Senhor; & chegaraõ todos ao Miaco em occaſiaõ, que Nobunanga fazia humas feſtas, nas quais queria dar moſtras de ſeu grande poder. Ellas ſe celebraraõ cõ cõcurſo de principes, & gentes innumeraveis, aparato, & põpa em tudo Real. Quis o Rey, que o P. Viſitador, & mais Padres aſſiſtiſſem. O que naõ foi de pequena reputaçaõ pera noſſa ſancta fé; por ſerem aſſim hõrados os prégadores della por Nobunanga diante de todo o Japaõ.

11 Deſta Cidade mandou o P. Viſitador intentar huma nova miſſaõ no Reyno de Yechigen pello P. Luis Froes,

es, cõ occaſiaõ de mandar viſitar a hum fidalgo Chriſtaõ, que cõ inſtancia pedia, foſſe lâ hum Padre, pera o confeſſar a elle, & a ſua familia. Diſta eſte Reyno do Miaco ſincoenta legoas. Nunca lâ tinha ido Padre algum. O primeiro, que nelle diſſe miſſa, foi o P. Luis Froes. Chegando a huma Cidade chamada Nangafama, correo logo pella terra, que vinha hum homem eſtranho; acodio infinito povo, dando muitos gritos, huns riaõ, outros zombavaõ, outros diziaõ blaſphemias, & vituperios: pera iſto durar mais, ſuccedeo, naõ acertarem logo cõ apouſada; depois de muitas voltas deraõ cõ a caſa, onde hiaõ encaminhados. O hoſpede mandou fechar a porta, pera ſe defender da turba; porem tres, ou quatro vezes a arrõbaraõ pera ver o homem eſtranho.

12 Chegando ao Reyno de Yechigen o recebeo Dario, eſte era o nome do fidalgo Chriſtaõ, como a Anjo do Ceo. Divulgada a fama, vinha muita gente a ouvir a ley de Deos; ſinco, & ſeis vezes elle, & o Irmaõ ſeu cõpanheiro prégavaõ no dia. Grande parte da noyte gaſtava o P. em ſóltar duvidas. Alli fez ſincoenta Chriſtaõs, & ſe começou a levantar huma pequena Igreja. Ficou Dario como pay, & paſtor daquelle pequeno rebanho: porque o P. Froes ſe naõ pode alli deter, aſſim por adoecer o Irmaõ ſeu cõpanheiro, como por outras cauſas mui urgentes.

13 Na volta paſſando por outra terra, onde avia dous Chriſtaõs, ſe deteve quatro, ou ſinco dias. Ouviraõ os gentios os myſterios da fé; & tambem alli fez alguns Chriſtaõs, deixando porta aberta pera uovas cõverſoens. Sahindo deſte lugar o veyo acõpanhando o Chriſtaõ, quando entrou o Diabo no cavallo, em que o Chriſtaõ hia: começouſſe a empinar taõ eſtranhamente, que deu em terra cõ o cavaleiro, logo ſe enviou a elle cõ os pes, & com os dentes, parecia querer comelo a pedaços.

14 Foi iſto cõ tal furia, que naõ pode ſer ſocorrido. Finalmente o deixou cuberto de ſangue, & meyo morto ſem falla. Mago-ouſe muito o Padre, aſſim pello perigo do Chriſtaõ, que era eſteo dos mais; como porque ſe podiaõ eſfriar os outros novos Chriſtaõs, & tomar agouro os gentios, de que os ſeus idolos caſtigavaõ aquelle Chriſtaõ. Paſſado algum tempo tornou em ſi; conſolandoo o Padre, reſpõdeo, que bem entendia, ſer tudo enredo do Demonio,

Digitized by Google

nio, pera perturbar aquella nova Chriſtandade: mas que ſe fizeſſe nelle a võtade de Deos.

15 Quis o P. voltar a traz, a iſto reſiſtio, dizendo: que elle tinha comungado, & confeſſado ſeus peccados, que naõ cõvinha ir o P. porque ſe morreſſe, dirlhehiaõ os gentios, o que quizeſſem; que pera lhe aſſiſtir à morte, em caſo, que Deos diſpùzeſſe de ſua vida, baſtava o Irmaõ, que como Japaõ, ſe entenderia melhor com os gentios. Parecendo aſſim melhor a todos, o Irmaõ acõpanhou o ferido, & o P. proſeguio ſeu caminho.

16 No anno de 1582 teve o P. Froes no Miaco, onde eſtava, & os outros Padres, & Irmaõs da noſſa Cõpapanhia, hum grande perigo; porque ſuccedeo em Julho do meſmo anno ſer morto à traiçaõ no Miaco o famoſo Rey Nobunanga por hum ſeu Capitaõ: tudo ſe revolveo em forma, que parecia hum dia do juiſo. Sendo infinitas as mortes, os roubos, & os incendios: porem naõ permittio Deos, que nelles acabaſſem ſeus ſervos. Nobunanga ſempre favoreceo aos Padres. Foi açoute dos idolos, & Bõzos. Sendo Rey de sò meyo Reyno, chegou a ſogeitar alẽ de ſincoenta Reynos; & actualmente tinha entre maõs a empreza de ſogeitar os ultimos Reynos, que lhe reſtavaõ, pera ſer ſenhor de todo o Japaõ. E depois ententava formar huma poderoſa armada, & paſſar a cõquiſtar o Imperio da China.

17 A tudo abrangiaõ ſeus grandes eſpiritos, os quais chegaraõ a tanta ſoberba, que ſendo elle homem, que naõ conhecia aver Deos, ſe edificou a ſi meſmo hum ſumptuoſo templo na ſua Cidade de Anzuquiama, & alli ſe fez adorar. Fazendo eſta Cidade na grandeza a mais arrogante de Iapaõ; onde tinha infinitos tezouros: os quais o traidor diſtribuio todos dentro de poucos dias, & Anzuquiama foi toda reduzida a cinzas. Reſtando de Nobunanga sò o nome na memoria dos homens.

18 O matador aſſás teve, que ſe divertir, em diſpor as ſuas cõveniencias, poriſſo ainda que era inimigo da ley de Deos, naõ teve lugar, pera fazer mal aos Padres. Naõ lhe durou eſta qualquer gloria de ter morto a hum dos maiores Monarcas do mundo, mais, que doze dias: porque logo o carregaraõ cõ tanto poder os outros capitens de Nobunanga, que lhe foi neceſſario fogir sò de huma forta-

Digitized by Google

leza, onde o puzeraõ de cerco; & neſta fugida o matou hũ lavrador. Seu corpo foi trazido ao Miaco, cõ muitas cabeças, dos que ſeguiraõ ſuas partes, pera ſe celebrarem as exequias de Nobunanga: & diz o P. Froes, que as cabeſſas, que ſe amõtoaraõ no lugar, onde fora morto Nobunãga, ſeriaõ como duas mil; & que por ſer o tempo de muitas calmas, era intolerando o cheiro, que cauſavaõ, & poriſſo fora neceſſario fechar as janelas da noſſa caſa, que cahiaõ pera aquella parte da Cidade.

CAPITULO LVII.

Da Mudança, que tiveraõ as couſas em Japaõ, & da morte do P. Luis Froes.

1 NEſta grande mudança, que tiveraõ as couſas de Japaõ, veyo a ficár ultimamente cõ o dominio Faxiba, que depois de outros nomes, que teve, he mui conhecido pello de Taycozama. Eſte homem ſendo de nacimento viliſſimo, por ſuas grandes habilidades chegou a ſer hum dos mais eſtimados de Nobunanga: & morto elle, ſe ſoube aver cõ tal deſtreza, que alem de ſe apoſſar dos Reynos de Nobunanga, cõquiſtou os outros de Japaõ, que atte alli naõ obedeciaõ a Nobunanga. Cõ eſtas victorias ſe fez ſenhor de ſeſſenta, & ſeis Reynos, de que ſe cõpoem as ilhas de Iapaõ. Avendo mais de quinhentos años, que nenhum outro chegara a tanta grandeza naquelles Reynos.

2 No anno de 1586 paſſou o noſſo P. Viceprovincial a viſitar as Chriſtandades do Miaco levando em ſua cõpanhia ao P. Luis Froes. Duvidouſe muito do ſucceſſo, que averia na viſita de Taycozama, porque elle cõ a fortuna eſtava taõ arrogante, que ainda de grandes Reys fazia mui pouco caſo. Porem foi Deos ſervido, de que recebeſſe ao P. Viceprovincial cõ muito mais honra daquella, que Nobunanga uſava com os noſſos Religioſos, como fica referido. Era interprete o P. Luis Froes, por ſer mui eloquente na lingoa de Iapaõ.

3 Taycozama lhe moſtrou eſpecial agrado trazendolhe à memoria a diſputa, que tivera cõ Nequijo diante de No-

Nobũnanga, dizendo, que elle naquella occaſiaõ acodira pello Padre. Louvou muito o deſentereſſe, cõ que os Padres ſe aviaõ em Japaõ, pois sò procuravaõ dilatar a ſua ley. Depois elle meſmo lhe foi moſtrando o ſeu paço, em que era immenſa a riqueza, & tudo a meſma Mageſtade. Eſte homem tinha tomado por empreza fazer em Ozaca huma Cidade, que naõ ouveſſe couſa igual. Nella a eſte tempo, que os Padres o viſitaraõ, trabalhavaõ como ſeſſenta mil homens; & nas obras, que fazia no Miaco trazia outra tanta gente.

4 Alcançou delle o Padre licença, pera em todos os ſeus Reynos ſe poder livremente prégar a ley de Chriſto. Tambem delle alcançou, que nas Igrejas ſe naõ pudeſſem alojar ſoldados, como o faziaõ em todos os moſteiros dos Bonzos. Nem foſſem os da Cõpanhia, nem ſuas Igrejas ſogeitos a certas impoſiçoens das ruas, em que moraſſem, ſegundo ſe uſava cõ os mais, que era couſa muito moleſta. Todas eſtas merces cõcedeo Taycozama de graça, ſendo, que ſe outrem intentaſſe qualquer deſtas izençoens, ainaõ conſeguiria, ſem dar por ella muitos mil cruzados.

5 Todas eſtas liberalidades foraõ hum prégaõ, que ſe lançou por todo o Japaõ em honra da noſſa fé, por eſtarem em Ozaca os principais ſenhores de toda a Monarquia, & ſer iſto como nos olhos de todos. Com eſta occaſiaõ ſobiraõ as Chriſtandades daquelle imperio a grandiſſimos acrecentamentos, avia muitos fidalgos, & ſenhores Chriſtaõs. Viaõſe os exercitos cheos de bandeiras, & eſtandartes com o ſinal da Sancta Cruz, que era a inſignia dos Principes, & Capitens Chriſtaõs.

6 Toda eſta gloria, em que tinhaõ tanta parte os trabalhos do P. Luis Froes, pois fora dos primeiros Miſſionarios de Japaõ, a vio pera magoa ſua irſe eclipſando com a grande tormenta, que Taycozama naõ muito tempo depois daquelles extraordinarios favores levantou cõtra toda a Igreja de Japaõ. Sahira elle em peſſoa cõ formidavel exercito a cõquiſtar os Reynos de Yamanguchi, que ſaõ no ultimo Japaõ pera as partes de Nangazaqui. Depois de os conquiſtar, foi o noſſo P. Viceprovincial viziталo à Cidade de Facata, & darlhe o parabem dos ſeus triunphos.

7 Elle o recebeo com ſingular agrado, como na occa-

ſiaõ paſſada o tinha feito. He de ſaber, que eſte tirano alẽ de outros vicios, era grandemente luxurioſo, & tinha miniſtros deputados, que por todo o Japaõ lhe buſcaſſem dõzellas de bõ parecer, iſto ſe fazia ſem attender, a que foſſem filhas de grandes ſenhores, & Reys, porque ninguẽ ſe lhe atrevia. Succedeo, que hum Bonzo ſeu valido, por ſer neſtas agencias ſingularmente induſtrioſo, quis levar a Taycozama algumas donzellas Chriſtans: porem ellas abominando tanta maldade ſe eſconderam, ſem o Bonzo as poder aver. Ficou diſto notavelmente magoado, tendoo por grande afronta de Taycozama: & diſſe, que pois a ſua ley tal couſa lhes enſinava, que elle faria com ſeu ſenhor, o choraſſem bem os Chriſtaõs.

8 Iſto ſuppoſto, huma noyte eſtando ſobre cea, converſando Taycozama com os ſeus aulicos, dos quais hum era o dito Bonzo: lhe comeſſou eſte a fazer grandes queyxas dos Chriſtaõs, de que eraõ rebeldes a ſeu goſto; de que cõ pretexto da ley, ſe hiaõ fazendo taõ ſenhores, que depreſſa ninguem poderia com elles, por ſerem entreſi mui unidos. A eſte teor foi continuando a pratica. Penetrouſe tanto della Taycozama, que ſem mais cuidar em couſa de tanto pezo, logo naquella noyte tirou o eſtado a hum grãde ſenhor Chriſtaõ. Fez hum decreto, em que mandava, que dentro de vinte dias todos os Padres ſahiſſem de Japaõ, ſuas cazas, & Igrejas foſſem tomadas, deſfeitas as cruzes, & outros rigores, que ſe deyxam conſiderar de furor taõ arrebatado, & poderoſo.

9 Por varias rezoens, que ouve, & diligencias, que ſe puzeraõ, por entaõ pouco a pouco eſte furor ſe esfriou algum tanto, & puderaõ os Padres ficar em Japaõ em varios dominios de ſenhores Chriſtaõs, procedendo cõ cautela, por naõ lançar azeite no fogo. Mudaraõ o traje, tomando outro de homens, que eſtavaõ como de caminho. Exercitavaõ os ſeus miniſterios tendo as Igrejas fechadas, & outras circunſpecçoens, em que moſtravaõ, ter reſpeito às diſpoſiçoens reais. Tudo ſabia Taycozama, mas como lhe paſſaraõ as primeiras coleras, davaſe por deſentendido, contentandoſe com aquelle reſpeito, & temor, que ſe lhe moſtrava. Correo neſta forma a Chriſtandade com notaveis aumentos desde o anno de 1582, atte o de 1591.

10 Sobrevieraõ depois outras rezoens de eſtado, com

que

que crecco em Tayocozama a desconfiança dos Christãos atiſſada pellos hereges Olandezes, & Ingreſes, que lhe diſſeraõ, ſer aquella traça de fazer Chriſtãos, meyo de que el-Rey de Heſpanha ſe aproveitava, pera ſogeitar Reynos taõ diſtantes; porque depois de aver muitos Chriſtãos, com pretexto de os ajudar contra os gentios, ſe fazia ſenhor dos Reynos.

11 No anno de 1597 mandou matar alguns Religioſos Capuchos de Saõ Franciſco sò por ſe atreverem a prégar às claras a ley de Chriſto. Neſta occaſiaõ padeceraõ tambem martyrio tres da Companhia por ſerem prégadores do Evangelho: & todos hoje eſtaõ declarados por Martyres, & a Igreja os celebra em ſinco de Fevereiro.

12 Neſte meſmo anno foi Deos Noſſo Senhor ſervido de apremiar os trabalhos de tantos annos do P. Luis Froes. Eſtando em Nangazaqui lhe ſobreveyo huma infermidade, que lhe durou tempo largo, naqual deu grandes exemplos de virtude, & depois de receber os ſanctos Sacramentos com muita paz, & ſoccego, entregou ſeu eſpirito nas maõs de ſeu Creador aos oito do mes de Julho de 1597.

13 Foi o P. Luis Froes miſſionario de grande eſpirito, & padecendo por toda a vida muitos achaques na ſaude, nunca ſe poupou ao trabalho. Teve eſpecial graça de dar ſaude a enfermos, & a deu a muitos incuraveis. Elle com ſingular zelo eſcrevia muitas cartas dos progreſſos das Chriſtandades de Japaõ, pera com ellas afervorar os noſſos Religioſos de Europa: a liçaõ deſtas levou a muitos pera as miſſoens do Oriente. Andaõ impreſſas em hum grãde volume, que o Senhor Dom Theotonio Arcebiſpo de Evora grande protector das miſſoens de Japaõ mandou imprimir.

14 Deſtas ſuas cartas recolhi eſta ſua vida, & tambem das de outros Religioſos noſſos da provincia de Japaõ. O P. Euzebio a tras em hum dos ſeus tomos, porem taõ breve, que naõ occupa meya folha de papel, ſendo tudo o que aqui fica, mui pouco pera o que elle padeceo, & obrou.

15 Da patria onde naceo, diz o noſſo P. Telles ſer Lisboa, & delle entendo o tirou Jorge Cardozo no ſeu Agiologio, no qual tras a memoria deſte Padre em oito de Ja-

Janeyro. Porem a Biblioteca da Companhia, que neſta materia merece toda a autoridade, diz ſer natural da Cidade de Beja. Naõ he a patria do P. Froescouſa, que ſe poſſa occultar; pois he ſem duvida, que como foi Padre taõ antigo, & que tantos annos viveo na Companhia, hâ de eſtar ſua patria em Roma nos catalogos dos ſogeitos da provincia de Japaõ, & iſto por vezes repetidas, ſegundo o eſtilo, que tem a Companhia. E as noticias, que ſe lançaõ em a Biblioteca ſaõ couſas averiguadas.

16 O noſſo P. Nadaſi faz deſte Padre huma breve commemoraçaõ aos oito de Julho; & tem, que depois da morte aparecera a hum Japaõ donato da Companhia, & que põdo os olhos no Ceo com modo cheo de piedade, & devaçaõ lhe diſſera: *Faze, o que eu faço, & louva a Deos.* Tambem ſe faz mençaõ dos trabalhos, & empregos do P. Luis Froes na ſegunda, terceira, & quarta parte da Hiſtoria geral da Companhia.

FIM.

LIVRO SEGUNDO DA IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DE LISBOA da Companhia de JESU.

EM QUE SE CONTEM AS VIDAS DE alguns servos de Deos, que foraõ Noviços na caza de Saõ Roque, & na de Campolide.

CAPITULO I.

Vida do Veneravel P. Doutor Sebastiaõ Barradas. De sua entrada na Companhia, devaçaõ, que teve a Senhora, & ao Sanctissimo.

Em Coimbra aos 14. de Abril de 1615.

1 FOI este sancto homem huma das grandes luzes, com que Deos enriqueceo a nossa Companhia, & com que muito illustrou a Provincia de Portugal. Naceo este grande Padre, & Doutor mui esclarecido na Corte de Lisboa, de pays nobres, no anno de mil quinhentos quarenta, & dous; seus nomes eraõ Aleyxo Coelho, & Caterina Barradas. De seus principios mostrou tanta virtude em todas suas acçoens, que quando entrou na Companhia, se disse delle, que sò mudara o vestido, porque os costumes naõ tinhaõ, que mudar, por serem mui sanctos.

2 Estu-

2 Eſtudou em as noſſas eſcolas de Sancto Antaõ o Velho. Logo foi dando moſtras, do que avia de ſer o ſeu ingenho, & talento. Tratando el-Rey Dom Joaõ o terceiro de nos entregar o cuidado das eſcolas menores do Collegio de Coimbra, os noſſos meſtres de Sancto Antaõ, onde jâ avia eſtudos, pera dar alguma moſtra de ſeus diſcipulos diante del-Rey, cada-hum levou ſeu diſcipulo mui bem inſtruido ao paço, & alli diante del-Rey, & mais peſſoas Reais, & o bom da Corte, fizeraõ os diſcipulos huma reprezentaçaõ, & diſſeraõ ſeus verſos. Foi ſingular o aplauſo, hum dos eſtudantes era o noſſo Sebaſtiaõ Barradas, o qual fez o ſeu papel com tal alma, que foi huma ſuſpenſaõ. Admirada a Rainha dona Catherina, diſſe ao ſeu Meſtre, apontando pera o menino: *A eſte açoutem-no bem, que ha de ſer homem.* Ella o diſſe, & o ſucceſſo veyo a confirmar o ſeu dito.

3 Foi fama conſtante, que a Senhora da Eſcada, que he de muita devaçaõ no convento de Saõ Domingos de Lisboa, lhe diſſera; que entraſſe na Companhia. A devaçaõ, que eſte Sancto Padre teve à May de Deos, tudo iſto, & mais faz crivel. Tendo deſaſeis annos de idade foi acceito na Companhia,& recebido na caſa de Saõ Roque aos vinte, & ſete de Setembro de mil quinhentos ſincoenta, & oito. Depois foi continuar ſeu Noviçiado em Coimbra.

4 Moſtrou ſempre em ſeus coſtumes, que tinha mais de Anjo, que de homem, porque em todas as ſuas acçoens ſe naõ via mais que hum eſpelho de virtude, & perfeiçaõ. Nos eſtudos, a que ſe aplicou depois do Noviciado, foi eminente. Enſinou letras humanas. No anno de mil quinhentos ſetenta, & hum mandando o Padre Provincial enſinar em Evora a lingua Grega, fez della Meſtre o P. Sebaſtiaõ Barradas, que neſte tẽpo era Theologo. Tomando no dito anno o grao de Doutor o Sapientiſſimo P. Luis de Molina, foi ſeu paranympho o P. Sebaſtiaõ Barradas, & defendeo as concluſoens, que na tal ſolẽnidade ſe coſtumam. Depois, que eſte ſabio Padre enſinou Philoſophia, como era taõ excellente no talento de prégar, o mandaraõ ler a ſancta Eſcriptura. Enſinou eſta ſciencia divina no Collegio de Coimbra, & na Univerſidade de Evora por muitos annos, onde tomou o grao de Doutor na Sancta Theologia.

5 Pe-

5 Pera louvor da excellencia do ſeu magiſterio temos nos ſeus doutiſſimos livros o mais abonado teſtimunho. Em todo o mundo foraõ ſempre tidos em grandiſſima eſtimaçaõ, por ſerem na materia de que trataõ taõ cheos de piedade, & ſancta erudiçaõ, que apenas ſe pode dezejar couſa mais excellente.

6 Porem indo aos exemplos de ſuas virtudes, referirei com pouca mudança de palavras a narraçaõ, que dellas fez, o mui virtuoſo, & douto P. Diogo Seco, que depois, indo Biſpo pera Ethiopia, falleceo no mar, como em ſua vida eſcrevo.

7 Confirmouſſe muito a opiniaõ, que avia, de que a Senhora da Eſcada o mandara entrar na Companhia, com o que lhe aconteceo com certo Irmaõ: eſtava elle vacillante na vocaçaõ, ſentio iſto o P. Barradas, & querendolhe moſtrar o muito bem, que tinha na Companhia, & quanto perdia com taõ deſacertada reſoluçaõ, lhe diſſe: *He eſte bem tal, que Noſſa Senhora me diſſe, que entraſſe na Companhia.* Acrecentando repetidas vezes com muito fervor: *Ella mo diſſe, ella meſma.*

8 O conſelho, que dava commumente aos Irmaõs, com quem fallava, era, que foſſem muito devotos de Noſſa Senhora, porque por ſua interceſſaõ ſe entrava, & perſeverava na Religiaõ. Elle o foi ſempre em tanto grao, q quando fallava em ſuas couſas, parece tinha em ſua alma grandes affectos, & piedade, o que moſtrava nas palavras, meneos, & ainda nos olhos; porque todo ſe veſtia de hum novo, & entranhavel fervor, como muitos por vezes nelle notaraõ.

9 Naõ podia ſofrer ver imagem, ou nome da Senhora, ſenaõ com muita decencia: ſe acazo achava ſemelhantes imagens no corredor, ou aonde naõ eſtiveſſem, como era rezaõ, as recolhia, & trazia no ſeu breviario com muita veneraçaõ, ſendo aſſim, que por pobreza, naõ queria nelle outras, queyxandoſe com as lagrimas nos olhos de aver, quem com taõ pouco reſpeito trataſſe tais imagens.

10 Todos os dias lhe fazia colloquios ſuaviſſimos, alem de outras muitas devaçoens, que ordinariamente lhe rezava com tanto affecto, que moſtrava bem nas palavras, & goſto exterior o grande reſpeito, & devaçaõ cordeal, que na alma tinha à Virgem Senhora, por cujo reſpeito,

dizia muitas vezes, o ſofria Deos a elle, & a todos os mais peccadores. Eſta devaçaõ ſe vê bem no que eſcreve da Senhora no primeiro tomo de ſuas obras, porque confeſſaraõ homens doutos, & ſanctos, que na materia tinhaõ bom voto; naõ ſaberem Autor, que com mais affecto, ſuavidade, erudiçaõ, trataſſe a vida da Senhora. Muitos homens eſtrangeiros, & doutos eſcreveraõ a Portugal, ſendo elle ainda vivo, encarecendo muito a erudiçaõ, & piedade, cõ que fallava, & eſcrevia da Senhora.

11 Naõ foi inferior a eſta, a devaçaõ, que teve ao Sanctiſſimo Sacramento. No Collegio de Coimbra foi celebre, o que lhe aconteceo ſendo de pouca idade. Da grãde piedade, & amor, com que huma ves recebeo o Senhor, ſe enlevou tanto nelle, que desfalleceo com hum accidente o corpo, ou por dizer, o que foi, com hum deſmayo, dos que padecia a alma da eſpoſa ſancta. Foi chamado à preſſa o Doutor Thomas Rodrigues da Veyga lẽte mui afamado de Medicina, que curava no Collegio, & tomandolhe o pulſo, diſſe com muita graça aos Padres, que eſtavaõ prezentes, que daquelles accidentes tomara elle ter alguns, que o deixaſſem, que logo ſararia, que aquella doença era de devaçaõ.

12 Todos os dias ordinariamente dizia Miſſa, ainda quando eſtava taõ fraco, que era neceſſario, que os Irmaõs o levaſſem, & trouxeſſem nos braços. Pera ella ſe aparelhava com duas, & tres horas de oraçaõ, antes de ſahir do cubiculo, & com colloquios de grande devaçaõ. Naõ faltou algum Religioſo, que neſte tempo o hia ouvir, pera ſe afervorar. Com a meſma continuava ainda depois de entrar na capella por algum eſpaço de tẽpo, antes de ſe reveſtir.

13 Na Miſſa gaſtava de ordinario huma hora, & às vezes ſinco quartos, grande parte delles detendoſe, antes de comungar com o Senhor nas maõs em larga meditaçaõ, & fervoroſos colloquios ſempre com muitas lagrimas. Por vezes lhe aconteceo penetrarſe tanto neſta devaçaõ, que parecia, perder totalmente o ſentido de todas as outras couſas, & nem de ſi meſmo ſe lembrava. Era neceſſario ao miniſtro, que lhe ajudava, puxandolhe pella alva, advertilo do lugar, & tempo, em que eſtava.

14 Quando recebia o Sanctiſſimo Sacramento tremia no-

Digitized by Google

notavelmente com todo o corpo, pello reſpeito, & piedade, com que tratava eſte divino myſterio, & o meſmo queria, tiveſſem todos, os que ajudavaõ âs Miſſas; o que naõ sò enſinava com palavras, mas com exemplos, porq̃ quando por doença naõ podia dizer Miſſa, & a ouvia, moſtrava tanto reſpeito, & reverencia na poſtura, & compoſiçaõ exterior, que cauſava devaçaõ a todos, os que o viaõ.

15 Acábada a Miſſa, ficava ſempre por bom eſpaço de tempo na capella, fazendo ſahir o miniſtro, que lhe ajudara, & nella com colloquios ſuaviſſimos dava graças a Deos pella inſtituiçaõ do Sanctiſſimo Sacramento, & pello fazer a elle participante de taõ grande bem, começando por eſtas palavras: *Pro auguſtiſſima, & ſtupendiſſima menſa corporis, & ſanguinis tui*: Repetindo cada huma deſtas couſas tres vezes. Diſcorria mais neſte tempo por todos os myſterios da Payxaõ de Chriſto Senhor Noſſo, dandolhe graças por cada hum em particular com oraçoens, & palavras de grande affecto, que pera iſſo tinha: & ultimamente lhas dava pella vocaçaõ à Religiaõ, & perſeverança nella, & por todas as mais merces eſpirituais, & temporais, que tinha recebido; começando por eſtas palavras, que por ſerem ſuas, he bem, que fiquem em memoria: *Quia dediſti mihi hoc corpus cum membris ſuis ſanis, hanc animam cum potentijs ſuis ſanis, hanc infirmitatem in medio ſanitatum, hanc ſanitatem in medio infirmitatum.*

16 As vezes ſe enlevava tanto na conſideraçaõ deſte divino myſterio, que o acharaõ os Irmaõs algumas vezes na capella com os braços cruzados ſobre o peito, & roſto abrazado, ſem dar fé, de quem entrava, ou lahia. Em certa occaſiaõ ſe deyxou hum Irmaõ, que lhe ajudava à Miſſa, ficar acabada ella, donde o viſſe, ſem ſer viſto, & notou, que levantandoſe o ſancto velho do banquinho, em que por ſua fraqueza eſtava aſſentado tendo o quarto do recolhimento, ſe poz em pé no meyo da capella, & começou a fazer hum colloquio à Payxaõ do Senhor com os olhos fitos em hum Crucifixo, que diante de ſi tinha, dizendo eſtas formais palavras: *Ah Senhor JESUS donde vos merece eſte peccador neſta Cruz, pera o ſalvardes.* Depois de repetir muitas vezes eſtas palavras, ficou como por eſpaço de dous credos elevado, ate que ſe deyxou aſſim cahir no

chaõ. Entaõ lhe acodio o Irmaõ, que tudo notava, mas por mais que lhe bolio, naõ deu fé delle, nem de ſi, ſenaõ depois, que com alta vos o chamou por ſeu nome. Tanto que deu fé, ſentindoſe, de o terem viſto, deſpedio o Irmaõ, & ſe ficou na capella, a qual logo fechou por dentro.

17 Eſta devaçaõ lhe durava por muito tempo. Algumas vezes o chamavaõ pera a meza huma hora, ou mais depois da Miſſa, & advertia o Irmaõ, que o ſervia nella, naõ dava o Padre fé, doque comia, nem do lugar, onde eſtava, continuando a pratica com Deos com tanto fervor, que abria, & fechava os braços muitas vezes com a força delle. Pera fazer iſto mais conforme a ſua humildade, dizia ao Irmaõ, que lhe puzeſſe junto na meza, tudo o que tinha, que lhe dar, & ſe foſſe em bora; & aſſim gaſtava em praticas com Deos, todo o tempo, que eſtava na meza.

CAPITULO II.

De ſeu trato com Deos, eſpirito de mortificaçaõ, & zelo das almas.

1 A Medida da devaçaõ, que fica referida, era a dos mais exercicios eſpirituais. Bem ſe via, quanto Deos nelles ſe lhe comunicava, porque os ſuſpiros, & jaculatorias eraõ muitas, com a vos taõ alta, que o ouviaõ todos no corredor. Huma ves ſahio do cubiculo no tempo, que conſtumava, ter oraçaõ, & encontrando hum Irmaõ, lhe diſſe: *Eſtava agora meditando no Inferno, & reprezentouſeme taõ ao vivo, o que lá paſſava, que me parece, que morreria, ſe fora por diante com a meditaçaõ, & aſſim me ſahi pera fora pera me divertir.*

2 Hum Irmaõ, q̃ o ſervia, entrando no cubiculo, o achou em pè cõ as maõs levantadas muito alto, & o Breviario nellas, & o roſto muito abrazado, & tam enlevado em Deos, q̃ andou eſpaço de tempo fallando algumas couſas, atte q̃ mudando a poſtura, deu fé do Irmaõ, & ſe queyxou brandamente delle, dizendo: *Irmaõ, porq̃ naõ bateſtes à porta, antes de entrar.*

3 Viaſelhe eſte affecto, q̃ tinha pera com Deos, & quan-

quanto o trazia na alma, & deſprezava as mais couſas em qualquer pratica; com quaiſquer peſſoas rematava, dizendo: *Aſſim ſe acaba o mundo, aſſim acabamos todos*: eſtas palavras eraõ nelle taõ frequentes, q̃ podemos dizer, eraõ clauſula de tudo, quanto dizia. Em ſuas prégaçoens era celebre na ſua boca aquella autoridade: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas; & momentum, unde pendet eternitas.* Repetia muitas vezes nos ſermoẽs: *eternidade, eternidade*: & como tinha a voz mui clara, & penetrante fazia grande cõmoçam. Perguntado, porq̃ repetia tantas veſes eſta palavra, *eternidade*, reſpondeo; *porq̃ me faz tremer, & ſer bom homem.*

4 Em rezar o officio divino foi ſempre devotiſſimo conſiderando as palavras com igual attençam ao vagar, comq̃ as pronunciava. Nos ultimos tempos, q̃ viveo, gaſtava nelle ſinco, & ſeis horas. Porq̃ temia, q̃ lhe mandaſſẽ deyxar a reza, por ſe attender a ſua muita fraqueza, notaraõ muitos nelle, q̃ quando o viſitavaõ os Superiores, & Medicos, de induſtria ſe eſpertava, dizendo, q̃ tinha forças; & em prova diſto, dizendolhe huma ves o P. Reytor, que jâ naõ poderia dar hum brado, o deu muito alto, acreſcentando, que tinha ainda forças, que ſe atrevia a prégar, quanto mais a rezar o officio divino.

5 Foi alguns dias, quando rezava, perſeguido do ſono por cauſa da fraqueza; era de grande edificaçam, ver as couſas, que inventava, pera o deſpedir de ſi. Em dias de grande frio o vio hum Irmaõ com a janella aberta, & em corpo, & deſabotoado, como poderia eſtar na maior calma de Agoſto; & perguntandolhe, porque ſe tratava daquella ſorte, reſpondeo: *Irmaõ, eſtou aſſim, pera com o frio me livrar do ſono.* Outro dia o achou com agoa iunto de ſi reſando, na qual por muitas veſes metia a maõ, & molhava os olhos, & fontes pera o meſmo effeito. Diſendolhe, ſe naõ trataſſe tam mal, pois naõ tinha obrigaçaõ de rezar, por eſtar doente, que aſſim o diziaõ os Padres Letrados, a quem devia dar credito: reſpondeo: elles diſem iſſo, porque cuidaõ que eu eſtou fraco; porem eu tenho ainda por graça de Deos tantas forças, que poſſo prégar, & trabalhar.

6 Querendolhe o Medico perſuadir, que naõ reſaſſe, porque tinha doença, que o eſcuſava, reſpondeo rindoſe:

jâ

jâ que eu poſſo fallar com os homens, & voſſa merce me naõ manda, que naõ falle com elles; que naõ poſſa fallar com Deos me naõ mande tal couſa. Trabalhava por perſuadir a todos, que tinha ainda diſpoſiçaõ, & forças, pera ſuſtentar o trabalho de tam comprida reſa, como faſia, com tanta devaçaõ, & reverencia exterior, que a cauſava, aos que o ouviaõ. Alguns lhe entraraõ no cubiculo, quando rezava, sò pello ouvir, & ſepunhaõ a revolver livros diſſimuladamente, ſem elle o advertir. Naõ sò gaſtava em ſemelhantes exercicios muito tempo, pois era nos ultimos años cada dia perto de doze horas, mas ainda o melhor tẽpo, qual he o da manhãa, gaſtava em oraçaõ, Miſſa, & reza; & o eſtudo era depois de comer, aſſim ao jantar, como à noyte.

7 Vioſſe bem nelle, quam verdadeiro he, o que dizia noſſo Padre Sancto Ignacio, que aonde avia muita oraçaõ, avia muita mortificaçaõ, porque neſta foi hum raro exemplo atodos, os que o conheceraõ, & trataraõ: ſe bem procurava ſempre com alguma diſſimulaçaõ encobrir as mortificaçoens, que fazia. Eſtando no Collegio de Sancto Antaõ occupado na imprença do ſegundo tomo das ſuas obras, notou hum Irmaõ, que pouzava junto ao ſeu cubiculo, que todas as noytes, que alli eſteve, tomava diſciplina, & atte a huma da noyte ficava em oraçaõ, & depois de dada ella, tomava outra disciplina, & continuava ate as duas com colloquios, & jaculatorias, que fazia muito alto, no fim das quais tomava a terceira diſciplina.

8 Eſtandoſe diſciplinando huma noyte, ſe lhe ouviraõ eſtas palavras: *Barradas prègas? Pois has de prègar deſta maneira*; E dizendo iſto ſe açoutava com mais força, & tornava a repetir, *Aſſim has de prègar*, E continuava ferindoſe com mais rigor: Quanto parece, pera veneer algum penſamento, que tivera de vaidade, por lhe dizerem, que prégava bem.

9 Em certa occaſiaõ vindo de prégar de longe, achou no cubiculo a cama mais bem preparada, & concertada, do que elle a coſtumava ter. Foiſe à cerca, trouxe muitas ortigas, que meteo dentro, & ſe meteo à ſi entre ellas. Deſta penitencia uſou muitas veſes depois de ter prégado.

10 No refeitorio o vio o Irmaõ refeitoreiro debayxo da ſua meza, dando com a cabeça nas pedras, de que faõ

fci-

feitas as do Collegio de Coimbra, onde iſto era, dizendo: *Barradas na mula querias tu vir, & com gualdrapa?* Fóra o cazo, que naquelle dia tinha prégado no moſteiro de Sancta Clara, cujas ruinas ſe vem ainda hoje naõ longe da ponte do Mondego, aſſiſtio à prégaçaõ o Reytor da Univerſidade; & compadecido do trabalho, que o ſancto velho teria em andar depois da prégaçaõ taõ cõprida diſtãcia a pè,& por ladeiras, lhe offereceo a ſua mula. Ainda q̃ o Padre por nenhum modo quis aceitar, tomou daqui occaſiaõ, pera ſe mortificar, & confundir pella forma ſobredita.

11 Em quanto teve alguma força, pera ſe ſervir, nunca conſentio, que alguem lhe fizeſſe a cama, ou outra couſa ſemelhante, dizendo, que ninguem vinha a Religiaõ, pera ſer ſervido, ſenaõ pera ſervir. Querendolhe no veram hum Irmaõ alimpar a barra,em que dormia, por ter grande multidaõ de bichos, o tirava diſſo, dizendolhe; deyxayos eſtar, naõ fazeis mais, que eſpertalos, pera me darem peyor vida: eu me entendo com elles; todos ſomos bichos.

12 De quanto lhe davaõ pera comer, ſempre eſcolhia o peyor, & o mais deyxava. Muitas vezes advirtiraõ, que ou tomava o comer taõ quente, que eſcaldava, ou q̃ o tomava muito frio, occupandoſe em colloquios, & boas conſideraçoens, em quanto o prato ſe eſfriava de todo, pera aſſim mortificar o goſto. Se lhe davaõ alguma couſa, que pareceſſe extraordinaria, logo a afaſtava, dizendo,que naõ goſtava daquillo.

13 Deſte eſpirito de penitencia, & dezejo de quebrar em tudo a propria vontade, nacia o deſprezar os cõmodos, & bom tratamento, que nos Collegios podia ter, dezejando empregar ſua vida nas miſſoens, peregrinando de huns, em outros lugares, enſinando a doutrina, & prégado. Nos ultimos annos de ſua vida diſſe: que quando era moço, ſe cuidara, que avia de acabar a vida em Portugal, abafara de puro ſentimento. Das miſſoens ultramarinas viveo ſempre taõ afeiçoado, que quando delle ſe deſpediaõ, os que hiaõ pera ellas, moſtrava a ſancta invéja, que lhes tinha.

14 Com ſer taõ occupado,em vindo cartas das Miſſoens, as lia todas, & naõ ſe fartava de perguntar, & inquirir

rir os ſerviços, que nellas ſe faziaõ a Deos. Dezejava muito andar pellas terras do Reyno a pé, & com huns alforges às coſtas, niſto fallava com tal fervor, que o roſto lhe chamejava em ſe metendo neſta materia. A outros Padres de muitos annos de Religiaõ dizia em praticas particulares: *Padres, que fazemos? Porque naõ andamos prẽgando, porque me detem aqui, dem-me licença, que toda a vida gaſtarei em miſſoens.*

15 Dizendolhe hum Padre de autoridade: Voſſa Reverencia, como largaria ſeus livros, & a honra, que os ſegue. Reſpondeo: *Eu Padre fallo verdade, dem-me licença, pera os meter no fogo, que logo o farei ſem repugnancia: Deyxẽme converter almas.* Poucos mezes antes de morrer fez huma pratica deſta materia com tanto eſpirito, & zelo, q̃ igualmente edificou atodos, & os moveo a taõ elevado miniſterio.

16 Jâ, que naõ podia alcançar eſtas Miſſoens, pedia por vezes aos Padres Reytores, o mandaſſem prégar à Cidade, ou ao menos em caſa praticar, pera que naõ comeſſe de todo o paõ ocioſo, que tal nome punha elle à grande occupaçaõ, & trabalho, que tinhá em ſuas compoſiçoens, a elle tanto mais por naõ ter, nem querer, quem nellas o ajudaſſe em alguma couſa.

CAPITULO III.

Continuaſe o zelo do bem das almas, & de ſua rara pobreza.

1 NAõ parou sò nos dezejos eſte ſeu zelo. Foi de notavel ſerviço de Deos huma miſſaõ, que fez a pè com hum alforge às coſtas pella Provincia da Beyra quinze, ou dezaſſeis annos antes de ſua morte. Aſſim diſcorrendo vivia sô de eſmolas, ao modo, que o fizeraõ em Italia os noſſos primeiros Padres. Os povos lhe naõ ſabiaõ outro nome ſenaõ ó de Apoſtolo.

2 Succederaõlhe couſas mui notaveis. Huma peſſoa avia annos, que eſtava em graves peccados, compadecendoſe Deos de ſua miſeria, ouvio de noyte, que lhe diziaõ: Tal dia virâ aqui ter hum ſancto, confeſſate com elle, & faze,

faze, o que te diſſer pera remedio de tua conſciencia. No dia, que a vos lhe dizia, entrou naquelle lugar o Padre Sebaſtiaõ Barradas, com elle ſe confeſſou, & compôs as couſas de ſua conſciencia.

3 Trabalhando por fazer humas amizades entre dous homens, hum delles ſe moſtrou rebelde à vos de Deos, & nunca ſe quis dobrar. Entaõ o Padre lhe diſſe publicamente na rua, que ainda lhe avia de pezar, naõ querer tomar o conçelho, que lhe dava. Naõ tardou o caſtigo do Ceo, porque o homem em breve tempo morreo, & a ſua caza ſe deſtroio totalmente; & toda a gente o teve por caſtigo de naõ obedecer à vos do Padre.

4 Viveraõ ſempre na ſua memoria tantas ſaudades da aſpereza, com que fez eſta miſlaõ, que muitas vezes ſuſpirava por ella, & dizia, que ſe o deixaſſem os Superiores, folgaria de nunca a deixar, ſe naõ por alguns dias, em que ſe recolheſſe a exercicios. Nem ſe lhe acabaraõ eſtas ſaudades ſe naõ com a vida.

5 Eſtando pera morrer, dizendolhe hum noſſo Religioſo, que tinha os pés inchados; reſpondeo com grande ſentimento: *Irmaõ, ſe eu andara em miſſaõ apè com hum bordaõ na maõ, & com hum alforge as coſtas, como era bem, que eu andaſſe, naõ eſtivera aſſim.* Finalmente naõ avia couſa, em que ſe naõ viſſe claramente, que em tudo buſcava occaſioens, de ſe mortificar.

6 O amor, que teve à pobreza Religioſa he ſobre todos os encarecimentos. Todos os ſeus eſcrupulos eraõ neſta materia, & os tinha grandes de viver da renda dos Collegios, por ſer profeſſo da Companhia, & a penas o podia neſta materia ſoccegar o Padre Soares: naõ lhe parecia, que sò pella occupaçaõ de ler, & compor os ſeus livros, devia ſer ſuſtentado daquellas rendas; poriſſo pedia, o deixaſſem prégar, & fazer os outros miniſterios da Companhia. Depois de Noſſo Senhor o levar pera ſi, ſe acharaõ em ſeus eſcritos vivos ſinais do eſpirito de pobreza, que Deos lhe dera; porque tinha cartapacios inteiros feitos de coſtas de cartas, & concluſoens, & neſtas naõ deixava lugar algum ſem letra.

7 Pera ſe lhe dar alguma couſa do ſeu veſtido de novo, era neceſſario meterlha de noyte, eſtando dormindo, tirandolhe a que trazia. Nem eſta traça ſuccedia ordina-

riamente com elle, porque advertindo huma ves,& acordando, ſe foi a pos o Irmaõ com muito agaſtamento, dizẽdo: Irmaõ, naõ me tome, o que mais eſtimo:& reſpondendo o Irmaõ: que era ordem do Superior: ſem mais dilaçaõ ſe foi ao ſeu cubiculo, pedindo, que lhe deyxaſſe ſuas riquezas:& ao Irmaõ diſſe;ſe o naõ queria enfadar,naõ uſaſſe mais daquellas invençoens.

8 Semelhante ſucceſſo, ainda, que de maior edificaçaõ, teve outro furto, que lhe fez o Irmaõ Roupeiro de hum jubaõ, o qual era tal, que julgou, naõ poderia ſervir pera outra couſa, ſenaõ pera com elle ſe varrer o forno. Tanto, que o Padre achou o furto; naõ ſe pode dizer o ſentimento, que teve, por lhe tomarem, como elle dizia, o ſeu theſouro. Derramando muitas lagrimas, ſe foi ter cõ o Irmaõ Roupeiro, donde ſoſpeitou lhe viera o dano, pediolhe por amor de Deos, lho reſtituiſſe, querendo provarlhe com rezoens, que lhe ſervia mais, que o novo. Entaõ lhe diſſe o Irmaõ, pera totalmente o deſenganar, que naõ podia jâ fazer, o que lhe pedia, porque como elle era tal, o dera pera ſervir de varrer o forno. Naõ quis ouvir mais, calouſe, foi logo ao forno, diſſimuladamente buſcou o ſeu andrajo, & o achou atado em hum pao, & por ventura tinha ja tido algum exercicio do officio, pera que o deraõ. Tirandoo, o levou pera o cubiculo, & o tornou a veſtir, chorando muitas lagrimas de conſolaçaõ, por ter achado o ſeu Theſouro.

9 Outra ves lhe tomaraõ huma peça do veſtido com tantos remendos, & todos taõ velhos, que muitos, que a viraõ, ſe naõ ſabiaõ determinar, de qual daquelles panos foſſe feita a peça. Em ſua morte lhe acharaõ huns oculos, de que uſou trinta, & oito annos, ſem lhe renovar a encadernaçaõ. Praticando neſta materia na capella do Collegio de Coimbra, diſſe, que avia oito annos, que trazia aquelles ſapatos, & que lhe vinha vamgloria diſſo.

10 Naõ eraõ mais novas as meyas, que calçava, porque eraõ rotas por todas as partes, & em poucas tinhaõ alguns fios juntos; perguntandolhe hum Padre, que lhe deu fé dellas, como ſofria, andar aſſim: reſpondeo, que o fazia, porque andava mais freſco no veraõ:mas naõ ſe melhorou nellas no inverno, porque as que lhe acharaõ,quãdo Noſſo Senhor o levou, parece, que da continuaçaõ de

eſtar

eſtar de joelhos eraõ todas moidas por diante, & ſemelhãtes, às que o Padre lhe tinha viſto. Muitos, que as viraõ, naõ podiaõ conter as lagrimas conſiderando a extrema pobreza, com que ſe tratava. O meſmo extremo ſe via em todas as couſas, de que uſava. Algumas eraõ tais, que affirmaraõ alguns, que as viraõ, as naõ tinhaõ viſto ſemelhantes, nem taõ pobres, rotas, & remendadas a pobre algum, dos que andaõ pellas portas pedindo eſmola.

11 Naõ parecia iſto muito, porque elle tinha por põto de honra Religioſa, naõ lhe fazer alguem ventagem neſta materia. Bebia avia muito tempo por hum pucaro, & querendolhe dar outro novo, eſtranhandolhe o Irmaõ, q̃ lho dava, naõ o querer elle aceitar. Reſpondeo: Irmaõ ainda naõ ſou taõ pobre, como Job, porque eu tenho hum pucaro, ainda que velho, inteiro, & elle sò hum pedaço de huma telha, com que alimpava a ſua lepra.

12 Saõ muitos os exemplos ſemelhantes, que nos deixou em materia de pobreza Religioſa. Huma ves o viraõ eſtar chorando muitas lagrimas, por ouvir, que no trajo dos noſſos ſe hia metendo, naõ ſei que couſa de bem pouca importancia, & ainda, que por mais pobreza muitos tinhaõ a quelle uſo, naõ dizia neſta materia com o ſeu eſpirito, dizendo: *Padres meus, a ſancta pobreza he o noſſo muro, & com eſtas couſas, em que parece, que naõ vai nada, ſe contramina. Chriſto Deos, & Senhor Noſſo naõ buſcou no mundo ſenaõ o peyor, & mais pobre delle, & nos temos obrigaçaõ de o imitar, pois ſomos da ſua Companhia.*

13 Deſcobrioſe eſte ſancto eſpirito da pobreza tanto mais em ſeu comer, quanto elle como velho, & taõ cheo de infirmidades tinha neceſſidade de menos rigor, & aperto neſta materia: porem era tal, o que neſta ſempre uſou conſigo, que contava o Padre Joaõ Alvres Vizitador, que foi neſta Provincia, que indo ao Collegio de Coimbra, & dandolhe conta o Padre Sebaſtiaõ Barradas, lhe pedira com grandiſſima inſtancia, lhe quizeſſe dar huma grande conſolaçaõ, qual ſeria pera elle, ordenar, & darlhe licença, que pois elle era pobre, & comia depois da ſegunda meza, lhe deſſem pera comer os pedaços de carneiro, que ſobejavaõ aos Padres, pois iſto lhe baſtava pera ſua infirmidade.

14 Naõ alcançando, como dezejava, comer dos ſo-

ſobejos dos outros, aproveitava de tal maneira os ſeus, que o paõ, que huma ves lhe vinha à meza o avia de acabar, fazendo, que lhe puzeſſem ſempre os pedaços, por mais duros, & pequenos, que foſſem: eſta ordem guardava ainda nas outras couſas; ate huma maçaã, que deixava partida, pedia no outro comer, pera a acabar, & ſe lha naõ davaõ, naõ tocava outra.

15 Hum dia vendo, que lhe naõ guardavaõ huns bocados de galinha, que mandara guardar de hum comer pera outro, antes os miſturavaõ com os ſobejos de outros enfermos pera os pobres, elle por ſua maõ os foi tirar, & levar pera o cubiculo em hum papel, & sò com elles ſe contentou ao outro dia, dizendo: *Se hum pobre iſto tivera, q̃ feſta lhe aviu de fazer!*

16 No cubiculo, depois de ſer lente, naõ tinha outros livros mais, que â Biblia, & concordancias, indo eſtudar a livraria commua, aſſim nos diſcomodos do inverno, como de veraõ; tudo fazia por amor da ſancta pobreza. Dizia o Padre Soares Granatenſe, que era milagre, ter o Padre Barradas eſcrito obras taõ doutas, & eruditas com tanta falta de livros.

CAPITULO IV.

De ſua profunda humildade.

1 NEnhuma deſtas virtudes taõ elevadas podia eſtar ſem hũa profunda humildade. Deſta virtude lhe naceo, naõ conſentir o fizeſſem ſuperior, & niſto poz tanta força, que entendendoſe, ſe lhedava pena grave, em tal couſa o naõ quizeraõ occupar. Sendo taõ grande ſervo de Deos, elle ſe tinha por grande peccador, & por vezes dizia, que era dos maiores, que no mundo avia. Quando eſtava pera morrer o Sancto Padre Jorge Rijo, ſe foi o Padre ſebaſtiaõ Barradas deſpedir delle, & diante de muitos Padres lhe pedio a ſua bençaõ, & ja, que hia pera o Ceo, & o deyxava, pediſſe a Deos, o fizeſſe bom homem, porque era grande peccador. O que mais ſuſpenſaõ cauſou em todos, he, que ſendo o Padre Barradas jâ de ſetenta annos, rogou ao veneravel Padre Rijo, que lâ diante de Deos lhe

lhe pediſſe ao Senhor, que lhe deſſe perſeverança na Cõpanhia. Aſſim o deixou eſcrito o Padre Nuno da Cunha no manuſcrito, que fez da vida do veneravel Padre Diogo Monteiro, dizendo, que o eſcrevia alli, porque nenhuma das vidas, que andavaõ eſcritas do Padre Sebaſtiaõ Barradas, trazia eſta petiçaõ; aqual contem muita doutrina, como ſe deixa per ſi ver.

2 Naõ ſofria, que alguem o trataſſe com moſtras de reſpeito, ſendo aſſim, que elle a todos o tinha muito grande; nem tambem ſofria, que lhe louvaſſem as prégaçoens, ou livros; & a hum Padre, que huma ves lhe diſſe, que em todas as partes eraõ muito aceitos, & eſtimados, reſpondeo como coſtumava muitas vezes: *Sou hum ignorante, que naõ ſei nada, nem nunca fis couſa boa, naõ me diga Voſſa Reverencia iſſo.*

3 Vinhaõ ao Collegio de Coimbra muitos homens aſſim naturais do Reyno, como eſtrangeiros, pera o verẽ, & conhecerem de viſta, como o conheciaõ por fama. Pera ſatisfazer a eſte ſeu dezejo, era neceſſario, que alguem úſáſſe com elle de arte, & o tiraſſe do cubiculo enganado, porque fugia de encontrar, com quem lhe fazia alguma honra, particularmente com ſeculares, com os quais nenhum modo tinha de conhecimento, tendoo todos muito delle.

4 Huma ves em Evora o chamou o porteiro, pera fallar com hum homem, que o chamava; reſpondeolhe o Padre, veja Irmaõ, naõ ſe engane, porque eu há nove annos, que naõ fui chamado a fallar na portaria.

5 Ja muito velho, & cortado praticava frequentemẽte na capella aos noſſos Religioſos, dizendo o fazia, por naõ comer o paõ ocioſo, como fazem os zangaõs. Dizia muitas vezes, que a ſua pena, comque eſcrevia, era o ſeu ſacho, com que fazia por comer o ſeu bocado de paõ no ſuor do ſeu roſto nos Collegios, que naõ eraõ dotados pera os profeſſos de quatro votos.

6 Quando fallava em ſuas couſas, era com termos de humildade; foraõ mui celebres, & ſabidos na Univerſidade de Coimbra, os que uſou diante do Reytor della Dom Joaõ Coutinho, que o reſpeitava como a grande ſancto. Pediolhe, quizeſſe fazer hum ſermaõ na capella da Univerſidade, porque os Doutores, & eſtudantes eſtimariaõ muito

to ouvilo: ao que elle reſpondeo com eſtas formaís palavras, que ſe podem relatar por ſerem taõ eſtimadas, dos que as ouviraõ, & ſouberaõ dellas, & ſe edificaraõ de ouvir a humildade, & deſprezo, com que fallava deſi: *Senhor* (diſſe) *aqui eſtâ eſte burro* (apontãdo pera ſi) *& alli, quem o manda* (porque eſtava prezente o P. Reytor) *mande elle, que eu prègarei como puder, ate naõ poder mais.*

7 Eſtas palavras diſſe com tanto fervor de eſpirito, q̃ fez vir as lagrimas a alguns noſſos, que ſe acharaõ com elle neſte tempo; com tanta edificaſſaõ do Reytor da Univerſidade, que dizia, que nunca ouvira melhor prégaçaõ ao Padre Barradas. Depois contava aos Doutores, & fidalgos, com quem fallava, eſtas palavras, encarecendo a humildade do Padre, que bem explicava em huma palavra taõ raſteira as alturas deſta virtude, a que tinha chegado.

8 Os livros da concordia taõ admiraveis, como todos veneraõ, os eſcreveo por obediencia, & ſendo jâ de ſincoenta annos. Ao principio reſiſtio por ſua humildade, dizendo, que o deixaſſem prégar, & converter almas, porẽ conſiderando, que com os livros podia aproveitar aos prezentes, & vindouros, ſe deyxou ir com a vontade da ſancta obediencia. He fama, que diſſera: ſe todos eſtes meus livros tiveraõ por fruto sò a converſaõ de huma alma, que ditoſo ſeria eu, & o meu trabalho. Bem ſe vé dos diſcurſos morais, & taõ divinos, de que eſtaõ cheas as ſuas obras, que o cuidado do Autor sò ſe encaminhava a ſer de proveito às almas, & naõ â honra propria, ainda que eſta como ſombra, que ſegue aquem a foge, ſeguio muito a eſte ſancto varaõ.

9 Hum ſacerdote grave ſecular contou aos noſſos, eſpantado deſta humildade, que chegando huma vez à porta do cubiculo do Padre, quando eſtava rezando, o vira por vezes parar, & dizer entre ſi: Oh grande peccador, peccador, que fazes. Dizia muitas vezes, que era peccador inutil, & que nunca ſoubera, que couſa era ſervir a Deos. Eſtas eraõ ſuas praticas. Cauſava notavel edificaçaõ, & admiraçaõ ver, que nunca fazia pratica, nem prégaçaõ, em que naõ tocaſſe nas honras, & enſinaſſe a pizar, & deſprezar as dignidades, fallando neſtas couſas com hum modo, que moſtrava, que naturalmente as aborrecia.

10 De-

10 Depois de receber o Sacramento da unçaõ, lhe pedio o Padre Reytor, diſſeſſe alguma couſa, pera conſolaçaõ do Collegio, que alli eſtava todo junto: tendo antes a lingua taõ groſſa, & a vos taõ fraca, que nada dizia, que ſe lhe pudeſſe entender, veſtindoſe de hum novo eſpirito, & fervor, a levantou, & entoada como, que prégava em a melhor diſpoſiçaõ, diſſe: *Humiliamini ſub potenti manu Dei, ut vos exaltet in tempore viſitationis: naõ ha outro conſelho, ſejamos todos nisto humildes, imitando a Chriſto Noſſo Deos, & Senhor, o qual em toda a vida foi Meſtre da humildade, & quando morreo, Inclinato capite emiſit ſpiritum.* Dizendo iſto inclinou a cabeça ſobre o braço eſquerdo, abayxandoa muito, pera o imitar naquella poſtura, ficando ſubitamente com a vos taõ fraca, que nunca mais diſſe palavra, que ſe lhe pudeſſe entender.

11 Notaraõ alguns, que aſſim como na poſtura humilde, em que morreo, imitou a Chriſto, aſſim quis o Senhor levar ſua bemdita alma pera o Ceo na ſomana, em q a Igreja celebra ſua Payxaõ, na meſma hora, em que eſpirou na Cruz, que foi às tres depois do meyo dia.

12 Foi o Padre Sebaſtiaõ Barradas hum dos grandes talentos, pera prégar, que ouve na Companhia, o zelo, & fervor, com que fazia taõ ſancto miniſterio lhe grangeou em Coimbra o nome de Saõ Paulo, a efficacia do ſeu eſpirito ſe via bem no fruto, que fazia; de ſuas prégaçoens recolhiaõ os ou vintes notaveis deſenganos. Na quareſma de mil quinhentos noventa, & dous foraõ tantos, os que hiaõ pedir Religioens, que diſſe o Guardiaõ dos Religioſos da Piedade, ou Capuchos de Saõ Franciſco, que neſte Reyno ſaõ conhecidos pello nome de Frades de Sancto Antonio, que ou os Padres naõ mandaſſem prégar ao Padre Barradas, ou recebeſſem na ſua Religiaõ, os que Deos por ſeu meyo tocava, pera deixarem o mundo, porque elles naõ podiaõ recolher nem ametade, dos que hiaõ pedir o ſeu habito, entrando neſtes alguns opoſitores de grande nome, & eſperanças.

13 Em Lisboa prégando na Igreja de Saõ Roque da vaidade da vida penetrou a hum mancebo, que á cazo entrou na Igreja, naõ pera ouvir a prégaçaõ, que já eſtava no fim, mas pera ouvir Miſſa, pella naõ achar em outra parte; & taõ fora, do que lhe ſuccedeo, que toda a noyte an-

antes gaſtara rondando armado pellas ruas. Eſte, mudado ſeu coraçaõ, logo dalli ſe foi pedir a Religiaõ dos Capuchinhos da Arrabida com tanto abalo, que dizendolhe, trouxeſſe burel pera o habito, o foi comprar á rua nova, & o levou publicamente, com eſpanto dos que o viraõ, porque era conhecido por eſforçado, & grande cortezaõ.

CAPITULO V.

De outras virtudes deſte ſervo de Deos, & grande opiniaõ, que delle avia.

1 NAõ faltaõ exemplos, com que Deos quis moſtrar do Ceo, quanto lhe agradava o zelo deſte ſeu ſervo. Em hum lugar da Beira achou, andando em Miſſaõ, huma molher, que por nenhum caſo queria perdoar certa injuria, que lhe tinhaõ feito, ainda que ſe tinhaõ tomado muitos meyos pera a abrandar. Ajuntou o Sancto Prégador todos os moradores daquelle lugar, & entre elles veyo eſta molher, & os que a tinhaõ agravada, tratoulhe, de quam grande ſerviço fazia a Deos, quem perdoava as injurias; como Deos caſtigava, a quem as naõ queria perdoar. Porem nenhumas palavras a puderaõ tirar de taõ pertinás odio. Eiſque no fim do ſermaõ deſceo hum rayo do Ceo, que cahindo no meyo dos ouvintes, a nenhum fez mal, lançandoos atodos por terra. A eſte final, com que Deos aprovava, o que o Prégador tinha ditto, acordou a pobre molher chea de aſſombro, como o eſtavaõ todos, perdoou a injuria, & com muitas lagrimas deu ſatisfaçaõ da ſua dureza, & pertinacia.

2 Em ſuas prégaçoens tratava ſempre do deſprezo do mundo, da brevidade da vida, eternidade de penas, & gloria, que nos eſperava, ſegundo foſſem os merecimentos. Eſtas eraõ as materias, com que mais ſe detinha, & com que penetrava os coraçoens dos ouvintes; dos quais algũs diſſeraõ, tinhaõ medo do Padre, naõ sò pella força, que lhes fazia prégando, mas porque ſe lhes reprezentava do ſeu zelo, que na outra vida os acuſaria, por naõ fazerem, o que neſta lhes enſinava.

3 Ouve hum de boa calidade, & autoridade, que deſ-

deſpedindoſe de hum amigo, que hia à prégaçaõ, lhe diſſe, que ficava, porque ſenaõ atrevia a ouvir ao Padre Barradas, por naõ poder acabar comſigo, deyxar a vaidade do mundo, & em quanto iſto naõ fazia, ouvir a prégaçaõ de tal ſancto, era, darenlhe tratos. Muitos doutores diſſeraõ, que lhes penetrava, & rendia os coraçoens, porque repreſentava em ſua viſta o deſprezo do mundo, & o preço da virtude, de que lhes prégava, & que tanto montava pera iſto velo no pulpito, como ouvillo.

4 O anno antes de morrer, pedindo alguns lentes, q̃ o mandaſſem prégar à capella da Univerſidade. Reſpondeo o ſuperior, que o Padre era mui velho, & eſtava mui fraco. A iſto diſſeraõ, Padre, naõ queremos mais, que velo no pulpito, naõ diga palavra nenhuma, que mais nos rende a ſua viſta, que muitos prégadores, por melhores, que ſejaõ. Eſte meſmo eſpirito, diziaõ os homens ſabios, achar nos ſeus livros, & que baſtava a liçaõ delles, pera ver a efficacia, que Deos tinha poſto neſte ſeu ſervo, pera encaminhar as almas a ſeu ſerviço, cauſando nellas grande eſtimaçaõ da virtude, deſprezo do mundo, & dos vicios.

5 Era grandiſſima a opiniaõ, que ſe tinha de ſua ſanctidade. Hum dia depois de ſua morte diſſe em publico hũ dos mais graves, & doutos lentes da Univerſidade, que baſtava a opiniaõ de ſua virtude, pera o canonizarem, & que no meſmo dia, em que morreo lhe fizera a Igreja eſta honra, ſe fora nos tempos, em que naõ avia neſta materia as diligencias, que hoje hâ. Todos a huma voz aſſim em vida, como depois da morte o chamavaõ ſancto, & como tal o veneravaõ.

6 O Sapientiſſimo, & ſanctiſſimo Padre Doutor Fr̃ciſco Soares Granatenſe, lhe naõ ſabia outro nome, ſe naõ o de velho ſancto: goſtava muito de fallar com elle das couſas do Ceo; & nos ultimos annos da vida do Padre Barradas, ſentia muito a falta, que o ſancto velho tinha no ouvir, por naõ poder fallar com elle, como dezejava, & conferir as ſuas duvidas, & queſtoens. Admirava o grande theſouro de virtude, & ſabedoria, que Deos puzera neſte veneravel Padre.

7 A ultima vez, que prégou dia de Noſſa Senhora das Neves, o rodeou ſahindoſe do pulpito, grande multidaõ de homens, & cada hum procurava chegar a elle, &

beijarlhe o veſtido, & ſobre-pellis, que ainda tinha, chamãdolhe ſancto, & bemaventurado. Naõ foi pequeno o trabalho, que lhe deraõ por ſua grande humildade, & modeſtia; ſem poder dizer palavra lhes fogia deſviando, & encolhendo as roupas, quanto podia.

8 O meſmo lhe aconteceo prégando do Sanctiſſimo Sacramento no jubileu das quarenta horas em Coimbra, foraõ tantos os eſtudantes, que entraraõ a pos elle, que ſe encheo o corredor, & acodindo hum Padre, pera ter maõ nelles, lhe diſſeraõ: deyxenos ver eſte ſancto, que naõ queremos outra couſa; & aſſim perſiſtiraõ, arte que ſe recolheo no cubiculo.

9 Com eſta meſma tençaõ hiaõ alguns fidalgos, & gẽte principal da Univerſidade ao Collegio, perguntando aos noſſos, com quem tratavaõ, ſe poderiaõ ver ao ſancto Padre Barradas, que naõ queriaõ mais, que velo, pera ſua conſolaçaõ. Sendo ainda vivo, procuravaõ aver ſuas couſas, & as veneravaõ, como reliquias de ſancto. Ouve Padres no Collegio de Coimbra, a quem tomaraõ muitos por meyo, pera as averem, & ao Irmaõ, que o barbeava, pediraõ alguns, lhe deſſe de ſeus cabellos, como por vezes fez.

10 Ao Padre Diogo Seco, que lhe eſcreveo eſta vida fez a meſma inſtancia hum Eccleſiaſtico grave, dizendo tinha tanta fé em qualquer couſa ſua, como ſe foſſe de hum ſancto canonizado. Hum Prelado deſte Reyno de grande virtude, perguntando, ſe era vivo o Padre Barradas, diſſe a hum noſſo, o tinha por grande ſancto, & que eſta opiniaõ lhe durava, de quando era eſtudante, & que jâ naquelle tempo, ſendo o Padre de poucos annos de Religiaõ, hia muitas vezes à porta da ſua claſſe, pera o ver, porque ſentia niſſo particular conſolaçaõ. Finalmente ſaõ tantos os exemplos ſemelhantes a eſtes da opiniaõ, que de ſua virtude, & ſanctidade tinhaõ os ſeculares, que delles ſe ve bem, quam aceito era a Deos; pois naõ he de crer, permitta nunca huma opiniaõ taõ comua em todos neſta materia, ſe naõ ſendo muito verdadeira, como era, a que delle tinhaõ.

11 Bem ſe vio em ſua morte, & ſepultura eſta opiniaõ. Comungou dous dias antes per modum viatici com tanta devaçaõ, ainda que ſem dizer palavra, que nenhum dos

dos prezentes podia ter as lagrimas; & mandou vir pera eſte acto huma ſobre-pellis, & eſtola, por eſcrupulo de hũ canon, que aſſim manda commungar os ſacerdotes, ainda que pello uſo naõ eſteja em praxe.

12 O meſmo dia, que morreo, & pouco antes pedio a unçaõ, & a recebeo com tanta devaçaõ, que a fazia nos prezentes. Tanto, que deu ſua alma a Deos, naõ ſe pode crer os affectos de piedade, & moſtras de ſentimento, que ouve em os noſſos, todos bem merecidos, porque aſſim o amavaõ, como a pay. Com ſer taõ aſpero conſigo, foi notavel a brandura, que tinha pera com todos. A qualquer, que encontrava no corredor, logo lhe fallava, ainda que foſſe hum noviço, perguntandolhe pello nome, ocupaçaõ, & ſaude; ajudandoos com bons conſelhos, os deſpedia cõ grandes ſinais de caridade, & benevolencia.

13 Poriſſo vendoo morto, todos com as lagrimas nos olhos acodiraõ, a lhe beijar a maõ, & quanto podiaõ achar das couſas, que lhe ſerviraõ, tomavaõ, & repartiaõ huns com outros; quanto mais pobres eraõ (que todas as q̃ uſava o eraõ muito) tanto mais as veneravaõ.

CAPITULO VI.

Das honras, que fizeraõ a ſeu corpo defuncto, & de ſua ſepultura.

1 PUzeraõ o corpo na capella do Collegio veſtido em huma veſtimenta de tela, acompanhado de tochas brancas. Os Irmaõs o cubriraõ, & coroaraõ de flores, & nas maõs lhe puzeraõ huma palma, tudo ſignificaçaõ de ſuas virtudes, & victorias. Alli veyo toda a Univerſidade, comeſſando pellos noſſos eſtudantes, que como eſtavaõ mais perto, tiveraõ primeiro a nova: a poz elles os das eſcolas maiores com muitos lentes, graduados, & cidadaons, todos lhe beijavaõ os pês, chamandolhe ſancto; particularmente os mais velhos, & graves derramendo copioſas lagrimas. Aſſim continuaraõ toda a tarde da terça feira.

2 A quarta pella menhãa o levaraõ à Igreja, ſahindo do Collegio com os noſſos o Reytor da Univerſidade, & alguns Doutores, Collegiais, & Religioſos. A porta da

Igreja o eſtava eſperando o Senhor Biſpo Conde, & dalli o acompanhou ate o lugar, onde ſe fez o officio.

3 A gente era tanta, que eſtando todos em pê, com muito trabalho deraõ lugar, por onde paſſarem os Padres ſem ordem de prociſſaõ, por ſe naõ poder guardar; por onde paſſava o corpo, todos como podiaõ, lhe beijavaõ os pês, & o eſquife, tocando nelle as contas, & os lenços, que pera iſſo traziaõ, com tanto ſentimento, & piedade, que ſe tornou a renovar em os noſſos, o que tiveraõ, quando ſua bemdita alma delles ſe apartou o dia antes. E aſſim cõ muito vagar, por ſenaõ poder fazer mais, chegaraõ, os q̃ o acompanhavaõ á capella môr, onde ſe começou o officio, quaſi ſem ſerem ouvidos pello aperto, & revolta, que a gẽte fazia, dando contas de maõ em maõ, pera ſerem tocadas, & em tanta quantidade, que occupandoſe muitos em tocar com ellas o corpo, naõ ceſſaraõ, em quanto alli eſteve.

4 Os noſſos ficaraõ ſempre em pè pello grande aperto miſturados com os ſeculares, & taõ apartados huns dos outros, que era tambem impedimento, pera ſervir o officio com a ordem, que ſe coſtuma fazer. Naõ puderaõ paſſar do primeiro nocturno: diſſeraõſe as laudes, & Miſſa cõ a meſma inquietaçaõ, ou maior, por recrecer de cada ves mais a gente em tanto numero, que eſtando jâ a charola, pera no dia ſeguinte, que era de Endoenças, ſe expôr o Senhor, encheraõ os degraos, & varandas della, com perigo de cahir tudo embayxo com o grande pezo; mas foi Deos ſervido pera honra deſte ſervo ſeu, que nada ſe quebraſſe, ou deſconcertaſſe.

5 A ſepultura eſtava feita das grades de Comunhaõ pera dentro ao pê do altar de Noſſa Senhora, que parece, quis dar lugar a eſte ſeu grande devoto, pois em vida, o chamara pera a Companhia de ſeu filho. O maior trabalho de todos foi metelo na ſepultura, porque vendo a gẽte, que lhe tiravaõ dos olhos aquelle ſancto penhor, fazia muito mais, por chegar a elle, & aver alguma reliquia ſua.

6 O primeiro, que chegou foi o Reytor da Univerſidade, beijoulhe os pês, eſte ſeu exemplo ſeguiraõ muitos fidalgos, & Doutores, q̃ ſem ſe lhe poder impedir, tiraraõ as ſervilhas, que levava nos pês, as meyas cõ grande parte

da

da roupeta, da alva, amito, & barrete repartindo huns com outros, & isto entre muitas lagrimas, que lhe cahiaõ dos olhos. Naõ puderaõ, os que ficaraõ mais afastados, fazerlhe o mesmo acatamento, mas donde estavaõ o veneravaõ por sancto.

7 Assim esteve o corpo junto da sepultura muito tempo, sem ser possivel, metelo dentro. Finalmente por ordem dos nossos, que o acompanhavaõ, foi metido na sepultura: aqui se tornaraõ a renovar as lagrimas de todos, louvando a Deos, porque assim honrava na morte, a quem sempre na vida fogira de honras. Neste passo disse hum homem de grande qualidade pera o Padre Diogo Seconde zejo de me enterrar vivo com aquelle sancto, que naõ poderei deixar de ser bem encaminhado morrendo, & ficando junto delle. Foi enterrado em cayxa especial, pondolhe huma lamina de chumbo, pera que em todo o tempo constasse, de quem eraõ aquelles ossos. Falleceo no Collegio de Coimbra em huma terça feira pellas tres da tarde aos quatorze de Abril de mil seis centos, & quinze. Seus ossos andando annos foraõ tresladados pera a capellinha de Sancto Antonio dentro no Collegio de Coimbra no corredor proximo à portaria, aonde estaõ em urna especial com seu letreiro.

8 Esta devaçaõ foi do Padre Nuno da Cunha, o qual fez aquella capella, & nella poz à roda metidas em seus sarcophagos diversos com letreiros os ossos de muitos homens de sanctidade avultada, que naquelle sancto Collegio acabaraõ seus dias. Tambem no Collegio de Coimbra se poz letreiro no cubiculo, onde falleceo o sancto Padre Baradas, por respeito, & veneraçaõ, de quem nelle morara, & morrera.

9 Compoz quatro tomos da concordia Evangelica, obra no seu genero admiravel. Mais o Itinerario dos filhos de Israel pera a terra de promissaõ, que foi o ultimo dos seus trabalhos, & se imprimio depois de sua morte. Estes livros compoz, como fica dito, tendo no seu cubiculo sò a Biblia sagrada, & as concordancias, porque o seu estudo era na livraria publica, por assim se mostrar mais pobre, & ter mais, que padecer nas incomodidades da assistencia em tal lugar.

10 A vida deste veneravel Padre tras o nosso Padre Eu-

Euſebio no tomo das vidas dos varoens Illuſtres, que intitula, Firmamento Religioſo de Luzidos aſtros, & a recopilou da vida, que deſte excellente Heroe deu a luz o Collegio de Coimbra no principio do Itinerario do meſmo Padre. Eſta recolhi em eſpecial do manuſcrito do Padre Diogo Seco, que falleceo Biſpo de Nicéa indo pera a India, & tambem da que tras o Itinerario, & das Annuas da Provincia. Delle faz illuſtre elogio a Bibliotheca da Companhia, o Padre Nadaſi no ſeu Annus dierum, & Jorge Cardozo no Agiologio. Tambem me lembra ouvir a Religioſos noſſos, ainda que o naõ acho eſcrito, que nos ultimos annos lhe deraõ os ſuperiores licença, pera todas as vezes, que quizeſſe praticar à comunidade, a convocaſſe tocando a campa; & que o Padre Soares Granatenſe, que por cauſa das ſuas muitas ocupaçoens eſtava deſobrigado de aſſiſtir às praticas da comunidade, nunca faltava, quando praticava o P. Barradas, & ſe aſſentava jũto à cadeira.

11 O cubiculo, em que morou, & falleceo no Collegio, ainda hoje tem nas coſtas da porta hum letreiro, que diz em como alli morrera, he cubiculo digno de veneraçaõ, por nelle ter morado tal hoſpede. A ſua janela cahe pera o patio, onde cahem as janelas da livraria. No canto junto á caſa da matematica dentro no corredor, aquem vai dos lavatorios, em cujo andar fica, he a terceira porta, porque a primeira, que he sò por correſpondencia, fica na parede do vaõ da eſcada, que ſobe pera o andar de ſima, a ſegunda he de hum cubiculo ſem janela, a terceira he a do cubiculo do Padre Barradas. Faço todas eſtas individuaçoens, porque ſe o letreiro ſe acabar, ſe naõ perca de todo taõ veneravel memoria, a qual como diſſe, ainda exiſte, & eu a vi, eſtando neſte cubiculo; no qual tambem falleceo o veneravel Padre Joaõ Correa de Villa Real, q̃ em ſeus ultimos annos pedio morar neſte cubiculo, por nelle ter vivido o Sancto Padre Barradas.

CAPITULO VII.

Em ſalſete aos 5. de Março de 1600.

Vida do P. Antonio de Monſerrate. De como entrou na Cõpanhia, & do muito, que ſervio a Deos na peſte de Lisboa.

1 MUito padeceo o Padre Antonio de Monſerrate aſſim em Portugal, como depois que paſſou os ma-

mares; por meyo de trabalhos, & ſanctas fadigas navegou ao porto da eterna felicidade. Eſte veneravel Padre foi natural de Vic de Ozona no principado de Catalunha. Seus pays ſe chamataõ Gabriel Bergada, & Joanna Valhes: entrou na Companhia em Barcelona veyo continuar em Lisboa na caſa de Saõ Roque, aos dous de Abril de 1558, tendo vinte, & dous annos de idade.

2 Delle ſabemos, que na peſte grande de Lisboa, que aconteceo no anno de 1569, obrou maravilhas. Foi aquella peſte açoute mais aſſombroſo, que vio ſobre ſi Lisboa; porque ſe diz morreraõ nella mais de oitenta mil peſſoas. A Cidade ſe tornou como erma, ſendo taõ povoada, como ſe ſabe. Neſta occaſiaõ toda Lisboa naõ foi mais, que hum hoſpital. Em huma ſua carta diz o Padre Antonio de Monſerrate muitas deſtas laſtimas. Que debayxo dos arcos do rocio jaziaõ alem de ſincoenta pobres feridos da peſte. Pellas ruas junto das paredes ſe achavaõ a cada paſſo muitos pobres da meſma ſorte eſpirando à força do mal. Nem os pays ſe lembravaõ dos filhos, nem os filhos dos pays.

3 Neſte deſemparo ſe vio muito a caridade dos noſſos Padres aſſim da caſa de Saõ Roque, como do Collegio de Sancto Antaõ, onde o Padre Monſerrate era morador. Fallecendo o Padre Gaſpar Alvres Reytor do Collegio, depois de ter ſervido aos feridos com zelo incanſavel, ficou por Vicereitor o Padre Monſerrate. Continuando ſem reparo algum nos meſmos empregos de acodir aos ſeus ſubditos, & aos de fora. Neſte tempo eſcreveo ao Padre Luis Gonçalves da Camara, & na carta diz eſtas palavras, que bem moſtraõ a repugnancia, que tinha a governar: *Cõfeſſo a Voſſa Reverencia* (diz o Padre) *que me ſinto taõ inabil pera iſto, que ſenaõ atentara à grande dor, & trabalho interior, que o Padre Provincial, & Voſſa Reverencia ſentem pella morte deſtes bemaventurados, que em taõ pouco tempo em tais obras acabaraõ, huma hora naõ parara, ſem eſcrever, me deſcarregaſſem deſta carga taõ deſigual pera a minha fraqueza. Mas porque agora faço conta, que ja q̃ naõ ſou pera conſolar, naõ devo deſconſolar, a quem de continuo tem tantos trabalhos, & deſconſolaçoens.* Atte aqui o que diz na quella carta. Os Religioſos feridos na caſa de Saõ Roque paſſaraõ a ſer curados no Collegio de Sancto Antaõ, porque aquelle

aquelle posto se achou ser mais sadio pera aquella occasiaõ.

4 Entre as mais obras de caridade, que exercitou o Padre Monserrate, merece sem duvida eternos encomios, o cuidado, que poz em abrigar as donzellas, que ficavaõ ao desemparo pella morte de seus pays. Destas fez recolher grande numero no sitio, onde hoje he o Convento de Sancta Martha, cazou muitas destas desemparadas, fazendo pera com todas officio de pay. Das que no recolhimẽto ficaraõ vivendo, se veyo depois por agencia do celebre Padre Pedro da Fonçeca a erigir o mui religioso convento de Sancta Martha, que deve seus principios à caridade do Padre Monserrate.

5 Era este fervoroso Padre intrepido nos perigos; porisso louvava muito o dito do veneravel Padre Affonço Gil da nossa Companhia, que foi o primeiro, dos que morreraõ servindo nesta peste. Como alguns lhe significassem, fosse mais attento, em se meter neste fogo, costumava responder: *Que primeiro morreria da peste algum boy de algum homem pobre, do que elle.* Porisso gostava o Padre de ver a todos intrepidos, qual elle era. Como visse, que alguns Irmaõs Noviços fraqueavaõ com o susto de taõ pernicioso mal, escrevendo o Padre Monserrate ao Padre Provincial alem de lhe referir, o mais, que avia, fallando dos Irmaõs Noviços diz estas palavras.

6 *Tenho nesta doença aprendido por experiencia, que os Noviços da Companhia se deviaõ criar antes em hospitais, curar enfermos, & ensinalos a saber buscar a Deos, & ter espirito, & devaçaõ nos ministerios, que saõ proprios da Companhia, que em devoçonzinhas, encolhimentozinhos, & escrupulosinhos, que,* Omnia ad modicum utilia sunt: *Porque a certa confita mostraõ o fio, & tudo he farelo: & saiba Vossa Reverencia, que huma peste descobre muito,* Et revelatur uniuscujusque opus: *E neste contraste se ve, o que cada hum meteo no alforge, & o que lhe ensinaraõ, & o leite, com que o criaraõ sendo Noviço.* Atte aqui a clausula daquella carta.

7 Em outra pera o P. Doutor Miguel de Torres cõfessor da Rainha dona Catherina diz assim: *Eu atte agora pella bõdade de Nosso Senhor naõ fui ferido: tive averâ seis somanas hũa dor de estamago, & enxaqueca, & dor em todo o hõbro, & braço esquerdo cõ febre, que me durou tres dias; & as dores, as pri-*

primeiras vinte, & quatro horas apertaraõ comigo de maneira, que cuidei, de ir ver aos noſſos bemaventurados, qui ante nos dormierunt, & in pace ſepulti ſunt. *No eſpiritual ſou muito neceſſitado, ſeguem-me minhas payxoens na paz, & na guerra, com ſaude, & com doença, & poriſſo a primeira minha petiçaõ he, que viſtas as neceſſidades deſta terra, lembre à Rainha Noſſa Senhora, quanto cuſtaraõ as almas a Noſſo Senhor JESU Chriſto, eſpecialmente deſtas pobrezinhas, que ficaõ deſemparadas, & dos pequeninos; porque ainda que ſua Alteza neſtes negocios naõ he eſquecida, o que naõ lhe faz reprenſentar eſtas neceſſidades, vendoas, como eu as vejo, tem muita culpa.* Eſtas as palavras da carta, em que bem ſe vê ſua humildade, & o cuidado, que tinha de fazer lembradas as neceſſidades dos meninos deſemparados. Neſta calamidade toda a orfandade foi ſeu eſpecial cuidado. Teve o Padre Monſerrate grande inveja aos outros Padres, & Irmaõs, que em taõ ſancto miniſterio acabaraõ ſuas ditoſas vidas. Deos Noſſo Senhor o guardou, porque tinha reſervado à eſte ſeu ſervo huma immenſidade de trabalhos fora de Portugal.

8 Antes que paſſemos a diante, naõ he bem paſſe em ſilencio, o que dizem da educaſſaõ deſte Padre os Padres Alonſo de Andrade da noſſa Companhia no quinto tomo dos varoens illuſtres na vida do Padre Pedro Paes, paragrafo quinto, & o noſſo Padre Balthezar Telles na ſua Hiſtoria de Etiopia livro terceiro capitulo oitavo, porque algum delles padeceo equivocaçaõ; & naõ pode eſtar, o q̃ diz o Padre Andrade, com o que os noſſos catalogos da provincia, que niſto ſaõ textos, dizem dos ſeus annos de idade, quando entrou; como fica ditto.

9 Diz o Padre Andrade, que o Padre Monſerrate sẽdo menino andara em Barcelona na meſma eſcola, com Sancto Ignacio, & que lhe paſſava as liçoens de gramatica, & o Sancto enſinava ao menino os bons coſtumes, & o levava conſigo às Igrejas, & aos ſermoens: que eſtudara Philoſophia, & Theologia. Que indo neſte tempo a Barcelona os primeiros Padres da Companhia ſabendo, ſerem filhos de Sancto Ignacio ſeu Meſtre, pedira ſer admittido na Companhia; & que depois de recebido dentro de pouco tempo o mandaraõ a Portugal. Que alli enſinara dous annos letras humanas, & ſe ordenara de ſacerdote, & acõ-

panhara ao Padre Luis Gonçalves Meſtre del-Rey Dom Sebaſtiaõ, & que em quanto o Padre enſinava a el-Rey, o Padre Monſerrate enſinava aos moços fidalgos as letras humanas. Iſto he o que diz o Padre Andrade.

10 O Padre Balthezar Telles no lugar citado tem, q̃ o pay do Padre Monſerrate fora companheiro nos eſtudos de Sancto Ignacio, & que contava delle raras virtudes, & grandes milagres; & que o filho movido, com o que ouvira a ſeu pay, & com os exemplos dos noſſos Religioſos, q̃ jâ em Barcelona tinhaõ caſa, ſe reſolvera a entrar na Companhia. E dalli a pouco com outro companheiro fora mandado a Portugal. E vai o Autor dizendo as mais couſas, que o Padre Andrade. Donde bem conſiderados os annos, em que o Padre Monſerrate entrou na Companhia, que foi o de mil quinhentos ſincoenta, & oito, & os que entaõ tinha de idade, que eraõ vinte, & dous, bem ſe vê, que naõ podia elle ſer nos latins condiſcipulo de Sancto Ignacio: pois conforme eſtas contas o Padre Monſerrate naceo quatro annos antes de confirmada a Companhia tempo, em que jâ Sancto Ignacio naõ vivia em Barcelona, como he couſa certa em noſſas hiſtorias.

CAPITULO VIII.

Paſſa o Padre Monſerrate à India, & da jornada, que fez ao Mogor.

1 DEzejozo o Padre Antonio de Monſerrate de ſe empregar todo na ſalvaçaõ das almas, no anno de 1574, paſſou à India em Companhia do Padre Alexandre Valignano. Trinta, & nove foraõ entaõ os da Companhia, que navegaraõ pera as miſſoens da India. Succedeo em breve tempo huma occaſiaõ, que deu de ſi grandes eſperanças, as quais todas ſe vieraõ a deſvanecer.

2 Equebar Rey dos Mogores hum dos maiores monarcas do mundo, eſcreveo ao noſſo Padre Provincial, q̃ lhe mandaſſe alguns Padres, que lhe deſſem noticia dos miſterios de noſſa ſancta fé. Era eſte Rey mui curioſo, & ſabendo, que nos ſeus Reinos de Bengala avia hum Sacerdote Chriſtaõ, o mandou chamar. Chegando à Corte, foi bem

bem recebido, depois de varias praticas, que teve com o Rey ſobre couſas da fé, lhe diſſe: que mandaſſe de Goa vir Padres da Companhia, que elles como homens, que eraõ mui ſabios, lhe dariaõ noticia de tudo à medida do ſeu dezejo.

3 Com eſte informe eſcreveo ao noſſo Provincial. Deſtinaraõ os ſuperiores pera eſta empreza a tres Padres, por ſuperior ao inſigne Martyr o Padre Rodolpho Aquaviva, o Padre Antonio de Monſerrate, & o Padre Franciſco Henriques. Partiraõ de Goa, & no mes de Fevereiro de 1580 chegaraõ a Pateful, onde eſte Monarca tinha a ſua Corte. Logo, que chegaraõ, os mandou ir a ſua prezença, porque eſtava anciozo de os tratar. Deteveos com varias perguntas atte alta noyte, depois quando ſe aviaõ de retirar, lhes mandou dar grande ſoma de dinheiro. Os Padres ſe eſcuſaraõ, dizendo, lhes baſtava o cuidado, que ſua Alteza tinha, de lhes mandar aſſiſtir com o neceſſario pera ſeu ſuſtento. Deſte deſapego de riquezas muito ſe edificou, porque naõ via ſemelhantes lanços nos ſacerdotes, & Meſtres da ley de Maſoma, que elle ſeguia.

4 Ouve pello diſcurſo do tempo muitas diſputas diante do Rey com os cacizes, que ſaõ os Meſtres da ſeita de Maſoma. De todas ficaraõ confundidos; & o Rey de cadaves ſe affeiçoava mais à ley de Deos. Pera com elles tratar mais à ſua vontade, os mandou paſſar pera humas caſas dentro dos cercados do ſeu palacio. Pagavaſe muito da ſanctidade dos Padres, porque naõ via couſa ſemelhante nos ſeus. Chegou a fazer pouco caſo dos ſeus cacizes, como de homens, que naõ davaõ rezaõ, do que ſeguiaõ, & enſinavaõ.

5 Deu licença, pera que dos ſeus vaſſalos ſe fizeſſem Chriſtaõs, os que quizeſſem. Naõ ſe deſcuidou o demonio em cortar taõ boas eſperanças, como de ſi dava eſte Rey. Succedeo neſte tempo, que os Patanes, povos de Bengala por elle conquiſtados mataraõ ao ſeu ViſoRey, & ſe levantaraõ, ſacodindo o jugo, com que os oprimia. Eſte ſucceſſo interpretaraõ os Cacizes a caſtigo do ſeu profeta, por el-Rey andar com intentos de deixar a ſua ley. Acrecentavaõ, que os Patanes ſe queriaõ ligar com Cabul ſeu Irmaõ, pera o deſpojarem do Reyno. Ficou taõ penetrado deſtes ditos, que por hum mez inteiro nem vio aos Padres,

dres, nem os mandou chamar.

6 Tiveraõ os Padres modo, com que os mandaſſe outra ves ir a ſua prezença. Acharaõ-no mui frio. Toda a pratica ſe foi em perguntar algumas curioſidades. Por fim lhes diſſe, como hum grande letrado ſeu queria entrar cõ o Alcoraõ no fogo, que ſe queriaõ elles fazer o meſmo cõ o Evangelho, que o ſucceſſo averiguaria a certeza da ley. Reſponderaõ, que Deos dera a os homens a rezaõ, pera ſe tirarem das duvidas, & que bem tinha viſto, quam cabal a tiveſſem dado, que deſſem os ſeus Cacizes rezaõ da ſua ley; & ſe a caſo a rezaõ naõ deſſe a ſentença pella ley de Chriſto, que elles naõ sô eſtavaõ preſtes pera entrar no fogo, mas pera dar a vida, & morrer pella verdade, que enſinavaõ. Eſta repoſta o ſatisfes, porque era homem de rezaõ.

7 Inſtando os Padres pella diſputa, a veyo a conceder. Nella ſe acharaõ os principais Cacizes, & muitos ſenhores grandes. Os Padres os apertaraõ taõ fortemente, que naõ ſabendo, que reſponder, acodio por elles varias vezes o meſmo Imperador; mas nem elle, nem os ſeus podiaõ eſcurecer a verdade. Vendo o Imperador que os ſeus Cacizes andavaõ acezos, & que poderiaõ matar os Padres; lhes diſſe, queria, dar guarda a ſuas peſſoas. A iſto reſponderaõ, que elles naõ temiaõ perder as vidas em defenſa da ſua ley, antes era a ſua gloria, perdelas em tal demanda. Tambem eſta repoſta o admirou, porque os ſeus naõ teriaõ igual animo.

8 Pera mais os Padres ſe introduzirem, pediraõ, mandaſſe aprender Portugues a ſeus filhos. Diſto goſtou muito: o Padre Monſerrate foi o Meſtre. Com eſta occaſiaõ tornou a familiaridade a ſer maior. Por fim de todos os ſeus trabalhos, vendo os Padres, que nem eſte homem deixaria as muitas molheres, nem por medo de perder o Reyno, abraçaria as verdades, que alcançava, determinaraõ, pedirlhe licença, pera ſe retirarem a Goa. Diſto teve diſſabor, porque os dezejava ter na ſua Corte levado de huma vã oſtentaçaõ, de que tinha na ſua Corte homens famoſos em todas as leys: o qual fim naõ eſtava bem aos Padres, que queriaõ empregar ſua vida mais proveitoſamente. Neſte tempo foi opportuna a infirmidade de febres, que veyo ao Padre Rodolfo, daqual naõ podia convaleſcer

cer naquella terra. Com eſta occaſiaõ os Padres ſe voltaraõ a Goa tendo alli eſtado dous, ou tres annos.

9 Depois tornou o Imperador a pedir outros Padres. Eſtas couſas refere mais extenſamente o Padre Luis de Guſmaõ no terceiro livro da ſua hiſtoria das miſſoens da Companhia no Oriente. Ao prezente tem a Companhia duas caſas nas duas Cortes de Agra, & Deli, em que ſe fazẽ a Deos muitos ſerviços, & Chriſtaõs, que a ellas concorrem por ſeus intereſſes, & em reduçaõ de Sciſmaticos, & hereges; porque dos Mouros naõ hâ, que eſperar, porque vivem taõ aferrados a ſeus erros, que naõ hâ deixalos. Alem diſto tem delles tanto zelo, que ſe algum deixaſſe alli ſua infame ſeita, tudo ſe revolveria, & eſta pouca Chriſtandade ſeria logo extincta pellos mouros, nem ſe permittiriaõ viver no Mogor homens, que a enſinaſſem. Deſta miſſaõ foi hum dos primeiros fundadores o Padre Monſerrate.

CAPITULO IX.

Parte pera Etiopia. Como foi cativo dos Arabios, & do que lhe ſuccedeo, & a ſeu Companheiro, atte chegarem à Corte del-Rey de Xael.

1 AVendo alguns annos, que eſtava em Goa, ſe lhe abrio occaſiaõ de ir a Etiopia. Tinha nella entrado o grande ſervo de Deos Andre de Oviedo com alguns companheiros, que todos eraõ fallecidos. Ficou aquella Chriſtandade ao deſemparo. Por morte del-Rey Dom Joaõ o terceiro, perda del-Rey Dom Sebaſtiaõ, mudanças do Reyno; naõ teve aquella pobre Chriſtandade algum ſubſidio atte o governo de Philippe ſegundo. Sendo eſte piedozo Rey informado das couſas dos Abexins, tanto, que ſe vio pacifico ſenhor do Reyno de Portugal, eſcreveo a Dom Duarte de Menezes Conde de Tarouca ViſoRey da India, que ſem perdoar a diligencias, nem a gaſtos, procuraſſe fomentar a Chriſtandade de Etiopia, da qual a principal parte era de filhos de Portuguezes, dos q̃ com Dom Chriſtovaõ da Gama tinhaõ ido, ſocorrer aquelle Imperio.

2 Eſta

2 Esta ordem chegou à India no anno de mil quinhẽtos oitenta, & sete. Era jâ fallecido o Viso-Rey,& governava Manoel de Souza Coutinho. Comunicou lógo estas ordens ao Padre Pedro Martins, que depois foi Bispo de Japaõ, & era entaõ Provincial. Naõ dezejava a Companhia outra cousa, senaõ acodir a Etiopia. Pareceo conveniente, fossem por entaõ sô dous Padres, pera tomar as alturas às cousas. De muitos, que se offereceram escolheo o Padre Provincial ao Padre Antonio de Monserrate antigo em annos, em experiencia, & em virtudes, & ao Padre Pedro Paes Castelhano de Toledo, que proximamente viera de Portugal.

3 Advirto decaminho, que o Padre Pedro Paes naõ entrou na Companhia em Coimbra, como alguem imprimio. Logo se tratou do modo, & via, por onde convinha ordenar a derrota: Luis de Mendonça, que em Dio corria com os negocios de Etiopia, se tinha oferecido, pera mãdar os Padres em alguma nao dos mercadores Baneanes de Cambaya, que comerceavaõ nos portos de Maçuâ, & Suaquem, que saõ as portas de Etiopia. Em Fevereiro de mil quinhentos oitenta, & oito se embarcaraõ os dous Padres de Goa pera Dio. Começaraõ como pronostico dos trabalhos futuros, a ter succesos pouco favoraveis. Passando de Goa pera Baçaim os assaltou hũ tal tufaõ de vẽto, que correraõ evidente perigo. Por naõ poderem tomar Dio, entraraõ em huma enceada chamada dos Babaos, donde Mandaraõ recado a Luis de Mendonça da sua chegada. Este lhes preparou seus vestidos de Armenios,& os meteo assim dentro de dio, pera que os Turcos das embarcaçoens do estreito, que alli comercea vaõ, os naõ conhecessem, & os delatassem aos Turcos, que governavaõ os portos maritimos de Etiopia.

4 Em Dio foi muita a detença, nem Baneanes, nem Mouros queriaõ levar consigo homens brancos, que naõ sabiaõ, quem eraõ; & poderiaõ por isso ter alguma disgraça com os Turcos. Neste tempo o Padre Monserrate esteve sempre em casa, porque como era mui conhecido em Goa, se se manifestasse, ainda em traje de Armenio, seria conhecido, & descuberto: O Padre Paes negoceava pella Cidade algumas cousas pera a viagẽ. Teve alguns perigos, porque foi por tres vezes apedrejado dos meninos da escola

cola de Dio, que cuidavaõ, ſer Mouro. Outra ves indo entrar na fortaleza dos Portuguezes, o quis hum ſoldado, que eſtava de guarda atraveſſar, & o fizera, ſe naõ foſſe outro, que ſe meteo de permeyo, dizendo, que naõ era Mouro.

5 Depois de muitas diligencias acharaõ hum Armenio natural de Alepo, o qual lhes diſſe, que por via de Baçorá os levaria atte a ſua terra, & dalli encaminharia atte o Cayro, da qual Cidade em alguma cafila paſſariaõ ſeguros a Etiopia. Naõ obſtante ſer largo, & perigozo o caminho, tudo venceo o dezejo de entrar em Etiopia. Meteraõſe em a nao deſte Armenio em Abril de mil quinhentos oitenta, & oito. Chegaraõ a Maſcate, que era de portuguezes, alli encontraraõ ao capitaõ Belchior Calaça mui affeiçoado à Companhia, que lhes diſſe hiaõ mui fora de caminho; que o mais facil era, hir a algum porto de Etiopia em direitura; que elle tinha hum Mouro ſeu amigo, bom piloto naquelles mares, que cedo fazia viagem, que acabaria com elle, que os levaſſe no ſeu navio.

6 Tomaraõ eſte conſelho, & ſe paſſaraõ a Ormus, aonde podiaõ mais livremente andar pella Cidade. Alli os hoſpedaraõ no ſeu moſteiro os mui Reverendos Padres de Sancto Agoſtinho. Deyxando os trages Armenios ſe ocuparaõ com grande fervor nos miniſterios da Cõpanhia. Adoeceo gravemente o Padre Paes. Chegado o tempo da moçaõ: ſe determinou, partiſſe sò o Padre Mõſerrate com hum moço Suriano, que lhe ſervia de interprete.

7 Foi notavel o ſentimento do Padre Paes, por ſe ver impoſſibilitado à viagem, mas Deos o conſolou com hum modo de voz, que lhe pareceo, lhe dizia: *Tu es, o que has de entrar em Etiopia, & naõ teu companheiro.* Aſſim veyo a ſucceder. As couſas ſe puzeraõ de feiçaõ, que o Mouro por cauſa dos piratas, naõ quis entaõ dar à vela; & quando depois o fez, já o Padre Paes eſtava capas de acompanhar ao Padre Monſerrate.

8 Comeſſaraõ a viagem a 26. de Dezembro de 1588, com o piloto Mouro, que permitio Deos meter em Zeyla. Sahiraõ de Maſcate com bom vento. Dalli a ſete dias, indo a diante das ilhas Curia, & Muria ſe poz o vento de proa com huma terrivel tormenta, que deſaparelhou o

na-

navio, fazendolhe ſaltar fora o leme, alem de outros deſtroços. Tentaraõ arribar a Maſcate, mas o vento mudou de rumo, pondoſe de popa. Foraõ obrigados a aportar a huma daquellas ilhas chamada ſuadié, que avizinha com outra, que ſe diz Aſquiè. Saõ eſtas ilhas pobres, o ſuſtento ordinario he peyxe cru, depois de bem ſeco; porque naõ ha lenha, com que o cozer.

9 Sete, ou oito dias ſe detiveraõ alli, em quanto ſe preparava huma terrada, pera paſſar a Zeyla, porque a embarcaçaõ, em que vieraõ, naõ eſtava capas de fazer jornada. Partidos deſta ilha, tanto, que aviſtaraõ a Dofar na Arabia, ſe fizeraõ ao mar, por naõ ſerem viſtos de terra; mas o vento ſe pos taõ contrario a ſeus intentos, que por tres vezes, que forcejaraõ, naõ puderaõ, afaſtarſe, quanto dezejavaõ. Em huma volta, que fizeraõ, foraõ viſtos de terra. Logo ſahirrõ a elles duas embarcaçoens ligeiras, q̃ em breve alcançaraõ a terrada. & como naõ tinha defenſa, foi cativa.

10 A cauſa de aver tantas eſpias de terra, foi, que o Mouro diſſe aoutro Mouro em Maſcate, que levava Portuguezes a Zeyla. Ainda, que lhe pedio ſegredo, elle o naõ guardou, deu avizo a Dofar, que vigiaſſẽ eſta embarcaçaõ, porque naõ lhe eſcapaſſem os Portuguezes, que nella hiaõ. Os exames, que aqui ſe fizeraõ aos Padres, foraõ exquiſitos; confeſſaraõ, ir a Etiopia pera ſe ajuntar com os Portuguezes, que lâ eſtavaõ, naõ lhes davaõ credito perſuadidos, ſerem eſpias. Mandou o Capitaõ de Dofar, tirarlhes atte os veſtidos ficando deſcalços, & quaſi nus. Aſſim os meteraõ em huma taipa, que chamavaõ fortaleza, onde padeciaõ muita fome, & tambem as picadas de grande multidaõ de pulgas, de que o lugar era fertiliſſimo.

11 Tomou o Capitaõ reſoluçaõ de os mandar a ſeu Rey. Logo os fez vir diante deſi, & atodo o ſeu fato; perguntoulhes diante de teſtimunhas, ſe eſtava alli todo o ſeu cabedal, reſponderaõ, que ſim. Fez eſta pergunta, porque vendoos depois o Rey taõ pobres, naõ ſe perſuadiſſe, que o Capitaõ, ſe tinha ficado com o recheo. Logo os mandou amarrar, & enviou a el-Rey de Xael ſeu Senhor. Sinco dias navegaraõ ao longo da coſta, atte chegarem a huma Ribeira grande, onde ſahiraõ em terra. Comeſſaraõ a fazer ſeu caminho a pê com grande incomodo, ſendo obri-

gados

gados a acompanhar o paſſo dos Camellos. Porem vendo os Mouros, que naõ podiaõ ſeguir a preſſa, com que hiaõ; os lançaraõ entre as cargas, & continuaraõ a jornada.

12 Na terceira jornada comeſſaraõ a entrar por hum deſerto de area taõ ſolta, que ſenaõ via caminho. De dia ſe governavaõ pello Sol, & de noyte pellas eſtrellas. O manjar, que a primeira vez lhe deraõ, foraõ gafanhotos aſſados, vendo, que nem os podiaõ meter na boca, da ſua farinha, que na matelotagem lhes tinhaõ tomado, lhes faziaõ a modo de hum bolo de ſoborralho, mui pequeno; & poriſſo ſempre era grande a fome; porem maior era a ſede; pois como nos areais naõ avia agoa, da que levavaõ em foles, lhe davaõ com muita regra, & tento. Com a calma, que tudo abrazava, hiaõ os noſſos cativos quaſi conſumidos, & torrados.

13 Nem menos, que dez dias caminharaõ por aquelles areais. No fim chegaraõ a Tavim Cidade grande. Correo pella terra, vinhaõ Portuguezes cativos. Ajuntouſe muita gente, pera os ver. Ficavaõ ao principio como paſmados. Depois perguntaraõ, ſe crião na ſua ley de Maſoma; ſabendo, que naõ: os cuſpiaõ, & afrontavaõ, & ſe os naõ recolheſſem a toda a preſſa a huma caſa, ſem duvida feriaõ mortos, pois os moços ſe hiaõ provendo de pedras, pera nelles as empregarem.

14 No dia ſeguinte ſahiraõ antemenhãa da Cidade, por evitar o motim do povo contra os cativos. Caminharaõ por terras povoadas. No terceiro dia chegaraõ a hũa villa, onde eſtava hum Irmaõ del-Rey chamado Xafer. Recebeos com boas palavras, & fezlhe varias perguntas; mandoulhe dar agoa cozida com certa caſca, que bebem em lugar de vinho. Quando ſe deſpediaõ, diſſe Xafer pera os ſeus: Quanto he eſtes, naõ ſe haõ de fazer Mouros. Caminhando toda a noyte vieraõ a amanhecer junto a Heynaõ Corte del-Rey. Levaraõ-nos pera a fortaleza, onde o Rey morava; alli os meteraõ em huma guarita, aonde os vinha ver muita gente, como a couſa eſtranha.

CAPITULO X.

Do que lhes ſuccedeo com o Rey de Xael, & como foraõ pera Xiomen.

1 DOus dias depois de chegarem, el-Rey Humar, eſte era o ſeu nome, mandou dar aos Padres ſeus veſtidos. Em huma tarde os fez vir a ſua prezença; elle ſe poz como de feſta. Recebeos no terrado da fortaleza, aſſentado em hum eſtrado, levantado da terra quatro palmos, & alcatifado com hum pano de borcado. O Rey eſtava veſtido de hum verde mui fino, na cabeça tinha ſua touca bordada de ouro. Reprezentava idade de quarenta annos, era bem apeſſoado. Naõ quis por interprete ao ſuriano, que os Padres levavaõ, mas a huma molher arrenegada, que eſtava com a Rainha, & ſabia baſtantemente a lingoa Portugueza.

2 El-Rey lhe fallou em Arabio, & ella voltandoſe pera os Padres lhes diſſe: *Diz el-Rey, que naõ tenhais ſentimento, porque Deos vos trouxe aqui; mas eu digo, que voſſos peccados vos trouxeraõ aqui entre taõ mà gente.* Perguntoulhes, quem eraõ, pera onde hiaõ? Reſponderaõ, ſer Padres, que hiaõ pera Etiopia, a eſtar com os Portuguezes, que lá avia. Gaſtou a tarde em varias perguntas. Os Padres pediraõ, lhes mandaſſe, dar os ſeus livros no dia ſeguinte, ordenou, ſe lhe reſtituiſſem os livros, deraõſelhe os breviarios, que foraõ, os que pediaõ; com o que ficaraõ mui conſolados.

3 Naquelle lugar eſtiveraõ os Padres por alguns dias, ſem ſaber, que ſeria feito delles. Veyo depois a vizitalos a molher, que ſervira de interprete, & lhes diſſe, que o Rey tinha boa vontade de os reſgatar, mas que temia aos Turcos, a quem era tributario. Perguntaraõ à molher, como viera a cahir em cativeiro: reſpondeo, que paſſando de Chaul pera Ormus a tormenta os trouxera a Xael, & que parando à viſta da Cidade foraõ alguns Mouros à embarcaçaõ dizendo, que bem podiaõ ſahir a terra pera tomar refreſco, porque eraõ amigos. Deraõlhe credito; & ſahindo alguma gente a cativaraõ, & logo ſe foraõ à embarcaçaõ,

çaõ, & a tomaraõ. Os Portuguezes foraõ oito, & ſendo trazidos âquella terra em tempo do pay do Rey vivo, fez com elles quanto pode pellos preverter, & naõ ſe deixando vencer, naquella terra acabaraõ conſumidos com trabalhos.

4 Contoulhes mais a molher, que hum daquelles Portuguezes tivera grande amizade com hum Mouro, que comerceava em Melinde; pediolhe, lhe avia de levar huma carta, elle o prometteo, mas avida a carta, a meteo na maõ á el-Rey, que buſcou, quem a leſſe. Nella dizia, em como ſe mandaſſe huma fuſta, tomar alguns Mouros naquella coſta, & que por elles ſeria facil a troca dos Portuguezes cativos. Tomou o Rey tanto fogo, que chamandoo lhe diſſe: ou vos aveis de ſer Mouro, ou morrer aqui: Reſpondeo o Portugues: *Naõ ſou eu homem, que me faça Mouro.* Irado o Rey metendo maõ ao alfange lhe cortou a cabeça. Seu nome eſtâ sò eſcrito no livro da vida, o ſobre nome, q̃ foi sò o que ficou entre os homens, era *Preto*.

5 Daqui tomaraõ ocaſiaõ os Padres pera lhe eſtranhar, o que tinha feito: reſpondeo, que no coraçaõ era Chriſtaõ, mas que naõ ſe atrevia, ao dizer com a boca diante dos Mouros. Nem com ella puderaõ os Padres acabar outra couſa. Neſta prizaõ, em que eſtiveraõ quatro mezes, padeceraõ grandes fomes. A terra he falta de mãtimentos, & ainda, que ſe chama Arabia Felîs, diſto sò tẽ o nome: produs trigo, cevada, & milho, tudo em pouca quantidade. Ajudaõſe das tamaras de algumas palmeiras. A gente he de cor baça. O ſeu principal ornato ſaõ os cabelos, que deixaõ crecer à vontade, & encreſpaõ com ferros quentes; em lugar de polvilhos os untaõ com manteiga.

6 Era o Rey de Xael tributario ao Baxâ Turco do Reyno de Yamen. Eſte Reyno começa da boca do mar Roxo pera dentro. Tanto, que o Baxâ teve noticia dos cativos, ordenou a el-Rey de Xael, lhos remeteſſe; porq̃ ſegundo os concertos, que tinhaõ feito, todos os Portuguezes cativos pertenciaõ ao Graõ Turco. Obedeceo o Rey, mandou de caminho quatro cavallos de prezente ao Baxâ, deu Camellos, em que foſſem os Padres, encomendou, aos que os levavaõ, os trataſſem bem, dando por rezaõ, que os Padres nada pediaõ pera ſi, & por-

iſſo ſe devia delles ter mais cuidado.

7 Chegaraõ a huma fortaleza chamada Xaeaonde aos vinte, & ſete de Junho. Proveraõſe de agoa pera paſſar o dezerto: no qual entraraõ governando o caminho de dia pello ſol, de noyte pellas eſtrellas. Quatro dias caminharaõ de dia, & de noyte, deſcanſando sò ao meyo dia, & à boca da noyte. Uſam deſta preſſa, porque o tempo ſe naõ perturbe com alguma mudança, & lhes encubra o ſol, ou as eſtrellas. Poriſſo sò faziaõ dentença nas horas, que diſſe, em quanto comiaõ os Camellos, os quais em todos aquelles dias naõ beberaõ.

8 No quinto dia acharaõ huma fonte, junto della deſcanſaraõ atte a tarde. No dia ſeguinte acabaraõ de ſahir do deſerto, chegaraõ a hum pequeno lugar chamado Melquis, em que viraõ ruinas de grandioſos edificios, de cuja origem sò diziaõ os naturais, que fora alli huma grande Cidade, & que a Rainha Sabâ tivera nella abegoarias de muito gado.

9 Deſta povoaçaõ em doze jornadas, que fizeraõ por terras bem povoadas chegaraõ a Canaan cabeça do Reyno Xiomen, & Corte do Baxâ, que o governa. Alli os ſahio a receber com muita gente de pê, & alguma de cavallo o Governador, & mandando tocar os atabales, os fez ir a pê diante do ſeu cavallo, atte o paço do Baxa; onde lhe fizeraõ grandes exames, & perguntas, porque os tinhaõ por eſpias. A tudo reſponderaõ, o que em verdade avia. Por fim os meteram no tronco, que tinha tres andares, elles ficaraõ no da terra, que era o mais cruel.

10 Naõ ſe dando por ſeguros, os quizeraõ carregar de ferros, mas vendo, que o Padre Monſerrate era muito velho, os lançaraõ sò ao Padre Pedro Paes. Lançaraõlhe huma braga no pê, cuja ponta ſe arrematava na cinta. Neſta forma era todos os dias tirado do tronco pera o trabalho. Sentia muito o Padre Monſerrate, naõ ſe ver tambẽ aſſim aferrolhado, como via a ſeu companheiro. Ao moço Suriano, que os Padres levavaõ pera interprete, levou pera ſua caſa o veador da fazenda, & o fez ſeu comprador, vendoo bem procedido. Uſava elle grande fidelidade, daqui nacia, darlhe o Senhor por vezes os ſobejos, que elle das compras lhe hia reſtituir. Eſtes ſobejos, como bom Chriſtaõ, levava aos Padres, com que os ajudava nas grandes

des faltas, que padeciaõ do neceſſario.

11 Naõ lhes durou muito eſta conſolaçaõ, porque encontrando o moço hum dia com certo Turco ſeu patricio, lhe deu conta do ſeu trabalho. O Turco lhe alcançou liberdade do Baxâ, pera ſe voltar à ſua terra. Deſpedindoſe dos Padres, lhes prometteo de voltar à India, & de lâ os ajudar, quanto pudeſſe. Se bem o diſſe, melhor o fez; porq̃ dentro de poucos mezes deu volta por Ormus, veyo a Goa; & deu noticia, de quanto tinha paſſado.

12 No meſmo tronco acharaõ os Padres vinte, & ſeis Portuguezes com mais ſinco Chriſtaõs da India, que foraõ cativos na coſta de Melinde. Eſtes naõ obſtante o cativeiro eſtavaõ entre ſi tão deſavindos, que sò faltava matarẽſe. Porem os Padres aſſim os tornaraõ amigos, que era eſpanto aos meſmos Turcos: ſeguioſe daqui, que o Baxâ fez aos Portuguezes ſeus jardineiros. Eſte homem de hortelam do Grão Turco chegara à prezente fortuna; & pera memoria do que fora, tinha na ſua primeira ſala pendurada a enxada, porque tantos annos puxara, que em hum Turco he exemplo raro; & entre Chriſtaõs feria de notavel admiraçaõ.

13 Como o Alcayde dos carceres vio o bom gazalhado, que o Baxâ fazia aos cativos, lhes mudou o carcere, mandandoos paſſar pera o primeiro ſobrado. Onde tinhão baſtante largueza. Ficaraõ com ſeu apozento à parte alem de outra caſa; onde fizeraõ ſeu oratorio. Pello Natal armaraõ hum curioſo prezepe, que os Turcos vinhão a ver, & lhe trazião cera, pera ſe alumiar: cantavaõ alli matinas com ſeus motetes ao ſom de tres violas, que tambem inventaraõ. Na ſomana ſancta cantarão officio das trevas, ouve ſermoens, & o mais, a que o lugar dava comodo. Aſſim alliviavão o ſeu cativeiro, & crecião em piedade.

CAPITULO XI.

Como ſe lhes multiplicaraõ aos cativos os trabalhos.

1 A Via jâ dous annos, que a prizaõ durava, hum paſſaraõ na logea do carcere, outro no ſobrado, quãdo ſe lhes abrio huma pequena eſperança de ſahir da prizaõ,

zão, mas brevemente ſe lhes murchou. Era a molher do Baxâ caſta de Chriſtaõs, & naturalmente bem inclinada, tinha hum Eunuco tambem da meſma caſta: por eſte mandou dizer aos Padres, que hum dia, em que o Baxâ avia de ir, ver as ſuas hortas, vieſſem elles, ver a hum ſeu filho de ſete annos, pera ella por eſte modo tambem os ver.

2 O Eunuco deu o ſeu recado, & os jardineiros Portuguezes derão aos Padres huma redoma de agoa rozada, pera offerecer ao menino. Em quanto durou a vizita, a may os eſtava vendo de huma janella, ſem ſe deyxar ver delles. Depois de ſe irem, diſſe ao Eunuco, que fizeſſe huma petiçaõ em nome dos Padres, naqual reprezentaſſem a ſua pobreza, & pediſſem por eſmola a liberdade, & que os deyxaſſe ir a Jeruſalem. Eſta petiçaõ por maõ do menino ſe meteo ao pay, achandoſe a may prezente, a qual aſſim abonou a cauſa dos Padres, que o Baxâ poz o deſpacho dezejado; & acrecentou, que podiaõ partir com o primeiro correyo, que foſſe pera Conſtantinopla.

3 Alegres eſtavaõ os Padres com tal deſpacho, quando hum Baneane mal intencionado ſe foi ter com o veador da fazenda, dizendolhe, ſe admirava, de que o Baxâ puzeſſe tal deſpacho, quando por aquelles cátivos o menos, q̃ lhe podiaõ dar, eraõ finco mil cruzados. O Veador foi logo com eſta nova ao Baxâ; que nenhum caſo fez do deſpacho, que dera; antes os entregou ao Veador, pera que elle os apertaſſe de ſorte, que deſſem os ſinco mil cruzados. Tomou eſte cuidado o Veador, eſtreitoulhes a porçaõ, & a prizaõ, mandandolhes dizer; que ſe deſenganaſſem, que atte não darem vinte mil cruzados, naõ teriaõ melhor fortuna. Neſte rigor paſſarão anno, & meyo, recebendo pera ſuſtento hum sò paõ, mais de farelos, que de farinha. Nem os Portuguezes lhes podiaõ acodir, porque não lhes faltavão miſerias.

4 Succedeo vir alli hum Turco de Argel filho de Turco, & de huma Chriſtãa cativa, homem entre elles devoto, que hia vizitar a caſa de Meca. Eſte ouvindo dizer, eſtavaõ alli Padres cativos, pedio ao Veador, lhos deyxaſſe, ir a caſa. Concedeolhe, que foſſem lâ, quando elle muito quizeſſe. Mandavaos chamar muitas vezes, goſtava de os converſar, davalhes de jantar com grandeza. Louvava muito aos Padres de bons, & grandes letrados.

Mo-

Movidos com eſta fama alguns Cacizes, que ſe prezavaõ de ſabios, foraõ diſputar com elles; mas às duas palavras ficavão atados; diſculpandoſe, que a ſua ley ſe defendia com o alfange.

5 Neſte tempo veyo tambem alli hum Caſtelhano vizinho de Sevilha, o qual de idade de oito annos fora cativo, & criado na maldita ſeita, eſte nunca pelejou contra Chriſtaõs, mas pello muito, que fez na guerra contra Mouros, chegou ao poſto de Baxâ de Suaquem, pera onde hia, de Suaquem ao Depois intentou paſſar pera Dio, mas ſendo conhecido eſte ſeu conſelho, foi morto por traça deſte Baxâ de Xiomen. Eſte Caſtelhano chegando â quella terra chamou aos Padres, & lhe fez muitas honras. Intentou tiralos do cativeiro; quando andava neſta pertençaõ, chegou ao Baxâ huma triſte nova da morte de hum filho, com aqual ſe fechou, ſem dar audiencia a alguem. O Caſtelhano por não perder a moçaõ, ſe fez à vela. E tambem em breve ſe partio o Turco de Argel. Com iſto tornarão os prezos aos ſeus antigos trabalhos.

6 A ſua conſolaçaõ era o fruto, que faziaõ nos cativos, pera varios ouveraõ eſmolas da Miſericordia de Chaul, com que ſahiraõ do cativeiro. Reduzirão a quatro arrenegados, os quais com grandes perigos fogirão pera terras de Chriſtãos, & ſe congraſſarão com a Sancta Madre Igreja.

7 Pera os Turcos virem a cahir nos ſinco mil cruzados, porque tinhaõ aſſentado largar os Padres, lhe pedirão os vinte mil: porem como os Padres naõ deferiſſem, os hião apertando. Neſte tempo os livrou Deos das mãos de hum cruel Turco, que perſuadido faria nos Padres hum bom emprego, prometteo por elles tres mil cruzados. Achou o Veador por disbarate dar por tres, o que julgava valer ſinco: por tanto lhos não quis largar: que ſeria pera os ſervos de Deos nova morte, por ſer aquelle homem muito cruel com os cativos, pera aſſim tirar delles grandes reſgaſtes. Taõ impaciente, qué por o Baxâ lhe não reſtituir hum pouco de fato, que lhe tinha tomado, ſe cortou a barriga, & as meſmas entranhas, & a hum filho, que lhe acodio, atraveſſou a mão com hum punhal.

8 Vendo o Baxâ, que os Padres naõ chegavaõ, ao q elle queria, & que ſe vinha chegando o tempo de ſucceſſor;

ſor; Mandou dizer aos Padres, que eſtava o ſeu reſgate taxado em ſinco mil cruzados; que ſe os naõ prometeſſem logo, que então comeſſavão os ſeus trabalhos. Reſponderaõ, que elles dezejavão muito ſua liberdade, mas que naõ podião prometer por ella, o que não tinhão; & que sò poderião achar, o que os outros cativos davaõ por ſi.

9 Com eſta repoſta ſe aſſanhou muito mais o Veador. Mandouos meter em huma maſmorra, & lançar ao peſcoſſo collares de ferro, de tres dedos de groſſura, dos quais pendia huma grande cadea. Aſſim os tiverão na maſmorra com hum Buneane, era ella tal, que aſſentados davão com a cabeça no alto, tão eſtreyta, que mal cabião nella tres peſſoas, o ar mui groſſo, & toda às eſcuras. Em fim mais ſepultura de mortos, que eſtancia de viventes. Dalli a quinze dias os tiraraõ deſta cova, aſſim, porque lhe não morreſſem, como pera os mandar pera Mocâ, por ver, ſe fallando naquella terra com mercadores da India, prometiaõ o que dezejavão, ſe lhes deſſe.

10 Diſtava Mocâ ſeſſenta legoas. Fizerão ſua jornada em Camellos, que he a ordinaria carruagem da terra. De hum, em que hia, cahio o Padre Monſerrate, & por ſer velho, & aquelles animais tão altos, foi a queda mui perigoza. Pedio, lhe deſſem hum jumentinho, que tambem hião deſtes na cafila; porem onde cuidou, tiveſſe algum allivio, ſe lhe accrecentou o perigo; porque em hum paſſo eſtreito tendo hum encontraõ com hum Camello, eſte lançou de aveſſo ao jumentinho, & a carga. Deſta ſegunda, queda ficou o bom velho tão pizado, & moido, que ſenaõ podia bolir, ſenão com ajuda do Padre Paes, & do Buneane, que com elles eſtivera na cova.

11 A paſſagem, que lhes davaõ os Mouros da cafila era muito má, & moleſta, poriſſo com multiplicados trabalhos chegarão a Mocâ. Alli forão recebidos de hum criado do Veador tal como ſeu amo. Logo lhes ſahio com a importuna teima dos ſinco mil cruzados. Deraõlhe os Padres a meſma repoſta. Irado com ella, os mandou meter em huma logea chea de drogas, & eſpeciarias da India, cravo, canella, pimenta. Aqui eſtiverão a ponto de eſpirar abafados: era a calma grandiſſima, & mais inſofrivel com o cheiro daquellas drogas calidas, que a faziaõ maior.

12 Succedeo, que no meſmo tempo, que os Padres fo-

forão metidos na logea, hum moço Abexim estava no alto da casa borrifando com agoa a seu amo, pera mitigar a furia do calor, em que todos se abrazavão. Levado este de huma natural compayxão, disse ao amo, se nôs aqui nos estamos abrazando, que será daquelles tristes, que mandastes meter na logea entre as especiarias: dayme licença, pera os tirar, antes que morrão. Avida a licença, deceo abayxo, & os tirou mais mortos, que vivos; logo os passou a outra casa, onde tomarão algum alento com o ar menos afogueado.

CAPITULO XII.

Do mais, que succedeo aos Padres atte serem resgatados, & da morte do Padre Antonio de Monserrate.

1 AVizou o Criado ao Veador, em como os cativos, não lhe davão outra reposta, senão a que a elle lhe tinhão dado. Respondeolhe, que fizesse prezente aos cativos huma clausula da sua carta, cujas palavras erão: *Senaõ derem sinco mil cruzados, mos tornay a mandar com cadeyas aos pescoços; & com grilhoens nos pes, que eu sey, o que delles hey de fazer.* Esta clausula fez o criado ler ao Padre Paes, porque sabia Arabigo; & acrecentou, a cadeya, eu vola porei, mas naõ os grilhoens, porque heis de ir a pê diante do meu cavallo, & com este alfange vos hei de ir picando, pera que vades de pressa.

2 Tambem com elle nos podereys matar, disse o Padre, se tendes ordem pera isso; & tende por certo, que nada mais dezejamos, que morrer por nossa Sancta Fê. A isto acodio o barbaro, se tanto dezejais a morte, cedo a tereis com vosco em chegando a Canaan, mas ha de ser sendo esfolados vivos. Depois destes medos os tornou à logea, atte, que as embarcassoens da India partissem, por ver se acazo chegavão, ao que elle queria.

3 Tanto, que se fizeraõ à vela, mandou meter os cativos, em huma de duas galês, que no porto avia: tirarãolhe as cadeas, que trazião, & com outras nos pês os puzerão ao banco, metendo entre elles quatro forçados. A comida era huma pequena medida de milho vermelho mui a

margozo,que aſſim o avião de comer,pois nem tinhaõ modo pera o cozer, nem pera o moer. Com tudo Deos lhe deu traça, com que lhe moderaſſem o amargoz. O primeiro meyo foi entregaremno a dous forçados, que ſahião fora, pera, que o levaſſem a huma molher, eſta o moeſſe, & cozeſſe, & delle tiraſſe a paga do ſeu trabalho. O incomodo era, que avendo, quem o levaſſe, faltava muitas vezes, quem o trouxeſſe.

4 He a neceſſidade may de ingenhos, & dos artificios, & aqui ella foi, a que deſcobrio caminho ao Padre Paes, pera cozinhar o ſeu milho. Lançava-o ſobre huma lagem, que alli eſtava pera outro miniſterio, pizava-o com hum ſeixo lançando-lhe agoa, com que vinha, a ficar maſſa. Eſta maſſa metia em hum vazo de barro, a modo de quem por dentro o barrava. Depois lançavalhe algumas brazas. Com eſte fogo ſe chamuſcava, & engrolava a maſſa; & aſſim meya queimada, & meya crua elle, & o companheiro a comiaõ.

5 Era porem o trabalho de pizar o milho mui exceſſivo, pois o Padre Paes, que era ſobre quem cahia eſte cuidado, jâ nem podia com elle. O Padre Monſerrate por ſeus annos, & fraqueza naõ eſtava pera tal couſa. Neſtes apertos moveo Deos a hum Cafre, que eſtava no meſmo banco, o qual tomou à ſua conta moer o milho, ſem poriſſo lhe darem paga, pois nada tinhão, com que ſer agradecidos, mais, que boas palavras. A eſta fome ſe ajuntava a falta do ſono, as pulgas erão infinitas, os moſquitos innumeraveis; eſtas pragas os não deixavão fechar olhos.

6 A todas eſtas miſerias fazia mais pezadas o tratamẽto do comitre da galé, homem deshumano, o qual remara em huma galè Portugueza, deque fogira, & queria agora vingar nos cativos os golpes, que elle levara em a noſſa galé. Quis a galé fazer viagem, no tempo, que ſe arvorava o maſtro, cahio hum coriſco, que o fez em pedaços, & ſaltãdo eſtes pera diverſas partes, foi Deos ſervido, que ninguem recebeſſe dano. Quanto parece os quis Deos livrar ainda, que maos, por eſtarem naquelle lugar dous ſervos tanto do ſeu agrado.

7 Avia jâ tres mezes, que lidavaõ atados à quelle rigoroſo banco, quando chegou alli o Turco de Argel, que aſſima diſſemos, lhe fizera bom gazalhado. Eſte avendo

li-

licença do Capitão da galé, os levou pera sua casa, aonde por espaço de vinte dias, que se deteve, os tratou com benevolencia, & liberalidade. Quando se partio, os encomendou ao Capitão, pedindolhe, que os não tornasse a meter no banco. Então lhe deu boas palavras, mas em o Turco partindo, os tornou a meter na cadea da galé.

8 Neste tempo, & insofrivel trabalho adoeceo gravemente o Padre Monserrate: fez aviso o Padre Paes ao Capitão, que se lembrasse, que avia de dar conta daquelle cativo ao Baxá, pois assim o deixava perecer. Com este medo, mandou ao doente pera terra, & ao Padre Paes, pera, que o curasse; mas logo lhe tirou a ração de milho, que de ordinario lhe dava. Nestes apertos se valeo o Padre Paes de hum Baneane, que lhes acodio com algum arroz, & mãteiga, & lhes emprestou dous cruzados, atte virem as naos de Dio. Com isto se remediarão, & com os caldos de arroz, & manteiga, que fazia o Padre Paes, foi dando alento ao seu doente, com que ficou melhorado.

9 Hum anno avia, que estavão em Moca, quando chegarão as naos de Dio, & com ellas carta do Viso-Rey Matthias de Albuquerque pera hum Baneane, em que lhe ordenava, resgatasse os Padres, que assim era ordem del-Rey, & que desse por elles, quanto fosse necessario, tudo à custa da fazenda real.

10 Tratou logo o Baneane este negocio com os Padres, elles se ouverão com tal modo, que derão a entender ao Turco pouco apetite de sua liberdade. Vendo elle isto, por não perder tudo, se veyo a concertar em mil cruzados, & ainda os Padres hiaõ à mão ao Baneane, dizendo, que melhor seria, perderem elles a vida, que darse tanto dinheiro, com o qual podia ser resgatado maior numero dos outros cativos. Naõ deu por isto o Baneane, & assim se concertou nos mil cruzados.

11 Já estavão pera se embarcar, quando lhes veyo cõ embargos o Capitão das galés, dizendo os naõ largaria, sem lhe darem a elle cem cruzados pello tempo, que os deixou estar em terra. Foi tal a teima do homem, taõ pouco o tempo atte partirem as naos, que o não avia, pera escrever ao Baxá; por tanto o ouverão de contentar. Fizeraõse na volta de Dio, onde chegarão em vinte, & nove dias, depois de ter no mar padecido huma tal tormenta, que lhes le-

vou velas, & quebrou a cana do leme.

12 Entrando em Dio, aonde atte entaõ a Companhia não tinha caſa, os foraõ buſcar a bordo, & hoſpedaraõ no ſeu convento com toda a caridade os Padres Capuchinhos; & depois tambem por ſua muita caridade os Padres de Saõ Domingos quizeraõ, ſe dividiſſe com elles a hoſpedagem, & os tiverão no ſeu moſteiro, atte chegar a monçaõ. Chegaraõ a Chaul, onde os Irmãos da Sancta Miſericordia, mandaraõ, ſe deſſe tudo, o que os Padres diceſſem, ſer neceſſario pera o reſgate dos mais cativos, que ficavaõ em Canaan.

13 Dalli paſſaraõ a Goa, onde os recebeo como a homens glorioſos, & que em ſerviço de Deos tinhaõ padecido tanto, o Padre Franciſco Cabral então Provincial da Provincia de Goa. Atte aqui foraõ os trabalhos comuns a eſtes dous Padres. O Padre Pedro Paes andando os tempos tornou à ſua demanda de Etiopia, nella entrou, & foi Apoſtolo daquella naçaõ, & do ſeu Imperador Seltaõ Seguéd, a quem elle reduzio à fé Catholica. Na Etiopia acabou ſeus dias depois de a ter allumiado como hum novo Sol. Tudo referem, os Autores, que das couſas deſte Padre, como de homem abalizado, eſcrevem diffuſamente.

14 Sete annos gaſtaraõ neſte penoſiſſimo cativeiro. O Padre Monſerrate viveo pouco depois de ſahir delle. Falleceo com morte de ſancto no Collegio de Salſete aos ſinco de Março de mil, & ſeis centos. Era homem de muita humildade, por iſſo quando foi â miſſaõ do Mogor, fez por naõ ir por ſuperior dos companheiros. Na India antes de ir a eſta miſſaõ ſe ocupou todo na converſaõ dos gentios, atte, que o Padre Ruy Vicente o eſcolheo por ſeu companheiro na vizita da India. Foi homem de muito trato com Deos. Naõ obſtante ſua canſada velhice, eſtava com graõdes dezejos de voltar a Etiopia, mas Deos em lugar deſta o levou a gozar de ſua viſta. Eſta vida ſe recolheo parte de manuſcritos antigos, que trataõ da peſte de Lisboa, o de mais dos Padres Balthezar Telles na Hiſtoria de Etiopia. Do Padre Luis de Guſmão na Hiſtoria das miſſoens da Companhia no Oriente. Do Padre Alonſo de Andrade na vida do Padre Pedro Paes como quinto dos Varoens illuſtres. O Agiologio Luzitano aos ſinco de Mayo delle

faz

faz singular, & honorifica mençaõ. Tambem delle trata alguma couſa a ſegunda parte da Hiſtoria deſta Provincia por occaſiaõ da peſte grande de Lisboa, em que ſervio.

CAPITULO XIII.

Martyrio do Irmaõ Bento de Caſtro, & vida do Padre Fernaõ Rebello, & ſancta morte do Padre Jorge Fernandes. No mez 15. de Julho de 1570.

1 COm rezaõ podemos chamar Noviços do Noviciado da caſa de Saõ Roque, a todos aquelles, que tendo eſte eſtado padeceraõ em Companhia do veneravel Padre Ignacio de Azevedo, & do veneravel Padre Pedro Dias; pois todos antes de ſe embarcarem, depois de vir de Valde Roſal, ſe hoſpedarão nos apoſentos, que ſerviaõ aos Noviços na caſa de São Roque. Tinhaſe aquelle Noviciado pouco antes desfeito por cauſa da peſte grande de Lisboa, & os Noviços foraõ mandados pera Coimbra, & Evora; por eſtar aquelle edificio deſocupado, alli ſe recolheo aquelle bemaventurado eſquadraõ; que naõ he pequena gloria de taõ ſancta caſa ſer ſanctificada por tantos, & taõ illuſtres martyres. Mas como delles fallo em outras partes, aqui sò direi do Irmaõ Bento de Caſtro, que todo foi deſte Noviciado.

2 O Irmaõ Bento de Caſtro naceo na villa de Chadim no Biſpado de Miranda. Seus pays ſe chamaraõ Jorge de Caſtro, & Izabel Bras, entrou na Companhia em o Noviciado da caſa de Saõ Roque aos dous de Agoſto de 1561. Era Irmaõ de muita virtude, poriſſo o veneravel Padre Ignacio de Azevedo lhe deu, em a nao a occupação de Meſtre dos Noviços.

3 De todo o exercicio de virtudes, com que o veneravel Padre Azevedo enſayou pera o martyrio a ſeus benditos companheiros, foi boa parte o Irmaõ Bento de Caſtro. Elle com os mais no retiro de Valde Roſal ſe entregou todo a Deos. Depois na caſa de Saõ Roque fez muitos actos de virtude, & em eſpecial de humildade, naqual muito ſe exercitou ſeu glorioſo Capitaõ.

4 Depois em a nao, como foi por Meſtre dos Irmãos No-

Noviços, era a todos vivo exemplo de ſanctidade. Partio a nao Santiago, em que hiaõ eſtes ditoſos Argonautas, da Ilha da Madeira em demanda das Canarias. Junto da Ilha da Palma foi aſſaltada do Coſſario Jaques Soria, & finalmente entrada dos ſeus ſoldados, taõ hereges todos como o ſeu General, inimiciſſimos do nome de Catholicos Romanos, em eſpecial de Padres da Companhia, a quem deſejavaõ beber o ſangue, por ſerem os defenſores mais incontraſtaveis, que a fé Catholica tinha em França. Tanto, que diziaõ abertamente, que a naõ ſerem os Jeſuitas, toda França ſeguiria as partes de Calvino.

5 No conflicto ordenou o veneravel Padre Ignacio de Azevedo, que o Irmaõ Bento de Caſtro retirado com os ſeus Noviços, nas eſtancias, em que antes ſe acomodavaõ, eſtiveſſem em oraçaõ. Quando a nao comeſſou a ſer entrada dos inimigos, tudo era, importunarem os Noviços ao ſeu Meſtre, lhes deſſe licença, pera ſahirem a proteſtar a fé, como no meyo do convés fazia o Sancto Padre Azevedo.

6 A nenhum deu licença, querendo elle ſer o primeiro, como o foi de todos, os que neſta occaſiaõ deraõ ſuas vidas. Levado pois de hum abrazado eſpirito tomando nas maõs a Santa Cruz rompeo pellos Portuguezes, & Hereges, que pelejavaõ, & ſubindo ao caſtello da proa, por onde os inimigos entravaõ, proteſtou a fé Romana em altas vozes, deteſtando os erros, que elles ſeguiaõ. Vendo os Hereges, que naõ pelejava por defender a nao, mas sò pella fé, que elles tanto aborrecião, o paſſaraõ com alguns pelouros, mas como toda via continuaſſe no meſmo fervor, ſe foraõ a elle, & dandolhe de punhaladas, aſſim meyo vivo o lançaraõ no mar. Foi ſua ditoſa morte aos 15. de Julho de 1570.

Evora 20. de Novēb. de 1608.

7 Pouco he o que acho eſcrito do Padre Doutor Fernaõ Rebello, mas porque eſſe pouco naõ pereça, ſique delle neſte lugar huma breve memoria. Naceo em Caria no Biſpado de Lamego, entrou na Companhia na caſa de Saõ Roque aos vinte de Mayo de mil quinhentos ſeſſenta, & dous, continuou ſeu Noviciado em Evora. Naquella Univerſidade lendo annos enſinou Philoſophia. Depois Theologia doze annos, & foi Reytor annos Cancellario.

8 A virtude entre outras nelle mui ſingular foi a paciencia:

ciencia: nunca da ſua boca ſahio palavra, que naõ foſſe a meſma manſidaõ. No fervor dos argumentos, & actos litterarios ſe offereceraõ muitas occaſioens de agaſturas, q̃ as trazem conſigo ſemelhantes funçoens, em todas nunca ſahio deſi o Padre Fernaõ Rebello. Os Academicos lhe chamavaõ por eſta cauſa o Job, & foi o nome por onde de ordinario o nomeavaõ. Em huma occaſiaõ hum Doutor lhe argumentava em certo acto, reſpondia o Padre com a ſua coſtumada manſidaõ, naõ ſofrendo tanta paz o argumentante, com a quietaçaõ do Preſidente mais ſe enfureceo; & como entre o argumentar puzeſſe huma nova duvida, acrecentou com grande colera eſtas palavras: *Quid dicis ad hoc? Dic, Dic, Job, Job, Job.* Nada ſe alterou o Padre, antes ſe ouve com tal moderaçaõ, como ſe termos taõ deſuſados a elle ſenaõ encaminharaõ.

9 Lendo Theologia de Prima no Collegio de Coimbra, ditava a materia da Incarnaçaõ, tratou ſe o Menino JESUS, nas entranhas de ſua May Sanctiſſima, tivera, ou naõ tivera uſo de reſaõ, ſegundo o entendimento criado. Reſolvendo, que ſim tivera uſo de rezaõ: foi por eſta reſoluçaõ ſindicado, & eſtranhado. O Padre Reytor do Collegio ſe deu por obrigado chamar a conclave todos os homens mais ſabios, que em caſa avia: eraõ eſtes o Sapientiſſimo Padre Doutor Fernaõ Peres, o Padre Doutor Antonio Carvalho, que foraõ Lentes de Prima em a Univerſidade de Evora, o Padre Luis de Morais, o Padre Rui Martins ambos Varoens doutiſſimos, & o meſmo Reytor, que era grande letrado, & Doutor na ſancta Theologia, chamavaſe Nicolao Pimenta.

10 Todos eſtes Doutores ſem diſcrepancia foraõ de parecer, ſe naõ avia de ſeguir aquella doutrina por varios inconvenientes, que ſe propuzeraõ. Aſſim ſe intimou ao Padre Fernaõ Rebello. Deſconſolouſe muito cõ eſta reſoluçaõ, ſem ſahir porem hum ſo apice de ſua coſtumada paciencia Trabalhando mais ſobre as provas da ſua doutrina, achou, que Sancto Thomas nas ultimas palavras da ultima das ſuas diſputadas, affimava, que os meninos, que ouveraõ de nacer de Adaõ, & Eva no eſtado da innocencia, ſe durara, todos aviaõ de nacer com uſo de rezaõ.

11 Ficou o Padre muito alegre com eſte achado, foi deſabafar com outro Padre ſeu amigo, o qual lhe diſſe, comunicaſſe

municaſſe tudo ao Padre Reytor, & lhe pediſſe, tornaſſe a chamar os Padres, & lhes fizeſſe patente a doutrina de Sancto Thomas, & a rezaõ, que avia pera Deos uſar com o Menino JESU, o que ſe avia de praticar com os filhos de Adaõ, & Eva no eſtado da innocencia.

12 Viſtas eſtas couſas todos ſe tornaraõ a retratar. E dalli por diante a doutrina do Padre Doutor Fernaõ Rebello ſe fez comua, ſem ninguem neſte Reyno ſe deſviar della. O que muito veneraraõ todos, foi a paciencia, que moſtrou o Padre em todo o tempo, que durou eſta tormenta. Tendo vivido largos annos com ſingular exemplo, & innocencia de coſtumes, morreo em ſancta velhice no Collegio de Evora aos vinte de Novembro de mil ſeis centos, & oito, foi ſepultado na Capella de Saõ Vicente, que hoje tem a invocaſſaõ do Sancto Chriſto. Algumas de ſuas obras ſe imprimiraõ, & ſaõ tidas em grande eſtimaçaõ. Teve na Companhia hum Irmaõ inteiro chamado Joaõ Rebello, homem ſancto, cuja vida eſcrevo em outro lugar. Do Padre Fernaõ Rebello ſe faz mençaõ na Biblioteca da Companhia. Eſte pouco encontrei em hum manuſcripto antigo do cartorio do Collegio de Evora.

Na Java mayor aos 24. de Setembro de 1580.

13 O *Padre Jorge Fernandes* naceo em Lagos no Algarve, ſeus pays ſe chamaraõ Diogo Lopes, & Izabel Ribeira, entrou na Companhia em Lisboa na caza de Saõ Roque aos ſeis de Dezembro de 1561. de quinze annos de idade, depois foi continuar ſeu Noviçiado em Coimbra. Tendo enſinado Rhetorica em Evora, & Coimbra, com dezejo de ſalvar almas paſſou à India no anno de 1578. De quatorze, que eraõ da Companhia, os que hiaõ naquella viagem, tres padeceraõ Martyrio, os Padres Rodolpho Aquaviva, Jorge Carvalhal, & Jorge Fernandes.

14 Sendo deſtinado pera miſſionario de Amboino nas Molucas, partio de Goa com o Padre Gomes de Amaral ſeu companheiro na viagem, & na morte. Em Setembro de 1580 ſe fizeraõ à vela em a nao de Agoſtinho Nunes. O Padre Mattias Tanner refere nos ſeus Martyres da Cõpanhia, que a nao fora cõ vento proſpero atte a ilha chamada Java Mayor. Trazendo os Javenſes eſpias ao largo, pera invadirem qualquer nao Portugueza, que paſſaſſe pera Molucas, deſcobriaõ eſta vela, logo lhe ſahiraõ ao encontro com muitas embarcaçoens.

15 Pe-

Digitized by Google

15 Pelejouſe de huma, & outra parte com muito calor, atte, que a nao Portugueza oprimida da multidaõ foi entrada, & a recolleraõ no ſeu porto. Dandoſe os Portuguezes todos por mortos, por ſer grande o odio, que lhes tinhaõ os Javezes, os Padres os exhortaraõ à confiſſaõ, & a ſe diſpor pera a morte. Eſtando ambos exercitando o ſancto miniſterio da confiſſaõ, arremeteraõ a elles os Mouros, & os degolaraõ.

16 Deſta ſorte conta o Padre Tanner a perda da nao, porem na hiſtoria do Oriente conquiſtado a Deos pellos Padres da Companhia, que eſtà pera ſahir a Lus, quando iſto eſcrevo; ſe diz, que a nao cõ a força dos tempos entrara em Zaem porto da Java maior, & que os Portuguezes ſe fiaraõ dos naturais, que como Mouros infieis a Deos, & aos homens, naõ guardaraõ ſua palavra. Tomaraõ a nao, mataraõ, a quantos nella eſtavaõ. Tinhaõ os Padres, fiados na palavra dos Mouros, ſaltado em terra, pera confeſſar alguns Chriſtaõs; neſte miniſterio ſe occupavaõ, quando os Mouros, mortos jà os Portuguezes da nao, arremeteraõ aos ſervos de Deos, & os degolaraõ aſſim em odio da naçaõ, como do ſancto miniſterio, que diante de ſeus olhos lhes viaõ exercitar. Foi ſua ditoza morte aos 24 de Setembro de 1580.

17 O Padre Alegambe tem ſer de Lisboa, mas foi engano com outro do meſmo nome natural de Lisboa, o qual faleceo em Coimbra aos 2 de Outubro de 1558. Nos livros das entradas, que vi por eſta cauſa com grande exaçaõ, sò hà tres deſte nome, hum coadjutor, outro de Lisboa, que morreo em Coimbra, & eſte natural de Lagos. Antes de fazer o dito exame tambem tive o engano da ſua patria, pello, que diz o Padre Alegambe. O meſmo Padre eſcrevendo do Padre Antonio Socirо, que morreo Martyr em Ceilaõ, aponta o anno, em que foi de Portugual, mas foi equivocaçaõ com outro do meſmo nome natural de Caminha, que morreo em Malaca, & naõ foi Martyr. O outro he de Borba, & devia entrar na India, porque o naõ trazem os livros das entradas dos Noviciados.

CAPITULO XIV.

Vida do Padre Antonio de Caſtello branco.

Coimbra 8. de Jan. de 1643.

1 NAceo eſte virtuoſo Padre na Rua da Cordoaria velha em Lisboa foi bautizado na freguezia de Noſſa Senhora dos Martyres. Eraõ os nomes de ſeus pays Alvareanes Barreto, & dona Maria de Amaral ambos de grande nobreza. No anno de mil quinhentos ſetenta, & hum aos doze de Março dia de Saõ Gregorio Magno, tendo quinze annos de idade entrou na Companhia na caſa de Saõ Roque. Dahi paſſou a continuar ſeu Noviçiado em Coimbra, onde fez os votos; & no meſmo Collegio no anno de mil quinhentos noventa, & ſinco fez a profiſſaõ de quatro votos.

2 Enſinou letras humanas, Philoſophia, & algum tẽpo Theologia. Depois ſe exercitou nos miniſterios da noſſa Companhia. Foi homem de grande humildade. Sẽdo ſeus pays, & parentes mui nobres apenas ſe ſabia, que os tiveſſe. Andou ſempre à vontade dos ſuperiores, com a qual todo ſe conformava; por mais difficultoſas, que foſſem as couſas, nem deſcontentamento, nem repugnancia ſe vio nelle; buſcava ſempre rezoens, com que deſculpar os ſuperiores.

3 Com ſigo era rigoroſo, todos os dias ſe diſciplinava, ainda quando jâ com a velhice apenas podia mover os braços. Exercitava os officios de caridade com o proximo com grande zelo, como ſe vio em occaſiaõ, que correo com os Chriſtaõs novos, que ſahiraõ no cadafalſo, acodindolhe com notavel caridade aſſim no eſpiritual, como no temporal. Hia em peſſoa pedir eſmolas pella Cidade, pera eſta triſte gente, levando com ſigo hum menino dos ençambenitados, que às recebeſſe.

4 De ninguem murmurava, antes ſe acaſo ouvia alguma murmuraçaõ, logo com autoridade, & boa graça a deſviava. ſe algum lhe comunicava ſuas deſconſolaçoens, ſe compadecia muito, & ſendo conveniente, fallava aos ſuperiores, pera que moſtraſſem boa graça àquelle Padre, ou Irmaõ.

5 De-

Digitized by Google

5 Depois de largos annos, foi nos ultimos doze viver no Collegio de Coimbra, nos quais servio de decano, & presidente das disputas dos casos, & de Prefeito da saude, vizitava frequentemente os enfermos, tinha grande cuidado, de que se executassem as ordens dos Medicos.

6 No Collegio era seu exemplo de notavel edificaçaõ, tinha huma modestia, que parecia cousa divina, & fazia respeito, aos que nelle punhaõ os olhos. Ajustava-se com a ordem da comunidade taõ inviolavelmente, que sendo muito velho, se levantava sempre às horas ordinarias; & se por respeito, ou descuido lhe naõ davaõ candea, elle se levantava, & a hia logo buscar. Nem foi visto faltar a alguma obediencia. Pera exemplo hia sempre à primeira meza, nella guardava huma grande modestia, & mortificaçaõ convidandoo hum Irmaõ curista, que prégava no refeitorio, pera que fosse à primeira meza, lhe respondeo com boa graça: Meu Carissimo, eu naõ tenho licença, pera ir à segunda meza. Naõ aceitava na meza particularidade alguma, nem cousa, que lhe trouxessem fora do ordinario. Tomava frequentemente disciplina no refeitorio ainda em tempo de grandes frios. Depois, que naõ pode tomar nem a ordinaria disciplina de cada dia, ofereceo as disciplinas, de que usara, ao glorioso Padre Sancto Antonio.

7 Naõ admittia, que em alguma cousa o servissem, fazendoselhe algum offerecimento, o agradecia muito, mas naõ se aproveitava delle. Assim cõtinuou, atte que cõ a velhice por causa das doenças ameudadas desfalleceo. Nos ultimos tres annos vendo os Superiores, que jâ se naõ podia servir, nem ir ao refeitorio, o deixaraõ ficar na enfermaria, apozentado, & logo deraõ o seu cubiculo a outro, por elle em se levantando, se naõ tornar a meter nelle. Por vezes, succedia, faltarselhe por descuido em alguma cousa, nunca deu rumor, de que avia a tal falta; porque sempre tinha por demasiado, tudo quanto se lhe fazia.

8 Guardou grande pobreza, as cousas, que tinha de curiosidade, & devaçaõ repartio pellas capellas. Fazendo o Padre Reytor Antonio de Sousa festa a Sancto Antonio, lhe mandou alguns premios, por elle ser Antonio, porẽ o Padre os foi offerecer ao Sãcto, naõ querendo nada pera si. Atte a capa, & chapeo levou pera a rouparia: as

mais cousas, que eraõ precisas ao seu uso, estavaõ tão pobres, que escassamente serviaõ, pera dar de esmola.

9 Era notavel o cuidado, com que se aparelhava pera a morte, parecia, que a andava desafiando. Todos os dias hia vizitar o Sanctissimo, as vezes, que podia. Fazia grande devoçaõ, ver hum homem velho, que a penas se podia arrojar encostado a hum bordaõ, ir visitar o Senhor. Tinha muita oraçaõ. Como estava sempre rezando, ou meditando, eraõ sanctas todas as palavras, com que recebia, & tratava, aos que hiaõ ao seu cubiculo, edificando, & ás servorando a todos.

10 Todas as cousas, que fazia, offerecia primeiro a Deos. Hum dia, quasi sem elle se poder ter, estava varrẽdo o cubiculo, vindo hum Lente de Theologia lhe quis tirar da maõ á vassoura; naõ o consentio, dando por rezaõ, que elle jâ tinha offerecido a Deos aquella obra, & que naõ podia nella faltar, que porisso as costumava primeiro offerecer a Deos, por naõ faltar nellas.

11 A sua missa dizia sempre, acabada a oraçaõ. De Roma, indo a huma congregaçaõ geral, trouxe privilegio pera com a sua Missa tirar huma alma do Purgatorio. Hum dia levantandose a dizer Missa, lhe deu hum vagado, com que cahio no chaõ meyo vestido, & sem falla, assim esteve espaço de hum quarto. Vendo, que tardava, o foraõ buscar, & o acharaõ cahido em terra, passou o accidente a apoplexia, que o teve tres dias alienado de seus sentidos, & finalmente o tirou desta vida, aos oito de Janeiro de mil seiscentos quarenta, & tres. Tinha ditto por vezes, que huma semelhante o avia de acabar, por isso andava taõ preparado, como quem por instantes espera a ultima despedida do corpo & do Mundo. Foi homem, que em setenta annos, que viveo na Companhia guardou hum uniforme teor de vida ajustada com suas regras, & obrigaçoens, & todos tinhaõ de sua virtude singular opiniaõ.

CAPITULO XV.

Dos Irmaõs Antonio de Mello, Joaõ Gonçalves, & Jeronymo Gonçalves Coadjutores temporais.

Evora Julho de 1564

1 POuco he o que acho escrito do Irmaõ Antonio de Mello. Este Irmaõ antes de entrar na Companhia foi

foi pagem do Padre Nuno Rodrigues, cuja vida abaixo vai escrita, & com elle juntamente entrou na Companhia. Deuse de veras à virtude com huma grande santidade, & amor de Deos. Trazia mui recolhidos todos os sentidos. Era Irmaõ de rara humildade, por meyo desta lhe foi de notavel mortificaçaõ mandar por vezes o Superior ao Padre Nuno Rodrigues, que fora seu amo, que o descalçasse, & servisse, como no mundo a elle lhe fazia. O Irmaõ Antonio de Mello. Quanta era a alegria do Padre Nuno, tanta era a mortificaçaõ do Irmaõ Mello.

2 Bom sinal era de sua singular virtude, ser muito estimado do Padre Leaõ Henriques. Em huma doença comprida, que teve, se recreava muito de tratar com este bemdito Irmaõ. Cheyo de virtudes falleceo no Collegio de Evora no fim de Julho de mil quinhentos setenta, & quatro. Sobre o telhado do cubiculo, em que espirou viraõ do seu convento as Religiosas de Santa Monica hum rayo de resplandor, a modo de estrella. A douradas mandaraõ perguntar ao Collegio, que luz era huma, que tinhaõ visto sobre tal parte do dormitorio do Collegio em tal hora. Naõ sabiaõ ellas nem da doença, nem da morte do Irmaõ. Entaõ os Padres confrontada a hora, em que se vio a luz, & o lugar, que se apontava, entenderaõ, ser aquella luz significadora do feliz estado do Irmaõ Antonio de Mello, que na tal hora dera seu espirito a Deos. Esta noticia recolhi de hum manuscrito antigo do cartorio de Coimbra, no qual entre as virtudes de outros servos de Deos se continha esta noticia do Irmaõ Antonio de Mello.

3 Há por certo algumas mortes vestidas de tais circunstancias, que fazem inveja, à quem as lê, tais foraõ as dos dous Irmaõs, que aqui tenho, que referir. O primeiro *O Irmaõ Joaõ Gonçalves* Coadjutor, natural do termo de Barcellos no Arcebispado de Braga. Entrou na Companhia na casa de Saõ Roque aos sete de Setembro de mil quinhentos, & setenta, com vinte, & sinco annos de idade. *Lisboa 23. de Junho de 1574.*

4 Naõ sabia ler, nem escrever, era dotado de huma santa, & amavel singeleza. Sobrevolhe huma doença, de que veyo à ficar manco, & andar encostado à duas muletas. Offereceraõlhe, irse curar a casa de seu pay; por entenderem os Medicos, que cõos ares patrios poderia ter algu-

alguma melhora. Reſpondeo, que antes queria morrer na caza de Deos, que viver na caza de ſeu pay. Entiſicou, & por ſua debilidade ſe atou à cama, tratando ſempre de ſe diſpor pera a ultima jornada.

5 Hum dia eſtando com elle o enfermeiro, o chamou o Padre Miniſtro, pera lhe ir ajudar à Miſſa, a que reſpondeo, q̃ naõ lhe parecia, eſtar o enfermo, pera o deixar sò. A iſto diſſe ao Irmaõ; vâ ajudar â Miſſa. Replicou o enfermeiro, & ſe elle morrer entretanto? O enfermo entaõ lhe diſſe: vâ, que eu eſperarei. Em quanto o enfermeiro foi, pedio o doente a hum Irmaõ, que o vigiava, que lhe deſſe hum gibaõ, & jaqueta, & hum traveſſeiro, ao qual ſe encoſtou eſtando aſſentado na cama.

6 Vindo o enfermeiro da Miſſa lhe perguntou, porque ſe veſtia? Reſpõdeo: Pera eſtar aſſim mais concertado, pera ir pera Noſſo Senhor; & perguntou, ſe o Padre tinha jâ acabado a Miſſa? Como lhe reſpondeſſem, que ſim; diſſe o doente: ora chamémê o Padre, tragaõ a candea, & o Crucifixo. Meteraõlhe na maõ a candea, que elle tomou, & poz os olhos no Crucifixo. Entrou neſte tempo o Padre Miniſtro, que era o Padre Luis de Perpinhaõ, aquem diſſe o enfermo: Meu Padre, he tempo de ir pera Noſſo Senhor.

7 O Padre imaginando, que naõ era de veras a morte, lhe diſſe: ora vamos pera Noſſo Senhor. Niſto diſſe o Irmaõ tres vezes: JESUS Maria; & acabando a terceira ves, diſſe com alvoroço: Jâ naõ vejo, ſendo aſſim, que tinha ambos os olhos abertos, & claros. Levantou a maõ direita, & ſe começou abenzer dizendo: Pello final da Sãcta Cruz, livranos Senhor de noſſos inimigos. Neſta palavra, depois de fazer a Cruz, encoſtou a maõ ſobre o hõbro eſquerdo, & eſpirou, ſem ter arranco, nem final de morte mais, que faltarlhe a falla, & reſpiraçaõ. Ficou aſſentado, & encoſtado como vivo. Ficaraõ os prezentes aſſombrados por cuidarem, que todas eſtas acçoens eraõ ſomente devaçaõ do enfermo, a quem ficaraõ, & com rezaõ, invejando morte taõ chea de prendas dos bens eternos. Falleceo na caza de Saõ Roque em Lisboa aos vinte, & tres de Junho de mil quinhentos ſetenta, & quatro.

Lisboa a de Junho. 1588.

8 O ſegundo foi o Irmaõ *Jeronymo* Gonçalves natural de Montemor o novo no Arcebiſpado de Evora. Em Evo-

Evora entrou na Companhia aos 24 de Fevereiro de 1587 tendo de idade vinte, & hum annos, & meyo. Veyo noviço a servir na caza de Saõ Roque, onde entificou. Eraõ seus procedimentos de hum Anjo, & porisso muito amado de todos. Dizendolhe se queria ir pera casa de seus pays, respondeo cõ grande impeto de lagrimas, que naõ queria vida fora da Companhia, onde sò viera buscar huma boa morte. Alguns dias antes da vizitaçaõ da Senhora lhe pedio, que o levasse neste dia pera si. Era por extremo devoto da Virgem May.

9 Preparouse com os sacramentos, chegado o dia da Senhora sentio em si huma singular devaçaõ, com a qual passou todo o dia, & parte da noyte atte as onze, & meya. Neste tempo perguntou ao enfermeiro, que horas eraõ? Respondendo, que onze, & meya; disse o doente: JESUS Maria, como eu hei de ficar, virgem May, sem ir no vosso dia? Deme, Irmaõ, a vela aceza, & a imagem do Crucifixo. Deuselhe pera o consolar. Fez hum colloquio mui devoto fallando com o Senhor, entregandolhe seu espirito, a que ajuntou: Neste dia da virgem vossa may, & minha Senhora quero passar desta vida.

10 Disseraõlhe, que se conformasse com a vontade do Senhor, & que descansasse. Tirandolhe o Crucifixo, & a candea, cruzou os braços, cerrou os olhos, & espirou, sem dar outro final de seu felice transito mais que a falta do anhelito. Faleceo na casa de Saõ Roque aos dous de Julho de 1588. Assistialhe o Irmaõ Bartholameu Alvres, que deixou escritas estas ditosas mortes em hum manuscrito, que se guarda nó Cartorio de Coimbra.

CAPITULO XVI.

Dos Irmaõs Cosme Vas, & Antonio Affonso.

1 ARdendo Lisboa com a peste do anno de 1569, servindo nella aos feridos, acabou sanctamente o Irmaõ Cosme Vas. Era natural da Cidade do Porto. Entrou na Companhia em o Noviciado da caza de Saõ Roque aos 20 de Outubro de 1566, tendo dezanove annos de idade. No tempo da peste assistia no Collegio fazendo offi- *Lisboa 26. de Agosto de 1569.*

officio de porteiro, aonde tratava com grande amor aos pobres. Dis elle em huma carta ſua, ſerem tantos à portaria, que elle naõ fazia mais que ir, & vir a buſcar eſmolas; & que era mui grande a caridade do Padre Reytor Gaſpar Alvres em acodir atodos. Logo, que a peſte ſe declarou mais, paſſou o Irmaõ Coſme a ſer Companheiro dos Padres, que hiaõ pellas freguezias confeſſar, & prover os enfermos.

2 Neſta caridade era em todos o trabalho exceſſivo. Os trabalhos (dis eſte Irmaõ em huma carta ſua) que os que neſte Collegio eſtaõ, levaõ, ſaõ muitos, mas parecenſe algum tanto, com os que levaõ os noſſos cariſſimos na India, porque certifico, que nunca em minha vida taõ conſolado andei, como agora, & o meſmo vejo nos outros Padres, & Irmaõs; naõ ſe nos diminuindo os trabalhos, mas antes acrecentandoſe, porque todos os dias imos fora, & às vezes vimos pera caza à huma hora, & às duas depois do meyo dia, ou pera milhor fallar: ſempre. Os dias paſſados ſahia eu da ſegunda meza, & acertaraõ de chamar, pera hum enfermo; & chegava entaõ hum Padre defora, o qual eſtava, pera lavar as maõs, & ir à meza, o qual logo ſe offereceo, pera ir, & foi, & eu fui cõ elle. Aſſim vai cõtinuando com outras couſas, que naquelle tempo ſuccediaõ.

3 Tanto, que no Collegio comeſſou de aver feridos, fizeraõ enfermeiro ao Irmaõ Coſme Vas, o qual fez eſte officio com grande caridade, & incanſavel zelo, atte que ſe lhe pegou o mal. Delle dis aſſim em huma ſua carta o veneravel Irmaõ Balthezar Dias: Ontem adoeceo o cariſſimo Coſme vas, porque andava mui enfraquecido do trabalho, por aver ſido enfermeiro des do principio na caza grande dos cazos, onde teve a meu parecer grande coroa de gloria, curando com muita caridade atodos. Era elle enfermeiro geral de todas as enfermarias, porque eſtavaõ jâ alli os Irmaõs de Saõ Roque, que occupavaõ as claſſes por riba; & os negros, & moços, que adoeciaõ, eſtavaõ em baixo; & como digo, andando deſta maneira lhe deu a doença mui rija, & com grandes febres. Atte aqui o que dis na ſua carta o Irmaõ Balthezar Dias. Outro daquelles ſanctos Religioſos fazendo mençaõ deſta morte dis: Morreo o Irmaõ Coſme vas, que era o cunhal das enfermarias

de

de Sancto Antaõ. Com esta semelhança explicou, o grande pezo de trabalhos que cahia sobre este Irmaõ, & como seu espirito era sofredor de todos.

4 O Padre Antonio de Monserrate dis assim do Irmaõ Cosme: O Irmaõ Cosme Vas naõ teve lugar, pera nos dar a edificaçaõ na morte, que nos tinha dado na vida, & doença, porquanto hum frenesi lhe tirou o juiso, & sentidos; mas da caridade, com que elle curou os doentes, & alegria de seu rosto no trabalho de toda a enfermaria, & ordem, que em tudo tinha, & santa fouteza, que Nosso Senhor lhe dava, pera amortalhar, & enterrar, os que morriaõ, ao qual ajudava o Irmaõ Estevaõ Fernandes, avia muito, que contar, mas por brevidade o deixo, fazendo conta, que em Deos veramos: *Quam gloriosus ipse sit in sanctis suis.* Acte aqui o Padre Monserrate. Adoeceo este servo de Deos aos vinte, & hum de Agosto, & falleceo aos vinte, & seis do mesmo no anno de 1569 no Collegio de Sancto Ahtaõ em Lisboa.

5 *O Irmaõ Antonio Affonso* na mesma occasiaõ, & pelda mesma cania acabou seus dias. Naceo no lugar da Alagoa Bispado de Faro. Entrou na Companhia em o Noviciado da caza de Saõ Roque aos 16. de Junho de 1556. Em Sancto Antaõ assistia, quando succedeo a peste grande. Depois, que os nossos começaraõ a cahir, tinha cuidado dos enfermos com tanta caridade, que senaõ lembrava de se guardar a si. *Em Lisboa aos 2. de Setembro de 1569.*

6 Foi ferido da peste, onde teve, que sofrer dores estranhas por causa da corrupçaõ. O Padre Monserrate, que foi testimunha de vista contando as mortes de alguns daquelles servos de Deos, chegando a este Irmaõ dis assim: O quarto foi o Irmaõ Antonio Affonso, o qual teve a mais estranha postema, que cuido se vio há muitos dias; porque tomava todo o pescosso atte o peito direito. Tinha muitos buracos, & cóvas penetrantes ao interior. Descobriolhe, & desconjuntoulhe os ossos do peito pello meyo da covinha da garganta; onde vi por experiencia, que temos alli hum nervo mui delicado, que ata hum osso com o outro; o qual quando se quebrou, deraõ os ossos hum estallo, de que o proprio Irmaõ ficou pasmado, sem sentir outra dor alguma. Ficoulhe o hombro direito mais bayxo, que o esquerdo perto de huma maõ travessa; & se viveu, assim

assim havia de ficar. Comunicoulhe Deos tanta paciencia, & sofrimento, que se pode contar como por hum exẽplo dos antigos: *Verè transivit per ignem, & aquam, & eduxit eum Dominus in refrigerium.* Assim falla o Padre Monserrate.

7 Em outra carta diz o mesmo Padre: o Irmaõ Antonio Affonso naturalmente naõ pode escapar, & parece, q̃ o quer Deos taõ esbrugado, que nem carne quer, que leve pera a cova, nem ainda nervos, porque se desencaixaõ dos ossos, os quais apparecem fora; & elle tẽ tamanho coraçaõ, que diz, que ainda lhe naõ deu a sentir Deos, que ha de morrer: & isto com estar mui prestes, & aparelhado pera isso.

8 O Irmaõ Balthezar Dias refere, o que vio pello modo seguinte. Falleceo o Irmaõ Antonio Affonso, o qual por certo ninguem poderà declarar com palavras os grãdes tormentos, que passou na sua infirmidade por huma postema, que lhe naceo no pescosso, & lhe foi lavrando de maneira, que as guelas, os peitos, & ossos delles eu lhos vi algumas vezes, que me achei prezente a suas curas. Era o fedor tamanho, que poucos Surgioens havia, que se atrevessem a curalo. Os ossos abayxo da garganta eu lhos vi taõ alvos, que parecia terem estado ao sol. Os braços se desconjuntaraõ de maneira, q̃ nem comer por sua maõ podia. Assim mesmo por vezes lhe vi cortàr pedaços de carne podre, que punhaõ espanto, a quem os via. Os grandes gritos, que dava, quando o curavaõ, me cortavaõ o coraçaõ. Assim purificado o levou Deos a gozar da bemaventurança aos 2. de Setembro de 1569. Foi sua morte no Collegio de Sancto Antaõ de Lisboa.

CAPITULO XVII.

Vida, & morte do Padre Hieronymo Carvalho.

Coimbra 25. de Outubro de 1604

1 O Padre Hieronymo Carvalho naceo em a Villa de Barcellos no Arcebispado de Braga, seus pays se chamaraõ Gonçalo Mendes Homem, & Constancia Pinta. Trouxeo Deos â Companhia com esse successo, q̃ elle tinha

tinha por muito particular merce de Deos. Navegando pelo rio Tejo em hum barco com ſeu pay, & outra muita gente, ſe levantou huma grande tormenta, com a qual virandoſe o barco ſe afogaraõ todos, sò Hieronymo ſem ſaber como, nem de que modo ſe achou ſobre a quilha do barco virado; & aſſim eſcapou do naufragio, em que os mais pereceraõ.

2 Movido com taõ ſingular beneficio de Deos, aſſentou conſigo conſagrar a ſeu ſerviço a vida, que delle tinha recebido duas vezes. No perigo ouvio huma voz, que lhe dizia entraſſe na Companhia, pera ſe moſtrar agradecido a Deos. Por tanto no anno de 1565. tendo dezanove de idade pertendeo a Companhia na caſa de S. Roque; & ſẽdo recebido nella, ſe deu taõ deveras a Deos, que da muita applicaçaõ, com que inſiſtia nos exercicios mentais, veyo a adoecer gravemente da cabeça.

3 Depois de acabar o Noviciado, começou a eſtudar latim, do qual ſabia mui pouco: por iſſo era mais de louvar nelle a obſervancia da regra de fallar latim; elle o fallava, qual podia, ſem fazer cazo, de que os outros ſe riſſem dos ſeus erros, & deſacertos. Em tendo o latim ſufficiente, o mandaraõ à Philoſophia, porem com o dezejo, que tinha de ſe dar todo a Deos, pedio aos Superiores, o naõ applicaſſem a eſtes eſtudos; nem elles foraõ difficultoſos, em lhe deſpachar a petiçaõ. Continuou quatorze annos exercitandoſe nas virtudes com taõ bom exemplo, que depois delles o fizeraõ Prefeito de Eſpirito em o Collegio de Coimbra, officio, que teve por vinte, & ſinco annos atte morrer.

4 Foi ſempre muito dado à oraçaõ. Levantavaſe huma hora antes da comunidade, & começando a orar, continuava neſte exercício por eſpaço de quatro horas, das quais sò tirava hum quarto, pera concertar, & varrer o cubiculo nos dias, que o manda a regra. A poſtura, que teve ſempre nella foi de joelhos com as maõs levantadas, & tal compoſtura exterior, que a cauſava a todos, os que nelle punhaõ os olhos, infundindo juntamente grande devaçaõ. O mais tempo atte o exame gaſtava confeſſando na Igreja; excepto o tempo, em que celebrava o ſacrificio da Miſſa; pera o qual ſe preparava com muitas conſideraçoens pias, que ſe lhe acharaõ eſcritas, como tambem varios

colloquios pera depois de dizer Miſſa, no qual tempo moſtrava devaçaõ mais eſpecial, & maior ternura.

5 De tarde ſe detinha por largo tempo em oraçaõ diante do Sanctiſſimo, & nas capellas do Collegio: as horas, que ſabiaõ todos gaſtava cada-dia na oraçaõ, eraõ ſeis. Reſava o officio Divino com tanta pauſa, & devaçaõ, q̃ quaſi a cada verſiculo, fazia hum acto de amor de Deos, como ſe achou eſcrito da ſua letra. A todas as feſtas tinha, & nellas moſtrava ſingular devaçaõ, & mais eſpecial à do Nacimento de Chriſto, pera o qual ſe aparelhava por todo o Advento, & na veſpora jejuava a paõ & agoa. Deſde o exame da noyte athe as duas horas depois da meya noyte gaſtava em oraçaõ, & entaõ he que hia dizer as ſuas Miſſas.

6 Nam era menor ſua devaçaõ pera com a Senhora; quando fallava de ſuas virtudes, viaſe nas palavras, que dizia, & no roſto, que moſtrava, o ſingular affecto, com que a ſervia: fazialhe muitas viſitas nas ſuas capellas. Por eſtes, & outros obſequios ſe cre, lhe fizera grandes favores; deu delles, ſem querer, algum indicio, quando exhortando a hum Irmaõ à devaçaõ da Senhora, lhe diſſe, que ella naõ sò alcançava neſta vida perdaõ das culpas, mas que na outra fazia abreviar as penas do Purgatorio; & ſem advertir, acreſcẽtou: *E ella mo diſſe.* Jejuavalhe todos os ſabbados, & veſporas das ſuas feſtas tomando neſtas diſciplina no refeitorio: o meſmo fazia nas veſporas dos Santos, que ſe aſſinalaraõ na devaçaõ da Senhora, como S. Domingos, S. Ilefonſo, S. Joaõ Damaſceno, & outros.

7 O ſeu trato com Deos foi continuo aſſim em caza, como por fora: quaſi ſempre andava fazẽdo actos de amor de Deos; cada douſa, que via, lhe era como de incentivo pera fazer os taes actos: mas porque nas creaturas racionais reſplandecia mais o Creador, a cada Padre, ou Irmaõ, que encontrava, ſe dava por obrigado a fazer cinco actos de amor de Deos. Em hum papelinho tinha eſcrito, que na meſa faria trinta, & tres jaculatorias; & em outro, que todos os dias ſe ajoelharia cem vezes, fazendo hũa jaculatoria ao Ceo de cada vez, que ajoelhaſſe: quando ſe occupava em alguma obra exterior, ſempre o ſeu penſamento andava embebido em Deos, de quem nunca ſe apartava.

8 Sendo taõ addicto ao exercicio da ſancta contemplaçaõ; naõ ſe retirava de aproveitar aos proximos: aſſiſtindo

tindo muito no confeſſionario, & remediando naõ ſó as neceſſidades eſpirituais, mas acodindo por vezes a muitas pertencentes ao corpo. Avendo peſte em Coimbra, elle foi hum dos noſſos, que ſe offereceraõ pera a ſancta empreza de ſervir aos feridos deſte mal, allegando pera facilitar o deſpacho, o pouco, que fazia, & quam pouco preſtava, & o muito, que tinha offendido a Deos; trazendo muitas couſas conducentes pera cõſeguir a ſua pertençaõ, todas ellas mais fundadas na ſua humildade, & caridade, que em algum outro motivo, que nelle cõcorreſſe: pois a edificaſſaõ, que nos dava a ſua exemplar vida, valia mais, que quaisquer outros preſtimos, dos ſugeitos, que os tem ſem a virtude.

9 Seu zelo de adiantar aos noſſos Irmaõs na perfeiçaõ foi igual às de mais virtudes: elle os buſcava, pera lhes fallar de Deos; enſinandolhes, como em todas as couſas aviaõ de procurar devaçaõ; & exhortandoos a fallar de Deos nas ſuas recreaçoens. Quando achava alguns neſtas ſanctas praticas, recebia tanto goſto, que ſe lhe via no ſemblante. Outras vezes elle meſmo os hia buſcar aos cubiculos, pera virem fallar de Deos: & lhes dizia: Ah Irmaõs, naõ ſerâ bõ dar hum pouco a Deos, que empregou avida em noſſas utilidades? Proferia eſtas palavras cõ tais fervores, que atodos abrazava, & o ſeguiaõ pera fallar das couſas do Ceo.

10 Foi grãdemẽte mortificado; nũca moſtrou aquellas payxoens, que taõ filhas ſaõ da natureza, como rir, triſteza, outras deſordenadas. De ira, & colera, nem ainda final algum ſe viu nelle, como nem appetite de hõra; o qual tinha taõ ſogeito, que pedindo huma ves a certo Padre, lhe buſcaſſe hum anno pera hum moço, como o Padre depois de feita diligencia, diſſeſſe, que o naõ achava; acrecentou, eſte moço he meu parente: ſendo, que diſſo naõ avia neceſſidade, & menos ſendo elle da gente hõrada de Barcellos, mas naõ quis perder a occaſiaõ de ſe avilitar. O amor de parentes foi nelle taõ pouco, que vindoo ver hum ſeu Irmaõ, o tempo, que com elle ſe deteve, o gaſtou todo em lhe fallar de Deos, ſem lhe perguntar couſa alguma dos particulares, que em tais viſitas ſe coſtumaõ comunicar. Cõtava ao depois iſto o ſecular dizendo, que aquelle Padre naõ parecia ſer ſeu Irmaõ.

11 Na-

11 Nada teve de curioſo. Ainda as novas, q̃ eraõ gerais, & mui commuas, elle as naõ ſabia; o que ſe vio, quando fallandoſe alguma ves nellas, como couſa jâ antiga, elle ſe achava novo, em que tal couſa ouveſſe ſuccedido. Nũca o viraõ à janela do ſeu cubiculo, que cahia no patio das flores do Collegio: por ſer o lugar mais aprazivel, era maior a mortificaſſaõ que tinha em ſeus olhos. Muitos advirtiraõ, que pello Natal, em que os preſepes ſe fazem cõ tanto primor nas noſſas capellas, nunca vira a variedade de figuras, & paſſos, cõ que ſe coſtumaõ fabricar, põdo todas as ſuas attençoens na ſancta lapinha, em que eſtava o Menino Deos: & viſta ella, dava por viſto todo o preſepe. Sendo antes de entrar na Companhia deſtro em cantar, & tanger harpa, ſe mortificou de tal ſorte, que em o Noviciado, ſenaõ ſoube, que tiveſſe tais partes. Nos tempos adiante ſe retirou ſempre de occaſioens, onde ouveſſe muſicas, & qualquer recreaçaõ neſte genero.

12 Todos os dias ſe diſciplinava duas, & tres vezes. Nas veſporas das feſtas da Senhora, & de alguns ſanctos, & outros dias de ſua devaçaõ, tomava diſciplina nas coſtas em o refeitorio: hia à portaria comer cõ os pobres. Trazia tres cilicios, ainda, que ſenaõ ſoube, por quanto tempo cada dia. Mas cõſtou, que toda a ſomana ſancta os trazia atte o jantar. Os primeiros tres dias da meſma ſomana dormia ſem lençois, os de mais atte dia de Paſcoa, ſobre as taboas da barra. Na ſeſta feira da Payxaõ jejuava a paõ, & agoa, & todas as mais do anno. De ordinario jejuava tambẽ o Advento.

13 Fundavaõſe eſtas virtudes ſobre huma profunda humildade; dezejando, & procurando meterſe, ſe pudera, de bayxo dos pés de todos. Alguãs vezes o acharaõ debayxo de huma eſcada por onde paſſavaõ os Irmaõs Noviſſos, pera deſte modo paſſarem porcima delle, & o pizarem. Da humildade he filha muito prezada a ſancta Modeſtia, que neſte ſervo de Deos foi tal, que compunha aos que davaõ com os olhos em os ſeus. Dezejava cõ todas as veras, que em todos os noſſos reſplandeceſſe eſta virtude; poriſſo pedia aos Superiores, fizeſſem guardar com exacçaõ as Regras da Modeſtia, que nos deu o Sancto Patriarca, & que aſſim como animavaõ com premios, aos que compunhaõ bem os ſeus temas, uſaſſem o meſmo, com os

que

que foſſem mais modeſtos, & compoſtos.

14 Na ſancta pobreza deu ſempre exemplos mui ſingulares: procurando ſe lhe deſſe o peyor de caza. Trazia hum barrete mui velho, & ſem forro, nem admittio outro, ainda que ſe lhe dava. O relicario, que trazia ao peſcoço, era, huma veronica de chumbo enfiada em hum cordel. Os veſtidos interiores eraõ a meſma pobreza; huns calçoens ſe lhe acharaõ com noventa remendos, delles muitos huns ſobre outros, & todos lançados pella ſua maõ, feitos da quelles pedacinhos do pano, que por inuteis, lançavaõ fora os alfayates de caza. Acompanhava eſtes pontos com muitas, & ferveroſas jaculatorias ao Ceo. Nos ſapatos eraõ tantos os remendos, que pareciaõ feitos de pedaços, nem queria admittir outros. Porque levandoos ao Irmaõ, pera que lhos concertaſſe, eſte vendo quam incapazes eſtavaõ de ſervir, o naõ quis fazer; ſentioſe muito, & pera cõſeguir delle eſta graça, ſe valeo de outro Irmaõ, pera que lhá pediſſe. Como por eſta via ſe dobraſſe o Irmaõ official, & lhos trouxeſſe reparados, o eſtimou, quanto ſenaõ pode dizer em poucas palavras: pera ter maõ nelles, os hia ſegurando com preguinhos de ferro, deſtes tinhaõ doze, ou treze os ſapatos, que trazia, quando morreo.

15 Huns ſapatos novos, que ſe lhe deraõ, os acharaõ depois de ſua morte, atados ao banco da barra pella parte de bayxo, donde ſe naõ podiaõ ver; nunca quis uſar delles. Os papeis, em que eſcrevia ſuas devaçoens, eraõ coſtas de cartas. A pena, com que eſcrevia, era taõ antiga, q eſtava jâ o aparo junto ao miolo; porque eſtava quebrada, a tinha atada com hum pauzinho de cada banda, pera que eſtando por eſte modo teza, lhe pudeſſe ainda ſervir. Em hum papelito, em que apontou alguãs faltas pera ſe confeſſar, ſe lhe acharaõ eſtas: Que avia hum anno, que naõ renovava a licença, que tinha pera uſar de certos trapos velhos pera ſuas enfermidades: item que ſe accuſaria de ter por alguns dias no cubiculo huns retalhinhos de pano, que lhe ſobejaraõ, dos com que ſe remendara. Taõ mimdo ſiaõ os verdadeiros amantes da ſancta pobreza, que neſtas pouquidades nos deſcobrem ſem o pertender, os muitos de ſua virtude. Taõbem naõ queria licenças gerais, pedindoas, quando lhe eraõ neceſſarias coſtumava dizer,

que

que assim se exercitava melhor a obediencia, & sogeiçaõ religiosa.

116 Com tantos actos de virtude, de quantos saõ indicio estes poucos, que ficaõ especificados, se tinha preparado pera a morte o Padre Hieronymo Carvalho, aqual lhe veyo por meyo de humas febres, com que andou quatro, ou finco dias, sem as descobrir aos Medicos, continuandõ nos seus costumados rigores. Neste tempo vindo pera o repouzo, se chegou a elle hum Irmaõ, aquem disse, que estava taõ fraco, que se naõ achava com forças, pera fallar: despedindose do Irmaõ, se foi pôr de joelhos diante do Santissimo com as maõs levantadas, assim esteve todo o tempo do repouzo.

117 Crecendo as febres, se metteo nas maõs do Medico, que logo disse, se encaminhavaõ à morte; pera aqual avisaraõ ao enfermo: nada se alterou com a nova dizendo sò esta palavra: *Aqui estou*. Ouve muitos indicios, de que Deos lhe descobrira este dia; pera o qual, avia muitos annos, se preparava, alem de que elle sempre cuidava, que cada dia era o ultimo de sua vida. Em papeis da sua letra se achou escritto: Naõ te faltaõ mais, que quinze annos de vida: & em outro dizia: es de sincoenta, de vida jâ naõ tens mais que dez annos; assim foi, que morreo aos 60 annos, & pouco antes de acabar o disse com palavras mais claras. Depois de morto ficou seu rosto mui alegre, & aprazivel. No enterro foraõ muitas as lagrimas dos Padres, & Irmaõs, saudosos de lhe faltarem taõ singulares exemplos, como lhe dava este servo de Deos.

118 Delle faz mençaõ o Padre Nadasi no seu Annus dierum aos 24 de Outubro no anno de 1604 aonde refere, como estando triste o Padre Hieronymo com o medo das penas do Purgatorio, lhe apparecera a Senhora, & lhe dissera, que ella naõ só era advogada dos tristes nesta vida, mas tambem no Purgatorio. O Autor do Agiologio Lusitano o tras aos 13 de Fevereyro de 1604. E o manuscrito donde tirei, o que delle escrevi, dis que morreo aos vinte, & nove de Outubro, porem o livro dos obitos o tem aos vinte, & sinco. Tambem o nosso Padre Eusebio no quarto tomo dos seus varoẽs illustres tras hum breve resumo da vida deste Sancto Padre; dizendo naõ pudera aver delle mais noticias; que aquellas poucas, encontrara em hum Autor de outra Religiaõ, que alega. C A-

Digitized by Google

CAPITULO XVIII.

Vida do Padre Joaõ Alvres.

Evorà 10 de Março de 1623

1 DO Padre Joaõ Alvres hâ neſta Provincia de Portugal huma fama taõ avultada na materia de prudencia Religioſa, que a penas averâ quem o iguale: por eſta razaõ naõ podemos deyxar de nos ſentir das poucas noticias, que de ſuas virtudes, & dictames ſanctos nos deyxaraõ os antigos, os quais ſe ficaſſem eſcritos, podiaõ ſervir como de methodo muy ajuſtado a todos; os que a Companhia occupa nos ſeus governos, com grande utilidade da meſma Companhia, & proveito aſſim de particulares, como de Superiores.

2 Naceo o Padre Joaõ Alvres na villa de Parada no Biſpado de Miranda, Provincia de Traloſmontes. Tendo quatorze annos de idade naõ completos entrou na Companhia em o Noviciado da caza de ſaõ Roque aos oito de Julho de 1562. Era filho de huma Irmaã do veneravel Padre Gaſpar Alvres, que ſendo Reytor do Collegio de Sancto Antaõ, morreo ſervindo aos empeſtados. Procedeo aſſim em o Noviçiado, como nos ſeguintes años com muyta religiaõ, ſem as poucas forças ſerem cauſa de afroxar na obſervancia. Quando deu fim aos eſtudos de Theologia, ſe achava taõ debilitado de forças, que os Superiores entendendo, naõ eſtava, pera o occuparem em couſas de muyto trabalho, o mandaraõ pera a Reſidencia do Canal, que he huma das fazendas do Collegio de Coimbra, pera, que tiveſſe cuidado della, & pudeſſe cobrar algumas forças.

3 Alli eſteve como enterrado eſte grande theſouro muytos annos, atte que o Padre Sebaſtiaõ de Moraès, que depois morreo Biſpo de Iapaõ, ſendo Provincial, ſondando com ſua muita prudencia, quanto cabedal de preſtimos tinha Deos depoſitado no Padre Joaõ Alvres, & que a ſua capacidade demandava maiores couſas, que o retiro, & governo de huma quinta, o apontou, & propos a noſſo Reverendo Padre pera Reytor do Collegio do Porto; a que foi promovido.

4 Deu neſte ſeu primeiro governo tantas moſtras, do que era, que ellas ſenaõ podiaõ deſejar maiores: entre outras couſas, que fez de utilidade do Collegio foi, metterlhe dentro agoa perene; as difficuldades, que niſſo venceo sô ſe podem entender, vendoſe com os olhos os lugares por onde elle a trouxe. Em huma palavra, foi tal a ſatisfaçaõ, que delle teve a Companhia, & conceito, que ſe cobrou da ſua capacidade; que ſe julgou, que todos os governos da Companhia, & ainda outros maiores, naõ chegavaõ a encher a ſua grande eſphera, & que pera todos tinha eſpaços muy amplos, & dilatados.

5 Depois promovido a Provincial, neſte officio tinha gaſtado anno, & meyo, avendo congregaſſaõ geral, & indo a Roma por cauſa do ſeu officio, foi eleito Aſſiſtente do Padre Geral Claudio Aquaviva, o qual conhecendo a grãde prudencia, que avia no Padre Joaõ Alvres pera o bem da Religiaõ, fez ſempre muito cazo do ſeu conſelho. Naõ he explicavel o conceito, que geralmente ſe tinha em Roma da ſua capacidade, na comprehenſaõ dos negocios, no bom termo em os propor, na efficacia em perſuadir. O ditto comum do Summo Pontifice, Cardeais, & Monſenhores, & mais, que o conheciaõ, era, que o Aſſiſtẽte de Portugal era homem grande, & de grande cabeſſa, por tal o eſtimavaõ todos, como elle o merecia.

6 Na reconciliaçaõ del-Rey de França Henrique quarto com a Igreja, teve tanta parte, pello muito, que cabia com o noſſo Cardeal Toledo, que fez todo o negocio, tanto ao goſto del-Rey, que lhe agradeceo muito o ſerviſſo, que em couſa taõ grande lhe fizera, naõ sò por cartas honorificas, que lhe mandou eſcrever, mas tambem por obra nas honras, que lhe fez; quando o Padre vindo de Roma pera Portugal depois de acabar a ſua Aſſiſtencia, paſſou pella Corte de Paris, el-Rey lhe fez particular honra, & cortezia, aſſim no fallar com elle, como na hoſpedagẽ, que lhe mandou fazer; tudo com tanta benevolencia, como quem ſe reconhecia obrigado ao Padre Joaõ Alvres.

7 Dezejava elle algum retiro, em que sò viveſſe a ſi os annos, que lhe reſtavaõ. Pera iſſo chegando a Portugal, nem de caminho quis ir a Lisboa, como quem temia ſer por algum reſpeito obrigado, a ficar na Corte: foi fazer o ter-

Digitized by Google

termo da sua jornada em a Residencia de Saõ Fins na Provincia do Minho, & fim do Reyno; onde determinava passar em retirado soccego os annos, que Deos lhe desse ainda de vida, sem se occupar mais, que na oraçaõ, & bem espiritual de sua alma. Sentiase molestado de tantos negocios, & de tratar tanto das almas alheas, que lhe parecia, naõ o deyxarem attender ao bem da propria com o cuidado particular, que pede materia da mayor supposiçaõ, que tem os homens.

8 Pera despertar mais a sua devaçaõ, fez alli huma hermida muy devota de Nossa Senhora de Loreto, esta era o seu ordinario refugio, nella passava muito tempo em oraçaõ, ou quasi todo elle se lhe hia neste sancto exercicio diante da Virgem May. Jâ o Padre Joaõ Alvres se dava de todo por livre de governos, naõ cuidando mais, que em si, persuadindose, que da quelle retiro só se apartaria pera a sepultura. Porem succedeo-lhe muito ao cõtrario, porq̃ o Padre Geral julgando era rezaõ attender mais ao bem comum, que ao soccego particular do Padre Joaõ Alvres, o mandou hir pera Lisboa, & ser Preposito da caza professa de Saõ Roque. Cõcorreo neste seu governo a beatificaçaõ de nosso Padre Sancto Ignacio. Deu ordem, a que se fizesse cõ a maior solẽnidade, que fosse possivel aos da Cõpanhia: celebrouse cõ tanto apparato, & grandeza, que encheo de alegria, & admiraçaõ a todos, os que a viraõ.

9 Parece, que o Padre Joaõ Alvres naceo sò pera governar, pois quanto mais dezejava desviarse destas lidas, tanto mais a obediencia o metia nella. O triennio de Preposito de Saõ Roque naõ estava ainda no fim; quando o Reverendo Padre Geral lhe mandou patente, pera ser Visitador desta Provincia, cargo, que exercitou cõ a satisfaçaõ, que os demais: todos os seus cuidados applicou em promover â observancia, pera isso tomou hum excessivo trabalho, ordenando huma visita cõ muitas advertencias necessarias, todas estaõ cheas de prudencia sancta, & foraõ utilissimas pera os fins, a que elle as dirigio.

10 Por morte do Reverendo Padre Geral Claudio Aquaviva, foi nesta Provincia eleito pera ir a Roma o Padre Joaõ Alvres, assistio na Cõgregassaõ, em que sahio Preposito Geral o Reverendo Padre Mucio Viteleschi; teve o Padre Joaõ Alvres muitos votos, pera ser Geral, &

naõ eſteve diſſo muy lõge. Neſta occaſiaõ diſſe o Arcebiſpo de Evora Dom Jozeph de Mello, que fora Agente de Portugal na Curia Romana, que ſe o Padre Joaõ Alvres cõtinuara em Roma na Aſſiſtencia, ſeria ſem duvida eleito Geral, pella extraordinaria ſatisfaçaõ, que tinha dado no ſeu governo, & grande expectaçaõ, que avia de terem na ſua maõ muitos augmentos as couſas da Cõpanhia.

11 Depois, que voltou de Roma, naõ tardou muito, que o naõ fizeſſem Reytor dos Collegios, & Univerſidade de Evora, pello dezejarem muito por ſeu Superior os Religioſos da quelle Real Collegio. Cauſou-lhe o governo grande pena, & moleſtia, aſſim pella muita idade, como pella doença, que lhe durou muito tempo, della veyo finalmente a morrer em Evora aos 10 de Março de 1623, tendo de idade 75 annos, & 61 de Cõpanhia. Eſta he a breve noticia, que no ſeu Memorial da caza de Saõ Roque nos deyxou o Padre Manoel da Veyga: della, & do grande nome, que ainda dura entre nos do Padre Joaõ Alvres, ſe deyxa bem conjecturar, que eſta ſua grande prudencia, & Superior talento pera tratar, & effeituar couſas de grãde ſerviço de Deos, & bem da Companhia era acompanhada com ſingulares virtudes, de que ſempre a Companhia fez mais cazo, do que de quaiſquer doens naturais, ſe eſtes ſe achaõ em algum ſogeito ſem virtude; porque entaõ os avalia, & trata como couſas de pouca eſtimaçaõ. Quando morreo jâ tinha acabado o Reytorado, era Prefeito dos Irmaõs do Recolhimento. No ſancturario da Igreja do Collegio de Coimbra temos huma Cruz de criſtal cõ varias Cruzes do Sancto Lenho, & hum eſpinho da Coroa do Senhor, aqual lhe deu el-Rey de França, & o Padre a applicou a eſte Collegio. Della faz mẽſaõ o Agiologio Luzitano aos tres de Mayo.

CAPITULO XIX.

Vida do Irmaõ Bartholameu Lourenço Coadjutor temporal.

Evora 15. de Agoſto de 1629.

1 O Irmaõ Bartholameu Lourenço floreceo em ſingulares virtudes, & o pouco, que dellas acho eſcrito, he bom ſinal, de que teve muitas, & mui aventajadas.

Foi

Foi este ditoso Irmaõ natural da comarca de Tralosmontes Arcebispado de Braga, naõ acho, que lugar fosse a sua patria, entrou na Cõpanhia na caza de Saõ Roque aos 2 de Janeiro de 1576; Tinha de idade vinte, & tres annos quãdo se consagrou ao serviço de Deos.

2 Viveo na Companhia sincoenta, & quatro annos, em todos elles deu exemplos de bom Religioso. Na humildade virtude taõ propria dos Irmaõs do seu estado, procurou sempre assinalarse. A todos respeitava, como se lhe fossem Superiores, especialmente aos Sacerdotes, & destes aquelles, em quem reconhecia mais virtude. Tinhase por minimo de todos, & indignissimo de todo o bem, que se lhe fazia.

3 Ardia seu coraçaõ no fogo da caridade, naõ deixava passar occaziaõ, em que a naõ exercitasse, particularmente com os enfermos assim de caza, como de fora. Por muitos annos, que servio em Evora de secretario da Universidade, hia todos os dias ao hospital dos Estudantes, de que tinha cuidado; acompanhando os Medicos, & servindo aos pobres estudantes em suas necessidades. Com os nossos podemos dizer, que primeiro deixou a vida, que exercitar a caridade. Visitavaos muitas vezes, levavelhes ramos frescos, & outras cousas, que os pudessem aliviar. Poucos dias antes de morrer, indo visitar dous enfermos, que estavaõ na mesma enfermaria, disse que elle queria pedir a Deos morrer por hum delles; foi cousa notavel, que hum dos dous, estando ambos mui doentes, se achou logo bem, & outro dentro de poucos tempos morreo, depois de fallecer o Irmaõ Bartholameu Lourenço.

4 Na oraçaõ, & trato cõ Deos foi sempre mui apontado, & fervoroso, tendo mais oraçaõ da ordinaria. Hum Religioso fide digno disse, lhe parecia, que todos os dias tinha sete horas de oraçaõ; & outro, que o via, no dia ajoelhar diante do Sanctissimo, & mais altares tantas vezes, que se podia piamente cuidar, o fazia por imitar a Saõ Bartholameu, que se ajoelhava cem vezes no dia, & noyte. Ainda quando jâ era velho estava horas inteiras de joelhos na Igreja com admiraçaõ de todos.

5 Dizendolhe hum Padre grave: que era velho, & q naõ continuasse tanto tempo de joelhos, respondeo: Padre isto naõ he todos os dias, senaõ os de sueto, & de quinta

da

da alma, porque aſſim como os mais tem ſeu dia dequinta, & de ſueto pera o corpo, aſſim me parece cõvem, dar eu cada ſomana hum dia de quinta â minha alma, & aſſim como lâ lhe acrecentaõ as iguarias ao corpo; aſſim, pede a rezaõ, acrecentemos tambem as da alma.

6 Contou hum Padre, que fora Vice-Reytor do Collegio da Purificaſſaõ, aonde o Irmaõ hia muitas vezes pagar dinheiro, & fazer contas por rezaõ de ſer Secretario da Univerſidade, por quem entaõ corria fazer as pagas pera os gaſtos do Collegio. Faltando hum dia o Secretario do Collegio, diante de quem ſe aviaõ de fazer as contas, eſperou o Irmaõ, que vieſſe: entretanto entrou na capella do Collegio, & tomou huma larga, & aſpera diſciplina. Dizendolhe o Padre Vice-Reytor: Irmaõ Bartholameu Lourenço, atte câ nos vem edificar, & cõfundir? Reſpondeo, naõ ſe admire Voſſa Reverencia, que hoje he dia de quinta, & eſte he o antipaſto, que eu dou à minha alma, nos dias, que lhe dou de quinta.

7 Tendo eſte meſmo Padre aſſentado com o Irmaõ, que hum dia pela menhãa aviaõ de fazer certas contas ſobre as pagas do Collegio, vendo que elle naõ hia ao Collegio, pera as fazerem, ſe foi o Padre ao cubiculo do Irmaõ: achou-o de joelhos chorando com papel, tinta, & penna diante de ſi; perguntou, porque cauſa naõ fora aquella menhãa, como tinhaõ aſſentado? Reſpondeo, Padre, eſtando pera ir, me veyo ao penſamento, quam ſolicito andava, pera fazer eſtas contas, & quam eſquecido, das que avia de dar a Deos; & quam poucas vezes tomava tempo, pera ver, quanto lhe devia pellas muitas merces, que me tem feito, & quam mal tinha correſpondido a Deos por tantos favores. Envergonhado de mim, tomei eſta menhãa, pera fazer primeiro contas com Deos, & choro porque vejo, quanto lhe eſtou devendo, & quam impoſſibilitado me ſinto, pera lhe pagar, como dezejo.

8 Fallandolhe hum dia ſeu confeſſor em huma viſaõ, que ſe dizia, tivera, elle com as lagrimas nos olhos, & como indignado, ſe ſahio pella porta fora, dizendo: Eu viſaõ, Padre; eu hum taõ grande peccador avia de ter viſaõ? Coſtumava eſte ſervo de Deos, quando jâ velho, por naõ ouvir bem, irſe meter nas eſcadas do pulpito, pera ouvir melhor a prégaçaõ; nos dias de pratica, pella meſma rezaõ

zaõ ſe punha ao pé da cadeira: moſtrando ſempre grandes dezejos de ouvir a palavra de Deos, em que ſentia goſto particular.

9 Muitas vezes foi viſto, indo comungar no meyo da ſemana, pôr ſinco, ou ſeis formulas ao Padre, pera lhas cõſagrar. Cuidavaſe, fazer iſto, pera conſervar por mais tẽpo dentro de ſi as eſpecies Sacramentais, & ao Senhor, que debaixo dellas ſe occulta. Era taõ grande a confiança, que todos tinhaõ em ſuas oraçoens, que em algum ſe vendo afligido, hia ter com elle, pera que o encomendaſſe a Deos, & com iſto ſe achava outro. Em particular certo Irmaõ contou de ſi, que todas as vezes, que havia de fazer algum acto publico, pedia a eſte ſervo de Deos, ſe lembraſſe delle em ſuas oraçoens, pera que tiveſſe bom ſucceſſo: que dãdolhe o ſim, hia taõ confiado, como ſe o ſucceſſo igual a ſeus dezejos eſtiveſſe ja ſeguro.

10 Avizando-o por algumas vezes o enfermeiro, que havia de comungar no dia ſeguinte, ſe alvoroçava tanto com a nova, que por mais cedo, o enfermeiro ſe levantava ao outro dia, ja elle eſtava levantado. Dormindo fechado, pera que naõ ſahiſſe pellos corredores por cauſa da velhice, muitas vezes ſe levantava de madrugada, & batia tãto na porta athe, que lhe acodiaõ, perguntandoſelhe, o que queria, reſpondia, que ja eraõ horas de ter oraçaõ, & hir ouvir Miſſa; porque sò nas couſas de Deos cuidava.

11 Contou hum Irmaõ, que andando mal dos olhos, ſe foi ao bom velho diſſimuladamente, pediolhe, lhe aſſopraſſe nos olhos; aſſim o fez, & logo ſe achou notavelmẽte melhorado do ſeu achaque. Deſte Irmaõ ſe diz, que acompanhou ao Padre Doutor Leaõ Henriques, ſobrinho do outro Padre Leaõ Henriques, que fora Confeſſor do Cardeal Rey, quando appareceo a hum cidadaõ Eborenſe, que deſeſperado ſe hia pera Caſtella, & junto a Elvas, apparecendolhe o Padre com o Irmaõ, o tirou do ſeu Prepoſito, & fez vir a Evora, a ſe confeſſar com elle. Eſte ſucceſſo conſtou de certo, & que os dous na tal hora, que appareceraõ junto a Elvas, eſtavaõ em o Collegio de Evora.

12 Era homem de muito ſofrimento. Huma noite lhe deu o ar ſendo ja muy velho, levantouſe, foiſe ter com o enfermeiro, & com grande paz lhe diſſe: Cariſſimo, agora me deu o ar, façame caridade, de me chamar o Confeſſor, pera

pera me ouvir de confiſſaõ, antes que a falla ſe me chegue a tolher de todo. Quando por ſua muita idade fazia alguma couſa, que parecia ſer falta de juizo, & por iſſo era neceſſario avizalo; reſpondia: ſe faço mal, peçaõ a Deos, que me leve, que eu tambem lho peço muitas vezes, & eſcuſarei de enfadar tanto com minhas importunidades.

13 Naõ perdia occaſiaõ de ſe mortificar. Todos os dias de peixe, hia à cozinha, a ajudar no trabalho, aos que o eſcamavaõ; & no inverno, quando os outros naõ podiaõ ſofrer as maõs na agoa fria, elle as mettia de melhor vontade, por mais ſe mortificar.

14 Todo o tempo, que lhe ſobejava da ſua occupaçaõ, gaſtava em ajudar nos officios baixos, ora na cozinha, ora no refeitorio, ora na rouparia; achando-o neſta remendando huns eſcarpins velhos certo Padre em hum dia frio do inverno, lhe diſſe: melhor era agora Irmaõ Bartholameu, hir ao refeitorio, que faria mais exercicio, & aqueceria. Reſpõdeo: Si Padre, mas como hei de guardar aquella regra, que diz, que em todas as couſas buſquemos noſſa maior mortificaçaõ. Ninguem o vio ja mais hir à quinta, retirandoſe das recreaçoens do corpo, neſſes dias dava recreaçaõ eſpecial a ſua alma, com mais exercicios de oraçaõ, penitencia, & mortificaçaõ.

15 Naõ Comendo na meſa, o que ſe dava algumas vezes por falta dos dentes, naõ conſentia lhe pediſſem outra couſa, & ſe à força lha traziaõ, a naõ tocava. Comeſſava ſempre a comer a porçaõ na meſa pello peyor bocado, q̃ nella via. Nimguem o vio em algum tempo ocioſo. Tinha dito aos porteiros, que quando o naõ achaſſem no cubiculo, o buſcaſſem na Igreja em certo lugar, aonde tinha oraçaõ; & que naõ eſtando alli o achariaõ ajudando aos Irmaõs nas officinas mais baixas, & humildes.

16 Dous, ou tres annos antes de morrer, ſe apparelhou mui deveras, examinando toda a ſua vida, & occupaçoens comunicando tudo a ſeu Confeſſor, pondo em lembrança as couſas, que eſtavaõ pendentes. Tudo fez com tal exacçaõ, que dandoſe por ſatisfeito, diſſe, que ja eſtava apparelhado, pera morrer, & dar de ſi conta ao Supremo Juis.

17 Finalmente lhe ſobreveyo a ultima infermidade, na qual deu muitos exemplos de virtude. Grandemente o moleſtou hum carregado ſono, eraõ neceſſarias vexaſ-

ſoens,

soens, pera o despertar; algumas vezes sahia acodindo por si a natureza, dizendo ao Irmaõ, que o espertava, que o deixasse, & o naõ quizesse matar: respondendolhe, que era ordem do Padre Reytor, logo se aquietava, dizendo sò esta palavra: em bora.

18 Na ultima somana pedio com grande efficacia à Senhora, de quem era devotissimo, lhe alcançasse de seu filho, que o levasse pera si no dia de sua Assumpsaõ. Nesta petiçaõ sentio singular effeito, parecendolhe, que a Senhora lha despachara; & assim disse por vezes, que esperava morrer no dia da Assumpsaõ.

19 Aos treze de Agosto lhe deu huma cezão, que o apertou com excesso. Aos quatorze pella menhãa se levãtou, & vestio, dizendo, que se queria confessar, pera receber o Senhor na hora da morte. Acodiraõ os enfermeiros, & fazendo-o meter na cama, lhe chamaraõ seu confessor, que era o Padre Doutor Estevão de Couto; confessouse, & recebeo o Santissimo Viatico: depois lhe sobreveyo a cezaõ, no principio della foi ungido. Durou o restante daquelle dia, a noite athe as tres horas do dia seguinte, q era o da Assumpsaõ da Senhora: então se ajuntou toda a comunidade, estandolhe rezando as ladainhas, entregou a Deos seu espirito no dia, que muito dezejara, quinze de Agosto de 1629. pellas quatro, & meya da tarde, tendo de Companhia 54. annos pouco mais, ou menos.

CAPITULO XX.

Do Padre Fernaõ Coutinho, & Irmaõ Gaspar da Fonseca Noviço estudante.

Em Evora aos 8. de Dezembro de 1588.

1 O Padre Fernaõ Coutinho foi natural da Cidade de Lisboa. Entrou na Companhia em o Noviciado da casa de Saõ Roque, aos doze de Dezembro de 1563. tendo 16. annos de idade. Pello discurso dos annos padeceo graves achaques, & enfermidades, que sofreo cõ grãde paciencia. Foi homem de ingenho, & habilidade rara. Por esta causa vendo o Padre Doutor Luis de Molina, que os achaques naõ deraõ lugar, a se aproveitarem suas pren-

das diſſe: que mortificara Deos a Provincia de Portugal cegando tão rara habilidade: porque hum dos achaques deſte Padre foi a falta da viſta.

2 De ordinario dormia tirando sò a roupeta, & metendoſe entre os cobertores. Todo o anno paſſava comẽdo sò hum pedaço de carne aſſada, que guizada de outra ſorte a naõ ſofriaõ os ſeus achaques. Fruta naõ a tocava. Como era falto de viſta tropeçava muitas vezes com as columnas, & cunhais, eſtes golpes levava com ſingular paciencia. Naõ ſatisfeito de ſofrer as penalidades dos achaques, buſcava outras invençoens de ſe affligir. Tazia huma camiza de ſaco, ou eſtopa groſſa, & porque ſe não ſoubeſſe, o colarinho, era pello modo ordinario do uſo dos demais Religioſos da Companhia.

3 Das virtudes, as que mais nelle realçaraõ, foraõ a Sancta obediencia, devaçaõ à Senhora, & ao Sanctiſſimo Sacramento. Fez eſcrever em hum cartapacio ſuas devaçoens, o dia, mes, & anno, em que entrara na Companhia, o em que diſſera Miſſa nova, & fizera profiſſão, & diſſe por rematte: *Ingrediar ſæcula æterna*: replicou, quem eſcrevia, que diſſeſſe o tempo, em que iſto ſe havia de cumprir: reſpondeolhe; que naõ foſſe curioſo, que o não quizeſſe ſaber. Depois o fez eſcrever a outro, apontando, quando havia de ſer.

4 Eſtando ja deſconfiado dos Medicos, dizendoſelhe, que morria; reſpondeo: *Nihil mihi gratius, nihil jucundius, ac ſuavius nunciari poterat.* Que pera elle naõ havia couſa de mais goſto: & voltandoſe pera hũ Crucifixo lhe pedio ajuda pera aquelle tranze com as palavras do Sancto Rey David: *Tibi derelictus eſt pauper, & orphano tu eris adjutor.* Tinha antes ditto, dezejava muito falecer em dia dedicado à Virgẽ Senhora, cõpriolhe a Senhora dezejos taõ ſanctos, porq̃ morreo entre as onze, & doze da menhãa dia da Conceyçaõ do anno de 1588. no Collegio de Evora. Quando o levavaõ a enterrar, a gente de fóra, que o conhecia por fama, apontando pera o corpo, dizia: Aquelle he o ſancto, aquelle he o ſancto. Pedio por ſua devaçaõ o ſepultaſſem na meſma cova, em que havia annos, fora enterrado o Padre Manoel Alvres autor da Arte da Gramatica, de cuja virtude, & com rezaõ tinha elle grandiſſimo conceyto.

5 O

5 O *Irmaõ Gaſpar da Fonſeca* Noviſſo de grande virtude morreo neſte meſmo eſtado taõ ſantamente como refere o Padre Nadaſi no ſeu *Annus dierum* ao primeyro de Marſo; aonde diz, que morrera Noviſſo em Evora,& que delle falla o Padre Saquino na hiſtoria geral da Cõpanhia, donde recolheo eſſe pouco, que delle eſcreve. Porem o certo he, que morreo em Lisboa na caſa de Saõ Roque, foi natural de Eſtremós no Arcebiſpado de Evora.. entrou na Companhia em o Noviciado da caſa de Saõ Roque aos 19. de Junho de 1560.

6 O Irmaõ Fonſeca ſendo de pouca idade, & contando poucos mezes de Noviſſo, deu de ſi hum exemplo de virtude muy crecida. Apontoulhe huma grande poſtema em hum dos lados; viſta pellos Medicos, & Surgioens lha mandaraõ raſgar: foi neceſſario daremlhe por vezes lancetadas: paſmavaõ os Medicos do generoſo ſofrimento, com que annos taõ tenros ſofriaõ golpes taõ crueis; entre elles, nas agudiſſimas dores, que o penetravaõ, sò lhe vinhaõ à boca as feridas de Chriſto, & as dores, que por ſeu amor padecera; com a memoria deſtas temperava a dor das ſuas, que era muy vehemente.

7 Perguntandoſelhe como eſtava, ſempre reſpondia: *Eſtou bem graças & louvores a Deos.* Como lhe ſobrevieſſe grande faſtio, diſſe hum Padre, que quando lhe deſſem de comer, o chamaſſem, pera o obrigar a tomar algũa ſubſtancia. Em chegando eſte tempo, pedia o Irmaõ, que lhe chamaſſem aquelle padre, pera que obrigado a levar algũ alimento, tiveſſe occaſiaõ de ſe vencer, & mortificar. Sentindo exceſſivo tedio ao mantimento por mais bem preparado, que lhe vieſſe; ſe lhe diziaõ, que a obediencia ordenava, que o tomaſſe; moſtrava ter delle tanto dezejo, como ſe ſentiſſe grande fome; aſſim lidava, quanto podia por cũprir com a vontade da ſancta obediencia: final evidente do muyto, que neſta virtude ſe tinha adiãtado naquelles poucos mezes de Religiaõ. Quando lhe diſſeraõ, que os Medicos tinhaõ deſconfiado de ſua vida, & diziaõ, que humanamente naõ eſcaparia, foi tal o goſto, que teve, & as moſtras, que delle lhe viraõ os circunſtantes, que naõ ſei o pudeſſe ter mayor, ſe lhe deſſem a nova, de que eſtava fora de todo o perigo: por tanto muy conforme com a vontade de Deos, lhe meteo nas maõs ſeu ditoſo eſpirito pera

Digitized by Google

gozar de ſua viſta na gloria. Aos 19. de Setẽbro de 1560. foi ſua morte na caſa de S. Roque.

CAPITULO XXI.

Vida do Padre Nuno Rodrigues.

Em Goa ao 1. de Março de 1604.

1 O Padre Nuno Rodrigues naceo na Cidade de Evora, por ſe chamar antes Nuno Rodrigues de Beja, que era ſobrenome de ſeu pay, o fizeraõ alguns natural da Cidade de Beja, equivocados com o ſobrenome. Seus pays ſe chamaraõ Joaõ Affonſo de Beja, & Lucrecia Froes. Entrou na Companhia em o Noviciado da caza de S. Roque aos ſete de Janeiro de 1560. Paſſou à India no anno de mil quinhentos ſetenta, & quatro com o Padre Alexãdre Valignano, eraõ os Miſſionarios da Companhia por todos neſta occaſiaõ trinta, & nove.

2 Antes de ſer da Companhia, ſervia no paço del-Rey. Neſte tempo era taõ devoto, & amigo de Deos, que todos os dias ouvia muitas Miſſas, & tinha muitas horas de oraçaõ. Sendo depois Religioſo frequentou grandemente eſte Sancto exercicio; como quer, que alguem o notaſſe de tanta oraçaõ, por ter a ſeu cuidado muitos outros negocios, a que era neceſſario dar expediçaõ, reſpondeo: Que mais oraçaõ tinha ſendo ſecular, do que ſendo Religioſo. Era antes de Religioſo taõ affeiçoado à mortificaçaõ, que aos pratos mais bem adubados, & guizados os coſtumava deſtemperar com agua, logo que o pagem, depois de lhos por na meza, ſe retirava. Quando pella rua paſſava algum acompanhamento luſtroſo, apartavaſe da janela, por mortificar ſeus olhos.

3 De ſeu Noviciado foi tido por ſancto, naõ sò dos noſſos, que viaõ ſuas virtudes, mas tambem da gente de fora, que delle tinha noticia. Seu zelo de ſalvar almas o levou à India, aonde mais avultaraõ ſuas virtudes, nas muitas occupaçoens, que teve de governar aos noſſos.

4 A ſegunda vez, que o quizeraõ fazer Reytor do Collegio de Saõ Paulo de Goa, ſe foi ter com hum Conſultor da provincia; deulhe meudamẽte conta de ſuas faltas,

tas, como ſe fora Noviço, sò a fim de o perſuadir, que tal homem naõ era, pera ſer Superior dos outros. Quando o fizeraõ Provincial, poz todas as diligencias, por ſe livrar deſta honra, proteſtou, que naõ era pera tal occupaçaõ: mas nada lhe valeo, porque ſe entendia, que por iſſo meſmo era mais digno do tal cargo.

5 Quando ouve de acabar, eſtando ja em Cochim o Padre Manoel da Veyga, que lhe havia de Succeder no cargo, o Padre ſeu companheiro entendendo o goſto, que niſſo lhe dava, lhe pedio alviçaras de ter ja ſucceſſor; & o Padre Nuno Rodrigues lhas deu mui boas em teſtimunho do goſto, que com a nova lhe dera. Nunca depois de ſahir dos governos, lhe ouviraõ dizer, ſendo eu Provincial, ou Reytor ſe fez iſto, ou aquillo; fogindo de qualquer palavra, que pudeſſe ſoar em honra ſua. Sahindo das tais occupaçoens ſe havia de modo, como ſe nunca as tivera, nem fora Prelado.

6 De Parentes, ſendo que eraõ mui honrados, viveo ſempre eſquecido, nunca os noſſos Religioſos lhos ouviraõ tomar na boca. Em quarenta, & tres annos, que viveo na Companhia, ſempre em ſuas acçoens guardou huma igualdade, que muito ſe venera nos homens ſanctos. Por mais occaſioens, que lhe deſſem, ſe lhe naõ ouvio huma palavra mais alta, que outra, nem que tiveſſe genero algum de agaſtamento.

7 Era Reytor do Collegio de Goa, quando penitenciou em publico as faltas de hum ſubdito diſtrahido: tomou elle com a penitencia tanto fogo, que ſe foi deſabafar com o ſeu Reytor, dizendo quanto lhe ditou a ſua colera, & a ſua malicia, porque como depois confeſſou, o fazia com dezejo, de que por iſſo o deſpediſſem da Companhia, fallou, & diſſe athe ſe eſgotar. Quando ja naõ tinha, que dizer, o Reytor com huma paz inaudita, reſpondeo: Cariſſimo, doulhe hum conſelho, & peçolhe muito, que o guarde, & he, que nunca lhe aconteça, dizer a algum Superior, o que me diſſe a mim, mas faça conta, que o que paſſou aqui comigo, fica enterrado, & ninguem o ſaberà.

8 Eſta repoſta toda nacida de humas entranhas todas de caridade penetrou em tal forma ao ſubdito, que ſe lhe lançou emcontinente aos pès, pediolhe perdaõ com muitas lagrimas, & mudando ſeus deſemcaminhados penſamentos

mentos perſeverou athe a morte na Companhia.

9 Guardava exactamente o conſelho, que o Summo Pontifice Paulo terceiro na bulla do noſſo Inſtituto dà aos Superiores da Companhia, onde os amoeſta, imitem no governo a manſidaõ de Chriſto noſſo Senhor; & as palavras, com que eſtâ eſcrito eſte aviſo ſancto, trazia o Padre Nuno Rodrigues eſcritas em hum papelinho por reziſto do ſeu Breviario.

10 Quando o notavaõ de brando, & ainda puſillanime com alguns ſubditos, cujos defeitos requeriaõ no caſtigo mais aſpereza, reſpondia com as palavras de Saõ Joaõ Chryſoſtomo, eſcrevendo ſobre Saõ Matteus: *Si erramus, modicam pœnitentiam imponẽtes, nonne melius eſt propter miſericordiam dare rationem, quam propter crudelitatem ſuccũbere pœnitentem?* Viaſe nelle hum amor ſincero, & verdadeiramente de pay: delle ſe ſeguia deſcobrirem lhe os ſubditos as conciencias com facilidade, porque ſabiaõ o ſingular dom, que tinha, pera conſolar a todos os deſgoſtoſos, & affligidos.

11 Era mui devoto, & dado às couſas eſpirituais. O tempo todo lhe parecia pouco, pera o gaſtar em oraçaõ. Depois de dizer Miſſa, ſe detinha em dar as graças mais de huma hora, reſumbrando no roſto hum ſancto abrazamento, & como reſplandor do fogo, em que ſua bemdita alma ſe a teava.

12 Sempre ſeguio a comunidade, nem conſentio, ſe uſaſſe com elle particularidade alguma, ainda que ouveſſe cauſa mui ajuſtada, pera neſte rigor naõ ſer eſtranhada a diſpenſaſſaõ. Na obediencia o ſeu entendimento era hũa couſa como Superior: ſe alguma vez teve opiniaõ contraria, foi em quanto naõ ſoube, qual foſſe, a de que eſtava o ſeu Superior, que em tendo della noticia, & mudar a ſua era o meſmo.

13 No tempo, que era Provincial, havia tambem Viſitador: nunca fez caſo da extençaõ da ſua juriſdiçaõ, antes, quanto podia, a eſtreitava. Depois de acabar os governos aſſim ſe portava diante dos Superiores, como ſe foſſe hum Noviſſo, metiaſſe debayxo dos pés de todos.

14 Dous mezes antes de morrer fallando com o Padre Franciſco da Cunha lhe declarou o muito, que ſentia ſer Reytor do Collegio de Saõ Paulo, & acabou com eſ-

tas

tas palavras: Ora em fim iſto pouco ha de durar: eu acabarei, & voſſa Reverencia ſerâ Reytor de Saõ Paulo. Aſſim aconteceo, & por modo, que ſe vio ſer o ditto mais que acazo.

15 Depois de ſua morte chegando de fora o Padre Provincial, chamou a ſua conſulta, & apontou alguns Padres, que podiaõ ſer Reytores do Collegio, ordenando os Padres conſultaſſem diante de Deos, qual daquelles, o faria melhor. Paſſados alguns dias, os tornou a chamar, & todos votaraõ no Padre Franciſco da Cunha, que reſidia em Salſete, ſendo que naõ fora dos apontados pello Padre Provincial.

16 Nos ultimos dias de Dezembro, eſtando na quinta de Sancta Anna, eſcrevendo a noſſo Reverẽdo Padre Geral, mandou em hum eſcrito dizer ao Secretario da provincia: que eſperava em Deos, & aſſim o tinha por certo, que aquella ſeria a ultima vez, que eſcreveria a Roma.

17 Foi com elle fallar hum Fidalgo ſobre certo negocio, & perguntandolhe, quando voltaria pella reposta, reſpondeo o Padre: voſſa merce, naõ me ha de achar aqui. Aſſim foi, porque dentro de dous dias falleceo de tres accidentes mortais, que na meſma noyte lhe repetiraõ. Acodiraõ a fazerlhe as exequias muitos Religioſos, & particularmente os de Saõ Domingos com Cruz alçada, & tambẽ aſſiſtio com alguns Conegos o Arcebiſpo Dom Aleyxo de Menezes, o qual diſſe eſtas palavras: *Levou Deos noſſo Senhor pera ſi dous varoens, pellos quais ſuſtentava a India.* Entendendo por elles ao Padre Nuno Rodrigues, & a hũ Religioſo Capucho, que pouco antes tinha fallecido.

18 Foi ſeu corpo metido na meſma ſepultura, em que eſtiveraõ os Padres Antonio de Quadros, & Ruy Vicente, Provinciais, que tinhaõ ſido, & homens de muita virtude, na capella môr da Igreja de Saõ Paulo da parte do Evangelho. Foi o Padre Nuno Rodrigues duas vezes Reytor do Collegio de Saõ Paulo, a primeira por ſete annos, a ſegunda por ſinco. No anno de mil quinhentos, & oitenta, & tres, foi eleyto Procurador a Roma, & com elle foraõ os Embayxadores de Japaõ.

19 Por algum tempo foi companheiro do Padre Vizitador Nicolao Pimenta. Governou a provincia da India ſinco annos. Foi propoſto pello Padre Viſitador Alexandre

dre Valignano pera Biſpo de Japaõ. Naõ foi eſta propoſta admittida, porque ſe queria homem letrado, qual o requeria taõ difficultoſa Prelaſia. No demais a prudencia, & virtude do Padre Nuno Rodrigues muito maiores couſas merecia. A vida deſte Padre recolhi de huma Relaçaõ da provincia de Goa eſcripta pello noſſo Padre Franciſco de Souſa; excepto os nomes dos pays, dia, & anno de ſua entrada na Companhia, que eſſa noticia he dos Catalogos antigos dos Noviços da caza de Saõ Roque. Falleceo em Goa no primeiro de Março de 1604. Teve eſte Padre huma Irmãa chamada Dona Luiza Eroes inſigne bemfeitora do noſſo Collegio de Sancto Antaõ, deſta Senhora foi a propriedade de Camiços, com que ſe preſes o dote daquelle Real, & grandioſo Collegio.

CAPITULO XXII.

Vida do Padre Joaõ Bautiſta Machado Martyr no Japaõ, como entrou na Companhia, paſſou a Japaõ, & alli trabalhou, & ficou eſcondido no deſterro dos Padres.

1 O Padre Joaõ Bautiſta Machado, ou Tavora, q̃ com hum, & outro ſobrenome tomado da ſua familia o acho nomeado pera diſtinçaõ de outros noſſos Padres tãbem Martyres, q̃ tiveraõ o meſmo nome, teve por patria a Cidade de Angra na Ilha Terceira. Seus peys que eraõ nobres, & ricos, ſe chamaraõ Chriſtovaõ Nunes, & Maria Cotta. Tendo ſeis, ou ſete annos de idade, ouvindo fallar das couſas de Japaõ, coſtumava dizer aos da ſua idade, que elle havia de hir à quella terra, & nella havia de ſer Martyr. O tempo moſtrou, que Deos fallava entaõ por ſua boca, & que aquellas palavras eraõ hum tacito vaticinio da ſua boa fortuna.

2 O modo por onde veyo à Companhia foi eſpecial. Como era morgado, & nobre, tratouſe de tomar eſtado cõ huma ſenhora de igual nobreza, com a qual tambem pertendia caſar outro mancebo nobre da ſua idade, & ſeu amigo, o qual vendo, que Joaõ Bautiſta lhe ſeria preferido, fallando com elle, lhe meteo pratica da pouquidade das couſas

couſas caducas, & por fim lhe veyo a dizer, que ambos como amigos, que eraõ, deixando ſuas cazas, & eſperanças ſe, vieſſem a Portugal, & entraſſem na Companhia. Contentoulhe o conſelho, em effeito vieraõ, tomando outro pretexto, de pertender hum habito de Chriſto na Corte, ou de eſtudar em Coimbra. O amigo de Joaõ Bautiſta, que tudo fazia com engano, tanto que o vio na Companhia, ſe voltou à Ilha, & continuou na ſua pertençaõ, que como naõ tinha o oppoſitor, de que ſe temia, facilmente pode cõſeguir. Taes ſaõ os modos, porq̃ Deos muitas vezes chama a ſeu ſerviſſo aquelles, aquem quer fazer grandes merces, como fez a eſte ditoſo Padre.

3 Paſſou pois a Portugal, quando ja tinha dezaſeis annos, pertendendo pois Joaõ Bautiſta em Coimbra ſer da Companhia, em effeito foi admittido, & entrou aos dez de Abril de mil quinhentos noventa, & ſete. No Dezembro do meſmo anno dia da Expectaçaõ da Senhora ſe fez a dedicaçaõ do Noviciado em Lisboa na caza de Campolide, pera ſelhe dar principio foraõ de Coimbra, & Evora alguns Irmaõs Noviſſos, entre os que foraõ de Coimbra era hum o Irmaõ Joaõ Bautiſta.

4 Alli paſſou o reſtante do ſeu Noviciado, & fez os votos de eſtudante. Logo foi mandado a Coimbra pera eſtudar. Chamando-o Deos pera as Miſſoens da India, pertendeo, alcançou eſta empreza no anno de mil ſeiscentos, & hum. Eraõ por todos, quinze, os da Companhia, que no tal anno fizeraõ eſta viagem. Eſtudou Philoſophia em Goa. Tendo grandes anſias de hir a Iapaõ, onde ſua boa fortuna o chamava, paſſou a Macao na China. Neſta Cidade acabou os eſtudos da ſancta Theologia.

5 No anno de mil ſeiscentos, & nove entrou em Japaõ. Aprendeo a lingua da terra no Collegio de Arima. Depois foi mandado à Cidade do Miaco, que he a principal de Iapaõ: aonde teve por companheiro ao noſſo Padre Pedro Morejon de naçaõ Caſtelhano, que lhe eſcreveo a vida, o qual diz, que fora muitos annos ſeu companheiro, & fora boa teſtemunha de ſua rara virtude, fervor, & zelo, com que ajudou aos Chriſtaõs de Fuximi Cidade, & fortaleza principal do Emperador, quando hia ao Camj; & q̃ por ſer nos principios da perſeguiçaõ, padecera nella naõ pequenos trabalhos, & incommodidades com ſingular animo, & alegria.

6 No anno de mil seiscentos, & quatorze foraõ todos os Padres, que andavaõ em Japaõ, desterrados pera a Cidade de Nangazaqui, que toda era de Christaõs, & aonde era o principal cõmercio dos Portuguezes. Dezejou o Padre Ioaõ Bautista ficar escondido nas partes do Miaco, pera ajudar aos Christaõs. Porem como era muito conhecido, foi obrigado, a hir tambem pera Nangazaqui. No tempo, que todos esperavaõ em Nangazaqui tempo, pera se embarcar, & sahir de Iapaõ, conforme o decreto do Emperador, o Padre Ioaõ Bautista andou disfarçado discorrẽdo por algũs Reynos animãdo, & consolãdo aos Christaõs.

7 No mez de Outubro do dito anno, quando os Padres eraõ obrigados, a se embarcar, dezejou o Padre Bautista ficar escondido. Porem como dezejassem o mesmo muytos dos nossos mais antigos, que elle, aquem isto se havia de conceder em primeiro lugar, ao principio naõ foi ouvido pellos Superiores. Tratou de negocear com Deos. Fez muitas penitencias, disse muitas Missas; & Deos nosso Senhor poz o cumprase a seus dezejos, como quem por este caminho, o queria coroar com o martyrio.

8 Succedeo neste tempo, que os Christaõs de huma confraria pediraõ com instancia hum Padre: ainda que elles queriaõ outro, foilhes concedido de repente, dous dias antes da partida dos Missionarios desterrados, o Padre Joaõ Bautista, que naõ cabia em si de prazer, por lhe cahir em casa, o que elle tanto pedia a Deos.

9 Tomaraõno os Christaõs à sua cõta, pera o encobrirem. Vendo o Padre, que partidos os Missionarios, se fariaõ grandes diligencias em Nangazaqui, pera prẽder, aos que ficavaõ occultos, se retirou com hum Irmaõ pera as Ilhas de Conzura, & Oyano, onde ajudou aos Christaõs. Sabendo, que a perseguiçaõ ardia no estados de Arima, passou a Ximavara, em que os Ministros de Saxuma faziaõ grandes pesquisas, & muito estrago nos Christaõs. Meteosse em huma casa, em que esteve ouvindo de confissaõ, a quantos alli vinhaõ. Porem crecendo grandemente a perseguiçaõ, se foraõ os Christaõs, deixadas suas casas, viver nos montes, por naõ se expor a perigo de perder a fé.

10 O Padre se tornou a embarcar, & foi a Cochinozu, onde o Governador Safioye estava actualmente atormentando aos Christaõs. Dezejou muito o Padre saltar em ter-

ra,

ra, pera os animar, & ser seu cõpanheiro na coroa do Martyrio. Naõ o permittiraõ os Christaõs, que governavaõ a embarcaçaõ, dando por rezaõ, que isto seria irritar mais o tirano, & causa de se fazerem mais exactas pesquizas, em ordem a prender os Padres. Pera melhor o enganar, differaõ, naõ ser bom aquelle lugar, pera saltar em terra, & dado a entender, que se mudavaõ a outro lugar mais a proposito, se afastaraõ da praya.

11 Vendo o Padre frustrados seus dezejos, pedio, que o levassem a Nangazaqui, onde esperava, que brevemente teria occasiaõ de ser martyr, porque os Ministros da perseguiçaõ, feita sua crueldade em Arima, haviaõ de hir a Nãgazaqui: deraõ logo à vela pera esta Cidade. Era a embarcaçaõ pequena, os ventos contrarios, os mares grossos, por isso esteve a perigo de se afundir. Forcejando contra todas estas difficuldades, entrou em Nangazaqui. Nesta Cidade por causa de outros divertimentos, naõ ouve athe entaõ as crueldades, que padeceraõ os Christaõs de Arima.

12 Com tudo teve o Padre grandissimo trabalho nos dous, ou tres annos antes de ser prezo, por cuja causa duas, ou tres vezes esteve doente. Estavaõ a seu cargo algũs bairros da Cidade, de dia, & de noyte naõ parava acodindo a todos. Dalli sahia pella comarca, & a algũs lugares do estado de Omura, & ilhas de Goto. Em todas estas partes padeceo muito, sendolhe necessario viver algumas vezes nos montes, & dizer Missa em alguma ramada, por escapar das maõs dos perseguidores.

13 Porque estas cousas, & o modo de sua prizaõ corraõ com mais clareza, he de saber, que des-do principio desta perseguiçaõ os Emperadores Dayfuzama, & Xogum seu filho puzeraõ o seu empenho, em que naõ ficasse no Japaõ hũ sò Padre, imaginando, que faltando os Mestres, a propagaçaõ da fé naõ hiria adiante, & os Christaõs facilmente tornariaõ a tras. Naõ quizeraõ fazer outro mal aos prégadores Evangelicos mais que desterralos, por senaõ arriscarem a perder o commercio com os Portuguezes de Macao, & Castelhanos de Philippinas, dizendo ser toda a culpa dos naturais da terra, por deixarem seus Deoses, & Senhores della, por permittirem a propagaçaõ da fé. Tãbem tinhaõ sua sospeita, de que esta ansia de fazer Chris-

taõs, naõ foſſe como pretexto, pera ſer cõquiſtado o Japaõ, como os malditos hereges Olandezes lhes diziaõ.

14 Por iſſo as principais crueldades eraõ contra os naturais. Com a Cidade de Nangazaqui, por ſer toda de Chriſtaõs, & eſcala do dito cõmercio, foraõ sẽpre diſſimulando, contentandoſe, que naõ ouveſſe nelle Padres, nem templos, nem exercicio publico de Religiaõ Chriſtãa. Porem alguns naõ uſavaõ deſta diſſimulaçaõ, como pedia o tempo; poriſſo correo fama, que havia Padres eſcondidos. Acrecentouſe, terem vindo alguns Religioſos de Philippinas no anno de ſeiscentos, & dezaſeis, de que o Xogũ mais ſe enfureceo. Logo em Setembro fez novos decretos contra os Chriſtaõs, reſervando a peſquiza dos Padres pera o veram do anno ſeguinte.

15 Tudo executou neſta forma. No anno de ſeiscẽtos, & dezaſete foraõ todos os grandes de Japaõ à Corte de Yendo vizitar com ſeus prezentes ao Xogum, conforme he eſtilo dos Iapoens, & darlhe o parabem do Imperio, em que ſuccedera a ſeu pay. Entre outras couſas ſe ordenou a Omuradono, por ſer o Senhor mais vizinho a Nangazaqui, ſob pena de perder os ſeus eſtados, que fizeſſe exacta peſquiſa pellos Padres, & a todos os deſterraſſe pera fóra de Iapaõ. Depois em ſegredo ſe lhe mandou, que pois naõ baſtara a diſſimulaçaõ, que com elles ſe tivera, q̃ os mataſſe a todos; & que logo ſe partiſſe a dar à execuçaõ a vontade do Emperador.

16 Eſta ordem ſe ſoube pouco depois em Nangazaqui, excepto o ſegredo, de que os mataſſe, que eſte guardou Omuradono conſigo. Os Regedores da Cidade eraõ Chriſtaõs, fizeraõ conſulta, do que no cazo deviaõ obrar. Havia em Iapaõ trinta, & quatro Religioſos da Companhia repartidos por diverſos Reynos. Da Ordem de Saõ Franciſco ſinco, da de Saõ Domingos ſinco, ou ſeis, de Sãcto Agoſtinho hum, & ſinco Clerigos Iapoens, os quais todos eſtavaõ em Nangazaqui.

17 Pediraõlhe os Regedores, que deſſem algũas moſtras, de que todos ſahiaõ de Iapaõ, & ſe hiaõ em os navios, pera deſte modo illudir os gentios, & alliviar a Cidade. Aſſim ſe fez. Apenas eſta diligencia fora feita, quando entrou na Cidade hum tio de Omuradono com outra gente de ſua caſa. Logo com grande diſſimulaçaõ, & cõ muitas eſpias,

Digitized by Google

eſpias, começaraõ a buſcar os Padres. Hũas das eſpias diziaõ, que ſe queriaõ confeſſar, outras, q̃ queriaõ hũ Padre pera hum moribundo, outras, que traziaõ dinheiro pera Miſſas. Eſtavaõ os Chriſtaõs tam bem prevenidos, q̃ athe os meninos, de quem as eſpias ſe procuravaõ aproveitar, reſpondiaõ taõ a propoſito, que não puderaõ deſcobrir ſinais de algum Padre.

18 Em quanto eſta peſquiſa durou, ſe perſuadiaõ todos, correr grande perigo os Padres, que eſtavaõ na Cidade, & que eſtavaõ ſeguros, os que andavam fora; porẽ foi pello contrario; porque vendo, que a nenhum deſcobriam na Cidade, mandaraõ muitas eſpias por diverſas partes, & eſtas prenderão em primeiro lugar ao Padre Frey Pedro da Aſſumpſaõ da ordem de São Franciſco, o qual ſendo levado a Omura mandou o tirano, que foſſe prezo em hum carcere do lugar chamado Cori, diſtante huma legoa de Omura.

CAPITULO XXIII.

Como o Padre foi preza, & devaçaõ, com que ſe ouve no carcere.

1 O Padre Joaõ Bautiſta neſta meſma occaſiaõ, ſahio de Nãgazaqui. Tinha elle a ſeu cuidado os Chriſtaõs da ribeira do mar de Omura, & as ilhas de Goto. O Superior o mandou vizitar eſtes Chriſtaõs; depois de vizitar alguns lugares, pertendeo paſſar às ilhas de Goto. Por ter ventos contrarios, arribou a Firando, onde ouvio algumas confiſſoens de importancia, havendoſe com grandes cautelas aſſim por ſer o Governador gentio, como por eſtarem no porto Olandezes taõ inimigos dos Chriſtaõs, como os meſmos gentios.

2 Alli teve cartas dos Chriſtaõs de Nangazaqui, que o avizavaõ das muitas eſpias, & lhe diziaõ, que ou ſe voltaſſe à Cidade, ou ſe retiraſſe pera as partes do Cami, em quanto paſſava aquella tormenta, porque de outra ſorte naõ poderia eſcapar; por quanto já os inimigos ſabiaõ, que elle hia a Goto. Encomendandoſe a Deos, reſpondeo, que agrade-

agradecia o avizo, & conſelho, mas que avia de continuar ſua viagem, por eſtar certo, que ſe foſſe prezo, teria duas coroas, huma da obediencia, que o mandara, outra do martyrio, que padeceria por Chriſto.

3 Como o Padre hia confeſſando aos Chriſtaõs dos lugares, por onde paſſava, foi aos gentios couſa facil, dar-lhe no raſto. A vinte, & hum de Abril chegou a Goto: no dia ſeguinte eſtando confeſſando em hum lugar chamado Canoco, de repente entrou na caza hum moço. Entendeo o Padre ſer eſpia: nas ſuas coſtas entraraõ os miniſtros da juſtiſſa de Omura, a tempo, que eſtava abſolvendo a hum Chriſtaõ. Acabada a abſolviçaõ, ſe levantou, & mui alegre os ſahio a receber. Elles lhe declararaõ a ordem, que traziaõ de ſeu Senhor, & do Xogum, pera ſer prezo.

4 Deulhes o Padre as graças por nova taõ alegre, dizendo, que ſó o dezejo de taõ boa fortuna o trouxera a Japaõ, & fizera com ſeus ſuperiores, que alli o permittiſſem ficar eſcondido. Por tanto, que dava muitas graças a Deos, & lhe pedia, que a elles, & a ſeu ſenhor abriſſe os olhos, & perdoaſſe o ſeu peccado.

5 Por terem ventos contrarios, ſe detiveraõ alli athe os vinte, & ſinco do meſmo mes de Abril. Permittiraõ-lhe os ſoldados, que diſſeſſe Miſſa, & ſe deſpediſſe dos Chriſtaõs, os quais concorreraõ em grande numero. De dia, & de noyte naõ fez outra couſa mais, que confeſſalos, & deſpedirſe delles com grandes lagrimas. Em huma pratica lhes diſſe, que ſendo menino de ſeis, ou ſete annos, ouvindo fallar das couſas de Japaõ, avia ſentido em ſi tantos impulſos de vir à quella terra, que ſó por iſſo entrara na Companhia, & aſſim, que ſe tinha por muito ditoſo, por lhe ter Deos comprido ſeus dezejos. A o deſpedirſe, & embarcarſe, todos dezejavaõ, irſe com elle.

6 Logo, que entrou em o navio, pedio aos ſoldados, que o ataſſem, em ſinal de que hia prezo por Chriſto. Elles o naõ quizeraõ fazer, & ſempre o trataraõ com reſpeito, & cortezia, dizendo, que lhes pezava, de o levar prezo, porem, que ſe o naõ fizeſſem aſſim, punhaõ em perigo ſuas vidas. Referiolhes o Padre o aviſo, que tivera antes, & q̃ naõ quizera tomar outro caminho, porque dezejava morrer, & ſer prezo entre ſuas ovelhas, & comprir com a obediencia de ſeus Superiores, a qual alegria naõ ſeria cabal,

ſe

Digitized by Google

ſe em outra parte fora prezo, que aſſim eſperava, ſe lhe dobraſſe a coroa.

7 Tanto, que chegaraõ ao primeiro lugar de Omura, deſpediraõ a todos os Chriſtaõs, & marinheiros, que athe alli o hiaõ acompanhando, por aſſim terem ordem de ſeu ſenhor. Só conſentiraõ, que foſſe com elle hum moço Japaõ chamado Leaõ, que ſe tinha criado em o noſſo ſeminario, o qual fez grandiſſimas inſtancias, pera que o deixaſſem ir em companhia de ſeu Meſtre. O Padre rogou ao Capitaõ, que pera guardar a ordem, que tinha de andar ſempre acompanhado, permittiſſe, que Leaõ foſſe com elle, & o alcançou.

8 Aos vinte, & nove de Abril chegaraõ a Omura já de noyte com guardas, & Luzes acezas o levaraõ ao carcere de Cori, aonde eſtava prezo o bemdito Frey Pedro, da Ordem de Saõ Franciſco, o qual ouvindo tanto tropel de ſoldados, & fachas acezas, imaginando, que o vinhaõ matar, ſe poz em oraçaõ. Depois vendo, o que era, naõ cabia em ſi de prazer, por Deos o conſolar com tal companheiro. Lançouſe aos pés do Padre, & lhos queria beijar, porem o Padre Joaõ Bautiſta tal couſa naõ conſentio.

9 Abraçaraõſe com muitas lagrimas de goſto, & devaçaõ. Pediraõ ao Capitaõ, & ſoldados, lhes deixaſſem ficar alli no carcere a Leaõ companheiro do Padre Bautiſta, que pedia o meſmo. Naõ vieraõ niſto ſem licença dos Governadores: por aquella noyte ficou Leaõ fora do carcere, mas no dia ſeguinte dando os Governadores licença, entrou, & aſſiſtio nelle; o que foi hum como principio, & pronoſtico do martyrio, com que o Senhor apremiou ſeu fervor.

10 Notouſe muito ſer a prizaõ, & morte deſtes ditozos Padres no lugar de Cori: Deos o tinha ſignificado cõ hum notavel prodigio. Foi couſa maravilhoſa, que pouco antes deſta perſeguiçaõ, & no diſcurſo della ſe acharaõ algumas Cruzes na meddlla, ou no meyo dos troncos das arvores, as quais foraõ pronoſtico, como enſinou a experiencia, dos Martyrios, que depois ſuccederaõ nos tais lugares.

11 Alem de outras cruzes ſe achou huma deſtas cruzes em huma arvore chamada Sabu, que he como Louro.

Ti-

Tinha como dous palmos de largo, era de cor vermelha, aſſentada ſobre huma baſe quadrada. Dos braços ſahia hũ a modo de arco, que a coroava. Ouve ſobre eſta Cruz, & forma della varios diſcurſos. O Padre Joaõ Bautiſta em huma carta ſua dizia, ſignificar, que elle, por ſer a Cruz em lugar do ſeu deſtricto, & outros Padres coroados o aviaõ de ſer com o Louro do martyrio. As ſuas palavras ſaõ: *Pareceme, que a Cruz, que appareceo em Xiquimi foi pera nos outros. Athe agóra apparecerão cruzes ordinarias, ſem outro algum ornato, & bem hão moſtrado as cruzes, & perſeguiçoens, que hão padecido os pobres Chriſtaõs; porem a que appareceo em Xiquimi, foi coroada, pera ſignificar, que naõ ſó os Chriſtaõs, mas os coroados hão de ſer prezos, & confio no Senhor, que mortos pella meſma fé, & cauſa.* Athe aqui ſuas palavras.

12 Junto a eſte lugar de Cori ſe achou outra Cruz a modo de alfange, & parece ſignificava, averia alli martyrios, nos quais ſe cortaſſem cabeſſas, como em effeito ſuccedeo.

13 Tornando aos ditoſos Martyres, era o carcere eſtreito, eſcuro, & muito humido, no qual tiveraõ bem, q padecer, em quanto ſe fez avizo à Corte de Yendo, pera ſaber a vontade do Xogum; porque o Governador de Omura, ainda, que tinha ordem, como fica dito, os naõ quis matar, eſperando, que o Emperador lhes perdoaria as vidas.

14 Tinhaõ quinze ſoldados de guarda, dos quais hum ſó por nome Damiaõ era Chriſtaõ, eſte com grande devaçaõ, & amor os ſervia, & ſempre lhes aſſiſtio. O comer era hum pouco de arroz cozido em agoa. Naõ permittiaõ, que os Chriſtaõs lhes levaſſem couſa alguma, nem fallaſſem com elles. Só quando Damiaõ por ſeu turno vigiava, podiaõ alguns entrar, & confeſſarſe. Gaſtavaõ os ſervos de Deos o tempo em oraçaõ, & praticas ſanctas, gozando entre os ſeus trabalhos de grande paz, & alegria.

15 Dalli eſcreveo o Padre Joaõ Bautiſta algumas cartas, das quais lançarei aqui algumas, que naõ ſaõ dilatadas, & dizem melhor, que as minhas palavras, o ſeu fervor, alegria, & o muito, que naquelles apertos por cauſa de ſeus achaques padeceo. Em huma de tres de Mayo eſcrita a ſeu Superior a Nangazaqui diz aſſim: *Hoje faz doze dias, que*

Digitized by Google

que me prenderaõ, dou muitas graças a Noſſo Senhor, pois me tem dado huma quietaçaõ taõ grande, que naõ hâ couſa, que mais dezeje, que o eſtado, em que eſtou prezo por amor de Deos. Dou muitas graças a ſua diviua Mageſtade, que da hora, em que me prenderaõ, me naõ lembra, ſenaõ verme em huma Cruz, ou debaixo da catana. Bendito ſeja o Senhor, que aſſim conſola à quelles, que por ſeu amor padecem, ainda, que pouco.

16 Nunca entendi a efficacia das palavras da Eſcritura, & a força eſpiritual, que daõ, ſenaõ depois de me ver neſte eſtado. E aſſim toda a força do Imperio do Mundo, me parece menor, que a do minimo bicho da terra. Bem entendo, que niſto maõ entro nada, tudo he de Noſſo Senhor, & por elle, & com elle hei de pelejar athe o fim, & aſſim me pezarâ naõ poder, ter occaſiaõ de padecer muito por ſeu amor.

17 Averâ quarenta dias me trata muito mal huma dor, & por eſte lugar ſer hum ſapal, me tem carregado tanto, que nem de dia, nem de noyte tenho repouzo algum. Tenhoa a grãde merce de Deos Noſſo Senhor, pois jâ, que me naõ dâ tormẽtos, receberei eſtes, que ſe chegam muito aos da morte, de ſua divina maõ; porque jâ, que nem o carcere, nem alguma outra couſa me dâ pena, por ſua divina bondade, ſenaõ meus peccados, rezaõ he, que padeça alguma couſa, pois he tempo, & lugar de alcançar algum merecimento. Athe aqui a carta de tres de Mayo.

18 Em outra de dezaſete do meſmo mez tem aſſim: Dos trabalhos do aperto, em que voſſas Reverencias eſtaõ, me peza, mas Noſſo Senhor, que aſſim o ordena, tem os intentos, que nos naõ alcançamos; com tudo elle ordena, pois a couſa he ſua, elle diſporâ as couſas de modo, que a quillo, que for melhor aſſim pera noſſas almas, como pera a Chriſtandade, ſe faça. Pello que, eſtou muito contente com minha ſorte, & lhe dou muitas graças por ſe lembrar de mim, dandome por ſua divina bondade hum animo, que todos os trabalhos, & tormẽtos do mundo parecem poucos, & ſenaõ fora couſa ſua, naõ me atreuera ao eſcrever.

19 E aſſim nunca vi taõ claramente o pouco, pera que preſto, & muito, que podemos ajudados de Noſſo Senhor, como agora; naõ deſempara o bom JESU, aquem ſe lhe entrega; cumpre à riſca as promeſſas, que tem feito. Jâ mais alguem o chamou, que o naõ achaſſe. Naõ ſe aparta dos ſeus

nas prizoens, na tribulaçaõ nos acompanha, & por isso chama á divina ley jugo, que levaõ dous: naõ quer, que padeçamos sôs, & ainda, que às vezes seja pezado à natureza, levala, he muy suave, pois temos tam bom companheiro, que sempre toma o mais pezado, acomodandose tanto à nossa fraqueza, que naõ permitte, que sejamos atribulados, sobre aquillo, que podemos.

20 *Pello que lhe dou muitas graças pellas merces, que me tem feito, & taõ conforme a sua divina vontade, que se for servido em outra prizaõ mais apertada, que esta, estarei athe o dia do juizo, porque sei, que se elle assim o ordenar, darâ o necessario pera taõ comprida viagem. E se hoje for servido, q̃ lhe demos a vida, que pera o servir nos tem dado, pera sempre lhe darei muitas graças, estando certo, que de qualquer maneira, ainda, que indigno peccador nos naõ desempara; & assim digo com o Profeta,* Et factus est dominus refugium pauperi, adjutor in tribulatione. *Tomemos por refugio a Christo JESU Nosso Senhor, aquelles, que por seu amor deixãdo as cousas deste mundo, nos fazemos pobres, & por fiel ajudador na tribulaçaõ, acodindo sempre:* Pro tempore opportuno, *como fidelissimo amigo.*

21 Assim fallava nesta carta. Alli depois de quinze dias, ouve licença pera dizer Missa. Desta merce de Deos diz em outra carta: *O Governador, que nos tem a seu cargo, me hâ feito por via de seu pay Miguel algumas caridades, & a principal foi, que pedindolhe por via de seu pay, nos desse licença, pera dizer Missa, mandou dizer pellos guardas, que nos deixassem fazer tudo, o que tocava ao officio, & obrigaçaõ de Padres, mas com cautela, que ninguem entre dentro; & assim hoje dia do Espirito Sancto dissemos a primeira Missa, & com o favor divino iremos continuando.*

22 *Athe nisto nos quis o Senhor consolar, seja elle bendito. Por nenhum cazo querem, que fallemos com pessoa alguma, & sobre isto fazem grandes exstremos. Mas de quando em quando hà seus furtos, & assim às escondidas confessei alguns, & hoje bautizei hum menino, & meu companheiro outro. Espero em o Senhor, que jà, que o demonio por seus ministros nos faz tanta guerra, tambem em quanto temos vida, lha avemos de fazer em todas as occasioẽs, que se offerecerem.*

23 Assim como isto escrevia, o poz por obra, pedindo emprestados os ornamentos, que lhe aviaõ tomado; levantou

vantou altar no carcere, que seria em quadro como de oito palmos, & disseraõ Missa athe segunda feira depois do domingo da Trindade, em que deraõ por Christo suas vidas. Por industria do guarda Damiaõ, enganando aos mais, alguns Christaõs se puderaõ confessar, & ouvir Missa com grandissima consolaçaõ sua, & dos Padres: athe alguns dos guardas depois a vieraõ a ouvir.

CAPITULO XXIV.

De como foi martyrizado, & mais cousas, que nisto passaraõ.

1 CHegou o dia vinte, & dous de Mayo. Avendo dito Missa antes da menhãa, disse o Padre Frey Pedro ao Padre Joaõ Bautista: *Meu Padre da minha alma, a Missa, que acabei agora de dizer, será a ultima de minha vida.* Respondeo o Padre Bautista: *Seja o Senhor bemdito, que o mesmo sentimento avia tido estes dias em minha alma, & lho queria dizer, pera darmos graças a sua divina Magestade.*

2 Viose logo, o effeito desta divina revelaçaõ, porque no mesmo dia veyo ao carcere o Governador Tomonanga Lino com as novas do martyrio. Chamou a Leaõ, & sem dizer nada, entrou com elle dentro no carcere, esteve conversando com os Padres, sem se atrever, a dar o avizo, que trazia. Tornouse a sahir cheyo de tristeza, & disse a Leaõ, como avia chegado da Corte a final sentença, & que naquelle dia aviaõ de morrer, mas que era tal o seu sentimento, que naõ tinha animo, pera lho declarar.

3 Tornou logo a entrar dentro, & se deteve só fallando com os padres por espaço de meya hora, naõ se soube, o que passou nesta pratica mais, que o que depois contou Tomonanga. O Padre Frey Pedro disse, q̃ em todas suas Missas, & oraçoens avia muito tempo, que naõ pedia a Deos outra merce, senaõ esta. O Padre Joaõ Bautista disse: Que tres dias foraõ os de maior alegria, que tivera em sua vida: Hum quando foi recebido na Companhia, outro, quando foi prezo em Goto, & o terceiro este, em que lhe deraõ taõ boa nova.

4 Eu venho, diſſe Lino, com grande dor minha, a dar-lhe a voſſas Reverencias a triſte nova, de que hoje haõ de ſer mortos, por prégarem o Evangelho, & voſſas Reverẽcias ſe moſtraõ alegres? Digame, ſenhor, diſſe entaõ o Padre Joaõ Bautiſta: ſe o Emperador lhe dera hum grande eſtado, & de muita renda, teria ſentimento, ou alegria? Claro he, que tudo ſeria alegria, pois muito maior ha de ſer a noſſa, porque eſtamos certos, que o Senhor por meyo deſta morte nos hâ de dar o Reyno eterno, que com tantos trabalhos, & anſias procuramos aver. Iſto viemos buſcar a Iapaõ, iſto nos fez padecer tanto; & por ver noſſa felicidade taõ perto de nos nos alegramos, & nos parece ver em voſſa merce hum Anjo do Céo.

5 Maravilhandoſe Lino deſta repoſta, diſſe: Por ventura, Padres, aveis viſto eſſa gloria com os olhos, pois no mundo todo naõ hâ nova de mais triſteza, que a morte? Temos, reſpondeo o Padre, outra mais certa viſta, & mais clara, que a dos olhos, a qual nos naõ pode enganar. Dizeinos, Senhor, que genero de morte hâ de ſer? Naõ ſei, reſpondeo Lino, naõ tendo animo pera lho dizer, naõ ſei, ſenaõ, que hoje ha de ſer. Replicou o Padre: Pergunto iſto, porque jâ, que hemos de morrer, quizeramos, que o Sacrificio fora mui ſolẽne, & que nos foraõ cortando mẽbro a membro todo o corpo, por amor de Deos, como fizeraõ aos Martyres antigos, por ſer a cauſa a meſma.

6 Com iſto ficou o Governador como aſſombrado; & o Padre Frey Pedro a modo de quem eſperta de huma profunda meditaçaõ, levantou a vôz, & diſſe: *Allelluia, Allelluia.* Com iſto ſe apartou delles o Governador. O effeito deſtas praticas foi converterſe depois, & ſer glorioſo Martyr do Senhor, como ſe conta nas Relaçoens das perſeguiçoens, & Martyrios de Iapaõ.

7 Ao deſpedirſe, lhes diſſe, que de tarde voltaria: Entaõ os ſervos do Senhor pondoſe de joelhos, diſſeraõ com grande devaçaõ o *Te Deum Laudamus.* Fizeraõ profunda oraçaõ. Naõ lhes cabia a alegria nos coraçoens, deſabafava em ſuaviſſimos colloquios fallando com hũ Crucifixo, de que os guardas, & os mais, que os viaõ, grandemente ſe admiravaõ, como de couſa deſacoſtumada. Confeſſaraõſe logo, tomaraõ huma larga diſciplina, rezando, & cantando alguns Pſalmos.

8 Lo-

8 Logo o Padre Frey Pedro eſcreveo huma carta a hum Religioſo da ſua ordem, em que ſe deſpedia. O Padre Joaõ Bautiſta eſcreveo outra ao venetavel Martyr Padre Sebaſtiaõ Vieyra, que eſtava naõ longe daquelle lugar, a qual diz aſſim: *Pax Chriſti &c. Agora, mea Padre, me deraõ a alegre nova do martyrio, morro muito conſiado, & conſolado, pois he pello bom JESU, & lhe dou muitas graças, porque ainda, que indigno, me ha querido fazer eſta merce. Joaõ Bautiſta.*

9 Preparados os bemaventurados ſervos do Senhor neſta forma, eſperavaõ por inſtantes a hora, quando chegaraõ ao carcere os executores da ſentença com quatro Capitaẽs, hum em nome do Governador de Nangazaqui, os tres em nome de Omuradono ſenhor dos eſtados de Omura. Hum deſtes era Tomonangalino. Mandaraõ fazer de cear pera ſi, & pera os Padres, mas os Padres reſponderaõ, que eſperavaõ outra mais alegre cea, & cea eterna.

10. Mandou o Padre Joaõ Bautiſta dar as graças aos guardas, pello trabalho, que com elles aviaõ tido. A Damiaõ deraõ os dous algumas couſas de devaçaõ. Tornaraõſe a reconciliar, & a dizer as ladainhas invocando com eſpecial jubilo os ſanctos, a quem brevemente eſperavaõ ver; & tomando cada hum ſeu Crucifixo nas maõs, aſſim armados foraõ ſahindo pera o lugar do martyrio, que era hum outeiro diſtante do carcere como hum quarto de legoa; o qual fora primeiro conſagrado a certo idolo de Iapaõ, mas depois o foi à Sancta Cruz, & feito cemeterio de Chriſtaõs; porque o Governador Lino o eſcolheo pera iſto, dizendo, que era bom lugar, pera depois ſe edificar huma Igreja em honra dos ſanctos Martyres.

11 Acodiraõ infinitos Chriſtaõs a taõ glorioſo eſpectaculo, ſem medo algum dos gentios. Hiaõ os Padres no meyo de muitos ſoldados armados. Os Chriſtaõs, que os viaõ, choravaõ desfazendoſe em lagrimas. Os Padres hiaõ cantando Pſalmos, & às vezes dizião palavras de alento aos Chriſtãos, com grande eſpanto dos gentios. Chegando ao lugar do martyrio, começou o Padre Frey Pedro, a querer, fazer huma pratica; porem chegando recado, que ſe entendeo, ſer de Omuradono, que encuberto ſe quis achar prezente; diſſe o Padre Joaõ Bautiſta pera o Padre Frey Diogo: *Eya Padre meu, eſta chegado o tempo.*

12 Tor-

12 Tornaraõſe a reconciliar terceira vez; & abraçãdoſe, ſe convidaraõ hum ao outro pera os bens eternos, deſpediraõſe dos Chriſtaõs em voz alta, apartandoſe cada hum pera ſua parte. Entaõ olhando ambos pera o Ceo, ſe ſorriraõ hum pera o outro, dizendo naõ ſei, que palavras, que os Chriſtaõs naõ entenderaõ.

13 Neſte paſſo chegou Damiaõ, que com tanto amor ſervira no carcere aos Padres, trazia duas eſteiras limpas, dizendo, que ſuas Reverencias ſe puzeſſem nellas, pera, q̃ as cabeças depois de cortadas, naõ cahiſſem no chaõ: mas os Padres ambos diſſeraõ, que pois o corpo era de terra, & nella ſe avia de tornar, que melhor lugar pera elles era a terra nua. Por tanto naõ aceitando as eſteiras, ſe puzeraõ ambos em terra de joelhos. Logo foi mandado a dous homens nobres, que lhe cortaſſem as cabeças; porque no Japaõ ſemelhantes peſſoas naõ ſe entregaõ a algozes, que as matem. Cortaraõ em primeiro lugar de hum golpe a cabeça ao Padre Frey Pedro, porem ao Padre Bautiſta, perturbandoſe o matador, errou o golpe, & cahio com elle em terra, tornouſe o Padre a levantar com grande animo, dizendo duas vezes JESUS, ſegundou o golpe, & nem deſte o acabou, deulhe o terceiro, & entaõ cahindo a cabeça em terra, ſe foi o eſpirito a gozar de ſeu criador.

14 Todos notaraõ, que ſendo a catana, que era do Tono, o Senhor, mui boa, & o matador mui deſtro, lhe naõ cortaſſe a cabeça, ſenaõ de tres golpes, couſa rara em ſemelhantes occaſioens. Dizião, que parecia, ter Deos ouvido o ſancto dezejo, que o Padre tivera, de que ſeu corpo no martyrio foſſe cortado membro por membro.

15 Levantaraõ os Chriſtaõs hum grande alarido, acodindo â porfia a venerar ſeus corpos, & recolher alguma reliquia. Athe os gẽtios executores deſte martyrio choraraõ, dizendo, que os Chriſtaõs tinhaõ rezaõ, no que faziaõ, & que não podia, deixar de ſer mui ſancta a ley, porquem ſeus profeſſores morrião tão alegres. Como os Chriſtaõs huns ſobre outros ſe lançaſſem a venerar os ſanctos corpos, diſſe o Capitão, que aſſiſtia em nome do Governador de Nangazaqui, a hum ſeu criado Chriſtão, que fizeſſe o meſmo, porque ſe avia ſalvação, naõ podia deixar de a aver na ley, em que morriaõ aquelles Padres, que aſſim o moſtrava a ſegurança, com que tinhaõ offerecido ſuas vidas.

16 Os

Digitized by Google

16 Os Chriſtaõs, huns tomavaõ parte dos veſtidos, outros cortavão parte dos cabellos, outros a terra, pedras, hervas, que eſtavão orvalhadas com o ſangue. O ſeminariſta Leão recolheo muito ſangue do Padre Joaõ Bautiſta, de cujo lado nunca ſe apartou, enſopou no ſangue huma toalha, & ſeus proprios veſtidos. Tinha preparado dous cayxoens, pera ſe enterrarem os dous corpos, ſegundo coſtume de Iapão. Huma devota Chriſtã chamada Magdalena, trouxe huma peſſa de linho, pera envolver o corpo do Padre Joaõ Bautiſta. Quizera logo Damião, metelos em huma cova, porem foi tal o pezo da gente, que carregava aos venerar, que naõ ſe póde iſto fazer.

17 No dia ſeguinte vieraõ mais de cem peſſoas da parte do Governador. Fizeraõ huma boa parede de pedra ao redor da cova, concertarão tudo mui limpamente, & lhe puzeraõ vigia; parte, como ſe creo, por veneraçaõ dos ſanctos Martyres, aquem todos, ainda os que tinhão faltado na fé, veneravaõ, parte, porque os Chriſtaõs os não vieſſem tomar.

18 Cuidaraõ os gentios eſpantar com eſtas mortes aos Chriſtaõs, mas enganaraõſe, porque cobrarão maiores animos. Os que tinhaõ faltado na fé, entrarão em dezejos de fazer penitencia. O concurſo a vizitar o ſepulcro, hia crecendo de cadaveś mais, não ſó do eſtado de Omura, mas de outras partes diſtantes, por mais prohibiçoẽs, que Omuradono lhe punha, mandando, que ninguem os hoſpedaſſe em ſua caza, nem lhes deſſe embarcaçoẽs. O Governador de Nangazaqui ſabendo, que os daquella Cidade, hião vizitar o ſepulcro, mandou por em liſta, os que tinhão ido, pera com iſto os atemorizar: porem ſabendo os meſmos Chriſtãos, que o Regedor dera hum papel firmado do ſeu nome, em que dizia, que nenhum do ſeu deſtricto, fora vizitar os martyres, entrarão em eſcrupulo, ſe eſtavão obrigados, a ir confeſſar, que na verdade tinhão ido, por não parecer, que encobrião ſua fé.

19 Athe huma tia de Omuradono, grande Chriſtãa, foi fazer veneraçaõ ao ſepulchro, do q̃ muito ſe moſtrou ſẽtido ſeu ſobrinho, dizendo, que o punha a perigo de perder ſeus eſtados: ao que ella reſpondeo, que ſe mataſſe mais Padres, em eſpecial da Companhia, de quem el-

les

les todos erão filhos em Chriſto, ella em peſſoa havia de ſahir a morrer com elles.

20 O moço Leaõ, depois de martyrizarem aos dous Padres, fez grandes inſtancias, pera que o prendeſſem, & aſſim o fizeraõ. Os Padres Frey Affonſo Navarrete da ordem de Saõ Domingos, & Frey Fernando de Saõ Jozeph da ordem do Sancto Agoſtinho entrãdo em ſancto fervor paſſaraõ a Omura, onde, por ſerem Prégadores do Evangelho, foraõ prezos. Aſſim eſtas prizoens, como o concurſo, ao ſepulchro dos dous Martyres puzeraõ em grande cuidado a Omuradono, de que o Xogũ o tomaria muito a mal, por haver tantos Padres no ſeu eſtado.

21 Querendo pôr a iſto remedio com ſegredo, por naõ haver eſtes concurſos publicos, que faziaõ as couſas mais ſoadas, mandou, que os dous Padres de novo prezos foſſẽ levados a certa ilha dezerta, & que alli em outra embarcação conduziſſem a Leaõ, & aos caixoens, em que eſtavaõ enterrados os corpos dos Padres Frey Pedro, & Joaõ Bautiſta.

22 Foi voz comua, que quando ſe abrio a cova, em q̃ eſtavaõ, ſe viraõ no ar muitos reſplandores. Outras peſſoas, que vinhaõ de Nangazaqui a viſitar eſte ſepulchro, virão decer ſobre elle do Ceo duas eſtrellas. Eſtas eſtrellas viraõ por muitas vezes aſſim os Chriſtãos do lugar, còmo os guardas, q̃ vigiavaõ ſobre aquellas ſepulturas. Em dous de Junho andando os Chriſtaons em ſeus barcos como em vigia, pera ſe acharem ao martyrio, tanto que ſahio o barco o ſeguiraõ, mas elle velejou, & remou tanto, que brevemente o perderaõ de viſta.

23 Em huma ilha dezerta os degolaraõ a todos tres, os dous Religioſos, & a Leão. Logo abriraõ os caixoens, em que eſtavaõ os corpos dos Martyres, no do P. Joaõ Bautiſta meteraõ ao Padre Frey Affonſo Navarrete: no do Padre Frey Pedro o corpo do Padre Frey Fernando. Taparaõnos outra vez, & lhes atarão grandes pedras, & lançaraõ no mar. O corpo de Leaõ envolveraõ em huma eſteira, & atandolhe tambem pedras, o lançaraõ no fundo; & ſe voltaraõ, a dar conta de tudo a Omuradono.

24 Tanto que os Chriſtaõs de Nangazaqui ſouberaõ, o que havia paſſado, com grande numero de embarcaçoens cheas de homens, & molheres, com notavel devaçaõ, & lagri-

lagrimas fizeraõ exquisitissimas diligencias com redes, & fateyxas, & outras muitas invençoens, pera tirar os sanctos corpos. Nisto trabalharaõ muitos dias, estando outros em oraçaõ na praya, pedindo a Deos, lhos descobrisse. Havia em todos grande fervor, & lagrimas. Neste tempo começaraõ as chuvas, que em Iapaõ saõ mui molestas, & continuas, por esta causa foraõ obrigados, a se retirar mui tristes, por naõ haver descuberto, o que dezejavaõ. Da-hi a dias, os quis o Senhor consolar, porque apodrecendo as cordas, veyo assima das ondas o cayxaõ, em que estavaõ os corpos dos Sanctos Martyres Frey Pedro, & Frey Fernando, o qual os Christaõs recolherão logo, como precioso thesouro, & o levarão occultamente a Nangazaqui.

25 Foi a ditosa morte do Padre Joaõ Bautista em Cori aos vinte, & dous de Mayo de mil seiscentos, & dezasete. As casas, em que naceo, & se criou na ilha terceira, ainda hoje saõ conhecidas, & o serão, por quanto saõ as unicas de seculares, que continuão com o circuito, em que estâ o Collegio da Companhia, que com ellas forma huma ilha, conforme costumamos chamar aos edificios discontinuados por todas as partes dos mais, & por serẽ de morgado athe o prezente vão continuando em seus parentes. Iunto à pia da Sé, onde foi bautizado, se lhe poz sua imagem pera memoria perpetua. Sua vida escreve o Padre Philippe Alegambe no volume, que intitula Mortes illustres. O Padre Pedro Merejon da nossa Companhia na Relação, q̃ imprimio destas cousas do Iapão; assim mesmo outros muitos, que cita o Padre Alegambe. Tambem delle faz menção o Agiologio Lusitano, & o nosso Padre Francisco Viegyra em huma relaçaõ manuscrita, que se conserva no Cartorio de Coimbra.

CAPITULO XXV.

Vida, & Martyrio do Padre Miguel Carvalho. Entra na Companhia, passa a India, & a Japaõ, & vida, que alli fazia.

Em Omura 25 de Agosto de 1624.

1 O Padre Miguel Carvalho martyr insigne nos Reynos de Japaõ naceo em Braga: seus pays se chamarão

maraõ Gonçalo Carvalho, & Catherina Dias. Criaraõ a ſeu filho em muita virtude. Mandaraõ-no eſtudar latim no Collegio da Companhia. Era ſeu ingenho mui eſcolhido. Sahio bom latino, & Rhetorico. Fazendoſe nos eſtudos huma reprezentaçaõ publica, na qual ſe dava ao teatro o ſacrificio de Izac, o menino Miguel fez na reprezentaçaõ a peſſoa de Izac, levando ſobre os hombros a lenha pera o ſacrificio, & exprimindo o mais, que alli conſiderou a piedade, & a Rhetorica. Fez o ſeu papel com tal acçaõ, tanta ternura, que foi huma ſuſpençaõ de todo o auditorio; & parece que eſte ſeu principio foi hum como vaticinio do ſeu glorioſo fim.

2 Entrou na Companhia em Coimbra, & brevemẽte foi mudado pera o Noviciado de Campolide. Foi ſua entrada aos trinta de Agoſto de mil quinhentos noventa, & ſete, tendo de idade dezaſete, ou dezoito annos. Eſtudava em Coimbra Philoſophia, quando o chamou Deos pera a India. No anno de 1602. ſe embarcou naquella numeroſa miſſaõ, que conſtava de ſincoenta, & oito da Cõpanhia, ſendo Superior de todos o Padre Alberto Laercio.

3 Chegando a Goa ſe aperfeiçoou nos eſtudos da Santa Theologia, em que ſe adiantou tanto, que de diſcipulo paſſou a ſer Meſtre, enſinando eſta ſciencia com grande aplauſo. No meſmo tempo aſſiſtia muito nos confeſſionarios, & nos pulpitos, que a tudo abrangia com ſatisfaçaõ ſeu cabal talento pera tudo. Naõ aquietava ſeu fervoroſo eſpirito em Goa, dezejou grãdemente paſſar a Japaõ, pera onde ſua boa eſtrella o chamava. Ouve niſto ſuas difficuldades pella falta, que fazia em Goa no Magiſterio. Tudo venceo o dezejo, em que ardia.

4 Ja neſte tempo paſſava de quarenta annos de idade. Embarcouſe com outro da Companhia em huma galeota pera Macao. Junto à terra da China deſcobriraõ huma nao de Coſſarios Inglezes, a qual com todo o pano ſolto ſe foi atras da Galeota. Vendo os Marinheiros, que ſem duvida lhe cahiaõ nas maons, tomaraõ por conſelho menos máo, varar com a galeota em terra: aſſim o fizerão; neſte naufragio perdeo o Padre tudo, & apenas ſalvou a vida. Dalli por terra ſe foi a Macaõ fazendo o caminho, em grãde parte deſcalço. Finalmente mui cortado do trabalho

chegou

chegou a Macao. Alli se deteve algum tẽpo, em que aprẽdeo alguma couſa da lingua Iaponeza. Pedio com repetidas inſtancias ao Padre Viſitador, que o deixaſſe paſſar a Iapaõ. Vendo o Padre, que tanta teſidaõ ſancta neſte dezejo, naõ coſtumava eſtar ſem vocaçaõ eſpecial de Deos, lhe deu a licença, que pedia.

5 De Macao eſtava a viagem mui apertada, nem ſe deixava paſſar alguem a Iapão, de Manila havia mais occaſião de fazer eſta jornada. Por tanto veſtindoſe de ſecular navegou a Manila; aſſim veſtido eſteve no Collegio da Cõpanhia, & em humas caſas da meſma Cõpanhia ſem tratar com ſeculares; athe que ſe lhe offereceo hũa boa occaſiaõ, pera ſatisfazer a ſeus dezejos. Havia grandes apertos em Manila, & não querião deixar paſſar algum Heſpanhol a Iapão. O Padre Miguel Carvalho ſe tratou com o ſoldado Portuguez da India, & aſſim o deixarão embarcar com alguns Portuguezes, que voltavão a Iapão, donde erão vindos.

6 De tal modo ſe ſoube haver na viagem, que ſempre foi tido de todos os da nao por ſoldado, homem prudente, & de ſizo, virtuoſo, pois iſſo dizia o ſeu bom modo, & dezejo de fazer bem a todos. Chegou a Iapão, ſahio em terra no porto de Nangazaqui, no mes de Agoſto, mes pera elle ditoſo, aſſim por nelle ter entrado na Companhia, como por nelle depois entrar no Ceo, & agora em Iapão. Ao deſembarcar naõ faltaraõ exames do Governador, mas ſobre o noſſo ſoldado nenhum exame ſe fez. Por tanto ſem ter embaraço, deſembarcou como Portuguez, & ſe foi hoſpedar em caſa de hum Portuguez, que morava em Nãgazaqui, tratandoſe por ſeu ſobrinho, & parente.

7 Neſta caſa eſteve, athe que os Superiores o mãdaraõ pera Amaçuſa lugar a propoſito, pera aprender a lingua. Alli ſe aplicou todo a ſaber a lingua Japoneza. Teve occaſiaõ de ſe dar muito à virtude. Padeceo grande falta do neceſſario, por ſer a terra pobriſſima. Algumas vezes adoeceo aſſim por falta do ſuſtento neceſſario, como por cauſa dos frios exceſſivos. Excepto o tempo, que gaſtava em aprender a lingua, o demais paſſava em oraçaõ, & trato com Deos, aſſim de dia, como de noyte.

8 Era mui continuo na prezença de Deos. Sempre antes da Miſſa ſe preparava com huma hora de oraçaõ, &

liçaõ eſpiritual. Na Miſſa eraõ continuas as lagrimas, depois della gaſtava huma hora inteira em acçaõ de graças. Era mui devoto da Senhora. Mui penitente, & mortificado. Todos os dias ſe diſciplinava de eſpaço com rigor. Nos dias de feſta ſe açoutava duas vezes, com a diſciplina derramava muito ſangue. Frequentemente trazia cilicio, nos dias mais ſolemnes punha hum de ferro. Jejuava tres dias na ſomana. Nas vigilias fazia jejum mais rigoroſo; & muitas ſeſtas feiras do anno jejuava a paõ, & agoa.

9 Ao jejum ajuntou a eſmola, dando aos pobres ſegũdo ſuas poſſes, & repartindo com elles o ſeu ſuſtento ordinario. Tendo os lavradores de Amacuſa poucos frutos, ouve doutras partes eſmolas, com que acodio aos neceſſitados. Finalmente naquelle retiro fez vida taõ penitente, & chea de tantas virtudes, que ſe maravilhavaõ todos, q̃ pudeſſe viver, & mais ſendo tanta a falta do neceſſario. Todos diziaõ, que o Padre fazia mais vida de Anjo, que de homem. Tanto que ſoube da lingua Iaponeza, quanto baſtava pera confeſſar, & tratar com os proximos, era incrivel o goſto, que diſto tinha. Todos os ſeus cuidados eraõ empregarſe no bem das almas. Ardia em dezejos de dar a vida pella fé de Chriſto, os quais o Senhor foi ſervido de lhe cumprir; pello modo ſeguinte.

CAPITULO XXVI.

He prezo pella fé. Grandes dezejos, em que ſe abrazava de morrer por Chriſto.

1 FOra o Padre chamado pera fazer algumas confiſoens, quando foi prezo dos gentios. O como iſto foi, & o que lhe aconteceo, conta o Padre em hũa carta pera o P. Provincial, a qual diz aſſim: *Fui a Omura por ouvir algumas confiſſoens, em effeito, ouvi algumas de muito ſerviço de noſſo Senhor, com bom ſucceſſo, & grande ſegredo. Vindome retirando huma menhãa a boas horas, fui reconhecido de huma eſpia; que poz logo, quem me obſervaſſe, & ſe partio. Eu mudei de caſa, por naõ ſer cauſa de vir mal a alguem: Logo volvou com ordem de me prender, & me encontrou ja noutro lugar,*

gar, & disse, que eu era o Padre, & que o Governador daquella terra me mandava prender, por ser prohibiçaõ do Xogum, que estivesse algũ Padre em Japaõ, & que fizesse Christaõs.

2 Sendo eu ja conhecido confessei claramente, que eu era Padre da Companhia de JESU, & que viera a Japaõ pera converter os gentios, & ajudar aos Christaõs athe morrer nesta empreza. Responderaõme, que de prezente por haver ley em contrario, naõ era licita tal cousa. Eu lhe disse, que naõ tinha obrigaçaõ alguma de obedecer ás leis, que saõ contrarias, ao que manda o Senhor do Ceo, & da terra. Entaõ dous delles me pegaraõ nos braços. Levandome prezo, me chegaraõ à porta de hum templo dos idolos, & estando alguns Bonzos à vista, mostrandomos com o dedo, me disseraõ, que aquelles eraõ verdadeiros Padres, & servos de Deos. Eu lhes disse, que aquelles eraõ ministros do Diabo, cujo officio era enganar a gente, fazendo, que adorasse ao Demonio, por tanto, que se guardassem delles. Dalli me trouxeraõ a caza de hum Christaõ jũto ao carcere, nella me depositaraõ lançandome huma corda ao pescosso, atandome as maõs, & depois atandome a hum esteo, me puzeraõ guardas.

3 Aqui estive dous dias, em quanto avizaraõ ao Governador de Nangazaqui, pera saber, o que ordenava de mim. Neste lugar fiz algumas confissoens, & exhortaçoens espirituais, aos que me vinhaõ ver, que eraõ muitos, às quais deu Deos nosso Senhor tanta efficacia, que por ellas aquelles dous Leopardos, que me guardavaõ, & eraõ arrenegados, cahiraõ na rede do Senhor, & se puzeraõ bem com elle. A minha morte se avizinha, & naõ sei, se terei outra occasiaõ de escrever a vossa Reverencia. Com esta me despido de meu amantissimo pay, & amigo, aquẽ muito amo em o Senhor. Oremus invicẽ Pater charissime. Vale dilecte. Da prizaõ de Omura aos 10. de Fevereiro de mil seiscentos, & vinte quatro. Servo, & amigo indigno de vossa Reverencia. Preza por meus peccados. Miguel Carvalho. Athe aqui a carta deste servo de Deos.

4 Ardia este Padre mais nos dezejos do martyrio, quãto mais se chegava a elle. Do carcere escreveo ao Padre Provincial a carta seguinte: Se pudesse explicar a vossa Reverencia os dezejos efficazes, & abrazados, que nosso Senhor me accende no coraçaõ, depois que parti de Goa, de dar a vida por seu amor, & imitar a tantos servos seus, que nesta empreza,

za acabaraõ glorioſamente a vida, ſe maravilharia voſſa Reverencia. Em tudo aquillo, que naõ era meyo pera eſte fim, achava deſgoſto, aſſim nos exercicios eſpirituais, como fora delles. Seja bemdita a divina bondade, que tais graças faz, aquẽ taõ pouco as merece.

5 *Eſtes dezejos creceraõ agora mais, quando ſoube, crecera a perſeguiçaõ, & que muitos Chriſtaõs foraõ martyrizados em Yendo, alegrandome ſummamente, pella eſperãça, que recebia, de conſeguir o fim dezejado. Noutra carta ao meſmo Padre dis aſſim: ò felizes, & muitas vezes felizes Cavaleiros de Chriſto, que ſouberaõ moſtrar tanto valor, & fortaleza, offerecendoſe a Deos à viſta da nobreza da Corte do Xogum, contradizendo nos olhos do iniquo Rey as injuſtas leys, que havia publicado contra a honra de Deos. Oh felicidade, oh ventura, oh inveja ſancta! Eſta felicidade me fas dizer muitas vezes com Saõ Paulo:* Cupio diſſolvi, & eſſe cum Chriſto. *Miſeravel de mim, que por eſtar agora verde, & cheo de culpas, naõ ſe me concedeo eſta batalha, & graça, que Deos fez a ſeus eſcolhidos. Voſſa Reverencia ja, que he meu pay, me encomende a Deos, pera q̃ queira pôr em mim ſeus olhos de piedade, & miſericordia; & ja q̃ ſendo eu taõ indigno, me trouxe a eſte lugar, me conceda, que dê a vida por ſua honra, & gloria, & em ſatisfaçaõ de meus peccados.* Iſto o que naquella carta ſignifica deſtes dezejos de morrer, que eraõ quais palavras nenhumas podem explicar.

6 Neſte meyo tempo ſuccedeo vir huma embayxada de Philippinas pera o Xogum; muito ſe deſconſolou o Padre Miguel Carvalho temendo, que o Xogum deſſe os prezos ao Embayxador, & lhe fugiſſe das maõs a gloria do Martyrio. Eſte ſeu temor explica em huma carta por eſtas palavras: *Quanto a mim me ſerà de grande dor, & pena, deſviarme noſſo Senhor por meus peccados com occaſiaõ da embayxada, da miſericordia, & favor, que o Ceo me andava moſtrando em tal tempo, & circunſtancias; tudo merecem meus peccados, & a negligencia, com que tenho ſervido a Deos.*

7 O meſmo eſcreve ao Padre Joaõ Bautiſta Baeça Reytor de Nangazaqui: *Conſiderando eu (diz o bemdito Martyr) minha ingratidaõ pera com aquelle Senhor, do qual tenho recebido tantas graças; por ſerem tantas ſempre me deixaraõ com temor, de o Senhor por cauſa dellas me caſtigar, & privar do muito, que ſua divina bondade ſe indigna de me conce-*

conceder. Ja que vossa Reverencia continuou sempre em darme boas novas, me fará muita graça, quando ouver alguma do nosso negocio, avizarme, pera me poder aparelhar. Dame grande pena imaginar, que posso sahir de Iapaõ. Faça se a võtade de Deos, que deve ser a medida dos nossos dezejos.

8 Treze mezes durou esta rigorosa prizaõ, na qual eraõ seus companheiros o Padre Frey Pedro Vásques da ordem dos Prégadores, o Padre Frey Luis Sotelo da ordẽ de Saõ Francisco, o Padre Luis Sazãda de naçaõ Japaõ tambẽ da ordẽ de Saõ Frãcisco, & Luis Bava terceiro da ordem de Saõ Francisco, & Cathequista do Padre Sotelo. Os rigores da prizaõ eraõ grandes, mas as consolaçoens do Ceo eraõ maiores. Assim o diz o Padre Miguel Carvalho em huma carta pera o Padre Procurador da Companhia em Japaõ; saõ as palavras.

9 *Estamos todos enfermos, & com os corpos enfraquecidos, mas no espiritomui fortes, & robustos: porque Deos, que he pay das misericordias nos maiores trabalhos faz maiores favores, & dà auxilio, pera sofrer. O que de mim posso affirmar he, que quando padeço, sinto em mim hum gosto extraordinario: nem me persuadi nunca, que ouvesse tanta suavidade em padecer adversidades por Deos. Seja taõ divina Magestade bemdita, & louvada pera sempre.* He o que diz naquella carta, do que em si experimentava.

CAPITULO XXVII.

Continuase seu grande fervor nas cartas, que por despedida escreveo.

1 O Grande fervor, que este bemdito Martyr teve nas suas prizoens, declara mais diffusamente ao Padre Bento Fernandes dalli a annos Martyr tambem illustrissimo de Japão. A carta está tão chea de Deos, que não me contento, se a não ajunto aqui traduzida de Latim no idioma vulgar. Dis pelo teor seguinte: *Bem sabia eu ser servo inutil, & pera a conversaõ do mundo de igual prestimo no carcere, & fora delle, isto he de nenhum proveito. Por tãto foi Deos servido, meterme nesta prizaõ; pera com a penitẽcia*

cia purgar meus peccados, & pera aprender com o exemplo deſtes ſervos de Deos, com quem eſtou, a aproveitar o tempo, que tenho gaſtado ocioſamente: & pera me preparar pera a morte, a qual grandemente dezejo, aſſim pera gloria de Deos, como pera ſatisfaçaõ de minhas culpas. Naõ poſſo negar, o grãde horror, que tenho todas as vezes, que nellas conſidero.

2 Mas tanto que volto os olhos pera aquella benignidade, que faz nacer o ſeu ſol ſobre bons, & maos, juſtos, & injuſtos, naõ poſſo deixar de conceber grandes eſperanças; & me parece ter ſegura a graça, & eſforço, com que alentadamente dê a vida por ſua ſancta ley: a qual defendem tantos confeſſores ſeus no meyo de Cruelíſſimos tormentos, & pella qual puzeraõ ſuas vidas os Apoſtolos.

3 Oh meu Padre amantiſſimo, quam bem afortunado ſeria, ſe me viſſe arder numa fogueira por amor de Deos! Quam felis, ſe por tal ſenhor fora feito em pedaços! Por hum ſenhor, que me tem feito tantas merces, que me ſofreo tanto tempo ſabendo mui bem minhas ingratidoens pera com elle. Oh meu amado JESUS, que couſa poſſo fazer eu peccador miſeravel, com que vos agradeça, o bem que me tendes feito? Cõ que trabalhos vos ſatisfarei? Que tormentos poſſo padecer, pera vos contentar? Quantas Cruzes me tendes preparado, quãtos incendios?

4 Oh Senhor, que quereis, que faça? Dizei, o que mandais, & mandai, o que quereis. Agora he tempo, meu Padre amantiſſimo, de ajudar a eſte ſeu indigno ſervo, aſſim com oraçoens, como com ſacrificios, pera que Deos me dê forças, pera padecer por meus peccados, o que elle for ſervido, que padeça. E me conceda, padecer muito pera gloria ſua, & teſtimunho de ſua ſancta ley: padeça fogueiras, feridas crueis, & tudo, o que ſeus inimigos puderem excogitar pera meu tormento. O Mundo, quanto nelle hâ de goſto, riquezas, honras, tudo tenho por nada.

5 Naõ quero outro goſto, ſenaõ padecer por Chriſto. Se for vontade de Deos, que morra neſte carcere conſumido com trabalhos, faça-ſe ſua divina vontade. Pello contrario ſe quizer, que eſteja neſte aperto athe o dia do juizo cheo de infirmidades, dores, & achaques, iſſo quero. Porque nos daõ por novas certas, que qualquer dia chega de Nangazaqui a ſentença de noſſa morte. A Deos, meu amado Padre, fiqueſſe em bora, encomendeme a Deos, eu farei o meſmo por voſſa Reverencia.

cia. Esta a carta pera o Padre Bento Fernandes.

6 Despedindose do Padre Gaspar de Castro diz assim: *Somos avizados, que hoje se conclue o nosso negocio. Já vossa Reverencia ve, como ficaria esta alma com tal nova, nem eu posso, vem hâ tempo, pera eu com a pena explicar. Basta dizer, que o tempo, que estive neste carcere, me parece brevissimo, & os de zejos de morrer por Christo sempre foraõ crecendo. Nem ja mais se me reprezentou este acto de dar a vida por Christo, penozo, senaõ cousa muito alegre: o que eu attribuo à minha muita insensibilidade, & pouca intelligencia das cousas. Mas jà, que he chegado o fim, vossa Reverencia me alcance de Deos constancia, pera dar a vida por seu amor.*

7 Em huma ao Padre Manoel Borges diz, que a morte naõ se lhe representava como cousa de pena, mas de gosto, & como bodas do esposo JESU; mas que aquillo parecia nacer da sua insensibilidade, & parte pello naõ achar Deos apto pera grande pezo. Na ultima, que escreveo ao Padre Provincial dous dias antes de sua morte, tem assim: *Entendemos, que vaõ hum dos Governadores de Omura, trouxe resoluçaõ de Nangazaqui, que de presta morreriamos. Deos he comnosco, eu lhe dou muitas graças, porque assim se mostra liberal comigo, & com seus servos. Eu como mais indigno, me sinto em particular mais obrigado, & peço a vossa Reverencia, que me ajude, a dar as graças ao Senhor por este favor taõ grande.*

8 *Os dezejos de morrer por Christo saõ grandes. Depois de estar prezo neste carcere todos os dias crecem mais, & nenhuma cousa desta vida se me representa mais apeticivel, mais alegre, & de maior consolaçaõ, que dar a vida por taõ bom Senhor, dando com isto alguma pouca satisfaçaõ ao muito, que me amou; derramando o sangue, por quem derramou o seu de infinito valor por meus peccados. Vossa Reverencia rogue a Nosso Senhor, que me de huma grande contriçaõ de meus peccados, & hum dezejo grande de fazer em tudo sua santissima vontade. Vinte, & tres de Agosto de 1624.*

CAPITULO XXVIII.

De ſeu glorioſo martyrio, & dos mais, que com elle morreraõ.

1 ESTando o bemdito Padre aſſim dezejozo de dar ſangue, & vida por ſeu Deos, ſe chegaraõ os vinte, & ſinco de Agoſto dia pera elle ditoziſſimo, em que ſe deu à execuſſaõ ſua morte pello modo ſeguinte. Aos 24. de Agoſto partiraõ de Nangazaqui dous gentios, pera aſſiſtir em lugar de ſeus amos ao martyrio do Padre Miguel Carvalho, & dos tres Religioſos aſſima nomeados, & do ſeu Cathequiſta. Hum dos gentios era criado de Genroco Governador de Nangazaqui. Tanto, que chegaraõ a Omura, ſe divulgou, que no dia ſeguinte aviaõ de morrer os ſinco prezos.

2 Tanto, que ſouberaõ a certeza de ſua morte, foi nos prezos a alegria extraordinaria. Ao Religioſo de Saõ Franciſco Japaõ, & ao ſeu Cathequiſta, diſſeraõ os gentios, que lhe dariaõ a vida, ſe arrenegaſſem da fé; porem vendo, que abominavaõ taõ deteſtavel maldade, os avizaraõ a todos, ſe preparaſſem pera a morte. Iſto foi em hum domingo, dia de Saõ Luis Rey de França, cujo nome tinhaõ tres dos ditoſos prezos.

3 Logo os fizeraõ ſahir do carcere pera o lugar do ſupplicio. Foraõ todos mui bem atados, lançando a cada hũ ſua corda ao peſcoſſo, pella qual pegava o algos. Os Religioſos hiaõ veſtidos nos habitos das ſuas Religioẽs rezando Pſalmos, & hymnos athe na barca, na qual foraõ levados ao lugar do martyrio. Hiaõ na barca com algumas guardas. Os juizes foraõ por terra acompanhados de muitos ſoldados, por ſer o caminho mais breve por terra, que por mar.

4 Aportaraõ ao lugar do martyrio, que era hum campo chamado Foco. Os Martyres deraõ as graças aos barqueiros pello trabalho, que tinhaõ tido no remar, & pellos ter trazido à quelle lugar. Em ſaltando em terra, os encaminharaõ ao ſupplicio. Os quatro ſacerdotes levavaõ cada hum ſua Cruz na maõ, naõ ceſſando de rezar Pſalmos,

& outras oraçoens em vos alta. Aqui o Padre Miguel Carvalho levantando mais a vos diſſe pera aquella multidaõ: *Que ſoubeſſem todos, que elles eraõ Chriſtaõs, & que eraõ condenados à morte ſomente pella fê, que profeſſavaõ, & por amor de ſeu Deos offereciaõ ſuas vidas.* A alegria em todos era tal, que os gentios paſmados diziaõ, que naõ pareciaõ homens, que hiaõ a morrer, mas pera alguma grande feſta, & recreaçaõ de muito goſto.

5 No lugar tinhaõ junto muita lenha, levantaraõ nelle ſinco colunas, em que aviaõ de atar aos Martyres. Aqui chamaraõ os Juizes ao Padre Frey Luis Sotelo, que ſabia melhor a lingua de Japaõ, & lhe mandaraõ dizer, o nome de cada hum, & a Religiaõ, de que era. A tudo reſpondeo com muita paz, o que avia. Neſte paſſo o fervorozo Padre Miguel Carvalho diſſe pera os que preſidiaõ, que aſſim elle, como ſeus companheiros morriaõ de boa vontade. Entaõ diſſeraõ em nome dos mais o Padre Carvalho, & o Padre Sotelo, que de ninguem ſe queixavaõ, antes a todos davaõ as graças, por lhes dar a morte, que tanto dezejavaõ, tomando por iſſo o trabalho do caminho, & ſofrendo a grande calma, que entaõ fazia.

6 Querendo elles darlhe algum bom conſelho, os algozes, que levavam as cordas com que hiaõ prezos, nas mãos, lhe diſſerão, que apreſſaſſem o paſſo. Aſſim o fizeraõ; & os algozes ſem modo, nem piedade, foraõ puxando por elles pera o lugar do martyrio. Antes, que os ataſſem, meteraõ os Sacerdotes na cinta as cruzes, que levavão na mão. Com eſta eſpada na cinta entrarão no conflicto. Ataraõ-nos às columnas, mas de tal modo, & tão ligeiramente, que abrazandoſe as prizoens, fizeſſem com o corpo alguns tregeitos, que foſſem aos circunſtantes de riſo.

7 Na primeira colũna da parte da terra ataraõ ao Padre Miguel Carvalho, o qual deu primeiro muitos oſculos naquelle tronco taõ appetecido por elle. Na ſegunda colũna ficou o Padre Frey Pedro Vaſques da Ordem de São Domingos. Na terceira o Padre Luis Sotelo. Na quarta o Padre Frey Luis Saſada. Na quinta o cathequiſta. Vendo hum algos, que eſtava mal atada a corda do Padre Frey Pedro, lhe ſaltou nos hombros, & dalli a apertou mais na colũna.

8 Começaraõ a aplicarlhe o fogo, & em vos alta o Padre Miguel Carvalho entoou huma oraçaõ, que os mais continuaraõ. Pera ſe dilatar o tormento, era a lenha pouca, & o fogo brando. Succedeo pegar na corda, com que eſtava atado o Cathequiſta, & abrazala. Ficando elle ſolto, comeſſou a andar pellas chamas, & fogueira com grande animo. Chegouſe aos Padres Sotelo, & Vaſques, & lhes beijou a mão. Depois tornou a andar pello fogo, como quem o pizava, ſem delle fazer cazo. Tendo feito iſto, ſe chegou à ſua coluna, & eſteve junto della, como ſe foſſe de pedra ſem ſe mover, athe, que eſpirou, & foi o primeiro, que ſe foi ao Ceo.

9 Não podião neſte tempo os mais fallar alto, como dezejavão, por lhes entrar o fumo, & fogo pella boca, mas ainda aſſim ſe lhes ouviaõ nomear os Sanctiſſimos nomes de JESUS, & Maria. O ſegundo, que eſpirou foi o Padre Miguel Carvalho, por aver alli mais lenha, & mais fogo. O Padre Frey Luis Joponês, queimandoſe-lhe as ataduras, têtou de hir fazer reverencia aos Padres Europeos, porem tendo os pés abrazados ſenaõ pode mover do ſeu lugar, mas dalli fez profunda reverencia aos companheiros, & depois morreo.

10 Naõ chegava bem o fogo aos dous, em eſpecial ao Padre Sotelo, & vendo os algozes, que nem o veſtido lhes tinha ainda queimado, tomaraõ palha, & por duas partes lhe chegarão o fogo, como eſte era taõ fraco, viveraõ no tormento couſa de tres horas com rara conſtancia, ſem mover os corpos rezando oraçoens, em quanto puderaõ fallar; athe, que deraõ ſuas vidas por ſeu Creador. Foi eſte glorioſo Martyrio na Cidade de Omura no Japaõ aos 25 de Agoſto de 1624, por mandado do Xogum ſenhor de todo Japaõ.

11 Os gentios recolheraõ em ſacos de palha todas as cinzas, & reliquias aſſim dos corpos, como das colunas, & mais fogueira, porque os Chriſtaõs as naõ veneraſſem. Aſſim meſmo queimaraõ todas as alfayas do uſo dos ſanctos Martyres, & couſas, de q̃ no carcere ſe ſerviraõ, & metido tudo em ſacos o levarão ao mar alto, & nelle lançaraõ as cinzas, queimarão os ſacos, depois lavaraõ mui bem a meſma barca.

12 Puzeraõ tambem guardas no lugar do martyrio, pera,

Digitized by Google

pera que os Chriſtaõs alli não vieſſem; mas o ſeu fervor foi mais, que a vigia dos gentios;& aſſim puderaõ recolher alguns oſſos, & pedaços das colunas, com que fomentar ſua devaçaõ. Alguns Chriſtãos por eſta cauſa foraõ prezos pellas vigias, mas naõ ſe procedeo contra elles.

13 Ficarão os gentios aſſombrados de tanta conſtancia, dizendo, que de tal couſa naõ avia, que fallar, ſenaõ, que paſmar. Os Sacerdotes dos Idolos, a que chamão Bonzos, diziaõ, que aquillo era couſa admiravel, dezejar a morte, & procurala pello ſeu Deos, que nenhum delles teria animo pera tal couſa, pois ſó fazião oraçoens por conſervar as ſuas vidas. Outros dizião, naõ alcançar, como podião ſofrer quietos o fogo, não podendo elles ſoportar a calma, que no meſmo tempo fazia: que tudo era ſinal, de que hião por bom caminho. Avida do Padre Miguel Carvalho tras o Padre Alonſo de Andrade no quinto tomo dos Varoens illuſtres da Companhia. Bem verdade he, que algumas couſas, que dis acerca da morte, de ſer levado o Padre em hum cavalo pellas ruas de Omura com huma orelha cortada, entendo, que eſte Padre aſſim o eſcreveo, por imaginar, que era coſtume da naçaõ pera com os condenados, como ſe uſou em outros Martyres, mas o deſte Padre foi pello modo referido. Aſſim o tras o Padre Mattias Taner nos ſeus Martyres da Companhia; & as cartas Annuas eſcritas de mão, que ſe conſervaõ no cartorio da India em Sancto Antão de Lisboa, de cujo manuſcripto, que refere tudo com mais meudeza, que nenhum outro, recolhi as mais couſas, que aqui ficaõ eſcritas; & não he bem as ſepulte a gaveta de hum cartorio, ſendo ellas as que tem certeza, por ſerem eſcritas por homens, que trabalhavão na meſma Miſſão. Delle fazem tambem menção o Padre Nadaſi no Annus dierum. Os Padres Bartholameu Guerreiro, & Padre Antonio Cardim nos ſeus Elogios. Dom Rodrigo da Cunha na Hiſtoria dos Arcebiſpos de Braga, & outros muitos eſcriptores.

CA-

CAPITULO XXIX.

Vida do Padre Chriſtovaõ Ferreyra. Paſſa a Japaõ, depois de muitos annos he prezo, & no tormento falta na fé.

Em Nagazaqui an. de 1652.

1 O Padre Chriſtovão Ferreira foi hum grande exẽplo da fragilidade humana, & da Miſericordia de Deos, & o Saõ Marcellino da Companhia, porque cahio na meſma miſeria como homem fragil, & depois com hum fim glorioſo reſarcio o eſcandalo, que tinha dado, & o bom nome da Companhia, a quem tão grave injuria tinha feito. Eſte Padre naceo no lugar da Zivreira no Arcebiſpado de Lisboa. Seus pays ſe chamarão Domingos Ferreira, & Maria Lourenço. Entrou na Companhia em Coimbra aos vinte, & ſete de Novembro de mil quinhentos noventa, & ſeis com dezaſete annos de idade.

2 No anno ſeguinte de 1597 comeſſou a aver Noviçiado na quinta de Campolide em quanto ſenão preparava a caza, em que hoje morão os Noviços. Pera dar alli principio ao Noviçiado, vieraõ alguns Noviços de Evora, & outros de Coimbra. Entre os de Coimbra foi hum o Irmaõ Chriſtovão Ferreyra; & naquella quinta paſſou o mais, que lhe faltava, pera cumprir os dous annos.

3 Pertendeo a miſſão da India, notouſe nelle hum eſpirito de preſumpçaõ, que na verdade tais empreſas não ſe devem tomar à peitos por brios humanos, mas ſó com os olhos na maior gloria de Deos, que então elle dâ as forças, & dos fracos faz homens de bronze. No anno de 1600 partio pera a India com mais dezanove da Companhia. Paſſou a Iapão, que era o mimo das miſſoens da Cõpanhia, & Chriſtandade mui florente.

4 Vinte, & tres annos trabalhou na converſaõ dos gentios, recolhendo muitos frutos dos ſeus ſuóres. Se acazo os Padres, que neſtes annos eſcrevião as noticias, do que ſe obrava naquella miſſaõ, nomearão os obreiros, que Deos tomava por inſtrumentos, faria eu aquí huma comprida narração em particular, do que Deos obrou pello Padre Chriſtovão Ferreyra, que foi muito; todas eſtas noticias,

ticias, ou a maior parte dellas tenho na minha mão, quando isto escrevo, mas os escritores se contentão só com dizer, que hum Padre fizera isto, ou aquillo, sem declarar os nomes; que certamente he huma grande desconsolaçaõ, pera quem agora, como eu, queria destas noticias dispor, & amplificar as vidas dos homens, que as obravaõ.

5 Com tudo entre tanta vastidaõ de cousas alguma ves acho nomeado ao Padre Christovão Ferreyra. No anno de mil seis centos, & vinte, andando mui perseguida a Igreja de Iapão, fez o Padre Christovão missão a Firando, & às ilhas, & lugares fogeitos à quelle dominio, pera consolar, & animar aos Christaõs nos seus trabalhos. Estava esta Christandade espalhada, não podia ser vizitada senão por mar, & com grande perigo de ser o missionario sentido, & conhecido dos gentios, que vivião com os Christaõs. Por ser tambem a costa brava, passou o Padre muito trabalho.

6 Naõ reparando pois em perigos foi o Padre a todos aquelles lugares, a alguns dos quais por serem alli os Governadores crueis inimigos da fé, avia vinte, & dous annos, que não fora Padre algum, nem tinhaõ modo pera isso. Assistiaõlhe os Padres com avizos, & cartas, mandãdo, homens, que pera estes sanctos ministerios tinhão bem instruidos. Estes bautizavaõ as crianças, & fazião outras obras sanctas, & conservavaõ aos Christaõs no meyo de tantas tormentas. Pera receber os Sacramentos hiaõ, podendo, a Nangazaqui.

7 Com a vista do Padre tiveraõ notavel alegria todos os Christaõs. Acodiaõ com grande fervor à confissaõ. Por estarem entre gentios, era preciso ao Padre fazer estes ministerios de noyte; & assim se lhe hiaõ as noytes em pezo ouvindo confissoens, humas vezes nas cazas dos Christaõs, outras na praya do mar. Desta sorte confessou a mil, & trezentos; tendo nisto grande consolaçaõ, por ver o bom modo, com que se confessavão, & o singular cuidado, com que avia tantos annos se conservavaõ na fé.

8 Livrou Deos ao Padre de muitos perigos, o que elle attribuia ás oraçoens dos Christaõs. Com suas exhortaçoens tirou da occasiaõ, em que com escandalo vivia, a hũ Christaõ, o qual contrito do seu peccado, fez publica penitencia, com que deu satisfaçaõ a todos, que muito se ti-

nhaõ

nhaõ eſcandalizado da ſua teima no vicio.

9 Vinte, & tres annos tinha gaſtado nos exercicios de miſſionario o Padre Chriſtovaõ Ferreyra, & com tanta ſatisfaçaõ, que era Superior dos noſſos Religioſos, que eſtavã em Iapaõ. No anno de mil ſeiſcentos, & trinta, & tres foi cruelliſſima a perſeguiçaõ, que ſe levantou contra os Chriſtaõs. Forã prezos, & mortos muitos Chiſtaõs, & muitos Religioſos da noſſa Companhia deraõ glorioſamente ſuas vidas. Entre os da Companhia foi prezo o Padre Chriſtovão Ferreyra.

10 Era entaõ mui uſado o tormento das covas, que era crueliſſimo, porque apertando fortemente o corpo do condenado, o penduravaõ cabeſſa abayxo de huma polê enforca, & metiaõ em hũa cova athe a cinctura. Alli ſe lhe hiaõ as entranhas revolvendo ſeus lugares com tormento inexplicavel. Neſte formidavel ſupplicio puzeraõ ao Padre Chriſtovaõ Ferreyra. Depois de ter ſofrido algumas horas taõ horrivel tormento, naõ podendo mais tolerar tanta crueldade, deu final de ſe render, & fez aquella ſignificaçaõ, que os gentios tinhaõ determinado, fizeſſem todos os, que deixada a fé, quizeſſem ſahir do tormento.

11 Logo o tiraraõ da cova com notavel aplauſo da idolatria, por ver rendido a hum Meſtre da verdadeira ley, de quem nunca tal ſe eſperava. Niſto vieraõ a parar vinte, & tantos annos de miſſionario, tantas almas convertidas, tantas perſeguiçoens, & ſuſtos ſofridos por amor de Deos. Tenhanos Deos da ſua maõ, que abayxo della naõ ha couſa, em que poſſa com ſegurança aver firmeza; pois vemos a hum homem criado de menino em huma Religiaõ taõ ſancta, douto, & ſabio, enſayado pera eſte contraſte com navegaçoens, & tempeſtades do mar, apalpado com immenſos perigos na terra, que nenhuma outra couſa dezejava, que verſe por ſeu Deos abraços cõ a morte, vemolo, digo, fazer hum laſtimoſo naufragio, & dar aos ſeus Chriſtaõs, que cõvertera, hum taõ exorbitante eſcandalo. Altos, profundos, & incomprehenſiveis ſam os juizos de Deos, temer, & tremer, & humilhar, em quanto vivemos neſte barro fragil, he, ſó o que tem alguma ſegurança.

12 Fizeraõ os gentios ao diſgraçado Chriſtovaõ Ferreyra muitas honras, & o acrecentaraõ com groſſas rẽdas, de que pudeſſe viver. Tanto que eſta triſte nova ſe di-

Digitized by Google

divulgou pella Companhia, nenhumas palavras podem explicar a dor, que a todos penetrou. Viase esta admiravel Religiaõ coroada de innumeraveis triumphos, illustrada de glorioſiſſimos Martyres em tódas as quatro partes do mundo. Toda esta gloria de hum certo modo se desluzio com este assombramento, o qual foi como o rayo, que denegrio a prata, & o ouro, ou como a nuvem grossa, que mortificou todos os luzimentos do Sol.

13 Os primeiros da Companhia, como a mais vizinhos, a que chegou esta magoa, foraõ os nossos Religiosos de Macaõ, & das Philipinas. Por quatorze mezes continuados fizeraõ especiais oraçoens a Deos, excessivas penitencias, copiosas lagrimas por este infelis homem. Escreveraõlhe cartas escritas com sangue, & lagrimas, cheas do seu sentimento. Porem nenhumas diligencias bastavaõ por entaõ, pera que Christovaõ Ferreyra se atrevesse, a sahir do seu medo, & horror, que os tormentos lhe causaraõ.

CAPITULO XXX.

Sentimento, que ouve na Companhia por esta disgraça, & como finalmente morreo Martyr.

1 PEnetrou esta disgraça, naõ só os coraçoens dos filhos da Companhia, que viviaõ na terra, mas chegou, aos que lá vivem já na ditosa patria do Ceo: & mais, que a todos, ao glorioso Padre Saõ Francisco Xavier primeiro Apostolo, & fundador da missaõ, & Christandades de Japaõ. Succedeo nestes tempos o estupendo milagre, que o Sancto Apostolo obrou em o Padre Marcello Francisco Mastrilli, quando em Napoles lhe appareceo, & deu saude milagrosa, & mandou ir a Japaõ, onde Deos lhe tinha preparado a coroa do martyrio.

2 Depois desta fatalidade nenhum da Companhia tinha entrado em Japaõ, por estarem tomados os portos, & entradas com vigias taõ circumspectas, que o intentar tal cousa, & cahirlhe nas mãos, sem outro fruto mais, que a morte, era o mesmo. Por esta causa teve o intento do Padre Marcello grandes embaraços. Passou à India, delli a Phi-

Philippinas, & deſtas vencendo difficuldades inſuperaveis entrou no Japaõ, & nelle prégou a fé com ſua morte. Eſte ditozo Padre deſcobrio ao Governador de Philippinas, que elle era mandado por Saõ Franciſco Xavier a Japão, pera com o ſeu exemplo animar, & alentar ao miſeravel Chriſtovão Ferreyra, a ſahir da idolatria, & quando naõ pudeſſe conſeguir eſte fim, com ſua morte, reſarciſſe o bom nome da Companhia, aquem tanto deſdourava aquelle apoſtata.

3 Entrou o Padre Marcello em Japaõ pellos modos, & rodeyos, que diffuſamente eſcrevem em ſua vida os Autores, que della tratãõ. Alli morreo glorioſamente pella fé, & ſó teve o ſeu ſancto fim o ſegundo intento de reſarcir o bom nome da Companhia; porque acontecendo ſeu martyrio no anno de 1637 perſeverava, & perſeverou no ſeu erro Chriſtovão Ferreyra com nome de Yendo, que eſte tomou com a idolatria.

4 Depois entrou no Iapaõ o Padre Pedro Caſſui, que fora deſterrado pella fé ſendo noſſo ſeminariſta em Japaõ, paſſara a Europa, em Roma fora admittido na Companhia, & voltara a Iapaõ, onde entrara depois de andar dous annos feito remeiro de huma embarcaçaõ, pera aſſim melhor ſe encobrir. Em ſua patria fez muitos ſerviços à Deos. Finalmente foi deſcuberto, prezo, & martyrizado. No meyo dos ſeus tormentos, troxeraõ alli os gentios à Chriſtovaõ Ferreyra, pera que a ſua prezença fizeſſe fraquear ao Martyr. Tanto, que eſte poz os olhos no infelis apoſtata, acceſo em amor de Deos lhe comeſſou a afear o ſeu peccado, exhortar à penitencia, dar animo com ſeu exemplo. Tudo foi ſem proveito, porque o medo de tal ſorte o tinha atado, que o naõ deyxava, ſahir do regelo, com que o prendera.

5 A terceira bataria foi o exemplo do Padre Antonio Rubino, com mais quatro da Companhia. Eſte ditoſo Padre pellos annos de 1643 era Vizitador da China, & Japaõ. Sentio em ſi grandes dezejos de entrar em Japaõ. A empreza jâ neſſe tempo parecia quaſi temeridade, porque era ir morrer de certo, ſegundo ſe vigiavaõ os portos de Iapaõ, & eraõ tais as diligencias dos gentios, que humanamente ſe julgava impoſſivel, eſcapar dellas.

6 Vendo o Padre Rubino, que por via de Macao naõ po-

podia conſeguir a jornada, paſſou a Manila, donde podiaõ ter effeito ſeus intentos. Por naõ parecer, que niſto ſeguia sò o ſeu juizo, conſultou neſta materia muitos Padres doutos da noſſa Companhia. Conſideradas Theologicamente as rezoens, que concorriaõ, ſe reſolveo, que convinha hir o Padre Viſitador; & huma das rezoens era, pera dar a maõ a Chriſtovaõ Ferreyra ſubdito ſeu, que fora Vice-Provincial de Japaõ, ou pello menos deſſe cõ ſua morte ſatisfaçaõ do eſcandalo de Chriſtovaõ Ferreyra, aſſim às Chriſtandades de Japaõ, como à Corte Romana, & a todos os Chriſtaõs, porque eſta ruina era mui notoria, por ſer de tal peſſoa. Levava huma carta em latim, cujo treſlado temos em noſſos cartorios, em que o exhortava ao arrependimento de ſuas maldades.

7 Entrou o Padre Rubino em Japaõ com ſeus quatro companheiros todos Religioſos noſſos. Cahio nas maõs dos inimigos da fé, & por ella padeceo Martyrio em Nangazaqui. Quando do carcere foraõ levados a juizo, pera ſer pergũtados, foi o interprete Chriſtovaõ Ferreyra, por elle pergũtaraõ os juizes ao Padre Rubino como a Superior dos mais; quem foſſe, & a que viera a Japaõ? reſpõdeo ſinceramente; que eraõ Sacerdotes da Companhia de JESU, que vinhaõ a Japaõ prégar a fé. Aqui tornou a perguntar o Governador; ſe queriaõ deyxar a fé, & viver conforme as ſeitas de Iapaõ, que teriaõ vida, & receberiaõ do Imperador grandes honras, & muitas rendas?

8 Quando o Padre Rubino tais palavras ouvio pronunciadas pella boca de Chriſtovaõ Ferreyra, ſe aſcendeo em huma ſancta ira, & pondo os olhos no miſeravel apoſtata, lhe diſſe: *Oh dum atrevido, ſem pejo, nem vergonha, monſtro infernal, & filho do meſmo inferno, deshonra da Cõpanhia, & do nome Chriſtaõ, covarde, indigno de viver, & apparecer entre gente, tens boca pera me fazer tal pergunta?* Com eſtas palavras ficou taõ corrido, & cheo de tanta cõfuzaõ, que ſem mais eſperar, ſe retirou da viſta dos Padres, como quem alli viera obrigado do Governador, & nunca mais ſe atreveo, a apparecer em prezença dos ſervos de Deos, cuja conſtancia no Martyrio foi hum grande brado, q̃ Deos deu, mas por entaõ ſem effeito, a Chriſtovaõ Ferreyra. Succedeo eſte Martyrio no anno de 1643.

9 Quem naõ imaginara, que tanto ſangue naõ dehũ,

mas de muitos innocentes Abeis, havia de desfazer com ſeu calor, a frieza deſte infelis, & amolgar a dureza, em q̃ o ſeu medo o tinha poſto? Permittio Deos por ſeus altos juizos, que continuaſſe neſta miſeria alguns dezanove annos, quando ſe lembrou de tirar taõ grande afronta à Cõpanhia, & curarlhe huma chaga, que a naõ tinha padecido maior.

10 Algumas couſas ſe obſervaraõ neſte homem em todos eſtes annos, que davaõ qualquer eſperança de ſua reduçaõ. Sempre conſervou em ſecreto o Rozario da Senhora, rezava ſobre os enfermos o Evangelho. Andou sẽpre com o ſemblante cheo de triſteza, chorava muito, as palavras eraõ taõ cortadas do ſentimento, que eraõ meyas palavras, & truncadas, como as profere, quem tem alguma exceſſiva dor. Naõ ſe atrevia a tratar com gente, buſcando ſempre os lugares ſombrios, & lobregos. Nunca com elle ſe podè acabar, que declaraſſe, em que lugar ſe occultaſſem os da Companhia, que eſtavaõ em Japaõ. Diſſe a Antonio da Sylva Portuguez, que elle nũca ſentira em ſeu coraçaõ mal da fé, antes ſempre bem, & que com a ajuda de Deos eſperava moſtrar algum dia, o que da fé sẽtia em ſeu coraçaõ. Todas eſtas couſas bem davaõ a entẽder, que a ruina sò nacera da fragilidade humana.

11 Setẽta, & quatro años cõtava de idade, quãdo Deos ſe dignou de ouvir as muitas lagrimas da Companhia, & as deprecaçoens do ſangue de tantos Martyres. Sobreveolhe huma doença, na qual eſtendeo os olhos pera a eternidade, onde o lançavaõ ja os achaques, & os annos, começſou a dizer com grande magoa em voz alta fallãdo cõ Deos (ſaõ palavras formais das cartas, que de Japaõ vieraõ ſobre eſte ſucceſſo) *Meu Deos, meu Senhor, he poſſivel, que deixaſſe eu voſſa fê, por medo de perder eſta fragil vida? Oh Senhor pay das miſericordias! vejo meu erro*: erravi ſicut ovis, quæ periit. *Ah meu Deos, ah meu Senhor, quãto ſinto tervos offendido. Vos Senhor, que me criaſtes, vos que cõ voſſo precioſo ſangue me remiſtes, vos Senhor me perdoai, perdoai Senhor meus peccados. Dai forças a eſte corpo ja gaſtado, & cançado com a velhice, pera que vos confeſſe, & dê a vida por vos.*

12 Eſtas, & ſemelhantes palavras repetia muitas vezes. A ellas acrecentou: *Recebei Senhor eſte ſacrificio de minha vontade, & com o auxilio de voſſa graça me ſuſtentai,*

pera

Digitized by Google

pera que entre os crueis tormentos dê teſtemunho do meu amor pera com voſco. Sejaõ os tormentos huma experiencia do muito, q̃ eu vos amo. Deuſe diſto conta ao Governador; mãdou viſitalo da ſua parte; & q̃ lhe perguntaſſem, que cauſa tinha, pera eſtar ſempre taõ anguſtiado, como ſe lhe diſſera? A iſto reſpondeo animoſamente, já lhe podemos chamar o Padre Chriſtovaõ Ferreyra: *Anguſtiome, porque pequei contra o verdadeiro Deos do Ceo, & da terra, porque a modo de cego cahi, deyxei a Deos por medo da morte, nenhuma couſa mais ſinto.*

13 Aqui deraõ hum riſo os Iapoens dizendo: *Iſſo, Yendo, he velhice, ſaõ annos, eſſas palavras ſaõ ja, de quem delira, & naõ de quem eſtà em ſeu ſizo.* Reſpondeo o Padre: *Eu fallo em meu juizo: chãmente digo, & quero, que conſte ao Governador: que athe agora torpemente deixei a fê, & faltei no que devia a Deos; porem deſte ponto por diante eſtou preſtes com ajuda do meſmo Deos, a quem sò amo, & eſtimo, pera por elle dar a vida. Todas as voſſas ſeitas do Japaõ ſaõ huma mera mentira, & embuſte, & todos os que as ſeguem, ſaõ condenados ao Inferno.*

14 Eſtas, & ſemelhantes couſas dizia o Padre cõ grãde fervor, abominando as idolatrias de Iapaõ. Informado de tudo o Governador, mandou logo, que ſem demora, o levaſſem ao tormento das covas, no qual antes tinha faltado na fé. Como eſtava enfermo, & mal ſe podia mover de pê, os algozes tirando-o da cama, o levaraõ a raſto pera o lugar do ſupplicio. De caminho naõ ceſſava de prégar a grandes vozes a fé de Chriſto, & deſenganar aos Iapoens dos erros, em que viviaõ. Foi poſto no cruel tormento das covas, onde viveo tres dias, proteſtando ſempre a fé com eſtas palavras: *JESU Chriſto he verdadeiro Deos, & verdadeiro homem.* Foi ſua ditoſa morte em Nangazaqui no Iapaõ anno de mil quinhentos ſincoenta, & dous. Os ſeus bens foraõ logo confiſcados. Em Manila, Macao, & na China com a certeza deſta morte ouvé huma geral alegria, & com ella ſahio a Companhia toda da immenſa triſteza, q̃ por dezanove annos a tinha aſſombrado.

15 Ouve algumas ſignificaçoens do Ceo, de que eſte Padre havia de ter fim ditoſo. O veneravel Martyr Padre Marcello Maſtrilli diſſe ao Padre Andre Lubellio da noſſa Companhia: *Que brevemente no Iapaõ haviamos de ter hũ*

Saõ

Saõ Marcellino. O meſmo Martyr paſſando por Cochim,& dizendo Miſſa,pedio ao Irmaõ Pedro de Baſto, que lhe ajudava, encomendaſſe a Deos na Miſſa ao Padre Chriſtovaõ Ferreyra. Eſte Irmaõ era de conhecida virtude, & eſpirito de profecia;via muitas couſas auzentes na Hoſtia conſagrada. A ſua vida,que foi prodigioſa, anda impreſſa.Fez o Irmaõ Baſto, o que o Padre Marcello lhe pedia; & acabada a Miſſa diſſe: Que quando ſua Reverencia levantava a Hoſtia vira ao Padre Chriſtovaõ Ferreyra com a roupeta da Companhia mui ſordida. Quando partira a Hoſtia ſobre o Calis, o vira ja com o veſtido mais limpo. Quando ouve de conſumir, & batia nos peytos, vira ao meſmo Padre em hum veſtido branco, & transparente como criſtal. Iſto he o que vio o Irmaõ Baſto, & bem ſe declara toda a fortuna, que neſta occaſiaõ correo o Padre Chriſtovaõ Ferreyra.

16 O Martyrio deſte Padre podemos dizer,que foi filho das lagrimas da Companhia, & do ſangue de inſignes Martyres, aquem o dezejo de o reduzir foi huma das cauſas, de ſe meterem nas maõs da morte. Foi certamente eſte exemplo, como o de Saõ Marcellino, hum grande documento da fragilidade, & pouquidade das noſſas forças: ſemelhantes aviſos devem cauſar em todos grande deſcõfiança do noſſo nada; que com eſta he,que o nada pode tudo fortalecido da maõ de Deos, q̃ sò quer confiemos nelle. Nem baſtaõ muitos annos de ſerviſſos de Deos, pera alguem ſe dar por ſeguro: muitos contava o Padre Ferreyra, com tudo cahio; & o que mais he de eſpantar, perſeverou na ſua miſeria pouco menos annos, do que aquelles, q̃ tinha trabalhado nas Miſſoens. O que aqui eſcrevo recolhi do Padre Mattias Taner nos Martyres da Companhia, & alguma couſa das cartas Annuas de Iapaõ. Tambem faz delle memoria o Padre Nadaſi no ſeu *Annus dierum* aos 26. de Abril, ainda, que logo dis naõ ſe ſaber o dia do ſeu Martyrio, mas que fazia delle lembrança naquelle dia por ſer de Saõ Marcellino,de quem foi imitador na diſgraça, & depois na boa fortuna.. Tambem o eſcreve o Padre Alegambe nas Mortes illuſtres dos da Companhia.

Digitized by Google

CAPITULO XXXI.

Vida do Padre Antonio de Andrade Apostolo de Tibet. Entra na Companhia, passa à India, & emprende o descobrimento de Tibet. Em Goa aos 19. de Março de 1634.

1 O Padre Antonio de Andrade foi homem de espirito mui generoso, & igual a grandes emprezas, como se vio no descobrimento de Tibet, no qual padeceo cousas, que a não ser a sua relaçaõ feita por elle mesmo, se teriaõ por fingidas. Naceo na villa de Oleyros, q̃ pertẽce ao Priorado do Crato na provincia da Beyra. Seus pays se nomearaõ Bartholameu Gonçalves, & Margarida de Andrade. Entrou na Companhia em Coimbra aos quinze de Dezembro de mil quinhentos noventa, & seis. No anno seguinte de 1597. começou no mes de Dezembro a haver Noviciado em Lisboa na quinta de Cãpolide, pera cuja fundaçaõ foraõ Noviços hũs de Evora, outros de Coimbra, entre os que foraõ de Coimbra, hum delles era o Irmaõ Antonio de Andrade.

2 Depois do Noviciado pouco tempo se deteve em Portugal, porque no anno de mil, & seiscentos fez à vela pera o Oriente com mais dezanove da Companhia, que no mesmo anno passaraõ à India, todos com dezejos de se empregar no bem das almas. Em Goa se deteve assim os annos, que foraõ necessarios, pera se aperfeiçoar nos estudos, que professamos, como depois destes em ajudar ao proximo em os nossos ministerios.

3 Tem a Companhia no Imperio do Mogor algumas Residencias, em que assistem alguns Religiosos nossos, foi alli mandado o Padre Andrade pera ser Superior dos mais, & trabalhar como elles na vinha do Senhor. Nestes tẽpos era mui celebre a fama, que corria do Graõ Catayo, de que na quelle Reyno havia Christaõs antigos, ou pera melhor dizer vestigios de Christandade, que nelle floreceo em tempos passados. Com estas noticias bem examinadas determinou o Padre Andrade emprender este descobrimento. A variedade de successos, que nelle lhe aconteceraõ com nenhumas palavras se podem explicar melhor, q̃ com

com as ſuas em huma carta, que deſta jornada eſcreveo: a qual ainda que comprida, nada tem de enfadonha. Diz aſſim eſcrevendo a ſeu Superior.

4 Neſta darei conta a voſſa Reverencia da peregrinaçaõ, que fizemos às terras de Tibet, deixando muitas particularidades, aſſim por eſcuzar o ſer largo, como porque nem pera eſcrever iſto, ha tempo. Aos 30. de Março de 1624. partimos de Agra o Padre Manoel Marques, & eu, pera acompanhar a el-Rey, ao qual eu havia deixado, quãdo paſſou por Agra, por cauſa de huma doença grande, em que cahi.

5 Chegamos à Cidade de Dely, da qual actualmente partiaõ muitos gentios em romaria a hum famozo Pagode, que diſta de Agra mes, & meyo de caminho. Como tinhamos muitas informaçoens tomadas por varios caminhos cõ grande diligencia, pellas quais nos certificamos, ſer aquelles Reynos de Chriſtaõs, alem da fama, que de vinte annos a eſta parte tinha chegado aos Padres na meſma uniformidade; vendome em companhia de gente, que me poderia ſervir de guia em grãde parte do caminho, & que perdida eſta occaſiaõ, tarde ſe offereceria outra, me reſolvi a hir tomar noticia daquellas naçoens; principalmente ſendo em tẽpo, que el-Rey hia ao Reyno de Caſſimir, na qual jornada baſtava pera o acompanhar hum sò Padre, como em effeito o acompanhou, & eu na volta intentava hir encontralo a Laor, quando ſahiſſe de Caſſimir.

6 Pello qual tomava a ultima reſoluçaõ, & ordenadas as couſas tocantes a eſta miſſaõ, deixando Por Superior ao Padre Franciſco Curſi, & naõ duvidando ſer eſta a vontade de voſſa Reverencia, pois a empreza moſtrava ſer de grande gloria de Deos, & por outra parte naõ ſe fazia falta a eſta eſtancia, nos puzemos a caminho pera Tibet na maneira ſeguinte.

7 Com todo o ſegredo poſſivel nos partimos da Cidade de Dely huma madrugada, indo veſtidos de Mogores debaixo das ſotanas, & logo ſaindo das portas fora, como era eſcuro, as tiramos, & apparecemos com toucas, & cabayas, ſem que os proprios Chriſtaõs tiveſſem diſto noticia, nem os noſſos criados, que deſ-de Laor nos haviaõ athe alli acompanhado.

8 Deyxada a eſtrada real, comeſſamos a atreveſſar as terras

terras del-Rey pellos caminhos mais breves, que nos foi possivel, athe que passados quinze dias, chegamos ao fim das terras do Indostam, & ficamos ao pé das serras, que saõ do Rajâ de Siranagar. Nesta provincia nos tiveraõ por Mogores fugitivos, & por nenhum modo nos deyxaraõ passar, antes prezos nos mandavaõ a el-Rey; por ter orde pera isso: & confirmavaõse vendo, que nem eramos gentios, nem mercadores, pois naõ levavamos roupas. Por outra parte os de Siranagar entendiaõ, que eramos Mogores mandados pera espiar as suas terras, pello muito, que se temem deste Rey. Passados alguns dias vendonos em tais apertos, quando parece, se cerravaõ pera nòs todos os caminhos, nos deu o Ceo passagem franca, ensinandonos a pôr a confiança sò naquelle, por quem faziamos esta jornada.

9 Com muita diligencia, & maior alegria começamos a sobir as serras. Saõ ellas as mais fragosas, & altas, q̃ parece pode haver no mundo, & bem longe estou eu de poder declarar a vossa Reverencia a difficuldade, com que por ellas sobimos; basta saber, que depois de andar dous dias des-de pella menhãa athe a noyte, naõ acabamos de passar huma, cortando pellos mais altos picos, & nelles por caminho taõ estreito, que por muitas partes naõ tẽ mais largura, senaõ quanto cabe hum pé, andando bons pedaços assim pé ante pé, pegados com as maõs, por naõ esbarrar pois o mesmo he errar, ou naõ pôr o pé bem direito, que fazernos em pedaços por esses ares.

10 Saõ pella maior parte aquellas serras taõ talhadas, como se por arte estivessem a plumo; correndo pello fundo dellas, como em hum abismo o rio Ganges; que por ser mui caudelozo, & despenhatse com notavel estrondo por grandes penhascos entre serras taõ juntas, accrecenta com o seu eco o pavor, que a estreiteza do caminho causa aquẽ vai passando. Tem as decidas ainda mais difficultozas, & perigozas, pois carece hum homem em muitas partes de remedio, pera se poder pegar com as maõs, como nas subidas, & assim he necessario decer em muitas partes, como quem dece por huma escada de maõs.

11 Duas consideraçoens nos facilitavaõ muito estas difficuldades das serras. A primeira ver, que assim as passavaõ com muita alegria os gentios, que vaõ em romaria

ao ſeu Pagode, & nòs pella gloria de JESU Chriſto noſſo Deos naõ faziamos mais, que elles. A outra, que entre eſtes idolatras havia outros de crecida idade, & já com os pés pera a cova, & mui inferiores a nòs em forças, & em idade, que nos ſerviaõ de boa confuſaõ, & tambem de nos animar neſte caminho.

12 Coſtumaõ eſtes gentios hir aſſim muitos juntos hũs atras dos outros, porq̃ o caminho naõ dà lugar, a irem dous emparelhados, & vaõ dando grandes vozes, & gritos ao ſeu Pagode de continuo com eſtas palavras: *Ye Badrinate, ye, ye*: levantando qualquer primeiro a voz, & reſpondẽdo todos. Com aſſaz pena noſſa ouviamos nòs eſtas vozes do Inferno: & ja, que naõ podiamos tomar outra vingança do maldito Pagode, nos apoſtamos a lançarlhe com a meſma frequẽcia outras tantas maldiçoens, & pedir à Corte do Ceo, que em noſſo nome deſſe outros tantos louvores, & gloria a noſſo Senhor JESU Chriſto.

CAPITULO XXXII.

Do que vio, & paſſou athe ſahir de Siranagar.

1 LOgo na primeira jornada a cada tiro de ſeta achamos varios Pagodes de obra ſumptuoſa, todos pella maior parte com alampadas acezas; mas todos de varias figuras, & todos abominaveis, & ridiculos. Por guardas, & ſervidores tem muitos Jogues, que logo em ſuas meſmas figuras moſtraõ ſer miniſtros dos Demonios. Entre outros vimos a hum ja mui velho, com as unhas, & cabello taõ crecido, & de catadura taõ diſforme, que parecia o proprio diabo; & elle ſem dizer palavra, recebia os louvores, & reverencias dos gentios, que lançados por terra, lhe beijavaõ os pés.

2 Dezejeilhe a eſte, o que dous mezes antes havia eſte Rey mandado fazer a outro mais diſforme, & foi, que indo elle à caça em Agmir, junto de hum lago, donde naquelles dias havia grande concurſo de gentios pera ſuas ſuperſtiçoens, vio a hum Iogue taõ horrendo na figura, que tinha os cabellos da cabeça quatro covados de comprido,

&

& as unhas mais de hum palmo, & elle com taõ pouco empacho, que com nada ſe cobria.

3 Era grande o concurſo dos gentios, que lhe hiaõ beijar os pés, & tudo foi notando el-Rey, ficandoſe o Jogue immovel, ſem lhe fazer nem ainda huma minima reverencia. Voltando da caça, o mandou chamar; deu o Jogue por repoſta, que naõ hiria, ſenaõ em hombros de homens, ou na carroça del-Rey. Ouvindo eſta repoſta, o mandou trazer de raſto pellos cabellos, & tendo-o diante de ſi lhe diſſe, que ou era diabo, ou retrato vivo delle, pois ſe naõ podia imaginar couſa mais enorme. Logo lhe mandou cortar os cabellos, & unhas, dar outro caſtigo devido á ſua deſcompoſtura, & depois de tudo grande ſoma de açoutes; & q̃ o levaſſem pellas ruas, pera q̃ os rapazes com gritos, & eſcarneos vingaſſem, ou recompenſaſſem os louvores, que lhe tinhaõ dado os gentios. Outro tanto ſe devia ao Jogue, de que aſſima fallei.

4 Mas tornando às ſerras, ſaõ pella maior parte cheas de muito arvoredo, do meyo pera bayxo, com grandes pinheirais de varias caſtas, & de eſtranha grandeza, huns como os noſſos, outros mais verdes, que naõ daõ fruto, mas de muito melhor madeira, taõ altos, & direitos, que paſſaõ duas, ou tres alturas da torre do bom JESU de Goa. Naõ he encarecimento, ſenaõ verdade mui certa. Em muitas partes achamos grande numero de pereiras, carregadas de muita fruta verde; & muitas arvores de canella, acipreſtes, limoeiros, roſais grandiſſimos com roſas ſem numero. Muitas amoras de ſylva, humas negras como as noſſas, outras coradas como medronhos, mas todas mui boas.

5 Huma ſerra vi toda de arvores de Sancto Thome, ſem folha, mas taõ carregadas de flores, humas brancas, outras como as da India, & ellas enlaçandoſe humas com as outras com os ramos de ſorte, que parecia toda a ſerra hũ monte de flores, ou huma ſó flor; & foi a mais fermoſa viſta neſte genero, que tive em toda a minha vida. Ha grande numero de outras arvores como caſtanheiros ſẽ fruta, mas brotaõ ramalhetes de fermoſiſſimas flores; de maneira, que cada ramo he hum fermoſo, & grande ramalhete da figura de hum acipreſte, taõ bem cortado, que naõ deixa lugar à natureza pera acrecentar em ſua perfeiçaõ couſa alguma.

6 As flores saõ como as nossas, muitos lirios, rozas,& açucenas, & outras em grande numero taõ peregrinas, como fermosas. Em muitas partes vi grandes pedaços de terra, cuja herva era sò alfavaca taõ fina como a nossa, mas a folha mais meuda. Porem o que faz as serras mais aprazi-veis, & menos difficultosas aos caminhantes, saõ as muitas fontes, que dellas correm, humas despenhandose dos mais altos picos, outras brotando de vivas penhas ao longo do caminho, de agoa taõ cristalina, & fresca, que naõ ha mais, que dezejar.

7 Assim chegamos à Cidade de Siranagar, aonde reside o Rajâ, & naõ tem outra, senaõ hum grande numero de aldeas, como villas pequenas. He a gente desta terra nos costumes mui differente da gente Industana. Naõ degollaõ os carneiros, & cabras, que comem, mas afogaõ-nos, & dizem, que ficando o sangue espalhado pella carne he mais gostosa;& assim sem esfollar as rezes com a pelle chamuscada, & carne mal assada, as comem.

8 De ordinario andaõ descalsos, cõ os pés em gretas, & cheos de golpes cõ tantos callos, q̃ correm sem molestia alguma por sima de pedras mui agudas, sem se ferir. Nesta Cidade nos fizeraõ grandes exames de quem eramos, & da nossa pertençaõ. Naõ podiamos dizer, que mercadores, & fora acertado, mas naõ levavamos roupa. Respondi, que eu era Portuguez,& que hia a Tibet embusca de hũ irmaõ meu, que havia muitos annos estava lâ, segũdo as novas, que me chegaraõ.

9 Revolvendome a roupa de vestir, que levava, quãdo viraõ as sotanas negras, pergũntaraõ a rezaõ daquillo? Eu respondi, que as levavamos, pera as vestir, se acazo aquelle meu irmaõ fosse morto(entẽdendo como o estavaõ todos à vida espiritual) em final de dor, por ser aquella cor, a que se usava nas nossas terras. Entaõ ficaraõ mais persuadidos, que teria lâ algum irmaõ, como dizia.

CAPITULO XXXIII.

De como passou o Ganges sobre a neve, & dasse noticia do Pagode Bradid, & daquellas terras, & gente.

1 DEpois de sinco dias nos deixaraõ passar por particular merce de Deos, & nòs com toda a brevidade possivel fomos caminhãdo como quinze dias por serras me-

menos fragozas q̃ as paſſadas,& ſahindo deſtas chegamos a outras cheas de neve,nas quais a ſombra,& freſcura das fõtes nos era ja menos neceſſaria,por haver jâ grãde frio. Paſſamos o rio Gãges muitas vezes, naõ por pontes de maromas bem difficultozas, como no caminho, que haviamos deixado atras, mas por ſima da neve, que o cobria por grandes eſpaços, indo elle por debaixo fazendo ſeu curſo com grande eſtrondo.

2 Naõ pude entender, como era poſſivel cahir tanta neve, que fizeſſe aboboda a rio taõ caudeloſo, ſem ſer baſtantes ſuas agoas a levala, & derretella. Pareceme,que das ſerras ao pé,das quais corre, naõ podendo ſuſtentar a maquina, & grande pezo da neve, cahe ſobre eſte rio como montes, & com a queda fica fixa, & aſſim compoſta,& dẽſa, cobrindo-o por ſima, em muitas partes como hum tiro de eſcopeta; em outras mais, & em outras menos, deixando por partes algumas concavidades, & aberturas, q̃ naõ cauſaõ pequeno pavor. aos que paſſaõ por ſima; naõ ſabẽdo, em que hora, ou ponto cahiraõ aquellas abobodas, como cahem muitas vezes ſervindo a muitos de ſepultura.

3 Aſſim fomos paſſando alguns dias,athe que no cabo de mes, & meyo chegamos ao Pagode Bradid, que eſtâ nos confins das terras de Siranagar. A eſte vai grande concurſo de gente athe de partes mui remotas, como de Ceilam, Biſnaga, & outras, que vem a elle em romaria. Quando de Goa voltamos, vieraõ conoſco dous moços Gingalâs de Ceilaõ, comprida ja ſua romaria a eſte Pagode. Queixaraõſe, que naõ achavaõ eſmolas, pera ſe ſuſtentar, que padeciaõ muita neceſſidade. Mandeilhes dar huns bazarucos, moeda, que fazia hum larim de Goa, porem em ſabẽdo, que naõ eramos gentios, naõ aceitaraõ a eſmola,dizendo, que ſòmente de Bramanes, ou Banzares a recebiaõ.

4 Eſtâ eſte Pagode Bradid ſituado ao pé de huma ſerra, de que nacem varias fontes de agoa mui boa; entre outras brota huma dẽ agoa taõ quente, que naõ ſe pode ter nella a maõ, nem ainda por breve eſpaço, a qual ſe reparte por tres partes, levando cada-huma della como hum boy de agoa, & aſſim entra em varios tãques, nos quais tẽperada com outra fria ſe lavaõ, os que vaõ em romaria; tẽdo pera ſi, que com ella ſe purificaõ ſuas almas, & ficaõ ſem peccado algum; & naõ ha pera elles neſta vida bemaventu-

venturança maior, que chegar ſe a lavar neſta agoa purificadora das almas.

5 Eſtâ eſte Pagode emſima do meſmo lugar donde brota eſta fonte, que aqui o puzeraõ os Bramanes fingindo pera iſto mil patranhas. Entre ellas dizem, que o fogo vendoſe cheo de peccados, pellos muitos males, que fazia no mundo, abrazando cazas, & fazendas, conſumindo cãpos, & arvoredos, pezarozo de taõ graves culpas ſe foi pedir remedio dellas ao Pagode Bradid; o qual lhe diſſe, que ſe ficaſſe naquelle lugar com elle, & aſſim purgaria todos os ſeus peccados.

6 Teve o fogo por grande merce, a que lhe fazia o Pagode, & aſſim ſe ficou a ſeus pés, & poriſſo ſalta taõ quente aquella fonte de agoa, que ſe via. Inſteilhe dizendo: que ſe o fogo eſtava aos pés do Pagode, como dizia, & taõ manſo, & quieto, como fazia toda via pello mundo os meſmos males, que antes, abrazando, quanto encontrava? Reſponderaõ, que o fogo, que andava agora pello mundo, era huma ſó parte das quinze, que tem o fogo, & que ficandoſe as quatorze quietas aos pés de Bradid aquentando aquella fonte, a decima quinta fazia os males, que lhe dizia.

7 Dizem mais, que o Pagode ao principio, tudo quãto tocava o tornava em ouro, ora foſſem paos, ora pedras, ou qualquer outra couſa; porem que hum ferreiro por cobiça, levando certa cantidade de ferro, & deitandoo no fogo, que eſtava aos pês de Bradid, pera deſta maneira o abrandar, & fazer maior a cantidade pera depois ter mais ouro, tocando com o ferro aſſim quente no Pagode, elle aſſim ſe ſintio diſto, que nunca mais quis converter as couſas em ouro, como antes fazia.

8 As offertas, que entraõ no ſeu thezouro ſaõ ſem numero, & aſſim dizem, que he grandiſſimo o thezouro, que tem de ouro, prata, aljofar, & pedras preciosas. Fora tres mezes do anno, todos os mais eſtâ eſte Pagode cuberto cõ a muita neve, que cahe ſobre elle. As aldeas ao redor ſaõ neſte tempo inhabitaveis, paſſandoſe os moradores a outras, que eſtaõ mais abaixo tres, ou quatro jornadas, donde a neve faz menos impreſſaõ.

9 As gentes deſtas terras, poſto que pertencem ao Rajâ de Siranagar, ſaõ de outra caſta, a lingoa he differente.

te. Comẽ carne, & hervas, & aſſim como vaõ eſfollando o carneiro, o vaõ comendo, principalmente toda a gordura, que tem, & os nervos dos pés he pera elles o melhor bocado. As tripas depois de mal enxaugadas na agoa as fazem bocadinhos, & logo as vaõ comendo : alguns as poẽm a cozer, mas naõ eſperaõ, que fervaõ mais, que a primeira ves, dizendo, que a carne mui cozida perde o ſabor, & a ſubſtancia. Comem a neve, como entre nos o paõ, ou doce.

10 Vendo eu hum menino de dous, ou tres annos cõ hum pedaço de neve nas mãos comendoa, me pareceo, q̃ lhe faria muito mal, mandeilhe dar humas paſſas, que actualmente nos avia dado o Rajâ do Pagode, & que lhe tiraſſem das mãos a neve, que tinha. Tomou elle as paſſas, & começando a comer, as lançou logo de ſi, chorando pella ſua neve. Aſſim meninos, grandes, & pequenos comem a carne crua, arroz, & outras ſementes deſta ſorte, & com iſto eſtaõ mui fortes, & ſaons, bem fora das infermidades da India. Aqui lavraõ, & ſemeaõ as molheres, & os homens fiaõ. As molheres trazem por joyas nas orelhas humas folhas como de palma, poſtas de tal ſorte, que parecem dous fuzos, que ſaindo das orelhas deſta maneira direitos, cahem pello roſto couſa de palmo, & meyo bem comprido.

CAPITULO XXXIV.

Da jornada, que fez por ſima das neves athe os confins de Tibet, & o que lhe ſuccedeo.

1 NA ultima povoaçaõ chamada Manâ eſtivemos alguns dias eſperando, que ſe desfizeſſem as neves de hum famoſo dezerto, que eſtâ entre eſtas terras, & as de Tibet, o qual ſó ſe pode paſſar em dous mezes do anno, porque nos outros dez naõ dâ a terra lugar a comercio algum. Deſta aldea ultima vaõ ſubindo logo algumas grandes ſerras, que ſe atraveſſaõ em vinte dias dos dous mezes, que por ellas hâ paſſagem; naõ tem povoaçaõ alguma, porque no lugar onde a pudera aver, naõ ha arvore, nem herva, nem outra couſa mais, que montes de neve,

ve; chovendo de continuo ſobre elles: porem nos dous mezes do anno, que hâ paſſagem, eſtâ a terra deſcuberta nas fraldas dos montes por algumas partes, & donde naõ o eſtâ, eſtaõ as neves taõ eſpezas, & duras, que he facil paſſar por ſima.

2 Naõ ſe acha por eſte dezerto lenha, nem couſa, cõ que poder accender fogo; & aſſim a matelotagem, que levaõ os paſſageiros, he farinha de ſevada toſtada, aqual, quando a querem comer, deitaõ em agoa, & fazem hum polme, que bebem, ſem tomar couſa, que chegue a fogo, porque o naõ hâ; & deſta maneira paſſaõ, & ſe ſuſtentaõ naquelle dezerto, & morrem nelle muitos. Dizem elles, que hâ certos vapores, que a meſma terra deſcuberta lança de ſi, taõ danoſos, que eſtando hum homem ſem lhe doer, pé, nem maõ, lhe daõ huns deſmayos, que em menos de hum quarto de hora acabaõ as vidas. Eu creyo naçe iſto da grande frialdade, & falta de comer, & aſſim ſe lhes apaga o calor natural, & morrem de repente.

3 Alguns dias eſtivemos eſperando com determinaçaõ de paſſar com certas cafilas, que o Rajâ dos Pagodes faz levar a ſuas terras. Porem neſte meſmo tempo tivemos muitos ſinais, & aviſos, que o Rajâ de Siranagar nos mandava deter, & que naõ paſſaſſemos a diante. Certificados diſto, foi grande á affliçaõ, que tivemos, vendo, que depois de tantos trabalhos paſſados, tantos caminhos andados, aſſim ſe atalhava noſſa pertençaõ, & falhavaõ as eſperanças de entrar naquella terra, que era pera nos como a de promiſſaõ.

4 Depois de varios diſcurſos neſta materia, & poſto o negocio na maõ de Deos, pois era ſeu, me reſolvi de paſſar occultamente eſte dezerto, ainda, que foſſe fora de tẽpo, naõ duvidando do particular favor, & protecçaõ do Ceo. Depois de me aver mui bem informado do caminho, & do tempo, que na paſſagem podia gaſtar, deixei o Irmaõ neſta aldea, por me parecer, naõ paſſaria mal algũ, & me pus a caminho huma madrugada, ſem ſer viſto, levando comigo dous moços Chriſtaõs, & hum daquelles ferranos por guia, & cada hum de nos levava huma boa manta, pera ſe cobrir, & huns alforjes com alguma couſa pera comer.

5 Caminhamos dous dias com a mayor preſſa, que nos

nos foi poſſivel, ainda, que com trabalho por rezaõ das neves, que neſte lugar ſe começavaõ a paſſar com difficuldade. Niſto chegaraõ a nos no dia ſeguinte dous ſerranos, mandados pello Governador daquella terra, fazendo grãdes ameaças, aos que nos guiavaõ, ſe paſſaſſem adiante, dizendo a hum delles, que ſua molher, & filhos ficavaõ em eſtreita prizaõ, & ſeus bens confiſcados, & ſe logo naõ voltaſſe, que todos morreriaõ; & a mim me procuravaõ a medrontar com varias ameaças, & medos, dizendo, que meu companheiro, que ficava na aldea, paſſaria muito trabalho; & ſe eu logo naõ voltava, todo o noſſo fatinho ſeria tomado; & ſobre tudo, que ſe eu paſſava a diante infallivelmente morreria, por naõ ſer ainda tempo de paſſar aquelle dezerto. Ajuntando a iſto outras muitas ameaças, & eſpantos da meſma qualidade.

6 O ſerrano, que nos guiava, ſe voltou logo; & eu como eſtava bem informado do caminho, paſſei adiante com os dous moços, & invocado o nome de JESUS, & ajuda do Senhor, continuamos o caminho. Porem o trabalho, que paſſamos foi exceſſivo, porque nos acontecia muitas vezes a fundirmos na neve athe os hombros, & outras athe os peitos, & de ordinario athe os joelhos, trabalhando por ſahir, quanto ſe naõ pode crer, & ſuando ſuores frios, vendonos naõ poucas vezes em perigo de vida; & muitas vezes nos era neceſſario ir por ſima da neve com o corpo, como quem vai nadando, porque deſta maneira naõ nos affundiamos tanto na neve.

7 Aſſim fomos continuando o caminho, dormindo as noytes ſobre a meſma neve, ſem ter mais abrigo, que deitar huma manta, que levavamos ſobre a neve, & cobrirnos todos tres com as outras duas: & naõ era eſte o maior trabalho, porque mais ſentiamos a neve, que começava a cahir das quatro da tarde, continuandoſe quaſi toda a noyte, taõ meuda, & eſpeza, que naõ nos deixava ver eſtando juntos, acompanhada com hum vento rijo, & muito frio. Cobrindonos com as mantas, o remedio era, ſacudilas muitas vezes, por naõ ficar enterrados debayxo da neve.

8 Nos pês, maõs, & roſto naõ tinhamos ſentimento, porque com o demaſiado rigor do frio, eſtavamos totalmẽte ſem ſentido. Aconteceome darme hum golpe naõ ſei

onde, & cahirſeme hum pedaço de hum dedo, ſem eu de tal dar fé, nem ſentir ferida, ſenaõ fora ver correr della muito ſangue. Os pés tinhamos taõ inchados, & gelados, que queimandonolos depois com brazas vivas, & ferros abrazados, naõ ſentiamos couſa alguma.

9 A iſto ſe acrecentaraõ dous grandes males. O primeiro, que cada hum de nos tinha hum mortal faſtio, com que eſtavamos como impoſſibilitados pera comer, & naõ me lembro ter tido ſemelhante em alguma infermidade; mas a preciſa neceſſidade fazia, que ſobre todas eſtas repugnancias comeſſe alguma couſa: & com muita força, & cõ algumas invençoens procurava com os moços o meſmo, como ſe foſſem, ou eſtiveſſem mui enfermos.

10 A outra couſa, que nos foi de pena, era naõ achar agoa pera beber, a qual no meyo de tais frios nos era bem neceſſaria, por razaõ da ſecura, que cauſava em nos o muito trabalho. Naõ era iſto por faltar fontes, mas porque todas ellas hiaõ occultamente por de baixo da neve, & da meſma maneira hia o rio Ganges. Comiamos pedaços da meſma neve, & algumas vezes quando o ſol começava a aquecer, derretiamos huma pouca em hum prato.

11 Deſta maneira fomos caminhando athe o alto de todas as ſerras donde nace o rio Ganges de hum grande lago, do qual tambem nace outro rio, que rega as terras de Tibet. Neſte tempo tinhamos jâ a viſta dos olhos quaſi perdida, porem eu a perdi mais tarde, que os moços, pella muita diligencia, que puz em a guardar, mas naõ foi baſtante, pera naõ ficar quaſi cego por mais de vinte, & ſinco dias, ſem poder rezar o officio divino, nem ainda conhecer huma ſó letra do breviario.

CAPITULO XXXV.

Dos mais trabalhos, que teve, & como finalmente chegou a Tibet, & fallou a el-Rey.

1 LOgo, que chegamos ao alto das ſerras, ſe ſeguiaõ humas grandes campinas das terras de Tibet: mas como jâ viamos mui mal, naõ divizavamos, mais, que tudo branco, ſem poder diſcernir, porque parte podiamos paſ-

paſſar a diante; & aſſim perdemos todas as eſperanças, de o poder fazer, faltandonos os ſinais, pellos quais o fazia-mos athe entaõ. Ja neſte tempo naõ eſtavamos da Cidade Real mais, que ſinco dias de caminho, & tinhamos por impoſſivel, poder jâ paſſar a diante, pois naõ pareciaõ mais, que campinas de neve, & por outra parte irnos faltando o mantimento, & os moços, que era neceſſario calçalos, & deſcalçalos, cubrilos, & deſcobrilos, ainda meterlhes o bocado na boca.

2 Tratei com elles, o que aviamos de fazer, & aſſentamos naquella noyte, que ao outro dia pella menhãa voltaſſem elles a aldea, donde eſtava o Irmaõ, o que podiaõ fazer em ſeis dias, andando bem, & eu me ficaria entretanto ao pé daquella ſerra num lugar, que por ſer mui humido ſe derretia nelle a neve, & tinha algum abrigo do vento de tras de huma grande pedra com abundancia de agoa do lago, que diſſe aſſima, ficandome baſtante provimento do neceſſario pera oito; ou nove dias, em quanto o Irmaõ de là me mandava alguma couſa, ou foſſe Deos ſervido, que ouveſſe alguem, que me guiaſſe o reſtante do caminho athe Tibet.

3 Chegada a menhãa me deſpedi dos moços, encomendandolhe, quanto pude a diligencia em caminhar, que como avia de ſer ſempre coſta abayxo, & por caminho, q̃ jâ ſabiaõ, podiaõ mui bem ir com mais preſteza, pois lhes importava, por eſtar a ſua vida em perigo, & a minha. A reposta foi, porenſe a chorar, como meninos, dizendo, que elles ſem mim, naõ podiaõ dar quatro paſſos, & que ſem mim naõ ſe atreviaõ, a ir, como a noyte antes o aviaõ prometido. Nunca pude cõ elles acabar outra couſa; & aſſim parece, o quis Deos, porque ſem duvida elles morreriaõ no caminho, ſe foraõ ſos, como logo o experimentei.

4 Deſta ſorte fui forçado a voltar quaſi do fim da jornada, com os meſmos ſobreſaltos de ſer detido, com que avia chegado athe alli, dos quais me parecia eſtar jâ ſeguro. Com ſer o caminho na volta mui facil, porque tudo era decer, foi cõ tudo iſto grande o trabalho, que tive, em fazer andar os moços, porque jâ os pês hiaõ tais, que ſe naõ podiaõ ter ſobre elles. Aſſim caminhamos de volta tres dias. Neſte tempo huma tarde ouvi humas vozes como de homem, que andava naquelle deſerto, mas naõ via-

mos quaſi nada, nem podiamos ſaber, o que ſeria.

5 Fomos pera onde ouviamos as vozes, & encontramos com hum ſarrano, que vinha em buſca de nos, com novas do Irmaõ, o qual lhe deixaraõ mandar os de Manâ, ou por milhor dizer, o ſolicitaraõ muito pera iſſo, achandoſe mui envergonhados, do que tinhaõ feito, temendo naõ nos aconteceſſe alguma diſgraça, como jà imaginavaõ, & que lhes tomaria el-Rey de Tibet eſtreita conta, quando os viſſe. Degrande conſolaçaõ nos foi eſte homem, do qual ſoubemos novas certas do Irmaõ, & como os temores de ſer prezos, ou detidos eſtavaõ jâ extinctos, buſcãdo os da aldea couſas, que dar ao Rajâ, pera que nos naõ im pediſſe, que foi nova de grande alegria.

6 Por eſte homem nos enviou o Irmaõ hum pouco de refreſco de grande eſtima, & foi huma pouca de farinha de ſevada torrada, & hum pouco de mel, & juntamente roupa, pera nos cobrirmos, & ampararmos do frio. Servionos eſte homem de guia por outros tres dias, no cabo dos quais chegamos a hum lugar, em que a neve era pouca, & avia covas de pedras, de bayxo das quais nos podiamos recolher. Diſtava eſte lugar da aldea tres jornadas: Aqui deſcanſamos alguns dias athe chegar o Irmaõ, & com elle huma cafila, que ſe anticipou por noſſo reſpeito.

7 Quando chegou o Irmaõ, naõ o pude conhecer, ſe naõ depois de o ter nos braços. Julgue voſſa Reverencia, que cõſolaçaõ averia entre nos. Ainda alguns dias depois de deſcanſo, tenho por certo, que nunca me vi com tanto alento, & forças, como neſte taõ trabalhoſo caminho, & mal podia, quem me conheceo, julgar, que em mim as averia pera tanto trabalho.

8 Depois de chegar o Irmaõ, nos detivemos por algũs dias naquelle lugar, em quanto ſe desfaziaõ mais as neves, em que ſe paſſou quaſi hum mez, & ouve lugar de tornar a fazer de novo o meſmo caminho, mas jâ cõ facilidade, & menos trabalho, que naõ tinha ſemelhança com o primeiro. Só me faltava a viſta, & naõ he muito, pois athe os meſmos ſerranos, que foraõ com noſco, cõ eſtar acoſtumados, & ter nacido entre eſtas neves, padeceraõ por alguns dias grandes dores nos olhos, ſem lhes valer huns antolhos, que fazem de certas redes, pera defender a viſta dos rayos do Sol, que ferindo a neve lhes cegavaõ os olhos cõ cõtinuaçaõ de poucos dias.

9 Ja

9 Ja neſte tempo ſe avia mandado hum recado ao Rey de Tibet, & aſſim teve noticia de nos, mandando dous homens ao caminho, pera que nos acõpanhaſſem, & ſerviſſẽ, ordenãdo aos da cafila, q̃ tiveſſẽ muito cuidado de nos, & nos levaſſem como couſa muito ſua; & a mim me eſcreveo, que foſſe mui alegre pera ſuas terras, porque me daria dellas, qual eu foſſe ſervido.

10 Tudo iſto ſuccedeo, pello que ſe eſcreveo de nos ao meſmo Rey, que eramos gente mui eſtranha, nunca viſta por aquellas terras. Tres dias antes, que chegaſſemos, nos mandou tres cavallos, dous pera nos, & outro pera algum dos moços ſendo neceſſario. Quando chegamos â Cidade, ſahia a gente pellas ruas, & as molheres ás janelas avernos como a couſa mui eſtranha. O Rey por entãõ naõ appareceo, eſtava a Rainha numa varanda do paço, donde nos quis ver. Fizemos-lhe a devida reverencia, & aſſim nos recolhemos a humas cazas, que nos tinhaõ aparelhadas.

11 Imaginava el-Rey, & aſſim lho tinhaõ eſcrito, que nos deviamos trazer algumas perolas, & joyas de grande preço, ainda, que naõ eramos mercadores, pois naõ podia aver outro fundamento do caminho taõ trabalhozo, que aviamos emprendido. Certificado jâ por via de outros, que nem eramos mercadores, nem traziamos peças ricas, como imaginava, ficou menos contente da noſſa vinda, & ſem nos querer fallar dous, ou tres dias.

12 Mandando perguntar, a que vieramos, reſpondi: que naõ avia vindo a ſuas terras, pera comprar, nem vender, porque naõ era mercador; & aſſim meſmo, que naõ viera, pera levar couſa alguma dellas, nem delle queria alguma merce, das que me avia offerecido, ſó lhe pedia, me deſſe audiencia por eſpaço de huma hora, & que entãõ lhe deſcobriria a cauſa da minha vinda, & naõ de outra maneira, que éſtiveſſe certo, lhe ſeria de goſto.

13 Avida a licença nos recebeo com benevolencia, eſtando ſó cõ elle hum ſeu cunhado. Servia de lingua hũ Mouro Queiximir, pello qual lhe dei cõta da pertençaõ, cõ que avia vindo à ſua corte, & os muitos trabalhos, que neſta empreza avia paſſado, & ſaber, ſe eraõ certas as novas, que me aviaõ dado, de que era Chriſtaõ, & ſeguia cõ ſeus a verdadeira lei, & ſe era ſervido, alli me tinha, pera

pera declarar, & moſtrar os erros da ſua, & que ſomente os dezejos de ſua ſalvaçaõ me faziaõ deſterrar de minha patria, deixar irmaõs, & amigos, & paſſar tantos trabalhos, que ſe aproveitaſſe da occaſiaõ, que Deos lhe punha nas maõs, lembrandoſe, que por tantos annos a tras a naõ avia dado a ſeus antepaſſados, que naõ ſe fizeſſe indigno das merces, que o Ceo lhe offerecia.

CAPITULO XXXVI.

O mais, que lhe ſucedeo, em quanto eſteve em Tibet.

1 COmo o Mouro ouvio eſta pratica entendendo noſſa pertençaõ, procurou, quanto pode, desfazela, cõforme, o que ſe deixava ver no ſeu fallar; de modo, que com naõ entender eu aquella lingua, me parecia a mim claramente, que elle uſava de engano, & me vi forçado algumas vezes a ameaçalo, que o faria caſtigar gravemente, naõ ſendo fiel em referir a el-Rey, o que ſe lhe mandava dizer, & que logo avia de tomar hum gentio por lingua, & de novo dizer ao Rey, o que elle naõ queria dizer.

2 Baſtou por entaõ, o que elle diſſe ao Rey, pera que o Rey ſe deixaſſe entrar, & lhe foſſemos parecendo melhor, que na primeira entrada. A Rainha, que tudo eſtava ouvindo noutra caza de tras de huma guarda-porta, mandou dizer ao Rey, que nos queria ver, & nos fallou depois; mas voltando ao Rey, quis ella eſtar prezente, & diſſe entre outras couſas, que ſentia grande pezar, de naõ ſaber a noſſa lingua, porque muito lhe avia agradado, o que avia ouvido da noſſa Ley.

3 He eſta Rainha tida por molher prudentiſſima, & tal pareceo no ſeu trato, & nas perguntas, & repoſtas da pratica. Mandou, por ſer jâ entaõ tarde, que nos recolheſſem, mas que folgaria de fallar cõ noſco de eſpaço naquellas materias de ley, & ſalvaçaõ. No dia ſeguinte fui chamado bem ſedo, porque jâ aquelle pequeno graõ da moſtarda do Evangelho hia lançando raizes, & cauſando grandes effeitos nos coraçoens do Rey, & Rainha.

4 Neſte dia, como nos mais ſervia hum gentio de lin-

gua,

gua, pratiquei de eſpaço de noſſa ſancta ley, declarando alguns miſterios principais, com tanto goſto do Rey, & da Rainha, que dalli adiante naõ podiaõ eſtar ſem nos, naõ ſe fartando de ouvir novas do Ceo, & mais ſendo taõ certo, que o menos, que ſe dizia, podia ſer entendido; pois era neceſſario fallar por tres linguas differentes, entendendo qualquer delles mui pouco da materia, de que ſe tratava. Mandou o Rey, que pera nos naõ ouveſſe porta ſerrada em ſua caza, & que atodo o tempo entraſſemos, & ſahiſſemos, como em effeito ſe fez, ainda nos tempos, que ſenaõ deixava entrar em palacio.

5 Quaſi todos os dias tinhamos prezentes do Rey, & Rainha daquellas couſas, que havia na terra, a ſaber carneiros, arroz, farinha, manteiga, mel, paſſas, vinho de uvas em grande abundancia, de maneira, que naõ sò baſtava pera os de caſa, mas davamos continuas eſmolas, & exercitavamos outras caridades. As paſſas ſaõ de duas caſtas, humas negras mui meudas, mas mui boas, & doces, outras mui grandes, & brancas, mas mui ſecas, & azedas. Todas vem dez, ou doze dias de caminho de outras cidades do meſmo Rey, como tambem o vinho de uvas.

6 Paſſavaõ ſeja muitos dias, & paſſavaſe o tempo, em que era neceſſario voltarmos, antes que ſe ferraſſem as ſerras. Pedi licença ao Rey, dilatandoa de dia em dia naõ acabava de a dar, athe que claramente me diſſe, que me naõ deixaria ſahir de ſuas terras, ſem primeiro lhe dar palavra firmada com juramento de voltar logo o anno ſeguinte, pera ficar com elle de eſpaço, ja q por entaõ naõ era poſſivel, conforme as rezoens, que lhe apontava. Eu quando o vi taõ dezejoſo, de ficarmos, diſſe, que lhe daria palavra, que me pedia, de voltar logo, ſendo contente meu Superior maior, cujo ſubdito eu era, como ſem falta ſeria, mas cõ as condiçoens, que eu lhe daria por eſcrito, como lhas dei.

7 Foi a primeira, que me havia de dar pleno poder, pera prégar nas ſuas terras a ſancta ley, ſem ninguem me poder hir à mão. A ſegunda, que havia de dar ſitio pera fazer Igreja, & caſa de oraçaõ. A terceira, que naõ me havia de occupar em couſas proprias de mercadores, ſe por ventura pertendeſſe algumas das noſſas terras, pois era cõtra o que profeſſavamos. A quarta, que ſe acazo em tem-

po

po vindouro foſſem alguns mercadores Portuguezes a ſuas terras, nòs naõ haviamos de aſſiſtir em compras, & vendas de ſuas peças, nem em ſemelhantes materias, como ſe naõ ouvera tais mercadorias. A quinta, que naõ deſſe credito a couſa alguma, que lhe diſſeſſem os Mouros Queiximiris contra nòs, pois eraõ mui contrarios a noſſa ſancta ley.

8 A iſto acodio a Rainha, dizendo, que os Mouros erã màgente, qual era a lei, que profeſſavaõ, em tudo encontrada com a ſua: pella qual rezaõ naõ deixão a algum viver das portas adentro da cidade; como na verdade não deixão, sòmente vem á cidade a ſeus contratos. Ouvidas pello bom Rey as condiçoens, & pella Rainha, mandou logo fazer hum papel ſellado com as armas Reais na forma ſeguinte.

9 *Nòs el-Rey do Reyno da potẽte, recebendo alegria cõ a vinda do Padre Antonio Franguim (aſſim nomeaõ os Portuguezes na India) a noſſas terras, pera nos enſinar a ſancta lei. O tomamos por noſſo Lamâ maior, & lhe damos toda a autoridade pera enſinar aos noſſos povos a lei ſancta: naõ conſentiremos, que alguem lhe dẽ poriſſo moleſtia, & mandaremos dar ſitio, & toda a ajuda, que quizer, pera fazer caſa de oraçaõ. Aſſim mais naõ daremos credito a couſa, que contra os Padres quizerem intentar os Mouros, porque bem entendemos, que como naõ tem lei, aſſim encontraõ, aos que ſeguem a verdadeira. Pedimos encarecidamente ao Padre grande, nos envie logo o dito Padre Antonio pera remedio de noſſos povos. Dada em Chaparange &c.*

10 Mandou mais outro papel em lingua Perſiana por via dos Mouros, firmado com ſuas armas, em que manda a todos os Queiximiris de Agra, & de Laor, que tem cõmercio nas ſuas terras, que ſendo chamados por mim, ou por qualquer, façaõ tudo, o que lhes mandarem, & por ſua via levem o noſſo fato a Tibet, como ſe foſſe do proprio Rey. Tudo iſto ordenou, pera que na viagem naõ tiveſſemos moleſtia com direitos, & outras vexaçoens ſemelhantes.

11 No primeiro dia, que fallamos ao Rey, & vio o fato, que levavamos (como coſtumava fazer ſempre) achou, que parecia de pobres. Entre outras couſinhas achou hũa fermoſa imagem de noſſa Senhora em lamina com o menino JESU dormindo, couſa mui perfeita. Ficou paſmado

de

de a ver, & muito mais a Rainha: quando lhe declarei, o q̃ reprezentava, ſe lhe dobrou o goſto. Achou mais algumas cruzes de Salcete, algumas nominas, & veronicas, alguns cilicios, & diſciplinas.

12 Perguntou novamente por cada-huma deſtas couſas, & pera que ſerviaõ, tudo ſe lhe declarou, quanto foi poſſivel. Callou por entaõ, mas paſſados alguns dias, quãdo ja eſtava, & ſe nos moſtrava taõ affeiçoado, como fica ditto, me pedio cõ muita inſtãcia algumas couſilhas pera ſi, & pera a Rainha Prĩcepes, & ſobrinhos. Naõ lhas dei logo, por lhe acrecentar os dezejos, & reverencia à quellas couſas; mas tornou a pedilas por muitas vezes, dizendo, que com ellas lhe faria Deos muitas merces, & que lhe ſeriaõ como boas armas contra huns, & outros inimigos.

13 Dous dias antes de me dar licença, lhe levei ſete pera ſete peſſoas nomeadas, & lhas offereci todas juntas em hum papel; mas elle as naõ quis receber, dizendo, que deſſe eu a cada-hum a ſua, como fiz, dando a primeira ao Rey, que a recebeo deſcuberto, & com ſumma reverencia, pondoa ſobre os olhos, & cabeça, & logo a pendurou do peſcoſſo de huma cadea de ouro. O meſmo fez a Rainha, que ſe ſeguia, Principe, cunhado, & ſobrinhos, a cujas peſſoas deitei as Sanctas Cruzes, que lhe ficaraõ mui bem.

14 O cunhado, que naquella tarde ſe partia pera hũa perigoza guerra, me diſſe, que hia com a Sãcta Cruz cheo de confiança, & ſeguriſſimo, de que noſſo Senhor por meyo della, o livraria dos perigos da guerra, como em effeito o livrou, dandolhe victoria com muita facilidade, & honra ſua. Era muito pera ver a grande devaçaõ de todos, & a reverencia, cõ q̃ tratavaõ as ſanctas reliquias. Dei mais a cada-hum huma nomina, que lhe lancei ao peſcoſſo, & no outro dia appareceraõ todos com as nominas em bolças de ſeda, pera mais reſguardo.

15 O dia ultimo me deteve el-Rey conſigo por mais tempo, & eu por deſpedida lhe offereci aquella lamina, em que eſtava a imagem da Senhora, & o menino JESU, dizendolhe, que por nenhuma via havia de deixar aquella ſagrada imagem, mas por eſtar certo, que elle lhe teria todo o reſpeito, & acatamento, lha deixava como hum riquiſſimo tezouro, & como huma fortaleza inexpugnavel, aquem podia, & devia acodir no meyo de todos os perigos, & tra-

balhos da alma,& corpo,& que eſtiveſſe certo de remedio, & ſocorro.

16 Elle eſtimou a imagem,quanto ſe pode crer,& poſto de joelhos a poz ſobre a cabeça, & ſobre a da Rainha,& porque eſtava junta muita gente, me pedio, que lha moſtraſſe. Aſſim o fis com grande alegria,& conſolaçaõ de todos, que deſcubertos, com os joelhos por terra, maõs levantadas adoraraõ a ſagrada imagem com eſtranha devaçaõ, & reverencia. Querendolha deixar logo, me pedio, a tornaſſe a levar a noſſa caſa, em quanto mandava aparelhar lugar decente, pera a pôr, como ſe fez.

17 Indome eu ja com ella nos braços, encontrei noutra ſala debaixo o Veador da fazenda, acompanhado de muita gente, o qual me pedio, que lhe moſtraſſe a imagem, de que ja tinha noticia por hum,dos que o acompanhavão, falloume em lingua Perſiana, de que eu entendia ja algũas palavras; dizendo elle, que a dezejava ver por curioſidade de ver couſa tão boa, & perfeita. Ouvindo eſta palavra, tornei a recolher, & cobrir a imagem, que ja lhe hia moſtrando; dizendo, que aquellas couſas tão divinas, & ſanctas naõ ſe vião por curioſidade, ſenão por lhes fazer a devida reverencia. Entaõ o Veador reprehendeo aſperamẽte as palavras, de que o Lingua havia uſado, pedindome, q̃ lha moſtraſſe, porque elle não por curioſidade, mas pera a adorar de todo coração, a dezejava ver. Vioa com todos os prezentes com tanta devaçaõ, & reverencia, que naõ podia conter as lagrimas de conſolaçaõ, vendo ao divino JESUS nos braços de ſua May Sanctiſſima. Não bautizei logo ao Rey, & a Rainha, por naõ ter tempo, pera os catequizar, & pellos não deixar em perigo de tornarem a tras.

CAPITULO XXXVII.

O mais que ſuccedeo depois do Padre ſe partir.

1 BEm ſe deixa ver o ſentimento, com que ficava o Rey, a Rainha, & toda a Corte, quando nos partimos, dizendo na deſpedida, que voltaſſemos com toda a brevidade poſſivel, porque connoſco lhe levavamos o coraſſaõ.

Digitized by Google

raſſaõ. Mandou gente, que nos acompanhaſe, não sò por ſuas terras, mas athe paſſarmos o dezerto. E ſecretamente tinha dado ordem, pera que das aldeas vizinhas nos foſſem cada dia dando carneiros, arros, & manteiga.

2 Paſſados tres dias de caminho, mandou tres homẽs pella poſta com ſeis ceſtinhos de figos pequenos, mas mui bons, em que vinhaõ mais de dous mil: mandandonos dizer, que aquella fruta lhe havia vindo de outra Cidade, doze, ou quinze legoas de caminho, que no la mandava em final de amor, & que lhe mandaſſemos novas, de como hiamos. Agradecemoslhe, quanto pudemos a lembrança, q̃ ſem duvida era final da affeiçaõ, que nos moſtrava.

3 Aſſim fomos caminhando, athe entrarmos nas ſerras do deſerto, donde deſpedimos a gente, que nos acompanhava por ordem del-Rey, ainda que com grande repugnancia, por algum medo, que tinhaõ del-Rey, por havernos deixado taõ depreſſa ſem ſua ordem, & licença.

4 Grandes foraõ os trabalhos, que ſobrevieraõ a el-Rey pouco depois, que ſahimos da ſua terra. Foi o cazo, que tres Rajâs vaſſalos ſeus unidos entre ſi ſe levantaraõ contra elle com grande poder. Tendo el-Rey convocado a ſua ſoldadeſca, que diſtava muitos dias de caminho, ſuccedeo, que o Rajâ de Siranagar moveo tambem guerra cõtra o meſmo: parece que confederado com os outros tres, & foi com tanto ſegredo, que naõ ſe ſoube nada em Tibet, ſenaõ depois de eſtarem ſeus exercitos junto às portas, porque naõ ſe temendo el-Rey de Tibet deſte Rajâ foi convocando a ſoldadeſca das terras a elle vizinhas, contra os tres levantados.

5 O de Siranagar com todo o ſegredo tomou tres caminhos, que das ſuas terras vaõ dar nas de Tibet, naõ deixando paſſar, quem pudeſſe levar as novas. Por hum caminho deſtes mandou hum exercito de ſincoenta, & dous mil homens com quinze mil eſpingardas, & vinte peças de artelharia meudas. Por outro caminho foi outro exercito de dezaſeis mil homens, & pello terceiro outra eſquadra de menor numero. O exercito maior chegou primeiro a certa fortaleza de Tibet, em que sò havia trinta ſoldados, os quais na primeira noite ſe reſolveraõ a dar no exercito inimigo, & mataraõ perto de trezentos homens, chegando à tenda do Capitaõ aquem buſcavaõ, & lhe to-

maraõ huma inſignia Real; porem como o numero era taõ pequeno, recolhidos outra vez à fortaleza a foraõ defendendo o melhor, que puderaõ. Depois de alguns dias ſe renderaõ.

6 Ficou o exercito inimigo ſobre maneira atemorizado; & na verdade os de Tibet ſaõ gente mui valeroſa, & mui exercitada nas armas, & os de Siranagar ſaõ ſerranos, que naõ ſabem ſenaõ trabalhar. Succedeo mais, que neſtes dias cahio muita neve, com que morreraõ muitos do exercito. As eſpias do exercito, que hiaõ por outro caminho, foraõ tomadas com alguma gente, os quais fingiraõ huma carta do Pagode Bradid. Diſſeraõ, que hiaõ tratar pazes, & aſſim evitaraõ o caſtigo, que lhes haviaõ de dar.

7 Eſtes nos diſſeraõ, quando depois voltaraõ a ſua aldea, que a primeira couſa, que el-Rey de Tibet lhes perguntou, foi como, & onde ficavamos, ſe nos haviaõ deixado paſſar; dizendolhe as eſpias, que ficavamos bons na ſua aldea, moſtrou diſſo particular goſto. O outro exercito chegou por outra parte, & naõ fez nada, atemorizado da muita gente de cavallo, que veyo ſobre elle. De maneira, que o General de Siranagar offereceo pazes, vendoſe ja em aperto, porque lhe tinhaõ tomado os caminhos das ſerras, por onde lhe havia de vir o mantimento.

8 De ſorte, que com difficuldade podia voltar a tras, & hir adiante naõ era menos difficultoſo pella muita gente, que ſe hia accreſcẽtando cada hora, & pello grande medo, que no ſeu exercito havia dos Tibeteſes. Eſtavamos nòs neſte tempo em manâ bem affligidos, temendo alguma grande ruina aquelle bom Rey, que de taõ groſſos exercitos eſtava rodeado, & fizemos as oraçoens, & votos, que nos pareceo. Foi Deos ſervido, que as pazes ſe efeituaſſẽ brevemente com o de Siranagar, & os outros tres fóſſem vencidos, & ſujeitos. Por hora neſte eſtado fica o Rey de Tibet.

CAPITULO XXXVIII.

Daſſe noticia deſte Reyno, & gente.

AS terras de Tibet ſaõ mui grandes, ſegundo a informaçaõ, que dellas tivemos, & mais o parecem por

por ſerem taõ freſcas, & abundantes, pois nellas ha muito mantimento de trigo, arroz &c. De frutas, como uvas, peſſegos, & outras como atraz fica ditto, & aſſim no lo certificaraõ muitas peſſoas praticas naquellas terras: porem a Cidade Real, a que chegàmos, que he tambem a primeira deſta banda, he a mais eſteril, que tenho viſto, porque nella sòmente ſe dâ algum trigo nas partes, que ſe podem regar com o rio. Tem muito gado de carneiros, cabras, cavallos, & naõ outra couſa. De ſorte que nem huma sò arvore ſe acharà em muitas legoas, nem herva nos campos, mais que donde chega alguma agoa dos rios, & iſto por razaõ das continuas neves, ou por falta de chuva, q̃ naquellas terras he mui pouca.

2 Porem nos tres mezes do anno, em que faltaõ as neves, crece a herva no campo, & concorre o gado, que nos mais tempos anda em outras terras. Naõ ha açucar, nem fruta alguma, nem hortaliſſa, nem legumes, nem galinhas, & aſſim do de mais; porem venlhe muito mantimento de fóra, & aſſim naõ lhe falta carne, trigo, arroz, manteiga. Coſtumaõ dizer os Mouros Queiximires, que o Inferno eſtâ debaixo daquella terra, pella grande eſterilidade, que nella ha.

3 A gente pella maior parte he bem affeiçoada, valeroſa, dada a guerras, em que de continuo anda exercitada; & ſobre tudo mui piadoza, & inclinada às couſas de noſſo Senhor. Rezaõ certas oraçoens, & principalmente nas madrugadas. Trazem todos infallivelmente aſſim homens, como molheres, & meninos grandes relicarios de prata, ouro, & cobre, & o que dentro anda por reliquia ſaõ certos papeis eſcritos com palavras ſanctas dos ſeus livros, q̃ lhes daõ os ſeus Lamâs, aos quais tem grande reſpeito.

4 Trazem eſtas reliquias naõ ao peſcoſſo, mas de tras nas coſtas. Veſtem panos finos de lãa, trazem barretes, como os noſſos ſoldados, capas de differente feitio deſtas do Indoſtaõ. Todos uzaõ de botas mui bem feitas, & de mui bom coiro.

5 Os Lamâs ſaõ os ſeus Sacerdotes, ſaõ muitos, & em grade numero: huns vivem em cõmunidade como os noſſos Religioſos, outros em ſuas caſas particulares, como os Clerigos ſeculares entre nòs; porem todos profeſſaõ pobreza, & vivem de eſmolas. He gente de mui bom viver, naõ cazaõ:

cazaõ: occupaõſe a maior parte do dia em rezar, & pello menos fazem iſto pellas menhans por eſpaço de duas horas, & de tarde outro tanto. Cantaõ a noſſo modo ſuavemente, como canto chaõ entre nòs.

6 O pay, que tem dous filhos, faz a hum deſta profiſſaõ dos Lamâs. O proprio Rey tem tambem hum irmaõ Lamâ, com naõ ter outro. Parece gente mui manſa, & athe nos ſeculares rara vez ſe ouve palavra mal ſoante. Tem caſas de oraçaõ, como as noſſas Igrejas, mas mui limpas, & pintadas pellos tectos, & paredes; & com ſerem ſuas peſſoas, & veſtidos pouco limpos geralmente, no que toca às Igrejas as tem ſobre maneira limpas. As imagens ſaõ de ouro, & huma, que vimos em Chaparague, eſtava aſſentada com as maõs levantadas, reprezentava huma molher, que elles dizem ſer a May de Deos; & aſſim reconhecem o miſterio da Encarnaçaõ, dizendo que o filho de Deos ſe fez homem.

7 Tem mais o miſterio da Sanctiſſima Trindade mui diſtincto, & dizem, que Deos he Trino, & Uno. Uzaõ de confiſſaõ, mas em certos cazos, sòmente com o ſeu Lamâ maior. Tem vazos de agoa benta mui limpa, da qual levaõ os particulares pera ſua caza. Uzaõ de certos lavatorios, que parece reprezentaõ o ſagrado bautiſmo. Tem a lei dos Mouros por mui abominavel, & zombaõ muito da dos gentios. Quando hiamos paſſando o dezerto, chegamos a certo lugar, em que eſtava hum Pagode, ao qual coſtumavaõ os gentios ſacrificar, ſempre que paſſavaõ, alguns carneiros, & fazer muitas ceremonias, como fizeraõ eſta vez, que paſſamos.

8 Fingem ſempre entre outras muitas couſas, q̃ ſempre neſtes actos entra o Demonio num delles, que lhes faz fazer muitas couſas extraordinarias; eſta vez entrou em hum, que tomando huma eſpada nas maõs, como louco dava golpes em ſi, & arremetia, a quem achava. Depois ſe foi carregar de pedras, dizendo, que o diabo lhe fazia obrar ſemelhantes couſas. Dava grandes gritos deitando eſcumas pella boca. Eſtiveraõ prezentes, a eſte acto os dous homens, que o Rey de Tibet nos havia enviado, & fizeraõ grande zombaria das ceremonias dos gentios, dizendo muitas vezes, que nellas moſtravaõ, qual era a ſua lei.

9 Porem os meſmos Tibetezes tem algumas couſas, q̃ pare-

parecem bem fora de propoſito,& mui ſemelhantes a eſtas dos gentios, como he a ſeguinte. Todos os mezes ſe ajuntaõ os Lamâs o primeiro dia, & depois de eſtar a maior parte do dia cantando ao ſom dos ſeus inſtrumentos,ordenaõ huma prociſſaõ, em que levaõ humas bandeiras, tambores, & trombetas, & aſſim ordenados cantando ao ſom dos ſeus inſtrumentos ſahem fora da Cidade, indo no meyo deſta prociſſaõ tres figuras horrendas de diabos.

10 O fim deſta prociſſaõ, conforme dizem, he hir botar fora o diabo, & as demais fantaſmas, como quem faz exorciſmos, pera que naquelle mez nenhum mal façaõ à Cidade,pera eſte effeito levaõ aquellas figuras. Depois feitas algumas ceremonias voltaõ a ſuas caſas mui contentes, & ſeguros,de que naquelle mez naõ ſuccederà couſa de diſgraça.

11 Da meſma ſeita, que ſegue a gente deſte Reyno,& da meſma lingua ſaõ outros muitos Reynos, que ſe ſeguem adiante, que confinaõ com a China. Eſtando nòs prezentes vieraõ a eſta Cidade mais de duzentos homens mercadores com varias couſas da China, que elles dizem, compraraõ nas ſuas terras aos Chinas, & as trazem a vender, & vem eſtas cafilas todos os annos. As fazendas mais ordinarias ſaõ algumas ſedas groſſas, muitas porcelanas, & Châ, de que ha grande uſo em Tibet, & por iſſo he cariſſimo, & outras ſemelhantes.

12 Pello qual ſendo eſta a Cidade, & gente das terras de Tibet, & taõ eſtendidos os Reynos, bem ſe deixa ver, quam grande porta nos abre o Senhor pera a promulgaçaõ do Evangelho. E como voſſa Reverencia,& os mais Padres amantiſſimos deſta India tem tanto os olhos,& os coraçoens nas miſſoẽs, como vemos naquellas, que lâ prometem menos fruto, como Maſalagar, Saõ Lourenço, os rios de Cuama, & outras muitas no Sul, onde os Padres naõ ſaõ bem recebidos, antes expellidos, cõ tudo iſſo inſtaõ huma, & outra vez, por tornar a paſſar, paſſando mil difficuldades por ganhar almas pera o Ceo; claro fica o muito cabedal, que voſſa Reverencia meterâ em miſſaõ, q̃ tanto de ſi promette; & naõ duvido do favor de Deos por meyo das oraçoens de voſſa Reverencia, nas quais, & em ſua ſancta bençaõ de voſſa Reverencia muito me encomẽdo. Agra oito de Novembro de mil ſeiscentos, & vinte qua-

quatro. Antonio de Andrade.

13 Eſta he a carta, que eſte bemdito Padre eſcreveo a ſeu Superior do deſcobrimento deſte reyno, na qual empreza tanto padeceo, & ſò hum eſpirito taõ fortalecido da graça de Deos, como o ſeu podia atturar taõ immenſos trabalhos, que mais parecem fingidos, do que paſſados em realidade: mas como a Deos todas as couſas ſaõ poſſiveis, o ſaõ tambem a ſeus ſervos, que obraõ sò confiados no meſmo Senhor aquem ſervem.

CAPITULO XXXIX.

Como o Padre Andrade voltou a Tibet, & como foi bem recebido do Rey.

1 COnforme a palavra, que ao Rey dera o Padre Antonio de Andrade de voltar a Tibet, o fez no anno ſeguinte. Como paſſou na jornada, & como foi de novo recebido, dis aſſim o Padre em huma ſua carta: Partimos de Agra pera eſte Reyno de Tibet aos dezaſete de Junho, & tomamos pello mais breve caminho, que hâ, de ſorte, que quando ja veyo dia de Sancto Agoſtinho, vinte, & oito de Agoſto, entramos na primeira cidade do Tibet, naõ paſſando a viagem de dous mezes, & meyo. Naõ faltaraõ algumas moleſtias, que ſofremos, & melhor, que pudemos, que em caminhos cõpridos ſempre ha deſcontos. O principal foi em Siranagar, onde nos tomaraõ a melhor parte do pobre fato, que traziamos, ſem embargo de me ter provido em Laor de hum formaõ del-Rey pera eſte Rajâ de Siranagar, & de buma carta de Navabo Aſſafean pera o meſmo, que nos a proveitaraõ pouco.

2 E tudo iſto naceo de mexericos falſos de Baneanes, que diſſeraõ, que como eramos Portuguezes, traziamos cõ noſco peças de grande valor. E como eſte Rajâ he moço, & governado por outro moço ſeu colaço, & o que peor he, anda ſempre deſgovernado pello muito vinho, que continuamente bebe; & aſſim naõ he muito de eſpantar, q̃ ſe façaõ em ſuas terras deſordens, & injuſtiças ſemelhantes, & ainda ha de vir a dar ſedo em algum fim mui dezeſtrado.

3 El-

3 El-Rey Jabangir, a quem elle paga hum groſſo tributo, & he como vaſſallo ſeu, o deve ſentir muito, quando o vier a ſaber. E lho eſtranharâ mui pezadamente. Chegados ao principio do dezerto, que neſte tempo he mais bem aſſombrado de todo o anno, me ſobrevieraõ encontinente humas cezoens dobres, & bem rijas, mas por naõ perder tempo com ellas, me puz ao caminho, & quis Noſſo Senhor; que no quarto dia paraſſem; & aſſim cobrei em breve forças, com que melhor, que outros atraveſſei o dezerto a pé, & athe agora me cõtinuaõ eſtas forças, & ſaude por merce, & graça de Deos.

4 Tanto, que o Rey teve novas, de como jâ nos vinhamos chegando, cõ muita alegria, & alvoroço nos mandou logo dar as boas vindas, & que nos foſſem tomar ao caminho, o mais lõge, que nos pudeſſem encõtrar, que foraõ ſó quatro jornadas, com tres cavallos, & hum delles de ſingular andadura, & dous homens pera nos ſervirem: eſtes nos offereceraõ varios zaugates do Rey, Rainha, & Principe, a modo da terra, em que entrava huma capa ſua, ou pano grande de lam muito fina, bordado de tafetâ, pera eu o veſtir logo, onde quer que me encõtraſſem, em ſinal do muito amor, que me tinha. Apos eſtes veyo muita gẽte, pera nos acarretar o fato, trazendo juntamente cõſigo muitos carneiros, arroz, manteiga, & leite; & ordem, pera nas aldeas ſe nos dar abundantemente tudo o neceſſario.

5 Tanto, que chegamos a cidade, paſſados quatro dias, mandou que o noſſo fato naõ entraſſe na Alfandega, nem ſe viſſe, nem buliſſe, nem pagaſſe algum direito por nenhum modo, couſa nunca jâ mais viſta neſta terra; porque todo o fato ſe ve, & ſe repreza por muitos dias, & depois paga ſeus direitos, de dez hum ſem excepſaõ alguma.

6 As cazas, que pera nos eſtavaõ aparelhadas, eraõ pequenas, & entendendo, que naõ eſcuſavamos outras mayores (de que eu ja tinha noticias, nos mandou dizer, que ſe queriamos outras cazas mayores, alli eſtavaõ aquellas preſtes, & aparelhadas pera nos: porem como no inverno paſſado avia arruinado boa parte dellas, as mandaria logo refazer, & juntamente concertar, pera nellas vivermos muito a noſſa vontade, naõ obſtante ficarem longe do paſ-

ſo, & ſer de muito ſeu goſto, ternos mais perto, pera vir mui frequentemente a noſſa caza.

7 Em fim pera melhor ſe acomodar a ſi, & a nos, mãdou deſpejar as cazas do Principe, que eſtaõ cõtiguas às ſuas, & nellas ficamos muito bem agazalhados, com ordem dada por el-Rey a dous homens de nos proverem de tudo o neceſſario.

8 Chegando nos à feſta feira, no ſabbado o fomos vizitar, & nos recebeo cõ grande benevolencia, & moſtras de amor, dizendo, que ja eſtava triſte, por lhe dizerem, que eſte anno naõ aviamos de vir, & nos deu muito larga conta, como eſtava de caminho pera huma guerra de muito grande riſco, pedindonos, que o encomendaſemos mui grandemente a noſſo Senhor. Ao outro dia, em que ſe partia, nos mandou chamar, & depois de larga pratica, ſe poz, de joelhos, pera eu lhe rezar o ſancto Evangelho, tendo elle o miſſal ſobre a cabeça, & beijando-o cõ mui grande reverencia, & devaçaõ.

9 Levava ao peſcoſſo huma fermoſa cruz, & nomina, que lhe eu tinha dado a primeira ves, & me diſſe, que por muitas vezes uſara do cilicio, & diſciplina, que lhe deixara. Pedionos, que pello menos hum dia, & outro naõ, fõſſemos fallar com a Rainha, porque depois de Deos nos tinha no primeiro lugar, & em cõta de pays, & que voltãdo, que eſperava ſer muito em breve, ſe applicaria a ſaber, o que lhe era neceſſario pera ſua ſalvaçaõ. Fomolo a cõpanhando juntamente cõ a Rainha athe ſahir da cidade, & eſtando ja pera ſe por a cavallo, ſe deſpedio ultimamente de nos com a cortezia, que a nenhuma outra peſſoa, das q̃ eſtavaõ prezentes, fez, ſendo muitos delles caſmerins, & outra gente foraſteira.

10 Offerecime, pera o acõpanhar neſta jornada, reſpõdeome, cõ agradecimento, que me naõ queria dar mais trabalho, por eſtarmos canſados, que por hora naõ eſperava mais de nos, que encomendarmolo a Deos. Alguns dos ſoldados principais vieraõ a noſſa caza, a nos pedir cõ muita inſtancia cruzes, as quais poſtas ſobre as toucas lhe pareciaõ mui bem, & ainda melhor a muita devaçaõ, com que as elles recebiaõ, & veneravaõ, & as traziaõ cõtinuamente. Athe aqui a carta do Padre Andrade.

11 Naõ ſe deteve o Rey neſta guerra mais, que mes; & me-

& meyo. Logo, que voltou à corte tratou mui de veras, de ſe inteirar nas couſas de noſſa ſancta fé. Mas como o Padre, & ſeus companheiros naõ eſtavaõ ainda com grande cabedal de lingoa, pera ſe poderem explicar, & inſtruilo, como queriaõ, o foraõ detendo, athe ſe adeſtrarem na lingoa. Forão tambem tomando noticias mais meudas deſtas gentes, & da ſua lei, & ſciencia dos ſeus Lamâs, ou Eccleſiaſticos, que foraõ achando ſer mui ignorantes, & que pera crer as ſuas couſas, naõ tinhaõ outra rezaõ, ſe naõ ſer uſo.

CAPITULO XXXX.

De algumas outras particularidades de Tibet, & couſas dos ſeus Eccleſiaſticos.

1 O Tibet, ou Reyno do Potente, que com ambos eſtes nomes ſe chama, cõprehende muitos Reynos, cõvem a ſaber o de Coquî, que he eſte, em que o Padre eſtava, Ladacâ, Mari, Rudor, Utſang, cõ outros dous, que lhe ficaõ pera o Oriente, depois fica o grande Reyno de Sopô, que por huma parte cõfina cõ a China, & por outra cõ Moſcovia, & todos elles conſtituem a grande Tartaria. O que chamaõ Catayo, naõ he Reyno particular, ſenaõ huma cidade grande por nomo Catay cabeça de huma Provincia mui perto da China.

2 Em todos eſtes Reynos corre a meſma ſeita, & lingua Tybetenſe cõ pouca diferença. Naõ ſe tem eſtas naçoens por gentios: mais parece Chriſtandade apagada, que outra couſa; pois ha nelles muitos coſtumes, que bem denotaõ, ouve alli em algum tempo uſo, & conhecimento da lei de Chriſto, ainda, que por falta de Meſtres, & com os tempos eſtas couſas foraõ tomando os eſtilos, em que as acharaõ os Padres.

3 Dos ſeus Eccleſiaſticos, a que chamaõ Lamâs, como fica dito, ha dez, ou doze ſortes, que em algumas couſas ſaõ diverſos, ainda, que na lei todos concordaõ. O traje he huma ſotana comprida, & vermelha ſem mangas, porque os braços andaõ nus, cingem outro pano vermelho, alem diſto huma capa tres varas comprida, & huma

de largo, eſta ou vermelha, ou amarela. Os Lamâs mais autorizados trazem huns barretes a modo de mitras, mas fechados, os outros hum capello, que ſó lhes cobre a cabeça, & peſcoço. No hõbro trazem hum pano liſtrado, que dizem ſer o veſtido do filho de Deos; & na cinta hũ fraſquinho cõ agoa, pera enxauguarem a boca, quando bebẽ o ſeu châ, & deſcalçaõ as botas, dizendo, que com iſto ſe ſalvaõ.

4 Tem ſeus jejuns, noque chamaõ jejum ordinario; almoçaõ duas vezes pella menhãa, comem carne ao meyo dia, & dalli athe a noyte comem quantas vezes querem, excepto carne, porque eſta sô he nõ dia huma ves, nem o tal jejum conſiſte em outra couſa. Dos noſſos jejuns ſe maravilhavaõ muito, & tinhaõ rezaõ, pois alli naõ ha peixe, nem ovos, nem legumes, & ſomente o paſſavaõ os Padres com bredos, & nabos ſecos; porquanto por rezaõ das neves ſó quatro mezes hâ neſta terra hervas verdes. El-Rey, & a Rainha rogaraõ muito ao Padre Andrade, naõ jejuaſſe a quareſma, porque adoeceria, naõ veyo o Padre em tal couſa, & Deos lhe deu ſaude muito melhor, que nos outros tempos a tinha.

5 Quando os Lamâs rezaõ, tocaõ ſuas trombetas humas de metal, outras das canas dos braços, & pernas dos mortos. Uſaõ de contas feitas dos meſmos oſſos. Perguntou o Padre ao Lamâ irmaõ do Rey, que rezaõ avia pera eſte coſtume. Reſpondeo, ſer, pera que agente, que ouvia o ſom deſtas trombetas, ſe lembraſſe, do que em breve avia de ſer: & pera, que ſe lembraſſem da morte, uſavaõ das contas feitas de oſſos, & bebiaõ pellas caveiras dos defũctos: que iſto lhes ſervia, pera goſtarem pouco das temporalidades deſta vida.

6 Em certas occaſioens fazem os Lamâs ſuas dãças ao ſom de foalhas, & campainhas trazendo coroas na cabeſſa, tudo com modeſtia, & a compaſſo. Significou o Padre ao Lamâ irmaõ del-Rey, que ſe eſpantava de os Lamâs dançarem, porque os noſſos Eccleſiaſticos por nenhum cazo tal faziaõ. Reſpondeo, que aquelle exercicio de feſta ſó o faziaõ os Lamâs mancebos, os quais naquella acçaõ com as coroas na cabeça reprezentavaõ os Anjos, que os Chriſtaõs tambem pintavaõ cantando, & dançando, como elle o vira em hum painel de Chriſto, que os Padres lhe tinhaõ moſtrado.

7 Aos

Digitized by Google

7 Aos Anjos chamaõ Lâs, a huns delles pintaõ mui fermoſos, pera ſignificarem ſua gloria, a outros com figuras horriveis, pera ſignificarem, que eſtaõ pelejando contra os demonios. Dizem ſer ſem numero, & os reduzem a nove ordens. Hum vio o Padre eſtar pintado com eſpada nua, & o demonio debaixo dos pés, ſe tivera azas, & balança, diſſeraõ, ſer Saõ Miguel, & parece aſſim o era, porque lhe diſſeraõ, que eſte Lâ era o principal de todos os Lâs, & que diante de Deos intercedia pella ſalvaçaõ dos homens.

8 No principio de cada mes poem muitas bandeiras em huma caza, que eſta no alto de hum monte dedicada ao Anjo padroeiro, & a cercaõ de armas diverſas, como eſpadas, morrioens, eſcudos, & outras; tocando trombetas, queimando muitos prefumes, & dizem, fazer iſto para, q̃ o Anjo lhes de victoria contra ſeus inimigos.

9 Tambem entre anno benzem agoa, & vaõ os Lamâs lançandoa pellas cazas, dizendo, que com ella lançaõ os demonios fora. Muitas vezes fizeraõ elles eſta diligencia, pera os lançarem de humas cazas, que foraõ do pay deſte Rey, mas nunca puderaõ. Ouve occaſiaõ, em que o Rey as quis dar ao Padre, pera nellas morar, mas naõ ſe atreveo por nellas fazerem os demonios notaveis deſenquietaçoens; ſabendo iſto o Padre, as aceitou, & depois, que com ſeus companheiros nellas morou, nunca mais os demonios alli fizeraõ as coſtumadas perturbaçoens. Entaõ el-Rey diſſe aos ſeus Lamâs, naõ ſei, que agoa benta he eſta voſſa, de que tantas virtudes prégais, pois nunca pode lançar fora das cazas de meu pay aos demonios, que os Padres em nellas entrando puzeraõ pella porta fora, bem cuido eu, que a voſſa agoa, & a que corre pello rio ambas tem a meſma virtude.

10 No principio do anno trazem os lavradores muitas vacas, carneiros, & cavallos pretos à cidade, a que os Lamâs fazem muitas ceremonias, rezando, & incenſando; a rezaõ, que daõ, hé; que os demonios goſtaõ muito de ſe meter naquelles animais negros, & que por tal naõ fazerẽ, elles faziaõ aquellas ceremonias. No enterrar os defunctos tem diverſos modos ſegundo ſaõ as peſſoas. O modo mais honroſo he levarem os Lamâs o cadaver a algum lugar diſtante, & alli deitarẽno a certas aves como grous,

que

que nelles ſe ſuſtentaõ. Tambem a outros enterraõ; mas eſtes modos de ſepultar ſó fazem, aos que viveraõ bem; que aos eſcandaloſos fazem em poſtas, & lançaõ aos caens, pera caſtigo da ſua mâ vida.

11 Tem os Lamâs por ſinal evidente da ſalvaçaõ, ſe algum quando morre, fica aſſentado, & direito ſem cahir; o que entre elles naõ he difficultoſo, por razaõ da poſtura, que guardaõ nas infermidades: porque o colchaõ tem ſó de comprido tres palmos, outros tres de largo, & dous athe tres dedos de alto. Por tanto nelle ſó podem caber aſſentados, & encolhidos; iſto uſam ainda ſaons; por tanto naõ he couſa extraordinaria ficarem aſſentados, quando morrem. Tambem condus pera os corpos ficarem entezados o muito frio, que ha naquella terra, em eſpecial por eſpaço de ſete mezes: nos quais os Padres naõ podiaõ dizer Miſſa, ſe naõ aquentando o vinho. No principio de Novembro mataõ toda a carne de vaca, & carneiro, que haõ de comer nos ſete mezes, pella naõ comerem magra, por ſe attenuarem entaõ muito os gados. O que mais admira, he, que toda eſta carne ſe conſerva freſca, & incorrupta, ſem ſal, nem fumo, ou algum outro artificio, & induſtria. Tudo ſupre o frio, & as ſuas calidades. Poriſſo naõ he de eſtranhar, que os cadaveres fiquem interiſſados, na forma, que elles tem por indicio de ſalvaçaõ.

CAPITULO XXXXI.

Da muita ignorancia, que o Padre Antonio de Andrade achou nos Lamâs.

1 OS Lamâs ſaõ os ſabios deſta gente, & nelles hâ grandes ignorancias, que o Padre em todas as occaſioens nelles deſcobrio, & achou; diſputando com elle naõ ſabiaõ dar rezaõ, do que diziaõ; como ſe deixa ver de alguãs das perguntas, que lhes fez. Perguntoulhes, que couſa era Deos? Reſponderaõ: ſer trino, & uno. Diziaõ, que a primeira peſſoa ſe chamava *Lamâ Conjoê*; & a ſegunda *Cho Conjoê*, que quer dizer livro grande. A terceira *Sanguiâ Conjoê*, que quer dizer, ver, & amar na gloria. Perguntou o Padre, ſe a ſegunda peſſoa, que chamavaõ livro

vro

vro de Deos, era o meſmo livro, por onde elles liaõ, & traziaõ nas mãos; reſponderaõ, que ſim. Inſtou o Padre; como pode ſer Deos o livro, que hum homem eſcreveo, & que deitado no fogo, ſequeima, & lançado na agoa ſe desfaz? Aqui ficaraõ paſmados, olhando huns pera os outros, ſem ter, que dizer.

2 Entaõ o Padre lhes declarou com os ſeus nomes o myſterio da Sanctiſſima Trindade. Vindoſe a tratar da ſalvaçaõ, & cõdenaçaõ, diſſeraõ, que dos homens, os que eraõ bons, & naõ tinhaõ peccados, em morrendo hiaõ logo ao Ceo. Que os maos eraõ lançados no Inferno. Que aquelles, que nem eraõ taõ bons, como os primeiros; nem taõ maõs, como os ſegundos, tornavaõ a entrar em corpos de animais; deſtes os peyores entravaõ em animais ferozes, ou baixos como tigres, cobras, ratos, & ſemelhantes. Mas os que deſtes naõ eraõ taõ maos, entravaõ em corpos de animais generoſos, & de homens, ſegundo o eſtado, que antes tiveraõ. Os Reys em corpos de Reys, os Lamâs em corpos de Lamâs, os pobres em corpos de pobres, os ricos em corpos de ricos; como contas, que infiadas em hum cordaõ vaõ ſempre ſuccedendo humas às outras, ſendo ſempre as meſmas, que ſe tornaõ a paſſar. Por iſſo naõ crem, que Deos crie almas de novo, ſe naõ, que logo as criou todas, depois as vai paſſando de huns a outros corpos.

3 Perguntou o Padre, ſe as almas, que hiaõ ao Inferno, tornavaõ aos corpos, & ſe as que andavaõ revezandoſe nos corpos, algum dia hiaõ ao Inferno? Reſponderaõ, que as almas, que hiaõ ao Inferno, ſó voltavão a eſta vida depois de muitas centenas de annos, & que vinhaõ a peccar: & que as outras ſe revezayão muitas vezes, pera fazer peccados, & depois ir ao Inferno. Inſtoulhes o Padre: como podia ſer, que Deos tiraſſe as almas do Inferno, ſó pera peccarem, & que as conſervaſſe, & mudaſſe de huns pera outros corpos ſó pera o meſmo fim? Que iſto era fazer a Deos Autor do peccado, ſendo elle a meſma bondade. Ouvindo eſte argumento, confeſſaraõ, que lhe naõ ſabiaõ repoſta.

4 Tambem os apertou mais o Padre, dizendo, que como podia ſer, que as almas peccaſſem nos corpos dos animais, ſem eſſes animais peccarem, pois naõ tinhão entendimento,

dimento, pera fazer differença entre o bem, & o mal? Vendo hum ſeu grande letrado, que avia pouco chegara da Univerſidade de Utſang, a força, que tinhaõ as rezoens do Padre, tomou a maõ, & reſpondeo muito em ſeu ſer: Que os animais tinhaõ entendimento, & peccavaõ em ſuas acçoens, como o Tigre peccava em matar o carneiro, & & o gato ao rato, & o moſquito quando mordia. Com eſta repoſta ficou mui pago de ſi. Tudo lhe desfez o Padre, moſtrandolhe claramente, que o entendimento naõ podia eſtar com as acçoens, & operaçoens irracionais, quais ſaõ as dos brutos.

5 Perguntoulhe mais: ſe os que agora viviamos, tinhamos jâ outras vezes nacido neſte mundo? Reſpondeo, que ſim. Replicou o Padre: que como aſſim podia ſer, pois nenhum dos prezentes ſe lembrava, do que com elle tinha paſſado nos outros corpos, nem avia homem algum, que tal lembrança tiveſſe? Aqui naõ teve, que reſponder. Entaõ o Padre lhe deſcobrio a falſidade deſta opiniaõ, & como Deos criava as almas de novo.

6 Coſtumaõ aſſim ſeculares, como Lamâs pronunciar a meude eſtas palavras *Ommàni patmeonri*, dizendo, q̃ ellas baſtaõ pera perdoar todos os peccados. Perguntou o Padre, que ſignificavão? Nenhum ſoube dar repoſta. Entaõ lhes enſinou, como ſó por boas obras, & naõ por palavras, nos ſalvavamos. E pois elles diziaõ, ſervirem as taes palavras pera ſe perdoarem peccados, as interpretou, dizendo, ſer ſua ſignificaſſaõ: Senhor, perdoaime meus peccados; que pois elles lhe naõ davaõ outra, tiveſſem dalli por diante eſta. Entaõ diſſe o Lamâ irmaõ del-Rey; Aſſim he, iſſo ſignificaõ eſtas palavras.

7 Corre a medicina por conta dos Lamâs, & todos os Medicos ſaõ deſta profiſſaõ. Logo, que vizitão o doente, fazem não ſei, que guizado em pequena quantidade de farinha, & manteiga, que offerecem ao diabo, pera com iſto lhe fazerem a boca doce; porque dizem, aver diabos, que tem por officio fazer adoecer a gente. Eſtando el-Rey doente, ſe achou alli o Padre a tempo, que entrou o Medico, deu logo ordem a fazer o guizado de farinha, & mãteiga, pera adoçar a boca ao diabo. O Padre lhe foi à maõ, & eſtranhou; & lhe diſſe; como podia ſer, que o diabo comeſſe, ſendo eſpirito como aſſim era, & elles o diziaõ,

naõ

Naõ soube o Lamâ que responder; & el-Rey satisfeito da rezaõ do Padre tal cousa naõ consentio.

8 He grande o medo, que a gente tem do Demonio; dizendo, que lhe mata os filhos. Pera evitar este mal, lhe daõ os Lamâs por remedio, que em nacendo os meninos, ponhaõ nomes de cousas bayxas, como de ratos, caens, gatos, & ferreiros, que entre elles he gente mui vil; dizendo, que tendo tais nomes, tem delles nojo o Demonio, & os deixa. Este nescoiro lhes desfez o Padre, mostrando, que nada mõtava a baixeza do nome, pera impedir o mal, que os Demonios queriaõ fazer às crianças. Que bem se via naõ ser isto remedio, pera viverẽ, pois com seus olhos viaõ cada dia morrer muitos dos meninos, que tinhaõ tais nomes. Com as rezoens do Padre confessaraõ sua ignorancia, dizendo, que por falta de doutrina cahiaõ nestes, & outros absurdos.

9 Tem os Lamâs muito uso da arte judiciaria, succedeo andar em campo o exercito del-Rey em terras distantes, quis saber, o que nelle passava, mandou consultar hum Lamâ: fez este suas figuras, & veyo com o rosto cheo de prazer a el-Rey, dizendo, que o seu exercito tinha desbaratado ao inimigo, & se vinha recolhendo carregado de prezas, & despojos. Achouse prezente o Padre, refutou com boas rezoens as mentiras da arte judiciaria, & cõ outras mostrou, como a tal nova, se era certa, sò por feitiçaria se podia saber. He naquelle reyno mui abominavel a feitiçaria. Naõ tardou muito, que naõ chegasse hum proprio a el-Rey com novas do exercito: eraõ ellas, que o exercito athe aquelle tẽpo naõ tinha batalhado com o inimigo, antes por se achar mui diminuto de gente, se andava delle desviando. Apanhando el-Rey com esta clareza a mentira do Lamâ, lhe deu huma aspera reprehençaõ, dizendo, que andavaõ com mentiras enganando o povo, que tudo eraõ traças de comer.

CAPITULO XXXXII.

Como os Lamâs intentaraõ desafeiçoar ao Rey, & como seus intentos se frustraraõ.

1 DE tudo o sobreditto se deixa bem ver, que os Lamâs naõ podiaõ deixar de se hir desgostando do

Padre, pois viaõ que a ſua autoridade padecia detrimento, & q̃ a do Padre podia cõ el-Rey mais, do que elles querião. Por tanto trataraõ de diminuir diante del-Rey eſta eſtimaçaõ, aproveitandoſe de todos os meyos, q̃ o podiaõ eſfriar. O primeiro medo, que lhe fizeraõ, foi, que ſe expunha a perigo de perder o Reyno; porque como os Lamâs eraõ muitos, & poderoſos, poderiaõ deixar a el-Rey, & fazer com o povo, que o deixaſſe. Iſto lhe repreſentaraõ dous Lamâs hum ſeu tio, outro ſeu irmaõ. Acrecentando, que era deſdouro da peſſoa Real, deixar ſua ley, & ſeus antigos Meſtres pellos dittos de hum eſtrangeiro, que taõ pouco havia, que viera a ſeu Reyno. Zombou el-Rey da propoſta, dizendo, que ſe elle abraçaſſe a verdadeira ley, naõ havia, porque temer aos homens, que o meſmo Senhor o defenderia.

2 Vendo que aſſim declinava eſta, que tinhaõ por lãça mui forte, o perſuadiraõ, que com pretexto de tomar maduro conſelho, ſe retiraſſe por alguns dias, & entregaſſe à liçaõ dos ſeus livros, & aſſim veria, ſe lhe eſtava melhor a ley antiga, ou abraçar eſta de novo. Aſſim o fez: por dous mezes eſteve na caſa do Lamâ ſeu Irmaõ, ſem hir ao paço mais que duas vezes, & de nenhuma nelle dormio. Entendendo o Padre a tençaõ dos Lamâs, fiado na benevolencia del-Rey, & mais em Deos, de quem era a cauſa, por vezes o foi alli viſitar, & teve occaſiaõ de diſputar ſobre ſeus livros com os Lamâs, & deſcobrir a pouca firmeza das couſas nelles eſcritas. Com eſtas diſputas o Rey ſe penetrou mais da verdade, & alcançou, quam pouco, ou nenhum fundamento tinha a doutrina dos ſeus livros.

3 Vendo os Lamâs, que tambem eſta traça fora de nenhum effeito, deraõ em outra, que foi de todas a mais formidavel; & com que encheraõ ao Rey, Rainha, & Padres de aſſombro; & ſe Deos naõ dera ſahida a tal enredo, elle a naõ teria. Era a Rainha mui affeiçoada a noſſa ſancta ley, el-Rey lhe tinha ſingular amor, por ella ſer Senhora, que todo lho merecia. Diſſeraõ pois os Lamâs a el-Rey, que viſto naõ ter filhos da Rainha, & conforme a ley dos Chriſtaõs naõ podia ter mais, que huma sò molher, convinha deixar eſta, & tomar outra, de que pudeſſe ter filhos, pois niſſo eſtava a conſervaſſaõ do Reyno, & amor dos vaſſallos.

4 Pene-

Digitized by Google

4 Penetrouſe muito el-Rey deſta rezaõ, & comeſſou a dar moſtras de deſafeiçaõ à Rainha, & a ſua may, & Irmãa; & declarou à meſma Rainha, como determinava deixala, & que rezaõ o movia. Deu a Rainha conta ao Padre, do que paſſava. Os criados del-Rey, & Rainha tinhaõ entre ſi deſgoſtos por eſta cauſa. Neſte meyo tempo, ſuccedeo vir el-Rey a noſſa caſa. Fez a Deos oraſſaõ, & reverencia às Sanctas imagens, depois mandou aſſentar junto de ſi ao Padre, pera converſarem ſós.

5 Naõ perdeo o Padre taõ boa occaſiaõ, logo ſe metteo no ponto, dizendo a el-Rey; que ainda que ſua Alteza lhe naõ comunicara a cauſa deſuas triſtezas, nem das q̃ tinha a Rainha, pois em ambos eraõ os roſtos ſignificadores das deſenquietaçoens do animo, com tudo, que bem ſe entendia ſer a cauſa a reſoluçaõ, em que eſtava de deixar a Rainha. Pediolhe naõ fizeſſe tal couſa, pois como os filhos eraõ merce de Deos, aſſim como deſta os naõ tinha, tambem Deos lhos naõ daria da outra: de mais, que iſto ſeria cauſa de novas perturbaçoens, & inimigos em tempo, q̃ andava em guerra, & dar occaſiaõ a perder o Reyno. Que ſua Alteza era moço, & naõ havia, porque tomar tal reſoluçaõ, pois ninguem lhe teria igual amor ao da Rainha.

6 Ouvio tudo el-Rey, & reſpondeo: Bem vejo Padre, que me dizeis, o que he bem, & que zelais a conſervaçaõ das minhas couſas. Meu Irmaõ me metteo neſtes penſamentos, & vejo, que lhe nace de odio, que tem à Rainha: com ſer iſto aſſim, confeſſovos, que me deixei entrar muito de ſuas perſuaſoens; & ſe vos naõ comuniquei eſte negocio, foi, porque entendi, mo havieis de eſtranhar: mas empenhovos minha palavra, que nada farei neſte negocio, ſem primeiro vos fazer ſabedor. Daqui por diante ſe foraõ as couſas põdo de melhor feiçaõ, & el-Rey veyo a deixar ſeus intentos, & a cõtinuar no amor, que tinha antes á Rainha. Succedeo logo a morte de hum Lamâ tio del-Rey, que tambem mettia muito a maõ neſtes enredos.

CAPITULO XXXXIII.

Moſtras do amor, com que o Rey tratava ao Padre, & as cou-ſas de noſſa Sancta Fé.

1 FOi daqui em diante crecendo o reſpeito, q̃ el-Rey tinha ao Padre Antonio de Andrade. Daqui nacia, valeremſe delle ainda os maiores Senhores, pera terem bons deſpachos del-Rey. Eſtava prezo hum ladraõ das terras do Siranagar, intercedeo por elle o Padre, & elRey o mandou ſoltar; mas elle uſando mal deſte favor, ſegunda vez por novos furtos foi prezo; & do tronco fogio com dous companheiros, matando a outro, pellos naõ deſcobrir. Porem foraõ prezos todos tres, & juſtiçados. Ouve quem diãte del-Rey diſſe: ſe o Padre naõ intercedera, naõ ſe ſeguiriaõ tantas mortes. A iſto acodio el-Rey: O Padre fez officio de pay, que os voſſos Lamâs naõ fazem, a culpa foi do ladraõ, que ſe naõ aproveitou do bem, que ſe lhe fez.

2 Vindo hum dia o Padre de fora em companhia del-Rey, aquem fora receber ao caminho, havendoſe de agazalhar à noite em huma das tendas, que eſtavaõ armadas no campo, naõ conſentio el-Rey, que ficaſſe em outra, ſenaõ dentro na ſua: nem quis admittir as eſcuſas, que o Padre dava por reſpeito de outras peſſoas principais, a quem el-Rey naõ fez igual honra. Chegando el-Rey no ſeguinte dia à Cidade, o ſahio a receber o Principe ſeu filho, & a Rainha velha, & outra muita gente. Neſtas occaſioens he coſtume aſſentarſe o Rey, ficando a mais gente em pê. Aſſentado el-Rey em huma alcatifa, & o Principe à ſua maõ eſquerda, mandou ao Padre, que ſe aſſentaſſe à ſua maõ direita. Eſcuſouſe, dizendo, que como a Rainha eſtava em pé, não lhe ficava a elle bem aſſentarſe. A iſto acodio el-Rey: Aſſentaivos, que vòs ſois Padre, & pay noſſo, & ella naõ. Finalmente o Padre ſe ouve de aſſentar, porque nenhumas rezoens foraõ baſtantes, pera que el-Rey naõ perſiſtiſſe, no que mandava.

3 Aſſim Rey, como Rainha, Principe, & outras peſſoas mais illuſtres traziaõ de continuo cruzes ao peſcoſſo em

em final do amor, que tinhaõ a noſſa ſancta ley. Athe o Irmaõ do Rey, que por ſer Lamâ, encontrava noſſa ſancta fé, ſe foi moſtrando inclinado a ella. Dezejou ver ao Padre veſtido em ordem a dizer Miſſa, depois diſſe; em como o ſeu Lamâ maior, que aſſiſtia em Utſang coſtumava offerecer a Deos paõ, & vinho, em pouca cantidade; q̃ depois de elle comer do paõ, repartia delle com os Lamâs, & os borrifava com o vinho; & que trazia coroa aberta, como os Padres, porem maior.

4 Alem de outras couſas perguntou, a que fim batiamos nos peitos? Reſpondeo o Padre, que aſſim como elles em oçcaſiaõ de triſteza batiaõ com pedras nos peitos, aſſim os Chriſtaõs batiaõ nos peitos em ſinal de triſteza de ter offendido a Deos. Ouvindo eſta repoſta outro Lamâ principal, diſſe: Ah Padre, que boa rezaõ eſſa, nòs ferimos os peitos, pello ſentimento de perdas temporais, & nehum final damos de dor pellos peccados. O cazo he, que os Lamâs ſabem mui pouco das couſas de ſua ſalvaçaõ, & tudo ſe lhes vai em comer, & beber, dormir, & levar boa vida.

5 Vendo el-Rey, que a campainha, com que ſe dava final a levantar a Deos na Miſſa era pequena, mandou logo dar outra maior, dando por rezaõ, que a queria ouvir em ſua caſa, & de lâ adorar a Deos, ja que naõ podia, em quãto naõ era Chriſtaõ, aſſiſtir à Miſſa. A fora eſtes ſinais de affeiçaõ a noſſa ſancta fé, deu outros muitos em couſas ainda meudas, que naõ ha, porque deter em os referir.

6 O principal foi o calor, que deu à fabrica da Igreja. Foi elle em peſſoa com outra gente principal a caſa do Padre, & lhe diſſe, que era tẽpo de começar a Igreja, & caſas, onde os Padres haviaõ de morar. Logo ſe foraõ todos a hũ ſitio bom da Cidade. Alli mandou el-Rey cortar, & derrubar muitas caſas; o Padre o quis eſtorvar, por naõ ſer cauſa de diſgoſto a peſſoa viva. Entaõ diſſe el-Rey: que naõ tiveſſe cuidado, porque a todos aquelles moradores tinha mandado dar caſas melhores, que as ſuas, & que todos eſtavaõ contentes, & que ſe algum o naõ eſtiveſſe, eſſe era ja homem do Inferno, pois naõ largava pera Deos de boa vontade as ſuas caſas.

7 Pera a meſma fabrica mandou tomar parte do ſitio da Rainha velha, teve com ella o Padre ſeu comprimento, dizendo, naõ ſer vontade ſua, mas sò querer del-Rey. Reſpon-

pondeo naõ como gentia, mas como ſe fora mui devota Chriſtãa: Padre naõ vos dè iſſo pena, que eu goſto muito, & ſe todas as caſas forem neceſſarias pera a Sancta Igreja, de boa vontade as largarei, ainda que fique na rua, & ſempre eu fico de ganho por ter junto de mim taõ ſancta caſa. Mandou tambem el-Rey arrazar duas caſas ſuas pera terreiro; & pera ſe fazer jardim, que deſſe flores pera a Igreja.

8 Paſſando eſta reſoluçaõ no primeiro de Abril de 1625. logo no dia ſeguinte lhe quis Deos pagar eſta boa obra com duas novas alegres. A primeira, que o ſeu exercito tinha desbaratado a dous Regulos ſeus inimigos, com quem andava em guerra. A ſegunda, que o Rey de Siranagar ſeu grande contrario era morto; & com elle hum ſeu tio, que muito moleſtara aos Padres, quando paſſarão por aquelle reyno. Tudo el-Rey teve por eſpecial favor de Deos, & tudo lhe ſervia de eſtimulo pera mais adiantar a honra do meſmo Senhor, de cuja maõ taes merces recebia.

9 Nos onze do meſmo mez ſe arvorou no ſitio huma grande Cruz de madeira forrada de damaſco, tudo ſe fez ao ſom de atabales, & charamelas, grande concurſo, & feſta. Nos doze, que era entaõ dia de Paſcoa, ſe lançou a primeira pedra: eſta levava el-Rey nas maõs cõ ſua cruz dourada no meyo, lançouſe no lugar preparado, & debaixo della boa quantidade de ouro. A invocaçaõ, que ſe deu à Igreja foi a de Noſſa Senhora da Eſperança.

10 Naõ quis el-Rey, que os gaſtos da fabrica ſahiſſẽ de outra fazenda, ſenaõ da Real. Vinha muitas vezes a ver a obra, dava banquetes aos officiais, & trabalhadores, & sò os trabalhadores eraõ cento, & ſincoenta. Vendo elle, que haveria muitos vagares, ſe as madeiras ouveſſem de ſer trazidas de fora, mandou desfazer as caſas de ſeu pay, em que havia muitas, & boas madeiras, & com ellas acodio à obra.

11 Outra muita gente, vendo que niſſo davaõ goſto a ſeu Rey, concorreraõ pera eſta fabrica. A Rainha velha mandou grande cantidade de tejolo. Os Lamâs de certo templo fóra da Cidade tambem trouxeraõ muito, que elles fizeraõ por ſuas maõs, & per ſi meſmos acarretaraõ. Muita gente da terra mandava ſeus filhos trabalhar na obra, & athe os principais mandavaõ ſeus filhos tendo por

grande

Digitized by Google

grande honra ſervirem na caſa, que ſe fazia pera Deos. Vẽdo o Rey, que o cabeſſo de hum monte de algum modo ficava aſſombrando a Igreja, mandou vir mineiros, & gaſtadores, & o arrazou. A fabrica ſe acabou em breve tempo, como pedia taõ grande calor, qual ſe lhe deu, & ficou mui boa, & aſſeada.

12 Naõ foi menor ſignificaçaõ do affecto deſte Rey, dar elle meſmo modo, & traça, pera extinguir aos Lamâs. O primeiro, com quem entendeo, foi com ſeu Irmaõ, que era no ſeu reyno a cabeça, & columna dos mais, tiroulhe todas as rendas. O motivo que teve, foi haver recebido em hum dia cento, & trinta Lamâs de novo. Dizia o Rey, q̃ continuando aſſim, em poucos dias naõ teria gente pera ſoldados, & ſeu Irmaõ ſe lhe faria formidavel. Feito iſto cõm o Irmaõ, mandou pello reyno ſeus capitaens, pera q̃ tiraſſem os habitos a todos os Lamâs, & os fizeſſem ſeculares, & obrigaſſem a cazar. Aos que repugnaraõ, mãdou viver em humas montanhas, donde sò tinhaõ, que comer, o que pediaõ de eſmola: tiroulhes todas as izençoens, & privilegios. Com iſto ficaraõ muito quebrados. Tudo fazia o Rey, por tirar os maiores impedimentos, que tinha alli o Evangelho.

13 Dos Padres naõ queria receber nada, dizendo; ſer peccado, receber dos Miniſtros do Evangelho, & que era obrigaçaõ darlhes, quanto tinha. Dizia, q̃ primeiro queria, ſe bautizaſſe a Rainha com toda a ſua caſa, & depois o Principe ſeu filho. Ouve muitos bautiſmos da outra gente. Eſte Principe, como ſupponho, era filho de alguma ſegunda molher.

CAPITULO XXXXIV.

Como voltou à India, & ſe refere ſua morte, & prodigios cõ que Deos o illuſtrou.

1 EStando as couſas de Tibet neſtas alturas, conſiderando o Padre, que havendo operarios baſtantes, feria grande a colheita, por conſelho do meſmo Rey, voltou à India o Padre Antonio de Andrade, pera com ſua prezença dar calor a eſte negocio, & voltar com novos operari-

perarios, ou mandar eſtes, ſe por alguma cauſa elle naõ pudeſſe voltar a Tibet. Naõ foi neceſſario ſer elle o agente diante do Padre Provincial, porque neſte tempo foi nomeado Provincial da provincia de Goa. Por tanto elle meſmo mandou ſogeitos, que levaſſem adiante, o que elle por ſeu meyo tinha começado.

2 Tomando o cargo de Provincial; o fizeraõ deputado do Sancto Officio. Encomendouſelhe, fazer certa diligencia tocante a eſte Sancto Tribunal; nella ſe ouve com a inteireza, que de ſua virtude ſe eſperava, tentaraõno os criminoſos com peitas, & com outros modos, pera que ſe ouveſſe com menos rigor; mas nada lhes aproveitou. Ficaraõlhe com grande odio, & o conſervaraõ por annos, eſpreitando occaſiaõ de ſe vingarem a ſeu ſalvo.

3 Acabou de ſer Provincial, depois foi Reytor do Collegio, ſegunda vez tornou a ſer Reytor do meſmo Collegio; quando menos ſe cuidava, lhe tiraraõ a vida em odio da virtude, o que ſuccedeo deſta maneira. Tinhaõ os inimigos de Deos, & da verdade morto cõm veneno ao Sancto Inquiſidor Antonio de Vaſconcellos, que antes de morrer foi admittido na Companhia. Inquirioſe contra os Autores de taõ exorbitante maldade, ſendo o Padre Antonio de Andade o principal, a quem eſta diligencia ſe cometteo.

4 Entre outros, que foraõ comprehendidos, foi hum Joaõ Rodrigues natural de Lisboa, & alguns ſeus parentes. No acto, que ſe havia de fazer contra os inimigos de Deos, havia de ſer o prégador o Padre Antonio de Andrade. Naõ ſei, porque occaſiaõ entre os criados do Collegio aſſiſtia hum filho do ditto Joaõ Rodrigues. A eſte ſe encomendou o cuidado de dar veneno ao Padre.

5 Ouve ſoſpeitas, de que ſe traçava iſto, ainda, que ſenaõ ſabia, porque modo. Por eſta cauſa o Padre Chriſtovão de Atouguia Miniſtro do Collegio, todos os dias, depois que o Padre Reytor eſtava na meſa, lhe lançava agoa no jarro, fiando eſte cuidado sò de ſi, por não haver nelle deſcuido. O demais comer, como era pera todos o meſmo, & ſahia da cozinha ſem hir determinado, nem ſe fazia eſpecialmente pera o Padre Reytor, naõ era couſa ſogeita a perigo; ſalvo ouveſſe algum tal animo, que quizeſſe matar a todos os Religioſos.

6 Ainda

Digitized by Google

6 Ainda que o cuidado do Padre Miniſtro foi grãde, foi maior o do execrando homicida; deſcuidandoſe o Padre Miniſtro de lançar agoa nova ao Padre Reytor, o moço a tinha envenenado. Logo que a bebeo, ſentio nas entranhas o veneno, que os hâ na India activiſſimos. Com as dores agudas ſe levantou da meza, bebeo algum azeite, pera vomitar o veneno, & applicou outros remedios, mas todos foraõ de nenhum effeito. Tres dias antes de fazer o ſermaõ no Acto da fé, eſpirou em Goa aos 19 de Março de 1634.

7 Antes de morrer lhe apareceo a Senhora, & o recreou com ſuas ſuaviſſimas palavras. Succedeo depois de enterrarem o cadaver huma couſa eſtranha; puzeraõno em ſepultura à parte, & ſobre ella huma grande pedra, neſta ſe imprimio a figura do Padre; cuidouſe ſer exhalaçaõ do veneno, mas eſfregando a campa, acharaõ eſtar a figura penetrada com a pedra, o que todos entenderaõ ſer maravilha.

8 A eſta ſe ſeguiraõ outras: ſeis mezes avia, padecia cezoens o Padre Alberto Meſcinqui, que no Japaõ morreo por Chriſto, invocou com fé o patrocinio do Padre Antonio de Andrade, & ficou ſaõ. Naõ podia huma molher lançar a criança, que tinha atraveſſada, invocou ao Padre Andrade, & logo pario com felis ſucceſſo. Tinha certo homem hum inchaſſo no joelho, fez oraçaõ na ſepultura deſte ſervo de Deos, & logo ficou ſem o inchaſſo.

9 A vida deſte dittozo Padre recolhi aſſim do que delle diz o Padre Euſebio nos ſeus varoens illuſtres, como do Padre Mattias Taner nos Martyres da Companhia, & tambem das relaçoens, que imprimio das couſas de Tibet o Padre Manoel da Veiga da noſſa Companhia. Cada hum deſtes tres Autores tras couſas diverſas deſte Padre, as quais aqui ficaõ reduzidas a hum corpo. Delle tambem faz mençaõ o Padre Nadaſi no ſeu Annus dierum, onde diz, que duas vezes lhe aparecera a Senhora, huma junto à morte, como fica ditto, outra em certa occaſiaõ, que padecia dores crueis, & que a Senhora lhe diſſera: *Já filho naõ terâs mais dor*: E que logo ceſſou, a que o penetrava.

10 A miſſaõ de Tibet, que ſe extinguio por falta da comunicaçaõ, & caminhos totalmente impedidos, de prezente ſe trabalha em a reſtaurar, abriraõſe pera ella cami-

nhos, q̃ ſe tẽ ſeguros,& de rodeos menos difficultoſos com as cafilas de mercadores, que do Reyno do graõ Mogor paſſaõ ao de Tibet, & ſe eſpera ſeja mui glorioſa, chegando a ter effeito os diligenſias, que niſſo tem a noſſa Provincia de Goa; da qual muitos ſogeitos tem acabado neſta demanda, ſem ſe ſaber, que fim tiveraõ.

CAPITULO XXXXV.

Vida do Padre Joaõ Velaſco.

1 MUito trabalhou o Padre Joaõ Velaſco nas miſſoẽs de Ethiopia; deſſe muito direi o pouco, que delle acho eſcrito. Foi natural de Santander no Arcebiſpado de Burgos em Caſtella. Seus pays ſe chamaraõ Dom Sancho de Velaſco, & dona Maria Guterres: entrou na Companhia em o Noviciado de Campolide aos 25 de Abril de 1598, tendo dezanove annos de idade. Bem ſei, que o Padre Balthezar Telles diz, que entrara em Coimbra, mas os catalogos ſó o trazem em Lisboa. Por ventura foſſe aceito na Companhia em Coimbra, & que dalli vieſſe entrar em Lisboa.

2 Sempre foi homem de conhecida virtude. Por ſua grande devação, & piedade tendo ſó treze annos de Companhia o pertenderaõ fazer Meſtre dos Noviços em Coimbra, de que elle por ſua humildade ſe eſcuſou. Pertendeo as miſſoens do Oriente, pera ellas navegou em o annó de 1611 em Companhia de vinte, & hum Religioſos noſſos. Na India foi companheiro do Padre Vizitador Andre Palmeyro. Trabalhou muito na cidade de Malaca. Dalli paſſou a Macaçar; de caminho chegando a huma pequena ilha toda de gentios chamada Sabó, os tratou com tanta afabilidade, que a todos convérteo.

3 Depois voltou a Goa, pera negociar algumas couſas em bem da quella miſſaõ, porem naõ lhe foi poſſivel voltar a ella. Dezejou paſſar a Ethiopia. Viera ordem ao Padre Vizitador Andre Palmeyro de noſſo R. Padre Geral Mucio Vitelleſqui, que procuraſe meter Padres na Ethiopia, pois os pedia o Imperador Seltaõ Segued. Determinou envialos por diverſas partes, por ver ſe podiaõ

deſ-

deſcobrir alguma entrada na Ethiopia diverſa dos portos maritimos, que eſtavaõ preſidiados pellos Turcos.

4 Imaginavaſe, que por Melinde poderia aver caminho, por quanto a Ethiopia he como certaõ daquella coſta: porem entre Ethiopia, & a coſta de Melinde há tanta diſtancia povoada de naçoens taõ barbaras, & intractaveis, que o poder paſſar por ellas com vida, he couſa fallando humanamente impoſſivel. Eſte caminho coube ao Padre Jeronymo Lobo, & Joaõ Velaſco. Chegaraõ a Melinde, correraõ os portos da coſta, ſem acharem alguem, que deſſe noticia de tal caminho, ou que os pudeſſe guiar. Por tanto tendo padecido muito, voltaraõ â India, pera fazerem viagem pello caminho ordinario de Maçuâ.

5 Succedendo por eſte tempo a jornada do Patriarca Affonſo Mendez, em ſua Companhia foi tambem o Padre Joaõ Velaſco. Entraraõ na Ethiopia pello porto de Baylur, que era de hum Rey amigo do Imperador. Trinta dias, que andaraõ por terra depois de ſahir da navegaçaõ, andou ſempre o Padre Velaſco a pé ſendo as terras mui aſperas. Eraõ as cavalgaduras poucas, por iſſo os companheiros ſe revezavaõ, ſó o Padre Velaſco naõ admittio eſte allivio, poſto, que era fraco de forças corporais, mas tudo ſopriaõ as do eſpirito.

6 Da aſpereza do caminho de Baylur athe dancali diz aſſim o Patriarca em huma carta: *Aſſim nos fomos revezando, & a pê a maior parte do caminho, que quando naõ era por areas ſoltas, era por ſerras de minas de ferro, cujas pedras ſaõ como eſcoria, que ſe tira das fornalhas, com pontas taõ agudas, que em hum dia gaſtavaõ huns ſapatos, que como naõ eraõ tantos, foi neceſſario aos mais dos companheiros, lançar maõ das alparcas, que hiaõ pera os moços, das quais como naõ tinhaõ uſo, hiaõ com os pês feridos, & todos enſangoentados, ſeguindo o paſſo dos camellos os onze dias, que durou o caminho.*

7 *Neſte ouve alguns, que pera ſerem participantes da bemaventurança, que Izaias dâ aos pês dos miniſtros do Evãgelho, nem por breve eſpaço quizeraõ cavalgar, comendo pouco mais, que algum arroz, que levavamos, por naõ acharmos povoaçaõ, em que nos pudeſſemos prover de conduto; ſendo as calmas taõ exceſſivas, que nos derreteraõ a cera, & lacre, que levavamos dentro dos eſcritorios; naõ achando outra ſombra, q*

de eſpinheiros, que mais ſerviaõ de magoar, que de refreſcar, dormindo ſobre a terra dura, & bebendo agoa ſalobra, & de mai roim cheiro, & eſſa às vezes mui pouca. Athe aqui aquelle paragrafo da carta do Patriarca.

8 Logo vai continuando os mais ſucceſſos do caminho. Bem ſe ve deſte pouco o muito, que padeceria o Padre Velaſco, pois era hum dos que faziaõ o caminho a pé. Na Ethiopia trabalhou com grande eſpirito. Depois mudandoſe a prasperidade, com que alli algum tempo floreceo noſſa ſancta fé, foi deſterrado o Patriarca, & com elle os outros Miſſionarios, dos quais era hum o Padre Velaſco. Foi entregue com o Patriarca, & outros Padres aos Turcos de Maçuâ, & eſteve a ponto de ſer ſacrificado a Maſoma. Livre deſte perigo partio diante com alguns Padres pera a India. Padeceo rigoroſas infirmidades, em que moſtrou grande cabedal de paciencia. Na ultima doença cõſervou ſempre ſeu juizo athe o ultimo alento da vida, que acabou ſanctamente. Naõ achei, dia, mes, & anno de ſeu fallecimento. Delle trata o Padre Balthezar Telles na ſua Hiſtoria de Ethiopia.

FIM.

Digitized by Google

LIVRO TERCEIRO DA IMAGEM DA VIRTUDE EM O NOVICIADO DA COMPAnhia de JESU Em Lisboa.

EM QUE SE CONTEM AS VIDAS DE alguns servos de Deos, que com suas virtudes santificaraõ a caza do Monte Olivete.

CAPITULO I.

Vida do Veneravel Padre Joaõ Nunes Confessor da Rainha de Portugal Dona Luiza Maria de Guſmaõ. 15 *Em Lisboa 28. Dezembro de 1656.*

Daſſe huma ſumaria noticia dos empregos, em que gaſtou ſua vida.

1 OUVE na caza do Monte Olivete, excellentes Meſtres de eſpirito, cujas vidas eſcrevo em outro lugar, & neſte me pareceo ajuntar a vida de hum, que foi em tudo admiravel, eſte he o Padre Joaõ Nunes; naceo em Means lugar pequeno em o termo da villa de Montemor o velho no Biſpado de Coimbra: ſeu pay ſe chamou Antonio Fernandes Simbôga, & ſua may Maria Fernandes, eraõ da gente mais principal daquella terra: têdo idade competente, o mandaraõ eſtudar a Coimbra, ainda, que o pay ſe inclinava, a que Joaõ foſſe por outro ca-

caminho, & o queria occupar em as melhoras, & agriculturas de ſuas fazendas, com tudo vencco a propenſaõ da may, que era, ſe applicaſſe às letras. à eſtas ſe entregou cõ tanto cuidado, & diligencia, que ſendo eſtudante da quinta claſſe do noſſo patio de Coimbra, foi admittido na Cõpanhia, & entrou no ſancto Noviçiado daquelle collegio aos 27 de Junho de 1609 ſendo Meſtre o Padre Gonçalo Simoẽs.

2 Em todas as virtudes foi o Irmão Joaõ Nunes Noviço de ſingular exemplo; os outros o veneravaõ como tal; particularmente excedia no fallar de Deos, em que era muito fervoroſo; viaſe mais eſte fogo do amor divino nas veſporas de Comunhaõ, em que todos appeteciaõ ſer ſeus companheiros em o repouſo, pera cõ ſuas palavras ſe prepararem melhor pera a ſagrada Comunhaõ.

3 Mandárano peregrinar conforme o uſo da Companhia, & ſuccedeo chegar a hum lugar naõ muito lõge de Means ſua patria; ſabendo o pay, que ſeu filho eſtava taõ perto, ſe foi àquelle lugar, & o achou fazendo doutrina, aqual ouvio naõ ſem lagrimas de muito goſto, por ver o grande, com que todos o ouviaõ: acabada a doutrina lhe fallou pedindo-lhe cõ todos os encarecimentos, que pois naõ tinha outro filho, a quem deixar os ſeus bens, ſe ſahiſſe da Cõpanhia. Nenhum cazo fez o Noviço de taõ inſperada exhortaçaõ; & com poucas, mas efficazes palavras o deſenganou, dizendo-lhe: como eu hei de deyxar a Cõpanhia de JESU por couſa alguma do mundo, quando todo elle, & muito mais ſe deve meter debayxo dos pés pella Companhia de JESU; neſtes pontos naõ há, que me fallar, nem dizer palavra. Com eſta ſecura o deſpedio.

4 Em huma das conferencias, que ſe coſtumaõ fazer, perguntou o Padre Meſtre ao Irmaõ Joaõ Nunes, que faria elle no cazo, que inimigos da fé entraſſem pello noviciado, & martyrizando a todos o deyxaſſem ſó? Eu Padre Meſtre neſſe cazo (reſpondeo o Irmaõ) me puzera ao pé da campa, & tangeria a todas as obediencias, acodindo a todas ellas cõ a pontualidade, que agora o fazemos. Agrádou muito ao Meſtre eſta repoſta, ſignificadora do grande amor, que o Irmaõ Joaõ Nunes tinha à ſancta obediencia.

5 Acabou o ſeu Noviciado, & feitos os votos; ſe applicou

plicouſe com todo o cuidado, & ſe informou muito bem em os latins. Depois de eſtudar philoſophia, enſinou Gramatica em a Univerſidade de Evora com grande proveito de ſeus diſcipulos; aos quais inſtruia naõ menos em as couſas tocantes ao bem eſpiritual, que ao eſtudo, fazendoos confeſſar muitas vezes ainda alem daquellas, que por obrigaçaõ da claſſe o devem fazer os eſtudantes; no que elles vinhaõ facilmente naõ obrigados de caſtigo, mas por affecto, que a eſte Sacramento lhes infundiaõ as exhortaçoens de taõ religioſo Meſtre.

6 Depois eſtudou a ſua Theologia; aviaſe taõ modeſtamente em todas as ſuas acçoens, que entre ſeus condiſcipulos era conhecido pello nome de Theologo ſancto: alguns vendo o ſilencio, que guardava na aula, lhe chamaraõ boy mudo, como antigamente a Sancto Thomas.

7 No anno de 1624 eſtando o Padre Joaõ Nunes tendo o terceiro anno de Noviciado em Lisboa; Dom Manoel de Menezes cabo da eſquadra de naos, que partia de Lisboa pera ſe ajuntar com a de mais armada, que mãdava el-Rey Philippe pera reſtaurar a Bahia tomada pellos Olandezes; pedio ao Padre Provincial, lhe deſſe algum Padre pera confeſſor. Aviſouſe pera eſta jornada ao Padre Joaõ Nunes, o qual ſem outra preparaçaõ mais, que o ſeu breviario, & o ſeu Crucifixo ao peſcoſſo ſe embarcou pera o Braſil. Foraõ grandes os exemplos de todas as virtudes, que deu em toda a navegaçaõ; na qual foi hum comum refugio de todos os miſeraveis.

8 Admiravaõ todos a uniformidade de ſeu ſemblante, & paz, que moſtrava em todas as couſas, ſem verem nelle turbaçaõ alguma, por mais occaſioens, que pera iſſo ſe offereceſſem: a ſua aſſiſtencia era o lugar, aonde avia neceſſidade de ſua peſſoa: atalhava iogos, & deſavenças: aos doentes aſſiſtia cõ ſingular cuidado, conſolandoos já cõ palavras, já com mimos de alguns regalos, de que lhe faziaõ eſmola os Senhores da nao: foi eſta ſua caridade, & modo religioſo em todas ſuas acçoens taõ venerado de todos, que lhe naõ ſabiaõ outro nome, ſenaõ o do Padre Sancto. Vendo muitos dos principais, que hiaõ em a nao, a neceſſidade, que padecia, de ordinario por vontade ſua; lhe perguntavaõ, ſe queria, ou neceſſitava de alguma couſa, a que ſempre reſpondia com alegria: Que tudo lhe ſobejava.

9 Che-

9 Chegando a armada à Bahia, continuou o Padre em terra com os doentes, que naõ foraõ poucos, as meſmas obras de caridade, que exercitara no mar. Quando ſe deu o aſſalto aos Olandezes, que eſtavaõ de poſſe da cidade, aſſiſtio o Padre Joaõ Nunes animando os ſoldados, confeſſando os feridos ſempre com o ſeu Crucifixo ao peſcoſſo; por iſſo lhe chamavaõ tambem comumente o Padre do Crucifixo. Ganhada a cidade, quando a noſſa armada ouve de voltar pera o reyno, todos os capitaens, à profia, queriaõ, & procuravaõ, vieſſe o Padre em a ſua nao. Depois de ter exercitado na vinda as meſmas obras de caridade, que na ida pera o Braſil: deſembarcou o Padre Joaõ Nunes em o porto de Cadiz, aonde foi aportar a nao obrigada de hum temporal. No meſmo tempo eſtava ſobre Cadiz huma armada Ingleza, pello meyo da qual rompeo a nao, em que hia o Padre Joaõ Nunes, ſem receber dano algum das muitas balas, que ſobre ella choviaõ: o que todos aſſim os da cidade, como os que hiaõ em a nao tiveraõ por favor muito eſpecial do Ceo.

10 Chegando o Padre Ioaõ Nunes ao reyno, o mandou a ſancta obediencia ler cazos em Bargança; & depois lhe ordenou, vieſſe fazer a meſma occupaçaõ à cidade do Porto: dando ſempre os meſmos exemplos de virtude. Acodia muitas vezes a conſolar os enfermos do hoſpital, & os prezos da cadea. Rogou ao Irmaõ porteiro do Collegio, que quando ouveſſe confiſſoens de noyte, naõ deſpertaſſe a outro algum religioſo, & ſó o chamaſſe a elle: fazia eſte ſancto miniſterio cõ tanta ſatisfaçaõ, & proveito dos penitentes, que todo o que huma ves ſe cõfeſſava cõ elle, o eſcolhia por ſeu confeſſor. Era buſcado de todas as peſſoas de maior ſuppoziçaõ, pera lhe comunicarem ſuas cõſciencias No confeſſionario era incanſavel. Coſtumava elle dizer, que todo o Religioſo da Cõpanhia ſe avia de prezar de pôr em praxe tres apothegmas do Sancto Martyr Gonçalo da Sylveira, que vem a ſer: *Confeſſar athe naõ aver penitente: Prègar athe emrouquecer: Mortificar athe morrer.*

11 Do Collegio do Porto veyo pera o de Coimbra a fazer a occupaçaõ de Meſtre dos Noviços: eſcuſouſſe quãto pode, deſte magiſterio, mas naõ teve deſpacho ſua humildade. Quando ſe lhe deu o cuidado deſta occupaçaõ; eſta-

eſtavaõ juntos todos os Novicos, & o fez o veneravel Padre Diogo Mõteyro, aquem ſuccedia o Padre Joaõ Nunes, cõ eſtas palavras: *Filhos aqui vos entrego por voſſo Meſtre a hum Padre de quem nunca alguem ſe queyxou, & que nunca ſoube queyxarſe de alguem.* Cõ eſtas poucas, mas ponderozas palavras ſignificou o alto conceyto, que tinha da virtude do Padre Ioaõ Nunes.

12 Fez aquella occupaçaõ cõ grande proveito da Companhia, & edificaçaõ de todo o Collegio; Alem de muita virtude tinha o Padre Ioaõ Nunes grande prudencia, & modo nas ſuas palavras pera moderar os animos. Em huma occaſiaõ encomendou a hum Novico eſtudante o cuidado, das alampadas, & mais couſas annexas à quella obrigaçaõ; naõ eſtava o Noviço ainda penetrado da virtude; tomou o aviſo em ponto de hõra, cuidando ſe lhe fazia por deſprezo: foiſe ao Meſtre dizendo, que pois o tratavaõ daquella ſorte, lhe mandaſſe dar o ſeu veſtido, que naõ queria eſtar na Companhia. Vendo o Padre Ioaõ Nunes o eſpirito de ſoberba, que dominava em o Noviço; lhe trouxe à memoria a humildade de Chriſto, & ultimamente lhe diſſe, que ſe tinha pena de fazer aquelle officio, que elle o faria, pois o exercitara jâ muitas vezes na Companhia; falloulhe cõ tal modo, que o Noviço ſe confundio; & depoſta a ſua teima, ſe offereceo com todas as veras pera perpetuamente ter aquella obrigaçaõ.

13 De Coimbra foi mandado vir a Lisboa, cuidando, que o chamavaõ, porque ſe teria poſto deſpacho a huma petiçaõ, que avia annos reprezentara aos Superiores, em que pedia a miſſaõ da India, logo deu os ſeus papeis de eſmola a hum ſacerdote ſecular de conhecida virtude; & tomando por companheiro a hum Noviço ſem mais viatico, que o da providencia divina, cõ o breviario debayxo do braço, & cõ o ſeu bordaõ, caminhou a pé em miſſaõ de Coimbra athe Lisboa. Aonde, bem contra o que imaginava, lhe deraõ a patente de Prepoſito da caza profeſſa de Villaviçoſa, eſcuſouſe com tanta reſoluçaõ, que os Superiores lhe mandaraõ em virtude da ſancta obediencia, que a aceitaſſe; entaõ vendo, que naõ podia reſiſtir, comprio cõ aquella obediencia muita penoſa a ſua grande humildade.

14 Chegado a Villaviçoſa foi logo dar obediencia aos

Sereniſſimos Duques de Bragança, que entaõ eraõ Dom Joaõ, que depois foi Rey de Portugal, & Libertador da patria, & Dona Luiza Maria de Guſmaõ, da qual depois ſendo Rainha, foi Confeſſor: ficaraõ aquelles ſenhores grãdemente pagos dos bons termos, & modeſtia do Padre, na qual ſe deixava ver o cabedal de virtude, que ao depois moſtrou em todo o tempo, que aſſiſtio em Villaviçoſa.

15 Os primeiros que experimentaraõ ſua caridade foraõ os prezos da cadea, a quem levou huma eſmola com os mais Religiozos de caza, hindo diante o Padre Joaõ Nunes cingido com hum avental; chegando à cadea, elle per ſi começou a repartir aos prezos a eſmola, & depois lhes fez huma ferveroſa pratica com grande admiraçaõ, & edificaçaõ daquelle povo, noqual athe aquelle tempo ſenaõ tinha uſado eſte modo de levar, & repartir eſmola aos prezos. Depois ſe entregou todo a enſinar a ſancta doutrina ao povo em as praças, & lugares publicos: fazia eſte ſancto exercicio com taõ geral applauſo, & utilidade, que naõ ſó concorria a ella a gente do povo, mas tambem a nobreza daquella Corte, ſentindo grandes effeitos, & moçoens divinas. Occaſiaõ ouve, em que eſtando o Padre fazendo doutrina, rompeo pello meyo dos meninos hum Sacerdote authorizado, & levado de impulſo Superior tomou ao Padre em ſeus braços, & o levou nelles por algum eſpaço, dizendo a grandes vozes entre muitas lagrimas, q̃ derramava: Eſte ſim, que he verdadeiro filho da Companhia, pois falla com tal eſpirito, que parece quer levar a todos ao Ceo veſtidos, & calçados.

16 Foi muito grande a fama, & nome de virtude, que com ſuas obras ſanctas grangeou em Villaviçoſa, nas converſaſſoens de toda a ſorte de gente huma das couſas mais ordinarias, de que ſe fallava, eraõ as acçoens de virtude, que viaõ no Padre Ioaõ Nunes. Tudo ſabiaõ os Sereniſſimos Duques, & o dezejavaõ tratar mais familiarmente: ouve alguem, que ſignificou, eſte dezejo de ſuas Excellencias ao Padre Ioaõ Nunes, inſinuandolhe, que ſe introduziſſe pouco apouco. Reſpondeo: Eſtimara eu, que qualquer minimo eſcravo de taõ ſoberana caza, me dera o menor aviſo pera o hir confeſſar, ou ajudar em qualquer affliçaõ; que quanto pera o trato de taõ ſoberanas peſſoas requereſe ſogeito menos groſſeiro, & que ſeja mais palaciano,

ciano, do que eu ſou. Por tanto ſe retirava, quanto lhe era poſſivel: era eſte ſeu retiro taõ advertido, que vindo o Padre Antonio Maſcarenhas Provincial viſitar a caſa de Villaviçoſa, como foſſe beijar a maõ a ſuas excellencias, a primeira couſa, que lhe diſſeraõ, foi com huma certa benevolencia queyxarſe do Padre Prepoſito, dizendo era muito retirado, & que ſe furtava muito a ſeus olhos: Reſpondeo o Padre Provincial que via a razaõ da queyxa, & que faria, com que a cabal ſatisfaçaõ foſſe a emenda.

17 Vindo pera caſa declarou ao Padre Joaõ Nunes a queyxa dos Sereniſſimos Duques; a que elle reſpondeo: Padre Provincial, eu profeſſo todo o rendimento, & ſumiçaõ a ſuas excellencias, ainda nos minimos acenos; mas eu naõ ſei, que athe agora morreſſe em palacio eſcravo, oũ tiveſſe perigo de doença, a que ſabendoo naõ aſſiſtiſſe; & quanto a faltas em materia de cortejo, pareceme naõ aver queyxa juſta, porque eu me acho com mais geito pera hoſpitais, que pera Cortes. Edificouſe o Padre Provincial da repoſta, & com eſte maior retiro creceo mais a opiniaõ, q̃ os Sereniſſimos Duques tinhaõ do Padre Joaõ Nunes. Por tanto ſendo jâ acclamados por Reys de Portugal; perguntou a Rainha ao Padre Provincial pello Padre Joaõ Nunes, reſpondendolhe, que acabado de ſer Prepoſito fora pera o Collegio de Santarem, ſignificou a vontade, que tinha de o ter mais perto, fazendo grandes elogios de ſua virtude: mandou logo o Padre Provincial ao Padre Ioaõ Nunes, q̃ vieſſe pera Lisboa, pois eſſe era o goſto da Senhora Rainha: foi eſte aviſo de grande moleſtia pera o Padre pello muito, que dezejava viver retirado, & fora dos olhos dos grandes Principes; mas como a obediencia ainda ſem preceito, he daquellas, que naõ coſtumaõ ter recurſo, ouve de obedecer, & vir pera Lisboa.

18 Neſte tempo foi o Padre Bernardino de Sampayo por ordem dos Superiores viſitar os Collegios, que a Cõpanhia tem na Provincia de Entre Douro, & Minho, & porque era Reytor do Noviciado de Lisboa, ficou por Vice-Reytor o Padre Joaõ Nunes: dahi a poucos tempos lhe leraõ patente de Reytor da meſma caſa, dizendo o Padre Ioaõ Nunes, que aceitava aquella honra da Companhia naõ porque foſſe digno della, mas porque ſe queria reformar no eſpirito.

Digitized by Google

19 Tinha o Padre Ioaõ Nunes huma gravidade muito urbana, com que attrahia os affectos, & ſuavemente obrigava os Noviços, a que lhe puzeſſem nas maõs o coraçaõ. Huma ves ſe chegou a elle hum ſeu Noviço vexado de huma moleſtiſſima tentaçaõ, & manifeſtandolha, pera receber delle o remedio, o Padre Meſtre ſe pós de joelhos, & abrindo a roupeta, & deſabotoando o gibaõ, pegou da maõ do Noviço, & a meteo em o ſeu ſêo esfregandoa com hum gibaõ de cilicio, que tinha ſobre ſeu corpo, & lhe diſſe: Filho ainda os de mais idade, & de mais annos, pera ſe aver com prevençaõ, aſſim devem andar armados; eſte he o peito, com que ſe faz roſto a eſte inimigo, naõ vos deſconſoleis, com ſe vos offerecerem as reprezentaçoens mais disformes, porque aſſim como naõ ha culpa na reprezentaçaõ, hâ grande victoria na reſiſtencia. Divulgouſe eſte ſucceſſo entre os Noviços, & ſe acrecentou muito o grande, & geral conceyto, que avia de ſua virtude, & a confiança, em lhe deſcobrirem ſeus coraçoens, como a pay amoroſo.

20 Tinha neſte tempo o Padre Ioaõ Nunes duas laminas obradas com todo o primor aſſim na pintura, como no de mais ornato, huma de Chriſto, outra da Senhora; ambas andavaõ juntas, & pendentes de huma cadea de prata; eſte era hum geral antidoto das triſtezas, & deſconſolaçoens dos Noviços, por tanto andava de maõ em maõ conforme a neceſſidade o pedia; & as entregava, aos q̃ via triſtes, athe ſe desfazerem aquellas nuvens, que ſentiaõ em ſeu coraçaõ; era couſa conſtante entre os Noviços, que a nenhum ſe applicava o remedio, que ſenaõ experimentaſſe alliviado.

21 Tambem tinha outra lamina do *Ecce homo*, muito devota, que dava aos que tinhaõ Exercicios eſpirituais: quando a tinha em o cubiculo, nos dias de confiſſaõ, a punha junto donde ſe confeſſavaõ os Noviços em proporçaõ, que advertiſſem nella, em ordem a ſe compungirem mais. Vioſſe, que o ter eſtas laminas naõ tinha outro fim mais, que a conſolaçaõ, & compunçaõ dos Noviços, porque acabado eſte ſancto magiſterio nunca mais ſe viraõ as tais laminas em poder do Padre Ioaõ Nunes, antes conſtou, que as dera a ſeculares, com quem tratava de couſas eſpirituais, em ordem aos meſmos effeitos pera, que as dava aos ſeus Noviços.

22 Saõ

Digitized by Google

22 Saõ os Noviços ordinariamente muito calados em ſuas neceſſidades, poriſſo o Padre Ioaõ Nunes como amoroſa may todos os dias de confiſſaõ examinava muito por meudo, ſe lhes faltava alguma couſa de veſtido exterior, ou interior, fazendo às vezes pera iſſo as diligencias, que fizera a may mais amoroſa. Em certa occaſiaõ lhe diſſe hum Noviço, que ſentia grandes dores de eſtamago, & fraquezas delle: entaõ o Padre lhe applicou hum como empraſto compoſto de varios ingredientes, que os Medicos lhe mãdavaõ trazer pera confortar a debilidade do eſtamago, & ſe ficou ſem elle por acodir ao ſeu Noviço.

23 Nas recreaçoẽs aſſiſtia muitas vezes aos Noviços, propondo materias accomodadas à occaſiaõ, & tempo pera darem ſuas conſideraçoens; fazia eſte exercicio ſancto com tanto fervor, que os Irmaõs ſe lhe lançavaõ muitas vezes aos pés pedindo, lhes deſſe licença pera fazerem colloquios ao Ceo; faziaõ eſtes humas vezes com os braços abertos em forma de cruz, outras com alguma reprezentaçaõ daquellas, com que padeciaõ os noſſos Martyres no Japaõ: affervoravaſe tanto neſtas occaſioens o Padre Joaõ Nunes, que muitas vezes fazia alguns abalos com o corpo, & movimento com os pés, que parecia naõ advertir em ſi; o que tudo eraõ impetos de ſeu abrazado eſpirito.

24 Nas penitencias dos Irmaõs Noviços era muito moderado, procurando emmendalos mais com a palavra, que com caſtigo: a ſua palavra mais ordinaria, com que eſtranhava os defeitos, era tomando na boca o Sanctiſſimo nome de JESUS, humas vezes por modo de admiraçaõ, outras por modo de ſentimento, accomodando a pronuncia daquelle ſancto nome, conforme o pedia a couſa, que queria emmendar. Coſtumava dizer, que a perfeiçaõ dos Noviços da Companhia não era effeito de medo ſervil, por tanto, que naõ ſe adiantava por meyo deſte medo, mas por meyo de amor filial; porque (dizia o Padre Joaõ Nunes) olhos bayxos, maons compoſtas, paſſos regrados, acçoens medidas, palavras moderadas, almas recolhidas, naõ ſaõ effeitos da diſciplina, mas amor de Chriſto Crucificado.

25 Quando algum padecia alguma moleſtia, ou foſſe do corpo, ou da alma, dizialhe, que applicaſſe a quella parte à chaga do lado de Chriſto, & que temperaſſe a ſua dor com as de Chriſto, que aſſim lhe ficariaõ mais ſuaves; dava

eſte

eſte conſelho com tantas lagrimas de deva çaõ, que ſuaviſava ainda as penas mais agudas: fazialhe tambem o final da cruz ſobre a parte, de que ſe doião; & aſſim os mandava cheyos de conſolaçaõ.

26 Sendo o Padre Joaõ Nunes pontualiſſimo nas materias da obediencia; sò quando ſe lhe mandava, deſpediſſe algum Noviço, ſentia em ſi grande difficuldade; porque os dezejava ſũmamente conſervar a todos na Companhia. Succedeo, que o Padre Jeronymo Vogado Provincial mãdou ao Padre Joaõ Nunes, deſpediſſe a hum Noviço, o qual por ſuas prendas, & bons procedimentos merecia todos os bons affectos: quando lhe chegou a ordem de Santarem, aonde entaõ eſtava o Padre Provincial, não ſe pode explicar a pena, que teve com eſta execuçaõ; com tudo pello ordenar aſſim a obediencia chamou ao Irmaõ Sotto-miniſtro; comunicoulhe a afflição, em que eſtava, & as cauſas que tinha pera ella; juntamente lhe diſſe, preparaſſe o veſtido em ordẽ a deſpedir aquelle Noviço: aqui acodio o Irmaõ Sottominiſtro: viſto voſſa Reverẽcia eſtar taõ ſatiſfeito deſſe Noviço, & o Padre Provincial não eſtar muito longe, pareceme, que voſſa Reverencia lhe proponha as rezoens, que tem pera o conſervar, pera que ſe faça mais exacto exame das cauſas, que tem pera o deſpedir. Entaõ lhe diſſe o Padre Joaõ Nunes: Irmaõ naõ ſei, o que faça, encomendemos o negocio a Deos eſta noyte.

27 Vioſe a efficacia da ſua oraçaõ, porque bem acazo abrindo hum livro de Moral, que tinha na eſtante, achou nelle huma carta dobrada com ſobreſcripto pera o Padre Bernardino de Sampayo, que fora ſeu anteceſſor no officio, a qual naõ continha outra couſa mais, que huma informaçaõ dá limpeza de ſangue daquelle Noviço, que hum P. dos mais graves da Companhia tirara, por cauſa de hum teſtimunho, que falſamente ſe lhe levantara em materia de ſangue: eſta informaçaõ tinha mandado fazer o Padre Provincial anteceſſor do Padre Jeronymo Vogado; porem como a peſſoa, q̃ impuzera o tal teſtimunho, ou ſoubeſſe, ou naõ ſoubeſſe deſta informaçaõ; diſſeſſe ao novo Provincial, que aquelle ſugeito era defectuoſo no ſangue; & a peſſoa foſſe de reſpeito, & em quem ſenão preſumia malicia; o Padre Provincial mãdou ao Padre Joaõ Nunes o deſpediſſe logo: & pello modo ſobreditto foi Deos ſervido de mani-

manifeſtar a verdade pera bem do Irmaõ Noviço, & conſolaçaõ do veneravel Padre Joaõ Nunes.

CAPITULO II.

He eleito Confeſſor da Rainha, exemplo com que ſe ouve.

1 EM quanto exercitava a occupaçaõ de Reytor do Noviciado, varias vezes hia a palacio chamado pella Senhora Rainha pera a confeſſar a ella, & a outras Senhoras, que lhe aſſiſtiaõ; athe que morrendo o Padre Frey Diogo de Leyria Religioſo Capucho da provincia da Piedade, elegeo por ſeu Confeſſor ao Padre Joaõ Nunes; couſa que o humilde Padre ſentio em graã maneira, & ſobre que chorou muitas lagrimas. Dandolhe hum noſſo Religioſo os parabens, alegre da honra, que ſe fazia à Religiaõ na peſſoa do Padre Joaõ Nunes: eſte lhe reſpondeo: Ah meu Irmaõ como o vejo alegre, & quanto me ſinto triſte. O quam melhor me fora ſer Confeſſor dos Chinas, que Confeſſor de Mageſtades! Do que me rende os parabens, trato de me eſcuſar efficazmente, & ſe o naõ fizer de todo, ſerà por imaginar, que quer Deos em caſtigo de meus peccados, conſte mais claramente minha inſufficiencia: a unica conſolaçaõ, que me pode reſultar deſte caſtigo, he ficar izento de ſer Superior na Companhia, couſa, a que tenho grandiſſima repugnancia.

2 Applicou todas as boas diligencias pera ſe eſcuſar daquella occupaçaõ, ja allegando a ſua inhabilidade, ja a ſua rudeza pera tratar com peſſoas reaes, ja apontando aos Superiores outros homens de mais talentos, & letras, q̃ as ſuas; mas a tudo ſe antepôs a vontade da Rainha, de quem era a eleiçaõ: a qual ſabendo todas eſtas eſcuſas, & diligencias do Padre Joaõ Nunes, muito mais ſe confirmou, em quam acertadamente obrara, em tomar por ſeu Confeſſor a homem de taõ conhecida virtude.

3 Naõ faltou quem movido da inveja, procurou deſfazer em o Padre Joaõ Nunes, dizendo, naõ tinha os talẽtos requiſitos pera taõ grande occupaçaõ: ſabendo iſto o Padre, diſſe: Quanto pello que toca a minha peſſoa, dezejo, que eſtes dittos ſejaõ taõ efficazes, que por elles me alli-

Digitized by Google

liviem desta obrigaçaõ; mas saõ taõ grandes minhas culpas, que naõ mereço a Deos esse favor: eu lhe perdo-o de boa vontade tudo, quanto tem ditto de mim, por ventura foi tudo dirigido por boa intençaõ, & dezejo, de que se acertasse em materia de tanto pezo.

4 Logo acompanhado com o Padre Provincial, & Padre Preposito de S. Roque foi a palacio, & se renderaõ as graças à Senhora Rainha, pella que fazia à nossa Cõpanhia em eleger por seu Confessor ao Padre Ioaõ Nunes. Neste officio se ouve com aquelle retiro, & modestia, com que se tinha havido depois que entrara na Companhia: nunca entrou por palacio sem ser chamado. Intentou a Senhora Rainha, que por autoridade do officio, & occupaçaõ de Confessor, fosse o Padre a palacio em Coche; resistio cõstantemente: instando a Rainha, que pello menos viesse, em que indo, & vindo o Padre a pé, fosse o Coche de tras: taõ pouco admittio esta ceremonia: como ainda instasse, que pello menos tivesse duas mulas, pera si, & seu companheiro; nem estas quis admittir sua grande mortificaçaõ; pello que vinha do Noviciado a palacio, & outras vezes a Alcantara sempre a pé, por mais incomodo, que fosse o tẽpo, & que estiveſſem os caminhos, & por maiores que fossem as distancias.

5 Occasiaõ ouve, em que estando em palacio, quando se havia de recolher, choveo tanto, que as ruas da Cidade parecião rios; porque parecia quasi impossivel, o poderse o Padre recolher a pé; com todas as instancias se lhe offereceo hum Coche, em que fosse pera casa: mas nunca se pode acabar com elle, que tal cousa fizesse; antes, do modo que pode, & com grandissimo trabalho molhado todo, & todo enlodado se veyo pera o Noviciado. Tinha a Senhora Rainha grande compayxaõ destes incomodos do seu Padre Confessor, & procurava por todas as vias acabar com elle, mudasse este seu proposito.

6 Persuadiose tinha bella occasiaõ, & motivo muito efficaz, se disseſſe ao Padre Ioaõ Nunes, o desâr que tinhaõ as suas alcatifas com vir a palacio a pé, porque todas ficavaõ cheas de lodo das ruas; assim lho significou, dizendolhe, viesse dalli por diante a cavallo, pera evitar estes, & outros inconvenientes: cuidava ja, que com este artificio tinha conquistado, ou dado hum grande aballo à humilda-

de

de do Padre: mas elle com toda a modeſtia reſpondeo; que dalli por diante teria cuidado muito eſpecial de naõ dar eſtes incomodos ás alcatifas de ſua Mageſtade: por tanto vindo pera caſa tomou huns ſapatos mais limpos, & metẽ-do-os na algibeira os levou, quando foi a palacio; entregou-os a hum repoſteiro, pera que lhos guardaſſe em hũ lugar eſpecial. Quando hia a palacio entrando naquelle lugar, deſcalçava os ſapatos, com que viera, & tomava aquelles limpos; aſſim entrava a fallar com ſua Mageſtade: depois retirandoſe tornava a tomar os outros, & ſe vinha pera caza. Com eſta traça atalhou ſua ingenhoſa humildade, & cortou por huma vez todas as inſtancias, que neſta materia ſe lhe podiaõ fazer.

7 Zelaraõ alguns Palacianos à Senhora Rainha, que era obrigaçaõ dos Confeſſores das peſſoas Reaes aſſiſtirẽ no conſelho de Eſtado. Como ella diſſeſſe iſto ao Padre Joaõ Nunes; eſte ſe pôs de joelhos diãte de ſua Mageſtade, com todos os encarecimentos poſſiveis lhe pedio, que o eximiſſe de taõ moleſta obrigaçaõ: & vendo ella a pena, que niſſo tinha o Padre, naõ quis ateimar neſte negocio, porque ja ſabia, que neſtas, & ſemelhantes materias ſe coſtumava o Padre Ioaõ Nunes fazer inganhavel.

8 Quando ſeus parentes o viraõ em palacio, & com taõ ſingular valimento, cobraraõ grande confiança de ſe adiantarem, ſendo bem ouvidos, & melhor deſpachados. Hum ſeu Irmaõ, que tinha militado, & recebido muitas feridas na guerra, na qual entre outras feridas em ſerviço del-Rey tinha perdido hum dedo; remetteo ao Padre Ioaõ Nunes eſtes ſeus ſerviços, pedindo lhe agẽceaſſe os deſpachos competentes ao ſeu merecimento: a eſta pertençaõ reſpondeo, que elle no paço naõ era ſolicitador de negocios, mas sò Confeſſor da Rainha. Por tanto ficaraõ ſem premio algum todos aquelles merecimentos. Neſta materia de pedir aos Sereniſſimos Reys alguma couſa, foi grandemente retirado; & quando ſe offereceo alguma occaſiaõ, que por ſerviço de Deos, lhe pedio alguns deſpachos, o fazia por meyo de outro Religioſo grave da Companhia bẽ viſto das peſſoas Reais; dizendo, que naõ eſtava mais na ſua maõ, & que o pedir elle, era exceder as rayas, a que ſe eſtende o officio de Confeſſor.

9 Com eſta ſancta izençaõ adquirio grandes eſtimaço-

ens na opiniaõ de todos, os que tinhaõ noticia da Corte, na qual ſe lhe naõ dava outro nome, que o de Confeſſor ſancto. No veſtido intentou imitar ao mui Sancto, & veneravel Padre Simaõ Rodrigues Confeſſor del-Rey D. Ioaõ o terceiro; o qual hia a palacio com roupeta parda; & deſte modo foi algumas vezes o Padre Ioaõ Nunes: porem mandaraõlhe os Superiores, que no veſtido ſe accomodaſſe ao tempo, & a o uſo dos demais. Varias vezes quis a Senhora Rainha melhorarlhe o veſtido; outras adiantar a ſeus parentes; quanto ao veſtido reſpondia, que a Religiaõ lhe dava tudo, o que lhe era neceſſario; quanto a ſeus parentes, que elles tinhaõ, o que lhe baſtava pera paſſar com limpeza, que com iſſo ſe contentaſſem.

10 Apertou ſua Mageſtade com elle pera que conſentiſſe, em que todos os dias lhe mandaſſe hum prato da ſua meſa: vendo o Padre a inſtancia da Rainha, lhe pedio foſſe ſervida, de ſer huma sò vez na ſomana, & em dia de peyxe; condeſcendeo com ſua petiçaõ; & aſſim todas as ſomanas em dia de peyxe lhe mandava hum prato da ſua meſa; eſte conforme o eſtilo da Companhia ſe repartia pella comunidade, dandoſe ſempre alguma parte mais reforçada ao Padre Ioaõ Nunes, como he coſtume fazerſe, quãdo o prezente vem a algum particular: eſta ſua parte mandava dar ſempre aos pobres da portaria, ficando elle ſem couſa alguma pera ſi; iſto obſervou, em quanto viveo.

11 O ſeu valimento todo o queria pera acodir aos pobres, sò por eſtes fallava: negoceava grandes eſmolas, com que ſoccorria a peſſoas nobres, que as naõ podem pedir de porta, em porta. Huma vez vindo a Rainha a S. Roque, entrou no cubiculo do ſeu Confeſſor; como eſtiveſſe ſobre a meſa hum papel aberto, como gracejando, diſſe: agora ſim, que hei eu de ſaber os ſegredos do meu Confeſſor. Lẽdo, achou ſer huma petiçaõ, que huma peſſoa grave lhe mandara, na qual lhe referia ſua grande neceſſidade, & pedia o remedio pera ella: logo a piedoſa Senhora mãdou dar huma groſſa eſmola ao Padre Ioaõ Nunes, pera ſoccorrer àquella peſſoa miſeravel, como em effeito ſoccorreo. Indo as peſſoas Reaes pera Almeyrim, ſua Mageſtade conſtituio ao Padre Ioaõ Nunes ſeu Eſmoler univerſal, por ver a grãde caridade, que exercitava pera com os pobres; & diſſe, q̃ a naõ cuidar, daria algum motivo de pena ao Padre Ioaõ Nunes,

Digitized by Google

Nunes, o havia de fazer ſeu Eſmoler môr, ainda que elle ſem eſſes titulos era o maior eſmoler, que havia na Corte.

12 Fazendo o Padre Ioaõ Nunes tanta aſſiſtencia na Corte, & no palacio, nada deſte ſe lhe pegou; mas da ſua virtude ſe pegou muito ao palacio, porque influio nelle grande amor à ſanctidade. Havia ſeu tempo, que ſe dava à oraçaõ mental; havia tambem ſuas penitencias; & tanto fervor, que diſſe o Padre Ioaõ Nunes, que eſte mais neceſſitava de freyo, que de eſtimulo: chegou a tanto eſte amor da virtude, que quatro damas da Rainha, & huma Senhora titular, que tambem aſſiſtia em palacio, entraraõ Religioſas nos conventos mais reformados da Cidade: a eſtas ſinco fidalgas, aquem os ſanctos documentos do Padre Ioaõ Nunes encaminharaõ pera vida mais perfeita; chamava elle as ſinco chagas de Chriſto crucificado: por evitarẽ os deſvios, que os parentes coſtumaõ trazer a ſemelhantes pertençoens, fiaraõ todo o meneo deſte negocio unicamẽte do ſegredo do Padre Ioaõ Nunes, por cuja maõ correo toda a expediçaõ, que era preciſa, pera entrarem em os conventos, como em effeito entraraõ com geral edificaçaõ de todo o Reyno de Portugal.

13 Huma deſtas Senhoras, que era titular, eſtava taõ affecta ao Padre Ioaõ Nunes, pello bem, que de ſuas direçoens lhe tinha vindo; que quando entrou na Religiaõ, quis que o Padre a acompanhaſſe, athe a deixar de portas a dẽtro. Eſta Senhora chamava o Padre a chaga do lado, por ſer maior que as outras: a todas ellas foi aſſiſtir quãdo profeſſaraõ; dando a Deos infinitas graças pellos milagres, que tinha obrado em apartar do mundo peſſoas, que ordinariamente todas ſe empregaõ nelle.

14 Temos referido ſũmariamente o diſcurſo, & ſanctos empregos da vida do Padre Ioaõ Nunes: antes que relatemos ſua ſancta morte; diremos os exemplos de edificaçaõ, que nos deyxou em todas as virtudes religioſas, q̃ nelle floreceraõ cabalmente.

CAPITULO III.

De ſua oraçaõ.

1 COmeçãdo pella oraçaõ, que he a alma da vida Religioſa; tinha de menhãa tres horas de oraçaõ, huma antes de ſe levantar a comunidade, outra com a comunidade; a terceira antes do meyo dia: a primeira, & terceira hora tinha na tribuna da capella môr, ou na Igreja diante do Sanctiſſimo; a ſegunda no ſeu cubiculo ſendo particular, & ſendo Meſtre dos Noviços a tinha com elles na ſua capella. De tarde tinha outra hora inteira na tribuna, & depois a meya hora, que tem os Irmaõs Noviços em o cruzeiro da Igreja: finalmente vindo à noyte da meſa, tinha outra meya hora na tribuna do Noviciado, que cahe pera a capella môr da Igreja; donde vinha todos os dias a ter ſinco horas de oraçaõ; no demais tempo acodia às obrigaçoens do ſeu officio.

2 Naõ era a ſua oraçaõ sò de dia; de noyte tinha tambem muitas horas depois de recolhida a comunidade. Succedeo, que hum Noviço, ſe levantou fóra de horas deſinquieto com hum eſcrupulo, indo buſcar o remedio ao cubiculo de ſeu Meſtre achando a porta aberta entrou dentro, mas naõ o achando lâ, ficou ſobreſaltado, & ſe foi fazer oraçaõ à tribuna; a donde o encontrou de joelhos, taõ penetrado de Deos, que quaſi naõ advertia, em quem entrara. Neſte theor perſiſtio em quanto as occupaçoens davaõ a iſſo lugar; mas como eſtas creceſſem cõ as aſſiſtencias do Paço, & com dirigir a muitas almas no ſancto caminho da via eſpiritual; foilhe preciſo mudar aquella ſua diſtribuiçaõ dos tempos.

3 Pera poder cumprir com tudo, levantavaſe muito ſedo, & dando principio a ſua oraçaõ, pellas duas horas a continuava athe as ſete pello veraõ; & pello inverno athe as oito, quaſi ſempre de joelhos; como teſtimunharaõ muitos Padres de Saõ Roque, & todos os Irmaõs, que naquelle tempo tiveraõ cuidado da ſancriſtia da Igreja da meſma caſa. Por tãto vinha a ter todos os dias ſeis, ou ſete horas de oraçaõ. Coſtumava dizer, que na oraçaõ, ſe havia de perſiſtir,

ſiſtir, porque ainda, que naõ ouveſſe conſolaçoens eſpirituais, antes falta de todo o goſto ſenſſivel, havia grande merecimento; acrecentando a eſte propoſito, que nas cortes andaõ muitos, & aſſiſtem aos Reys ſem por toda a vida ter premio algum dos ſeus trabalhos: & que muitas vezes vivem ſatisfeitos, sò com os Reys porem nelles os olhos; & que aos que aſſiſtem na oraçaõ, ainda que faltem conſolaçoens, naõ faltaõ os olhos de Deos.

4 Viaõſe nelle, quando orava grandes indicios do fervor, em que ſua alma ſe abrazava; eraõ nelle taõ vehemẽtes, que os naõ podia occultar. Noviço ouve, que levado de huma ſancta curioſidade, ſe metteo em huma capella a obſervar ao ſeu Padre Meſtre no tempo da oraçaõ, & vio, que aquelle corpo acceſo do fogo divino ſe abalava pera diante com grande agilidade; & que acabada a oraçaõ eſtava o Padre em outro lugar conſideravelmente diſtante daquelle, donde principiara. Como o Noviço candidamente deſcobriſſe, o que tinha obſervado, ordenou o Padre Ioaõ Nunes, que nenhum Irmaõ Noviço dalli por diante tiveſſe oraçaõ em capella alguma.

5 Outro Religioſo noſſo, que foi tambem ſeu Noviço, teſtimunhou, que indo ao cubiculo do Padre Ioaõ Nunes, bateo huma, & outra vez, ſem lhe reſponderem; como viſſe a chave na porta, ſinal de que eſtava dentro, ſe reſolveo a entrar; abrindo a porta, vio ao Padre Ioaõ Nunes em extaſi levantado huma vara do pavimento, & como acordaſſe neſte meſmo tempo daquelle ſuaviſſimo ſono, pôs ao Noviſſo preceito de obediencia, pera que em quanto elle viveſſe, naõ diſſeſſe couſa alguma, do que vira. Depois da morte do Padre Ioaõ Nunes deſcobrio tudo, o que fica ditto.

6 No meſmo cubiculo o achavaõ muitas vezes em oraçaõ ja com os braços cruzados, ja diante de huma imagẽ do Ecce homo, ja diante de huma cruz de pao, em que tinha acabado a vida no Japaõ hum dos Martyres da noſſa Companhia, eſta ſe conſerva ainda no cubiculo do Padre Reytor do Noviciado de Lisboa, poſta na parede defrõte da meſa, deque ordinariamente ſe ſerve. Rompia muitas vezes naquellas palavras: Ah bom JESUS, Ah amoroſimo JESUS; tambem muitas o achavaõ com os olhos arrazados em lagrimas. Seguramẽte podemos affirmar delle,

que

que quaſi andava ſempre em oraçaõ,& com o penſamento todo empregado em Deos.

7 Deſta fervoroſa oraçaõ, ſe derivavaõ todas as virtudes, como os rios do mar: daqui nacia a grande devaçaõ, com que celebrava o Sancto ſacrificio da Miſſa; pera o qual ſe preparava com a confiſſaõ de todos os dias acõpanhada de muitas lagrimas, como o teſtimunhou o Padre, que o confeſſava: aſſim meſmo quando havia de comungar, eraõ ja nelle as lagrimas taõ ordinarias, que ſempre era neceſſario enxugalas com o lenço; & naõ ſomente naquelle paſſo da Miſſa, mas tambem as derramava no principio; particularmente em a noyte do Natal,& na ſomana ſancta, quando lia os Evangelhos da Payxaõ, em que pera continuar a liçaõ, era neceſſario reprimir os ſentimentos eſpirituais, de que ſe ſentia violentar.

8 O tom da Miſſa era muito devoto, o meneo grave, & tudo muito pauſado; fazendo as ceremonias todas com grande perfeiçaõ. Acabada a Miſſa, gaſtava meya hora em dar graças a Deos, com o qual ſe recolhia neſte tempo mui interiormẽte cõ as maõs unidas ao peito. Tinha grãde amor ao ſacroſancto nome de JESUS: ordinariamente acabava as meditaçoens com eſtas palavras: Eſte ſois amoroſiſſimo JESUS.

9 Teve muito ſingular maõ pera dar meditaçoens; & o fazia com tanta piedade, & devaçaõ, que ſendo Meſtre de Noviços em o Collegio de Coimbra; muitos Padres, & Irmaõs do Collegio, hiaõ ao Noviciado pera lhe ouvirem a meditaçaõ, pello grande proveito, que ſentiaõ della em ſuas almas. Naõ habitavaõ entaõ os Noviços, onde hoje moraõ, mas na parte do corredor, em que fica a caſa dos lavatorios da ſancriſtia.

10 Nos colloquios, que conforme o ſancto coſtume da Companhia neſta provincia, ſe fazem em as noytes do Natal a Deos Menino, era o Padre Joaõ Nunes taõ terno, & dizia tantas caricias a Deos nacido em o ſeu preſepe de Belem, que tudo eraõ nelle lagrimas de devaçaõ, & affectos amoroſos em todos, os que o ouviaõ. Aſſim meſmo ſe enlevava em as cantigas ſanctas, que entoavaõ os Irmaõs Noviços naquellas noytes, pera fomentar,& recrear a devaçaõ. Em huma occaſiaõ mandou a quatro Noviços entoar o hymno: *Ave maris ſtella*: Depois de acabarem, quãdo

do eſperavaõ, que o Padre Meſtre diſſeſſe algũa couſa, eſteve por algum tempo ſem dizer palavra; ſuſpenſos todos, donde nacia aquelle ſilencio, de repente ſahio com eſtas palavras: Filhos ja acabaſtes?

11 Eſta meſma ſuſpẽſſaõ experimẽtava em outras occaſioens, ou quando ouvia cantar com ſuavidade algũa ave; ou quando punha os olhos, & contemplava alguma bonina do campo, ou qualquer outra flor, de tudo fazia degrao pera ſobir com o penſamento a Deos. No ſeu cubiculo nunca o acharíaõ ocioſo, porque ora rezava, ora meditava; outras vezes gaſtava o tempo em apontar couſas eſpirituais, pera praticar aos ſeus Noviços, & outras couſas conducentes ao bem do proximo. Nas paredes do cubiculo tinha tres cruzes, & huma devota imagem de Chriſto Coroado de eſpinhos, às quais fazia particulares devaçoens.

12 Quando as peſſoas Reaes aſſiſtiaõ em Cintra, Salvaterra, ou Almeyrim, aonde tambem por obrigaçaõ do officio aſſiſtia o Padre Joaõ Nunes, procurava ſaber todas as imagens de eſpecial devaçaõ, que alli avia, a eſtas viſitava muitas vezes fomentando com ſua prezença a devaçaõ, que os povos lhe tinhaõ.

CAPITULO IV.

Da devaçaõ à Senhora.

1 SEndo nelle tanta a virtude, naõ podia deixar de ſer devotiſſimo da Senhora: tinhale muito cordeal affecto. Huma das principais alfaias do ſeu cubiculo era huma imagem da Senhora, copia da que pintou o Evangeliſta Saõ Lucas, a qual fora jâ do ſapientiſſimo Padre Franciſco Soares Granatenſe; diante deſta o achavaõ muitas vezes orando, outras rezando de joelhos o Roſario; & quando alguem neſtas occaſioens lhe entrava no cubiculo, ſuccedia dizer palavras affectuoſas, que indicavaõ o grande amor, que tinha a eſta Senhora.

2 Alem deſtas devaçoens no cubiculo, gaſtava todos os dias meya hora em a viſitar: na caſa de Saõ Roque fazia eſta viſita na capellinha dos enfermos, & em o Noviciado de Lisboa na capellinha, que eſtâ nos corredores debaixo.

baixo. Celebrava ſuas ſeſtas com eſpeciais moſtras de affecto; tomando ſempre na veſpora diſciplina nas coſtas comendo no chaõ, & paõ dos pobres, & naõ dormindo em cama. Procuravaõ os Noviços acompanhar eſtas mortificaçoens, que nelle viaõ, & ſabiaõ; pedindolhe tambem licença pera dormirem ſobre as taboas da barra; a qual elle negava aos de menos idade, & forças, & concedia facilmẽte aos mais robuſtos: notoulhe alguem, & ainda o advertio, de que eſtes exceſſos podiaõ fazer mal à ſaude dos Noviços, de que tanto coſtuma depender ſua perſeveraça: a iſto reſpondia: Que nunca a penitencia diſcreta fora venenoſa à ſaude, principalmente em as vigilias de Noſſa Senhora, pella qual aſſim como entravaõ no perigo, aſſim ſahiriaõ livres delle: ſe eſtes filhos ſenaõ criaõ com a devaçaõ deſta May, que fructo podemos ao depois eſperar delles. Por experiencia conheço de muitos, que perderaõ avocaçaõ, por naõ ſerem devotos deſta Senhora.

3 Entre os outros Noviços avia hum pouco obſervãte, & muito defeituoſo nos procedimentos: Ouve delle, & ſe fizeraõ muitas queyxas ao Padre Ioaõ Nunes, & ainda ſe inſtou, a que o deſpediſſe logo; reſpondeo a eſte Religioſo: como quer, que o deſpida, ſe fez propoſito de ſe empregar todo na devaçaõ da Senhora? Havemos-lhe de eſperar mais eſte mez ſeguinte, porque ſe lançou a meus pés chorando muitas lagrimas, & propondo diante da Virgem May, que avia de ſer outro nos ſeus procedimentos: deuſe a eſpera, mas naõ ſe vendo a emenda, foi obrigado o Padre Ioaõ Nunes à uſar do ultimo caſtigo, deſpedindoo, pera que naõ inficionaſſe aos outros. Como ouveſſe, quem o arguiſſe, de lhe ter dado tantas eſperas; reſpondeo: Bem conheço, que tem razaõ: Mas quem naõ avia de atarſe neſtas execuçoens, & eſperarlhe o que pudeſſe, tomando elle por fiadora dos ſeus propoſitos à Virgem May.

4 Por cauſa deſta ſua grande devaçaõ, dava maiores eſmolas nos ſabados, & veſporas das feſtas da Senhora: era couſa notoria, que quando ſe lhe pedia alguma couſa pella May de Deos, naõ eſtava na ſua maõ negala. A elle devemos o aceo, com que eſtâ a capellinha do Noviciado nos corredores debayxo: eſtava ella muito pobre, & ſem ornato algum: enterneceoſe o Padre Joaõ Nunes, vendo o primor, com que eſtava ornada a capella dos corredores de

ſima,

Digitized by Google

sima, & pobreza, em que se via a dos corredores debayxo. Disse ao Irmaõ Procurador: Meu amantissimo como podemos sofrer, que esteja tambem tratada a capella grande, & esta da Virgem May taõ pobrezinha, que parece engeitada: apostemonos a tirala desta miseria. Respondeo o Irmaõ, que pello, que lhe tocava a elle, que naõ faltaria, no que pudesse: porem dahi a alguns dias considerando, no que se metia, & que naõ avia na caza cabedais, pera emprender obra de tanto custo; propoz ao Padre Reitor as difficuldades, que lhe occorriaõ. Respondeolhe: Irmaõ, naõ se acovarde; que a Senhora, que me deu este sentimento de lhe ornar a sua capella, agencearâ os gastos, que se haõ de fazer neste seu obsequio: ponhamos a maõ à obra, deixemos o de mais por conta da Virgem May.

5 Com esta reposta acquietou o Irmaõ, & muito mais quando antes de elle propor as suas difficuldades ao Padre Reytor, lhas atalhou todas dizendolhe: saiba meu Irmaõ, que depois, que hontem, ficamos em fazer a obra, me offereceo meu companheiro oitenta mil reis pera ella, & agora de prezente me mandaõ outros oitenta de esmola, eu lhos entrego: veja como a Senhora vai mostrando, que se contenta desta obra. Assim o mostrou, porque fazendose a capellinha com o asseo, em que hoje a temos, & lançandoce contas aos gastos, se achou chegar o custo à quinhẽtos mil reis, sendo, que no principio a avaliavaõ em trezentos. Metidos no fervor da obra, com approvaçaõ do Padre Reytor fez o Irmaõ Procurador voto, de dar pera a obra da capellinha o dizimo de todas as novidades. Quis a Senhora fazer desta tudo gloria, & muito ao gosto do Procurador, porque naquelle anho fez setecentos mil reis destas novidades, que vendeo; & dando cumprimento ao seu voto, se acabou de aperfeiçoar a capellinha sobejando ainda dinheiro. Dizia este Irmaõ, que a obra era toda das oraçoens do santo Padre Joaõ Nunes, porque a sua confiança na Senhora a começou, & suas oraçoens trouxeraõ o dinheiro, com que finalmente se veyo a concluir.

6 Tambem por obsequio da mesma Senhora, a quem he dedicada a nossa Igreja do Noviciado, fez nella algumas obras; como foraõ o mandar dourar de talha o arco da capella mor, & pôr dous grandes paynes sobre as du-

as portas do cruzeiro: tambem fez o coro daquella Igreja, que he huma das mais ayrozas, que tem Lisboa.

7 Moſtrou a Senhora o quanto tinha de bayxo de ſua protecçaõ à eſte ſeu grande devoto, livrandoo do maior perigo de vida, que teve em huma das ſuas navegaçoens; desfeſce a nao com a tormenta; & valendoſe cada qual daquillo, que pode aver às maõs, ſe lançaraõ todos ao mar; & começaraõ ſobre pedaços de taboas a forcejar pera a terra, que naõ devia eſtar longe: fez tambem o meſmo o Padre Joaõ Nunes depois de ter aſſiſtido a todos, quanto lhe foi poſſivel, & quanto permittio a furia da tempeſtade; porẽ as ondas o arrebataraõ pera o mar, com o qual andou lutando nove dias, ſuſtentandoſe com alguns pedaços de biſcouto, que tinha metido no ſéo; mas pera que ſe viſſe, que a Senhora o conſervara, ſuccedeo, que naquella taboa em que ſe pegara o Padre Ioaõ Nunes, eſtava pintada huma imagem da Senhora; que foi todo o alivio do ſeu naufragio; & com ella depois de nove dias, bem contra a opiniaõ de todos veyo a ſalvamento.

CAPITULO V.

De ſua caridade pera com o proximo.

1 NA caridade pera com os proximos foi eſtremado acodindolhe, quanto podia. O irmaõ ſancriſtaõ de Saõ Roque affirmou, que por ſua via dera o Padre Ioaõ Nunes grandes eſmolas; & alguma ouve, que paſſou de vinte mil reis. Indo pera Almeyrim deixou na maõ do ditto Irmaõ cem cruzados pera os dar de eſmola a certa peſſoa nobre, q̃ paſſava com pobreza; como por pejo naõ os viſſe pedir ao ſãcriſtaõ; depois de vir de Almeyrim, ſabẽdo o que tinha paſſado, diſſe ao ſancriſtaõ; viſto eſta peſſoa naõ vir, ſaberei, aonde mora, & eu em peſſoa, lhe irei levar a eſmola, & livrarei do pejo, que poderia ter, em a receber por maõ de outrem; aſſim o fez, acodindo com a eſmola àquella peſſoa nobre, levandolha a ſua caſa.

2 Sendo Reytor do Noviciado, quaſi todas as ſomanas, hia aos incuraveis do Hoſpital, levandolhe ſuas eſmolas; humas vezes camiſas, outras giboens, outras ceſtos de paõ,

paõ, & de fruta, & alem diſto eſmola de dinheiro, com geral edificaſſaõ de todos. Foi obra de excellente caridade, a que uſou com hum miſeravel. Indo de menhãa pera o paço com hum Noviço por companheiro chegando à rua, que chamaõ a corduaria velha, advertio, que eſtava em hum recanto hum pobre dando ays; foiſe a elle, & vendo o deſabrigo, com que tinha paſſado a noyte, tirou a capa dos hombros, & eſtendendoa lançou ſobre ella ao mal enroupado pobre, depois tomando a capa do companheiro cobrio com ella ao miſeravel; logo pegando elle por huma parte, & o companheiro pella outra, o levaraõ athe o Hoſpital del-Rey, aonde o deyxaraõ, & ſe foraõ ao paço. Pello meſmo modo em Coimbra levou deſde a ponte do Mondego athe o Hoſpital aoutro pobre ſobre a ſua capa, edificando a todos, os que viaõ taõ exceſſiva caridade.

3 Confeſſava com grande goſto a toda a ſorte de gente pobre, & vil: no paço decia muitas vezes aos apozentos debayxo, a ouvir de confiſſaõ aos eſcravos mais abatidos, & aos exhortar, a tratarem de ſua ſalvaçaõ. Nos dias, que os Padres da caza de Saõ Roque hiaõ confeſſar aos forçados nas galês, ou a os prezos no limoeiro, ſempre os hia ajudar: ſe a cazo tinha algum embaraço em o paço, procurava de ſe expedir, o mais depreſſa, que podia, pera cumprir com eſta obra de caridade.

4 Hum dia indo confeſſar a Rainha, no caminho lhe ſahio ao encontro hum homem, pedindolhe, quizeſſe ouvir de confiſſaõ a hum enfermo, que eſtava em grande aperto; acodio o companheiro dizendo ao homem, que foſſe buſcar outro, porque o Padre hia a confeſſar a Rainha: iſſo naõ, Irmaõ, diſſe o Padre Ioaõ Nunes, no paço, ſe eu faltar, naõ deyxa de aver outros confeſſores; & ſe eu naõ acudo a eſte pobre, por ventura eſpirará ſem confiſſaõ: logo diſſe ao homem, guiaſſe pera onde eſtava o enfermo, ao qual achou lidando com as anſias da morte, ouviu de confiſſaõ; depois dentro de muito pouco eſpaço de tempo ſahio deſta miſeravel vida.

5 Huma noyte por debayxo da agoa ſe tinha de palacio recolhido a caza; & a penas tirou a capa dos hombros, quando tangem a portaria; daſſe recado ao Padre de como eſtava alli huma liteira do paço, em que o mandavaõ buſcar por cauſa de hum accidente, que ſobreviera a ſua

Mageſtade: reſpondeo, que elle partia logo. Deſpedio a litteira dizendo: que aſſim de dia, como de noyte ſabia andar por ſeu pé: deſpedidos, & partindo pera o paço os liteireiros: dahi a algum eſpaço de tempo, partio de caſa o Padre Joaõ Nunes, cortando por todos os incomodos do tempo, que eraõ grandes, por chover muito: chegou ao paço primeiro, que os liteireiros; os quais chegando depois, deraõ o ſeu recado. Quando lhe diſſeraõ, que jâ o Padre Joaõ Nunes tinha chegado, ficaraõ paſmados; porquanto elles naõ tinhaõ feito demora alguma no caminho; nem entendiaõ, como o Padre ſe lhes pudeſſe ter adiantado; o que mais admirou foi o conſtar, que o Padre partira tempo conſideravel depois delles partirem de Saõ Roque. Ouve quem examinou neſte ponto ao Irmaõ, que o acompanhara; porem elle ſe meteo no eſcuro, ſem dizer niſſo couſa alguma.

6 Na ultima doença do Sereniſſimo Rey Dom Joaõ o quarto Reſtaurador da patria, lhe aſſiſtio o Padre Joaõ Nunes, & deu muitos, & ſanctos aviſos em ordem a ſe preparar pera a jornada: entre elles foraõ, que ſua Mageſtade fizeſſe, porque ficaſſe toda a fidalguia concorde entre ſi; pera com maior amor, & vigilancia ſe aſſiſtir às couſas da Monarquia; a outra, que chamaſſe à Corte a todos os fidalgos, que por deſfavorecidos ſe tinhaõ retirado della, pera que ſua Mageſtade falleceſſe ſem queyxas dos grandes do Reyno; & com eſta ſignificaſſaõ de ſua real benevolencia uniſſe mais os animos de todos os ſeus vaſſallos em ordem à defenſa publica, & bom governo da Rainha. Quando o Sereniſſimo Rey chegou aos ultimos pontos da vida, o Padre Joaõ Nunes lhe fez os colloquios metendolhe na maõ o Sancto Crucifixo, & nas maõs lhe eſpirou; que naõ foi pequena ditta deſte grande Rey, & pay da patria ter a ſeu lado na hora da morte a hum taõ grande valido do Rey do Ceo, como era o Padre Joaõ Nunes.

7 Naõ foi pequeno acto de ſua caridade quando no cerco da Baya, aſſiſtio nas primeiras fileiras pera animar os ſoldados, & os confeſſar, & aſſiſtir aos feridos: fazia tudo taõ intrepidamente, & taõ eſquecido dos perigos, que vẽdo hum capitaõ, que alguma gente bizonha, fazia pé a tras; lhes diſſe em altas vozes: he poſſivel, que hum Padre da Companhia por vos acodir, naõ tema balas, & que vós por aco-

acodir pella honra da patria, naõ façais todo o esforço, que vos he possivel? Foraõ estas palavras de tanta efficacia, q tomando novos brios deraõ novo calor ao assalto.

CAPITULO VI.

De sua Humildade, pobreza, & obediencia.

1 A Virtude da Humildade foi muito singular no Padre Joaõ Nunes; quando se lhe contavaõ alguns dittos de pessoas, que desfaziaõ nelle: dizia, que se elles o conheceſſem bem, ainda diriaõ mais, & com maior razaõ; & que naõ sabia como sendo taõ indigno, a Companhia o conservasse em si. Varias vezes pedia aos Superiores os sermoens de menos esplendor, & concurso. Nenhuma occupaçaõ, por mais honrosa, que fosse, o desviou hum ponto de sua humildade.

2 Sendo Reytor do Noviciado depois de ter dez dias de exercicios, quando tomava no refeitorio a disciplina nas costas, como por devoçaõ costumamos nesta provincia; tinha escritas as suas faltas com muitas palavras de cõfusaõ propria, & hum Noviço lhas lia da cadeira do refeitorio, dizendo, que por aquellas culpas se lhe dava aquella disciplina: depois beijava os pés a quasi todos, os que estavaõ na meza. Assim mesmo assistia muitas vezes, a fazer os officios com os Noviços, como a esquamar peyxe, lavar a louça, tirar agoa da cisterna, levar as quartas cheas athe a cozinha.

3 Algumas vezes com roupeta parda, & com hum chapeo velho, em corpo hia com dous Noviços comer cõ os pobres à portaria de Saõ Roque. No mesmo traje hia muitas vezes ao Hospital dos incuraveis, edificandose todos, os que viaõ a hum Confessor da Rainha em tanto abatimento, & desprezo proprio por amor de Deos. Entrando no Hospital lhes varria os apozentos, tomando os pobres em seus braços assim quando os tirava da cama, como quando os metia nella, depois de lha fazer; beijandolhe sempre os pés antes de os deitar na cama: nestas occasioẽs fazendo elle a cama com hum Noviço, sempre sepunha da parte da parede, assim porque era o lugar mais incomodo,

do; como por mais a ſeu ſalvo, ſem ſer viſto do Noviço beijar os pés aos pobres.

4 Quando os Irmaõs Noviços vinhaõ das peregrinaçoens, elle lhes lavava os pés com toda a humildade, & ſummiſſaõ. Vindo huma vez de Alcantara lhe ſahio ao encontro hum requerente de mais juſtiça, que fortuna; ſaudou ao Padre Joaõ Nunes, & lhe fallou por Senhoria; entaõ lhe diſſe o Padre: Senhor Voſſa merce naõ me conhece: acodio o requerente: Reconheço a Voſſa Senhoria por Confeſſor da Sereniſſima Rainha: torno a dizer, Voſſa merce naõ me conhece, diſſe ſegunda ves o Padre Joaõ Nunes, pois me trata como ſenhor, o que eu naõ ſou, & naõ me trata como Religioſo, de que unicamente me prezo: cahio logo o requerente na ſua inadvertencia, & collegindo da mudança de cores, quanto cuſtava ao Padre Joaõ Nunes tratalo por ſenhoria; mudou de eſtilo chamandolhe por Paternidade: entaõ o ouvio o Padre, & lhe deferio no modo, que coſtumava reſponder a ſemelhantes propoſtas.

5 Foi o Padre Joaõ Nunes pobriſſimo em todas as alfaias, de que uſava: taõ inimigo de dinheiro, que athe o que grangeava pera dar de eſmolas aos pobres, o naõ queria ter na ſua maõ, mas o punha em maõ alhea. Naõ queria trazer couſa nova; tinhaõ os officiais domeſticos grande trabalho com elle pera lhe fazer aceitar alguma couſa, que foſſe nova: ao paço hia com hum chapeo taõ velho, que alguns da Corte o tinhaõ por indecente; aſſim o ſignificaraõ ao Padre Provincial, que mandou logo, ſe lhe deſſe hum chapeo novo; quando ſe lhe levou, & declararaõ ſer ordem do Padre Provincial; o aceitou com pouco agrado dizendo: Agora ſe rirâ o mundo de mim, vendo com hum chapeo novo, aquem fez voto de ſer pobre. Naõ ſe fiou o Procurador delle, & aſſim lhe tirou o velho do cubiculo, que eſtava quaſi incapas de ſervir aos Irmaõs Noviços: porem dentro de poucos dias parecendolhe, que o chapeo novo naõ dizia com a ſancta pobreza; o trocou por outro de peor pano; mas em uſo, que por velho, ſe lhe naõ tiraſſe, como o primeiro; pagouſe muito delle, porque eſtava cingido com huma fita de linho tingida de preto, eſtranhando em que no outro foſſe a fita de cadarço.

6 Acabando de ſer Reytor do Noviciado, lhe quis o Pro-

Digitized by Google

o Procurador dar huma roupeta nova, por ser, a que trazia jâ muito uſada: naõ veyo niſſo por mais, que inſtou o Procurador: athe, que eſte lhe diſſe, que ſua Reverencia tiveſſe eſcrupulo, de aſſim o naõ fazer; pois deſte ſeu propoſito só ſe ſeguia mais perda à caſa, porq̃ em Saõ Roque vẽdo o mao uſo, em que eſtava a roupeta, que trazia, lhe fariaõ huma nova à cuſta do Noviciado, & que eſſa por ſer à cuſta alhea, ſeria de pano comprado por maior preço: quadroulhe a razaõ, & ſe deyxou vencer, admittindo a roupeta, que ſe lhe dava.

7 Na caſa de Saõ Roque, lhe mandou o Superior cortar huma roupeta, ordenando ao roupeiro, que da ſua parte lha levaſſe: aceitou-a por ver, que era a vontade do Superior: mas brevemente a trocou com huma jâ uſada de hum Irmaõ Coadjutor.

8 Os çapatos eraõ ordinariamente cheios de remendos; & quando uſava de novos, lhe mandava, antes de os calçar, dar huma tinta preta pellas ſolas, & pontos, pera, q̃ perdeſſem a parecenſa de novos: quando de todo os largava, eſtavaõ tais, que apenas podiaõ ſervir aos pobres mais miſeraveis da portaria, a quem ſe davaõ.

9 No ſeu cubiculo nunca teve couſa de preço, nem ainda premios dos mais uſuais como ſaõ veronicas; porque deſtas ſe tinha neceſſidade, as pedia com licença dos Superiores, a quem por obrigaçaõ do officio as devia ter. De nenhuma couſa ſe ve mais, o quam pobre foi em vida, do que das alfayas, que no ſeu cubiculo ſe acharaõ depois da morte, foraõ eſtas hum cilicio, humas diſciplinas, & huma coroa de contas ordinarias.

10 Na obediencia foi exactiſſimo. Morando em o Collegio de Santarem, lhe mandou o Padre Reytor; que era de menos idade, que tomaſſe as chaves da portaria, & fizeſſe aquella occupaçaõ; inclinou logo a cabeça, & com muito goſto cumprio com aquella obediencia: officio, que ao depois ſendo Reytor do Noviciado exercitou varias vezes. Na meſma caſa do Noviciado pella ſolenidade de Corpus Chriſti, que na capella interior celebraõ os Noviços com ſingular apparato, & devaçaõ, tinha o Padre Joaõ Nunes mandado enſayar a alguns Noviços pera cantarem algumas letras devotas: ſouberaõ os Superiores eſtes ſeus intentos, & lhe ordenaraõ, o naõ fizeſſe: logo com grande

paz,

paz, & ſoccego, mandou aos Irmaõs Noviços, paraſſem com os enſayos, porque os Superiores maiores lhe tinhaõ ordenado, ſe naõ cantaſſe na capella couſa alguma.

11 Depois da jornada do Braſil, & de ter eſtado em Bragança, ſe achava no Collegio de Evora, quando lhe ordenou a obediencia, que partiſſe pera Lisboa, pera ſe embarcar, a ler cazos na Ilha de Saõ Miguel; tendo a eſcuſa tanto à maõ, pera ſe naõ tornar a embarcar; ſe poſ logo ao caminho, ſem dizer palavra. Em Lisboa vindo hum dia de ver o navio, em que ſe avia de embarcar; ſe encontrou com quatro fidalgos a cavallo, que eraõ daquelles, que com o Padre Joaõ Nunes ſe acharaõ na jornada do Braſil; & tinhaõ ſido abonadas teſtimunhas de ſuas heroicas virtudes, experimentando em ſuas almas, & corpos os effeitos de ſua grande caridade: apearaõſe, & deraõſe ô parabem, de ô terem na Corte pera de mais perto gozarem de ſeus exemplos.

12 Entaõ lhes diſſe o Padre, Senhores, eu naõ ſoo em Lisboa: mandame a obediencia ler cazos à Ilha de Saõ Miguel, pera onde parto qualquer dia. He poſſivel iſſo Padre Joaõ Nunes, acodiraõ elles; & montando a cavallo ſe foraõ a Saõ Roque ao Padre Provincial, & conſultores da Provincia; fazendo extraordinarios elogios da virtude do Padre Joaõ Nunes; pedindo com todas as veras, o naõ obrigaſſem outra ves a paſſar mares; pois naõ era razaõ, que o ſeu ſilencio, & modeſtia, em naõ propor razaõ alguma aos Superiores, tendo tantas, lhe foſſe nociva. Vieraõ os Superiores, no que lhes pediaõ peſſoas taõ qualificadas, & o deraõ por eſcuſo da jornada.

13 Na enfermidade, de que morreo, foi rara a obediencia, que teve ao Medico, & enfermeiro, em tudo, o que diſpunhaõ: agradecendo ſempre a todos o bem, que lhe faziaõ; ao enfermeiro dizia; que vendoſe diante de Deos, cõ oraçoens lhe pagaria os maos dias, & mâs noytes, que tinha paſſado, em lhe aſſiſtir.

14 Quando jâ ſe hia avizinhando â hora da morte, pedio a hum Padre com grande encarecimento: que foſſe ao Padre Prepoſito, & que da ſua parte lhe diſſeſſe, que ſua Reverencia lhe cõcedeſſe licença pera morrer, que dezejava jâ verſe cõ ſeu Salvador JESU Chriſto: Reſpondeolhe o Padre, que de noſſas vidas ſó Deos era Senhor, pello,

que

que só elle, & mais ninguem podia dispor dellas. Tornou a dizer-lo o Padre Joaõ Nunes: Vâ com auido Vossa Reverẽcia, que o que Deos dispoem, pellos Superiores o dispoem; façame Vossa Reverencia este ultimo favor, porque quero morrer por obediẽcia, como morreo o meu JESUS: logo tomando na maõs o seu Crucifixo lhe fez saudosissimos colloquios significando, o quanto dezejavo imitar na morte, a quem seguira na vida.

CAPITULO VII.

De sua penitencia, abstinencia, & zelo das almas.

1 NA penitencia foi o Padre Joaõ Nunes severissimo pera cõsigo; athe a hora da morte trouxe pẽdente do pescosso hum Crucifixo, cuja Cruz pella parte, que assentava no corpo, estava cheia de bicos, & esta andava immediata ao peito, & as vezes taõ apertada, que se metia pella carne, de que foraõ manifestos indicios alguns panos, que se lhe acharaõ, com que alimpava o sangue, & pello modo, que tinhaõ em si o sangue, se via, que sahira pellas feridas, que faziaõ os bicos. Este Crucifixo teve sempre athe na ultima doença, & se lhe tirou depois de fallecido: porque em toda a doença disfarçou esta mortificaçaõ, porque senaõ vissem os mais della. Quando lhe applicavaõ algumas medicinas sobre o peito, sempre se fazia, debayxo do cobertor, de sorte, que nunca os olhos, dequem applicava a medicina, lhe via o peito, em que a punha.

2 Tomava largas disciplinas; eraõ infalliveis as de à noyte, quando se recolhia; & de menhãa, quando se levãtava: achavaõ se as suas camizas cheyas de sangue: hum dia, que foi acompanhar a hum penitente, lhe pedio o Irmaõ Sotto ministro a chave do cubiculo, pera lho cõpor; achou na cama hum colchaõ taõ falto de lam, que mais era aquillo dormir nas tabuas da barra, que na cama. O mesmo, nesta occasiaõ achou huma camiza banhada em sangue fresco, que mostrava o rigor, com que se tinha disciplinado: tendo este Irmaõ noticia de diversas castas de cilicios, com que se mortificava, achou menos naquelle dia hum

muito aſpero, que ſem duvida levara conſigo. Tambem ſe notou na rouparia, que os ſeus lençois ſempre voltavão do meſmo modo, que lhos tinhão levado, porque não uſava delles.

3 Quando veyo de Coimbra pera Lisboa, tomou no refeitorio huma aſpera diſciplina, & beijou os pés a todos os ſeus Noviços. Quando alguns deſtes depois de partir pera Lisboa, forão preparar o cubiculo pera o Padre Meſtre, que vinha em ſeu lugar, acharão nelle huma camiza chea de ſangue pellas coſtas, indicio de que tambem nellas ſe diſciplinava, & eſte meſmo ſe achou outras muitas vezes. Em o Noviciado de Lisboa todas as vezes, que conforme o uſo da Companhia, tomava diſciplina nas coſtas em o refeitorio, quando vinha pera ſima, ſe metia na tribuna, que cahe pera a capella mor, & alli ſe diſciplinava de novo rigoroſamente.

4 Na abſtinencia uſou de grande rigor. Nos dez dias de exercicios, comia ſomente o que vinha à meza em a tigela, com paõ, do que ſe reparte aos pobres na portaria. Jejuava a paõ, & agoa todas as vigilias das feſtas de Chriſto, & da Senhora. Na quareſma não comia peyxe; nem carne em o Advento, paſſando eſtes tempos com ervas, & legumes. Prégando em Coimbra o Advento, todos os ſabbados jejuava a paõ, & agoa, & o meſmo fazia nas veſporas dos outros ſermoens, que avia de prégar. Nos outros dias, ſó comia, do que ordinariamente ſe poem â comunidade na meſa. Nunca permittio, que na materia do comer, ſe lhe fizeſſe alguma particularidade. Neſſas poucas vezes, que ſe poem doces à noſſa comunidade, nunca os tocou: ſe a caſo ſe offerecia occaſiaõ quaſi preciſa de os comer, por não parecer pouco urbano, & agradecido, a quem os lhos offerecia na meſa, ou lhos mandava, como às vezes entre nos eſtilam os Superiores, entaõ ſó os tocava levemente, pera cumprir com aquella religioſa cortezia, & nada mais.

5 Quando os Noviços faziaõ o refeitorio, indo lá, a primeira couſa, que examinava, era a ſua porçaõ; ſe achava nella alguma differença das dos Noviços, a trocava pella do Noviço mais vizinho, pondo na ſua pedaços de paõ; & na do Noviço o paõ inteiro. Ao Irmaõ refeitoreiro tinha intimado, lhe não puzeſſe couſa, que não tiveſſem os ou-

outros; porque o refeitorio, dizia, naõ he caſa de particulares, mas he ſó da comunidade. Quando fazia alguma jornáda em Companhia da Senhora Rainha, fazia ſempre grandes inſtancias, pera que a porçaõ, que ſe lhe dava, cõcordaſſe, com a que tinha em caſa no refeitorio: guardando ſempre o meſmo teor de vida, & as meſmas auſteridades, que obſervava da portaria pera dentro. Foi em tanto extremo eſta ſua abſtinencia, que veo a perder o ſentido do goſto. Ainda nos ultimos annos, em que por muitas razoens eſtava eſcuſo, de comer em o chaõ, nos dias, que por devaçaõ ſe uſa entre nos; nunca faltava neſta mortificaſſaõ; comendo naõ ſó aos ſabbados, mas todas as ſeſtas feiras do anno, feſtas de Chriſto, da Senhora, dos ſanctos da companhia, & veſporas de outros ſanctos de ſua eſpecial devaçaõ.

6 O zelo da ſalvaçaõ das almas, que he o objecto do noſſo inſtituto, foi bem conhecido em o Padre Joaõ Nunes; por eſta cauſa pedio repetidas vezes a miſſaõ da India, que os Superiores lhe negaraõ: ſignificou muitas vezes eſte grande dezejo, que tinha de gaſtar avida naquellas miſſoens, doendoſe da infinidade de almas, que ſe condenãm por falta de obreiros. Por eſte zelo, naõ perdia occaſiaõ de aproveitar ao proximo; acudindo, aonde lhe parecia ſer neceſſario. Hum dia na cidade do Porto paſſando pella porta do Doutor Gregorio Gomes Madeira, ouvio dentro de caſa grandes vozes, como de quem eſtava em grandes anſias; ſobio pella eſcada, & achou ſer a molher do ditto Dezembargador; que dera aquellas deſcompaſſadas vozes obrigada das vehementes dores do parto; quando chegou aſſima o Padre Joaõ Nunes, jâ tinha lançado a creatura, mas taõ definhada, que naõ dava ſinais de vida; poslhe o Padre a maõ na cabeça, & logo comeſſou a chorar: bautizou-a, & quis ſeu pay, que ſe chamaſſe Joaõ, pois tivera a boa ditta de receber a graça bautiſmal nas maõs de homem taõ ſancto.

7 As ſuas prégaçoens encaminhava ſempre ao proveito das almas, acompanhando ſuas ponderaçoens, aonde a materia o pedia, com muitas lagrimas; como ſe vio huma vez em o Noviciado de Lisboa, aonde prégando o Mandato, alem de ſer com roupeta parda pera maior humildade; foraõ as lagrimas tantas, que em todo o ſermaõ foraõ con-

tinuas em o Prégador, & no auditorio.

8 Eſtando em Coimbra, ſe fez huma prociſſaõ por cauſa da grande falta de agoa, que avia; ſahio do noſſo Collegio: hiaõ nella imagens de grande piedade, & a principal era huma do Ecce homo, que ſe venera no Collegio; aviſaraõ ao Padre Joaõ Nunes pera prégar depois de ſe recolher a prociſſaõ: tomou por thema as palavras de Saõ Joaõ no capitulo 19: *Continuo exivit ſanguis, & aqua.* Fez eſte acto com grande piedade, & fervor: acabado o ſermaõ, foi tanta a chuva, que ficou remediada a falta, que padeciaõ os fructos.

9 Outra ves na meſma cidade acompanhando a hum penitente homicida ao ſupplicio: morto o penitente, fez o Padre Joaõ Nunes huma pratica ſobre o cazo, como he coſtume noſſo neſtas occaſioens; tomou por thema as palavras de David no Pſalmo 54: *Viri ſanguinum non dimidiabunt dies ſuos.* Deteſtou com tanto fervor o crime do homicidio, & louvou o apparelho, com que o penitente fallecera; & os caminhos, que Deos toma pera ſalvar aos peccadores, que ſuſpendeo, & compungio a todos, dizẽdoſe, que era outro ſegundo Padre Sebaſtiaõ Barradas.

10 Quando ſua Mageſtade ſe retirava pera Cintra, ou Almeyrim; ſahia o Padre Ioaõ Nunes pellos lugares vezinhos a pé duas, & mais legoas, a enſinar a ſancta doutrina: era eſta acçaõ de tanto agrado pera ſua Mageſtade, que ella com ſuas maõs lhe preparava os premios, que avia de repartir nas doutrinas. Avizando os Superiores a hum Padre de grande talento pera o ſancto miniſterio de fazer as doutrinas; eſte ſe eſcuſou com a idade: o Padre Ioaõ Nunes o buſcou no ſeu cubiculo, & lhe intimou aceytaſſe aquella occupaçaõ, dizendolhe: Padre meu, aceyte Voſſa Reverenſia eſte miniſterio de enſinar a ſancta doutrina, que por eſte caminho quer Deos ſalvar a Voſſa Reverenſia; ſe a Companhia puzera na minha maõ eleger occupaçaõ, nenhuma tomara com taõ grande goſto, como eſta: & levantando mais a voz, acrecentou: Ah meu Padre, que entre a innocencia dos meninos tem os peccadores melhor partido, & os Religioſos da Companhia mais ſeguro o ſeu ultimo intento. Em Lisboa nos dias de guarda mandava varias polices de Noviços às freguezias mais diſtantes na cidade a enſinar a ſancta doutrina; quando vinhaõ, naõ ſe far-

fartava de inquirir delles, & ouvir tudo, o que tinhaõ feito em utilidade das almas; encarecendolhes, que naõ tinha a Companhia nem couſa de mais proveito pera o proximo, nem de mais eſplendor pera a Religiaõ.

CAPITULO VIII.

De ſeu ſofrimento.

1 FOi tambem o Padre Ioaõ Nunes homem de muito apurado ſofrimento: nem em ſuas obras, nem em ſuas palavras ſe vio couſa, que encontraſſe eſta virtude. Alguma peſſoa de reſpeito ouve, que em tudo, quanto podia ſe moſtrava deſabrido pera com o Padre Joaõ Nunes, & ſuas couſas; mas no Padre ſenaõ vio nunca o minimo ſinal de ſentimento, antes ſempre grande urbanidade pera com aquella peſſoa. Sabendo, & conhecendo aquella ſem razaõ taõ teimoſa, & porfiada; a mais aſpera palavra, que lhe ſahia pella boca, era dizer: Deos lhe perdoe.

2 Deu neſta materia grande exemplo. Quando chegando do Braſil, o mandaraõ ler cazos a Bragança, ſendo eſta obediencia taõ trabalhoſa, por cahir ſobre as moleſtias de huma taõ larga, & enfadonha navegaçaõ; & em que qualquer outro alem de ſe eſcuſar, julgaria ter ſufficientes razoens pera as queyxas; do Padre Joaõ Nunes ſenaõ ouvio huma ſó palavra de ſentimento; couſa, que muito venerou hum Padre, que foi por ſeu Companheiro pera o Collegio de Bragança.

3 A virtude da paciencia taõ neceſſaria, a quem trata com meninos, experimentaraõ muito em o Padre Joaõ Nunes todos os ſeus Noviços; particularmente os eſcrupuloſos, de cuja infermidade teve muitos mui extraordinariamente achacados; & que lhe deraõ bem, que ſofrer com a ſua perluxidade. Algum ouve, que propondo os ſeus eſcrupulos, & dizendolhe o Meſtre, que naõ avia, que fazer caſo daquellas couſas, em que naõ avia culpa alguma: taõ longe eſteve de aquietar; que entrou em outras anguſtias maiores; diſcorrendo conſigo, que naõ avia, que fiar das direcçoens do Padre Meſtre, porque hia pello caminho,

nho, que elle tinha lido, hia Martim Luthero, quando era Meſtre de Noviços; do qual ſe lê, que lhe aconſelhava fiaſſem mais da clemencia de Deos, do que deſmaiaſſem do numero dos peccados veniais, dos quais como menores aviaõ de fazer pouco caſo: conſelho, que ſó o podia dar hum homem, que andava jâ pera ſahir em monſtroſidade de vicios, & peccados.

4 Naõ pôde o Noviço ter muito tempo lâ dentro eſte ſeu diſcurſo; & aſſim ſe foi ao Padre Meſtre, & lhe diſſe, como elles ſe coſtumaõ explicar: Padre a mim véme, que Voſſa Reverenſia he outro Martim Luthero, porque me manda fazer pouco cazo dos eſcrupulos, que lhe cumunico. Ouvio o Padre loaõ Nunes o disbarate, & ſem procurar de lhe desfazer a imaginaçaõ aerea, comque vinha: ſó lhe diſſe: Filho ide em boa hora: foi a hora taõ boa pera o Noviço, que dalli por diante, como elle ao depois confeſſou, nunca mais ſentio deſenquietaçaõ de eſcrupulos, que todos com aquella ſó palavra deſapareceraõ de repente.

5 A outro Noviço occorria, quando eſtava na meſa da Comunhaõ, que o ſeu Meſtre era hum grande herege, que como tal lhe dava a particula naõ conſagrada: quando foi a dar conta, ſahio logo com eſte ſeu penſamento, & o declarou ao Meſtre; eſte ſómente lhe diſſe: Filho por peor me tenho. Com eſta benignidade, & muita paciencia, he, que curava ſempre eſtes enfermos, taõ pouco ſatisfeitos com as medicinas, que ſe lhes applicaõ, como moleſtos a quem os cura.

6 Alguns ouve, que o notavaõ de brando, & queriaõ ver nelle hum eſpirito de Elias; naõ advertindo, que mais conduz pera a educaçaõ a benignidade de pay, que a ſeveridade de Juiz. Tinha entre outros hum Noviço de natural vivo, & eſperto; que dava moſtras deſta ſua grande viveza; & juntamente indicios, de que pellos tempos adiante ſerviria com eſplendor a Companhia; porque nos catorze annos, em que eſtava, tinha todas as boas prendas; de que a Companhia ſe coſtuma prometter ſugeitos de primeira eſfera; & eſte de quem fallamos, o foi pellos tempos adiante, honrando a Religiaõ em os pulpitos, pera que teve talentos muito ſingulares.

7 Deraõſe muitas queyxas do Noviço ao Padre Ioaõ

de

de Mattos, que então era Visitador, & estava na casa de São Roque, aonde tambem assistia o Noviço: avisou o Padre Visitador ao Padre Joaõ Nunes, do que se notava em o Noviço, & que o tratasse com mais rigor, & mortificasse mais; recebeo o Padre este aviso com toda a modestia, ainda, que sabia muito bem, que as espertezas do Noviço naõ eraõ mâs; mas só effeitos de hum natural acre, & vivo: chamou-o, & disselher Filho reparai em vosso modo, & attêtai em vossos descuidos, que hoje soube do Padre Visitador, que os vossos procedimentos naõ agradavaõ à comunidade, noticia, que pera mim foi huma lançada. Como o Noviço com a esperteza ajuntava hum bom entendimento, se acommodou com a vontade, & gosto de seu santo Mestre: dalli por diante moderou mais a viveza de seu natural; considerando a pena, que do contrario poderia resultar ao seu Mestre, que elle amava mais, que a seu pay.

8 Era o Padre Joaõ Nunes de natural triste, & melancolico; porem a sua virtude vencendo as propensoens da natureza, o fez muito benevolo, & affavel; poriisso muitos assim de casa, como de fora communicavaõ com elle seus interiores com todo o amor, & confiança. Viase em seu semblante huma imagem muito ao vivo da virtude: os olhos ordinariamente andavaõ bayxos, parecia na compostura hum Noviço: as palavras eraõ muito medidas, poucas, & bem ponderadas; frequentemente tomava na boca estas palavras: Graças a Deos. Sua modestia foi taõ amada, que muitos no paço, pera gozarem della mais à sua vontade, de proposito teciaõ pratica com elle, admirando, o como unia a cortezia com a modestia, & sanctidade.

9 Visitando huma ves a el-Rey, que estava doente de huma febre ordinaria, perguntandolhe o Padre Joaõ Nunes, como passava: respondeo el-Rey: como hei de estar, ainda naõ ha sinco dias, que estou doente, & já tenho sinco sangrias: aqui replicou o Padre Joaõ Nunes, dizendo: Pode Vossa Magestade temperar esta sua afflicaõ, com se considerar semelhante a Christo, ao qual tambem fizeraõ só em hum dia sinco sangrias. Disse o P. isto cõ tãta cadencia, & taõ bom modo, que teve grande applauso, & agrado em o paço entre os cortezaõs. Dizia muitas vezes aos Noviços: Filhos, na pratica dos seculares havemos de entrar

trar com a sua, & sahir com a nossa. Quando nas saudaçoẽs comuas lhe perguntavaõ, como estava, respondia: Muito pera recomendar a Deos a vossa merce sempre com o sentido em nos apparelharmos pera huma boa hora da morte, que he o fructo, que devemos esperar dos quatro cantos de hum cubiculo, & do intento da nossa entrada na Religiaõ.

As maõs, se as naõ tinha occupadas, as tinha decẽtemente cruzadas sobre o peito; quando sahia fora, sempre levava os braços, & maõs recolhidas dentro da capa. No andar era muito compassado; porisso deu, que admirar, a pressa com que em o Noviciado de Lisboa acudio a hum Noviço: sahira este da capella com alguns arvoamentos da cabeça, com intento de se encostar sobre a cama; mas recreceo tanto o vagado, que naõ pode chegar ao cubiculo, & cahindo no corredor deu hum extraordinario gritto: acodio logo o Padre Joaõ Nunes da capella, aonde estava em oraçaõ; acodiraõ alguns Padres de cubiculos mais perto do lugar, aonde cahira o Noviço. Notou o mesmo Noviço, que estava com bastante advertencia, que naõ alterando o Padre Joaõ Nunes aquella sua pausa no andar, chegou mais depressa, que os outros; sendo, que todos acodiraõ ao mesmo gritto, porem o Padre Joaõ Nunes de lugar muito mais distante, que os outros. Pareceo aos mesmos Padres, consideradas bem as circunstancias, que alli avia muito, que admirar, nem entendiaõ como o Padre pudesse chegar primeiro ao Noviço, que elles, sem aver alli alguma virtude especial.

CAPITULO IX.

Da opiniaõ, que se teve de sua virtude.

A Opiniaõ de virtude, que se teve do Padre Joaõ Nunes, foi geral em todos, os que o trataraõ: pós no caminho da perfeiçaõ a muita gente illustre no sangue: pessoas ouve instruidas pello Padre Joaõ Nunes taõ espirituais, que tinhaõ no dia seis, & sete horas de oraçaõ: fomentava o Padre estes progressos na virtude, com meditaçoens, que lhes dava; & cõ mandar fazer varios treslados

dos

dos Exercicios de noſſo Sancto Padre, que reduzidos a mais ſuccincto methodo, diſtribuia por eſtas peſſoas, pera que por elles ſe guiaſſem na via eſpiritual.

2 Pera, que ſe veja melhor eſta opiniaõ, que ſe tinha de ſua ſanctidade; refiramos algumas clauſulas de cartas de peſſoas illuſtres, em que declaraõ eſte conceyto. Huma das de primeira nobreza: diz aſſim em huma. *Eſtando na cidade do Porto haverâ vinte, & ſinco annos conheci ao Padre Joaõ Nunes lente da cadeira de cazos, que ſe enſinaõ no Collegio da Companhia: conſervava elle naquelle tempo grande opiniaõ de muito temente a Deos, obediente a ſeus Superiores, humilde pera com todos, muito abſtinente, ſofrido, & pobre; por eſtas, & outras virtudes era eſtimado de todos, & buſcado das peſſoas, que com mais cuidado tratavaõ de ſua ſalvaçaõ.*

3 *E querendo a Senhora Condeſſa de Penaguiam may minha criarme em grande temor de Deos, me dizia: que dezejava minha boa criaçaõ com taõ grande affecto, que muitas vezes pedia a Noſſo Senhor com muita efficacia, me levaſſe antes pera ſi, do que permittiſſe, cometter eu hum peccado mortal. E ſendo eſta a doutrina, em que me inſtruia, me ajuntava; que ſe eu me confeſſaſſe com o Padre Joaõ Nunes, entenderia ella, que eu reſpondia a eſte ſeu dezejo; taõ grande era o conceyto, que tinha de ſua virtude, & de ſua prudencia no officio de Confeſſor, que lhe pareciaõ ſeus conſelhos baſtantes, pera refrear o impeto de minhas payxoens.*

4 *Vindo no anno de 1637 pera Lisboa paſſado algum tempo, foi eleyto por Reytor do Noviciado; & poſto, que tiveſſe exercicio de mais perfeiçaõ, naõ ſe lhe diviſava no modo da pratica, & procedimento differença alguma do tempo, em que antes o conheci; guardando ſempre uniforme igualdade na vida, que era huma virtude muito particular, que em todo o tempo reſplandecia neſte ſugeito. Sendo nomeado por Confeſſor da Rainha Sereniſſima entrou, & continuou na occupaçaõ com a meſma modeſtia, com a meſma affabilidade, com a meſma obediencia, com a meſma pobreza, & com o meſmo retiro, que de antes teve; de ſorte, que parecendo muy digno do lugar, quando foi eleito: no exercicio parecia digniſſimo delle.*

5 *Por eſtas acçoens acreditadas com o conhecimento de tantos annos, por ver muitas vezes ao Padre Joaõ Nunes, por vir elle a minha caza, confeſſar a Condeſſa, & a mens*

filhos; como pello encontrar repetidamente no paço por razaõ do meu, & do ſeu officio; fazendo por vezes reflexaõ comigo, pera avaliar ſeus actos, & dittos, ſempre, que fis eſta conſideraçaõ, me reſolvia, que naõ lhe vira obrar acçaõ alguma, nem proferir alguma palavra, em que naõ entendeſſe, que merecia pera com Deos. Athe aqui a carta, ou informaçaõ, que deu eſte fidalgo das virtudes do Padre Joaõ Nunes.

6 A eſta ajuntarei outra de huma Senhora titular, de quem aſſima diſſemos, que deixado o mundo, ſe recolhera ao ſagrado da Religiaõ pellas exhortaçoens do Sancto Padre Joaõ Nunes. Dis pois em huma ſua, que eſcreveo por occaſiaõ de ſe lhe pedir informaçaõ das virtudes deſte ſervo de Deos pello Padre que tinha a ſeu cargo o ajuntalas em hum corpo.

7 *Ainda, que as razoens, que me fizeraõ fugir do mundo, me tenhaõ taõ livre de toda a comunicaçaõ delle por naõ ſer pera acçoens de viva, quem jâ eſtâ ſô pera ſepultada: eſtaõ taõ inſeparaveis de minha memoria, & taõ vivas na minha eſtimaçaõ as do muito, que devia ao meu Padre Joaõ Nunes; & he tanta, a que eu faço deſte eſcritto de Voſſa Paternidade; aſſim pello, que Voſſa Paternidade he, como pella ſancta occupaçaõ, em que me dis, que anda, que naõ poſſo deixar de moſtrar a Voſſa Paternidade o que o ſingulariza o meu agradecimento a todos, os que mais me ſaõ, a quem nem ainda reſpondo.*

8 *E aſſim faço eſtas regras pedindo em primeiro lugar a Deos Noſſo Senhor pague a Voſſa Paternidade a grande conſolaçaõ, que me deu nas eſperanças, com que me alenta, & promeſſa, que me faz de me mandar a vida do Padre Joaõ Nunes; & daqui jà alivio a grande pena, que nunca perderei de ſua falta. Voſſa Paternidade me ordena, que o aviſe dos cazos mais raros, que ſouber delle; & ſô niſto naõ poſſo eu obedecer a Voſſa Paternidade, porque eu naõ fui nunca capàs de elle os fiar de mim: mas, que mais quer Voſſa Paternidade ſaber, que o que elle ſempre foi em ſua vida? Naõ ſei eu virtude, que nelle ſenaõ poſſa contar por cazo raro.*

9 *Que vem a ſer em huma criatura ſô humana aquella rara humildade, a quelle tomar ſempre o peor lugar, aquelle terſe por menos, que todos, aquelle dezejo de ſer deſprezado, como elle em algumas occaſioens moſtrou; dizendo a quem elle podia mandar em Confiſſaõ, que zombaſſem delle. Aquelle*

go-

gosto maior, com que acodia á consolaçaõ dos mais humildes; a grande pena, que tinha, de fazerem estimaçaõ de sua pessoa; que levado da pena chegou algumas vezes a pedir, & a mandar a confessadas suas, sabendo, que ellas o tinhaõ gabado, & eu fui huma dellas, que nunca mais disseſſem cousa de louvor seu.

10 A repugnancia, que tinha taõ excessiva de o fazerem Prelado, que dos effeitos della se pode cuidar (como creyo, que sabe vossa Paternidade) se lhe originou a morte. Em fim aquelle cõtinuo exercicio em toda a occasiaõ de se humilhar. Que nome se pode pôr à quella taõ grande pobreza, que tinha taõ entranhada no coraçaõ, & como podia ver sem embuço, quem puzesse os olhos em os seus remendos, & ouvir suas palavras. Qual era a sua obediencia em que entrava naõ sò com a prõptidaõ, & diligẽcia em obedecer, mas tambem com o maior gosto em o mandarem.

11 Que caridade era a sua, com que sempre estava acodindo aos pobres com a doutrina, com a compaixaõ, com as esmolas, naõ sò que alcançava, senaõ que pera estas do seu sustento diminuia, como ja em S. Roque teraõ testimunhado. Aquella taõ rara paciencia, com que nunca se lhe ouvia a menor queyxa de cousa, que o pudesse molestar; senaõ fosse, das que corriaõ por conta do zelo, em que tanto se via sua prudencia, como seu valor. Aquellas penitencias taõ continuas, & taõ grandes no rigor, com que se tratava, & na limitaçaõ da pobre rassaõ, que comia.

12 Aquelle andar sempre em oraçaõ com aquella prezẽça de Deos taõ viva, & que tanto mostrava em naõ haver conversaçaõ (o que tinhamos ponderado) em que às duas palavras naõ levasse logo a pratica a Deos; com tal graça, & dom particular seu, que com a maior efficacia entravaõ todas suas palavras na alma, no que compungiaõ, & no que obravaõ.

13 Em fim eu sem dizer nada me fui alargando, mas remetto o que quero dizer ao mais, que vossa Paternidade sabe, & todos conhecem, o que tenho dito; & affevero, que tenho pello maior milagre ver huma creatura no mundo sugeita às fragilidades da nossa fraqueza, livre de tudo, o que naõ era a maior perfeiçaõ, hum composto de todas as virtudes. Mas ainda eu acho muita rezaõ a vossa Paternidade em se querer informar dos effeitos dellas, pera que se saiba tudo pera gloria

de Deos; posto que do recato, que o Padre Joaõ Nunes tinha, & do que trabalhava por encobrir, o que era: temo muito, que seja muito pouco, o q̃ vossa Paternidade possa descobrir; principalmente ainda agora, que pode succeder, se calem alguns successos, por naõ ser rezaõ, se digaõ em vida das pessoas, entre quem succederaõ.

14 *Se Dona Brites da Costa fora viva, muito boa testimunha fora ella, de que o Padre Ioaõ Nunes conheceo, se lhe chegava a hora de sua morte, por q̃ poucos dias antes de adoecer, lhe deu huns documentos, de como havia de proceder no commercio com Deos, & rematou com dizer, que lhe particularizava aquelles conselhos, como quem se despedia; & que reparando esta Senhora na despedida, lhe perguntara, que jornada fazia?*

15 *Tudo se pode crer de quem elle era; mas eu querendo acabar, parece que torno a me alargar de novo; mas naõ se espante vossa Paternidade, se lhe parecer, me naõ despido de fallar nestas materias, porque he muito, o que devia ao Padre Joaõ Nunes, & mal pode crer a consolaçaõ, que devo de fallar em suas virtudes, mas naõ quero cançar a vossa Paternidade, pois paro, com lhe pedir, me naõ dilate este gosto, em podendo mandarme o que ha escritto, & deme vossa Paternidade em que servilo, que aqui me tem muito como serva sua.* Athe aqui o elogio, que fez esta Condessa ja Religiosa das virtudes do Padre Joaõ Nunes.

16 A este ajuntemos outro de huma das Damas da Rainha, que por direcçaõ do Padre Joaõ Nunes, deu de maõ às vaidades do mundo; escreveo esta a hum Religioso da Companhia seu Irmaõ, que lhe pedia, lhe desse alguma noticia das virtudes do Padre Joaõ Nunes. *Meu Irmaõ, apostada estava a faltar antes a obrigaçaõ da natureza, que à mortificaçaõ de Religiosa; mas interpuzestes motivos taõ forçosos pera me obrigardes à reposta, na informaçaõ, que me pedistes do Padre Joaõ Nunes; que posso dizer, que nesta occasiaõ me experimentastes vòs mais Irmãa na correspondencia, porque me quero mostrar mais agradecida na informaçaõ; nem estes termos vos offendaõ; porque por Religioso da Companhia vos achareis sempre menos prompto pera o commercio com hum parente, & sempre vos achareis mais expedito pera a correspondencia com hum Sancto.*

17 *Confessovos, me tem causado mui intimo sentimento a*

falta

falta do Sancto Padre Joaõ Nunes, que se seguio esta perda logo à minha profissaõ, a que elle ja por estar sangrado, naõ assistio; esta pena me fez perder o gosto de tudo, & nem pera me consolar nella significandovola, tive animo, sendo assim que o dezejei muito. Perdi nelle a primeira via, por onde Deos quis darme luz pera conhecer os perigos, em que andava minha alma, & foi de tanta consolaçaõ minha, achar Confessor taõ sancto, que em todos os trabalhos, que me perseguiraõ no paço, me deo naõ sò alivio, mas remedio, assim com oraçoens, como cõ diligencias, que todas as que lhe devia eram como milagres.

18 E affirmovos, que no espiritual, & temporal tive larga experiencia da muita virtude, com que o Padre Joaõ Nunes vivia, & a pudera justificar em publico com cartas suas, que dellas me valia, depois, que me recolhi, por lhe naõ poder fallar; mas porque aquellas constavaõ de particulares de consciencia, & materias de confissaõ, fui obrigada a rompelas, de que tenho assaz pena; porque por ellas se podia justificar, q̃ lhe dava Deos particular luz divina, pera alcançar o interior das almas, com quem tratava.

19 Pello menos eu posso affirmar, que antes de lhe dar, o entender a pena, que tinha, me dava anticipadas razoens, pera aliviala; & pouco antes, que adoecesse, me escreveo, aconselhandome, que em nenhuma occasiaõ de pena havia de õbrar: eu por entaõ naõ percebi, à que valia o conselho, senaõ depois, que experimentei a causa: E se eu assim como vos fallo por carta, vos fallara à vista, tudo vos disera com clareza, pera que louvasseis a Deos, pello que obrava de misericordias comigo por este seu servo, a quem tenho raras obrigaçoens; que naõ satisfeita do muito, que no mundo lhe devia, continuava sempre naquelle affecto, & dezejo de pôr minha alma no mais perfeito estado, & agrado pera com Deos. Diante deste Senhor em grande gráo de gloria, confio que está avogando por mim, & por vòs. Athe aqui a carta desta Religiosa.

20 Hum nosso Religioso contou, que sendo de natural pouco brando, & nada propenso a lagrimas, depois q̃ tomara por seu Confessor ao Padre Joaõ Nunes, nunca nos se confessava com elle, que a confissaõ naõ fosse acompanhada com muitas lagrimas de compunçaõ, & dor de seus defeitos. Outro nosso Religioso andava muito anssiado com imaginaçoẽs à cerca da sua predestinaçaõ, sem poder soccegar nem de dia, nem de noyte: declarou ao Padre Joaõ

Joaõ Nunes eſte ſeu ſoſobro: elle o exhortou a render graças a Deos pella merce, que lhe fazia, em o moleſtar cõ aquellas anguſtias, porque lhe affirmava, que a anſia, em q̃ ſe via, era ſinal de eſcolhido; rematando com eſtas palavras: Daqui por diante dormirà, deſcançarà, & naõ ſerà moleſtado. A eſtas palavras ſe ſeguio o effeito, porque amaynou a tormenta, & o Religioſo confeſſou, que vivia em taõ bella paz, que parecendolhe antes, que era preciſo, no eſtado prezente lhe parecia viver na bemaventurãça.

21 Outro noſſo Religioſo, q̃ foi condiſcipulo do Padre Joaõ Nunes, & cõpanheiro do meſmo cubiculo, teſtificou que ſendo condiſcipulo, & companheiro do Padre Joaõ Nunes o admirava, & venerava tanto, que pedia a Deos lhe eſtendeſſe a vida, pera que no tẽpo futuro viſſe & veneraſſe no P. Joaõ Nunes hũ varaõ ſancto; & q̃ conferindo os primeiros annos de Religiaõ com os ultimos, em que o conhecia, naõ achava nelle differença alguma, porque ſempre a sãctidade de ſeus coſtumes foi a meſma, & hũ o theor de vida, indo de virtude em virtude.

CAPITULO X.

Cauſa de ſua morte, honras funerais, & veneraçaõ, que ſe teve a ſeu cadaver.

COm tantas, & taõ grandes virtudes adquiridas, & augmentadas por toda a vida ſe preparou eſte grãde ſervo de Deos pera hũma felicíſſima morte. Poucos dias antes de cahir enfermo, abrindoſe por ordem do Governo Publico na caſa da ſaude todas as cartas, que tinhaõ chegado de Italia, por eſtar Genova aſſolada com peſte, & Roma ferida do meſmo mal; abrindoſe digo as cartas, ſe achou entre ellas hũa de noſſo Reverendo Padre, em que vinha patente ao Padre Joaõ Nunes pera ſer Provincial da provincia de Alentejo, por eſtar entaõ o Reyno dividido em duas provincias da Companhia. Souberaõ iſto algũs titulares, antes que a noticia chegaſſe aos Superiores, & como eraõ grandes amigos do Padre, lhe foraõ dar o parabem da nova honra.

2 Teve

2 Teve diſto taõ exceſſiva pena, que affirmou o Padre que o confeſſava, & ſabia o que paſſava no recondito de ſeu coraçaõ, que daqui em grande parte ſe lhe originara a ultima doença, & finalmente a morte. Tinhaſelhe tambẽ dobrado o trabalho de hir a palacio, porque a Rainha levava em goſto, que o ſeu Confeſſor lhe diſſeſſe todos os dias Miſſa; & fizeſſe particular aſſiſtencia em ordem às boas direcçoens do governo publico. Naõ podia elle faltar a eſtas obrigaçoens, porem nem ainda com ellas quis deixar o ſeu inviolavel coſtume de hir, & de vir a pé: trabalho, que tomado com eſte rigor, era muito ſobre as ſuas forças.

3 Em hum domingo do mes, em que havia jubileo, & grande concurſo em S. Roque, vindo de palacio depois de cumprir com as obrigaçoens de ſeu officio; ainda que andava ja abalado; em chegando a caſa ſe foi logo à Igreja a cõfeſſar. Naquelle domingo cahio o Padre Ioaõ Nunes doente, & diſſe ſeu Confeſſor, que elle tivera por couſa certa, que morria daquella doença, & poriſſo pedia os Sacramentos, dizendo: Padre eu ſei ha muitos dias, que hei de morrer deſta, querome confeſſar geralmente de toda a vida, & aparelharme, pera ver o meu bom JESUS. A ſua inſtancia depois da confiſſaõ ſe lhe deu o Sanctiſſimo, & o recebeo como viatico com grande devaçaõ, & lagrimas: ſegunda, & terceira vez tornou depois a comungar, deſtas foi hũa em dia de Natal, de cujo miſterio foi ſempre muito devoto.

4 Foi inexplicavel o ſentimento, que teve a Rainha com a doença do ſeu muito eſtimado Confeſſor: ordenou, lhe aſſiſtiſſem todos os Medicos da ſua corte, & que todos os dias fizeſſem ſobre a doença duas juntas, huma pellas ſete da menhãa, outra pellas duas da tarde; & que acabadas qualquer das juntas, foſſe hum dos Medicos, a darlhe parte dos termos da doença: alem diſto dous moços de ſua Camera andavaõ inceſſavelmente do paço pera S. Roque, & daqui pera o paço, pera lhe darem noticia de toda a variedade, que ouveſſe na doença.

5 Eraõ continuos à portaria os recados das Senhoras confeſſadas do Padre Ioaõ Nunes: buſcavaõſe com grandes diligencias todas as medicinas, que conduziaõ pera a cura: fizeraõſe muitas romarias a oragos de devaçaõ, mãdaraõ-

daraõſe dizer muitas Miſſas, fizeraõſe muitos votos pera conſeguir de Deos a ſaude do enfermo taõ dezejada de todos. Eraõ notorias eſtas diligencias ao Padre Ioaõ Nunes, elle as agradecia muito a todos.

6 Quarta vez tomou o Senhor, na qual ſe lhe deu por modo de viatico, & o recebeo com grãde ternura, & piedade. Na veſpora do dia, em que falleceo, ſe mandou deſpedir da Rainha por hum Padre grave, pello qual pedio a ſua Mageſtade perdaõ dos defeitos, que cometera em ſeu ſerviço. Reſpondeo ſua Mageſtade pello meſmo Padre, q̃ nunca em ſeu ſerviço fizera obra, que neceſſitaſſe de perdaõ; que o mandarlhe pedir eſte, era como trazerlhe à memoria ſua grande diſgraça, que principiara na morte do ſeu Principe, continuara na morte do ſeu Rey, & rematava na morte de ſeu Confeſſor.

7 A eſta repoſta ajuntou logo huma ordem, pella qual mandava, que no dia do ſeu tranſito, todas as Miſſas, que ſe diſſeſſem em Lisboa, foſſem por ſua ditoſa alma. Hum quarto antes de eſpirar, lhe mandou dizer huma Senhora titular, que lhe prometia executar, o que ſua Reverẽcia lhe pedira, com tanto que a recomendaſſe a Deos no Ceo: o Padre reſpondeo, que prezava muito a ſua reſoluçaõ, com tanto, que ſua Senhoria rogaſſe inſtantemente a Deos, que o fizeſſe digno de ſua prezença. Neſte meſmo tempo chegou hum Padre autorizado, amigo ſeu, & lhe diſſe: Padre Ioaõ Nunes, he poſſivel, que nos apartamos, & que me naõ leva conſigo? Reſpondeo o enfermo: Ah Padre que nos naõ apartamos, porque levo a voſſa Reverencia no coraçaõ, pera ter diante de Deos muito vivas lembranças de voſſa Reverencia.

8 Diſſelhe ſeu Confeſſor, que ſe ſentia anſias de morte, ſe lembraſſe, das que Chriſto padecera na Cruz. Deu por repoſta: Aſſim as padeceo o amoroſiſſimo JESUS à viſta de ſua May Sanctiſſima. Depois com grande paz, & ſoccego entregou ſeu eſpirito nas maõs de ſeu Creador, em huma ſeſta feira, dedicada à Payxaõ de Chriſto, de que foi ſingularmente devoto, aos 28. de Dezembro dia dos Sanctos Innocentes no anno de 1656. A doença foi de febre maligna, durou 24. dias: tinha, quando morreo ſeſſẽta, & tres annos de idade; de Religiaõ quarenta, & ſete. Foi a morte pella huma hora, & meya depois do meyo dia.

9 Ouve

Digitized by Google

9 Ouve grande ſentimento em toda a Corte. Do paço, & de caſa de outras grãdes Senhoras ſe mandaraõ muitas flores, pera ſe lançarẽ ſobre ſeu ſancto cadaver; o qual reveſtido com as veſtimentas Sacerdotais, ſe pôs em a Capella grande da caſa de S. Roque; naõ o puzeraõ na capellinha dos enfermos, como aos demais, quando fallecem; porque como fica no corredor de bayxo, & muito à maõ aos ſeculares, poderiaõ eſtes deſpojar o ſancto cadaver, antes de chegar à Igreja.

10 Quando ſe chegou a hora de o levarem à ſepultura; acodiraõ todos os nobres, de cuja confraria era Preſeito o Padre Ioaõ Nunes; & com Cruz alçada, levando cada hum nas maõs ſeu brandaõ acezo, o vieraõ acompanhando. Athe a clauſtra o trouxeraõ os noſſos Religioſos de maior authoridade: alli o tomaraõ aos Padres muitos Senhores dos principais do Reyno; a ſaber, o Marquez Almirante, o Conde de Sancta Cruz, o Conde de Figueyrô, o Conde Camareiro môr, o Conde de Villaverde, o Conde da Vidigueyra, aos quais ajudavaõ o Conde de Vimioſo, o Conde de Cantanhede, o Conde de Caſtro, & outros muitos Senhores da primeira qualidade do Reyno.

11 Em hombros taõ illuſtres entrou aquelle ditoſo cadaver pella porta da Igreja de S. Roque, aonde aſſiſtia hum numeroſiſſimo concurſo de toda a ſorte de gente; quaſi toda a fidalguia aſſim Eccleſiaſtica, como ſecular; innumeraveis Religioſos de todas as Religioẽs; tantos, que correndo duas ordens de bancos do cruzeiro da Igreja athe o antiparo, crecião as peſſoas, & faltavaõ os aſſentos.

12 No meyo da Igreja ſe collocou o ſancto cadaver, & lhe rezaraõ o officio, cantando as liçoens os Religioſos de outras familias ſagradas, que ou eraõ dos maiores poſtos nas ſuas ordens, ou os tinhaõ ja occupado. O officio cantaraõ os noſſos Religioſos: depois delle, & da Miſſa, os meſmos titulares, tornaraõ a tomar o eſquife, & o levaraõ athe junto à ſepultura, aonde o depuzeraõ.

13 Aqui recreceo tanto o numero de gente a beijar os pés, cortar cabellos, tomar reliquias, tocar as contas, cortar pedaços do veſtido, que naõ foi poſſivel nem aos titulares, retardarem o povo, nem aos noſſos enterrarẽ o defuncto: por tãto parecendo aos meſmos Senhores, a quem ouve de obedecer o Padre Prepoſito, ſe dilatou o enterro

pera a tarde; & ſe tornou a pôr o eſquife no meyo da Igreja, pera ſatisfazer à devaçaõ de todos. Aqui de novo ſe maltratava a gente com immoderavel piedade; foi tanto o exceſſo, que ſe deputaraõ quatro Religioſos noſſos de authoridade, pera de algum modo temperar o fervor do povo, pera que naõ paſſaſſe a irreverencia.

14 Porem naõ valendo traça alguma, pera moderar a gente, que cada-vez era mais: aſſentaraõ, que ſe fechaſſe o corpo na capella do Eſpirito Sancto; execuçaõ, que ſe obrou com grande difficuldade, pella muita gente, que naõ dava a iſſo lugar: fechado o corpo na capella, vieraõ logo tres pintores por ordem de tres grandes do Reyno, que o mandavaõ retratar. Vieraõ muitas Senhoras grandes diſfarçadas, pera terem mais lugar as demonſtraçoens do ſeu ſentimento: cercaraõ o eſquife, & com grande piedade, cada-hũa lhe beijou o pé, & a maõ, & levou algũa reliquia ſua, hũa lhe levou o barrete q̃ guardou como precioſo theſouro.

15 Aſſeveraraõ alguns Religioſos noſſos, que o cadaver do Veneravel Padre Ioaõ Nunes deſpedia de ſi hum cheiro taõ ſuave, & eſpecial, que vencia a todos os outros prefumes. Aſſim eſteve toda a tarde; aſſiſtindo neſte meſmo tẽpo perſiſtetemẽte ao pé da ſepultura, q̃ eſtava aberta, o Conde de Villaverde, & o Submilher da cortina de ſua Mageſtade Dom Diogo Lobo; toda a cauſa da ſua aſſiſtencia foi impedir aos noſſos Religioſos, ſepultarem o cadaver em a terra pello modo, que ſe uſa com os outros. Por tãto mandaraõ fazer hum cayxaõ, em que ſe enterraſſe.

16 Pellas ſinco da tarde ſe ordenou o ſegundo enterro; precedendo diante a confraria dos Nobres, na forma, que diſſemos aſſima, deu huma volta pello meyo da Igreja; chegando ao cruzeiro, aonde eſtava a ſepultura; tornou a carregar a gente, & a dar ſaque a tudo, o que podia haver às maõs; aqui lhe tomaraõ da cabeça o ſegundo barrete. Vendo eſtes exceſſos, os que os levavaõ; julgaraõ, ſenaõ devia permittir mais à devaçaõ do povo, & aſſim ſerraraõ a tampa do cayxaõ, pera que tirado aos olhos, amaynaſſem aquelles fervores: depois o meteraõ na ſepultura.

17 A petiçaõ da Rainha mãdou o Padre Prepoſito de S. Roque a ſua Mageſtade a cruz ſemeada de bicos, de que aſſima diſſemos, humas camaldolas, & hum cilicio de ferro: a cruz reſervou ſua Mageſtade pera ſi; as camaldolas deu

deu ella a ſua Alteza; o cilicio deu à Marqueza da Atouguia: que todos eſtimaraõ como precioſas reliquias. Eſta foi a admiravel vida, & ſancta morte do Veneral Padre Joaõ Nunes Confeſſor da Rainha Dona Luiza, prototypo de homens ſanctos, & de Confeſſores de Principes; o qual entre os favores, & valias dos Reys nem hum ſó apice ſahio da humildade Religioſa; antes a acrecentou deſprezandoſe de cada ves mais; & metendo debayxo dos pés todas as eſtimaçoens dos homens; por iſſo as mereceo todas ſendo vivo, & todas depois de morto. A vida do Padre Ioaõ Nunes nos deixou eſcripta ſeu Noviço o Padre Diogo Lobo, em eſtilo mais de elogio, que de hiſtoria, com aquella cultura de palavras, & agudeza de penſamẽtos, com que ſe coſtumava explicar aſſim nas praticas ordinarias, como nos pulpitos, pera os quais teve ſingular talento, como ſomos teſtimunhas todos os que o ouvimos; foi Prégador dos Reys Dom Affonſo ſexto & Dom Pedro ſegundo: morreo em o Collegio de Coimbra, indo de Lisboa prégar alli as menhãas da quareſma. Do Padre Ioaõ Nunes falla o Padre Nadaſi aos 29 de Dezembro, ſendo, que na ſua vida acho fallecer dia dos ſanctos Innocentes.

CAPITULO XI.

Vida do Padre Franciſco Marques Miſſionario de Etiopia. Entra na Companhia, paſſa a Etiopia. Do que lhe ſuccedeo, athe ſer della deſterrado.

Em Dio 30. de Agoſto de 1639.

1 O Padre Franciſco Marques Martyr da Caridade, & que nos ſeus trabalhos padeceo muitos martyrios, naceo na cidade de Braga. Seus pays ſe chamaraõ Domingos Marques, & Izabel Neta. Aprendeo a muſica, & a ſoube com primor. Era Collegial no Collegio do Arcebiſpo, & andava na primeira claſſe dos noſſos eſtudos ſendo ſeu Meſtre o Padre Balthezar Telles. Aſſim por ſer taõ excellente na muſica, Como por outros bons talentos, que nelle avia, o aceitaraõ pera ſeu Religioſo os Padres de Saõ Bento, onde jâ tinha dous Irmaõs.

2 No dia, em que avia de entrar, ſe mudaraõ as couſas de maneira, que por entaõ foi preciſo dilatarſelhe a entra-

da. Ficou taõ impaciente deſta demora, & de aver de eſtar mais no mundo; que ſe foi ter com o ſeu Padre Meſtre; deſcobriolhe, o grande dezejo, que lhe ſobrevinha de ſer da Companhia, logo a pertendeo com notavel fervor. Foi recebido pera Coadjutor eſpiritual. Foi dar principio a ſeu Noviciado em Lisboa. Alli entrou na Companhia aos treze de Setembro de mil ſeiscentos, & vinte, tẽdo vinte, & hum annos de idade.

3 Acabado o ſeu Noviciado vendo ir pera Etiopia o Patriarca Affonſo Mendes, lhe pedio com muitas inſtancias o levaſſe conſigo. Informandoſe o Patriarca dos ſeus bons preſtimos, boa capacidade, coſtumes ſanctos, o admittio; & no anno de 1623 o levou em ſua companhia pera à India; & da India pera Etiopia; onde entrou no anno de 1625. Foi participante de todos os ſuſtos, & perigos por onde Deos meteo na Etiopia ao Patriarca; como diffuſamente refiro em ſua vida.

4 Em Ethiopia vio os grandes augmentos, a que chegou aquella Chriſtandade, pois ſó no anno de 1628 ſe cõtaraõ reduzidos ao gremio da Igreja mais de cem mil Sciſmaticos. O Padre Franciſco Marques eſcreveo de Etiopia, que ſó na quareſma do ditto anno bautizara na Miſſaõ dos Agaus mais de quarenta mil almas.

Hiſt. de Etiop. l. 5. c. 14.

5 Achouſe eſte Padre em varias emprezas, que o Emperador, & ſuas gentes tomaraõ contra os Sciſmaticos rebeldes, nellas era o Padre Franciſco Marques grande parte do animo dos ſoldados; a todos alentava. Huma vez inveſtindo a gente do Imperador contra hum monte alto, em que eſtavaõ acaſtellados os inimigos, foi tal o frio, que morreraõ mais de ſincoenta peſſoas enregeladas, nem baſtava o fogo, que faziaõ, pera ſe aquentarem; hum deſtes cahio junto à tenda do Padre Franciſco Marques, ſem elle lhe poder ſer bom, mais, que pera o poder, mandar enterrar. A eſtes, & outros muitos perigos ſe expunha em ſerviſſo de Deos, & daquella nova Igreja.

6 Aſſim por cauſa das muitas guerras, como pellos muitos, & poderoſos inimigos, que tinha a Fé verdadeira, toda a bonança ſe mudou em infortunio. Ajuntouſe a tudo a morte do Imperador, que ainda, que por temor condeſcendeo com os Sciſmaticos; em quanto viveo ſempre os Padres tiveraõ boa paſſagem; & na morte encomendou a ſeu

a ſeu filho herdeiro; que amparaſſe o Patriarca, & Padres, dizendolhe, que a Fé Romana era a verdadeira; & ſe elle tinha permittido a de Alexandria, fora ſó por condeſcender com o povo acomodandoſe aos tempos.

7 Eſta foi a ſua ultima recomendaçaõ, dahi a pouco morreo deyxandonos duvidoza a opiniaõ de ſua ſalvaçaõ, porque a morte o alcançou por confeſſar. Quando o Padre Diogo de Mattos, que lhe aſſiſtia; lhe lembrava o perigo, tudo eraõ dilaçoens, athe, que a morte lhe naõ quis dar mais eſperas. Chamavaſe eſte Imperador Seltaõ Segued. Com elle chegou a Fé Romana na Etiopia ao maior auge, & com elle acabou. O filho, nenhum cazo fez da recomendaçaõ do pay. Era Sciſmatico perverſiſſimo. Deſterrou de Etiopia ao Patriarca, & Padres.

8 Aſſim como o Padre Franciſco Marques entrou cõ o Patriarca, aſſim com elle ſahio, ſendo companheiro inſeparavel de ſeus grandes trabalhos na ida, & na vinda. Os Sciſmaticos os entregaraõ por fim de tudo aos Turcos, ſenhores dos portos maritimos de Etiopia. A inhumanidade, com que os trataraõ, com nenhumas palavras ſe pode explicar. Tudo refere difuſamente no livro ſexto da ſua Hiſtoria de Etiopia o noſſo Padre Balthezar Telles cõ as palavras do Patriarca Affonſo Mendes.

9 Tendoſe jâ em Suaquem concertado com os Turcos, temendo eſtes, que contando os Padres em Dio os maos tratamentos, que lhes tinhaõ feito em Suaquem, naõ mandaſſem lâ os mercadores de Dio nao de contracto, retiveraõ ao Patriarca, & ao Padre Diogo de Mattos nomeadamente, & lhe diſſeraõ, elegeſſem elles outro terceiro, qual quizeſſem: todos os mais Padres ſe offereceraõ; mas a ſorte cahio ſobre o Padre Franciſco Marques, que dos Abexins fora ſempre tido por irmaõ mais moço do Padre Diogo de Mattos, & como tais ſe tratavaõ, & amavaõ em o ſenhor. Os mais Padres ſe fizeraõ à vela pera Dio.

10 Padeceraõ muito em Suaquem eſtes tres confeſſores de Chriſto. Quis o Governador, que lhe deſſem por ſeu reſgate quinze mil patacas. Huma ves eſtando aſſanhado os mandou ir a ſua prezença pera ſaber delles, em que reſoluçaõ eſtavaõ. Tratou-os com nenhuma cortezia; reſponderaõ, que dariaõ repoſta por hum ſeu miniſtro, porquem meneava ſemelhantes negocios. Com iſto ſe livraraõ

vraraõ da morte, que ſegundo eſtava enfurecido, juſtamente ſe temia.

11 Dalli a poucos dias foi ter aquelle miniſtro com os cativos, dizendolhes: naõ quizeſſem, experimentar a furia de ſeu amo, & dar à força de tormentos, o que de vontade naõ queriaõ. Prometeraõlhe mil patacas: tomou a promeſſa em graça; & ſe foi advertindoos, que conſideraſſem bem, o que lhes eſtava melhor. Dalli a mais alguns dias mandou ſaber da reſoluçaõ. Como reprezentaſſem ſua pobreza. Por ſua ordem foi hum meirinho, & levou aos ſervos do Senhor pera hum pequeno baluarte, onde eſtavaõ outros dous prezos. Meteolhes os pés em hum cepo, & ao peſcoſſo lhes lançou groſſos colares de ferro, os quais todos ſe fechavaõ com huma cadeya comprida. E diſſelhes, que aſſim aviaõ de eſtar athe a morte, ſenaõ deſſem o dinheiro, que ſe lhes pediſſe.

12 Deſte rigor dis em huma ſua carta o Patriarca: *Fomos os tres metidos no tronco com os pês no cepo, peſcoços em colares de ferro, amarrados a huma groſſa corrente, com que ſahiamos fora, quando ſe nos dava licença pera iſſo, como lâ os degradados, quando ſaõ levados de correyçaõ em correyçaõ: ſendo o guia deſta dança de cadeyas o Patriarca, o do meyo o Padre Franciſco Marques, o remate o Padre Diogo de Mattos. Nem faltavaõ pera ella cabayas varias nos cortes, & cores, em que prevalecia tanto a da ferrugem das cadeyas, que depois de ſoltos, naõ ſe lhe pode tirar com todas as lavagens.* Athe aqui as palavras da carta do Patriarca.

13 Foraõ tais as incomodidades, & calmas, que alli padeceraõ, que vieraõ a mudar toda a pelle, ficandolhes os corpos em carne viva. A eſte tempo eſtando jâ de verga dalto a nao, que partia pera Dio, vendo o Turco, que os cativos naõ davaõ o dinheiro, tomou conſelho de os mandar meterem hum barco, & levados ao alto darlhe furo, pera que ſe affundiſſe. Sabendo iſto os Baneanes ſe foraõ ter cõ os prezos, dizendolhes, ſe alargaſſem, que elles contariaõ logo o dinheiro. Depois de varios lanços concordaraõ em quatro mil patacas. Sahiraõ da prizaõ dia de Saõ Bartholameu no anno de mil ſeiscentos trinta, & ſinco. Depois de hum mes de viagem, chegaraõ a Dio. O Patriarca ſe foi logo pera Goa em ordem a buſcar remedio a tantas miſerias, em quantas a ſua Igreja ficava.

C A-

Digitized by Google

CAPITULO XII.

Refere-se huma carta do Patriarca, em que se contem a sancta morte do Padre Francisco Marques.

1 HUm anno sofreraõ os rigorosos tratamentos de Suaquem. Depois de chegar a Dio, fez, o Padre Marques o officio de Procurador da sua missaõ de Etiopia esses poucos annos, que avida lhe durou. Conta sua morte o Patriarca escrevendo de Goa a hum Religioso de Saõ Bento, Irmaõ do Padre Marques; por ser a carta de tal maõ, & Autor a direi por suas palavras, he a seguinte.

2 *Com differente alvoroço estava pera responder a huma de Vossa Paternidade, de dez de Março do anno de mil seiscentos trinta, & oito, que meu amado, & fiel companheiro, & filho, o Padre Francisco Marques me mandou de Dio, & chegou ja depois do galeaõ, que desta barra sahio no Março passado: mas foi Deos Nosso Senhor servido, que com a reposta della se ajuntasse parte do sentimento, & lagrimas, que em mim sempre correm, & em Vossa Paternidade faraõ nova fonte, com a triste nova, que nesta sou obrigado a lhe dar da morte deste seu taõ prezado irmaõ, posto que tenho por certo, que ella foi termo dos trabalhos desta miseravel vida, & principio do descanso, & gostos da eterna.*

3 *Foi este anno critico, & mortal pera grande parte desta India, & em particular pera os tres companheiros, que vindo de Etiopia estivemos em Suaquem prezos no mesmo trõco, & corrente. Eu fui o primeiro, com quem a doença arremeteo no Fevereiro passado com huma mui grande tosse, a que todos punhaõ nome de catarro, sendo em verdade asma, que chegou a me tomar o peito, & quasi afogar. Por esta causa tomei quatro sangrias em Março, oito em Abril, & em Mayo, em que me deraõ treze sezoens, outras oito: & depois duas em Julho de huma recahida. Noqual tempo me tornou a tosse, & se declarou, que era asma, daqual me começaraõ a curar, & depois de varias experiencias me abriraõ huma fonte no braço direito, andando athe agora mui achacado, mas já com grande melhoria.*

4 *Neste tempo, que eu estava no auge das terçans, me assi-*

assistia com grande caridade o Padre Diogo de Mattos, nosso companheiro, que era Reytor deste Collegio, & sendo elle mui robusto de compreyçaõ, juntamente mui dado à fazer penitencia, & a desprezar seu corpo, nem fazia cazo de alguns achaques de quentura, & fogagem, que naquelle tempo, por ser das maiores calmas da India, o acometiaõ; & depois de lhe dar o sol em huma caminhada, que fez a pê, lhe deu huma febre taõ maligna, que o levou do nono pera o decimo dia, em quatro de Junho, estando eu ainda de cama. Daqual morte avizei logo ao Padre Francisco Marques, pera que encomendasse a Deos sua alma, & lhe pagasse com seus sacrificios, & oraçoens parte do amor, que lhe devia, que era taõ grande, que sempre se chamavaõ irmaõs, assim em Etiopia, como cá. O que teve principio em hum Abexim, vendoos taõ amigos, perguntar ao Padre Diogo de Mattos, se era o Padre Francisco seu irmaõ? E respondendolhe elle (que era de mui boa graça,) que sim, que era seu irmaõ mais moço, dalli lhe chamavaõ todos irmaõ mais pequeno do Padre Diogo.

5 Teve o Padre Francisco Marques extraordinario sentimento com esta nova, de modo, que de dia, & noite se desfazia em lagrimas, & penitencias, & me escreveo de Dio, aonde era procurador da nossa missaõ, que sendo seu irmaõ morto, naõ podia elle durar muito tempo. Assim succedeo, porque neste inverno deu naquella fortaleza huma doença, a modo de peste, a qual em todas as cazas dos Christãos, Gentios, & Mouros fez grande estrago. E como a caridade do Padre Frãcisco Marques abraçava a todos, a todos queria acodir, aos Christãos pera os confessar, & ajudar a bem morrer, aos Mouros, & Gentios pera os converter a nossa Sancta Fê. Andando nesta occupaçaõ taõ sancta, & precioza, foi chamado pera confessar a filha de hum homem principal, que estava taõ podre, & mal cheyrosa, que todas as pessoas, que lhe entraraõ em caza, & os que a levaraõ à tumba, adoeceraõ.

6 Nesta caza esteve o Padre hum dia, & huma noyte, athe a doente espirar, & em se recolhendo pera o Collegio, lhe deu a febre maligna, que elle logo conheceo; & dizendo, que seu irmaõ o Padre Diogo de Mattos o chamava, se cõfessou geralmente, & recebeo o Sanctissimo Viatico de Christo Nosso Redemptor ao quarto dia, & pouco depois lhe faltou a falla, com a qual mais entoada, & afinada, do que nunca teve em vida, foi cantar o cantico novo na capella do cordeiro, aos

trinta

trinta de Agoſto, tambem do nono pera o decimo dia da doença como o Padre Diogo de Mattos.

7 *O ſentimento de ſua morte foi univerſal em toda a ſorte de gente da quella fortaleza, que ſe dava por taõ intereſſada em ſua vida; & muitas peſſoas Eccleſiaſticas, & ſeculares, & athe Mouros, & Gentios, me conſolaraõ deſta falta, & em particular o Capitaõ della Franciſco da Silveyra cavalcyro da Ordem de Chriſto, o qual me eſcreveo neſta conjunçaõ huma carta, de que porei aqui hum capitulo, pera que Voſſa Paternidade veja a eſtima, em que o tinha, que dis aſſim.*

8 *Neſte Janeiro deu neſta fortaleza hum como ramo de peſte, que a nenhuma caza perdoou, nem de Chriſtãos, nem de Gentios, nem de Mouros, o qual tambem me derribou, & fez levar ſete ſangrias, nem me pude levantar da cama, ſenaõ esforçandome, pera ir ver o Padre Franciſco Marques, aquem deu huma doença mortal, & o levou em dez dias, com geral ſentimento de toda eſta terra, em que foi taõ chorado, que athe o prezente he, & ſera taõ ſentido, como ſe a cada hum morreſſe ſeu pay, porque ſua muita Religiaõ a todos edificava, & a caridade, que lhe foi cauſa da morte, a todos abrangia, que tais diſcipulos ſabe fazer o Senhor Patriarca. Athe aqui o Capitaõ.*

9 *Bem ve Voſſa Paternidade, que naõ tenho menos rezaõ de ſentimento, que Voſſa Paternidade, & os ſenhores ſeus irmaõs, & pays. Mas podemonos conſolar com a conſideraçaõ de Sancto Ambroſio na morte de ſeu irmaõ Satyro:* Fratrem nõ amiſimus, ſed præmiſimus. *Elle foi diante, nos avemos de ir a poz elle, podendo eſtar ſeguros, que nos tenha a caza aparelhada, pois era mais digno do Ceo, que da terra; do que me dâ grande certeza a innocencia, & inteireza de ſua vida, porque ſendo mancebo, quando ſahimos deſſe Reyno, em mar, & em terra:* Nihil juvenile geſſit in opere. *E em Etiopia, & depois de tornar â India, procedeo com aſſento, & prudencia de taõ velho (ſendo Miniſtro dous annos, do Collegio de Saõ Paulo, & anno, & meyo ſendo Procurador da miſſaõ de Etiopia) que igualmente deixou a todos de ſi exemplo, & ſaudades. Guarde Deos a Voſſa Paternidade, de Goa 5. de Dezẽbro de 1639. Alphonſus Patriarchâ Ethiopiæ.*

10 Eſta he a carta do Patriarca, ella baſta por hum grande elogio deſte ſervo de Deos; ſuas virtudes foraõ excellentes, & dignas de que hum Prelado taõ ſancto o eſ-

colheſſe por companheiro de ſeus immenſos trabalhos.

CAPITULO XIII.

Martyrio do Padre Pedro Caſſui, & vida do Irmaõ Pedro Delgado.

Tendo Julho de 1639.

1 O Segundo Noviço Martyr do Senhor, que ſanctificou eſta caza do Monte Olivete, foi o Padre Pedro Caſſui de naçaõ Japaõ, natural de Imi no Reyno de Bungo. Seus pays ſe chamaraõ Romano Chibe, & Maria Fata. De menino ſe criou em o noſſo ſeminario. No anno de mil ſeiſcentos, & quatorze quando Dayfuſama deſterrou de Japaõ os Prégadores Evangelicos, ſahio com elles deſterrado. Depois entrou em dezejos de venerar os ſanctos lugares de Ieruſalem, paſſou à India, penetrou a Perſia, vizitou em Judea as ſanctas memorias, que alli hâ de Chriſto Senhor Noſſo.

2 De Judea navegou a Roma, aonde entrou na Companhia aos vinte de Novembro de mil ſeiſcentos, & vinte. De Roma paſſou a Portugal, & continuou ſeu Noviciado neſta caza do Monte Olivete, & nella fez os votos no fim dos dous annos. No anno de mil ſeiscentos, & vinte tres navegou a India em Companhia do Patriarca Affonſo Mendes. Eraõ vinte, & tres os noſſos Religioſos, que neſta occaſiaõ paſſaraõ a ſervir a Deos nas miſſoens.

3 Logo o Padre Caſſui determinou navegar a Japaõ, pera ajudar à ſeus naturais. Neſte tempo era a entrada naquelle Imperio mui difficultoſa. Pera poder conſeguir ſeus intentos, ſe fingio eſcravo, dous annos inteiros andou remando em Manila em huma embarcaçaõ tido, & avido, pello, que parecia. Neſta figura pode tomar terra no Japaõ. Alli ſe empregou no bem das almas de ſeus naturais. Em Nangazaqui trouxe a Deos muitos, que por medo dos tormentos tinhaõ deixado a Fé.

4 De Nãgazaqui paſſou às partes do Norte, onde foi deſcuberto, & prezo. Foi levado à Corte de Yendo. Aqui os gentios, pera o perverterem lhe trouxeraõ no meyo dos tormentos a Chriſtovaõ Ferreyra, cuja diſgraça, & martyrio

tyrio ficaõ eſcritos no primeiro livro deſta obra. Como o miſeravel homem por comprazer aos gentios, lhe quizeſſe dizer algumas palavras; pondo nelle os olhos o bemdito Martyr, acezo em hum ſancto zelo, lhe diſſe: E como tu, homem abominavel, afronta da Companhia de JESU, tens cara pera aparecer diante de mim, & abrir a boca pera taõ execranda perſuaſaõ? naõ te envergonhas de ter deyxado a Fé, & viveres hâ tantos annos com geral eſcandalo do mundo, venerando paos, & pedras? Iſſo vieſte buſcar a Iapaõ, ſer deshonra da Companhia?

5 Com ſemelhantes palavras o miſeravel Chriſtovaõ Fer reyra ficou mui corrido, pondo os olhos no chaõ, voltou as coſtas, & ſe foi da prezença do bemdito Martyr, o qual com varios tormentos, que naõ eſpecificaõ, os que delle eſcrevem, acabou ſeus dias na cidade de Yendo no mes de Julho de mil ſeiſcentos trinta, & nove, o dia naõ conſta. Delle eſcrevem o Padre Antonio Franciſco Cardim nos ſeus elogios dos Martyres do Iapaõ, o Padre Mathias Taner, & o Padre Alegambe nas ſuas mortes illuſtres dos filhos da Companhia. Diſſe, que fora o ſegundo Martyr, que ſanctificara eſta caza, porque o primeiro foi o Padre Ioaõ Pereira, que tinha entrado em Coimbra no anno de 1619, & morreo Martyr em Ethiopia.

6 Do Irmaõ *Pedro Delgado* ſe pode com razaõ dizer, que veyo morrer na Companhia, porque entrar, adoecer, & morrer foi o meſmo. Antes de entrar era ſancto, & na ſua infirmidade moſtrou bem, quam amigo tinha ſido de Deos. Entrou na Companhia em Lisboa aos 29 de Fevereiro de 1629, era natural de Alvito no Arcebiſpado de Evora: ſinco annos andou pertendendo a Companhia, ſempre o rejeitaraõ por falta de ſaude. Viſta porem ſua perſeverança foi admittido. Adoeceo logo com notaveis dores em todo o corpo, as quais ſofria com incrivel paciencia, repetindo por vezes o de Sancto Agoſtinho: *Da patientiam, & auge dolorem*: Senhor daime paciencia, & acrecentai as dores. *Lisboa 22. de Julho 1629.*

7 De nove annos de idade comeſſou a ſer devoto da Senhora, rezandolhe todos os dias a ſua coroa, pouco depois acrecentou a eſta devaſſaõ o officio da meſma Senhora. Jejuavalhe todos os ſabados, & nos dias das ſuas feſtas ſe confeſſava, & comungava. Sendo menino ouvio dizer,

Digitized by Google

que avia huma confraria, que chamavaõ do Ceo, a qual tinha por devaſſaõ rezar muitos Padre noſſos, & Ave Marias repartidos pellos dias, hum a Chriſto, outro à Senhora, outro aos Apoſtolos, & a outros ſanctos. Contẽtoulhe eſta devaſſaõ, & a continuou com tanta pontualidade, que ſe de noyte acordava, lembrandolhe, que faltara em alguma couſa, logo ſe levantava da cama, & rezava a ſua devaſſaõ.

8 Eſtando jâ muito no fim da doença, repouzou por algum eſpaço, & perguntandolhe o Padre Reytor, ſe dormira, diſſe, que naõ, mas que eſtivera offerecendo ſuas dores a Chriſto Noſſo Senhor, & à Virgem Senhora, & lhe pedira, que o levaſſe pera ſi ao ſabado; & que eſtando aſſim lhe parecia, que a Virgem Senhora o cobrira com o ſeu manto, & lhe diſſera, que morreria ao Domingo, que era dedicado à Reſurreiçaõ do Senhor; & que elle a iſto reſpondera muy alegre: oh ditoſo dia, & menhãa de Paſcoa pera mim.

9 O effeito moſtrou, que iſto fora mais, que imaginaſſaõ. Ao ſabado pella meya noyte teve o primeiro accidẽte mortal: paſſado elle tornou em ſi, gaſtando todo o tempo em colloquios ſanctos com o Senhor Crucificado, & com a Virgem Senhora. Pela menhãa lhe perguntou o Padre Reytor, ſe ſe lembrava, que eſtava jâ na menhãa do Domingo? Reſpondeo, que muito bem ſe lembrava, & q̃ era menhãa de Paſcoa pera elle. Aſſim foi, porque com grande paz, & ſoccego, pellas ſinco, & meya da menhãa acabou ſua ditoſa vida pera ir gozar da eterna felicidade. Foi ſua morte em o Noviciado de Lisboa aos vinte, & dous de Julho de mil ſeiſcentos, & vinte nove.

CAPITULO XIV.

Vida, & morte do Irmaõ Antonio da Cruz eſtudante.

Evora 30. de Julho de 1632.

1 O Irmaõ Antonio da Cruz, foi daquelles, que em poucos annos aproveitaõ muito no eſpirito, naceo em Lisboa, ſeus pays ſe diziaõ Simaõ da Cruz, & Lourença Dias. Sempre foi inclinado à virtude, daqual deu ſingulares moſtras ſendo ainda eſtudante ſecular. Eſtudou la-

latim em o noſſo Collegio de Sancto Antaõ: tendo jâ acabado os latins, por naõ começſſar o curſo de Artes o anno ſeguinte em os eſtudos daquelle Collegio, paſſou a eſtudar Philoſophia no Convento de Saõ Domingos, aonde principiara. Com o bom exemplo daquelles Religioſos, grangeou grandes aproveitamentos no eſpirito.

2 Hâ naquelle Convento huma devota Imagem da Senhora do Roſario, a quẽ os eſtudantes, que alli eſtudaõ, tem grande devaſſaõ, & a vizitaõ ao entrar, & ao ſahir dos ſeus eſtudos Alli ſobiraõ de ponto os fervores do noſſo eſtudante pera com a May de Deos: naõ ſe contentava cõ as viſitas ordinarias, diante deſta ſancta imagem gaſtava em oraçaõ muitas horas, ouvia muitas Miſſas, & rezava com ſingular devaſſaõ o Roſario da meſma Senhora. Confeſſavaſe, & comungava a meude: eraõ nelle tantas as moſtras de virtude, que os mais condiſcipulos o reſpeitavaõ, como a eſtudante ſancto.

3 Entre os favores, que mereceo alcançar por meyo deſta devaſſaõ à Senhora, foi hum grande dezejo de ſervir a Deos em alguma Religiaõ, livre dos divertimentos do mundo. Contentavalhe muito a de Saõ Domingos, & o Convento de Lisboa, morando no qual, gozaria mais a ſeu ſalvo da devaſſaõ da Senhora do Roſario: mas Deos, que o queria na Companhia lhe inſpirou, a pertendeſſe: vinhaõlhe à memoria as praticas, que tinha ouvido a ſeus Meſtres no eſtudo de Sancto Antaõ, particularmente huma, em que o Meſtre fallando dos bens, que avia na Religiaõ, & dos perigos, com que ſe vive no mundo, ſignificou, que ſe algum tocado da divina inſpiraſſaõ, quizeſſe entrar na Companhia, que elle favoreceria ſuas ſanctas pertençoens: deſta exhortaçaõ tirou pro fructo hum ſeu condiſcipulo entrar na Companhia: deſte ſe lembrava, & ſe doya de ſenaõ ter entaõ aproveitado da meſma fortuna: mas aſſentou comſigo, de fazer todas as diligencias, pello imitar no eſtado, que eſcolhera.

4 Com eſte ſancto propoſito foi ao Noviciado da Cõpanhia, deſcobrio ſeus dezejos ao Padre Reytor, & depois aos Padres de Saõ Roque, tomando por padroeira do ſeu requerimento a Senhora do Roſario, a quem penhorou cõ novos, & multiplicados obſequios. Naõ vieraõ os Padres, em deſpachar ſua petiçaõ com a brevidade, que dezejava, aſſim

aſſim porque o viaõ de poucas forças, como porque naõ tinhaõ plena noticia da ſua ſufficiencia, por naõ ter actualmente Meſtre da Companhia, que informaſe aos Padres da ſua capacidade; por eſta cauſa foraõ de vagar com elle, pera com o tempo tomarem as noticias neceſſarias. Dous annos gaſtou na ſua pertençaõ, indo muitas vezes ao Noviciado, & a Saõ Roque, aonde era continuo; alli gaſtava muito tempo ou fallando de Deos com os porteyros, ou lendo pellos livros eſpirituais, que há na meſma portaria, pera os entreterem ſanctamente os ſeculares, que vaõ aos ſeus negocios, em quanto naõ vem os Padres, a quem buſcaõ.

5 Neſte tempo o provou Deos com huma enfermidade origina da dos muitos rigores, & penitencias, com q̃ ſe tratava; convalecendo della proſeguio com o meſmo fervor na ſua pertençaõ: depois de muitas provas, ſendo propoſto em conſulta, diſſe hum dos Padres, que votavaõ, & tinha mais interiores noticias da conciencia do pertendente, que o recebeſſem pera ſancto, que tal julgava, avia de ſer, pello muito, que ſabia de ſua conciencia. Por tanto foi aceito na Companhia, & nella entrou em Lisboa ao primeiro de Março de 1627. Sendo Reytor do Noviciado o Padre Alvaro Tavares.

6 Quem era taõ virtuoſo no mundo, bem ſe deyxa ver, qual ſeria na Religiaõ. Nella era a todos os outros hum vivo exemplo de ſanctidade. Na devaſſaõ da Senhora ſe eſmerou com grande eſpecialidade, viſitandoa muitas vezes na ſua capella, rezandolhe o ſeu officio, & coroa ordinariamente de joelhos, & gaſtando em oraçaõ diante della o tempo, que lhe ſobejava de ſuas occupaçoens: ſendo fervoroſo nas praticas de Deos, quando eſtas eraõ da Senhora, ſe viaõ nelle mais eſtes fervores; Quanto podia, procurava ſempre, de que nas ſuas praticas entraſſe a Senhora, o que fazia com tal prudencia, que naõ pareceſſe ſobejo, & moleſto aos outros.

7 Foiſe radicando nas virtudes, & em primeiro lugar na humildade, que he o fundamento das outras; de ſi formou hum bayxo conceyto, & ſe tinha por eſcravo dos demais; appetecendo dos officios os mais abatidos. Por ſer dos mais humildes o de tratar do forno, o fez muitos tempos com ſingular conſolaſſaõ ſua, & proveito dos moços,

que

Digitized by Google

que nelle trabalhavaõ, aos quais com licenſa, que tinha, fallava de Deos, & encaminhava pera o Ceo. Vindo hum dia com outros Noviços do Collegio de Sancto Antaõ, & paſſando por onde eſtavaõ alguns eſtudantes, hum delles, que fora Noviço da Companhia, diſſe pera os outros apontando pera o Irmaõ Cruz em vos, que todos ouviraõ: Aquelle he o forneiro do Noviciado: ouvindoo o ſervo de Deos foi notavel o contentamento, de ſe ouvir chamar cõ aquelle nome, & o notaraõ com edificaſſaõ ſua, os que o acompanhavaõ.

8 A eſta humildade ajuntou a paciencia, aceytando com alegria tudo, o que era de diſgoſto, como reprehenſoens, & penitencias, as quais recebia como hum mimo eſpecial do Ceo. Açoutavaſe todos os dias rigoroſamente, tres vezes na ſomana punha o cilicio, ſempre o traria, ſe o Padre Reytor attendendo a ſuas forças naõ lhe moderaſſe os fervores; gizandolhe tudo, o que avia de fazer, pera com as mortificaçoens, & penitencias poder conſervar as forças corporais pera outras couſas de mais ſerviço de Deos.

9 Foi muito devoto do Sanctiſſimo, diante delle gaſtava muitas horas em oraçaõ. Nas veſporas de Comunhaõ fallava deſte miſterio com tanto fervor, que a todos abrazava em anſias de o receber. Tinha tambem grande zelo da ſalvaçaõ das almas; por iſſo dezejou, & pedio aos Superiores, o mandaſſem pera a India. Geralmente fallãdo, neſtes dous annos de Noviciado ſe moſtrou em tudo taõ cabal Noviço da Companhia, quanto ella o podia dezejar.

10 Acabado com toda a ſatisfaçaõ o ſeu Noviciado, foi mandado eſtudar em o Collegio, & Univerſidade de Evora. A primeira couſa, que aſſentou comſigo, & a cũprio, foi naõ a froxar em nada nos fervores de Noviço: daqui naceo dizer hum dos que com elle ſe criara, que ao Irmaõ Cruz competia a letra, que hum certo puzera na ſua empreza: *Semper idem* naõ avendo nelle com a diverſidade de eſtados mudança alguma, ſenaõ de bem em melhor.

11 Por cauſa de ſuas indiſpoſiçoens, depois de ter dous annos de Recolhimento, & alguns mezes, o mandaraõ pera o Collegio, em que deu os meſmos exemplos, & tiveraõ

veraõ mais teſtimunhas ſuas virtudes. Na pobreza foi meudo quanto ſeraõ pode explicar em poucas palavras, ſe achava huma linha, ou hum alfinete, o avia de levar ao Superior, pera que diſpuzeſſe delle. Eſtando jâ nos ultimos davida mandou chamar ao Padre Reytor, & lhe diſſe tinha hum grande eſcrupulo, todo elle vinha a ſer, que cõ licenſa tinha trocado humas contas por huns reziſtos com outro Irmaõ, mas que os reziſtos valiaõ mais; & que depois da troca tinha andado muito tempo pedindo ao Irmaõ a desfizeſſem; o qual lhe diſſera ſaber mui bem, que elle ficara de melhor partido, que elle de boa vontade cõ a licença, que tinha, lhe dava tudo, o em que os reziſtos excediaõ as contas. Com ſer eſta meudeza na ditta forma, ſe achou naquella hora taõ afflicto, que naõ acquietou, athe naõ deſcobrir o ſeu deſaſſoſſego ao Padre Reytor. No comer, & veſtir era neceſſario, que a Caridade dos Superiores vigiaſſe ſobre os ſeus deſcuidos; que como andava taõ embebido em Deos, o de que menos ſe lembrava, eraõ os comodos do ſeu corpo.

12 Na virtude da pureza foi como Anjo, todo elle eſpirava pudicicia: izento de todo o affecto às creaturas, o punha todo no Criador dellas. Por naõ poder tomar a poſtilla de ſeu Meſtre, lhe empreſtou com licença huma *Metaphiſica* hum dos Padres do Collegio; vendolha hum de ſeus condiſcipulos lhe perguntou, cuja era? Reſpondeo: Eſta Metaphiſica me empreſtou hum Padre meu amigo: dahi a hum pouco de tempo reparando, no que tinha ditto, acrecentou: Cariſſimo, quando digo Padre meu amigo, entendo amigo eſpiritual.

13 A ſua obediencia em tudo foi exacta, nunca replicando ao que ſe lhe ordenava. Reparandolhe alguns o fazer eſtas, ou aquellas couſas, què pareciaõ pouco neceſſarias, & ſuperflua a execuſſaõ dellas; reſpõdia, aſſim mo mandou o Superior; & nada mais. Naõ davaõ lugar os ſeus fervores, ainda, que o pediaõ os achaques, a afroxar nos jejuns, & diſciplinas; porem tanto, que os ſuperiores, lhas prohibiraõ, ſe accommodou em tudo cõ a ſua võtade cortando pellos dezejos, que em ſi ſentia de ſe perſeguir a ſi meſmo.

14 Tinha por coſtume antes de comeſſar a eſtudar, offerecer a Deos Noſſo Senhor o ſeu eſtudo. Quando da-

dava á hora, ſe punha de joelhos lembrandoſe do paſſo da vida de Chriſto, que corria naquella hora, conforme o ſancto coſtume, que ſe obſerva em os Noviços ſegundo os catalogos, que pera iſto fez o Sancto Padre Diogo Monteyro na ſua Arte de orar. Quando no ſeu eſtudo ou lhe occorria a boa pancada do verſo, ou a boa intelligencia da queſtaõ, tirava o barrete, levantava as maõs ao Ceo, & dava graças a Deos. Na claſſe, quando eſcrevia, o que ditava o Padre Meſtre, ſe nomeava a S. Thomás, ſe deſcobria, porque o tinha tomado por ſingular protector dos ſeus eſtudos, & lhe tinha grande devaçaõ. Foi couſa, em que repararaõ ſeus condiſcipulos, que quando naõ podia eſtudar, com huma viſta, que dava às queſtoens, argumentava nellas, como fizera, ſe as eſtudaſſe muito de eſpaço: ſuprindo a luz, que Deos lhe dava na intelligencia, a falta de eſtudo, que naõ podia deixar de ter por ſeus achaques.

15 No argumentar, & defender foi taõ compoſto, & modeſto nas acçoens, que geralmente o tinhaõ os eſtudantes, & appellidavaõ por Sancto. Nunca por cauſa de eſtudo deyxou as devaçoens, que coſtumava fazer ſendo Noviço. Occaſiaõ ouve, em que achandoſe à noyte ſem ter feito algumas devaçoens, logo foi pedir licença pera as fazer depois de ſe recolher a comunidade. Quando eſtava convaleſcente, por naõ poder ter as viſitas do Senhor, & da Senhora de joelhos, as tinha aſſentado, por naõ faltar a eſta devaçaõ do modo, que podia; como tambem naõ faltava em rezar o officio da Senhora, & o da Conceyçaõ; & nunca negou couſa, que ſe lhe pediſſe por amor da Senhora.

16 Pera ſe conſervar no eſpirito, nos tempos de fallar, buſcava ſempre aquelles, q̃ goſtavaõ de practicas de Deos. No tempo das ferias pedio, & foi morar em o Noviciado, pondoſe em tudo no andar, & modo dos Noviços, ſe acazo aſſim ſe pode dizer de quem nunca ſe tirou delle. Neſte tempo as ſuas principais practicas com os Noviços eraõ ſobre o beneficio da vocaçaõ à religiaõ, por meio do qual nos livrou Deos dos perigos do mundo. Diſſe aos meſmos Irmaõs, que a materia das ſuas viſitas do Senhor, & da Senhora ſempre era o beneficio da vocaçaõ à Companhia.

17 Na preſença de Deos foi tal habito, que ſem difficuldade, vazia nelle ſempre os ſeus penſamentos, & an-

dava em continua oraçaõ. Em qualquer acçaõ publica, que ouveſſe de fazer, recorria a Chriſto Crucificado, eſte era o ſeu principal livro. Antes de ſahir do cubiculo tomãdo ſempre agoa benta, fitava os olhos na Imagẽ do cubiculo, eſtava hũ pouco em oraçaõ, offerecia a Deos todos os paſſos, que deſſe, & lhe pedia licença, pera ſahir fora do ſeu cubiculo. Quando jugava na quinta, o fazia com muita modeſtia, & muitas vezes entre o jugar tirava o barrette lẽ brandoſe de Deos noſſo Senhor.

18 Sendo que em toda a vida foi devotiſſimo da Senhora, ſe moſtrou ainda mais devoto no ultimo anno, que teve de vida. Ordenaraõlhe, que tiveſſe cuidado de varrer a eſcada da convaleſcencia, & porque nella havia huma fermoſa imagem de noſſa Senhora da gloria, naõ conſentia lhe chamaſſem, ſenaõ a eſcada de noſſa Senhora: todos os ſabbados a varria, fazendo a cada degrao alguma jaculatoria: todas as vezes, q̃ a ſobia, & decia fazia eſta petiſſaõ à Senhora: *Monſtra te eſſe matrẽ, fac me eſſe filiũ, humilẽ, caſtũ, & devotum.* Succedeo paſſar por alli o Sanctiſſimo pera hum enfermo, teve grande pena, de o naõ ſaber antes pera a ter varrido, & alcatifado de flores, & hervas cheirоſas.

19 Neſte tempo recebeo hum favor da Senhora do Roſario, & por tal o referia: faziaſe na cidade huma ſolemne prociſſaõ em honra da Senhora; dezejou o Irmaõ Cruz ver a Senhora neſta ſua ſolemnidade: propoſlhe eſte dezejo na oraçaõ de pella menhaã: ella lho concedeo: porque cõ andar covaleſcente, & naõ hir fora, o Padre Reytor aquelle dia o mandou acompanhar a hum Padre, que era chamado pera huma confiſſaõ; ſuccedeo ſer em parte, onde neceſſariamente encõtrou a prociſſaõ, & vio a Senhora muito à ſua vontade: veyo pera caſa contentiſſimo; referio a hum Irmaõ, como tinha viſto a Senhora na ſua prociſſaõ: como eſte gracejando o notaſſe de curioſo: acodio o Irmaõ Cruz dizendo: Cariſſimo, eu naõ tenho culpa, eu o pedi à Senhora, & ella mo concedeo.

20 Nos ultimos mezes de ſua vida como prevendo a merce, que Deos lhe queria fazer de o levar pera ſi, ſe entregou mais a Deos: a ſua ordinaria aſſiſtencia era na Igreja diante do Sanctiſſimo, & da Senhora. Sendo eſta a vida deſte virtuoſo Irmaõ, foi Deos ſervido, darlhe huma trabalhoſa doença de ſangue, pera que elle tiveſſe, mais que mere-

Digitized by Google

merecer, & foſſe mais provada,& conhecida a ſua virtude. Em tudo foi ſingular à conformidade com a vontade de Deos, levando todas as moleſtias com grande paciencia, quando os que o viſitavaõ, lhe perguntavaõ, como eſtava, reſpondia: Eſtou bem: que aſſim reſpondem, os que sò regulaõ as ſuas indiſpoſiçoens pella vontade divina tendo por bem, o que ella quer, & ordena. Sentia grande faſtio, & averſaõ às couſas da botica, mas porque ſabia ſer vontade do enfermeiro, que as tomaſſe, ſe esforçava, & vencia, quanto eſtava na ſua maõ.

21 Era taõ affavel, & agradecido a todos, que daqui nacia, goſtarem todos de lhe aſſiſtir: em quanto viveo, naõ ouve, quem delle, ſe pudeſſe queixar: a dous Irmaõs, que ſem fundamento ſe deraõ por agravados delle em couſas de nonada, por duas, ou tres vezes lhes pedio perdaõ, de os ter offendido.

22 Na ſegunda feira da ſomana, em que morreo, ſe tratou com os Medicos, viſto ſenaõ deſpedir a febre, ſe ſecia bem avizalo, pera morrer; julgaraõ, que baſtaria comũgar ao ſabbado, por ſer dia do noſſo Sancto Patriarca, & comungarem entaõ os Irmaõs: deſte parecer foraõ os Medicos; mas naõ o enfermo; aquem, quanto ao que parece, tinha Deos ſignificado, quando o havia de levar pera ſi. Mandou chamar ao P. Reytor, aquẽ diſſe: Padre amim me chama noſſo Sancto Padre, querome confeſſar, & aparelhar, pera hir ver a ſua feſta na gloria.

23 Muito ſe conſolaraõ, os que ouviraõ, & o Padre Reytor lhe diſſe; que eſcolheſſe o Confeſſor, que quizeſſe; ao que acodio o Irmaõ: venha o ordinario: com eſte ſe cõfeſſou, & comungou na quarta feira per modum viatici. Depois de comungar lhe perguntou hum Irmaõ, como eſtava, reſpondeo, que muito fraco: falloulhe o Irmaõ, do Senhor, que recebera: acodio logo com grande eſperteza, engrãdecendo a merce, que lhe fizera,& moſtrando ſingulares affectos a eſte divino Sacramento. Na quinta feira pedio a Sancta Unçaõ, que ſe lhe deu ao principio da noyte. Fazia muitos colloquios ao Senhor crucificado: duas vezes tendo-o na maõ lhe diſſe: Ah Senhor bem ſabeis vòs, que ſempre vos dezejei ſervir de todo o meu coraçaõ. Aſſiſtiraõ muitos Padres, & Irmaõs athe tangerem, a ſe recolher a communidade; entaõ ſe deſpediraõ delle com gran-

des ſaudades, & elle de todos com as meſmas; agradecendo as caridades, que com elle tinhaõ uſado: a hum Padre, que lhe alimpava o ſuor do roſto, em agradecimento prometeo grandes lembranças diante de Deos, de quem eſperava gozar ſedo.

24 Ficaraõ sò com elle hum Padre, & hum Irmaõ, como ſe coſtuma entre nòs, quando o doente corre perigo: com elles, em quanto pode, fez muitos colloquios: deyxaraõ-no hum pouco, pera que tomaſſe algum repouſo, mas eſte foi, fallar com a Senhora, & repetirlhe o ſeu Cantico: como pella fraqueza, lhe eſqueceſſe hum verſiculo, chamou ao Irmaõ, pera que lho diſſeſſe. As duas horas da noyte diſſe ao Padre, que ſe queria confeſſar, a couſa era taõ meuda, que naõ havia materia de abſolviſſaõ. Pellas tres horas mandou chamar ao Padre Reytor aquem diſſe: ſer tempo de ſua Reverencia lhe dar a bençaõ, & licença pera morrer, que era a ultima conſolaçaõ, que queria pera deixar eſta vida: repugnou o Padre Reytor; mas o ſancto Irmaõ inſtou tanto, que elle lha ouve de dar, pera quando Deos foſſe ſervido, de o levar pera ſi. Ficou com a bençaõ do Padre Reytor muito conſolado, & quieto athe pella menhãa, em que muitos Padres, & Irmaõs o vieraõ viſitar: perſeverou na meſma tranquillidade athe as ſete horas, & hum quarto da menhãa, em que entregou ſua ditoſa alma nas maõs de ſeu Creador veſpora de Sancto Ignacio, cuja feſta tanto dezejara hir celebrar no Ceo, aſſim o conſeguio. Foi ſeu corpo poſto na capella: os Padres, & Irmaõs o viſitaraõ, & lhe beijaraõ os pés, em final do grãde conceyto, que tinhaõ de ſua virtude. Sepultaraõ-no na Igreja em a capella de Sancto Antonio da parte direita. Morreo como fica dito veſpora de Sancto Ignacio aos 30. de Julho de 1632. tendo da Companhia ſinco annos, & ſinco mezes. A vida deſte Sancto Irmaõ devemos a huma carta, que eſcreveo do Collegio de Evora, em que morreo, ao Padre Diogo Monteyro Provincial, em que ſe refere, o que aqui fica eſcrito de ſua vida, & ſancta morte.

CA-

Digitized by Google

CAPITULO XV.

Vida do Sancto Irmaõ Domingos da Cunha.

Em Lisboa 11. de Mayo de 1644.

De ſua patria, primeiros annos, & Arte, que aprendeo.

1 A Vida do ſancto Irmaõ Domingos da Cunha eſcreveo elle meſmo por ordem apertada de ſeu Superior o Padre Bernardino de Saõ-Payo, o qual governando a caſa do Noviciado de Lisboa, & ſendo Confeſſor deſte ſervo de Deos, como quem tinha tantas noticias das couſas de eſpirito, julgou, que naõ era bem ficaſſem em eſquecimento as grandes mercês, que Deos fazia a eſte ſeu ſervo, por lho merecerem ſuas virtudes. Por tanto lhe ordenou, eſcreveſſe, o que de ſi ſoubeſſe, & lhe lembraſſe. Pareceolhe a obediencia rigoroſa, como as deſte genero o coſtumaõ ſer, aos humildes de coraſſaõ: mas recorrendo a Deos, brevemente mudou de parecer: explicando o ſeu ſentimento eſpiritual com a parabola da ovelha perdida, aquẽ o divino Paſtor tomando ſobre ſeus hombros, meteo no caminho, fazendolhe mais mimos, que às outras ovelhas, que lhos mereciaõ mais: por tanto que ſeria nella deſatino, vangloriarſe das mercês, que Deos lhe fizera; antes contãdoas tinha motivo, pera ſe humilhar, conſiderando as ſuas ingratidoens à viſta dos beneficios de Deos: & que niſſo ſe havia alguma gloria, toda era da miſericordia do Paſtor, & nenhuma da ovelha deſgarrada; aquem ſobejavaõ rezoens pera a confuſaõ: pello que aſſentando conſigo o erro, em que eſtava de ſer cõtra a humildade, apontou o que paſſara, & paſſava em ſua alma, que ſaõ couſas taõ ſubidas na vida eſpiritual, quais ſe contaõ das almas, que mais ſe unem a Deos.

2 Naceo eſte ſervo de Deos em Lisboa: ſeus pays ſe chamaraõ Gregorio Antunes, & Margarida Pereyra, gente ordinaria, mas de bom viver. Aos tres annos de idade lhe ſobreveyo huma doença mortal, de que eſteve deplorado: valeoſe ſua may do patrocinio da Senhora, por cuja interceſſaõ alcançou vida pera ſeu filho: tambem de outros perigos, que teve na ſaude, conta elle, o livrara Deos pellas

oraçõ-

oraçoens de ſua may. Obrigado deſtes favores da Senhora, jejuava em ſeu obſequio todos os ſabbados, & lhe reſava a ſua coroa, viſitando tambem frequentemente ſeus altares: porem com o crecer da idade ſe foi esfriando neſtas devaçoens; ainda, que como elle diz, tinha alguns arremeços, ou impulſos de proſeguir nas couſas de virtude, eſtes lhe paſſavaõ brevemente, ſeguindo as inclinaçoens da natureza, que tanto dominaõ em todos, & mais nos moços.

3 Gaſtou algũ tempo em eſtudar latim, & ſoube mais q̃ grãmatica: porẽ vẽdo os pays, q̃ o natural o levava mais à arte da pintura, que ao eſtudo das letras; deyxadas eſtas, lhe buſcaraõ Meſtre; & ſabendo ja algum pouco da faculdade, dis Jorge Cardozo no ſeu Agiologio, que paſſou a Madrid, & que alli com Eugenio Cajez Pintor del-Rey Philippe ſegundo, aprendera os primores da arte; obſervando tambem as obras de outros bons pintores, que entaõ naõ faltavaõ em Madrid, corte naquelles tempos de toda Heſpanha, por eſtar eſte Reyno ſogeito entaõ a Caſtella.

4 Voltou a ſua patria taõ aproveitado, que em Liſboa foi naquelle tempo o Pintor de melhor nome, bem conhecido pello de Cabrinha, que eſte lhe grangearaõ ſuas feiçoens. Como os eſpiritos eraõ grandes, ſabendo tanto daquella arte, ainda queria ſaber mais, teve penſamentos de diſcorrer por toda Europa, pera communicar com os pintores mais famoſos della. Deſte penſamento o deſviaraõ ſeus amigos, que pois grangeava tanto em Lisboa, & tinha tam bom nome, naõ quizeſſe andar por terras eſtranhas, expoſto aos incõmodos, q̃ conſigo trazẽ eſtas peregrinaçoẽs.

5 Accõmodouſe com o ſeu conſelho; porque os lucros eraõ ja quantos elle poderia eſperar depois deſſas peregrinaçoens. Eraõ ſuas obras mui buſcadas por ſingulares, cõ eſpecialidade os retratos, q̃e os fazia mui naturais. Deſte genero de pinturas, em que teve grandes lucros, teve grãde pezar nos tempos adiante o Irmaõ Cunha; porque nem os exemplares ſe viaõ, nem as copias ſe tiravaõ ſem grandes detrimentos de ſua alma. Naõ havia fidalgo, que naõ procuraſſe ter nas ſuas ſalas, & galarias pinturas da ſua maõ.

6 Quem mais eſtimaçaõ fez dellas, foraõ os Illuſtriſſimos Senhores Dom Franciſco de Caſtro Inquiſidor Geral, & Dom Manoel da Cunha Capellaõ môr, o Conde Camareiro môr, & outros Senhores grandes, a cujo dezejo

naõ

naõ podendo ſatisfazer de todo ſendo ſecular, julgou a Companhia, ſatisfizeſſe depois de entrar nella. Pera que de huma vez, fique ditto, tudo o que toca a eſta materia, porque foi nella inſigne, bem moſtraõ, quem nella foſſe, as pinturas do Noviciado de Lisboa, em que ha mais de ſincoenta payneis da ſua maõ, a vida de Sancto Ignacio, a do Sancto Xavier, a da Senhora, os payneis da Igreja, & os da clauſtra.

7 Elle nos ultimos annos tirou muito ao natural o retrato del-Rey Dom Joaõ o quarto, condeſcendendo niſſo o meſmo Senhor, por lhe dizer o Arcebiſpo de Lisboa Dom Rodrigo da Cunha, que ninguem o podia copiar mais ao vivo, que o ſancto Irmaõ Domingos da Cunha da Companhia. Quando ſe fazia eſta obra, moſtrou em tudo grande benevolencia ſua Mageſtade, entermetendo o Irmaõ muitas couſas de Deos, como quem eſtava ſempre com o penſamento nelle. Como el-Rey era mui fogoſo, & contra o ſeu genio dar lugar a todas as moroſidades, que demandava a pintura; hum fidalgo pello entreter, começou por galantaria a dizer naõ ſei, que couſas picantes da Companhia: o Sancto Irmaõ ſe começou a confranger doendoſe pello, que tocava a ſua May: vendo iſto el-Rey, diſſe ao titular: deyxai os Padres, naõ deis pena ao Pintor. O retrato ſe fez, & retocado, ſahio quanto ſe podia dezejar.

8 Huma das celebres pinturas, que fez eſtando ainda no mundo, foi huma do glorioſo Saõ Franciſco de Aſſis: em occaſiaõ de concurſo ſahio eſta entre outras; mas taõ devota, & com tanta viveza, que ſobre todas realçava: deu com os olhos nella hum mancebo curioſo, deteveſe, obſervando ſuas feiçoens, que todas eſpiravaõ, o que era: tocãdolhe Deos, à viſta da pintura, o coraçaõ com o deſengano deſtas couſas, que nos enlevaõ; & ferido de hum ardẽte dezejo de fazer penitencia de ſuas culpas à imitaçaõ do Sancto penitente, que tinha diante de ſeus olhos, ſe retirou dalli com firme propoſito de ſer Religioſo de Saõ Franciſco, em effeito o foi; fazendo em ſua alma aquella pintura muda, o que obraria a vòz do mais Apoſtolico prégador.

9 O outro ſucceſſo he bem celebre nas noſſas hiſtorias, & naõ eſteve ſem prodigio. Aparecera o Sancto Xavier em traje de peregrino, como vaõ a Santiago de Galiza, ao noſſo

noſſo Padre Marcello Maſtrilli em Napoles, & eſtando pera morrer lhe deu a vida prodigioſamente; com as circunſtancias, que naõ ha porque referir, & todas foraõ prodigios. Dezejava ſobremaneira o Padre Marcello, ter hũa imagem do Sancto Xavier, que foſſe vera effigie, & o repreſentaſſe com as feiçoens, que elle o vira; & tinha na ſua idea: pera eſte effeito meteraõ muitos pintores, & dos mais inſignes em Europa, a maõ aos ſeus pinceis, & pellas direcçoens do Padre Marcello, inveſtiraõ com a obra; ſem nunca ſahir, como elle a tinha impreſſa dentro de ſi. Eſtando em Lisboa de caminho pera a India: ſabendo eſta ſua deſconſolaçaõ o Padre Simaõ Alvres Reytor do Noviciado, o convidou, pera ſeu hoſpede alguns dias, com eſperança de que por ventura o Irmaõ Cunha ſatisfaria a ſuas anſias. Aceitou o Padre Marcello, paſſou pera o Noviciado, & em huma noyte ſe meteo com o Pintor na ſua officina, & lhe deu as noticias das feiçoens do Sancto: começou o Irmaõ a pintar a imagem, & o Padre Marcello a dar as advertencias neceſſarias: depois de muita lida, ainda que a pintura eſtava boa, naõ dizia com o exemplar; por iſſo deſenganado da obra, ſe recolheo, ficando sò o Irmaõ Cunha, retocandoa com grande applicaçaõ. Depois de a ter, qual elle a queria: ſe foi com ella ao Padre Marcello, o qual pondo nella os olhos, com hum eſtranho alvoroço, & como quem achava, o que procurara com tantas veras: diſſe em Caſtelhano: *Eſte es mi Sancto*: naõ cabia em ſi de alegria, parecendolhe, que outra vez o tinha vivo diante de ſeus olhos.

10 Eſta he aquella celeberrima pintura, por meyo da qual Deos obrou tantos milagres, como ſe referem na vida do Sancto Padre Marcello: eſta foi, a que ſempre o acõpanhou athe dentro de Japaõ; & lâ ficou nas maõs dos Governadores. Pera conſolaçaõ da caſa do Noviciado, fez outra o Irmaõ Cunha, aqual hoje ſe vé pendente no topo da eſcada do Noviciado junto ao relogio: ſempre foi eſtimada, como merece; por ella ſe tem pintado outras muitas. Todos a tem por imagem, que repreſenta ao vivo ao Sancto Xavier, naquelle habito, & feiçoens, com que o vio o Sancto Padre Marcello. Geralmente todas as pinturas daquella ſancta caſa merecem ſingular eſtimaçaõ; naõ sò pello primor, com que eſtaõ obradas, que eſte ſendo grande he o menos, quanto por ſerem reliquias de homem taõ

ſan-

ſancto, que he o mais. Com iſto tornemos a Domingos da Cunha, antes de entrar na Companhia.

CAPITULO XVI.

De ſua vida deſordenada, & como ſe converteo a Deos?

1 ERaõ grandes os lucros, que na ſua Arte tinha Domingos da Cunha; pagavaſe das ſuas obras, como ellas mereciaõ; naõ reparando os compradores em dinheiro, porque como eraõ, dos que tem muito, sò tratavaõ de que a obra foſſe, como a queriaõ; ſendo tambem parte do primor della o muito dinheiro, que cuſtava. Por tanto naõ sò ſuſtentava a ſua caſa cõ largueza, era ja neſte tẽpo morto ſeu pay, mas elle ſe trajava com a grandeza, que o fizera hũ morgado de groſſas rendas, pera tudo, & pera mais rendiaõ os ſeus pinceis.

2 A may, que era virtuoſa, com ſeus ſanctos aviſos tinha maõ nelle, quanto podia: ainda que lhe naõ era poſſivel, deſvialo de ſeus deſacertos em tudo; porq̃ a idade, & o dinheiro o levavaõ, pera onde coſtumaõ, & elle ſe deixava hir: tudo nelle era vaidade, deſprezandoſe ja de tratar com os da ſua igualha, tendoſe por mais que elles, porque naõ tinhaõ tanto, com que andar tambem luzidos, & tratados. Com tudo entre ſeus vicios conſervou ſempre huma boa inclinaçaõ de fazer bem aos pobres da vizinhança, nenhum o convidava por ſeu cõpadre, que elle o naõ foſſe de boa vontade.

3 Veſpora de todos os Sanctos eſtando elle em huma quinta, concorreraõ os afilhados a pedirlhe paõ por Deos: foi dando a cada hum ſeu toſtaõ: vendo-o taõ liberal hum Sacerdote, que alli aſſiſtia, lhe diſſe por graça: Bem folgara eu agora meu Senhor Domingos da Cunha ſer afilhado de voſſa meree, pera levar meu paõ por Deos: aqui reſpõdeo Domingos da Cunha: Padre eu lhe dou de paõ por Deos, o q̃ me deve: & eraõ dez cruzados do reſto de certas contas. Deſtes lanços de liberalidade no ſeu trato, & de caridade nas occaſioens tinha muitos eſte primoroſo pintor. Toda a pobreza do bayrro recebeo delle eſpeciais caridades; era alli taõ conhecido eſte ſeu bem fazer, & de-

pois sentiaõ tanto sua falta, que quando perguntavaõ por elle a algum Religioso do Noviciado, lhe chamavaõ; o pay dos pobres. Dava sua boa may muitas esmolas, & como outra Sancta Monica, rogava a Deos pella emmenda, & melhoras da vida de seu filho. Ainda que em-quanto viveo, naõ ouve nelle a emmenda, que pedia a Deos, lâ do Ceo sem duvida a veria com grande gosto seu: morreo sãctamente, ficando seu filho sò, & mais à vontade, pella naõ ter ja por fiscal dos seus desconcertos. Nove annos depois de morrer sua may, viveo Domingos da Cunha, usando mal de si, & do seu dinheiro; como se se persuadisse, que a saude, & bens, que Deos lhe dava, eraõ, como elle mesmo se chora, pera os gastar em offensas suas.

4 Vivendo nestes descuidos; vestio o amor Divino calidades de rayo, mas innocente (saõ modos com que se explica) & investio a mais acastellada dureza de seu coraçaõ, athe que a rendeo. Quando mais enlodado andava em seus vicios, lhe picava a consciencia: occorrendolhe humas vezes a eternidade, outras a ira de Deos: mas os maos habitos, que eraõ muitos, & fortes, o arrastavaõ; & elle, como fazem os mais peccadores, guardava a penitencia lá pera os tempos futuros, como se os tivesse nas suas maõs. Hum dos fortes toques, que teve, foi a morte desestrada de hum seu grande amigo de tais costumes, como os seus. Pella ruina alhea começou a cavar mais no seu perigo, por andar elle em occasioens, como aquellas, em que seu amigo perdera a vida do corpo, com sinais, de que tambẽ perdera a da alma: com este xarope (como elle diz) começou Deos a abalar seus mal acompleixionados humbres.

5 Acrecerãõ a estas afflìçoens do animo os achaques, que sobrevieraõ ao corpo: os quais lhe quebraraõ muito seus brios, naõ o deyxando empregar como antes, em seus desvarios. Deulhe hum accidente, com o qual deu tudo por acabado; mandou chamar Confessor; o aparelho era qual costuma ser a matelotagem, de quem està com o pé na prancha pera se embarcar. Veyo o Cura, & depois de lhe afear seus peccados, se foi, sem querer darlhe a absolviçaõ: naõ deviaõ as letras de ser muitas: ou permittio Deos esta insensaboria, pera Domingos da Cunha ver mais seu miserando estado. Chegou a pontos o mal, que os Medicos desconfiaraõ de sua vida, & disseraõ, que no seguinte

guinte deſmayo ſem duvida morreria. Foi Deos ſervido, que lhe naõ repetiſſe; porque certamente o levaria ſem cõfiſſaõ; nem elle depois do deſabrimento do Cura ſe canſou mais em a procurar. Conſiderando nos annos depois, que teve mais de Deos, neſte ſeu letargo; lhe parecia ouvir ao meſmo Deos, que lhe dizia: ſe te quizera lançar no Inferno, naõ tinha mais, que deyxarte morrer: com a qual vos interior, ſe reconhecia todo obrigado a ſervir, & a amar a taõ bom Deos.

6 Levantouſe da doença, mas naõ dos vicios; porque ſe tornou a elles; bem verdade he, que ja com menos fervor, do que antes o fazia. Tornou a cahir doente, & naõ ſem ſobreſalto de que a doença era caſtigo do mal, que agradecera a Deos a ſaude, que lhe dera. Veyo a ſua caſa, naõ ſei porque occaſiaõ hum Medico eſtrangeiro, deulhe Domingos da Cunha conta do ſeu mal: o Medico lhe diſſe; que o remedio era viver bem. Com eſta boa receita ſe foi a Sancta Engracia, aonde eſtava expoſto o Senhor, por cauſa do rapto ſacrilego do Sanctiſſimo: alli eſteve por largo tempo em oraçaõ conſiderando em ſi, & no deſemparo, a que tinha chegado; cortavaſelhe a alma de dor; os temores da juſtiça divina o penetravaõ.

7 Com eſtes Sanctos temores, naõ ſe atrevendo a eſperar mais, ſe foi ja ſobre-noyte a hum moſteiro de Capuchos, & tangendo à portaria pedio hum Confeſſor: ſabendo o porteiro, que o Confeſſor era, pera quem o pedia, reparando na novidade, & que naõ havia perigo na demora, o mandou vir no dia ſeguinte. Os temores eraõ tais, que ſe voltou pera caſa entre elles com grãde deſconſolaçaõ. Logo ſe começou a fazer preſtes, pera no dia ſeguinte ſe confeſſar de todos os peccados: pera os ter mais prezentes, fez delles ſeus apontamentos. Foi couſa notavel, que aſſim como os hia eſcrevendo, hiaõ amaynando aquelles grandes temores; acompanhava eſta eſcriptura com muitos ſuſpiros, & lagrimas, nacidas da dor, que o atraveſſava.

8 No dia ſeguinte ſe foi ao meſmo Convento; pedio, & ſe lhe deu Confeſſor: o qual depois de o ouvir, fiando pouco de ſeus propoſitos, o reprehendeo de ſua mâ vida, & lhe dilatou a abſolviſſaõ. Recolheoſe pera caſa taõ deſconſolado, quanto ſe naõ pode explicar; aceitando eſta ſegunda repulſa por caſtigo de ſuas culpas.

9 Finalmente se foi à nossa casa professa de S. Roque: pedio Confessor, & lhe deraõ hum Padre estrangeiro, que alli assistia: o qual com muita paciencia lhe ouvio, quanto trazia apontado no seu papel; & depois o animou, & consolou; & sem lhe dar penitencia mais que a do sofrimento dos seus achaques, o despedio; & mandou comungar: ficou com esta confissaõ taõ desabafado, quanto o fica o naufragante, quando se acha em porto seguro, livre das ondas, & tempestades, com que andou lutando no meyo do seu naufragio.

CAPITULO XVII.

Do mais que passou por Domingos da Cunha, athe fazer voto de entrar na Companhia.

1 ANdava ainda Domingos da Cunha como assombrado com os perigos da tormenta, em que se vira, & de que estava ja fora por mercê de Deos. Pera se livrar de todo deste susto, se valeo da Virgem senhora, de quem sempre recebeo grandes favores. Dizia elle de si a esta May dos miseraveis mil queyxas, do modo, & termos, com que se tinha havido com seu Sanctissimo filho. Confiado em taõ boa May, determinou por seu meyo, fazer a Deos huma petissaõ, & metela nas maons de huma imagẽ da Senhora: toda ella se resumia, em pedir a Deos por meyo de sua May, perdaõ de peccados, & vida sò pera fazer delles penitencia, porque temia acabar, sem ter satisfeito a Deos.

2 Tomou pena, & tinta, & comessou a escrever a sua petissaõ. Confessa, que sem cuidar, lhe vinhaõ à pena as palavras tanto pera o intento, quanto as naõ pudera dezejar mais proporcionadas, allegando pera o bom despacho os merecimentos de Christo. Feita a petissaõ, quasi de entre maõs lhe desapareceo, & se sumio de maneira, que nũca ja mais a pode descobrir, por mais voltas que deu a quãto havia em casa; por mais inquiriçoens que fez, dos que trabalhavaõ na sua officina: athe que assentou comsigo, q̃ a Senhora se anticipara, em lhe levar de casa a petissaõ: foraõ prendas deste seu discurso, & como indicios; huma paz

paz interior, em que ſua alma ſe achou; tanto mais digna de reparo, quanto era menos eſperada entre os muitos temores, com que athe aquelle ponto vivera. Ficou com notavel ſegurança, de q̃ Deos por ſua infinita bondade lhe tinha perdoado ſuas culpas.

3 Ceſſaraõ as afflicoens do animo; & ſe augmentaraõ, ou foraõ por diante os achaques do corpo, que elle ja aceitava como mercês da maõ de Deos. Veyo o ſeu Medico eſtrangeiro, receitoulhe huma pouca de roſa de Alexandria; com eſte medicamento ſe desinquietaraõ tanto os humores, que levantandoſe à cabeſſa, lhe cauſaraõ nella terriveis dores; & à lem deſtas, humas ſecuras intoleraveis: pera as mitigar, pedio hum trago de cordeal: o ſervinte por engano lhe deu hum oleo conficionado com outros materiais, & por extremo amargozo: o Autor do Agiologio, dis que era oleo de copaiba: foſſe, o que foſſe, o trago era trabalhozo: em o doente o tocando, conheceo o erro, mas lẽbrado do fel, que Chriſto bebera na Cruz, tomou elle em honra do de Chriſto o ſeu trago de oleo.

4 No dia ſeguinte ſe levantou, algum tanto alliviado das moleſtias prezentes. Mas ſobreveyolhe tal fogo nas entranhas, que lhe parecia, ter nellas brazas acezas, que o conſumiaõ: foi taõ intenſo eſte fogo, que ſe perſuadio o viria a acabar: entre eſtas anſias lhe vinhaõ grandes dezejos de fazer penitencia de ſuas culpas à imitaçaõ dos Padres do ermo: conſolavaſe muito tomando nas maõs as ſuas imagens, & eſtampas, das quais tinha muitas por rezaõ do officio. Quando eſcreveo ſuas couſas, dis eſte ſancto Irmaõ, que ſe admirava muito, de que pudeſſe tal alivio compadecerſe com ſuas dores, mas que obras de Deos sò elle as entende.

5 Ceſſou o fogo, que conſumia o corpo. Sentia em ſi grande pena de ter offendido a Deos. Nos primeiros quinze dias, quaſi nunca ceſſaraõ as lagrimas; & depois por alguns mezes interpoladamente lhe vinhaõ taõ fortes impetos de chorar nacidos de ſua grande contriçaõ, que naõ ſahia de caſa, por naõ eſtar na ſua maõ reprimilos, quando lhe vinhaõ. Logo naceraõ em ſua alma muitos, & grandes dezejos de ſaber a vida de Chriſto, & o que por noſſo amor obrara neſta vida. Neſta occaſiaõ trouxe Deos a ſua caſa certo homẽ nobre, que vivia fora de Lisboa, cujas caſas tinhaõ

nhaõ comunicaſſaõ pera hum convento de Capuchos; & elle com toda a ſua familia, que todos os oito dias comungava, viviaõ como reformados Religioſos; com eſte ſe deſcobrio Domingos da Cunha: elle q̃ tinha muito de Deos, lhe inculcou o exercicio da oraſſaõ mental, dizendolhe as utilidades, que della reſultavaõ; com que accendeo em ſeu coraſſaõ dezejos de a ter. Como lhe faltaſſe pera iſſo inſtruçaõ, o meſmo homem lhe trouxe hum livro, intitulado *Motivos eſpirituais* cujo metodo ſeguio na ſua oraçaõ mẽtal, que dalli por diante começſou a ter.

6 Sentiaſe com novos alentos. Como entrava com tantos fervores na via eſpiritual; tratou de buſcar livros eſpirituais, em que aprendeſſe a unirſe de todo com Deos. Havendo de hir à tenda de algum livreiro, foi à de hum, q̃ ſe chamava Diogo Jorge, homem tanto de Deos, que na oraſſaõ mental gaſtava muitas horas: começſou a praticar com Domingos da Cunha das miſerias deſta vida, & pouquidades della; dizendo muitas couſas, & mui ſanctas a eſte propoſito, que confirmavaõ mais no ſeu a Domingos da Cunha: dos livros lhe inculcou alguns, & entre elles a vida de Sancta Thereſa, que ella meſma eſcreveo; a eſta Sancta confeſſa o Irmaõ dever muito, pello muito que ſuas obras o encaminharaõ.

7 Sobre tudo lhe diſſe o livreiro, que buſcaſſe Padre eſpiritual, que o dirigiſſe nas ſuas perplexidades, & por quẽ ſe regeſſe na vida, que emprendia, por ſe naõ expor a errar. Eſcolheo logo a hum Religioſo do Carmo, homem de opiniaõ de virtude, cujo nome o Irmaõ naõ dis. Neſte tempo o ſeu penſamento principal era, que eſtado tomaria mais a propoſito, pera ſe unir todo com Deos. Contentavalhe muito a vida ſolitaria: com eſta ſancta lida ſe foi comungar à Igreja de S. Domingos, & depois de receber o Senhor, ſe retirou a darlhe as graças defronte do altar do Sancto Crucifixo, em cujo lado todos os dias eſtâ expoſto o Sanctiſſimo Sacramento. Alli conſultou com o Senhor ſeus intentos; o qual lhe deu huma inſpiraçaõ de que foſſe Religioſo: foi ella taõ efficaz, que totalmente mudou a inclinaçaõ, que tinha à vida ſolitaria: dis o Sancto Irmaõ, que foi com tanta luz, que lhe parecia naõ haver, mais que querer, nem que dezejar.

8 Como a inſpiraçaõ sò era de ſer Religioſo, & naõ q̃ Reli-

Religiaõ escolheria: pedio ao Senhor, que ou por si, ou por outrem lhe descobrisse nesta materia sua santa vontade: despediose do Senhor, & sahindo da Igreja, se encontrou com o livreiro Diogo Jorge; a quem perguntou, que Religiaõ lhe parecia melhor? Este lhe respondeo, que a Companhia, ajuntando as razoens, que tinha pera isso. Entendeo Domingos da Cunha, que pella boca daquelle homẽ lhe explicava Deos sua vontade. Chegando a casa posto de joelhos diante de hum Crucifixo fez voto de entrar na Companhia.

CAPITULO XVIII.

De sua oraçaõ, & presença de Deos.

1 NEste tempo ainda o affligiaõ aquellas molestias da saude, & agastamentos do coraçaõ; com que se persuadia, que nunca seu corpo teria saude, & forças, pera se sacrificar a Deos na Religiaõ; que ja entaõ senaõ queria a si, senaõ todo pera o serviço Divino. Instou huma, & muitas vezes pedindo a Deos saude corporal, pera o servir: athe que o Senhor lhe disse interiormente, que havia de ter saude: foi isto com huma clareza, & certeza taõ grande acompanhada de taõ excessiva consolaçaõ, que naõ lhe cabendo no peito, sahio em vozes exteriores, dizendose a si mesmo: Has de ter saude, & vida: Has de ter saude, & vida. Correspondeo o effeito a esta illustraçaõ, que foi principio de outras grandes mercês de Deos.

2 Recolhiase em sua casa; a maior parte das suas occupaçoens era liçaõ espiritual, & meditaçaõ. Como se abafasse este santo fogo dentro de casa: pera mais respirar, sahia aos campos, aonde contemplando as boninas, & flores, que nelles havia, a frescura das arvores, o doce murmurar das fontes, o engraçado das nuvens, quando ao sahir do sol se vem douradas com seus rayos, ou com os seus resplandores como bordadas de carmesi (assim explica seu doce enleo este Santo Irmaõ) lhe parecia, quando estas cousas considerava, estar em huma gloria, de que ellas eraõ vivo treslado. Ajudava muito a estas santas contemplaçoes a sua arte da pintura, com que elle nas creaturas idea-

va huma

va hum Ceo, em que Deos assistia; & onde se lhe comunicava a elle, com tanta abundancia de consolaçoens, quantas nem pode dizer a lingua, nem a penna descrever.

3 Daqui voltava sobre si, & sobre as ingratidoens, q̃ tinha usado com seu Deos; os quais sentimentos, que eraõ grandes, com nenhumas palavras, milhor que com as suas se explicaõ: Ay de mim (dizia) que naõ posso pagar a meu Deos, como devo! Ay, que naõ posso ser agradecido, a quem tantos beneficios, & mercês me tem feito. Ay de mim, que devo tanto, & naõ pago nada! quem me dera, que as entranhas, & coraçaõ se dilira em amor: quem me dera, que quantas horas, & momentos tenho vivido, se tornassem em vida, pera que todos se acabassem em puro amor de meu Deos. E se amor se ha de pagar com amor; tomara, que o mesmo amor fosse cutelo agudo, que continuamente me cortasse, & atormentasse; ou seta farpada, q̃ me rasgasse o coraçaõ, & com elle voasse levando atras de si o espirito a seu centro, que he o meu Creador, & fogo infinito de caridade, aonde ardendo se derretera, & transformara em o mesmo fogo de amor, pera que entaõ pudesse pagar em parte, & satisfazer a meu dezejo. Nesta forma dizia muitas cousas a Deos dezejando ter em si o fogo, que ja tinha. Muitos tempos lhe serviraõ de purgatorio estas ansias, que às vezes eraõ taõ grandes, que quizera dar gritos, & desfazerse de sentimentos; mas nellas sentia inexplicaveis consolaçoens, com que Deos, quando as dà, as costuma adubar.

4 Cõtinuava em sua oraçaõ, na qual Deos o hia unindo mais a si: a primeira vez em que Deos, quasi sensivelmente o visitou na oraçaõ; foi meditãdo no paço de Christo com a Cruz às costas, em que sentio tantas ternuras, q̃ elle se estranhava a si mesmo. Parecialhe (pera que nos expliquemos com as suas palavras, que tudo pintaõ, como era) que alli passava por elle, o que succede, a quem estâ às escuras em algum aposento retirado, & outro com pés de lãa passa por junto delle tocandolhe os vestidos levemẽte: nem mais, nem menos (diz o Sancto Irmaõ, que lhe aconteceo neste caso) porque sentia aquelle vulto de Christo junto de si, & que com suas sagradas roupas o tocava no corpo, & banhava na alma com suavidade superior, gerãdo em seu coraçaõ huns taõ sentidos affectos, como tal caso os pedia.

caso

5 Seguiraõſe a eſte dia, que valeo por muitos, dez mezes continuos com tanta proſperidade na oraſſaõ, que nem hum sò dia ſe lhe retirou o Senhor; antes o tratava como aos ſeus amigos. Paſſados os primeiros dous mezes, em q o diſcurſo ajudava à vontade: parou o entendimento; & o meſmo era entrar na oraſſaõ, que a vontade ſe enlevar toda em Deos com huma ſagrada ſuſpenſaõ; ſem a desinquietar o minimo divertimento: tanto aſſim, que fallando diante de Domingos da Cunha alguns homens eſpirituais da oraſſaõ, & das vagueaçoens, ou penſamentos importunos, que nella ſentiaõ; ſe maravilhava muito Domingos da Cunha, como pudeſſe ſer, que quem entrava em oraçaõ tiveſſe penſamentos de outra couſa mais que de Deos. Cuidando, era nos outros, como experimentava em ſi.

6 Duas horas determinou pera eſte ſancto exercicio; huma de menhãa, outra de tarde. Eſtava taõ tranſportado, que muitas vezes ſahia em acçoens deſuzadas, com que deſabafava ſeu eſpirito. Aonde ſua alma ſentia maiores goſtos, era diante do Chriſto de Saõ Domingos, em cujo lado, como diſſemos, eſtá todos os dias expoſto o Senhor Sacramentado: alli lhe parecia, que todo ſe transformava em Chriſto Crucificado, & iſſo com goſto inexplicavel.

7 Da oraſſaõ ſahia taõ penetrado de Deos, q naõ havia couſa fora della, que lhe naõ ſoubeſſe a Deos. Aſſim andava pellas ruas de Lisboa, como ſe paſſeara pellas do Ceo: no meyo dos trafegos, que nellas ha, trazia ſempre a Deos prezente. Humas vezes hia por ellas com o Senhor, & ſeus Apoſtolos praticando entre ſi: outras, & eraõ as mais, ſeguia a Chriſto com a Cruz às coſtas pera o monte Calvario: aonde eraõ mais os apertoens da gente, fingia ſerem os da Rua da amargura; & por eſte modo hia ſempre cõ Deos, porque em todas as couſas, & occaſioens buſcava, ou Deos o buſcava a elle.

8 Por eſtes tempos, ſe confeſſava, & comungava todos os *D*omingos, & dias Sanctos, & outros dias, que o eraõ de Sanctos de ſua particular devaçaõ, & eraõ muitos. Depois de comungar ſe ſahia ao campo; alli mais deſabafadamente, dava as graças a Deos por largo eſpaço de tempo. Recolhiaſe a ſua caſa, pera ſatisfazer às partes. Em qualquer deſgoſto, que tinha, que deſtes ſempre os ha, sò com ſe lembrar, que havia de ter oraſſaõ, ſe alliviava.

CAPITULO XIX.

Do mais, que aconteceo a Domingos da Cunha, athe entrar na Companhia.

1 PEra fugir das occupaçoens, & se hir dispondo pera entrar na Companhia, se retirou à huma quinta fora de Lisboa, em que esteve quatro mezes, continuando nos seus exercicios de oraſſaõ, & Deos com as consolaçoens ordinarias. Quando navegava na maior bonança, permittio Deos, pera saber o pouco, que se devia fiar de si, que cahisse miseravelmente. Combateo o Demonio por meyo de huma occasiaõ, que estava na mesma quinta. Nos principios se ouve com alento, rebatendo os golpes do inimigo: mas como este o apertasse com a tentaçaõ, veyo lastimosamente a cahir, com escandalo, dos que souberaõ seu naufragio, & o tinhaõ por homem convertido a Deos.

2 Vendo sua disgraça, se tornou a Deos de coraſſaõ confessandose, & chorando seu peccado: & com hum acto, que elle dis foi de edificaſſaõ, ainda que naõ declara, qual fosse, resarcio o escandalo, que tinha dado, & remediou aquella pessoa, em cuja ruina se perdera. Depois de se levãtar, continuou com a sua costumada oraſſaõ, & Deos com as consolaçoens, como se tal cousa naõ ouvesse passado por Domingos da Cunha, & Deos se desse por desentendido: que destes lanços usa às vezes sua Divina misericordia, cõ aquelles, que tem em o numero de seus escolhidos. Naõ passou muito tempo, que Deos naõ mudasse de estillo; quãdo Domingos da Cunha cuidava, que o tinha mais prendado, com o seguinte acto, que fez de singular mortificaſſaõ. Metendose entre huma vinha a ter sua oraſſaõ, & põdose de joelhos, comessou o Ceo a chover sobre elle suas consolaçoens: no mesmo ponto voaraõ pera elle bandos de mosquitos, em cachos se lhe puzeraõ, nos lagrimais dos olhos, & em todo o rosto, entrandolhe por narizes, ouvidos, & olhos, attanazando-o todo. Determinouse a sofrelos: pellos naõ desviar com o mover ainda das pastanas, esteve toda a hora com os olhos fitos; & immovel, como se fora estatua; levando este martyrio taõ penoso em descon-

to de

to de ſuas culpas. No fim da hora, que ſem duvida lhe parecia muitos annos, tomou huma diſciplina, como ſempre fazia no fim da oraſſaõ.

3 Ficou taõ pago da victoria, que deſalcançou, que imaginava, que dalli por diante Deos ſe deſperdiçaria todo por elle, & crecerião as conſolaçoens do Ceo. Mas ſuccedeolhe ao contrario; porque Deos ſe retirou, & com eſta auzencia, ficou Domingos da Cunha a meſma ſecura, paſmado com a novidade, cuidava, que o fazer lhe Deos bom roſto depois da offenſa, naõ fora perdoarlhe a culpa, mas dilatarlhe o caſtigo. Comunicou eſta novidade a hum virtuoſo Sacerdote, de quem ſe ajudava em ſeu eſpirito, o qual depois foi tambem Religioſo da Companhia: eſte lhe diſſe, que tinha muitas graças; que dar a *Deos*, pois o começava ja a tratar como a ſeus amigos com aſpereza; que àlhe alli o tratara como a menino, pois a perfeiçaõ naõ conſiſtia em conſolaçoens, mas em exercicio de virtudes. Com as palavras deſte Sacerdote ſe alentou mais, ficando de novo com huma liçaõ, que ahe entaõ naõ ſoubera.

4 Como ſe vinha chegando o tempo de executar o ſeu voto de entrar na Companhia, o procurou deſviar o Demonio, trazendolhe à memoria o prato, que por tantos annos tinha feito a ſeus appetites, & como lhe franqueava os caminhos, pera gozar delles: a boa paſſagem, que ſempre lhe fizera, & ainda queria, lhe deveſſe o eſcapar de alguns perigos do corpo, em que ſe dava por perdido. A eſtas rezoens interiores ajuntava ſinais exteriores, que o Irmaõ naõ diſ, quais foſſem, ſò paſſa com dizer, que eraõ ſinais de rayvozo: mas por outras informaçoens ſe ſoube, que depois de ſua converſaõ hum dia ſe aballaraõ, & tremeraõ cõ grande eſtrondo os canhais da caſa, em que morava; levãtandoſe elle aſſuſtado com o terremoto, vio, que por ſima de hum quintal trepava huma ſombra diſforme, que a perturbaçaõ naõ deyxou conhecer. Acrecentoulhe o ſobreſalto decer de ſeu meſmo ſobrado hum gatto negro de grandeza eſtranha, o qual cõ os olhos aſſanhados, & fitos nelle, berrava deſuſadamente, como ſe eſtivera entalado tal mõſtro ja mais ſe vinha viſto naquella caſa; entre aquelle ſeu ſentimento deſapareceo.

5 Por outra parte lhe occorriaõ todas as rezoens, que nos homens ja crecidos (tinha neſſe tempo trinta, & qua-

tro annos) coſtumaõ embaraçar reſoluçoẽs generoſas, qual era eſta ſua aquelle deyxar os amigos; o ſer ſenhor de ſua vontade; a debilidade das forças pera o pezo, que tomava; o perigo de tornar a tras com deſcredito ſeu: o amolgarſe depois de homem a viver em o Noviciado entre meninos; como ſe fora hum delles; amortalhado em huma roupeta parda, o que todo era no traje luzimento: enterrar os primores da ſua arte, pella qual era taõ eſtimado: aturar as mestrezas dos Padres da Companhia. Eſtas, & outras rezoens lhe propunhaõ, & eſprayavaõ os amigos com a Rhetorica, que o ſeu mundo lhes enſinara. De todas fez o caſo, que merecíaõ; porque os ſeus propoſitos naõ eraõ liviandades, como elles cuidavaõ: tudo o que lhe diziaõ, pera o eſfriar, deu calor a ſeus intentos: porque julgava, que sò na Companhia lhe naõ permittiriaõ por inſtancias nenhũas de peſſoas illuſtres, fazer aquelles retratos, que tanto detrimento tinhaõ dado a ſua conſciencia: dizialhes, que elle nada confiava em ſi, & tudo em Deos; poriſſo lhe naõ metiaõ medo as difficuldades, que lhe propunhaõ, que com Deos eraõ nada. Alem diſto feito prégador, lhes encarecia os perigos da vida, os temores da morte, o aſſombro da eternidade, de que elles, era bem viveſſem lembrados. Vendolhes a Domingos da Cunha taõ longe de tornar a tras, q̃ os queria converter, alcançaraõ, que os ſeus fervores eraõ mais que beatiſſes, como elles antes lhe chamavaõ, & ſe deſenganaraõ de concluir com elle couſa alguma.

6 Mas antes, que o metamos em o Noviciado, refiramos hum eſtranho ſonho, que neſte entremeyo paſſou por elle. Naõ queria ja Domingos da Cunha encarregarſe de obras, por naõ ſe embaraçar com ellas, mas naõ ſe podia ver livre: pera evitar importunaçoens, ſe recolheo ao paço do Inquiſidor Geral, pera lhe acabar huns quadros, q̃ ja tinha começado, & naõ queria o dito Senhor, que entraſſe nelles outra maõ. Alli ſe fechou ſobre ſi, ficando mais expedito pera os ſeus exercicios eſpirituais, & tambem pera acabar a obra: por iſſo raras vezes hia dormir a ſua caſa.

7 Eis que huma noyte eſtando dormindo, ſonha que huma vizinha ſua ja defuncta, & molher virtuoſa, o chamava com ſobreſalto, & avizava que foſſe a caſa, porque andavaõ nella ladroens, que o queriaõ roubar. A inſtancia com

com que o perſuadia a defuncta, o fez reparar no caſo, & depois de acordado, no ſonho, ainda que com pouco cuidado, porque aſſim era ſonho. Com tudo amanhecendo não ſe pode ter, que não foſſe com hum ſeu diſcipulo a caza, pera ver ſe avia lá alguma novidade: o coraçaõ, que não mente, lhe dizia, que foſſe. Chegou à porta vio o ferrolho corrido, mas aberto: entra dentro; na ſegunda porta da eſcada achou hum cadeado, que ſe lhe lançara, ainda fechado, mas a porta fora do couce por huma banda com huma boca grande, por onde cabia largamente hum homem, & nella atraveſſado hum eſcrittorio: aqui ſe deu por roubado: chegouſe ao eſcrittorio, & vio, que eſtava entalado entre a porta, & parede de maneira, que ſe não podia mover nem pera fora, nem pera dentro; ainda que de propoſito o quizeſſem alli pregar por maõs de officiais, não ficaria tão fixo. Foi o cazo pello, que depois ſe vio, que entraraõ os ladroens em caza pello couce da porta, & logo arremeteraõ ao eſcrittorio, aonde lhes pareceo tinhaõ, o que buſcavaõ; pera forrar detença, & eſtrendo no abrir, & quebrar gavetas, o trouxeraõ em braços, athe o emboccar na brecha; paſſandoſe todos pera a banda da eſcada, foraõ puxando por elle, pera o tirarem, & levarem comſigo. Ou foſſe pella preça, ou por Deos aſſim ordiſpor, pera acodir por ſeu ſervo, o eſcritorio entalou na forma, que diſſemos; & a não ter ſahido os hoſpedes diante da preza, ſem duvida ficariaõ dentro, ſem poder ſahir pera fora.

8 Vendo elles, que nada obravaõ com a ſua lida, & que o não podiaõ deſentalar, o romperam por huma parte, logo deraõ com huma gaveta, que ſó tinha papeis de pouca monta: as gavetas, que tinhaõ dinheiro, & couſas de valor, ficaraõ da parte de dentro, mais ſeguras dos ladroens, do que ſeu dono as poderia ter poſto. Entaõ viſto, que nada aproveitavaõ, & por ventura feria tempo, de ſe irem pondo em cobro; deixaraõ ſobre o eſcritorio a gaveta com os papeis. Abrio Domingos da Cunha o cadeado, deſencalhou o eſcritorio, reſtituio tudo, o que avia em ſua caza, & nem hum alfinete lhe faltou. Deu graças a Deos aſſim pello aviſo, que lhe dera por meyo daquella virtuoſa defuncta, may, que fora de hum Padre da Companhia na qual elle pertendia entrar, como por aſſim impoſſe o fez, & vigiar ſobre ſua caza. Não faltou entaõ

taõ quem disse, que Deos guardara a caza a Domingos da Cunha, por ser bom homem, & esmoler. Voltou pera o paço do Inquisidor Geral, deyxando em seguro tudo, quanto tinha: acabou a obra, que tinha entre mãos; à vista della, outros senhores grandes o pertendiaõ embaraçar com obras suas; das quais, por serem de tal calidade as pessoas, naõ lhe era facil o livrarse; & o meterse nellas, era dilatar demasiadamente a execussaõ do seu voto.

CAPITULO XX.

Entra na Companhia, & como passou o Noviciado.

1 ERa chegado o tempo, em que Deos queria trazer de todo pera si a Domingos da Cunha. Hum dia lhe fallou aquelle Sacerdote seu amigo, que depois foi tambem da Companhia estranhandolhe as demoras, com que dilatava a sua entrada na Religiaõ, embaraçandose com novas obras. A isto respondeo: vou alinhavando as cousas, & em breve concluirei: & como acabar o paynel do Ecce homo pera vossa mercé, naõ tenho mais, que fazer. Instoulhe o Sacerdote, que pello seu paynel se naõ detivesse; & aprendesse de Saõ Matheus a pressa, com que deyxara tudo, & seguira a Christo. Fez nelle particular impressaõ este exemplo de Saõ Matheus; & tanta, que no dia seguinte, indo a sua caza o mesmo Sacerdote, já o naõ achou, porque sem se despedir de amigo algum, se foi ao Noviciado, pera naõ voltar mais a caza. Nos tempos adiante sendo já aquelle seu amigo da Companhia lhe disse o Irmaõ Cunha, que o exemplo de Saõ Matheus lhe entrara muito por dentro, & o fizera apressar.

2 Aos 30 de Março de 1632, sendo de 34 annos de idade entrou em o Noviciado de Lisboa, governando a caza o Padre Reytor Simaõ Alvres. Vendose o Irmaõ Domingos da Cunha já filho de outra may, & taõ santa, como he a Companhia, naõ acabava de dar graças a Deos pello beneficio prezente; & agora como naufragante, que sabe a terra, via de longe, & já de fora as ondas, de que Deos o livrara. Dizia o bemdito Irmaõ, que nestes pontos considerava elle o mundo como hum corro fechado, em

que

que o demonio como touro furioso fazia grande destrago, lançando a muitos com suas pontas em o Inferno. Só de considerar o como Deos o livrara das pontas deste bravo touro, se lhe hia o lume dos olhos.

3 Deos, que o tinha já mais junto de si, o começou a tratar como nos principios, aos que mais ama. Desapareceo tudo isto, que nos exercicios espirituais, he, & chamamos consolaçaõ. Alem destas securas, se desinquietaraõ as payxoens naturais; que depois de sua conversaõ, excepto no desastre, que contamos, estiveraõ como as brazas debayxo da cinza: porem o inimigo com licença de Deos as começou a assoprar; & ellas a puxar, pera o que tem de si. Resistia o Noviço, atemorizado com taõ frequentes, & insperados assaltos, se valia de Deos, que nestes apertos só he, o quem dâ valor: contra os seus temores, depois de muitos dias de contenda; sentia em si novos alentos, pera fazer novas resistencias.

4 Aqui começou a saber, que cousa eraõ vagueaçoens na oraçaõ, & pensamentos desbaratados, sendo, que antes nem ainda o nome lhes sabia. Fazia se força pera ter a Deos prezente, & com elle adoçar suas amarguras: mas tudo lhe sahia em vaõ. Chorava, dava suspiros, a tudo Deos se fazia surdo. Chegou a tanto desabrimento, que quando avia de entrar na oraçaõ, lhe parecia, o levavaõ arrastado pera algum tormento, ou pera o supplicio mais infame. Nem por isso deyxava de continuar, porque lâ sentia em si grandes dezejos, de seu aproveitamento, & de ter a Deos prezente; que estas saõ as ancoras, com que Deos segura a seus servos nas tempestades.

5 A estes desfallecimentos da alma, se assim lhe podemos chamar, acreceraõ os do corpo; & por ventura de huns naciaõ os outros: via se entre aquelles seus antigos agastamentos do coraçaõ; muitas vezes lhe davaõ com tanta força, que parecia, verse nas ultimas. Alentava se algũ tanto fallando de Deos nos repouzos com os mais Noviços: mas passado aquelle tempo tornava a sua lida. Achava, que em parte naciaõ estas securas, do novo modo de meditaçoens, que o Padre Mestre propunha dirigidas a cõseguir as virtudes por meyo do nosso instituto: & como o Irmaõ Cunha estava costumado a meditar na Payxaõ de Christo, & outras materias espirituais ou mais ternas, ou

mais

mais amenas; ſentia grande trabalho em o novo modo de meditar: mas pera ſe comformar com elle, batalhava conſigo, & ſe fez tanta força, que lhe ſobrevieraõ grandiſſimas dores de cabeça.

6 De tudo dava meuda conta ao ſeu Padre Meſtre, dizendo, que lhe parecia, eſtar perdido, que Deos o queria caſtigar exemplarmente. Calaivos, diſſe o Padre Meſtre, que ainda Deos vos hâ de fazer mui altas mercés. E diz o ſancto Irmaõ, que eſte ditto foi profecia, do que ao depois experimentou, & nos a ſeu tempo contaremos. Neſte teor de affliçoens paſſou o ſeu Noviciado, em que às vezes ſentia ſuas conſolaçoens, mas eſtas por muito breve tempo, ſobrevindo logo a coſtumada tormenta. Diz tãbem, que entaõ lhe ſuccederaõ na oraſſaõ algumas couſas ſobrenaturais, em que naõ eſtava prezente, por naõ fazer dellas memoria. Nos mais exercicios, em que ſe occupaõ tambem os Noviços, como ſaõ os da cozinha, & outros de humildade, & mortificaſſaõ, ſe aſſinalava entre os mais: fazendo em tudo por ſe adiantar na virtude: athè, que compridos os dous annos, fez os votos de Religioſo.

CAPITULO XXI.

Padece grandes affliçoens, revelalhe Deos, que ſe avia de ſalvar, & ceſſaõ as ſecuras na oraçaõ.

1 COm a mudança, que fez de Noviço pera Religioſo, naõ afroxou a perſeguiçaõ; ſó de quando em quando punha Deos nelle os olhos; como a may, que ve vir ao menino tenro pera ſi, & ſó lhe acode, quando o ve embicar; mas logo o deyxa vir por ſeu pé. Neſte tempo lhe fez Deos huma ſingular mercé: andando elle lutando com ſuas payxoens, como por todo o tempo do Noviciado, em que tinha aſſaz, que ſofrer; o fizeraõ enfermeiro, ſendo, que andava mui desfallecido, mas calavaſe, pellq naõ obrigarem, a afroxar nos ſeus rigores: creſceo o trabalho do officio com os doentes, que entaõ ſuccedeo aver, a quem por mais, que fizeſſe, naõ podia acodir ſem exceſſivo trabalho; que todo era ſobre ſuas forças.

2 Tudo ajudou pera os novos aſſombramentos de co-

coraçaõ, que lhe ſobrevieraõ: porem o maior de todos, era o temor da Divina juſtiça; o naõ lhe ter ſatisfeito com a penitencia; & aſſim temia ſer lançado em o Inferno tantas vezes merecido por ſuas culpas. Cercado deſtas anguſtias ſe poz huma noyte diante de huma imagem de Chriſto, alli derramou lagrimas ſem conto, com ſuſpiros, que parece lhe arrancavaõ a alma. Naõ quero (diz o meſmo Irmaõ) gaſtar tempo em referir, o que lhe diſſe, & com que ancias, que pella amargura, em que eſtava, ſe deyxa bem ver: finalmente lhe diſſe, porque a dor me obrigava a muito pedindolhe ſalvaçaõ, perdaõ de meus peccados, tempo pera fazer penitencia delles, & que naõ queria vida, ſenaõ pera fazer penitencia. Acabada a oraçaõ ſe recolheo mui pouco contente de ſi, como os ſanctos, que nũca de ſi vivem contentes.

3 O dia ſeguinte foi de Comunhaõ, avia ella de ſer na Igreja. Entrando pois na Igreja, indo pera o altar mor, paſſou pella capella de Noſſa Senhora da graça, que he huma das collaterais, em qué eſtá huma devota imagem deſta invocaſſaõ: fez o Irmaõ Cunha ſua coſtumada humilhaçaõ à ſancta imagem: *No meſmo inſtante* (diz elle) *me foi dada a ſentir interiormente, que avia de hir à gloria: & deume eſte rayo, & luz do Ceo com tanta alegria, & goſto de minha alma, que pello que me lembra, me parece, que fiz força, pera diſſimular, o que ſentia dentro de mim, por eſtarem Irmaõs na Igreja, que a naõ eſtarem, naõ podia deyxar de romper em alguma exterioridade: & aſſim cheo de contento dei conta ao Padre Reytor Simaõ Alvres, que ſe conſolou muito, & eu o naõ fiquei menos, com novos dezejos de ſervir, & amar a taõ bom pay.* Athe aqui ſaõ palavras do meſmo ſancto Irmaõ.

4 Por eſte ſucceſſo creceo mais a veneraçaõ à devotiſſima imagem de Noſſa Senhora da Graça, cuja devoçaõ naõ menos augmentou o grande ſervo de Deos o venerable Padre Joaõ da Fonſeca, como em ſua vida eſcrevemos. Naõ foi eſta vox exterior, mas interior por hũa illuſtraçaõ divina, que o deyxou mais certo de que ſe avia de ſalvar, do que o ficara, ou como o ficara ouvindo vox exterior.

5 Naõ obſtante eſte ſingular favor, as ſecuras na oraçaõ eraõ as meſmas, & nelle a meſma continuaçaõ. Por

eſte tempo (confeſſa elle) ouvia na oraçaõ humas palavras interiores, de que fez pouco cazo por lhe parecerem imaginaçaõ; & quando eſcrevia eſtas couſas, diz, ſó lhe lembravaõ as ultimas, que eraõ: de conſolaçaõ em conſolaçaõ vaite unindo com o ſangue de Chriſto.

6 Pouco mais de hum anno depois de acabado o Noviciado, andava com grandes ancias procurando de ter a Deos prezente com fé viva. Pera que o Senhor ſe compadeſſeſſe dos ſeus dezejos, fazia quanto eſtava na ſua maõ. Athe que Deos poz nelle ſeus amoroſos olhos, & ſe ſervio, de que as couſas tomaſſem outro caminho: com ſuas meſmas palavras, quero eſcrever, o que por elle paſſou; pera ſe ver melhor os exquiſitos modos, que tem Deos de ſe comunicar, aos que ſaõ tanto do ſeu ſéo, como era o Irmaõ Domingos da Cunha.

7 Senti (começaõ as ſuas palavras) *dentro na alma huns movimentos ſaboroſos, que nunca coſtumara ſentir naquella forma: foraõ crecendo ſegundo a applicaçaõ, que eu fazia, pouco mais ou menos. Naõ eſtava eu pouco contente por me parecer, que hia deſcobrindo, & achando o que dezejava, que era ter a Deos prezente por ſentimento. Chegado o tempo da oraçaõ, puſme nella com a meſma applicaçaõ em Deos; depois de eſtar aſſim recolhido bom eſpaço buſcando a Deos no interior; ſenti como no mais intimo do eſpirito hum ſilvo muito delgado, & taõ ſutil, que parecia paſſar aquelle ſentimento muito ao longe, & naõ durou muito eſpaço: mas eu tomara achar palavras, pera declarar alguma couſa do eſtranho regalo, & doçura ſuaviſſima, com que penetrou toda a alma, foi como huma faiſca muito pequena, que pegou, & ſe dilatou por todo o eſpirito; ou como toque do eſpirito do Senhor em a ſubſtancia da alma, porque a mudança, que fez em mim alguns tempos, bem moſtrou ſer muito ſubida eſta merce: mas eu como naõ entendo das couſas de eſpirito, naõ lhe ſei dar nome. Porem entre as couſas, que ſenti dalli por diante alem dos muitos regalos na oraçaõ & conſolaçoens continuas, & ſentimentos, foi huma alegria eſpiritual em tanta maneira, que quizera dar ſaltos de prazer pellos corredores: & hum fervor, que excedia, & hum amor de Deos tal; que quando ouvia fallar em amor de Deos, me era neceſſario mortificar, & diſſimular os affectos, & effeitos do encendimento, que me cauſava: todo eſte tempo, que me durou, & naõ foi breve, naõ podia ſofrer, o ou-*

servir tratar de servir a Deos, que naõ fosse sô por respeito de sua boura, & gloria; & pareciame a mim entaõ cousa estranha, como podia ser servir a Deos por outro motivo, que naõ fosse, o que tenho ditto. Athe aqui suas formais palavras; o que sobre ellas se pode discorrer, deyxo eu a quem com alguma intelligencia das cousas espirituais as ler, & quizer ponderar.

8 No mesmo tempo era inexplicavel a doçura, que sentia, quando comungava; & os dezejos da salvaçaõ das almas, por razaõ das quais o Senhor obrara taõ exquisito mysterio: tinha taõ grande pena da perdiçaõ dos peccadores, que em considerando nella se desfazia em lagrimas; era esta taõ excessiva, que senaõ fora cõfortado por outra parte, naõ pudera com o pezo della. Com todas as ansias pedia a Deos, os converteſse a todos. Outros muitos mimos recebeo de Deos neste tempo, que elle naõ refere, por lhe terem esquecido; athe que por fim de todos desterrou Deos de sua alma aquellas molestas securas, que taõ angustiado o traziaõ, & ficou sua alma gozando de bella paz, & de hum soccego, que se nesta vida o hâ semelhante ao dos bemaventurados, este o era.

CAPITULO XXII.

De sua elevada contemplaçaõ, & effeitos maravilhosos della.

1 COmessou esta sancta alma a se engolfar toda em seu Creador, a quem sempre tinha prezente, & com especialidade o via copiado em todas suas creaturas; em huma flor, em huma ervinha, em qualquer arvore, ou bichinho da terra assim o via reluzir, como nós vemos os objectos nos espelhos mais cristalinos. Naõ avia pera elle cousa, como quando por seus achaques o mandavaõ espairecer à cerca do Noviciado, ou quando assistia na quinta cõ o Procurador; a sua gloria era gozar de seu Creador em as creaturas, que se lhe offereciaõ diante dos olhos: naõ sei que via em qualquer bonina, ou flor; tais excellencias de Deos percebia, que toda lhe cheirava a Deos, & alli quasi o apalpava com as maõs; era isto com huma luz, &

conhecimento taõ eſpecial, que naõ hâ palavras, que o expliquem: delle nacia pera com ſeu Deos hum amor à medida de taõ elevado conhecimento.

2 Admirava ſua grande providencia pera cõ os ſeus; & deſta, diz o ſancto Irmaõ, lhe nacia tal ſegurança nas variedades deſte mundo, que ſe os inimigos armados o cercaſſem, pera o matar, no meyo delles ſe eſtaria rindo de tudo; porque via cõ huma luz mui clara, que ninguem o podia tocar, ſe Deos naõ quizeſſe: porem tudo paſſava nelle com hum modo taõ ſobrenatural, que no maior perigo eſtaria como na maior recreaſſaõ. Couſas ſaõ eſtas, que ſó plenamente as entende, quem as experimenta.

3 Tambem via a Deos nas creaturas com a mageſtade de Senhor, & à viſta deſta conſideraſſaõ ſe ſumia todo no ſeu nada. Muitas vezes andava taõ enlevado em Deos, que parecia, andar fora de ſi, & homem cõ o juizo leſo; ou como o foraſteiro, que tendo toda a vida vivido nos matos, entra em huma grande corte, aonde anda como aſſombrado de tudo, quanto ve. Humas vezes neſtas occaſioens hia muito de preſſa pera tras ſem tino, outras pera diante ſem propoſito algum; veyo por eſta cauſa a ſoſpeitar, que eſtava doudo; athe conhecer, que Deos era a cauſa daquelles impulſos, por quem he ſezudeza endoudecer.

4 Jâ quando punha os olhos no ſol, que he das creaturas a mais luzida, tudo eraõ ſuſpiros ao Ceo, pedindo a Deos ſe raſgaſſe eſta cortina da fragilidade humana, pera ver as luzes inacceſſiveis, de que tinhaõ huns longes as do ſol. Aqui lhe deu Deos hum ſentimento, de que na ſua maõ eſtava raſgar eſta cortina abnegandoſe a ſi em tudo, & deſapegandoſe de tudo, o que tem reſabios do mundo; eſtando nelle, como ſe naõ eſtiveſſe. Pareceolhe ao ſervo de Deos, que eſte ſentimento era eſcuſado; por ſe perſuadir, eſtava taõ fora das couſas do mundo, que lhe era a par de morte, cuidar nellas. Mas como os olhos de Deos vẽ mais, que os humanos, o Senhor lhe deu a ſentir, naõ eſtava taõ deſapegado, quanto elle ſe cuidava; pois ainda tinha em ſeu penſamento o naõ deſcõtentar aos homens em ſeu proceder, nem efficaſmente deſeſtimava a boa opiniaõ, que delle ſe tinha. Diſcorrendo por eſta cauſa por ſuas obras, pera ver ſe avia nellas couſa alguma merecedora

das

das mercès, que Deos lhe fazia, lhe deu Deos hum claro ſentimento, de quam limitadas eraõ. Cõfundioſe da ſua preſunçaõ, & dalli por diante teve taõ bayxo conceyto das ſuas obras, que pera elle naõ avia maior pena, que ſignificaremlhe, mer eciaõ alguma eſtimaçaõ.

5 Quiz Deos a eſte ſeu ſervo dar humas moſtras da gloria, como deu a outros, que lho mereceraõ: & foi deſta maneira: lançou ſeus olhos por hum campo, em occaſiaõ, que podia com ſua apraſivel variedade deſpertar o entendimento, a diſcorrer no paraizo; nada ſe deteve em buſcar a Deos por creaturas, que tanto à viſta lho moſtravaõ: mas por mais, que batalhou conſigo pera diſcorrer, & cõſiderar, naõ podia adiantar nem diſcurſos, nem conſideraçoens, culpandoſe a ſi meſmo de dar taõ pouco pellas vozes de tantas, & taõ fermoſas creaturas.

6 Queria ſem duvida Deos, que quanto alli paſſaſſe por ſuas potencias, tudo foſſe ſeu, & nada do Irmaõ Cunha: deulhe hum rayo de luz interior, com a qual lhe parecia, ſer levado a hum deſerto, aonde ſe lhe moſtrou hum bẽ taõ grande, que nem olhos humanos viraõ, nem ouvidos ouviraõ, nem lingua explicou, nem coraſſaõ comprehendeo (como em ſemelhante caſo dizia S. Paulo) o que alli ſe lhe reprezentou: & diz o Irmaõ, que ſe entaõ lhe perguntaſſem, que vira; sò reſponderia com grittos, como o mudo, que ſe dezeja, & naõ pode explicar; & como naõ attina com palavras, rompe em grittos, que nada ſignificaõ, & de que sò arguimos, que lâ tem alguma couſa dentro de ſi.

7 Alguns dias andou cuidando, como explicaria eſte bem, & depois de combinar com elle tudo, quanto ha nas creaturas; diſſe que todo o bem dellas era em ſua comparaſſaõ como a mais invernoſa, & eſcura noyte comparada com o mais apraſivel dia do mes de Mayo: depois de explicar aquelle bem pellos nomes, com que câ explicamos tudo, o que he de goſto, & aprazibilidade, concluio dizendo: Advirto, que os nomes, que aqui ponho, como gozo, jubilo, deleitaçaõ, naõ tem aqui lugar, nem ſemelhança, com o que ſoaõ, porque eſte bem era ſobre todo o noſſo modo de entender, & naõ tem nome deſte mundo, que lhe quadre, pois era de outra regiaõ, & natureza: em fim he hum bem ſem nome, como ſe quiſeſſem dar a entender a hum cego de nacença, que couſa he azul, ou vermelho,

melho, que nunca vio, nem conheceo.

8 Cauſou eſta viſaõ grandes effeitos em ſua alma, porque alem de huma ſuſpenſaõ de ſentidos, em que por muito eſpaſſo a vontade eſteve toda enlevada; creceraõ dalli por diante tanto as conſolaçoens, que naõ podiaõ com ellas as forças do corpo, & poriſſo desfalecia; ſendolhe preciſo pedir a Deos puzeſſe nellas termo, como lemos pedia noſſo Padre Saõ Franciſco Xavier.

9 Outra vez entre ſonhos vio, que ſe abria o Ceo, & dalli pera dentro huma luz, que com infinitos augmentos hia crecendo; & ao modo que crecia a luz, creciaõ tambẽ as conſolaçoens, entre os meſmos ſonhos rompeo em vozes, & diſcurſos, com que queria dar a entender a todo o mundo, o bem que gozava, exhortando a todos, que o procuraſſem. Pera que ſe veja, que iſto foi mais, que ſonho; aquellas conſolaçoens lhe duraraõ por muito tempo; ſem duvida pera com a lembrança dellas adoçar as affliçoens, que teve ao depois. Conſiderando, que eſtes favores eraõ muito ſobre a ſua bayxeza; lhe veyo deſconfiança, naõ foſſem annuncio de alguma grande tormenta; aſſim o diſſe a ſeu Superior, o qual o mandou eſtar àlerta, & fazer proviſaõ, pera que vindo alguma tormenta, o naõ apanhaſe deſapercebido.

10 Com ſerem tantas as conſolaçoens do Ceo, ainda ſentia em ſeu coraſſaõ por encher naõ ſei, que vaõ; que lhe aguava em parte eſtes ſanctos goſtos, athe que com o tempo, ſentio tudo taõ cheo, que ja naõ havia onde arrumar mais.

11 Paſſeando huma hora pella cerca, teve materia de grandes contemplaçoens em os bichinhos, que via. Voava diante de ſeus olhos huma mui engraçada borboleta, como que o deſafiava a louvar a Deos; quiz o Irmaõ chegarſe a ella, pera mais de perto contemplar na creatura o Creador; mas logo lhe fogia: entaõ com impulſo ſuperior lhe diſſe: Borboleta naõ te vás: a eſta vòs parou o bichinho, & chegandoſe o Irmaõ, a eſteve mui devagar contemplãdo, & como ſe ſoubera, pera que a mandavaõ parar, deſenrolou as azinhas, & aſſoalhou quantas meudezas nella obrara a maõ, que a fizera: elevouſe tanto no que via, que aquiz tomar na maõ, mas ella ſe auzentou, como ſe tiveſſe cumprido, o pera que a mandaraõ parar, que era pera

acon-

a cõtemplaçaõ, & naõ pera a curioſidade. Diz o Irmaõ, q̃ quando elle fugio, fez grande força interior, pera a mandar parar, como a primeira vez, & que nunca pode.

12 Outra vez eſtando aſſentado, vio diante de ſi huma grande concha de caracol, que na boca tinha huma como delgada eſcama, contra a qual vinha de dentro forcejando hum bichinho, athe que rompendo aquella tez, ſahia a tomar ſitio em humas hervas altas, com outros muitos, que da concha o vinhaõ ſeguindo; ſobiam, & deciaõ ſem ſoccego pellas hervas, & depois paravaõ por grande eſpaſſo, como repouzando em ſono ſuave, em quanto lhe naciaõ as azas, que era em breve tempo: depois deciaõ das hervas, & atraveſſavaõ hum caminho, que lhe ficava defronte, & logo ſe eſpalhavaõ, & deſapareciaõ ſeguindo cada hum a derrota, que a natureza lhe ditava.

13 Achou aqui muito, que moralizar: conſiderando que aquella grande concha era o mundo; com que tantos andaõ às coſtas: & que os bichinhos eraõ aquelles, que rompendo pellas difficuldades do mundo ſe ſobiaõ à arvore da religiaõ ſempre verde com eſperanças do Ceo: aqui lidando com ſuas payxoens ſobem, & decem tantas vezes, athe que pella oraſſaõ alcançaõ paz da alma vivendo naquella doce quietaçaõ dos bichinhos; de azas lhe ſerve a oraſſaõ, & contemplaçaõ, com que de hum voo penetraõ os Ceos. Mas ay triſte de mim (acreſcenta logo) que neſta ultima acçaõ, que os bichinhos fizeraõ indoſe a pé, tendo azas pera poderem voar, eſtava huma breve profecia, do q̃ me havia de ſucceder ao diante, como a experiencia mo tẽ moſtrado; porque dandome Deos azas, pera voar ao Ceo, & fazer lá minha morada, me deixey andar na terra, foſſando como animal immundo, dandome Deos tanto a maõ com tanta luz do Ceo. Neſta forma vai o Sancto Irmaõ diſcorrẽdo. Donde ſe ve como deſcobrẽ os ſervos de Deos grandes proveitos no livro das creaturas.

14 Quando tinha oraçaõ em cõmunidade, era ſempre reprimindo as forças, & impetos de ſeu eſpirito. Pera deſabafar buſcava lugares ſolitarios, humas vezes ſe metia nos entreforros da caſa ſobre as abobodas, outras ſobia a hum eyrado da caſa, donde à ſua vontade via o Ceo. Nos Domingos, & dias Sanctos, que eram as ferias do ſeu eſpirito, tinha licença franca, pera hir à cerca, & darſe lá todo a Deos:

Deos: alli se metia hũas vezes entre huns loureiros bayxos, & espezos; outras no meyo de hũ Canaveal, aonde desabafadamẽte largava as velas à sua devaçaõ; & Deos se apoderava tãto de seu servo, q̃ tudo nelle era puro amor de Deos.

15 De varios modos entrava na oraçaõ: ordinariamẽte no principio della se lhe tomava o folgo de maneira, que naõ podia respirar; & começava a resolgar, como se tivera subido huma ladeira ingreme com muita pressa; durandoesta afflicaõ por bastante espaço de tempo: sendo no mesmo grandes as consolaçoens, que sentia na alma, & lhe fora mui pouco penoso deyxarse levar daquelle gosto interior sem respirar; mas o medo de perder a vida entre aquelles amorosos accidentes, o obrigava a lidar comsigo, pera tomar respiraçaõ.

16 Naõ poucas vezes depois de estar no mais profundo da oraçaõ, sentia que o peito, & ilhargas lhe arrebentavaõ com dores agudissimas, em forma, que, se Deos naõ lhe dera forças, naõ poderia viver. Daqui nacia hũ grande horror, que tinha seu corpo daquellas angustias, em que o metia o espirito. Occasiaõ ouve, em que parecia, que todos os membros, & ossos se lhe desconjuntavaõ com excessivas dores; & se lhe dobravaõ, & trociaõ os dedos de pés, & maõs, fechandose, & abrindose com grande vehemencia, & pressa: o que tudo nacia das ancias, que tinha o coraçaõ de se unir com Deos. Affirma o sancto Irmaõ, que se qualquer destas dores lhe duraraõ por espaço de meyo dia, naõ seria possivel viver; & que julgava, que da calidade daquellas penas deviaõ de ser as do purgatorio, com que Deos lá, & cá purifica as almas dos seus justos.

17 Succedeolhe estando assim de joelhos com aquellas ansias, & dezejos de se unir inteiramente com Deos, levãtarse o corpo per si, & arremeçarse a correr, athe a alma chegar, ao que dezejava, entaõ parou com paz extraordinaria. Veyo desta vehemencia do espirito a ter no corpo tal desfallecimẽto, que lhe era necessario ter a sua oraçaõ deitado, porque o espirito de tal sorte avocava tudo a si, q̃ as potencias materiais naõ eraõ senhoras das suas funçoẽs. Ficavase desmayado com a cabeça cahida a huma parte, os braços amortecidos pera a outra, todo o mais tronco do corpo parecia de homem defuncto, senaõ era, que hum riso brando, & huma alegria de olhos fitos no Ceo, era final, que

que acabou assim estava em Deos, que naõ deyxava de todo o corpo. Aqui se sentia a alma toda enlevada em Deos, de quem gozava com inefavel consolaçaõ, achandose como de volta em os coros dos Anjos.

18 Huma vespora do Espirito Sancto se achava tendo oraçaõ no seu retiro da cerca; quando, sem elle a isso dar azo algum, se lhe começaraõ a mover os braços por muitas vezes. Estranhou, o que nunca experimentara; no dia seguinte tornando a ter oraçaõ no mesmo lugar, sentio q̃ per si mesmos se levantavaõ os braços com muita pausa, athe se porem em cruz, & naquella forma pararaõ algum espaço, & dalli subiraõ o mais, que lhe foi possivel pera o Ceo. O espirito, que ja tinha dado mais alto voo, com grande força moveo o corpo todo, & com maiores gemidos, & ancias meneava as maõs, como quem queria subir, ou como que chamava alguem, que lhe desse a maõ; da maneira, q̃ hum menino adeja com as maõs pera a may, que vê de longe.

19 Esteve assim hum bom espaço, mas como naõ pudesse conseguir, o que dezejava, porque o pezo do corpo lhe impedia subir, deu o mesmo corpo hum arranco pera sima com tanta força, que lhe levantou o peito no ar pera subir; sendo q̃ como dissemos, estava taõ debilitado, q̃ sò recostado podia ter oraçaõ: depois deste movimento se tornou a socegar ajuntandose no ar as maõs, vindo decendo pouco a pouco, athe ficarem em sua natural postura sobre o peito. Logo no mais interior do espirito sentio taõ grande alegria, que esta resumbrou no corpo, dando muitas rizadas, ainda que este riso naõ era voluntario, mas como contrafeito. Estes movimentos dos braços, & corpo lhe duraraõ quatro mezes inteiros, tendo-os humas vezes no principio, outras no fim da oraçaõ. Em outras occasioẽs teve semelhantes, & maiores impulsos da alma, com que era obrigado, sem saber como, a se levantar em pé, & dar saltos de prazer, à vista dos bens, que se lhe reprezentavaõ: deste modo solemnizava o corpo a dita, que lograva seu espirito, o qual nestes tranzes era verdadeiramẽte, *patiens divina*, como Saõ Dionysio disse de seu Mestre o Divino Hierotheo, & o disse tambem do nosso Irmaõ Cunha o Padre Francisco de Tavora, que por sinco annos foi seu Reytor, & Confessor. Saõ estes mimos naõ effeitos da nossa a-

gencia, mas sò liberalidades, de quem os faz; que os naõ faz a todos os seus amigos, mas sò aquem elle quer, por rezoens que lâ guarda pera si.

CAPITULO XXIII.

Continuase a mesma materia, & effeitos della, & de sua conformidade com a vontade de Deos.

1 AInda que o Irmaõ Cunha, quando entrava na sua oraçaõ, hia muitas vezes ja pello caminho ahtes de chegar ao lugar taõ embebido em Deos, que pera naõ ficar absorto, lhe era necessario, fazerse força em ordem a se advertir; outras entrava com securas. Certo dia saindo da mesa, em que a muita abstinencia deixava sempre as potencias livres pera obrar, se foi ao seu retiro da cerca: chegãdo ao costumado lugar, onde orava, se sentio taõ secco, q̃ se estranhou a si mesmo: occorrendolhe, que desta vez naõ acertava com a vontade Divina, pois esta devia ser, que fallasse naquelle tempo de Deos com seus Irmaõs.

2 Nem corpo, nem alma estavaõ pagos daquelles desfabrimentos. Com tudo assentou comsigo de perseverar, batendo às portas do Ceo, pera que o recreasse com o orvalho, com que outras vezes regava sua alma. Logo se lhe começou Deos a comunicar, & os dezejos de o ver creceraõ em seu coraçaõ, & dalli sahiraõ à boca, dizẽdo a Deos: Senhor mostraime vossa face, que lhe quero dar osculo de paz. Com isto sentio em si grande fervor acompanhado de extraordinaria suavidade. Porque os Sanctos naõ querem a Deos só pera si, teve excessivos dezejos de que todas as creaturas se unissem com seu Deos; o mesmo Senhor lhe deu a entender, que elle à volta das mesmas creaturas, entrasse nos gozos, que pera ellas dezejava, & se unisse cõ elle. Entrei finalmente (saõ palavras suas) no gozo do Senhor, o que aqui se passou, digao o mesmo Deos, ou mande algum Anjo do Ceo, que o diga, se souber.

3 Acabada esta oraçaõ, & tendo cessado por algum espaço; lhe deu hum pasmo, que durou muito, sobrevindolhe ansiosos suspiros, com temores taõ grandes de fazer alguma

alguma couſa, que deſagradaſſe a Deos, que eſtimara eſtar ſotterrado em huma profunda gruta da terra, aonde nunca vira gente, sò por naõ ter a minima occaſiaõ de fazer alguma falta, com que deſcontentaſſe a Deos: & o atormentava muito o claro conhecimento, que tinha da ſua fraqueza, da qual nada podia eſperar, nem prometter. Com eſte conhecimento he, que Deos ſegura a ſeus ſervos, pera que entre tanta bonança, ſe naõ deſcuidem; & ſaibaõ, que de ſi sò tem miſerias.

4 Por eſte tempo, em que andava em cõtinua oraſſaõ, lhe vinhaõ aquelles impulſos, que ja diſſemos, & da alma reſultavaõ no corpo; levantandoſe, ſem o Irmaõ o pertender, dando ſaltos, baylando, voltando, dando altas rizadas; que tudo denotava ſer lá na alma o dia de feſta ſolemne, & como dizem, de feſta rija. Trazia o eſpirito taõ fora de ſi a parte inferior do corpo, que chegava a dar grittos, & mugidos como hum touro taõ medonhos, que a ſi meſmo cauſava horror, apertavãſelhe os dentes, ſerravanſelhe os olhos, ſuſpendiaſelhe o roſto pera o Ceo, lançava a correr, & fazia outras muitas acçoens extraordinarias, tanto, que por conſelho do Superior, pedio a Deos lhe tiraſſe aquellas extravagãcias, por naõ eſcandelizar, aos que ignoravaõ, donde naciaõ; & o Senhor lho concedeo.

5 Com qualquer conſideraçaõ ſe abrazava tanto em Deos, que ſe viaõ no roſto claros indicios da chama, que lá dentro ardia. Lendo por hũ livro, que tratava do altiſſimo myſterio da Sanctiſſima Trindade, o aſſaltearaõ taõ grandes dezejos de a ver, & ſubir ao Ceo, que ſe levantou em pé, & o corpo fazia toda a força por ſobir. O meſmo lhe ſuccedeo na hora da Aſſenſaõ de Chriſto, & ſentindo elle, que os pés, ſe lhe começavaõ a levantar da terra, pedio ao Senhor, ſe ſerviſſe, de lhe modrar aquelle impeto do eſpirito, porque eſtava em communidade, & naõ queria ſe divulgaſſem os favores, que recebia de ſua dadivoſa maõ.

6 Quando ſahia de orar, vinha taõ inſenſivel, & deſpegado da terra, que lhe parecia andar pellos ares, ou ſobre montes de algodaõ: continuandolhe muitos dias eſtas ſuſpençoens. Huma tarde ſe hia retirando ao ſeu boſque da cerca, chegou o Senhor mais cedo, & o tomou no caminho; onde ſe poz a orar, & o corpo ſe lhe eſtendeo no chaõ com os braços em cruz. Veyolhe penſamento, ſe ſeria

aquelle effeito do máo eſpirito, que ſe transfigura muitas vezes em Anjo de luz, pera fazer das ſuas. Immediatamẽte a eſte penſamento huma força occulta o tomou como em braços, & aſſentou, mas ainda em poſtura, que ſendo viſta, podia ſer de reparo. Tirouſelhe per ſi a maõ direita do lugar, onde a tinha, & ſe lhe poz no chaõ, como quãdo ſe quer huma peſſoa levantar, & todo o corpo fez accõmodada inclinaſſaõ, pera eſte effeito: tornou elle a maõ a ſeu lugar, & ella ſegunda vez porfiou, a ſe pôr no chaõ cõ alguma impreſſaõ maior, pera que ſe levantaſſe. Julgou a couſa por myſterioſa, levantouſe, & logo chegaraõ dous Padres, que andavaõ pella cerca; & por pouco, que ſe detivera o Irmaõ, o apanhariaõ com o furto na maõ, como dizem.

7 Tambem foi de grande admiraſſaõ, o que lhe ſuccedeo paſſando por hum lugar da cerca, aonde havia hũa cruz; ajoelhouſe a adorala, & logo ſentio hum impeto interior, que o arremeçou à Sancta Cruz, & o fez abraçar cõ ella cõ tanta força, que parece a queria meter no coraſſaõ: Depois que eſteve aſſim por algum tempo, tornouſe o corpo a afaſtar per ſi meſmo; & neſta pequena diſtancia, em q̃ ficou poſto de joelhos, ſe lhe foraõ levantando, & eſtendẽdo os braços em forma de Cruz, & aſſim ſe foi inclinando o corpo athe pôr o roſto no chaõ, logo ſe tornou a alevantar, ſem desfazer a cruz dos braços, ſenaõ que elles dahi a pouco per ſi ſe puzeraõ em ſitio natural diante do peito.

8 Sentio o Irmaõ hum grande dezejo de ſe crucificar com Chriſto naquella cruz; logo os braços ſe eſtenderaõ outra vez, & arremeçandoſe à cruz, ſe accommodou todo o corpo a toda a cruz, como ſe realmente eſtivera crucificado; ſentindo nas palmas das maõs humas ancias de ſerẽ alli encravadas, em tanto que cahindolhe a maõ direita da cruz, & detendoſe o Irmaõ em a reſtituir a ſeu lugar, foi taõ aguda a dor, que nella ſentio, que a naõ podia ſofrer, athe que a tornou a ajuſtar com o braço da cruz: paſſava iſto com tanto goſto da alma, & paſmo dos ſentidos, que julgava por impoſſivel, poderſe apartar daquelle ſancto madeiro: mas porque temia ſer achado naquella forma, pedio ao Senhor, que ja que elle o puzera naquella cruz, ou trono, o tiraſſe; pois naõ eſtava na ſua maõ, apartarſe della

De improviſo ſe apartou o corpo da cruz per ſi meſmo, & ceſſou o fervor, que obrava eſtes effeitos de tal ſorte, que hum Padre, que entaõ chegou, naõ deu fé de couſa alguma, porque o Irmaõ eſtava como ſe naõ tiveſſem paſſado por elle couſas taõ myſterioſas.

9 He couſa de reparo, que eſtando o Sancto Irmaõ neſtas occaſioens taõ alienado de ſi, sò lhe ficava advertẽcia, pera pedir a Deos, naõ foſſe viſto, & aſſim lho cumprio ſẽpre o Senhor: do que aqui lhe ſuccedeo com a ſancta cruz, lhe ficou taõ affeiçoado, que em a vẽdo, naõ eſtava na ſua maõ, deyxar de ſe lançar a ella; quando por ſer alta lhe naõ podia chegar, lhe dizia tantos affectos, & ternuras, que era huma ſuſpenſaõ.

10 Pondoſe huma vez em oraſſaõ, pello elevamento do eſpirito desfalleceo, & cahindo em terra, troceo hum pé: davalhe grande moleſtia, & ainda lhe tirava em parte o ſoccego na oraſſaõ: determinouſe a ſofrer por amor de Deos: mas como a dor foſſe exceſſiva, diſſe a Deos: Senhor eu naõ hei de concertar o pé; ſe vòs quereis, que me naõ doa, concertayo vòs: logo ſentio, que occultamente lhe tomavaõ o pé como com a maõ, & lho punhaõ em geito, que lhe naõ pudeſſe dar mais pena, nem desinquietar na oraſſaõ.

11 Como eſta força do eſpirito era taõ grande, & quaſi exhauria a do corpo, veyo a desfallecer de maneyra, que ſe naõ podia ter em pé: entaõ diſſe a Deos: Como, meu Deos, permittis, que ande eu deſta maneira; ſe as mercês, que me fazeis, me haõ de impoſſibilitar, pera as receber, como mas fazeis? Bem vedes, que eu ja naõ poſſo mais. A iſto interiormente reſpondeo o Senhor: Quem tem a Deos da ſua parte, não tem nada, que temer. Foi eſte ſentimento tão vivo, & com tais jubilos, que levantandoſe começou, a repetir eſtas palavras em voz alta, & na meſma as foi repetindo por toda a cerca. Dalli por diante nunca mais experimentou aquella eſtremada fraqueza, & ſe achou mui diverſo nas forças corporais.

12 Em qualquer obra, que fazia, sò conſiderar, que aquella era a vontade de Deos, baſtava pera todo ſe accẽder em ſeu amor. Nos ultimos annos chegou eſte amor de Deos a tanto grao, quanto parece, chegarem, os que cá amão mais a Deos. Recolhiaſe a alma em hum profundo

ſilen-

silencio, & paz suavissima; logo se começava a atear nella o amor de Deos, & se hia dilatando por todo o espirito, q̃ com grande suavidade se sentia desmayar nos braços daquelle Senhor, aquem amava. Se succedia estar sò, este desmayo tambem abrangia ao corpo, mas sem genero algum de afflição, antes com summo gosto: parecialhe então, que punha a boca a huma fonte de infinito amor, pello qual ficava todo unido com seu amado.

13 Explica elle isto com a comparaſſão de huma bola de cera, que lançandoa em hum tacho de cera fervendo, ao mesmo ponto, que a bola se derrete, se vay encorporando, & unindo à demais cera; assim dizia sentir nestas occasioens, que sua alma se unia com Deos; & chama a isto jogo deleitoso, que Deos tem com a alma, & hum ganho, em q̃ perdendose ella em si toda, se acha ganhada toda em Deos; por estes, & outros modos faz por explicar, o que só plenamente percebe, quem tem a dita, de o experimentar em si.

14 Comunicando isto ao seu Padre Reytor Francisco de Tavora, lhe disse, que assim devia ser, o que na gloria tinhaõ os bemaventurados: mas o Padre o desenganou cõ lhe dizer, que aquillo naõ era, mais que hum rascunho, do que lâ passa; & o Irmaõ acrecenta, que, pello que depois alcançou, ainda era menos, que rascunho, porque aquelles bens saõ tais, que ainda gozados parecem escondidos à nossa vista. Naõ passava isto pello Irmaõ Cunha só no tempo, que tinha permanente pera a oraſſaõ, mas tambem entre dia, & ainda de noyte ou dormido, ou acordado; sentia de repente, como se lhe atravessassem o coraſſaõ com hum punhal ervado, ou abrazado de amor de Deos, que o fazia estremecer todo, & abrir os braços em Cruz, & romper com voz alta em palavras muy amorosas, nacidas de huma alma, que toda estava amor de Deos. Confessa o sancto Irmaõ, que avia aqui differença das outras vezes, em que tambem dava vozes, pera dezabafar seu espirito; porque nas outras vezes só sentia a chama, em que se abrazava; & nestas, sobre a chama, sentia huma chaga na alma, da qual nacia o amor, que experimentava.

15 Neste tempo, em que estava todo penetrado de Deos, tinha grandes dezejos, de que todos os homens estivessem na mesma felicidade; que se entregassem de ve-

ras

ras a Deos, que conheceſſem os grandes theſouros, que há na vida eſpiritual, que deſprezaſſem tudo, o que os deſviava do ſeu fim. Lastima vale, de que ſendo Deos, quem he; & querendoſe comunicar taõ familiarmente aos homens, eſtes pouco, ou nada ſe canſaſſem com o procurar.

16 Era o ſeu amor pera com Deos taõ deſintereſſado, que o amava ſó pello amar. Diz nos ſeus apontamentos, que ſe naõ podia entender, como ouveſſe alguem, que ſerviſſe, & amaſſe a Deos com os olhos na gloria, que o Senhor lhe podia dar, ou por qualquer outro motivo, que naõ foſſe puramente a bondade de Deos. Daqui naciaõ grandes temores de lhe deſagradar em alguma couſa, & naõ menores anſias de ſaber ſua divina vontade, pera em nada ſe afaſtar della; cóm a qual eſtava taõ conforme, que nem com o proſpero, nem com o adverſo ſentia em ſi abalo algum. Quando nos ultimos mezes, em que viveo em hum purgatorio de affliçoens, o viſitavaõ os Padres, & Irmaõs, & lhe diziaõ, que o encomendariaõ a Deos, pera que lhe deſſe ſaude, ou ao menos alivio, no que padecia; era a ſua reposta; que ſó pediſſem a Deos, ſe fizeſſe nelle ſua vontade, que ſe eſta foſſe de eſtar naquellas penas ate o dia do juizo, o teria por favor ſingular, pois já naõ tinha goſto, nem diſgoſto, ſenaõ no que mais ſe ajuſtaſſe, ou deſviaſſe do querer de Deos.

17 Vendoo mui affligido, lhe diſſe o Irmaõ Sotomaior miniſtro, ſe queria, que lhe trouxeſſe a camiza do Padre Marcello, pera que lhe alcançaſſe ſaude: reſpondeo, a camiza folgarei de ver, & venerar; mas pedirlhe ſaude, iſſo naõ, mas ſó, que ſe cumpra em mim a divina vontade. Em huma couſa, confeſſa, que ſe lhe fez dura a doutrina do Padre Alonſo Rodrigues da noſſa Companhia, na materia da cõformidade com a vontade de Deos: vem a ſer, que diz o Padre, que ſe Deos nos naõ deſſe taõ alta virtude, nos cõformaſſemos com ſua vontade. Como o Irmaõ Cunha dezejava, ter as virtudes no grao, a que chegaõ as forças humanas com a graça divina, naõ lhe quadrava o conſelho do Padre Alonſo, nem entendia, que em tal conformidade pudeſſe aver perfeiçaõ: mas conſiderando, que na caza de Deos há diverſas moradas humas mais vizinhas a elle, outras mais afaſtadas; veyo a cuidar, que Deos o naõ queria na-

naquellas mais vizinhas, como elle dezejava: com esta sarhida, que deu à sua duvida, se aquietava. Mas o Senhor lhe disse interiormente com huma voz mais perceptivel, q̃ se lho dissesse ao ouvido: quero, que sejas perfeito, que pera isso te trouxe à Religiaõ. Com o qual sentimento ficou grandemente consolado. Muitas vezes com grande efficarcia pedio a Deos lhe significasse a cousa, em que mais lhe poderia agradar: o Senhor lhe respondeo: Tu, nada es, & nada podes, eu sou o que posso tudo, & assim o em que me podes fazer maior serviço, darme maior gosto, & contentarme, he, em te dispores, pera eu te fazer maiores mercés.

CAPITULO XXIV.

Da devoçaõ, que tinha ao Santissimo, & effeitos, que sentia depois da sagrada Comunhaõ.

1 A Devoçaõ a este soberano mysterio foi, qual se deyxa ver de tudo, quanto fica referido. Sempre, que passava por parte, donde pudesse visitar a o Senhor Sacramentado, o fazia com profundo respeito. Gastava muitas vezes grande parte do dia diante do Sacrario, pedindo tambem licença aos Superiores, pera ter diante delle o repouzo da noyte. Alli tinha as mesmas suspensoens, & recebia os favores, que já dissemos, recebia em outras occasioens, quando orava. Começava aqui sua oraçaõ tambem com aquelle arquejar de peito, & tomandoselhe o folgo, como outras vezes, tudo com grande suavidade, & gosto da alma: athe, que cessando aquelle primeiro rebuliço de dores, & suspiros amorosos, tomava Deos posse, de quem todo era seu, & o obrigava a abrir os braços em Cruz.

2 Naõ poucas vezes lhe davaõ huns impetos de correr ao Sacrario, & abraçarse com elle: pello que lhe era necessaria muita violencia, pera ter maõ em si; eraõ taõ grandes estes impulsos do espirito, que o moviaõ a dar gritos, & dizer algumas palavras de homem furioso, dando vozes sem ordem, como quem se queria endireitar cõ Deos, & pelejar com elle. Era tanta a lus, que Deos lhe

dava

dava de ſua prezença no Sacramento; que lhe parecia, vê-lo com ſeus olhos. Outras vezes comungando, ſe achava com taõ firme certeza deſta prezença, que ficava tremendo como varas verdes.

3 Neſtas occaſioens a conſideraçaõ, que mais o acendia, era a de Chriſto Crucificado, & como tal ſe lhe prezentava no Sacramento, que de ſua morte quis o Senhor ficaſſe eſte myſterio por memoria. Com eſta conſideraſſaõ ſe punha, ou imaginava com os braços abertos, & logo cõ grandes ançias da alma, como ſe caminhaſſe pera o Sacrario, ſentia, que ſe encontrava no caminho com o meſmo Senhor, que jâ delâ tinha partido a buſcar a ſeu ſervo: alli ſe abraçava com o Senhor eſtretiſſimamente, unindoſe ſua alma com a de Chriſto, o corpo com o corpo, & fazendoſe dos dous coraſſoens hum ſó; ſentindo em quanto os dous eſtavaõ crucificados hum cõ o outro tantas ſuavidades do Ceo, quantas ſe naõ podem explicar: era eſta mercê taõ continua, que quaſi todos os dias a recebia. Naqual tambem era favor de Deos, ter elle ſempre baſtante advertençia, & vigor; pera ſe reprimir, em naõ ter aquelles impetos, & vozes exteriores, quando alguem podia dar fé delles.

4 Sahio huma ves da prezença deſte Senhor taõ fora de ſi, & tanto em Deos, que recolhendoſe ao cubiculo ſem poder ſoccegar, andava de huma parte pera a outra murmurando de Chriſto (por eſta palavra ſe explica, & provera a Deos foraõ aſſim todas as murmuraçoens) toda a murmuraçaõ era repetir em alta vos: Ay que morro de amor: Ay que Chriſto me mata de amor; que farei, que morro de amor de Chriſto: a eſte tom diſſe outras palavras: athe que a chama, em que ardia, ſe remittio, & o deyxou tornar em ſi.

5 Depois de comungar ſe recolhia ao cubiculo, por naõ ſahir em alguma exterioridade, que deſſe nota: mas alguma ves naõ puderaõ tanto ſuas diligencias, que ſe naõ viſſem eſtes ſanctos effeitos: porque acabando de comũgar na capella dos enfermos do Noviciado, eſtava jâ em tantas alturas o fogo do amor de Deos, que começou o corpo a deſfallecer, fazendo notavel pendor a cahir no chaõ. Tornou ſobreſi, & quis, cõ diſſimulaçaõ remediar; mas naõ evitou, o dizerſe tudo ao Padre Reytor; o qual

lhe mandou, que quando comungaſſe, naõ eſtiveſſe cuidãdo em Deos, mas divertiſſe o penſamento a outras couſas licitas como pintura, & ſemelhantes. Baſtou eſta ordem, pera nunca mais em publico lhe ſucceder couſa alguma neſtas occaſioens; & Deos, que queria, que ſeu ſervo ſe lembraſſe delle, pós tudo de feiçaõ, que eſtando o ſancto Irmaõ em Deos, eſtiveſſe muito em ſi; pera naõ cahir naquelles ſanctos deſcuidos, que naõ eraõ cõforme a vontade de ſeu ſuperior.

6 Recolhendoſe hum dia depois de comungar pera o cubiculo, & pondoſe em oraçaõ diante de huma Cruz, lhe veyo dezejo de ver a Chriſto Noſſo Senhor: logo ſentio dentro de ſi hum grande hoſpede, & que tudo ſe aprecebia: entendeo, que lhe queria apparecer algũa couſa: os dezejos naõ ceſſavaõ; mas amaynava jâ o deſaſſoſſego das potencias: ficavalhe à maõ direita pendurada na parede huma imagem de Chriſto ajoelhado cõ a Cruz às coſtas; começou o corpo a virarſe per ſi meſmo movido de maõ occulta, & pouco a pouco ſe pòs de roſto a roſto cõ a imagem: depois de eſtar bem direyto della, mui recolhido, & cõ os olhos fechados, elles ſe abriraõ de repente, & ficaraõ pregados na imagem do Senhor. Com tal viſta lhe deu hum paſmo, & ſuſpençaõ immovel ſem paſtanejar; a eſte ſe ſeguiraõ muitos, & affectuoſos ſuſpiros: athe, que o corpo movido pella meſma força, que a primeira ves, ſe tornou a voltar pera a Cruz, como eſtava antes, cõtinuando em ſeus fervoroſos ſuſpiros. Diz o Irmaõ, que dalli lhe ficaraõ huns grandes temores de deſcontentar a Deos. He o que tem eſtas couſas inſolitas, quando ſaõ de Deos, que ſempre deyxaõ effeitos ſanctos, nas almas, porquem paſſaõ.

CAPITULO XXV.

Da devaçaõ, que tinha à Sancta Cruz, & Sagrada Payxaõ do Senhor.

MUito do que ſe podia dizer neſte capitulo, fica jâ contado aſſima por occaſiaõ, que ouve; por tanto ſó diremos neſte lugar, o que falta. Eſtranhava muito o deſ-

o deſdem, cõ que alguns fazem a Cruz no principio das cartas, cõ forma, que tal naõ parece: elle nas ſuas, que eſcrevia punha o final da Cruz cõ tanta perfeiçaõ, como ſe o pintara em hum quadro. Huma ves lhe veyo dezejo de lançar na cama huma Cruz, & deitarſe ſobre ella; naõ teve à maõ, de que a fazer, ſenaõ de huma regoa do ſeu officio, atraveſſandolhe por braços o cilicio. Sobre ella ſe recoſtou, cuidando, encontraria com a ſuavidade, que muitas vezes tinha experimentado na ſancta Cruz: mas ſuccedeolhe ao contrario, porque o meſmo foi deitarſe, q verſe em agonias de morte, ſendo tantas as affliçoens na alma, que redundavaõ no corpo: acrecentaraõſe huns ſonhos taõ canſados, que lhe parecia eſtar no purgatorio. Como ſentio effeitos taõ diverſos, dos que eſperava; começſou a entrar em eſcrupulo, ſe ſeriaõ caſtigo por tratar a ſancta Cruz com pouca reverencia. Logo o Senhor lhe deu a ſentir, quam errado fora em buſcar delicias na Cruz, em que Chriſto ſó buſcou affliçoens; que eſta ſe avia de procurar ter com ſeus encargos à imitaçaõ de Chriſto. Com o qual aviſo ficou enſinado pera ſemelhantes occaſioens.

2 Huma ſeſta feira ſe ſentio interiormente movido a correr os paſſos da ſagrada Payxaõ com a Cruz às coſtas. Fechada pois a janela, deſignou ſete lugares no cubiculo, fazendo em cada hum ſua Cruz, & no ultimo, que avia de ſer o Calvario, pós outra, que armou de duas taboas da ſua barra encoſtadas à parede, & ſuſtentadas de dous pregos, que logo alli achou pregados na proporçaõ, que dezejava, ſem elle nunca os ter poſtos em tal lugar. Diſpoſtas aſſim as couſas, andava jâ impaciente ſeu eſpirito de tardar tanto a prociſſaõ, pello, que nella eſperava gozar. Servio de Cruz, pera levar às coſtas, hum banco comprido, que alli eſtava; logo com elle em ſeus hombros foi correndo huma por huma as eſtaçoens; detendoſe em cada huma bom eſpaço de tempo, athe chegar a do calvario.

3 Neſta ſua prociſſaõ ſe lhe afigurava muito ao vivo o reboliço, & mais trafego, que avia, quando o Senhor era levado a Crucificar; porem no meyo deſta deſinquietaçaõ imaginaria hia ſua alma toda recolhida em Deos: tambem teve hum paſmo nos ſentidos, a quem parece, q abrangeo alguma couſa, do que paſſava na alma. Corridos

todos os paſſos, depoz no calvario o banco, que ſervira de Cruz, & ficou em oraſſaõ diante da Cruz principal. Logo o corpo ſe foi debruçando athe cozer o roſto com a terra; depois de breve eſpaço ſe tornou a endereitar, & os braços formaraõ ſua coſtumada Cruz, aſſim continuou por largo tempo ſua oraſſaõ. Depois ſobiraõ os braços mais alto, aonde ſe ajuntaraõ as maõs, & tornando a decer cõ vagarosa pauſa ſe cruzaraõ de hombro a hombro; depois ſe tornaraõ a eſtender como de primeiro, donde ſe abateraõ a pór na forma, em que pintaõ a Saõ Franciſco com as chagas; daqui finalmente ſe puzeraõ em ſeu natural ſitio compoſtas as maõs, como quem eſtá em oraſſaõ. O meſmo lhe ſuccedia em varias ſeſtas feiras.

4 Na tarde de huma ſeſta feira, eſtando em oraſſaõ no meſmo cubiculo, o eſpirito, que ſó governava, fez eſtender o corpo de coſtás no chaõ, ajuntando os pés, cahida a cabeça a huma parte, os braços encruzados ſobre o peito, tudo na forma de hum homem a mortalhado, naõ dando no exterior ſinal de vivo: depois de eſtar neſta poſtura, começou o corpo a dar ſolabancos pera ſima arqueando o peito, como que ſe queria levantar, & ſubir pera o Ceo; mas como o eſpirito naõ pudeſſe levantar o pezo do corpo, ſe tornou a aquietar athe o fim da oraſſaõ.

5 Por muitos tempos naõ entendeo o Irmaõ, que myſterio averia no que acabamos de referir, ainda, que lhe dava alguma boa conſideraçaõ; athe, que eſtando com a pena na maõ, pera o eſcrever por ordem da obediencia, como as mais couſas, deulhe o Senhor a ſentir, que o declaraſſe neſta forma: que como athe entaõ reprezentara a Chriſto em ſeus tormentos, agora o reprezentaſſe morto, & a mortalhado; & faz muito ao cazo ſer a poſtura, que entaõ tinha, aquella, com que ſe pinta o ſancto ſudario; os arrancos do corpo, & arqueaduras do peito, eraõ arrenheços, de quem queria tambem reſucitar com Chriſto, mas como nelle avia ainda imperfeiçoens, & fezes da mortalidade, poriſſo o naõ podia fazer: neſta intelligencia da quelle ſeu ſentimento aſſenta como em couſa ſem duvida.

6 Eſcrevendo o ſancto Irmaõ eſtas ſuas fabricas, diz aſſim: Podeſeme aqui perguntar: pois naõ temeis, que neſte tempo, que andaveis com eſſas couſas, vos buſcaſſẽ, & deſ-

& deſſem com voſco? A iſto reſponde: Eſſa foi a primeira couſa, que ſe me offereceo, mas eu eſtava taõ certo, que ninguem avia de vir ter comigo, como ſe naõ eſtiveſſe peſſoa alguma em caza, porque o Senhor mo tinha aſſim aſſegurado.

7 Huma noyte em ſonhos o aſſalteou o mao eſpirito com grandes anguſtias, porque lhe parecia eſtar em huma jaula de feras, & cada huma a unhas, & dentes lhe deſfazia as entranhas; durou o tormento por largo tempo, & ficou com tanto temor da fereza de ſeu inimigo, que eſte lhe era mais moleſto, que o trabalho, em que ſe vira. Tornou o demonio ſegunda vez contra elle com as meſmas, & outras maiores afflicoens, o Irmaõ as declara com as do Inferno. Logo, que ſe deſpedio o inimigo, acudio Deos cõ a conſolaçaõ; porque vio a Chriſto Senhor Noſſo attado à coluna, todo banhado em ſeu preciôſo ſangue, que corria de grandes feridas. A pós eſta figura ſe lhe reprezentou huma do meſmo Senhor, que com a Cruz às coſtas caminhava a ſer crucificado no Calvario: deſcreveo o Irmaõ, dizendo, era hum homem de gentil talhe, & diſpoſiçaõ, que naturalmente moveria a amor, & devaçaõ.

8 Sobre eſtas duas viſoens diz, que a primeira era Chriſto Senhor Noſſo, & que paſſou intellectualmente. Da ſegunda diz, que naõ era o meſmo Chriſto, ſenaõ hum homem, que o reprezentava, & que paſſou na imaginativa: dá por razaõ deſta differença, que como a alma eſtava mais bem diſpoſta, quis o Senhor imprimir nella ſua imagem intellectualmente, como de attado à coluna: porem como a imaginativa pertence à parte inferior do corpo, que he mais rebelde, naõ fiou Chriſto della ſua propria imagem, mas ſó lhe tapou a boca (como dizemos) com a reprezentaçaõ de huma figura ſua: adverto, que ſenaõ foi neſta ſegundo, & outro cazo, nunca eſtas viſoens ſe lhe reprezentavaõ ſenaõ intellectualmente, & na parte ſuperior; que a inferior do corpo naõ entrava em jogo, contentando-ſe cõ algumas migalhas, que cahiaõ da meza do Senhor; porq eſtiveſſe quieta, & naõ deſinquietaſſe a caza, onde morava Deos.

9 No principio da quareſma de 1644, eſtando huma noyte, ao que lhe pareceo, ſonhando, vio no alto do cubiculo, em que morava, huma nuvem, da qual comeſſou a ſa-

sahir hum muy claro reſplandor, & no meyo delle Chriſto Crucificado, o qual punha em ſeu ſervo ſeus amoroſos olhos. Com tal viſta ſentia taõ inflamado o coraſlaõ de amor de Deos, que lhe naõ cabia no peyto; dezejava muito ter alli, quem o ajudaſſe, a reverenciar o Senhor, & como a ninguem achaſſe, eſtando neſta pena ſe lhe acabou a viſaõ: & o Senhor, que no principio ſe lhe reprezentou em figura de carne, no fim ſe deſpedio, como ſe fora hum Crucifixo de marfim: a qual mudança attribue o Irmaõ à ſua imperfeiçaõ, & defeitos; ſignificandolhe o Senhor, cõvinha purificar primeiro, pera que pudeſſe perſeverar na primeira viſta, & na conſolaçaõ, que della recebeo. Eſtes, & outros modos tem Deos de ſe explicar com ſeus ſervos, com quem elle ſe entende, & elles com elle: que aquem, Deos naõ faz participante deſtes mimos, & myſterios, eſtas couſas, quando as lé, lhe parecem meras friezas, com naõ ſei; que ar de deſvarios ſonhados: mas he primeiro principio, que os reconditos das obras de Deos, naõ ſe hã de medir pella noſſa pouquidade, & limitada intelligencia.

CAPITULO XXVI.

Da devaçaõ, que teve à Senhora, & alguns favores, que della recebeo.

1 SEndo taõ ſancto eſte ſervo de Deos, certo he, que avia de ſer particular devoto da Senhora; & o foi deſde ſeus primeiros annos, reconhecendoſe obrigado às grandes merces, que de Deos por ſua interceſſaõ recebera. As pinturas, em que mais ſe apurava, eraõ as deſta Senhora; & ſe ve bem das que ainda hoje ſe ſabe, que ſaõ ſuas, como as do Noviciado de Lisboa; a que eſtâ na eſcada de Regina Cæli do Collegio de Evora, & outra ſemelhante, que ſe poem no ſanctuario do meſmo Collegio: he bem, de caminho ſe diga iſto, porque alem da eſtimaçaõ, que per ſi merecem, a devem ter pella ſanctidade, de quem as pintou.

2 Todos os dias rezava o Roſario da Senhora, naõ de corrida, mas cõ muito vagar, & pauza a modo de quẽ meditava. Tambem a viſitava na ſua capellinha dos enfermos

todos

todos os dias por eſpaço de hũma hora. A todos aconſelhava, que a tomaſſem por May, & que della ſe valeſſem nas ſuas affliçoens. Andava hum noſſo Religioſo atormentado com moleſtiſſimos penſamentos, que o naõ deyxavaõ acquietar; pedio ao Irmaõ Cunha comunicandolhe a ſua affliçaõ, que o encomendaſſe a Deos; ficou de aſſim o fazer; mas inculcoulhe por mais efficaz remedio a devaçaõ da Senhora, & que lhe rezaſſe o officio de ſua immaculada Conceyçaõ: aſſim o fez, & ficou alliviado da quella importunidade.

3 Caminhava pera thiſico hum doente em o Noviciado de Lisboa; jâ os remedios, que ſe lhe applicavaõ, eraõ todos, pera obviar eſte mal; com o dezejo, que todos temos da vida, eſte que ſó a queria pera ſervir a Deos, & à Religiaõ, pedio ao ſeu enfermeiro, que era o Irmaõ Cunha, rogaſſe a Deos por ſua ſaude, ſe ella foſſe pera honra do meſmo Senhor. Compadeceoſe, entrou logo na capellinha dos enfermos, & poſto em fervoroſa oraſſaõ, pedio à Senhora, alcançaſſe de ſeu ſancto Filho, que a morte naõ atalhaſſe os ſerviços, que lhe dezejava fazer aquelle ſeu ſervo. Continuando neſta petiſſaõ, lhe diſſe a Senhora intellectualmente, que o enfermo avia de ter ſaude; & que pera final, contaſſe as contas, & acharia, que ainda lhe faltavaõ tantas, pera acabar a coroa, que eſtava rezando. Contou as Ave marias, & achou ao certo o numero, que a Senhora lhe diſſera. O Irmaõ teve ſaude, & viveo muitos annos.

4 Acreſcenta o Irmaõ Cunha, que crera com tanta certeza, o que lhe diſſera a Senhora, que daria a vida pella ſegurança do effeito: mas logo ajunta grandes confuſoens ſuas, culpandoſe de naõ dizer ao enfermo a reſpoſta da Senhora; porque ſenaõ ſuccedeſſe, ficaria tido por propheta falſo; & aſſim ſe chama, quando iſto refere, duro de cabeça, leve inconſtante no bem; falto de prudencia, & ſem termos nas couſas de importancia.

5 Eſtando elle enfermo jâ da doença ultima, que teve; vio em ſonhos no meyo do ſeu cubiculo hum altar ornado ricamente, & nelle a Virgem May com o ſeu menino nos braços, a quem fazia muitas caricias, pedindolhe, que lhe conſolaſſe a quelle enfermo, olhava pera o ſancto menino com tal ternura, que a teve grande o Irmaõ acompanhada

nhada de muita alegria; & aſſim ſe foi mais avizinhando à Senhora, & eſta ao Irmaõ, de ſorte, que elle a abraçou, & a Senhora lhe lançou os braços ao peſcoſſo. Eſtando neſte ſuave enleo: lhe pareceo, que via a imagem da Senhora como de marfim, pello modo, que atraz diſſemos em a viſaõ de Chriſto Crucificado, & que ceſſavaõ todas aquellas conſolaçoens, que no principio tivera; logo ſe acabou o ſonho: cujos effeitos foraõ tres dias inteiros de grandes conſolaçoens do Ceo, nacidas das lembranças de ſe ter viſto nos braços da Virgem May.

6 Eſta viſaõ, que devia ter a meſma intelligencia neſte variar das imagens, que a de Chriſto, que fica atraz referida; deyxou eſcritta com aquella de Chriſto o Padre Bernardino de Saõpayo, porquanto ellas aconteceraõ depois de o Irmaõ ter eſcritto os apontamentos, que a obediencia lhe ordenara poucos mezes antes de ſua ſancta morte.

CAPITULO XXVII.

De ſua profunda humildade.

1 TOdos eſtes favores, que Deos lhe fazia, naõ aſſentavaõ no ar, mas no ſolido fundamento das virtudes, em que principalmente pós ſua mira o Irmaõ Domingos da Cunha. Começando pella humildade, parece, que naõ deyxou lugar, a que outrem nella lhe puzeſſe o pé diante. Naõ avia pera elle couſa de maior pena, que ſignificarenlhe, ter eſtimaçaõ de ſua virtude: pello que compadecidos os Superiores deſte ſeu tormento, ordenaraõ, aos que tinhaõ delle cuidado, & o viſitavaõ, lhe naõ tocaſſem neſta materia. Nos ultimos dias, que andou em pé, vendoo hum Irmaõ aſſentado na eſcada, que do corredor debayxo dece pera a cerca, lhe diſſe: Pareceme alli aſſentado hum Sancto Aleyxo: acodio muito depreſſa: Irmaõ, tire dahi o ſancto; & lhe naõ diſſe mais nada.

2 Dezejou hum Religioſo, noſſo huma reliquia ſua, antes de morrer, & pera a alcançar eſcreveo a hum Padre que morava em o Noviciado: leraõ eſta carta ao Irmaõ Cunha, eſcuſadamente por certo; della ficou taõ corrido, como

como algum preſumptuoſo ficaria de huma picante ſatyra. Depois o meſmo Religioſo lhe eſcreveo, pera na reposta ter a reliquia, que dezejava: mas o bom Irmaõ por naõ faltar â cortezia, lhes reſpõdeo por maõ alhea; dando ſuas infermidades por cauſa de o naõ fazer por maõ propria.

3 Determinou desfazer eſta opiniaõ; que ſe tinha de ſua virtude, com manifeſtar a todos os peccados, em que tinha caido por mais vergonhoſos, que foſſem; dezejava ir pella cidade dizendoos a grandes vozes; & porque naõ eſtava na ſua maõ, refrearſe neſta materia, & logo contava ſeus deſmanchos; pera que agora o tiveſſem, pello que entaõ fora; lhe ordenaraõ os Superiores, naõ diſſeſſe a alguem ſuas confuſoens, decendo a couſas particulares.

4 Huma ves o reprehendeo aſperamente o Irmaõ Sottominiſtro, dizendolhe de caminho muitas couſas das ſuas deſordens paſſadas, que delle tinha ouvido, lançandolhe em roſto, quam mal correſpondia a Deos: tomou tudo como ſe foſſe de veras, depois de o ouvir, ſe pós de joelhos diante delle, pedindolhe encarecidamente, permittiſſe, beijarlhe os pés em agradecimento, & rógandolhe, que dalli por diante lhe fizeſſe muitas vezes aquella caridade, que taõ neceſſaria lhe era.

5 Pedia muitas vezes as faltas aos Irmaõs Noviços, como ſe fora hum delles; como eſtes naõ tiveſſem, que lhe notar, ſe deſconſolava muito, cuidando, que Deos o deſemparava, pois encobria ſuas faltas aos Irmaõs, ſendo ellas tantas: & ſe algum pello conſolar lhe dizia algum defeito, lhe beijava os pés, & lhe dava parte das ſuas oraçoens.

6 Nos principios de ſua converſaõ lhe deraõ impetos, de ſe fingir louco, & ſahir pellas ruas de Lisboa, como Saõ Joaõ de Deos pellas de Granada: occaſiaõ ouve, em que ſe embrulhou em hum cobertor, & jâ ſahia pella porta fora a eſte intento, mas os diſcipulos tiveraõ maõ nelle, & o recolheraõ pera dentro de caza. Ainda fazendo em comunidade algum colloquio, ſe tratava com muito deſprezo, chamandoſe de nomes, uſando de palavras groſſeiras pera que o tiveſſem por toſco.

7 Era muy conhecido na Corte, & ainda no melhor do Reyno pella excellencia de ſua maõ, & pinturas. Quan-

do hia retratar a el-Rey, como fica ditto, & paſſava pella ſala, em que aſſiſtiaõ os Cortezaõs, muitos delles, que o tinhaõ por ſancto, lhe faziaõ honra, & o abraçavaõ, ſendo niſto primeiros os Titulares mais illuſtres. Outros vendo eſtas piedoſas cortezias, diziaõ em vox alta: Eſte he o Cabrinha pintor affamado. A'volta pera caza diſſe ao companheiro Irmaõ, cuido me tem Deos deſemparado, pois eſtando hâ tanto fora do mundo, ainda me conhece, mas tomara eu fora o conhecimento, como quem eu ſou, & naõ com honras, deque ſou indigno; folgara eu agora de poder fazer, o que fez Saõ Joaõ de Deos, & hir por eſſa cidade publicando meus peccados. Perguntoulhe entaõ o Irmaõ, ſe lhe cuſtara nomearemno pella ſua antiga alcunha de Cabrinha? Reſpondeo: Naõ me cuſtou, porque mo diſſeraõ com honrinha, que ſe fora por deſprezo, o jumento o ſentiria, mas eu folgaria muito.

8 Indo hum dia comprar tintas, na tenda ſe encontrou com outro pintor, o qual pello deſprezo do trage, & modeſtia, nada menos julgou, que ſer o celebre pintor Domingos da Cunha, & aſſim diſſe pera o Irmaõ Procurador, que o acompanhava: Voſſas Paternidades tem lâ Domingos da Cunha o Cabrinha, deve de ter feito grandes obras. Quis o companheiro divertir a pratica, por cuidar, lhe cuſtava, ouvirſe nomear por aquella alcunha: mas elle ſahio dizendo: Senhor eu ſou eſſe Cabrinha, mas naõ taõ affamado pintor, como voſſa mercê diz; os Padres me daõ de comer, ſem eu lhe ſervir de nada. O homem paſmado, do que ouvia; ſe lhe lançou aos pés, pedindo mil perdoens, mas elle com a boca chea de riſo o deſculpou culpandoſe a ſi.

9 Coſtumava dizer, que ſe eſpantava, deque a Companhia o recebeſſe, ſendo taõ inutil, que lhe naõ podia ſervir de couſa, que boa foſſe. Fazia grande eſtima, & com razaõ de eſtado de Irmaõ Coadjutor temporal, naõ fazendo, nem dizendo couſa, que delle deſdiſſeſſe. Perguntaraõlhe em certa caza, ſe era Confeſſor: reſpondeo com muita eſperteza: Naõ, que ſou hum leigo, & idiota. Sabia latim arrezoadamente, & pello naõ moſtrar, nunca rezou o officio de Noſſa Senhora, ſendo, que lhe era devotiſſimo. Nunca lhe ouviraõ palavra latina: porque em hum repouzo levado do fervor ſem advertencia diſſe, que as illuſtraçoens

çoens milagroſas eraõ *dona gratis data*; caindo em o que diſſera, ficou muy penſativo, & diſſe por entre dentes: vos jumento fallais latim, pagalloeis: perguntado entaõ, a que ſe condenava por aquelle peccado taõ grande; reſpondeo, que a dar parte dos açoutes, pera que tinha licença, em hum oſſo. Semelhante cauſa devia ter pera outra juſtiça, que em ſi executou, porque chegandoſe à ſua porta hum Irmaõ a tempo, que tomava diſciplina, entre os açoutes, q̃ tezamente dava em ſi, lhe ouvio repetir muitas vezes: Tomai, & tornareis a dizer; *Verbi gratia.*

10 Refiramos agora dous notaveis ſentimentos, que o Senhor lhe deu na virtude da humildade. Eſtando em oraſſaõ lhe vieraõ grandes dezejos de ſer deſprezado por amor de Chriſto; levado deſtes dezejos, foi diſcorrendo por todos os lugares, em que podia ſatisfazer a eſta ſede: já ſe imaginava de bayxo dos pés do mais vil eſcravo, que lhe dava muitos couces, & boſetadas: Já ſe conſiderava em hũ monturo, pera que o digamos com a ſua palavra, aonde naõ avia immundicia, com que lhe naõ atiraſſem; alem diſſo todos, os que paſſavaõ, lhe punhaõ os pés no roſto, & a eſte compaſſo lhe diziaõ de afrontas, quanto lhe vinha à boca: mas tudo, ſendo tanto, vinha a ſer muito pouco, pera os dezejos de ſer deſprezado, os quais creciaõ à medida das injurias, & diz o ſancto Irmaõ, que quando lhe faziaõ a injuria, ſentia eſpecial goſto, como ſe a maõ, que a fazia, trouxeſſe com ella a conſolaçaõ, & a retiraſſe com o ceſſar da injuria.

11 Como ſe achou tambem por eſte caminho, começou a deſcobrir novos deſprezos, porque os que diſſemos, lhe pareciaõ poucos: pera eſte fim; deceo com a conſideraſſaõ aos Infernos, & lâ ſe meteo debayxo dos pés dos Demonios, que o tratavaõ, como de tais pés elle eſperava: mas ainda ſenaõ dava por contente, por ſe ter por couſa taõ vil, que naõ era digno nem ainda de eſtar entre condenados. Revolveo todo o Inferno, pera ver, ſe achava lugar à medida da ſua vileza; meteoſe de humas em outras cavernas, athe que encontrou com hum profundiſſimo poço de fogo, no qual ſe arremeçou; mas deſcontentouſe depreſſa, porque a hum lado delle deſcobrio huma grutta, pella eſtreiteza deſte retiro ſe foi metendo, athe parar aonde ella acabava: alli ſe enovelou todo no ſeu nada, mas

ainda com dezejos de maior abatimento: porẽ como lhe tinha feito boas diligencias, & jâ naõ topava mais, ſe acquietou naquelle abiſmo. Paſſado eſte penſamento, ſe pós a cuidar, quam rara humildade era aquella, & ſe ſe poderia alcançar: neſtes pontos veyo ſobre elle huma illuſtraçaõ interior, & ſentio, que o Senhor lhe dizia: Bem ſe pode alcançar eſſa humildade.

12 Cauſou eſta luz tais jubilos em ſua alma, que quaſi ſahia fora de ſi; logo ſem advertir, no que fazia, ſe lançou por terra a beijar o chaõ: indo dar conta ao Padre Reytor de tudo iſto, pello caminho ſe lhe hia o corpo arremeçando ao chaõ, pera o beijar. Nos apontamentos, que fez de ſuas couſas por ordem da obediencia, ſe eſta lhe naõ mandara, eſcreveſſe ſó os favores, que de Deos tinha recebido, & o que por elle pera gloria do meſmo Senhor tinha paſſado; pouco ſeria o papel pera, como outro Sancto Agoſtinho, eſcrever ſuas fragilidades; ainda aſſim ſaõ tantas as confuſoens, com que aduba, o que eſcreve, que bem moſtra tinha de ſi o conceyto mais vil, que ſer pode. O Autor do manuſcritto, donde vou recolhendo eſtas couſas, diz, que de exemplos neſta virtude poderia encher muitas laudas, pellos ter à maõ; mas deſculpaſe de naõ pór mais, por ir crecendo o capitulo, que faz da humildade.

CAPITULO XXVIII.

De ſua pobreza, & obediencia exacta.

1 NAõ foi menos o affecto, que ſempre teve à pobreza, a quem tratou como May, que he dos Religioſos. Em quanto viveo na caza do Noviciado, que foi quaſi todo o tempo, que eſteve na Religiaõ, no veſtido ſe tratou como Noviço, uſando roupeta parda, & eſſa gaſtada, & curta, quanto naõ foſſe immodeſtia; a meſma, com que veſtia as eſtatuas de palha, que por razaõ da pintura armava, pera tirar corpos, lhe ſervia tambem a elle. Hum ouſelo pardo lhe durou muitos annos, quando o deyxou tinha mais nós, que cordaõ de Franciſcano. A eſte tom eraõ barrete, & çapatos.

2 Tendo hum chapeo ja taõ velho, que naõ eſtava pe-

ra

ra servir, se lhe deu chapeo novo: envergonhouse de se ver ao seu parecer taõ galante; com dissimulaçaõ pedio ao Padre Reytor licença pera o trocar com outro mais usado, alcançandoa, se foi aos chapeos dos Irmaõs Noviços, que pera a sua pobreza todos eraõ de receber; alli escolheo entre todos, o que mais lhe contentou, que por velho, & gastado de abas, & outras achegas, era mais plausivel; & levava mais os olhos, a quem o via, que o seu novo, que deyxava; persuadindose, que com esta nova eleiçaõ, ficava com chapeo mais de seu gosto, que o primeiro, que lhe tiraraõ.

3 Indo algumas vezes a Saõ Roque, o advertiraõ alguns zelozos, naõ trouxesse tal chapeo, barrete, & assim mas outras peças, que se viaõ; porque cuidaria a gente, que era algum penitenciado: porem isto o confirmava mais no seu proposito; dizendo, que gostava muito deste trage desprezivel, porque indo fora, & encontrandoo alguns conhecidos, cuidando ser Noviço, passavaõ de largo, sem lhe fallar. Quando ouve de hir pera o Collegio de Evora, teve com elle grande trabalho o Irmaõ Procurador, pera que aceitasse huma roupeta nova, dizendo, que se assim o naõ fazia, a perda era da caza, a cuja custa, lhe se lhe avia de dar roupeta nova; depois de varios dares, & tomares veyo em que se lhe fizesse huma, mas de pano grosseiro, como se lhe fez.

4 Reviase nos remendos do seu vestido, elle por sua maõ os lançava, & mais nos interiores, pera que se naõ desse fé, de quam usados eraõ. Era mais de louvar esta pobreza no vestir do Irmaõ Cunha, quanto elle no mundo fora mais dado a galas, & amigo de trajar custosamente. Muitas curiosidades, das que chamaõ de devaçaõ, pudera elle ter; mas todas estas se reduziaõ a huma Cruz pequena de pao, & tosca; & a hum reziste de papel, em que estava Christo com a sua Cruz às costas. Deraõlhe os Superiores licença, pera fazer huma lamina pera o seu uso, mas nunca quis vir nisso, por naõ ter repartido o seu affecto cõ estas cousas de devaçaõ, porque todo o queria pera Deos.

5 Nas cousas do seu officio, se vio sempre, quam escrupuloso era nesta materia, aproveitando, o que outros facilmente desperdiçariaõ. Gostava muito de comer de esmolas, entaõ lhe sabia tudo mais, porque era temperado

com

com a ſancta pobreza. Em huma palavra, foi taõ amante deſta virtude, que todos os ſeus dezejos eraõ, naõ ter couſa alguma deſte mundo.

6 Na obediencia em tudo foi eſtremado: como no Superior lhe parecia ter diante dos olhos naõ a hum homem, mas a Deos, tinha por temeridade ajuizar, no que diſpunhaõ. Huma menhãa eſperava na capella de Noſſa Senhora, pera comungar por maõ do Padre Provincial; quando o vio entrar, diz, que ſe lhe afigurou, ver nelle muito ao vivo a Chriſto Senhor Noſſo; ficoulhe eſte ſentimento taõ impreſſo, que quando dava conta de ſua conſciencia ao Superior, naõ diſtinguia entre elle, & Deos: daqui nacia deſcobrirlhe tudo meudamente, & tomar ſuas direçoens, naõ como de homem, mas como dadas pella boca do meſmo Deos.

7 Algumas vezes comunicando ſeu modo de oraſſaõ com o Superior, & dizendolhe, que ficava o entendimento taõ recolhido em Deos, que paſmava, ſem poder continuar em diſcurſos. O Superior lhe diſſe, ſe ajudaſſe ainda aſſim de algumas conſideraſſoens, pera mais ſe afervorar. Tomou o conſelho tanto às cegas, que ſe fazia força pera diſcorrer, & tanto, que da violencia veyo a padecer grandes dores de cabeſſa; o que ſabendo o meſmo Superior, lhe ordenou, foſſe por onde Deos o levava.

8 Na ſua Arte de pintor, em que era taõ eminente, fiava mais do juiſo daquelles, que tinhaõ ſobre elle alguma ſuperioridade, que do ſeu. Succedia, que entrando acazo algum deſtes na officina, em que pintava; & dizendo mais a modo, de quem pergunta, do que, de quem nota, ſe ficaria melhor o lanço da figura deſte, ou daquelle modo; era neceſſario dizerlhe; deſſe a razaõ, porque aſſim, ou aſſim o fazia, pera naõ mudar logo ſem mais reparo; ſó por aquella inſinuaſſaõ, do que tinha por Superior. Com ſe darem por ſatisfeitos, quando outra ves voltavaõ, tinha o Irmaõ emmendado na ſua obra aquillo, em que ſe reparara, por naõ parecer, que ficava cõ a ſua. Algumas vezes ſuccedeo, ſendo a emmenda contra as regras da Arte, ficar melhor no parecer, do que ſe com ellas ſe ajuſtaſſe; querendo aſſim Deos apremiar o ſeu dezejo de obedecer.

9 Ajudando huma ves ao Sottominiſtro a armar a capella dos Irmaõs, eſte o deyxou ſô dizendolhe, que eſperaſſe,

peraſſe, que logo voltava. Eſqueceoſe o Irmaõ de voltar, & foi à cidade, por aſſim lhe ſer neceſſario, donde veyo bem tarde: & achando ao Irmaõ Cunha em oraſſaõ na capella, lhe perguntou, porque naõ acodira à communidade, que ja ſahira de ambas as mezas: reſpondeo; porque elle me mandou eſperar, athe que vieſſe: edificouſe o Irmaõ, como pedia o cazo, & o mandou à meza.

10 Pello Natal no tempo, que a cõmunidade eſtava na capella paſſando o repouzo da noyte em devotos colloquios, como he ſancto coſtume deſta Provincia: mandou o Padre Reytor a hum Noviço, que cantaſſe alguma couſa devota; com o pejo natural, que lhe ſobreveyo, como quẽ era taõ pouco deſtro na arte, naõ pode abrir a boca, pera entoar huma ſó palavra: entaõ diſſe o Padre Reytor ao Irmaõ Domingos da Cunha, que jâ tinha annos do Collegio, que cantaſſe: elle ſem detença, puxando brandamente de hum eſcarrinho, pera fazer melhor a figura, ſahio com a toada, & letra feita de repente, fazendo muitos paſſos, ou deſcompaſſos de garganta, pera ſe rirem mais delle: a letra vinha à ſer, ou a ſentença della: *Que melhor era obedecer naquella occaſiaõ cantando, que chorar orando*; a volta da cantiga ſempre era: *Obedecer, cantar, & calar*: Aqui eraõ os ſuſtenidos, taõ pouco conformes a arte, quanto ageitados pera alegrar o auditorio. Edificandoſe os que ſabiaõ, que elle naõ era taõ deſentoado, como ſe fazia, ſó pera ſe mortificar, & ſer materia de riſo.

11 Achandoſe mal de ſaude no Collegio de Evora, lhe eſcreveo o Irmaõ Procurador do Noviciado, que propuzeſſe ao Padre Provincial ſeus achaques, pera mais facilmente deſpachar a petiçaõ, que a caza do Noviciado lhe fazia, pera voltar a ella o Irmaõ Cunha; porque alli como em ares patrios, ſeria certa a melhoria. Reſpondeo, que elle viera à Religiaõ morrer, & que pouco importava ſer mais ſedo, ou mais tarde; neſte, ou naquelle lugar; & aſſim que naõ fallaria em tal materia a Superior algum, eſtando mui conſolado com qualquer couſa, que delle ordenaſſem; & que qualquer outra inclinaſſaõ neſta parte, era engano muy arriſcado.

12 A o final da campa acodia como quer a regra. Sucedia tocar muitas vezes, quando pedia a pintura, naõ largar o pincel da maõ, mas elle por tudo cortava, athe que

os

os Superiores lhe ordenaraõ, continuaſſe a ſua obra, & reſervaſſe pera outro tempo o exercicio eſpiritual, como exame, ou outro, por naõ interromper a obra, que niſſo padecia detrimentos. Na cerca ſe achava huma vez em huma das contemplaçoens, que ficaõ aſſima: parecendolhe, q̃ tangiaõ a exame, logo diſparou a correr pera caſa com tal preſſa, que parecia, naõ por os pés no chaõ; como eſtiveſſe mui debilitado chegou ſem folgo; achando que fora engano, pois ſe naõ tinha tangido, ficou grandemente conſolado, entendendo, que naõ podiaõ ſer illuſoens aquelles extaſes, que o deyxavaõ taõ prompto, pera acodir ainda a huma obediencia imaginada, & quaſi ſonhada.

CAPITULO XXIX.

De ſua penitencia, & mortificaſſaõ.

COmo o Irmaõ Domingos da Cunha ſe teve ſempre por muito devedor à Divina juſtiça, a quem tanto offendera, vivia com grandes dezejos de lhe ſatisfazer. Logo depois de ſua converſaõ ſe diſciplinava aſperamẽte huma vez todos os dias, & muitas duas, ſe a obediencia lhe naõ gizara eſtes rigores attendendo a ſuas poucas forças, ainda ſeriaõ mais as diſciplinas. O cilicio era quaſi continuo, pera que foſſe mais penoſo, lhe deyxava criar bichos em paſta, quando ſe deu fé deſte rigor, foi obrigado pellos Superiores, a procurar mais limpeza, à qual naõ devia faltar, ainda que ſe diminuiſſe a mortificaſſaõ.

Muitas noytes dormia unicamente ſobre as taboas da barra. O ſeu jejum era mais medio, que outra couſa; nelle era maior mortificaſſaõ, que o ſeria em outros, por ſer de natural calido; ſempre indo à meſa, hia com tanta fome, que podia comer, o que na meſa ſe dava, & muito mais: por eſta fome lhe parecer tentaçaõ, que arma o inimigo cõ capa de neceſſidade; ſe reſolveo de quebrar eſte appetite, & aſſim por muitos annos, naõ paſſou do pezo de quatro onças, o que comia na meſa: pera que ſeus naõ advertiſſe, gaſtava o tempo em dar voltas, & trinchar, como quem ſe armava a comer muito: porem como andaſſem com os olhos ſo-

ſobre elle neſta materia, & avizaſſem diſſo ao Padre Reytor; elle lhe ordenou, ſe moderaſſe neſte rigor, & tambem, que bebeſſe vinho. De beber vinho ſe livrou facilmente, dando por cauſa, que com elle ſe lhe aſſanhava o figado, de que era achacado.

3 Nunca lhe viraõ uſar no comer de couſa, que o fizeſſe appetitoſo como de ſalſa, limaõ, & ſemelhantes adubos. Das frutas sò comia alguma, que tiveſſe podre; pera que o goſto naõ tiveſſe, em que ſe ſaborear. Quando por occaſiaõ de feſta ſe punha algum doce na meza, diſſimuladamente o ſumia: huma ves recolheo, pera dar a hum pobre, eſte doce com hum pedaço de paõ; como foſſe tirar o lenço da algibeira, veyo atraz delle o furto, que cahio em terra diante dos Noviços; tornou-o a recolher, & levar ao ſeu pobre.

4 Deſta abſtinencia ſe lhe veyo a myrrar o corpo de modo, que parecia huma armaçaõ de oſſos. Na ultima doença confeſſou, que eſta lida, que ſempre trouxera com a fome, lhe eſtragara a ſaude. Hum dia ſe póz a conſiderar nas penitencias extraordinarias, que fizeraõ os ſanctos antigos; pareciaõlhe muito ſobre as forças humanas, & mais ſobre as ſuas, podelos imitar. Logo teve hum ſentimento, que com o favor de Deos toda a penitencia ſe pode fazer: com o que ficou muy animado, ao que dezejava fazer neſta parte. Sopeou todas as ſuas payxoens, ſem nunca permittir, levantaſſem cabeça; quando alguma apontava, acodia logo a vencela; dandolhe o Senhor, como em premio da victoria, huma grande conſolaçaõ: como ſe diſſera (ſaõ palavras ſuas) toma eſta conſolaçaõ por eſſa mortificaſſaõ. De huma lhe ficava a maõ como folgada pera outra, dezejando, & procurando mortificar ſe mais, & mais. A hum Padre, que era Noviço, & lhe diſſe: Irmaõ Caſimiro, amemos a Deos: reſpondeo com muita eſpertezza: Padre noſſo, mortifiquemonos.

5 Trazia os ſentidos em tormento, negandolhe tudo, o que os podia recrear. No tacto parecia inſenſivel: Depois de Religioſo nunca o viraõ coſſar, nem enxotar moſca, ou moſquito, que nelle pouzaſſe. Algumas vezes, quando eſtava pintando, lhe entrou o Sotomiſtro no cubiculo, & vendolhe nos lagrimais dos olhos as moſcas em pinhas, & por todo o roſto, ſem elle as deſinquietar, o repre-

reptehendeo de tal couſa permittir; o Irmaõ ſorrindoſe paſſou levemente o cabo do pincel pellas moſcas, as quais brevemente tornaraõ, aonde ſe tinhaõ achado tanto à medida da ſua importunidade.

6 O meſmo Irmaõ entrou no ſeu cubiculo eſtando doente, & lhe vio o roſto todo cuberto de moſcas, em forma que delle nada ſe via: eſtranhoulhe tal mortificaſſaõ, & em tempo, que ſeria muy nociva à ſaude: entaõ lhe confeſſou, que taõ fora eſtavaõ aquelles animalejos de o mortificar, que lhe davaõ recreaſſaõ, & goſto; & que o eſpirito lhe dizia muitas vezes, que os enxotaſſe, pera ſe mortificar.

7 Mudaraſe pera hum cubiculo, dormindo nelle huma noyte, no dia ſeguinte appareceo com o roſto, & maõs empoladas, como de ſarampaõ; perguntado pella cauſa; reſpondeo, que devia ſer algum bichinho da nova habitaçaõ: foraõ logo ver o cubiculo, acharaõ a cama, & barra coalhada dos animalejos, que nella ſe criaõ; como eſtavaõ famintos, & eraõ muitos, & ſe acharaõ tambem com o novo hoſpede, que de taõ boa vontade os agazalhava, aproveitaraõſe da occaſiaõ: teriaõ muitas, ſe a caridade de ſeus Irmaõs, naõ tratara do cõmodo do Irmaõ Cunha, de que elle tanto ſe eſquecia. Tinha grande compayxaõ; & poriſſo naõ ſe atrevia a matar nem huma formiga, dizendo, q̃ eſtas creaturas naõ tinhaõ outra vida mais que eſta; & tirarlha, naõ lha tendo dado, parecia genero de crueldade.

8 Eſtando à boca da noyte em oraſſaõ na capella, lhe deu hum impulſo interior, que foſſe de joelhos à roda beijando huns eſteiroens, que alli eſtavaõ, pera os Irmaõs eſcarrarem, & cuſpirem; aſſim o fez; & diz, tivera neſta mortificaçaõ tantas conſolaçoens, como naquella ſua prociſſaõ dos paſſos, que lá fica referida, quando tratamos da devaçaõ, que teve à Sancta Cruz.

9 Naõ tratou com menos ſeveridade ao ſentido dos olhos. Naõ ouve dia mais viſtoſo pera todo o Reyno de Portugal, que o decimo quinto de Dezembro de 1640, em que ſe coroou por Rey o feleciſſimo Senhor Dom Joaõ o quarto; indo a eſta ſolẽnidade o Irmaõ Procurador, levou conſigo por companheiro ao noſſo Irmaõ Cunha; ſendo a occaſiaõ taõ plauſivel, quanto ſe naõ pode dizer; pergũtado

tado depois pello Procurador, que lhe parecera: reſpondeo ſinceramente, que elle de nada dera fé. Eſtando em Evora, & armandoſe a noſſa Igreja a todo cuſto, pera ſe formarem nella alguns doutores em Theologia, nunca ſe pode acabar com o Irmaõ Cunha, que a foſſe ver, & o apparato, com que ſe daõ alli os graos de doutor, que em tudo he pompoſo.

10 Dourandoſe o retabolo da Igreja, ſendo que aſſiſtia nella frequentemente, nunca o vio, ſenaõ huma ves, que o mandaraõ, pera dar ſeu voto na materia. Pellas quarenta horas indo todos à caza de Saõ Roque, em que a Igreja ſe arma com todo o primor; jâ mais vio outra couſa de todo aquelle mageſtoſo apparato, ſenaõ ao Senhor expoſto, em quem ſeus olhos ſe empregavaõ todos, tirandoos de tudo o mais, que os convidava.

11 Morava em hum cubiculo, que tinha a viſta ſobre o rio; ouvio, que a gente da parte de fora, & junto à ſua janela fazia grande feſta a huma nao da India, que vinha entrando rebocada por huma galê real, alegrandoſe todos de como enchia o rio, & os olhos de toda a cidade; quem eſteve em Lisboa ſabe mui bem, que o dia, em que entra nao da India, he plauſibiliſſimo naquella grande corte; cõ ſer tudo aſſim, & eſtar o Irmaõ Cunha aſſentado junto à janela, que do cubiculo cahe pera o rio, podendo ſó com levantar os olhos, gozar daquella taõ jucunda viſta; os teve bayxos, & de nada deu fé. Alguns, que iſto ſouberaõ, lhe perguntaraõ, porque naõ fechara a janela, pera evitar o perigo, de ſe lheirem os olhos: reſpondeo, porque aſſim era maior a victoria.

CAPITULO XXX.

De ſuas praticas eſpirituais, & algumas tentaçoens, com que Deos o provou, & como ſe ouve nellas.

1 NA lingua foi taõ moderado, como no demais: palavra ocioſa ninguem a ouvio da ſua boca. Huma vez o achou muy pezarozo certo Padre, & toda a cauſa vinhaõ a ſer duas palavras, huma ſem fruto, dizendo ao enfermeyro; que fazia frio: a outra a hum Padre, a quem diſ-

ſe: que ſe eſpantava, que alguem deyxaſſe a Deos, por mais ſecuras, que tiveſſe. De todos fallou ſempre bem, naõ he tanto de admirar, o fizeſſe na Religiaõ, quanto, que no mundo ſoſſe jâ neſta materia taõ advertido, que ſe ſoube de peſſoa, que com elle viveo de portas a dentro, que nunca ſe lhe ouvira palavra, que deſdouraſſe o credito de alguem. Se a cazo em ſua prezença acontecia meterſe pratica, que tocaſſe em deſcuidos alheos, todo ſe empenhava em deſculpar o ſogeito, com mais efficacia, que o fizera per ſi o meſmo culpado.

2 Nas ſuas converſaſoens parece, que nem podia, nem ſabia dizer couſa alguma, ſenaõ foſſe de Deos. Hum ſecular o veyo viſitar, paſſada a primeira ſaudaçaõ, logo o Irmaõ Cunha meteo pratica de Deos, & continuou bem o eſpaço: o ſecular, que naõ devia ſer muy devoto, lhe diſſe, ora Padre Cunha fallemos agora câ das telhas abayxo, & começou a meter pratica da pintura: porem o Irmaõ tornou ao ſeu ponto com mais fervor: entaõ vendo o ſecular, que trabalhava de balde, ſe diſpedio delle dizendo: Fiqueſe embora, & lâ pera o dia do juizo nos tornaremos aver. Ficou o ſancto Irmaõ muito alegre, por aſſim ſe livrar daquella viſita, pois elle ſó queria o ſeu tempo, pera o gaſtar com Deos, & naõ em viſitas impertinentes.

3 Quando acompanhava algum noſſo em viſitas de ſeculares, naõ fallava, ſenaõ quando o obrigavaõ, fazendo ſempre, que as palavras naõ cheiraſſem a couſas do mũdo: porque muitas vezes ſabiaõ, os que acompanhava, quanto goſtavaõ, de o ouvir fallar de Deos; o deyxavaõ a elle ſó fallar, & afervorar a todos. Deſtas ſuas praticas goſtoũ com eſpecialidade a Senhora condeſſa de Odemira, & pedia a ſeu Confeſſor, que era Padre da Companhia, levaſſe, quando foſſe a ſua caza, por companheiro ao Irmaõ Domingos da Cunha, pera lhe fallar de couſas do Ceo, & proveitoſas ao eſpirito.

4 Quem aſſim ſe avia com os de fora, naõ hâ, porque dizer, como ſe averia com os de caza; que era gente, que toda goſtava de Deos; porem ſe alguma vez ſe deſviava a pratica do caminho do Ceo, o Irmaõ Cunha com grande artificio a reduzia a elle: quando as peſſoas eraõ de tanta autoridade, que as leys da boa cortezia pediaõ outras advertencias,

Digitized by Google

vertencias, ſe recolhia com Deos dentro de ſi, & naõ attendia, ao que ſe fallava.

5 Queyxavaſe ao Padre Reytor, que ouvindo a algũs Irmaõs Noviços praticas de menos conſolaçaõ, & que tinhaõ ſua impertinencia, & que tendoſe jâ vencido em os naõ contradizer com a palavra, pellos naõ deſconſolar, toda via lâ no ſeu interior lhe ficava hum affecto de reprovar, & juiſo de os contradizer: pedia ao Padre Reytor remedio, pera ſe vencer neſte particular. Reſpondeolhe o Padre Reytor, que ſe lembraſſe, que aquelles Irmaõs começavaõ a entrar na eſcola da virtude, & nella a aprender o A. B. C; que elle jâ ſabia; que ſe lembraſſe, tinha ſido da meſma ſorte, & que aſſim acquietaria. Quadroulhe a razaõ, reconhecendo, que em ſeus principios fora elle peor, que todos, & que os diſtrahia com os ſeus dittos, & rizadas; & por tanto devia ſofrer aos Irmaõs, como a elle o tinhaõ ſofrido.

6 Com licença do Superior paſſava os repouſos da noyte diante do Sanctiſſimo: mas ao depois pareceo, ſeria de proveito aos Irmaõs Noviços, ſe neſſe tempo fallaſſe cõ elles; aſſim lho ordenaraõ: o effeito moſtrou, que o conſelho fora acertado; porque os Noviços confeſſaraõ, que de maior proveito lhe era a hora de repouſo com o Irmaõ Cunha, que a que tinhaõ de oraſſaõ. A materia, de que fallava ordinariamente, era o amor, & temor ſancto de Deos, & das virtudes Religioſas, particularmente da mortificaçaõ, da qual dizia tantas meudezas, que aos que muito nella tinhaõ aproveitado, lhes parecia terem caminhado muy pouco.

7 As cartas, que eſcrevia, eſtavaõ taõ cheas de eſpirito, quam cheo delle eſtava o Irmaõ Cunha: ellas ſe podiaõ ler por huma proveitoſa, & profunda liçaõ eſpiritual, como na verdade o eraõ.

8 Agora refiramos algumas lutas, que nos ultimos tẽpos de ſua vida teve com ſuas payxoens, com a luta deſtas vay Deos provando, & apurando ſempre, aos que quer bem, & conta entre os ſeus amigos. Sendo taõ recolhido nas ſuas oraſioens, permittio Deos, tomaſſe o ſeu penſamẽto algumas largas; ſahindolhe fora da maõ, vagueava meudamente, tendo o Irmaõ grande lidá, em o recolher, ſem elle querer eſtar quieto. Deſinquietavao o Demonio, trazendolhe

zendolhe à memoria os maos divertimentos da vida paſſada.

9 Vez ouve, que eſtando em oraſſaõ, tomou o Demonio figura de huma molher perdida, com quem elle em algum tempo ſe perdera; & dizendolhe as loucuras, que entaõ; paſſando por junto delle, lhe deu com a maõ no hombro, acompanhando tudo de hum donayre, qual coſtumaõ eſtas Serêas, & ninguem ſabe reprezentar melhor, que o Demonio, que as enſina; por eſte modo ſe foi afaſtãdo ſempre com a cabeça virada pera o Irmaõ; mas como viſſe, que o Irmaõ de nada fazia cazo, avendoſe como ſe foſſe huma eſtatua; deſapareceo.

10 Naõ menos, antes mais o moleſtou com ſonhos muyto penoſos; levandoo em bolandas pellos ares (com eſta fraze ſe explica) depois o metia por humas furnas infernais, aonde o horror do lugar, & do Companheiro, eraõ de tanta affliçaõ a ſua alma, & a ſeu corpo, que quando acordàva, ſe achava taõ mohido, & cançado, como ſe a lida naõ foſſe ſonhada. Nas ultimas tres vezes, que o Demonio lhe fez eſta ſorte, naõ foi como dezejava, porque entre ſonhos valendoſe o Irmaõ do ſinal da Cruz, ou do nome de JESU, o afugentava: ganhou ſobre elle tanto dominio, q̃ como quem fazia zombaria, o afaſtava deſi com huma vara. Naõ foraõ eſtas as maiores moleſtias, que por entaõ ſentio: outras foraõ pera elle a par de morte.

11 Deos, que quaſi o trazia nas palmas das maõs, ſe fez ao longe. Ceſſaraõ de todo o ponto as conſolaçoens, & goſtos eſpirituais, com que o Senhor athe alli entretinha ſeu eſpirito: perſeveraraõ porem ſempre os dezejos de buſcar a Deos, nem o deſvio lhos resfriava. Athe que por fim de contas fez eſta petiſſaõ ao Senhor, ou fez com elle eſte conçerto. Que dos goſtos eſpirituais lhe tiraſſe, quanto, & como foſſe ſervido; mas que lhe naõ negaſſe ſua prezença por ſentimento, que era o que ſô dezejava pera alivio de ſuas deſconſolaçoens.

12 Deferiolhe o Senhor em parte, dandolhe no coraſſaõ huma tal ſuavidade, da qual lhe nacia, que em ſe applicando, lhe ficava o penſamento fixo em Deos, com que era facil recolhelo. Mas a ſuavidade em breve tempo ceſſou. A tudo iſto ajudavaõ os achaques do corpo, que eraõ muitos; donde eſpirito, & corpo ambos davaõ, & ti-

Digitized by Google

tinhaõ, que padecer. Pera deſabafar deſtes aſſombramentos, que deviaõ ſer grandes, pois elle os encarece. Uſou do remedio, que ſempre, era eſte dar conta de tudo, o que paſſava em ſua alma a ſeu Superior. Davalhe muita pena, naõ entender, que cauſa tiveſſe Deos, pera aſſim, & com tanta ſequidaõ o deyxar. A iſto lhe reſpondeo o Superior, que nem ſempre as culpas ſaõ cauſa deſtes deſvios; mas que o Senhor ſe auzentava, porque naõ tiveſſemos o deſterro por patria, nem o final de paga por ſatisfaçaõ inteira de noſſos trabalhos. Que muitas vezes ſe retirava tambem, pera experimentar noſſa affeiçaõ, & ſe o buſcavamos da meſma ſorte, quando nos faltava, como quando nos aſſiſtia com os favores. A primeira razaõ lhe contentou mais; & da ſegunda razaõ diſſe huma, & muitas vezes, que mal ſe podia apartar de Deos, quem huma vez ſentira ſeus favores; diſſe iſto com tanta ſegurança, como quem fallava com a propria experiencia. Logo no dia ſeguinte pedio perdam ao Superior deſte ditto, que elle chamava ſoberba, dizendo, que *D*eos o caſtigara por elle com as ſecuras, que depois padecera.

CAPITULO XXXI

De algumas noticias, que Deos lhe cõmunicou de couſas futuras.

1 MUitas couſas paſſaraõ pello Irmaõ, em que ſe vio, que Deos lhe comunicava noticias occultas: ſeia a primeira, em que Deos lhe ſignificou, que jâ lhe tinha dado o perdam de ſuas culpas. Coſtumava todas as noytes depois de ſe diſciplinar, fazer a Deos huma offerta pello teor ſeguinte. Ajuntava todos os merecimentos de Chriſto, & com elles os da Virgem May, os de todos os ſanctos, logo todos os ſacrificios, que deſde o principio de noſſa redempçaõ ſe offereceraõ, & os que athe o fim do mundo ſe haõ de offerecer: a todos ajuntava as ſuas obras encorporadas no ſangue de Chriſto. Sentia com iſto tanta conſolaçaõ, que com a força della, no meyo da offerta, emmudecia, ficando como ſuſpenſo; entaõ era maior o goſto, quando com mais applicaçaõ buſcava a maior gloria

de

de Deos, pella qual offereceſſe taõ precioſo theſouro.

2 Succedeo pois, que huma deſtas noytes levado de huma grande contriçaõ, fez tambem eſta offerta por ſeus peccados. No meſmo ponto ſe ſecou aquella inundaçaõ de ſuavidade, que experimentava; & querendo porfiar, ſentio o coraſſaõ muy duro. Mudou de intento, & offereceo pellos proximos; & immediatamente, como ſe as conſolaçoens eſtiveſſem de repreza, tornaraõ a inundar ſua alma, deſaparecendo toda aquella ſecura. E eu (diz neſte paſſo o Irmaõ) reparando niſto, entendi, ou ſe me deu a entender, que Deos Noſſo Senhor me tinha perdoado meus peccados, & que por entaõ naõ era ſua vontade, que a offerta ſe fizeſſe por mim, mas pellos proximos.

3 Dezejava entrar na Companhia hum Sacerdote, cõ quem no mundo o Irmaõ Cunha comunicava as couſas de ſeu eſpirito; dilatavaſe a entrada, & quaſi ſe hia impoſſibilitando: fez o ſancto Irmaõ muitas oraſſoens a Deos por eſta cauſa, athe que hum dia no exame de conſciencia o Senhor lhe diſſe interiormente: que aquelle Sacerdote avia de entrar na Companhia; iſto ſuccedeo com tanta viveza, que elle ſe levantou repetindo muitas vezes em voz alta as palavras, que o Senhor lhe diſſera. Com tudo ao depois o Demonio, naõ ſei com que razoens de deſconfiça, lhe veyo; donde começou a vacillar na certeza da entrada; & no primeiro dia de Comunhaõ, depois de receber o Senhor, de novo começou a apertar com elle. Oh valhame Deos: (ſaõ palavras ſuas) o Senhor me deu huma taõ terrivel reprehenſaõ, & ſe me pós taõ ſevero, que me encheo de temor, obrigandome a pedir miſericordia; pondo por valia ſuas ſagradas chagas, pellas quais me perdoaſe: dizendome: Tenhote jâ ditto, que hâ de entrar na Companhia, & naõ me crees? O Sacerdote entrou na Companhia, deſtazendoſe todas as difficuldades, que pareciaõ impedir a entrada.

4 Adoeceo gravemente em o Noviciado de Lisboa no principio do ſeu Provincialado o Padre Simaõ Alvres; deu grande cuidado a todos, & maisao Irmaõ Cunha, porque o ditto Padre o recebera na Companhia, & governara muitos annos naquella caza: encomendou ſua ſaude a Deos, porque nas medicinas avia poucas, ou nenhumas eſperanças. Como hum dia o Irmaõ Manoel Figueira Sot-

tominiſtro,

tominiſtro, fallaſſe com o Irmaõ Cunha do eſtado, em que ſe achava o Padre Provincial: elle lhe diſſe, com grande certeza: Meu Irmaõ Sottominiſtro, com o favor de Deos naõ hâ de morrer deſta o Padre Provincial. O effeito moſtrou, que o ditto naõ fora a cazo; porque teve ſaude, contra o que todos cuidavaõ.

5 Antes de ſer acclamado el-Rey Dom Joaõ o quarto, tinha o Irmaõ Cunha em Madrid hum ſeu diſcipulo, que muito eſtimava: porque eſtava no ſerviſſo de Diogo Soares, parecia moralmente impoſſivel voltar ao Reyno: encomendou eſte negocio a Deos, athe que hum dia diſſe ao Irmaõ Sottominiſtro: Thome (aſſim ſe chamava) hâ de vir antes de muitos mezes, aſſim o confio em Deos. O cazo foi, que antes de quatro mezes, chegou a Lisboa. Eraõ naquelles tempos eſtas voltas ſoſpeitoſas, & mais em quem vinha da caza de Diogo Soares: o Irmaõ Cunha ſe valeo de hum titular, peraque lho patrocinaſſe: aſſim o prometteo fazer; porem na ſegunda vez, que lhe fallou, o achou muy frio; porque davaõ ao mancebo por ſoſpeito, & em tal occaſiaõ pouco baſtava pera iſſo. Aqui ſe valeo de Deos o Irmaõ Cunha. Como no dia ſeguinte indo acabar o retrato del-Rey, lhe diſſeſſe o Companheiro; que fallaſſe a el-Rey àcerca de Thome, lhe reſpondeo com grande inteireza. A ninguem hei de fallar, o mancebo tem a Deos por ſi, naõ hâ, que temer. Tanto que chegou ao paço; lhe perguntou o Conde pello diſcipulo, dizendo, que as couſas eſtavaõ de bom ar: & aſſim foi, que dentro de poucos dias, deraõ a Thome por livre; alem diſto, ſe lhe reſtituio hum officio, que tinha nos fornos del-Rey antes de ir pera Caſtella, ſendo, que jâ eſtava provido em outro.

6 Tambem vaticinou eſte ſancto Irmaõ muitas couſas em abono da juſtiça, com que eſte Reyno ſe reſtituio a ſeu legitimo Senhor o feliciſſimo Rey Dom Joaõ o quarto. Goſtava muito o Irmaõ Cunha de ouvir varias revelaçoens, que ſe contavaõ das melhoras deſte Reyno; & como era taõ compaſſivo dos proximos, & por boa razaõ o avia de ſer mais da patria, a qual debayxo do dominio, ou cativeiro alheo, padecia quanto em poucas palavras ſemaõ pode dizer, encomendava a Deos com grande frequencia eſte negocio: athe que alguns mezes antes do dezembro de 1640, em que foi a acclamaçaõ, fallando ſobre eſtas

couſas com o Irmaõ Sottominiſtro lhe diſſe: Ora meu Irmaõ dezenganeſe, que as profecias ſe haõ de cumprir eſte anno. O ſucceſſo calificou, o que elle dizia.

7 Como o Irmaõ Cunha naõ eſtava deſtro nas razoens, em que ſe fundava a ſolida juſtiça del-Rey: perſuadiaſe, que Deos tomora aquelles fidalgos, que fizeraõ a acclamaçaõ, por meyo pera livrar a eſte Reyno das calamidades, que padecia, & das que eſtavaõ pera vir, que ſegũdo as deſordens prezentes promettiaõ, eraõ muitas. Porẽ huma noyte eſtando jâ deitado, & com o penſamento fora deſtas couſas, de repente lhe declarou o Senhor, que aſſim como o homem, que toma a molher alhea, adultêra; da meſma maneyra el-Rey Catholico avia adulterado, em tomar eſte Reyno, que naõ era ſeu, ſenaõ do verdadeiro Rey de Portugal, que o poſſuia; mas, que Deos Noſſo Senhor, ainda, que às vezes diſſimula, & permitte a alguns ter por ambiçaõ, o que naõ he ſeu; pera que tendo mais do temporal, os tenhaõ por maiores, & como tais ſejaõ mais eſtimados, toda via a ſeu tempo lhes tira aſſim o ſeu, como o alheo. Parece, que foi profecia, do que hoje no anno de 1703 paſſa em Caſtella, a qual toda anda perturbada, & quaſi a ponto de ſe perder de todo aquella taõ poderoſa, como dilatada monarquia, faltando no Reyno Senhor natural delle, a quem os Vaſſalos amem, como a couſa ſua. Deos a diſponha como ſerve a ſua Igreja, & a os muitos Catholicos, que dependem do ſeu eſtado temporal.

8 No tempo, que os fidalgos deſte Reyno hiaõ conduzidos contra Catalunha, foi tambem hum muy principal, que pello conhecimento da virtude do noſſo Irmaõ lhe pedio ſuas oraſſoens: porem o Irmaõ ſe eſqueceo totalmente delle: athe que ſendo el-Rey acclamado; ſe lembrou do fidalgo, & ſe ſentio, de lhe ter eſquecido, porque lhe vivia obrigado: occorreolhe muitas vezes eſta razaõ de pena: athe que Deos lhe diſſe interiormente, pello modo, que lhe coſtumava fallar. Que aquelle homem ſe avia cazado com ſua ſobrinha por ajuntar dous morgados, & aſſim era juſto, que perdeſſe ambos, quem por ambiçaõ fizera huma couſa taõ indigna, & contra a vontade de Deos. Foi couſa notavel, que toda a pena deſappareceo, & ſe lhe mudou em goſto, que o tinha grande, em ſe conformar com a vontade de Deos.

9 Mas

Digitized by Google

9 Mas tornando às couſas do Reyno, como a mudãça foi taõ eſtranha, como he tirar hum Rey, & pôr outro; ſe fizeraõ algumas prizoens, & juſtiças em peſſoas principais, & por ſerem taõ grandes, davaõ exceſſivo cuidado: com iſto ſe affligiaõ os zelozos do bem cõmum, temendo, o que em tais acontecimentos ſempre ſe receãa com fundamento: pediraõ ao Irmaõ Cunha encomendaſſe a Deos a boa ſahida de couſas taõ embaraçadas: aſſim o fez; & dalli a alguns dias, fallandoſe neſta materia, diſſe com grande reſoluçaõ: que ainda que Deos athe entaõ nos quizera caſtigar com trazer o Reyno em maõs alheas, que tiveſſem por certo, que a obra, que Deos tinha começado na reſtauraçaõ, havia de hir por diante; porque naõ coſtuma Deos deyxar ſuas obras imperfeitas; pello que deviamos os Portuguezes, eſtar muy deſabafados, que por mais traças, que o Demonio inventaſſe pera noſſa deſtruiçaõ, nenhuma nos havia de empecer: & ajuntou: Mas havemos de ſer agradecidos a Deos cõ a emmenda das vidas.

10 Neſta agoa envolta levou o engano, ou a calumnia a hum Eccleſiaſtico muy principal do Reyno. Eſtando ainda prezo, & ſuas couſas muy cruas, diſſe o Padre Reytor ao Irmaõ Cunha, que o encommendaſſe a Deos: depois de aſſim o fazer, diſſe com muita ſegurança: Fulano hâ de ſahir ſolto, & velo-haõ. Tudo ſuccedeo, ſahindo aquelle Eccleſiaſtico da prizaõ reſtituido a todas as ſuas honras, & à graça del-Rey, q̃ ſempre fez delle muyto cazo.

CAPITULO XXXII.

De ſua ditoſa morte.

1 VIda taõ mortificada, & taõ chea de achaques he quaſi admiraçaõ, que pudeſſe durar os annos, que durou; naõ ſe furtando nunca aos exercicios de trabalho: pois eſtando ainda mais debilitado, de nenhuma maneira admittia, que alguem o ajudaſſe a moer as tintas pera o ſeu officio, dando por cauſa, que ſó elle as ſabia apreſtar. Deſte trabalho corporal, & applicaçaõ nos exercicios mẽtais chegou a tanta debilidade, que parecia naõ ter mais, q̃ a pelle ſobre os oſſos.

2 Sobreveyolhe huma febre, que a poucos dias com a diſſimulaçaõ ſe lhe fez continua, aqual elle conſigo a hia paſſando. Agravouſe eſta com a jornada, que fez ao Colegio de Evora, porque no caminho deu huma queda, de que torceo huma coſtella das ilhargas. Cõ as dores agudas, que lhe cauſou; & tal, ou qual tratamento, dos que curavaõ a leſaõ, ſe ateou a febre de modo; que ſe julgou, que sò nos ares patrios podia haver qualquer eſperança de melhoria.

3 Voltou a elles, aonde creceo o mal com huma toſſe violenta, que lhe durou anno, & meyo; cahio na cama, nella paſſou o ultimo anno de vida, ſofrendo, quanto ſe deyxa ver de taõ prolongado tempo. Eſtava ſempre em oraſſaõ: as ſuas praticas, com os que o viſitavaõ, eraõ todas de Deos: quando ſe ſentia ſem alento, o cobrava em ouvindo eſſas ſanctas praticas; ſe pella debilidade, naõ podia ajudar, aos que fallavaõ, com os olhos, & geſto grato dava moſtras do ſeu agrado.

4 Nunca pedio oraſſoens pella ſaude, nem as admettia offerecẽdoſelhe; ſó queria, ſe fizeſſe nelle a võtade de Deos, & nada mais. Sendo a doença de tizica mui trabalhoſa, & que com as aſſiſtencias continuas, dá que fazer a huma caza toda, a ninguem deu moleſtia o Irmaõ Cunha, naõ conſentindo, que alguem ficaſſe com elle de noyte: athe quãdo lhe faziaõ a cama, ajudava elle, no que podia, porque o trabalho naõ foſſe todo dos outros. Ainda que ouveſſe alguma falta nos ſeus cõmodos, que em doença taõ comprida, ſaõ como inevitaveis, de nada fazia caſo; antes ſe tinha perſuadido, q̃ quanto ſe lhe fazia, tudo era mal empregado.

5 Quanto ao goſto, ſe havia, como ſe naõ diſtinguiſſe frio de quente; bem do mal temperado: nunca ſignificou goſtaria mais diſto, que daquillo: era neſta materia taõ eſquecido de ſi, que foi neceſſario ordenarẽlhe os Superiores, aceitaſſe tudo, o que os enfermeyros julgaſſem, que lhe poderia fazer bem, porque antes deſta ordem naõ admittia coufa, que foſſe accipipe. As purgas, & xaropes levava a tragos detendoas na boca, dizendo que aſſim obravaõ melhor, o que devia ſem duvida fazer, pera mais ſe mortificar.

6 Chegou a doença a termos, que pedio os ſanctos Sacramentos. Muitas vezes pellos dias, que durou o maior pe-

perigo, recebeo o Sancto Viatico; fazendo conta, que a cada escarro lançava a alma pella boca: tossia com grande vehemencia, & logo ficava taõ sereno, como se por elle naõ tivesse passado cousa taõ penosa. Na ultima noyte, que teve de vida, como as ancias eraõ, quais saõ as da morte, quiz o Irmaõ Sottoministro ficar com elle; mas naõ o consentio, dizendo, que elle estava preparado, pera dar a alma a Deos, quando sua Divina Magestade o dispuzesse; o que fez tambem, por levar adiante o seu sancto proposito, de naõ dar pena a alguem com assistencias.

7 Dezejara muito o sancto Irmaõ, padecer naquella hora da morte alguma cousa do muito, que nella sofreo o bom JESUS, morrendo, quanto nas apparencias, ao desemparo. Por esta causa lhe contentava grandemente o paço da morte do Sancto Xavier na ilha de Sanchaõ, aonde espirou abraçado com o seu Christo em todo o desemparo das creaturas. Neste passo de sua vida, quando o pintou na capella grande do Noviciado, se esmerou tanto, que por ventura leva ventagem a todas as outras pinturas, que alli fez. Concedeolhe Deos o cumprimento dos seus dezejos; porque morreo naõ lhe assistindo seus Irmaõs, mas só no retiro da noyte, & do seu cubiculo, aonde pella menhãa o acharaõ sem vida, porem o corpo muy composto, & mais engraçado, do que se estivera vivo.

8 Foi sua morte taõ sentida, como eraõ amados seus bons exemplos. Posto o corpo no esquife, o cobriraõ de flores, & assim foi levado à sepultura entre ellas, mostrando no rosto hum ar, de quem ainda vivia. Pertenderaõ alguns, que se enterrasse metido em hum cayxaõ, por assim o merecer o corpo, que fora hospede de taõ dittosa alma: naõ diz o manuscritto, donde vou tirando estas cousas, se assim se fez; o certo he, q̃ cõ semelhãtes corpos bẽ he, aja alguma especialidade, pera assim se conservarem seus ossos separados, pera fomentar a devassaõ; q̃ jâ que tiverao mais virtude, que os outros em vida, tenhaõ mais estimassaõ depois da morte.

9 Foi enterrado no cruzeiro da Igreja do Noviciado de Lisboa, junto à sepultura de Simaõ da Cunha da parte do evangelho pegado às grades grandes. Esperamos, que por ter esta caza em si taõ sancto deposito, lhe farâ Deos particulares mercês; como por vezes disse o Padre

dre Simaõ Alvres ſendo nella Reytor, como quem teve grandes noticias da ſanctidade deſte ſervo de Deos.

10 No dia de ſeu enterro ſuccedeo huma couſa notavel a hum Sacerdote morador na meſma caza, he a ſeguinte eſcritta com ſuas meſmas palavras. *No dia, em que Deos levou ao Irmaõ Cunha, ſe achou hum Religioſo neſte Noviciado de Lisboa em huma grande affliçaõ: foi o cazo, que por razaõ de huma ferida lhe ſobreveyo hum inchaſſo junto della em parte, que era de muita pena, & difficuldade ſua: avia alguns dias, que andava com eſta anguſtia; quando ſe ſentio movido naquelle dia, a que ſe valeſſe daquelle interceſſor: felo aſſim, & applicou certa reliquia, que tinha tocado o corpo do defuncto; & com eſta confiança lhe pedio favor diante de Deos naquelle aperto; que elle confeſſa, foi dos maiores, que ſentio, depois que entrou na Companhia; quando ao dia ſeguinte amanheceo com o inchaço mudado pera lugar, em que ficava facil ſua cura; o que parece, naõ podia ſer naturalmẽte; porque eſtando abayxo da ferida, ſe mudou pera ſima della: & ſem chamar ſurgiaõ, em breves dias ſarou de todo, conhecendo, que fora particular favor, alcançado pellos rogos, & merecimentos deſte ſervo de Deos.* Athe aqui o ſucceſſo.

11 Foi o Irmaõ Domingos da Cunha tirado de corpo, falto de carnes pella penitencia, de compleixaõ ſanguinea, condiçaõ branda; alguma couſa bexigozo, as cores morenas: o roſto, & olhos meudos, com baſtante fundamento pera a alcunha de Cabrinha, pella qual foi conhecido em todo o Reyno. O Autor do Agiologio ſe explica dizendo, que era de feiçoens achinadas, iſto he, que nellas imitava aos Chinas. O ſemblante ſempre alegre, & ſereno: taõ compoſto nas acçoens, que todas pareciaõ meditadas: em huma palavra, todo na exterior compoſiçaõ, como o era na interior. Morreo aos onze de Mayo de 1644, quaſi quatro annos depois da ditoſa acclamaçaõ del-Rey Dom Joaõ o Quarto, tendo de idade quarenta & ſeis años, & doze de Companhia. Faz delle larga, & honorifica mẽſaõ o Autor do Agiologio no dia de ſua morte; & o Padre Nadaſi no ſeu Annus dierum; os quais dizem, que ſua vida fora eſcritta pello Padre Jozeph de Seyxas da Companhia; muy conhecido neſta provincia por ſuas letras, & prudencia nos governos. O que aqui fica, recopilei de hum manuſcripto, que encontrei no cartorio do Collegio de

de Evora ſem nome de Autor, mas ſupponho ſer traslado, do que fez o Padre Seyxas, no qual ſe diz como o principal deſta vida, ſe tirou, do que eſcreveo de ſi eſte ſancto Irmaõ por ordem da obediencia; noque ſe deve tudo ao Padre Bernardino de Saõpayo, homem de grande eſpirito, & que foi muitas vezes Meſtre de Noviços neſta Provincia, aſſim no Collegio de Evora, como em o Noviciado de Lisboa, o qual como fica ditto, ſendo Reytor do Noviciado, por naõ ficarem em ſilencio couſas taõ dignas de memoria, lhe ordenou as eſcreveſſe, como quem melhor as ſabia. O cubiculo, em que morou, & faleceo, fica no andar de bayxo, he o primeiro no corredor, que pello meyo do edificio eſta lançado de nacente a poente por de traz da Igreja. Tem duas portas, huma, que cahe pera o ditto corredor, & outra pera o corredor, q̃ vai de norte a ſul, & hoje eſtâ tapada: ſerve agora de caza da rouparia. Faço eſta lẽbrãça, pera q̃ quem nella aſſiſte, & nella entra, paſſe pella memoria os muitos actos de virtudes, que alli fez eſte devoto Irmaõ. Tambem, como ſe collige, do que aſſima referi de naõ querer da janela do cubiculo, onde morava, ver a nao da India, que entrava, habitou no primeiro cubiculo do corredor da portaria.

CAPITULO XXXIII.

Vida do Padre Doutor Antonio Ferreyra.

1 O Padre Doutor Antonio Ferreyra nos deyxou hũ tal exemplo de amor à Companhia, que pode ſem duvida ter lugar, entre os que neſta materia ſaõ muy raros, & admiraveis: conſideradas bem as circunſtancias, que nelle concorreraõ, pode ſervir de grandiſſima confuſaõ àquelles, que por qualquer diſgoſto a primeira couſa, que lhes occorre, he deyxar a Companhia, & a vocaſſaõ, a que Deos os chamara. *Evora. 10. de Jan. de 1676.*

2 Eſte virtuoſo Padre, ſingular Prégador, & Doutor muy ſabio naceo em Lisboa de pays muy honrados, & abaſtados, chamavaõſe Jorge Antunes, & Maria Ferreyra. Criaraõ a eſte ſeu filho em virtuoſos coſtumes, & o mandaraõ eſtudar em o noſſo patio de Sancto Antaõ. Tinha quin-

quinze annos de idade, era eſtudante da terceira claſſe; quando entrou na Companhia em Lisboa aos vinte, & dous de Agoſto de mil ſeiſcentos trinta, & ſinco.

3 Depois do ſeu Noviciado nos eſtudos, aſſim de letras humanas, como nas Philoſophias, & Theologias foi ſempre tido, & avido por ſogeito de ingenho muy ſobido. Todas as ſuas ocupaçoẽs fazia com grande applauſo, porq̃ tinha, alem do ſaber, muita fermoſura no talento, & repreſentaçaõ nas cadeiras, & pulpitos. Sinco annos enſinou latim, & Rhetorica, depois entrou na Theologia em Coimbra, no quarto anno della tendo jâ dezaſete annos de Religiaõ, lhe pediraõ muito os Superiores, acodiſſe a fazer huma miſſaõ na Villa de Ceya.

4 Acodio com pontualidade a eſte ſerviſſo de Deos, & ſe ouve nella com exemplo, & bom nome da Companhia. Recolheoſe depois ao Collegio de Coimbra, bem alheo da tormenta, que dentro de pouco tempo veyo ſobre elle. Foi metido no carcere do Collegio, em prizaõ muy eſtreita, & aperrada. Tirouſelhe toda a cõmunicaſſaõ, excepto a de hum Padre eſpiritual; naõ ſe lhe deu cama de lançois, a iſto accreceo abſtinencia rigoroſa, & da janela ſó dous poſtigos abertos.

5 Ficou aſſombrado com taõ desfeita, & inopinada tormenta, mas como homem de entendimento grande cõ muita virtude, ſe póz nas maõs de Deos, em quem muito eſperava, ſuppoſta a innocencia de ſua conſciencia, a qual de nenhum crime o argula. Nenhuma outra couſa o afligia mais, que conſiderar o perigo, a que tinha chegado a ſua perſeverança na Companhia; pois ainda que na fama, & bem nome, que tal labeo padecia, era a ferida de marca maior, com eſſa podia o ſofrimento Religioſo fortalecido com agraça de Deos, & alentado com os exemplos de Chriſto JESU prezo, açoutado, & poſto em huma Cruz: mas entrar em conſideraçaõ, que podia perder a Companhia, era couſa, que lhe cuſtava mais, que a meſma morte.

6 Entre eſte mar de immenſas ondas, o ſeu cuidado principal foi, nunca vacillar na ſua vocaſſaõ. Dandoſelhe a defenſa ſegundo o foro judicial, que tem em tais cazos a Companhia, elle com a ſua pena avogou em favor da ſua innocencia. Occorreo às calumnias, de que era denũciado: fez neſta materia papeis taõ doutos, & cheyos de dou-

doutrina taõ fundados em todos os direitos, & taõ fortalecidos com todas as boas, & firmes razoens, que fazem ſuſpenſaõ, aquem os le, & ſegundo juizo de hemens letrados, naõ vem, que hum homem grande letrado, depois de muitos annos de leituras pudeſſe na materia arrezoar com mais doutrina, & noticia dos direitos, & ſciẽcia moral.

7 Couſa de dous annos corre eſta tormenta, nos quais o Padre eſteve na ptizaõ: fez a Companhia os devidos exames naquella terra, onde teve ſua origem a calumnia. Achouſe unicamente, que à inſtancia do ſeu hoſpede em huma occaſiaõ de feſtejo temperara huma viola, ſem haver cauſa, que cauſaſſe eſcandalo, pois naõ era publica. Proceſſouſe eſta cauſa, & os juizes, viſto nelle ſe naõ achar nem ſombra de culpa, ſentenciaraõ em favor de ſua innocencia, abſolvendo o de toda a inſtancia. Deuſelhe ſatisfaçaõ, mandãdolhe eſcolheſſe logo enſinar Philoſophia, onde melhor lhe eſtiveſſe, eſcolheo o Curſo no Collegio de Sancto Antaõ em Lisboa.

8 Exemplo he eſte por certo, que pode ſervir de cõfuſaõ a todos, os que naõ ſabem o bem, que na Companhia tem. Naõ viera a ella o Padre Antonio Ferreyra por comer hum pedaço de paõ, porque o tinha abaſtado em caſa de ſeus pays. No tempo, que lhe veyo por caſa eſta tormenta, ſe achava com os eſtudos acabados com tantas vẽtagens, & excellencias, que de ſeus bons talentos ſe podia prometer qualquer Igreja rendoſa, a que fizeſſe oppoſiçaõ, & a ſua predica lhe grangearia alem dos lucros os applauſos. Teve neſta penalidade muitos aſſopramentos, pera deyxar a Companhia. Porem ſeu animo maior, que todos os infortunios a tudo fechou os olhos, pondoos unicamente na perſeverança em ſua primeira vocaçaõ.

9 No fim do arrezoado, que fez em ſua defenſa, conclue com eſtas palavras: *Proteſta o tal ſubdito, que ſeu intento naõ he aggravar, nem de algũa ſorte condenar a alguẽ, nem menos ſua intençaõ, mas ſò dar rezaõ de ſi, & allegar do melhor modo, que pode ſua, juſtiça, pois neſta cauſa lhe naõ vay menos, que a honra, vida, Religiaõ, & ſalvaçaõ.* Depois, q enſinou em Lisboa, foi promovido a ſer Meſtre na Univerſidade de Evora. Nella ſe graduou Doutor na ſãcta Theologia, tomou o grão no meſmo dia com o Padre Joaõ Gomes

mes da noſſa Companhia, que falleceo, ſendo Reytor do Collegio de Coimbra. Eſta ſolennidade ſe fez em vinte, & ſinco de Julho de mil ſeiscentos ſeſſenta, & hum. Os annos, que enſinou naquella Univerſidade, teve nome de Meſtre excellente, & de Pregador afamado, & tudo era. Impreſſo anda o ſermaõ, que fez por occaſiaõ do Acto da fé em Evora, & naquelle genero, ſegundo ouvi dizer, por ventura ſe naõ tem impreſſo outro, que o vença.

10 Era Lente de Veſpora, tendo athe entaõ vivido ſempre mui igual nos ſeus procedimentos, que eraõ de verdadeiro filho, & Religioſo da Companhia, deulhe hum accidente de ar, que lhe tomou a metade do corpo, & ainda offendeo o juizo. Depois viveo algum tempo, ſó pera magoa dos que o viaõ, conſiderando aſſim arejados talentos taõ excellentes. Ainda que em toda a vida foi ajuſtado com ſuas obrigaçoens, agora vendo taõ proximo o ſeu fim, o deu todo a Deos, todo o tempo, que tinha à oraçaõ, a viſitar as capellas, & a outros exercicios de piedade.

11 He couſa conſtante tivera noticia do dia de ſua morte, porque na veſpora do dia, em que lhe deu o accidente, que o levou; ſe andou pellos cubiculos deſpedindo de alguns amigos, que tinhaõ a acçaõ, mais por imaginaçaõ ſua, que por outra couſa, mas no dia ſeguinte, que eraõ dez de Janeiro de mil ſeiscentos ſetenta, & ſeis, o accometeo hum accidente de apoplexia, que lhe tirou a vida.

12 Eſtava em Coimbra hum Religioſo noſſo da ſua obrigaçaõ, aquem o Padre Antonio Ferreyra eſcrevia, que vieſſe pera Evora, pera lhe aſſiſtir nos ſeus achaques. Detinha o Religioſo a jornada, por algumas rezoens, que o demoravaõ, & alguns deſgoſtos em materia de vocaſſaõ, quando ja no mez de Janeiro recebeo huma carta do Padre Antonio Ferreyra, que lhe dizia, que a ſua vinda a Evora ſeria ja tarde. Paſſados poucos dias depois deſte Padre dizer Miſſa, ſe recolheo no ſeu cubiculo, & querendo eſtudar, lhe ſobreveyo hum grande ſono, levantouſſe da cadeira, deu alguns paſſos pello cubiculo, mas como o ſono o apertaſſe, ſe aſſentou junto á cabeceira da cama, recoſtãdo o hombro, & a cabeça na parede, ficando quaſi direito.

13 Logo, que adormeceo, vio diante de ſi ao Padre Antonio Ferreyra veſtido sò com a roupeta da Cõpanhia,

em

em corpo, com o barrete na cabeça, o qual disse ao dormẽte estas formais palavras: *Haveis de ficar, & perseverar na Companhia, & nella haveis de morrer.* Acordou assustado, & logo muito alegre se foi ter com o Padre Reytor do Collegio, & lhe disse, que o Padre Antonio Ferreyra era fallecido, & contou o modo, como o vira. Ficaraõ suspensos observando o dia. Depois sobreveyo a nova do seu fallecimento em Evora, & foi no mesmo dia, em que aparecera em Coimbra. Ficaraõ ao Padre as especies deste sonho taõ vivas, que dizia depois, se lembrava muito mais das feiçoens do Padre Antonio Ferreyra por occasiaõ do sonho, que pello trato, que com elle tivera. A tudo se ajuntou, que com o sonho desapareceraõ aquelles dissabores, que o Religioso padecia na materia da perseverança na sua Religiaõ, & ficou em huma bella paz mui pago do estado, a que Deos o chamara. Disse mais da-hi a annos referindo este succesſo, que nunca em outra occasiaõ a tais horas nem antes, nem depois lhe viera sono.

14 Na carta Añua da nossa provincia escrita do anno, em que este Padre falleceo, se dizem delle muitos elogios, que na suavidade, & innocencia de seus costumes fora Anjo, mui douto, & sabio, de ingenho claro, & sutil, & erudito, elegante, venerado assim dos de casa, como dos de fora. Nos pulpitos mui eminente; & a este modo se dizem alli outros louvores, que com ser grandes saõ menores, que os que mereciaõ suas letras, virtude, & amor à Companhia, a quem sempre honrou como verdadeiro filho de taõ sancta May.

15 Estãdo naquella sua penalidade fez alguns poemas mui cultos, hum a Christo atado na argolla da columna, à vista de cuja calamidade consolava as suas afflicçoens; outro em que aponta os motivos do seu sentimento, & depois de referir muitos, poem por coroa delles o perigo de perder a sua Religiaõ, a clausula deste poema he a seguinte.

Nec satis hæc: maius trepidantem vulnera telum
Mentem agit: instanti subit exponenda perîclo
Religio; qua non equidem mihi gratior unquam
Ulla fuit: primo quæ me sibi junxit amore,
Quæque erat occiduo me servatura sepulchro.
Hæc me (vix poteram vitæ cognoscere leges,

Juraque quid prohibent, vel quid contendat honeſtas)
Excepit puerum, & teneris formavit ab annis.
Prima ſub hac rerum poſui monumenta magiſtra.
Hîc virtutis opes, doctas hîc Palladis artes
Edidici, hîc primos quæ ſervent dogmata mores,
Quæ ve decent animos ſtudia indefoſſa viriles.
Quæ via difficilem ſubeunti pandat Olympum,
Et quæ Tartareas ducat Phlegethontis adundas.
Quatuor emenſos numerabam luſtra per annos,
Ex quo votivis ſuſcepimus omina vinclis,
Auſpiciis promiſſa fides felicibus: hinc me
Formavit natura virum, ſolumque pudoris
Conſcia, non aliis adolevit moribus ætas.
Ergone tam multos vitæque, animique labores
Una dies tulerit? pereant tam longa repente
Tempora? tam grati liinquenda cubilia tecti?
Totque virum probitas?

Neſta forma vai continuando eſte melhor Orpheo, baſta o referido, que bem moſtra, qual era na ſua affliçaõ a ſua maior dor.

CAPITULO XXXIV.

Vida do Irmaõ Manoel Gameiro eſtudante.

Em Liſboa 21. de Novembro de 1651.

1 O Dittoſo Irmaõ Manoel Gameiro ſoube em poucos annos adiantarſe tanto nas virtudes, que pode ſer exemplo naõ ſó aos de menos idade, mas ainda aos de annos muy provectos; naſceo elle na antiga Villa da Chamuſca, no Arcebiſpado de Lisboa em a provincia de Alẽtejo, aos doze de Março de 1628, & foy baptizado veſpora do glorioſo Saõ Joſeph: ſeus pays eraõ dos nobres daquella Villa, & homens pios; por iſſo o foraõ ſempre inclinando à virtude, foraõ ſeus nomes Eſtevaõ Vicente, & Incenſa Gameira. Era o ſeunatural taõ propenſo à virtude, que naõ eraõ neceſſarios eſtimulos, pera ſer ſancto: retiravaſe dos jogos, com que os dos ſeus annos gaſtavaõ o tempo. Eſcaçamente contava nove annos, quando comeſſou a jejuar os ſabbados, a quareſma, & mais dias, em que a Igre-

a Igreja obriga cõ ſeus preceitos. Todas as quartas, & ſeſtas da quareſma ſe diſciplinava; & porq̃ naõ tinha cilicio, com que ſe mortificar, inventou hum eſtranho genero de cilicio, que foi cingirſe com huma ſilva, com cujos bicos mortificava ſeu dilicado corpo. Deuſelhe fé do cilicio, quãdo ſe vio deſcuberto, ſe cobrio de pejo, como ſe o apanharaõ com algum furto nas maõs. Todas eſtas acçoens de virtude diz o Autor do manuſcrito, donde as recolho, que em ſeu poder as tinha authenticas, & confirmadas cõ juramento.

2 Quiz o Senhor, que taõ bons principios ſe naõ vieſſem a mallograr, como ſuccede muytas vezes, extinguindo a malicia dos annos as boas propenſoens da indole bem inclinada: inſpiroulhe, que entraſſe na Companhia elle a pertendeo com todo o fervor. Reprezentandolhe os Padres as difficuldades, que coſtumaõ, porque ao depois, ſe naõ achem novos; como ſaõ o viver à vontade alhea, darſe por deſpedido da patria, atraveſſar os mares com o zelo da ſalvaçaõ das almas: reſpondeo o pertendente, que todos aquelles motivos eraõ, os que a elle obrigavaõ a entrar na Companhia.

3 Satisfeitos os Padres da ſua vocaſſaõ, foi admittido em o Noviciado de Lisboa aos 8. de Dezembro de 1643. no qual os ſeus procedimentos foraõ de ſancto. No Recolhimento, que teve no Collegio de Coimbra, a todos os mais Irmaõs eſtudantes eraõ ſuas virtudes eſpelho de perfeiçaõ. Sendo os annos, que ſe paſſaõ naquelle eſtado sò tres, & às vezes menos, viveo nelle ſeis annos o Irmaõ Gameyro, por aſſim o pedir. Foraõ facis os Superiores, em lhe dar eſta licença, attendendo ao grande proveito eſpiritual, que dos ſeus bons exemplos reſultava em os mais. O tẽpo, q̃ lhe ſobejava dos ſeus eſtudos, todo ſe lhe paſſava em oraſſaõ, & liçaõ de livros ſanctos. Quando previa, que poderia ſobrevir occupaſſaõ no tempo, que tinha pera orar; ſe anticipava, & cumpria antes com a ſua oraſſaõ, ou devaſſaõ. Nas peregrinaçoens, que com os mais Irmaõs fazia no tempo das ferias, por naõ ter de dia occaſiaõ pera orar com o recolhimento de ſua alma, que elle coſtumava, cortava pello ſono da noyte, & no ſoccego della ſe empregava neſte ſancto exercicio; como teſtimunharaõ os Irmaons, que foraõ ſeus companheiros. A poſtura do corpo

era

era ſempre de joelhos; ſem a fraqueza da ſua compleiçaõ, nem os ſeus achaques ſerẽ cauſa, pera neſte particular uſar conſigo de diſpençaſſaõ. O geſto exterior, & compoſtura do corpo, nacida da que avia em ſua alma, era taõ divina, que deſpertava devaſſaõ, em quem nella punha os olhos. Ouve irmaõ noſſo, que confeſſou, que no tempo da oraſſaõ procurava, ficar em parte, donde pudeſſe dar cõ os olhos no Irmaõ Gameyro, pera que a viſta deſte ſervo de Deos deſpertaſſe nelle fervor. Muytos ſeculares ou vẽdoo no coro, ou na Igreja, ſentiaõ em ſi devaſſaõ, como elles confeſſavaõ: tal era a ſua compoſtura, & tanto do Ceo, que todos viaõ nelle, que alli avia pouco da terra.

4 Na devaſſaõ pera com o Sanctiſſimo ſe eſmerou mais; que em todas, muytas vezes na ſomana o recebia, fazialhe frequentes viſitas. Nos dias, que com a campa ſe dava final à recreaſſaõ, gaſtava em oraſſaõ eſſe tempo diante do Senhor. Era taõ ſingular ſua devaſſaõ, que athe na compoſtura de fora reſumbrava. Ouve hum eſtudante, que quaſi todos os domingos vinha à noſſa Igreja, ſó por ver a devaſſaõ, com que eſte ſervo de Deos ſe avia, em receber ao Senhor, & lhe dar as graças. Antes de ir pera o geral, ſempre tomava primeiro a bençaõ ao Sanctiſſimo, o meſmo fazia em ſahindo delle, os primeiros paſſos eraõ pera eſta viſita. O tempo, que foi Meſtre, gaſtava diante do Senhor a meya hora, que depois de ſahir das claſſes, ſe concede de allivio aos Meſtres. Pera o receber, ſe preparava fazendo todos os dias em honra ſua alguma particular mortificaſſaõ, aqual apontava em hum diario com eſta nota: *Feci ſummo gaudio.*

5 Pera em todas as horas andar em preſẽça de Deos, tinha repartidos os paſſos da Payxaõ de Chriſto pellas meſmas horas; de ſorte, q̃ em ſoando, ſe fazia prezẽte naquelle paſſo da Payxaõ, que tinha applicado à tal hora. Porque quãdo ſahia com os Irmaõs a peregrinar, naõ avia relogio, que lhe dividiſſe as horas, nem podia obſervar o teor, que tinha em caza; inventou o ſeu amor de Deos outro modo, de o ter ſempre prezente. Concertou com os outros Irmaõs, tiveſſem neſta materia o modo ſeguinte, de ſe lembrar de Deos: Que quando olhaſſem pera o Ceo, ſe lembraſſem de Deos Padre, fonte de todos os bens: dando com os olhos na terra, trouxeſſem à memoria a Deos Filho, que ſe

di-

dignou de vir a ella pera nos ſalvar: & acertando de ver o mar, conſideraſſem em Deos Eſpirito Sancto, que nos principios do mundo peregrinava ſobre as agoas. Em taõ ſanctos artificios dâ o amor de Deos, em quẽ o tem.

6 Deſte grande affecto, & amor ao filho, nacia o ſingular, que ſempre teve a May, moſtrandoſe em todas as occaſioens ſer de cotaſſaõ filho ſeu. Sentia eſpecial goſto de ter entrado na Companhia no dia de ſua Immaculada Conceyçaõ, poriſſo tinha ſingular devaſſaõ a eſte myſterio, fez voto de o defender ainda com riſco de ſua vida. Em obſequio ſeu diſtribuio as ſete horas do officio da Cõceyçaõ por ſete irmaõs do Recolhimento, de ſorte, que todos juntos rezaſſem o officio cada dia, rezando cada hũ tal hora; & no fim da ſomana cada hum o tiveſſe rezado todo. Com eſtas, & ſemelhãtes traças em tudo ſanctas manifeſtava o ſeu amor pera com eſta ſenhora. Naõ foi menor a devaſſaõ, que teve à Expectaſſaõ da meſma, por aver naquelle dia veſtido o habito de Noviço. Em teſtimunho de ſer ſeu eſcravo perpetuo, trazia huma cadea ao peſcoſſo junto à carne, & outra no braço; podendoſe o Irmaõ Gameyro chamar com razaõ, *Vinctus Mariæ*, aſſim como o glorioſo Apoſtolo Saõ Paulo ſe chamava, *Vinctus Chriſti JESU.*

7 Como ſeu coraſſaõ era tanto de Deos, naõ podia a ſua lingua ter outra couſa nas ſuas praticas, todas ellas eraõ do Ceo. Pera os Irmaõs no Recolhimento provarem, que no repouſo tinhaõ fallado de Deos, baſtava dizerem, que o tinhaõ paſſado com o Irmaõ Manoel Gameyro, nem era neceſſaria outra prova, eſta ſe julgava por cabal. Quando fallava com eſtudantes, as ſuas praticas todas eraõ exortaſſaõ à virtude, ou trazendolhes pera iſſo muytas razoens, ou contandolhes varios exemplos dos ſanctos, & da Senhora, com os quais fez, com que muytos rezaſſem todos os dias o ſeu officio. Divulgouſe por eſta cauſa tanto o ſeu bom nome, que de todos os eſtudantes era tido por ſingularmente virtuoſo. Nos poucos dias, que foi Meſtre no Collegio de Sancto Antaõ, foi de proveito a muytos; algum de grande nobreza, & naõ menor piedade, auzentãdoſe pera Elvas no ſerviſſo del-Rey, dellâ lhe eſcrevia, o encomendaſſe a Deos, pera que naõ ſe eſqueceſſe dos ſanctos aviſos, que lhe tinha dado em ordem ao bem de ſua ſalvaſſaõ.

8 Ne-

8. Neſtas ſuas praticas naõ edificava menos o ſeu ſemblante, que as ſuas palavras, porque a compoziſſaõ, & modeſtia dos olhos era tal, que nunca ſe lhe viraõ abertos. Nos ſeis annos, que eſtudou, diſſeraõ, os que andavaõ nas meſmas aulas, que nunca ſouberaõ, de que cor eraõ os ſeus olhos, pellos ter ſempre cahidos. A cazo acompanhou a hum Padre, que foi a certa villa; todos na terra ſe perſuadiraõ, por ter ſempre os olhos bayxos, que era Noviço; quando o Padre os certificou, que o naõ era; ficaraõ notavelmente edificados de taõ rara modeſtia, & olhavaõ pera elle, como pera ſancto.

9. Das virtudes a obediencia, que ſaõ os olhos da Companhia, andava nas meninas dos ſeus. Pera credito ſeu nesta materia baſtava dizer, que o ſeu reſpeito a eſta virtude introduzio, lerſe entre nos à meſa a carta da obediencia de noſſo Sancto Padre, eſtando em pé, o que a lé; ſendo, que antes ſe lia na poſtura, que ſe lem as regras: antes que iſto fizeſſe, conſultou ao ſeu Padre eſpiritual, & com ſeu conſentimento, a comeſſou a ler de pé. Deſte ſeu bom exemplo, que os outros imitaraõ, teve origem eſte ſingular reſpeito, que tia tal acçaõ ſe moſtra ter à ſancta obediencia, de quem taõ altamente ſe falla naquella carta. Com a vontade dos Superiores naõ avia ſubdito mais conforme; pedindo ao Reverendo Padre Geral a miſſaõ da India, dizia na ſua carta: *Dezejo muyto ir pera a India, ſe Deos o der à ſentir a voſſa Paternidade, mandeme, & naõ por eu lho pedir.* Na doença, de que morreo, dizendo hum Padre levalo pera outra miſſaõ diverſa, daquella, pera que eſtava aceyto, lhe diſſe; que fizeſſe voto, dandolhe Deos ſaude, de pedir aos Superiores, lhe mudaſſem a miſſaõ. Reſpondeo: *A minha miſſaõ he a da India, porem ſe os Superiores ordenarem de mim outra couſa, & os Padres de Cochim o ouveſſem por bem, facilmente cumprirei com os dezejos de voſſa Reverencia.* Quando jâ eſtava quaſi às pottas da morte, ſe lhe perguntou, que abſtrahindo de ir gozar logo da gloria, ſe Deos lhe puzeſſe na ſua maõ a vida, & a morte, qual das duas eſcolheria de melhor vontade? Depois de eſtar ſuſpenſo por breve eſpaço, diſſe aſſertivamente, que duvidava, porem, que ſe executaſſe, o que Deos tinha determinado. Significando, que o ſeu querer ſó era, o que Deos queria. Aos enfermeyros era obedientiſſimo ainda em couſas de grande re-

repugnancia: lançando alguns dias fora tudo, quanto ella nha comido, & tendo por esta causa grande aversaõ ao mantimento, em o enfermeiro mandando, que o tomasse, logo lhe obedecia, fazendo, quanto estava em sua maõ, por vencer a natural repugnancia, que sentia.

10 Naõ foraõ menores os exemplos, que nos deyxou na virtude da sancta pobreza. No cubiculo nunca usou de cadeira, meza, & candea, quando tinha companheiro, assentandose no chaõ, & estudando à candea de seu companheiro. Os livros, porque estudava, eraõ só as suas postillas, nas quais nenhuma margem deyxava, pera deste modo poupar o papel, & acodir pella sancta pobreza. Dos livros espirituais só usava de huns Evangelhos, & de hum *Contemptus mundi*. Com estes livros aproveitou tanto, que seus condiscipulos reconheciaõ nelle grandes ventagens. A sua lamina de preço era hum Crucifixo de papel pendente de huma cana. Muytos annos escreveo com huma só pena, como esta se lhe quebrasse pello meyo, a encayxou em hum pao, & com este supplemento usou della. Por sua morte as alfayas, que se lhe acharaõ, foraõ somente, hũ sermaõ, que hia compondo em costas de temas, horas da Nossa Senhora, contas por onde rezava; hum cilicio grande, & dous pequenos pera os braços, & humas disciplinas; estas peças, de que constava todo o seu cabedal, se repartiraõ por varios nossos como reliquias. O seu vestido procurava sempre fosse o peyor de caza.

11 O recato, que teve na pureza, se deyxa entender daquella grande cautela nos olhos, de que assima dissemos. Taõ honesto era em suas acçoens, que dous dias antes de morrer, considerando, que com a força do mal poderia fazer alguma acçaõ menos composta, pedio a hum Padre, lhe assistisse, pera o advertir, se a caso cahisse em algum descuido. A todas estas virtudes ajuntou huma exactissima observancia das regras, nem se lhe vio quebrar alguma, nem ainda a de fallar latim, com advertencia. Porque em certa occaziaõ por descuido quebrou a regra de fallar latim, se pós logo de joelhos diante do Irmaõ, com quem estava, & lhe pedio perdaõ do escandalo, que lhe dera. Tambem foi estremado na caridade pera com os enfermos, cortando muytas vezes pello sono, pera lhes assistir, & inventando varios modos pera os alegrar em o Senhor. Do

ſeu abatimento proprio fez particular eſtudo; aſſim no tempo das ferias, como entre anno hia muytas vezes ſervir na cozinha, & o fazia com tanto fervor, que athe a rudeza dos moços ſe edificava de tanta humildade. Acabado o Recolhimento naõ aceytou izençaõ alguma dos exercicios, que naquelle eſtado ſe uſaõ, porque athe ir pera Lisboa, ſervio à meza, & varreu os corredores pella ordem, que o faziaõ os Irmaõs, com os quais, como diſſemos, vivia.

CAPITULO XXXV.

Continuaõſe as virtudes do Irmaõ Manoel Gameiro, & ſua dittoſa morte.

1 SEntia em ſi grande zelo da ſalvaſſaõ das almas, por eſta cauſa ſahia muytas vezes a peregrinar pellas aldeas, fazendo nellas doutrinas, com que movia o povo a dor de ſeus peccados. Em huma deſtas occaſioẽs entrando em huma villa, & vendo, que eſtava pera ſe reprezentar huma comedia, fez pella impedir, mas como a ſua pertençaõ foſſe ſem effeito, fez antes della huma doutrina ao povo, com que muyto o affeiçoou a Deos. Em outra deſtas peregrinaçoens ſe hoſpedou em huma caza, como o Senhor della por ſe entreter, comeſſaſſe a jugar com outro ſeu amigo, o Irmaõ Gameyro no meſmo tempo ſe entremeteo, a fallarlhes de Deos; & o fez com tanta piedade, que os dous ſe enterneceraõ tanto, que pello ouvir, deyxaraõ de todo o ſeu divertimento do jogo, moſtrando, que nas ſuas palavras achavaõ alivio mais do ſeu agrado. Quãdo de Coimbra paſſou pera Lisboa, por aproveitar ao Almocreve, fez, com que todos os dias ſe encomendaſſe a Deos; porque naõ tinha contas, o Irmaõ lhe empreſtava as ſuas, pera rezar. Eſte zelo coroou com ter conſagrado ſua vida à ſalvaſſaõ das almas na India, pera cujas miſſoens eſtava aceyto, quando Deos o levou agozar do premio de ſuas virtudes.

2 Bem ſe vê, que todas eſtas virtudes naõ podiaõ andar ſem huma ſingular mortificaſſaõ, ſem aqual ellas ſe naõ coſtumaõ achar. Nella paraceo Martyr, & tyrano de ſi meſmo: o maior trabalho, dos que governavaõ ſeu eſpiri-

to,

to, era moderarlhe eſtes ſanctos excеſſos. No anno jejuava muytas vezes a paõ, & agoa; muytas comia no chaõ, de joelhos, em pé, & de eſmolas. Poucos dias ſe lhe paſſavaõ, que naõ puzeſſe o ſeu cilicio; pera ſignificar o goſto, que tinha em o trazer, lhe eſcreveo nos remates eſtas palavras de Chriſto: *Jugum meum ſuave eſt.* Naõ ſe ſabe, que alguem o viſſe encoſtado, naõ ſó nos lugares publicos, mas nem ainda no ſeu cubiculo. Nas peregrinaçoens, que fazia nas ferias, ſempre dormia ſobre a dura terra à imitaſſaõ de noſſo Redemptor. Varias vezes tomava diſciplina nas coſtas em a capella do Recolhimento. Quando o aviſaraõ pera ſahir delle, ainda que, como diſſemos, ficou, ſe açoutou nas coſtas na meſma capella, como em penitencia, de naõ ter ſatisfeito com ſeus procedimentos à edificaſſaõ, que devia dar naquelle eſtado; ſendo, que ella era taõ exemplar, como moſtraõ ſuas virtudes. Eſte bom exemplo à imitaſſaõ deſte ſervo de Deos, ſeguiraõ depois os outros Irmaõs, quando aviaõ de ſahir do Recolhimento pera o Collegio. Muyto tempo trouxe nos ſapatos ſinco pedrinhas pera mortificar os pés; & agradouſe deſte numero, por ſer o das ſinco chagas de Chriſto, com a qual lembrança mais ſe alentava a ſofrer as picadas daquellas pedrinhas em honra das que os duros cravos, & cruel lança fizeraõ em noſſo Redemptor.

3 Em huma occaſiaõ aviſou elle a outro Religioſo de certo defeito leve, em que cahia: a paga deſta caridade foi dizerlhe algumas palavras pezadas; todas as ſofreo o Irmaõ Gameyro; porem como a natureza neſtas occaſioẽs coſtuma querer deſabafar nas repoſtas: na ſua, que vinha pullando, aſſim teve maõ eſte ſervo de Deos, que ella vendoſe reprezada, deſafogou com huma grande copia de ſangue, que arrojou, & deſpedio pellos narizes. Actos ſaõ eſtes, que denotaõ virtude em tudo heroica, pois de hum golpe ſe cortaõ os maiores impetos de huma hydra a mais furioſa, & aſſanhada.

4 Outra vez, pera que ſenaõ tiveſſe conceyto algum delle, antes o avaliaſſem por deſtrahido; entrou na capella, tomou huma diſciplina nas coſtas, dizendo ſe lhe dava aquella penitencia por trazer huma maçã do refeitorio, & ſe lhe ordenava tambem, que alli diante dos Irmaõs a comeſſe, tudo cumprio logo à riſca: edificandoſe todos de

tais invençoẽs, pera ſe mortificar, & abater. Tendo tanto de Deos, claro he, que avia de ter muy pouco, ou nada de carne, & ſangue: a ſeus pays ſó eſcrevia obrigado pellos Superiores; mas eſſas cartas hiaõ taõ cheas de deſapego, que pera eſtranhos, as naõ eſcreveria mais ſecas.

5 Todo o cabedal de ſuas virtudes ſe deſcobrio mais na doença, de que morreo, em que tambem ſe aperfeiçoaraõ muyto. Eſta jâ neſte tempo o Irmaõ Gameyro Meſtre de latim no patio de Sancto Antaõ, occupaſſaõ, que fazia com o zelo, & canſaſſo, que á Companhia quer em ſeus filhos. Sobreveyolhe huma febre aguda, de que foi indicio a eriſipola, em que ſahio; mas como eſta em breve tempo ſe recolheſſe pera dentro; cuidaraõ, & diſſeraõ, que a doença era couſa de pouco momento: porem o Irmaõ Gameyro ao ſegundo dia affirmou, que a ſua doença era mais grave, do que ſe imaginava, & que ſó por milagre poderia eſcapar da morte. Porque ſe naõ cuydaſſe, que fallava com algum myſterio, acrecentou; que podia ſer foſſe penſamento, que muytas vezes occorria aos enfermos. Todos porem ſe perſuadiraõ, que o Irmaõ tinha noticia mais Superior do tempo da ſua morte; eſta ſe confirmou com dizer alguns dias antes de adoecer, que pouco tempo faria o officio de Meſtre; o que elles entendiaõ, ſer ditto a reſpeito da viagem da India, por ſer couſa ſabida jâ na Provincia, que eſtava deſtinado pera ella.

6 Vinte dias durou a ſua doença, neſtes foraõ continuos os bons exemplos. Quando as dores mais apertavaõ com elle, a ſua palavra ordinaria era dizer: *Graças a Deos.* A cazo alguns, que o viſitavaõ, comeſſaraõ a fallar de hum defeito leve de outro religioſo, deſagradoulhe a pratica, & logo ſem mais eſperar, referio delle hum exemplo heroico de virtude, que ſabia, deſte modo atalhou aquelle deſcuido. Succedeo, como às vezes, que o ſangrador lhe errou a vea; temendo, que aquelle erro lhe poderia ſer de algum deſcredito, pedio aos circunſtantes, naõ diſſeſſem á peſſoa viva o erro, que dera na ſua arte aquelle official.

7 Ainda nos tempos mais perigoſos dezejava eſtar ſó, pera tratar mais à ſua vontade com Deos. Temendoſe, q̃ eſta applicaſſaõ lhe poderia ſer nociva, diſſeraõ aos Medicos, lhe ordenaſſe, que divertiſſe della o penſamento.

Po-

Porem estava por todos os annos de Religiaõ taõ habituado em Deos, que naõ pode dar cumprimento à ordem dos Medicos, porque o pensamento pera Deos lhe fugia por mais, que o pertendesse retirar. Porque se naõ cuidasse, q̃ naõ cumpria com a regra, que manda obedecer aos Medicos, pedio lhe chamasse̅ seu Confessor; & claramente lhe disse: que ainda que quizesse, naõ podia deyxar de cuidar em Deos. Daqui nacia ter os olhos pregados em hum Crucifixo, o que fez quasi athe os ultimos alentos da vida.

8 Recebeo os Sacramentos com extraordinaria devaçaõ, pedindo à communidade lhe perdoasse as desedificaçoẽs, que lhe dera; acrescentando, que naõ sentia a morte, pois o tomava na Companhia, & destinado pera a Missaõ da India, que este fora hum dos maiores favores, que alcançara da maõ de Deos. Logo que a comunidade sahio do cubiculo, ficando só, começou a fallar com Deos; algũs q̃ espreitaõ da parte de fora, & por sua devaçaõ, escreveraõ as palavras, que dizia, que saõ as seguintes: *O meu clementissima JESUS*, Quid me vis facere? In manus tuas Domine commendo spiritum meum. *O ser, a vida, a alma, tudo quanto tenho, vos entrego*; Sed si adhuc populo tuo sum necessarius, non recuso laborem. *Meu Deos, meu bem, minha riqueza, minha fermosura, & meu extremo, vejo que vosso lado aberto me está convidando, & dizendo brandamente*, Veni, veni: *Vejo, que esse sangue me está chamando: vejo, que essa maõ direyta me está assenando*, Veni sponsa mea, veni de Libano, & coronaberis: *Vejo, que me está offerecendo huma indulgencia plenaria de minhas maldades; grandes foraõ, mas basta hum*, memento, *meu clemente JESUS, pera me perdoardes: essa chaga do pê direyto me está convidando a entrar por ella, esse pê direito me aveis vos de dar pera entrar na gloria. Oh Senhor, quem fora taõ dittoso, & tivera hum affecto taõ sobido, que pudesse merecer huma certa confiança de entrar hoje na gloria, & aver de vos ver pera sempre: essa chaga do pê esquerdo.* Aqui sem continuar rematou, & logo disse: *Senhor eu naõ posso mais, remettome aos concertos, que tinhamos feito.*

9 Dezejando, do modo, que pudesse, imitar na morte o desemparo, & pobreza de Christo, pedio aos Superiores, que o deyxassem morrer deytado no chaõ sobre huma

esteyra

eſteyra; como naõ vieſſem niſſo pello dano, que de tal couſa ſe lhe ſeguia; lhes pedio, naõ diſeſſẽ, q̃ elle pedira tal couza. O ſeu ſentido todo eſtava em Deos, por iſſo pergũtandolhe na ultima noyte ſe tinha vontade de comer, reſpondeo com grande affecto: *Tunc ſatiabor, cum apparuerit gloria tua.* Lembrandoſe ſer aquella noyte do dia da Apreſentaſſaõ da Senhora, em que avia de paſſar â melhor vida, diſſe: *Que bella marê, que bello dia pera eſta jornada, que hey de fazer.* Vendo ja, que ſe vinha chegando a morte, pedio, lhe rezaſſem as ladainhas de Noſſa Senhora, a que elle meſmo devotamente reſpondia. Logo inſtou, lhe leſſem a Payxaõ do Senhor; com eſta preparaſſaõ, eſtando em ſumma paz, ſem moſtrar exteriormente alguma agonia, nem fazer outro termo de morte, mais que huma reſpiraſſaõ apreſſada, inclinando a cabeça pera a parte direyta, & pondo os olhos no Sancto Crucifixo, que tinha diante de ſi, lhe entregou ſua dittoſa alma; dia de Aprezentaſſaõ da Senhora em vinte hum de Novembro de 1651. No Collegio de Sancto Antaõ de Lisboa.

10 Foi ſua morte muy ſentida dos noſſos, por lhe faltar Irmaõ de tanto exemplo, & tambem dos ſeculares, a quem muyto edificou neſſe pouco tempo, que foi Meſtre. Poſto ſeu corpo em o eſquife na capella do Collegio, entraraõ alguns eſtudantes mais graves; por reſpeito a ſua virtude lhe beijaraõ as maõs, o meſmo fizeraõ muytos dos noſſos Religioſos. Nem ſe deraõ os eſtudantes por contentes com aquelles primeiros obſequios; porque entrando jâ os Padres com o corpo pella Igreja, acodiraõ com grande alvoroſſo, cobriraõ o eſquife de flores, & junto da cabeçeira lhe puzeraõ dellas huma capella: deſtas flores recolheraõ depois como reliquias, quando o corpo ſe meteo na ſepultura. Ouve grande perplexidade, quando ſe ouve de abrir a ſepultura, porque no cemeterio dos noſſos Religioſos, as que avia eſtavaõ occupadas, & parecia duro aos Padres enterrar entre os ſeculares, aquem em vida tanto delles ſe retirara. Pera occorrer a eſte inconveniente, reſolveraõ, que ſe lhe deſſe huma ſepultura nova dentro das grades da comunhaõ, naqual ninguem athe entaõ fora ſepultado, eſtava elle ao pé do altar do Beato Luis Gonzaga, de quem o Irmaõ Gameyro fora ſingular imitador. A vida deſte ſervo de Deos recopilei de huma carta cir-

Digitized by Google

circular, das que naquelle tempo se faziaõ pera se ler pellas cazas da Provincia, quando morria algum Religioso, cuja virtude merecia particular estimaçaõ. Era Mestre da oitava classe, quando faleceo, & estava avizado pera as missoẽs da India.

CAPITULO XXXVI.

Vida do Irmaõ Bernardo de Mello, estudante.

Em Lisboa aos 24. de Out. de 1658.

1 O Irmaõ Bernardo de Mello floreceo em innocencia de costumes assim antes, como depois de entrar na Companhia. Veyo já sancto, depois com multiplicar o exercicio das virtudes, fez singulares progressos na perfeiçaõ Evangelica; foi hum daquelles, aquem os nossos Irmaõs estudantes podem tomar por exemplares em ordẽ a observancia, & uniaõ das letras com a virtude. Naceo em Lisboa de pays nobres, estes se chamavaõ Joaõ Cotrim de Mello Cavaleiro da ordem de Christo, & dona Luiza Godinha, ambos propensos á virtude, & culto dos sanctos, aquem parece deveraõ o filho, que Deos lhes deu.

2 Estavaõ estes nobres cazados com naõ pequeno sentimento pella morte de duas filhas, que eraõ as meninas dos seus olhos. Succedeo nesta occasiaõ, naõ aver, quem fizesse na Igreja de Nossa Senhora dos Martyres, que era a sua freguezia, huma festa, que todos os annos se costumava em honra de sancta Catherina Virgem, & Martyr. Tinha disso o Parocho grande sentimento, & o significou a Joaõ Cotrim, o qual se offereceo pera fazer todos os gastos. Edificousse o Parocho, & lhe disse, que a sancta Virgem como naõ agradecida lhe alcançaria de Deos hum filho, com que temperasse as saudades das duas filhas, que a morte lhe tinha roubado. Elle o disse, & a sancta Virgem em effeito mostrou, se dava por obrigada a cumprir a palavra do seu devoto: porque naõ passou anno, que Luiza Godinha naõ tivesse este filho. Naceolhe dia de Saõ Bernardo no anno de 1634, por isso se lhe impos o nome do sancto, em cujo dia veira a luz.

3 Logo que a razaõ se foi descobrindo, se foraõ deixando ver em Bernardo huma indole, & propensoẽs, todas indi-

indicios, que naõ enganaõ, de quam virtuoso avia de ser. Era nelle a madureza de costumes, & gravidade nas acçoẽs cousa taõ singular, que hum seu tio Religioso reparando muyto nella, disse, que temia naõ fosse Bernardo como as arvores, que saõ apressadas em dar fructo, que naõ saõ as que mais duraõ. Ainda naõ passava de dez annos, quando começou em obsequio da Senhora, a lhe jejuar os sabbados; pouco depois deu principio aos jejuns de todos os mais dias, em que os Christaõs por cauza do preceito da Igreja costumam jejuar. Vendo os pays, que o amavaõ como aprenda mui singular, tanto rigor em annos taõ pouco crescidos, temendo, que a abstinencia do comer lhe atrazasse as forças, o procuravaõ desviar daquella mortificassaõ; porem tudo foi sem algum effeito.

4 Todos os dias infallivelmente ouvia Missa. De oito em oito se confessava, & commungava. Ja tinha onze annos, & sabia ler, & escrever, quando os pays o foraõ applicando ao estudo das letras. Moravaõ elles em huma quinta sua naõ longe do convento de Xabregas, por isso deraõ por Mestre a Bernardo hum Religioso Franciscano. Com a doutrina do Mestre, & seu bom exemplo se affeiçoou a ser religioso. Neste tempo começou Joaõ Cotrim a pertender del-Rey certa mercê pera seu filho Bernardo; tanto que este o soube, rogou a sua may, pedisse ao pay, sollicitasse antes aquella mercê pera outro seu Irmaõ, que havia pouco nacera, porque elle tinha firme proposito de entrar em alguma Religiaõ. Conferindo entre si os pays o theor de acçoens, & sanctos propositos de Bernardo, desistiraõ do requerimento, ficando com sobresalto, de que haviaõ dia mais, dia menos de perder, como se explicaõ os seculares, ao seu Bernardo.

5 Naõ foi este o unico lanço do generoso dasapego deste menino, em quem a virtude excedia muyto os annos. Praticando Dom Antonio de Castro Conego, & Thesoureiro môr da Sancta Sé de Lisboa com Joaõ Cotrim, lhe declarou, em como tinha assentado comsigo, de renunciar a sua prebenda em Bernardo. Ficou o pay sobre maneyra pago desta occasiaõ, cõmunicando tudo aos parentes, a todos pareceo de muyta honra, lucro, & conveniencia; nem vinha ao pensamento, duvidar se da vontade de Bernardo; por isso o pay naõ fez caso do sabeu. Tanto que elle

elle entendeo os diſvelos do pay; ſe queyxou amoroſamẽte à may, de que tal couſa ſe trataſſe, & quizeſſe ſeu pay perder a ſua fazenda nos gaſtos da renuncia, quando os ſeus intentos ſempre tinhaõ ſido, & ao prezente eraõ, enterrarſe vivo em huma Religiaõ. Por concluſaõ acrecentou eſtas formais palavras: Que Deos lhe tinha dado graça athe aquelle tempo, pera reſiſtir ao mundo, que delle naõ tinha tomado ainda poſſe, & que ſe o obrigaſſem a toman outro eſtado, q̃ naõ foſſe de religioſo, dariaõ conta a Deos de todas as faltas, em que nelle cahiſſe. Eſte ſancto delẽgano acompanhado de muytas lagrimas enterneceo o coraſſaõ da may, & eſta com a relaçaõ do ſobreditto tambẽ enterneceo ao pay: ainda que elles, & os parentes ſentiraõ perder eſta occaſiaõ de ſeus intereſſes, ſe ouveraõ de conformar com o querer de Bernardo.

6 Aſſiſtindo elles na Cidade, lhes pedio, o deyxaſſem hir aos eſtudos do noſſo Collegio de Sancto Antaõ. Eſtava taõ adiantado, que ſem favor o mãdaraõ os Padres examinadores à primeyra claſſe de Rhetorica. Sua modeſtia, & compoſtura o fez agradavel a todos os condiſcipulos, & ao ſeu Padre Meſtre. Dedicouſe logo ao ſerviſſo da Senhora na Irmandade dos eſtudantes daquelle Collegio. Com o trato dos noſſos religioſos ſe affeiçoou à Companhia: dezejando proceder com acerto, quiz por protectora dos ſeus intentos à Virgem May do Carmo, aquem tinha eſpecial devaſſaõ. Fezlhe huma novena, em que lhe rogou, pediſſe a ſeu filho, lhe deſſe a entender ſua ſancta vontade. Pellos impulſos, que ſentio em ſi, de ſer religioſo da Companhia, conjecturou ſer eſta a vontade de ſeu Deos, aquem sò queria agradar.

7 Cõmunicou eſtes dezejos aos noſſos Padres, que logo ſe pagaraõ de ſuas ſingulares prendas, & o aceitaraõ na Companhia, ſem diſto terem ſeus pays noticia algũa: porque ſabia, lhe ſeriaõ de eſtorvo, pello muito, que lhe queriaõ; & porque naõ tinhaõ perdido as eſperanças de fundarem nelle a ſua caſa; imaginando, que com o tempo ſe amolgaria a teſidaõ dos ſeus propoſitos. Logo que com todo o ſegredo ſe fizeraõ as diligencias neceſſarias, Bernardo, ſem o dar a ſaber a ſeus pays, entrou em o noſſo Noviciado de Lisboa aos 26. de Mayo de 1650. que naquelle anno foi huma quarta feira veſpora da Aſcenſaõ do Se-

nhor. Pera mitigar as ſaudades, que ſabia teriaõ ſeus pays lhes eſcreveo huma carta cheya dos motivos, que elle tivera pera a ſua reſoluçaõ, & dos que elles deviaõ tambem ter, pera ſe conſolarem muyto de elle eſcolher eſtado do mayor agrado, & ſerviſſo de Deos.

8 Logo que ſe vio em o Noviciado, tomou a peitos o eſtudo da perfeiçaõ Evangelica, elegendo por exẽplar das ſuas acçoens ao veneravel Irmaõ Joaõ Bermaãs da noſſa Companhia. Ajudavaõ no muito as propenſoẽs à virtude, & a innocencia da vida paſſada o livrava dos eſcrupulos, com que muitas vezes ſe deſenquietaõ as conſciencias, dos que ſe abraçaõ de veras com a perfeiçaõ. A ſua modeſtia foi acompanhada de muyta prudencia, quando pedia a occaſiaõ, dar mais largas aos olhos, naõ hia como cego às apalpadelas, & a atinar. Tanto que entrava na cozinha, feita oraſſaõ, como he eſtilo, trabalhava por lhe cahir em ſorte a couſa, que era de maior mortificaſſaõ. Moſtrava em tudo hum ſemblante muy igual, ſempre modeſtamente apraſivel: o qual era huma como reprenſentaçaõ da ſanctidade da alma.

9 O trato com Deos parecia ſer todo o ſeu alimento; como tambem a anſia de ſe mortificar. Em pedir mortificaſſoens era ſanctamente importuno: por tanto pedia muytas vezes jejuar a paõ, & agoa, dormir veſtido ſobre as taboas da barra, tomar diſciplina nas coſtas em publico, & outras mortificaſſoens, que alem das que ſe uſaõ, inventava o ſancto odio, que tinha ao ſeu corpo. A diſciplina quotidiana, antes de ſe recolher no leito, era taõ rigoroſa, que parecia dezejar, fazerſe em pedaços, & tyranizar ſeus membros.

10 Appetecia as occupaſſoens mais humildes, & de mais trabalho. He de pezo, & moleſtia a de ſer companheiro do Irmaõ, que tem a ſeu cargo a cozinha; por iſſo o Padre Meſtre Bernardino de Sampayo Reytor da caſa, & homem de muyto eſpirito, & prudencia naõ permittia, q̃ Irmaõ algum eſtudante tiveſſe aquella occupaſſaõ; por ſerem eſtes ordinariamente de menos annos, & forças poueo enrijadas. Porem tais foraõ as inſtancias do Irmaõ Bernardo, que vencidas multiplicadas repulſas do Padre Reytor, finalmente conſeguio eſta ſua pertençaõ: aſſiſtio à occupaſſaõ com tanto cuidado, como ſe nem tiveſſe mais que fazer,

fazer, nem a natureza lhe pediſſe outra couſa.

11 Nas praticas de Deos, quais ſaõ as unicas dos noſſos Irmaõs Noviſſos, foi notoriamente fervoroſo, eſpecialmente ſe eraõ das excellencias da Senhora; pella ſuavidade, que nellas tinha, lhe chamavaõ o mellifluo Bernardo; appetecendo todos eſtar em ſua companhia nos tempos de fallar, pera com ſuas palavras arderem no amor de Deos, & da Senhora. Com eſta ſanctidade de coſtumes paſſou os dous annos de Noviciado, & feitos os ſeus votos, foi mandado eſtudar a Coimbra.

CAPITULO XXXVII.

Continuaſe o theor de ſua vida, & daſſe noticia de ſuas virtudes, & ſancta morte.

1 NAõ mudou com o novo eſtado os ſanctos eſtilos, & coſtumes do Noviciado, antes guardou conſigo os meſmos rigores. Quando alguns lhe diziaõ, poupaſſe as forças pera o eſtudo: acodia com algum donayre gracioſo, dizendo: que ſuas forças eraõ maiores, do que pareciaõ, pois nunca por doente ſe hoſpedara nas enfermarias, a que elles tinhaõ ja viſitado, tendoſe por mais robuſtos. Nas eſcolas ſua modeſtia, & ſuas palavras todas ſanctas, & muy pezadas eraõ aos eſtudantes de ſingular edificaçaõ. Entre os de caſa ſempre fallava de Deos, & pera conſtar ao padre Prefeito, que tal, ou tal Irmaõ tinha fallado de couſas ſanctas, baſtava dizer, que nos tempos de recreaçaõ eſtivera com o Irmaõ Bernardo de Mello.

2 Nem por ſe entregar tanto ao exercicio das virtudes, fazia menores progreſſos no eſtudo da Rhetorica; tinha muy felix ingenho pera eſta faculdade, & boas prendas de Orador; porque a voz era hum cano de prata, & o meneo da acçaõ em tudo plauſivel, & agradavel. Entrando no ſegundo anno dos eſtudos da Rhetorica, & Poezia, foi preciſo mudarſe pera o Collegio de Evora por cauſa da diviſaõ da provincia.

3 Em Evora eſtudou Philoſophia. Em quatro annos deſte eſtudo nem argumentando, nem reſpondendo diſſe pala-

palavra, que offendeſe; antes por vezes ſofreo muytas, que ſe lhe diſſeraõ, ſem dar final algum de pouca paciencia. Por naõ afroxar hum ponto na obſervancia, fez contrato com outro ſeu condiſcipulo de mutuamente ſe avizarem hum ao outro com caridade, & finceridade religioſa dos defeitos, que cada-qual ſoubeſſe do outro, ou nelle viſſe. Juntamente de acodirem com pontualidade à capellinha, onde eſtâ o Sanctiſſimo, pera teralli oraſſaõ de menhãa, exames de conſciencia, & outros exercicios ſanctos.

4 No terceyro anno de Philoſophia foi companheiro de hum Padre, que no tempo da quareſma havia de aſſiſtir confeſſando, & prégando na Villa de Almondouvar. Edificouſſe muyto o Padre da pontualidade, com que o Irmaõ Bernardo a ſeus tempos acodia aos exercicios ſanctos da regra, como oraſſaõ, exames, & os mais, como ſe eſtivera no Collegio. Suas praticas, & doutrinas fizeraõ muyto fructo naõ ſó dentro na Villa, mas nos lugares viſinhos huma, & duas legoas, aonde hia a pé, enſinar, & doutrinar os rudes, & os meninos. Voltando pera o Collegio, como naquelle tempo vieſſem de Lisboa Noviſſos, pera ſe tornar a povoar o Noviciado, o Irmaõ Bernardo hia muytas vezes fallar com elles, inflamando-os no amor de Deos. Athe aqui temos referido hũa como ſumma da ordem de ſua vida, agora, antes que digamos a morte, tocaremos as virtudes, c que ſua ſancta vida reſplandeceo.

5 Tenha o primeiro lugar huma, que as abraça a todas, he a pureza de conſciencia. Neſte ſervo de Deos foi, quanta ſe pode dezejar em hum homem ſogeito às miſerias, & fragilidades do corpo. Hum Padre de grande virtude, que o confeſſou geralmente, teſtimunhou, que athe aquelle tempo naõ tinha perdido a graça baptiſmal. Aqual couſa he admiravel em hum moço nobre, criado com mimo dos pays, & em huma Cidade das mais dilicioſas, que tem o mundo; aonde a malicia coſtuma de ordinario anticiparſe aos annos. Bem ſe infere daqui, qual ſeria entre homens ſanctos. O Padre, com quem por tres mezes aſſiſtio em huma miſſaõ, diſſe, que em tódo eſte tempo nunca achara em ſuas confiſſoens ter cometido algum peccado venial. O Padre Affonſo de Caſtilho tambem o confeſſou geralmente, antes que foſſe pera Lisboa, iſto he, pouco tẽpo antes de morrer: eſte Padre, que era Meſtre dos Noviſſos,

viſſos; & homem de muyta virtude, ſignificou a outro Padre, que o deyxara admirado a pureza de vida do Irmaõ Bernardo, & que athe aquelle tempo, que era quaſi o de toda a vida, naõ perdera a primeyra graça.

6 Naſcia eſta pureza da grande cautela, que ſempre teve ſobre ſi; frequentando a meude os Sacramentos deſde idade dos dez annos; & na Companhia, quando na ſemana naõ havia dia de Comunhaõ, ſempre no meyo della ſe confeſſava, & commungava. Na virtude da oraſſaõ foi muy continuo. Aſſiſtia nella com grande reverencia. A primeira meya hora de joelhos; o terceiro quarto de pé, & no ultimo ſe tornava a ajoelhar. O lugar ſempre foi em publico nas capellas; depois que era do Collegio, a tinha diante do Sanctiſſimo, ou na Igreja, ou na capella da Senhora da Conceyçaõ. Acabado o tempo de aſſiſtencia na ſua anla, por eſpaſſo de meya hora tinha ſempre, as que chamamos viſitas do Senhor, & da Senhora. Eſta meſma pontualidade guardava no tempo das ferias, quando aſſiſtia na quinta.

7 Cada mes eſcolhia hum *Do*mingo, que todo gaſtava em oraſſaõ, ligaõ eſpiritual, & outras devaſſoens; eſte era o quarto do mez, por haver neſte dia jubileo em a noſſa Igreja, & ſe expor o Sanctiſſimo, aquem tinha eſpecial devaſſaõ. Os oito dias de Exercicios de Sancto Ignacio eraõ pera elle a melhor recreaſſaõ das ferias; nas ultimas, em que foi pera Lisboa, depois de ter huns Exercicios em Evora, aſſim que chegou a Lisboa, teve logo outros.

8 Da Virgem Senhora foi devotiſſimo, em ſinal de ſua eſcrava vidaõ trazia no braço huma cadea. Todos os dias dava eſpeciais graças a Deos, por lhe ter dado por May aquella, que eſcolhera pera o ſer de ſeu Sanctiſſimo filho. Das virtudes deſta May, & Senhora fallava com grande amor, & fervor. Nos ſabbados hia muytas vezes fallar cõ os Irmaõs Noviſſos metendo pratica das prerogativas da Senhora, a quem era dedicado aquelle dia.

9 Alem da ſua coroa, lhe reſava o ſeu officio ſempre de joelhos, ou em pé. Por mais de dous annos fez em Evora officio de Sacriſtaõ da capellinha de noſſa Senhora da Conceyçaõ, fazia eſta ocupaſſaõ com grande cuidado de agradar á Senhora, dando por muyto bem empregado todo o tempo, que alli gaſtava. Em todas as veſporas das feſtas

feſtas deſta Senhora pedia licença, pera tomar diſciplina nas coſtas, & quando ſe lhe negava, ſuppria a falta deſta cõ outras mortificaçoens.

10 Quando aſſiſtio na miſſaõ de Almondouvar, ſoube, em como todos os dias ſe rezava a còros em huma Igreja o terço da Senhora. Aſſentou conſigo aſſiſtir a eſta devaſſaõ; & aſſim o fez. Mas como duraſſe muyto tempo, & ſempre de joelhos, & o Irmaõ foſſe tenue de forças, algũas vezes cahio em terra deſmaiado, & foi tantas vezes, que doendoſe diſſo os prezentes, deraõ conta ao Padre, o qual lhe moderou aquella poſtura. No fim do terço contava ſempre hum exemplo da Senhora, com que mais afervorava a todos.

11 Na obſervancia dos votos religioſos foi exactiſſimo. Sua pureza era em tudo Angelical. Hum Padre, que o confeſſou por algum tempo, certificou, naõ tivera penſamento, que de muy longe offendeſſe o mimo deſta virtude. Outro, que tambem foi ſeu Confeſſor, affirmou, que a pureza deſte ſervo de Deos paſſara os limites da humana. Della he bom indicio a grande modeſtia, com que ſe ouve em todas ſuas acçoens. Se em ſua prezença ſuccedia cahir alguma palavra, que tiveſſe algum longe de indecencia, todo o roſto ſe lhe corava com o pejo, final evidente, de quãto ſeu animo aborrecia ſemelhantes diſſonancias.

12 Na pobreza tambem foi eſtremado: as ſuas riquezas eraõ huma imagem de papel, os ſeus manuſcriptos, & algum livrinho, que por premio ſe lhe tinha dado nas compoſiçoens. Nos veſtidos ſe alegrava com os mais pobres; & por fazer obſequio à ſancta pobreza naõ uſava de candea particular, mas eſtudava à de ſeu companheiro. Naõ havia couſa por minima, que foſſe, da qual uſaſſe, deſſe, ou recebeſſe, ſem primeiro pedir licença a ſeu Superior. Da ſancta obediencia nunca ſe afaſtou em couſa alguma, executando o promptamente, quanto neſta materia diſpoem as noſſas regras, & inſtituto: querendo sò, o que era do agrado de ſeus Superiores, ſem moſtrar genero algum de vontade repugnante.

13 De ſua grande mortificaſſaõ ja diſſemos algũa couſa. Depois de ſahir do Noviciado muytas vezes comia no chaõ, em pé, ou de joelhos, & de eſmolas. Outras hia a comer entre os pobres da portaria, & depois chegava com o ſeu

o seu pobre à fonte publica pera beberem, dandolhe o primeiro lugar. Outras vezes sahia em corpo pella Cidade, pedindo esmola pera os prezos. Outras hia com o Comprador do Collegio à feira, & trazia sobre seus hombros o provimento, que se comprava. Nunca deyxou de tomar a disciplina antes de se recolher. Por estar achacado o cõpanheiro, & se deytar mais cedo, se disciplinava na Igreja, ou em huma das capellas do Collegio. Succedeo huma noyte achar ambas fechadas, vendose em grande perplexidade, se desembaraçou, pedindo ao Irmaõ Sottominiſtro, permittisse, tomar a disciplina no seu cubiculo; com o que ficou satisfeita a sua ansia, & dezejo. Quasi todas as sestas feiras usava de cilicio em honra da payxaõ, como tambem nos dias, em que cõmungava.

14 De sua caridade podemos dizer, tinha, o que nella quer S. Paulo. Era muy sofrido: com menos cautella se disse delle huma cousa pezada; quando o soube, levantando os olhos ao Ceo só pronunciou estas palavras: Muyto mais sofrestes por mim, meu Senhor JESU Christo. Sabendo disto hum Padre, o persuadio, a se queyxar; porem elle respondeo: Que se naõ atrevia, a ser occasiaõ de disgosto a pessoa viva. Nunca murmurou das acçoens alheas, antes se em prezença sua se referiaõ alguns defeitos, elle costumava referir alguma virtude, com que dourar o bom nome do tal sogeito.

15 Dezejou muyto hir às missoens da India, & destas fallava com grande fervor. Se lhe diziaõ, naõ conseguiria licença por causa das poucas forças, dava tantas razoens, que convencia, como se desta materia fizesse estudo especial. Indo peregrinar com outros Novissos, lhe disseraõ, que em certo lugar estava hum enfermo, que despedia de si tal cheiro, que ninguem o podia tolerar. Foraõ lâ os Novissos, os outros enjoando logo, se retiraraõ, porem o Irmaõ Bernardo chegandose junto delle, por largo espasso o esteve consolando; & lhe deyxou alguns doces, que por esmola lhe tinhaõ dado.

16 O grande zelo de salvar almas, virtude tanto dos filhos da Companhia, foi muy singular neste sancto Irmaõ. Em Coimbra, depois de ser Novisso, sahio muytas vezes nos dias sanctos, & Domingos pellos lugares visinhos hũa, & duas legoas a ensinar a sancta doutrina. No tempo das ferias

ferias dava mais largas a este fervor. Alguma vez discorreo á pé por espaço de quarenta legoas, & terras fragozas, occupandose neste sancto ministerio, vivendo das esmolas, que pedia pellas portas. Indo huma vez pella Cidade de Coimbra, pedindo esmola pera os prezos, topou com hum grande concurso, aonde a gente se entretinha em hũ festejo profano. Vendo isto o Irmaõ Bernardo se avisinhou, & subindo em hum lugar eminente, fez huma doutrina com tanto fervor, que o auditorio poz nelle os olhos, & as attẽçoens, tirandoas do desenfado ocioso, & se cõpungio muyto do desengano de suas razoens, admirandose da confiança sancta, com que se entremetera.

17 Em Evora, porque a tezidaõ do estio naõ dava lugar a peregrinaçoens compridas no tempo das ferias, sahia pellas freguezias do termo, sustentãdose com algum pedaço de paõ, & fruta, que levava na algibeira, por naõ ser molesto aos rusticos com pedir. Nesta forma discorria duas, & tres legoas ensinando, & explicando os mysterios de nossa sancta fé.

18 Com estes exercicios de virtudes se tinha o Irmaõ Bernardo adiantado muyto, quando acabou o estudo da Philosophia. Consideradas suas boas prendas, dignas de magisterio em algumas das melhores Academias, foi mandado ensinar gramatica na setima classe do Collegio de Sancto Antaõ. Alli chegou no fim de Agosto, & no primeiro dia de Outubro tomou posse da sua classe, na tarde desse mesmo dia se apoderou delle a doença, de que morreo.

19 Sobrevieraõlhe huns crueis crescimentos, sofria com grande paciencia, resignandose todo nas maõs, & võtade de Deos. Agradecia muyto ao enfermeiro o trabalho, que com elle tinha. Tanto que os Medicos desconfiaraõ de sua vida, hum Padre o avisou do perigo, em que estava; alegrouse com a nova; depois della entrando a visitalo hum Mestre seu grande amigo em o Senhor; lhe disse o enfermo, lhe queria dar huma boa nova, perguntando, q̃ tal. Agora, disse, me avisaraõ pera morrer, & posto que he com poucos annos de idade, estou muyto contente; por ser esta a vontade de Deos. Depois de recebidos com todas as mostras de piedade os Sacramentos, entregou sua alma nas maõs de Deos em Lisboa aos 24 de Outubro de 1658.

Digitized by Google

1658, tendo de idade vinte, & quatro annos, & seſſenta, & quatro dias, de Companhia oito annos, & sinco mezes. Sua vida escreveo o Padre Adriaõ Pedro seu contemporaneo.

CAPITULO XXXVIII.

Vida do Veneravel Padre Franciſco Pimentel Miſſionario de Tunquim.

Em Tunquim aos 5. de Setemb. de 1675.

1 O Veneravel Padre Franciſco Pimentel foi dos operarios mais illuſtres, que teve a glorioſa miſſaõ de Tunquim, homem na vida, & depois da morte tido, & avido por ſancto. O ſeu ſepulcro he naquellas terras glorioſo, como tal, he viſitado pellos Chriſtaõs, que alli recebem grandes mercés de Deos em premio de ſua devaſſaõ. A patria deſte excellente Miſſionario foi a villa de Arganil no Biſpado de Coimbra. Chamaraõſe ſeus pays Luis de Macedo Pimentel, & Ana Caldeyra, entrou na Companhia em Lisboa ao primeiro de Fevereiro de mil ſeiſcentos, quarenta, & oito. No anno de mil ſeiſcentos ſeſſenta, & hum ſe embarcou pera a India; aonde fez a Deos grandes ſerviſſos nos miniſterios da Companhia.

2 Tinha-o Deos deſtinado pera a miſſaõ de Tunquim, naqual em poucos annos avultou muyto o ſeu trabalho. Tunquim, & Cochinchina ſaõ dous Reynos de terra firme continuados com o grande imperio da China, a quem foraõ em algum tempo ſogeitos, em ambos tem o Collegio de Macao glorioſiſſimas miſſoẽs. No tempo, que o Padre Franciſco Pimentel ſe embarcou pera aquelle Reyno, naõ ſe permittia prégar alli a Fé de Chriſto. Só dous da Companhia nelle andavaõ occultos, o Padre Domingos Fucití Italiano, & o Irmaõ Ignacio Martins de naçaõ Tunquim. O Padre Philippe Marino Italiano, tendo ido às claras no barco de Macao, na retirada outra ves pera Macao naufragou, & eſcapando com vida, eſtava como eſperando monçaõ, pera ſe embarcar.

3 Os Portuguezes, que navegavaõ àquelle Reyno, coſtumavaõ levar como por capellaõ a hum Padre, perſuadindo aos naturais, que eſte era o ſeu coſtume; & no tem-

pio, que alli se detinhaõ, podia o Padre pela calada fomentar os Christaõs, & tomar o pulso ao estado das cousas. No anno de 1673 aos 4 de Março chegaraõ a Tunquim os Padres Manoel Ferreira natural de Lisboa, & o Padre Francisco Pimentel. Foraõ disfarçados em traje de mercadores Portuguezes, & com este disfarce tinhaõ tençaõ de se deyxar ficar em Tunquim.

4 No porto de Hien acharaõ ao Padre Philippe Marino, a quem os gentios tinhaõ com cautela, athe aver embarcaçaõ, em que voltasse pera Macao. Trataraõ os dous Padres de como aviaõ de ficar em Tunquim, o Padre Marino resolveo ficassem em Hien em traje de mercadores Portuguezes. Logo, que os principais dos Christaõs souberaõ a determinaçaõ, a procuraraõ encontrar; como chea de inconvenientes. Escreveraõ huma carta, em que davaõ as muytas razoens todas cheas de pezo, que avia, pera os Padres naõ ficarem às claras no tal traje, mas escondidos, & que elles tomavaõ sobre si este cuidado. Todas as razoens, que naõ refiro, por evitar prolixidade, eraõ muy eficazes; mas ainda assim o Padre Marino, que era o Superior, foi de parecer, que os Padres, ou ficassem com disfarce de mercadores, ou voltassem com elle pera Macao.

5 Brevemente mostrou Deos, que o parecer dos Christaõs era o do seu serviço, & agrado: pois por modos naõ imaginados lhes cumprio os seus dezejos. Neste mesmo tempo dous marinheiros do barco de Macao, instigados pello Demonio, permittindoo assim Deos pera o fim, que pertendia, foraõ, ao Mandarim do porto, & lhe disseraõ, como de Macao tinhaõ vindo dous Padres disfarçados, pera ficarem em Tunquim, & lhe deraõ juntamente os sinais, por onde os podia conhecer.

6 O Mandarim avisou sem demora a el-Rey, este respondeo, que logo lhe enviasse à Corte aos dous Padres jũramente com o Padre Philippe Marino. Foraõ notificados os Padres, pera irem à Corte dar razaõ de si, pois eraõ acusados. Todos se prepararaõ pera o Martyrio, porque o cazo era de morte. Tanto que chegaraõ à Corte, ordenou el-Rey a hum Mandarim, que os prendesse, & depois lhes processasse a causa. Logo poz em grilhoẽs aos Padres Manoel Ferreira, & Francisco Pimentel; indo pera calçar os machos nos pés do Padre Marino, o Padre pedio, que

lhe

lhe mandaſſe tambem vir huma cadea pera o peſcoſſo, & outra pera as maõs; ficou o Mandarim aſſombrado com tal petiſſaõ; logo mandou aos ſeus officiais, que tiraſſem ao Padre Marino os machos dos pés, porque tinha perdido o juizo.

7 Com os outros dous Padres quis o Mandarim uſar de toda a crueldade, condenou-os, a ſerem açoutados. Mãdoulhes, que deſcobriſſem, onde tinhaõ os ornamentos ſagrados. Pera os aterrar, fez vir fogo, & tenazes abrazadas, comque os ameaçava; & que dentro de quatro dias ſeriaõ degolados, ſenaõ fizeſſem, o que ſe lhes ordenava. Jâ eſtavaõ deſpidos, pera ſerem açoutados; quando Deos os livrou deſte tormento; porque ſabendo huma ſenhora Chriſtãa dama do paço as crueldades do Mandarim, lhe mandou dizer, que viſſe lâ como tratava aquelles Padres Portuguezes, porque eſtavaõ debayxo do ſeu patrocinio. Vendoſe ameaçado, deſiſtio dos açoutes, & mandou veſtir os Padres.

8 Finalmente eſtando jâ o barco de Macao, pera partir, mandou el-Rey ſahir os Padres da prizaõ, pera ſe embarcarem todos tres, & mandou dizer aos meſmos Padres, que naõ vieſſem mais a Tunquim, porque naõ lhes poderia ſer bom, vindo, & caindo outra vez nas mãos dos Mandarins. Embarcados os Padres, trataraõ os Chriſtãos, de buſcar alguma via, pera que pello menos hum dos dous ficaſſe eſcondido em Tunquim. Hum Chriſtaõ, que morava junto do mar, ſe offereceo, a eſconder ao Padre Manoel Ferreira, porque a dous ſe naõ atreveo. Deuſe eſta ordem, que ſaindo o barco ao mar, pera fazer viagem, de noyte no batel foſſe o Padre a certo lugar, onde os Chriſtãos o eſtariaõ eſperando. Mas, como o barco ſahia jâ tarde, ſe ordenou ao Padre Manoel Ferreira, que naõ ſahiſſe daquelle poſto athe certo tempo: porque ſe a cazo ſuccedeſſe, que o barco arribaſſe, & por cauſa dos tempos naõ continuaſſe a viagem, o batel tornaſſe a meter o Padre no barco, pera q̃ entrando no porto, ſe naõ achaſſe menos.

9 Tudo ſe executou, como ſe tinha diſpoſto. O Padre Manoel Ferreyra eſperou no lugar aſſinado, o barco arribou, & o batel tornou a recolher o Padre; & ſe meteo no porto. Quando o barco ouve outra vez de ſe partir, julgaraõ os Chriſtaõs, que tambem pelo modo ditto podia ficar

car o Padre Pimentel. Por tanto ſaindo o barco de tarde pera fora, de noyte ſe chegou a terra, & deitou fora aos dous Padres. Os Chriſtãos, que os eſperavaõ, os receberaõ com ſingular caridade, & amor; & os levaraõ a huma aldea toda de Chriſtãos, que ſe chamava Bodia.

10 Aqui ficou o Padre Franciſco Pimentel. O Padre Manoel Ferreira com grande riſco foi atraveſſando todo o Reyno, athe chegar à provincia de Neghean, que confina com a Cochinchina. Alli eſteve por eſpaço de dous annos, tendo cuidado de toda aquella Chriſtandade, em que bautizou por ſuas mãos a mais de quatro mil almas. Foi o Padre Ferreira homem de muyta virtude, & grandes talentos. Depois veyo por ordem do Sũmo Pontifice da India a Roma com o veneravel Padre, & dittozo Martyr Jozeph Candoni. Naõ paſſou de Portugal, onde eſteve, athe voltar outra vez pera a ſua Provincia, onde morreo ſanctamente. Praticando no Collegio de Evora, diſſe pera conſolaſſaõ dos ouvintes, que elle com ſuas mãos tinha bautizado a mais de vinte mil almas.

11 O Padre Franciſco Pimentel dentro dos dous annos confeſſou, & bautizou a tantos na Provincia do Leſte, que de puro canſaſſo, mais que de outra doença, veyo a falecer aos finco de Setembro de mil ſeiſcentos ſetenta, & finco, tendo 44 annos de idade. Foi extraordinario o ſentimento da Chriſtandade, que o venerava por ſancto. He fama conſtante, que na hora da morte lhe aparecera Chriſto Senhor Noſſo, & a Virgem Senhora em companhia de muytos ſanctos da gloria todos veſtidos de branco, pera o levarem conſigo. Naõ pude alcançar noticias mais meudas das acçoens de virtude deſte dittoſo Padre. Só me lembra, que aſſim ao Padre Manoel Ferreira ſeu companheiro; quando veyo a Portugal, como ao Padre Diogo Vidal Miſſionario de Tunquim, quando veyo a Roma por Procurador, a ambos ouvi falar do Padre Franciſco Pimentel, como de homem tido por ſancto pellos Chriſtaõs de Tunquim; & como tal invocado em ſeus apertos.

12 Manifeſtou Deos a virtude deſte ſeu ſervo com algumas couſas raras depois da ſua morte. No anno de 1682 apareceo glorioſo, & ornado de muytos reſplandores a hum Chriſtaõ chamado Raphael natural da aldea Bâ, onde ſeu corpo eſtá enterrado. Pediolhe o glorioſo Padre, q

tras-

trasladaſſe ſeus oſſos do cayxaõ, em que os tinha enterrado, pera outro de pedra, aonde ficaſſem depoſitados.

13 Agradecido Raphael ao Padre de lhe aparecer cõ tanta gloria, & de lhe fazer a elle, & naõ a outro taõ ſingular favor, lhe prometeo, de logo dar à execuſſaõ a petiſſaõ, que lhe fazia. Por tanto mandou fazer hum cayxaõ de pedra, & feito elle, deſenterrou o cayxaõ de madeyra, em q̃ eſtavaõ os oſſos, & fazendolhe reverencia, os paſſou ao cayxaõ de pedra com grande reſpeito, & o enterrou no meſmo lugar, em que eſtava o de madeira.

14 Conſiderando Raphael muyto entre ſi, que myſterio teria o bemditto Padre, em mandar paſſar ſeus oſſos do cayxaõ de madeira pera o cayxaõ de pedra, & aſſentando conſigo, que naõ carecia de myſterio, ſentio dentro de ſi hum impulſo ſuperior. Determinou abrir o cayxaõ, pera ſaber o efeito. No anno de 1689, aſſiſtindo muytos Chriſtaõs, que elle a eſte fim tinha convidado, deſenterrou o cayxaõ, & aberta a tampa, que tambem era de pedra, tudo muy bem ajuſtado, & tapado como o enterrara; acharaõ, cazo prodigioſo! todo o cayxaõ cheyo de hum oleo claro, & liquido com os veneraveis oſſos todos muy freſcos, & cheyroſos.

15 Admirados com taõ novo prodigio, examinaraõ ſe por alguma parte do cayxaõ pudeſſe entrar agoa, ou outro licor, que ſe converteſſe no oleo; naõ achando, por mais exames, que fizeraõ, parte alguma do cayxaõ, por onde pudeſſe entrar humidade, por eſtar muy bem tapado, & abetumado, aſſentaraõ todos ſer oleo milagroſo, gerado dos meſmos oſſos; os quais lançavaõ de ſi grande cheiro, & fragrancia; & que eſte era o fim, porque o Padre pedira a Raphael, paſſaſſe ſeus oſſos pera o cayxaõ de pedra. Julgaraõ, que taõ ſoberano oleo naõ podia deyxar de ter efeitos milagroſos, que redundaſſem em bem de todos.

16 Logo trouxeraõ varios vazos, nos quais recolheraõ o oleo; & deyxando com muyta decencia os oſſos no meſmo cayxaõ, o tornaraõ a tapar, & enterrar no meſmo lugar, onde antes eſtava. Alli concorrem os Chriſtaõs de varias Provincias ao viſitar, & invocar em ſeus trabalhos, & neceſſidades. Tanto que ſe divulgou o grande tezouro, que ſe tinha achado no ſepulchro deſte ſervo de Deos, foraõ

raõ tantos os Chriſtãos de outras aldeas, que vieraõ naõ ſó a ver, & venerar, ſenaõ tambem a buſcar, & pedir o maravilhoſo oleo, que rara foi a aldea, que naõ levaſſe ſeu pouco.

17 Começſou logo Deos a obrar por elle maravilhas; applicaraõno a crianças doentes de ſarna, & chagas, & untadas logo ſaravaõ. Das crianças paſſaraõ aos homens enfermos de poſtemas, & chagas encanceradas, & com o meſmo efeito ſararaõ todos de repente. Como neſte anno morreſſe muyto gado de certos inchaços, & poſtemas, a quantas bufaras, & vacas untaraõ com o maravilhoſo oleo, todas ſararaõ de repente.

18 Correndo pois por todas as Provincias a fama deſte oleo, foraõ tantos os Chriſtaõs, que o vinhaõ pedir, que repartindoſe com muytos delles, ainda aſſim durou o milagrozo oleo tres annos. No anno de 1692 ſe acabou o ultimo, que reſtava, tendo niſſo os Chriſtãos geral ſentimẽto, que o veneravaõ naõ ſó como precioſa reliquia, mas o eſtimavaõ como efficax medicina contra todas as enfermidades.

19 Pellos annos de 1695, como ſe tiveſſe acabado o oleo, & os Chriſtaõs fizeſſem grandes inſtancias, pera ſe tornar a abrir o ſepulchro deſte ſervo de Deos, o Padre Iſidoro Luci da noſſa Companhia condeſcendeo com a devaçaõ dos Chriſtaõs. Abrindo pois ſegunda vez a ſepultura, achou eſtar chea do meſmo oleo, com o qual encheo algũs boyoẽs, & tornou a fechar a ſepultura. Repartido aos Chriſtãos começſou a obrar as coſtumadas maravilhas.

20 Paſſando o Veneravel Padre Franciſco Nogeuyra Provincial da Companhia pella Provincia do Leſte, falou com huma molher, em que eſte milagroſo oleo obrou hum cazo eſtupendo. Eſtava enferma de febres, das quais padeceo muyto, & chegou às portas da morte. Depois de fazer ſem proveito muytas meſinhas, lembroulhe, que tinha em ſeu poder algum deſte oleo. Entaõ ſe encomendou de coraſſaõ ao Padre Franciſco Pimentel, rezandolhe finco Padres noſſos, & Ave Marias, logo bebeo o milagroſo oleo, & de repente ficou faã de todo, com todas as forças reſtituidas a ſeu vigor; & taõ valente, que em amanhecendo, por ſer quinta feira de Endoenças, foi a pé hum dia de caminho a buſcar o Padre Luci, pera ſe confeſſar, & cõmũgar;

Digitized by Google

gar; referindolhe o cazo, ficaraõ todos admirados, & o Padre Luci o juſtificou com muytas teſtimunhas. Com eſta & ſemelhantes maravilhas acredita Deos a ſanctidade deſte ſeu ſervo, & confirma na Fê aquelles neofitos.

21 O Veneravel Padre Franciſco Nogueyra voltando de Tunquim pera Macao trouxe conſigo deſte oleo. Divulgouſe na Cidade a ſua virtude. Foi ao noſſo Collegio Pedro Vas de Sequeira hum dos principais mercadores de Macao, pedio ao Padre Provincial parte do oleo. Tinha em ſua caza hum menino com huma belida em hum dos olhos; applicoulhe o oleo, & dentro de poucos dias deſapareceo totalmente a belida. Hum moço tinha no peſcoſſo hum cruel inchaſſo, que lhe cauſava exceſſivas dores, ſem obedecer a mezinha alguma das muytas, que ſe lhe tinhaõ applicado: acodiolhe Pedro Vas com o bemdito oleo, ceſſou logo toda a dor, & ſarou, ſem lhe ficar leſaõ alguma.

CAPITULO XXXIX.

Noticia do Padre Manoel Ferreira Miſſionario de Tunquim. *Em Tunquim*

1 VIſto fallar neſta vida do Padre Franciſco Pimentel no Padre Manoel Ferreira ſeu grande amigo, & companheiro, direi deſte fervorozo miſſionario, o que achei eſcritto, que ſei he muy pouco, pera o muyto, que obrou. Naceo em Lisboa, ſeus pays ſe chamaraõ Andre Dias, & Barbara Ferreira, em Lisboa entrou na Companhia aos 7 de Junho de 1647, tendo dezaſeis annos de idade. Era homem de grandes talentos, ſoube com primor as faculdades, que eſtudou; o talento pera os pulpitos era ſingular. Poeta latino muy apurado. Sendo Meſtre de latim no Collegio de Sancto Antaõ, o chamou Deos pera as miſſoens do Oriente com modo particular. Eſtava na livraria a tempo, que nella entrou hum Procurador das miſſoẽs, entendendo com elle, lhe diſſe por graça, que faz, Meſtre, porque naõ vai pera as miſſoẽs, quer morrer aqui como carrapato na lã? Com eſta palavra ſe explicou. Póz Deos nella tal virtude, que o Meſtre comeſſou a meditar conſigo hũa, & ou-

& outra vez, quanto melhor ſeria ſahir da patria, pera ſalvar almas, que morrer nella, como aquelle bichinho na lã, onde ſe cria, & apodrece. Finalmente tomou reſoluçaõ, de ir pera as miſſoẽs, aſſim o executou no anno de 1658.

2 Entrou na Miſſaõ do Reyno de Tunquim com o Padre Franciſco Pimentel pello modo, que fica referido, eſteve tambem prezo pella Fê, & em grilhoẽs, & a ponto de ſer martyrizado, como fica ditto. Deu Noſſo Senhor muyto, que ſofrer a eſte ſeu ſervo com huns Miſſionarios Francezes, que ſe introduziraõ naquella miſſaõ, & fũdaraõ todo o ſeu ſucceſſo em deſacreditar a Companhia, & em deſterrar da miſlaõ aos ſeus Religioſos, que a tinhaõ criado, & com ſeus ſuores a regavaõ no meyo de innumeraveis perſeguiçoẽs, ſendo eſta a maior, que padeceraõ.

3 Hiaõ eſtes homens armados com poderes da ſancta congregaçaõ de propaganda fide; os quais applicavaõ, como lhe toava, ſem attender a razaõ, nem ao direito dos Sereniſſimos Reys de Portugal, a cujo padroado pertencem aquelles Reynos do Oriente. Reſiſtio a ſuas inſolencias cõ animo intrepido o Padre Manoel Ferreira, moſtrando com evidencia, quam deſencaminhados eraõ ſeus intentos.

4 Hum dos capitulos, que deraõ contra elle, foi que por muitos annos deixara ſó, & ſem paſtor a mais de cem Igrejas de Chriſtaõs na Provincia de Neghean, com hum catequiſta ignorantiſſimo. Reſpondeo o Padre desfazendo eſta valente mentira, com eſtas palavras: *Eu por muytos annos deixei os Chriſtaõs de Neghean? Ouçaõ todos com attençaõ, o que paſſou. Pellos fins do anno de 1673 no mez de Novembro entrei a primeira vez na Provincia de Neghean. No tal anno naõ ſabi della. No anno de 1674 nem por hum ſõ dia eſtive fora de Neghean. No anno de 1675 ſõ eſtive fora deſta Provincia hum mez, no qual me foi neceſſario, ir ter com meu Superior o Padre Domingos Fuciti na aldea Quebõ. Sõ no año de 1676 ſahi della por occaſiaõ de ſer Superior, & aver por cauſa do officio de viſitar as Igrejas. No meſmo anno tornaria a ella, ſenaõ fora a infermidade, que me ſobreveyo, da qual mal convalecido no anno ſeguinte de 1677 no mez de Mayo voltei a Neghean, & alli eſtive athe o mez de Novembro do meſmo anno.*

5 *Eſta he a verdade, tenho por teſtimanhas a mais de finco mil Chriſtaõs, que com minhas maõs bautizei na Provincia*

de

de Neghean, naquelles muitos annos, em que affirmam, que eu eſtivera fora de Neghean. Como os adverſarios acrecentaſſem, que por cauſa da ſua auzencia, tinhaõ fallecido innumeraveis Chriſtaõs miſeravelmente, moſtrou o Padre, que dentro daquelle tempo ſó morreraõ quatro Chriſtãos homens de vida innocente. Quanto ao Catequiſta, em dizerem, que era ignorantiſſimo: reſpondeo, que como com verdade tal couſa podiaõ dizer, pois o naõ tinhaõ examinado; ſendo elle em ſi hum dos Catequiſtas de melhores coſtumes, & deſtro, no que profeſſava. Acodio tambem dizendo, que na tal Provincia avia hum Sacerdote Tunquim por elles poſto, & que elle nunca aos Chriſtãos prohibira confeſſarſe com os Sacerdotes naturais da terra, aſſim como hum ſeu parocho Tunquinenſe na meſma Provincia tinha dado juramento, aos que o ſeguiaõ, de nunca jâ mais ſe confeſſarem com Padres da Companhia. Deyxo as mais accuſaçoẽs, que eraõ com ſemelhante verdade, & teor.

6 Quizeraõ eſtes homens obrigar ao Padre, que naõ ſahiſſe de certo deſtricto de terras, que lhe aſſignavaõ; & como elle em tal couſa naõ quizeſſe vir, pois iſſo era contra o padroado del-Rey de Portugal, & os tempos eraõ tais, que a elle, pera naõ cahir nas mãos de gentios, lhe era neceſſario, naõ aquentar lugar; taes couſas delle, & dos outros da Companhia eſcreveraõ a Roma, que o Padre foi obrigado pello Sũmo Pontifice a vir a Europa, paſſando immenſos mares, & perigos, por naõ faltar a taõ rigoroſa obediencia.

7 Veyo a Portugal, el-Rey naõ quis, que foſſe a Roma. De Lisboa voltou pera Macao no anno de 1694 ſendo muy velho, & cortado com tantas navegaçoẽs; mas o amor, que tinha à ſua miſſaõ, o naõ deyxava acquietar fora della. No anno de 1696 jâ em Abril eſtava na ſua miſſaõ de Tunquim, onde neſte anno, & mez entrou em Cõpanhia do veneravel Padre Franciſco Nogueyra, entaõ Provincial. O Padre Manoel Ferreyra ſe meteo pella terra entre os ſeus Chriſtãos diſſimuladamente. Fez eſte caminho por terra. Trabalhou alli com o zelo, que antes o fizera, vivendo ſempre occulto, andando de huns em outros lugares.

8 Lembrame, ouvirlhe, contar, como em certa occa-

ziaõ eſtando huma menina filha de huma gentia à morte, & pera eſpirar, o Padre ſe fez Medico, & chegandoſe à criancinha com hum lenço de agoa, a bautizou. No dia ſeguinte paſſando pella meſma caza perguntou, que foſſe feito da menina, entaõ lha moſtraraõ na rua, andava brincando com as outras da ſua idade; ficou o Padre admirado, attribuindo eſte prodigio à virtude do ſãcto bautiſmo. Logo diſſe aos Chriſtãos, tiveſſem nella cuidado, porque era bautizada, pera que vindo os annos da razaõ, lhe lembraſſem as obrigaçoẽs, em que eſtava a Deos, pois lhe dera vida taõ milagroſa por meyo do ſancto bautiſmo. Tendo ſervido a Deos tantos annos, falleceo ſanctamente entre os ſeus Chriſtãos, dos quais tinha bautizado muytos milhares, como na vida do Padre Pimentel fica apontado. Por me naõ virem à maõ mais noticias deſte ſervo de Deos, me contento com deyxar aqui delle eſta pequena lembrança, que poderâ a alguem ſer de deſpertador, pera fazer delle larga narração, pois he certo, naõ cabem ſuas obras em pouco papel. Tambem naõ tive noticia do anno, mez, & dia de ſua morte, nos livros da vida eſtaraõ com caracteres mais preciozos, que o ouro.

CAPITULO XXXX.

Dos Padres Luis Dias, & Manoel Caſtellaõ.

Em Evora aos 29. de Dezembro de 1688.

1 VIſto naõ ter noticias mais diffuſas, naõ quero, que deyxẽ de ficar aqui em memoria duas couſas muy notaveis de dous Padres, que em noſſos dias falleceraõ no Collegio de Evora, & ambos foraõ Noviços neſta caſa de Lisboa. Hum delles he o Padre Luis Dias Coadjutor eſpiritual. Naſceo na villa de Serpa no Arcebiſpado de Evora, tendo vinte annos de idade entrou na Companhia em Lisboa aos nove de Mayo de 1623. Foi homem ſempre edificativo, mui calado, & obediẽte. Em toda a occupaçaõ, onde o metiaõ, ſe acomodava, ſem moſtrar diſſabor algum. Porque elle a todas ſubſtituia, ora em hũas, ora em outras, diziaõ por graça, que era como cambo de cozinha, que ſerve pera nelle ſe dependurar, quanto ha na officina, ſem o cambo a nada afaſtar de ſi.

2 Te-

2 Teve trato familiar com Deos. O ſeu muito ſilencio nos encobrio ſuas virtudes. Depois de ſer morto diſſe o Padre Manoel Correa, que foi aſſiſtente em Roma, Cõfeſſor do Padre Luis Dias, que elle tinha tanta familiaridade com Saõ Jozeph, que fallava com elle todas as vezes, q̃ queria, bem como hum amigo com outro amigo. Succedia iſto na capella das enfermarias do Collegio de Evora, onde ha huma mui devota imagem do Sancto, & por eſta he, que fallava com o Padre. Por eſte ſucceſſo, de que ſe naõ duvida, pello dizer homem taõ grave, he tida aquella devota imagem em mais particular veneraçaõ. O meſmo affirmou o Padre Andre Vâs, que tambem foi Provincial, & Confeſſor do Padre Luis Dias.

3 Na carta Annua da provincia tem eſte elogio: No ſeu eſtado foi o Padre Luis Dias taõ perfeito, que ſe pode aſſinar por exemplo aos do ſeu grao. Teve em grao ſubido a virtude da humildade, ſobre o qual como em fundamento levãtou o edificio da obſervancia: Quem mais obediente, que elle? Qualquer minima ſignificaſſaõ da vontade dos Superiores foi pera elle como hum preceito.

4 Quem na caridade mais abrazado? Era nelle ſũmo o cuidado em ajudar à todos. Quem na oraſſaõ mais continuo? Eſta era o ſeu ſuſtento, & lhe dava muito tempo aſſim de dia, como de noite. Quem mais pobre? Todas as couſas do mundo teve em nada. Por iſſo foi em todos grãde a opiniaõ, que ſe teve de ſua virtude.

5 No Collegio de Evora viveo muytos annos, humas vezes ſendo Procurador, outras Miniſtro, outras Secretario da Univerſidade. Eſtes officios fez com tal exacçaõ, q̃ ninguem teve com rezaõ, que dizer delle. Foi inimiciſſimo de murmurar, ſe em ſua prezença alguem tal couſa fazia, logo atalhava a pratica, & iſto com tanta deſtreza, que quaſi naõ parecia, ſer couſa de propoſito, mas digreſſaõ caſual. Que couſa foſſe ira, ou ſoberba, elle o naõ ſoube.

6 Entre dia viſitava muitas vezes ao Sanctiſſimo Sacramento, & à Senhora na ſua capella. Levava com tanta paciencia os trabalhos, & moleſtias, que lhe vinhaõ por caſa, que parecia ſer homem inſenſivel. Tendo grandes dores de eſtamago, naõ dava hum ay, com que as aliviar. Eſtas couſas ſe dizem delle na carta Annua. Falleceo no Collegio de Evora em ſancta velhice, por cauſa da qual eſ-

tava apoſentado na enfermaria no cubiculo, que faz o lado ao norte do retrete de frõte da capellinha, onde eſtâ a imagem de Saõ Jozeph, diante do qual gaſtava muitas horas. Sua morte foi aos 29. de Dezembro de 1688.

Em Evora aos 12 de Janeyro de 1694.

7 O outro Padre ſe chamava *Manoel Caſtellaõ* natural da Cidade de Coimbra. Entrou na Companhia em Lisboa aos 27. de Fevereiro de 1647. Foi homem muyto amigo do retiro, & ſilencio. Seu amor à ſancta pobreza era notavel. Elle remendava com ſuas maõs os ſeus veſtidos interiores, recolhendo pera iſſo os pedacinhos de pano inuteis, que por naõ ſervirem, lançavaõ fora os alfayates do Collegio. Depois de ſua morte ſe lhe acharaõ huns calçoens, os quais tinhaõ tantos, & taõ meudos remendos, q̃ naõ ſe podia diſtinguir dos remendos a primeira peça, de que foraõ feitos.

8 O Irmaõ roupeiro tomou por curioſidade contalos, & chegando a contar couſa de duzentos, & oitenta, ſe deyxou da ſua curioſidade, porque eraõ muytos mais. Eſta alfaya ſe poz na rouparia do Collegio, pera ſervir de cõfuſaõ, aos que neſta materia ſaõ importunos. Eu a tive nas minhas maõs, & della trouxe huma algibeira pera o Noviciado, que mandei pôr no cubiculo do Irmaõ Sottominiſtro pera edificaçaõ dos Noviços. Nella ſe contavaõ couſa de ſincoenta remendos. Vendoſe os livros da rouparia, ſe achou haver quatorze annos, que ſe lhe deraõ aquelles calçoens. Falleceo ſanctamente em Evora aos 12. de Janeiro de 1694.

CAPITULO XXXXI.

Vida do Padre Ignacio Xavier Miſſionario de Madurê; & do Padre Doutor Antonio Fernandes.

Em Madurê, Setembro de 1680.

1 O Padre Ignacio Xavier foi de naçaõ Inglez, & natural da Cidade de Londres. Sendo de pouca idade por morte de ſeu pay, que aſſim elle, como ſua may, & mais parentes eraõ hereges, ſe deu à mercancia. E ſahio taõ bom mercador, que conhecendo o ineſtimavel preço da precioſa joya da fé Catholica naõ duvidou dar tudo, quanto tinha pella poſſuir. Conhecendo os hereges, que os ti-

os tinha deyxado, lhe cobraraõ grande odio; & levado deſte huma vez lhe tiraraõ à eſpingarda; mas foi Deos ſervido, que erraſſe fogo, pera elle fazer o acerto de ſe abraçar eſtreitamente com Deos na Companhia de JESU, como o fez em o Noviciado de Lisboa ao 1. de Outubro de 1670. tendo 16. pera 17. annos de idade.

2 Depois foi eſtudar ao Collegio de Coimbra, tendo em ſeu penſamento paſſar a Inglaterra, pera ajudar a ſeus naturais, tanto que acabaſſe ſeus eſtudos. Neſte tempo veyo de Maduré a Portugal o Padre Baltezar da Coſta, varaõ excellente nas miſſoens, & de eſpirito Apoſtolico. Reſolveoſe o Padre Ignacio Xavier ſeguir ſeus paſſos, & navegar ao Oriente; aſſim o executou no anno de 1673.

3 O grande eſpirito deſte ſervo de Deos ſe comeſſou a deſcobrir na viagem da India. Ouve muytas, & graves doenças em a nao, das quais como de contagio morreo grande numero. Notouſe, que ſendo tanto o numero dos moribundos, nenhum falleceo ſem o ter à cabeçeira, pera o ajudar a bem morrer. Cauſou ſua caridade neſte miniſterio grande edificaſſaõ a todos, & muyto em particular ao Capitaõ môr Dom Rodrigo da Coſta, que ordenou a ſeus officiais, que na materia dos doentes obedeceſſem ao Padre Ignacio Xavier, como a ſua peſſoa, & lhe deſſem tudo, o que lhes pediſſe pera elles. Se ſe moſtrou diligente enfermeiro pera com os doentes, naõ menos ſe moſtrou zelador da honra de Deos contra os jugadores, aquem tomava as cartas, & as lançava no mar.

4 Levado deſte ſãcto zelo, fazia doutrinas, reprehẽdia aos blaſfemos, & aos q̃ juravaõ. Fazia amizades entre os diſcordes. Em tudo procurava imitar o eſpirito do grande Apoſtolo Saõ Franciſco Xavier. Em ſua conſciencia era taõ apontado, q̃ ja antes de ſer Sacerdote, ſe confeſſava todos os dias. Chegou finalmente à India, & ao Malabar. Depois de acabar alli os ſeus eſtudos, procurou de hir pera a miſſaõ de Madurê. Ouve niſſo ſuas difficuldades, por julgarem os Superiores, ſerem ſuas forças muy deſiguais à aſpereza, & rigor de vida, que ſe profeſſa naquella miſſaõ. Tudo alhanou ſeu grande fervor. Paſſou a Madurê, & no principio do anno de 1680. comeſſou à trabalhar na Reſidencia de Aneicareipaleam, que eſtava em grande deſemparo. Tanto que a ella chegou, como bom paſtor, que ſe eſque-

eſquece de ſi, por tratar de ſuas ovelhas, as foi buſcar por montes, & ſerras. Foi iſto em tempo, que naquellas paragens ſaõ os orvalhos muy nocivos pera todos, & mais pera os eſtrangeiros. Depois de andar naquellas peregrinaçoens pella quareſma, ſe recolheo pera Aneicareipaleaõ. Logo adoeceo gravemente com doença taõ prolongada, que durou athe Setembro. Aſſiſtiolhe a maior parte deſte tempo o Padre Bento Nogueyra, & o Padre Manoel Rodrigues, & nas maõs deſte finalmente eſpirou, ſem a miſſaõ poder lograr os frutos, que ſeu grande eſpirito lhe prometia. A morte foi taõ ſancta, como a vida, que fez na Companhia. Falleceo em Setembro de 1680, tendo trinta, & dous annos de idade.

Em Lõdres aos 13. de Abril de 1674.

5 O Padre Doutor *Antonio Fernandes* foi excellente naõ menos em virtude, que em letras. Naceo na Villa de Evora-monte no Arcebiſpado de Evora. Seus pays ſe chamaraõ Manoel Gonçalves, & Maria Fernandes. Criaraõ a eſte filho com muyta virtude, o natural pera eſta o levava. O ingenho de ſeus principios foi logo moſtrãdo ſua ſingularidade. Em Evora foi aceito na Companhia, & mandado ter ſeu Noviciado em Lisboa. No qual ſe moſtrou em todas ſuas acçoens verdadeiro Noviſſo da Cõpanhia. Nella entrou aos 28. de Agoſto de 1627, tendo dezaſeis annos de idade.

6 Eſtudou em Evora as faculdades, que os da Companhia eſtudamos, alem da lingua latina, ſoube bem as linguas Grega, & Hebrea. Enſinou latim na Ilha terceira, onde procurou mais de aproveitar em virtude a ſeus diſcipulos, que em letras, ſendo que neſtas teve ſingular applicaçaõ; ſeu nome ficou naquella terra mui vivo por longos annos,

7 Depois de eſtudar a ſancta Theologia, enſinou quatro annos Philoſophia na Univerſidade de Coimbra com nome de Meſtre excellente, & virtuoſo, porque aſſim no argumentar, como no defender era a meſma modeſtia. De Coimbra paſſou a Evora, a ſer Lente de Eſcritura. Graduouſe de Doutor na ſancta Theologia aos 24. de Fevereiro de 1651. Era o Padre Antonio Fernandes homem cabal nas faculdades, que eſtudou; por iſſo em toda a parte teve fama de inſigne Meſtre. Tendo explicado em Evora a ſãcta Eſcritura alguns annos, foy mandado enſinar Theologia

gia na cadeira de Prima no Collegio de Sãcto Antaõ. Occupaçaõ, que fez cõ grande eſplendor, & deſta cadeira foi promovido a enſinar no meſmo pateo caſos de conſciencia. Era taõ avultada a opiniaõ, que tinha o ſeu Magiſterio, que nunca aquella aula vio ſemelhante concurſo de ouvintes, pois ſe conta, que naõ cabiaõ no Geral, que naõ tem pequena capacidade. Tambem foi Lente de Prima de Theologia em Evora.

8 Na Corte era conſultado como oraculo nas materias mais graves, & de maior pezo. As peſſoas Reais faziaõ todo o caſo das ſuas reſoluçoens. Aſſiſtindo muytas vezes nos tribunais por rezaõ de ſer conſultado, diziaõ depois os Miniſtros, que naõ ſabiaõ, de que mais ſe admirar, ſe das letras do Padre Antonio Fernandes, ſe da ſua modeſtia, ſẽ em tantos aplauſos, & eſtimaçoens ſe ver nelle o minimo ſinal de preſunçaõ.

9 Succedendo o cazamento da Infanta de Portugal a Senhora Dona Catherina com el-Rey Carlos de Inglaterra, foi eſcolhido por ſeu Confeſſor o Padre Antonio Fernandes, & com aditta Senhora paſſou à quelle Reyno. Em Inglaterra foi ſua vida eſpantoſa athe aos hereges, ſua modeſtia, & ſummiſſaõ eraõ a todos couſa muyto eſpectavel. Nas occaſioens ſolennes, em que o Padre fazia corte à Rainha, era ſua modeſtia rara, naõ havia Noviço mais abotoado nos olhos, do que elle coſtumava eſtar. O Doutor Domingos Barreiros Secretario do Marquez de Arrõches Embaixador de Portugal em Londres, fallãdo do Padre Antonio Fernandes diſſe: que athe os hereges o chamavaõ varaõ ſancto, & Jeſuita inculpavel.

10 El-Rey Carlos de Inglaterra, ainda que herege, o reſpeitava muyto. Em certa occaſiaõ cahindo ao Padre em ſua prezença da maõ o chapeo, el-Rey ſe abayxou ao tomar, pera lho meter na maõ. Tudo, & mais mereciaõ as virtudes deſte Padre. O que lhe crecia no ordenado da Rainha pera ſua ſuſtentaçaõ, o gaſtava com os pobres. Era mui dado à oraſſaõ, & contemplaçaõ.

11 Sua mortificaſſaõ por toda a vida foi grãde, as diſciplinas, que tomava eraõ muyto rigoroſas. Fazendo em certa occaſiaõ jornada de Lisboa pera Evora, ſuccedeo perder os alforges; quem os achou, abrindo-os, a primeira couſa, q̃ nelles encontrou foi o cilicio enrolado, & as diſcipli-

ciplinas, vendo iſto diſſe; que aquelles alforges deviaõ ſer de algum Padre da Companhia, feita diligencia, ſe achou, ſerem do Padre Antonio Fernandez. Da pobreza foi amãtiſſimo, muyto amigo de veſtidos uſados. Finalmenre cõ ſancta morte falleceo em Londres, onde aſſiſtia no ſerviço da Rainha, aos treze de Abril de mil ſeiſcentos, ſetenta, & quatro.

CAPITULO XXXXII.

Em Lisboa aos 27. de Out. de 1660.

Vida do Padre Doutor Andre Fernandez Biſpo eleito do Japaõ, Confeſſor del-Rey Dom Joaõ o quarto, do Principe Dom Theodozio, & da Rainha Dona Luiza.

1 JA que diſſe eſſe pouco, que nos ficou em memoria do Confeſſor da Rainha Dona Catherina, direi tãbem algum pouco do Confeſſor, & Meſtre de ſeu Irmaõ Dom Theodozio, o Padre Andre Fernandez, hum dos homens mais avultados, que teve em ſeu tempo Portugal, & de quem muyto ſe ſervio eſte Reyno aſſim em tẽpo del-Rey Dom Joaõ o quarto, como da Rainha Dona Luiza.

2 Era natural de Viana do Alentejo. Seus pays ſe chamaraõ Domingos Coelho, & Maria das Neves. De pequeno foi taõ inclinado à virtude, que athe dormindo o achavaõ muytas vezes com as mãos poſtas, a modo de quem orava. Entrou na Companhia em Lisboa aos dous de Abril de mil ſeiſcentos, vinte, & dous. Depois eſtudou no Collegio de Coimbra, ſoube com primor as letras humanas, nas quais foi excellente, como tambem nas mais faculdades, que eſtudou. Na vida, que compoz em latim do Principe Dom Theodozio o Padre Manoel Luis da noſſa Companhia, tras hum poema ſobre a morte da Sancta Princeza Dona Joanna, que fez ſendo humaniſta em humas compoziçoens: & he feito com tanto pezo, & elegancia, como o pudera fazer hum Meſtre de maõ muy apurada.

3 Em Evora enſinou letras humanas, ſendo Meſtre da primeira claſſe veyo àquella cidade o Duque de Bragança Dom Joaõ, que depois foi reſtaurador de Portugal, & Rey quar-

quarto do nome. Ouve na cidade grandes demonstraçoẽs de gosto. A Universidade deu ao theatro huma pomposa tragedia da Historia de Sancto Eustaquio. Esta foi obra do Padre Andre Fernandes, na qual foi o aplauso, quanto se podia dezejar.

4 Depois de estudar Theologia, ensinou na mesma Universidade Philosophia, & tambem Theologia, & nesta se graduou de Doutor. Tomou o grao aos vinte, & seis de Abril de mil seiscentos, sincoenta, & quatro, estando já eleito Bispo de Japaõ por El-Rey Dom Joaõ o Quarto: por occaziaõ desta eleiçaõ foi a Lisboa mostrar a el-Rey agradecimento pella honra, que fazia à Companhia; dizendo primeiro a insufficiencia de sua pessoa, declarou a el-Rey, em como elle naõ podia aceitar, nem aquella, nem outra dignidade sem permissaõ do Padre Geral da Companhia, & obediencia do Summo Pontifice.

5 Nesta occaziaõ el-Rey, que era homem de grande entendimento, alcançou o muyto cabedal de prudencia, que avia no Padre Andre Fernandez, & logo assentou cõsigo, que Portugal avia de ser o Japaõ do Bispo nomeado. Comessou o Principe Dom Theodozio filho primogenito del-Rey, a cobrar singular amor ao Padre Andre Fernandes. Tinha, sem o Padre o saber, chegado às mãos do Principe aquella elegia, que assima dissemos, fizera nos seus primeiros annos da morte da Sancta Dona Joanna, & pella obra fazia estimaçaõ do Author, de quem eraõ grandes os elogios, que ouvia, antes de o ver; depois que o tratou, achou ser maior, que sua fama.

6 Na primeira visita lhe significou, levaria em gosto, se o vizitasse muytas vezes; mas o Padre, que nada menos anclava, que valimentos de Principes, se fez desentendido; como naõ tratasse de ir ao Paço, o Principe o mandou chamar, & dalli por diante o foi admittindo a familiaridade taõ estreita, que se lhe entregou todo.

7 Foi este Principe notavelmente inclinado à virtude, & às letras, juizo raro, habilidade singular, nos seus tempos o Principe mais celebrado, que avia na Europa. Achou no Padre Andre Fernandes, quanto queria em ordem ao magisterio das letras, & virtude, porisso o respeito, & amor, que lhe teve, & por sua causa à Companhia, com nenhumas palavras se pode plenamente explicar. Na vida

do meſmo Principe andaõ inſertas muitas cartas em latim, que lhe eſcrevia taõ cheas de elegancia, ſuavidade, & amor pera com ſeu Confeſſor, que naõ ſei, que couſa alli ſeja mais digna de admiraçaõ, ſe o mimo, com que eſte Principe ſabia o latim, & eſcrevia nelle cartas a ſeu Confeſſor, ſe o amor, com que o trata. De boa vontade neſte lugar meteria em teſtimunho, do que digo, algumas deſtas cartas, mas deyxo de o fazer, porque ſei, que o Portuguez naõ hâ de correſponder ao mimo, que tem no latim, & morreràõ muyto na verſaõ. No ditto eſcritor ſe podem ver.

Vita Theod. l. 1. §. 222. 223.

8 Eſtando o Principe na quinta de Salvaterra fora de Lisboa, onde ſeu Confeſſor ficara, eraõ tais as ſaudades, com que lhe eſcrevia, que hum filho o naõ podia fazer com mais amor a huma may, que foſſe todos os ſeus cuidados, & deliçias. Tinha o Padre Andre Fernandez, antes de ſer nomeado Confeſſor do Principe, particular trato, & familiaridade com elle, & o procurava promover em virtude, & letras. Quando ouve o Principe de paſſar a Elvas em Novembro de 1651, el-Rey nomeou ao Padre Andre Fernandez por confeſſor deſte ſeu amado filho, por ſaber naõ avia homem, de quem o Principe fizeſſe mais eſtimaçaõ, nem aquem mais abriſſe ſeu peito.

9 Era o Padre muyto conſultado do meſmo Rey em particular, tinha com elle grande pezo ſempre o ſeu voto, o qual muytas vezes antepunha ainda ao parecer de todos os Tribunais. Deſte valimento ſe lhe originaraõ odios, & invejas, como coſtuma ſucceder nas Cortes dos Reys; porem todas as calumnias ſe desfaziaõ, como em rocha, na innocencia do Padre, em cujos coſtumes nada avia, que notar.

10 Pera abonaçaõ da virtude, prudencia, & eſtimaçaõ, que deſte Padre tiveraõ os Reys de Portugal, naõ ſei, poſſa aver teſtimunho mais cabal, que o que delle eſcreve o Excellentiſſimo Senhor Joaõ Nunes da Cunha Conde, q̃ foi de Saõ Vicente, & Vizo-Rey da India, muy privado do Principe Dom Theodozio, & dos Reys, o qual vertido de latim em o noſſo idioma, he o ſeguinte.

11 Chegou (diz eſte Conde) a tanto a graça, & authoridade do Biſpo, que el-Rey o declarou por Cõfeſſor do Principe, quando ſe tratava da expediçaõ de Elvas, porq̃ el-Rey naõ tinha delle menor opiniaõ, que o Principe, & ſa-

tia, que avia muyto tempo, que o Principe lhe comunicava todos os seus segredos, & lhe descobria toda a sua consciencia.

12 Nesta occupaçaõ se ouve com tanta prudencia, & inteireza, que era igualmente bem visto do Principe, & del-Rey, tanto, que naõ avia em todo o Reyno negocio de grande momento, do qual o naõ consultasse el-Rey em particular, antepondo muytas vezes o seu parecer ao de seus Ministros, & Tribunais. Daqui se levantaraõ odios, & invejas, & grandes tempestades contra a innocencia do Padre, em rebater estas com valor, & as declinar com modestia mostrou grande destreza.

13 O modo de dispôr, & ajudar o Principe na sua morte foi admiravel. Os colloquios, com que inflamou no amor de seu Criador aquella purissima alma, foraõ taõ suaves, doces, & cheyos de juizo, & descriçaõ, que nos foraõ de admiraçaõ a todos os prezentes.

14 Morto o Principe, o Padre se recolheo somente, com o que tinha entrado no seu serviço, isto he com a roupeta da Companhia, que elle estimava mais, que todos os thezouros reais. A seus parentes só com o nada, que elle amava, os enriqueceo, tendo-os por muyto ricos, se o fossem de virtude. Sendo eu Mordomo mór do Principe, pedi ao Bispo, nomeasse algum de seus parentes, pera se lhe dar algum officio na caza Real, o qual se avia de prover em outrem. A isto respondeo, que elle naõ tinha parentes, que com decoro do Principe, se pudessem pôr nas tais occupaçoẽs.

15 Sei muyto bem, que o Conde de Miranda, que tinha estreita amizade com o Bispo, dezejou grandemente dar algum beneficio pingue do seu padroado a algum sobrinho do Padre, mas ou se deyxou disso, temendose da modestia do Padre, ou o Padre recusou o seu offerecimẽto

CAPITULO XXXXIII.

Continua o mesmo testimunho das virtudes do Padre Andre Fernandez.

1 NAõ muyto depois da morte do Principe foi nomeado Confessor del-Rey, officio, que fez com se-

semelhante amor à pobreza Religiosa sem cobiça, nem ambiçaõ. Dependiaõ do arbitrio do Bispo as consultas do momento. Sua authoridade era summa, & incrivel, todos a respeitavaõ, nella era maior a sua submissaõ. Indo el-Rey passar algum tempo de allivio em Almeyrim, como tinha de costume, por naõ cessar hum ponto do governo publico, determinou fazer nomeaçaõ de Bispos, porque avia esperanças de que o Pontifice a confimaria.

2 Tambem a mim me encarregou, que cuidasse, em quem me parecia, ser mais apto pera estas occupaçoẽs; sem mais demora respondi: Em primeiro lugar o Confessor de Vossa Magestade he dignissimo, & o primeiro, de que se hâ de fazer cazo. Nem obsta, o ser da Companhia, aqual por causa do voto naõ admitte dignidades, poderâ ser sagrado Bispo do Japaõ, & entaõ livre da obediencia da Cõpanhia, facilmente serâ promovido a algum Bispado no Reyno.

3 Isso mesmo (respondeo el-Rey) tinha assentado comigo; mas disseme o Camareiro mór, que el-Rey Philippe tentara o mesmo em cazo semelhante, mas que o naõ pudera conseguir. Tendose confessado el-Rey, se meteo có no seu gabinete com o Padre seu Confessor, pera com ella deliberar, que pessoas nomearia pera Bispos. Depois de ouvir nesta materia o parecer do Padre, lhe disse: destes Bispados o melhor hâ de ser pera vos, & eu sei muy bem o modo, com que isto hâ de ter effeito.

4 Ouvindo tal cousa o Padre, lhe cahiraõ as faces no chaõ de pejo, & os olhos se desataraõ em lagrimas, & ficou sem poder pronunciar palavra, pasmando el-Rey de tal novidade. Entre esta suspensaõ sahio o Padre pera fora, depois el-Rey o tornou a chamar, & tendo o Padre depois de sesta tomado mais animo, se queyxou a el-Rey, dizendo: Que naõ sabia, como sua Magestade tivesse tomado por Confessor a hum homem, de quem cria, que faria taõ grãde injuria à sua Religiaõ, & meteria nella hum tal exemplo. Naõ foi necessario mais, pera que el-Rey desistisse da sua pertençaõ, o qual me contou esta batalha, que tivera com o Bispo, & muyto mais se agastou contra mim sabẽdo; que eu fora o Author, & promotor deste conselho.

5 Finalmente assistio à morte del-Rey, como o fizera á do Principe. Tudo isto lhe grangeou entre os bons

graſſe louvor, porem entre alguns grandes, & Miniſtros foi incentivo de inveja, com aqual eſtimulados naõ duvidaraõ em tal tempo, & de tanta dor fallar à Rainha, perſuadindoa, que lançaſſe fora do Paço ao Padre Andre Fernandes, em cujos coſtumes como naõ tiveſſem, que tayxar, naõ tiveraõ pejo, de dar por razaõ; que aquelle homẽ era infauſtiſſimo; em poder do qual agora acabava hum Rey taõ felis, & antes tinha morrido hum Principe em tudo perfeito, ambos antes de tempo: como ſe a culpa deſta infelicidade naõ pertenceſſe mais à Rainha ſereniſſima, & mais de perto aos Medicos, que os tinhaõ curado. Vituperouſe muyto eſte parecer taõ abſurdo, como intempeſtivo, & de caminho ſe diſſeraõ muytos louvores do Padre Confeſſor, aquem naõ tiveraõ, que dar outra culpa, ſenaõ huma publica calamidade.

6 Entrando a Rainha a governar na minoridade del-Rey Dom Affonſo, continuou, em ſe aproveitar dos preſtimos do Padre Andre Fernandes em tal forma, que naõ he facil, julgar, aquem deſtes tres Principes foſſe mais aceito. O que eu ſei he, que elle igualmente ſervio a todos. Mais pudera dizer neſtas materias, mas em couſas, que eſtaõ ainda freſcas, melhor he calar, que dizer alguma couſa, que poſſa offender a alguem. A the aqui o que deſte Padre deyxou eſcritto o Conde de Saõ Vicente Joaõ Nunes da Cunha.

7 O meſmo Conde refere, que vivendo ainda o Principe Dom Theodozio, pedindo a el-Rey, que o fizeſſe Inquizidor Geral, & eſtando neſte propoſito el-Rey, o Padre fez, com que tal couſa naõ chegaſſe a effeito. Ao Padre Agoſtinho Lourenço ouvi dizer, que eſtando em Lõdres, lhe diſſera huma vez o Marquez de Arronches entaõ embaixador naquella Corte, que elle encontrara no Paço em Lisboa ao Padre Andre Fernandez chorando, encoſtado a huma janela; & perguntandolhe o Marquez pella cauſa das lagrimas: reſpondera, que chorava, porque el-Rey o queria fazer Inquizidor Geral, & que diria o mundo, ſe ouviſſe, que ſua Mageſtade chegara a tal deſacerto, que lhe paſſaſſe pello entendimento fazer Inquizidor Geral a hum homem de taõ humilde nacimento, como elle era. Que ſemelhantes occupaçoẽs aviaõ de andar em outras peſſoas. Ficou o Marquez muy edificado de tanta humildade

dade em homem, que estava na maior estimaçaõ dos Reys, que nenhum outro.

8 Bem se deyxa ver disto, quam de veras fosse humilde. Nunca admittio outra carruagem mais, que duas mulas, sem ja mais querer liteira, & as mulas as admitrio, por naõ poder de outra sorte aturar as idas, & vindas continuas do Paço, & outras cortezias repetidas de pessoas illustres, a q̃ havia de acodir, & as suas forças naõ eraõ pera os longes de Lisboa, & ladeiras taõ molestas com tanta repetiçaõ.

9 Ainda, que no Padre Andre Fernandes todas as prendas foraõ grandes, a sua prudencia foi rara, aqual teve tanta aceitaçaõ no agrado dos Reys, que nenhumas artes dos aulicos a puderaõ desdourar. Nunca se entremetia em negocios, só perguntado respondia, & sempre com muyto acerto. Todos os bons successos atribuia às disposiçoens das pessoas Reais, & dos seus Ministros, & nada ao seu conselho. A sua modestia, & moderaçaõ era tal, que no maior valimento affectava mostrarse inutil, & de nenhum prestimo.

10 Procurou muyto de promover no amor da virtude as pessoas Reais. Dando meditaçoens muy proveitosas, & avisos sanctissimos, com os quais assim formou ao Principe Dom Theodosio, que a sua virtude pode ser de confusaõ ainda a Religiosos perfeitos. A Senhora Dona Catherina Rainha, que foi de Inglaterra irmãa do Principe Dom Theodozio de nenhuma cousa nos ultimos annos vivia mais lembrada, que da educaçaõ, que recebera do Padre Andre Fernandes. Tinha muy prezentes os seus avizos, & por vezes fazendo algumas cousas dizia: Assim mo ensinou o Bispo. Conservava hum livro manuscripto de Meditaçoens, q̃ o Bispo cõpuzera, como huma das suas joyas mais preciosas, nem o quiz mandar imprimir, pello naõ fazer familiar a outros, & cõmum. Da doutrina de taõ sabio, & prudente Mestre bebeo aquella singular piedade, q̃ nella vio Portugal nestes ultimos annos, que gozou de seus virtuosos exemplos, depois de vir de Inglaterra. Visitou no seminario de Saõ Patricio o cubiculo, onde o Padre vivera, & morrera, em final da muyta lembrança, que delle tinha.

CA-

CAPITULO XXXXIV.

Zelo, que teve do bem das Missoens, sua santa morte & o que succedeo depois della.

1 MUytas cousas se fizeraõ por seu conselho, das quais o Senhor naõ pouco se servio, entre ellas foi huma tribunal, que tivesse a seu cargo o tratar da conversaõ das almas, & de se mãdarem Missionarios às regioens de Asia, Africa, America sogeitas à coroa de Portugal. Deste tribunal o fez Presidente el-Rey, o qual liberalmente concorria com os gastos pera os Missionarios. Por industria do Padre Andre Fernandes o negocio da conversaõ das almas creceo muyto. Foraõ mandados Missionarios da Cõpanhia de varias naçoens, que recolheraõ copiosos frutos dos seus trabalhos. Instou com o nosso Padre Geral, que em cada huma das provincias deste Reyno, eraõ entaõ duas da Companhia em Portugal, deputasse hum Padre, cujo cuidado fosse procurar o bem das missoens.

2 Por meyo do mesmo Padre fez el-Rey muytos favores assim às missoens, como a muytos Collegios ultramarinos, onde se criaõ Missionarios. A Companhia teve neste Padre hum grande abrigo. Andando sempre entre maõs cõ cousas gravissimas, que os Reys delle confiavaõ, todo se desembaraçava, pera acodir pello bem de sua Religiaõ.

3 Do Procurador da provincia se informava, em que alturas tinha os seus negocios. Elle descobria os caminhos, por onde haviaõ de ter os dezejados effeitos. Offerecia a sua proteçaõ diante dos Reys, & dos Ministros, & muytas vezes, sem ser rogado, dava os pontos, que via serem necessarios segundo as conjunçoens, & circunstancias, pera q̃ a Companhia tivesse despachos favoraveis.

4 Em certa occasiaõ o Procurador da provincia, que com elle tinha singular amizade, lhe pedio o seu favor pera hum secular seu amigo: respondeo o Padre: Naõ he conveniente usar mal do favor del-Rey, o qual assim como me ouve bem, quando lhe trato dos negocios da Companhia, por ventura naõ gostarâ lhe falle em outros. O mesmo Rey me disse, que lhe naõ fallasse em outros negocios

cios, excepto os da Companhia.

5 A qualquer da Companhia por minimo, que foſſe, tratou ſempre com grande benevolencia. Aos Superiores tinha ſingular reſpeito. Sendo homem de grande bojo, & paciencia, ſe algum em ſua prezença dizia couſa, por leve, que foſſe contra os Superiores, logo eſtranhava eſta inadvertencia, ou dava hum corte na pratica, quando a peſſoa era tal, q̃ nã̃ cabia na ſua maõ outro modo de o advertir.

6 Hum dos ſeus principais cuidados foi, nem dizer, nẽ fazer couſa, por onde perdeſſe a Companhia, antes q̃ foſſem taes as ſuas acçoens, que a fizeſſem amavel às peſſoas, com quem tratava, como na verdade a fez: pois as peſſoas Reais, & outros grandes Senhores por ſeu reſpeito muyto a eſtimaraõ. O ſeu Alumno o Principe Dom Theodozio nos teve tanto amor, que ſe pode dizer, que pera ſer Padre da Companhia, ſó lhe faltava a roupeta. As muytas ſignificaçoens, que deu deſte ſeu amor, traz na ſua vida o noſſo Padre Doutror Manoel Luis, aonde as podem ler os curioſos, & entendaõ, que tudo ſe deve à prudente ſanctidade do Padre Andre Fernandes.

7 Neſte theor de vida ſancta tinha vivido o Padre Andre Fernandes athe o anno de mil ſeiscentos, & ſeſſenta, em que a morte no lo roubou. Andava elle enfermiço, & debilitado, quando lhe deu huma ſuppreſſaõ, que foi o meſmo mal, de que fallecera el-Rey Dom Joaõ o quarto.

8 Logo que cahio na cama tratou com eſpecialidade da ultima jornada. Concorria muyta gente illuſtre ao viſitar, porem elle a todos reſpondia por ſeu Confeſſor. Só admittia no ſeu cubiculo os noſſos Religioſos, & que lhe trataſſem de couſas eſpirituais. Confeſſouſe geralmente muyto de eſpaço.

9 Entrou a Rainha regente em grande cuidado, por ver quanto perdia o Reyno no Padre Andre Fernandes. Todos os dias lhe mandava o comer feito do Paço: pello criado, a cujo cuidado hia, o qual sò dos ſeculares entrava no ſeu cubiculo, rogava ſummiſſamente à Rainha, ſe naõ moleſtaſſe com aquella caridade, ainda que os ſeus rogos de nada lhe valeraõ. Os recados da meſma Senhora, em ſaber do eſtado da doença, eraõ continuos.

Mandoulhe perguntar a Rainha, que em caſo, que

Deos

Deos o levasse, que queria, fizesse a seus parentes. A isto respondeo: que a elle só lhe lembravão duas prendas, que muyto amava, huma era sua alma, pella qual não duvidava, que sua Magestade mandaria dizer muytas Missas, a outra era a Companhia, à qual, estava certo, não faltaria o patrocinio de sua Magestade. Não tinha outra cousa, de que tivesse cuidado. A virtude desta reposta cõ nenhumas palavras se encarece.

10 Pedio ao Padre Doutor Manoel Luis da nossa Cõpanhia, que lhe assistia, & era neste tempo Procurador da Provincia, que depois de sua morte em seu nome se fosse lançar aos pès da Rainha, & lhe rendesse as graças pellos merecés, que em vida, & na morte lhe tinha feito, & que estivesse certa, que diante de Deos, em cuja misericordia sò esperava, o veria, nunca se havia de esquecer de sua Magestade: & ajuntou, que tambem em seu nome lhe pedisse muyto, que sua Magestade amparasse as Missoens ultramarinas, em especial a do Maranhaõ, que então começava a cobrar alentos, & por isso necessitava mais de seu Real favor.

11 Ao mesmo Padre pedio, que em seu nome fosse pedir a sãcta benção ao Padre Visitador Hieronymo Claramonte, & ao Padre Provincial Francisco Manio, que estavaõ em Lisboa, & tambem licença pera distribuir as suas cousas por algumas casas pobres da Companhia, & por alguns Religiosos nossos.

12 Havida a licença, deu os seus livros ao collegio de Villanova, que então principiava, não eraõ muytos, & estavaõ encadernados sem curiosidade. Os premios, & imagens, que se dessem pera os Missionarios do Maranhaõ. Tomada huma licença dos Prelados de toda a provincia, & do da casa, ordenou, se lhe dessem algumas cousas de dexassaõ, em final do muyto, que como a pays, os amava. A todos os moradores nossos do Seminario de Saõ Patricio, onde estava, mandou repartir algũa cousa, a hum o diurno, a outro o breviario, & deste modo aos mais. A casa do Seminario deyxou as outras cousas do seu uso, & cubiculo, q tudo era muy limitado, & tudo cheirava a pobreza.

13 Estas foraõ as riquezas de hum Bispo eleito, Confessor de Magestades, valido de Reys, cujos arbitrios eraõ o governo de huma Monarquia. Nem esses premios, &

couſas de devaçaõ ſe acharião na ſua maõ, ſe os naõ tivera, em ordem a repartir pellas miſſoẽs, fim unico porque os ajuntava.

14 Vendoo taõ dadivoſo o Padre Manoel Luiz, lhe pedio licença, pera daquellas couſas mandar algumas melhores a dous irmaõs Clerigos, que o Padre tinha, & a hum ſeu ſobrinho filho de huma ſua irmãa. A iſto reſpondeo: que a elles naõ lhe faltavaõ daquellas couſas, & dinheiro, pera as comprar, que melhor era, ſe repartiſſem pellos Religioſos pobres ſeus Irmaõs.

15 Ao Padre Manoel Luis deyxava hum relicario com huma reliquia do Sancto Xavier, o qual fora do Principe Dom Theodozio, & por ſua morte em lembrança do ſeu affecto o dera a ſeu Confeſſor. No dia de ſua morte, quando jâ alguma couſa variava, entrou ao viſitar hum irmaõ coadjutor, pondo nelle os olhos o enfermo, diſſe: Só a eſte Irmaõ nada tenho dado? Entre eſtas palavras tirou do peito o relicario, & lho meteo na maõ.

16 De tudo, quanto tinha, ſó deyxou ficar huma pequena Cruz de pao, que trazia ao peſcoſo, por ter muytas indulgencias, & pedio, que com ella o enterraſſem, como ſe fez. Nas ſuas dores, que foraõ crueis, moſtrou ſempre grande paciencia, & conformidade com a vontade de Deos, repetindo doces colloquios, invocando muytos ſanctos, em eſpecial a Senhora, ao ſeu Anjo da guarda, a Sãcto Ignacio, Saõ Franciſco Xavier, & mais ſanctos da Cõpanhia. Finalmente tendo em huma maõ a imagem de hum Crucifixo, & na outra huma vela em teſtimunho de ſua Fé, pronunciando os Sanctiſſimos nomes de JESUS, & Maria, em quanto pôde com a voz, & depois, quanto ſe entendeo, com o movimento dos beiços, entregou ſua alma nas maõs de ſeu Criador em Lisboa no Seminario dos Irlandezes aos vinte, & ſete de Outubro de mil ſeiſcentos, & ſeſſenta.

17 No dia ſeguinte antemanhãa ſe meteo o cadaver em huma liteira, & foi levado à caza Profeſſa de Saõ Roque, & poſto na capella interior da caza. Concorreraõ dos noſſos Religioſos, que avia em Lisboa, & com os muyto Reverendos Padres da Trindade lhe fizeraõ o officio. Foi enterrado de fronte de hum altar da Senhora.

18 Reparouſe muyto na Corte, que dos ſeculares, a-

aquelles,

Digitized by Google

quelles, em quem devia ser eterna a memoria do Padre Andre Fernandes, pellos muytos beneficios, que delle tinhaõ recebido, falharaõ em assistir a seu enterro. Nem isto he de admirar, pois semelhantes homens só queriaõ a amizade do Padre pera os seus particulares interesses, costume muyto praticado nos aulicos, & entre elles muyto antigo.

19 Naõ foi assim o amor da Sereníssima Rainha, porq os Reys imitaõ a soberania de Deos, que depois da morte he que mais honra, aos que em vida o servíraõ. Indo o Padre Manoel Luis cumprir ao Paço com as recomendaçoens pera a Rainha, que lhe fizera o Padre Andre Fernandes, & em especial da Missaõ do Maranhaõ; respondeo a Sereníssima Senhora: Que depois da morte do Principe, & del-Rey nem a ella, nem ao Reyno, nem à Companhia succedera cousa mais digna de se sentir, que a morte do Bispo, cujas virtudes, & conselhos lhe faziaõ grande falta; que naõ duvidava, se lembraria della diante de Deos, pois sempre em vida o achara muy prompto a seu Real serviço. Que ainda que à Companhia, & às Missoẽs faltava o Bispo, que ella sempre lhe assistiria: & que a elle Padre Manoel Luis entregava o cuidado da Missaõ do Maranhaõ, & q̃ escreveſſe ao Padre Antonio Vieyra entaõ Visitador della, & que de tudo, o que fosse necessario, assim pera os augmentos da Fé, como da Companhia, a fizesse logo sabedora, pera se acodir a tudo. Estiveſſe certo, que pella alma do Bispo mandava dizer muytas Missas.

20 Logo perguntou ao mesmo Padre: quantos, & quais fossem os parentes mais chegados do Bispo? Respondeo, que só tinha noticia de tres, dous Irmãos Clerigos, & hum sobrinho filho ou de hum, ou de huma Irmãa, todos de bons procedimentos, & dignos, de que sua Magestade nelles puzesse os olhos.

21 Depois o mesmo Padre escreveo a todos, dizendo-lhe, viessem a Lisboa, dar as graças à Senhora Rainha pella lembrança, que tinha das cousas do Padre Andre Fernandes, & se aproveitassem da benevolencia Real. Dos tres só póde ir a Lisboa o sobrinho, a quem a Rainha fez grandes mercés; & sem duvida as acrecentaria, se as cousas publicas naõ tomassem outro rumo, & o governo naõ passasse a seu filho.

22 Escreveo tambem o Padre Manoel Luis ao Padre Antonio Vieyra, entaõ Vizitador da Missaõ do Maranhaõ, dandolhe conta assim da morte do Bispo, como do amor da Rainha pera com aquella missaõ, parte da reposta do Padre Antonio Vieyra, por ser hum abonado elogio do Bispo, & de homem, que tanto encheo a fama, & o mundo com seu nome, he a seguinte traduzida de latim na lingua vulgar.

23 *Se a morte* (diz a carta) *do Padre Bispo, a perda do Reyno, desta Missaõ, & a minha, na summa dor admitte algũ alivio, eu o tive com esta carta de Vossa Reverencia, pella qual lhe dou as graças, & jâ as dei a Deos, por nos deyxar tal successor do nosso grande protector. Elle estâ no Ceo, como piamente creyo da innocencia de sua vida, & de suas grandes virtudes. Alli nos socorrerâ diante da Magestade divina, como câ o fez diante da humana. As honras, que sua Magestade fez ao defunto, foraõ cõformes assim à grandeza do animo Real, como aos merecimentos do Bispo, ao seu zelo, fidelidade, & grandes serviços. Os que faltaraõ a elle morto, bem mostram, que a sua emulaçaõ nem com a morte se acabou.*

24 *Nesta Missaõ se fizeraõ por sua alma os sacrificios, q̃ se offerecem assim pellos que nella vivem, como pellos que nella morrem. Os mais indicios da dor, que naõ foi licito sabir a publico, se tiveraõ deutro nos coraçoens. As cousas, de que o seu affecto nos fez herdeiro, foraõ recebidas, & divididas pellas Igrejas dos Christaõs. A imagem de Saõ Francisco Xavier, se porâ, onde viva perpetuamente a memoria do Padre Andre Fernandes insigne bemfeitor desta Missaõ.*

25 *Naõ deyxarei de contar a Vossa Reverencia, quam brevemente me penetraraõ o coraçaõ as tristes novas desta perda. Nos ultimos dias de Outubro proximo estando no Maranhaõ, por espaço de tres dias me molestou huma desacostumada tristeza, sem eu ver causa, dõde nacesse. Affligiome tãto, que loga offereci alguns Sacrificios, pella intençaõ, que Deos, que tudo sabe, sabia, avia de ser tida por mim; & foraõ algumas dellas pellos defunctos. Communicando isto com hum amigo, fiz com elle, que observasse bem aquelles dias, que naõ podia ser, sem que alguma cousa de disgraça succedesse ou contra Portugal, ou contra esta Missaõ, ou contra mim, & depois alcancei, que tudo foi; porque aquelles tres dias foraõ os ultimos, que teve de vida o Bispo.* Athe aqui parte da carta do Padre Antonio Vieyra.

26 Quem

26 Quem quizer ler hum cabal elogio deste virtuoso, & sabio Padre, naõ tem mais, que ler a admiravel vida do Principe Dom Theodozio composta em latim pello Padre Doutor Manoel Luis da nossa Companhia, & da virtude do discipulo entenderâ a do Mestre. Esta vida recolhi principalmente das cousas, que deste Padre diz o sobredito Author na vida do Principe Dom Theodozio.

CAPITULO XXXXV.

Vida do Padre Lourenço Rebello.

1 As virtudes do Padre Lourenço Rebello sem duvida podiaõ dar materia a larga narraçaõ, se dellas se fizesse meuda diligencia; porque foi a sua vida muy util ao proximo, & por annos largos. Na ilha Tercéyra me achei alguns annos depois da sua morte, & me lembra, aver alli deste Padre nome muy avultado em virtude, letras, & pulpito, porque em tudo era grãde, & como tal respeitado de toda a sorte de gente. *Angra a de Mayo de 1679.*

2 Naceo em Lisboa, seus pays se chamaraõ Belchior Rebello, & Maria Froes. Tendo quinze annos de idade entrou na Companhia em Lisboa aos sinco de Agosto de mil seiscentos, & vinte, & seis. Depois do seu Noviciado assim nas Philosophias, como nas Theologias mostrou grande cabedal de ingenho. Ou fosse por razaõ do muyto estudo, ou por algum outro principio, começou a padecer accidentes de gota coral.

3 Por conselho dos Medicos se embarcou pera as ilhas, & com animo apostado a nunca mais voltar a Portugal. Ao sahir pella barra de Lisboa, pondo nella os olhos pronunciou o ditto do famoso Romano Scipiaõ: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* E como o disse, o comprio. Foi ser morador no Collegio do Funchal na ilha da Madeyra. Começou alli a prégar com notavel aplauso, & fruto dos ouvintes. Os seus sermoẽs alem de eloquentes eraõ cheos de doutrina do Ceo, porque nelles o seu principal intento era aproveitar aos ouvintes. Tirou muytas almas das torpezas, em que viviaõ, & a muytos hereges dos seus erros.

4 Foi

4 Foi couſa muy notavel, a que por occaſiaõ de hum ſermaõ ſeu aconteceo neſta Ilha. Prégava na Sé, entrou cõ grande zelo a eſtranhar o vicio daquelles, qué viviaõ dé portas a dentro com a occaziaõ da ſua ruina. Qué fim, dízia, eſperais, os que aſſim viveis? Aſſiſtirvos há na ultima hora a voſſa occaſiaõ: ella voz ha de meter na maõ a vela: ella voz hâ de nomear os Sanctiſſimos nomes de JESUS, & Maria: ella vos hâ de perſuadir contriçaõ, & dor. Por eſte modo diſcorreo com grande fervor.

5 Hum dos ouvintes era hum Conego, que vivia em mao eſtado com publico eſcandalo. Cuidou, que o ditto era com elle ſó, como os taes cuidaõ, & ſem genero algum de pejo, diſſe pera o vizinho: Aquillo he comigo, eu bem ſei, o que me convem, & poſſo enſinar ao prégador. Paſſados poucos dias, ſe vio, que o diſcurſo do prégador fora hum pronoſtico da morte infelis daquelle mao eccleſiaſtico. Cahio na cama enfermo com huma grande modorra muy ſemelhante ao carregume do ſeu vicio. Davalhe picadas muy penetrantes a conſciencia, procurava de ſe enganar a ſi meſmo, dizendo, naõ aver perigo; encomendou muyto à amiga, ſe lhe naõ tiraſſe da cabeceira. Tudo ella comprio á riſca, & o diſgraçado, ſem arrependimento, ſem confiſſaõ acabou ſeus infelices dias, & ſe ſepultou no Inferno com horror de todos, os que ſouberaõ de ſeu fim, & dos aviſos, que Deos lhe dera por boca do Padre Lourenço Rebello.

6 Grandemente trouxe a Deos, & aſi os animos daquelles nobres inſulanos. O amor, que lhe cobraraõ, ſe vio em huma particular demonſtraçaõ. Mandaraõno os Superiores paſſar pera as Ilhas Terceiras. Tanto que iſto ſe ſoube, todo o ſenado em pezo impedio a jornada, naõ permittindo, que deyxaſſe a ſua Ilha. Diſſimulou o Padre alguns dias, moſtrando, que ſe acomodava, ao ſeu querer; quando os tinha mais deſcuidados, ſe meteo na embarcaçaõ às eſcondidas, & deu à vela.

7 Nas Ilhas Terceyras, onde viveo o reſtante da vida, foi admiravel nos pulpitos, & nas cadeiras. Alguns vinte annos enſinou Sciencia moral no Collegio do Fayal, & no de Angra. Foi neſta ſciencia letrado cabal, & como tal venerado de todos, que a elle, como a oraculo, concorriaõ nas ſuas duvidas. Parecia ter nacido o Padre Lourenço

Re-

Rebello pera o Magisterio nas cadeitas, & nos pulpitos, naõ era facil de averiguar, pera qual destas cousas tinha mais talento.

8 Prégando na santa casa da Mizericordia da Ilha Terceyra sobre a pouquidade desta vida, & como todos, sem se fiar na idade, devião andar preparados; acabada a prêgaçaõ, se chegou a elle hum Clerigo seu discipulo, & lhe disse, ou fosse de veras, ou por graça: O que Vossa Reverencia disse, he certo, mas por hora naõ se entendia aquella doutrina comigo, que estou muy bem disposto. Naõ se fie nisso, acodio o Padre porque pode dentro de poucas horas morrer. Apartouse o Clerigo, & comessou a penetrarse, naõ sei, de que imaginaçaõ: recolheose à noyte na sua cama, & pella menhãa foi achado morto: mostrando o seu exemplo, que a doutrina do Padre, com ninguem mais entendia, que com quem se fazia nella taõ desentendido. Fez este succesſo admiraçaõ, & medo, nos que sabiaõ as circunstancias delle, mas o Padre Lourenço Rebello se consolou, porque sabia da consciencia do Clerigo, & lhe pareceo, que a morte, ainda que fora subitanea, naõ fora desapercebida.

9 No pulpito se via bem o seu dom de lagrimas, que nas occasioẽs lhe saltavaõ pellos olhos, fazendo com ellas notavel cõmoçaõ. No prégar era muy facil, & prompto, nem por isso deyxava de compôr os sermoẽs, alguns mil se lhe acharaõ escrittos da sua letra, a fora outros muytos cõpendiados, dos quais tinha sinco volumes dignissimos da estampa.

10 De suas letras, & virtude fez grandissima estimaçaõ o Senhor Dom Frey Lourenço de Castro Bispo de Angra, nenhum prégador queria mais na sua Sé, delle se valia nos acertos das suas dispoziçoens. Por ser muy conhecida esta valia, era muy importunado por intercessoẽs, das quais, quanto lhe era possivel, se escusava, dando por causa a difficuldade, que tinha em sahir fora por seus achaques; quando naõ podia fazer o cõtrario, indo ao Bispo, dizia chammente a causa, que o obrigara, a que o Bispo costumava responder; que por se naõ molestar, em semelhantes bastava assinarse sua Paternidade na petiçaõ, que isso bastaria pera pór logo o seu despacho, pois estava certo, naõ pederia senaõ cousas muy justas, & congruentes.

11 As

11 As boas prendas do Padre Lourenço Rebello eraõ acompanhadas de excellentes virtudes, muyta caridade pera com todos, era tido, & chamado pay de orfaõs, & miseraveis, em cujos apertos foi hum commum refugio. Cõ grandes dores de parto se achava mais morta, que viva huma moça nobre, cuidavaõ os pays outra cousa, nem de sua filha tal imaginavaõ, choravaõna; mandou ella chamar ao Padre cõ pretexto de se confessar, descobriolhe o seu trabalho, do qual estava certa morrer, se os pays entendẽsem, o que avia. Logo o Padre com sua grande prudencia dispoz de sorte as cousas, que a livrou do perigo, & restituio a criatura.

12 Quanto mais estimado era, mais se humilhava. Padeceo algumas calumnias, que todas venceo com a paciencia. Foi amantissimo da pobreza, da oraçaõ, & trato com Deos. Tendo vivido sempre com teor de vida sancta, mereceo, que Deos lhe significasse o tempo da sua morte, como se teve por certo, pello que antes lhe aconteceo.

13 Era elle protector da Irmandade da Purificaçaõ da nossa Igreja do Collegio de Angra. No dia da Virgem da Purificaçaõ, estando em meza com os Irmaõs, os exhortou, como em outras occasioens fazia, ao desprezo desta vida, à frequencia dos Sacramentos, & bem de suas almas. Pedio perdaõ aos Irmãos do pouco cuidado, com que os tinha servido, dizendo, que ja o naõ ouviriaõ mais naquelle lugar. Ouve muytas lagrimas, porque sem estas circunstancias as fazia derramar muytas vezes a piedade deste Padre, quando lhes praticava.

14 Jâ neste tempo o carregavaõ demasiadamente os achaques. Ainda que por toda a vida se aparelhou sempre pera a ultima hora, daqui por diante o fez com mais cuidado. Era tanto o dezejo do bem das almas, que assim achacado, quando jâ se naõ podia ter em pé, hia ao coro, ou decia à portaria encostado em algum Irmaõ, ou Padre pera ouvir confissoens.

15 Tinha muyta oraçaõ, alem do officio Divino rezava todos os dias o de Nossa Senhora, & o dos defunctos. Quando jâ se naõ podia levantar da cama, as suas praticas eraõ com Deos, & com sua May Sanctissima, fazendo fervorosos colloquios. Confessouse geralmente de espaço. Se as dores naõ davaõ lugar a elle repetir Psalmos, & sanctas

jacu-

jaculatorias, pedia, aos que lhe assistiaõ, lhas repetissem.

16 Quando jâ tinha recebido o sancto Viatico, pedio a extremaunçaõ. Pareceo ao Padre Reytor, naõ ser ainda tempo. Instou o Padre, dizendo, que teria consolaçaõ em a receber, em quanto estava em seus sentidos. Comprio-selhe este dezejo, que foi pera elle de grande gosto. Passados dous dias, perdeo a falla, uso da voz, & do paladar, porque nem fallou nada, nem gostou por espaço de doze dias, que foi cousa espantoza. Os olhos tinha quasi de continuo em hum Crucifixo. Chegado o ultimo artigo, levantando algum tanto a cabeça, pondo os olhos no Crucifixo, beijandolhe os pés, tornandose a encostar, com summa paz deu a Deos seu ditoso espirito, em Angra na Ilha Terceira aos dous de Mayo de mil seiscentos, setenta, & nove. Succedeo sua morte de noyte, & logo de menhãa foi tal o concurso de gente ao Collegio de nobres, plebeos, & Ecclesiasticos, que se naõ podia a gente revolver.

17 Todos sentiaõ sua morte, porque ser naquella terra como pay de todos, & assim foi sepulta do entre muytas saudades, & lagrimas. Andava o Bispo neste tempo vizitando o Bispado, tanto q̃ lhe chegou a nova, disse muyto em abono do Padre, que morrera hum prégador Evangelico: mostrou singular sentimento, como quem sabia estimar a virtude, & letras do Padre Rebello. Logo que voltou da vizita, foi dizer Missa ao nosso Collegio pello defuncto em testimunho do muyto, que amava suas virtudes. A vida deste servo de Deos escreveo na Annua desta provincia o Padre Mestre Joaõ Seco, donde a recolhi.

CAPITULO XXXXVI.

Vida do Padre Carlos da Silveyra.

1 ESte ditozo Padre, a quem podemos chamar Martyr da caridade, pois ella o meteo nos perigos, de que morreo, teve por patria a Ilha do Fayal, que he huma, das que chamaõ Ilhas Terceyras, ou dos Açores. Seus pays eraõ da principal nobreza da ilha, & se chamavaõ Francisco da Silveyra, & Maria de Faria, abastados de bens da terra. Tendo este seu filho quatorze annos de idade, o con- *Angola 15. de Junho de 1683.*

ſagraraõ a Deos na Companhia, navegou a ter o ſeu Noviciado em Lisboa, onde foi recolhido aos quinze de Junho de mil ſeiſcentos, trinta, & nove. Procedeo ſempre, como quem de veras ſe abraçara com Deos, & com as riquezas do mundo, que deyxou, deſpira todos os affectos da terra.

2 Depois dos eſtudos de Theologia voltou por mandado dos Superiores ao Fayal, aonde muyto promoveo o bem daquelle Collegio, aſſim com o que lhe deu, como tambem com o que por ſeu reſpeito lhe deraõ ſeus parentes.

3 Era muy zelozo do bem das almas, naõ perdia occaſiaõ de as aproveitar. Dezejou muyto ſahir da patria, & ir pera Angola, onde ſeu eſpirito pudeſſe lucrar almas pera Deos. Conſeguio a empreza, & pera ella ſe partio. Padeceo grandes tempeſtades neſta viagem, & foi obrigado a arribar ao Braſil: onde fez a Deos ſingulares ſerviços. Sahindo em terra antes do Parayba, veyo athe eſta cidade fazendo Miſſaõ nos lugares, por onde paſſava.

4 No Parayba ſe deteve deſaſeis dias, fazendo continuas prégaçoẽs, ouvio muytas confiſſoẽs gerais de toda a vida. E á petiçaõ do Governador introduzio alli a Via Sacra, pera deſpertar os animos à piedade, & à devaçaõ da Payxaõ do Senhor. Apartou das concubinas, a quantos ſoube, que viviaõ com ellas. Deſterrou odios. Dezejaraõ muyto, ficaſſe alli o Padre de aſſiſtencia com ſeu companheiro, offerecendoſe a contribuir com a deſpeza neceſſaria.

5 Do Parayba ſe embarcou pera Pernambuco, & como os do navio paraſſem, a fazer negocio em huma fortaleza, onde avia preſidio de ſoldados, o Padre fez muy bem o ſeu; porque exhortou os ſoldados à confiſſaõ, & todo hum dia athe alta noyte gaſtou, em ouvir ſuas confiſſoẽs, naõ ficando algum, ſem receber eſte Divino Sacramento, depois no dia ſeguinte lhes deu a Comunhaõ.

6 Chegou finalmente a Pernambuco, & foi no Recifé recebido dos noſſos com a caridade da Cõpanhia. Dalli o veyo levar pera Olinda o Reytor do noſſo Collegio. Diſta Olinda como huma legoa do Recifé. Neſte caminho diſſe o Padre Carlos da Silveyra ao Padre Reytor, que elle ſentia em ſi grandes dezejos de fazer miſſaõ na ilha

Itha-

Ithamaraca por outro nome Ilha da Conceyçaõ, acodio o Reytor, que elle estava nos mesmos dezejos, de se fazer Missaõ naquella Ilha, mas que a falta de sogeitos, pera acodir às obrigaçoens da caza, o detinha.

Deulhe o Padre Reytor por companheiro ao Padre Ministro do Collegio, passou à Ilha da Conceyçaõ, aqual correo toda prégando, doutrinando, & confessando com notavel bem das almas. E foi muy nomeada a converſaõ de hum cõcubinario: a bebeziaõ, com que este se perdia; ouvindo prégar ao Padre se lançou a seus pés chorando seu estado, & a fez depozitar em caza do Governador; sabendo isto o concubinario, sahio de si, & louco com a furia do seu mal, disse blasfemias: que avia de arrenegar da Fé, deyxar a Christo, & irse fazer gentio nesse certaõ do Brasil. Porem depois que o furor deu lugar à razaõ, foi Deos servido, que advertisse na sua miseria, & lançado aos pés do Padre se arrependeo, & emmendou da sua mâ vida.

8. Chamaraõno a toda a pressa, pera confessar huma doente; indo, se achou com huma molher de todo sã; a qual lhe disse: Padre, eu fui, pera me confessar, & naõ podendo por razaõ da muyta gente chegar a seus pés, me fingi enferma, & assim tenha paciencia, & me ouça, que naõ sei quando Deos me darâ outra occaziaõ semelhante a esta. Ouvioa & a deyxou muy consolada. Ouve em toda a Ilha muytas conversoẽs notaveis de pecadores envelhecidos. Depois que a correo, se retirou ao Collegio.

9. Apenas passou a Paschoa, quando o Padre Carlos da Silveyra ordenou outra Missaõ ao cabo de Sancto Agoſtinho, por ser a paragem muy necessitada de doutrina; sete dias tinha de Missaõ, quando adoeceraõ, por tanto foraõ obrigados a se recolher ao Collegio, pois enfermos nada podiaõ obrar. Cobrou o Padre saude, & avendo môçaõ boâ pera a sua dezejada Missaõ de Angola, com felis navegaçaõ chegou a Luanda cabeça do estado.

CAPITULO XXXXVII.

Das Missoẽs, que fez athe morrer.

FOra o Padre Carlos da Silveyra nomeado por Visitador, & Reytor do Collegio, que em Angola

tem à Companhia: porem os olhos se lhe hião nas Missoẽs. Dous annos, & meyo, que viveo naquella terra, eres vezes como hum novo Apostolo correo em Missão toda a Ilha de Loanda. He o certaõ de Angola de clima muy pestilente aos estranhos, por isso saõ muyto mais dignos de louvor, os que se metem em tal perigo, por levar a Deos as almas, do qual tem por quasi certa a morte, de que escapaõ raras vezes, ou de doenças mortais. Por esta causa costumava dizer hum Bispo de Angola homem sabio, & virtuoso, que se Deos quizesse Missoẽs em Angola, avia de tirar della o Anjo percuciente, (fraze cõ que o Historiador joaõ de Barros explica estas febres das Regioẽs de Angola) pois os Missionarios do certaõ de ordinario morriaõ com doenças malignas, & brevemente.

2 Nada menos, que a vida estimou o Padre Carlos da Silveyra. Sahio pois a campo com outro Padre, que quis consagrar sua vida no mesmo altar. Foraõ a lugares distantes, Bengo, Dande, Cafucalla, o prezidio de Muchima, a Provincia de Evissama. No territorio de Evicalla se detiveraõ toda a quaresma com trabalho, & fructo incrivel. Chamaõse aquellas gentes Muxiloandas, Christaõs só em o nome, por causa da falta, de quem os doutrine: saõ muy dados a superstiçoẽs, & feitiçarias, & muy occupados em buscar certo genero de buzios, que o mar lança à praya, por ser este o dinheiro da terra. Porem a fama dos dous Padres os despegavaõ deste seu grangeo, acodindo ao bẽ de suas almas.

3 Entre outros lucros do seu trabalho foi hum, cazar com suas mesmas occazioẽs a dous homens poderosos, que avia mais de vinte annos tinhaõ vida perdida. Na somana santa se recolheraõ ao Collegio, mas passados quinze dias, naõ podendo aquietar em caza o espirito do Padre Carlos da Silveyra, se tornou às Missoẽs.

4 Na terra de Saõ joaõ de Cassanga avia hum famozo feiticeiro, que a todos fazia medo com suas màs artes, querendo o tratassem, como a seu Bispo. Encaminhou o Padre alli a jornada, escapoulhe o feiticeiro, deyxando todas as boticas da arte, que naõ devia poder levar comsigo, por serem muytas: todas foraõ queimadas. Entre ellas era huma figura de cabra, que intitulava o Deos Eribuco, cuja virtude dizia ser, assistir aos partos, como entre os antigos Lucina.

5 Qua-

5 Quatro vezes foi lançada no fogo, sem este a poder consumir, os barbaros, que a tinhaõ por Deos, ficaraõ espantados, engrandeciaõ hum so poder do seu Deos, outros como atonitos fogiaõ, outros pasmados esperavaõ o fim, dando grandes aplausos ao seu Deos. Entaõ hum Christaõ entrando em fervor, tirou do fogo a cabra, & levando de hum cutelo, disse, que lhe dava aquella em nome do verdadeiro Deos, & da Sanctissima Trindade; descarregando lhe cortou de hum golpe o pescoço, & logo deu com ella outra vez no fogo, & sem resistencia alguma se converteo em cinza, ficando os barbaros fora da sua imaginaçaõ, & o nome de Deos triunfando.

6 Saindo o Padre no mez de Julho, por occasiaõ de hum Jubileu do Papa Innocencio Undecimo, foi fazendo sua Missaõ. Parou em hum posto, que chamaõ Nossa Senhora do cabo, por ser o lugar muy accomodado, pera alli concorrer a gente maritima. Aqui se chegou a seus pés hũ homem perdido, que gastara a vida no lodo de seus vicios. Perguntandolhe o Padre, como se atrevera, a estar tantos annos em tal esquecimento? Respondeo: Padre, depois q aqui chegou, entrei em pensamentos de tratar de minha alma.

7 Tomando tempo à noyte, pera me examinar, me appareceo a Senhora do Cabo, bem como está naquelle altar; & me disse: Tu jâ estás condenado por teus peccados, nem meu filho te hâ de perdoar: estes confessores he gente muyto mâ, que enfina doutrina falsa. Isto, dizia o peccador, me fez desistir do proposito, em que estava, porem hontem ouvindo a prégaçaõ, me resolvi a confessar, tornousme a mesma visaõ a apparecer, mas invocando eu ao nome de JESU, desapareceo, & fiquei entendendo ser tudo embuste do Demonio, que me queria sepultar no Inferno. Confessouse com muytas lagrimas, & notavel consolaçaõ do Padre, que por esta só converssaõ dacia por bem empregados os trabalhos de toda a vida.

8 Indo em Missaõ ao Dande, avia alli dous famozos feiticeiros, os quais naõ se atrevendo esperar a prezença do Padre, se ausentaraõ, deyxando toda a fabrica da arte, a qual constava de cinco petrechos, que bem enchiaõ hum sco saco. Deyxaraõ ellas cousas escondidas, mas sei na boa diligencia, se lhe deyxo thesouro: constava lhe de ossos de ho-

homens, unhas, dentes, coraçoẽs, & figados principalmente de meninos, alem disto de muytas cabeças de cobras, que por arte do Demonio boliaõ, & saltavaõ, como se estiveſſem vivas: muytas panelas grandes cheas dos seus unguentos, & varias cordas untadas com estas mezinhas.

9 Tambẽ havia alli feitos de casca da arvore Allicondе huns paramentos sagrados, como amicto, alva, cazula, capa de asperges, cordaõ, & os mais, tudo feito com tanta meudeza, que se cuidaria serem ornamentos de alguã Igreja, se a materia naõ fosse conhecida. Assim procura o Demonio com estes embelecos authorizar naquellas gentes os seus ministros.

10 Por fim de tudo se acharaõ tres idolos, q̃ era a Trindade dos barbaros, entaõ o Padre Carlos da Silveyra diante de todos, levantando o bordaõ, disse: Vede, quam pera pouco saõ os vossos Deoses, entre estas palavras ferio a cabeça de hum idolo, em recebendo o golpe, abrindo a boca lançou por ella tres chamas azuladas, que pareciaõ de fogo de enxofre. Entaõ os negros levantaraõ hum grito, dizendo, que bem mostravaõ estar no Inferno tais Deozes, pois assim ardiaõ. Logo sem demora se vaõ a elles, pizaõnos, arrastaõnos, & os reduzem a pô, & cinza.

Junto do rio Coança se via huma arvore entre os barbaros de tanta veneraçaõ, entre elles era sacrilegio cortarlhe algum ramo, nem ainda era licito levar algum, aquẽ o vento quebrasse: alli fazião muytos sacrificios ao diabo. Procurou o Padre mostrarlhe a sua doudice no respeito, q̃ tinhaõ àquelle pao. Nenhumas palavras lhe poderaõ tirar a sua idolatria; depois de alguns dias, que se lidou debalde nesta materia, disse hum Christaõ, ao Padre, que o melhor era mandar cortar a arvore; pareceo o conselho de Deos; logo deu ordem, a se lhe pôr o ferro. Estavaõ os negros boçais pasmados da ouzadia, & mais quando viraõ, que cahira em terra, sem o seu Deos fazer algum mal, a quem a cortara: mandou o Padre, que se lhe puzesse o fogo, depois no mesmo lugar fez levantar huma fermosa Cruz.

12 Destroida a arvore, naõ foi dificultoso desterrar dos coraçoẽs a idolatria. Ouve muitas conversoẽs, & baptismos, em hum dia gastou o Padre desde pella manhãa até a noyte, dando o santo baptismo. As occasioẽs de peccado, que cortaraõ, foraõ mais de quinhentas. Andõ

do

do neſtes ſanctos empregos, quis o Senhor pagarlhe o ſeu trabalho com premio eterno. Sobreveyolhe huma febre maligna daquellas, com que a terra coſtuma viſitar aos eſtranhos. Foi obrigado a ſe recolher ao Collegio.

13 Foi tal a força do mal, que apenas lhe concedeo ſete dias de vida, & nelles arrezoou a final. Preparouſe como homem ſancto, & como tal falleceo em o noſſo Collegio de Loanda aos quinze de Junho de mil ſeiscentos, & oitenta, & tres. Viveo ſempre na Companhia com vida de homem juſto, aqual acabou como forte, & alentado, pelejando no campo contra o Demonio pello bem das almas; tendo feito por dous annos, & meyo miſſoẽs em climas taõ peſtilentes, ſem reparar nos ſeus evidentes perigos, porque nenhum amor teve à vida, & sò a quiz, pera a empregar toda no ſerviço de ſeu Deos, & no bem das almas de ſeus proximos. Eſta vida ſe recolheo das Annuas deſta provincia.

CAPITULO XXXXVIII.

Vida do Padre Doutor Franciſco Soares Luſitano.

Jurumenha 19. de Jan. de 1659.

De ſua patria, & pays, entrada na Companhia, ſua ſabedoria, & occaſioẽs, que teve de padecer.

1 TOdos, os que fallaõ deſte graviſſimo Padre, & Doutor Sapiẽtiſſimo, ſe queixaõ de no lo tirar taõ ſedo a morte, cortando os fios a muytas eſperãças, que nelle tinha bem fundadas a noſſa Companhia. Tudo nelle foi grande, os Pays, a virtude, & as letras. Foi natural da Villa de Torres Vedras no Arcebiſpado de Lisboa. Seus pays, que eraõ muy illuſtres, ſe chamavaõ Dom Joaõ Soares, & Dona Izabel de Caſtro. De ſeus primeiros annos nada ſabemos, mas toda a ſua vida moſtrou, que tiveraõ a educaçaõ, que convinha a ſua nobreza.

2 Tendo quatorze annos naõ perfeitos de idade, entrou na Companhia em Lisboa na caſa de Saõ Roque aos ſinco de Fevereiro de mil ſeiscentos, & dezanove, fazendo vezes de Meſtre de Noviços o Padre Franciſco de Araujo. Naõ havia neſte tempo Noviciado naquella caſa, mas por al-

alguma rezaõ eſpecial, ſuccedia entrarẽ alli às vezes eſtudantes, & ſerem logo mãdados a fazer ſeu Noviciado em Coimbra, ou Evora. Foi logo continuar em Coimbra, onde eſteve pouco tempo; por quanto no mes de Junho do meſmo anno dia de Sancto Antonio começou o Noviciado em Lisboa no Monte Olivete, & desfazendoſe por eſta occaſiaõ os Noviciados de Coimbra, & Evora, paſſaraõ os ſeus Noviços a viver em Lisboa.

3 Por eſta cauſa voltou de Coimbra o Irmaõ Franciſco Soares, & cõtinuou, & acabou em Lisboa os dous años. Acho no livro da provaçaõ, em como eſtivera neſta caſa athe vinte, & ſinco de Fevereiro de mil ſeiscentos, vinte, & ſete, que ſaõ alguns ſeis annos depois de ter os dous de Noviço. Naõ ſe diz a cauſa diſto, ſalvo ſoſſe eſtudar latim, pois acho, que muytos moços illuſtres entraraõ neſta provincia na Companhia, ſem do latim ſaberem nada, & câ o eſtudaraõ todo, deſtes pode ſer, foſſe hum o Irmaõ Soares.

4 Eſtudou no Collegio de Coimbra, ſempre nelle ſe vio hum ingenho de marca maior. Sendo Irmaõ da primeira, tinha taõ elevado eſtilo na poezia, que parecia ſer ja Meſtre cabal naquella faculdade. Sempre que ouve compoſiçoẽs, levou elle os primeiros premios.

5 Depois de eſtudar Philoſophia, enſinou letras humanas em Lisboa. Teve na ſala publica humas concluſoẽs humaniſtas, cuja materia foraõ os ſete milagres do mundo, mas por voto de todos o maior milagre foi a muyta graça, a muyta eloquencia, & o grande ſaber, com que preſidio neſte acto, a que aſſiſtio o Colleytor, que entaõ havia neſte Reyno, chamado Monſiur Tramallo, o qual diſſe publicamente, que nunca nas Univerſidades, em que ſe tinha achado, vira acto, que mais ſuſpenſaõ, & maior goſto lhe cauſaſſe: que aquelle Meſtre era hum inſigne Rhetorico, que paſmaria Roma, ſe tal eloquencia ouviſſe.

6 Depois de aprender Theologia, enſinou Philoſophia em Coimbra, foi dos Meſtres mais aplaudidos, que ouve naquella Univerſidade. E bem o moſtra o ſeu curſo Philoſophico, que imprimio, & anda nas maõs de todos; do qual ſe uſa em as noſſas eſcolas; & nas de Goa ſe introduzio por ordem dos Superiores, por ſer obra excellente, & tambem por ſe evitarem os inconvenientes, que da liberdade

berdade de opinar, coſtumaõ nacer, querẽdo cada Meſtre fazer huma Philoſophia ao ſeu modo.

7 Foi promovido a ler as cadeiras maiores, enſinou Theologia athe a cadeira de Prima em o noſſo Collegio. Grangeou nome, & tanto aplauſo, que ſe naõ vio entaõ maior em Coimbra. Admiravaõſe os mais doutos Meſtres de Canones, & Leis, de ver, q̃ preſidia cõ tal eminencia, q̃ nunca lhe tocaraõ texto algũ, nẽ em Canones, nem em Leis, q̃ elle o naõ referiſſe logo de còr, & lhe deſſe o verdadeiro entendimento, ſegũdo as glozas, & pareceres dos melhores Authores. Tudo nacia de ſer de memoria feliciſſima.

8 Nas explicaçoẽs ordinarias repetia os textos com tanta ſegurança, & certeza, que fazia ſuſpenſaõ. Por curioſidade os hiaõ por vezes a ver nos livros os ouvintes, & achavaõ, os allegava fideliſſimamente. O Padre Doutor Franciſco Pinheiro, que compoz dos teſtamentos, do Cenſo, & Emphiteuſe, Lente de Prima na Univerſidade de Evora, & muy ſabio no direito, indo a Coimbra, onde o Padre Soares era Lente de Prima, & ouvindo-o em varias occaſioẽs (ſem ſer couſa eſtudada, pera dizer em cadeira) allegar, & repetir textos taõ ajuſtados, com o que ſe tratava, ſe admirava, & diſſe: Eu tambem ſei algum direito, mas naõ com o acerto das allegaçoẽs, & memoria, que experimento no Padre Franciſco Soares.

9 O ſoccego, com que nos actos preſidia, era admiravel, ſendo aſſim, que ſe lhe offereceraõ muytas occaſioẽs de ſahir deſta ſua bella paz. Neſta materia ſe pudera dizer muyto. Sò contarei, o que lhe aconteceo em humas concluſoẽs dos Auxilios, & Sciencia Media, a que preſidio, argumentou lhe hum Lente de grande nome de outra Religiaõ, oppoſta a eſta noſſa doutrina, & naquelles tempos, mais, que hoje. Fundou o ſeu argumento em hum lugar de Sãcto Thomás, explicando-o o Padre Soares, confirmou a doutrina da Companhia, que poem a efficacia da graça na vocaçaõ congrua, com hum lugar de Sancto Thomás no commento da epiſtola de Saõ Paulo aos Hebreos, no fim do capitulo quarto, onde S. Paulo diz: *Adeamus ergo cũ fiducia ad thronum gratiæ, ut miſericordiam conſequamur, & gratiam inveniamus in auxilio opportuno.* Commenta Sancto Thomàs eſtas palavras, & explicando a palavra, *auxilio opportuno*, tem, *Hoc autem (auxilium) oportet eſſe con-*

gruo tempore, ideo dicit auxilio oportuno.

10 Ouvindo o argumentante as palavras, *congruo tempore*, lhe naõ pareceo, ſer de Sancto Thomàs, & aſſim diſſe ao Padre Soares, que as leſſe no livro. Reſpondeo, que na cadeira sò tinha as partes de Sancto Thomás, que as palavras eraõ no commento das epiſtolas. Como o arguente vio, que naõ tinha livro, diſſe, que tais palavras naõ eraõ do Sancto. O Padre Soares com muyto ſoccego lhe diſſe: Muyto Reverendo Padre, veja voſſa Paternidade, que as trasladei neſte papel ha menos de tres horas, & moſtrou o papel, em que as tinha trasladadas.

11 Perſiſtio o Religioſo, que naõ eraõ de S. Thomás. Foi neceſſario, mandar vir o livro, indoſe buſcar a toda a preſſa, o argumentante naõ quiz eſperar, athe ſe trazer o livro, & ſe foi embora. Chegando com o livro, buſcou o Padre o lugar, mas naõ o quiz ler da cadeira, mandou-o reſiſtado ao Reverendo Padre Frey Ricardo de Sãcto Victor da ordem de S. Agoſtinho, Lente de Prima da Univerſidade, pera que com ſeus olhos as viſſe, & leſſe, & ao Reverendo Padre Doutor Frey Izidoro da ordem da Sanctiſſima Trindade, os quais viraõ, ſerem as meſmas, que o Padre Soares tinha referido. Todos louvaraõ grandemente a modeſtia, com que ſe ouve, ſabendo de certo, quam enganado eſtava o argumentante.

12 Eſte acto foi muyto celebre pella inſtancia, que tinhaõ feito os Padres da Religiaõ do argumentante, pera impedirem eſtas concluſoẽs, a que veyo toda a Univerſidade, & as Religioẽs todas. Foi taõ celebre, que delle ſe fizeraõ relaçoẽs. Huma fez o Doutor Paulo Rebello Collegial de Saõ Paulo, & Lente de Leis, pera o Doutor Manoel Pereira de Mello Collegial do meſmo Collegio, q̃ entaõ eſtava auzente. Depois de contar o ſuccedido, tem eſtas formais palavras.

13 *Senhor, em papel naõ ſe podem contar todas as particularidades, digo em ſumma, que nunca Coimbra teve tal dia, que nunca os Padres da Companhia tiveraõ maior honra, que nunca cuidei, que no mundo havia taõ cabal homem, como o Padre Franciſco Soares; porque ſua modeſtia hoje ſe vio, ſua brandura, ſeu ſaber, ſua politica, ſua virtude. Eſtava metẽdo a gente na alma, huma palavra ſe lhe naõ ouvio mais alta, que outra, a cortezia, a boca de riſo, o deſafogo, a preſteza*

no

no reſponder, aquelle ſaber, comb quem ſabe. E finalmente vi hoje hum homem em huma diſputa publica tal, & com tais circunſtancias, que naõ ſei, ſe pode crer ſe, que algum Anjo lhe aſſiſtia. Ah Senhor, creo, que ſe voſſa merce bem entendera, o que eſta tarde ouve na aula da Companhia, que deixara todas as pertençoẽs do mundo, por ſe achar nella; & por fomente ver ao Padre Franciſco Soares; & eu naõ quero ja ver couſa mais de meu goſto. Poſſo dizer, que vi huma diſputa de hum Concilio, & que vi o que dezejava ver. Athe aqui as palavras daquelle Doutor.

14 Concorreo neſte Padre tudo, quanto ſe pode dezejar, pera formar hum Meſtre inſigne. A clareza do ſeu eſtilo junta com a brevidade, todos a reſpeitavaõ, & veneravaõ. Se continuaſſe nelle a vida, conforme ſua grande applicaçaõ, ſeu grandiſſimo ingenho, & ſeu incanſavel eſtudo, cuidavaõ muytos, que havia de vẽcer o Soares Granatenſe, porque no ingenho naõ era inferior, & vencia-o no eſtilo, por ſer grande latino, & no eſtilo muy ameno, & deſembaraçado.

15 De Coimbra paſſou a ſer Lente de Prima na Univerſidade de Evora, onde tomou o grao de Doutor na Sãcta Theologia aos ſeis de Junho de mil ſeiscẽtos, ſincoenta, & ſinco. Do ſeu conſelho ſe ſervio muyto o tribunal do Sancto Officio, de que foi Qualificador.

16 Com ſer neſte Padre muy grande a ſabedoria, foi maior a virtude, da qual ſempre fez mais eſtimaçaõ; que de quaiſquer dons humanos. Depois de ſer ja da Companhia, foi morto ſeu Irmaõ mais velho Dom Martinho Soares de Alarcam, ficou herdeiro de ſua caſa o Padre Frãciſco Soares, q̃ tinha ſó deſaſete annos de idade, era Noviço & eſta por ventura pode ſer a cauſa de ſe deter os annos, q̃ aſſima diſſe na caſa de Liſboa, & tambem de ſe lhe dilatarem os votos. Seus parentes o importunaraõ, que deixaſſe a Companhia, & ſe cazaſſe; porem elle fazendo pouco caſo, do que lhe diziaõ, reſpondeo, que naõ deixava elle tãto bem, como era a Companhia por couſa taõ pouca, qual em ſua comparaçaõ eraõ as grandezas humanas.

17 Por tanto fez logo deixaſſaõ do morgado em ſeu Irmaõ mais moço Dom Joaõ Soares de Alarcam, o qual depois deu ao Padre Soares materia de grande merecimento.

to. Succedendo a felix acclamaçaõ del-Rey Dom Joaõ o Quarto, eſte fidalgo com outros mal aconſelhados ſe paſſou a Caſtella; ſeguindo o partido de Philippe. Daqui ſe originou huma falſa ſoſpeita, de que o Padre Soares eſtava reveſtido dos humores de ſeu Irmaõ. Como neſtas materias baſtava pouco, naõ foi neceſſario muyto, pera que o Padre Soares naõ foſſe tido por homem ſoſpeitoſo. Duas vezes foi prezo por ordem del-Rey em hum cubiculo da noſſa caſa de Saõ Roque, em que padeceo, quanto elle ſignifica em hum arrezoado, que aprezentou a el-Rey em ſua defeza, no qual tem as palavras ſeguintes.

18 *E porque ja outra vez eſtive prezo deſte meſmo modo, & neſte carcere ſete mezes, donde, ainda que no cabo me julgaraõ por innocente, ſabi com tudo todo branco, antes de annos, todo debilitado, encoſtado a hum bordaõ; temendo agora naõ ſe me dilate deſte meſmo modo eſte trabalho, & affronta, & vẽdo fechadas todas as mais vias pera minha defeza, porque meus Superiores da Companhia, pedindolhe eu culpas, encolhem os hombros, & dizem, que naõ tem nenhumas contra mim, os Miniſtros de voſſa Mageſtade naõ me deferem, he rezaõ, Senhor, recorrà à Real peſſoa de Voſſa Mageſtade, como faço poſtrado a ſeus Reais pès, lembrando a voſſa Mageſtade, que alem de vaſſalo ſeu, ſou hum Sacerdote Religioſo da Cõpanhia de JESU, aquem voſſa Mageſtade profeſſa taõ Real piedade, faz tanta merçê, & moſtra tanto amor, & ella lho merece.* Athe aqui ſuas palavras.

19 A cauſa deſta prizaõ foi, que a molher de ſeu Irmaõ lâ de Caſtella eſcreveo huma carta a huma Religioſa ſua Irmaã, aqual ſó continha, darlhe novas de ſeus filhos, & meninos, ſem tocar outro algum ponto. A Freyra mandou eſta carta ao Padre Soares, dizendo, naõ tiveſſe pejo de a ler, porque lha deraõ aberta, & privilegiada. Neſta boa fé o Padre leo a carta, & lha tornou a remetter cõ hum eſcrito ſeu pera a dita Religioſa. Eſta, reſpõdendo a ſua Cunhada, meteo na carta o eſcrito do Padre Soares, o qual era hum mero cumprimento, ſem lhe paſſar por penſamento, q̃ ſeria mandado a Caſtella. Foi tomada a carta da Religioſa, & nella o eſcrito do Padre. Logo el-Rey paſſou decreto, que vieſſe de Coimbra a Lisboa, & foſſe prezo, o que aconteceo em Janeiro de mil ſeiscentos, & ſincoenta.

20 O da primeira prizaõ, & como Deos por elle acodira

dira, toca com estas palavras: *Quanto ao dizerem, que ja outra vez fui prezo: isso he verdade, mas perdoe Deos a Francisco de Lucena, que por seus intentos me ordio essa prizaõ, mandandome tentar por hum soldado desatentado com huma carta de meu Irmaõ, & porque eu conforme a regra da minha Religiaõ reparei, em a aceitar na forma, que elle queria, vendose fruſtrado, com temerario atrevimento se foi, & testimunhou, accitara eu, abrira, & lera a carta diante delle, affirmandoo assim com hum juramento falso, como por sentença cõstou. E permittio Deos por seus altissimos juizos, que no mesmo tempo, que prenderaõ, & degolaraõ a Francisco de Lucena, me soltaraõ a mim, & declararaõ por innocente, & tambem o Doutor Francisco de Mesquita, que correo com estas minhas execussoẽs, depois dellas viveo pouco tempo. O estreito exame, que entaõ se fez de minhas palavras, & acçoẽs, com ainda estarmos nos primeiros annos do Reyno, justifica bem a verdade de meus procedimentos.* Athe aqui suas formais palavras. Bem se deyxa ver a grande materia, que teve de paciencia nestas occasioẽs, em que foi declarado por innocente, como em verdade o estava.

CAPITULO XXXXIX.

Dos exemplos de suas virtudes, & morte lastimoza.

1 O Que mais foi de admirar, he, que nas contradiçoẽs referidas nunca em suas praticas se queyxou de pessoa alguma, antes quando algum Padre seu amigo lhe tocava nestas materias, logo desviava a pratica, dizendo: Deos sabe, o que faz, elle bem sabe, que nenhuma occaziaõ dei, pera me tratarem desta sorte, elle me livrarâ, se assim for sua sanctissima vontade, a ninguem ponho a culpa de ninguem me queyxo. Estas eraõ as suas repostas, conformandose todo com a vontade de Deos, que lhe dava estas occasioẽs, pera maior merecimento seu.

2 Em Junho do anno de mil seiscentos, sincoenta, & sete lhe ordenou nosso R. Padre Geral Gozuvino Nikel, que fosse Reytor do Collegio de Evora, & na carta lhe pedia, que se naõ escuzasse, prevendo, que sua humildade se naõ accõmodaria com governos; na verdade elle os naõ dezejava, querendo gastar o restante da vida na compozi-

çaõ

çaõ dos ſeus livros. Acho carta ſua dada em 14 de Setembro de 1658, em que pede ao Padre Geral o eſcuſe do governo, & que o deyxe gaſtar o ſeu tempo em eſcrever os ſeus livros. Juntamente lhe dâ conta, em como a Rainha molher del-Rey Dom Joaõ o quarto jâ defuncto, que entaõ governava, declarara, em como nada tinha cõtra a peſſoa do Padre Franciſco Soares, antes que lhe era muy aceito. Depois da tal declaraſſaõ, ſe lhe deu a patente, pera ſer Reytor.

3 Tanto que lhe entregaraõ a patente na caza de Saõ Roque, onde entaõ eſtava, huma madrugada ouvio com voz laſtimoſa eſtas palavras: *Padre Reytor, Padre Reytor.* Logo entendeo, que Deos o chamava ao Reytorado pera grandes penas. Pondoſe de joelhos diante de hum Crucifixo, diſſe: *Domine, quid me vis facere.* Iſto em chegando a Evora contou elle ao Padre Affonſo de Caſtilho, que o deyxou eſcrito da ſua letra, cujo papel tenho em meu poder. O effeito moſtrou a verdade, do que o Padre cuidara.

4 Succederaõ logo no Collegio graviſſimas doenças originadas dos ſoldados doentes, que vieraõ do ſitio de Badajòs, aos quais os noſſos Religioſos hiaõ ſervir no hoſpital da Univerſidade, & delles meteraõ no Collegio as doenças. Por huma vez foraõ os doentes vinte, & quatro, eſtes melhorados, cahiraõ vinte, & ſinco de infermidade contagioſa. Sinco, & ſeis vezes os vizitava cada dia. Se algum eſtava de perigo, rara era a hora, que o naõ foſſe ver. Se eſtava com crecimento, naõ queria, que ſe lhe deſſe de comer, athe elle o naõ mandar, pera iſſo lhe hia tomar o pulſo huma, & mais vezes ainda depois da cõmunidade recolhida. Tinha o Padre grande intelligencia de pulſo, que neſta, & outras occaſioẽs foi a muytos de remedio, & vida.

5 Ouve por eſte tempo grandiſſima falta de gallinhas; por ſerem innumeraveis os doentes, era o preço dellas exceſſivo: por eſtas razoẽs ſignificaraõ ao Padre Reytor, ſer neceſſario eſtreitar a raçaõ de gallinha, que ſe dava aos doentes: reſpondeo, que tal couſa naõ conſentiria, em quanto foſſe Reytor; logo ordenou, as trouxeſſem a todo o cuſto, pera eſte effeito mandou moços do Collegio nas mulas a lugares diſtantes, onde as podia aver. Diſſe ao Procurador,

dor, que por outras couſas ſe empenhava o Collegio, quãto mais por aquella, que naõ reparaſſe em preço, que faltãdo dinheiro, elle o buſcaria empreſtado, como o fez.

6 Eſta caridade naõ foi nelle couſa nova, em toda a vida ſe tinha nelle obſervado. Em Coimbra teve hum Padre debayxo do braço hum inchaſſo do tamanho de huma cidra, eſta pezada carga ſe ſoltava às vezes em ſangue taõ copioſo, que ſe naõ podia eſtancar. Huma vez foi com tal exceſſo, que os Medicos, & Surgioẽs julgaraõ, que o Padre naõ podia viver hum mez, nem elles ſabiaõ, que cura podia ter aquelle mal. Diſſe hum dos Medicos. que ſó Guilhelme, que era hum Surgiaõ affamado em Lisboa, poderia ſaber remedio pera o achaque. Tratouſſe na conſulta, ſe iria o Padre a Lisboa. Votaraõ todos, que o Padre morria, como diziaõ os Medicos, & que o ir a Lisboa era mais arriſcado a morrer no caminho, que poderlhe o Guilhelme dar remedio. O Padre Soares votou, que o morrer o Padre naõ ſe curando era certo, conforme os Medicos, & ſurgioẽs diziaõ, & o morrer no caminho era contingente: por tanto, que era de parecer, que o doente foſſe em huma liteira a Lisboa, & que o acompanhaſſem hum Padre pera o confeſſar, & hum Irmaõ pera o ſervir, que ſe o Collegio reparaſſe nos gaſtos, que elle os faria. Prevaleceo o ſeu voto. O doente foi a Lisboa. Fez nelle o ſurgiaõ huma cura inſigne, depois viveo por muytos annos.

7 Indo de Lisboa pera Coimbra, morria hum homem na eſtalagem ſem confiſſaõ de hum accidente. Pedio o Padre lhe lançaſſem huma ventoſa na nuca, com ella tornou em ſi, deu materia de confiſſaõ, abſolve-o, & logo morreo. Em Coimbra enterrava com ſuas maõs todos os noſſos, q̃ morriaõ. Mandou ao Padre Affonſo de Caſtilho, que eſcreveſſe os exemplos de edificaçaõ de todos, os que morreſſem no ſeu tempo, ſendo elle Reytor. Elle ungia, dava o Sãcto Viatico, & fazia os officios funerais a todos os ſeus ſubditos, que morriaõ. Ainda ſendo lente, ſe algum doente o mandava chamar, pera lhe ver o pulſo, porque entendia bem delle, logo o hia conſolar, aqualquer hora, que foſſe. Se lhe faltava ao doente algum mimo, dava ordem, a que foſſe provido.

8 Sendo em Coimbra Meſtre do curſo, pedio eſmola ao Biſpo pera todos os ſeus eſtudantes pobres, que eraõ muy-

muytos, & lha deu pera todos os ſeus actos, & graos athe licenciados. A todos, os que antes do exame repetiaõ a logica com ſufficiencia, deu cruzes de ſalſete, & relicarios. A todos os Theologos de caza, que no exame diziaõ ſeis textos, ſendo elle lente, dava ſua cruz de ſalſete. Tanto procurava fomentar os eſtudos.

9 Foi homem de mortificaçaõ, baſtava pera prova o muyto, que com grandiſſima paciencia ſoffreo no tempo da prizaõ. Dizia elle, que de toda ſua vida ſó eſtimava o tempo, que eſteve prezo, porque alli aprendera mais no muyto, que paceceo. Era parciſſimo no comer, diſſimulando eſta mortificaçaõ com a fraqueza do eſtamago. Tinha grande amor a *D*eos, coſtumava dizer, naõ ſó pera minha ſalvaçaõ, ſenaõ pera alcançar mais hum grao de graça, tomara, ſe foſſe neceſſario, que todos os Demonios atormentaſſem eſte corpo. Outras vezes dizia àquelles, com quem fallava, ſe nos achaſſemos agora diante de Deos, q̃ alegria teriamos? Moſtrando neſtas palavras os dezejos, que tinha, de ſe ver com elle no Ceo.

10 O zelo do bem das almas ſe vio nas anſias, que teve de ir a Japaõ, quando era Meſtre de Philoſophia em Coimbra. Nenhumas palavras explicaõ melhor o ſeu fervor, que as ſuas proprias, em minha maõ tenho o traslado da carta, que ſobre eſte ponto eſcreveo ao R. Padre Geral Mucio Viteelleſchi, he a ſeguinte.

11 *He chegada minha hora, chamame Deos pera Japaõ, pello que lhe dou infinitas graças. Cuidei, que nunca preſtaſſe, pera ſe elle querer ſervir de mim. Temme Deos fixo muy vivo na alma, o aver de morrer por ſeu amor morte taõ glorioza, que me darei por muy contente de morrer em ſua demãda. Mereço â Companhia, me meta neſta empreza pello amor, com que de menino de treze annos ſempre muy particularmente a dezejei ſervir, trazendoa no coraçaõ, & ſobre a cabeça, deſprezando por ella, & metendo debayxo dos pês, o que o mundo me offerecia.*

12 *Naõ dê Voſſa Paternidade, pello que a minha provincia pode allegar, dizendo, lhe ſou neceſſario pera ſuas cadeiras, governo, ou exemplo, porque alem do pouco, que pera eſtas occupaçoens preſto, dado, que preſtara muyto pera ellas, hâ neſta provincia grandes ſogeitos. E poſto em huma balança o ſerviço, que, ficando nella, lhe poſſo fazer, & em outra, o que*

lhe

lhe faço, deyxandoa por esta empreza, acharâ todo o bom entendimento, peza mais esta segunda pello exemplo, que nisto dou à minha provincia taõ necessario nesta materia, assim pello q̃ ella taõ particularmente entre outras professa, como pellas partes (deme Vossa Paternidade assim licença) que em mim concorrem, porque olhando meus iguais pera ellas, assentaraõ, lhes corre a mesma obrigaçaõ, que em mim tomo.

13 Naõ dê Vossa Paternidade por meus parentes, isto fique à minha conta, que eu farei com elles, que nem me desprezem a mim, nem se escandalizem da Companhia, quanto mais, que no primeiro vai pouco; & quanto ao segundo, dahi nos entendimentos desapaixonados (que sempre destes hâ muytos) resultarâ maior estima do instituto, & inteireza da Companhia. Naõ aceitamos mitras, por mais que isso afugente os mancebos fidalgos da Companhia, damos por rezaõ desfavorecer isto nosso instituto. Deyxeme Vossa Paternidade ir a Japaõ, que esse direitamente he nosso instituto. Naõ afugentou da Companhia aos mancebos nobres a missaõ do Padre Dom Gonçalo da Silveyra, taõ conhecido por seu sangue neste Reyno, nem a do meu Irmaõ Pedro Mascaranhas Irmaõ do Padre Nuno Mascarenhas Assistente de Vossa Paternidade.

14 Naõ dê Vossa Paternidade por minhas poucas forças, pois naõ saõ taõ poucas, que nestes treze annos, que hâ sirvo a Companhia, naõ pudesse com tudo, o que os outros puderaõ, aturando, & trabalhando, como os mais valentes della; alem de que, eu peço, ir morrer, & pera morrer, naõ saõ necessarias forças. Se morrer no mar, eu me dou por muyto contente, nem a Companhia se pode desconsolar, porque sempre o Capitaõ se deu por bem servido do soldado, aquem na empreza naõ faltou o animo, posto que faltasse a vida. Antes he credito do animo poder mais, que o corpo, declarase esta victoria cahindo este, & naõ chegando, aonde aquelle aspira. Naõ mostrou o Sancto Xavier menos morrendo entre as portas da China, que vivendo nas praças da India, antes enjeitou o viver livremente nestas, por morrer entalado naquellas.

15 Reverendo Padre, Deos me chama a Japaõ, deyxeme Vossa Paternidade ir. Bem sei, que, o que poço allegar à Cõpanhia, he nada, & que nem as lagrimas, que ao fazer desta derrama, saõ ouvidas. Peço-o pellas chagas do sangue de JESU Christo. Olhe Vossa Paternidade, que eu em breve hei de morrer, deyxeme morrer à minha vontade. Que ganha esta

provincia mais morrendolhe eu em huma das ſuas enfermarias, do que morrendolhe ao nadà em huma nao da India.

16 *Eu tenho acabado meus eſtudos, fico lendo Philoſophia neſte Collegio de Coimbra. Voſſa Paternidade me mande eſta licença, que peço, pera ir ao Japaõ de tal modo, que em virtude della me poſſa embarcar na primeira occaſiaõ, ſem diſſo ſaber ninguem, eu o cõmunicarei a ſeu tempo ao Padre Provincial, como tambem ao Padre Antonio Maſcarenhas, ao Padre Simaõ Alvres, ao Padre Nuno da Cunha, governãdome em tudo por elles. Lembro a Voſſa Paternidade, que ſem eſtas duas condiçoens naõ me ſerve a tal licença. A primeira hâ de ſer ir pera Japaõ, de tal modo, que em virtude della poſſa ir direito, naõ me podendo ninguem deter na India. Segunda, hâ de ſer em todo o ſegredo, naõ ſabendo ninguem diſſo, eu o cõmunicarei a ſeu tempo, como tenho ditto. Voſſa Paternidade me lance a bençaõ.* Athe aqui a ſua carta, que naõ teve o deſpacho, que pertendia, mas bem moſtrou ſeu grande fervor de ſalvar almas, & dar a vida por Chriſto.

17 Deſte eſpirito lhe nacia acodir ao bem eſpiritual do proximo, ſempre que ſe offerecia occaſiaõ. Por livrar de perigo a huma moça natural do Vimieiro, aquem o Demonio por muytos annos atormentara, & della tinha eſcrito, a fez recolher na caza da Piedade em Evora, & lhe ouve eſmolas. Prégando no cadafalſo do Acto da Fé, depois da prégaçaõ pedio meza huma molher, que hia a queimar, dizendo, eu bem ſei, que morro, mas a brandura, & rezoẽs do Padre, que prégou, me obrigaõ à me pór em eſtado de ſalvaçaõ, & confeſſar o meu erro da ley de Moyzes, em que athe agora vivi. Tinha grande modo em ſuas palavras, com que fazia devaçaõ. Sendo Reytor dava as meditaçoens na capella com ſingular perfeyçaõ, a ellas aſſiſtia quaſi todo o Collegio.

18 Sendo taõ nobre, & de tais prendas, era por extremo humilde. Em Coimbra na terça feyra das quarenta horas foi ao moſteiro de Sancta Cruz comer com os pobres. Eſtando comendo no chaõ, chegou alli o Preſidente da Inquiſiçaõ, o qual vendo tal humildade em tal homem, naõ pode conter as lagrimas. Huma vez indo hum Noviço avizalo, pera ſervir à meza, ſe poz de joelhos, o meſmo fez o Padre pera tomar o aviſo.

19 Foi homem notavelmente recolhido no ſeu cubiculo.

Digitized by Google

culo. Nunca o veriaõ a huma janela olhando pera os cãpos. Da virtude da pobreza foi amantiſſimo. Remendava o ſeu veſtido, & dizia, que ſendo menino, ſua Irmãa lhe enſinara dar, quando cozia, hum ponto atraz, pera ficar a obra ſegura. Sempre veſtio, o que entre nòs he mais ordinario, nunca uſou de almilha, nem meyas de bayxo, das q̃ andaõ por fora. Nas licenças era muyto meudo. Hum papel dellas tenho em meu poder, no qual pede licença, pera trazer ciroulas, pera eſcrever cartas, pera o papel neceſſario, pera entrarem no ſeu cubiculo, & outras de ſemelhante jaés. Avendoſe em tudo como Religioſo, que de veras tratava da perfeiçaõ. A eſte tempo jâ tinha enſinado Philoſophia.

20 Hum Padre, que por baſtantes annos teve com elle communicaçaõ, & lhe aſſiſtio à imprenſa dos ſeus livros, affirmou, que nunca lhe vira acçaõ, nem ouvira palavra, que ſe pudeſſe avaliar por peccado venial. Tal pureza de alma bem merecia o favor do Ceo, que deyxou eſcrito o Padre Affonſo de Caſtilho homem de muyta virtude, & verdade, vem a ſer, que lhe diſſera Dom Joaõ de Mello Inquizidor, que o Padre Manoel Maſcarenhas lhe diſſera, como em confiſſaõ, que vira huma vez ir dous Anjos em Coimbra incenſando ao Padre Franciſco Soares. O Padre Manoel Maſcarenhas, parente muy chegado do Padre Soares, foi homem de grande virtude, como eſcreverei em ſeu lugar, por tanto o ſeu ditto ſe pode ter por muy verdadeiro.

21 Com tantas & taõ excellentes virtudes ſe tinha o Padre Franciſco Soares diſpoſto pera a morte, daqual ſe crê teve revelaçaõ, affim daquella voz, que diſſemos, ouvira em Lisboa, qnando lhe deraõ a patente, pera ſer Reytor do Collegio de Evora, como das diſpoziçoẽs, que fez, & couſas, que diſſe, antes de ir pera Jurumenha. No Janeiro de mil ſeiſcentos ſincoenta, & nove mandou a Rainha Regente, que os Eſtudantes, & Privilegiados da Univerſidade de Evora foſſem preſidiar a parça de Jurumenha, porq̃ ſe queria acodir a Elvas, que eſtava nos ultimos apertos avia mezes fitiada pellos Caſtelhanos.

22 Pondoſe eſte ponto no Clauſtro da Univerſidade, todos votaraõ, excepto hum, que foſſe com os Eſtudantes, & Privilegiados o Padre Reytor. Diſſe elle ao Padre Af-

fonſo de Caſtilho, que o perſuadia, a que naõ foſſe. Padre eu tomara adoecer, pera naõ ir, mas todo o Clauſtro me manda. Eu poſſo viver pouco, & aſſim ſô ponho os olhos em Deos, & naõ me da, do que diraõ. A eſte Padre mandou entregar hum eſcritto de huns oitenta mil reis de divida, pera que o deſſe, a quem tinha feito o empreſtimo, dizendo, que podia morrer de repente.

23 Antes de ſe pór ao caminho, diſſe, que elle naõ avia de tornar a Evora. Com elle da noſſa Companhia foraõ o Padre Doutor Diogo de Alfaya lente da Univerſidade, & o Padre Franciſco Cardozo Theologo. Hiaõ as companhias de privilegiados, & eſtudantes. Tanto que chegaraõ a Jurumenha, os fez a todos confeſſar, & commungar. Entrou o exercito Portugues com felis ſucceſſo na cidade de Elvas tendo deſtroido aos Caſtelhanos. Logo o Padre Franciſco Soares chegou a Elvas, pera com a ſua Univerſidade ſe tornar a Evora, avida licença do General das armas.

24 Voltou a Jurumenha, & ſe fez preſtes pera a jornada confeſſandoſe os Padres, & dizendo Miſſa. Eſtavaõ aſſiſtindo, & conſolando a hum enfermo, aquem ſe tinha dado o Viatico Neſte tempo ſem ſe ſaber como, pegou o fogo em huns barris de polvora, que eſtavaõ nos bayxos das cazas do Governador da praça, voaraõ os tres Padres com outras cem peſſoas entre eſtudantes, & priveligiados, em hum inſtante pereceraõ, eſtando aquella menhãa pera ſe partir. Succedeo eſta laſtimoza fatalidade aos dezanove de Janeyro de mil feiſcentos ſincoenta, & nove. Ouve por ella, & com razaõ, geral ſentimento no Reyno. Ficou mais celebre com a ruina de hum tal homem, qual era o Padre Soares.

25 Achouſe hum fragmento do corpo, que ſe conheceo ſer ſeu pello ſinete do officio, que tinha na algibeira, onde tambem ſe acharaõ o cilicio, & diſciplinas, que tomou por reliquia o Governador de Jurumenha, dizendo, que naquelles dias o conhecera por ſancto, & que todas as noytes lhe ouvira tomar diſciplina. Huma molher de muyta virtude, & authoridade affirmou, que pouco tempo antes do incendio vira ao Padre Soares cercado de Lus, & reſplandor entre dous Anjos. Huma Religioſa de virtude diſſe, que do incendio vira ſubir ao Ceo as almas de todos tres.

26 Faz

26 Faz illuſtre mençaõ do Padre Franciſco Soares Luſitano, que aſſim o nomeaõ pera diſtinçaõ do Granatenſe, a Biblioteca da Companhia, onde ſe diz, que era homem grande em tudo, em ſangue, letras, & virtude, & na prudencia pera os governos, que dezoito annos lera Theologia em Coimbra, & Evora. Imprimio hum curſo de Philoſophia, o qual ſe tem depois impreſſo repetidas vezes. deyxou approvado pella Inquiſiçaõ hum volume na materia da Penitencia, que depois lhe imprimio a Univerſidade de Evora. Deyxou mais outro tomo das Cenſuras, & Bulla da cea jâ acabado. Tinha tambem compoſto huns commentarios ſobre a primeira parte de Sancto Thomás.

27 Eſta vida recolhi, aſſim de muytos documentos, que tinha em ſua maõ, & mos deu o Padre Sebaſtiaõ do Magalhaẽs Confeſſor, que foi del-Rey Dom Pedro o ſegũdo, como de alguns do cartorio de Coimbra, & das Anuas da Provincia.

CAPITULO L.

Vida do Padre Ambrozio Rodrigues.

Evora 21. de Out. de 1658.

1 MErece eſpecial lembrança a caridade do Padre Ambrozio Rodriguez, pois no exercicio deſta virtude perdeo a vida temporal, & grangeou a eterna. Sua patria foi a villa das Caldas no Arcebiſpado de Lisboa. Seus pays ſe nomearaõ Pedro Rodrigues, & Franciſca Fernandes. Eſtudava na terceira claſſe dos eſtudos do Collegio de Sancto Antaõ, & tinha dezoito annos de idade, quãdo entrou na Companhia em Lisboa aos ſinco de Junho de mil ſeiscentos, & vinte dous, pera ſer Coadjutor eſpiritual. No fim do Noviciado foi mandado pera a Ilha da Madeira, pera alli ſe aperfeiçoar no latim, & eſtudar Theologia moral. Deu moſtras de tam bom ingenho, que muytos Padres eraõ de parecer, eſtudaſſe Philoſophia, porem elle ſe moſtrou muy conſolado no eſtado, peraque entrara na Religiaõ.

2 Sempre ſe moſtrou muy obſervante das Regras. A ſua oraçaõ tinha quaſi toda de joelhos com grande reverencia. Depois da Miſſa gaſtava meya hora, em dar graças a Deos.

a Deos. Era pontual nos exercicios eſpirituais. Succedia-lhe, ſendo Miniſtro no Collegio de Evora, & eſtando expedindo alguns negocios do ſeu officio, dar final a exame, logo ſe punha de joelhos, ſem fallar mais palavra. Alem da oraçaõ ordinaria, paſſava neſte ſancto exercicio outro tempo, eſte nunca lhe faltava, porque o naõ gaſtava em viſitas inuteis de gente ſecular.

3 Tratavaſe com aſpereza. Depois de ſe recolher a cõmunidade, ſe diſciplinava todos os dias com rigor. Sua grande modeſtia moſtrava andar com o interior recolhido. Fez officio de Miniſtro nos Collegios de Sancto Antaõ, Braga, Coimbra, & ultimamente por mais de quatro annos no Collegio de Evora. Neſte officio, que de ſi he occaſionado a enfadamentos com a moleſtia, que coſtumaõ cauſar os imperfeitos, quando lhes daõ penitencias, nunca ſahio em palavra, que moſtraſſe agaſtadura.

4 Fazendo vezes de Reytor no Collegio de Sancto Antaõ, lhe pediraõ dous Irmaõs licença, pera ambos juntos irem fora. Reſpondeo o Padre, que conſideraria primeiro, a verdade era, que a licença neceſſitava de conſideraçaõ; porem elles pouco ſoffridos lhe differaõ: Eſſa reposta era, a que neceſſitava de cõſideraçaõ. A eſte pouco pejo no fallar acodio o Padre com grande humildade, & manſidaõ: Muyto mais mereço eu, que me digaõ por meus peccados. Em caſtigar as faltas foi animoſo, & ſempre cortou direito.

5 Nas penitencias buſcava tempo opportuno, dilatãdoas, quando ſabia, que o culpado eſtava falto de ſoffrimẽto. Quando avia de avizar algum Padre pera ſermaõ, ou pratica, entrava no ſeu cubiculo, como ſe ſó o foſſe a vizitar, offerecendoſelhe, pera o que foſſe neceſſario. Se achava, eſtar muyto occupado, ou cõ alguma moleſtia, guardava a petiçaõ pera tempo mais cõmodo.

6 Sua caridade foi notoria, baſta dizer, que ella foi cauſa de ſua morte. Era Secretario da Univerſidade de Evora em tempo, que os noſſos ſitiaraõ a cidade de Badajoz. Ouve graviſſimas doenças no exercito, foraõ muytos enfermos mandados pera Evora. No hoſpital dos eſtudantes, de que tem cuidado o Secretario da Univerſidade, foraõ por ordem dos noſſos Superiores recolhidos, pera ſerem curados mais de cento, & ſetenta enfermos do exercito.

Digitized by Google

7 Aqui teve a caridade do Padre Ambroſio Rodrigues grande materia de ſeus fervores. Duas vezes no dia vizitava o ſeu hoſpital. Fazialhes praticas, a todos cõſolava, & ouvia de cõfiſſaõ. Do Collegio ouve dos Superiores muyta roupa de linho, & o mais pera camas. Levavalhes muytos doces, & outros mimos. Do Cabido alcançou huma eſmola de vinte mil reis, que empregou em mãtas, pera abrigar os enfermos.

8 Vendo, que morriaõ muytos, porque cõ o grande faſtio naõ podiaõ comer, pedio alguns Padres, & Irmaõs, que todos os dias a horas de jantar foſſem ao hoſpital, pera lhes meter o bocado na boca. Buſcava acipipes, cõ que lhes tirar o faſtio. Variavaõſe os Padres, & Irmaõs todos os dias; porem elle ſempre hia, & vinha jantar a caza todos os dias à huma hora depois do meyo dia, tendo paſſado athe aquellas horas em jejum.

9 Vendo, que o mal era cõtagiozo, pois matava os cozinheiros,& enfermeiros ſeculares, & athe a hum Surgiaõ, nada deſiſtio da ſua caridade. Levantava os enfermos nos braços, pera os limpar. Fazialhes as camas,varrialhes as enfermarias. Dava premios, & toſtoẽs, que tirava de eſmola, às cozinheiras, & ſerventes, pera que foſſem ſollicitos no cuidado dos enfermos. Todos lhe rogavaõ mil bens, & pediaõ a Deos, que o remuneraſſe.

10 Pouco mais de mez, & meyo avia, que andava neſte caritativo exercicio, quando lhe deu huma grande oppreſſaõ de cabeça, dores agudas no eſtamago, curſos, & faſtio, que o naõ deyxavaõ dormir de noyte. Tudo ſoffreo por eſpaço de dous dias, ſem dizer couſa alguma, cõtinuando no ſeu hoſpital muy fraco, & cortado da doença. Nada afroxou nos ſeus exercicios eſpirituais, hia com a capa de Aſperges expor o Senhor na Igreja, onde ſe fazia novena, & dizer a ladainha.

11 Só ao Padre Meſtre dos Noviços Affonſo de Caſtilho deſcobrio o eſtado, em que ſe achava. Deu o Padre logo conta ao Padre Reytor. Eſte o foi buſcar, & lhe ordenou, ſe recolheſſe, & trataſſe de ſua ſaude, & ao enfermeiro, que tiveſſe cuidado delle. Naquella noyte dormio alguma couſa,no dia ſeguinte,imaginando eſtar alliviado, tornou ao hoſpital, de tarde eſtando diante do Sanctiſſimo dizendo a ladainha,no fim della lhe deu hum acciden-

te,

te, por cauſa do qual naõ acertava a dizer as oraçoẽs; por tanto foi obrigado, a ſe recolher. Os Padres, & Irmaõs, q̃ o vizitaraõ, ouvindoo gemer, logo aſſentaraõ conſigo, que a doença era maligna, pois o obrigava a ſahir naquellas demonſtraçoẽs, ſendo elle taõ ſoffrido, como a todos era notorio.

12 Veſpora de Saõ Lucas lhe diſſe o Padre Affonſo de Caſtilho, que era bem receber o Viatico. Reſpõdeo, q̃ aſſim era bem, & diſſe, que lhe chamaſſe logo ſeu cõfeſſor, acreſcentando: Graças a Deos Noſſo Senhor, naõ tenho couſa, que me dé pena, depois que no terceiro anno gaſtei nove dias, em me cõfeſſar geralmente. Recebeo o Sancto Viatico, & fez hum colloquio cõ grande devaçaõ. Dahi a poucos dias foi ungido, reſpondendo elle ao Padre Reytor, que lhe adminiſtrava o Sacramento. Cõ muyta humildade pedio perdaõ a todos da pouca edificaçaõ, com que vivera em huma Religiaõ taõ perfeita. Repetia os actos de fé, eſperança, & caridade. Depois de ter a lingua impedida, tanto que lhe lembravaõ actos ſanctos, os repetia, como lhe era poſſivel. Falleceo em vinte, & hum de Outubro de mil ſeiſcentos ſincoenta, & oito no Collegio de Evora de doença cõtrahida em ſervir aos enfermos de mal cõtagiozo.

CAPITULO LI.

Dos Irmaõs Franciſco de Almada Eſtudante, & Diogo Gomes Coadjutor, & do Padre Affonſo Freyre.

Evora 30. de Outub. de 1658

1 ACompanhou mais que todos ao Padre Ambroſio Rodrigues, em ſervir no hoſpital o Irmaõ Franciſco de Almada, por iſſo mereceo ter igual fortuna. Sua patria foi Lisboa, ſeus pays, ſe chamaraõ Luis Vieyra, & Maria Rodrigues, tendo quinze annos, entrou em Lisboa na Companhia aos quinze de Agoſto de mil ſeiſcentos ſincoenta, & hum. Andava no quarto curſo, quando ſuccedeo, virem os doentes do exercito. Tinha muyta graça, & modo, pera fazer comer os enfermos, por iſſo o Padre Ambroſio Rodrigues ſe neceſſitava, levalo mais vezes conſigo, & quiz o Senhor, depois de ſer morto o Padre,

dre, que elle foſſe o primeiro, que o ſeguiſſe na morte, poisaſſim o acompanhara nos exercicios de caridade.

2 Antes de ſer da Companhia, era virtuoſo, andando no eſtudo do noſſo Collegio de Lisboa, era taõ ſezudo, que ſeus Meſtres lhe chamavaõ Cataõ. Naõ tendo a idade, q̃ ſe requeria, pera ſer da Irmandade de noſſo Sancto Patriarca, que entaõ havia no Collegio, ſe diſpenſou com elle, attendendo à madureza, que moſtrava em ſuas acçoens, cõ a qual bem ſopria a falta dos annos. Edificava muyto, ver hũ menino, em ſahindo todos os dias à tarde da ſua claſſe, eſtar na Igreja ouvindo liçaõ eſpiritual, & tendo oraçaõ por eſpaço de huma hora; & açoutarſe todas as ſomanas tres vezes por eſpaço de hum Miſerere. Os ſabados jejuava com todo o rigor em obſequio da Senhora. Aſſim meſmo jejuava toda a quareſma.

3 Nos annos de Noviço, de Recolhimento, & Curſiſta foi ſua vida inculpavel, o Irmaõ Sottominiſtro confeſſou, que naõ vira nelle falta, por onde mereceſſe penitencia. O ſeu genio era muy agradavel, deſviava toda a pratica, que pudeſſe tocar nos outros. As obediencias executava ſempre com a boca cheа de rizo. Amigo de ſervir a todos, elle ſe convidava, pera ajudar a concertar os cubiculos, & livrarias dos Meſtres, quando ſe mudavaõ; & pera ornar as capellas nos dias de feſta. Goſtava muyto de ſervir nos ſepulchros, andando com tal modeſtia, & compoſtura, que a todos edificava, moſtrava ter o ſeu interior occupado com o Senhor, aquem fazia aquelle obſequio.

4 Da regra do ſilencio foi taõ obſervante, que nem com o companheiro fallava no cubiculo. Se lhe perguntava alguma couſa deſneceſſaria, naõ reſpondia; ſe lhe dizia, que cauſa tinha, pera naõ reſponder, ſatisfazia, dizendo com boa graça: He tempo de eſtudar. Eſtas repoſtas dava em voz bayxa. Todos os dias ſe diſciplinava com rigor. Dizendolhe hum Padre, que bem podia diſpenſar cõſigo nos dias de feſta, & de quinta, naõ admittio o conſelho. Todos os dias, que cõmungava, & nas ſeſtas feiras cingia o ſeu cilicio.

5 Tinha grande amor à ſancta pobreza, naõ queria veſtir ſenaõ do mais velho, dizendo ao Irmaõ Roupeiro, que outro teria mais neceſſidade, & mereceria mais, que

se lhe desse o melhor. Ainda que seus pays o importunavaõ com premios, nunca os quiz aceitar. Quando morreo, sò tinha huma veronica, & huma imagem da Assumpsaõ da Senhora pintada em pano, a qual por vezes tinha levado ao Padre Reytor, dizẽdo, seria mais perfeiçaõ, ou naõ a ter, ou ter huma de papel: porem o Superior lha mandou conservar. As demais alfayas eraõ cilicio de arame, disciplinas, horas da Senhora, contas, & as suas postillas de Philosophia.

6 Nos seus exercicios espirituais, em especial na oraçaõ, que sempre tinha em publico, era tal sua compustura, que fazia devaçaõ. Pegouselhe a doença dos enfermos, q servio. No tempo da infermidade deu muyta edificaçaõ. Querendo huma vez melboralo de cama limpa, advertio, que fosse com modestia. O amor à obediencia lhe fazia vẽcer o fastio. Se lhe perguntavaõ, o que appetecia? Respondia, que o que lhe dessem. Sendo excessivos os ardores da febre, era tambem excessivo o seu soffrimento. Recebeo a nova da morte com grande paz, & socego. Confessousse geralmente. Ficou o confessor admirado da grãde pureza de sua alma; achou, que naõ sò na Companhia, mas ainda sendo secular, viveo em tudo com a innocencia de hum menino de sete annos dos mais sezudos, & devotos.

7 Depois de receber com notavel devaçaõ o Sancto Viatico, de cõtinuo fazia a Christo, & à Senhora amorozos colloquios. Dizendoselhe, que naõ cansasse a cabeça; respondeo, que o naõ privassem de taõ grande bẽ, que aquellas couas naõ cansavaõ, antes alliviavaõ sua alma. Entre os suaves colloquios veyo finalmente a espirar, deixando a todos muytas saudades, em especial aos Irmaõs Noviços, dos quais era Sottoministro. Seu corpo foi ornado de flores para a sepultura, & enterrado na capella, que hoje he de Saõ Francisco de Borja, onde tambem o fora o Padre Ambrosio Rodrigues, como se nem depois da morte quizesse o Padre, ficar sem o seu ajudante. Falleceo nove dias depois do Padre Ambrosio Rodrigues em trinta de Outubro de mil seiscentos sincoenta, & oito. As virtudes destes dous servos de Deos escreveo o Padre Affonso de Castilho, Mestre entaõ dos Novitos, por assim lho ordenar o Padre Doutor Francisco Soares Lusitano, que era Reytor do

Col-

Collegio.

8 Igual caridade teve o Irmaõ Diogo Gomes natural da Villa de Aveyro no Biſpado de Coimbra filho de Franciſco Rodrigues, & Domingas Fernandes. Era elle guarda da Alfandega de Lisboa. Neſte officio ſe havia cõ grãde inteireza de conſciencia. Quiz hum Miniſtro de juſtiça, que elle em certo enredo juraſſe falſo, mas nunca tal couſa com elle pôde acabar. Conſiderando deſte ſucceſſo os perigos, a que vivia expoſto, ſe reſolveo, a ſer da Companhia: pera iſto foi fallar ao Padre Provincial, pedindo o admittiſſe pera leigo. Vinha ricamente trajado, vendo-o o Padre Provincial taõ bizarro, fez conſigo reparo, de que tanto brio naõ ſe àmolgaria à ferrugem de huma cozinha, nem a outro officio humilde. *Em Evora aos 20. de Novēb. de 1658*

9 Entendeo o pertendente, onde tirava a ſuſpenſaõ do Padre Provincial; & lhe diſſe: Voſſa Paternidade ſe engana, cuidando, que ſou alguem, por me ver luzido, mas nada ſou, sò pera que o mundo faça caſo de mim, me trato neſta forma. Foi continuando ſua pertençaõ, & finalmẽte admittido, entrou na Companhia em Lisboa aos ſete de Setembro de mil ſeiscentos cincoenta, & quatro, tendo vinte annos de idade.

10 Pouco tempo eſteve em Lisboa, porque foi mandado pera o Noviciado de Evora. Alli procedeo ſempre como ſancto. Prezavaſe muyto do ſeu eſtado, & de andar por caſa com chapeo, que naquelle tempo ſe introduzio nos do ſeu eſtado, pera haver a devida diſtinçaõ entre os Irmaõs Coadjutores, & os Eſtudantes. Aos Padres guardava tanto reſpeito, que naõ podiaõ acabar com elle, que em ſua prezença ſe aſſentaſſe. Aos Irmaõs Eſtudantes tinha tambem muyto reſpeito. Era no ſeu fallar muy prudente, & de poucas palavras.

11 Por ſer de caridade conhecida, em acabãdo o Noviciado, o fizeraõ infermeiro. Era incanſavel em ſervir os doentes, ſem moſtrar algum enfadamento, nem dizer palavra, com que magoaſſe, ou deſſe ſinal de impaciencia. Huma vez lhe deu hum doente frenetico huma grande boſetada, a qual elle recebeo com a boca chea de riſo, alegrandoſe, de que o ſeu trabalho tiveſſe eſte premio.

12 Dezejava tanto padecer, que quando os Superiores mandavaõ algum Irmaõ Coadjutor pera Collegios pe-

quenos, onde havia mais, que padecer, lhe invejava a ſorte. Quando ſoube, que ſua Mageſtade ordenava, que foſſem Religioſos do Collegio ſervir os murytos doentes do exercito, elle ſe offereceo com inſtancia, ainda que naõ foi deſpachado, por ſer neceſſario pera os doentes de caſa, cujo numero creceo tanto, que chegaraõ a vinte, & quatro juntos.

13 A todos aſſiſtia naõ só de dia, mas athe a meya noyte. Eſcaſſamente ſe encoſtava pouco tempo, a tomar algum ſono, logo ſe levantava, pera acodir aos medicamẽtos, que ſe háviaõ de dar antemenhaã. Dandolhe por cõpanheiro a hum Irmaõ Noviço, o naõ aceitou, dizendo, q̃ faria falta em o Noviciado, & os Irmaõs eſtudãtes quebrariaõ os peitos com o pezo do refeitorio, que fazia o Irmaõ, que lhe davaõ.

14 Pegouſelhe finalmente a doença maligna, de que curava aos outros, andou em pé, em quanto o mal deu a iſſo lugar. Cahindo na cama, moſtrou grande paciencia, & conformidade com a vontade de Deos. Tinha particular agradecimento a qualquer couſa, que ſe lhe fazia. Recebidos os Sacramentos, acabou ſeus dias aos vinte de Novẽbro de mil ſeiscentos ſincoenta, & oito.

15 Naõ he bem, paſſe neſte lugar em ſilencio ao *Padre Affonſo Freyre*, ainda que delle só acho eſcrita a morte, & cauſa della, que aſſaz igualou, ou ainda venceo os raros exemplos de virtudes, que daõ materia a eſcritura comprida. Naceo na Villa de Montalvaõ no Biſpado de Portalegre, ſeus pays ſe chamavaõ Affonſo Dias Forçado, & Maria Freyre de Andrada. Tendo dezanove annos de idade, entrou na Companhia em Lisboa aos quatorze de Julho de mil ſeiscentos quarenta, & ſeis.

Evora 29. de Março de 1659

16 Eſtudava em Evora Theologia, quando ſobreveyo o contagio nacido do ſitio de Badajòs. Elle foi dos que com particular caridade, hia ſervir os doentes no hoſpital da Univerſidade. Pegouſelhe o contagio, com a força do mal teve delirios, neſtes ſe deſcobriraõ ſeus bons habitos, porque lhe davaõ, em levantar as maõs a modo, de quem orava, fazer cruzes, como quando dizia Miſſa. Falleceo aos vinte, & nove de Março de mil ſeiscentos ſincoenta, & nove. Foi ſempre Religioſo de virtuoſos coſtumes, & digno, de que Deos lhe deſſe a morte em taõ ſancto miniſterio.

CA-

CAPITULO LII.

Vida do Padre Balthezar da Costa Missionario de Madurê.

Consagrase às missoẽs, & dase huma summaria noticia do rigor da vida, que seguio.

Na navegaçaõ pera a India 21. de Abril de 1673.

O Padre Balthezar da Costa foi homem de espirito agigantado, Missionario incansavel da missaõ de Madurê, pay de muytas, & muy florentes Christandades. Naceo na Aldea-nova Bispado da Guarda, freguezia de Saõ Pedro, seus pays se chamaraõ Antonio Lopes, & Izabel Sarayva. Entrou na Companhia em Lisboa aos vinte de Junho de mil seiscentos, & vinte, & sete, tendo quatorze annos de idade. Em Coimbra estudou latim, & Philosophia, sendo de taõ poucas forças, que estava julgado por tizico. Neste tempo succedeo o estupendo milagre, que Saõ Francisco Xavier obrou no Padre Marcello Mastrili. O qual passou à India no anno de 1635. sendo trinta, & tres os da Companhia, que o seguiraõ no mesmo anno. Entre elles foi hum o nosso Padre Balthezar da Costa. Eraõ os Medicos de parecer contrario, & dissuadiaõ a jornada. Mas prevaleceo o seu fervor, & Deos mostrou nelle, que sendo fraco, o escolhia, pera confundir aos fortes, & robustos, como se verà dos immensos trabalhos, que soffreo, & aturou. Porem concorreraõ nisto cousas de notavel fervor. Este Padre o anno antes, que partio, tinha sido avizado pera a India, mas por doença naõ pôde hir. No anno seguinte, ainda que pertendia com fervor, o naõ queriaõ deyxar hir, por estar muy atenuado, & como tizico. Chegouse o tempo, o Padre Provincial no Collegio de Coimbra avizou alguns, estando a Comunidade junta na capella, como he costume; vendo o Padre Balthezar, que nelle se naõ fallava, se lançou aos pés do Padre Provincial com tantas lagrimas, & fervor, dizendo tais cousas, que suppostas as antecedentes pertençoẽs, se julgou ser o negocio de Deos, & assim o avisou. Foi destinado pera a provincia de Cochim; aonde, acabados os seus estudos, esteve dous annos na costa da Pescaria, que foi o mimo das missoẽs de Saõ Francisco

ciſco de Xavier.

2 Eſtando alli, ouvio dizer, como novamente ſe convertiaõ os Pareâs: aos quais os Padres Bramanes, que sò entaõ eſtavaõ na miſſaõ de Madurê, naõ podiaõ bautizar, nẽ administrar os Sacramentos, por ſerem os Pareâs de caſta bayxa, & ſer couſa abominanda entre aquellas naçoẽs, tratarem os Bramanes, que ſaõ alli o deſtillado da nobreza, com gente de caſta bayxa; & o meſmo ſeria tratar com elles hum Padre Bramane, que ſer tido, & havido por infame, & a ley, que enſinava, taõ vil, & bayxa, como aquelles, com quem tratava. Por tanto he preciſo no politico ſeguirem os eſtilos da terra.

3 Pedio o Padre Balthezar da Coſta com grande fervor aos ſuperiores, que lhe concedeſſem aquella miſſaõ dos Pareâs; os quais, ainda que por ſua caſta eraõ vís nos olhos do mundo, nos de Deos eraõ de grande nobreza, pois os comprara com ſeu ſangue. Teve eſta reſoluçaõ grandes contradiçoẽs, & difficuldades pellos effeitos, que ſe temiaõ. Porque o veneravel Padre Roberto Nobili fundador da miſſaõ em traje de Bramane, como depois diſſe, arreceou, que tomando o Padre Balthezar o traje de Jogue, pera tratar com as caſtas bayxas, ſe acabaria o eſtado de Saniaz Bramane, que na miſſaõ he de grande authoridade, em ordem á converſaõ das almas, & tratamento dos Principes, & mais caſtas nobres, de que tanto depende a eſtimaçaõ da ley, & por conſeguinte a converſaõ daquellas barbaras naçoẽs, nas quais ſe hũ miſſionario ſe deſviaſe dos ſeus coſtumes politicos, alem de ſer tido por execrando, nenhuma couſa faria. Por eſta cauſa os miſſionarios, q̃ ſe dedicaõ a ſer Jogues, & tratar na converſaõ das caſtas inferiores, de nenhum modo ham de ter comunicaſſaõ cõ os miſſionarios, que ſaõ Bramanes Saniazes; aſſim como humas caſtas com outras a naõ tem. Porem o effeito moſtrou, quanto Deos ſe agradou, & quam util foi o novo modo do Padre Balthezar, de que ſe colheo fruto immenſo.

4 Viſto dizermos a debilidade de forças, & ſaude do Padre Balthezar, vejamos hum como compendio dos ſeus trabalhos, q̃ elle meſmo eſcreve em huma carta aos Padres, & Irmaõs dos Collegios de Coimbra, & Evora: exhortãdo-os, a ſe conſagrarem a Deos nas miſſoẽs. Dis pois aſſim. Naõ quero gaſtar tempo em relatar o eſtado temporal,

ral, costumes, & ritos destas terras, assim porque ja em outra o fiz largamente, como porque não sei se ajudará a meu intento, que he persuadir a todos, que nos venhão ajudar. Porque se disseſſe tudo, o que por aqui se passa, não sei se alguem desfaleceria, só com imaginalo, quanto mais em o ouvir, & experimentar: mas por outra parte, como he dos prudentes, pezar as forças com o trabalho; por se não pôr a risco de o deyxar no melhor, dando occasião a se rirem delle; não me parece, que errarei, se differ alguma cousa do muyto, que nesta terra padecem os Missionarios.

5 Primeiramente a terra he desabridissima em tudo, porque se consideramos a variedade do tempo, que nella corre; hora tem calmas excessivas, & sem nenhum refrigerio, hora ventos importunissimos. Ja vos perseguẽ as geadas, que saõ neste clima nocivissimas: se nos abrigamos do vento, he como tomar suadouros; se fugindo ao excessivo calor, nos queremos arejar hum pouco, cegaõ os olhos cõ o continuo pô: fica o corpo quebrantado, & moido; & o rosto açoutado com a area. E se por evitar a calma, se pertende fazer a jornada de noyte, naõ o cõsente o perigo dos ladroẽs; de que os caminhos ordinariamente estaõ infestados. Se queremos andar calçados, às duas passadas ficaõ os pés feitos chagas pella dureza do couro das alparcas, que aqui naõ sabem cortir, nem temperar. Se descalços, aos dous passos se abrazaõ os pés.

6 E nesta parte sei eu, aquem aconteceo, indo pella praya do mar estazado com sede, querer afastarse hũ pouco pera huma povoaçaõ, em que havia agoa, & como naõ ser mais distante, que de hum tiro de pedra, quando se vio no meyo do caminho, esteve taõ desesperado do ardor da area, que por mais, que passou os limites da modestia, dando saltos, quando chegou a meterse debayxo de huma arvore, que primeiro pode alcançar, foi ja com os pés cheos de empôlas, & o rosto cheo de lagrimas; & ao que se lhe reprezentou, se o caminho fora outro tanto, sem duvida alli ficaria desemparado das forças. A pelle do rosto, & maõs se tem mudado tantas vezes, que ja me naõ atrevo contalas.

7 Ja se he tempo de chuvas, & por entre vargias de arrôs, como de ordinario acontesse na Residencia de Trichirapali, & Tanjor; se naõ se vay muy atento, nos achamos

chamos enlameados; & nem com o tento nos livramos de outra peyor, que he perder as unhas polgares com a força de firmar os dedos, por naõ escorregar. Em effeito eu sei, quem as tem perdido sinco, ou seis vezes.

8 A habitaçaõ he em palhotas, cujas portas naõ merecem este nome, mas de buracos. E quando se hum naõ percata, ou se acha com a testa escalavrada, ou com as costas esfoladas. O dormir, quando sobre huma taboa, he cama branda, sem outro colchaõ, que huma pele de Tigre, ou veado. O comer, podese dizer, que he de passaros; porque paõ, nem biscouto, só o vemos, quando decemos às prayas a algum negocio da Missaõ; & ao arroz só se acrecentaõ algumas ervas, ou legumes; & quando se acha hum pequeno de leyte, he dia de Pascoa. E isto nos Padres Bramanes he indespensavel; & nos Jogues, posto que a regra seja mais larga, com tudo he taõ estranhado nestas terras ao menos aos Religiozos, & penitentes, quais nos professamos ser, que haverá grande escandalo. E assim se alguma vez como a furto, & quando nos ajuntamos se cozinha alguma cousa de carne, está o estamago taõ fraco, que a naõ pode digerir. Pello que, quando somos hospedes de algum dos companheiros, & se pode descobrir algum peyxe, que he raro, fica o banquete perfeito. Vinho nem por imaginaçaõ, mas nem que fora licito o bebelo, que he abominavel, se poderia fazer, porque escassamente o temos pera a Missa.

9 Nem o assima ditto he o maior trabalho, porque em fim, *Consuetudo est altera natura*, & assim posto que ao principio naõ deyxe de custar, passados alguns annos, naõ causa tanta pena. O que mais aqui se sente, he o trabalho das confissoẽs, que já he inaturavel, porque como os Christaõs sejaõ muytos mil, & se querem confessar a meude, naõ há já forças, que sustentem este pezo. Já acodir aos doentes, dous, & tres dias de caminho, demanda forças agigantadas, & he isto taõ ordinario, que athe os gentios pasmaõ, de nos ver andar sempre em huma roda viva; & como estes saõ taõ intereceiros, naõ se podem perluadir, senaõ que nos vem disto grande proveito: & quando lhe dizem, que só nos obriga à isto a caridade, poem à maõ na boca, final entre estes de espanto.

10 Tudo o ditto he paõ, & mel em cõparaçaõ dos con-

cõtinuos oprobrios, que nos dizem, & injurias, que nos fazem; ſendo tantos os inimigos, & taõ cõtinuos os ſobreſaltos de coraçaõ, que muytas vezes, *tædet etiam vivere*, & ſó quem os experimenta, os pode entender. Naõ temos lugar ſeguro; & por iſſo ſó o breviario, & algum livro eſpiritual cõ algum pouco dinheiro pera o gaſto temos comnoſco; & o mais temos repartido em varios lugares. He a gente deſta terra a peyor, que ſe pode imaginar. O governo a meſma tirania, & deſordem: & aſſim pera nos fazerem mal, naõ he neceſſario poder, ſenaõ querer: & iſto tanto mais â ſua võtade, quanto naõ tem temor algum de ſerem caſtigados; & aſſim conſiderando o odio, que nos tem os Jogues, & ſeus ſequazes; he particular providencia de Deos, naõ nos matarem por eſſes caminhos, que de ordinario andamos. Pois conſiderar, quam perſeguidos ſaõ eſtes novos Chriſtaõs, & as afrontas, que padecem cada dia, ſendo huns excomungados da caſta, & outros roubados dos Governadores das Aldeas, & todos os mais oprobrios, que ſe podem imaginar, iſto ſem lhes podermos valer, he golpe, que penetra o coraçaõ.

11 Se na terra faltaõ chuvas, toda a culpa he dos Chriſtaõs. Se ha doenças, à Ley de Deos ſe attribuem. Se morre algum Chriſtaõ, logo os gentios o attribuem à Ley de Deos. Em fim naõ hà mal, cuja cauſa ſenaõ atribua à Ley de Deos. Porem por outra parte nos naõ falta a Divina miſericordia com enchentes de conſolaçoẽs, que temos, de ver em terra, que hâ taõ poucos annos era mato bravo, & eſteril, taõ grande numero de Chriſtaõs. Sua Fé, ſua devaçaõ, & piedade, & o amor, que nos tem, faz afugentar todas as melancolias, & convertem os eſpinhos em rozas. E aſſim ſe ſe pezar o trabalho, & affliçoẽs em huma balança cõ a conſolaçaõ, & goſto, com que o Senhor nos anima na outra, naõ hâ duvida, que daſaparecem os trabalhos, & triſtezas, & ſobrepuxa a conſolaçaõ, & alegria; mas porque iſto baſta pera noticia, do que aqui paſſa em geral, deçamos ao particular das Reſidencias. Athe aqui aquelle paragrafo com as palavras do meſmo Padre. Nem he neceſſario fazer ponderaçoẽs ſobre o referido, que bem ſe ve, o que he; & que homens ſejaõ aquelles, que Deos eſcolhe pera taõ glorioſos empregos: fazendo de homens enfermiços, qual era o Padre Balthezar da Coſta, naõ digo

Hercules, nem Atlantes, mas homens ao parecer ſobre todo o fingimento alentados.

CAPITULO LIII.

Sũmaria noticia do diſcurſo de ſua vida.

1 COmo naõ me vieraõ à maõ meudamente todas as obras deſte varaõ Apoſtolico, referirei neſte capitulo hum reſumo, que tratando de ſua morte faz delle o Padre Andre Freyre Miſſionario de muytos annos da meſma Miſſaõ de Madure, & teſtimunha dos ſeus trabalhos. Nelle, como em breve mappa, nos deyxou em memoria os dilatados eſpaços da grande eſfera do Padre Balthezar da Coſta. Diz aſſim o Padre Freyre, quero uſar das ſuas palavras, que foi nellas muy ajuſtado.

2 Começou logo o novo Jogue de Chriſto a prégar com taõ grande eſpirito, & fervor; que em breve tempo ajudado do Ceo, bautizou muytos milhares de almas; naõ avendo, quando elle veyo, mais, que quinhentas neſta Miſſaõ, que avia quarenta annos tinha começado. O Padre Balthezar da Coſta foi o que primeiro nella introduzio catequiſtas; & o primeiro, que pregou a Ley de Deos no Reyno do Tanjaor, & na provincia de Satiamangalaõ. Elle foi, o que logo buſcou novos companheiros pera eſta empreza, fazendo delles taõ boa eſcolha, como ſabemos. Elle foi o que com ſua grande prudencia, & experiencia, dirigindo aos de mais companheiros, lhes enſinou o modo, cõ que ſe haõ de aver no meyo de naçoens taõ barbaras, & alheas de toda a razaõ, & juſtiça. Em fim elle foi, o que depois do Padre Roberto Nobili trabalhou neſta Miſſaõ mais, que nenhum outro. Tendo o Padre Roberto Nobili a gloria de plantar, como Paulo, & o Padre Balthezar da Coſta a de regar, como Apollo.

3 Se quizermos referir os trabalhos, que eſte ſervo de Deos padeceo neſta Miſſaõ; neceſſario nos ſeria fazer hum livro inteiro. Quem ſe naõ admira das jornadas, que fez, & dos compridos caminhos, que andou deſcalço, morto de fome, & ſede; chegando a naõ comer dias inteiros, por naõ achar, que comer; & algumas vezes deyxando de comer,

mer, por naõ eſcandalizar. Nos rios, nas ſerras, nos matos entre ladroẽs foraõ grandes os perigos, em que ſe vio, & os trabalhos, que padeceo. Por duas vezes caminhando pellas vargias, & terras alagadiças do Reyno de Tanjaor, perdeo as unhas dos pés pellas fixar no lodo, em que com difficuldade ſe pode caminhar.

4 Algumas vezes paſſando tambem a pé deſcalço as ſerras do Maleame, experimentou entre os arreceyos dos elefantes, e tigres, o mao trato, que alli daõ as ſanguixugas em tempo de inverno. Outras vezes eſcondido nos matos por razaõ das guerras, alem de alli ſer grande o incomodo de todo o neceſſario, padeceo grandes afliçoẽs; porque os Mouros, que andavaõ dando ſaque, o deſpiraõ, & lhe raſgaraõ huma orelha, quando lhe tomavaõ as arrecadas, que em ambas tinha; & os ladroẽs naturais andavaõ fazendo conſulta, pera tambem o roubarem naquella occaſiaõ.

5 Finalmente tres vezes foi prezo pellos inimigos da Fé, huma em Satiamangalaõ com os Padres Manoel Martins, & Joaõ da Silva, deſpindoo, & deyxandoo nû da cintura pera ſima, & atandolhe fortemente com huma corda os braços atraz pellos buchos, & depois de lhe darem de bofetadas, foi ſentenciado a ſer afogado com os outros dous Padres no rio. Porem revogandoſe eſta ſentença, foi cõ grande afronta juntamente com elles deſterrado. Outra vez foi prezo em Tanjaor, maquinada ſua prizaõ pellos Mouros, que naquella cidade moravaõ, grandes inimigos da Ley de Deos. A terceyra com o meſmo odio, porem cõ grande ânçia de dinheiro, o prendeo hum Governador na provincia de Trichera pali. Deſtas duas vezes o quizeraõ por em grilhoẽs; porem Deos de ambas o livrou logo, aſſim como tinha livrado da primeyra. Todos eſtes, & ſemelhantes trabalhos levava o Padre Balthezar da Coſta com taõ bom roſto, que quando jâ depois de ter ſido Provincial, os podia eſcuſar, tornou a buſcalos, vindo outra vez pera eſta Miſſaõ, & pera a meſma Reſidencia, que deyxou quando foi chamado pera o governo.

6 Naõ teve eſta Chriſtandade a ſorte de gozar de ſua prezença athe o fim da ſua vida, aſſim como a teve de ſer augmentada tantos annos com ſeus trabalhos, porque dahi a ſeis mezes foi enviado a Roma com os negocios da Provincia. Mas como ſe apartou ſó com o corpo, ficandolhe

cã o coraçaõ, naõ fez em Europa mais detença, que a que os negocios pediaõ precizamente. E assim com bom numero de grãdes, & fervorosos Missionarios se partio logo pera a India. Foi Deos servido, que naõ acabasse aquella navegaçaõ, mas, que logo aos quarenta dias depois da sua partida da barra de Lisboa de huma maligna na altura da linha acabasse a vida, com grande sentimento dos Padres, & Irmaõs companheiros, que trazia comfigo, & de toda esta Missaõ, & Christandade, a que tinha deyxado. Perdẽdo todos nelle Pay, Mestre, & Pastor, que perto de trinta annos effectivos tinha trabalhado nesta Christandade com taõ grande fervor, & espirito, como experimentàmos, & experimentou tantos trabalhos, como sabemos.

6 Era o Padre Balthezar da Costa Pay desta Missaõ, & Christandade, naõ só, porque depois do Padre Roberto Nobili seu dignissimo fundador, a augmentou como vimos, mas porque tambem a todos amava como a filhos muy queridos. Era Mestre por razaõ dos muytos, & bons documentos, que lhes deyxou, sendo elle o primeyro, que punha em praxe, o que ensinava, & que observava os preceytos, que dava. Era pastor taõ vigilante, que de todos tinha cuidado, & a todos acodia com o pasto de saudaveis conselhos, & doutrina: esta foi a razaõ, porque muytos annos nesta Missaõ naõ teve Residencia particular, porque de todas tinha cuidado, como se todas pera elle fossem huma sô. E posto que os mais Missionarios nesta Missaõ sejaõ pera os Christaõs Pays, Mestres, & Pastores, o Padre Balthezar da Costa entre todos, os que athe agora nella ouve, teve a gloria de ter mais filhos, que amasse; mais discipulos, que ensinasse; & mais ovelhas, que apacentasse; porq elle por sua maõ bautizou nesta Christandade a mais de vinte mil almas, numero, a que me pareçe, nenhum dos outros Missionarios della tem chegado. Athe aqui o Padre Andre Freyre; quando referir a morte do Padre Balthezar da Costa; apontarei as palavras cheas de sentimento, com que nella falla este grande Missionario, & grande imitador do Padre Balthezar da Costa. Agora contarei alguns de seus trabalhos, de que tive noticia: que nada saõ em comparaçaõ, dos que nos naõ pór dizer; se os tivera em papel todos, dera por bem empregado o tempo, que gastasse em os trasladar, pera que todos os pudessem ler, & admirar.

CA-

CAPITULO LIV.

Alguns ſucceſſos da vida do Padre Balthezar da Coſta, & ſua felis morte.

1 NO anno de 1653 pello mez de Julho ſe hia o Padre Balthezar da Coſta recolhendo da Igreja de Candalur pera a Reſidencia de Tanjaor, quando paſſou por huma aldea, em que avia preſidio de ſoldados, por ſer fronteira. Eſtava o Capitaõ do preſidio, & governador daquelle diſtricto fazendo abrir huma valla pera as vargias do arroz por ſer principio das ſementeiras. Vendo elle paſſar ao Padre Balthezar da Coſta, perguntou aos prezentes, quem era? Reſpondeo hum, que era hum Pandarà, que reſidia em Candalur. Entaõ diſſe outro: irá bem provido de dinheiro. Naõ foi neceſſario mais, pera o Governador o mandar prender, & levar a hum templo dos idolos com mais tres moços, que acompanhavaõ o Padre. Depois de meya hora foi elle em peſſoa ao Pagode, tratou mal de palavra ao Padre, porque lhe tinhaõ ditto, era inimigo dos ſeus Deoſes. Logo mandou dar buſca a tudo, o que levava: & tudo vinha a ſer o ſeu breviario, alguns livrinhos, & o aviamento da cozinha, que naquella terra ſempre anda com os Miſſionarios, pera fazerem comeſtivel elle pouco de arroz, com que ſe ſuſtentaõ.

2 Como naõ achou couſa, que fartaſſe ſua cobiſſa, mãdando pôr tudo a rol, juntamente mandou deſpir aos moços, & em ultimo lugar ao Padre; ſem lhe valerem os proteſtos, que faz da licença do Regulo, pera aſſiſtir naquella terra. Só lhe concedeo ſer a buſca em lugar afaſtado, por aſſim o pedirão Padre, alegando ſer couſa muy indecente deſpir a hum Religioſo diante de tanta gente. Tres foraõ os deputados pera darem a buſca, & elles a derão com tanta curioſidade, que athe a touca da cabeça lhe tiraraõ, & apalparaõ o cabello. Conforme a ſua diligencia naõ hum alfinete podia eſcapar. Encomendou-ſe o Padre às almas do Purgatorio promietendolhe duas miſſas. Foi couſa notavel, que tendo elles por vezes as maõs ſobre outras pegadas, que o Padre levava pera o ſeu ſuſtento, & dos companheiros,

panheiros, Deos os cegou de ſorte, que as naõ viraõ.

3 Feita eſta diligencia, vendo o Governador, que naõ deſcobria, com que fartar ſeu apperite, mandou buſcar quatro grilhoẽs, & humas algemas pera o Padre, & ſeus companheiros. O que levou o recado, alem de chegar tarde a caza do ferreyro, ſem fazer menſaõ de grilhoẽs, diſſe, que o Governador o chamava. Veyo o ferreyro jâ depois do meyo dia; perguntandolhe o Governador pellos grilhoẽs, reſpondeo, que ſó lhe diſſeraõ; que elle o chamava, & nada mais. Voltou logo a toda a preſſa, & dentro de huma hora chegou com os grilhoẽs, mas a tempo, que o Governador lhe naõ podia dar audiencia, por ter entre mãos outros negocios. Em quanto ouve eſta detença, entrou a fallar com o Governador outro Governador, que ſabia da licença, q̃ o Padre tinha do Regulo, pera nas ſuas terras prégar. Eſtranhoulhe ſeus termos, tendo inquirido primeyro a cauſa de eſtar alli o Padre. Por fim de tudo mandou entregar ao Padre, quanto ſe lhe tinha tomado, & que ſe foſſe em boa paz. Hum dos tres, que acompanhavaõ ao Padre, pera ter cuidado do cavalo, & era Chriſtaõ Pareâ, moſtrou bem o amor, que tinha a ſeu Meſtre, quando entendeo, que o prẽdiaõ, porque ſe poz a chorar, & pedio a huns ſoldados, que rogaſſem a ſeu Capitaõ, que ſoltaſſem ao Padre, que elle ficaria em ſeu lugar, & ſe foſſe neceſſario, daria a cabeça cõ tanto, que deyxaſſe ir ao Padre em paz.

4 Naõ tardou Deos em caſtigar eſta inſolencia, porq̃ logo no dia ſeguinte eſte Governador foi prezo, & muy bem eſpancado dentro no meſmo Pagode, aonde prendera ao Padre; & lhe botaraõ os grilhoẽs, que elle queria lançar ao Padre. Caſtigo, que athe os gentios aplaudiraõ por bẽ merecido. Querendo elle fugir do Pagode, ſe lançou de huma parede a bayxo, mas quãdo chegou ao chaõ, ſe achou bem eſcalavrado, & ſem alguns dentes. Sendo, que eſcapou, foi logo buſcado; & achado, lhe deraõ tantos açoutes, que em breves dias acabou miſeravelmente ſua vida: com geral eſpanto dos gentios, que tanto a olhos viſtos viraõ o caſtigo, que tinha merecido, por afrontar ao ſervo do verdadeiro Deos.

5 Na Reſidencia de Candalur fez a Deos grandes ſerviços. Fica eſte ſitio nos matos, por iſſo podiaõ os Pareâs gentes de bayxas caſtas acodir â quelle lugar, a receber

os

os Sacramentos. Dalli animava tambem a Reſidencia de Tricherapali, que he como o coraçaõ de toda a Miſſaõ, por ficar no meyo, & ſerem os Chriſtaõs muy fervorozos; & amigos de ſe confeſſar a meude. Pera declarar eſte fervor, conta o Padre Andre Freyre, o que a elle lhe ſuccedeo. Por auzencia do Padre Balthezar da Coſta, foi neceſſario, que o Padre Andre Freyre acodiſſe a Tricherapali a confeſſar os enfermos, porque ſegundo eſtavaõ os tempos, naõ convinhaõ concurſos, por evitar alguma perſeguiçaõ. Logo que ſouberaõ, que o Padre ſó determinava ſacramentar os doentes; todos ſe fizeraõ doentes, acarretando enfermidades, que avia muytos annos tinhaõ tido; & outras habituais, que allegavaõ; pello que ouve o Padre de os cõfeſſar a todos, tendo por menos eſte trabalho, que o de examinar ſuas doenças.

6 Em Candalur lhe deu naõ pequeno trabalho hum paſtor, que governava parte daquelles matos; determinou eſte prender ao Padre perſuadido, que delle tiraria bom dinheiro. Valeolhe ao Padre ter aviſo dos deſignios deſte homem. Tratou de os contraminar, mandando vizitar por hum Catequiſta ao Governador de todo o Candalur. Fez o Catequiſta a vizita com o ſucceſſo dezejado. O prezente, que offereceo, foi hum rolo de cera branca, que eſtimou muyto, por ſer couſa entre elles nova. O de que mais ſe eſpantou, foi da habilidade, com que o pavio eſtava metido na cera, & de como a cera tomara a cor branca, ſẽdo antes preta. Ouveſe formaõ, no qual ſe encomendava ao paſtor a honra, com que o Padre, & ſuas couſas deviaõ ſer tratados, & que o ajudaſſe na obra da caza, que queria fazer em Candalur. Com iſto ſe naõ canſou elle, mas naõ entendeo mais em o moleſtar.

7 O fervor, & grande devaçaõ dos Chriſtaõs, que alli ſaõ como os da primitiva Igreja, he todo o alivio dos Miſſionarios. Em Tricherapali fez hum bautiſmo, que lhe deu eſpecial conſolaçaõ. Huma Bramana Chriſtãa, vendo, que huma ſua ſobrinha filha de hum ſeu Irmaõ gentio adoecera gravemente, fez com ſeu irmaõ, que naõ impediſſe a Mutamal, que era a ſobrinha enferma, o ouvir o Cateciſmo, & receber a Ley de Deos. Era Mutamal de nove annos, mas de entendimento raro: por iſſo ſe fez logo capaz das verdades da Fé, & o Padre Balthezar da Coſta lhe deu o bau-

bautiſmo admirado da capacidade, que via em taõ poucos annos. Apertando com ella a enfermidade, moſtrava notavel conformidade com a vontade de Deos, perguntandolhe, ſe queria ir pera o Ceo; reſpondia que ſim, moſtrãdo grande dezejo, & affecto.

8 Quando eſtava jâ muyto mal, ſua boa tia a tomou nos braços, & levou à Igreja, aſſim pera ſe lhe fazerem as ceremonias do bautiſmo, como pera ſe confeſſar. Huma, & outra couſa ſe fez, ſe bem que a confiſſaõ pouco neceſſaria lhe era; fez os actos de contriçaõ, & os mais com ſingular affecto, indice de hum coraçaõ acezo em amor de Deos. Chegouſe a hora do ſeu feliz tranſito; a noyte antes delle, pedio, & importunou a ſua tia, que a levaſſe à Igreja. Ouve ella em amanhecendo de lhe cumprir os dezejos. Tomou-a nos braços, & comeſſou a ir pera a Igreja acompanhada do pay de Mutamal, & de outra Bramana, os quais ainda que gentios naõ eraõ mal affectos a noſſa ſancta Ley. Porem Mutamal no meyo do Caminho inclinando a cabeça, mais como quem queria dormir, do que quẽ eſtava pera morrer, eſpirou ſuaviſſimamente nos braços da ſancta, & virtuoza tia.

9 Continuou a tia o caminho, athe entrar com a ſua Mutamal na Igreja. Nella ſe achava entaõ o Padre Andre Freyre, o qual diz, que com ſeus olhos eſtivera contemplando o roſto de Mutamal, que eſtava taõ admiravel, que mais parecia viva, que defuncta, reſumbrando no cadaver frio a graça, & gloria, de que ſua bemdita alma gozava entre os Anjos. Foi enterrada na Igreja de Tricherapali junto das ſepulturas dos dittozos Miſſionarios Padres Manoel Martins, & Gabriel Lentecoſchi. Notouſe, que aſſiſtindo alguns Bramanes Chriſtaõs, & ſendo naquellas terras couſa repugnante, a ſe enterrarem os corpos nas Igrejas, nenhum fez diſſo reparo; antes ſe perſuadiraõ, que Deos os ajuntou alli; pera ſer ſepultado com mais apparato o corpo da menina Mutamal.

10 A Igreja de Candalur, onde o Padre mais aſſiſtia (ſe ſe pode dizer, que fazia aſſiſtencia, quem ſempre andava de humas em outras partes, onde o ſerviſſo de Deos, & bem do proximo o pedia) era dedicada a Saõ Franciſco de Xavier, o ſancto naquella Igreja fazia muytos favores, em eſpecial aos cazados, que naõ tinhaõ filhos. Hâ entre

aquellas

aquellas naçoẽs tal ancia de ter filhos, que naõ pode pera elles haver couſa de maior pena, que a falta deſtes. Dous Pareâs viviaõ neſta deſconſolaçaõ, vindo à Igreja a cõmunicaraõ ao Padre Balthezar da Coſta. Inculcoulhes a devaçaõ do Sancto; aceytaraõ o conſelho com taõ bom effeito, que da-hi a mezes vieraõ à Igreja com hum menino; deyxando ao Sancto a offerta, que lhe tinhaõ prometido, ſe lhe alcançaſſe de Deos hum filho.

11 Em Candalur reſidio o Padre Balthezar da Coſta athe o fim do anno de 1666. animando tudo com ſua prezença. De ſorte, que dava animo a todos os mais companheiros, que nas outras partes reſidiaõ, & pera elles era refugio, & emparo em todas as occaſioẽs. Com ſer taõ trabalhoſo o poſto, em que eſtava, por haver de acudir a tantas partes; dizia elle, que nunca neſta Miſſaõ tivera tempo de mayor deſcanſo. Na verdade aſſim era, porque comparado eſte trabalho cõ o de vinte, & ſete annos, que athe entaõ tivera de miſſaõ em peregrinaçoẽs continuas, em certo modo o prezente trabalho ficava ſendo como deſcanſo. A ſancta obediencia neſte tempo o mandou ſer Provincial do Malabar. Logo ſe partio pera a coſta da Peſcaria, levando conſigo ao Padre Domingos de Novais, q̃ havia oito mezes entrara naquella Miſſaõ, mas faltandolhe a ſaude, & forças do corpo pera o trabalho, era preciſo hir pera clima mais amoroſo, onde cobraſſe ſaude, & pudeſſe, vivẽdo mais, ſervir a Deos.

12 Depois de exercitar o officio de Provincial com o zelo, & virtude, que delle ſe naõ duvidava; voltou pera a ſua Miſſaõ de Madurê. Mas pouco tempo alli aſſiſtio, porque os Padres o elegeraõ pera paſſar a Europa, & a Roma ſobre os negocios da Companhia, & pera conduzir novos Operarios. Depois de paſſadas eſtas compridas viagens, taõ trabalhozas, como bem ſe deyxa ver, & apalpar: no anno de 1673 tornou a partir de Lisboa pera a India, levando em ſua companhia dezaſeis Miſſionarios eſcolhidos, tres Italianos, & os mais portuguezes, Entre eſtes ſe contava o dittoſo Padre Joaõ de Britto, q̃ naquella miſſaõ padeceo martyrio glorioſiſſimo.

13 Naõ foi Deos ſervido, de que o Padre Balthezar da Coſta chegaſſe à ſua miſſaõ, porque o quiz apremiar cõ a gloria. Quarenta dias depois de ſahir de Lisboa, eſtãdo

a nao nas alturas da linha, paſſou à bemaventurança. A doença foi huma febre maligna. Foi a morte ſemelhante à vida, em tudo ſancta, & pacifica. Perguntandolhe junto da morte hum dos Padres, ſe tinha, de què ſe confeſſar; reſpondeo, que pella bondade Divina naõ tinha couſa, que lhe deſſe pena. Pedindo os Sacramentos da Sagrada Communhaõ, & Extrema-Unçaõ, os recebeo com grande piedade, & edificaſſaõ dos circunſtantes. Depois com grande paz, & ſoccego deu a Deos ſua bem afortunada alma, no anno de 1673. aos 21. de Abril. Em a nao ouve geral ſentimento, porque de todos era muy amado, & mais dos ſeus Miſſionarios, & do Capitaõ môr, que todos o reſpeitavaõ, & veneravaõ como a varaõ Apoſtolico. Em quanto ſe deteve em Europa, nunca alterou nada do rigor, com q̃ ſe tratava na Miſſaõ quanto ao comer, & dormir; naõ comendo carne, ou peyxe, nem bebendo vinho, dormindo ſobre as duras taboas.

14 O ſentimento, q̃ ouve entre os ſeus Chriſtaõs; tanto que ſouberaõ de ſua morte, naõ cabe em palavras minhas o explicalo. Direi tudo com as palavras do Padre Andre Freyre, que ſe preza muyto de ſer filho do ſeu eſpirito, & companheiro de ſeus trabalhos, & como outro David na morte do ſeu amado Jonatas, todo ſe desfaz em pranto, fallando da morte do Padre Balthezar da Coſta.

15 Oh que perda, diz eſte Padre, oh que perda taõ grande eſta de tal pay, tal meſtre, & tal paſtor! O ſentimẽto, que por ella ouve neſta Chriſtandade, naõ o poſſo encarecer com palavras. Na morte de qualquer outro Miſſionario temos viſto chorar a qualquer deſtes Chriſtaõs rios de lagrimas; porẽ com as triſtes novas da do Padre Balthezar da Coſta choraraõ tãto, q̃ as lagrimas pareciaõ hũ mar, tẽdo pera ſi, q̃ era juſto lamentar cõ hũ mar de lagrimas, a quẽ taõ lõge dos ſeus olhos teve o mar por ſepultura. Eu, a quẽ a dor, & ſẽtimẽto mais magoa neſte paſſo, lẽbrãdome deſte varaõ Apoſtolico, dou muytas graças a Deos, pello ter eſcolhido, pera trabalhar tanto neſta vinha, & pello ter levado pera ſi depois de tantos annos com taõ grandes merecimentos; porque em vida nos animou com ſeu exemplo ao trabalho, & com ſua morte nos deu maior eſperança de alcançar o premio, que elle pella miſericordia Divina, confiamos, alcançou, pello muyto, que trabalhou.

16 Aſſim

16 Assim foi sentida sua morte; mas se pella falta, que nos fez com sua prezença, foi muyto pera sentir; por ser taõ felis, foi muyto pera nos consolar. Aonde outros fazẽ naufragio, navegou elle em mar bonança; porque naõ ha taõ prospera navegaçaõ, como a que tem por fim huma boa morte. Dittoso navegante, & dittosa navegaçaõ, em q̃ naõ ouve a carga das drogas, & mercadorias da terra, pera naufragar, mas sò o cabedal das virtudes do Ceo, pera navegar bem. Do Oriente foi, & pera o Oriente navegava outra vez, quando ancorou no occidente da morte; mas se esta o impedio, a tomar o porto na India, seus merecimẽtos o ajudaraõ, pera tomar o da gloria. Quem mais rico, q̃ aquelle, que mais pobre por Christo navega no mar tempestuoso deste mundo. Destas riquezas fez tam bom cabedal o Padre Balthezar da Costa, que este foi o maior, q̃ lhe acharaõ à hora da morte, & o mayor, que sempre lhe invejâmos, os que o conhecemos.

17 Quem mais seguro navega, que aquelle, que no bayxel da paciencia se embarca. Nesta forte embarcaçaõ navegou sempre o Padre Balthezar da Costa ainda em occasioẽs, em que as tempestades foraõ maiores, & os vẽtos mais contrarios. Em fim sua pobreza, sua paciencia, & todas as mais virtudes, que nelle resplandeceraõ, foraõ as drogas preciosas, com que se embarcou, & navegou pera o Ceo, aonde ja o considero.

18 Oh bem afortunado Padre, inseparavel companheiro nos trabalhos! ja descançais no porto, ficando nôs ainda lutando com as ondas neste mar bravo, & tempestuoso. Ja as tempestades se acabaraõ pera vòs, & a nôs ainda nos ameaçaõ. Pera naõ corrermos naufragio, vòs nos sõdastes primeiro a carreyra, como bõ piloto: porã como vos perdemos de vista, temerosos em viagem taõ perigosa naõ nos resta mais, que levantar os olhos ao Ceo, & pedir a Deos, que pois vos escolheo pera a empreza glorioza desta Missaõ, aonde por tantos annos com tanta gloria de seu nome o servistes, nos faça a nòs filhos vossos, verdadeiros imitadores dos exemplos, que nos deyxastes, & das virtudes, que em vòs resplandeceraõ; pera que imitando-vos na vida, vos imitemos tambem na morte. Assim desabafou sua dor o Padre Andre Freyre, homem de tanta virtude, & tantos talentos de Missionario, como em sua vida escre-

vo. Amim ſó me fica hum notavel ſentimento de naõ achar mais noticias deſte ſervo de Deos, que ſem duvida feria liçaõ em tudo agradavel chea de muytos exemplos; & trabalhos ſanctos. Mas contentarſeha eſte Apoſtolico varaõ de ſer athe niſto imitador dos Sanctos Apoſtolos; pois ſendo elles os que fizeraõ mais, ſaõ os de quem ſe eſcreve muy pouco em comparaçaõ, do que obraraõ.

19 Depois de ter eſcritto o referido neſta vida, encontrei hum grande perigo, de que Deos livrou ao Padre Balthezar da Coſta viſitando a Reſidencia de Madurê. Fazia o Padre ſeu caminho de huma pera outra povoaçaõ a tempo, que os Jogues lhe andavaõ no alcance, & principalmente o Meſtre de todos elles, que ſentia a falta do intereſſe nos diſcipulos, que deyxando-o, abraçavaõ a ley de Deos. Fazendo o Padre ſeu caminho em hũa menhaã ſente vir atràs de ſi com grande preſſa hum magote de Jogues armados com lanças, baſtoẽs, & machadinhas, & pera fazer maior eſtrondo, tocavaõ campainhas, buzios, & chocalhos, no meyo delles vinha cavalgado em hum boy o Meſtre de todos, a que chamaõ Gru na ſua lingua.

20 Chegando perto do Padre, depois de darem alguns impurroẽs no moço, que o ſeguia, avizinhandoſe ao Padre com diabolico furor, lançaraõ maõ da redea do cavalo, & imperioſamente lhe mandaraõ, que paraſſe, & os ſeguiſſe. Conſiderada a ſolidaõ do lugar, & furor, que moſtravaõ, cuidou o Padre, que Deos lhe fazia graça de lhe meter em caſa a boa ſorte do martyrio, que era, o que unicamente dezejava. Perguntoulhe o Padre, que motivo tinhaõ pera aquella furia. Reſponderaõ, que a cauſa era o atrevimento de roubar, & enganar os diſpculos alheos. Ouvindo o Padre eſta repoſta, os citou pera diante do Governador, aquem como a juis, queria dar conta de ſi. Logo deſpedio hum catequiſta ao Paleam, aonde entaõ eſtava o Governador. Foraõ todos pera lâ endireitando o caminho, huns, & outros receoſos do ſucceſſo. Porque os Jogues queriaõ outro juis inferior da ſua parte, que fizeſſe, o que elles ditaſſem.

21 Aſſim foraõ caminhando athe hũa povoaçaõ chamada Marandey, aonde havia vinte Catecumenos Badagâs. Como o canſaço, & horas o pediaõ, deſcançaraõ todos, & o Padre mandou negociar alguma couſa pera comer.

Digitized by Google

mer. Acodiraõ os Jogues com mil proteſtaçoẽs, & juramentos, que naõ comeſſe; naõ obſtante os ſeus juramentos o Padre ſe poz a jantar, eſtranhando muyto todos, os que paſſavaõ a inſolencia dos Jogues. Sabendo tudo os Catecumenos trataraõ de grangear ao ſeu Maniagar, ou Governador. Eſte ajuntando os principais da povoaçaõ, mãdou recado aos Jogues, que vieſſem a ſua prezença, que elle faria juſtiça, a quem a tiveſſe.

22 O Gru dos Jogues temendo a prezença do Maniagar, pello mao modo, & exceſſo, com que ſe tinha havido com o Padre, & perdendo as eſperanças de o levar a outro tribunal, fingio ſer o acontecimento agoſto ſeu, & convidou ao Padre pera aquelle tribunal. O Padre, que iſto he, o que queria. Por moſtrar, que a ninguem temia, reſpondeo, que aonde quizeſſem, que em toda a parte era o meſmo. As entradas foraõ pronoſtico das boas ſahidas, q̃ teria o negocio. Chegados à prezença do Maniagar, levantouſe eſte fazendo honra ao Padre, mandando-o aſſentar junto de ſi. Nenhum caſo fez do Gru, que naõ foi pequeno deſar pera a ſua ſoberba. So lhe mandou em primeiro lugar, que diſſeſſe as ſuas razoens. Todas ellas ſe reſolveraõ, em què o Padre lhe tirava os ſeus diſcipulos, q̃ eraõ todo o ſeu remedio.

23 Reſpondeolhe o Padre, dãdo primeiro huma breve noticia da ley, que enſinava, o que fazia ſem obrigar a alguem, que aſeguiſſe, nem a que foſſe ſeu diſcipulo. Que em receber por diſcipulos, aos q̃ de ſua vontade o queriaõ ſer, naõ havia couſa nova: pois a cada paſſo os diſcipulos dos Grus da terra, deyxando ſeus primeiros Meſtres, tomavaõ outros novos. De mais, que elle alem da ſua doutrina ſe differençava dos mais, em naõ levar dinheiro, nem outra couſa alguma por dar o Tixey do verdadeiro Deos (chamaõ Tixey à ceremonia, que faz o Gru, pella qual fica cada hum conſtituido ſeu diſcipulo, & profeſſor da meſma ſeyta, o que nos Meſtres da Ley de Deos ſe faz pello ſancto bautiſmo) que era hum Gru, que ſem olhos no trabalho, ou intereſſe proprio ſó tratava de enſinar aos diſcipulos o caminho da ſalvaçaõ.

24 Naõ eſperou o Maniagar, que a pratica continuaſſe, mas voltandoſe logo pera o Gru gentio, o reprehendeo do atrevimento, & inſolencia de aſſaltar aos peregrinos na eſtra-

eſtrada, & mais tal peregrino, logo converteo a pratica em louvores do Padre, aqual o Padre atalhou, dizendo, que aquelles Jogues, aquem elle tinha perdoado tudo, vinhaõ cançados, & em jejum, que lhes mandaſſe dar de jantar. Quis o Maniagar convidar o Padre, pera tambem comer; porẽ agradecendolhe o P. a boa võtade, naõ aceitou o cõprimento, mas tornando a encomendar o bom agazalhado dos Jogues, ſe deſpedio: ficando aſſás admirados todos os prezentes, que ſabiaõ pouco eſte eſtilo de perdoar injurias.

25 Na carta annua deſta Provincia de Portugal ſe faz hum grande elogio deſte incomparavel ſervo de Deos. Onde ſe diz, que era homem de muyta oraçaõ, naqual gaſtava boa parte da noyte. Que nunca, por mais que inſtaraõ ſeus parentes, puderaõ acabar com elle, que os foſſe ver, ſẽdo, que ſe deteve muyto em Coimbra, & avia alguns quarenta annos, que eſtava auſente de Portugal.

CAPITULO LV.

Vida do Padre Luis de Mello.

Em Madurê aos 4. de Fev. de 1691.

Daſſe hũa breve noticia da Miſſaõ de Madurê, & do Padre Luis de Mello.

1 AInda que todas as Miſſoẽs, em que ſe occupaõ os filhos da Companhia, ſaõ muy glorioſas, a de Madurê, a meu juiſo he glorioziſſima, & cada Miſſionario della, he hum milagre de Miſſionarios. Quando leo as obras, & genero de vida deſtes varoẽs ſanctos, naõ me parece ſaõ homens veſtidos deſte barro, em que vivemos, mas Anjos do Ceo na figura de homens. No que toca ao rigor, com que trataõ ſeus penitentes corpos, baſta dizer, que a mais apertada Religiaõ, & mais auſtera na ſua maior obſervancia, he como couſa pintada a reſpeito da realidade, que reprezenta, em comparaçaõ do rigor, que eſtes ſanctos homẽs conſigo obſervaõ; por aſſim o pedir naquellas terras o bem das almas.

2 Naõ cuide, quem iſto ler, que ſaõ as couſas, que digo, encarecimentos da pena, que eſcreve, ſaõ puras verdades,

des, em que naõ hâ duvida. Eſtendeſe a Miſſaõ de Madurê pellos Reynos de Tanjaor, Madurê, Ginja, Golocondey, & Velur. No anno de 1691 paſſavaõ as Chriſtandades eſpalhadas por eſtes ſinco Reynos de cento, & quarenta mil almas. A que acodem, o mais athe dez, ou onze Religioſos da Companhia; andando em huma roda viva de humas em outras Chriſtandades com lida, & trabalho inexplicavel.

3 Os que trabalhaõ neſta Miſſaõ pera terem aceytaçaõ dos naturais, & ſer eſtimada a Ley, que prégaõ, ſe haõ de acomodar ao eſtilo dos Bramanes penitentes, a que chamaõ ſaniazes; que entre elles ſaõ os mais Religioſos, & auſteros. Eſtes coſtumes politicos uſaõ os da Companhia. Por tanto ſobre o corpo, anda ſó huma tunica; os pés deſcalços, & acabeça deſcuberta. A cama ou he a terra nua, ou huma taboa. O cubiculo huma palhota expoſta às inclemencias do tempo. Os comeres hum pouco de arroz cozido em agoa pura, ſem outra couſa, ou, quando muyto, algumas ervas. Carne, peyxe, vinho, & outras iguarias, que em Europa ſaõ commuas, & com que câ ſe tinhaõ criado, por nenhum cazo as haõ de tocar; porque iſſo aos da profiſſaõ de Saniazes he couſa abominavel, & profana; & ſe algum tais comeres tocaſſe, naõ ſó elle ſeria tido por homem execrando, mas tambem a Ley, que enſinava.

4 Eſſe pouco arroz, mal adubado, ou inſulſo, naõ ſe hâ de comer mais, que huma vez ao dia. Sendo o jejum tal, & taõ continuo, ſó por milagre parece, ſe pode viver entre continuos trabalhos, & perpetuas peregrinaçoẽs, as mais a pé de humas em outras terras; ſem nos caminhos aver nem o abrigo das eſtalagens, nem o ſuſtento, que neſtas ſe acha. Donde o arroz hâ de ir cozido; & deſte aſſim frio, & as vezes corrupto ſe ſuſtentaõ; & ſabe Deos, quantas vezes eſte lhes falta no meyo das viagens, & cahem deſmayados a pura fome. Genero he eſte de vida, que tomado eſpontaneamente por amor de Deos, como o tomaõ eſtes ſanctos homens, he indicio de huma ſanctidade de marca maior. A tudo ſe conſagraõ os filhos da Companhia, deyxando os Collegios mimoſos, & abaſtados de Europa, pór ganhar almas pera Deos. Eu confeſſo de mim, que quando leo, & pondero a vida deſtes glorioſos Miſſionarios, dentro de mim os venero, como a ſanctos muy abalizados, & como a ho-

a homens ſobre a eſfera dos homens. Se algum vem a eſta noſſa Europa, me parece ter diante de meus olhos hum Apoſtolo da primitiva Igreja. E pera na minha opiniaõ ſer ſancto, baſta ſaber, que ſe occupa na glorioſiſſima Miſſaõ de Maduré. Iſto, como diſſe, naõ he encarecimento, mas fallo, o que entendo.

5 Hum deſtes excellentes heroes foi o Padre Luis de Mello, naceo na villa de Anſiaõ do Biſpado de Coimbra. Seus pays ſe chamavaõ Luis Nunes de Mello, & Catherina Freyre. Sendo eſtudante da ſegunda, tendo de idade quinze annos, & dez mezes entrou na Companhia em Coimbra aos quatorze de Fevereyro de 1673, no Outubro ſeguinte foi mandado continuar ſeu Noviciado em Lisboa. Depois dos dous annos eſtudou em o Collegio de Coimbra. Nas ſciencias, que eſtudou, foi em todas muy avantajado, por ſer de ſingular ingenho; & que ſe continuara as cadeyras das Univerſidades, ſeria homem conſumado em letras.

6 Todos eſſes grandes talentos quis, & eſtimou, pera os conſagrar a Deos na Miſſaõ de Madurê. Pertendeo eſta Miſſaõ com ſingular fervor, & eſpirito; & conſeguio o deſpacho de ſeus dezejos. No anno de mil ſeiſcentos, & oitenta ſe embarcou pera a India na fragata Sancto Antonio. Vinte eraõ por todos os Religioſos da Companhia, que naquelle anno foraõ pera as Miſſoẽs do Oriente: todos ſogeitos eſcolhidos; excepto dous eſtrangeiros, os demais eraõ Portuguezes, os quinze Sacerdotes, os tres eſtudantes com a Philoſophia ou acabada, ou quaſi acabada. Homens de ingenhos eſcolhidos, & que eraõ a flor da Provincia de Portugal, como naquelle tempo ouvi dizer, & foi voz cõmua. Por Superior de todos foi o Padre Doutor Pedro de Arouche, que fora Lente de Eſcritura na Univerſidade de Evora, & actualmente era della Cancellario. Em dous de Abril ſe fizeraõ à vela eſtes dittozos Argonautas.

7 Naõ ſe deteve muyto em Goa o Padre Luis de Mello, porque no Outubro de oitenta, & tres entrou na Miſſaõ de Madurê com o Padre Hieronimo Telles. Nella trabalhou incanſavelmente athe o anno de mil ſeiſcentos noventa, & hum. O Padre Gaſpar Affonſo, que quando iſto eſcrevo, em boa, & ſancta velhice he Biſpo de Sancto

Thomé

Thomé no Malabar, na Relaçaõ das Missoẽs, & Missionarios da Companhia, que fez no anno de mil seiscentos oitenta, & seis, fallando do Padre Luis de Mello, diz assim: O Padre Luis de Mello Theologo de grandes partes, natural da Villa de Anssiaõ, de trinta, & tres annos de idade assiste na Residencia de Tricherapali, que muytos annos foi corte de Madurê. He o Padre fraco no corpo, mas alẽtado no espirito, com que sem descansar acode ás obrigaçoẽs do seu officio. Tendo só sinco annos de Missionario, tem frutificado muyto, naõ ao compasso do tempo, mas à medida do seu fervor: pois só o anno de oitenta, & tres bautizou a seiscentos, & trinta. Athe aqui o testimunho deste Religioso, & virtuoso Padre: & hase de advertir, que este anno, de que falla, foi o anno, em que o Padre entrou na Missaõ.

CAPITULO LVI.

Padece o Padre Luis de Mello muytas vexaçoẽs pella Fê.

1 NO anno de oitenta, & sete, tendo este Padre à sua conta a Residencia de Candalur, foi muyto, o q̃ padeceo, & esteve muy perto do martyrio. Alem de que os perpetuos sustos nenhuma outra cousa eraõ, senaõ hum martyrio continuado. Ouve naquelle anno no Reyno fome geral, & das mais atrozes, de que alli avia memorias. Porque as mizerias andaõ encadeadas, a esta fome se ajuntou huma aceza guerra entre o Nayque de Madurê, Rey de Tanjaor, & Regulo do Maravâ, procurando estes tres Principes mutuamente arruinarense huns aos outros, assolando todas as povoaçoẽs, por onde passavaõ seus exercitos. A estes dous males se ajuntou o terceyro dos ladroẽs, que de ordinario assistem nos matos, & serranias do Reyno, donde sahem em grande numero, a fazer suas prezas em tudo, o que podem aver às maõs. Este anno faziaõ tais atrocidades, que mais pareciaõ feras, que homens.

2 Nestes matos assistia o Padre Luis de Mello, mas como tudo andava taõ fora de caminho; & por ser nesse aquelle contorno a falta de agoa, que nem para beber se achava,

foi o Padre obrigado a mudar de posto. Passouse a huma povoaçaõ, em que avia Igreja, & podiaõ a ella concorrer os Christaõs sem tantos impedimentos, & temores, com que o fazião aos mattos, por causa dos salteadores. Chegando àquella povoaçaõ no principio da quaresma, assistio nella athe a Pascoa; naõ cessava por isso de todo o medo dos ladrõs, mas foi Deos servido, de livrar a povoaçaõ, em quãto o Padre nella se deteve.

3 Tendo recolhido copioso fructo do seu trabalho, se mudou pera outra povoaçaõ, que ficava no meyo do destrito da sua Residencia, pera dalli acodir mais comodamente aos enfermos, & aos outros ministerios do sancto Evangelho. Junto a esta povoaçaõ estava huma fortaleza presidiada, aonde algumas vezes costumava vir o Governador da Provincia. No tempo, que alli assistia o Padre, succedeo vir o Governador à fortaleza. Tinha dantes o Padre tido com elle seu comprimento, mandandoo visitar por hum catequista, que lhe levou seu prezentinho, como he estilo da terra, que naõ hâ visita destas, sem ir diante, ou em cõpanhia alguma dadiva. Dera o Governador boas palavras; fiado nestas o Padre se deyxou ficar na povoaçaõ; ainda que sabia estar jâ naquelle tempo prezo o Padre Superior da Missaõ Rodrigo de Abreu. Mas este motivo tãbem obrigava ao Padre Mello a assistir no mesmo lugar; porque lhe ficava mais à maõ poder tratar da soltura do Padre Superior, como em effeito começou logo a tratar.

4 Naquelle mesmo dia veyo o Governador insperadamente à povoaçaõ, entrou no patio da Igreja dos Christaõs. Tanto que o Padre Mello o vio, lhe mandou dizer, que hia fallar com elle; porem fazendo, que naõ ouvia o recado, sem mais demora se voltou pera sua caza. Naõ deyxou este accidente de causar algum susto no Padre Mello, supposta a prizaõ do Padre Superior, mas entendeo ser mais prudencia, persistir alli em tais circunstancias.

5 Depois de sahir o Governador da Igreja do Padre, entrou em hum Pagode, ou templo dos Idolos, que estava junto da povoaçaõ, & vendoo todo desmantelado, como cousa, de que nenhum cuidado se tinha, voltou pera a fortaleza acezo em colera, & cheyo de espirito infernal. Logo de noyte mandou chamar os moradores da povoaçaõ, que quasi todos eraõ Christaõs. Temeraõ, o que poderia

ser,

ſer, & recorreraõ por conſelho ao Padre Mello, antes de irem ao Governador; dizendo-lhe, em como eraõ chamados, pera ſerem obrigados a reedificar o Pagode; por quanto hum gentio ſeu capital inimigo, & da ſancta Fé, tinha eſtimulado ao Governador contra os Chriſtaõs. O Padre os animou ao martyrio, concluindo o ſeu arrezoado, que foſſem com grande animo, que naquella empreza o aviaõ a elle de ter ſempre ao ſeu lado.

6 Animados os Chriſtaõs, pedindo ao Padre os encomendaſſe a Deos, ſe deſpediraõ reſolutos a dar a vida, antes, que largar a Fé. Athe as oito da noyte eſteve o Padre eſperando pello ſucceſſo, que teriaõ na fortaleza com o Governador; como athe aquellas horas nenhum vieſſe, julgou, que todos os medos tinhaõ parado em nada. Quando eſtava com eſte penſamento, chegaraõ dez, ou doze ſoldados à caza do Padre & arremeçandoſe a elle, lhe ataraõ os braços atraz taõ cruelmente, que perto de dous mezes lhe duraraõ os ſinais das ataduras.

7 Aſſim amarrado o levaraõ pera a fortaleza com tanta preſſa, & furia, que o Padre naõ ſabia, ſe hia pella terra, ſe pello ar. Pera que foſſe com mais preſſa, huns o empurravaõ, outros lhe davaõ pancadas, dizendo-lhe ſobre iſſo mil injurias. Finalmente depois de bem cançado chegou, aonde eſtava o Governador. O primeyro Deos vos ſalve, com que o recebeo, foi chamarlhe feiticeiro, & diſſe aos ſoldados, que lhe puzeſſem na boca hum oſſo de vaca; que he naquellas terras huma das maiores injurias, que ſe podem fazer: & que aſſim atado o foſſem açoutando pellas ruas, & depois o eſpetaſſem vivo em hum pao, que pera eſte fim tinha mandado arvorar no campo.

8 Intentou o Padre fallarlhe, & apenas abrio a boca, quando hum ſoldado lha tapou, & às bofetadas o foi afaſtando pera mais longe. Porem vendo o Padre, que naõ era tempo de calar, levantou a voz, & diſſe: Que ſeja poſſivel, que ainda ao mais bayxo, & infame por caſta ſe dê lugar athe no paço del-Rey, pera fallar; & amim me naõ quizeraõ agora ouvir duas palavras, que razaõ hâ pera iſſo? Entaõ o Governador ouvindo a queyxa, mandou que o Padre aſſim atado foſſe trazido pera junto ao lugar, onde elle eſtava. Tanto que chegou, lhe fallou pello modo ſeguinte: Se em mim hâ culpas, pera ſe me fazerem eſtas afrõ-

tas, tambem ſaõ baſtantes, pera me tirarem a vida, a qual naõ recuſarei dar, avendo em mim culpas, que o mereçaõ; mas ſe as naõ ha, porque me trataõ, como a ladraõ, & malfeitor.

9 A iſto reſpondeo o Governador: as culpas, que em vós há, ſaõ, que enſinais a voſſos diſcipulos, que naõ obedeçaõ, aos que governaõ. Que eu enſino tal couſa, reſpondeo o Padre, he huma grande mentira, ſenaõ provay-o. Naõ enſináis iſto, diſſe elle, pois porque dizeis a voſſos diſcipulos, que naõ adorem ao Pullear, & aos mais Deozes, que aqui hâ, & nós todos adoramos. Porque lhes dizeis, que naõ ſacrifiquem arroz, cabras, & as mais couſas, que ſe lhe coſtumaõ ſacrificar. Porque lhes enſinais, que naõ tomem, nem comaõ couſa alguma, das que aos Deozes ſe offerecem. He muyta verdade, reſpondeo o Padre, que eu lhes enſino tudo iſſo, nem deyxarei de lho enſinar, ainda que aqui me façais em poſtas; porque enſinalo, he obrigaçaõ minha, o fazelo he ſua vontade; que eu lhes naõ faço força, pera que o façaõ, ou deyxem de fazer; mas ſó lhes digo, que, o que ouvir minha palavra, he meu diſcipulo, & o que a naõ ouvir, o naõ he. E iſto naõ he enſinar a meus diſcipulos, que naõ obedeçaõ, aos que governaõ.

10 Vendo o Governador a reſoluçaõ do Padre, & tambem a razaõ, que tinha, no que dizia; ſerenandoſe mais hum pouco, mandou ao Padre, que ſe aſſentaſſe. A iſto reſpondeo, que o Reo ſe naõ aſſentava diante do Juiz. Entendendo o Governador, o que neſtas palavras ſignificava o Padre, lhe mandou tirar as prizoẽs, & depois aſſentar junto de ſi; & foi perguntando as couſas ſeguintes. O que dizeis, eſtâ bem; mas porque heis de enſinar, que naõ hâ Brumá, Viſnû, & Rutrén, Deozes taõ celebres neſtes Reynos? Dizerem, reſpondeo o Padre, que eu enſino, que naõ hâ Brumâ, Viſnû, & Rutrén, he outra mentira, pois todos aſſentaõ, que os hâ, & as hiſtorias andaõ cheas de ſuas boas, ou mas obras. O que digo certamente, he, que elles naõ ſaõ Deozes, pois lhe faltaõ os attributos, que tem o verdadeyro Deos, que eu digo ſer ſuprema, & verdadeyra cauſa de tudo o creado, & que ſó eſte ſe hâ de adorar como a verdadeyro. Mas pergunto, por eu enſinar eſta verdade, porque me aveis de afrontar? Entre innumeraveis ſeitas, q̃ hâ nos voſſos Reynos, duas apontarey, & ſeja huma a de

Vix-

Vixnû, outra a de Xivén, ambas entre ſi contrarias. Pergunto agora, o Gurû, ou Meſtre na ſeita de Vixnû naõ enſina a ſeus diſcipulos, que Vixnû he verdadeyro Deos, & tudo o mais falſo, & que ſó façaõ as ceremonias pertencentes a Vixnû, & naõ as de outras ſeytas? E pello contrario o Meſtre na ſeita de Xivén naõ diz, que ſó elle he Deos verdadeyro? Aſſim he, reſpondeo o Governador: & o Padre continuou dizendo.

11 Pois ſe aos Meſtres deſtas ſeytas, enſinando doutrina taõ encontrada, ninguem por iſſo os prende, nem afronta; nem faz injuria a ſeus diſcipulos; porque razaõ me heis de afrontar a mim, & a meus diſcipulos; porque enſino, q̃ hâ hum Deos verdadeyro, & ſuprema cauſa, que naõ he Brumâ, Vixnû, nem Rutrén, nem algum dos outros Deozes, que adorais. A iſto ſó reſpondeo, que em tudo, quanto dizia, tinha razaõ. Logo proſeguio o Padre: Eſta Ley, que eu enſino, naõ he agora nova neſte Reyno, pois ha cem annos, ou perto delles, que aqui a enſinamos; & por ſaberem os Principes, ſer ella boa, nos tem dado ampla licença, pera a enſinarmos, paſſando pera iſſo ſuas proviſoẽs Reais, que eſtaõ em meu poder, & vós o ſabeis muyto bem. Eu vos tenho mandado vizitar naõ por outra couſa mais, que por querer voſſa amizade; & em pago me fazeis iſto? Reſpondeo o Governador, ſer muyta verdade, & que quando o mandara prender, cuidara ſer outro Saniâz, que tinha vindo do poente; & que eſte peccado ficava ſobre elle. Aſſim he, diſſe o Padre, & vos dentro de poucos dias o experimentareis: Entaõ perguntou o Governador, ſe por ventura lhe avia de pôr feitiços. Feitiços naõ, reſpondeo o Padre, que he couſa, que naõ ſey, mas o Principe, & ſeus validos vos moſtraraõ a honra, que elles me fazem, & a pouca, que vós me tendes feito.

12 Antes de ir o Padre diante do Governador, tinhaõ aquelles Chriſtaõs, que foraõ chamados, moſtrado ſingulariſſima conſtancia. Tanto que elles chegaraõ a ſua prezença, lhes diſſe eſtas palavras: Vos ſó tratais da voſſa Igreja, & a do Pullear nem final, do que foi, tem já. He neceſſario, que a levanteis, & depois feſtejar ſeu dia, em que todos haveis de adorar, & fazer ſacrificio, como ſe coſtuma nas mais partes. A iſto reſponderaõ dous Chriſtaõs, que eraõ os principais, que elles tal couſa naõ fariaõ, ainda que

lhes

lhes cuſtaſſe a vida. Vendo o Governador tanta reſoluſſaõ, os mandou logo atar com as maõs atraz, & açoutalos com cadeas de ferro, & azorragues de eſpinhos, com que lhes ficaraõ os corpos em chaga viva. Tornandolhes a perguntar huma, & muytas vezes, ſe fariaõ, o que lhes ordenava. Reſpondeo hum delles chamado Muttû, o qual nome quer dizer perola: Ja diſſe Senhor, que naõ, agora fazei, o que quizerdes. Entaõ o Governador lhe mandou queymar a boca com hum ferro quente, & pendurar pellos pés com a cabeça pera bayxo, no qual tormento eſteve mais de quatro horas.

13 Quando eſtavaõ neſte tormento, jâ o Padre Luis de Mello eſtava junto ao Governador. Neſſe tempo alguns ſoldados lhe hiaõ dizer: Ao menos por eſta vez dizei, que fareis, o que ordena o Governador: athe o voſſo Meſtre, que com elle eſtâ, diz jâ, que digais, que ſim: pera q̃ he padecer tanto, naõ vedes, quam perto eſtais da morte? jâ o voſſo Meſtre dâ licença, que mais quereis, ou eſperais? A todas eſtas mentiras reſpondia o animoſo Chriſtaõ: tais licenças naõ ha de dar o meu Meſtre; & em caſo, que as deſſe, nunca eu cõmetteria eſta maldade; mais quero perder a vida temporal, que he de ſi caduca, que a vida immortal, que ſempre dura. Vendo pois os miniſtros do inferno, que aquella perola, toda era na conſtancia diamante; & que o companheiro chamado Xavier, ainda que avia ſó ſinco mezes, que era bautizado, eſtava nos meſmos propoſitos, deſiſtiraõ da ſua teyma, & empreza. Multou o Governador a toda a povoaçaõ em ſeſenta patacas, por lhe terem perdido o reſpeito; & mandou ſoltar aos prezos.

14 Durou eſta tragedia dez de o principio da noyte athe as tres horas da madrugada. Entaõ diſſe o Governador ao Padre, que ſe podia ir pera ſua caza. Reſpondeo, q̃ naõ ſe iria com aquella honra, que lhe tinha feito, porque dezejava, lha fizeſſe maior, por aſſim o pedir a ſancta Ley, q̃ enſinava, em cujo obſequio toda a honra he muy pouca. Ouvindo iſto o Governador, lhe rogou muyto, que ſe foſſe, que naõ tiveſſe moleſtia, & que naõ ficaſſe mal com elle; que em amanhecendo, o iria buſcar, & dar inteira ſatisfaçaõ, do que tinha obrado; neſtas palavras ſe levantou, & deſpedio ao Padre com cortezia, & moſtras de benevolencia.

15 O Pa-

15 O Padre se retirou muyto triste, & desconsolado, por não ter a boa fortuna de dar a vida por seu Deos. Aduhava esta pena com a consideraçaõ da constancia, que seus discipulos mostraraõ em taõ atrozes tormentos. Passado o conflito, disse Muttû ao Padre: Senhor, naõ vos poço explicar a consolaçaõ, que tinha, quando me atormentavaõ, & a pena, que agora tenho, porque cuidei, daria alli a vida por meu Redemptor JESU Christo, mas eu naõ mereci lograr tanta ditta: a mesma magoa tinha Xavier seu companheiro. A ambos o Padre consolou, & animou pera semelhantes combates, dando graças a Deos pella grande constancia, que dera aquelles dous Indios.

16 Brevemente o Governador tirano pagou estas suas insolencias. No tempo, que o Padre Superior Rodrigo de Abreu, & o Padre Luis de Mello foraõ prezos, estava o Padre Andre Freyre de caminho pera a costa da Pescaria. Vendo elle, que o perigo da Christandade necessitava de sua prezença; deyxou a viagem, que tinha entre maõs, & a foz à Corte do Nayque, com esperança de ter despacho favoravel. Governava entaõ o Reyno certo Bramane conhecido do Padre Andre Freyre, porque em tempos passados ambos estiveraõ prezos na enxovia de Tanjaor, & depois que della sahiraõ, sempre o Padre achou benevolencia neste Bramane. Vinte annos quasi avia, que se naõ tinhaõ encontrado, por isso foi a vizita de maior agrado ao Bramane. Praticaraõ largo tempo; depois o Padre lhe propoz o negocio, a que viera; dizendo o pouco cazo, que os Governadores faziaõ dos formoẽs do Nayque, & dos que elle, como principal ministro, lhes tinha passado, tratando com honra aos prégadores da Ley de Deos. Respondeo, que de nada tomasse pena, que dentro em poucos dias faria, com que tudo se puzesse em boa paz. De caminho lhe trouxe à memoria a morte, que elle dera, àquelle homem, que na enxovia de Tanjaor a ambos os tratara mal: dando a entender, que da mesma sorte castigaria àquelles, de quẽ o Padre se queyxava.

17 Conseguido taõ bom despacho, se despedio o Padre Andre Freyre, & foi fazendo sua viagem pera a costa da Pescaria: ficando o Padre Luis de Mello na Corte, pera ver o fim de todas estas cousas. Logo que o Governador da Provincia teve noticia, de que os Padres tinhaõ vizitado

do o Bramane, & feito queyxa do mao tratamento, que fizera aos Padres, & Chriſtaõs; ſe enraiveceo com extraordinario furor; & tornou a meter em apertos aos Chriſtaõs; mandoulhes intimar, que tal dia, que nomeava, aviaõ todos de adorar, & ſacrificar ao Pagode. Sabendo tudo o Padre Luis de Mello, ſe valeo de Deos, & da interceſſaõ das almas do Purgaturio, prometendolhe bom numero de Miſſas, ſe livravaõ aos ſeus Chriſtaõs do perigo, em que ſe viaõ.

18 Vendo o Padre, que o Bramane tardava em caſtigar ao Governador, & que ſe chegava o dia, em que tinha dito, que os Chriſtaõs aviaõ de adorar o idolo, determinou de ir à povoaçaõ, pera animar aos ſeus neofitos. Porem foi Deos ſervido de os livrar do ſuſto, em que eſtavaõ; porq̃ na noyte ſeguinte por ordem do Bramane foi prezo o Governador, deſte modo ſe fruſtraraõ ſeus perverſos intentos. Bem verdade he, que pellas muytas valias, que meteo, & pello muyto dinheiro, que deu, pouco tempo eſteve prezo; mas tambem naõ eſteve muyto tempo ſolto: porque, paſſados dous mezes, o tornaraõ a prender por ſeus delictos. Foi metido em grilhoẽs; confiſcaraõlhe, quanto tinha de ſeu: alem diſto lhe morreraõ dous Irmaõs. Todos eſtes caſtigos, confeſſava elle, lhe vinhaõ por ter vexado aos Chriſtaõs; mas naõ baſtaraõ, pera o tirar do ſeu gentiliſmo, em que ſe deyxou ficar.

19 Depois de ſoccegadas as perſeguiçoẽs, foi o Padre Mello pera a Reſidencia de Nandavamati, que ficava no principio dos matos das ladroeyras, pera ajudar aos Chriſtaõs, que nellas ha, & tambem a alguns do Reyno de Tãjaor. Depois de os conſolar, ſoube, que em Trixirapali, que era a Corte do Regulo, morriaõ milhares, & milhares a pura fome. Dous mezes, & meyo aſſiſtio naquella Corte, aſſim confirmando na Fê a muytos, que com as perſeguiçoẽs tinhaõ vacillado, como adminiſtrando os Sacramentos aos de mais, particularmente a moribundos: aonde foi taõ exceſſivo o trabalho, que confeſſa o Padre, que em poucas palavras o naõ poderia explicar. As confiſſoẽs eraõ continuas, neſte exercicio gaſtava os dias com os das caſtas nobres, & as noytes com os das caſtas bayxas. Dos que alli ſacramentou, a terceyra parte, diz o Padre, que morreo de fome, a qual na cidade fazia tal eſtrago, que eſtavaõ

as

as ruas cheas de corpos mortos, ſem aver, quem lhes deſſe ſepultura. E ſe iſto era na corte, onde aſſiſtia o Regulo, & por eſta cauſa devia ſer maior o cuidado, pera ſe naõ inficionarem os ares, bem ſe infere, o que aconteceria nas mais partes. Cortava o coraçaõ ao Padre Luis de Mello ver tantas miſerias com ſeus olhos, ſem eſtar na ſua maõ, por lhe o remedio, de que neceſſitavaõ. Ja que naõ podia acodir aos corpos, fez quanto pode, por ſalvar ſuas almas, baptizou athe trezentas peſſoas neſte anno, que em taõ calamitoſos tempos naõ foi pequena colheita.

CAPITULO LVII.

He prezo pella fè, & do mao tratamento ſe lhe origina a morte.

1 COm eſte theor de vida, & neſtes miniſterios tanto da honra de Deos, trabalhou muytos annos o Padre Luis de Mello com grande eſpirito, & fervor muyto ſobre as ſuas forças corporais. Com muyto goſto aqui eſcreveria meudamente todas as outras fadigas ſuas, mas naõ tive a boa ditta de me virem à maõ. Terei ſingular jubilo, ſe eſſe pouco, que eſcrevo aſſim deſte, como de outros homẽs veneraveis, deſpertar a outros, pera que amplifiquem ſuas vidas; como eu amplifiquei as de muytos, que andavaõ impreſſas muy ſoccintamente, por naõ terem os eſcriptores dellas as noticias, que eu ou deſcobri, ou andando diſperſas ajuntei.

2 Mereciaõ os trabalhos do Padre Luis de Mello hum fim glorioſo, qual o vieraõ a conſeguir. No ultimo anno de ſua vida foi mandado cultivar a grande Chriſtandade, que eſtâ no dominio de Maravâ, que he hum Principe tributario ao Regulo do Madurê. Era eſte Principe o mayor inimigo, que tinhaõ naquellas terras os Chriſtaõs. Foi eſta nova pera o Padre Mello de goſto inexplicavel.

3 Julgava o Padre Mello, que teria alli a felicidade de padecer muyto por Chriſto; couſa, que elle ſumamente dezejava, & que a Deos pedia com todas as veras, & de que eraõ muy frequentes ſuas praticas, explicando as palavras as ancias, & dezejos ſanctos de ſeu coraçaõ. Nada mais ap-

petecia, que morrer por Chriſto. Diſſe o Padre Joaõ Venancio Bouchet entaõ ſeu Confeſſor, que eraõ as palavras do Padre Mello neſta materia taõ fervoroſas, que naõ sò eraõ indices do ſeu fervor, mas que ateavaõ ſemelhãte fogo, em quem as ouvia. A' medida do goſto com eſte primeiro aviſo, foi a triſteza, que lhe ſobreveyo com o ſegundo; porque ſe lhe ordenou, que deyxada aquella viagem, foſſe pera a Reſidencia de Cornapatu; aſſim por aſſiſtir naquelle deſtricto, que eſtava ſem Paſtor, como tambem por ſervir como de companheiro ao Padre Franciſco Laynes, cujo deſtricto confinava com aquella Reſidencia.

4 Entendeo o Padre Mello, que o pedir o Padre Laynes companheiro, fora a cauſa de ſe divertir a viagem ao Maravâ. Deſcobrio ao Padre Laynes os grandes dezejos, que ſentia em ſua alma de emprender aquella jornada, dizendolhe, que entendia, que o Eſpirito Sancto o chamava mais pera aquellas, que pera outras terras. Naõ quiz o Padre Laynes divertir a vocaçaõ, que em homem taõ ſancto, julgava ſer toda de Deos. Logo fez diligencias, pera que os dezejos do Padre tiveſſem o effeito, a que elle ſe ſentia propenſo. Ouviraõ os Superiores a propoſta, & lhe puzeraõ o cumpraſe à medida do dezejo do Padre Luis de Mello.

5 Por tanto cheyo de prazer ſe poz logo ao caminho pera as terras do Maravâ. Naõ pode logo entrar naquella regiaõ; foi com tudo a demora de grande proveito das almas; porque reduzio a dor, & arrependimento a mais de cẽ Chriſtaõs, que havia quinze, vinte, & trinta annos, que andavaõ perdidos, & deſgarrados. Depois offereceẽdoſe opportunidade, continuou o caminho vencendo graves perigos, & difficuldades. Chegou finalmente às terras do Maravâ; como alli naõ tinha caſa, aceytou o hoſpicio, que hum pobre Chriſtaõ lhe offereceo. Deteveſe nelle onze dias adminiſtrando os Sacramentos a muytos, q̃ da provincia alli concorreraõ.

6 Pera acodir ao muyto, que havia, que fazer, dias, & noytes trabalhava, como ſe foſſe de aço, ou bronze, & naõ de barro enfermiço. Alem de muytos mil, aquem acodio com os Sacramentos da Confiſlaõ, & Cõmunhaõ, dentro nos meſmos onze dias bautizou a mais de mil Catecumenos: que foi couſa muy rara em taõ pouco tempo. Como

os

Digitized by Google

os concurſos eraõ taõ notaveis, temeo o Padre juſtamente, que delles ſe originaſſe alguma tormenta, como outras vezes ſuccedera; porque naõ podem os gentios tal couſa ver, nem permittir pello grande odio, que tem à noſſa ſancta fé; levantaõ grandes poeyras, & tudo poem em confuſaõ.

7 Por evitar eſtes inconvenientes julgou, ſeria mais ſeguro paſſar pera os confins da terra de Madurê; aonde, a ſeu parecer, naõ havia os temores, que aſſuſtavaõ nas terras do Maravâ. Porem ſuccedeolhe tudo pello contrario, porque onde quiz evitar a perſeguiçaõ, alli ſe encontrou com a cauſa, que dezejava de ſua morte. O meſmo foi entrar naquellas terras, que entrar no carcere, onde teve origem ſua dittoſa morte, & fim glorioſo.

8 Tanto que chegou, mandou logo viſitar ao Capitaõ da fortaleza, a quem andava annexo o Governo da provincia, pedindolhe licença pera habitar em ſuas terras. Negou eſte, o que ſe lhe pedia, dando credito a muytas mentiras, & falſos teſtimunhos, que contra a ley de Deos, & ſeus prégadores lhe tinhaõ ditto os inimigos da verdade. Tais couſas lhe meteraõ na cabeça contra o Padre, que elle em peſſoa, com quatrocentos ſoldados o ſahio a prender, como ſe foſſe algum inſigne, & poderoſo ſalteador.

9 Vendo o Padre Mello a boa fortuna, que o vinha demandar à imitaçaõ de Chriſto, mandou logo retirar, a quãtos Chriſtaõs alli ſe achavaõ. Sahio da ſua pobre choupana, & taõ pobre, que nem paredes tinha, mas sò huns paos toſcos, que a ſuſtentavaõ. Sahio digo reſoluto ao encõtro dos ſoldados, que diante mandara o Capitaõ, pera o prenderem. Com roſto alegre, & mageſtozo perguntou a todos, aquem buſcavaõ. Ficaraõ como aſſombrados com eſta pergunta, porque nenhum ſe atreveo, a porlhe as maõs, pera o prender. Vendo o Padre, que o naõ prendiaõ, entrando por meyo de todos foi buſcar ao Capitaõ, que os mandava; & com grande paz, & ſerenidade lhe diſſe: Era neceſſario, que a fim de prender a hum pobre eſtrangeyro, vieſſeis, Senhor, em peſſoa com exercito armado? Tantas armas ſó denotaõ a prizaõ de hum ladraõ famoſo, & naõ a innocencia de hum Religioſo pobre. Denotam reſiſtencia de muytos inimigos, & naõ a obediencia de hum peregrino, como eu ando neſtes Reynos, que viria logo a voſſa prezença ſendo chamado; pois taõ longe eſtive de temer ca-

caſtigo, que em chegando a eſtas terras vos mandei avizar de minha chegada, cuidando receberia tambem de vós as muytas honras, que na Corte me fez voſſo Irmaõ, depois que conheceo a innocencia da Ley, que enſino. Viſto porem achar tudo o contrario, eſtou prompto a todo o caſtigo, que minhas culpas depois de provadas merecerem.

10 Foi taõ poderoſa a gravidade, & meſura, com que o bemdito Padre fallou neſta occaſiaõ; que o louvaraõ, & admiraraõ muyto ſeus inimigos, por ſer tanta conſtancia rariſſima em tais apertos. Ficou o tirano taõ confuſo, que nem huma ſó palavra pode reſponder, & no meyo da ſua confuſaõ fez ſinal ao Padre, & ſoldados de cavalo, caminhaſſem pera a fortaleza. Tanto que chegaraõ, mandou, que aſſim o Padre, como os ſeus cabedais foſſem trazidos a ſua prezença, cuidando aver nelles muytas riquezas, de que tambem lhe tinhaõ dito grandes couſas. Naõ encõtrou porem mais, que os pobres ornamentos ſacerdotais, & algumas pobriſſimas alfayas do ſeu veſtido. Depois inquirio meudamente ſobre os embuſtes, & falſos teſtimunhos, que do Padre ſe lhe tinhaõ dito, & achando ſer tudo mẽtira, como arrependido, & ainda envergonhado, de ter procedido taõ precipitadamente, deu ao Padre por livre, & lhe mandou reſtituir, quanto ſe lhe tomara.

11 Eſtando neſta reſoluçaõ, lhe meteo grande medo hum Bramane, que avia de eſcrever tudo a el-Rey; de como naõ ſó naõ caſtigara a hum peregrino, que andava enſinando Ley nova, & deſtruindo todos os Deozes daquelle Reyno; mas nem fizera preza nas muytas riquezas, & pedras precioſas, que poſſuia. Temendo o governador eſtes ameaços, achou por mais conveniente, entregar a eſte innocente, cordeyro nas maõs dos meſmos algozes, que lhe ſolicitaraõ a prizaõ. Naõ ſaõ explicaveis os oprobrios, que lhe fizeraõ. Todo aquelle dia o obrigaraõ a eſtar prezo junto à porta da fortaleza, ſem comer couſa alguma.

12 Alli foi objecto publico de afrontas; quantos entravaõ, & ſahiam, moſavam delle; huns fazendo acçoẽs afrontoſas lhe offendiaõ o reſpeito, outros com palavras deshoneſtas lhe moleſtavaõ os ouvidos, & outros com ridicularias faziaõ farça, & zombavaõ de ſua paciencia. Em todo eſte tropel de injurias foi o ſoffrimento do Padre taõ extraordinario, que o admiraraõ os meſmos, que o exercitavaõ, & apuravaõ.

13 Che-

13 Chegada a noyte, o meteraõ em hum publico, & pequeno carcere; de cujas guardas dizia o Padre Mello com Sancto Ignacio Martyr, ferem huns Leopardos, tanto peyores, quanto mais bem os tratava. Neſte carcere eſteve o Padre dezaſeis dias, padeçendo as fomes, apertos, & diſgoſtos, que mais cabem na conſideraçaõ, de quem medita, do que na pena, de quem eſcreve. Baſta dizer, que foraõ taõ crueis, que finalmente lhe vieraõ a originar a morte, como logo veremos.

14 Cuidou o tirano, que o Padre com dinheiro ſe livraſſe daquellas eſtreitezas. Vendo porem, que elle as ſoffria, a modo de quem as dezejava, tres vezes mandou ameaçar com tormentos ao Padre, ſenaõ deſſe cento, & ſincoenta patacas pella culpa de andar em ſuas terras enſinando ley nova contraria em tudo aos ſeus Deozes. Acrecentava, que a tal culpa era digna da ignominioſa morte de forca. Reſpondeo o Padre, que naquelle genero de morte lhe fazia muyta graça, pois era o melhor teſtimunho da verdade, que prégava; mas que em lhe pedir patacas, lhe fazia grave injuria, pois tantas poſſes eraõ contrarias ao eſtado de Religioſo, que profeſſava. Com eſta repoſta ſe aſſanhou de ſorte o tirano, que determinou acabar com totmentos, o que naõ podia effeituar com palavras.

15 Ja neſte tempo o cuidado do Padre Rodrigo de Abreu, & a muyta induſtria de alguns catequiſtas do Padre Luis de Mello tinhaõ alcançado na Corte huma carta do General das armas, pera que o tirano mandaſſe ſoltar ao Padre, & lhe reſtituiſſe tudo, quanto ſe lhe tinha tomado. Tanto que recebeo a carta, ſem demora executou, o que ſe lhe ordenava, dando liberdade ao Padre, & reſtituindo-lhe toda a ſua pobreza.

CAPITULO LVIII.

Dittoza morte do Padre Luis de Mello, & ſuas virtudes.

1 SAhio o Padre do calabouço, levando conſigo a cauſa de ſua morte, que por ſer tal a cauſa, foi digna de muytas invejas. Eſtando ainda prezo, por razaõ das calamidades, que o moleſtaraõ, lhe ſobrevieraõ principios

cipios de huma febre maligna, tanto mais maligna, quanto menos foi conhecida. Sobrevieraõlhe dores agudiſſimas em todo o corpo, & huma toſſe taõ violenta, que parecia ſe lhe arrancavaõ as entranhas, quando toſſia. Juntamente lhe impedia a reſpiraçaõ por algũ tẽpo, & acrecentava as dores. De tudo fazia menos cazo, por naõ conhecer a malignidade da doença. Antes em ſahindo do carcere, naõ podendo ter ſoccego ſeu incanſavel eſpirito, começou a exercitar, como ſempre, os miniſterios de Miſſionario; & iſſo em occaſiaõ de grandes concurſos, por eſta cauſa era maior o trabalho; ao qual finalmente ſe veyo a render ſeu exhauſto corpo.

2 Declarada a malignidade da febre, entendeo, que a morte eſtava muy perto, & a vida eſtava acabada. Por tãto tratou com maior diſvelo, de ſe diſpor pera o caminho da eternidade, ainda que jâ ſe tinha preparado com muytas, & muy excellentes obras. Deu aviſo a alguns Padres Miſſionarios do perigo, em que ſe achava, pera que lhe aſſiſtiſſem com o ſubſidio dos Sacramentos, & conſolaſſem com ſua prezença. Acodiraõ logo a taõ bom, & fiel companheiro. Com ſua viſta ſe alegrou, & todos com as lagrimas nos olhos ſignificaraõ o muyto, que ſentiaõ a falta de tal operario. Recebeo elle os ſanctos ſacramentos com extraordinaria ternura, & devaçaõ, que infundio tambem nos prezentes.

3 Depois embebido todo em Deos, reſpirou o fogo de ſeu coraçaõ em amoroſiſſimos colloquios fallando com hum Crucifixo, em quem tinha os olhos fixos, & a quem tinha nas maõs. Suas palavras eraõ taõ ſaudozas, que derretiaõ em devaçaõ, & lagrimas, aos que eſtavaõ prezentes. Exprimia com grande eficaçia as ancias, & dezejos, que tinha de ſe ver com Deos; entre ellas diſſe: Porem iſto ſerâ paſſada a feſta da Purificaçaõ, que eſtâ proxima, pois dezejo receber tambem naquelle dia o corpo de meu Senhor, com que minha alma depois de Purificada poſſa ſer offerecida por maõs da May ao Filho.

4 Tudo aconteceo como o predice, ainda que os prezentes pellos termos da doença tal couſa naõ preſumiaõ. Chegado o dia da Purificaçaõ, cõmungou com a ternura, que antes o fizera: & nos quatro de Fevereyro de mil ſeiscentos noventa, & hum deyxou eſta vida mortal, & ſe

foi

foi gozar da eterna. No rigor da doença lhe tinhaõ aſſiſtido os Padres Antonio Dias, Bernardo de Sá, & o dittoſo Padre Jozeph Carvalho, que morreo pella Eé no carcere de Tanjaor. Ao tranſito ſe achou tambem prezente o Padre Franciſco Laynes, que no anno de 1707, quando iſto eſcrevo no mez de Novembro, chega de Roma a Lisboa, depois de ter padecido hum cruel naufragio nas coſtas do Reyno de Granada, aonde perdendoſe a nao, a penas ſe puderaõ ſalvar as vidas; & na deſte Padre teria a Miſſaõ de Maduré grandes perdas, porque nella tem feito notaveis ſerviços a Deos, & eſperamos em o Senhor lhe darâ vida, & graça, pera os continuar por muytos annos. Eſtâ eleyto Biſpo daquellas terras, porem eſtes Biſpados ſô ſervem pera acrecentar, & render mais trabalhos, que por iſſo os naõ regeita a Companhia.

5 O Padre Joaõ Venancio, logo que teve noticia da doença do Padre Mello, ſe poz a caminho, o qual fez com tanta preſſa, que quando chegou, lhe empolaraõ tanto os pés, que por muytos dias nem dentro de caza pode andar. Todas eſtas moleſtias teria elle por bem afortunadas, ſe ainda achaſſe vivo ao Padre Mello; mas quando chegou, jâ ſeu corpo eſtava na ſepultura, contentouſe com a regar cõ ſuas lagrimas, & aſſim ou afogou, ou accendeo mais a ſua ſaudade.

6 O que fica ditto baſta, & ainda ſobeja, pera ſe conjecturar a muyta ſanctidade do Padre Luis de Mello: que naõ eſtaõ taõ grandes couſas ſenaõ fundadas ſobre virtudes muy ſolidas, & cabais. A penitencia, pera ſer extraordinaria, baſta ſaber, como fica apontado, o rigor, que ordinariamente uſaõ conſigo, os que ſaõ de profiſſaõ Pandaras, como era o Padre Mello; porque, ainda que ao principio o applicaraõ ao eſtado de Bramane, pera correr com a Chriſtandade, & tratar da converſaõ dos deſta caſta, brevemẽte paſſou a ſer Pandara, que he a vida, de Religioſo penitente, que uſaõ ordinariamente os mais Padres da Miſſaõ de Maduré.

7 Ao ſofrimento de continuos trabalhos ajuntou o exercicio de muytas virtudes, exercitandoſe em officios humildes, quando diſſo tinha occaſiaõ. De ſua peſſoa ſentia taõ bayxamente, que naõ conſentia o antepuzeſſem, nem ainda o igualaſſem a qualquer de ſeus contẽporaneos.

Com

Com eſta humildade ajuntava huma rara charidade naõ ſó a eſpiritual exercitada em ſeus Apoſtolicos miniſterios, mas tambem no pertencente ao temporal, na qual foi taõ inſigne, que mereceo o titulo de pay dos pobres: porque nenhum ſe chegava a elle, que podendo, o naõ remediaſſe. Reſplandeceo eſta com eſpecialidade na careſtia do anno de 1687, que naquellas terras cauſou fome eſtranha, & de que ſe contaõ as couſas mais crueis, que as hiſtorias referẽ em fomes exorbitantes. Acodio nella o Padre Mello aos Chriſtaõs, encurtando o ſeu proprio ſuſtento, vendendo as alfayas do ſeu uſo, & athe os veſtidos, ficandoſe com hum bem uſado: & quando jâ naõ tinha no ſeu pobre cabedal, por onde puxar, começou a pedir eſmolas, com as quais acodio a muytos pobres.

8 Pera com a Virgem Senhora foi ſingular ſua devaçaõ; a ella tomou por protectora ſua todos os annos, que viveo entre a gentilidade. Por mais occupaçoẽs, que tiveſſe, naõ deyxou de lhe rezar o ſeu Roſario, & jejuar os ſabbados; & procurava, que todos lhe tiveſſem particular devaçaõ. Tambem foi muy devoto da glorioſa Virgem, & Martyr Sancta Barbara. Todos os dias lhe rezava certas preces, como elle dizia, pera que lhe alcançaſſe de Deos huma morte ante ſeus olhos precioſa. A ſatisfaçaõ de todas as ſuas obras tinha applicado às almas do Purgatorio, a cujo patrocinio recorria frequentemente em ſeus apertos, & confeſſou, que por elle tinha alcançado de Deos grandes mercés, & favores. Ornado com todas eſtas, & às mais virtudes em idade de trinta, & quatro annos, eſtando avizado pera fazer a profiſſaõ de quatro votos, foi gozar o premio de ſeus glorioſiſſimos trabalhos; com huma morte, que bem ſe pode chamar martyrio; pois toda ella ſe originou dos rigores padecidos pella Fé em huma terrivel, & crueliſſima prizaõ.

9 Naõ quero deyxar em ſilencio hum paragrafo de huma carta do veneravel Padre & Martyr dittoſo, o Padre Joaõ de Britto, que indo à coſta da Peſcaria levou na volta pera a Miſſaõ ao Padre Luis de Mello no anno de 1682. Diz pois aſſim. Acabados em Tutucurim os negocios, q̃ alli tinha eſta Miſſaõ, me embarquei pera ella com os Padres Hieronimo Telles, & Luis de Mello, ſogeitos de grandes virtudes, & ſingular ingenho, que entre os mais ſó elles ſe reſol-

Digitized by Google

reſolveraõ, a ſe ſacrificar aos trabalhos deſta Miſſaõ, taõ grandes, como a experiencia moſtra aos poucos, que ſe reſolvem aos experimentar. Chegàmos a eſte Reyno de Ginja, depois de trinta, & ſinco dias de viagem, naqual arribâmos tres vezes, & eſtivemos perdidos huma, por ſe abrir a embarcaçaõ, em que vinhamos, & em huma tempeſtade, que tivemos. Em outra largandonos os Mouros marinheiros em hum batel roto, ſem velas, nem leme, nem remos. Mas de tudo nos livrou Deos Noſſo Senhor por ſua infinita Miſericordia, & Providencia inefavel. Neſte Reyno de Ginja, aonde cheguei a deſembarcar com os Padres no fim de Setembro, eſtive em ſua companhia athe os 18 de Dezembro com grandiſſima conſolaçaõ minha, por ver ſeu grande fervor aſſim no eſtudo da lingua Tamul, como no zelo grande de converter almas. Athe aqui o paragrafo daquella carta, que he hum grande elogio deſte ſervo de Deos, & feito por taõ ſaucto homem he digno de maior veneraçaõ.

CAPITULO LIX.

Vida do Irmaõ Gaſpar Lourença Coadjutor temporal, & Irmaõ Gaſpar Freyre eſtudante. *Lisboa 6. de Jan. de 1676.*

1 ESte bem afortunado Irmaõ naceo em Lisboa, ſeus pays ſe chamaraõ Manoel Lourenço, & Maria Dinis, entrou na Companhia em Lisboa aos treze de Dezembro de mil ſeiſcentos vinte, & tres, tendo vinte, & ſete annos de idade. Depois que entrou na Companhia, aſſim ſe entregou de veras ao exercicio das virtudes, que grangeou o nome de Irmaõ ſaucto, que toda a vida conſervou, & as ſuas obras todas eſpiravaõ ſanctidade.

2 A oraçaõ lhe levou ſempre muytas horas aſſim de dia, como de noyte. Andava ſempre como homem, que naõ apartava o ſeu penſamento de Deos. As ſuas praticas eraõ de Deos, & neſſas tinha tal dom, que os ſeculares pello ouvir, de propoſito o buſcavaõ; & elle dentro dos limites da ſua regra procurava, de os encaminhar pera Deos. Quando acompanhava a algum noſſo Sacerdote, que hia confeſſar algum enfermo; depois de fazer o Padre a confiſ-

saõ, o obrigavaõ a conſolar o enfermo com ſuas ſanctas palavras, porque tinha pera iſto ſingular modo, & virtude.

3 De ſua boca ninguem ouvio palavra de murmuraçaõ, antes divertia logo eſtas praticas, ſe outrem, eſtando elle prezente, as metia. Alcançou grande igualdade de animo; ninguem o vio irado; nas couſas adverſas conſervava a meſma paz, que nas proſperas. A charidade pera com os pobres foi nelle eſtremada, parecia ter a todos nas entranhas, & no coraçaõ. Muytos annos foi porteiro da portaria dos pobres da caza de Saõ Roque, onde ſua charidade era notoria.

4 Muyta gente grave lhe dava groſſas eſmolas, pera dar aos pobres. Entre outras inſignes obras, que fez neſta materia, por eſpaço de quatro annos ſuſtentou em Lisboa a hum homem nobre das Ilhas, que litigava ſobre hum morgado das Ilhas, de que teve por ſi a ſentença; & a naõ conſeguiria, ſe eſte bom Irmaõ com ſuas eſmolas o naõ ſuſtentaſſe com a limpeza, que a qualidade da peſſoa pedia.

5 Na horta fazia ſua ſeara pera os ſeus pobres, aos quais amou tanto, que athe eſtando doente lhes guardava ſua parte, do que ſe lhe dava pera o ſeu ſuſtento. Athe depois de muy velho jejuou ſempre os dias, que manda a Igreja. Na veſpora do dia, que avia de commungar, naõ bebia vinho. Todos os dias tomava duas rigoroſas diſciplinas. Foi taõ amigo de ſe caſtigar, que athe na ultima doença ſe diſciplinou, & tinha cingido o cilicio, de que lhe deu fé o enfermeiro, por occaſiaõ de lhe applicar certo medicamento.

6 Da Senhora, & do Sanctiſſimo foi grandemente devoto. Rezava o Roſario muy de eſpaço. Alem dos dias, em que commungaõ os Irmaõs, elle cõmungava em outros muytos. Quando ſe naõ podia levantar da cama, pedio ao enfermeiro, o mudaſſe pera hum cubiculo junto da capella, aſſim pera poder ouvir de perto a Miſſa pella janela, que do cubiculo cahia pera a capella, como pera poder cõmungar mais ameudo.

7 Padeceo huma comprida enfermidade, ſem ſe queyxar, levando as moleſtias com ſingular paciencia. Quando lhe perguntavaõ neſte tempo, como eſtava? Reſpondia: vou paſſando o meu purgatorio. Teve revelaçaõ do

dia

dia da ſua morte, alguns dias antes diſſe, que avia de fallecer em dia de Reys, no qual dia nacera. Na veſpora de dia de Reys jâ alta noyte diſſe a hum Irmaõ, que lhe aſſiſtia, q̃ ſe foſſe recolher, & deſcançar, que elle naõ avia de morrer de noyte.

8 No dia pella menhãa entrou ao viſitar o enfermeiro, achando ao Irmaõ muyto em ſeu ſer lhe diſſe, que jâ eſtava no dia de Reys; pois, diſſe o enfermo, dê ordem, a q̃ ſe me dê a cõmunhaõ. Depois de acabar a hora de oraçaõ, reſpondeo, ſe lhe cumprirâ eſſe dezejo. Acodio o Irmaõ Lourenço: Naõ, ha de ſer antes de ſe por fim à oraçaõ, porque aſſim importa. Logo ſe lhe trouxe o Senhor, & o recebeo com a ternura coſtumada. Depois da oraçaõ deſfalleceo, & entre eſte deſfallecimento a alma ſe deſpidio do corpo. Ficou ſeu roſto mui aprazivel, ſignificando a ſanctidade da alma, que nelle morara. Morreo na caza de Saõ Roque de Lisboa aos ſeis de Janeiro de 1676. De ſuas virtudes ſe fizeraõ conferencias na meſma caza, & dellas ſe recolheraõ eſtas virtudes pello Padre, que fez a carta Annua daquelle tempo, donde eu as trasladei.

9 O Irmaõ *Gaſpar Freyre* eſtudante naceo na freguezia de Saõ Giraldo no termo de Montemor o novo, Arcebiſpado de Evora. Seus pays ſe chamaraõ Pedro Dias, & Catherina Martins, ambos gente virtuoſa, eſpecialmente a May, a quem chamavaõ, a molher ſancta. Criou com os ſeus coſtumes a eſte ſeu filho, em quem ſe vio bem aproveitado o cuidado da May. Eſtudando em Evora, alli entrou na Companhia aos vinte, & oito de Janeiro de mil ſeiſcentos, & dezoito. Aos oito de Junho do anno ſeguinte foi pera o Noviciado de Lisboa, por começar entaõ a ſer habitada à caza do Monte Olivete. *Evora 20. de Março de 1625.*

10 Depois dos dous annos, & feitos os votos, foi mãdado tornar pera Evora em ordem a eſtudar. Era de compreiçaõ delicada, & ſe empenhou tanto no eſtudo, que veyo a lançar pella boca grande copia de ſangue, & ſe lhe formou hũa tiſica, andando jâ no ſegundo año de Philoſophia. Dous annos lhe durou o mal, & o foi pouco a pouco conſumindo, como de ordinario ſuccede na tal doença. Preparouſe com ſingular cuidado.

11 Quis o demonio afligir à ſancta May deſte Irmaõ com o ſucceſſo ſeguinte. Nenhuma couſa ella mais deze-

java, que a perſeverança de ſeu filho na Companhia. Eſtãdo hum dia bem deſcuidada, lhe entra pella porta hum mãcebo em tudo ſemelhante a ſeu filho, perſuadioſe, era o ſeu Gaſpar, & que o tinhaõ deſpedido. Foi o ſentimento igual ao dezejo, que tinha da ſua perſeverança. Chorou muytas lagrimas, & mais com ellas, que com palavras lhe perguntou a cauſa, de o deſpedirem.

12 Reſpondeo o fingido Gaſpar, que eſſa era a maior cauſa de eſtar ſentido, pois ſem ter culpa alguma, lhe tinhaõ os Padres tirado a roupeta. Aqui creceo a magoa da may. Deſpacha logo hum proprio a Evora com huma carta chea de queyxas pera o Padre Reytor, por aſſim o terem uſado com ſeu filho.

13 Chega à portaria, começa a dar a embayxada, dizenlhe, que o Irmaõ Gaſpar Freyre eſtava na Companhia. Nada cre, aſſeverando o deixara em caza de ſua may. Foraõ logo chamar ao Irmaõ, que o menſageiro bem conhecia. Volta com a nova, pera tirar à may do aſſombramento, em que eſtava, pergunta pello fingido filho? Reſponde a may, a eſta hora me deſapareceo da qui, nem ſei, que feito ſeja delle. Entaõ lhe referio, como ſeu filho eſtava em Evora, como lhe fallara, & o abraçara; & que bem ſe via ſer o demonio, o que a quizera moleſtar. Ficou por eſtremo conſolada.

14 Seu dittoſo filho tendo feito muytos actos de virtude, falleceo com morte de juſto aos vinte de Março de mil ſeiſcentos vinte, & ſinco no Collegio de Evora. Foi enterrado na capella de Saõ Sebaſtiaõ da parte do Evangelho. Eſte pouco recolhi de huns apontamentos antigos de couſas ſanctas, que ſe guardaõ no cartorio do Collegio de Evora.

FIM.

Digitized by Google

LIVRO QUARTO
DA
IMAGEM DA VIRTUDE
EM O NOVICIADO DA COMPAnhia de JESU Em Lisboa.

CONTINUAMSE AS VIDAS DE ALguns ſervos de Deos, que foraõ Noviços na caza do Monte Olivete.

CAPITULO I.

Vida do Padre Antonio de Macedo, de como entrou na Companhia, exercitou ſeus miniſterios, como foi a Suecia, & por ſeu meyo converteo Deos a Rainha Chriſtina.

Lisboa 15. de Julho de 1693.

1 ESCOLHEO Deos ao Padre Antonio de Macedo pera inſtrumento de huma couſa taõ grande, como foi a converſaõ de Chriſtina Rainha de Suecia, que ſó iſto baſta pera o fazer digno de eterna memoria. Naceo em Coimbra, ſeus pays ſe chamaraõ Joaõ Rodriguez, & Maria de Macedo. Tendo quatorze annos de idade entrou na Companhia em Lisboa aos vinte, & ſinco de Agoſto de mil ſeiſcentos, & vinte ſeis. Sempre ſeus coſtumes foraõ de homem ſancto, & amigo de Deos, ſem genero algum de dobrès, nem engano.

2 Sou-

2 Soube com primor as letras humanas, como teſtimunhaõ os livros que compoz. Foi Irmaõ inteiro de Frey Franciſco de Macedo, o qual ſendo profeſſo na Companhia ſe paſſou pera os Frades menores, & foi na poezia latina dos homens excellentes, que neſta faculdade tem florecido. O Padre Antonio de Macedo, depois de enſinar letras humanas, & acabar a Theologia, ſe exercitou nos miniſterios da Companhia no preſidio de Mazagaõ em Africa.

3 No anno de mil ſeiſcentos, & ſincoenta mandando el-Rey de Portugal a Jozeph Pinto Pereyra por ſeu Embayxador a Chriſtina Rainha de Suecia, foi por ſeu confeſſor o Padre Antonio de Macedo, indo por ſeu companheiro o Padre Joaõ de Andrade. Em vinte, & quatro de Junho partio do porto de Setuval em huma nao de carga, na veſpora de Sancto Ignacio chegou a Holmia, Corte dos Reys de Suecia.

4 Fazia o Padre peſſoa de Secretario da embayxada, pera com eſte diſfarce poder melhor ajudar aos Catholicos, conforme coſtumaõ os da Companhia, & poder ter entrada no paço da Rainha, aqual tinha formado hum grãde conceito dos Religioſos da Companhia, cujo nome, ainda que aborrecido dos hereges, era delles reſpeitado.

5 Por naõ ſaber o embayxador latim, que era a lingua, porque ſe explicavaõ, lhe ſervia de interprete o Padre Antonio de Macedo. E aſſim teve occaſiaõ de entrar muytas vezes a fallar com a Rainha, aqual goſtava muyto da expediçaõ, & elegancia, com que fallava a lingua latina; & vendo a grande compoſtura, & modeſtia, que no Padre, alem do enſino da Companhia, era como natural, ſoſpeitou, que era Jeſuita, que eſte he o nome, comque naquellas regioẽs ſomos conhecidos.

6 Finalmente veyo a ſaber, que na verdade era, o que ella ſoſpeitava. Dalli por diante lhe moſtrava particular benevolencia, & agrado, daqual ſe ſeguio, como de ordinario ſuccede na amizade dos Principes, que os Suecos o aborreciaõ, & os Portuguuezes lhe tinhaõ inveja, pezandolhe de o ver taõ aceito à Rainha. Tinha paſſado hum anno, & concluidos os negocios, determinou Jozeph Pinto de ſe tornar a Portugual em Setembro de mil ſeiſcentos ſincoenta, & hum. Quanto a partida eſtava mais vizinha, mais vezes a Rainha mandava chamar ao paço o Padre. O

que

Digitized by Google

que de ordinario era nas horas do meyo dia, por se terem então retirado a comer, & descançar os fidalgos, que serviaõ no paço, & queria a Rainha fallar com elle á sua vontade, sem assistir, quem desse fé, doque tratavaõ. Bem verdade he, que nunca isto podia ser taõ secretamente, q̃ alguma pessoa naõ assistisse, que sempre lhes dava cuidado pella sospeita, que esta familiaridade fazia, principalmente avendo rumor entre os hereges, que aquelle Portugues era Jesuita.

7 Em doze de Agosto do dito anno se acabou a Rainha de declarar com o Padre, & tomando-o à parte lhe disse em grande segredo, que se queria servir delle em hum negocio de summa importancia: & assim lhe disse ao ouvido: Monsiur Macedo, sois o primeiro Jesuita, que conheci, dos quais tinha eu ouvido muyto por fama. Confio muyto da vossa prudencia, & lealdade. Porquanto vos he precizo partir brevemente de Suecia, quizera, que me fossem mandados dous Jesuitas de Roma, homens sabios, os quais mudado o traje, & com algum pretexto andassem no meu paço, & eu pudesse cõmunicar minha consciencia com elles sem sospeita alguma dos Suecos.

8 Pera isto pertendo escrever ao Padre Geral da Cõpanhia, & quizera, que vòs me levasseis as cartas. Porque eu estou resoluta deyxar o Reyno, & ir viver a Roma. Tenhovos descuberto todo o meu coraçaõ, vede, que a ninguem digais isto, excepto ao Padre Geral. Dizendo estas palavras, começou a Rainha a chorar, & o Padre Macedo admirado de taõ grande cousa naõ pode tambem conter as lagrimas.

9 Louvoulhe o sancto proposito, & lhe deu as graças, por se querer servir delle em negocio de tanto ser, & prometeo todo o segredo, que se lhe pedia. Voltando o Padre pera caza, considerava comsigo a grandeza do negocio, que Deos lhe metera nas maõs, & que modo teria, pera se partir pera Roma. O trabalho era, que o embayxador naõ avia de saber nada. Partirse sem se despedir delle, & dos Portuguezes, era cousa, que tinha muyta deformidade. Pedir licença a Jozeph Pinto, era cousa perigoza, & tinha por certo, que a negaria.

10 Nesta lida tomou por melhor, pedir licença, pera ir ver a cidade de Amburgo em Alemanha, negou Jozeph Pin-

Pinto a licença. Vista a difficuldade, cõmunicou tudo com a Rainha pera que ella descobrisse modo, com que elle pudesse executar sua vontade. Depois de terem pezado as difficuldades, resolveo, que o Padre se partisse, sem se despedir dos Portuguezes. Por tanto dispos a jornada em direitura a Lubeca, pera onde tinha nao. No ultimo de Agosto lhe deu avizo o Capitaõ, que se embarcasse. Foise despedir da Rainha, da qual recebeo cartas de credito aberto, & tambem carta pera o Reverendo Padre Francisco Piccolomini Geral da nossa Companhia, na qual se remetia, ao que lhe cõmunicasse o Padre Macedo. Avia pouco lhe tinha a Rainha dado hum collar de ouro de muyto preço, agora tomou o Padre pera o seu gasto, quanto bastava, de muyto dinheiro, que a Rainha lhe offerecia. Passoulhe hũ passaporte, pera o que pudesse succeder. Deu-lhe mais duas cartas de recomendaçaõ, huma pera el-Rey Dom Joaõ o Quarto, outra pera o Principe Dom Theodozio, as quais o Padre depois deu a Duarte Nunes da Costa Agente de Portugal em Amburgo, pera que as remeteſſe a Portugal; mas desapareceraõ, quanto se entendeo por odio, ou inveja, que tiveraõ ao Padre.

11 Por ultimo lhe disse a Rainha, que soubesse, lhe fazia grande afronta, senaõ pedisse pera o caminho, quanto lhe fosse necessario. Respondeo o Padre, que sua Magestade tinha com elle usado de tanta liberalidade, que de nada necessitava, huma só cousa pedia a sua Magestade, & vinha a ser, que abraçasse a Fé Catholica, naqual só avia salvaçaõ. A isto respondeo, que ella avia de abraçar a Fê Catholica, se se persuadisse ser ella verdadeira: que viessem de Roma os dous Padres, com os quais pudesse tratar mais livremente, que com elle, aquem muytos tinhaõ jâ por Jesuita, & que por isso jâ suas idas ao paço faziaõ sospeita. Por tanto, que lhe naõ podia fazer maior obsequio, que ser elle o meyo, por onde ella viesse a tratar com os Jesuitas. Duas cousas lhe encomendava, pressa & segredo.

12 Beijando por despedida a maõ a sua Magestade, sahio do paço por huma porta escusa, que cahe no porto, onde jâ estava hum batel, no qual se meteo. Por vir chegâdo a noyte, & naõ aver tempo pera chegar à nao, que estava ancorada em Daler, se recolheo em hum penedo, que he como ilheta, onde a gẽte do mar costumava preparar o pez, pera calafetar os navios.

13 En-

13 Entre o calor do estio, & o que faziaõ os fogueiras, & o fumo delles passou com assas incomodo aparte, que estava do dia, & toda a noyte sem dormir. Sendo já dia claro, chegou à ilheta o Capitaõ da nao, por ter aviso, que elli o avia de vir tomar, & recolhendoo no batel, chegou no dia seguinte a Daler, & embarcou pera Lubeca no segundo dia de Setembro. Dalli a doze dias em paz, & salvo aportou em Lubeca. No seguinte dia tomou hum Caleſſo, & foi pera Amburgo, onde se deteve sete dias, assim pera descansar da navegaçaõ, como pera fazer os vestidos necessarios pera a jornada de Italia.

14 Antes, que a jornada passe adiante, digamos brevemente, o que antes de tratar com o Padre Macedo sentia Christina da Religiaõ Catholica, & o estado, em que a deyxou o Padre Macedo. Tinha ella pera si, que a verdadeyra Fé ainda estava escondida, nem era conhecida no mundo; mas que no seu tempo se avia de descobrir, & conhecer no mundo. Que os Jesuitas, aquem muyto estimava pella fama da sua prudencia, & doutrina, naõ eraõ outra cousa mais, que meros politicos, & Catholicos fingidos, pera com este pretexto se fazerem respeitados dos povos, naõ que entendessem ser assim, o que ensinavaõ. Que todas as seitas dos hereges eraõ patranhas, & fabulas. Do Evangelhos, & santas Escrituras nenhum cazo fazia. Porem quando o Padre Macedo se despedio della, a deyxou affeiçoada, & muy propensa à Fé Catholica.

15 Feitos os vestidos, & preparado pera a jornada, esperava huma posta, com a qual avia de partir pera Norimberga, quando lhe disseraõ, que no caminho tinhaõ morto, & roubado hum correyo, que de Amburgo tinha partido a somana antes. Encomendando a Deos o seu caminho tomando comsigo por criado hum homem, que sabia bem a lingua Germanica, & Portugueza, se foi a toda a pressa athe Luneburga. Dalli com o correyo passou a Norimberga, que he a principal cidade de Franconia.

16 Neste caminho teve hum grave perigo, porque jũto a Bronsuic se lhe ajuntou por companheiro no caminho hum Capitaõ Escoces, o qual sospeitando, que levava dinheiro, tinha intento de o matar, & roubar. Alcançando o Padre estes intentos, tratou de enganar ao Escoces com o mesmo dinheiro, em que levava os olhos, & o ir entretendo

no caminho. Diſſelhe, que em Norimberga, tinha que receber grande ſoma de dinheiro de hum mercador ricô Italiano por nome Paulo Faud, pera o qual em verdade, o Padre levava cartas.

17 Naõ querendo o Eſcoces por pouco perder muyto, & tendo pera ſi, que no caminho de Norimberga por Auſtria pera Veneza lhe ficava mais proveitoſa a morte do companheiro, foi diſſimulando athe Norimberga. Nada ſe deteve alli o Padre, mas correndo a poſta foi pera Auguſta, & Tirol, caminho bem diverſo, do que elle tinha ajuſtado com o Eſcoces, do qual Deos Noſſo Senhor o livrou. Hia no meyo deſte caminho, quando hum cavalleiro, que paſſava, lhe diſſe, que paraſſe hum pouco, athe paſſar hum Regimento de ſoldados, que hiaõ em ſocorro ao Principe de Neuburg, os quais roubavaõ, a quantos encontravaõ no caminho. Por eſta cauſa fez alguma demora em buſcar rodeos, pera ſe deſviar de taõ perigoſo encontro.

18 Muytos outros perigos teve neſſe caminho, o qual fez quaſi ſempre em cavallos da poſta. Chegou a Roma dia de Saõ Simaõ, & Judas em Outubro de mil ſeiſcentos ſincoenta, & hum. Avia pouco, que era morto o Padre Geral Franciſco Picolomini, & ſuccedido em ſeu lugar com titulo de Vigario Geral o Padre Gozuvino Nikel, que depois foi eleito. Recebeo com grande amor ao Padre Macedo; & ſe alegrou por extremo com nova taõ boa.

19 Tratou logo dos Padres, que aviaõ de ir a Suecia. Feita conſulta, a que aſſiſtiraõ os Padres Fabricio Banſo Aſſiſtente de Italia, Franciſco Annato Aſſiſtente de França, Nathanael Sotuelo Secretario Geral, & Alexandre Gottifredo Provincial da Provincia de Roma, foraõ eſcolhidos pera eſta empreza o Padre Paulo Caſato, que enſinava Matematica no Collegio Romano, & o Padre Franciſco Malines, que enſinava Theologia em Turim. Ambos em virtude, & letras, quais os pedia tal empreza. Logo o Padre Macedo deu ſuas inſtruçoẽs ao Padre Caſato, o qual no mez de Novembro paſſou a Veneza, onde ſe ajuntou com o Padre Malines, & mudando o veſtido, no meyo do inverno paſſaraõ a Suecia, onde o ſeu zelo teve o effeito, que admirou Europa na reduçaõ de Chriſtina, de cujo bem foi principio o Padre Antonio de Macedo pello modo, que fica referido.

CA-

CAPITULO II.

Das virtudes do Padre Macedo, & ſua morte.

1 DEpois de ter o Padre Macedo concluido, quanto a Rainha lhe encommendara, ordenou o Padre Vigario Geral, que ficaſſe em Roma na penitenciaria. Naquella occupaçaõ aſſiſtio por tempo de vinte annos. No fim dos quais voltou a Portugal. Sendolhe neceſſario depois de taõ comprida auſencia chegar a Coimbra ſua patria, fez eſte caminho de Lisboa athe Coimbra a pé, levando diante de ſi hum jumentinho com alguma pobreza do ſeu uſo. Neſta forma chegou à portaria do Collegio de Coimbra, onde dando a ſua patente ao porteiro, eſperou athe vir recado do Padre Reytor, que podia ſobir. Cauſou eſta humildade muyta edificaçaõ no Collegio, que vio nelle renovado o ſancto coſtume dos noſſos primeiros Padres, de fazerem a pé os ſeus caminhos.

2 Fizeraõ no Reytor do noſſo Noviciado de Lisboa, no qual criou os Noviços mais com o enſino dos ſeus bons exemplos, que com a doutrina das palavras. Elle era o primeiro nas acçoẽs de humildade, & abatimento. Compraraõſe humas taboas compridas na ribeira, pera ſervir de aſſentos no refeitorio, elle as foi buſcar com os ſeus Noviços, cauſando naõ pouca edificaçaõ nas ruas publicas, por onde paſſava, pegando elle em huma ponta da taboa, & o Noviço da outra. Como o Procurador da caza, q̃ cõprara o taboado, eſtiveſſe com ſua capa aos hombros, armado à vir capiteneando a prociſſaõ, ſem trazer taboa, advertindo o Padre Reytor no ſeu deſcuido lhe diſſe diante dos Noviços: Meu Padre capinha às coſtas ſobre hum hombro, & pegar nas taboas. Aſſim o fez pondoſe em corpo, ficando advertido pera em outras occaſioẽs naõ eſperar pello a viſo do ſeu Reytor, quando o ſeu exemplo lhe eſtava dizendo, o que devia fazer.

3 O meſmo fazia em outras acçoẽs de humildade, procurando ſempre abaterſe. Depois o promoveraõ à ſer Reytor do Collegio de Evora, em cujo triennio foi o Collegio bem afortunado em tudo, o que muytos atribuiraõ à vir-

de do Reytor. Era eu Noviço por eſte tempo naquelle ſancto Collegio, & ſou boa teſtimunha das muytas humilhaçoẽs, com que edificava os Noviços.

4 Por vezes hia com dous Noviços, & alguma vez fui eu hum delles, à portaria dos pobres, tomava ſua tigela de caldo, com hum pedaço de paõ groſſeiro, aſſentavaſe no chaõ, & comia com hum pobre, bebendo pella meſma tigela. Depois entre os dous Noviços com a tigela debayxo do braço, hia à fonte da praça, que fica bem longe do Collegio, & alli bebia pella tigela, como o cuſtumaõ fazer os mendigos. Lembrame, o que me contou hum noſſo Religioſo, que neſte tempo era eſtudantinho, achandoſe na praça a tempo, que o Padre Reytor hia na forma ſobredita; diſſe pera os outros, olhem pera o Padre Reytor da Companhia, digaõ lá aos Superiores de outras Religiõs, que vaõ fazer q̃ meſmo. Acrecentou, que ſe edificara eſtranhamente de tanta humildade, & modeſtia.

5 Hia tambem muytas vezes ao Noviciado aſſentavaſe no chaõ, como nôs eſtavamos fallando, & fallava de Deos comnoſco, como ſe foſſe hum de nos. Comia frequẽtemente de eſmolas no refeitorio. Sendo Reytor na caza de Lisboa, de ordinario ſahia a varrer no paſſadiſſo, que eſtâ fora da Igreja. O meſmo fazia, quando jâ decrepito aſſiſtio naquella caza.

6 Nelle viaõ os ſubditos entranhas de pay amoroſo. Na emmenda das faltas moſtrava ſuavidade. Quando ſendo Reytor em Evora, apanhava alguma falta, o ſeu modo de a eſtranhar, era dizer ao delinquente: Filho, filho, vede naõ vos veja o Padre Miniſtro, ou o Irmaõ Sotomiſtro, q̃ eu naõ direi nada. Outras vezes dizia: Filho apanheivos com o furto nas maõs, naõ o ſaiba o Padre Miniſtro.

7 Eſta ſuavidade guardava com os de menos annos, & com ella emmendava muyto; porem com os que tinhaõ mais annos, & às vezes ſe fiavaõ nelles, & na autoridade das occupaçoens, pera ſerem menos advertidos neſta, ou naquella obſervancia, uſava de aſpereza. A hum Padre Doutor, & Lente de prima, que no tempo da meza ſe póz a fallar pera hum vizinho, lhe mandou dizer da ſua meza por hum Irmaõ, que ſe lembraſſe, que aquelle tempo naõ era de fallar.

8 Em o Noviciado de Lisboa ſendo alli Reytor, fallando

lando na meza dous Padres moradores na meſma caza hũ de naçaõ Frances Confeſſor da Rainha, outro Portugues Confeſſor del-Rey Dom Pedro, que entaõ era Principe Regente, O Padre Macedo lhe receitou penitencia por aquella falta, pera que advertiſſem, que naõ eſtavaõ izentos do caſtigo, quando ſe eſqueciaõ de guardar à regra.

9 A ſua caridade, ainda, que era grande pera com todos, pera com os enfermos era maior. Frequentemente os vizitava. Aos Irmaõs do Recolhimento, que eſtavaõ enfermos, todos os dias no tempo da primeira meza da noyte os hia vizitar, & conſolar. Foi muy eſtimador da ſancta pobreza, o ſeu veſtido, & calçado eſtavaõ dizendo o amor, que tinha a eſta virtude.

10 Foi homem de oraçaõ, & a tinha de ordinario em publico diante do Sanctiſſimo Sacramento. Sendo jâ muy velho, quando o Senhor no Laus perene, eſtava expoſto na Igreja da caza de Saõ Roque, diante delle gaſtava a maior parte do dia, & da noyte.

11. Das virtudes, que nelle mais reſplandeceraõ, foi a devaçaõ à Senhora. Fez voto de jejuar toda a vida os ſeus ſabados. Na obſervancia deſte voto foi taõ exacto, que nem nas doenças diſpenſava configo. Na ultima de que morreo, por mais, que os Medicos apertaraõ com elle, viſto naquellas occaſioẽs ceſſar a obrigaçaõ, antes parece, avia de deſiſtir della, nunca o puderaõ tirar do ſeu ſancto propoſito de jejuar aquelle dia em obſequio da Senhora. Coſtumamos entre nos chamar *ſoli deo* à barretinha de que uſaõ muytos pera abrigar a cabeça, conforme he coſtume em Roma, como o Padre Macedo a tiveſſe ſempre na cabeça, em quanto ſe rezava a ladainha, & ſó a tiraſſe ao hymno *Ave Maris ſtella*, diziaõ os noſſos por graça, que a ſua barretinha era *Soli Mariæ*.

12 Sendo Meſtre dos Noviços em Lisboa, ſahia muytas vezes a enſinar a ſancta doutrina nos lugares publicos, naqual dizia muytos louvores da Senhora, pera que todos lhe tiveſſem devaçaõ. Neſtas occaſioẽs ſempre levava cõſigo entolado hum painel de Noſſa Senhora da modeſtia, que trouxera de Roma, & opendurava junto de ſi, pera q̃ agente concorreſſe à ſancta doutrina, trazida com a curioſidade de ver a belleza da pintura. Eſta deu ao Noviciado

de

de Lisboa, & quando iſto eſcrevo eſtá ſobre a portada capellinha da Senhora de Saõ Lucas da parte de fora, he muy devota, & mageſtoſa.

13 Quis a Rainha de Suecia em agradecimento da merce, que Deos lhe tinha feito por meyo do Padre Macedo, pedir a el-Rey de Portugal, que o fizeſſe Biſpo, porem elle a tirou deſtes penſamentos, muy contrarios à ſua humildade, ainda quando naõ encontraſſem o inſtituto, que profeſſava. Alem das occupaçoẽs ſobreditas. Foi duas vezes Prepoſito da caza de Saõ Roque. Onde morreo em ſancta velhice aos quinze de Julho de mil ſeiſcentos noventa, & tres. E pode ſer contado entre os homens de virtude, de que neſte dia ſe faz menção no Menologio da Companhia.

14 Do Padre Antonio de Macedo faz glorioſa menção o Illuſtriſſimo Dom Affonſo Biſpo de Malaga no ſeu livrinho, que compoz em defenſa da Companhia, onde tem, que por ſeu meyo ſe convertera a Rainha de Suecia. Tambem delle falla a Biblioteca da Companhia por occaſiaõ dos livros, que imprimio. Foraõ eſtes a vida do Padre Joaõ de Almeyda da noſſa Companhia em Latim, outro dos Cardeais Portuguezes, ultimamente hum, que imprimio em Lisboa dos ſanctos titulares. De ſuas virtudes averia larga narraçaõ, ſe quando falleceo, ouveſſe cuidado de as perguntar, & eſcrever.

CAPITULO III.

Vida do Padre Franciſco de Vaſconcellos.

Em Lisboa aos 17 de Mayo de 1662.

Sua pertençaõ, exceſſos, que fez pera entrar na Companhia.

1 O Padre Franciſco de Vaſconcellos foi imagẽ muyto ao vivo do noſſo Beato Luis Gonzaga, muy nobre, & ſancto antes de ſer da Companhia, & depois de Religioſo foi Sanctiſſimo em ſuas virtudes, & coſtumes. Naceo em Lisboa de pays illuſtres, cujos nomes eraõ Bartholameu de Vaſconcellos da Cunha, & Dona Juliana de Mello. Seus avós paternos Franciſco de Vaſconcellos da Cunha, & Dona Izabel de Britto, os maternos Joſeph Ferreyra de Mello, & Dona Seraſina Goes. 2 Em

2 Em onze de Abril de mil seiscentos, & trinta, & hũ tiveraõ Bartholameu de Vasconcellos, & Dona Juliana este filho, a quem quizeraõ, se desse o nome de Francisco assim em obsequio do glorioso Padre Saõ Francisco, como pera memoria de seu avo paterno. Aconteceo em seu nacimento huma cousa notavel, que foi bom indicio do cuidado, que tinha Deos deste menino. Naõ o podia a may lançar a luz, estava no perigo, que costuma trazer comsigo esta afliçaõ, toda a casa andava revolta, quando chegou à porta hum ermitaõ a pedir esmola; vendo a desenquietaçaõ, & cuidado dos criados, perguntou, que cousa era; dizendolhe, que a Senhora da casa estava no tal perigo, tirou do peito huma cruz de pao, & disse que tocassem com ella a enferma.

3 Logo que assim o fizeraõ, pario com toda a felicidade. Correm logo os criados à porta, pera dar ao ermitaõ a esmola, que tambem merecia, porem elle se tinha ausentado, nem mais foi visto. Depois de nacer o menino, envolto em huma toalha, sobre huma joeira, o puzeraõ ao pé do altar da capella da casa, offerecendo-o a Deos em nome de seus pays. Aqui dezembrulhou a criancinha os braçinhos, & os levantou ao Ceo, indo cõ os olhos muy alegres correndo toda a capella.

4 Logo se foi vendo a brandura do seu natural, nos tres primeiros mezes, nem se lhe ouviraõ vagidos, ou choros taõ proprios daquella idade, nẽ q̃ dos olhos lançasse huma só lagrima: Assim como foi crecendo, se descobrio nelle singular propensaõ às cousas de Deos. Logo que a idade deu lugar, tomou hum theor de vida muy ajustada. Tinha gabinete retirado, como cella de Religioso, alli só com Deos, lia por livros sanctos, fazia suas devaçoens, & aprendia a sua liçaõ, teve por Mestre a hũ Padre da Cõpanhia na casa de Saõ Roque, aonde elle, & outros fidalgos hiaõ dar, & tomar a sua liçaõ.

5 Sabendo, que os da Companhia duas vezes no dia faziaõ exame de consciencia, elle tambem o costumou fazer, & com a meudeza do mais perfeito Noviço. Trazia consigo hum livrinho, a que chamamos exame geral, no qual tinha escritos os nomes das virtudes, pera apontar algum defeito, que contra ellas cometesse; & se em algum cahia, logo, se estava só, o apontava. Francisco Severim de

No-

Noronha fidalgo do seu tempo, & seu grande amigo, quiz por curiosidade saber huma vez, que cousas apontasse, & achou notado como por grande culpa, que se tinha hum quasi nada detido em ouvir cantar hum menino.

6 Quando comia, mandava algum de seus criados, q̃ lhe lesse aquelle tempo vidas de Sanctos, como se faz nas mezas dos Religiosos. Outras vezes ordenava aos criados, que repetissem os dialogos da doutrina Christaã, que se cõtem na cartilha; & apremiava a cada-hum segundo o bem, ou mal, que o fizera.

7 Foi muy inclinado a ouvir, & ajudar às Missas ainda nos maiores concursos, em que outros se retiraõ por pejo, elle hia acender as vellas, & fazia o mais com notavel piedade. Neste tempo nem dizia palavra, nem consentia, que alguem fallasse com elle. Naõ gostavaõ os seus de ver nelle tanta piedade, & assim, como elle diz nas suas repostas, o mexiricavaõ (saõ palavras suas) de que andasse em Saõ Roque feito hum menino da Misericordia, ajudando a quãtas Missas podia, & de que mostrasse mais inclinaçaõ a rezar na mesma casa, do q̃ de hir ao Paço, ou a jugar, conversar, & passear cõ outros. Destes ditos nenhũ caso fazia. Entrou com os mais da sua qualidade a servir a el-Rey no Paço. Era tal seu exemplo, & modestia, que lhe chamavaõ todos o Apostolo, nome, que neste Reyno se deu aos da Companhia. Fazia muy bem o officio, porque procurava inclinar à virtude a todos os fidalgos do seu tempo.

8 Nos annos, que estudou no patio de Sancto Antaõ, o veneravaõ os estudantes por exemplo de todas as virtudes christaãs; muytos gostavaõ de o tratar, & sentiaõ nisso aproveitamento de suas almas. Tanto, que entrava pella porta do patio dos estudos, ou chovesse, ou fizesse calma, logo tirava o chapeo, nem o punha mais na cabeça, ainda que instassem, se cobrisse.

9 Estas, & outras virtudes o fizeraõ muyto amado dos Reys em especial do virtuoso Principe Dom Theodosio, que como o via taõ semelhante aos seus costumes, se lhe afeiçoou grandemente. Quando o Principe passou a Elvas, o acompanhou Francisco de Vasconcellos. Ordenoulhe neste tempo, que quando os outros moços fidalgos fizessem no Paço seus officios, elle descançasse, & quando os mais se fossem, viesse ter com elle, pera rezarem ambos o

officio

officio da Senhora, & tratarem entre si de cousas, & praticas Sanctas. Sempre, que o Principe comia, reservava, sem que os outros o soubessem, alguma cousa de comer, pera Francisco de Vasconcellos, quando com elle viesse rezar, & conversar. Por sua conhecida virtude a Rainha lhe deu licença, que entrasse na sua capella, quando alli hia com os Principes seus filhos, a fazer sua devaçoens.

10 Todos estes, & outros favores dos Reys tinha por cousa de pouco suco em comparaçaõ das cousas do Ceo, das quais tinha formado hum elevado conceyto. Na meditaçaõ, & oraçaõ, & sancto trato dos nossos Religiosos, aprendera a desprezar em seu coraçaõ, tudo o que o mundo ama, & abraça. Resolveose comsigo de deyxar estas cousas, que acabaõ, & servir a Deos na Companhia, que das Religioens esta era a do seu maior agrado.

11 Era frequente no uso dos Sacramentos. Nesta materia lhe succedeo huma cousa engraçada com hum Padre da Companhia estrangeiro; a este concorriaõ muytos fidalgos moços, pera que os confessasse, levados de ser estrangeiro, & homem, que os naõ conhecia, como fazem de ordinario os moços, que procuraõ quasi sempre confessores, que nem de rosto os conheçaõ. Francisco de Vasconcellos, como era de vida taõ sancta, naõ se cançava com estas diligencias, pera elle todos os Confessores eraõ bons. Hum dia outros fidalgos moços, começaraõ a gabar de bõ Confessor ao Padre estrangeiro, & levaraõ comsigo a Francisco de Vasconcellos, pera elle tambem se confessar.

12 Depois de o Padre ouvir a meudeza, & pureza da consciencia do novo confessado, lhe disse com muyta graça com as suas palavras a portuguezadas: Tu naõ tens necessidade de vir aqui, vai, confessate, com quem quisetes, & naõ tornes cá, que o estrangeiro he pera outros.

13 Tendo pois tomado comsigo resoluçaõ de ser da Companhia, se lhe offerecia hum mar de difficuldades. Era filho unico, herdeiro da sua casa; por esta rezaõ, quando se dizia, que outros morgados tinhaõ tantos, & quantos Irmaõs, lhes tinha huma sancta inveja, & os dezejava, quanto por ventura outros os naõ querem, porque tendo os, seria facil effeituar seus dezejos. Por outra parte lhe ocorriaõ os exemplos de muytos, que em Hespanha, & Italia deixaraõ as suas casas, sem tratarem da successaõ dellas, &

que deſtes podia elle tambem ſer hum.

14 Por tanto ſe foi ter com os Superiores da Companhia, & lhes deſcobrio ſeus intentos. Deraõlhe ao principio boas palavras, indo-o detendo, imaginando, morreria aquelle fervor com o tempo; porẽ como era de Deos, cõ a demora crecia mais. Por reſoluçaõ o deſẽganaraõ, dizẽdo, ſe canſava de balde, que a companhia naõ queria hiſtorias com ſeus pays, & parentes, as quais ſe naõ podiaõ eſcuſar, ſendo elle filho unico, & a unica eſperança da ſua caſa.

15 Alem deſte deſengano ſabendo os parentes da ſua pertençaõ, fizeraõ baixar decreto de noſſo Reverendo Padre Geral, nó qual mandava aos Superiores deſta provincia, que naõ recebeſſem na Companhia a Franciſco de Vaſconcellos. Vendo, que em Portugal naõ ſeria admittido, entrou em penſamentos de paſſar ao Braſil, fingialhe o ſeu dezejó, que alli por naõ ſaberem, quem era, poderia facilmente ſer aceito; mas logo lhe ocorreo como ſeria poſſivel, embarcarſe, ſem iſſo ſe deſcobrir; & que no Braſil o naõ receberiaõ, ſem mandar inquirir delle a Portugal.

16 Naõ menos, que nove annos continuou neſta pertençaõ, ſem tamanhos obſtaculos o eſfriarem alguma couſa no ſeu dezejo. Neſte tempo veyo por Viſitador deſta provincia o Padre Joaõ Briſſacier, logo o noſſo pertendente lhe foi repreſentar ſua antiga demanda, & poſto de joelhos lhe declarou a ſua petiçaõ. Deulhe o Padre Viſitador os meſmos deſenganos; inſtou huma, & outra vez Franciſco de Vaſconcellos, chorou muytas lagrimas. Finalmente diſſe ao Padre Viſitador, que ſe em Portugal o naõ recebia, tiveſſe por couſa certa, que o havia de ſeguir, quando ſe voltaſſe a França, pera que lá livre dos temores de ſeus parentes lhe compriſſe ſua vontade, & quando em França naõ conſeguiſſe ſeus intentos, paſſaria a Roma, & ſe lançaria aos pés do Padre Geral.

17 Vendo o Viſitador taes exceſſos, fechou os olhos à todos os reſpeitos humanos, & poſtos ſó em Deos, que pois dera taes dezejos àquelle fidalgo, daria tambem ſahida aos encontros, que viriaõ à Companhia, o admittio, & a execuçaõ ſe fez em ſegredo neſta forma. Na terça feira da ſomana ſancta depois de tomar junto da noite huma breve collaçaõ, foi athe a caſa de Saõ Roque; detendoſe alli pouco tempo com os Padres deſpedio os criados, ſe foi a pé

athe

athe o Noviciado. Nelle entrou aos trinta, & hũ de Março de mil ſeiscentos, & quatro, tendo de idade vinte, & tres annos, & andando no terceiro anno de Philoſophia em S. Antaõ.

CAPITULO IV.

Contraſtes, que teve pera ſahir da Campanhia, como os venceo, daſſe huma noticia de ſua vida, & do trato que teve com Deos.

1 COmo hum criado, que ſó o acompanhara, viſſe, q̃ a noite hia entrando, & que ſe detinha muyto ſeu amo, tocou à campainha, fazendo avizo, que diſſeſſem ao Senhor Franciſco de Vaſconcellos, que ſe fazia tarde. Reſpondeo o porteiro, que elle ficava em caſa por ſer ja da Companhia. Ficou atonito o criado. Volta a dar eſta nova a ſua may, & parentes, porque o pay eſtava por Governador da ilha da Madeira; todos ſe aſſombraraõ; ſem demora, may, tia, avô, & mais parentela voaõ ao Noviciado, pedem ao Padre Reytor lhes entregue ſeu filho; logo lho mandou vir, pera que todos viſſem, que niſto naõ entervinha algum empenho dos Padres.

2 Naõ ſaõ explicaveis as rezoens, que lhe diſſeraõ, as lagrimas, que chororaraõ; porem nem o dobraraõ rezoẽs, nẽ o abrandaraõ lagrimas; por reſoluçaõ lhe diſſe, que ſe podiaõ hir, que ſe canſavaõ debalde, & com hum deſapego, que bem moſtrava eſtimar mais a Deos, q̃ as lagrimas dos ſeus, ſe recolheo pera dentro de caſa. Toda aquella noite, & o dia ſeguinte perſeveraraõ eſtas fidalgas na Igreja chorando, aquella, que tinhaõ por diſgraça da ſua caſa: vendo porem, que as lagrimas eraõ de nenhum proveito, ſe recolheraõ com propoſito de naõ deyxar diligencia, que pudeſſem fazer, pello tirar da Religiaõ.

3 Naõ paſſou muyto tempo, que ſe lhe naõ offereceſſe ocaſiaõ a ſua may de dar a ſeu filho huma forte bataria. Sahio elle com outros dous Noviços, como por vezes fazem, a comer com os pobres na portaria de Saõ Roque. Teve logo a may aviſo, mandou dous criados ao caminho, quando ſe recolhiaõ pera caſa os Noviços; os criados chegandoſe ao Irmaõ Franciſco de Vaſconcellos lhe diſſeraõ,

que ſua may tinha que fallar com elle, por tanto, que ou eſperaſſe, ou chegaſſe, com elles a ſua caſa.

4 Reſpondeo o Noviço, que elle naõ tinha outra may, ſenaõ a Senhora da Aſſumpſaõ, pera cuja caſa ſe recolhiaõ. Reſponderaõ os criados, que naõ haviaõ de paſſar adiante. Neſta lida vindo a may, lhe diſſe; que chegaſſe athe ſua caſa, que tinha huma couſa de grande conſideraçaõ, que tratar só por ſó com elle. Reſpondeo, que elle naõ ſabia outra caſa, ſenaõ a da Companhia, que ſó pera ella havia de hir, pois alli o eſperava a Virgem Senhora.

5 Entaõ enfadada a may, diz aos criados, que pois naõ queria hir por vontade, o levaſſem por força. Aſſim o executaraõ; vendo o Noviço tal violencia, começou a dizer a antiphona: *Sub tuum præſidium confugimus Sancta Deigenitrix.* Tanto, que entrou com os companheiros em caſa da may, ſe foi direito à capella, & ſe abraçou com a imagẽ da Senhora, como quem ſó nella punha ſuas eſperanças em tal aperto.

6 Os companheiros foraõ deſpedidos pera o Noviciado, ficando o Irmaõ como Daniel no lago dos Leoens: vindo a noite, o chamaraõ pera cear, reſpondeo, que elle naõ havia de comer couſa algũa fora do refeitorio do Noviciado. Neſta teſidaõ continuaria, ſenaõ tiveſſe aviſo dos Superiores, que comeſſe. Tres dias eſteve em caſa de ſua may padecendo huma perpetua bataria de ſeus parentes aſſim de caſa, como de fóra, & de outra gente illuſtre, em eſpecial do Conde de Soure, que puzeraõ todas as ſuas induſtrias pello tirar de ſeu propoſito; porem elle de tudo fazia pouco caſo.

7 No fim dos tres dias bayxou decreto del-Rey, que o Noviço foſſe reſtituido aos Padres. Foi inexplicavel o goſto, com que o Irmaõ ſe tornou pera o ſeu Noviciado. Nem por iſſo deſeſperaraõ os parentes. Queixaraõſe ao noſſo Padre Geral, delle veyo ordem, que o Noviço ſe depoſitaſſe, & lhe fizeſſem perguntas, & eſcolheſſe o eſtado, que mais quizeſſe. Tudo era, pera que ſe viſſe claramente, quam desintereſſada hia neſte negocio a Companhia, & naõ pudeſſe haver queyxa de nós. Por tanto foi depoſitado no Convento de Saõ Franciſco da Cidade, onde eſteve ſeis dias. Fizeraõſelhe pergũtas, a todas reſpondeo, q̃ elle tinha propoſito mui firme de viver, & morrer na Com-

Companhia; que ninguem o obrigara a eſta eleiçaõ, mais que o dezejo de ſua ſalvaçaõ. Dizendoſelhe, que firmaſſe com juramento as ſuas repoſtas, acodio, que da Companhia era proprio deſterrar juramentos eſcuſados, por tanto que ſendo elle da Companhia lhe naõ era licito jurar ſẽ neceſſidade.

8 Naõ aquietou a may, ſobre quem cahio eſte cuidado, porque o pay neſte tempo, como diſſe, era Governador da ilha da Madeyra, onde ſe poz mal com a Companhia, & deu moleſtia aos Padres. E quando voltou ao reyno fez bravas diligencias, por lhe tornar pera caſa. Deu a may ordem a vir breve do Sũmo Pontifice, pello qual ſe mandaſſe aos da Companhia, que lhe entregaſſem ſeu filho. Em effeito veyo o breve de Roma, & ſe executaria, ſenaõ intervieſſe el-Rey, que tal couſa naõ conſentio.

9 Neſtes pontos vendo a may, q̃ ja naõ havia por onde remar, fez da neceſſidade virtude, ou Deos depois de tantas experiencias lhe abrio os olhos, pera que viſſe, & conheceſſe, quam bem fizera ſeu filho. Dava graças a Deos, por lho dar taõ bom, & ſancto. Ja ſe alegrava, de q̃ Deos quizeſſe pera ſi, o que ella neſte mundo mais amava.

10 Deſembaraçado de tantos impedimentos o Irmaõ Vaſconcellos, ſe deu a Deos ſem ſoſobros de obrigarem, ao deixar. Era muy continuo na oraçaõ, & trato com Deos. Sentia muyto goſto em hir enſinar a ſancta doutrina, & fazer as camas aos enfermos no hoſpital. Tinha notavel dezejo do deſprezo proprio, & de veras o procurava.

11 Paſſado o primeiro anno do Noviciado, como tiveſſe entrado de idade crecida, & mais provecto nos eſtudos o mandaraõ os Superiores pera Evora, a refreſcar a memoria nos ſeus eſtudos. Alli fez os votos depois de dous annos, & foi Sottominiſtro dos Irmaõs Noviços. No mais tempo, que eſtudou Philoſophia era ſua virtude a todos hum vivo eſpelho de ſanctidade. Tinha as horas do dia repartidas em ordem a dar tempo aos ſeus exercicios ſanctos, & com aquella ſua repartiçaõ ſe ajuſtava quanto podia.

12 Depois foi mandado enſinar latim em Lisboa. Fez eſta ocupaçaõ cõ ſummo cuidado, & eſcrupulo. Deſembaraçavaſe no tempo da claſſe de qualquer trato com peſſoas de fóra, por naõ faltar hum apice a ſeus diſcipulos. Huma peſſoa

peſſoa ſecular o amava muyto por ſua rara modeſtia,& virtude, & o Irmaõ Franciſco de Vaſconcellos eſtimava o ſeu trato,por ſer todo conforme o ſeu genio. Como o vieſſe hum dia viſitar no tempo, que eſtava na claſſe; lhe diſſe, que lhe havia de fazer graça, de lhe naõ ocupar outra vez aquelle tempo, porque era de ſeus diſcipulos, & que elle o naõ devia, nem podia gaſtar ſe naõ nos exercicios de ſua ocupaçaõ.

13 Neſte tempo lhe mandaraõ tomar ordens de Miſſa, o que elle muyto eſtimou, por tirar a ſeus parentes qualquer eſperança, que pudeſſem ter, de o poder ainda deſenquietar. Preparouſe pera dizer a primeira Miſſa tendo dez dias de Exercicios de Sancto Ignacio. Diſſea no ſegundo de Julho dia da Viſitaçaõ da Senhora, com tantas moſtras de piedade, que a cauſou nos ouvintes; & pello mais tempo de ſua vida ſempre que celebrava, ſeus olhos davaõ moſtras de ſua devaçaõ.

14 No fim do primeiro anno do ſeu magiſterio lhe deu huma dor grave em hum braço, a qual elle ocultou por muytos mezes, por ter materia de mais ſofrimento: vendo porem que a demora na cura lhe podia cauſar dano grave, como em effeito cauſou, ſe deſcobrio, & poz em cura. Teve muyto,que ſofrer nos remedios da ſurgia,cortando o Surgiaõ pella carne, por quanto ſe lhe hia apodrecendo, & corrompẽdo o braço com a maligmidade do humor.

15 Por ter ſua may, mais comodo de o curar, pedio, que lho mandaſſem pera o hoſpital de noſſa Senhora da Luz, que diſta de Lisboa couſa de meya legoa. Alli deu notaveis exemplos de ſofrimento, & de modeſtia Religioſa.

16 Porem antes, que conte ſua morte, direi primeiro os raros exemplos de ſuas virtudes aſſim ſendo ainda ſecular, como depois, que foi Religioſo. Ja era ſancto, quando veyo viver entre nôs, & na Religiaõ ſobiraõ de ponto ſuas virtudes.

17 Tinha trato muy eſpecial com Deos, nelle foi taõ exacto, que nem por negocios, nem ocupaçoens,nem jornadas faltou à ſua oraçaõ. Duas horas gaſtava na oraçaõ todos os dias, huma, quandó ſe levantava, outra de tarde. Alem diſto meya hora em abſequio do Sanctiſſimo, & da Senho-

Digitized by Google

Senhora. Neste tempo estava tão recolhido, que nenhuns estrondos o desenquietavão. A elle se chegou em huma destas occasioens hum amigo, pera que atendesse ao q̃ lhe dizia, lhe gritou huma, & outra vez, porque todo estava embebido em Deos. Outra vez estando em huma Igreja em oraçaõ, naõ sentio fecharemse jâ as portas da Igreja. Da-hi a tempo veyo hum seu criado, buscallo, disse ao Sacristaõ lhe abrisse, q̃ seu amo ficara alli, entraraõ, & o foraõ achar de joelhos a hum canto da Igreja, continuando sua oraçaõ.

18 Teve grande cuidado de instruir na oraçaõ, & exhortar a ella os moços illustres, com quem tratava; a muytos fez pios, devotos, & amigos da oraçaõ: quando de menhaã se viaõ lhes perguntava, se tinhaõ ja almoçado, & de tarde se tinhaõ ja merendado. Nestes modos de fallar, entendiaõ ja, lhes perguntava, se de menhaã tiveraõ alguma cousa de oraçaõ, ou de tarde.

19 Foi devotissimo do Sanctissimo Sacramento. Comungava muytas vezes. Sempre que se dava final a salvo o Senhor a algum enfermo ou de dia, ou de noite, o acompanhava. Nestas occasiões pedia ao Senhor, salvasse aquelle enfermo, & que lhe concedesse a elle, naõ morrer sem Viatico. Deste affecto lhe nacia na Religiaõ, prepararse com grande pureza de consciencia, pera dizer Missa, & deterse largo espaço em dar as graças ao Senhor. Quando succedia, ser obrigado logo depois da Missa, hir pera a sua classe, lâ se punha de joelhos a dar a Deos as graças, no tẽpo, que os estudantes repetiaõ suas liçoens.

20 O respeito, que tinha à Sancta Cruz era maior, do que se pode dizer com palavras. Nunca passaria por Cruz alguma sem tirar o chapeo. Era nelle tão frequente este tirar do chapeo, que muytos tiveraõ pera si, tinava o seu chapeo nos habitos de Christo, & às cruzes das espadas; de que os prudentes se edificavaõ, & os indevotos se riaõ.

CAPITULO V.

Da devoçaõ, que teve à Senhora, & outras virtudes.

1 DAs suas devoçoẽs foi mui principal a da Senhora. Todos os dias infallivelmente lhe rezava officio, & coroa,

corda. Sincoenta vezes repetia o verſiculo, *Maria mater gratiæ*, & ſeſſenta o verſo, *Monſtra te eſſe matrem, fac me eſſe filium, & ſervum fidelem.* Jejuava todos os ſabados, & nas veſporas dos dias conſagrados a alguma feſta da Senhora. Sempre fazia ſua veneraçaõ, quando paſſava por alguma imagem ſua. Em ſe levantando, poſto de joelhos, ſe offerecia à Senhora, pera defender ſua Immaculada Conceyçaõ, pedindolhe alcançaſſe de ſeu Sancto filho, que elle deſſe o ſangue por eſte Sancto myſterio.

2 No Collegio de Lisboa ſe via huma capellinha conſagrada à Senhora dos bons dezejos, a qual ficava no primeiro taboleiro da eſcada, que vai ao patio dos eſtudos, depois a imagem ſe paſſou pera huma capella da Igreja. Com os annos eſtava muy acabada, & avelhentada. Naõ lhe ſofreo o coraçaõ ver aſſim hum lugar, que fora dedicado à Senhora, elle por ſuas maõs o começou a alimpar, tirando telhas, caliça, mais intulho, & teas de aranha. Andando aſſim bem empoado, dizia muytas vezes: *Elegi abjectus eſſe in domo Dominæ meæ.*

3 Naõ ſómente reparou a capellinha à ſua cuſta, mas inſtituio alli huma Irmandade, que intitulou da cadea, dãdo ſuas regras por onde ſe regeſſem, convidando pera ella aos que ſentia propenſos à devoçaõ. Daqui tiveraõ ſeu principio em Portugal muytas Irmandades ſemelhantes, com as quais muyto ſe adiantou a devoçaõ da Senhora.

4 Andava tanto com os cuidados em Deos, que vendo qualquer flor, ou ouvindo algum conto ſuave, logo dizia: Se iſto he na terra, que ſerá no Ceo. Ainda, que era ſobcurto em fazer ao Ceo muytas jaculatorias, no dia da Aſcenſaõ do Senhor foõiaõ de ponto eſtes fervores, & ſe lhe viaõ no roſto abrazado; dizia, que lhe parecia, que aos que morriaõ em tal dia, ſe lhe naõ podiaõ ſerrar as portas do Ceo, pois eſtavaõ patentes ſegundo o de David: *Attollite portas Principes veſtras.* Eſtes fervores no tal dia deviaõ ſer annuncio de aver nelle de morrer, porque falleceo na noyte antecedente ao dia da Aſcenſaõ do Senhor.

5 Teve ſingular eſtimaçaõ da Companhia eſpecialmente por ter em ſuas conſas por motivo, & brazaõ principal a maior gloria de Deos. Hum dos artigos, que ſe lhe deraõ, quando eſteve depoſitado no moſteiro de Saõ Fraõciſco, era que a recepſaõ fora nulla, pois os Padres o naõ

podiaõ

podiaõ fazer, por naõ terem dado conta ao Padre Geral. A iſto deu por repoſta: Naõ me meto em a conta, que os Padres, que me receberaõ, deraõ, ou naõ deraõ ao Padre Geral, mas que me baſta, que me hajaõ recebido, pois preſumo, que ſe o naõ pudeſſem fazer com boa conſciencia, o naõ fariaõ, nem por ſerem ſenhores do Mundo todo, & os que o contrario julgarem, ou ſoſpeitarem, ſera pellos naõ conhecerem, & quando a recepſaõ ficaſſe nulla, que eu me contento, com ſer antes moço da cozinha de taõ ſancta Religiaõ, que Imperador do univerſo mundo, ſahindome pera viver nelle. Eſtas as ſuas palavras, que bem moſtraõ, quanto eſtimava a Companhia, & o conceito, que tinha dos ſeus Religioſos. Dezejava ir âs Indias converter almas. Indo huma vez de Lisboa pello rio ao moſteiro da Cartuxa, ouve tempeſtade, com a qual ſe aſſuſtaraõ muyto os Companheiros, entaõ o Padre Vaſconcellos os animou com eſtas palavras: Bom animo, Miſſionarios do Japaõ, o quam feliz, & ditoſo ſeria eu, ſe por meyo de grandiſſimas tempeſtades chegaſſe àquellas terras.

6 Amava tanto aos noſſos Religioſos, que ſó por conhecer, os que viviaõ no Collegio de Coimbra, foi eſtar alli algum tempo, no qual ora hia fallar de Deos com os Irmaõs do Recolhimento, ora com os Noviços, moſtrando hum goſto incrivel em tratar das couſas de Deos com ſeus Irmaõs, & lhe parecia andar mais entre Anjos, que entre homens.

7 A noyte do Natal, que entre nos he de grande devoçaõ, paſſava elle em oraçaõ aſſim quando era Noviço, como nos mais annos. Lia com ſingular piedade as cartas, que os Irmaõs Noviços coſtumaõ fazer ao menino Deos no preſepe, & as eſtimava, como ſe foſſem reliquias de ſanctos, por entender a pureza de afecto, com que as elles coſtumaõ eſcrever.

8 Indo ao Noviciado ſe enlevava na viſta de qualquer Irmaõ Noviço, como ſe tiveſſe diante deſi algum Anjo. Quando ſabia, que algum pertendente entrava na Companhia, o acompanhava athe o Noviciado, ficando elle com grandes invejas de naõ lograr ſemelhante dita. Hum dia acompanhando a dous, que entraraõ juntos, lhe veyo tanto dezejo de ficar em caza, que ſe abraçou com huma imagem do Senhor *Ecce homo*, dizendo, que dalli ſenaõ avia

de apartar, ſem lhe darem a roupeta da Companhia. Tiveram os Padres bom trabalho, em ſe livrar por entaõ deſte ſeu fervor, dandolhe boas eſperanças, de que teriaõ effeito os ſeus dezejos.

9 Rogava ao Padre Meſtre dos Noviços, que mandaſſe os Irmaõs, quando foſſem peregrinar, por huma quinta ſua, no tempo, que elle ahi aſſiſtia. Sahia a eſperalos, recebiaos cheyo de alegria, abraçando-os de joelhos, & dizendo: *Benedicti, qui veniunt in nomine Domini.* Logo os encaminhava pera a capella a fazer oraçaõ. Depois fazendo-os tirar as ſuas capas, & chapeos velhos, elle tomava huma das capas, & hum dos chapeos, & andava pella caza mui contente, dizendo; que bello veſtido, como eſtou bizarro.

10 Huma vez ſonhou, que o deſpediaõ da Companhia. Teve nos meſmos ſonhos huma dor, & ancia igual ao dezejo, que ſempre tivera de ſer noſſo Religioſo, & acordando cheyo de ſuſto, & ſobreſalto começou com a maõ a palpar a cama, por ver ſe achava a roupeta, & ſe eraõ da Companhia as alfayas, com que ſe abrigava, & conhecido o ſonho, deu muytas graças a Deos por tal diſgraça naõ paſſar do ſonho.

11 Acaridade pera com os miſeraveis parecia ter nacido com elle. Era amigo dos pobres, da ſua prezença nenhum hia triſte. As ſuas principais eſmolas eraõ agente pobre, que naõ pode andar pellas portas; tambem acodio com eſmolas a algumas molheres, a quem a neceſſidade obrigava uſar mal deſi, & fazia ſe puzeſſem em eſtado, que naõ viveſſem das offenſas de Deos. Por tres annos ſuſtentou a hum Sacerdote pobre, que era homem de virtude. Junto donde morava feriraõ a hum eſtudante eſtrangeiro, & taõ pobre, que nada tinha de ſeu, logo o mandou recolher em huma recamara de ſuas proprias cazas, chamar Surgiaõ, & lhe mandou aſſiſtir com tudo, quanto foſſe neceſſario, pera ſer curado. Depois de convaleſcer, o ſuſtentou dalli por diante, athe elle ter ſeu modo devida.

12 Morreo na vizinhança hum homem taõ pobre, que nem tinha, com que o enterrarem, ſabendo iſto lhe fez os gaſtos do enterro, aſſiſtindo com o neceſſario pera aquella funçaõ. Sahindo do noſſo Collegio de Sancto Antaõ pera ſua caza, encontrou no terreiro a hum pobre eſtendido na

terra

terra cortindo huma quartã. Chegou-se a elle, consolou-o com às palavras, & logo deu ordem, a ser levado ao hospital. Determinou, fosse levado no cavalo, em que elle andava, mas vendo, que naõ estava o enfermo capaz de ir nelle, mandou vir dous homens, aquem pagou, & foi acompanhando o pobre, athe fazer delle entrega no hospital.

13 Nos outros fidalgos da sua idade, com quem tratava, fez muyto fructo com suas obras, & palavras, ensinou-os no modo de ter oraçaõ, depois lialhes livros sanctos, em especial os que tratavaõ do bem, que avia no estado Religioso. Donde se seguio, tomarem muytos resoluçaõ de deyxar o mundo, & os que o naõ fizeraõ, se melhoraraõ em seus costumes.

14 Naõ permittia, que se disse em sua prezença, alguma palavra ociosa, & se algum cahia neste descuido, repetialhe o do Evangelho, que a Deos se avia de dar conta de toda a palavra ociosa. Persuadio a muytos, que se retiraslem de espectaculos publicos, como saõ comedias, & semelhantes, nos quais de ordinario tem detrimento as consciencias.

15 Sendo Mestre no Collegio de Sancto Antaõ hia nos dias feriados fazer praticas aos prezos, & alem de outros fructos, que recolheo do seu trabalho, foi hum introduzir, que todos os dias rezassem juntos em voz alta o terço do Rozario. Ao principio impediraõ esta devaçaõ os Ministros, dizendo, que no tempo, que rezavaõ, poderiaõ, sem ser sentidos, arrombar a cadea, & fogir. Falloulhes o Padre Francisco de Vasconcellos, & lhes deu taõ boas razoẽs, que permittiraõ a devaçaõ, dizendo, que se fosse necessario, elles iriaõ, acompanhalos na reza.

16 Hia outras vezes ensinar a doutrina pellas freguezias, & aos lugares circumvizinhos. Quando esteve em Nossa Senhora da Luz, se a saude lhe dava lugar, todos os dias ensinava a doutrina aos meninos. Se lhe faltavaõ contas, & veronicas, dava aos meninos nozes, amendoas, ou semelhantes cousas de comer, em lugar dos premios, que naõ tinha. Com os amigos fazia seus contractos espirituais na comunicaçaõ das obras. Por isso os exortava, a que insistissem nestas, & naquellas obras sanctas, nas quais elle por razaõ do contracto, tinha sua parte.

17 Aos amigos ausentes fomentava com suas cartas cheas de bons conselhos, & avisos santos. A hum que estudava em Coimbra, logo que sahio a luz a vida do Padre Joaõ Cardim, lha mandou, pera que a lesse a outros estudantes, & com os exemplos, que continha os animasse à virtude. As suas cartas eraõ muy espirituais, antes sempre de as mandar, as levava ao Superior, pera que elle as cerceasse, se acazo tivessem algum descuido.

18 O seu zelo do bem alheo foi taõ notavel sendo ainda secular, que muytos duvidaraõ, se o teve maior antes de ser Religioso, ou depois de estar na Companhia. O certo he, que muytos, aquem elle sendo secular, fomentava no dezejo da virtude, depois faltandolhe o seu trato familiar, descahiraõ muyto nos costumes.

19 Foi sempre o Padre Vasconcellos desprezador das honras humanas, & muy affeyçoado à humildade. A ninguem tirou o seu chapeo, que naõ inclinasse tambem todo o corpo. Naõ queria ser louvado, & como huma vez o louvassem, mostrando desprazer, disse: *Soli Deo honor, & gloria.* Se os amigos por lhe saberem o natural, lhe vituperavaõ alguma cousa, que merecia louvor, dizia: *Ahi veraõ, qual ou seja, que ainda nas obras boas sou máo.*

20 Naõ sei, que desordem cometeraõ os fidalgos moços, que assistiaõ ao Principe Dom Theodozio, dos quais elle era hum. Sendo no cazo innocente, se fogeitou ao castigo, que os mais levaraõ, só por naõ descobrir os autores do desacerto, & quis ser antes avaliado por hum dos culpados. Era elle terceiro de Saõ Francisco, & huma vez assistia em certa funçaõ da ordem; o Padre, que a governava, sabendo bem a virtude de Francisco de Vasconcellos, lhe disse, que se levantasse, & beijasse os pés dos mais Irmaõs, que estavaõ prezentes. Obedeceo à risca com geral edificaçaõ, dos que viaõ a seus pés hum moço taõ illustre.

21 Em certa occasiaõ chegou à portaria do nosso Noviciado a tempo, que se repartia depois de jantar esmola aos pobres: parou com dous Sacerdotes, que o açompanhavaõ junto da porta detendose em ver a repartiçaõ; neste tempo ouve, quem de dentro lhe desse tambem sua tigela de caldo; elle a tomou, & bebeo della, & com o seu exemplo fez, que tambem os dous Sacerdotes a tocassem.

Fe-

Festejando muyto ser tratado como os pobres, de quem o Senhor se agrada mais, que dos ricos do mundo.

22 Naõ he de menor edificaçaõ, o que lhe succedeo na portaria dos pobres de Saõ Roque. Chegouse alli a tempo, que hum Noviço, fazia doutrina: perguntou o Padre nosso a hum pobre, o qual levandose de brio, respondeo, que jâ era grandinho, para dizer o Padre nosso. Ouvindo isto Francisco de Vasconcellos, levantou a voz, & disse: Eu Padre, eu direi; & fazendo o final da Cruz, repetio em voz alta o Padre nosso.

23 Varias vezes, quando os Noviços hiaõ ao hospital fazer as camas aos enfermos, se metia com elles, & os ajudava, pagandose muyto de ter a boa sorte de acompanhar em taõ santa obra aos Noviços. Huma vez como saltando de prazer disse a hum seu amigo: Naõ me dâ o parabem de lograr taõ boa fortuna, como de ser companheiro destes servos de Deos?

24 Acazo se deteve muyto no coro da Igreja do nosso Collegio em oraçaõ taõ posto em Deos, que naõ attendeo a horas, sendo jâ tarde, & tendose recolhido o porteiro, sahio elle do seu retiro, tangeo a campa. Acodio o porteiro, & se enfadou comsigo, estranhandolhe, o estar athe taes horas no Collegio. Vendo elle o incomodo, que sem o pertender tinha dado, com grandissima submissaõ se postrou de joelhos, & lhe pedio perdaõ, prometendo de fazer, por naõ cahir mais em semelhante descuido.

25 Esta sua humildade taõ cheia de virtude atribuiraõ alguns mundanos a animo apoucado, outros a hipocresia; destes ditos nenhum cazo fazia, pois nem por alguns respeitos humanos era virtuoso, nem por elles avia de deyxar as obras, que sabia, serem do agrado de Deos.

CAPITULO VI.

Como se exercitou nas mais virtudes, de sua santa morte, & opiniaõ, que delle ouve, & do Irmaõ Joaõ Carvalho, que com elle entrou na Companhia.

1 NAõ foi menor na virtude da obediencia ainda em secular, porque tinha alcançado, serem de maior me-

merecimento as obras, quando saõ reguladas por esta virtude, do que quando saõ feitas só por vontade propria, naõ fazia cousa, que a naõ comunicasse primeiro a algum dos nossos Padres, a quem tinha entregue o governo do seu espirito. Quando naõ avia occasiaõ de os perguntar, consultava algum Sacerdote pio, & devoto.

2 Gostava muyto de ter occasiaõ de obedecer, o que se vio estando na sua quinta com dous fidalgos do seu tempo, & hum Sacerdote virtuoso; passaraõ ores Noviços da Companhia, a quem hospedou, segundo costumava. Estando à meza lhe disse o Sacerdote: Senhor Francisco, agora ha de comer de esmolas: logo se levantou, & andou a modo de pobre pedindo por todos, os que estavaõ assentados, o sustento, que avia de comer, do que muyto se edificaraõ os Noviços.

3 Tem os cavalleiros da ordem de Christo, de que elle era, por estatuto confessarense certas vezes no anno a algũ Sacerdote da mesma ordem, pera commungar na capella real; este estatuto, & outros, de cuja observancia fazem os mais pouco cabedal, elle à risca os cumpria. Tanto assim, que affirmou o Prior da mesma ordem, que Francisco de Vasconcelles, naõ só era na observancia exemplo aos seculares, mas aos Religiosos da ordem de Christo. Na Cõpanhia senaõ sabe, que advertidamente quebrasse alguma regra.

4 Ainda sendo secular se mostrou amante da santa pobreza. O aprestо do seu apozento era todo à medida de hum dos nossos cubiculos, huma mensinha, huma Cruz, huma imagem, huma cadeira, & huma barra eraõ as suas alfayas. Usava de vestidos de seda unicamente pellos naõ poder evitar por razaõ de assistir no serviço da caza real. Sendo obrigado a vestir hum gibaõ de tela, mostrou sentimento, dizendo, que melhor lhe estaria hum de estopa, ou de algum outro pano grosseiro.

5 Na Companhia encomendara acerto homem, lhe mandasse fazer algumas cadeas pera repartir pellos escravos da Senhora, de que assima fica ditto; dandolhe o dinheiro, acrescentou, que o contasse bem, porque os da Cõpanhia contavaõ melhor veronicas, que dinheiro; succedeo, trazerlhe o comprador as cadeas em huma cayxa de faya, que do seu tinha comprado. Naõ quis aceitar, athe

naõ

naõ ſabeſ, quanto lhe tinha cuſtado; reſpondeo, que lhe cuſtara hum vintem todo inteiro. Bem eſtâ, diſſe entaõ o Padre Vaſconcellos, porque eu tenho licença, pera aceitar de cada vez athe trinta reis, & aſſim naõ hâ, porque fazer eſcrupulo.

6 O libello, que ſe deu em ordem ao tirar da Companhia, tinha entre os artigos, eſte, Provarâ, que os Autores naõ deraõ conſentimento, pera ſeu filho ſer Religioſo, nẽ tiveraõ tal tençaõ, por elle ſer filho unico, que ſuccedia em quatro morgados, & comendas. Reſponde a eſte artigo, o ſeguinte: quanto ao conſentimento dos pays, digo, que eſſe naõ he neceſſario, maiormente, quando os filhos naõ ſaõ de menor idade; pera a profiſſaõ ſer valioſa, baſta, que o que profeſſa, a faça com vontade livre, & eſpontanea, o que eu fiz, & eſtou com a meſma vontade de perſeverar com a graça do bom JESU, que qor mim, *Factus eſt egenus, & pauper*. Aos morgados, & comendas reſpondo, que eu as naõ eſtimo em mais, do que ellas mereçem, & que nenhuma eſtimaçaõ merecem, quando ſe comparaõ com os bens, que actualmente na Religiaõ eſtou poſſuindo, & com os que por eſte meyo eſpero alcançar na eternidade, que ſaõ naõ ſó morgados, & comendas, mas hum Reyno ſem comparaçaõ muyto mais pera eſtimar, & que ha de durar pera ſempre. Por eſte modo he a reſoluçaõ, com que reſponde aos mais artigos, & ſó quis apontar eſta repoſta, porque ſe veja quanto amava a pobreza, o conceyto, que tinha dos averes do mundo.

7 Quanto eſtimaſſe a virtude da pureza, parece eſcuſado o dizelo, pois claro he, avia de ſer muy cuidadoſo em tal materia, quem aſſim era cuidadoſo da perfeiçaõ em couſas, que ſem culpa podia deyxar de fazer. Por vezes o quizeraõ affeiçoar, a que ſe cazaſſe, pois delle dependia o acabar, ou naõ acabar a ſua caza, porem nunca ſe pode neſta materia effeituar alguma couſa. Antes tinha em ſeu animo determinado, de deyxar Portugal, ſenaõ entraſſe na Companhia, ſó a fim de ſe livrar das importunaçoẽs, que ſabia, avia de ter de ſeus parentes.

8 Retiravaſe do trato daquelles fidalgos, que via ſerem pouco recatados no fallar. O ſeu modo ordinario era ter os olhos caidos, nem ſe via, que os levantaſſe, ou com elles andaſſe de huma pera outra parte, nem que os puzeſſe fi-

fixos no roſto de alguem, dizendo, que ſó era dos pintores, quando queriaõ fazer algum retrato, pôr os olhos nos roſtos alheos. Se acazo ſe achava, a ver alguma prociſſaõ, ſó levantava os olhos pera os andores, em que hiaõ as imagẽs dos ſanctos, porem das danças, & folias, que coſtumaõ ir em as prociſſoẽs, retirava ſempre os olhos.

9 Andando tantos annos no Paço nunca poz os olhos nas damas da Rainha; em certa occaſiaõ metendo hum amigo pratica neſta materia, & perguntadolhe, que feiçoẽs tiveſſem algumas, reſpondeo, que elle naõ podia a iſſo dar razaõ, porque nunca puzera os olhos no roſto de alguma dellas, nem de viſta as conhecia.

10 Contaſe, que teve tal recato, que nem levantava os olhos pera algum dos criados, que o ſerviaõ. Eſtandoſe veſtindo, pera ſahir fora de caza, huma ama, que o criava, lhe foi por huma volta, & como por deſatento lhe chegaſſe com a maõ ao peſcoſſo, todo ſe perturbou, como ſe o mordeſſe algum bicho venenoſo. Fazia oraçaõ na Sé diante da imagem da Senhora, quando ſe lhe chegou ao ouvido huma velha, naõ ſei, que couſa lhe diſſe, levantouſe mais, que de paſſo, & ſem dizer palavra, ſe foi meter em hum canto do templo a continuar a ſua oraçaõ.

11 Vindo ſua may a velo em a noſſa Igreja, o quis abraçar, retirouſe logo, & diſſe, que ſe quizeſſe, que alli vieſſe outra vez, avia de ſer com condiçaõ, que ninguem o tocaſſe. Na ultima infermidade nada mais o moleſtava, que aver de lançar fora da roupa o braço nu pera ſer ſangrado. Paſſava neſte meſmo tempo hum, & dous dias ſem curar huma perna, que tinha agravada, ſó pella naõ deſcobrir a hum criado, que o curava. Naõ queria, que a may lhe aplicaſſe certas fomentaçoẽs, mas porque os Medicos, & ſeu Confeſſor lhe meteraõ eſcrupulo, dizendo, ſer em perjuiſo grave de ſua ſaude, permittio a caridade, de que ſua may com elle uſava.

12 Tinha aborrecimento a todos os livros, que diziaõ couſas pouco caſtas, nem os conſentia em caza. Confeſſou ao Padre Balthezar Telles Hiſtoriador da noſſa Provincia, que elle por eſpecial beneficio da Senhora tinha conſervado illeſa a pureza do corpo, & alma. O que tanto he mais de admirar, quanto os ſenhores grandes tem mais incitamentos, & occaſioẽs de cahirem neſtas fragilidades.

13 Pera

13 Pera conſervar taõ rica joya, uſou de muytos remedios. De menino começou a macerar o corpo com os jejuns. Tambem ſe açoutava nas coſtas, & tinha outros diverſos artificios de ſe mortificar. Buſcava traças, por naõ ſer ſentido: açoutavaſe, quando os de caſa dormiaõ, porem o eſtrondo fazia, que ſe naõ encobriſſe o ſeu fervor.

14 Na Companhia nem no cubiculo, nem na meſa, nem nas claſſes, ou outra alguma parte o viraõ ja mais encoſtado. No veraõ nunca de ſi enxotava as moſcas, nem matava outros animalejos, que ſaõ o tormento dos corpos. Se lhe vinha à meſa alguma couſa de comer mais mimoſa, naõ a tocava, as groſſeiras, & mal preparadas eraõ as ſuas delicias. Nenhum dia ſe lhe paſſava, em que naõ fizeſſe alguma eſpecial mortificaçaõ.

15 Todas eſtas virtudes naciaõ da uniaõ, que tinha com Deos, tendo-o ſempre prezente; conſtou iſto, alẽ dos effeitos ſanctos, que eraõ teſtimunhas deſta uniaõ, do que elle de ſi confeſſou a hum Sacerdote douto, & virtuoſo, cõ quem tinha amizade. Nas couſas da oraçaõ nada era verſado aquelle Sacerdote, pera o Padre Vaſconcellos o affeiçoar a exercicio taõ proveitoſo, lhe diſſe: ſe voſſa merce quer aproveitar muyto em pouco tempo, façaſe prezente a Deos, & Deos prezente a ſi; porque ſaiba, quam facil he iſto, eu ſendo ainda ſecular, ſervindo no Paço, acompanhando os Principes, neſtes trafegos, naõ me lembra, nem ainda por inadvertencia, que interiormente me apartaſſe de Deos. Aſſim o confeſſou de ſi, eſte bemdito Padre, porq naõ quiz Deos, que couſa taõ grande, ficaſſe, ſem ſe ſaber.

16 Eſta era a fonte de tanta circunſpecçaõ em todas ſuas acçoens em tudo taõ ajuſtadas, como ſe no meſmo ponto ouveſſe de dar a Deos conta dellas. Fallandoſe a caſo dos peccados veniais, diſſe: que mais queria ſer atormentado por todos os Demonios, que cometer hum ſó peccado venial.

17 Com eſtas virtudes taõ perfeitas ornou ſua alma vivẽdo no mundo entre as grandezas de filho unico da ſua caſa, & com eſperança de herdar outros morgados, que todos quiz deixar, por ſe abraçar deveras com Deos.

18 Sobrevindolhe o achaque, que fica ditto, & ſen-

do levado pera o hoſpital de noſſa Senhora da Luz, eſtendẽdo os olhos pera a outra vida ſó a ella dezejava. Fizeraõ-ſelhe muytos remedios, todos elles naõ foraõ de algũ proveito. Quando lhe diſſeraõ, que ſe deſeſperava de ſua vida, ſe alegrou, quãto outros ſe coſtumaõ com tal nova entriſtecer. Recebeo os Sacramentos com ſingular devaçaõ. Poucas horas antes de morrer, lhe diſſe a may, que ſe deſpediſſe da Senhora, cuja imagem lhe moſtrou; iſſo naõ, reſpondeo, eu naõ me deſpeço, de quem me naõ aparto, antes vou gozar de ſua viſta.

19 Perguntoulhe o Confeſſor, ſe tinha alguma couſa, que lhe meteſſe eſcrupulo? Reſpondeo, que nada lhe deſequietava a conſciencia. Fez reparo o Confeſſor, por ſer elle ſogeito ſempre a eſcrupulos, entendendo o enfermo a cauſa do reparo, lhe diſſe: Padre naõ ſe admire, que os que em vida padecem eſcrupulos, por eſpecial beneficio de Deos tem huma morte muyto quieta, & ſoccegada. Tal a teve eſte ſervo de Deos em deſaſete de Mayo de mil ſeiscentos ſeſſenta, & dous, tendo oito annos, hum mez, & deſaſete dias da Companhia. No ſeguinte foi levado ao noſſo Collegio de Sancto Antaõ, enterrado no cruzeiro na cova do numero quinto da parte do Evangelho.

20 Ouve grande opiniaõ de ſua virtude. Frey Chriſtovaõ de Britto Religioſo douto, & grave da Ordem de Chriſto, que em auzencia dos noſſos Religioſos o confeſſou, & tratou, por ficar o ſeu Convento muy vizinho ao hoſpital de noſſa Senhora da Luz, deu o ſeguinte teſtimunho.

21 *O veneravel Padre Franciſco de Vaſconcellos, depois q̃ o tratei muy familiarmente, me pareceo naõ sò homẽ de vida perfeita, mas na modeſtia, & innocencia hum Anjo vindo do Ceo. Todas as vezes, que o ouvi de confiſſaõ, me parecia ſer como hum dos grandes ſanctos, que eſtaõ no Ceo. Aſſim aſpirava à perfeiçaõ, que lhe parecia culpa tudo, o que era fora diſto. Taõ meudo em ſe examinar, que aſſim ſe culpava em meudezas leviſſimas, como ſe foſſem culpas graves.*

22 *De certo ſei, que aſſim no obrar, como no fallar, fez ſempre, o que lhe pareceo, ſer de maior agrado de Deos, & de maior perfeiçaõ: ſenaõ repetiſſe alguma couſa leve da vida paſſada, naõ tinha materia pera abſolviſſaõ nas ſuas confiſſoens. Ultimamente digo, que tendo ouvido de confiſſaõ a muy-*

tos

nenhumens de vida ſantha, nenhum avi, que ſe pudeſſe compar-
var com o Padre Francisco de Vaſconcellos.

23 Deixados outros teſtimunhos de peſſoas, que o tratarão, não quero paſſar em ſilencio, o que delle diſſe o venerauel Irmão Antonio Homem da noſſa Companhia, cuja vida, & excellentes virtudes eſcrevo em ſeu lugar, perguntado eſte grande ſervo de Deos, que lhe parecia à cerca da virtude do Padre Francisco de Vaſconcellos, reſpondeo, dizendo delle grandes louvores, & por ultimo eſcrevo de ſua mão, que o Padre Vaſconcellos eſtava no Ceo. Aſſim o eſcreveo ſem uſar das clauſulas, que em outras ocaſioens coſtumava, que eraõ, pareceme, ſegundo entendo, & ſemelhantes; mas na prezente ocaſião ou tiveſſe eſpecial noticia de Deos, como teve muytas, ou pello alto conceyto da excellente virtude do Padre Vaſconcellos, não duvidou de affirmar o dito, ſem alguma das modificaçoẽs coſtumadas.

24 Eſta vida recolhi da carta annua da Provincia, ajuntandolhe mais algumas coulas de outros documentos, que me vierão à mão. Della ſe vê bem, quam perfeito, & ſancto ſeria na caſa de Deos, que no mundo, & nos Paços dos Reys foi de coſtumes taõ innocentes. Delle faz menſaõ no terceiro tomo a Corografia Portugueza página quinhentas ſincoenta, & ſinco por ocaſiaõ de contar a genealogia dos Vaſconcellos.

25 Quero aqui ajuntar como additamento à vida do Padre Francisco de Vaſconcellos alguma memoria do Irmaõ Joaõ Carvalho, pois Deos o trouxe à Companhia por ſeu meyo. Era filho legitimo de pays muy illuſtres, chamavaõſe Lourenço Pires de Carvalho, & dona Magdalena de Vilhena. Eſtudava Philoſophia no Collegio de S. Antaõ, andava no terceiro anno. Della tinha por condiſcipulo a Francisco de Vaſconcellos, cujos ſanctos exemplos influiraõ nelle grandes dezejos de deixar o mundo. *Evora 22. de Março de 1659*

26 Pertendeo com ſingular fervor a Companhia. Nella entrou em Lisboa aos trinta, & hum de Março de mil ſeiscentos ſincoenta, & quatro. No meſmo dia que ſeu condiſcipulo Franciſco de Vaſconcellos. Tendo tambem antes moſtrado na pertençaõ exceſſivo fervor. Sabendo a may, que eſtava na Companhia, quaſi endoudeceo de payxaõ, dizendo, que os Padres lho tinhaõ enganado. Fez

grandissimas diligencias, por lhe ser resistido, mas elle em todas as ocasioens se mostrou de mais esforço, que os seus annos, que erão só quinze.

27 Vendo a may, que as diligencias erão de nenhũ proveito, usou de engano. Fingio se doente gravemente, escreveo ao Padre Visitador, que pello menos a deyxasse despedir de seu filho, pois naquelles apertos não sentia cousa, q̃ lhe pudesse dar mais alivio. Ouve o Padre Visitador de satisfazer a seus desejos, mandou hir a casa o Noviço logo, que o viu, com a mesma arte, que se fingio mal imunda, se fingio aliviado do mal, o que tudo atribuia à vista de seu filho.

28 Logo afando dos affectos, & expressoens, que tem nestas circunstancias o amor das mays, procurou com todas as veras, de o desviar em seus propositos. Algũs dias, que a teve em casa foi a batalha continua; porem o Noviço, como se fosse de bronze, postos os olhos no chão, de todas as caricias, & rezoens da may fez pouco caso, sem desdizer hum ponto de seus propositos. Vendo ella esta, que tinha por teima, o mandou de sua prezença, dizendo enfadada, que se fosse, para onde quisesse.

29 Com este desengano cheo de alegria se recolheo para casa, dizendo, que elle depois, que determinara abraçarse com Christo, não tinha de ver com parentes. Os ultimos mezes do Noviciado passou em Evora, onde fez os votos. Viveo entre nós sempre com muyta humildade, sem algũ genero de soberba. Estudava Philosophia, quando sobre vindolhe hũa doença de hidropezia, lhe tirou a vida. Havendo por sua morte notavel sentimento em todos, por verem, quantas esperanças se cortavão com sua morte. Era de ingenho feliz, o qual junto com a virtude, & prudẽcia, que nelle havia, nos prometião hum sugeito em tudo de grande honra, & credito para a Companhia. Falleceo santamente no Collegio de Evora aos vinte, & dous de Março de mil seiscentos sincoenta, & nove.

CA-

CAPITULO VII.

Vida do Padre Francisco Ayres.

1 O Padre Francisco Ayres Religioso de grande perfeiçaõ nacèo na Villa de Amieira no Priorado do Crato, seus pays se chamaraõ Manoel Martins, & Izabel Ayres, estudando Philosophia em Coimbra, sendo ja do quarto curso, se resolveo a ser da Companhia; nella foi aceito, & mandado ir ao seu Noviciado em Lisboa. Entrou aos nove de Junho de mil seiscentos, & vinte huma, tendo ja vinte, & quatro annos de idade. O tempo veyo a mostrar, que a sua resolução fora do homem, que deveras se queria dar a Deos. *Lisboa 11. de Novembro de 1664.*

2 Nos annos seguintes governou o Collegio de Faro, & exercitou os ministerios da Cõpanhia sempre com edificaçaõ, & proveito das almas. Finalmente veyo a cegar, & assim viveo muytos annos nesta casa do Noviciado de Lisboa, sendo a todos espelho de perfeiçaõ Evangelica. Seus exemplos eraõ admiraveis aos de casa, & aos de fóra. A oraçaõ foi nelle, podemos dizer, que continua. Levantavase duas, & tres horas antes da communidade. Logo tomava huma comprida disciplina de mais de duzentos acoutes.

3 Entrava na sua oraçaõ athe o fim da que a cõmunidade costuma ter, & no fim se hia confessar, & logo pera a capella a ouvir Missa, & comungar. Todos os dias recebia o Senhor, & o fazia dizendo o Padre nosso, quando chegava às palavras, o paõ nosso de cada dia, as pronunciava com tal piedade, que enternecia aos prezentes, & cõ ellas na boca, tomava o Divinissimo Sacramento. Depois gastava meya hora, em lhe dar as graças, com tanto recolhimento, que parecia estar morto.

4 De tarde hum quarto antes, que tangessem à liçaõ espiritual, sahia do cubiculo, & se hia meter na capellinha dos enfermos, onde estava como meyo quarto, & delli hia pera a Igreja, onde tinha de joelhos a oraçaõ de tarde cõ os Irmaõs Noviços. A postura era immovel, & nestas ocasioens parecia mais estatua de pedra, que homem vivo.

Quin-

Quinta feira de Endoenças gastava quatro, ou sinco horas em oração enlevado diante do Senhor exposto dando de quando em quando alguns suspiros.

5 Antes das onze mil Virgens gastava trinta dias em Exercicios de Sancto Ignacio. Nestes mes jejuava comendo huma só vez no dia, & essa ordinariamente hum pouco de biscouto de rala, que lhe trazia hum seu filho espiritual. Tambem antes do Espirito Sancto tinha dez dias de Exercicios, nos quaes se preparava pera receber o divino Espirito. Não bebia vinho. Nunca no refeitorio comeo uvas, nem fruita, nem cousa extraordinaria, que na mesa se désse à comunidade. Hum dia pella menhã no inverno lhe virão, indo elle pera ouvir Missa, molhar hum pano no lavatorio, & metelo no peito sobre a carne.

6 Por experiencias, que se fizerão, se achou, que se não deitava na cama, antes havia sinais, que dormia debayxo da barra. Nunca tinha reposo, salvo, quando o chamavão, pera ouvir a liçaõ de algum Exercitante, conforme ao costumão fazer entre nós os estudantes, quando no fim dos dias da primeira provação hão de tomar a roupeta. Tomava disciplina nas costas no refeitorio todas as festas de Christo, da Senhora, dos Apostolos, & Sanctos da Cõpanhia, ainda que como cego hia as apalpadelas, nũca faltava a estas devaçoens. Era de natural colerico, pera mortificar os impetos desta payxaõ, lhe ouviaõ dizer se a si muytos vituperios no cubiculo; reprehendendose asperamente, se alguma vez fallava mais seco ao Noviço, que lhe escrevia os seus livros. Tratouse com tanto rigor, que lhe chamavão, tyranno de si mesmo. As disciplinas eraõ muytas, & compridas. Depois de tomar no refeitorio as disciplinas nas costas, dizia a sua culpa pello mao exemplo, que dava em casa, & tibieza no serviço de Deos.

7 Sendo cego rezava todos os dias o officio Divino, porque o sabia de cór; & quando eraõ liçoens, que naõ soubesse, o Noviço lhas apontava. Se lhe batiaõ à porta, estando no meyo do Psalmo, naõ mandava abrir, athe o naõ acabar. Este mesmo estilo guardava, rezando qualquer outra oraçaõ, como o Padre nosso, ou Ave Maria. Tinha especial devaçaõ à Virgem Senhora, da qual falla em todos os livros, que compoz, com palavras bem significadoras do affecto, com que amava a esta soberana Rainha.

Nas

Nas vesporas de sua immaculada Conceyçaõ fazia sempre pratica de suas excellencias na capella aos nossos Religiosos, & Irmaõs Noviços. Nas vesporas das suas festas jejuava a paõ, & agoa. Jejuava o Advento, & Quaresma, & nestes tempos as quartas, sestas, & sabbados eraõ a paõ, & agoa.

8 Do dia gastava as menhans no confessionario, as tardes gastava no cubiculo compondo os seus livros, & rezãdo. Tudo, quanto compunha era ordenado ao bem das almas. Tinha grande cuidado, em que os meninos soubessem a doutrina Christaã, & que os pays lha ensinassem, & hum amor, & temor sancto de Deos. Era zelosissimo do bem da Companhia, aquem amava como a may muy prezada, & estimada.

9 Ouviaselhe dizer muytas vezes quando estava só, & se queria recolher: O Francisco, vé que vás pera a forca, aproveitate, que ja naõ tens mais, que huma hora de vida. Tambem, estando só às vezes cantava algumas cantigas devotas, que traz no seu livro, que intitula Epitome. Os livros, que compoz foraõ, Regimento espiritual pera o caminho do Ceo. Metaforicos exemplares de esclarecida origem, & illustre descendencia das virtudes. Parallelos academicos entre duas Universidades Divina, & humana. Teatro dos triumphos Divinos contra os disprimores humanos. Retrato de prudentes, espelho de ignorantes. Epitome espiritual sobre o que deve saber, crer, guardar, confessar, & obrar todo o Christaõ. Compoz mais duas folhas, huma se intitula breve instruçaõ do que deve saber, & confessar o Christaõ. Outra, regra de bem viver conforme a ley Evangelica, & dictames da prudencia.

10 Tudo isto compoz sendo cego, & incapaz de ver livros, tirando tudo, o que compunha do espirito, q̃ Deos lhe comunicava na oraçaõ, & tendo hum Noviço, que lhe escrevia. Nas confissoens lhe succederaõ casos particulares, & de grande serviço de Deos. Contou hum seu filho espiritual, que vindose confessar com elle a primeira vez, lhe negara a absolviçaõ, por andar em mao estado, & naõ ter a devida disposiçaõ. Mandoulhe, que se emmendasse, & viesse dalli a oito dias. Enfadouse tanto o penitente, que esteve pera lhe dar com huma adaga entre as importunaçoens, de que o absolvesse. Finalmente se levantou, & foi

pera

pera ſua caſa; Deos lhe trocou o coraçaõ, & entendeo, que o Padre ſó queria o ſeu bem; voltou paſſados os oito dias. O Padre lhe ordenou, ſe detiveſſe mais tres, pera ter melhor diſpoſiçaõ. Aſſim o fez, & tornando ſe confeſſou cõ muytas lagrimas, tendo apartado de ſi a ocaſiaõ da ſua ruina, & foi dalli por diante filho eſpiritual do Padre Ayres, aquem elle confeſſava, dever o bem, que em ſi ſentia.

11 Eſtando confeſſando huma peſſoa, lhe diſſe, que a primeira peſſoa, que entraſſe pella porta da Igreja, tinha diante de Deos muytos graos de graça, reparou o penitente, em quem entrava, & a primeira peſſoa foi huma, que ſe confeſſava com elle, & tinha opiniaõ de virtude. Tinha muytas peſſoas eſpirituais, que ſe confeſſavaõ, & aconſelhavaõ com elle, como caminhariaõ na virtude, entre elles vinha o Doutor Bartholameu do Quental Sacerdote virtuoſo com a ſua companhia de homens eſpirituais, aos quais o Padre fazia muytas praticas, & exortaçoens.

12 Confeſſava muytas Senhoras, & Senhores aſſim ſeculares, como Eccleſiaſticos. Quem huma vez ſe confeſſava com elle, naõ eſcolhia outro Confeſſor, porque tinha dom eſpecial de encaminhar almas pera o Ceo. De tudo iſto naceo huma geral opiniaõ de ſua virtude, fallando-ſe em toda Lisboa no Padre cego da Cotovia com grande reſpeito, & veneraçaõ.

13 Sendo cego hia aos principios em alguns dias da Quareſma praticar aos prezos acompanhado de hum Irmaõ, que o encaminhava; porem iſto ſe lhe prohibio pellos inconvenientes das idas, & vindas a pé. Tendo duas fontes naõ conſentio, que Noviço, nem outra alguma peſſoa lhas curaſſe, ſendo aſſim, que todos o dezejavaõ, & procuravaõ ſervir pello fructo, que tiravaõ de tratar com elle. Foi amantiſſimo da ſancta pobreza, todo o ſeu veſtido havia de ſer velho. O barrete chegou a tal eſtado, que naõ era capaz de ſervir, mas tinhalhe tal amor, que ſó por mandado do Padre Provincial, o largou, & tomou outro mais acomodado.

14 Finalmente veyo a cahir enfermo, pedio logo, o mudaſſem do cubiculo, onde morava pera a enfermaria dos Irmaõs Noviços, que queria morrer nella. Naõ conſentio ſe lhe deſſe outra roupa mais que a ſua, a qual era muy velha. Neſte tempo dezejava muyto a morte, dizendo,

que

Digitized by Google

que seria sedo, & perguntado, quando seria, variou a prática. Na doença cantava algumas cantigas dos seus livros, & chamava hum dos Noviços, que cantasse com elle, parando no meyo da musica com grandes affectos, & dezejos da eternidade. Chamava muytas vezes o Confessor, que o absolvesse.

15 Comungando por Viatico, lhe assistio toda a communidade, diante da qual fez hum colloquio muy devoto, com que fez derramar muytas lagrimas aos circunstantes; voltandose pera os Irmaõs Noviços lhes disse com grande affecto: Irmaõs, Irmaõs, lembrense disto, que lhes digo: Sejaõ muyto devotos da Virgem may, & estimem muyto a Religiaõ. Pedio, que lhe dessem a Sancta Unçaõ, & a recebeo com grande piedade. Dous dias antes, que moresse, lhe pedio hum Irmaõ, que lhe assistia de noite, que quando se visse com Deos o encomendasse muyto a elle, & lhe alcançasse perseverança na Religiaõ. Respondeo: E quem me dis amim Irmaõ, que eu naõ irei caminho do Inferno? Replicando o Irmaõ, que esperava em Deos, que sedo iria gozar de sua vista, elle lhe prometeo, que assim o faria. No dia seguinte tornandolhe o Irmaõ a pedir o mesmo, respondeo, que o naõ fizesse tam esquecido, que o levava muyto na memoria. Conservou seu juiso sempre, & entre colloquios muy suaves com Deos espirou na casa dos Noviços em Lisboa aos onze de Novembro do anno de mil seiscentos sessenta, & quatro. No cubiculo, onde morou, que hoje serve de se hospedarem, os que entraõ de novo, estaõ dous pregos grandes cravados no pavimento, sobre cujas cabeças he tradiçaõ, punha os joelhos, quando orava, & bem se vé, que pregos taõ grandes se naõ puzeraõ alli a caso, com a proporçaõ, que elles tem entre si. Este cubiculo fica nos corredores de sima, & he o do meyo dos tres, que junto ao lavatorio cahem pera o nacente.

16 Concorreraõ muytas pessoas espirituais sabendo de sua morte, & o cobriraõ de flores. Dezejando muytos fazerlhe hum caixaõ, em que o sepultassem, os Padres o naõ consentiraõ, por ser cousa entre nós pouco usada. O Conde de Villa-verde, que era seu confessado, dous dias antes ouve licença, pera delle se despedir, o que fez com muytas lagrimas, & o Padre lhe lançou a bençaõ como a filho seu espiritual. Hum seu devoto o mandou retratar

na Igreja, em quanto se lhe fazia o officio de corpo presente, & conservou o retrato como de homem santo. As suas alfayas se repartirão entre seus devotos, das quais suas disciplinas cahirão ao Marquez de Fontes, que as pedio com instancia; as contas, por onde rezava, se dividirão em decadas, pera abrangerem a muytos. Advirto, que à cerca da patria deste Padre tem a Bibliotheca da Companhia, ser da Amieira, & o livro das entradas do Noviciado lhe dá a mesma patria, bem verdade he, que algum lhe lançou huma risquinha, & poz Abrantes, como quem fez a emmenda, não deu rezão della, não ha porque se lhe dé credito; são aquellas villas não muyto distantes, bem pode ser nacesse em huma, & se criasse na outra.

CAPITULO VIII.

Vida do Padre Pedro Tavares. Vai pera Angola, onde começa a fazer missão gloriosa.

Porto 14. de Dezembro de 1670.

1 O Grande zelo, que este Padre teve do bem das almas nos merece lembranças eternas. Foi sua patria o lugar de Taveiro no campo de Coimbra. Erão os nomes de seus pays Mattheus Dias, & Maria Francica. Estudava na Universidade de Evora, aonde pertendeo ser da Companhia, & foi aceyto nella. Não havia então Noviciado mais que em Lisboa, aonde foi mandado, entrou na Companhia aos finco de Fevereiro de mil seiscentos, & vinte dous. Tendo anno, & meyo de Noviço foi mandado pera o Collegio de Santarem. E porque entrara pera Irmaõ Coadjutor, achandose haver nelle cabedal pera estado de Sacerdote, com licença do Padre Geral, que pera isso se alcançou, fez os votos dos estudantes.

2 Depois estudou casos de consciencia, ordenouse de Sacerdote, & foi mandado pera Angola. Onde ensinou latim, & se ocupou em missoens pella terra a dentro, nas quais foi incansavel, & fez grandissimos serviços a Deos. Nellas lhe succederão cousas notaveis, & Deos o livrou de immensos perigos. Destas missoens tenho em meu poder huma larga Relaçaõ, da qual direi sumariamente, o q contem,

contem, porque ſe veja a grande virtude, & eſpirito incanſavel deſte Padre.

3 No mez de Setembro de mil ſeiscentos, & vinte nove foi o Padre Pedro Tavares mandado pera a fazenda, que o Collegio poſſue perto do rio Bengo, junto do qual ha muytas fazendas de Portuguezes, & de Sobas negros, aſſim chamaõ aos Senhores de algum deſtricto. Todos eſtes tem innumeraveis eſcravos, pera ſe cultivarem as fazẽdas. He todo o paíz muy doentio pera os eſtranhos.

4 Logo que o Padre Tavares entrou no Bẽgo, começſou a fazer miſſaõ na gente, que morava nas terras do Collegio, a qual com o zelo, & ttabalhos dos Padres Domingos Lourenço, & Duarte Vas da noſſa Companhia eſtava muy bem cultivada, porem havia muytos negros forros gentios, os quais ſe naõ reſolviaõ a receber o bautiſmo; vẽdo iſto o Padre lhes diſſe, que elles eraõ como o jumento, em que elle hia, que em morrendo, eraõ lançados no Inferno, como o jumento no lugar immundo. Finalmente depois de muyta lida, os fez abraçar noſſa ſancta Fé.

5 Deulhe muyto trabalho hum Chriſtaõ, que o era ſó em o nome, tinha ſeſſenta annos, eſtava amancebado com huma tal como elle, tinha ſinco filhos todos tambem viviaõ em eſtado ſemelhante ao de ſeu pay, & may, indo o Padre ao lugar, onde viviaõ, achou no meyo do caminho ſinco cobras muyto grandes enleadas humas nas outras, a maior ſeria da groſſura da cabeſſa de hum moço de doze annos. Fizeraõ horror, aos que as viraõ, mandou o Padre a tres negros valentes, que com ſuas facas, & paos arremeteſſem a ellas; como ſe naõ atreveſſem, meteo o Padre na cinta huma faca a modo de traçado, tomou hum pao, & fazendo o ſinal da cruz, deu ſobre as cobras, dellas partio algumas, outras atordoou de modo, que ſe naõ puderaõ mais bolir. Entaõ acodiraõ couſa de ſincoenta negros cõ frechas, & facas, acabaraõ-nas de matar, & as comeraõ.

6 Continuando o caminho, & chegando a caſa dos negros de mao viver; reſponderaõ ao Padre, que os exhortava a ſe caſarem, que tal couſa naõ fariaõ, porque o Diabo o naõ queria, que ſe elle o quizera, ſe naõ tivera feito em tantas cobras, pera lhe impedir o caminho. Por reſoluçaõ lhes diſſe o Padre que a rezaõ, porque os deixavaõ viver nas terras do Collegio, era, pera que viveſſem, como

Deos manda; por tanto, q̃ ſe aſſim o naõ queriaõ fazer, haviaõ de deſpejar a terra. Por fim de tudo entraraõ em ſi, & ſe puzeraõ em bom eſtado.

7 Depois, que o Padre enſinou a gente, que vivia nas terras do Collegio, começou com os eſcravos dos Portuguezes, & negros forros, que moraõ nas muytas fazendas junto do rio Bengo, com o qual ſe regaõ, pera darem os ſeus fructos. Muyto trabalho lhe deraõ os eſcravos, & mais os negros forros. Tudo venceo ſeu bom modo, & ſofrimento. Sinco, & ſeis doutrinas fazia às vezes cadadia, huma pella menhaã ſedo levantandoſe de madrugada a convocar a gente com huma campainha. Outra pellas nove horas, outra pello meyo dia, no tempo da ſeſta outra, a quinta à tarde, a outra de noite. Pera iſto fazia dar recado nas fazendas, q̃ a tais horas a gente eſtiveſſe junta. Naõ reparava em calmas, nem outros mil incomodos. Em chegando ou fizeſſe calma, ou foſſe em jejum, logo fazia a doutrina.

8 Em os enſinar tinha eſte modo; fazialhes huma pratica ſobre os myſterios da fé, carregandolhes a maõ, em q̃ ha outro mundo, Inferno pera os maos, Paraizo pera os bons; porque aquella negra, & triſte gente, cuida, que naõ ha mais, que a prezente vida. Por eſta cauſa folgaõ tãto, que nunca ha nelles triſteza.

9 Acabada eſta pratica, entrava a lhes enſinar as oraçoens de memoria, pondo-os em coros, a ſaber os homẽs a huma parte, & as molheres a outra. Como levava negros linguas bem induſtriados na fé, os repartia por eſtes coros, & lhes enſinavaõ as oraçoens. A cama do Padre por mais de hum anno foi a pura terra embrulhandoſe na ſua veſte, athe que por importunaçaõ aſſim dos de caſa, como dos de fóra, levou conſigo huma eſteira. Nunca tomou nada a peſſoa alguma, nem lhes comia em caſa, ao pé de qualquer arvore, ou mouta ſe acomodava com huma pouca de farinha de pao. Guardava eſte rigor porque o gentio daquella terra he pobriſſimo, & o que mais o affeiçoava, era dizer o Prégador, que naõ queria delles nada mais, que levalos ao Ceo.

10 A eſte propoſito indo o Padre chegando à fazenda de hum Soba gentio, onde andavaõ como duzentos eſcravos ſemeando, tendo antes noticia de que vinha o Padre, & de

& de que nada aceitava, ſahiraõ todos cõmo admirados a ver o Padre: perguntando aos ſeus linguas, de que ſe eſpãtava aquella gente, reſponderaõlhe, que todos vinhaõ ver, ſe o Padre era como os outros homens, por lhes terem dito, que pellos enſinar nada queria, & que acodia por elles.

11 Valiaſe tambem da mâ vida que levava neſtes trabalhos, pera affeiçoar a gente, dizendolhe: Irmaõs de minha alma, naõ vedes, que venho aqui de minha caza, onde nada me falta, com tantos trabalhos, & calmas ſó por vos enſinar o caminho do Ceo? Por ventura vedes em mim alguma couſa, que vos de mao exemplo, ou nos meus lingoas? Pois porque naõ vindes à ſancta doutrina? Com eſtas, & outras palavras de amor os ajuntava.

12 Nem em caza dos Portuguezes comia, aſſim por naõ gaſtar o tempo em vaõs comprimentos, como por naõ dar occaſiaõ, a que os roins diſſeſſem, que com capa de os enſinar, andava fazendo negocio. Tanto mais temia eſtes ditos, quanto mais ſabia ſerem aquelles Portuguezes de ordinario a eſcoria de Portugal, que vai deſterrada pera aquellas terras. Com tudo ſendo neceſſario pera ſeu bem, às vezes comia em ſuas cazas. Encontrou dos Portuguezes a muytos, & muytas de grande virtude, os quais choravaõ ſem conſolaçaõ, por naõ querer o Padre comer em ſuas cazas.

13 Era muyto pera ver ao Padre em hum terreiro ora com oitocentos, ora com mil gentios: tinha em os enſinar pellos ſeus linguas taõ boa diſpoſiçaõ, & modo, que em pouco tẽpo aprendiaõ às couſas neceſſarias. Confeſſa, q̃ o q̃ lhe dava muyto diſgoſto, era virẽ gẽtios, & gẽtias immodeſtos ſem couſa alguma ſobre ſi, os quais como he gente feita à ſua vontade, logo ſe eſtirava, no chaõ, o Padre tambem ſe aſſentava com elles; aſſim aprendiaõ melhor; & diz que por todo eſte tempo o ſeu exame particular era da modeſtia. Quando jâ o conheciaõ, & viaõ, que o que lhes enſinava era por ſeu bem; rindoſe com alegria, os avizava dizẽdo: As filhas do Senhor da terra, & dos principais haõ de eſtar diante do Padre taõ immodeſtas? Naõ pareſſe iſto bem. Era couſa de maravilhar, o que podiaõ eſtas palavras, porque as mais graves, & as outras a ſeu exemplo dalli por diante vinhaõ compoſtas.

14 Che-

14 Chegando às terras de hum ſoba gentio, onde avia muytas mil almas, por mais que o Padre rogou, & pedio, ninguem queria vir à doutrina. Entaõ tomou tres, ou quatro meninos, convidouos, depois comeſſou de ſe benzer com elles em voz muyto alta, & deſentoada, fazendoſe meyo doudo por amor de Deos. A de mais gente tanto, que o vio da quelle modo, & aos meninos, como he gente dada a feſta, ſe veyo chegando pouco a pouco, mais por aſſiſtir ao deſenfado, do que por aprender a doutrina: por eſte caminho os foi trazendo, ao que queria.

15 Contando eſtas couſas tem as palavras ſeguintes: *Naõ aprendi eu eſtas ſanctas invençoẽs no Noviciado, porque como entrei, pera ſer Irmaõ coadjutor temporal, os ſanctos tons, que nelle tive, foraõ ſer forneiro, andando com as ſacas de trigo às coſtas, amaçando por minha maõ quaſi todo o paõ, que ſe cozia pera tantos Padres do terceiro anno, & pera os Irmaõs Noviços, que ſe ajuntaraõ naquelle tempo dourado, à ſaber do Collegio de Coimbra, & de Evora no monte Olivete de Lisboa; mas a caridade he muyto engenhoſa, & tudo pode o fazer as couſas com amor, & mais podemos com a graça divina do que cuidamos.*

16 Foi o Padre continuando ſua Miſſaõ athe a foz do rio Bengo. A eſtes lugares hia deſde o Bengo muytas vezes, pera induſtriar agente nos myſterios da Fé. A noſſa Igreja do Bengo concorria infinita gente nos dias de feſta, nos quais o Padre na eſtaçaõ da Miſſa dizia com todo o animo, que nenhuma peſſoa ou ricos, ou pobres, negros, ou brancos morreſſem ſem bautiſmo, & ſem confiſſaõ; & aſſim quer de dia por calmas, quer de noyte por chuvas, ainda, que paſſaſſe rios, o chamaſſem, que elle iria a pé deſcalço, & de joelhos pellos ſalvar, tudo de graça pello amor de Deos. O meſmo lhes dizia nas fazendas, quando os enſinava.

17 Ouvindo tais couſas os brancos choravaõ de conſolaçaõ, & os pobres negros, & brancos vendo tanta facilidade o chamavaõ, indo o Padre muytas vezes dous, & tres dias de caminho pella terra dentro pera os confeſſar. Entre os mais ſerviços de Deos foi a converſaõ de hum ſoldado branco, rico, & homem de bem, ninguem podia com elle, avia muytos annos, que naõ tratava de confiſſaõ. Pediraõ muytos ao Padre Reytor do Collegio de Loanda, q̃ man-

mandaſſe lâ ir ao Padre Pedro Tavares, por ver ſe podia amanſar aquella fera.

18 Vindo ordem do Padre Reytor, logo a cavalo em huma mula ſe poz a caminho pera a caza do ſoldado, chegando alli pella tarde, dous tiros de eſpingarda de diſtancia vio o Padre ao homem, & elle ao Padre. Tanto que vio o Padre temendo, o que era, começou a correr, pera ſe eſcõder delle. Picou o Padre a mula, & o chamou, pello ſeu nome; vendoſe deſcuberto, eſperou. Começou o Padre a meter praticas alegres, em que gaſtou huma hora, & o homem ſe deſafuſtou de todo, que era o que o Padre queria. Entaõ lhe diſſe, Irmaõ vamonos athe aquella arvore eſpairecer hum pouco, & livremonos deſta negragem.

19 Eſtando alli lhe deſcobrio, ao que viera tantas legoas de caminho. Reſpondeo alegre, que jantaria, & entaõ trataria õ da confiſſaõ. Dizendo o Padre que o ſeu jantar era confeſſalo, tomou a couſa em graça, & acreſcentou, que melhor ſeria deſcançar aquella tarde, & no dia ſeguinte ir athe às terras de outro ſoba, que no ſeu lugar tinha quaſi quatro mil almas, & na volta o confeſſaria. Vendo o Padre que tudo eraõ invençoẽs de ſe eſcapar, lhe fallou cõ clareza, dizendo, em como ſendo taõ honrado, eſtava dezacreditado em Angola, que puzeſſe os olhos em ſua ſalvaçaõ, que Deos era de infinita Miſericordia.

20 Neſte paſſo ſe poz de joelhos, deſabotoando a roupeta lhe moſtrou o Chriſto, que trazia pendente ao peſcoſſo, chorando muytas lagrimas. Com eſta viſta começou a ſe abrandar; logo deſabotoando o gibaõ lhe moſtrou o cilicio, que trazia ſobre a carne, dizendo; veja eſte cilicio, com o qual jâ começo a fazer penitencia por ſeus peccados. Aqui o homem feito hum mar de dor, & lagrimas ſe lhe lançou aos pés; dizendolhe, confeſſeme meu Padre da minha alma, donde mereci eu a Deos, que hum Padre da Companhia por taõ grandes calmas, me vieſſe buſcar a eſtes matos?

21 Gaſtou o Padre em o confeſſar athe as onze da noyte. Entaõ cearaõ ambos, athe aquella hora eſtava o Padre em jejum, & foi a primeira vez, que depois, que andava na Miſſaõ comeo em caza alhea. Davalhe em agradecimento dous eſcravos, que o Padre naõ quis acẽitar. Dalli a algum tempo ſe caſou em Loanda, & o Padre na ſuà fazẽ-

da

dalhe cazou, & bautizou noventa, & finco peſſoas. Foi eſta converſaõ muyto nomeada, & grangeou ao Padre grãde nome, & muytas peſſoas lhe deraõ por ella as graças.

22 No dia ſeguinte foi dalli duas legoas a ter com o Soba, que o homem lhe diſſera. Naquelle lugar, onde nũca tinha chegado Padre da Companhia, enſinou couſa de mil, & quinhentas almas, que tinhaõ concorrido mais por ver o Padre, que por outra razaõ. A ſua cama era ſobre quatro paos. Ao deſpedirſe o Soba lhe trouxe hum bom prezente. Como o Padre o naõ aceitaſſe, ficou elle, & os ſeus admirados, por ſerem taõ vexados dos Portuguezes, que quaſi lhe querem tirar a pelle. Diſſelhe o Padre que elle naõ queria mais, que levalos ao Ceo. Ficaraõ aſſombrados, porque naõ cuidavaõ, que avia outra vida.

23 Foi diſcorrendo por outras fazendas doutrinando, & enſinando, athe chegar outra vez à caza do ſoldado: Onde ſe deteve, & fez muytas confiſſoẽs gerais de peſſoas, que de ſeis legoas o vieraõ alli buſcar. Gaſtou neſta ida, eſtada, & vinda quinze dias. Oito legoas antes de chegar à noſſa caza do Bengo lhe deu tal febre, que ſenaõ podia ter na mula; & aſſim hum homem de bem o mandou pellos ſeus negros em huma rede. As maõs ſe lhe eſfolaraõ, as cores pareciaõ de mulato pellas grandes calmas, nada o eſtamago lhe conſervava, eſtava muy attenuado com os trabalhos. Athe os negros, que conſigo levou a doeceraõ. Tambem lhe ſuccedeo em outra occaſiaõ com a grande calma, que ſendo chamado pera huma couſa de muyto ſerviço de Deos, logo pellas onze do dia ſe poz a caminho, levandoo ſeis moços em huma rede, foi talo ſol, que ſe lhe creſtaraõ com elle as canellas dos pés, de que andou doente quatro mezes: mas Deos que delle ſe queria ſervir, lhe conſervou a vida.

CAPITULO IX.

Continua nos empregos da ſua Miſſaõ com grande fructo.

1 TOrnou à ſua vinha gaſtando neſta lida dias, & noites, como ſe foſſe homem de bronze. Avia tal igno-

ignorancia, que muytos senhores das fazendas cazavaõ entre si a seus escravos, dizendolhe, fulano, esta he a tua molher, & a ella este he teu marido, sem aver misto outra alguma cousa. Este abuso desterou o Padre com suas doutrinas, ensinandolhes suas obrigaçoẽs em semelhantes materias. Outros que eraõ cazados em face da Igreja, se empréstavaõ huns aos outros as molheres, por quanto os parocos, que os tinhaõ cazado, lhes naõ tinhaõ dito as obrigaçoẽs, que avia. Outras muytas deformidades nesta materia desterrou o Padre com muyto trabalho seu, & grande bem das almas.

2 Sabendo o Padre Reytor do Collegio o muyto concurso, que vinha à nossa Igreja do Bengo, escreveo ao Padre que publicasse hum jubileu pera o dia de Sancto Ignacio do anno de mil seiscentos trinta, & hum, que foi cousa naquellas terras nunca vista, de sete, & oito legoas concorria gente ao ganhar, crecendo com este concurso mais, & mais o trabalho do Padre. Depois lhe foi necessario ir a cidade de Loanda, por remediar os desmanchos de hum clerigo, que se quis aproveitar dos trabalhos do Padre Tavares em dano das almas.

3 Este homem era natural da cidade, & de gente de naçaõ Hebrea; depois de ter o Padre ensinado em huma parte, indo dalli correndo outras distantes às vezes vinte legoas, se hia o clerigo à terra, por onde o Padre começara. Pondose em certos lugares mandava recado, que todos, os que se quizessem bautizar, ainda que naõ soubessem os mysterios, trouxessem huma gallinha viva, que logo os bautizaria. Concorriaõ os negros alguns jâ com algũ pouco ensino das doutrinas do Padre, outros cõ nenhũ. A todos o homem metia o sal na boca, & bautizava, com tanto, que perguntados, se queriaõ ser Christaõs, respondessem, que sim. Tudo fazia sem ter licença do Bispo, sendo aquelles destrictos de diversas freguezias. Logo se poz pello Bispo remedio a esta desordem.

4 Pediolhe nesta occasiaõ o Bispo, que fizesse por cazar hum Soba no Bengo, que vivia com grande escandalo. Foi o Padre àquella terra, achou, que era só Christaõ em o nome, fallandolhe, fez zombaria do Padre; pediolhe, que mandasse ajuntar a sua gente, que seriaõ athe sete centas pessoas, respondeo, que elle se naõ entendia com elles.

Entaõ o Padre com hum Irmaõ, que o acompanhava tomando a campainha foraõ pello lugar convocando agente, mas nenhum ſe queria ajuntar. Aqui deu o Irmaõ em hum ſancto invento, que foi lançar pera o ar algumas tamaras de palma, goſtaõ os meninos alli muyto deſta fructa, vieraõ ſe chegando, & apoz elles outros grandes athe numeró de duzentas peſſoas, às quais enſinou, & a ſeu Senhor. De ſorte, que a ſancta invençaõ, de que o Irmaõ uſou, abrio o caminho ao bem de tantas almas. Trinta, & ſinco vezes foi o Padre com o Irmaõ a eſte lugar a enſinar o Soba, & mais gente, & depois os cazou, & bautizou.

5 Huma deſtas vezes eſtando aqui o P. enſinando a doutrina a numero como de quinhẽtas peſſoas, ſe levantou hũ gentio valente, & cõ grande colera diſſe ao Padre Tavares: Tu es hum ſalvagem, & hũ tolo, nẽ entendes, nem ſabes, o que dizes: Quizeraõ os linguas lançar maõ delle, & fazer-lhe, o que mereoia, impedios o Padre, dizendo, que de boa vontade lhe perdoava todas aquellas injurias. Penetrouſe tanto o gentio deſta manſidaõ, & amor do Padre, que logo ſe lhe lançou aos pés, & pedio perdaõ do ſeu deſcomedimento. Dalli por diante era o primeiro, que vinha à doutrina, & trazia a ella outros muytos.

6 O cazamento deſte Soba, cujo nome era Maniſonſa, ſe fez em a noſſa Igreja do Bengo com grandes feſtas, & muſicas, & aſſim meſmo ſe bautizaraõ, & cazaraõ os ſeus vaſſalos, em cuja funçaõ gaſtou o Padre a maior parte do dia em jejum.

7 Aqui teve o Padre hum grande diſgoſto. Tinha cõ immenſo trabalho diſpoſto pera bautizar, & cazar athe ſeis mil peſſoas, & quatro Sobas muy nomeados: neſte tempo o Biſpo mandou hum clerigo pardo, pera os bautizar, & cazar, com cuja vinda ſe acabou a licença, que o Padre tinha, que ſó era em quanto o Biſpo naõ proveſſe aquella Igreja de paroco. Foi logo o Irmaõ Gonçalo Joaõ avizar os Sobas, que o Padre ſe naõ atreveo a ir, dizendo-lhes, vieſſem, que era chegado hum clerigo, pera os cazar, & bautizar, por quanto o Padre jâ naõ tinha licença.

8 Ficaraõ paſmados com nova taõ triſte; ſó a doze peſſoas poz o clerigo em bom eſtado, porque os de mais naõ quizeraõ nada com o clerigo. Dahi a alguns dias magoado o Padre de taõ grande perda, deu outra volta pellas ter-

terras dos Sobas, dizendolhes, porque senaõ tinhaõ pôsto em bom estado? Responderaõ: Olha cá tu es nosso Mestre, & tudo nos fazes de graça, assim no ensino, como nó de mais, o clerigo nosso parenre quer, que lhe demos mantimentos, ou escravos, & nos naõ os temos, & assim morreremos como nossos antepassados. Em quanto o Padre andou por aquellas partes os foi fomentando, o clerigo vendo que naõ tinha renda, nem lucro, se retirou à cidade, ficando tantas mil almas em fumo desemparo.

9 Naõ desmayou o Padre com esta lastima, antes se aplicou a cultivar as terras, que ficaõ pera huma alagoa, q̃ chamaõ Quiçò. A ordem de ensinar era a mesma que temos dito. Nestas terras esteve por vezes a ponto de perder a vida. Chegando de noyte à terra de hum Soba chamado Icollo, cujos vassalos seriaõ como seis mil, o Padre os tinha por outras vezes ido ensinar: assim elle como os seus postos em armas se vieraõ cõtra o Padre & Irmaõ, chamando-os de cans, & perros, & outros nomes injuriosos; aquietouos o Padre com seu bom modo, & elles desistiraõ da sua furia.

10 Dahi a cousa de dous mezes ainda correo nesta terra maior perigo, passando por ella tinhaõ os gentios em hũ grande terreiro sobre hum pano de seda o seu idolo, aquem faziaõ suas ceremonias. Naõ sofrendo o Padre tal abominaçaõ, lhes tomou o idolo. Foraõ quinhentos ao caminho, pera lho tirarem das maõs, apredrejaraõ ao servo de Deos; porem foi o Senhor servido, que nem huma só pedra lhe tocasse, nem lhe tomaraõ o idolo, a quem o Padre fez, o que merecia.

11 A outros gentios, tirou outro idolo, a quem pediaõ saude, sol, & mais bens, & felicidades, nesta occasiaõ esteve perto de ser morto às frechadas, mas o Senhor o livrou. Este idolo, diz o Padre que seria como hum moço de doze, ou quinze annos, & que o mandara ao Padre Provincial Diogo Monteiro, dedicado ao Collegio de Evora em agradecimento de alli o receberem na Companhia: perdeose com a nao em que vinha, na entrada do rio de Lisboa.

12 Tambem destroio aqui muytas feitiçarias, de que era mestra huma velha negra, a qual tinha por costume convocar o diabo com huns chocalhos, que o Padre lhe

tomou. Queimou juntamente huma caza, onde hiaõ fazer, ao demonio ſuas petiçoẽs. O que mais lhe cuſtou, foi fazer mudar a pelle à negra velha, mas finalmente, a tirou da ſua cegueira.

13 Andava o Padre taõ embebido em enſinar atodos, que por ſer o luar muy claro naquellas terras, lhe ſuccedia, imaginar, que era de dia, levantarſe com os ſeus lingoas, andar com à campainha convocando a gente, & neſte tempo ouvir cantar o gallo, por onde advertindo ſer muy ſedo ſe tornava a encoſtar athe a madrugada. Por todas aquellas quarenta legoas foy notavel a mudança, que fez em todos o ſeu zelo. Ouviaõſe, nas fazendas, & cazas cantar as oraçoẽs. Avia ſeus como pays dos Chriſtaõs, negros de virtude, os quais tinhaõ a ſeu cargo ajuntar a gente, & a ſervorala na ſancta doutrina, eſtes ſupriaõ a auzencia do Padre; a eſtes dava ſeus premios, & às vezes tirava do ſeu proprio ſuſtento, pera repartir com elles.

14 O cura deſta freguezia da Quilunda deu ao Padre licença, pera que no ſeu deſtricto bautizaſſe, cazaſſe, & fizeſſe, o que entendeſſe, era bem de ſuas ovelhas. Neſte tempo teve carta de alguns moradores do rio Dande, que divide o Reyno do Congo do de Angola, & diſtava ſeis legoas do lugar, onde o Padre ſe achava. Pediaõlhe pellas chagas de Chriſto, lhes acodiſſe, pois tambem elles eraõ Chriſtaõs; diziaõ, que os ares, & agoas eraõ mais ſadios, q̃ os do Bengo; tambem o avizavaõ, que andava certo homẽ honrado metido pellos matos, que avia quinze annos, ſenaõ confeſſava, & que por certa cauſa ſenaõ confiava da gente.

15 Sabendo o Padre que eſte homem eſtava excommungado vitando, ouve licença do Biſpo, pera que vindolhe as maõs, o pudeſſe abſolver. Entrou o Padre nas terras do Dande fazendo a meſma commuçaõ, que nas mais partes. Duas noytes dormio no lugar, onde o excommungado ſe agazalhava, por ver ſe o podia encontrar. Outras tres vezes foi àquella terra, ſó a fim de reduzir eſta alma perdida. Vendo, que lhe naõ podia fallar, lhe eſcreveo duas regras, avizandoo, que naõ tinha outro intento, mais que confeſſalo.

16 Reſpondeolhe, que jâ tinha noticia, de que o buſcava, & que em tal noyte lhe viria fallar em certo campo

deſ-

deſcuberto, em que naõ avia arvore, mouta, nem cova, donde lhe pudeſſe armar alguma traiçaõ. Foiſe o Padre de noyte ſó ao campo, onde veyo o homem muy bem armado, trazendo conſigo tres negros muy valentes cada hum com ſeu arcabus, & mecha calada, os quais repartidos cercaraõ o campo. Com elle ſe ouve tambem o Padre, que o confeſſou, & melhorou.

17 Ficoulhe com grandiſſimo amor pella caridade taõ eſtranha, que com elle uſara. Davalhe muytos dentes de marfim de eſmola, nada lhe aceitou, dizendo, que o ſeu premio era, ter confeſſado a ſua merce. Foi eſta converſaõ de grande gloria de Deos. E toda a gente dava mil graças ao Padre pella ter effeituado. Era eſte homem o mais valente, & denodado, que ſe ſabia, aver no Reyno de Angola. Se dava com alguma manada de elefantes, a todos os matava. Arremeteo a elle hum Leaõ, & com a garra o abrio dalto abayxo por huma ilharga, ficando o homem de bayxo, aſſim como eſtava, tirou de huma faca, & matou o Leaõ. Acodiraõ neſte tempo os ſeus, & o levaraõ pera caza meyo morto, & Deos lhe deu ſaude: por eſtas, & outras valentias era muyto affamado, por iſſo mais nomeada a ſua converſaõ. Muytos trabalhos padeceo o Padre neſte Dãde, ſuccedeolhe muytas vezes a noitecerlhe nos matos, ſem ſaber caminho, nem carreira, cercado de perigos de cobras, tigres, & leons. Todos eſtes ſuſtos, diz elle, lhe remunerava o Senhor com a alegria eſpiritual dos bautiſmos, & confiſſoẽs, que fazia.

18 Paſſou o rio Dande, & foi enſinar pera as partes do rio Liſune, que eſtâ no Reyno do Congo. Neſta volta do Dande, & Liſune, teve preparado por em eſtado de ſalvaçaõ aſſim gentios, como gente de Portuguezes, a mais de finco mil almas, que lhe tinhaõ cuſtado a enſinar gotas de ſangue; todo eſte trabalho ſe malogrou, porque o clerigo, que era paroco daquella dilatada freguezia, & tinha dado francas licenças ao Padre, naõ ſe podendo ſuſtentar da ſua Igreja a deyxou, & ſe acabou a licença do Padre com grãde magoa ſua.

19 Eſta ſua magoa conſolou em parte com hum bautiſmo, que fez em ſeis de Junho de 1631, que conſtou de quinhentas, & trinta, & duas peſſoas, que bautizou, & cazou, depois de eſtarem bem inſtruidas. Tudo ſe fez em

hum

hum grande terreiro. Ajuntouſe gente ſem conto de trinta, & oito fazendas. Os bautizados eraõ todos eſcravos de Portuguezes, que naquelle dia ſó quis bautizar, por meter aſſim inveja ſancta aos negros, que eraõ ſorros. Ainda, que jâ os tinha enſinado, agora antes de os bautizar, ſe eſteve a doutrina cantando todo hum dia, & huma noyte, & tendo comeſſado ao meyo dia do dia antecedente. Neſta noyte nada dormio o Padre andando de huns, em outros coros entendendo com os meſtres dos negros, & meſtras das negras, que eſtavaõ à roda de grandes fogueyras: notou que ſendo naquella terra os moſquitos tantos, que amodo de nuvens, cobrem os ares, naquella noyte os naõ ouve.

20 O dia do bautiſmo foi de grande trabalho, o cuſpo ſe lhe ſecou com a calma, apenas podia ja levantar os braços. Nos bautiſmos era preciſo fazer mais demora, do que fizera em outra gente, porque eſta tras o cabello enrodilhado como pinhas, he taõ groſſo, & baſto, que lhe ſerve de bainha, em que trazem facas, tezouras, agulhas, & ſemelhantes traſtes, por tanto era neceſſario eſperar, que a agoa chegaſſe à cabeça, como o tinhaõ outros padres Miſſionarios da Companhia advertido ao Padre. Trouxeraõ os bautizados cada-hum ſua gallinha, mas elle nada quiz aceitar. Aſſiſtiraõ a eſta funçaõ muytos homens graves da Cidade, & ahtigos em Angola; diſſeraõ que de trinta annos athe aquelle dia, naõ ouvera couſa ſemelhante em Angola. Ouve quem diſſeſſe, que parecia ter Deos eſtendido a tarde daquelle ſancto dia, no qual foi grande a conſolaçaõ de todos, & maior a do Padre, aquem ſeu canſaſſo era de ſingular alivio.

CAPITULO X.

O mais que obrou neſta miſſaõ das partes do Bengo.

1 COm eſtas obras taõ continuadas era o Padre muyto conhecido dos negros, ſuccedialhe indo ſeu caminho, vendo-o paſſar, deixarem os negros ſeus trabalhos, viremſe pera elle pondoſe de joelhos com as maõns levantadas, moſtrando quanto o reſpeitavaõ, & amavaõ. Nas ter-

terras do Soba Nambucalombe fez como nas mais partes grandes couſas; porem aqui ſe vio em eſpecial, quanto podia o ſeu bom modo. Eſtavaõ eſtas gentes muyto eſcandelizadas dos brancos,& como naõ tinhaõ conhecimento de Padres da Companhia, cuidavaõ ſer tudo o meſmo.

2 Brevemente ſe deſenganaraõ. O Soba no lugar, onde morava, tinha quarenta concubinas cercadas com grandiſſimos muros de palha, cada-huma em ſua caſa com os filhos, que della tinha; alem deſtas reconhecia a huma por ſua molher legitima. Pode muyto o Padre com eſte Soba. Moſtroulhe eſte cercado, dizendo, que álli ninguem entrava; o Padre por ver, que diſſo recebia agrado, lhe fazia muytas caricias aos filhos, & moſtrava alegria às concubinas.

3 Teve neſte paíz grande colheita, foi alli por muytas vezes, levando conſigo doze linguas, quatro eraõ eſcravos do Collegio, os demais, lhe empreſtavaõ negros principais, que moravaõ nas terras do Collegio, aquem elle os pedia: *Athe niſto*, têm o Padre em huma carta ſua, *era eu como oppoſitor da Univerſidade de Coimbra, o qual andando em veſporas de levar cadeira, pede o voto com muyta humildade; pois com outra tanta, & quaſi de joelhos lhes pedia linguas pera enſinar Nambucalombe, ja prometendo Miſſas, & ja oraçoens.*

4 A ordem, que tinha em enſinar os Sobas deſtas terras, era, pondo em cada parte dous linguas, com metodo, do que haviaõ de fazer, andar o Padre de huns em outros, vendo, como melhoravaõ no enſino. Pera ſi deixou ao Soba Nambucalombe com todos ſeus filhos, & concubinas.

5 Eſteve aqui o ſeu trabalho por vezes fruſtrado, indo huma vez pello lugar tomando a rol, os que ſe haviaõ de bautizar, entraraõ os negros em deſconfiança, que era traça pera os cativar; porem o bom modo do Padre os aſſegurou, & lhes tirou eſte ſuſto. Eſtando o Padre enſinando couſa de ſeiscentas peſſoas, lhe deraõ recado, que hum capitaõ lhe queria fallar; foi lá, diſſelhe o Portuguez, que tinha goſto de ver, como enſinava, reſpondeo o Padre, que naõ podia ſer entrando elle dentro do cercado, mas que da porta poderia ver. Chegaraõ à porta, dando os negros cõ os olhos no branco, todos logo fogiraõ; & fizeraõ aviſo a ou-

outros dous coros, que em outra parte do lugar eſtavaõ, q̃ tambem de repente fogiraõ. Entaõ ſoube o Padre, que aquelle branco, tendo alli ido buſcar o tributo, que pagaõ àquelles Sobas, naõ tendo hum com que lhe pagar, o mandou enterrar vivo, ficando ſó a cabeça de fora; por eſta, & outras inſolencias andava pellos matos eſcondido. Os negros, que o conheciaõ temendo algumas das ſuas tiranias deſapareceraõ.

6 Tinha o Padre neſta terra diſpoſto a mais de ſeis mil peſſoas; indo ao Bengo pera dar ordem, a lhe virem oleos da Cidade, & hum Padre ou Irmaõ, que o ajudaſſe, lhe deraõ huma carta do Padre Reytor, em que o mandava hir à Loanda, pera delâ paſſar a *D*ongo, & aſſiſtir com el-Rey, & que outro Padre viria continuar com o ſeu trabalho. Como era obedientiſſimo, ſem ſe deſpedir no Bengo de peſſoa alguma, partio peta a Cidade, ainda que no coraçaõ ſentia magoa, & pella naõ dar aos negros, & brancos naõ declarou ſua jornada.

7 De Loanda foi mandado pera Dongo, navegando pello rio Coança, eſtando ja perto do preſidio de Muchima, chegaraõ dous negros pella poſta com cartas do Padre Reytor, que lhe ordenava, voltaſſe à Cidade. A cauſa era huma carta dos Portuguezes das partes do Bengo, em que declarando o grandiſſimo fructo, que nellas fazia, a opiniaõ, que delle tinha o gentiliſmo, encarecidamente pellas chagas de Chriſto pediaõ, lho reſtituiſſe. Teve o Padre Reytor eſcrupulo de o naõ fazer aſſim.

8 Reſtituido ao Bengo, continuou com ſeus Apoſtolicos trabalhos, quando o Demonio envejozo de tanto bẽ cortou o fio a tantos progreſſos por meyo do paroco daquelle grande, & dilatado deſtricto, eſcreveo ao Padre q̃ lhe tirava a licença, q̃ lhe dera pera caſar, & bautizar peſſoas do ſeu deſtricto, & ſe queria continuar, que cada peſſoa, que ſe bautizaſſe, & caſaſſe, lhe havia a elle de dar hũa gallinha. Dalli a alguns dias ſe foi o Padre ver com o negro Cura, diſſelhe; que elle naõ podia receber nada pello exercicio dos noſſos miniſterios, quanto mais, que bem ſabia a pobreza dos negros, & que o fazelos de graça Chriſtaons era das couſas, que mais atrahiaõ o gentio; que ſe ſua merce queria gallinhas, foſſe enſinar os gentios adultos, & ſaberia, quanto cuſtava amanſalos.

9 Reſ-

Digitized by Google

9 Reſpondeo, que naõ tinha obrigaçaõ, de os hir enſinar taõ longe, & ainda que tiveſſe vontade, lhe faltavaõ linguas, pera os enſinar. Vendo o Padre que todas as almas, que tinha com immenſo trabalho diſpoſto, ſe perdiaõ, lançouſe de joelhos a ſeus pés pedindolhe licença ao menos por quinze dias. Foi taõ cruel eſte homem, que de nenhum modo quiz, ſem lhe darem as gallinhas. Entaõ ſe deſpedio o Padre, & fez aviſo, do que paſſava aos Portuguezes, & Sobas catequizados. Todos ficaraõ ſem remedio, & cortados de dor, & mais que todos o Padre. Tambẽ por eſte tempo lhe eſcreveo outro Clerigo hũa carta chea de palavras injurioſas, dizendo, que adminiſtrava os Sacramentos ſem licença, & outras liberdades, que o Padre offereceo a Deos.

10 Naõ deſmayou com tantos eſtorvos, continuou em enſinar os Portuguezes, & gentios, & conſervar a fé, nos que tinha convertido. Deſterrava abuſos, & peccados, impedia grandes crueldades, que uſaõ os brancos com os eſcravos, & ſaõ às vezes tais, que faz horror, o contalas. Senhor ouve, que mandou de noite atar hum ſeu eſcravo a hũa arvore jũto do rio; pella menhaã naõ ſó eſtava morto, mas tinha as entranhas comidas dos moſquitos, que alli ſaõ muy grandes; & dis o Padre que enſinando naquellas partes, ſe naõ podia valer com os moſquitos. Deſtas crueldades aponta outras, que eu deixo; eſta baſta, pera ſe ver, quam grande bem fazia em impedir ſemelhantes deſordens da gente branca.

11 Diſſeraõlhe, que os principais moradores das partes de Quilunda, & outros eſtavaõ apoſtados, a irem de maõ commua a ter com o Biſpo, fazer queixas do Clerigo, que naõ dera a licença, & pedir, concedeſſe ao Padre, que foſſe pôr em bom eſtado a ſua gente, por morarem algumas vinte legoas da Igreja, & o Clerigo ſe naõ queria cãſar com andar tanto caminho. O Padre os foi aquietar, dizendolhes; que Deos acodiria como pay, apontãdo outras rezoens a eſte intento.

12 Cauſavalhe muyta conſolaçaõ, quando hia confeſſar os ſeus bautizados, achar negros cazados de ſeis, & ſete mezes, que quaſi lhe naõ davaõ materia de abſolviçaõ; viviaõ com grande innocencia occupados no ſeu trabalho de fabricar a terra, & no tempo, que lhe ſobejava, que naõ

era muyto, diz o Padre que aſſas tinhaõ, que fazer em ſacudir os moſquitos, de cujas ferrotoadas, por andarem meyos nus, tinhaõ muyto, que padecer ſuccedialhe gaſtar em ouvir confiſſoẽs de negros des de pella menhãa athe entrada a noyte, tendo tres, & quatro interpretes, de que ſucceſſivamente uſava. Depois deſta tareſa, diz elle, que rezava o officio divino, tinha a ſua oraçaõ, & exame tudo de noyte, porque ainda que avia tanto, que fazer com o proximo, procurava ſempre de ſenaõ eſquecer deſi; & que por iſſo Deos lhe dava forças pera tanto trabalho.

13 Na quareſma de ſeiſcentos trinta, & dous foi tal o ſeu trabalho em ouvir confiſſoẽs andando de huma, em outras partes, que confeſſa, que tudo o que tinha padecido, era nada, a reſpeito do que padeceo neſta quareſma. Eſtando nas partes do rio Dande, ſoube, como nellas avia hum mancebo negro, Chriſtaõ, famoſiſſimo feiticeiro, & grande medico, dizia publicamente, ſer elle filho de Deos. Antes de ſaber o Padre ſuas mas artes, lhe tinha viſto fazer notaveis curas, como eraõ chupar a materia de chagas, por mais aſqueroſas, que foſſem, & em coiralas dentro de breve tempo, mas naõ ficando ſans de todo.

14 Eſte ouvindo pregar ao Padre em como, os que ſe bautizavaõ, naõ aviaõ de tornar a ſuas idolatrias, ſe mudou pera outras terras diſtantes trinta legoas: como era ladino, & ſabia Portugues, prégava, & enſinava, contra a Ley de Chriſto, & contra a doutrina do Padre. Tinha grande ſequito; onde chegava, lhe faziaõ de novo quatro cazas, huma pera dormir, outra em que dava ſol, outra chuva, outra ſaude, & mais felicidades. Concorria gente ſem conto aſſim Chriſtaõs, que naõ tinhaõ ainda noticia do Padre, como gentios, as gallinhas, que lhe traziaõ naõ tinhaõ numero, o negro, & negra, que o tocava com a maõ, ſe tinha por ditoſo.

15 Prégava, que os negros Chriſtaõs podiaõ ter muytas molheres, comer carne em dias de peyxe, & que naõ eraõ obrigados a jejuar. Fazia milagres por arte magica, a ſaber, ſenaõ avia vinho, ou mantimento, nas cazas, onde elle chegava, na menhãa ſeguinte apareciaõ os cabaços, & cantaros cheyos de vinho, & as teigas cheas de mantimento de varias caſtas. Eſte milagre era, o que mais enganava agente. Andoulhe o Padre no alcance, ſem nunca o poder aver

ver as maõs, entaõ escreveo ao Padre Reytor do Collegio, que como Commissario do Sancto Officio lhe desse poder, & ajuda pera o prender.

16 Vinda a licença, & que lhe dessem adjutorio aquelles, aquem o pedisse. Communicou tudo em segredo a dous homens Christaõs velhos, & muy valentes, em cujas fazendas entaõ andava o negro. Fizeraõ tudo facil, dizendo ao Padre que os naõ avia de acompanhar, porque se o negro o sospeitasse, fugiria logo. Foi o Padre com elles athe as suas fazendas. Vindo a noyte se recolheo em huma choupana, fechando por dentro a porta, quando alta noyte no começaõ a espancar, & lhe moeraõ todo o corpo. Chamou os negros, acodindo acharaõ as portas fechadas como as tinhaõ deyxado.

17 Logo pella manhãa foi o Padre sangrado, naõ avendo fita, lhe ataraõ o braço com huma herva chegaraõ os dous homens armados com seus escravos, pera dalli irem prender o feiticeiro. Por mais, que o Padre procurou dissimular, souberaõ o cazo, & ficaraõ muy frios, dizendo, que o demonio o tinha morto. Mandoulhes que fossem prender aquelle Antechristo, partindose andaraõ alguns dias, por onde lhes parecia, depois voltaraõ a modo de muy cansados, dizendo, q naõ puderaõ achar; sendo verdade, como soube o Padre que o naõ buscaraõ temendo, naõ os matasse a elles, & a seus escravos.

18 O Padre foi trazido em rede pera o Bengo. Este foi o follar, que teve na Paschoa daquella quaresma naqual excepto os ultimos tres dias, que comeo carne por causa das pancadas, jejuou sempre sendo o seu sustento farinha de pao com agoa, tendo sempre perfeita saude. Naõ faltavaõ bons Christaõs, que nestas peregrinações lhe offereciaõ de comer, de que elle se escusava, por naõ ser a alguem molesto. Ainda, que senaõ prendeo o feiticeiro, foi de muyto proveito a diligencia, porque elle com o medo, se meteo algumas duzenas legoas pella terra dentro, sem mais ser visto. Foraõ seus discipulos, & sequazes, aquem o Padre deu cassi[illegible]

19 Impedio tambem a muytos gentios, circuncidarẽ as crianças, parece, que algum Judeu tinha por aquellas partes divulgado esta Lei. A grande Deos, que os negros tinhaõ neste Padre seve bem no cazo seguinte. Estando en-

sinando na fazenda de hum Portugues rico, & que só de escravos tinha mais de quatrocentos, chamado João Pegado, lhe disse, em como tinha huma alagoa, que era parte do seu remedio, mas que avia annos, senão enxugava, porquanto não podia acabar com os seus negros, que lhe abrissem as valas, dizendo, quando os mandava, que o diabo estava na alagoa, & que todos avião de morrer, se aquillo fossem enxugar. Dizendolhes o Senhor, que elle iria diante a cavar, respondião. Nunca Deos queira, que te vejamos morrer; nesta forma estavão inganhaveis.

20 Pedio ao Padre os persuadisse, encommendou o negocio a Deos. Na tarde do dia seguinte fez doutrina a cousa de quatrocentas pessoas entre forros, & escravos. No fim da doutrina disse, que no dia seguinte de menhãa viessẽ todos, que avião de ir tirar o diabo, que estava na alagoa da Mobella, este era o seu nome.

Passarão os negros palavra huns aos outros, & a noyte lhes pareceo hum anno, pella menhãa tudo negrejava com gente. Com toda esta multidão partio o Padre pera a alagoa, que distava meya legoa, indo diante os meninos cantando a doutrina. Chegando lá lhes fez huma pratica, dizendo, em como o diabo não estava na alagoa, mas era tudo traça sua, pera q̃ morressem à fome, & não trabalhassem, & à volta disto disse muytas cousas contra este commum inimigo, ensinandolhes, que quando começassem, se benzessem. Logo mandou benzer huma Ladainha em voz alta. Tomou o Padre huma enxada, & o Senhor da alagoa outra, & cousa de cem negros cada hum sua, dizendo assim os que tinhão, como os que não tinhão enxadas a altas vozes: JESU seja commosco arrenego do diabo, diabo fora, ajuntando muytas palavras injuriosas cà vousse; & se desempedio a alagoa em grande proveito daquelle Portugues, que ficou muy devotõ da companhia, & agradecido ao Padre.

21 Isto hé muyto pella grosso, o que o Padre Pedro Tavares obrou nas partes do Bengo em espaço de dous annos, que cultivou aquella gente; só em hum destes annos teve licença pera baptizar, & casar, que se lhe não dara ordinariamente, segundo era grande o seu zello, & acceitação, que com todos tinha, não ficaria homem gentio em aquelles negros.

2 Sabendo nosso P. Padre Geral, & o Padre Visitador Nuno Mascarenhas em Roma, o muyto que Deos frusicava, por meyo deste seu servo, lhe derão por carta as graças. No tempo, que andava deferindo infinitos abusos, & fazendo notaveis cousas do serviço de Deos, o tornou achamar o Padre Reytor do Collegio pera ir a Dongo. Chegou a Loanda, & dahi com o Padre João de Payva partio pera Dongo aos sete de Agosto de mil seiscentos trinta, & dous.

CAPITULO XII.

Vem-se foi em Missão na Dongo, referense outras cousas, que obrou, athe sevir de Angola.

1 Fazendo o Padre sua viagem pello rio Coança em hum pataxo sahio a terra com seis negros, & hum menino branco de dez, ou doze annos. Estando todos na praya, o menino se desviou athe huma ribanceira afastada em hum alto; onde avia grandes buracos, & sumas; destes buracos sahio de repente huma cobra, que endireitou, pera engolir o moço. Os negros com o medo se acolherão ao pataxo levando comsigo o moço, que livrou por se pôr diante delle o Padre. Ficou o Padre Tavares só na praya, com elle enfrentou a cobra levando a cabeça tão alto como o Padre; o que fez notavel medo aos do pataxo, & os deveo por morto. Vendo o Padre Payva tamanho perigo disse: JESU te valha, JESU te guarde. Fez da sua vestidura roda, gritando, que do pataxo lhe lançassem algum pedaço de remo, foi se reparando cõ a veste, athe que lhe lançou sobre os olhos, & pegando do pao, que se lhe lançara, lhe acertou na cabeça com esta pancada a fez atordoar, & logo segundou athe lhe atacar a cabeça. Assim livrou Deos de perigo tão evidente, em que se tinha metido por livrar o menino.

3 Em oito dias chegarão a Massangano presidio de Portuguezes. Em quanto se buscarão carregadores, que lhe levassem o farto, fizerão muytas confissões, gastando alguns dyas nestes santos exercicios. Dalli se partirão pera Dongo. Chegarão a hum lugar de hum sobo por nome Cabo-

co,

cō, senhor de muytos vassallos, onde por ordem do Governador de Angola assistia hum branco pera os negocios das feiras dos gentios: este avizou os Padres, que alli avia hum terreiro, onde a meudo se fallava com o Demonio. Foraõ a elle acharaõ hum idolo de pao do tamanho de hum homem, untado com muytas hervas, tinha a boca chea de farinha de pao, & de vinho de palma, estava sobre huma piramide, junto delle se via metida no chaõ huma trave oca muyto grossa, cevada por dentro com feitiçarias, que despediaõ desi cheiro intoleravel, & pestilente. Junto à trave avia huma caza esteirada por todas as partes, onde se fallava com o Demonio. Tinhaõ pegado o seu cemeterio com muytas cazinhas feitas de lagens, & por huns buracos a modo de louzas metiaõ o comer aos defunctos alli enterrados.

4 Determinaraõ extinguir esta abominaçaõ. No dia seguinte antes de se partirem, chamaraõ os principais gentios, pera com elles irem ver os seus Deoses; já tinhaõ dissimuladamente aparelhado fogo, & hum cavalo, que pera isso hum delles, mandara el-Rey de Dongo. Estando todos no terreiro começou o Padre Payva a prégar com grande espirito contra a cegueira dos gentios. Neste tempo o Padre Tavares foi pondo o fogo aos idolos, que brevemente arderaõ, só o idolo grande senaõ acabava de queimar.

5 Vendo o Padre Tavares esta detença, & o comprido caminho, que tinhaõ que andar, saltou por sima das lavaredas no idolo, & sobindo sobre a pirimide o abalançou pera dar com elle em terra; como estivesse forte, & o fogo o fosse chamuscando, saltou de pulo no chaõ. Deraõ os gentios huma grande rizada, cuidando, que o seu Deos zōbava delle. Tornou o Padre segunda vez com dobrado impeto, mas por razaõ do fogo se tornou logo a desviar, crecendo a rizada dos gentios. Arremeteo terceira vez, & deu com o idolo em terra. Pasmaraõ os gentios, por elle naõ morrer tendolhe queimado o seu Deos; levantaraõ grande pranto.

6 Continuava entre tanto sua prégaçaõ o Padre Payva, & o Padre Tavares atando huma corda ao pescosso do idolo, & esta caida do cavallo, o foi levando a rasto pello terreiro açoutando o com a bordaõ, cuspindo nelle, dizendo

do

do em altas vozes, diabo, fora diabo fora. Logo ſobio o Padre a huma arvore, cortou dous paos, de que fez huma fermoſa Cruz, fez mais ſeis baſſouras, cada Padre com ſua, & alguns negros com as outras varreraõ o terreiro, & nelle ſe arvorou a Cruz, explicando aos negros, o que ſignificava.

7 Tres, ou quatro ſomanas avia, que o Padre eſtava no Dongo com pouca eſperança de fructo, por ſer o gentio muy ſalvagem nas materias da vida eterna, quando lhe veyo carta do Padre Gonçalo de Souza Reytor do Collegio, que chegara do Reyno, naqual lhe ordenava, voltaſſe a Loanda, pera enſinar gramatica. Eſtando o Padre cõ huma febre ſe poz a caminho, na primeira jornada lhe fogiraõ ſete negros, que o Rey lhe dera, pera o levarem athe Maſſangano. Continuou a pé em companhia de dous negros do Collegio athe o lugar de certo Soba gentio, pedio-lhe carregadores, que o levaſſem, todos fogiraõ.

8 Vendoſe em tal deſemparo, pois a doença naõ dava lugar a fazer a pé o caminho, fingio quererlhe queimar as cazas, ja que lhe naõ davaõ carregadores, tendo o fogo na maõ, acodiraõ, deraõlhe negros. Eſtes, paſſado hum dia, o deyxaraõ no caminho. Foi a pé athe o Soba Caboco por eſpaço de dous dias indo vizitar a Cruz, que no terreiro do idolo tinha levantado, a achou com tres grandes cutiladas. Queixouſſe ao branco, reſpondeo, que nenhum gẽtio da terra tal fizera, mas huns Quimbares, que ſaõ negros dos Portuguezes, que levaõ roupas ao Sertaõ, homens ſem alma, tinhaõ cometido eſte grande dezaforo.

9 Dormio neſte lugar aquella noyte, pella menhãa ſó avia no lugar negras, porque todos os negros fogiraõ, em odio de lhe ter o Padre queimado o ſeu idolo. Por tanto foi obrigado ir a pé athe Maſſangano, dahi pello rio Coanza chegou a Loanda; aonde foi mandado enſinar latim; cõtinuou eſte magiſterio por couſa de hum anno.

10 Em Janeiro de ſeiſcentos trinta, & quatro, o deſocupou o Padre Reytor pera com hum Irmaõ dar ordem, a ſe fazer huma pouca de cal na Corimba, que diſta da cidade nove legoas. Tendo alli gaſtado dous mezes, no principio da quareſma foi pera huma Ilha a bayxo da Corimba, que tem de comprido oitenta legoas, & ſó huma de largo. A cauſa da jornada foi por fazer amizades entre

tres

tres brancos principais, que avia tres, ou quatro annos, eſtavaõ huns contra os outros a ferro, & a fogo.

11 Poz maõ a eſta obra, achouos obſtinados, naõ deſmayou, foi continuando, dizendolhes, que os jejuns, que fazia, & a cama, em que dormia, que era huma taboa, tudo era pera os unir entre ſi. Depois de grande lida, dobrou a dous, o terceiro çazal eſtava duro como huma penha. Vendo o Padre eſta teima, lhe diſſe que elle ſe achava indiſpoſto, que eſtimaria, lhe fizeſſem eſmola, de o deyxarem dormir aquella noyte em ſua caza. Tiveraõ a hoſpedagẽ por muyta honra. Mãdaraõlhe na ſala fazer a cama cõ muytos colchoẽs, tinha o Padre conſigo dous negros do Collegio, que na meſma caza aviaõ de dormir. Eſteve fallando com a gente athe horas de ſe recolher, entaõ por ſua maõ começou a desfazer a cama, & ſe encoſtou nas taboas do catre. Os hoſpedes, que tal viraõ, começaraõ a chorar de devaçaõ: jâ Deos principiava a lavrar a pedra, que com as lagrimas dava ſinal de brandura. Dahi a pouco ſe diſciplinou cruelmente, o que tudo ouviraõ os hoſpedes, & entendendo ſer por ſeus peccados, totalmente ſe renderaõ.

12 Tanto podem as obras ſanctas feitas unicamente por caridade pera com Deos, & pera com o proximo. Logo, que a manhaceo moſtrandoſe compaſſivos, da mâ noyte, que tinha tomado, ſe puzeraõ nas ſuas maõs, dizendo, naõ podiaõ reſiſtir a tanta caridade. Acreſcentou o marido, que fazia pello habito da Companhia, o que de nenhuma ſorte faria ainda, que o Biſpo em peſſoa, & toda a cidade de Loanda lho foſſem pedir. Ouve muytos perdons na Igreja; jantaraõ todos juntos eſſe dia na meſma caza, os homens em huma ſala cõ o Padre & as molheres em outra mais dentro. Eſta foi a ſegunda vez, que o Padre naquelle Reyno dormio em caza de gente branca, & huma das poucas, que comeo em ſuas cazas, no que teve ſempre particular reſguardo, por aſſim fazer mais deſembaraçado os miniſterios da Companhia.

13 Offereceraõlhe boas couſas de prezente, o Padre as naõ quiz aceitar, como coſtumou fazer ſempre. Divulgouſe eſte caſo na Cidade, & todos ſe edificaraõ muyto. Aſſim por occaſiaõ deſtas amizades, como pella fama, que do Padre havia, pello muyto, que em outras partes tinha obra-

obrado, concorreo eſta quareſma, a ſe confeſſar com elle gente ſem conto, por terem niſſo eſpecial devaçaõ. Succedialhe eſtar confeſſando todo o dia athe hora, & meya da noite. Sendo que os nobres ſenaõ confeſſavaõ outros annos em o Collegio, agora ſe vieraõ confeſſar com o Padre grande numero delles, como Capitaens, officiais de guerra, & outros. Tudo quanto Deos por elle obrava, attribuia às oraçoens dos outros Religioſos da Companhia, dizendo, que elle era nada, & huma pobreza.

14 Tambem nas cartas, que deſtas emprezas fez, ſegundo a ordem da Companhia, diz que calla outras couſas por tocarem em ſua peſſoa; porque quanto podia; nas cartas ſó eſcreveo, o que baſtava pera a edificaçaõ cõmua, conforme a vontade da obediencia, que manda eſcrever eſtas cartas, callando muyto, do que era eſpecialmente honra ſua.

15 Antes que a narraçaõ com o Padre Pedro Tavares ſaya de Angola, quero aqui eſcrever algumas couſas, que o meſmo Padre deyxou apontadas como additamentos à larga carta, que deſta materia eſcreveo. Conto, diz o Padre, o modo com que enſinava os negros, tomando-o do Apoſtolo Saõ Paulo, que chorava, com os que choravaõ, & com os que ſe alegravaõ, ſe alegrava, levando a cada-hũ pello ſeu erro. Saõ eſtes negros de ordinario muy alegres, & mais alegres ficavaõ, com eu me moſtrar com elles tambem alegre.

16 Fingia com a bocca certo ſom de viola, de que elles notavelmente ſe pagavaõ, & cõ elle dançavaõ logo. Iſto feito de entrada, ſeguiaſe o cantar, o que eu fazia com elles, cantando a ſancta doutrina na ſua lingua. Eſta muſica acõpanhava eu ſempre com os trincos dos dedos a modo de inſtrumentos, o que elles aceitavaõ com grandiſſimo goſto, & por iſſo me acompanhavaõ, & ſeguiaõ com tãto numero.

17 Eſtas traças de trazer a ſi as almas com modos ſemelhantes nos enſinou o S. Xavier, que cõ as laranginhas, que lançava ao ar huma a pos outra, ſem lhe cahirem nunca da meſma maõ, convocava gentios ſem conto, pera ouvirem a doutrina do Ceo. Com a minha traça me ſuccedeo tambem, que vinhaõ à doutrina milhares, & milhares de almas, ſem a qual naõ vieraõ, antes fogiraõ.

18 Teve grande modo, assim mesmo, pera que os negros, que eraõ linguas, ainda nos perigos o naõ desemparassem, sendo os mais delles empreſtados. Fazialhes bom trato comendo igualmente a farinha com elles no mesmo cesto, em que hia. O que mais estimavaõ, era verem, que pellos naõ cansar, hia ordinariamente a pé, & naõ na rede às suas costas, o que tambem fazia, por hirem descançados, pera ensinarem, porque de outro modo esta gente se costuma amuar, & emperrar, & nada querem fazer.

19 Os perigos de que Deos nestas viagens o livrou foraõ sem conto. Estando jantando pello meyo dia com doze negros debaixo de huma arvore, se veyo meter no meyo delles o jumento, que levavaõ, tremendo, & com o cabello enrissado. Logo disseraõ os negros, isto he leaõ, naõ temas Padre; armaraõse com as frechas, & traçados, q̃ todos levavaõ por causa dos bichos. Subio logo hum sobre huma arvore a vigiar o campo. Vio hir o Leaõ junto a hũ ribeirinho, & naõ deceo athe o naõ perder de vista.

20 Pondo diante de si o jumento todos comessaraõ a correr pera hum lugar, que distava legoa, & meya, onde chegaraõ assados da calma, & lançando as almas pella boca, & diz o Padre, que quando ouvira dizer ser Leaõ ficara como criança tremendo, & branco como neve, & que lhe naõ lembrava fazer actos de contriçaõ, por estar muy perturbado, & que se vira diante de si o Leaõ, morreria de pasmo, & que os negros, por lhe darem animo, se mostravaõ com elle.

21 Outra vez indo pera o Dongo por hũs matos, passou por entre os Leoens, que nelles estavaõ escondidos, sentiose o cheiro taõ vivo, que por huma parte enjoava, & por outra fazia irriçar todo o corpo. Passaraõ todos taõ perturbados, que naõ davaõ fé de nada; o Padre teve a especial favor de Deos, naõ serem sentidos, porque quanto entendiaõ pello fartum do cheiro, os Leoens estavaõ muyto perto. Outras vezes o livrou o Senhor do perigo dos Ellefantes, & conta, como os vira deitados, & alevantarse, contra o que alguns escrevem deste animal, de quem dizem, que nunca se deita, porque se naõ podem levantar.

22 Ha nestes rios Crocodilos, a que lâ chamaõ lagartos da grossura de huma pipa, que a cada passo fazem preza na

za na gente, & atravessando o Padre tantas vezes os rios, nunca destes monstros recebeo mal, como nem dos Cavalos marinhos, que saõ taõ furiosos, que às vezes viraõ as embarcaçoens. Indo prender hum feiticeiro caminhou por serras taõ ingremes, que hia, como dizem de gatinhas, tẽdo maõ nelle dous negros, hum de hũa parte, outro de outra, por naõ cahir, & se despenhar em hum rio grande, q corria no fundo da serra.

23 Em outra occasiaõ, por naõ serem avizados certos negros feiticeiros, que moravaõ junto às nossas cazas do Bengo, aquem o Padre queria prender, esteve huma, ou duas noites em pé vigiando no meyo de huns milhos de altura de meya lança, onde eraõ infinitos os mosquitos, & outros bichos. A noite, que ouve de os prender, contou ao Irmaõ seu companheiro a vigia, que sobre os negros tinha feito, o Irmaõ que tinha de Angola vinte annos, lhe estranhou expor se a perigo de ser alli comido de Tigres, & outras feras, no que o zelo de atalhar o mal, lhe naõ fez advertir.

24 O que foi pera elle de summa consolaçaõ, he, que indo por hum dezerto, em que naõ havia povoado, se naõ distancia de quatro legoas, & lugar onde eraõ muytos os Leoens, & outras feras, achou na estreiteza do caminho hũ negrinho morrendo, ao parecer teria oito mezes, tinha os pezinhos atados a huma mouta, bautizouo, & logo morreo, como quem, parece, naõ esperava outra cousa. Que criança taõ feliz? Só por esta consolaçaõ dava o Padre por bem empregados, & bem pagos todos os seus trabalhos. Agora continuemos com sua despedida de Angola, & a viagem pera o Reyno.

CAPITULO XII.

Como se partio de Angola, & do mais que obrou athe sua sancta morte.

1 ANdando o Padre de febres, que muyto o molestavaõ, de hum dia pera outro foi avizado pello Padre Reytor, pera voltar ao Reyno. Sabendose na Cidade, foi inexplicavel o sentimento. Em vinte, & quatro de Mayo

de mil seiscentos trinta, & quatro, o acompanharaõ os nossos Padres athe a praya, & hum grande numero de gente chorando muytas lagrimas. Deixou elle entrar primeiro os Padres todos no barco, & ficou só na praya, vendo a muyta gente, que o seguia, disse em voz alta, & chorãdo, que se ficassem cõ a paz de Deos, & lhe perdoassem, se em alguma cousa os tinha agravado. E porque daquelle Reyno, onde estivera sinco annos pouco mais ou menos, sómẽte levava pellos servir, & a seus escravos, por premio a pelle sobre os ossos, era rezaõ, que beijasse a terra; entaõ pondose de joelhos a beijou com a boccá.

2 Hia o navio buscar o rio de Janeiro. Nelle hiaõ quinhentas, & noventa pessoas, quasi todas gente preta. Desres adoeceraõ quatrocentas, & tantas pessoas. Diz o Padre, que nunca vira tamanho desemparo. Os negros hiaõ mal cubertos, porque os senhores lhe naõ davaõ mais que huma pequena esteira, que servia de vestido, & cama, que esta brevemente se acabava, & assim ficavaõ sem nada sobre o corpo dormindo como animais. Vinhaõ todos como em pinha huns sobre outros.

3 Os Senhores, em adoecendo os escravos, os desemparavaõ, outros, por se verem livres da molestia, & roim cheiro dos negros, meyos vivos os lançavaõ ao mar. Ouve senhores taõ inhumanos, que quando os escravos estavaõ doentes, porque naõ comiaõ hũ triste boccado de farinha de pao, & alguma sardinha salgada, os mohiaõ crueliſſimamente com calabres. Naõ sofrendo o Padre ver tais tiranias, algumas vezes no convés da nao com hum Christo nas maõs prégou contra estas deshumanidades, em que ouve emmenda. No rio de Janeiro fez castigar a hũ q às escondidas do Padre tinha morto dous negros, por naõ poderem comer.

4 Morreraõ cẽto, & trinta & tãtos, & se naõ fora a diligencia, que poz o Padre, todos morreriaõ, naõ obstante vir taõ fraco, que quasi se naõ podia ter em pé, & naõ poder andar pella nao assim por causa da muyta gente, como da pouca limpeza, que nella havia. Vem muytos destes negros duzentas legoas da terra a dentro, tanto que chegaõ, os bautizaõ, & metem em o navio, se está pera se fazer à vela. Nestes tranzes da morte, diz o Padre lhe custava gotas de sangue, cathequizalos conforme o aperto, pera

sabe-

ſaberem, em que ley morriaõ. Quye hora, em que eſtavaõ pera morrer ſobre o convès ſeis juntos, era neceſſario ao Padre, pera os ajudar a bem morrer, & confeſſar, cobrilos com as abas da ſua roupeta, por attentar à modeſtia.

5 O maior trabalho, que tinha, era, quando decia à ultima cuberta a confeſſar, os que eſtavaõ pera morrer, o mao cheiro, & quentura naõ eraõ alli ſofriveis. Eſtes da ultima cuberta ſaõ os mais valentes, que vaõ prezos, por ſe naõ levantarem com o navio, como ja ſuccedeo. Em alta voz diſſe por vezes, que tanto que algum negro eſtiveſſe mal, ou foſſe de dia, ou de noite, o chamaſſem, pera o hir confeſſar; que aquem o avizaſſe, convidaria com parte da ſua porçaõ, por naõ trazer de Angola outra couſa das muytas, que lá lhe davaõ.

6 Advertio aos ſenhores, que tinhaõ obrigaçaõ de o chamar, pera lhes confeſſar os ſeus eſcravos. Aſſim com os aviſos do Padre, como por elle andar eſpreitãdo as occaſioens, ſe fez a Deos muyto ſerviço. Huma tarde cahindo ao mar hum negro; ninguem do navio tratou de o ſalvar; vẽdo o Padre tanta deshumanidade, gritou com o Chriſto na maõ, que deitaſſem o batel fora, & o foſſem recolher, que elle ſatisfaria o trabalho. Reſponderaõ os marinheiros, q̃ alem de eſtar o batel cheyo de lenha, & caixas, eſtava deſcalafetado, & fazia muyta agoa. Tanto os importunou, athe que lançando o batel fora, ſeis valentes homens o foraõ recolher diſtando como meya legoa do navio, mas por ſaber nadar, & o mar eſtar quieto, ainda andava vivo. Convidou os marinheiros, curou o negro, o qual viveo. Todos louvaraõ muyto a caridade do Padre, que foi o remedio do navio em todo o tempo da navegaçaõ.

7 Chegados ao rio de Janeiro ſe encheo a terra da fama do Padre Tavares, contava a gente do navio, o nome, que tinha em Angola de ſancto, & incanſavel no bem das almas, quanto obrara na viagem. Naõ lhe faltou logo materia de moſtrar ſeu zelo em hum ſarampaõ peſtilencial, q̃ durou alguns quatro mezes. Todos o chamavaõ, pera ſe confeſſar com elle, em eſpecial acodia aos miſeraveis negros, como mais deſemparados.

8 Os prezos da cadea mandaraõ pedir por alguns homens graves ao Padre Reytor do Collegio, lhes deſſe ao Padre Tavares por protector de ſuas cauſas. Como tardaſſe em

ſe em deferir, fizeraõ o requerimento por petiſſaõ. Viſtas tantas importunaçoens, lho concedeo o Padre Reytor; & correo com eſtes miſeraveis, quaſi todo o tempo, que alli ſe deteve. Davaõlhe muytas eſmolas, pera acodir a neceſſitados. Succedeolhe pedir quatro patacas, & darenlhe vinte, & diz o Padre que alli ſe eſtimava em pouco o dinheiro, & ſe dava com liberalidade.

9 Tambem fez huma pequena miſſaõ nos matoõs fora da Cidade, na qual teve noticia como certo homem honrado, por viver mal com ſuas eſcravas, naõ fazia vida com ſua molher, ainda que a tinha em caſa. Falloulhe á cerca de ſua ſalvaçaõ. Reſpondeo, Padre no que toca a minha ſalvaçaõ, ſe naõ canſe, que naõ ha que fazer diſſo caſo. Diſſelhe, que naõ deſconfiaſſe, que Deos era pay, & a qualquer hora, que o peccador ſe arrepende lhe lança os braços: tanto lhe ſoube dizer neſta materia, & Deos poz tal força em ſuas palavras, que o homem entrou em ſi, lançou fora de caſa as roins occaſioens, & dalli por diante fez vida com ſua molher. Dava elle ao Padre huma grande eſmola de aſſucar, por ſer muy rico, porem nada lhe quiz aceitar.

10 Em dezoito de Março de ſeiscẽtos trinta, & ſinco, ſe embarcou pera Lisboa, ſem trazer conſigo mais que hũ idolo dos de Angola pera o Padre Diogo Monteiro. Em altura da fóz do Mondego ſe deſcobriraõ ſeis velas, q̃ imaginaraõ ſer Mouros; puzeraõſe logo em tom de guerra. O Padre tomando o ſeu Chriſto eſtando no convés os exhortou, a ſe confeſſarem, pois entravaõ no perigo. Diſſo faziaõ pouco caſo, dizendo, que confeſſarſe, era dar moſtras de covardia; como o Padre entendeſſe eſta loucura, apertou mais com elles, naõ ſahindo da popa, & proa, onde eſtavaõ. Confeſſou a muytos aſſim como eſtavaõ em pé com as armas às coſtas. Avizinhandoſe as naos, que tinhaõ por inimigas, conheceraõ, ſerem Amburguezas, ficaraõ muy alegres, vendoſe livres de tamanho ſuſto.

11 Entraraõ em Lisboa. O Padre Pedro Tavares foi mandado pera o Collegio de Evora, onde o reſpeitavaõ como a ſancto, porq̃ toda a provincia eſtava chea do muyto, que obrara na miſſaõ de Angola. No confiſſionario era incanſavel. Depois eſteve em Braga, em Saõ Fins, outra vez em Braga, em Bragança, & finalmente na Cidade do Porto.

12 Era

12 Era muy affavel, por eſta benevolencia em todas as partes, onde eſteve, a gente o buſcava, pera ſe confeſſar com elle, aſſim pequenos, como grandes. Quando de Braga foi pera Saõ Fins ſentindo a Cidade ſua falta, fez a Camara hũa carta ao Padre Provincial, pedindo lho reſtituiſſe, porque neceſſitava delle. No Porto o pediraõ os prezos por ſeu procurador. Aqui lhe aconteceo hum lanço digno de ſeu grande fervor. Vindo no veraõ da quinta em hum barco encontrou outro, em que vinha hum cego, o qual ſe paſſou ao barco, em que eſtava o Padre. Chegaraõ a Saõ Nicolao, indo o cego a ſahir pera fora, cahio no rio, que alli terá como finco braças de altura. Vendo eſta diſgraça, veſtido, & calſado ſe meteo no rio, & poz o cego em ſalvo, o que ſe teve por couſa extraordinaria, ſendo tanta a altura do rio. Aſſim paſſado da agoa veyo pera o Collegio, onde eſteve tres dias na cama tremendo com frio, & vomitando agoa.

13 Tambem acho eſcrito, que eſte Padre fora muy perſeguido, mas que tudo levara com grande paciencia. Viſitando no anno de 1654. o Padre Briſacier o Collegio do Porto, o Padre Joaõ Pomerul ſeu companheiro pedio pera ler a carta da miſſaõ, que o Padre Tavares fez em Angola, tendoa lido, diſſe, que mais eſtimara ter feito ſemelhante empreza, q̃ ter enſinado todas as cadeiras de Theologia, & alcançado todos os doutorados.

14 Huma couſa foi muyto de reparar, que deſtroçando em Angola tantos idolos, entre infinitos barbaros, nunca ſe atreveraõ ao matar; ſendo aſſim, que muytas vezes tomaraõ as armas, pera o fazer; mas ſempre Deos lhe atou as maõs; & elles parece, temiaõ lhes vieſſe mal, ſe o mataſſem, pois o ſeu idolo o naõ podia empecer, & quem lhe dava poder contra os ſeus deoſes, caſtigaria aquem o offendeſſe. Finalmente cheyo o Padre Pedro Tavares de merecimentos acabou eſta vida com ſancta morte no Collegio do Porto aos quatorze de Dezembro de mil ſeiscentos, & ſetenta. Era Coadjutor eſpiritual formado; bem pode ſervir aos do ſeu eſtado de exemplar na perfeiçaõ, que nelle ſe profeſſa. Eſta vida recolhi dos documentos, que deſte Padre ſe conſervaõ no cartorio de Coimbra.

C A

CAPITULO XIII.

Vida do Padre Antonio de Lemos.

Coimbra 9 de Agosto de 1649.

1 NAceo o Padre Antonio de Lemos em Villanova à quem do rio Douro junto da Cidade do Porto, seus pays se chamaraõ Pedro do Couto, & Maria de Lemos. Nos annos da meninisse ficou por orfaõ de pay em companhia de sua may, que era muy pia, & virtuosa, & de hum seu tio, Sacerdote de vida exemplar. Os costumes destes se infundiraõ no menino Antonio. De noite se levantava a rezar, naõ se entretinha nos desenfados, em que os da sua idade gastavaõ os annos. Todos os dias ajudava à Missa a o tio, donde ficou por toda a vida grandemente affeiçoado ao Divinissimo Sacramento, & mysterio do sacrificio do altar.

2 Depois de saber os principios da gramatica, entrou a continuar nos estudos do nosso Collegio, que na quelle tempo começavaõ. Nelle se viraõ grandes mostras de habilidade, & innocencia de costumes junta com tanta modestia, que o Mestre, & todos os condiscipulos o amavaõ. Especialmente o estimava Dom Joaõ de Sâ, que depois foi Camareiro môr, o qual sempre na classe o queria ter junto de si.

3 Ouvio elle dizer a huma pessoa pia, que quem quizesse ser Religioso, rezasse o officio da Senhora, & que dẽtro de hum anno teria o despacho da sua pertençaõ, logo se confertou com outro estudante, a fazerem ambos esta devaçaõ. Antes de acabar o anno, o outro tomou o estado de Religioso, & Antonio de Lemos foi recebido na Companhia. Mandaraõ-no ter seu noviciado em Lisboa, nelle entrou aos tres de Junho de mil seiscẽtos, & trinta, & dous. O seu natural era taõ acomodado pera a virtude, que nenhum exercicio della lhe era penoso.

4 Succedeo daremlhe pera Instrutor hum Noviço, q̃ o exercitava em muytas cousas extravagantes; dellas foi huma, mandalo estar debaixo dos bancos do coro, as outras eraõ desta feiçaõ. Todas compria sem hum ponto se desviar de taõ imprudentes obediencias. Advertiraõ alguns

guns no exceſſo, deraõ conta ao Padre Meſtre, o qual moderou tudo, como pedia a rezaõ, ficando muy edificado da paciencia do Noviço, que nem huma ſó palavra tinha dito das mortificaçoens, que de continuo ſe lhe faziaõ.

5 Procedeo no tempo do Noviciado como hum Anjo. Depois ſendo mãdado eſtudar ao Collegio de Coimbra, tomou por empreza naõ afroxar na virtude. Eſcolheo por exemplar de ſua vida ao Beato Luis Gonzaga. Pedio, ter no ſeu cubiculo a vida do Sancto: quanto com a liçaõ della ſe afervorava declara em hum ſeu apontamento por eſtas palavras. *Alcancei por experiencia, que pera lançar fora a tibieza, com que ando algumas vezes no ſerviço de Deos, he grande remedio, retirarme mais do coſtumado por eſpaço de duas, ou tres horas de oraçaõ; & primeiro, que tudo ſerà proveitoſiſſimo, & pera mim mais provavel remedio, dar huma hora, ou duas a alguma liçaõ devota do teſtamento novo da vida, que Chriſto noſſo Redemptor fez, quando andou neſte mundo, & he neceſſario ſer com grande attençaõ, & ſoccego da alma, meditando, & deixandome penetrar, do que ler.*

6 *O que muytas vezes me moveo, & lançou fora a tibieza, foi a vida do Angelico Irmaõ meu o Beato Luis Gonzaga, em cuja liçaõ tive ſempre grandes abalos, & impulſos vehementes pera imitar ſuas admiraveis virtudes, & tambem muytas conſolaçoens, & lagrimas.* Athe aqui as ſuas palavras. Procurou taõ deveras imitar as virtudes deſte ſancto, que no Collegio o chamavaõ, o Beato Luis do Recolhimento.

7 Excepto nas occaſioens preciſas, eſtava ſempre metido no ſeu cubiculo. A guarda das regras era exactiſſima. Naõ dizia ſe naõ alguma palavra neceſſaria, & eſſa havia de ſer em latim, por ſe naõ deſviar da regra dos eſtudantes. No tempo dos repouzos, & recreaçoens naõ era retirado, mas fallava com ſeus Irmaõs, ſempre de praticas muy ajuſtadas, ſem dizer zombarias, & ja os mais ſabiaõ, que eſtas naõ corriaõ onde elle eſtava fallando. Na ſua compoſiçaõ exterior dava a entender, que ſempre andava recolhido com Deos. Diziaõ delle os eſtudantes ſeculares, que vello hir pello patio, ou pellas ruas, movia a reſpeyto, & devoçaõ.

8 Era notavelmente fervoroſo em pedir penitencias,

naõ excedendo neſtas, o que lhe conſentia a obediencia. No comer foi muy parco em eſpecial depois de Sacerdote; à noite ſó comia paõ, & alguma maçãa, ou couſa ſemelhante. Em todos os annos do Recolhimento naõ acharaõ nelle falta os Superiores, porque mereceſſe qualquer leve penitencia.

9 Por ſer taõ edificativo, depois de acabar o tempo do Recolhimento, ficou morãdo entre os daquelle eſtado, & ſó lhe ſervia, o poder ſahir, daquelle retiro, pera hir muytas vezes, como fazia, viſitar o Sanctiſſimo Sacramẽto, gaſtando diante do Senhor muyto tempo de joelhos. Fizeraõ obſervaçaõ os ſeus condiſcipulos no curſo aſſim os de caſa, como os de fora; que nunca lhe ouviraõ palavra deſneceſſaria, & as neceſſarias ſempre eraõ em latim, que naõ lhe viraõ levantar olhos, ſe naõ ſendo neceſſario. Aſſim os Padres graves, como ſeu Meſtre, por ſaberem o ſeu coſtume, & o ajudar com ſeu exemplo, lhe reſpondiaõ tambem em latim, quando elle lhes fazia alguma pergunta.

10 Na pobreza era taõ meudo, como o pede eſta virtude, couſa nenhuma por minima, que foſſe, pedia, ou dava ſem licença. Naõ tinha livro algum ſeu, nem premios. Se lhe eraõ neceſſarias quatro veronicas pera as doutrinas, com a confiança de filho as pedia aos Superiores. Em todo o tempo, que eſtudou Philoſophia, taõ pouco ſe lhe vio falta, por onde mereceſſe penitencia. Eſtas fazia no modo que diz a regra, que he por falta de guardar as regras, pera com eſta ſogeiçaõ moſtrarem os Religioſos o cuidado, que tem da obſervancia, & do ſeu aproveitamento.

11 Chegando o tempo de ſer Meſtre, foi avizado pera enſinar a nona do pateo de Coimbra; mas depois de algũs dias o tornou a chamar o Superior, dizendolhe, fora engano, & aſſim, que havia de ſer a decima. Recebeo eſte ſegundo aviſo, com muyta alegria, reſpondendo, que nem aquella merecia, que em todas ſe podia ſervir a Deos, & à Companhia. Leo a decima, & no ſegundo anno a oitava, & no terceiro foi a quarta, continuou athe ler primeira no ſexto anno. No ſetimo foi enſinar a primeira dos eſtudos do Porto.

12 Em todas eſtas claſſes foi muyto amado, & reſpeitado dos eſtudantes, porque diziaõ, que tinhaõ hum Meſtre ſancto, & ſabio com eminencia. Muytos delles movi-

dos

dos com as praticas ſanctas, que lhes fazia à ſeſta feira, deyxaraõ o mundo. Na explicaçaõ das liçoẽs metia por vezes couſas, & exemplos ſanctos, que eraõ de grande proveito, & o confeſſavaõ ſeus diſcipulos depois de ſerem Religioſos.

13 Em dar o ſeu voto, era muy conſtante, ou ſendo Meſtre, ou examinador, fazendo ſó cazo dos eſtatutos, & ordens de ſeus Superiores, & do que convinha aos diſcipulos. Na decima teve hum diſcipulo filho de hum fidalgo titular, como nem aviſos, nem palmatoria baſtaſſem ao meter a caminho deu conta a ſeus Irmaõs, que eſtudavaõ na Univerſidade; eſtes movidos das razoẽs do Meſtre, mãdaraõ hum ſeu veador, pera que ajudaſſe os guardas, & ao ſahir da claſſe, o deyxou ficar, foi muy bem açoutado, couſa, que ao eſtudante nem paſſava por penſamento.

14 Na primeira do Porto teve por diſcipulo hum eſtudante muyto nobre, o qual ſenaõ ajuſtava com a obrigaçaõ dos noſſos eſtudantes, de ſe confeſſar todos os mezes. Como o Meſtre ſempre no fim do mez via os eſcritos, dos que ſe tinhaõ confeſſado, & achaſſe eſte menos, depois de o avizar ſem proveito, lhe diſſe reſolutamente, que ou ſe avia de confeſſar todos os mezes, ou naõ avia de entrar na ſua claſſe. Elle ſe acomodou antes com a ſegunda couſa, & aſſim ſe foi dos noſſos eſtudos.

15 Se algum depois de avizado, que cortaſſe as gadelhas, o naõ fazia, o caſtigava bem, & ſenaõ punha logo emmenda, o naõ admittia na claſſe. Com os mais nobres era neſtas obſervancias mais tezo, porque com o exẽplo de hum deſtes todos os mais viaõ, que naõ avia, ſenaõ ajuſtar com os eſtatutos, que o Meſtre em ninguem ſofria o contrario. Quando entrou na claſſe do Porto, achou, que os eſtudantes naõ acompanhavaõ a ſancta doutrina, logo ſoube perſuadir, & obrigar os da ſua claſſe, & o meſmo por ſeu exemplo ſez o Meſtre da ſegunda, & aſſim ficou dalli por diante em coſtume.

16 No ſacrificio da Miſſa ſentia grande conſolaçaõ, de que eraõ bom indicio as muytas lagrimas, com que de ordinario o acompanhava, particularmente antes de receber o Senhor. As graças a Deos depois de celebrar, duravaõ ſempre por tempo de meya hora. Antes da oraçaõ de menhãa por eſpaço de hum quarto, vizitava a Senhora,

pedindo ſua interceſſaõ, pera ter a oraçaõ cõm fervor; tãbẽ à noyte depois de examinar a cõſciencia, gaſtava outro quarto em vizitar a Senhora na ſua capella. Sẽdo muy perſeguido do ſono, rogava ao eſpertador, que lhe deſſe luz mais ſedo, pera naõ faltar à quelle quarto, que antes da ſua oraçaõ tinha diante da Virgem Senhora. Da Immaculada Conceyçaõ da meſma Senhora foi ſingularmente devotó. Nunca deyxou de rezar todos os dias o ſeu officio, depois, que lho enſinaraõ em o Noviciado. Nas ſuas miſſoẽs, & peregrinaçoẽs encomendava aos ſeculares principalmente, aos que encontrava nas eſtradas, rezaſſem todos os dias nove Ave Marias à Senhora, pera que lhes alcançaſe de Deos boa morte. Algumas vezes depois de tempos lhe diziaõ alguns: Padre jâ outro Apoſtolo em tal dia, & em tal parte me enſinou eſta devaçaõ, & nunca mais me eſqueceo. Com ouvir iſto ficava muy contente, porque elle era o Apoſtolo, & naõ o conheciaõ.

17 Os tres annos, que teve de Theologo, morou no Recolhimento, algumas vezes ſervio de ſuſtituto do Miniſtro. Os Irmaõs lhe tinhaõ grande reſpeito, por verem o raro exemplo de ſua vida. Aos Superiores, & a ſuas ordẽs ſempre guardou muyto reſpeito, buſcava razoẽs, com que as deſculpar, & quando lhe naõ occorriaõ, dizia, que os Superiores tinhaõ grande trabalho, porque naõ podiaõ muytas vezes declarar as razoẽs de muytas couſas, que ſe as declaraſſem, naõ ſeriaõ julgadas por erros, mas por acertos.

18 Em hum papel dos ſeus ſentimentos eſpirituais ſe achou eſte: *Deume Deos a ſentir da obediencia, que quando os Superiores me mandarem alguma couſa, que me pareça ſobre minhas forças, ou que ainda dahi me vira algum dano eſpiritual, proporei depois de ter oraçaõ, & ſe comtudo me mandarem que execute, arremeterei com grande alegria, entendẽdo, que a obediencia faz milagres.*

19 O que tinha no ſeu papel, comprio à riſca. Eſtando hum Padre deſtinado, pera ir prégar a quareſma em Pinhel, que he villa populoſa, ſuccedeo naõ poder o Padre ir por embaraço, que ouve; hum dia antes de partir, avizaraõ ao Padre Lemos, que acodiſſe a eſta falta. Propoz ao Superior, dizendo, que era arriſcar o credito da Companhia, pois nem tinha ſermoẽs, nem apontamentos, & iſto naõ ſe po-

podia fazer em hum só dia, & pela huma villa pequena, donde se mandava dizer, que pello menos avião os Padres de prégar sinco vezes na somana; & que o companheiro naõ podia fazer muytos, sendo avizado só tres dias antes.

20 A esta proposta respondeo o Superior, que Deos o ajudaria; sem mais replica se foi por em oraçaõ, da qual sahio muyto animado. Déos o ajudou de sorte, que dizia a gente, que parecia hum homem cheyo de espirito sancto; & dahi a tempos, quando alguma pessoa de Pinhel encontrava em outra terra algum da Companhia, logo lhe perguntava, pello sancto Padre Antonio de Lemos, que assim o nomeavaõ.

21 Nos dias sanctos partia sedo do Collegio de Coimbra, & hia fazer doutrinas pellos lugares do termo. Depois se assentava no confessionario a recolher o fruto, & nelle gastava o dia, athe ver, que já naõ tinha, mais que o tempo necessario, pera chegar, a caza, antes de se fechar a noyte. Em nenhuma parte admittia o jantar, que lhe offereciaõ, & assim vinha à noyte jantar a caza, depois de andar a pé tres, & quatro legoas. Chegando tres peregrinos nossos à Igreja de Travanca, o mesmo foi velos o Prior della, que lembrarlhe o Padre Antonio de Lemos, & começar a chorar dizendo: Ah meu sancto Padre Antonio de Lemos, que tantas vezes aqui vinha, & logo tomava à noyte sua disciplina, & se levantava de madrugada a rezar seu officio, ter sua oraçaõ, dizer a sua Missa, logo se punha no confessionario gastando nelle todo o dia, & grande parte da noyte, sem o poder tirar delle, senaõ a tempo, que prégava; & tomava sua refeiçaõ. Ay Padres, quam magoado estou, que me disseraõ, que desta Igreja foi pera a enfermaria do Collegio, onde morreo o meu sancto.

22 Assim tinha succedido, como o Prior se doya; mas cuidouse, que a doença se lhe pegou de ouvir de confissaõ na enxovia a hum prezo enfermo de febre maligna. Vindo de Travanca disse, que se achava mal, mas que primeiro, que fosse pera a enfermaria, avia de dizer Missa, como fez, & com mais detença, que as outras, como se o coraçaõ lhe disesse, que avia de ser a ultima.

23 No terceiro dia mandou chamar o Prefeito, & ministro do Recolhimento, & lhes disse, que lhe perdoassem o mao

o mao exemplo, que dera no Recolhimento, onde aquelles tres annos morara, & que da ſua parte lhe pediſſem o meſmo perdaõ aos Irmaõs; em particular lhe perdoaſſem o indiſcreto zelo, com que os tratara ſendo Miniſtro, que era falta de prudencia, & que o meſmo perdaõ pedia aos que já tinhaõ acabado o Recolhimento, & eſtavaõ no Collegio: que ſe ficaſſem com Deos, que elle ſe partia deſte mundo, pera dar conta ao meſmo Senhor, & aſſim neceſſitava de Miſſas, & oraçoẽs, que pedia, lhe fizeſſem por amor do meſmo Deos.

24 Confeſſouſe geralmente muy de eſpaço, reconciliouſe muytas vezes. Naõ queria, que lhe fallaſſem ſenaõ de Deos. Pedio o Sancto Viatico, & extrema-unçaõ, que recebeo com grande devaçaõ, enternecendo, aos que aſſiſtiaõ. Neſtes dias da doença ſe deyxou ver mais, quam habituado eſtava nas virtudes. Viaſe nelle, quando ardia em febre, a meſma modeſtia, & quietaçaõ, com que ſempre edificara, quando tinha ſaude.

25 Sendo muy repetidas, & violentas as medicinas, a nenhuma moſtrou repugnancia. Nos quatro, ou ſinco *dias* ultimos, em que delirou, ſevio bem o habito, que adquirira na ſancta obediencia, porque nos meſmos frenezis em lhe dizendo, que o Padre Reytor lhe mandava, que comeſſe, ou que ſe calaſſe, logo o fazia. Nos delirios as ſuas lidas de ordinario eraõ dizer, que accendeſſem as velas, q̃ queria dizer Miſſa, que ſe queria levantar, porque ouvira tanger à oraçaõ, & queria ter a ſua hora. Era couſa de reparo, que naõ fallando a propoſito em outras materias, ſe lhe apontavaõ a *Ave Maria*, ou o verſiculo, *Maria Mater gratiæ*, continuava athe o fim. Outras vezes fallava bayxo, & ſó ſe lhe entendiaõ algumas palavras do officio divino. Finalmente acabou ſua ditoſa vida no Collegio de Coimbra aos nove de Agoſto de mil ſeiscentos quarenta, & nove, deyxando em todos grandes ſaudades de ſua vida em *tudo* amavel. Suas virtudes deyxou eſcritas o veneravel Padre Affonſo de Caſtilho, cujo manuſcrito ſe guarda no cartorio do Collegio de Coimbra.

CA-

Digitized by Google

CAPITULO XIV.

Vida do Padre Ruy de Mello.

1 A Reſoluçaõ de ſervir a Deos nos apertos da Religiaõ, tomada por hum homem illuſtre, & rico, quãdo jâ tem annos de viver no mundo em cargos honroſos, he per ſi huma obra taõ valente, que denota graça eſpecialiſſima de *D*eos, com tal aſſiſtio ao Padre Ruy de Mello. Eſte fidalgo ſegundo tem o livro das entradas dos Noviços de Lisboa, era natural da cidade de Elvas, ſegundo a carta Annua do anno, em que morreo, era da villa de Beringel no Arcebiſpado de Evora. Seus pays, que eraõ por ſangue muy illuſtres ſe chamavaõ Luis de Mello da Silva, & dona Antonia da Silva. O pay era dos Alcaydes mores de Elvas, & Condes de Olivença, a may era irmaã do Conde do Prado, & ſua herdeira, & Ruy de Mello filho unico. *Lisboa 13. de Fever. 1663.*

2 Os annos da puericia viveo em Madrid ſervindo à Princeza dona Margarida de Auſtria. A penas tinha quatorze annos de idade, quando paſſou a Tangere, cidade entaõ dos Portuguezes na Africa, pera militar contra os Mouros. Entre a liberdade de ſoldado conſervou ſempre ſingular bondade de coſtumes, a qual guardou por alguns vinte annos, que militou nas armadas de Caſtella, & Portugal. Julgava os vicios por couſa indigna da nobreza. No tempo, que as armadas invernavaõ, o ſeu divertimento, era a caça, aqual mandava repartir aos pobres. Succedeo por eſte tempo a morte inſperada de hum fidalgo parente ſeu, & muyto do ſeu agrado, teve tanto diſſabor, que perdeo em grãde parte a afeiçaõ a eſtas couſas, q̃ acabã; & entrou conſigo em penſamentos de ſe fazer Religioſo da Companhia, na qual via ainda muyto do ſeu primitivo eſpirito. Interrompeo eſtes penſamentos a promoçaõ de Dom Affonſo de Noronha ſeu tio.

3 Fora eſtè fidalgo eleito Viſo-Rey da India, & Ruy de Mello o quis acompanhar, como a tio ſeu. Na India o fizeraõ Governador de Ceilaõ: todos tinhaõ por certo ſuccederia no viſoreynado a ſeu tio Dom Affonſo. Navega-

va

va na armada de Ruy de Mello o Padre Pedro Morejou da noſſa Companhia Procurador de Japaõ, homem de grande virtude, teve com elle Ruy de Mello eſpecial amizade, & movido de ſuas ſanctas praticas ſe lembrou dos ſeus antigos penſamentos de entrar na Companhia, & prometeo ao Padre, de aſſim o fazer, ſe acazo lhe naõ vieſſe algum cargo, do qual foſſe deſcredito de ſua peſſoa, retirarſe, & por entaõ recolherſe a fazer vida Religioſa.

4 Voltando a Portugal comprio ſeus propoſitos, entrou na Companhia em Lisboa aos tres de Fevereyro de mil ſeiſcentos, & vinte tres, tendo trinta, & quatro annos de idade, & ſendo Commendador de Sancta Maria de Azevo no termo de Pinhel. Por naõ ſaber latim, queria entrar pera Irmaõ Coadjutor, porem vendo os Superiores as calidades, que nelle concorriaõ com a capacidade, & bom ingenho, que tinha, o admittiraõ pera eſtudante. Quando entrou diſſe hum fidalgo, que governava entaõ o Reyno, que ſeguro eſtava nem de deyxar a Companhia, nem de nella proceder mal. Sendo ainda Noviço foi mandado a Barga, onde eſtudou latim, & Philoſophia, depois eſtudou Theologia, & foi feito profeſſo de quatro votos. O ſeu principal cuidado foi ſempre tratar da perfeiçaõ, & ſer nas ſuas conſtituiçoẽs obſervantiſſimo.

5 Na humildade, tanto mais de louvar, quanto menos conhecida pella gente illuſtre, foi a todos exemplo raro. Quando pertendia, ſer admittido na Companhia, vendo, que o hiaõ detendo, rogou, que o aceitaſſem, mas que foſſe pera Irmaõ leigo. Em Lisboa hia por vezes por companheiro do comprador, & trazia a ſeus hombros, o que ſe comprava pera o provimento de caza, paſſando por diante dos fidalgos, com quem tinha vivido. Sendo morador da caza de Saõ Roque, ſe algum Noviço lhe fallava de joelhos, elle ſe punha tambem de joelhos, pera ouvir, o que lhe dizia. Cuſtavalhe muyto fallar, & tratrar com gente illuſtre, pello tratarem às vezes com alguma cortezia, que reſpeitava a qualidade de ſeu ſangue.

6 Eſtimava os eſcravos de ſeus parentes como ſe foſſem os meſmos ſenhores; a eſtes ſó hia de ordinario buſcar, quando avia de acodir por alguma peſſoa pobre, & miſeravel. Indo fora athe aos Irmaõs coadjutores procurava levar à maõ direita. Dandoſelhe hũa arvore da genealo-

gia

gia da ſua familia, vendo o que era, ſe cobrio de péjo. Por vezes lhe mandou o Padre Geral Vicente Carraffa algumas patentes, pera ſer Reytor nos Collegios, ſempre ſe eſcuſou efficaſmente. Só foi dous annos Meſtre dos Noviços em Coimbra donde o mandou a obediencia à Miſſaõ do exercito, naqual aproveitou muyto os ſoldados com obras, & palavras ſanctas. Fazendoo conſultor da Provincia, ſe eſcuſou, achacando a falta de ouvir, ainda, que naõ era tanta, que naõ pudeſſe fazer aquelle officio.

7 No comer foi parciſſimo, a penas tocava carne, peyxe nunca o comia, nem bebia vinho. O ſeu ſuſtento de cada dia a penas pezava quatro onças, o ſeu dormir, quãdo muyto eraõ quatro horas. Todos os dias ſe açoutava aſperamente. Foi homem de eſtremada caridade com enfermos, & ſaõs. Procurava dar goſto a todos, por iſſo em Saõ Roque todos concorriaõ a elle, pera os acompanhar, quãdo queriaõ ir fora. Sendo que niſto tinha repugnancia, nunca a moſtrava; athe que os Superiores, ſabendo quanto nesta parte ſe vencia, reſpondiaõ, aos que o pediaõ por companheiro, que ſó o dariaõ, pedindoo o Padre Ruy de Mello; deſte modo ficou deſobrigado deſtas repetidas importunidades. Aborrecea, & fogio ſempre da ociosidade. De ordinario dizia a primeira Miſſa. Depois tinha de joelhos a ſua hora de oraçaõ na Igreja, ſem aver nẽ inclemencias do inverno, nem achaques da velhice, que o tiraſſem deſte rigor. A pobreza foi rara neſte Religioſiſſimo Padre; todas as ſuas riquezas eraõ quatro reziſtos de papel, em cujas margens tinha de ſua mãõ eſcritas muytas ſentenças, que lhe ſerviaõ, como de eſtimulo, & deſpertador pera o exercicio da perfeiçaõ. As ſuas contas eraõ daquellas, que repartimos aos meninos da doutrina. Entrando huns Cõdes no ſeu cubiculo, vendo a grande pobreza, que nelle hia, diſſeraõ huns pera os outros, iſtó he cella de homem ſancto.

8 Nas couſas de obediencia aſſim ſe acomodou, como ſe de menino ſe criara na Religiaõ. Na pureza parecia Anjo, fogia muyto de falar com molheres, & ainda de ouvir as ſuas confiſſoẽs. Do confeſſionario ſenaõ levantava, em quanto avia penitentes. De noyte, & de dia o achava o porteiro ſempre muy prompto pera eſte miniſterio ou em caza, ou fora della. Nunca ſoube, que couſa era eſcuſarſe,

do que lhe mandavaõ fazer, salvo era em cousa, que fosse de honra sua. Era hum commum refugio de todos os miseraveis, por elles acodia nas suas affliçoẽs, por elles fallava, & só pera os abrigar, queria as valias da sua pessoa. Sendo homem no fallar discreto, & desenfastiado, se advertio, que da sua boca naõ sahio palavra picante, nem de que outros se pudessem offender. Com estas, & outras muytas virtudes ornou sua bemdita alma, & falleceo de huma febre maligna em a nossa caza de Saõ Roque. Notouse, que depois da morte ficou seu rosto muy agradavel. Foy enterrado em cayxaõ especial, por se attender assim melhor à sua virtude, digna entre os homens de outras honras maiores. Muytos diziaõ, depois de fallecer, que mais se a viaõ de encomendar a elle, do que encomendalo, & ajudalo com suffragios. Tal era o conceyto, que avia de sua sanctidade. Viveo setenta, & quatro annos, destes os quarenta viveo na Companhia. Foi sua morte em treze de Fevereiro de mil seiscentos sessenta, & tres.

9 Quero ajuntar o que Depois achei escrito por hum Religioso, que foi seu Noviço em Coimbra, que saõ cousas de exemplo muy singular. Sendo Mestre dos Noviços elle foi quasi sempre visitador à noyte, & de menhã esperta dor. Hia todos os dias ajudar a por a fruta, & paõ ao refeitoreiro, dizendo ser elle o seu companheiro. Por esta razaõ elle lançava toda a agoa no refeitorio, depois pergũtava ao Noviço, se tinha mais, que fizesse, que o naõ poupasse.

10 Todas as noytes enchia os lavatorios do Noviciado. Huma madrugada estando o Noviço esperando pera tanger a levantar, ouvio na sala grande reboliço, era o Padre Mestre que trazia duas quartas de agoa, & descansava. Perguntoa ao Irmaõ, que fazia alli, respondendo, que esperava a hora, lhe disse, que lhe ajudasse a levar as quartas, indo o Irmaõ pera o ajudar o naõ consentio, & as levou só.

11 Todos os dias, que avia peixe, elle era o primeiro, que hia a escama. Sendo hum Noviço notado de muytos defeitos pelos outros, disse o Mestre, que todas as faltas tomava sobre si, & se disciplinou a por vezes pello Noviço. Aos Irmaõs do Recolhimento se humilhava tanto, que parecia o animo delles.

12 Nun-

12 Nunca ſe lhe vio cama feita; a qualquer hora ou antemenhãa, ou depois de recolhidos os Irmãos, que ſuccedia irem ao ſeu cubiculo, ſempre o achavaõ ou rezando pellas contas, ou pello Breviario. Todos os dias ſe confeſſava.

CAPITULO XV.

Vida do Veneravel Padre Joaõ de Britto Martyr illuſtriſſimo das miſſoens de Madurê.

De ſeu nacimento, & educaçaõ athe entrar na Companhia.

1 O Veneravel Martyr o Padre Joaõ de Britto gloria ſingular da naçaõ portugueza naceo no primeiro dia de Março de 1647. em a Cidade de Lisboa. Seus pays ſe chamaraõ Salvador de Britto Pereyra fidalgo da caſa de ſua Mageſtade, o felliciſſimo Rey Dom Joaõ o quarto, do qual era Trinchante no tempo da ſua acclamaçaõ, a may Dona Brites Pereyra; eraõ eſtes fidalgos de Villa-viçoza, & na acclamaçaõ foraõ ſeguindo a Corte, como toda a mais fidalguia do Reyno, & com eſpecialidade os que eraõ do ſerviço da real caſa de Bragança, como era o pay do Padre Joaõ de Britto.

2 Teve ſua may o parto deſte filho ſem as ordinarias moleſtias, que neſtas occaſioens coſtumaõ padecer as mays; mas toda eſta felicidade, como ſuccede às outras, parou brevemente em triſteza, com deſfallecer tanto a criatura, que temendo naõ morreſſe ſem baptiſmo, lho deraõ antes dos oito dias; com a graça, que recebeo, cobrou alentos de vida, & ſe lhe fizeraõ na paroquia de Sancto Andre aos 29. pello Padre Miguel Paſtana Paroco della as ceremonias, que faltaraõ no baptiſmo, & ſe coſtumaõ fazer conforme as diſpoſiçoens da Igreja.

3 Ainda naõ tinha dous annos de idade, quando ſua Mageſtade mandou a Salvador de Britto por Governador do Rio de Janeiro; paſſados dous annos morreo no governo, ficando a may com tres filhos, dos quais o ultimo era o noſſo ditoſo Joaõ Heitor de Britto, que aſſim ſe chamava antes de entrar na Companhia, aquem naõ quiz Deos faltaſ-

ſe eſta prerogativa de ſer o ultimo, que o foi de muytos, q̃ o Senhor nas virtudes, & no ſeu agrado fez primeiros; & por naõ trazer exemplos alheios, que ha muytos; os ultimos de ſeus irmaõs foraõ noſſos grandes Padres, S. Ignacio, & S. Franciſco de Xavier. Em tendo uſo de rezaõ procurou ſua may, que era fidalga de muytas virtudes, & digna may de tal filho, que aprendeſſe, o que ſe enſina aos daquella idade: tudo aprendia, como os que bem o fazem; o natural era docil, o engenho dos que facilmente percebem aquillo, que ſe lhes enſina.

4 Viaſe nelle hum deſapego das vaidades do mundo, porque ſendo com ſeus irmaõs moſſo fidalgo, naõ tinha aquelle appetite de aſſiſtir em Palacio, que ſe via nos outros do ſeu tempo. Tinha onze annos, quando lhe ſobreveyo huma grave doença, nella recorria frequentemente à protecçaõ de S. Franciſco de Xavier, de quem ſe valia pera alcançar a ſaude: vendo a may eſtas ſuas anſias, penhorou ao Sancto com lhe prometer, que ſe alcançaſſe ſaude a ſeu filho, o havia de trazer hum anno veſtido com a roupeta da Companhia.

5 Ouvio o Sancto as oraçoens da may, & do filho; & ella cumprio a ſua promeſſa, veſtindo-o de Apoſtolo; annuncio, de que o havia de ſer de todo o Malabar; havia-ſe elle tambem com o novo habito, que naõ parecia trazello de empreſtimo. No dia da prociſſaõ das quarẽta horas, que ſe faz na Igreja da noſſa caſa de S. Roque, na qual por ſua piedade coſtumavaõ as peſſoas Reais levar as varas do pallio entre a demais fidalguia acompanhou a ſua Mageſtade el-Rey D. Affonſo o Sexto, & ao Infante D. Pedro, que depois foi Rey, o noſſo Apoſtolinho, em corpo, & ſem capa como he coſtume dos noſſos fidalgos neſtas funçoẽs: logo, que ouve de começar a prociſſaõ, em que vaõ os mais dos noſſos Religioſos, que ha em Lisboa, & todos os Noviços, tomou a ſua capa, que tinha na Sacriſtia de S. Roque, & com huma vela na maõ ſe foi meter entre os Noviços, pondoſe na modeſtia como ſe fora hum delles; acçaõ com que roubou os agrados, dos que o viaõ, & ſignificou o dezejo, que ja tinha de ſer hum delles.

6 Acabado o anno da promeſſa, deſpio a roupeta da Companhia, mas nem por iſſo ſe esfriou nos dezejos, que tinha de a tomar por toda a vida: começou com inſtancia a pedir,

Digitized by Google

pedir, ſer admittido na Companhia, conſeguio o deſpacho da ſua pertençaõ. Deu logo conta a ſua may pedindolhe o ſeu beneplacito, allegandolhe as razoens, que tinha pera tomar reſoluçaõ taõ ſancta. Em tudo veyo de boa vontade a virtuoſa Senhora, dando graças a Deos, por dar taõ boa inclinaçaõ a ſeu filho, q̃ ella queria foſſe todo de Deos. Sò lhe diſſe, que temia, lhe faltaſſem as forças pera poder com o trabalho, & applicaçoens ao eſtudo, que ſe naõ pode eſcuſar na Companhia. A eſta objeçaõ reſpondeo: que Deos, que o chamava, acudiria com as forças neceſſarias pera o ſeu ſerviſſo. Naõ faltou Deos a eſte dezejo, porque ſendo eſte ſancto homem de compleixaõ delicada, com a graça divina, ſe fez taõ forte, que aturou os trabalhos exceſſivos, que ſe veraõ pello diſcurſo deſta ſua vida. Ainda neſte tempo, que o aceitaraõ, naõ tinha a idade competente, pera entrar na Religiaõ, eſperou athe que ſe encheſſe. Antes, que o metamos em o Noviciado refiramos hũ como vaticinio, que ouve naquelle tempo, do ſeu martyrio. Nos deſenfados, que uſavaõ no Paço os da ſua idade; ou porque o habito de Apoſtolo, ou porque a bondade da indole fizeſſe ao noſſo Joaõ de Britto mais ſumiſſo, & comedido, ſe lhe atreviaõ mais os outros meninos fidalgos, & o enveſtiaõ muytas vezes; & por eſtas moleſtias que lhe davaõ, & ſofrimento, com que as coſtumava levar, por zõbaria, lhe chamavaõ o Martyr; eſte nome era, o com que entre ſi o nomeavaõ. Depois, quando veyo a nova do ſeu glorioſo martyrio, referiaõ iſto aquelles, com quem ſe tinha criado, admirando os profundos juizos de Deos, que tanto antes ſe explicara pella bocca daquelles meninos pera maior honra, & gloria deſte ſeu Martyr.

CAPITULO XVI.

De ſua entrada na Companhia athe partir pera as miſſoens da India.

TAnto, que fez idade, porque eſperava, deſpedindoſe de ſua may, acompanhado de ſeus dous Irmaõs Chriſtovaõ de Britto Pereyra, & Fernaõ Pereyra de Britto,

Britto, ſe foi ao Noviciado, que a Cõpanhia tem em Liſboa, no qual entrou aos 17. de Dezẽbro do anno de 1662. tendo 15. annos menos dous mezes, & alguns dias.

2 Era Reytor da caſa o Padre Franciſco Vittus, que lá no Ceo terá grande gloria de ter ſido Meſtre de tal Noviço: tomou dia de Natal a roupeta, & cõmeſſou os exercicios, em que os mais ſe occupaõ: pera credito de ſua virtude baſta dizer, q̃ foi verdadeiro Noviſſo da Companhia ſẽpre devoto, & fervoroſo. Pello Natal, em que toda a Cõpanhia neſta provincia, & mais em os Noviciados, moſtra a devaſſaõ, que tem a eſte myſterio, fazem muytas vezes os Irmaõs Noviſſos ſuas cartas ao menino Deos, cada-hum conforme o ſeu eſpirito: fez tambem a ſua o noſſo Martyr, & no ſobreſcrito da carta alludindo, ao que eſtilaõ, os que mãdaõ cartas pellos correyos, eſcreveo eſtas palavras: *Porte a miſſaõ do Japaõ* ſignificando neſtas palavras aonde o levavaõ as ſuas inclinaçoens, & impulſos do Eſpirito Sancto.

3 Feitos os votos no fim do Noviciado, o mandaraõ eſtudar no Collegio de Evora. Ou com a força do eſtudo, ou porque o clima ſe naõ dava bem com a ſua cõpleyxaõ enfermiſſa, comeſſou a lançar ſangue pella bocca, & a ter principios daquelles, que ſe encaminhaõ pera a tiſica; por tanto foi mudado pera Coimbra. O cubiculo em que morou em Evora no Recolhimento, que he o primeiro do ſegundo corredor, & cahe pera o patio, como todos os mais; ſe chama hoje com o nome deſte ſancto Marty, nelle ſe poz letreiro, em que ſe diz, como alli morou. Ainda quando eſta vida eſcrevo, he vivo o Padre, que foi ſeu cõpanheiro naquelle cubiculllo, a elle meſmo o ouvi dizer algumas vezes. Naõ he rezaõ, que deyxemos eſquecer eſtas memorias, que tanto ſervem pera afervorar, & pellas quais ſuſpiraõ os vindouros, aſſim como nós agora ſuſpiramos pellas de muytos homens ſanctos, que por deſcuido dos antepaſſados nos faltaõ.

4 Eſtudou Philoſophia em Coimbra na qual ſciencia ſahio Philoſopho conſumado, & a ſoube como aquelles, q̃ melhor penetraõ, & percebem ſuas difficuldades. Depois dos quatro annos deſte eſtudo, o mãdaraõ ler a ſetima claſſe de grammatica no Collegio de S. Antaõ em Lisboa. Neſta occupaçaõ eſtava, quando lhe veyo de noſſo Reverendo

rendo Padre Geral licença, pera ser hum dos Missionarios da India. Havia ja tempos, que pertendia esta missaõ, pera a qual tambem daõ licẽça os Superiores da provincia, mas o Padre Britto temendo, que sua may lhe empedisse a jornada com o Padre Provincial Manoel Monteyro, & que por ser Senhora de tanto respeito, senaõ atreveria elle a negarlhe a petiçaõ, pera ocorrer a estes impedimentos, & a outros, que podiaõ sobrevir, negociou a sua licença com nosso Reverendo Padre veolhe em tempo, em que jâ o naõ avia, pera recorrer a sua Paternidade, antes de partirem as naos da India, & ter delle resoluçaõ.

5 Foi avizado em publico, como nestas funçoẽs se estila entre nos pera edificassaõ de todos, com singular gosto do sancto Missionario. Estava neste tempo em Sancto Antaõ o Padre Balthezar da Costa Procurador Geral das missoẽs de Maduré, que vinha assim a tratar os negocios da sua Provincia, como a conduzir operarios pera aquella dilatada vinha taõ abundante de trabalhos; droga, que os filhos da Companhia vaõ unicamente buscar à India; a esta missaõ de Maduré elegeo o novo Missionario, a quem *Deos* nella tinha guardado a Illustre Coroa do Martyrio.

6 Naõ se pode dizer em poucas palavras o sentimento, q̃ teve sua may, quando soube, q̃ o seu Bẽjamim cõ tanta tyrania, como ellas costumaõ dizer, a deyxava. Queyxouse ao Padre Provincial Manoel Monteyro, de que lhe mandase seu filho, & tal filho, pera a India: desculpouse com dizer; que elle naõ intervira em tal resoluçaõ, porquanto a licença, com que o avizara, fora toda disposissaõ do Reverendo Padre Geral agenciada pello Padre Joaõ de Britto seu filho, que na sua maõ só estivera, fazer, o que fez; que se nisso avia culpa, que toda era de seu filho; ajuntando a estas algumas razoẽs de consolassaõ; que nada obraraõ na may: antes tendo pera si, que poderia dobrar a seu filho, lhe fallou com todos os sentimentos, que o amor das mays assesta pera render nestas occasioẽs; os quais cabem mais na consideraçaõ de quem os pondera, que na penna, de quẽ os escreve: de todos se valeo esta affligida Matrona; mas a experiencia lhe mostrou as poucas forças, que tem, quando as resoluçoẽs saõ de Deos. Vio nosso Missionario as lagrimas da may em chorar, ouvio as suas queyxas, bem como as penhas do mar os açoutes das ondas mais empoladas.

todas. Respondeo muyto senhor desi, que quando Deos chama, naõ há, que fazer cazo de pay, nem de may; que as vocaçoẽs divinas, qual elle julgava ser a sua, se haõ de antepor a todas as humanas.

7 Só cuidaria, que avia de parar a qui a pertençaõ da may, quem naõ sabe, quam efficazes costumaõ ser os affectos, que tem, pera com os filhos, que muyto amaõ. Naõ deyxou pedra, que naõ movesse, pera conseguir os seus intentos. Quis levar a cousa por poder, valeosse do Nuncio de sua santidade Francisco Ravisse; pedindolhe, ordenasse ao Padre Provincial da Companhia, que naõ mandasse a seu filho pera a India. Soube chegar com o negocio a tais alturas apertando de sorte com o Nuncio, que este escreveo ao Padre Provincial pedindolhe, que naõ deyxasse, ir pera a India ao Padre Joaõ de Britto. Em semelhantes pessoas o pedir tem muyta affinidade com o mandar.

8 Viosse perplexo com esta carta, chamou ao Padre Joaõ de Britto, & lha leo: este o tirou de susto, pedindolhe, que o levasse comsigo ao Nuncio, assim o fez: chegando a sua presença lhe disse o Padre Provincial como elle naõ mandava aquelle Religioso pera a India, mas que elle pedira a tal licença ao Reverendo Padre Geral, de quem era o aviso, & naõ seu; que dicesse elle a verdade: tomou o Padre Joaõ de Britto a maõ; desculpando a seus Prelados, q̃ o naõ obrigaraõ, como nem obrigaõ a niguem, a emprender estas dificuldades, mas que muyto rogados, & depois de muytas provas concedem estas Missoẽs. Declaroulhe os motivos, que o levavaõ, todos da honra de Deos, & salvaçaõ das almas: fallou com tanto espirito, & acerto, que o Nuncio deu as maõs; & se desculpou com dizer, que hũa pessoa, a quem naõ era bem, perdesse o respeito, o tinha metido neste negocio, mas agora que elle via, & apalpava, que a vocaçaõ tinha muyto de Deos, se naõ atrevia, a encontrala, antes, que se edificava sobre maneira de resoluçaõ taõ fervorosa, em que achava muyto que louvar, & nada, que impedir.

9 Com esta reposta ficaraõ ambos desafustados, & se recolheraõ pera caza. Porem naõ bastou, pera que a may do Padre Joaõ de Britto afrouxasse na sua pertençaõ. Como este appetite das mays hé muytas vezes como o dos naufragantes, que a qualquer pedaço de taboa, que lhes occor-

re,

re, & promessão, cuidando, que nella seguraõ o seu partido; lhe vey o nao entendimẽto offerecer ao Padre Provincial huma boa esmola pera a caza de Saõ Roque, se impedia esta jornada, em effeito lha offereceo. Admirouse o Padre Provincial de taõ desculpavel desvario em may, que tanto amava; & com o decoro, que pedia o respeito de taõ authorizada matrona, deu algumas razoẽs, com que totalmẽte a desenganou, & ella se veyo a perfuadir, que era negocio sem remedio. Devese em todos estes trances venerar a sancta constancia do Padre Joaõ de Britto, o qual naõ obstante serem estes os excessos da may, & elles de si capazes de render ponhas, a visitava frequentemente; & sahia das visitas, em que eraõ grandes as baterias, naõ só de nenhum modo vacillante nos seus propositos, mas cada ves mais confirmado.

CAPITULO XVII.

De como se embarcou pera a India, & do que lhe succedeo athe chegar à sua Missaõ.

1 AOs vinte, & quatro de Março de 1673 vespora do dia, em que se avia de embarcar, foi visitar a sua may, & se despedio della, sem lhe dizer, que àquella era a ultima ves, que a avia de ver: no dia seguinte, se meteo em a nao da India, & por huma breve carta se despedio de sua may, no mesmo dia levantou a nao o ferro, & partio pella barra fora.

2 Na jornada padeceo huma grave doença, naqual foi assistido com todo o amor, & caridade do capitaõ da nao Dom Rodrigo da Costa. Chegando a Goa tratou logo, de se por corrente nos estudos de Theologia, que lhe faltavaõ, em ordem a se desembaraçar, pera partir em demanda da sua missaõ de Madurê. Logo se pós naquella aspereza de vida, que lâ avia de guardar: naõ dormindo em cama, naõ comendo carne, nem peyxe; mas legumes, ervas, frutas, arroz, & tudo com grande moderaçaõ.

3 Em Abril de mil seiscentos, setenta, & quatro, tratou de se expedir dos estudos, porque como era de felis ingenho, tinha jâ naquelle tempo estudado a Theologia, que

lhe baſtava, tendo os Prelados ſua grande comprehenſaõ, pois naõ tendo os annos ordinarios de Theologia, dava della taõ cabal ſatisfaçaõ; lhe offereceraõ, ler Philoſophia em Goa; eſcuſouſe, como quem naõ fora à India buſcar os eſplendores das cadeiras, mas os trabalhos das miſſoẽs.

4 Por tanto no ditto anno de 1674 ſe partio de Goa pera Ambalacata nas terras do Malabar, & dalli a pé pera a ſua dezejada miſſaõ: hia por ſeu companheiro, & Superior da miſſaõ o Padre Andre Freyre: na ſua maõ eſteve fazerem a jornada com mais comodo, porque todo lhe offerecia a catidade do Padre Bras de Azevedo Provincial da Provincia do Malabar, mas o novo Miſſionario eſtava taõ fervoroſo, que quis antes paſſar a pé, & com muytos incomodos as ſerras do Malabar.

5 Saõ aquelles caminhos infeſtados de muytos ladroẽs, por iſſo lhes eraõ neceſſarias guias praticas, que os levaſſem por lugares mais ſeguros; na primeira jornada antes de entrar nas ſerras, em ordem a tomarem guias, ſe deteveraõ junto de hum rio, veyo ſobre elles muyta agoa; aſſim molhados ſe recolheraõ a caza de hum homem principal; logo concorreo grande multidaõ de ſerranos; vendoos em traje diverſo daquelle, em que anda a gente branca na India, lhes fizeraõ muytas perguntas com que lhes gaſtaraõ grande parte da noyte. Acharaõ alli alguns Bracmenes, aquem o Padre Freyre fallou na ſua lingua Tamul, & Badagá, daqui naceo terem melhor agazalhado, do que cuidavaõ; mas todo eſte naõ paſſou de ficarem a hum canto da caza ſem cama, cea, & ſem fogo pera ſe enxugarem.

6 No dia ſeguinte ſe retiraraõ pera hum matto, aonde ſe enxugaraõ à ſua vontade, & deſcanſaraõ algum tanto, livres das moleſtiſſimas perguntas dos ſerranos. He eſta gente taõ ſobeja no perguntar, que naõ lhes occorre conſa, que naõ peſquiſe, & que naõ procure ſaber. Tomaraõ por guias a dous Bracmenes, a quem pagaraõ, pera que os encaminhaſſem. Faziaõ o ſeu caminho de noyte por evitar os ladrõs; eraõ no andar taõ apreſſados, que a penas os podia acompanhar o noſſo Miſſionario, davalhe o eſpirito as forças, que naõ tinha o corpo.

7 Paſſaraõ tambem por lugares, aonde avia muytos urſos, tigres, & elephantes ſempre com grandes temores de ſerem preza daquellas feras, de que Deos os livrou; ſó

ſe

ſe avizinharaõ a hum elephante, o qual ainda, que lhes deu ſuſto, os naõ acometeo: neſta forma acabaraõ de vencer aquellas ſerras em huma noyte, & parte do dia ſeguinte, em que andaraõ onze legoas com grande trabalho, & muytas empollas, que ſe lhe fizeraõ nos pés deſacoſtumados a ſemelhantes rigores. Ainda lhe faltava mais de meyo caminho, que andar, pera chegarem as terras de Satiamangalaõ, aonde começſa eſta Chriſtãdade pella parte do Poente. Proſeguindo a jornada chegaraõ a hum lugar, em que jâ avia Chriſtaõs, com a prezenſa deſtes foi taõ grande o goſto, que deu por bem empregadas as moleſtias da jornada.

8 Dentro de poucos dias lhe ſobreveyo huma doença, que o poz nas ultimas; foi Deos ſervido darlhe ſaude ſufficiente pera dentro de hum mes continuar a ſua jornada pera o Reyno de Ginja. Partiraõ de Satiamangalaõ, & por eſtar impedido o caminho ordinario, o fizeraõ por humas aſperas ſerras, das quais era huma taõ ingreme, que em paſſos, era neceſſario treparem por ella pegandoſe de humas em outras mattas pera ſenaõ deſpenharem.

9 Dous dias gaſtaraõ em paſſar eſtas ſerras, no ultimo os apanhou a noyte em hum eſtendido valle, donde a paſſaraõ com ſobreſalto cauſado dos tigres; mas a vigia continua de alguns da comitiva com o fogo, que accenderaõ, os livraraõ da quellas feras; que ſentindo gente, em que fazer preza, naõ deyxavaõ de ſe avizinhar a ella. Continuando ſeu caminho, ſe encontraraõ em Comur com o Padre Antonio Ribeyro, & em Darmaburi com o Padre Jozeph Mocharelle ambos da noſſa Companhia Miſſionarios da glorioſa miſſaõ de Mayſur: alli com ſeus irmaõs deſcanſaraõ alguns dias com o goſto, que naõ he neceſſario dizerſe, porque ſe deyxa bẽ ver, & a palpar. Em trinta de Julho veſpora de noſſo ſancto Patriarca chegaraõ a Reſidencia de Colley, alli com grande conſolaçaõ ſua, & dos Chriſtaõs celebraraõ a feſta do noſſo ſancto. Neſta Reſidencia, que jâ era da miſſaõ de Madurê, ficou o noſſo Miſſionario, & tomou poſſe da quella vinha, que o Senhor lhe tinha encomendado, & elle buſcara por tantos mares, & terras, deyxando patria, & tudo, o que com ella ſe deyxa.

CAPITULO XVIII.

Daſſe breve noticia da miſſaõ de Madurê, traje, & modo de viver dos Miſſionarios della, & das Reſidencias de que conta.

1 CHegou o noſſo Miſſionario à ſua dezejada miſſaõ, bem como o caminhante ſequioſo à fonte perene, tratou logo de ſatisfazer às anſias da ſua ſede, ainda, que eſta pareceo nelle ſempre inſaciavel. Porem antes que começſemos com ſeus glorioſos empregos, he bem, que demos alguma noticia deſta miſſaõ, & modo com que ſe haõ nella, os que com tanto zelo a cultivaõ.

2 Madurê he a cidade principal da quelle Reyno, em que tem ſua corte o Nayque, que como Rey o domina: he eſte Reyno parte do vaſto imperio de Narſinga taõ celebre nas terras orientais: deſta cidade tomou ſeu nome a miſſaõ. Por ſer a cidade emporio de contractos, concorriaõ a ella, & vinhaõ alli commerciar Portuguezes, & mais Chriſtaõs, que viviaõ na coſta da Peſcaria, Ceylaõ, Jafanapataõ, Nagapataõ, & outras praças, que foraõ dos Portuguezes.

3 Como alli acodiaõ tantos Chriſtaõs por cauſa dos ſeus contractos, fundaraõ nella huma Igreja conſagrada a Noſſa Senhora; deſta tinha cuidado hum Religioſo da noſſa Cõpanhia exercitando nella todos os noſſos miniſterios, pera os quais ſe fazia pratico na lingoa Tamul, que he univerſal naquelles Reynos; & com elle a hiaõ aprender os Miſſionarios, que aviaõ de cultivar as miſſoẽs da Peſcaria, & Travancor.

4 Pellos annos de mil ſeiſcentos, & hum pouco mais ou menos, foi à meſma corte, pera aprender a lingua o Padre Roberto Nobili da Companhia Italiano de naçaõ, & de ſangue illuſtre, porque era da familia do Papa Marcello ſegundo, & ſobrinho do Cardeal Roberto Belarmino tambem da noſſa Companhia.

5 Aprendeo o Padre Roberto a lingua Tamul: enſinoulhe a experiencia, a grande difficuldade, que avia nõ Imperio de Narſinga pera a converſaõ dos gentios; aqual toda

toda ſe ſundava no bayxo conceyto, que a gente deſtas terras, tem das de Europa, a quem chamaõ Pranguis, nome entre elles o mais infame: a cauſa, que tem pera eſte conceito, he verem, que os Europeos admittem em ſuas cazas, & trato familiar a certos naturais da India chamados Pariâs, que na ſua opiniaõ he a couſa mais vil, & infame, que conſiderar ſe pode.

6 Nenhum genero de communicaſſaõ tem com elles, naõ lhes permittem morar nas ſuas povoaçoẽs, muyto menos entrar em ſuas cazas, ou ſervirſe delles em couſa alguma. Se as povoaçoẽs ſaõ de Bracmenes, nem os deyxaõ paſſar pellas ſuas ruas. Vendo os naturais, que os Europeos naõ ſó ſe ſervem dos Pariâs, mas que os admittem ao ſeu trato, & ainda à ſua meza, os tem a todos na meſma conta, & medem pella meſma medida. A tudo a juda verem que os Europeos comem carne de vaca, animal bemaventurado naquellas naçoẽs, porque tem pera ſi, que de huma vaca nacera o ſeu Deos Perumal, bebem vinho de palmeyra, & fazẽ outras couzas, q̃ elles tẽ por abominaçoẽs, & as fazẽ tambem os Pariâs. He entre eſtas gentes ditto muy ordinario: Que menos mal he morrer, ou ir ao Inferno, que ſer diſcipulo de hum Prangûi.

7 Conſiderando eſtas difficuldades o Padre Roberto Nobili tratou de mudar de traje, & de eſtilo; fazendoſe, no que licitamente podia na volta daquellas gentes, pera as encaminhar ao Ceo. Vendo, que o gentio fazia grande eſtimaſſaõ dos Bracmanes, pellos ter por homens de caſta mais nobre, & pellos maiores letrados, que hâ, nem pode aver no mundo; & que ſó elles com ſegurança enſinaõ os caminhos da ſalvaſſaõ; determinou em tudo, o que ſem offenſa de Deos, pudeſſe, accomodarſe aos Bracmenes.

8 Pera eſte fim ſe deſpedio da Corte, & do trato do Padre, que era tido, & avido de todos por Prangûi; & ſe veſtio no traje de Bracmene Saniâs, que monta tanto como dizer: de Religioſo letrado: negando ſer Prangûi, & affirmando, que era Saniâs Romano: ſerviaſe, como os outros, com Bracmenes, veſtia de huns panos de algodaõ tintos com almagre; comia ſó arroz, legumes, ervas, leyte, & lacticinios, que he o comer dos Bracmenes: trazia conſigo huma pelle de tigre, que lhe ſervia de aſſento de dia, & de noyte era ſua cama eſtendida ſobre a dura terra; na maõ hũ bor-

bordaõ comprido a modo de cana; na cabeça enrodilhado hum grande pano tambem vermelho; nos pés taimancas de pao lizas todas pella parte de ſima, ſem prezilha, mas com hum ſó torno de pao com ſua cabeça a modo de cravo naquelle lugar, junto do qual aſſenta o dedo polegar do pé; entre o qual, & o outro dedo metem aquelle cravo de pao, que he a unica prezilha, que tem a ſua taimanca pera naõ cahir do pé; he o pao, de que ella ſe faz leve, & elles com o uſo a meneaõ ſem os incommodos, que ſe reprezentaõ, a quem naõ uſa della. Neſte habito veſtido vimos todos na capella deſte Collegio de Evora ao Sancto Martyr Joaõ de Britto, q̃ quis viſſe toda eſta ſancta communidade, o traje, & modo, com que andava nas miſſoẽs. Eſte he o traje dos penitentes, & Religioſos daquelles Reynos; de que ſe veſtio aquelle Apoſtolico varaõ o Padre Roberto Nobili, & moſtrou o effeito, que o inſpirara Deos, porque ſe facilitou a converſaõ dos Bracmenes, & nobres convertendo ſe muytos, & conhecendo a falſidade das ſuas ſeytas Daqui teve principio o progreſſo deſta glorioſa miſſaõ, em que Deos fez taõ illuſtre ao noſſo Veneravel Padre Joaõ de Britto.

9 Seguiraõ logo muytos Religioſos da Companhia o ſancto exemplo do Padre Nobili: Porem depois ſe acomdaraõ ao inſtituto de Pendaras, o qual pera a converſaõ he mais acomodado, que o de Bracmene; porque os Bracmenes naõ podem tratar com gentes de caſtas bayxas, o que naõ tem os Pandaras; aos quais deu principio o Padre Balthezar da Coſta, de quem neſta obra eſcrevi. Aſſim podem prégar nos Reynos de Maduré, Ginja, & Velur, aonde os convertidos paſſaõ muyto alem de cem mil. Mas porque os poucos Miſſionarios naõ podem abranger per ſi a taõ dilatada ſeara: tem cada hum quatro, ſinco, ou mais Catequiſtas, & ſaõ de ordinario daquelles, a que os gentios, antes de ſe converterem, tinhaõ por mais doutos na ſua Ley: eſtes bem inſtruidos em à noſſa, vaõ pellas aldeas a enſinar o Cateciſmo a todos, os que o querem ouvir; & os Padres o enſinaõ nos lugares aonde eſtaõ, & por onde paſſaõ, & adminiſtraõ os Sacramentos.

10 Fazem eſtes Catequiſtas grande fruto, aſſim nos q̃ convertem; como nos que confundem, deſcobrindo os erros das ſeitas dos gentios, que elles ſabem muyto bem, & con-

convencem com as verdades da Fé. Na hora da morte dão o baptismo aos adultos, & aos meninos; assistem aos moribundos, enterrão aos mortos; & exercitão outras obras de Misericordia: todos os dias à noyte ajuntão os Christãos, assim juntos rezão a ladainha da Senhora, & fazem exame de consciencia. Depois, que o Catequista tem bem instruido aos convertidos, dá aviso ao Padre, pera q̃ os venha bautizar. He este modo, como se deyxa ver, muyto util; de que se segue baptizarem-se hum por outro anno sinco mil almas. Padecem assim Catequistas, como Padres grandes perseguiçoẽs dos gentios, as quais tão longe estão de os esfriarem, que os afervorão mais.

11 Digamos agora o numero das Residencias, que avia na missão de Maduré, pera melhor intelligencia de toda esta narraçaõ. Residencia chamamos àquelle lugar, aonde principalmente reside o Padre Missionario, & de qual sahe acultivar o destricto, que está á sua conta. A missaõ do Maduré se dividia entaõ em doze Residencias. Mas como os nomes destas se mudam a cada passo, segundo a opportunidade, que os Padres tem, de fazer Igreja neste, ou naquelle lugar, naõ ha porque gastar tempo, em referir os nomes das Residencias, em que entaõ estava repartida a missaõ. Ficou o Padre Joaõ de Britto numa Residencia, q̃ se chamava Colley muy dilatada em Christandade theatro muyto à medida de seu agigantado espirito.

CAPITULO XIX.

Faz seu assento na Residencia de Colley, & de alguns prodigios, que no seu tempo alli succederaõ.

1 LOgo, que tomou a seu cargo as Christandades pertencentes a Residencia de Colley, dittola por certo entre as mais por ter a felis sorte de ser cultivada por taõ insigne Missionario, se entregou todo a fabricala, & a abrir terra de novo, arrancando as idolatrias, & plantando o culto do verdadeyro Deos.

2 Como tinha tambem a seu cargo parte da Christandade do Reyno de Tanjaor; pera se lhe acodir com mais comodo, deu ordem a fazer huma Igreja em Tatuanqueri,

que

que he huma povoaçaõ allem do rio Collaraõ, à qual em ſeus tempos acodiſſem os Chriſtaõs, a receber os Sacramentos, & a ſe conſolar. Conſeguio por terceira via as licenças neceſſarias dos Principes, que governavaõ a terra, eraõ irmaõs, & gentios; deraõ ás licenças, que ſe lhe pediaõ, & cartazes, pera que o Padre pudeſſe, aſſiſtir nas ſuas terras, ſem alguem o impedir, & prégar muyto a ſeu ſalvo a Ley de Deos.

3 A'viſta de mercê taõ ſingular pareceo ao Padre, que elle por ſua peſſoa viſitaſſe aquelles dous Irmaõs, & lhes deſſe as graças da mercê recebida: aſſim o fez; acompanhado de dous Bracmenes Chriſtaõs pera authoridade de ſua peſſoa, ou pera melhor dizer, da ſancta Ley, que prégava. Fizeraõlhe os Principes grandes honras, & lhe prometteraõ ſeu favor, que o Padre eſtimou, como era bem, pera poder prégar com maior ſegurança, dos que recebiaõ noſſa ſancta Fé; que a de ſua peſſoa naõ era, a que lhe dava mais cuidado.

4 No tempo, que foi viſitar a eſtes dous Principes, lhe era neceſſario auzentarſe da ſua Reſidençia de Colley, em que naõ podia aſſiſtir ſem evidentes perigos, por cauſa das guerras com que o Sabagî deſinquietava todo aquelle deſtricto. Entaõ viõ o grande acerto, que ouvera em ſe fazer a Igreja em Tatuanqueri, daqual acodia ſem ſoſſobro aos Chriſtaõs de Nolomandalaõ no Reyno de Tanjaor. O que lhe dava mais trabalho, era aſſiſtir aos Chriſtaõs Pariâs, o que naõ podia fazer ſenaõ de noyte, por ſer aquella gente, como aſſima diſſemos, de caſta taõ vil, que ſeria tido por abominavel o Padre Joaõ de Britto, ſe o viſſem tratar com elles; & avia perto algumas povoaçoẽs de Bracmenes, os quais nem ainda conſentem, que os Pariâs paſſem pellas ruas das ſuas povoaçoẽs, como ſe com iſſo ficaſſem contaminadas.

5 Com as guerras do Sabagî eraõ grandes as perturbaçoẽs das Reſidencias do Reyno de Ginja, & extraordinario o trabalho do Padre em lhes acodir, por naõ poderem os Chriſtaõs, que com os mais payzanos deſpovoavaõ os lugares, recorrer àquellas paragens, em que antes da guerra, ſe lhes adminiſtravaõ os Sacramentos; mas viaſe nelles tanto fervor, que pello meyo dos perigos buſcavaõ muytas vezes a ſua conſolaſſaõ, com muyta do Padre Joaõ de Britto:

ro: por serem naquelle anno tantas as guerras em toda a Residencia receberaõ o sancto baptismo só trezentos, & noventa, & foraõ catequizados duzentos.

6 Succederaõ naquella Residencia algumas maravilhas, com que Deos alentava aos Christaõs, & confundia aos gentios. Dera o Padre Joaõ de Britto a hum dos seus Christaõs hum olho de vibora, dos que vem da Ilha de Malta, & por meyo dos quais pella interceſſaõ de Saõ Paulo livra Deos a muytos do veneno de mordeduras peçonhentas. O Christaõ o engastou em hum anel, contando a hum seu tio gentio a virtude daquelle olho. Zombou do que se lhe dizia, & como a experiencia naõ era difficultosa, levado da curiosidade, pedio emprestado o anel; mãdou bater o matto, donde sahio huma cobra medonha, que offanhada arremetia pera o gentio; o qual escondendo a maõ, em que tinha o anel com o olho de vibora, mostrava a outra maõ à cobra estendendoa pera ella; mas a cobra cõ a mesma furia se vinha mais avizinhando pera o morder, entaõ lhe mostrou a outra maõ com o olho, que estava no anel, à vista do qual cahio alli morta a cobra, com assombro de mais de noventa pessoas entre Christaõs, & gentios, que foraõ testimunhas deste prodigio.

7 Em Tinepiambiaõ ouvio nossa sancta Fé, & a recebeo hum moço de dezaseis annos; era nelle tanto o fervor, que nem pays, nem parentes o puderaõ apartar de nossa sancta Fé, por mais que batalharaõ com elle, & por mais molestias, que lhe deraõ adoeceo gravemente dizendo huns, que a doença era peçonha, outros, que era lepra; & os pays, & parentes, que era castigo dos seus Deoses pellos aver deyxado, que só o curariaõ, se arenegasse da Ley de Deos: ajuntavase a tudo que os seus medicos pediaõ grãde quãtia de dinheiro pello curarẽ. Vendose neste desemparo o bom Christaõ, acodio a Deos, tomãdo por interceſſor a Saõ Frãcisco de Xavier, a quẽ fez voto de dar hũa moeda, que na nossa, valeria meyo tostaõ pera se empregar em cera, que ardesse diante do sancto. Foi taõ aceita a offerta, & bem ouvida a petiçaõ, que tendo-o todos por incuravel, depois de fazer o voto, se levantou saõ, & valente, como se tal enfermidade não tivesse passado por elle. Veyo logo à Igreja, que distava oyto legoas, cumprio o seu voto, contando tudo o que lhe tinha succedido; & o referiaõ os mes-

mos gentios, que tinhão sido testimunhas, & o confessava sua mesma may, que dalli se comessou com a graça divina a dispor, pera ser Christão.

8 Em Marayão vendo hum Christão, que hum seu parente gentio estava com doença mortal; o exortou a receber o sancto baptismo, porque só na Ley de Deos avia salvassão. Assentio ao que se lhe propunha, & instruido sufficientemente recebeo o sancto baptismo, & brevemente espirou. Entre outros, que quando morreo, alli assistiaõ, era hum seu parente gentio da infame seyta do Lingão, & Sacerdote dos idolos; o qual em espirando o moribundo comessou a grittar com grande admirassão, dizendo: Não vedes a alma do novo Christão, que vai com extraordinaria pompa, & magestade em hum carro triumfante cercada toda de luzes pera o Ceo? Dos que assistiaõ, que parte erão Christãos, & parte gentios nenhum vio esta pompa; mas os Christãos derão graças a Deos, que assim os confirmava; & dos gentios se converterão mais de trinta, persuadindose, que em tal materia, não diria o seu Sacerdote mentira, só elle, que vio tãta luz, ficou tão cego como antes o estava nas suas idolatrias. Lingão he hum idolo tão obceno, que não cabe seu nome nas leys da modestia; sua figura trazem pendente ao pescosso, & saõ dos que mais difficultosamente se convertem.

9 Em Matur vexava o Demonio, avia jâ muytos anos a huma Bracmena gentia, irmãa de dous Bracmenes Christãos: ouvindo ella as maravilhas, que Deos obrava por meyo dos seus prégadores, mandou pedir ao Padre Joaõ de Britto cinza benta, pera com ella se armar contra o Demonio: mãdoulha o Padre, & juntamente a dizer, que pera Deos lhe fazer aquella mercê, avia de deyxar a adoração dos idolos: tomou a cinza, & a pôs na cabeça com proposito de ser Christão, se ficasse livre; & logo o Demonio a deyxou, & ella se converteo.

10 Em Tutuanqueri, & Catagucipatre se hião perdendo as searas por causa da lagarta, que as comia: vierão os gentios pedir remedio ao Padre, o qual lhe deu agoa benta, pera que em nome de Deos Omnipotente a lançassem nas suas searas: assim o fizeraõ, & a lagarta morreo logo toda, & as searas derão cupiosos fructos, como vio o mesmo Padre Joaõ de Britto: viosse mais o prodigio, porque as

sea-

ſearas vizinhas, em que naõ lançaraõ agoa benta, pereceraõ. Com eſtes, & outros alentos hia Deos confundindo aos gentios, & animando aos ſeus Chriſtaõs; & delles ſe referem muytos nas Annuas da Companhia, em que ſe cõtaõ os progreſſos das miſſoens de Madurê.

CAPITULO XX.

He livre de hum grande perigo, reedifica a ſua Igreja de Tutuanqueri, & diſcorre por outras Chriſtandades.

1 MUyto pago eſtava o Sancto Padre da ſua Igreja de Tutuanqueri pellos comodos, que lhe achava, pera adiantar a ſua Chriſtandade, mas brevemente ſe lhe augou eſte goſto com hum diluvio, que inundou toda aquella paragem, & lhe arruinou a ſua Igreja. Quando elle a edificou foi junto ao rio Collaram em lugar eminẽte; ao qual, diziaõ os naturais mais antigos, nunca chegaraõ as enchẽtes do riò, por maiores, que ellas foſſem.

2 Aſſiſtia o Padre naquella caſa, & Igreja com deſaſete Chriſtaõs, ſenaõ quando alta noyte eſtando recolhidos, ouviraõ grandes vozes na povoaçaõ, logo ſolpeitaraõ, o q̃ poderia ſer; levantaraõſe, & ja neſte tempo a agoa vinha entrando pellos canos, que ſe tinhaõ feito pera que ſahiſſe a agoa, que chovia no patio da caſa, & da Igreja.

3 Comeſſou cõ a agoa a crecer tãbem a ſua affliçaõ; naõ viaõ, como pudeſſem ſahir della ſendo grande a eſcuridade da noyte, & naõ ſabendo, em que alturas eſtaria a inundaçaõ. O Padre Joaõ de Britto, que eſtava no meſmo perigo, os animou: mandoulhes tapar os canos, por onde vinha entrando o rio, & ſe foi com os Chriſtaõs à Igreja, encomendarſe a Deos. Bem lhe occorreo entaõ valerſe de hum arvoredo, que diſtava menos de hum tiro de pedra; mas porque naõ ſabia, em que altura eſtavaõ as agoas, & por haver alli muytas cobras peçonhentas, que ſem duvida ſe teriaõ ſubido às arvores, & lhe fariaõ muyto mâ hoſpedagem, naõ podendo livrarſe dellas, por ſer de noyte, ſe determinou, de ſe deyxar ficar, a Deos, & a ventura como dizem.

4 Creceraõ tanto as agoas, que chegaraõ ao mais alto das taypas, que muravaõ a cerca, que ſendo de terra, como tambem o era a caſa, & a Igreja, ſe penetraraõ com a agoa, & ſendo ja de dia vieraõ abayxo, entrando com tanto impeto, & copia a força da enchente, que ficaraõ metidos nella athe os peytos.

5 Neſtes apertos reſtava buſcarem o arvoredo; ja o demandavaõ metidos na agoa athe o peſcoſſo, ferindo os pès com os eſpinhos, qne naõ deyxava ver, nem evitar a enchente; mas antes de chegarem às arvores, lhes deparou Deos as ruinas de huma caſa fundada ſobre duas muralhas de terra a eſtas ſe acolheraõ, & neſtas ſe ſalvou o Padre com dezaſete peſſoas. Jâ que ſe viaõ em parte, livres da agoa, cahiraõ nas maõs da fome, porque a preſſa apenas dera lugar, a ſe trazerem a ſi; & por terem crecido muyto as agoas, naõ era ſem evidente perigo da vida voltar algum pello meſmo caminho, por onde alli vieraõ; pera trazer de caſa algum pouco de arroz, como quer que lâ o achaſſem. Aventurouſe hum dos Chriſtaõs, & lançandoſe a nado, que de outra ſorte naõ podia ſer, trouxe como pode, algum pouco provimento, com que ſe acudio à extrema neceſſidade, em que ſe viaõ.

6 Eſtando todos neſtas anguſtias, & o Padre Joaõ de Britto com oito, ou nove peſſoas em hum lugar, & eſpaço taõ limitado, que ao comprido mal ſe podia deitar nelle huma peſſoa; viraõ naõ ſem grande horror, que muytas cobras peçonhentas, & diſformes vinhaõ pella agoa demãdar aquelle meſmo lugar, em que elles eſtavaõ, fugindo tãbem da inundaçaõ. Deſtas os livrou Deus, valendoſe em primeiro lugar dos olhos de viboras, de que aſſima fallamos; & depois, da ſua diligencia aſſim de noyte como de dia, afaſtandoas, & matandoas na agoa, quando queriaõ ſorbir pella parede, em que eſtavaõ; aſſim foi Deos ſervido, de que naõ mordeſſem peſſoa alguma.

7 Comeſſando a chea em feſta de noyte dezaſete de Dezembro, ao ſabbado dava moſtras, de ſe hir diminuindo, com que crecia o goſto nos naufragantes; mas eſte lhes durou pouco, porque ao Domingo viraõ, que as agoas ſorbiaõ; com o que ſe davaõ por perdidos, ſe Deos lhe naõ acodiſſe: hum palmo de agoa faltava, pera ſe ſumergir o lugar, & todos com elle; quando a enchente chegando ao ſeu

maior

maior auge, foi abatendo de maneira, que ao terceiro dia puderaõ ſahir do perigo, em que tinhaõ padecido todos os deſabrigos, que ſe deyxa ver.

8 Porẽ como a chea lhe tinha derribado a caſa, & tambem a quaſi toda a povoaçaõ, que era de gentios; levantou no lugar, aonde eſtava huma choupana, em que paſſou a feſta do Natal, conſolandoſe, de que em ſemelhante, à em que eſtava tinha nacido ſeu Deos.

9 Neſte deſemparo naõ deyxou Deos de o favorecer com alguma eſpecialidade; porque ſabendo tudo aquelles dous Principes gentios, de que aſſima fallamos, lhe eſcreveraõ, offerecendolhe ſuas proprias caſas, ſe dellas ſe quizeſſe ſervir; & quando naõ, que lhe mandariaõ logo fazer nova caſa, em que pudeſſe aſſiſtir cõ todo o comodo. Deu o Padre graças a Deos, pello favorecer ainda por meyo dos gentios inimigos da ſua ley, & levantou de novo a ſua Igreja de Tutuanqueri naquelle lugar, aonde tinha eſcapado da inundaçaõ: ouve niſſo muytas contradiçoens, que todas ſe venceraõ cõ o favor dos Principes gentios, & muyto mais com o de Deos.

10 Da qui lhe foi neceſſario paſſar ao reyno de Ginja, pera acudir às Chriſtandades da Reſidencia de Catur, que eſtavaõ à ſua conta. Alli edificou Igreja, & caſa, na qual em o anno de mil ſeiscentos ſetenta, & oito celebrou a Paſcoa com grande concurſo dos Chriſtaõs; diſcorrendo por a quella Reſidencia deſ-de o principio do anno.

11 Depois voltou à Provincia de Pandanalur em o reyno de Tanjaor, & à ſua Igreja de Tutuanqueri, baptizou os Catecumenos, que havia nas terras circunviſinhas; & cumprindo com as mais obrigaçoens de adminiſtrar os Sacramentos; ſe partio pera a provincia de Combucânam, pera conſolar, & aſſiſtir aos enfermos, & moribundos, que aquelle anno foraõ alli muytos por cauſa da falta, que ouve de chuvas. Recolhendoſe outra vez pera Tutuanqueri, lhe chegaraõ novas, que eſtava muyto mal hum velho, & antigo catequiſta chamado Navamarti; naõ obſtante ter entaõ huma chaga em hum pé, que lhe empedia caminhar, logo ſe poz a caminho, & na quella noyte, & tres horas do outro dia andou a jornada commua de dous dias; porque voava nas azas do ſeu grande eſpirito. Chegado à Cabalacuri, aonde eſtava o Catequiſta, & o Sacramentou. Da-hi a pou-

a pouco tempo preparado com os empregos Apoſtolicos, em que tinha gaſtado a vida com muyto lucro das almas, eſpirou nas maõs do Padre Joaõ de Britto. Foi eſte catequiſta de vida ſancta, & exemplar, & por iſſo ſentida de todos a ſua morte. Acodia aos Chriſtaõs, ſem reparar em ſol, nem chuva, nem outros inconvenientes. Em tudo muyto obediente aos Padres. Frequentava com grande devaſſaõ os Sacramentos. As lagrimas eraõ nelle dom de Deos, em ouvindo qualquer couſa de devaſſaõ, ja nellas ſe lhe desfaziaõ os olhos. Teve grande compayxaõ dos pobres: em tudo fez vida de homem Apoſtolico, & juſto.

12 Depois que enterrou com muytas ſaudades ſuas, & de todos os Chriſtaõs ao bom Catequiſta Navamarti, paſſou ao Sul à provincia de Manarcoilo, a Sacramentar os Chriſtaõs, que havia doze annos naõ tinha lâ viſto Padre Miſſionario, & tantos havia, que lâ fora o Padre Freyre, depois nem ouve Padre, que lâ foſſe, nem occaſiaõ pera lâ hir. Detendoſe em Manarcoilo, quanto foi neceſſario; partio pera Carambatû: na qual o anno antecedente tinhaõ ſido muyto perſeguidos os Chriſtaõs, & retrocedido alguns Catecumenos, ainda que outros com a ſua conſtancia acreditaraõ muyto noſſa ſancta fé.

13 Por eſtarem alli as couſas taõ perturbadas, eraõ alguns de parecer, que o Padre naõ foſſe por hora àquellas terras; mas iſſo meſmo ſervia de eſtimulo ao ſancto Padre, & depois ſe vio, que neſta reſoluçaõ ouvera muyto acerto. He a provincia de Carambatû a ultima do Reyno de Tanjaor confinante com as terras do Maravâ; he pobre, aſſim porque as terras naõ tem a fertilidade, que as demais de Tanjaor; como pellas injuſtiças, dos que as trazem arrendadas.

14 Com ſer eſta miſeria da terra, ſaõ os gentios os mais ſoberbos, que o Padre encontrou naquellas regioens: inimigos capitais da ley de Deos, fazem mil injurias, & vexaſſoens, aos que a ſeguem. Muytos delles foraõ ver ao Padre, naõ por ouvir a ley de Deos, mas porque naõ tinhaõ viſto nas ſuas terras Sacerdote Europêo: ſó os Sacerdotes dos Idolos, pello odio, que lhe tinhaõ, ſe naõ venceraõ deſta curioſidade. Tinhaõ elles ſido a cauſa da perſeguiſſaõ, & dezejava o Padre vir com elles a diſputa: & aſſim lhe mandou dizer pellos gentios; que ſabendo, que perſeguiaõ

guiaõ a seus discipulos, por seguirem a ley do verdadeiro Deos, viera taõ de longe à quella provincia, pera lhes mostrar com razoens evidentes a verdade da ley, que ensinava; & a mentira da que elles seguiaõ; por tanto dezejava muyto, que lhe fallassem.

15 Varias vezes lhe significou este seu dezejo por terceiras pessoas: em todas foi a reposta: que nem haviaõ de fallar, nem disputar com elle; porque matava os meninos, & depois de lhes queimar os corpos, punha aquella cinza na testa das pessoas, com que fallava; & que em lha pondo, os enfeitiçava de tal modo, que naõ tendo, que responder às suas rezoens seguiaõ todos a sua doutrina; que se elles tambem fossem a fallar, & a disputar com elle, lhes succederia o mesmo; & que convertendose, com seu exemplo, se converteria toda a provincia; & que deixado o culto dos seus Deoses, veria peste, que mataria a todos, sem ficar pessoa com vida.

16 Em quanto se gastava tẽpo nestes recados de parte a parte; o sancto Padre sacramentava aos Christaõs; & se converteraõ vinte; & quatro pessoas dos gentios, dos quais baptizou a doze, que mostraraõ grande fé; aos outros doze deyxou por entaõ sem baptismo, pera os provar mais, & & no anno seguinte os baptizou. Acabando de consolar aos Christaõs de Carambatû, & aos que havia nas terras circunvizinhas; passou pera Xirrucarãbur, aonde a cultura se fazia sem os sossobros, & perturbaçoens, que havia em Manarcoilo.

CAPITULO XXI.

De como Deos o livrou de alguns perigos, & referemse alguns castigos, que deu aos gentios, que perseguiaõ aos Christaõs.

1 NEstes sanctos empregos andava em roda viva, sem tomar descanço algum, como quem só o tinha em trabalhar; quando lhe chegaraõ noticias, que em Tatuanqueri por ordem del-Rey huma esquadra de soldados o buscavaõ a elle, & aos Bracmenes Christaõs, pera os prenderem a todos; que tinhaõ saqueado sua pobre casa; &

como

como naõ acharaõ nella, o que queriaõ, entregaraõ ao guarda da povoaçaõ as pobres alfaias, que estavaõ na casa, pera que a todo o tempo, que por ordem delRey se lhe pedissem, desse conta dellas. Por parecer dos Christaõs mais experimentados, se determinou por entaõ a deixar o reyno de Tanjaor, & passar ao de Ginja; mudou de traje, porque o seu naõ tinha lâ as servintias, que em Tanjaor; & por naõ poder fazer o caminho por terra, o fez por mar cõ grande molestia sua, embarcandose à meya noyte. Dous mezes esteve no reyno de Ginja, no fim delles o avisaraõ, de que seguramente podia voltar a Tanjaor, porque as alteraçoens das guerras naõ davaõ lugar, a que el-Rey se divertisse em negocios de Religiaõ.

2 Voltando do Reyno de Ginja pera Tanjaor, tendo ja passado o rio Colaram, começou o inverno com tantos ventos, & chuvas, que parecia se acabava o mundo. Tres rios tinha passado nadando, quando a noyte o apanhou em hum matto, todo molhado, & quasi feito hum regelo, com o frio; foi Deos servido deparar lhe alli huma choupana, em que se abrigou com hum Christaõ, que o acompanhava. Viraõse em grande falta, porque naõ tinhaõ, que comer; mas Deos, que se naõ esquece, de quem só vive lembrado delle; lhe acodio, porque junto da meya noyte vieraõ dous homens, que pareciaõ gentios, estes lhe trouxeraõ lenha, & fogo pera se enxugarem, & que comer pera ambos. Deraõ graças a Deos, por lhes acodir tanto a tempo, & aos que lhe fizeraõ a mercê, deu o Padre os agradecimentos, & huma boa contrapeçonha, que trazia consigo.

3 No dia seguinte se partiraõ acompanhando-os a chuva athe as quatro da tarde, em que chegaraõ à ribeyra chamada Manjavical, cuja corrente hia taõ furiosa, que nem ainda a puderaõ vencer a nado. Nos mattos proximos andavaõ huns pastores, aquem pediraõ huma gamela grande, pera meterem nella os livros, & os vestidos, & pegados a ella passar a ribeyra; pera isso offereciaõ boa paga aos pastores, que a naõ aceitaraõ, por quanto a haviaõ de trazer da sua povoaçaõ, que estava longe, & os caminhos muyto incomodos com a chuva. Perguntoulhe o Padre se na povoaçaõ achariaõ abrigo, pera poder passar aquella noyte: responderaõ, que não, porque tudo estava despovoado,

voado; & os moradores habitavão em choupanas.

4 Com este desengano, & com o que tinha de naõ poder passar a ribeyra, se assentou de bayxo de hum espinheiro, & começou a rezar o officio divino, exposto á passar alli a noyte, cortado do frio, & da chuva, & sobre tudo da fome, porque todo o dia tinha caminhado em jejum, & nesse estava àquellas horas.

5 Estando nestas angustias, vio, que da outra parte da ribeyra vinha correndo a grande pressa hum mancebo, o qual a grandes vozes perguntava aonde estava alli o Padre penitente, que queria passar a ribeyra, & naõ achava, quẽ o passasse? Levantou o Padre a voz, dando graças a Deos, & disse, que elle era: passou logo o mancebo a nado pera onde estava o Padre, & fazendolhe a cortezia, que naquellas terras se costuma aos Religiosos, & penitentes; passou em primeiro lugar o breviario, livros, & mais panos do Padre. Depois tornando, disse ao Padre que naõ temesse, & pegãdolhe de hum braço, o passou da outra parte, fazendo o mesmo ao Christaõ: quando lhe quis agradecer o beneficio, achou, que tinha desaparecido, & ficou entendendo, que fora Anjo; pello qual favor taõ singular se reconheceo todo devedor a Deos; & chegando a huma povoaçaõ de Christaõs, que naõ distava muyto, pera consolaçaõ de todos referio o beneficio, que recebera de Deos, & lhes encomendou, que por isso lhe dessem as graças, que cabiaõ no seu affecto.

6 No dia seguinte molhado todo por causa da muyta chuva chegou á sua Igreja de Xirimcarambur, aonde convocou os Christaõs, pera receberem os Sacramentos, & celebrarem a festa do Natal. Tudo se fez com grande devoçaõ; assistindo alli o Padre athe o fim do anno de seiscentos, setenta, & nove, em que deu o sancto baptismo a novecentas pessoas.

7 No principio do anno de seiscentos, & oitenta pode voltar pera a sua Igreja de Cutur, por se terem feito as pazes entre o Regulo Oreâr, & o Sabagî. Custoulhe muyto resgatar as alfayas da Igreja de Tutuanqueri, que como fica ditto, se lhe tinhaõ tomado, quando o buscaraõ, pera o prender. Celebrou a Pascoa em Cutur, avendo gastado athe aquelle tempo em discorrer pello Reyno de Ginja visitando, & sacramentando as Christandades das Provincias

daquelle Reyno: voltou outra vez pera Tanjaor, a visitar a Christandade de Xolamandalaõ, & dar o baptismo a muytos Catecumenos, que o pediaõ com instancia. Dalli passou à Provincia de Manarcoil, naqual por falta de lugar pera administrar os Sacramentos aos das castas bayxas, esteve mais de quinze dias em hum matto espesso sem caza, nẽ abrigo, bebendo agoa enlodada de hum charco, que naõ avia por alli outra, & avia grande falta por causa de naõ ter chovido; ajuntandose a estes incomodos o çoçobro, que lhe davaõ os tigres, & os ladroẽs, que de todos hâ muytos naquella paragem, de que Deos, como em outras occasioẽs o livroú.

8 Confessou naquelle matto athè dous mil Christaõs, & deu o baptismo a cento, & sincoenta pessoas. Depois ainda que o detinhaõ os Christaõs, passou à Provincia de Carambatû, na qual sacramentou aos Christaõs, & teve varias disputas com os gentios: baptizou a nove de muyto boas familias; & celebrada a festa de nosso Patriarca Sancto Ignacio; fez huma pratica aos Christaõs, & despedindose delles com muytas lagrimas, depois de ter passado muytos rios a nado chegou à Provincia de Tirucaraur, taõ consumido com os trabalhos, que lhe sobreveyo huma grande febre, com huma postema em hum pé, de que esteve em perigo de vida. A esta doença se ajuntou no mesmo tempo huma de olhos, da qual lhe creceo no olho direito tanta carne espongiosa, que o davaõ jâ por perdido. Dezoito dias passou sem poder sossegar, empeyorando com as medicinas o achaque: recorreo nesta affliçaõ a Saõ Francisco de Xavier, fazendolhe voto de perseverar nas misoẽs athe a morte: no ponto em que acabou o seu voto, parou a dor, que estava na sua mayor intensaõ, & brevemẽte sarou do achaque, que padecia.

9 Como o Padre Joaõ de Britto naõ queria saude, pera a poupar, tanto que a recebeo por favor do Ceo, a foi logo empregando em seu serviço. Nos ultimos de Novẽbro se partio a visitar a Christandade do Norte na Residẽdencia de Ginja, pera celebrar em Catur a festa do Natal; alli soube como era morto o Bracmene Alinaexi quasi senhor daquella povoaçaõ, em que os Christaõs passavão de quatrocentos, & que com muytos falsos testimunhos vexou diante dos senhores daquellas terras, que eraõ gentios,

tios aos Christãos, pera os lançar fora della.

10 Mandou este mao homem aviſar aos Christãos, que no dia ſeguinte avia de fazer huma comedia aos ſeus Deoſes, & que elles naõ ſó aviaõ de contribuir pera os gaſtos, mas aviaõ de aſſiſtir em honra dos meſmos Deoſes à ſua plauſibilidade. Reſiſtiraõ os Chriſtãos aſſim à contribuição, como tambem à aſſiſtencia, por ambas ſerem contra a Ley de Deos. Com eſta repoſta ſe irou ſobremaneira o Bracmene, dizendo muytas blaſphemias da Ley de Deos, & fulminando grandes ameaças contra os que a ſeguiaõ, acrecentando, que no dia ſeguinte ſaberiaõ, o que elle podia: mas nada pode, porque naquella noyte morreo de repente, com aſſombro do gentiliſmo, & conſolaſſaõ dos Chriſtãos, que todos viraõ o grande cuidado, que Deos tẽ de quem o ſerve.

11 Alem deſta obrou Deos outras maravilhas, porq̃ muytos vieraõ ouvir o Cateciſmo, pera ſe verem livres do Demonio, que os vexava; & com a agoa do ſancto baptiſmo receberaõ a melhoria do corpo, & a da alma. O numero dos bautizados chegou aquelle anno a ſetecentos.

12 No principio do anno de mil ſeiscentos, & oitenta, & hum ſe achava o ſancto Padre em o Reyno de Ginja, em que paſſou a quareſma, & celebrou a Paſcoa; paſſaraõ de quatro mil os que receberaõ a ſagrada Communhão, & de trezentos os que foraõ baptizados.

13 Celebrada com grande ſolenidade a Paſcoa a pezar dos gentios, queria partir pera Tanjaor, quando lhe chegou a viſo da ſancta obediencia, que foſſe a Sancto Thome, feita eſta jornada; nos principios de Junho voltou pera Xalamandalaõ no Reyno de Tanjaor, em que as Chriſtandades eraõ muyto perſeguidas dos gentios; & por naõ aver Igreja comoda, pera aſſiſtir aos Chriſtãos de todas as caſtas, metido nos mattos, & pelas cazas dos meſmos Chriſtãos, lhes acodia, como lhe era poſſivel, & com grãde trabalho ſeu; mas o que mais pena lhe dava, era ver, que naõ podia acodir a todos, como deſejava, aſſim por ſerem muytos os Chriſtãos, como por ſerẽ muytos os lõges do deſtricto, que pertencia à ſua Reſidencia; & ſer hum ſó o Sacerdote que os avia de ſacramentar a todos.

14 Naquelle anno o livrou Deos de muytos, & grandes perigos, caſtigando com evidencia, aos que lhe queri-

ão tirar a vida em odio de noſſa ſãcta Fé. Depois de ter gaſtado quinze dias nos mattos de Tiruvadanturey, hum domingo de tarde ſe partio pera Carambatû; quando na meſma noyte do domingo cuidando os ladroẽs, que ainda alli eſtava, por ordem do Guarda mor da Provincia com maõ armada o vierão buſcar, pera lhe tirarem a vida, & roubarem, como elles ao depois confeſſaraõ; mas de tudo o livrou Deos, fruſtrando os maós intentos dos inimigos da ſua ſancta Ley.

15 Nos principios de Novembro ouve huma tempeſtade de chuva, & vento couſa tão extraordinaria, que não avia lembranças de outra, que com ella ſe pareceſſe: foi incrivel o eſtrago, que fez nas Provincias de Tanjaor; baſta dizer, que ſó na provincia de Tiruvarur, que he bem pequena, paſſaraõ os mortos de dez mil; foi couſa prodigioſa, que ſendo muytos os Chriſtãos naquella Provincia, nenhum morreo neſta inundação, que parece a mandara Deos ſomente pera caſtigar a ſeus inimigos.

16 Na Provincia de Pandanalur naõ foi tão grande a perda, huma ſó peſſoa morreo, eſte foi o Bracmene, que avia dous annos, quizera prender ao Padre em Tutuanqueri: vinhale entrando o rio por caza, tomou o dinheiro, que tinha, & com elle ſe foi ſahindo; quando ſobrevindo-lhe hum tufaõ de vento, o precipitou em o rio, aonde ſe afogou; & dalli a tres, ou quatro dias o acharaõ morto bem lõge do lugar, donde morava.

17 Por evitar o furor da meſma tempeſtade, ſe valeraõ athe oitenta Chriſtaõs de huma caza, que lhes parecia mais forte, porque já a chea tinha derribado as outras: naquella caza gaſtaraõ a noyte em oraçaõ com hum Catequiſta, pella menhãa amaynando o vento, ſe ſahiraõ, & a caza immediatamente cahio por terra. Foi eſte cazo de tanta admiração aos gentios, que muytos ſe converterão. Por cauſa deſta tempeſtade, & inundaçaõ não puderão os Catecumenos hir receber o baptiſmo, poriſſo naõ paſſaraõ os baptizados de ſeiſcentos, & oitenta.

18 No Reyno de Ginja caſtigou Deos a hum grande inimigo da ſua Ley; era poderoſo, vexava aos Prégadores da ſancta Ley, & a todos os Chriſtãos: huma vez lhe mandou queymar a Igreja do Colley, foi Deos ſervido entaõ, de que ſenaõ effeituaſe, & agora lhe quis dar o caſtigo, queymandoſelhe

mandoſelhe ſua propria caza, com o que nella avia, naõ muyto depois, que elle mandara por fogo à Igreja: ſobre eſta perda naõ podendo ſofrer as vexaſſoẽs, que por dividas, que tinha a el-Rey, lhe fazião os ſeus miniſtros, tomou veneno ſendo homicida de ſi meſmo. Com eſtes, & outros caſtigos açoutava Deos aos gentios pello mao trato, que faziaõ aos Chriſtaõs; com que eſtes ſe animavaõ mais a ſofrer as perſeguiçoẽs dos gentios.

CAPITULO XXII.

Parte à Coſta da Peſcaria, & o que ſuccedeo depois de voltar à miſſaõ refere ſe a diſputa, que teve com dous Letrados gentios.

1 EM Janeiro de 1680 ſe achava em Catur no Reyno de Ginja; alli aſſiſtio athe a Paſcoa trabalhando incanſavelmente: celebrou os officios da ſomana ſancta com grande concurſo dos Chriſtaõs, & grande ſolenidade; a que a judarão muyto, os Padres Domingos de Almeyda, que paſſava pera Reytor do Collegio de Sancto Thome; & o Padre Jozeph da Silva, que ſe tinha retirado da ſua Reſidencia, por cauſa das guerras, que nella avia.

2 Como as ceremonias, com que naquelles dias ſe fazem os officios divinos, eraõ couſa nova pera os Chriſtaõs, aſſiſtiaõ a ellas com notavel Fé, & devaſſaõ. Por concorrerem à feſta da Paſcoa mais de ſinco mil almas, & naõ ſer a Igreja capaz, de taõ grande numero, ſe diſſe Miſſa em hum eſpaçoſo campo, pera que todos a pudeſſem ouvir: os dous Padres ainda, que hiaõ achacados, alem de celebrarem os officios da ſomana ſancta, aſſiſtiraõ de dia, & de noyte tanto em o confeſſionario, que quaſi todos os Chriſtaõs, que concorreraõ, ſe confeſſaraõ, & commungarão: dãdo Deos forças aos Padres pera naõ deſfallecerem cõ tão exceſſivo trabalho.

3 Partiraõſe os Padres Domingos de Almeyda pera a Reſidẽcia de Caranapatû; & o Padre Jozeph da Silva depois de livrar de hũa grave doẽça, por diſpoſiſſaõ da obediẽcia foi pera a Reſidẽcia de Nunvadamû. Ao P. Joaõ de Britto eſtando de caminho pera Tanjaor lhe chegaraõ

dous

dous aviſos hum de Tanjaor, em que lhe diziaõ, ter paſſado ordem o Governador das Provincias do nacente pera o prenderem; o outro do Padre Andre Freyre, que lhe ordenava, paſſaſſe à coſta da Peſcaria, & Travancor a tratar certos negocios com o Padre Provincial.

4 Obedeceo logo, ao que ſe lhe ordenava, & por naõ ſer moçaõ, naõ achou embarcaſſaõ alguma; donde lhe foi preciſo, meterſe em huma de menos ſegurança: quatorze dias navegaraõ contra a corrente das agoas, & furia dos ventos. Vendo que naõ era poſſivel chegar à Peſcaria, dezembarcou nas terras do Maravâ, & por terra foi as coſtas da peſcaria com outros Padres daquellas miſſoẽs, com quem ſe conſolou muyto, como tambem em ver aquella regiaõ, que ainda naõ tinha viſto, naqual tanto trabalhou o grande Apoſtolo das Indias Saõ Franciſco Xavier. *Dalli* paſſou a Travancor, aonde no Collegio do Topo achou ao Padre Provincial Gaſpar Affonſo, que o recebeo com grãde caridade, communicou com elle os negocios, que lhe encomendara o Padre Andre Freyre, & tomada ſua ſancta bençaõ, voltou pera a ſua miſſaõ.

5 Embarcouſſe com os Padres Jeronimo *Telles*, & Luis de Mello, que cõ grãde eſpirito ſe conſagraraõ à quella trabalhoſa miſſaõ. Chegaraõ ao Reyno de Ginja depois de trinta, & ſinco dias de viagem, naqual arribaraõ tres vezes, & duas eſtiveraõ quaſi perdidos, huma por ſe lhe abrir a embarcaſſaõ em huma tempeſtade, outra porque os Mouros marinheiros os largaraõ em hum batel roto ſem velas, nem remos; de todos eſtes perigos os livrou Deos, que ſe queria ſervir de ſuas vidas.

6 No fim de Setembro deſembarcou no Reyno de Ginja cõ ſeus dous companheiros, com elles eſteve athe dezoito de *D*ezembro, edificandoſe da grande applicaſſaõ, com que aprendiaõ a lingua Tamul, & zelo que nelles via de ſalvar almas. Aos dezoito de Dezembro ſe partio a viſitar as Chriſtandades de Tanjaor. Foraõ naquelle añ oitocentos, & doze os que baptizou, & ſeriaõ mais, ſe as digreſſoẽs, que fez, o naõ tiveraõ perto de ſeis mezes fora da miſſaõ.

7 Obrou Deos por aquelles tempos muytas maravilhas naquella Chriſtandade; porque muytos endemoninhados ouvindo com fé o Cateciſmo, ficavaõ livres. Muytos

tos enfermos cobraraõ ſaude ſó com lhe dizerem os Chriſtaõs o Catecíſmo, & lançarem agoa benta.

8 Tinha o Padre emprendido, que nenhum Chriſtaõ moraſſe em Pompeti, pellos impedimentos, que dalli naciaõ à converſaõ. No anno de 1681 fez grandes exceſſos, pera que os Chriſtaõs deyxaſſem aquella povoaçaõ: moſtrou Deos, que aquella era a ſua vontade, porque dando fogo em a caza de hum Chriſtaõ, foi queymando as outras, que todas eraõ de palha. Diſſelhes entaõ o Padre, que daquelle deſaſtre podiaõ entender, que ſenaõ ſervia Deos demorarem naquelle lugar; & ſe ouveſſe, quem naõ abriſſe os olhos, eſperaſſe por caſtigo maîs rigoroſo, que hum rayo do Ceo no anno ſeguinte viria ſobre ſua caza. No anno ſeguinte, que foi de 1682 no meſmo mez cahio hum rayo ſobre a caza de hum Chriſtaõ, que fora o que mais tempo tinha morado naquella povoaçaõ, & jâ entaõ morava em outra, por iſſo naõ recebeo dano: os outros tinhaõ antes obedecido ao Padre quãdo os exhortou, depois de ſe lhe abrazarem as cazas.

9 No principio do anno de ſeiſcentos, oitenta, & tres ſe achava o ſancto Padre nas terras, que confinam com a Provincia do Gabo, que he do Maravâ; quando o vieraõ buſcar dous gentios dos que entre elles ſaõ tidos por letrados, pera diſputar com elle, naõ tanto pera conhecer a verdade, quanto pera a impugnar.

10 Hâ neſte gentiliſmo hum celebre erro, a que elles chamaõ Eſcritura da cabeça; dizem pois, que o ſeu Deos Brumâ eſcrevera na cabeça dos homens tudo, quanto imaginaõ, dizem, & obraõ: que eſta eſcritura he cauſa antecedente, taõ efficaz de todas as acçoẽs humanas, que as naõ pode impedir nem o ſeu meſmo Deos Brumâ, nem qualquer outro poder.

11 Sobre aquella, que tem por verdade inconcuſſa, queriaõ diſputar com o Padre Joaõ de Britto: aceitou elle a diſputa, & em primeyro lugar lhes perguntou, que fundamento tinhaõ, pera admittir aquella eſcritura? Reſpõderaõ: Que o fundamento era, dizeremno aſſim todos os ſeus letrados, & ſer tido por primeyro principio, que ninguem nega, & de que ninguem duvida. Perguntonlhes mais; ſe o ſeu Deos podia dizer couſa falſa? Reſponderaõ, que naõ.

12 Em

12 Entaõ lhes argumentou nesta forma: duas seytas hâ entre vos, ambas oppostas: huma de Visnû, os que a seguem affirmaõ, que só elle he Deos, & naõ Xivem: os que seguem à de Xivem, dizem, que só este he Deos, & naõ Visnú: agora assim: Brumâ, como vos dizeis, naõ pode dizer cousa falsa, logo naõ pode escrever na cabeça destes sectarios, que Visnú era, & naõ era Deos, & que Xivem era, & naõ era Deos; porque dizer, que a mesma pessoa he, & naõ he Deos, he falsidade manifesta: donde se segue, que o que affirmaõ os de huma, & outra seyta, he effeito da vontade livre, & naõ da Escritura da cabeça, que vos outros fingis. Com este, & outros argumentos perceptiveis a qualquer entendimento mediocremente intelligente cõfutou, & claramente convenceo seus taõ desbaratados erros. A soluçaõ foi qual costumaõ dar aquelles, que naõ querem ver a verdade por mais clara que ella esteja, como nesta occasiaõ o estava. Differaõ-lhe muytas palavras afrontosas, & ficaraõ nas suas idolatrias.

CAPITULO XXIII.

De huma grande perseguiçaõ, de que Deos livrou ao Padre, & aos Christaõs.

1 PArtio o Padre Joaõ de Britto da Provincia do Cabo pera Manarcoil, & dalli pera Combucânaõ; gastou na jornada quinze dias administrando os sacramentos, assistindo aos moribundos, & baptizando aos que os Catequistas tinhaõ instruido. Passou ao Reyno de Ginja, detevese em Caur athe a Pascoa, não sem sobresalto, por ter noticias certas, que o Governador do Paliao o queria prẽder naquella solenidade.

2 Tinha dado esta noticia ao Padre hum Christaõ, escrivaõ da caza da polvora, homem de grande fé, & constancia, o qual por ella tinha padecido muyto com todos os seus parentes. Pouco tempo antes o Governador mandou lançar hum pregaõ, em que dizia; que aquelle escrivaõ, & todos os mais Christaõs, pello serem taõ infames, & como a tais, lhes mandava, que naõ morassem dentro das povoaçoẽs, & fossem morar com os infames Pariâs, por serem

tais

taes como elles: que nenhum gentio tocaſſe nem ainda as ſuas roupas, porque baſtava ſomente tocalas, pera dalli por diante ficar infame.

3 Eſta afronta naquellas terras he maior, que entre elles ſer açoutado, enforcado, ou eſquartejado. Sofreraõ com grande animo taõ grande injuria aquelles bons, & ſanctos Chriſtaõs. Pedirão conſelho ao Padre, de como ſe averião em taõ grandes apertos; reſpondeolhes, que ſe avia de caminhar pera o Ceo conforme o que diz São Paulo: *Sive per infamiam, ſive per bonam famam.* E que com elles fallava Chriſto, quando dizia: *Beati eritis, cum ſeparaverint vos.* Por tanto, trataſſem de ſe ir pera outra terra, que Deos os ajudaria, porque eſtavaõ à ſua conta, como couſa muyto do ſeu agrado.

4 Reſolveraõſe a deyxar a fortaleza, & officios, que nella tinhão. Mas nem iſto lhes deyxou fazer o Governador, aquem Deos não faltaria com o caſtigo, como não faltou a hum Capitão, que fora o principal motor deſta perſeguição, o qual dentro de poucos dias ſe myrrou de ſorte, que veyo a morrer a eſta vida temporal, & à eterna.

5 Vendo o Padre as alteraçoẽs, que avia no Reyno de Ginja, determinou paſſar ao Tanjaor, em que era maior a Chriſtandade. Quando lhe chegaraõ noticias, que eſtavão lâ as couſas mais perturbadas; porque o Governador das Provincias do Leſte, aonde o Padre avia ſinco annos fizera huma ermida, tinha jurado de matar atodos os Chriſtãos, induzido por Ramanayque guarda mor daquellas Provincias, homem deshumano, & inimigo capital da Ley de Deos; temido de todos por ſua fereza muyto mais, que o meſmo Rey; & tambem grandemente reſpeitado por ſeu officio. Morava elle em Tramgambar dentro da fortaleza dos Dinamarquezes, por iſſo el-Rey naõ podia caſtigar ſeus deſatinos, & elle com eſta ſegurança ſe fazia mais inſolente.

6 Viſitando eſte homem ao Governador, lhe pedio ecm os encarecimẽtos, que lhe ditava o ſeu odio, queimaſſe a ermida, que o Padre tinha feito em Xirrucarambur, tomaſſe aos Chriſtãos, o que tinhaõ; & lhes queimaſſe as povoaçoẽs, & deſterraſſe das ſuas Provincias; porque era gẽte taõ mâ, que venderão hum boi vivo aos Prangûis da fortaleza de Tramgambar, pera o comerem. He naquelles

Reynos taõ grande eſta culpa, que ella ſó baſta pera ſe darem os caſtigos mais infames, que alli ſe coſtumaõ dar. Ajuntou a eſta accuſaçaõ muytas mentiras contra a ley de Deos, & ſeus Prégadores: com as quais ſe accendeo tanto em ira, que aſſentou conſigo de fazer ainda mais do que ſe lhe pedia: porem depois conſiderando devagar no ponto elle, & ſeus parentes, & temendo a furia dos Dinamarquezes, que naõ tomariaõ bem o deſaforo; julgou por mais acertado dilatar o caſtigo, & eſperar pera elle melhor conjunçaõ.

7. Ouviraõ iſto alguns ſoldados Chriſtaõs aſſim do Governador, como do Guardamór; & na meſma noyte fizeraõ aviſo aos Chriſtaõs, pera que ſe acautelaſſem: fizeraõ eſtes cõſulta entre ſi, & ſe determinaraõ fallar ao Governador, pedindolhe, que fizeſſe provar os crimes, que contra elles dera o Guardamór. Recebeos com agrado, quanto ao parecer, encomendoulhes, que cultivaſſem as terras, pera que el-Rey naõ tiveſſe perda na ſua fazenda; & como fazendo, que naõ ſabia do caſo, os deſpedio com affabilidade, que elles entendiaõ, era fingida.

8. Conſiderando os Chriſtaõs, que ſe inſiſtiſſem na ſua petiçaõ, poderia vir algum mal aos ſoldados Chriſtaõs, q lhes tinhaõ dado os pontos; fizeraõ de tudo aviſo ao Padre Joaõ de Britto; rogandolhe mandaſſe viſitar ao Principe Oreâr, & pedir carta de favor pera aquelle Governador, que os perſeguia; porque vendo, que hum Principe de tanto reſpeito ſe metia neſte negocio, & os patrocinaſſe, naõ executaria, o que Romanayque lhe tinha pedido.

9. Pareceo ao Padre, que o pedir tal carta era couſa muyto arriſcada; porque ſe o Governador reſpondeſſe ao Principe, que os Chriſtaõs vendiaõ bois aos Prangûis, pera os matarem; tomaria fogo, & conceberia odio entranhavel contra os Chriſtaõs, procedendo a caſtigos graviſſimos, quais os demanda o ſacrilegio mais horrendo, que hãa naquellas terras, pera o qual naõ ha perdaõ: nem alli ſe cançaõ muyto com averiguar a verdade, mas baſta dizerſe, pera vir logó o caſtigo ſobre os que ſaõ tidos por culpados.

10. Naõ ſe accomodaraõ com razoens de tanto peſo os Bracmenes Chriſtaõs, tendo pera ſi, que aquella carta ſeria o unico remedio pera naõ perecer toda a Chriſtandade.

dade. Neſtes pontos o Padre Joaõ de Britto naõ obſtante ſer de parecer contrario, por naõ moſtrar, que antepunhá o ſeu juizo ao dos de mais, mãdou pedir a carta de favor, q̃ o Principe com muyto boa vontade lhe mandou paſſar, & dizia aſſim.

11 *Eu, bom Senhor, que gozo grandes fortunas, & que fou companheiro da Infantaria, vos tenho a vòs o Panamarâtam na minha lembrança. Vòs ſabeis muyto bem, que tenho nas minhas terras, & trato com muyta honra ao Religioſo do Senhor de tudo, & pello venerar, lhe fis nas minhas terras hũa caſa, em que mora, & enſina aos ſeus diſcipulos. Eu ſei, que o ditto Religioſo tem tambem caſa nas terras do voſſo governo, & aſſim vos ordeno, que trateis as ſuas couſas com taõ grande benevolencia, que me dê eu por bem ſervido.*

12 Athe aqui a carta, que levou hum ſoldado Chriſtaõ, ſem deſcobrir, que o era: eſtava o Governador, quando ſe lhe entregou, em audiencia, & lendoa lhe reſpondeo logo a ſeguinte carta.

13 *Eu eſcravò de voſſa Alteza olhando pera ſeus reais pês, lançado por terra o adoro. Recebi como excellente dom a real carta de voſſa Alteza, & humildemente digò, que voſſa Alteza por naõ ter verdadeira noticia dos procedimentos, dos que ſeguem a ley do Senhor de tudo, os favorece. Elles ſaõ taõ bayxos, & inſolentes, que ſem terem reſpeito às leys, nem olharem pera o que he peccado, naõ sò vendem os ſeus bois vivos aos Prãgûis, mas compram os alheios, pera lhos irem vẽder a Tramgambar, & a Nagapatam, os quais Prangûis comogente viliſſima, bayxiſſima, infame, & barbara ſem temor de Deos, nem dos homens faz logo cahir os dittos bois*) & note-ſe que eſta palavra, *matar bois*, nenhum gentio a hâ de dizer em publico) *& os cortaõ, & comem. A grande malicia deſte horrendo ſacrilegio he bem manifeſta a voſſa Alteza, que tudo conhece: o crime eſtà provado por meu ſenhor Ragupandidem, que pôs eſpias pera ſe certificar deſta verdade, & tem ordenado, que de huma vez conclua com eſta gente. E voſſa Alteza como taõ amãte da virtude, & zelozo da juſtiça, ſeja ſervido de o naõ impedir, porque de outra maneira ſeraõ ſem numero os bois, & vacas, que cahiraõ, cahindo ſobre nòs o pezo de taõ execranda maldade, pella naõ impedir com o caſtigo merecido, & pera eu executar em taõ malvada gente o que meu ſenhor me tem ordenado, fico eſperando licença de voſſa Alteza.*

14 Esta a carta do Governador, & pera fazer ao Padre, & Christaõs mais aborrecidos do povo, antes de a mandar a fez ler em publico, & pera que outros tivessem occasiaõ de a ver, a entregou aberta ao soldado: como este era Christaõ, a entregou ao Padre Joaõ de Britto, o qual a deixou ficar na sua maõ, porque se fosse à do Principe, podiaõ nacer della muytos infortunios; & como elles tenhaõ por costume ler estas cartas em publico, se a ouvissem os povos, naõ eraõ evitaveis os inconvenientes, que dahi teriaõ sua origem.

15 Encomẽdou aos Christaõs, fizessem oraçaõ a Deos, pera que acudisse, & naõ triumfasse a mentira. Ouvio Deos suas oraçoens, & dẽtro de dous mezes foi deposto aquelle Governador com grande infamia sua, por se lhe provar, que tinha roubado muyto a el-Rey. Permittio Deos fosse maior a sua infamia, porque concorrendo gente innumeravel, a se lavar no mar junto de hum pagode, que dizem ser o primeiro, que ouve naquelle imperio, originandose o cõcurso por causa de hum eclipse do sol; alli foi fama constãte, que el-Rey mandara cortar os pés, & as maõs a este Governador, por ser ladraõ: foi esta fama divulgada por seus inimigos; ainda que depois se soube, naõ chegara a tanto o castigo, ficou infamado entre innumeraveis gentes, que com essa opiniaõ se partiraõ daquelle lugar pera as suas terras.

CAPITULO XXIV.

Trabalhando nas suas Christandades o livra Deos de alguns perigos, & se refere hum caso prodigioso de S. Francisco de Xavier.

1 JUlgando o Padre, que naõ convinha passar a Tanjaor, se partio pera o Norte a visitar as Christandades das provincias Vetavanaõ, Tirunvaley, & Xemgama, & passar ao reyno de Golocondâ, donde lhe vieraõ noticias, havia esperanças de grande colheita. Despediose em Cornapatû do Padre Jeronimo Telles; & tendo andado tres dias de caminho chegou a huma povoaçaõ, chamada Tanrey, que estâ entre Vatavanam, & Tirunamaley; alli assis-

tio

tio dentro de hum matto quaſi por hum mez, ſervindolhe de caſa o vaõ entre dous penedos, ſobre o qual cahia huma arvore; & de Igreja huma ramada, que preparou pera dizer Miſſa.

2 Muyto padeceo alli o ſervo de Deos com os Chriſtaõs, que lhe aſſiſtiaõ; era o lugar infeſtado de Tigres, cobras, & outros bichos venenoſos, q̃ os naõ permittiaõ eſtar ſem continuos ſobreſaltos. O calor do ſol era exceſſivo, havia grande falta do neceſſario; o trabalho era tanto, que de dia apenas tinha tempo, pera rezar o officio Divino, & de noyte eſcaſſamente lhe ficava algum eſpaço de tempo pera repouſar; porque todo era pouco, pera ouvir confiſſoens, & baptizar aos Cathecumenos. De madrugada dizia a ſua Miſſa, & quando vinha rompendo a aurora, ja os Chriſtaõs depois de a ouvir, ſe hiaõ retirando pera as ſuas aldeas. Teve tambem alli muytas diſputas com os gentios, nas quais as ordinarias ſoluçoens eraõ muytas injurias, & affrontas, que elle ſofria com a ſua ordinaria paciencia.

3 Seis dias havia, que eſtava naquelle mato, quando em huma feſta feira, tendoſe ja retirado os Chriſtaõs pera as ſuas aldeas, a hum que ficou mais afaſtado, inveſtiraõ dous ſoldados da infame ſeyta do Lingaõ, perguntaraõlhe pello ſeu Padre, que vinhaõ apoſtados a tirarlhe a vida, por ſer taõ ſoberbo, que tendolhe os Governadores prohibido enſinar naquellas terras a ſua doutrina, elle ſem temor a vinha enſinar.

4 Quando os ſoldados mais apertavaõ com o Chriſtaõ, o guarda da aldea, a cujo cargo eſtâ vigiar de noyte, & ver quem entra, & ſahe della, conhecendo que o Chriſtaõ era ſeu parente, diſſe aos ſoldados, que o deyxaſſem, que elle naõ ſabia, do que lhe perguntavaõ, que viera a viſitalo, & por fugir da calma, ſe partira de madrugada. Por eſte reſpeito o deyxaraõ os ſoldados, & elle ſe foi logo dar aviſo ao Padre, de quã perto eſtavaõ os ſoldados, & da determinaçaõ, com que vinhaõ.

5 Ouvindo-os, recolheo, & occultou as alfayas ſagradas; & com alguns Chriſtaõs ſe pôs em oraçaõ, perſuadidos, que Deos naquelle dia, em que dera a vida por nós, queria, que a deſſem tambem por elle. Oito eraõ os Chriſtaõs companheiros do Padre, & ja quaſi ſe davaõ o parabẽ da ditoſa ſorte do martyrio; mas como os ſoldados antes

de

de amanhecer naõ puderaõ atinar com a eſtancia do Padre, tanto que abrio a menhãa, deixaraõ ſeus maos intentos, & ſe retiraraõ, ſem fazerem mais diligencia pello lugar, que buſcavaõ.

6 Neſte meſmo tempo eraõ grandes as hoſtilidades, q̃ fazia nas provincias de Veteranam, & Tirunamaley, em que o Padre eſtava, o Regulo Xilanayque por parte delRey de Mayſſur: naõ havia quem puzeſſe freyo às inſolencias, & cada qual fazia o que queria; taõ deſordenado andava tudo com a perturbaçaõ da guerra. Succedeo pois que junto ao matto, donde aſſiſtia o Padre roubaraõ os ladroens ſetenta moedas de ouro a hum mercador pello meyo dia. Indoſe o roubado queyxar ao Governador da provincia, alguns dos ſeus miniſtros lhe aconſelharaõ, que impuzeſſe o furto ao Padre Joaõ de Britto, dizendo, que os Chriſtaõs, q̃ de todas as partes acodiaõ àquelle matto, por ſeu mandado haviaõ cometido aquelle furto: & que com eſta capa o podia prender, & quando lhe ſáhiſſe das maõs com vida, ſeria com ordem de naõ voltar mais às ſuas terras a enſinar tal doutrina. Tooulhe o alvitre, & mandou logo pôr a ponto gente de pé, & de cavallo pera prender ao Padre; mas foi Deos ſervido, que por outra via ſe deſcobriſſem os ladroens, & ficaſſem livres o Padre, & os Chriſtaõs do perigo, que lhes eſtava armado.

7 Do Reyno de Ginja paſſou ao de Golocondâ, & chegando a Utaranalur Cidade muyto populoſa, achou, q̃ muytos ſe tinhaõ reſolvido a deyxar a adoraçaõ dos idolos. Dia do Eſpirito Sancto baptizou álli a cento, & oitẽta, que achou bem catequizados, & enſinou o cateciſmo a outros muytos. Porem como ſe naõ pudeſſe alli deter tanto tempo, deyxou dous catequiſtas, que fabricaſſem a ſeara; paſſou outra vez pera o Sul; atraveſſando pello reyno de Velur, entrou no de Ginja, aonde ſe deteve ſó quinze dias pera baptizar os catecumenos, & adminiſtrar os Sacramentos. Logo paſſou a Tanjaor apreſſando as jornadas por cauſa das inundaçoens dos rios, que ja vinhaõ começando.

8 Viſitando as Chriſtandades daquelle reyno, chegou a huma povoaçaõ chamada Xatipari, na qual em caſa de hum Chriſtaõ fez huma pequena ermida. Achou ter Deos alli perto obrado huma maravilha por interceſſaõ de S. Fran-

S. Francisco de Xavier, que he das prodigiosas, que tem obrado este grande Apostolo da India.

9 Guardavaõ gado tres moços, dous gentios, & hum Christaõ: veyo sobre elles hum grande chuveiro; pera se defenderem, se meteraõ debayxo de huma bem copada arvore; cahio hum rayo, que os matou a todos tres: buscaraõ os pays a seus filhos, & os acharaõ mortos ao pé da arvore; aos dous gentios enterraraõ seus pays com as ceremonias da infame seyta de Lirigam, da qual eraõ, & cujo idolo traziaõ pendente de seus pescossos. Ao Christaõ, q tinha sido baptizado pello Padre Joaõ de Britto, como tãbem seus pays, levaraõ estes pera sua casa, pera o sepultar cõ as ceremonias da Igreja. Ja estavaõ pera o enterrar, quãdo sua may levada de huma grande fé, & devaçaõ, fez esta queyxa ao Sãcto Xavier, cujo nome tinha o seu filho morto: Meu Sancto glorioso, pouco tempo ha, que recebi a santa ley, tendo firme confiança, que o Senhor, aquem eu servia, por vossa interceſſaõ havia de ampatar todas as minhas cousas, assim o tenho dito a meus parentes gentios, q agora me lançaõ em rosto a desestrada morte de meu filho, que tem o vosso nome. Pera que elles se confundaõ, & todos vejamos a efficacia de vossa proteçaõ; vos rogo alcanceis vida a este meu filho. Palavras naõ eraõ dittas, quando com assombro da may se levantou o filho com vida diante de seus olhos, sem lezaõ alguma, amodo de quem se levantava de hũ suave, & doce sono. Logo o trouxeraõ à Igreja com huma offerta ao Sancto, dandolhe as devidas graças por mercê taõ assinalada; que servio de os confirmar mais na fé, & confundir ao gentilismo.

CAPITULO XXV.

Livra o Deos de ser preso. Por meyo do sancto baptismo se livraõ muytos do poder do Demonio; & refere se a singular constancia na fé de hum Christaõ chamado Gaudioso.

VIsitadas as Christãdades das provincias de Manarcoil, & cabo da Calhameyra, chegou na antevespora de S. Lourenço à sua pobre casa de Xirucarambur a-

onde

onde acodia a maior parte das Chriſtandades de Tanjaor. Aos 8 de Setembro paſſou ordem o novo Governador daquellas provincias, que ſuccedeo ao que eſcreveo a carta, que aſſima referimos, pera que o prendeſſem, & ſe lhe confiſcaſſe tudo: naõ ſe deu eſta ordem à execuçaõ naquella noyte, porque ſabendo della os Chriſtaõs, depois de varias altercaçoens reſolutamẽte diſſeraõ ao Governador, q̃ ſe prendia ao Padre, que logo haviaõ de deſpovoar a terra, & paſſar a outra. Eraõ ja muytos os Chriſtaõs, & temendo que as rendas da coroa, que elle trazia arrendadas, teriaõ grandes diminuiçoens, ſe os Chriſtaõs ſe auſentaſſem; paſſou ſegunda ordem, que naõ prendeſſem ao Padre.

2 Porem lâ pella meya noyte, inſtigado dos inimigos de Deos, mandou hum Capitaõ de cavallos com alguma gente de pé, pera que lhe cortaſſe a cabeça, ſem ſe ſaber de donde lhe viera o golpe, & que lha trouxeſſem, porque aqueria ver. Ja chegava perto do lugar, aonde eſtava o Padre, quando o Ceo ſahio em ſua defenſa com huma groſſa, & porfiada chuva acompanhada de relampagos, & trovoens taõ eſpantoſos, q̃ parece cahia todo o Ceo ſobre aquelles atrevidos homens; os quais em tanta confuſaõ perderaõ o tino, & por entaõ deyxaraõ ſeus depravados intentos.

3 Mas como o Governador naõ eſtiveſſe mais, q̃ meya legoa de diſtancia do lugar, aonde aſſiſtia o Padre; os ſoldados da ſua guarda, que eraõ quaſi todos Chriſtaõs, deraõ aviſo ao Padre de tudo, o que paſſava. Sabendo tudo o Padre, & julgando com os mais Chriſtaõs, que com elle aſſiſtiaõ, que o auzentarſe naquella occaſiaõ cedia em menoscabo da ley de Deos, ſe deyxaraõ ficar, aonde eſtavaõ; & Deos que tudo governa, mudou o coraçaõ daquelle idolatra pera naõ continuar em ſeus maos intentos.

4 Dahi a alguns dias ſe partio da quelle lugar pera o reyno de Ginja, aonde chegou depois de ter paſſado nem menos que ſete rios a nado, ajudandoſe de algum pao, em que ſe pegava. Deſde os ultimos de Setembro athe quatorze de Dezembro eſteve naquellas Chriſtandades, aonde o veyo viſitar o Padre Jeronimo Telles, cõ quem ſe conſolou. He eſte hum dos maiores alivios, que coſtumaõ ter nas ſuas peregrinaçoens os Miſſionarios, aquem o Ceo naõ falta com outros muytos. Dali paſſou com muytos trabalhos

lhos a Tanjaor, pera celebrar naquellas terras a festa do Natal, que se celebrou com notavel devaçaõ, & concurso dos fieis: desde a vespora de S. Thome athe dia de JESUS passaraõ de mil, & oitocentos, os que receberaõ os Sacramentos da confissaõ, & communhaõ. Baptizou em todo este anno mil, & tres pessoas.

5 Foi grande a mercê, que fez Deos por meyo do baptismo a huma Bracmena gentia; o *Demonio* a tinha tomado à sua conta, vexandoa de mil modos, ja apertandolhe a garganta, ja andandolhe com a cabeça à roda com tanta vehemencia, que sete, ou oito pessoas a naõ podiaõ ter maõ, Outras vezes a lançava no matto, & alli a apertava, & intricava tanto, que naõ era facil tirala do lugar, donde o Demonio a lançara. Era muyto nobre, & rica, por isso mais notorio o seu trabalho. Ouvio dizer as maravilhas, que Deos obrava nos q̃ ouviaõ a ley sãcta, & se resolveo a deyxar os idolos. Por dez mezes ouvio o catecismo; depois de bem provada, a baptizou o Padre Joaõ de Britto, ficando livre dos desasossegos, em que a trazia o Demonio. Em lugar das vexaçoens do *Demonio* succederaõ as de seus parentes, que por se ter feito Christaã, a injuriavaõ, quanto podiaõ: tudo sofria com paciencia; servindo as molestias, que lhe davaõ os homens, de estimulo pera se unir mais cõ Deos.

6 Mais de vinte pessoas aquelle anno foraõ livres do Demonio pellas oraçoens do Padre. Huns com os feitiços estavaõ tisicos cõfirmados, outros taõ coyxos, q̃ se naõ podiaõ ter nos seus pés; sẽdo necessario, q̃ os parentes os trouxessem em andores: todos depois de catequizados recebẽdo o sancto baptismo cobraraõ saude na alma, & no corpo; & se recolheraõ alegres pera suas terras, deyxando muytos os andores em testimunho do beneficio recebido.

7 Assistindo o Padre em Tanjaor, levantou o Demonio huma das maiores perseguiçoens, que ouve naquelle reyno; começou esta na provincia de Carajambatû. O Padre Joaõ de Britto foi o primeiro, que alli plantou a fé, & athe aquelle tempo a cultivava com seu grande zelo, & fervor. No fim do anno de mil seiscentos oitenta, & quatro prenderaõ a hum Christaõ por nome Gaudioso de dezoito annos de idade; deraõlhe grandes tormentos, pera deyxar a fe: trinta, & dous dias esteve carregado de ferros em hũa

aſpera prizaõ; todos os dias o levavaõ a juizo, & o açoutavaõ, dandolhe golpes em todo o corpo, em que ja ſe naõ viaõ mais, que feridas; perſuadindo-o aſſim os Meſtres dos gentios, como os Magiſtrados, que todos eraõ ſeus parentes, & elle muyto nobre, que deyxaſſe a ley de Deos. Vẽdo que nenhum mao tratamento, nem perſuazoens o abrãdavam; com as lagrimas nos olhos lhe diſſeram a grande deshonra, que era de todos os ſeus parentes ſer tantas vezes açoutado por couſa taõ vil, & bayxa, como era ſer Chriſtaõ; que naõ avia maior deſcredito, que deyxar de adorar aos Deoſes, aquem reconheciaõ tantos letrados, Reys, & povos; em cuja honra ſe tinhaõ diſpendido tantos teſouros, pera lhes edificar templos grandioſos, & dignos da ſua divindade: que era eſtranho deſatino cuidar hum moço, que acertava, & que hiam errados tãtos ſabios. Logo lhe encareciaõ a nobreza da ſua familia, & a grande afronta, que por ſeu reſpeito padecia.

8 De todas eſtas, & outras razoẽs naõ fez cazo algum o bom Chriſtaõ; reſpondendo, que a ſua nobreza era padecer por Chriſto; que quanto ao ſeguirem poucos a Ley de Deos, pera elle nada importava; que ſó tratava de ſeguir a verdade, ſem olhos em que a ſeguiſſem muytos, ou poucos; que eſtava reſoluto a deyxar antes a vida, que a ley, por razão daqual eſtava prezo.

9 Enfureceraõſe tanto com eſta reposta os gentios, q̃ no dia ſeguinte por publica ſentença o condenaraõ à morte. Succederaõ neſta occaſiaõ dous cazos, depois de o Chriſtaõ eſtar condenado, dignos de eterna memoria: foi o primeiro, que huma menina de onze annos, & Cathecumena, parenta muy chegada do Chriſtaõ, ſabendo o que paſſava, entrou no carcere, & pondoſe de joelhos a ſeus pés lhe diſſe: Meu Irmaõ, eu lhe inveje muyto a boa ſorte de dar a vida por Chriſto, rogolhe encarecidamente, que quãdo ſe vir diante de ſua divina Mageſtade, lhe peça, me dê ſemelhante ventura, & meyo pera receber o ſancto baptiſmo. Ficaram attonitos os guardas com tanta conſtancia, & hum delles com toda a ſua familia ſe reſolveo a deyxar os idolos, & ſeguir a Chriſto.

10 O ſegundo cazo foi, que aquelle ſancto Chriſtaõ deyxando fiador em o carcere, aquella noyte ſe foi deſpedir da may, da molher, & mais parentes, a quem o Padre

com

com outros muytos tinha baptizado o anno antecedente; aos quais fallou desta maneira: No dia de à menhaã vou dar a vida pella Ley de Christo; com nenhumas palavras posso explicar o gosto, que disso tenho: tres cousas vos peço: a primeira, que rogueis a Deos, que me dê perseveraça athe o fim: a segunda, que naõ tenhais por infamia vossa esta minha morte, antes pella mayor honra, que Deos faz aos que quer bem, daqual eu me reconheço, & sou indigno: a terceyra, que nem as perdas da honra, nem da fazenda, vos obriguem a deyxar a Ley de Deos. Responderaõ todos, que por cousa nenhuma deste mundo deyxarião a sancta Ley, que tinhaõ abraçado, & que estimavaõ mais, que suas vidas.

11 Depois de se consolarem, & animarem estes fervorosos Christaõs; o alentado mancebo Gaudioso com mayor gosto, do que sahira do carcere, se tornou a elle. Neste tempo estava o Padre Joaõ de Britto mais de noventa legoas daquelle lugar, & prezo pello Canaás com grande rigor, & aperto: por esta causa naõ lhe foi possivel assistir a este seu Christaõ. Porem os Catequistas, & mais Christaõs sabendo, que Gaudioso naõ fora prezo por ordem delRey, mas por odio dos Magistrados seus parentes, trouxeraõ ordem do Governador, & General, pera que fosse solto, & se restituisse aos Christaõs tudo quanto lhe tinhaõ confiscado.

CAPITULO XXVI.

De como foi prezo, & solto; disse tambem noticia da huma grande perseguiçaõ, que padeceo a Christandade em Tanjaor.

1 EM quanto Gaudioso em Tanjaor dava este singular exemplo de sua Fé, & constancia; esteve prezo com grande aperto o Padre Joaõ de Britto nas terras do Sul do Reyno de Madure em huma Provincia, aonde athe aquelle tempo naõ tinhaõ entrado os Padres Missionarios. Alli, por naõ ter ainda caza, fez sua assistencia em hum palmar; nelle pregava a Fé de Christo a muyta gente, que cõcorria a ouvilo, da qual muytos a abraçaraõ.

2 Naõ ſofreo o Demonio, que lhe eſcapaſſem tantas almas, & aſſim em huma noyte, que o Padre eſtava pera baptizar duzentos Catecumenos, ſe amotinaraõ os gentios da povoaçam viſinha, & com muyta gente de armas, ao modo, que os Judeos a Chriſto no horto, o foraõ prender no palmar. Teve deſta ſua vinda noticia o ſancto Padre, & à imitaçaõ de Chriſto lhes ſahio ao encontro, preguntando, aquem buſcavaõ? Neſte tempo tiveraõ lugar os Catecumenos, pera ſe retirarem a ſeu ſalvo; foi prezo com os Catequiſtas, que o acompanhavam.

3 Nelles fartaraõ o ſeu odio; cruelmente os açoutaraõ, roubandolhe, quanto tinham. Muytas vezes vieraõ, pera lhes cortar as cabeças, que elles offereciam com mais vontade, do que os gentios lhas dezejavaõ tirar dos hombros. Porem nunca ſe atoutaraõ a lhes dar a morte, porq a prizaõ nam fora feita por ordem do Nayque, nem dos governadores, mas ſó pob odio das Caſtas, ou familias, que tinham por grande deshonra, que couſa ſua recebeſſe a Ley de Deos: & aſſim depois de algum tempo os ſoltaraõ a todos.

4 Depois de ſahir da prizaõ teve noticia o Padre Joaõ de Britto do que tinha paſſado com Gaudioſo em Tanjaor, & com os de mais Chriſtaõs; atraveſſando aquellas terras paſſou logo a Tanjaor, foi a caza de Gaudioſo, a quem deu o parabem do valor, & conſtancia, com que tinha feito roſto aos gentios; & dalli mandou dizer aos que tinhaõ levantado a perſeguiçaõ; que ſe nelles avia alguma duvida contra a Ley de Deos, naõ era juſto a averiguaſſem com aquelle Chriſtaõ, que naõ era letrado na Ley, que profeſſava, que elle eſtava prezente, pera reſponder a tudo, & com razoẽs, & com a meſma vida prompto pera ſahir a campo pella verdade. Naõ quizeraõ os gentios aceitar a diſputa, ainda que ſentiam muyto, que tantos deſprezando aos ſeus Deoſes, abraçaſſem a Fé dos Chriſtaõs.

5 Levando mal o inimigo de noſſas almas, que tantos gentios ſe converteſſem fazendo em pedaços, metendo de bayxo dos pés, & lançando no fogo, ou nos rios os idolos, que antes traziaõ ao peſcoço: ordio a mais formidavel perſeguiçaõ, que padeceraõ naquelle Reyno os Chriſtaõs.

6 Sahio huma ordem do primeiro Miniſtro do Reyno, em que diſpunha, que todos os Chriſtaõs foſſem prezos, & leva-

levados a Combucânaõ, aonde elle assistia: pera esta execuçaõ mandou ministros, & soldados por todo o Reyno. Começaraõ as prizoẽs dia de Reys nas Provincias do Norte, assistindo nesse tempo o Padre nas Provincias do Sul, aonde lhe chegou a noticia aos nove de Janeyro. Logo se poz a caminho pera Combucânaõ; mas os Christaõs, que athe alli naõ tinhaõ sido prezos, antes de o Padre entrar na cidade, lhe sahiraõ ao encontro, & cõ rezoẽs convincentes lhe persuadiraõ, que passasse o rio Colaraõ, que divide o Reyno de Tanjaor do de Ginja, pera delà com o seu conselho, & direçaõ assistir aos Christaõs de Tanjaor; que todos estavaõ pendentes da sua vida.

7 Julgou que tinhaõ razaõ; & posto por elles sobre hum feyxe de lenha passou o rio, que entaõ hia caudaloso. Daquelle posto acodia, quanto lhe era possivel, aos Christaõs. Jà todos os carceres do Reyno estavaõ cheyos de Christaõs, a quem depois de confiscados os bens, davaõ crueis tormentos, pera deyxarem a Fé. Quizera o Padre visitar em pessoa ao Rey, & dar razaõ de si, & dos seus Christaõs; mas naõ teve occasiaõ. Crecendo de cada ves mais as ondas furiosas daquella tempestade; os Christaõs da corte, aonde athe entaõ naõ avia prizoẽs, em hum corpo pediraõ ao General do exercito, que era Mouro, os patrocinasse diante del-Rey, pera que lhes desse audiencia, & que se os achasse culpados, lhes mandasse a todos cortar logo as cabeças. Respondeo o Mouro, que a sua intercessaõ naõ poderia ser de grande effeyto, porque todos os Bracmenes estavaõ contra a Ley de Deos: mas que se a caso se offerecesse occasiaõ, & el-Rey lho perguntasse, seria de parecer, que os ouvisse.

8 Sabendo hum gentio chamado Romanayque, que era o motor de toda esta perseguiçaõ, o que pertendiaõ os Christaõs por meyo daquelle Mouro; o mandou visitar, pedindo-lhe, naõ patrocinasse aos Christaõs, inimigos naõ menos do seu grande profeta Mafamede, que o eraõ de todos os Deoses daquelle Reyno, que os deyxasse acabar de huma vez; que se assim naõ fosse, em poucos annos naõ averia hum só homem, que adorasse aos Deoses; & que depois viriaõ os Europeos, & sogeitariaõ a todo o Reyno; & esta era a traça, com que se tinhaõ feito senhores de tantas terras no Oriente. E pera que as suas razoẽs tivessem mo-

lhor

lhor aceitação no agrado daquelle Mouro, lhe mandou hũ grandioso prezente, & hum cavallo com todos os adereços de prata. Alegrouse o Mouro com a offerta, & dalli por diante mostrou em tudo má vontade aos Christaõs.

9 De tudo avizaraõ logo os Christaõs ao Padre, & todos os dias mandavaõ noticias por dous, & mais proprios, se eraõ necessarios. Estando as cousas nestas alturas; os Christãos da corte, dos quais muytos servião de levar os provimentos à cavallaria, & elefantes del-Rey, determinaraõ de se retirar, & deyxar sem provimento os elefantes, & cavallos. Este conselho lhes deu hum Mouro principal, dizendo, que só por este caminho teriaõ audiencia del-Rey. Tendo el-Rey noticia, deque pereciaõ os cavallos, & elefantes, mandou logo examinar a causa daquella falta.

10 Já neste tempo estava passado decreto, que nenhũ Christaõ fosse no Reyno, & que nelle senaõ pregasse mais a Ley de Deos. Conhecendo o Rey, & Ministros, que o faltarem os Christaõs com os provimentos aos elefantes, & cavallaria, tudo era, porque os naõ queria el-Rey ouvir, & por os olhos na sua justiça, o primeyro Ministro do Reyno chamou aos Christaõs mais principais, & lhes deu vista das culpas, que contra elles dera Romanayque, as quais se reduziaõ a quatro.

11 Primeyra, que os Christaõs nem adoravaõ aos seus Deoses, nem reverenciavaõ aos seus templos. Segunda, que naõ avia entre elles cousa particular, mas que athe as molheres eraõ commuas. Terceyra, que as Virgens aviaõ de ser violadas antes de se receberem. Quarta, que o timbre da Ley de Deos era beberem todos por hum mesmo pucaro de barro o leyte, & que bebiaõ cuspindo primeyro nelle, dizendo aos Christaõs, que se puzessem contra seu Rey por parte dos Europeos.

12 A estas calumnias responderaõ os Christaõs, que elles só adoravaõ ao verdadeyro Deos, que fez o Ceo, & a terra, que naõ adoriaõ a outro, ainda que lhes custasse a vida. Que a nenhum dos seus Deoses reconheciaõ por tal, nem faziaõ cazo dos seus templos. Que os outros capitulos, que se lhes davaõ, eraõ falsissimos; que se se provasse ser algum delles verdade, eraõ contentes, de que lhe tirassem as cabeças dos hombros, & confiscassem os bens, & sobre

bre tudo offereciam mil patacas pera el-Rey; de que paſſaram obrigaçam, & deram tambem fiança.

13 Paſſados que foram quinze dias, eſcreveo el-Rey ao Governador de Combucânam, que tinha prezo aos Chriſtaõs, remettendolhe o aſſinado, que eſtes tinhaõ paſſado em Tanjaor, & aos meſmos, que o paſſaraõ. Extraordinario foi o ſentimento daquelle Bracmene, por ver, q̃ naõ poucos Chriſtaõs intẽtaſſem fruſtrar ſeus deſignios. Foraõ muytos de parecer, que os Chriſtaõs foſſem arraſtados pella cidade, atados a caudas de jumentos, & mortos afrontoſamente, que depois com algum crime impoſto capeariam, ou deſculpariam eſta ſua maldade.

14 Porem o Bracmene, que preſidia lançou no meyo do conſeſſo a carta del-Rey, dizendo: que ſe alguem ſe atrevia a provar alguma daquellas culpas, que naõ ſó âquelles, mas atodos os mais Chriſtaõs mandaria logo matar; & que ſenaõ ouveſſe, quem as provaſſe, que elle naõ mandava mais, que ſeu Rey; que ſó ordenava, ſe procedeſſe a caſtigo, depois de provados juridicamente os crimes, que ſe impunham. Como naõ ouveſſe, quem os provaſſe; por ſentẽça publica deu o Juis aos Chriſtaõs por livres, & que pudeſſem viver na ſua Ley, como athe aquelle tempo o faziaõ: deſta ſorte ficou revogado aquelle pernicioſo decreto.

15 Todo eſte ſucceſſo taõ diverſo do que ſe temia, affirma na ſua carta annua de mil ſeiscentos, & oitenta, & ſinco o Padre Luis de Mello, a bayxo de Deos ſe devia às boas direçoẽs do Padre Joaõ de Britto, Superior, que entam era da miſſaõ; & diz o meſmo Miſſionario, que quando todos davaõ por acabada a Chriſtandade, & a Fé no Reyno de Tanjaor, foi Deos ſervido, de que ficaſſe com mais credito, ſendo eſte hum dos fructos, que deu aquella perſeguiçaõ.

CAPITULO XXVII.

Padece com os ſeus Catequiſtas em o Reyno do Maravâ muytas prizoẽs, & tormentos, & como Deos o livrou da morte, a que eſtava condenado, & outras couſas, que entaõ ſuccederaõ.

1 COmpoſtas aſſim, & quietas as couſas de Tanjaor, paſſou o ſancto Padre ao Reyno do Maravâ, aonde

avia

avia deſoito annos naõ tinha ido Padre Miſſionario, por ſe temerem grandes perturbaçoẽs nas Chriſtandades, que alli avia, a reſpeito da perſeguiçaõ, que o Rey antecellor ao que entaõ dominava, havia levantado contra os Chriſtaõs no anno de mil ſeiscentos ſeſſenta, & nove, como ſe refere nas cartas annuas daquelle tempo.

2 Antes de entrar em taõ difficultoſa empreza, conſultou a hum Padre Miſſionario antigo; que por muytas razoẽs foi de parecer, que tal couſa naõ intentaſſe, pellos grandes perigos, & inconvenientes, que ſe offereciaõ. Reſpondeo o veneravel Padre, que elle naõ pedia conſelho, ſe avia, ou naõ avia de paſſar ao Reyno de Maravâ, que iſſo tinha elle determinado conſigo, mas queria ſaber, que meyos lhe facilitariaõ a entrada; & como eſtes ſenaõ apontavaõ, que todo ſe punha nas maõs de Deos, que como a obra era toda ſua, naõ deyxaria de o favorecer na jornada, como o ajudava nas demais.

3 Com eſta reſoluçaõ, & como quem a couſa, que menos eſtimava, era a vida temporal, em Mayo de mil ſeiscentos oitenta, & ſeis entrou no Reyno de Maravâ, com taõ bom ſucceſſo, que athe os dezaſete de Julho baptizou a mais de dous mil, & ſetenta; confeſſou a todos os Chriſtaõs, aſſiſtindo de dia, & de noyte neſte ſancto miniſterio, & no de baptizar; admirando os meſmos gentios, de que pudeſſe hum ſó homem aturar taõ exceſſivo trabalho.

4 Depois de conſolar aquelles Chriſtaõs, que como terra ſequioſa avia dezoito annos eſperavaõ a chuva do Ceo; aos dezaſete de Julho partio pera as provincias do Norte, aonde antes mandara quatro Catequiſtas, que tinhão jâ doutrinado grande numero de Catecumenos. No caminho paſſando por Mangalaõ ſe encontrou com o Governador do exercito do Maravâ, que com mil ſoldados conduzia a maior parte da gente da cidade, & do Paço, pera hum Pagode diſtante oito legoas, em ordem a explorar com certa ceremonia, que uſaõ, quem tinha furtado a el-Rey hum colar de precioſiſſimas perolas, & de muyto grande valor.

5 Viſto naõ ſer muyta a digreſſaõ, naõ ſerâ couſa de deſgoſto aquem ler, ouvir a ſuperſtiçaõ, & modo, com q̃ fazẽ eſta diligencia, & he o ſeguinte. Na terça feyra ao meyo dia poem ſobre hum alear hũa barra de ferro abrazada,

aqual

a qual vaõ lambendo os Sacerdotes do Pagode cada hum em nome de huma das peſſoas, que hâ de fazer o juramento, & naõ dura mais, que athe a huma hora; ſe algum dos Sacerdotes queymou a lingoa, aquelle por cuja tençaõ lãbeo o ferro, fica culpado; & ſe a naõ queymou, he julgado por innocente. Depois de lamberem o ferro, fechaõ aos Sacerdotes em huma caza do meſmo Pagode athe ãs tres horas da tarde; neſte tempo vaõ tres miniſtros dos principais, & raſpandolhe muyto bem a lingoa com huma folha de palmeira, ſe dizem, que naõ eſta queymada, fica tido por innocente aquelle por cuja tençaõ lambeo; & ſe affirmaõ, que ſe queymou, o daõ logo por culpado: naquella occaſiaõ entre mais de mil peſſoas, por cuja tençaõ ſe lambeo o ferro, ſó duas ſahiraõ culpadas.

6 Sabendo pois o General, que conduzia eſta gente pera o Pagode, que paſſava o noſſo Miſſionario com ſinco Catequiſtas, os mandou prender, & tomar quanto tinhaõ: mandou os açoutar cruelmente, perſuadindoos, a que diſſeſſem: Xivâ, Xivâ, nome de hum celebre idolo. Como nem o Padre, nem os Catequiſtas quizeſſem tomar na boca nome taõ infame, por mais que inſtaraõ os gentios athe alta noyte; carregaraõ de grilhoẽs ao Padre, & o amarraraõ a hum cepo no meyo da praça, & nelle puzeraõ tambem aos Catequiſtas com huma companhia de guarda.

7 Paſſaraõ toda a noyte em vela, à imitaçaõ de Chriſto em ſua payxaõ, feytos ludibrio dos ſoldados. Pella menhaã concorreo gentio ſem conto a ver os inimigos capitais dos ſeus Deoſes; & aquelle cuidava fazia maior obſequio aos idolos, que mais afrontava aos prezos: naõ ſe podem dizer em poucas palavras as injurias, & mao tratamento, q̃ aqui ſe lhes fez a todos: huns lhe coſpiaõ nos roſtos, outros lhe davaõ bofetadas, outros com paos deſcarregavaõ ſobre elles.

8 Neſte penoſo martyrio eſtiveraõ athe o meyo dia à torreyra do Sol, que era grande: Depois lhe deraõ tratos de agoa, que elles coſtumaõ dar neſta forma. Amarraõ ao padecente huma das maõs atras com huma corda, & o lançaõ em huma alagoa, aonde ſe lhe poem hum homem ſobre o corpo, depois o tiraõ à praya, pera que diga, o que elles querem, que confeſſe. Tanto, que deraõ eſtes tratos de agoa aſſim ao Padre, como a ſeus companheiros, os levaraõ

rão pera huma fortaleza chamada Calicoil, que diſtava tres legoas daquelle lugar.

9 No caminho os trataraõ com grande inhumanidade, & com muyto maior depois de chegarem a fortaleza. Era hum dos Catequiſtas, homem já velho, tinhaſe criado no Paço, & por eſſa razaõ conhecido do General; naõ ſervio o conhecimento de outra couſa, mais que de ſer o principal obiecto das indignaçoẽs do General: que mandou foſſe acoutado, o que ſe fez por mais de meya hora: depois, que nú o arraſtaſſem por hum monte abaxo, cheyo de eſpinhos, & pedras; & que hum a hum lhe arrancaſſem os cabelhos das barbas; julgando todos, que eſtava já morto, o mandaraõ queymar com hum tiſſaõ de fogo em duas ou tres partes do corpo; o que elle por entaõ naõ ſentio.

10 Ao Padre mandaraõ carregar de ferros nos pes; entre eſtes lhe meteraõ huma eſtaca, & junto deſta puzeraõ outra mais atras, em que lhe ataraõ as mãos pella parte das coſtas, ficando o corpo feito a modo de hum arco. Depois de o tirarem das eſtacas; a elle, & aos Catequiſtas carregados de ferros os meteraõ todos ſeis em huma pequena caza, em que apenas cabiaõ tres peſſoas; *alli paſſaraõ* aquella noyte; & já avia dous dias, & duas noytes, que naõ tinhaõ comido couſa alguma, ſuſtentandoſe dos tormentos, que com eſtes ſe alentavaõ antigamente os ſanctos Martyres, & à ſua imitaçaõ tinhaõ agora forças pera penar eſtes noſſos. Daquelle carcere os mudaraõ pera outro ainda que mais largo, mais horroroſo pella eſcuridade, & mao cheyro; doze dias eſtiveraõ neſte carcere padecendo trabalhos extraordinarios; depois de ter paſſado tres dias inteiros ſem comer, lhe davaõ hum pouco de arros cozido em agoa de vinte em vinte, & quatro horas.

11 Paſſados os doze dias ordenou o General ao Governador da fortaleza, que lhe remeteſſe os prezos; aſſim o fez indo elles atados com cordas pellos pulſos; & pera os ſegurar, huma cõpanhia de ſoldados. Deſte modo andaraõ ſinco legoas por caminhos aſperos, de mattos, & penedias, com grandes calores: eraõ entaõ os da canicula. Chegados aonde eſtava o General, & aprezentados os prezos diante de grande numero de Miniſtros, lhes perguntou o Principal, ſe eſtavaõ aparelhados, pera dizer: Xivâ, Xivâ; como todos reſpondeſſem, que de nenhuma ſorte; lhes do-

raõ

raõ muytas bofetadas, dando a primeira ao ſancto Padre Joaõ de Britto, offereceo elle a outra face, pera levar a ſegunda: o que vendo hum dos Miniſtros diſſe pera os outros: o primeyro, que enſinou a ley, que elle ſegue, deyxou por preceito, o que elle agora fez.

12 Logo lhes intimaraõ a ſentença do Rey, que dizia aſſim: Por eſte Gru, ou Meſtre da ley do Senhor do tudo vir enſinar huma nova ley a eſtes reynos em tudo contraria às noſſas, & por não querer pronunciar o nome do grãde Deos Xivem, nem ordenar aos ſeus diſcipulos, que o pronuncieõ, lhe ſeraõ cortados os pés, & as maõs, & ſerà eſpetado, & o meſmo caſtigo ſe dará aos ſeus maiores Catequiſtas, & aos tres mais pequenos cortaraõ hũ pé, hũa maõ, os narizes, a lingua, as orelhas, & os deyxaraõ ir vivos.

13 Notificada eſta ſentença, açoutaraõ cruelliſſimamente ao Padre, & aos Catequiſtas grandes, dandolhe tãbem trasos encima de hũ penhaſco de pedra pomes, ſobre o qual os puzeraõ deſpidos, atrado ſó hum pano pella cintura, & deytando-os ora de bruços, ora de coſtas, ſe lhe punhaõ ſobre os corpos athe ſete, ou oito peſſoas; com eſte pezo ſe metiaõ pellos corpos os bicos das pedras. Quando ſe fazia eſta crueldade, ardia tudo com o exceſſivo calor do ſol, com o qual ſe lhes dobrava o tormento.

14 Depois veyo hum official com hum eſpeto de pao, em que havia de ſer eſpetado o Padre, & huma enxô pera lhe cortar a elle, & aos Catequiſtas os pés, & as maõs; tudo eſtava a ponto; porem Deos, que ſó queria por então provar a eſte ſeu ſervo, divertio a ultima execuçaõ; porque chegou naquelle tempo huma carta del-Rey ao General, em que a toda a preſſa, corſando por quaiſquer execuçoẽs, que tiveſſe entre maõs, lhe ordenava, marchaſſe logo com toda a gente de guerra, pera onde elle aſſiſtia, por quanto hum ſeu cunhado eſtava reſoluto de ſe rebellar, trazendo em ſeu favor, & ajuda ao Rey de Tanjaor.

15 Porque o aperto naõ permittia demora alguma, & devia de a haver, ainda que naõ muyta, athe a ultima execuçaõ, ſe interrompeo tudo; logo os recolheraõ carregados de ferros em hum formidavel carcere, com grandes cautelas, pera que naõ ſe eſcapaſſem. Dezoito dias havia, q̃ eſtavaõ naquella clauſura padecendo as vexaçoens, que ſe deyxaõ conſiderar: quando entrou no carcere hum eſcri-

vão, pera intimar ao Padre a sentença, que por informe do General lhe dava el-Rey: cuida se presumia, em que o Padre fosse espedido, depois de lhe cortarem os pés, & as mãos. Ouvida esta sentificação, perguntou o Padre, se a sentença se havia de executar alli, ou em outra parte: Respondeo, que se lhe saberia, quão vinha segunda ordem del-Rey. Deu logo graças a Deos por tão inestimavel merce, & pedio aos Christãos, que tambem lhas désem: em acção de graças rezarão todos o Rozario da Senhora, pedindo lhe juntamente, que a todos lhes alcançasse a graça final.

6 Passados quatro dias chegou ordem del-Rey, pera que os prezos fossem levados à corte, que distava trinta legoas daquelle lugar: algemados de dous em dous, conduzidos por alguma soldadesca forão caminhando, chegarão à corte depois de cinco dias com os pés tão chagados, & feridos, que athe aos mesmos gentios causavão compayxão. O carcere, em que os meterão, foi a estrebaria dos cavallos, tratando-os como se fossem brutos, & não homens: neste lugar esteve o sancto Padre mais de hum mez metido em grilhoens de extraordinaria grandeza.

7 Alli forão disputar com elle os maiores letrados do reyno; todos sahirão da disputa convencidos, & cheyos de tanta admiração, que forão dizer ao Rey, que o Padre ensinava huma doutrina rara, & singular, & ainda que era encontrada com a sua, elle a provava com razoens tão firmes, & explicava com tão boas comparações, que quem as ouvia, as não podia desfazer. Isto dizião os que tinhão melhor entendimento; que os outros, a quem a sua cegueira não deyxava penetrar da verdade, diziam, que era ignorante, & que só o odio, q tinha a seu Deos lhe fazia excogitar algumas razoens à primeira face verdadeiras, mas em si falsas, & pouco solidas.

8 Com estas noticias mandou o Rey por muytos ministros, & athe por seu filho mais velho, q invocasse como nos de Xiven, ou que pello menos mandasse aos Christãos, que o invocassem, porque tinha por grande vituperio, perderselhe em publico o respeito. Mas como estivesse certo, que o Padre não havia de vir em tal cousa, ordenou que viesse à sua prezença; estando diante del-Rey, se elle lhe falara em Xivē, teve cõ elle hũa larga pratica sobre as cousas de nossa santa fé: perguntoulhe pela doutrina, q ensinava; respondeolhe

pondolhe, que a ſua doutrina era enſinar o caminho da ſalvação, & aſſim lhe explicou hum por hum os preceitos do Decalogo. Ouvio-os com attenção, depois poſtos todas duvidas, que ſe lhe offereciaõ a todas ſatisfez o Padre taõ cabalmente, que o Rey diante de toda a ſua corte diſſe verdadeiramente que naõ ha, nem pode haver ley mais ſancta, que eſta, porque manda fazer o que he virtude, & fugir o que he peccado & voltando ſe pera o Padre lhe diſſe, que ſe naõ eſqueceſſe de ley taõ ſancta, nem do Deos, que adorava; que elle naõ queria ſe arrecreaſſe ſe tenga, que contra elle, & os ſeus Catequiſtas tinha aſſentado.

Aqui diſſe o General, que havia preſo ao Padre, & vós porque naõ invocais a Xivem? Reſpondeolhe: que ſó quem adorava a Xivem, o invocava; que elle ſó reconhecia por Deos verdadeiro, ao que criou o Ceo, & a terra, & tudo o que nelles ha, & que ſó a elle havia de invocar. Ouvindo o Rey eſta reposta diſſe ao Padre: Eu naõ vos ordeno, que invoqueis a Xivem, mas ſó vos mandei chamar pera ſaber a doutrina, que enſinais: vinde ca à menhaã pella menhaã pera fallarmos mais de eſpaço nesta materia.

No dia ſeguinte ſolraram aos Catequiſtas, deyxando na priſaõ ao Padre, pera que naõ pudeſſe ir a palacio fallar com el-Rey; dizendo entre ſi, que naõ convinha fallaſſe outra ves com o Rey, porque aſſim como fallando huma só ves o enfeitiçara de ſorte, que revogou a ſentença, que já tinha aſſinado; fallando ſegunda ves o enfeitiçaria tanto, que deyxada a adoraçaõ dos Deoſes, ſegoiria ſó a ley do feiticeiro. Com eſtes temores o detiveraõ mais quinze dias preſo no meſmo lugar, em que quando viera, o metteraõ. Acabados elles, como vieſſe huma dia ſolene, em que el-Rey coſtuma dar perdaõ a todos, na veſpora deſte dia foraõ os Miniſtros aonde eſtava o Padre, & dando o recado da parte del-Rey, o puzeraõ em liberdade. Por eſte caminho Deos, que ſe queria ainda ſervir deſte ſeu grande ſervo, & amigo, lhe faltou com o martyrio, guardandolho pera outra occaſiaõ: dandolhe neſta as forças, que baſtavaõ pera ſofrer multiplicados martyrios, & ſem comparaçaõ mais penoſos, do que o ſeria a meſma morte.

Logo, que o Padre ſe vio fora das riguras da priſaõ,

zam, tratou por todas as vias fallar com el-Rey, pera o converter; & quando nam conſeguiſſe eſte intento, pera alcançar delle licença, pera poder ſem eſtorvo algum prégar nos ſeus Reynos a Fé de Chriſto. Os gentios temendoſe diſto meſmo, por todos os modos o impediam: mas pode tanto a agencia do Padre, que comprou o conſentimento daquelles, em cuja maõ eſtava impedirem, ou darem eſta entrada. Eſtando as couſas em tam boas alturas, lhe chegou ordem do ſeu Padre Provincial, pera que logo ſe viſſe com elle: obedeceo promptamente, deyxando pera outra occaſiam o levar adiante a empreza, que agora tinha entre maõs: ainda que era de tantas conſequencias, & parecia expolas todas a perigo, ſe largava eſta occaſiaõ, puderam mais com elle os reſpeitos à ſancta obediencia, daqual ſenaõ queria afaſtar couſa alguma.

22 Succederam no tempo deſta glorioſa prizam algũas couſas prodigioſas: das quais ſeja a primeyra a commoçam, que fez em muytos a equidade de animo, com que ſofria tantos tormentos, & injurias. Vieram muytos, & athe dos Bracmenes dizendo, ſe queriam converter, porq̃ ley, que enſinava a ſofrer tam pacificamente *injurias tam atrozes*, & ainda eſtimalas mais, que as honras, naõ podia deyxar de ſer verdadeyra. Tanta he a efficacia da virtude, que ſó viſta troca os coraçoẽs, & os obriga a abraçar as difficuldades, por ſe avizinharem com ella.

23 Tambem foi admiravel o poderem corpos tam exhauſtos aturar vivos os trabalhos, que temos referido, que parecia permittir Deos, ou querer as feridas neſtes ſeus martyres, pera ter, que curar nelles; porque tantas, quãtas foram, em breves dias ſe ſaravam, ſem que medicina alguma as ajudaſſe: ficando depois de tantas batalhas taõ ſaõs, & illeſos, como antes de ſe meterem nellas por ſeu amor.

24 Naquelles tratos, que aſſima diſſemos lhe deram ſobre a pedra pomes, quebraram hum dos olhos a hum dos companheiros: conſolou-o o Padre Joaõ de Britto, dizendolhe, que melhor era entrar com hum ſó olho no Céo, q̃ ir com dous pera o Inferno; & fazendolhe o ſinal da Cruz ſobre o olho quebrado, foi Deos ſervido de o reſtituir logo à primeira inteireza, com admiraçam dos gentios, que viraõ eſta maravilha com ſeus olhos, ſem com iſſo acabarẽ de os abrir.

25 Naõ

-ncço. Naõ paſſemos adiante ſem deyxar aqui huma carta, que eſtando prezo, & condenado à morte eſcreveo ao Padre Provincial do Malabar, em que lhe dá conta da ſua prizam: diz pois aſſim. *Padre Provincial, dia de Sancto Aleyxo vindo de viagem me prendeo o Padrane do Maravâ, Cumarâ Pillis (aſſim ſe chama) tomounos tudo quanto queria, que diſſeſſemos Xivâ, Xivâ, que me largaria dandonos tudo: que nos faria honra, & daria licença para prègar a Ley de Deos, & medaria huma Aldea, & hum cavallo. Reſpondi, & ſeis Chriſtaõs, que foraõ prezos comigo, que naõ aviamos de dizer tal nome. Eu fui eſbofeteado, & lançado em dous grilhoẽs, & amarrado ao cepo na rua aquella noyte, & o dia ſeguinte athe as duas horas da tarde. Os Chriſtaõs eſpecialmente Xelven Catequiſta, & Xiran Gildean foraõ eſpancados taõ cruelmente, que lhe arrancaraõ a pelle das coſtas, & dos peitos, & foraõ lançados todos no cepo comigo.*

26 *Ao outro dia lhe deraõ tratos de agoa, & muytas feridas. Retrocedeo alli hum Culê, & era hum dos ſeis, & logo lhe fizeraõ honra, & o mandaraõ, & nos fomos levados em companhia do Padrane, & ſeu exercito à fortaleza de Calincoil, com notavel crueldade. Alli deraõ crueis tormentos a Xurapen, que ſe tem avido como glorioſo Martyr. Nos fomos cõdenados a ſermos atanazados; veyo fogo, tenazes, & mais aparelhos, mas naõ chegou à execuçaõ, porque a noyte acabou o dia: eu fui lançado em dous grilhoẽs, & os outros em hum, & fomos metidos em hum rigoroſo carcere, aonde eſtivemos athe vinte, & oito: deſte fomos trazidos, & amarrados com cordas a eſte Paganey, aonde chegamos mortos de fome, & ſede, & abrazados do caminho; & em chegando nos intimeraõ ſentença de morte, ſenaõ diſſeſſemos Xivâ, Xivâ: & como diſſeſſemos, que naõ aviamos de dizer tal nome, levamos muytos cascos, bofetadas, & acoutes, tratos, & fomos lançados em grilhoẽs, & o Padrane ſe partio a confirmar a ſentença com o Maravâ, & cada hora eſperamos pella reſpoſta. E eſtamos muyto contentes, & conformes com a divina vontade, que nos faz tanta mercê, como he dar a vida por ſua ſancta Ley. Voſſa Reverencia me lance ſua ſancta benção, & peça aos Padres todos me encommendem muyto a Deos, me dê a ultima graça, que eu me lembrarei de todos no Ceo. Julho 20 de 1686.*

Filho em Chriſto de Voſſa Reverencia
Joaõ condenado à morte por Chriſto.

C A-

CAPITULO XXVIII.

Da navegaçaõ, que fez a Portugal, & do que lhe ſuccedeo no tempo, que nelle eſteve: de como ſe eſcuſou de ſer Meſtre dos Principes, & alcançou licença del-Rey pera voltar pera as ſuas miſſoẽs.

1 PArtio o ſancto Miſſionario do Maravâ pera a Provincia do Malabar, a ver o que lhe queria o ſeu Padre Provincial: eſte o recebeo como a hum homem do Ceo, & que eſtivera taõ perto da Coroa do Martyrio; depois lhe diſſe, como tinha determinado, que paſſaſſe a Portugal, & dahi a Roma a dar conta a noſſo Reverendo Padre do eſtado daquella miſſiaõ, & tratar com elle os negocios, que lhe tocavaõ. Eſcuſouſe da jornada, athe ſe por de joelhos diante do Padre Provincial, rogandolhe inſtantiſſimamente, que o naõ obrigaſſe a voltar a Europa, da qual ſe partira com animo de nunca mais a tornar a ver. Reſpõdeo o Padre Provincial, que ſua Reverencia viera à Religiaõ pera a ſervir no que ella ſe quizeſſe aproveitar dos ſeus preſtimos: aqui naõ teve, que replicar; ſenaõ pedirlhe a bençaõ, & as direçoẽs neceſſarias pera os negocios, que ſe aviaõ de tratar. Logo ſe partio pera Goa, naqual achou de viagem pera o Reyno ao Viſo-Rey Dom Franciſco de Tavora Conde de Alvor; que ſe alegrou ſummamente de o trazer em ſua Companhia. Vieraõ ao Braſil, aonde o Padre Joaõ de Britto eſteve no Collegio da Bahia athe partir a frota, & naos da India pera Portugal.

2 Em oito de Setembro de mil ſeiscentos oitenta, & oito chegou ao porto de Lisboa; deſembarcou, & depois de dar razaõ de ſi aos Prelados, a foi tambem dar a el-Rey Dom Pedro o ſegundo, em cuja real protecçaõ tinha as mais bem fundadas eſperanças dos ſeus negocios. Sua Mageſtade o recebeo com ſingular agrado, como quem eſtava muyto bem lembrado dos primeiros annos, em que o Padre Joaõ de Britto ſendo moço fidalgo lhe aſſiſtira em palacio; & muyto mais do grande fervor, com que ſe tinha occupado na converſaõ da gentilidade, do qual por noticias certas eſtava bem informado: tudo ajudou muyto, pera q̃ ſua

ſua Mageſtade agora lhe deſſe boas eſperanças, & ao depois, como veremos, bons deſpachos.

3 Paſſou logo aos Collegios de Santarem, Coimbra, Porto, & Braga pera com a ſua prezença afervorar aos noſſos Religioſos, & aceitar por companheiros de ſeus trabalhos aos que Deos tocaſſe, & eſcolheſſe pera tam glorioſa empreza. Chegou a Santarem, aonde ſe deteve o que baſtava; & dalli paſſou a Coimbra: no caminho junto da Villa da Golegam lhe diſſe o Padre, q̃ o acompanhava, que ſua Irmaã Dona Luiza Maria de Britto aſſiſtia no Pinheiro, que diſtava meya legoa do lugar, em que ſe achavaõ, & que pediam todas as boas razoẽs, que a foſſe viſitar. Reſpondeo; que elle naõ viera a Portugal ver parentes, mas a fazer os negocios da ſua Provincia; que na volta pera Lisboa cumpriria com aquella, que ſua Reverencia julgava ſer obrigaçaõ: naõ ſe aquietou o Padre com eſta repoſta, mas chegou com a ſua inſtancia a pontos de deſconfiança, ſe o Padre Joaõ de Britto perſiſtiſſe no ſeu propoſito: vendo elle iſto, por naõ deſcomprazer a quem lhe fazia taõ boa companhia, condeſcendeo com o poſtulado; foi a viſita, como couſa de paſſagem, & continuou o caminho.

4 Naõ foi eſte o maior lanço do ſeu deſapego, que jà neſte tempo o tinha moſtrado maior com ſua May. Em chegando a Lisboa, tanto que teve noticia, lhe eſcreveo com os encarecimentos de may, que ainda conſervava aquelle amor, com que procurara impedir a jornada pera a India; que pois avia quatorze annos, que della ſe tinha apartado, lhe pedia, ſe chegaſſe athe Portalegre, aonde morava, pera ſatisfazer ao exceſſivo dezejo, que tinha de ſe aviſtar com elle; que ſe naõ fora a diſtancia de vinte, & ſeis legoas (tantas fazem de Portalegre a Lisboa) & muito mais os ſeus annos, que jà naõ eraõ pera grandes caminhos; naõ tinha ella ſofrimento, que o naõ vieſſe ver a Lisboa, pera ſatisfazer a ſua ſede, ou ſaudades. Reſpondeo a eſta carta, que elle paſſava a Coimbra ſobre os negocios, que o trouxeraõ a Portugal, que na volta faria, por lhe dar eſta conſolaçaõ.

5 Na Cidade do Porto lhe fes grandes honras o Illuſtriſſimo Senhor Dom Joaõ de Souſa Biſpo da meſma Cidade, & muito particular amigo do Padre Britto, por ſe-

rem as familias de ambos ſervidoras da real caza de Bragança: veſtioſe no ſeu traje de Jogue, & fes as mais ceremonias diante do Biſpo na varanda do Collegio do Porto; que elle vio com grandes moſtras de piedade, edificandoſe, & chorando de conſolaçaõ, de ver que ſe ſogeitara a tal vida, & trage por amor de Deos. E lhe deu mui boas eſmolas para a ſua miſſaõ. Tambem em outros dias por dar goſto ao Cabido, a os Senhores da Camara, & aos Dezembargadores da Relaçaõ, que todos lho mereciaõ, fes as meſmas ceremonias diante delles, que fizera diante do Senhor Biſpo. Quando chegou ao Collegio do Porto, querendo os Padres lavarlhe os pés, o naõ conſentio; mas naõ ſe pode livrar de dous Irmaõs Coadjutores, que com grandes inſtancias lhe rogaraõ, lhes deſſe a conſolaçaõ de lavarem huns pés, que eſtiveraõ aferrolhados em grilhoẽs pella fé: naõ pode reſiſtir, dizendo, que avia muitos annos naõ tivera ſemelhante alivio. Depois lhe beijaraõ os vincos dos grilhoẽs, & os ſinais das fontes, que ſe lhe fecharaõ pellas naõ poder curar em a prizaõ, por ter algemadas as maõs; & dizia o Santo Padre, que depois de fechadas tivera melhor ſaude; & que elle meſmo paſmava da ſaude, & forças, que ſentia nos ſeus martirios.

6 Achouſe em Coimbra pello Natal, myſterio, que com tanta piedade ſe celebra entre nòs, ajuntando-ſe toda a communidade por algumas noites daquelles dias nas capellas, em que ſe fazem os preſepios, offertandoſe com amoroſos colloquios, & lagrimas a Deos Menino reclinano ſua deſabrigada Lapinha. A' viſta deſte melhor Miſſionario repreſentou à quelle numeroſo, & Sancto Collegio, Seminario illuſtriſſimo de varoẽs Apoſtolicos, as neceſſidades, que padecia de operarios a ſua miſſaõ de Madurè, & as mais tocantes à provincia do Malabar.

7 Tendo alli afervorado aos noſſos Religioſos, & feito as diligencias, pera que fora a Coimbra, tratou de voltar pera Lisboa: teve noticia ſua May, que por hora naõ podia o Padre ſeu filho fazer a volta pella Cidade de Portalegre; & naõ podendo ſeu dezejo permittirlhe tantas demoras, ſe foi de Portalegre athe o Pinheiro, que fazem deſaſeis legoas, & alli em caza de ſua filha o eſperou, mandandolhe aviſo, pera que naõ encaminhaſſe a jornada por outra parte. Na volta ſe aviſtou, & deteve alguns

dias

dias com ſua mãy, paſſando logo a Lisboa, aonde o chamavaõ os negocios da ſua provincia.

8 Queria paſſar a Roma, como paſſaõ os mais Procuradores das Provincias ultramarinas, a dar conta do eſtado das miſſoẽs, & a expedir com ſua Paternidade os negocios, que lhe pertencem: mas teve noticia, que naquelles tempos o Papa Innocencio obrigava a todos os Miſſionarios, que ſe achavam em Roma, que deſſem juramento de ſogeiçaõ, & obediencia ao tribunal de Propaganda fide; o qual juramento em os Miſſionarios Portuguezes tinha grandes inconvenientes, por ſer em prejuizo da coroa de Portugal. Propos eſte ponto, que era de tanta difficuldade, ao Reverendo Padre Geral, pera que viſſe o que ſe avia de fazer, & ſe convinha, que foſſe, ou naõ a Roma.

9 Dilatada a partida pera Roma athe chegar a reposta de noſſo Reverendo Padre Geral; paſſou neſte entremeyo de tempo à Provincia de Alentejo a ſatisfazer com algumas obrigaçoẽs do ſeu officio, & a cumprir com alguns reſpeitos, que naõ podia eſcuzar. Chegou ao Collegio de Evora, & nelle fez por Miſſionarios as meſmas diligencias, que fizera em o de Coimbra; & teve alguns muito eſcolhidos; entre elles foi hum mancebo ſecular de boas prendas, & virtude, Collegial em o Collegio da Madre de Deos, & que tinha merecido o lugar por oppoſiçaõ; o qual com grande fervor ſem o ſaberem, & muito menos quererem ſeus pays, ſe foi pera Lisboa, entrou na Companhia pera as miſſoẽs do Santo Padre Joaõ de Britto, paſſou à India, & quando já hia pera o Malabar, foi Deos ſervido de o levar pera ſi; dandoſe por contente com as ancias, & bons dezejos, que tinha moſtrado de o ſervir.

10 Neſta occaſiaõ vimos, os que eſtavamos no ſancto Collegio de Evora aquelle homem, de quem nas Annuas da Companhia tinhamos ouvido lêr quaſi tudo, o que fica eſcritto; & com grande conſolaçaõ abraçamos taõ ſancto hoſpede, & o ouvimos praticar à Communidade na capella do Collegio; & ao depois veſtirſe naquelles ſeus andrajos ao modo, que andava na ſua miſſaõ, & aſſim veſtido appareceo, ou entrou pella capella dentro, em que aſſiſtia a Communidade pera ver taõ ſancto eſpectaculo; o qual elle com agrado de todos reprezentou com as ceremonias, que ſe uſaõ nas provincias, de que era Miſſiona-

no. Aqui o ouvimos conversar muitas vezes, & podiase elle ouvir, porque nada tinha de molesto, antes muito desenfastrado nas suas praticas; o trato jucundo, & agradavel; singular affabilidade no seu modo, sem genero algum de soberania affectada; com estes bons accidentes se fazia a sua virtude amada geralmente de todos.

11 Morou as duas vezes, que esteve neste Collegio huma em o cubiculo do Padre Reytor, que então estava de vago, a outra no ultimo cubiculo do corredor novo, que cahe pera o poente, & agora serve de alcoba ao cubiculo do Padre Provincial. Não pareçaõ escusadas estas meudezas, aquem as lêr, que saõ grandes despertadores pera a virtude, ou aos que entraõ nos tais cubiculos, ou aos que moraõ nelles; & muito mais se os servos de Deos, que alli moraraõ, chegarem a ter o culto publico da Igreja; que esperamos naõ faltará a este glorioso Martyr; por quãto poucos, ou nenhuns da Companhia tem mais abonados juridicamente os processos pera a canonizaçaõ; que foi este o maior empenho de seu grande amigo o Padre Joaõ da Costa, quando cà veyo da sua missaõ, & foi a Roma por Procurador do Malabar; & com razaõ se gloriava muito de lhe ter feito este serviço. Na meza só comia daquellas couzas, que là comera na sua missaõ, como ervas, frutas, & lacticinios; guardando em quanto cà andou nesta materia o mesmo rigor, que lá tinha.

12 De Evora se partio pera Portalegre, aonde morava sua may; fez a jornada pella Villa de Monforte, aonde vivia seu Irmaõ Fernando Pereyra de Britto: depois de ter naquelle dia caminhado quatro legoas, chegou a caza de seu Irmaõ, & feita huma breve vizita, tratou de proseguir a jornada com tençaõ de ir dormir a Portalegre: tal era o desapego, com que se havia com hum Irmaõ, que tanto o estimava, & a quem naõ vira, depois que partio pera a India.

13 Naõ bastaraõ instancias, pera o deter; & em effeito se pos a caminho, mas ao sahir da Villa se meteo o ceo de permeyo com huma tormenta de chuva, & vento taõ grande, que em outras quaisquer circunstancias impediria a jornada, quanto mais nas prezentes; em que estava junto de povoado, & da caza de seu Irmaõ, & sem negocio preciso, que o obrigasse. Mas nada bastava pera o

dobrar:

dobrar: athe que o Padre Doutor Andre Cardozo Cancellario da Universidade de Evora, que entaõ era o companheiro se voltou para o Padre Joaõ de Britto, & lhe disse com alguma galantaria: Meu Padre Joaõ de Britto, se vossa Reverencia com tal dia, & por debaixo da agoa, & do vento quer ir hoje dormir a Portalegre, parecemé muito bem, vàcom Deos, que eu esta noyte faço conta de dormir em hum lugar, que chamam Monforte, em caza de hum amigo, que ahi tenho, que se chama Fernaõ Pereyra de Britto, pella menhaã favorecendome o tempo, irei pera Portalegre em seguimento de vossa Reverencia, & lá nos veremos. Vendo pois o incomodo, que dava a seu companheiro, & companheiro taõ authorizado, voltou pera caza do Irmaõ, & alli ficou o restante do dia, & aquella noyte somente.

14 Succedeo alli huma couza de grande novidade; em que se vio, como Deos lhe communicava noticia de couzas occultas: foi o cazo: que lhe pedio seu Irmaõ, quisesse chegar com elle ao convento, das Religiosas de S. Francisco, & lançar a bençaõ a huma sobrinha sua, filha de seu Irmaõ, que nelle estava. Resistio, dando por escusa o naõ ir a convento de Freyras; finalmente depois de muitas instancias chegou ao convento, aonde todas as Religiosas pellas noticias, que tinhaõ de suas virtudes, o dezejavaõ ver, como a homem sancto; em especial huma das demais authoridade chamada Maria dos Serafins, a qual tinha pedido a Fernaõ Pereyra, que vindo alli seu Irmaõ, em todo o cazo fizesse, com que fosse ao convento, pera o verem.

15 Chegando o Padre à grade da Igreja concorreraõ todas as Religiosas, só faltava Maria dos Serafins, mandoulhe primeiro, & segundo recado, sem ella chegar, dizendo sempre, que logo vinha; a penas puderaõ os rogos deter ao Padre, pera que mandasse terceiro recado, porque se queria despedir; com este veyo Maria dos Serafins, pedio a bençaõ ao Padre, & começava a desculpar a tardança, sem dar as causas della: entaõ lhe disse o Padre estas palavras: Madre, a verdadeira tença he salvar, & tudo o mais desta vida he nada; tratar da salvaçaõ, que as tençascà ficaõ: & passando a outra couza com pouca mais dilaçaõ se despedio da sobrinha, & mais Religiosas.

16 Passa-

16 Paſſados alguns dias, fallando Maria dos Serafins com Fernaõ Pereyra, lhe perguntou, ſe reparara nas primeiras palavras, que lhe diſſera o Padre Britto? E reſpondendo, que naõ, lhas referio a Religioſa, & a elle ſe lhe excitaraõ algumas eſpecies, de que o Padre as tinha ditto: entaõ lhe diſſe, como no tempo, em que lhe mandaraõ aquelles recados, eſtava buſcando com grande ancia hum papel, que era neceſſario moſtrarſe em ordem a hum retro de trigo, que ſe lhe pagava; & vendo finalmente, que naõ apparecia, deixando os papeis por acudir ao ſegundo recado; diſſe conſigo muito affligida: Bem fico eu agora, ſe perco a minha tença; & vindo jà neſte tempo pera onde a chamavaõ, encõtrou com o terceiro recado, & chegando à viſta do Padre lhe diſſe eſte: Madre, a verdadeira tença he ſalvar; & as mais palavras, que ficaõ referidas; com que ficou entendendo, que o Padre tivera conhecimento ſuperior das cauſas da ſua demora.

17 Chegando a Portalegre a primeira porta, a que ſe apeou, foi à do Biſpo, que entaõ era Dom Joaõ Maſcarenhas, grande affeiçoado a todas as couſas da Companhia, & muito em eſpecial ao Padre Joaõ de Britto, de cujas virtudes tinha elle largas noticias; com elle ſe deteve couſa de duas horas, que ao Biſpo pello affecto, que lhe tinha, pareceraõ eſpaço breve: dalli foi tomar a bençaõ a ſua May, & depois pera o Collegio da noſſa Companhia.

18 De Portalegre voltou a Lisboa, a dar calor aos negocios da ſua Provincia. O primeiro foi pedir alguma renda pera os Catequiſtas da miſſaõ; neſte ponto teve bons deſpachos de ſua Mageſtade, que acrecentou ao favor a brevidade em o fazer. No modo com que ſe avia nas ſuas pertençoens, & negocios, obſervava ſua Mageſtade o grande cabedal de prudencia, que avia no Padre Joaõ de Britto; & como o trato por cauſa dos ſeus negocios era muito frequente em palacio, de cada ves el-Rey ſe confirmava mais na ſua opiniaõ; & ſe reſolveo conſigo, de o deyxar ficar no Reyno, pera ſe aproveitar do ſeu conſelho, & prudencia; dando ao Padre algumas ſignificaçoẽs deſta ſua vontade. Fazia-ſe elle deſentendido; & ſó tratava de adiantar os negocios, que o levavaõ a palacio.

19 Neſte meſmo tempo lhe cobraraõ grande affecto os ſenhores da Corte, & merecialho a ſua virtude acompanha-

panhada de grande urbanidade, o trato dentro das leys da modeſtia ſem as ceremonias, que o fazem deſabrido: huma ſancta, & amavel lhaneza com todos; com a qual dominava os coraçoens dos que o converſavaõ: todos julgavaõ por acerto ficar antes em Portugal, que voltar à India.

20 Depois de varias ſignificaçoens da vontade del-Rey, a que o Padre ſe fazia deſentendido, vendo ſua Mageſtade, que naõ acodia a ellas, lhe declarou abertamente ſua vontade, de que ficaſſe no Reyno, porque ſe queria ſervir dos ſeus preſtimos. Aqui o Padre Joaõ de Britto com toda a modeſtia pedio a ſua Mageſtade naõ lhe empediſſe a volta pera a ſua dezejada miſſaõ; dizendo, que elle naõ tinha mais preſtimo, que pera Miſſionario; & que pera eſte miniſterio o chamara Deos, que nelle queria dar a vida por ſeu amor: a eſte propoſito allegou todas as razoẽs, que lhe ſubminiſtrava ſeu grande eſpirito, & ardentiſſimo dezejo das miſſoens.

21 Naõ ſe dobrava ſua Mageſtade; dizendolhe, que ainda pera o bem das ſuas miſſoens, era de maior proveito a ſua aſſiſtencia em Portugal, do que em Maduré; porque ficando no Reyno mandaria todos os annos muitos, & eſcolhidos miſſionarios; tendo pera iſſo grandes comodos, por cauſa de ſua real proteçaõ, que em tudo lhe avia de aſſiſtir. A iſto reſpondeo, que a ſua partida naõ tirava ouveſſe muitos Miſſionarios; que pera os levar, viera elle a Portugal, & pera os mover com o ſeu exemplo, he, que agora queria voltar pera a India: antes ſe viſſem, que ſe deyxava eſquecer na patria, & na corte, ſe eſfriariaõ com eſte ſeu exemplo menos edificativo; & taõ longe eſtava de adiantar as miſſoens, ficando no Reyno, que lhe ſeria de muitos detrimentos. Quanto à proteçam de ſua Mageſtade, que do ſeu zelo de propagar a fé eſperava, ſeria a meſma eſtando elle, ou naõ eſtando em Portugal: por tanto que ſua Mageſtade lhe avia de dar licença, pera voltar outra ves pera a India. Nunca el-Rei largou palavra, em que moſtraſſe lhe dava licença, antes claramente dizia, que o naõ avia de deixar ir.

22 Neſte tempo chegou reposta do noſſo Reverendo Padre Geral Thyrſo Gonzales daquella carta, que diſſemos aſſima, & reſolvia ſua Paternidade, que foſſe a Roma: deu conta à el-Rey, o qual mandando conſultar eſte negocio;

gocio; reſultou da conſulta, que naõ convinha, nem era ſerviço ſeu, que o Padre Joaõ de Britto foſſe a Roma: diſſo meſmo avizou logo a noſſo Reverendo Padre; & entre tanto foi diſpondo as couzas de maneira, que quando chegaſſe a repoſta de Roma, eſtiveſſe deſembaraçado, pera ſe embarcar.

23 Como ſua Mageſtade eſtava com reſoluçaõ de impedir a jornada pera a India; conſiderava, em que occupaçaõ de ſeu ſerviço meteria ao Padre Joaõ de Britto. Occorreolhe, que dentro de poucos annos ſeria neceſſario Meſtre pera ſeus filhos o Sereniſſimo Principe Dom Joaõ, & o Senhor Infante Dom Franciſco; & concorrendo pera eſta occupaçaõ as prendas neceſſarias no Padre Joaõ de Britto, lhe diſſe, que o tinha deſtinado pera Meſtre de ſeus filhos, que eſſa era a razam, porque ſe naõ ſervia de que voltaſſe pera a India. Agradeceolhe o Padre a eſtimaçaõ, que delle fazia, & honra tanto ſobre a ſua eſfera; de que elle com toda a ſubmiſſaõ ſe eſcuzava a ſua Mageſtade, porque Deos o chamava pera as ſuas miſſoens; que detelo em Portugal era materia eſcrupuloſa, porque o bem das almas ſe devia antepor a quaiſquer outras conveniencias: por tanto que ſe ſerviſſe ſua Mageſtade de mandar examinar eſte ponto na balança da conſciencia; & eſperava em Deos, que avia de mudar ſeu parecer; pois como taõ pio, & catholico naõ avia de antepor o ſeu ſerviço à maior gloria de Deos, & à ſalvaçam das almas, materias que ſempre puderaõ mais com os Sereniſſimos Reys de Portugal, que todas as razoens de eſtado.

24 Fizeraõ eſtas razoens qualquer abalo no animo de ſua Mageſtade como taõ pio, & catholico, que ſempre foi. Encomendou ao Padre Manoel Fernandes da noſſa Companhia ſeu Cõfeſſor, que conſultando eſte ponto com o Padre Sebaſtiaõ de Magalhaẽs (que depois foi Confeſſor do meſmo Rey) lhe diſſeſſem, ſe em impedir a jornada do Padre Joaõ de Britto avia algum encargo de conſciencia.

25 No tempo, que o Padre andava neſta ſancta lida, hia diſpondo tambem as couſas neceſſarias pera a navegaçaõ, que jà naõ diſtava muito. Era taõ grande a pena, que lhe dava a pertençaõ del-Rey; que por vezes diſſe: que ſe ſua Mageſtade o obrigaſſe a ficar em Portugal, ſe avia de fingir louco, & avia de andar tirando pedradas aos

gos rapizes; pora que fazendose conceyto, que perdera o juiso, o deyxassem ir pera a sua millaõ.

26 Entendeo, que a Serenissima Rainha tinha particular empenho, em que ficasse no Reyno, & que em quanto ella naõ fosse de parecer, que o Padre se embarcasse, taõ pouco o seria el-Rey; que em tudo lhe avia de dar gosto. Buscou logo ao Padre Leopoldo Fués da nossa Companhia, Confessor da ditta Senhora; & lhe rogou com todas as instancias, que fizesse entender à Serenissima Rainha, que em o impedir encarregava sua consciencia; suggerindo as razoẽs, que persudiaõ esta verdade. Tomou o Padre Leopoldo Fues muyto à sua conta a petiçaõ do Padre Joaõ de Britto; cedeo a Rainha da sua pertençaõ, por se persuadir pellas razoẽs, que lhe dera seu Confessor, que nisso encarregava sua consciencia.

27 Neste tempo chegou carta ao Padre Joaõ de Britto de nosso Reverendo Padre Geral, em que o desobrigava de ir a Roma. Chegavase o tempo de partirem as naos pera a India, & faltava ainda ao Padre a licença expressa del-Rey: porem estava jâ taõ seguro de a conseguir, que quando fallava com el-Rey, lhe dizia, que suppunha, que Sua Magestade naõ avia de negar a licença, & que elle a tinha jâ por concedida. Naõ a deu el-Rey antes de ouvir o parecer do seu Confessor, & do Padre Sebastiaõ de Magalhaẽs, aquem, como dissemos, tinha encomendado o exame deste ponto. A elle respondeo o Padre Confessor: Que visto o grande espirito do Padre era mais serviço de Deos, que Sua Magestade o naõ impedisse tornar pera as suas Missoẽs, & que este era tambem o parecer do Padre Sebastiaõ de Magalhaẽs. Com esta reposta se deu el-Rey por convencido, & ainda que contra a sua propensam concedeo ao Padre Joaõ de Britto à licença, pella qual fazia taõ excessivas instancias. Cada hum pode considerar donantos excessos, qual nesta occasiaõ seria o seu gosto; naõ via hora de se ver jâ fora de Portugal, temendo, que as cousas podiam tomar outro caminho, & verse em novos embaraços.

28 Começou a despedirse das pessoas, a que tinha obrigaçam, & tornou segunda vez a Portalegre, assim pera se despedir de sua may, como de seu grande amigo Dom Joaõ Mascarenhas, & dos mais, aquem devia graça especial

al, como a ſeu Irmaõ, & outros amigos, a quem dizia: A Deos athe o dia do juizo, & eſta era a palavra mais commua nas ſuas deſpedidas.

29 Naõ ſe contentando com eſtas deſpedidas ſeu grande amigo o Biſpo Dom Joaõ Maſcarenhas, teve penſamentos de ir a Lisboa fazer as ultimas; mas ouve razoẽs muyto forçoſas, que deram corte a eſte ſeu grande affecto; pello menos aſſentou por cartas com o Padre Joaõ de Britto de ir athe Punhete, que he huma villa ſituada naquelle lugar, aonde o rio Zezere entra no Tejo, diſtante de Lisboa deſanove legoas, & qve alli viria tambem o Padre Joaõ de Britto. Partiram o Biſpo, de Portalegre; & o Padre, de Lisboa, & entraram na meſma hora em Punhete, como ſe cada hum foſſe regulando as jornadas pello outro. Alli fizeram as ultimas deſpedidas, em que o Biſpo chorou muytas lagrimas, & as nam podia conter: querendo elle acompanhar ao Padre, athe o meter no barco: porque as lagrimas lhe cahiam dos olhos ſem ceſſar, lhe diſſeram, os quẽ lhe aſſiſtiam, que nam dizia bem com a decencia de hũ Biſpo chorar com tanto exceſſo naquella publicidade. O Padre lhe agradecia o affecto, & com huma benevola confiança eſtranhava tambem as lagrimas; entre as quais deſpedindo o barco, começou a auzencia dos corpos, durando ſempre a prezença dos affectos.

CAPITULO XXIX.

Parte pera a India, & como paſſou na viagem, athe chegar a Goa.

DEſpedindo jâ de todos os ſeus amigos, que eram muytos, eſperava com grandes anſias pello dia, em que ſe avia de embarcar com ſeus companheiros. Duas naos hiam aquelle anno pera a India. Na capitania ſe aviam de embarcar os outros Religioſos; o Padre Joaõ de Britto com mais dous companheiros na Almiranta. Chegado o dia, em que as naos aviam de partir, eſtavam jâ os outros Miſſionarios embarcados; ao Padre Joaõ de Britto lhe era neceſſario ſer o ultimo; por iſſo guardou pera o meſmo dia, em que as naos aviam de levantar ferro, o irſe

embar-

embarcar: tanto, que ouvio a peça de leva, que he o ſinal ultimo, que ſe dá, pera que ſe recolham à nao os que ham de fazer viagem; ſahio o Padre do Collegio de Sancto Antaõ; & indo pera ſe embarcar, paſſou por Corte-real, & ſubio a dar com hum abraço o ultimo vale a Dom Pedro Luis de Menezes Marques de Marialva, hum dos ſeus maiores amigos.

2 Feito iſto ſe deſpedia, quando lhe diſſe o Marques, que o naõ fizeſſe, ſem ir beijar a maõ a el-Rey; reſpondeolhe, que no dia antes cumprira com aquella obrigaçam, & que naõ tinha jâ tempo, mais que pera ſe embarcar. Acodio o Marques, que as naos naõ deſpediam aquelle dia, por tanto, que naõ avia perigo na detença, em que ſua Mageſtade teria goſto particular; logo mandou dar aviſo a el-Rey, de que o Padre Joaõ de Britto eſtava alli pera lhe fallar; mandou dizer el-Rey, que ſubiſſe: aſſim o fez, fiado em que a detença lhe naõ faria prejuiſo conforme o ditto do Marques, que tambem tomou à ſua conta ter preſtes huma fragatinha, pera ſe embarcar, quando ſe deſpediſſe del-Rey.

3 Receberaõno ſuas Mageſtades Rey, & Rainha, que ambos o eſperavam, com as demonſtraçoẽs, que outras vezes. Em quanto ſe detinha fallando com elles, ouvio huma peça, com a qual ſe áſſuſtou dizendo, que as naos deviam de ir à vela; & jâ ſe lançava a beijar a maõ a ſua Mageſtade; o qual o deſaſombrou, dizendo, que naõ podia ſer botaſſem as naos pera fora naquelle dia. Com iſto ſe foi detendo. No meſmo tempo hiam as naos quaſi huma legoa pello rio abayxo, quando começou a aſſoprar hum vento favoravel; aproveitandoſe entam da occaſiaõ os navegantes largaram mais o pano tratando de ſahir aquelle dia pella barra fora. Eſtava o companheiro do Padre Joaõ de Britto a huma janela do paço, que cahia pera o rio, com os olhos em as naos, que jâ navegavam; & vendo, que quaſi as perdia de viſta, entrou a toda a preſſa aonde eſtava o Padre com os Reys, & lhe diſſe muyto ſentido: Padre, as naos ſe vam pella barra fora, & nos nos ficamos em terra.

4 Bem ſe deyxa ver, que pena teria, quem ſó eſtava deſaſoſegado com eſtes temores. Deyxa logo aprezença del-Rey: ſahe fora, encontraſe com o Marques de Marial-

va, perguntalhe aonde eſtava a fragatinha, que ſua Senhoria lhe tinha ditto mandava pôr corrente, pera ſe embarcar? Reſpondeo o Marques, que elle mandara fazer todas as diligencias, & que nenhuma ſe achara, por terem ido todas a bordo das naos, que partiaõ. Que por momentos eſperava por hum criado, pello qual mandara fazer as ultimas diligencias. Neſte ponto appareceo o criado, dizendo, que naõ avia outra, mais que huma ao poſto da Boa viſta, mas que hum dos fragateiros eſtava tam fora deſi com vinho, que lhe parecia impoſſivel atinar com remo, ou podello menear. Partio logo o Padre em demanda da fragatinha, indo com elle o meſmo criado do Marques, que ſe chamava Antonio Martins, o qual affirmou com particular admiraçam, que quando caminhava, naõ ſabia, ſe hia pella terra, ſe pello ar; tal era a preſſa ou natural, ou ſobrenatural, comque buſcava aquelle ultimo remedio das ſuas anſias.

5 Chegados àquella paragem, que em Lisboa chamaõ Boa viſta; ſe meteo na fragata; & ſuccedeo, que o fragateiro, que diſſemos eſtava toldado do vinho, cahio no rio, quando jâ o Padre eſtava dentro da embarcaçaõ: teſtificou Antonio Martins, que o Padre Joaõ de Britto eſtendera o braço, & pegando do homem, como ſe fora hum pequeno pezo, em hum abrir, & fechar de olhos o tirara do mar, & o metera na embarcaçaõ. Logo com todo o calor mandou remar pera a nao Almiranta, fazendo muytos votos, & deprecaçoẽs ao Sancto Xavier, pera que o fizeſſe alcançar a nao, que buſcava.

6 Forcejava a fragata a toda a preſſa, quando o Marques de Alegrete Manoel Telles da Silva Vedor da fazenda real, voltando de deſpedir as naos, advirtio na preſſa daquella fragata; & como hum barco do alto vieſſe rio aſſima, deu ſinal, a que abordaſſe; & chegandoſe, lhe ordenou, que ſe foſſe àquella fragata, & ſe nella hia alguma peſſoa pera as naos, a tomaſſe, & foſſe no alcanſe dellas, athe lha meter dentro. Com eſta ordem voltou o barco ſobre a fragata, ao qual ſe paſſou o Padre Joaõ de Britto com ſeu companheiro; & logo deſpedio a velas, & a remos, executando a ordem do Marques. Todas eſtas diligencias ſeriaõ de pouco proveito, ſe o Capitaõ da Almiranta naõ fora hum grãde amigo do Padre Joaõ de Britto, por cuja interceſſaõ ſua

Ma-

Mageſtade lhe dera aquella capitania: vendo eſte, que o Padre faltava, & que as demoras naõ podiaõ ſer culpaveis, foi atraveſſando a nao, dando lugar a que chegaſſe. Paſſada jâ a torre de Saõ Giaõ, que he na boca da barra tres legoas de Lisboa, deu a nao viſta daquelle barco, que a vinha demandar: entaõ o Capitaõ fazendo conceyto, que nelle vinha o Padre, atraveſſou de todo a nao, com que deu lugar a que chegaſſe o barco; & recebeo ao Padre, & a ſeu companheiro com extraordinario goſto ſeu, & maior do Padre Joaõ de Britto, como de quem acabava de ſahir de humas anſias, que pera o ſeu fervor eraõ maiores, que as da morte. A muytos occorreo, que todas as demoras, que o detiveraõ em palacio, foraõ cuidadas, & ordidas, pera q̃ ſahindo as naos pella barra fora, ficaſſe o Padre no Reyno, & davaõ por fundamento deſtes diſcurſos as diligencias, que tinhaõ precedido, pera que ſe accomodaſſe com a vontade dos Sereniſſimos Reys, & goſto de ſeus amigos: porem como Deos era o Piloto, que governava a nao, elle teve cuidado de divertir todos os eſtorvos, que podiaõ retardar, ou impedir a navegaçaõ.

7 Recebido dentro em a nao nos braços dos que o eſperavaõ com elles abertos; largaraõ todo o pano, & foi navegando pera o Oriente eſte ſegundo Xavier, taõ parecido ao primeiro nas anſias de padecer, & dilatar o ſancto nome de Deos entre a inculta gentilidade. Neſta viagem, que foi grandemente trabalhoſa, naõ perdoou o Padre Joaõ de Britto a moleſtia ſua, por acodir ao bem eſpiritual, & corporal de ſeus proximos. Quanto nella padeceo, com nenhumas palavras ſe pode melhor explicar, que com as ſuas, & ſaõ de huma carta, que de Goa eſcreveo a ſeu Irmaõ Fernaõ Pereyra de Britto: dizem aſſim:

8 *Cheguei em quaſi ſete mezes de viagem aos tres de Novembro, tendo partido aos oito de Abril, dia, em que ſuas Mageſtades, & Altezas me fizeraõ as maiores honras do mundo, de que ſempre viverei lembrado, & agradecido; & a maior, & de mais eſtima foi o dar-me licença pera voltar pera a minha miſſaõ, aonde com a graça divina faço conta de morrer. Na viagem eſtive mal, mas eſcapei pella miſericordia de Noſſo Senhor. Morreraõme dous Padres muyto bons ſogeitos, & muyto virtuoſos, que eraõ o Padre Manoel de Faria, & o Irmaõ Manoel de Figueiredo. Da gente da nao morreraõ per-*

to de quarenta; & todo o pezo me cahio às coſtas, porque era o unico ſacerdote, que vinha na nao; porque hum frade Dominico, que tambem o era, nem dizia Miſſa, nem confeſſava, nem ſe levantava da cama por ſeus achaques; & dous Clerigos eſtavaõ ſuſpenſos das ordens. Eſpero, que Deos Noſſo Senhor me hâ de perdoar alguns dos muytos caſtigos, que mereço por meus peccados, pello que padeci naquella nao. As doenças, os fedores, as fomes, as ſedes, os frios, as calmas, as bonanças, os ventos contrarios, o deſaſoſſego continuo, & em fim tudo. Athe aqui a clauſula daquella carta, em que dâ conta da ſua navegaçaõ, em que teve bem, que offerecer a Deos, & em que imitar ao Sancto Xavier em ſemelhante viagem.

CAPITULO XXX.

Entra no Reyno do Maravâ, fas muytas converſoẽs, entre ellas a de hum Principe; & por eſta cauſa he prezo; refereſe tudo, o que paſſou athe fallar com o tyrano, que o condenou à morte.

1 CHegando a Goa com os trabalhos, que ſe deyxaõ ver na ſua carta, ſe deteve alli athe Fevereyro de 1691, pera cobrar as forças, que perdera em taõ penoſa navegaçaõ. Logo ſe embarcou pera o Malabar: deu conta ao ſeu Padre Provincial de tudo, o que tinha obrado na ſua jornada: eſte o fez Viſitador da miſſaõ: logo ſe pôs a caminho, paſſou ao Reyno do Maravâ, em que Deos lhe tinha jâ feito aquelles grandes favores, que contamos, na prizaõ, que alli teve. Reynava na quelle Reyno do Maravâ o Principe Rauganada-devem, que ſe avia levantado cõ o dominio contra ſeu ſobrinho o Princepe Taria-devem; era obedecido de todos, excepto de algumas terras, que reconheciaõ a ſeu legitimo Senhor.

2 Eſte regulo alem de ſer crueliſſimo, vicio taõ proprio dos tyranos, era por extremo contrario à Ley de Deos: ſeis annos avia, mandara elle ao Padre Joaõ de Britto, naõ prégaſſe no ſeu Reyno a Ley dos Chriſtaõs, & como viſſe, que naõ deſiſtia, lhe mandou dar os tormentos, que ficaõ dittos.

3 Che-

Digitized by Google

3 Chegado pois ao Maravâ visitou os bosques daquelle Reyno, que serviaõ como de Igrejas, aonde concorriaõ os Christaõs a receber os Sacramentos, & os Catecumenos o baptismo. Foi o fructo taõ copioso, que em quinze mezes, que alli assistio, baptizou passante de oito mil Catecumenos. Obrava Deos grandes maravilhas com os que recebiaõ o sancto baptismo, & ouviaõ o Catecismo: avia disto taõ grande fama entre os mesmos idolatras, que adoecendo mortalmente o Principe Tariadevem, & vendose desconfiado de todos os remedios humanos, ouvindo as maravilhas, que Deos obrava por meyo do Padre hos que se convertiaõ de veras à Ley de Deos; mandou dizer ao Padre o perigo, em que estava; pedindolhe, que o fosse instruir na Fé, que elle de coraçaõ queria abraçar a Ley de Deos, esperando, que só por este meyo alcançaria a saude, que dezejava.

4 Mandoulhe o Padre hum Catequista, pera o instruir; tanto que este chegou, vendo o estado, em que se achava o Principe, lhe disse sobre a cabeça o Evangelho, & lhe rezou hum Credo; no mesmo ponto, que acabou o Catequista, se achou o Principe naõ só livre do perigo, mas restituido a sua inteira saude, com admiraçaõ geral de todos, & mayor do Principe, que recebia o favor. Resoluto de se converter, mandou dizer ao Padre, que se visse com ello, pera o instruir, & baptizar. Como este Principe era antes taõ inimigo dos Christaõs, temeraõ estes naõ fosse fingimento, querendo por este meyo prender ao Padre: nada se levou destes discursos, & julgando, que o negocio era de Deos, se resolveo a ir fallar com o Principe.

5 Foi delle recebido com singular agrado, como quem estava tocado da maõ de Deos, & o queria buscar de veras. Achouo com grande disposiçaõ, pera receber o baptismo: em quanto tratava com elle sobre esta materia, como alli sem contradiçaõ podia prégar, o fez com seu grande espirito, & proveito de muytas almas. Depois de celebrada a festa dos Reys, baptizou logo mais de duzentos Catecumenos. Queria o Principe entrar em o numero daquelles baptizados; & só obstava o ter elle ao uso daquellas terras sinco molheres, das quais avia de largar quatro, ficando só com huma: proposlhe o Padre o que devia fazer nesta materia, pera lhe poder dar o sancto baptismo; ouvio tudo

sem

sem mudar, nem esfriar nos seus santos propositos. Chamou as sinco molheres, & lhes disse, como estava resoluto a braçar a Ley de Deos, mas que conforme as obrigaçoẽs dos que a professaõ, naõ podia ter mais que huma só molher, & nomeou das sinco aquella, de que fazia eleyçaõ; dizendo às outras, que se queriaõ viver no seu palacio separadas, como se fossem irmans suas, lhes consignava, pera se sustentarem, a metade da sua fazenda. E feita esta diligencia, se baptizou, porque naõ tinha outra cousa, que o detivesse.

6 Huma das quatro repudiadas era sobrinha do tyranno Rauganada-devem, que tinha usurpado o governo; delle se valeo a sobrinha reprezentandolhe a sua afronta, & tãbem a das outras tres, dandolhe sobre isso as queyxas, que lhe ditava a sua payxaõ, que era à medida do agravo; sentindose muyto de que o Principe Taria-devem as injuriasse, por querer abraçar a Ley de Deos, que era a unica causa, que tinha pera lhes fazer aquelle desacato; sendo indusido por hum homem feiticeiro, que naquelles Reynos andava com encantos, mudando o juiso aos homens.

7 Aproveitaraõse desta occasiaõ os Bracmenes, & Sacerdotes dos idolos, todos em hum corpo deraõ grandes queyxas ao tyranno contra o Prégador da Ley de Deos, estimulando-o a que lhe tirasse a vida: tomou à sua conta arrezoar por todos nesta materia hum Bracmene de maior authoridade chamado Purpavanaõ: este com grandes significaçoẽs de sentimento reprezentou ao tirano o estrago, q̃ fazia no culto dos seus Deoses a prégaçaõ do Evangelho: que os templos se hiaõ fazendo desertos, as ceremonias eraõ desprezadas, que aos Deoses se faltava com os sacrificios, & honras, com que sempre foraõ venerados naquelle Reyno: que se Sua Alteza naõ punha remedio a tantos desconcertos, despovoariaõ as terras, porque a ira dos Deoses naõ podia deyxar de vir sobre ellas com grandissimos castigos.

8 A quem estava propenso, bastava menos que o dito; logo mandou o tirano, que as Igrejas dos Christaõs fossem queymadas, & saqueadas suas cazas; que lhe levassem preso ao Padre: encomendou esta execuçaõ a seu Primo Tirauvreyadeven. Naõ foi tanto o zelo de honrar aos Deoses, ainda que este era grande, quanto a ambiçaõ de se conservar

ſervar no governo, a maior cauſa de perſeguir aos Chriſtaõs; porque temia, que como eraõ jâ muytos, ſe ſe acoſtaſſem ao Principe Tariâ-deven, o poderiaõ lançar fora do governo, em que ſe tinha intruſo: eſta razaõ de eſtado era a que fazia muito pendor, & o obrigava a favorecer aos Bracmenes perſeguindo taõ de veras a Ley de Deos, & a todos, os que a prégavaõ, & abraçavaõ. Com eſta razaõ politica ſe accendia mais o grande odio, que tinha à Ley de Deos.

9 Aos oito de Janeyro ſe achava o Padre Joaõ de Britto nas terras de Tariâ-deven; & tendo naquelle dia adminiſtrado os Sacramentos a grande numero de gente; depois lhes mandou, que a toda a preſſa ſe auzentaſſem, porque vinha ſobre elles huma grande perſeguiçaõ. A penas ſe tinhaõ partido os Chriſtaõs, quando deraõ aviſo ao Padre, q̃ huma tropa de cavallos o vinha buſcar, aonde eſtáva. Naõ ſe retirou, ſendo que o pudera fazer, quando aviſou aos ſeos Chriſtaõs; mas o Ceo, que lhe deu aquella noticia, pera que as ovelhas naõ perigaſſem, tambem devia de lha dar, de que era chegado o tempo, em que queria coroar os ſeus trabalhos com a gloria do martyrio.

10 Por tanto com aquelle animo imitador de Chriſto, com que jâ o tinha feito em outras occaſioẽs, ſahio a receber os ſoldados, que o vinhaõ prender, com ſemblante notavelmente alegre, como quem ſe via jâ nas maõs do martyrio, a cujo alvo tinhaõ tirado ſempre os ſeus incanſaveis trabalhos. Logo que lançaraõ maõ delle, o injuriaraõ todos à competencia; veyo ſobre o ſancto Martyr hum chuveiro de golpes, & afrontas; & por fim dellas lhe ataraõ as maõs, depois de o terem metido muytas vezes debayxo dos pés: prenderaõ tambem com elle a hum ſeu Catequiſta, que ſe chamava Joaõ.

11 Começaraõ logo a ir conduzindo os prezos pera o lugar, aonde aſſiſtia Rauganada-deven: caminhavaõ ambos a pé, & queriaõ os ſoldados, que elles acompanhaſſem o paſſo dos cavallos, dandolhe pera iſſo muytos golpes: Quando exhauſtos com o trabalho cahiaõ, q̃ era naõ poucas vezes, os faziaõ levantar dandolhes muytos, & crueis golpes, trantandoos em tudo, como ſe foſſem dous brutos. Nas povoaçoens, por onde paſſavaõ, eraõ tambem exceſſivos os opprobrios, que lhes faziaõ os idolatras, como

quem se perſuadia, que nisso fazia singular obsequio à seus Deoses.

12 Antes de chegarem à Corte, entraraõ em huma povoaçaõ chamada Anumandacurem: alli pararam os conductores, pera reforçar a guarda, porque temiam naõ se amotinassem os Christaõs, & lhos viessem tirar. Em quanto comiaõ, ataram aos dous prezos a hum carro triunfal; em que costumavaõ levar os seus Deoses, lançando huns pezados grilhoens ao Padre. Na menhaã do dia seguinte chegaraõ novos soldados, com que puderaõ ir seguindo o caminho athe a Corte. Como o Padre naõ pudesse já dar hum passo, compadecido hum General do Maravá, que era grande Christaõ, mandou ao caminho hum cavallo, pedindo ao conductor, mandasse pôr nelle ao Padre; como era pessoa de respeito, condescenderaõ com a sua petiçaõ.

13 Desta sorte a onze de Janeiro entraraõ Padre, & Catequista em Ramanadaburam Corte do principado, aonde morava o tyrano; mas porque entaõ estava fóra da Cidade, o meteraõ em hum idiondo carcere, athe que elle chegasse, & dispuzesse o que se avia de fazer.

14 No tempo, em que o tyrano mandou prender ao Padre; mandou tambem aviso a Candara-manuam, que he hum lugar, junto do qual tinha o Padre huma ermida, pera que a queimassem, prendendo a gente, que nella estivesse; saqueando tudo, o que nella achassem. O Governador da povoaçaõ naõ se dando por contente com executar a ordem de queimar, & roubar a ermida, saqueou tambem a caza de hum Catequista, & as de alguns Christaõs, que viviaõ junto à ermida: depois prendeo ao Catequista chamado Mutû, & a dous meninos, que aprendiaõ o Catecismo chamados Arula-randam, & Mariadajen: mandouos açoutar inhumanamente, & algemados os levou à Corte, aonde entraraõ em doze de Janeyro, & foraõ metidos na mesma prizaõ, em que estava seu Mestre o Padre Joaõ de Britto: recebeos com muitas lagrimas de consolaçaõ, beijando muitas vezes as prizoens, que maneatavaõ a taõ innocentes cordeyros: naõ era menor a consolaçaõ dos prezos, alegrandose de que Deos lhes fizesse mercê de padecerem por sua honra. Naquelle carcere estiveraõ, athe que o tyrano chegou à Corte.

15 Trouxe elle em sua companhia a seu primo Tiru-

vrcya-

vreya-deven, que era o que tinha mandado por ordem do tyrano prender ao Padre: este mandou, que os prezos fossem trazidos a sua prezença, & tambem as cousas, que ao saque se lhes tinhaõ tomado, que naõ eraõ taõ preciozas, como as queria a sua cobiça: entre estas pobres alfayas hia hum Crucifixo de lataõ, que elle cuidou ser de ouro, & pera ver se o era, o mandou tocar em huma pedra; mas achandose, que era de outro metal, cheyo de rayva perguntou ao Padre, que cousa era aquella imagem? Respondeo o Padre: He a imagem de meu Deos, & meu Senhor. Ouvindo esta reposta, elle com os mais começaraõ a dizer muitas blasfemias contra a sancta imagem; & com grande furia tirou com ella ao cham: lançouse pór terra o sancto Padre, tomandoa nas maõs, beijandoa com muita devaçaõ, & ternura, abraçandoa, & apertandoa ao peito. Mais embravecido com isto aquelle ministro do Inferno lhe arrebatou das maõs a sancta imagem; & com a mesma furia lhe disse: Se a ley, que ensinava, era taõ sancta, como elle dizia, como ordenava, que os maridos naõ fizessem vida com suas molheres, & as repudiassem, que fora injustiça gravissima ter mandado isto ao Principe Taria-deven: & sem ouvir reposta, os mandou levar ao mesmo carcere, donde tinhaõ vindo.

16 Tambem o Principe Rauganada-deven intentou mandar, que os prezos viessem a sua prezença: obstaram a isto com todo o empenho os sacerdotes dos idolos por meyo do seu famozo Bracmene Purpuvanam; que dizia ao Principe, naõ convinha tal cousa, porque aquelle feiticeiro com os seus encantos trazia a si, & à sua ley a todos, os que fallavam com elle; por tanto, que nem ainda convinha velo dos olhos. Temia este, & os seus alliados, que mandando o Principe vir ante si o Padre, os mandaria disputar com elle, cousa, que de nenhum modo queriaõ, nem a sua soberba se accomodava bem com a confusam, que da disputa lhes avia de nacer. Accusaram ao Padre naõ só do crime de prègar a ley de Deos, & desterrar do mundo as ceremonias dos idolos, mas accumularam outros muitos crimes, taõ difficultosos de provar, como faceis de fingir. Achavase nesta occasiaõ prezente o Catholico Principe Taria-deven, que em tudo acodia pello Padre, como por cousa sua, & que muito lhe tocava.

17 Ouvindo Rauganadas deven os encarecimentos, que lhe diziam da efficacia dos feitiços: diſſe com os olhos poſtos em Taria-deven: Naõ podem eſſes feitiços ſer mais poderoſos, que os noſſos; & ſenaõ veraõ todos, como faço, com que dentro de tres dias morra eſte feiticeiro à força dos noſſos feitiços, ſem alguem lhe tocar. Logo deu ordem a que ſe fizeſſe huma feitiçaria, que elles chamaõ Patîra-Guli-pugei, da qual a principal ceremonia he lançar no fogo a imagem daquelle, contra quem ſe ordenaõ os feitiços; entaõ formaraõ de barro huma do Padre, & a lançaraõ no fogo, tendo feito todas as mais ceremonias, de que ſe acompanha eſta funçaõ.

18 No fim dos tres dias naõ duvidando do effeito, que a experiencia lhes moſtrara em outras occaſioens, mãdou ver ao carcere, ſe o Padre era jà, ou naõ era morto: acharaõ-no com muito mais alentos; porque lhos dera, quẽ os tirara aos feitiços. Começaram logo outra feitiçaria, que he a quinta ſubſtancia deſtas boticas: chamaõ-lhe elles Satpeviam, que dizem he a mais activa de todas; & pera nos naõ deyxarem em duvida, que aſſim he, quando a diſpoem pera os outros, como a calcinaraõ pera o Padre; mandaraõ, que nos dias, em que com todos eſtes adjutorios pediam aos ſeus Deoſes a morte pera aquelle ſeu inimigo, lhe naõ deſſem couſa alguma de comer, antes o trataſſem com a maior crueldade, que ſer podia.

19 Aſſim o fizeraõ; mas Deos, que tinha muito à ſua conta a vida deſte ſeu ſervo, lha conſervou entre taõ exceſſivos rigores, com os quais ſe alimentava de modo, que cada ves eſtava mais robuſto. Conhecendo o tyrano a debilidade de ſuas mâs artes contra o ſervo de Deos, concebendo por iſſo grande furor, o voltou todo contra o Principe Taria-deven, & mais fidalgos Chriſtaõs, q̃ lhe aſſiſtiam, mandando a todos, que adoraſſem a hum idolo, que alli eſtava, quando naõ, que logo lhes mandaria tirar a vida.

20 Reſiſtio o Principe, dizendo, que elle ſó avia de adorar ao verdadeiro Deos, de quem recebera a vida da alma, & a ſaude milagroſa do corpo. Com igual conſtancia reſpondeo hum fidalgo chamado Para-deven: ajúdavaos, & confirmavaos neſta conſtancia lá do ſeu carcere o ſancto Martyr com muitos aviſos ſanctos, do que de-

viaõ

viaõ a Deos, & a ſuas conſciencias: os caſtigos, que no outro mundo tem os maos, & o premio, que ſe dá aos bons. Da meſma ſorte animava aos companheiros das ſuas cadeas; inſtruindoos de como ſe aviam de aver, quando o tyrano os mandaſſe chamar a ſua prezença: tanto aſervorou no dezejo do martyrio aos que com elle eſtavam, que ouvindo elles dizer, que o tyrano os determinava ſoltar, choraram muitas lagrimas, por naõ merecerem a fortuna de dar a vida por ſeu Deos.

21 Sabendo os Padres do Malabar da prizaõ, fomes, & ſedes, que padecia o ſancto Martyr; intentaraõ muitas vezes o Padre Provincial, & os Padres Joaõ da Coſta, & Manoel da Rocha acudirlhe por algum modo; mas era tanta a vigilancia das guardas, que tinhaõ ordens apertadiſſimas, pera lhe impedir toda a communicaçaõ exterior com os Chriſtaõs, que naõ davam lugar a ſe lograr alguma das muitas diligencias, que ſe faziaõ. Dos Gentios vinhaõ alguns às vezes ao carcere, huns por zombar do Padre, outros por diſputar com elle; a eſtes convencia com as razoẽs, & a todos com a paciencia nas injurias.

22 Todas as ſuas praticas eraõ anciosos dezejos do martyrio: huma vez lhe ouviraõ eſtar dizendo: *Senhor, & Redemptor meu, em huma quinta feira foſtes prezo por minha cauſa, em huma quinta feira fuy eu tambem prezo pella voſſa: concedeime agora, que aſſim como vós deſtes a vida por meu amor em huma cruz, a dê eu por voſſo amor; & que eſte meu corpo ſeja deſpedaçado; pois naõ merece ſepultura, ſeja alimento de feras.* Naõ faltou Deos a taõ fervoroſa petiçaõ com o cumprafe muito à vontade do ſancto Martyr, como logo ſe dirá.

CAPITULO XXXI.

Da ſua glorioſa morte, & tudo o mais, que antes, & depois della ſuccedeo.

1 VInte, & tres dias havia já, que o Padre eſtava prezo; quando Raugadadeven mandou, que elle, & ſeus companheiros vieſſem a juizo: temendo o tyrano fallar

com o Padre, pello que lhe aviam metido na cabeça à cerca dos seus feitiços; mandou a Tiru-vreya-deven, que estava prezente, lhe perguntasse, se sabia modo, com que rebater o golpe de huma bala de artilharia, ou se podia fazer, com que chovesse todas as vezes, que fosse necessario. Ao que respondeo, que elle abominava todas as artes de feitiçaria. Mais de duas horas os detiveram em pè, & descubertos ao sol, que era intensissimo, feitos objecto de mil injurias, & afrontas. Depois mandou o tyrano, que tornassem pera o carcere, & dahi a pouco tempo ordenou, que lhe levassem a dous delles, que eram Mutû, & Arula-randam; em cuja companhia por permissão do tyrano foi tambem seu sancto Mestre o Padre Joaõ de Brito animando-os com sua prezença, & palavras ao martirio, de que se tinhaõ mostrado taõ dezejosos. Sahiraõ do carcere fazendo gala das prizoens, que arastavaõ: chegados à prezença do tyrano, foraõ recebidos com muitas afrontas, & injurias: mandoulhes, que dissessem as oraçoens do seu Carnoismo. Responderaõ, dando os finais, que tinha de o ser, o verdadeiro Deos; & dizendo os dez preceitos do Decalogo, a cada palavra, que pronunciavaõ os dous Christaõs, dizia o barbaro a blasphemia, que lhe vinha à boca.

2 Perguntoulhes, se estavaõ com proposito de confirmar com a vida aquellas cousas, que diziaõ? Responderaõ, que naõ só com huma, que tinhaõ, mas se muitas tiveraõ, as deraõ todas de boa vontade em confirmaçaõ daquellas verdades. Acezo em ira o tyrano, mandou, que logo fossem arcabuseados, encomendando a execuçaõ a hum soldado conhecidamente destro na arte de atirar: pôs logo as cousas em ordem; & metendo à cara huma espingarda, que escolhera por melhor, & disparandoa, lhe errou fogo. Enfurecido o tyrano por este successo, mandou segunda ves levantar o caõ à espingarda, dizendolhe, que tirasse a huma parede, que apontava; tirou, & pegando fogo fez com duas balas, que despedio, sua brecha em a parede: entretanto estavaõ immoveis os dous soldados de Christo, sem temor algum da morte, que taõ perto delles andava; mostrando mais valor, que os seus annos, que naõ passavaõ em hum de vinte, & dous; & no outro de quinze.

3 Rece-

3 Recreavase o sancto Padre de ver taõ bem lograda a sua doutrina; & doia-se, de que assim fosse vexada a innocencia: levantou a vòs, & disse ao tyrano: Se he culpa nestes meos discipulos seguirem a ley verdadeyra, toda esta culpa he minha, que os ensinei; por tanto naõ he bem, que elles, mas eu padeça: aqui me tendes: em mim executai todos os castigos, que estou mais aparelhado pera os sofrer, do que vós estais pera mos dar. O effeito destas palavras foy, que assim o tyrano, como todos, os que assistiaõ, cercaraõ ao sancto Martyr, & lhe deraõ tantas bofetadas, pancadas, & açoutes, que julgavaõ todos naõ sahiria dalli com vida. Tudo sofreo com tanta mansidaõ, que admirando hum gentio dos que isto viraõ, disse: Todos contradizem a ley deste homem como falsa, mas o seu grande sofrimento dá claras mostras, de que só ella sem duvida he a verdadeyra ley. Taõ efficazes saõ as vozes mudas da paciencia christaã, que athe pellos idolatras mais cegos, & obstinados se deixaõ perceber.

4 Depois deste mao tratamento lhe perguntou o tyrano pello livro da ley, que ensinava; acodio hum soldado offerecendolhe o Breviario do Padre, que era huma das alfayas, q entrara no saque da sua Igreja: alegrouse muito com a peça; porque lhe tinhaõ ditto, que com esta naõ só illudia toda a sorte de feitiços, mas tambem quaisquer balas de artilharia. Logo perguntou ao Padre, se huma bala de espingarda poderia fazer mal àquelle livro? Respõdeo o Padre, que naturalmente sim podia: pera experimentar, o q lhe tinhaõ persuadido, mandou como por escarnio atar o Breviario a huma galinha; & a hum soldado, que lhe tirasse com huma espingarda: succedeo, que dando na galinha, & fazendoa em pedaços, ficou illeso o Breviario: confuso o tyrano, mandou, que tirasse só ao Breviario: assim o fes, & do tiro ficou o Breviario algum tanto, ainda que naõ muito mordido. Vendo isto o tyrano começou a arguir o Padre de mentiroso, como se elle tivesse ditto, que bala nenhuma avia de fazer mal ao Breviario; sendo só contrario a verdade do que elle tinha ditto avia bem pouco tempo. Compadecido hum dos fidalgos gentios, que alli assistiaõ, das injurias do Padre, com modo, & urbanidade, que o tyrano se naõ enfurecesse, o certificou do que o Padre tinha ditto, estranhando

do

do tacitamente o falso testimunho, que lhe levantáva.

5 Aqui mudou de pratica o tyrano: devia ser, quanto ao que parece, pera com este disfarce dar hum corte àquella sua inadvertencia. Perguntou ao Padre, se estava lembrado, que avia alguns annos lhe tinha sohpena de morte prohibido prègar nas suas terras a ley de Deos; & sendolhe assim intimado, como se atrevera contra a sua vontade tornar a prègar tal ley? Por este crime mandou logo, que fosse arcabuzeado. Dispuzeraõ na praça as preparaçoens necessarias, pera se executar o castigo: já o Padre estava junto a hum mastro, pera ser alvo dos tiros; & ninguem os dezejava mais que elle.

6 Achou o tyrano alguns inconvenientes por então na execuçaõ do castigo, temendo naõ ouvesse alguma revolta, por causa do empenho do Principe Tariâ-deven: por tanto assentou comsigo tirarlhe a vida fóra daquella publicidade, & lugar: pera este fim o remetteo à Cidade de Oreuy-ur, que este he o seu nome, ainda que os que escrevem da morte deste sancto Padre, affeiçoando o nome em ordem à pronuncia mais corrente, lhe chamaõ *Urgur*. está situada junto de hum rio chamado Pampárru *nos fins* do Reyno, distante da Corte duas jornadas; aonde assistia hum primo do tyrano por nome Urende-javen, taõ cruel, como elle era; a este mandou dizer, que lhe remettia aquelle prezo, pera que lhe tirasse a vida com a morte, que lhe parecesse.

7 Com esta nova disposiçaõ se despedio o sancto Martyr dos companheiros das suas prizoens, que ficaraõ naquelle carcere; bem se deixa ver o sentimento, com que o faria, do amor, com que os amava; foi levado a Urgur, o tratamento do caminho basta dizer, que foi como nas outras jornadas. No ultimo de Janeiro chegou a Urgur; deuse conta a Urende-javen, & por sua ordem foi metido na prizaõ. Avia muitos annos, que este homem se achava leproso, & quasi entrévado; por esta causa mandou vir ao Padre diante de si, & lhe pedio, que o saraste, porque tinha noticia, que de semelhantes curas tinha elle feito muitas. Respondeo o Padre, que elle naõ dava saude, que isso só o podia fazer Deos Creador do Ceo, & da terra; mas se tivesse prestimo pera lhe preparar algum remedio humano, q̃ o faria com muyto boa vontade. Replicou o enfermo

dizen-

dizendolhe, que bem ſabia, que na ſua maõ eſtava darlhe a morte, ou a vida; que ſe lhe deſſe ſaude, por eſte beneficio lhe daria elle avida, & que alem deſta lhe daria hum prezente de grande valor. Reſpondeo o Padre, que tudo, quanto o mundo tem em conta, eſtimava elle em nada; que quanto à mercê, que lhe offerecia, da vida; elle ſõ dezejara ſempre dalla em teſtimunho da Ley de Deos, que enſinava; nem ſe perſuadia, que apudeſſe empregar melhor, & que a maior mercê, que ſe lhe podia fazer, era tiraremlhe a vida por cauſa taõ ſancta.

8 Teve tambem eſte tyrano varias diſputas com o Padre, & mandou vir os ſeus Letrados, pera que diſputaſſem com elle; a todos convenceo, ſem algum delles ſe converter, porque naõ merecia a ſua muyta cegueyra eſte favor da maõ de Deos. Vendo pois o tyrano, que inſtar com o Padre era perder tempo, & palavras; o mandou voltar ao carcere, dalli eſcreveo ao Padre Franciſco Laynes da noſſa Companhia a carta ſeguinte, fazendo tinta de hum carvaõ moido, & pena de huma palha.

9 *Aos vinte, & oito de Janeyro fui levado a juizo, & mandado arcabuzear diante do meſmo Rauganada-deven. Poſto no lugar, em que avia de ſer arcabuſeado, & tudo em ordem, temendo o ditto Rauganada-deven algum motim no povo; apartandome dos meus glorioſos confeſſores de Chriſto, remetendome a ſeu primo Vrende-javen, à ultimo de Janeyro fui levado a juiſo, em que ouve huma boa diſpata; depois della tornaraõme a meter no carcere, aonde fico eſperando a morte por meu Deos, & Senhor, que he o que unicamente vim buſcar duas vezes à India, à miſſaõ, & às terras do Maravâ. Ainda que he muyto o trabalho, he muyto mayor o premio: fico muyto contente, & conſolado in Domino: pois ſendo a culpa, de que me accuſaõ, virtude, o padecer por ella he grande gloria pera merecer: eſta peço, & a ſancta bençaõ de Voſſa Reverencia, em cujos Sacrificios &c. Carcere tres de Fevereyro de mil ſeiscentos, noventa, & tres.*

10 No meſmo dia, que foi à veſpora do martyrio eſcreveo tambem eſta a ſeu grande amigo o Padre Joaõ da Coſta Miſſionario do Malabar: *Sei muyto bem o muyto, que devo a Voſſa Reverencia; Deos lho pagará. Manoel terá informado a Voſſa Reverencia de toda a minha prizaõ, & ſucceſſos della. Fui remetido a Orey-ur, ultimamente pera ſer de-*

golado. Padeci muyto no caminho; cheguei, & fui levado a juizo: confeſſei a Fê de Deos com largo exame: tornaraõme a meter no carcere, em que fico eſperando o bom dia; pera o que peço inſtantemente a ſancta bençaõ do Reverendo Padre Provincial, de Voſſa Reverencia, & dos mais Padres, & ſeus ſanctos ſacrificios. Fico muyto conſolado in Domino, & com boa ſaude. Os ſoldados ſempre me aſſiſtem, por iſſo naõ ſou mais largo. A Deos meu bom amigo. Fevereyro tres de 1693. Sirva eſta pera todos os Reverendos Padres. Eſte anno bautizei quatro mil &c. Humilde ſervo, & amigo em Chriſto Joaõ.

11 Foraõ eſtas cartas eſcritas aos tres veſpora do dia, em que avia de ſer coroado: logo no dia ſeguinte, que eraõ quatro de Fevereyro, o mandou levar fora de Urgur a hum lugar diſtante, em hum outeiro, ou cabeço, que fica eminente ao rio Pamparru: a eſte elegeraõ pera altar de taõ ſancta victima, como lâ os Judeos ao Calvario pera o ſacrificio de Chriſto! & com grandes algazârras, & exceſſivas injurias de povo innumeravel, que concorreo, o levaraõ àquelle outeiro, em que avia de ſer ſacrificado: em chegando ao lugar, tirou o algos huma fouce, das com que roçaõ o matto, aqual eu vi, & beijei, quando cá a trouxe o Padre Joaõ da Coſta; & a começou a afiar em huma pedra; ſobre aqual ſe aſſentou o ſancto Padre, fazendo oraçaõ a Deos, em quanto o algos preparava a ferramenta.

12 Neſte meſmo tempo aſſiſtindo a eſte ſancto eſpectaculo dous novos Chriſtaõs, arderaõ à viſta delle em tanto fogo do Ceo, que rompendo pella gente correraõ pera os algozes dizendo, que eraõ Chriſtaõs; & que ſe offereciaõ pera fazer companhia na morte a ſeu ſancto Meſtre, dãdo as ſuas vidas pella meſma cauſa. Como os algozes naõ tinhaõ poder mais; que pera dar a morte ao Padre, prenderaõ aos dous Confeſſores de Chriſto, & os mandaraõ meter no carcere, athe ſaber a vontade do tyrano.

13 Logo arremetteraõ ao Padre, & o deſpojaraõ dos ſeus veſtidos; he eſta injuria na aceitaçaõ daquellas gentes maior, que o caſtigo, que ſe manda executar: achando, que tinha hum Relicario ao peſcoço, & perſuadidos, que alli trazia os feitiços, com que atodos encantava, & convertia; receoſos de que ſe lhe pegaſſe o contagio, olhavaõ huns pera os outros, apontando pera o Relicario, como quem dizia, que ſe guardaſſem de tocar tal couſa: pera lho tirarẽ

tirarem a seu salvo, vendo, que pendia de hum cordaõ, cõ hum alfange tiraraõ huma cutilada ao cordaõ, com que o cortaraõ, & deraõ no lado do Padre huma grande ferida.

14 Tanto que viraõ saltar fora do pescoço o Relicario, mais afoutos, que antes, se chegaraõ ao Padre, que estava assentado, esperando pello ultimo golpe: ataraõlhe as maõs, & barba, que trazia comprida, ao peyto: feita esta diligencia, pegando o algos daquella fouce, que dissemos, deu hum grande golpe pella parte de detras no pescoço do sancto Martyr, com que lhe cortou a cabeça, ficando esta só pegada por huma pequena pelle junto à garganta. Succedeo neste ponto huma cousa prodigiosa, & foi, que o corpo assim ferido avendo naturalmente de cahir pera diante, pera onde estava inclinado, cahio pera tras com os olhos abertos pera o Ceo, & os pes estendidos, ficando o corpo com toda a compostura. Vendo os algozes, que a cabeça estava ainda pegada por aquella tenue pelle ao demais corpo, como receando, que com os seus feitiços a tornaria a unir, lha cortaraõ de todo; depois lhe cortaraõ tambem as maõs, & os pés; & assim a cabeça, como pés, & maõs os ataraõ juntos à cintura do sancto cadaver, & espetandoo em hum grande espeto de pao o arvoraraõ naquelle lugar, aonde esteve oito dias, em hum dos quais por ordem do tyrano o puzeraõ em outro espeto muyto mais alto, que o primeyro.

15 No fim dos oito dias cahio o sancto cadaver do espeto, & a cabeça rodando pellas asperezas do monte foi cahir nas correntes da quelle rio, que lhe serviraõ de sepultura: ficando assim em terra o sancto cadaver, foi despedaçado, & comido das feras, que hâ muytas por aquelle sitio; dando Deos cumprimento aos dezejos, que como assima dissemos, tivera de ser comido das feras por seu Deos. Os fragmentos foraõ recolhidos por dous Catequistas, que cõ pretexto de ir à montaria naquelle lugar, os ajuntaraõ, & recolheraõ com toda a veneraçaõ.

16 No mesmo dia, em que cortaraõ a cabeça ao sancto Padre, a horas de meyo dia, estando repouzando o Padre Joaõ da Costa, por ter caminhado o dia, & noyte antecedente, & parte daquelle dia sem fazer intervallo na jornada, em sonhos vio ao sancto Martyr com a cabeça corta-

da nasmaõs; & entrando no meſmo ponto hum ſeu Catequiſta chamado Jorge, lhe referio o ſeu ſonho, de que o Catequiſta o procurou divertir, dizendo, que era ſonho, & como de tal naõ avia porque fazer cazo. Dahi a tres dias chegou hum Catequiſta chamado Manoel, acompanhado de hum daquelles dous Chriſtaõs, que eſtando o Padre pera ſer martyrizado ſe offereceraõ; & deraõ a nova da glorioſa morte do ſancto Padre Joaõ de Britto. Conferindo pois o Padre Joaõ da Coſta a hora, em que lhe apparécera o ſancto Martyr, com aquella, em que os menſageiros diziaõ, que fora degolado, achou ſer o meſmo tempo: diſtava o lugar, onde o Padre teve eſte miſterioſo ſonho, quarenta legoas da cidade de Urgur; com eſte favor lhe quis pagar a ſancta amizade, que entre ſi tinhaõ eſtes dous *Miſſionarios*.

17 Aos dous Chriſtaõs, que diſſemos prenderaõ, quãdo eſtavaõ a ponto de cortar a cabeça ao Padre, mandou o tyrano cortar as orelhas, & natizes, & com eſta invejada deformidade ſahir livres do carcere; naqual afronta huma ſó pena lhes durou, que foi o naõ ganhar a vida eterna, perdendo naquella occaſiaõ com ſeu ſancto *Meſtre* a temporal; diſgraça, que hum delles chorava com inconſolaveis lagrimas.

18 Tambem na meſma hora, que o ſancto Padre acabou a vida em Urgur, ſoltaraõ em Ramanada-buraõ Corte do tyrano, diſtante de Urgur algumas jornadas, aos ſeus Catequiſtas, & companheiros, que alli deyxara prezos, deſpedindoos o tyrano com honra, contra o que ſe eſperava: cumprindõſe huma profecia do ſancto Martyr, em que tinha ditto, que ſó elle naquella perſeguiçaõ avia de morrer. Conſta eſta profecia do proceſſo authentico, que por mandado do Biſpo de Meliapur Dom Gaſpar Affonſo ſe tirou da vida, & morte do ſancto Padre Joaõ de Britto; pera que quando Deos for ſervido ſe lhe dê cá na terra aquelle culto, que tem os ſanctos Martyres, que a Igreja tem declarado por tais. Acabou eſte ſancto Padre aos 4 de Fevereyro de mil ſeiscentos noventa, & tres: tendo vivido na Cõpanhia quanto vai do anno de 1662 athe eſte, em que morreo; & ſervido nas miſſoẽs, & pera ellas deſde o anno de 1673 athe o anno, em que foi degolado, entrando neſta cõta o tempo, que gaſtou a primeyra ves de Portugal athe

chegar

chegar à ſua miſſaõ, & os annos, que gaſtou neſta ſegunda ves, que voltou ao Reyno, ſobre os negocios da ſua provincia, & miſſões; em que conſeguio de ſua Mageſtade el-Rey Dom Pedro o Segundo muyto favoraveis deſpachos pera os augmentos daquellas Chriſtandades.

CAPITULO XXXII.

Refere ſe hum ſucceſſo milagroſo em honra do ſancto Martyr, & ſe ponderaõ brevemente ſuas virtudes, & ſe referem outras couſas em honra ſua.

1 PEra gloria de Deos, & honra do ſeu Martyr ſuccedeo no anno ſeguinte ao de ſua morte eſte milagre. Em huma Comarca chamada Totiaõ, que fica ao poente de Calpaliaõ, adoeceo hum gentio de huma ardentiſſima febre: vendoſe deſconfiado da vida, mandou vir a hũ Chriſtaõ chamado Gegani, o qual por acudir ao bem dos proximos por todos os caminhos, aprendeo alguma couſa de medicina, & ainda que toda eſta naõ paſſava de huns principios confuſos da faculdade, com tudo naquellas partes tinha nome de Medico, & como a tal acodio a elle o gentio, & ſe lhe poſ todo nas maõs.

2 Por occaſiaõ da cura introduzio o Chriſtaõ praticas da Ley de Deos, exhortando ao gentio, que deyxados ſeus erros a abraçaſſe; que por meyo della aſſeguraria a ſaude da alma, & ſe diſporia, pera que Deos lhe deſſe tambem a do corpo: dizendolhe pera eſte fim mil bens da Ley de Deos, & excellencias della. A iſto reſpondeo o gentio; que como queria perſuadirlhe, que a Ley dos Chriſtaõs era boa, ſe avia taõ pouco, que o Principe Maravâ tinha mandado degolar a hum Meſtre della com tanta infamia, quanta ſabiaõ todos? Que ſe ella fora boa, nunca hum taõ grande Principe faria tantas diligencias pella extinguir: & que eſta era a razaõ, que tinha pera naõ avaliar por boa eſta Ley.

3 Aqui acodio o Catholico, dizendo; que dahi meſmo ſe provava ſer boa; pois quem a profeſſava, a eſtimava mais, que a meſma vida, como a eſtimou aquelle Meſtre; de caminho diſſe muytos louvores das virtudes do Padre Joaõ de Britto, como eſtava diante de Deos, gozando o premio

do ſeu martyrio, & rogando por todos os que ſe encomendavaõ a Deos por interceſſaõ dos ſeus merecimentos.

4 Ouvindo tudo o gentio diſſe ao Chriſtaõ: que ſe aquelle, que dizia ſer verdadeiro Deos, por interceſſaõ daquelle Meſtre, aquem de veras ſe encomendava, em credito da ſua Ley lhe tiraſſe a febre, em que ardia, dentro de vinte, & quatro horas; & ſe viſſe reduzido a perfeita ſaude, prometia fazerſe Chriſtaõ. Aceitou o Mediço o partido, confiando em Deos, que pellos merecimentos do Padre Joaõ de Britto daria ſaude na alma, & no corpo ao enfermo: com eſta confiança ſe retirou pera caza: no dia ſeguinte voltou à hora emprazada, & tomando o pulſo ao ſeu enfermo, o achou ſem febre alguma, & dentro de poucos dias ſe vio reſtituido de todo à ſua perfeita ſaude: à viſta deſte taõ ſingular favor do Ceo, dando de maõ à idolatria, recebeo o ſancto baptiſmo. Eſte cazo refere o Padre Antonio Dias na carta annua da miſſaõ do anno de 1695.

5 Quem lendo eſta vida, & morte do ſancto Padre Joaõ de Britto, deyxarâ de venerar neſte illuſtriſſimo Martyr hum tranſumpto daquelles grandes Meſtres da Igreja os ſanctos Apoſtolos, cujos empregos taõ apoſtadamente imitou; acompanhando eſta ſua vida Apoſtolica de todas as virtudes, com que ella coſtuma andar acompanhada? Que humildade taõ profunda, pois naõ queria couſa, que cedeſſe em honra ſua. A ſeu Irmaõ, que nos ſobreſcritos das cartas quando veyo ao Reyno, lhe eſcrevia ao principio, chamandoo: *Muyto Reverendo Padre, & Senhor Joaõ de Britto meu Irmaõ Procurador Geral do Malabar*; lhe dizia em huma reposta: *Tambem vos peço, que quando me fizereis mercê eſcreverme, me naõ ponhais no ſobreſcrito mais, que: Ao Padre Joaõ de Britto da Companhia de JESU meu Irmaõ: & nada mais, porque eu naõ ſou muyto Reverendo, nem Senhor, porque ſou voſſo Irmaõ mais moço, & como tal, & como Religioſo ſou voſſo ſervo; & ſe vos chamo por vôs neſta ſuppoſiçaõ, he por naõ alterar neſtas circunſtancias o modo, porque ſempre vos tratei, podendo vôs imaginar no que era obrigaçaõ minha offença no que vos quero. E o ſer Procurador Geral he ſô pera os papeis, que o requerem ex officio, & naõ pera os ſobreſcritos, que ſô denotaõ fantaſtica. E fique iſto ditto por huma ves, que he jâ muyto tarde, mas mais val tarde, que nunca.*

6 Deſta

6 Deſta humildade naceo, & tambem do dezejo, que tinha de ſalvar almas aquella ſancta tezidaõ, que teve em fugir das honras, pera que os Sereniſſimos Reys o queriaõ em Portugal, ſobre as quais eſcrevendo ao meſmo Irmaõ dis aſſim: *Eu vou taõ contente, como vim pezaroſo; cuidar, que alguem me deſviou, cuido, que he engano; porque eu nunca avia de ficar, porque ſô no Ceo quero eſtar na patria; & por iſſo ſô lâ me naõ quero apartar de vos.* Em outra tocando na meſma materia lhe dis referindo a morte do Padre Franciſco de Almeyda: *Morreo de hum accidente, mas bem aparelhado o Padre Franciſco de Almeyda, & eu perdi hum grandiſſimo amigo: ſeja Deos bendito, que tudo acaba em a morte: por iſſo eu me vou pera a India com tanto goſto, & mãdei fazer as ultimas inſtancias, ou pedi, que ſe fizeſſem pella Rainha Noſſa Senhora, & dis ſua Mageſtade, que me dâ licença, mas que daqui a dous annos me hâ de mandar chamar; mas eſpero em Deos, que ſe eſqueça.* E ao Padre Joaõ da Coſta eſcreveo das ſuas miſſoẽs: *Eu ſempre diſſe a Voſſa Reverencia, que naõ avia de tornar a Portugal; eu quero mais o Ceo, que a terra, & mais os mattos de Madure, que o paço de Portugal.* Das quais palavras, & certeza, com que as dis tambem parece, que o ſancto Padre tinha noticia ſuperior, de que naõ avia de voltar ao Reyno, ainda que ſua Mageſtade lhe diſſera, que dalli a dous annos o avia de mandar chamar; & em effeito ainda no anno de 1692, que foi o antecedente ao ſeu martyrio, lidou a Rainha neſte ponto, & ſobre elle eſcreveo da ſua parte ſeu Confeſſor o Padre Leopoldo Fuês ao Reverendo Padre Geral, pera que mandaſſe vir da India ao Padre Joaõ de Britto; donde ſe infere, que naõ podia elle ter lâ o ultimo deſengano das võtades Reais; pois a carta do Reverendo Padre pera o Padre Leopoldo foi dada em Roma aos 30 de Setembro de 1692, & chegou a Portugal dous mezes, & meyo antes da morte do ſancto Padre.

7 Com que palavras ſe poderâ encarecer a grande cõfiança, que teve em Deos, naõ fogindo aos perigos, mas metendoſe nelles, quando era neceſſario pera ſua maior gloria? Teſtimunha bem iſto alem do que fica eſcrito eſta breve carta ao Padre Joaõ da Coſta: *Dizem agora, que o Maravâ tem ditto, que eſpera prenderme, & cortarme a cabeça, & aſſim pôr termo â prègaçaõ do Evangelho nas ſuas ter-*

terras; ſe aſſim o fizer, per aque he fallar? Iremos mais ſedo pera o Ceo: & como eſta nova eſteja jâ muyto eſpalhada, julgo naõ ſer gloria de Deos deyxar agora eſtas terras: eu naõ confio em mim nada, que ſou hum grandiſſimo peccador, mas confio ſô em Deos, que em ſemelhantes occaſioẽs dâ ſimpliciter poſſe; & nas oraçoẽs, & ſanctos ſacrificios de Voſſa Reverencia, que podem alcançar muyto de Deos; & aſſim com eſpecialidade os peço agora. No entre tanto vai continuando a converſaõ, os baptiſmos, & a frequencia dos Sacramentos em maior numero, & de diverſas partes pedem de novo Catequiſtas. E quanto melhor he iſto, que todas as grandezas de Europa?

8 A ſede de ſalvar almas foi nelle inſaciavel; iſſo ſe vio em todas as ſuas obras, & palavras: as ſuas cartas todas cheiravaõ a Deos, metendo nellas muytas couſas ſanctas, & eſpirituais, exhortando de caminho às virtudes, & bens da alma: deſtas eſtaõ ſemeadas as ſuas cartas, ainda quando reſpondia a negocios, que ſe lhe encomendavaõ: baſte pera prova alem das que ficaõ apontadas eſta a ſeu Irmaõ: *Saõ taõ grandes as occupaçoẽs, em que me acho, & o trepel de negocios, & viſitas, que me levaõ o tempo, que ſô furtando eſte a outras occupaçoẽs poſſo ſatisfazer a eſta. Eſtimo voſſa ſaude, & peço a Deos a empregueis ſempre em o amar, que he ſô o com que vos aveis de achar à hora da morte, & por toda a eternidade: a voſſo ſerviço fica, a com que Noſſo Senhor me favorece. Chegou o papel; queira Deos, que o faça eu bem nos ſeus divinos olhos, porque ſô a conta, que tenho que lhe dar, he a que me atormenta. Deos vos guarde &c.*

9 O Padre Jeronimo Telles, de que aſſima ſe fez menção, Miſſionario tambem de Madure, & de quem o ſancto Martyr Joaõ de Britto câ em o Reyno diſſe, eſcrevendo a hum ſeu Irmaõ da noſſa Companhia: *O Padre Jeronimo Telles he hoje o melhor Miſſionario, que tem a miſſaõ, & faz muytos, & muyto grandes ſerviços a Deos Noſſo Senhor, à Igreja, & à Companhia: Voſſa Reverencia pode dar muytas graças a Deos de ter tal Irmaõ, porque he hum ſancto.*

10 Eſte Miſſionario eſcrevendo a ſeu Irmaõ em carta aos 4 de Agoſto de 1684 diz aſſim, fallando do ſancto Padre Joaõ de Britto: *As novas deſta miſſaõ vaõ na Annua, que eu tresladei, por mo pedir o Padre Joaõ de Britto inſigne Miſſionario, o qual ſendo taõ illuſtre corre todos eſtes Reynos a pè deſcalço com tanto dezejo de acodir aos Chriſtaõs, & aos*

que

que ſe converteu, que me parece hum verdadeiro retrato do Sancto Xavier.

11 Em outra dada em 3 de Janeyro de 1687, quando o ſancto Padre avia de vir ao Reyno por Procurador, diz aſſim eſcrevendo ao meſmo Irmaõ: *Jâ lhe eſcrevi por via de Goa, mas porque depois diſſo ſuccedeo a eleyçaõ do Procurador Geral a Roma, faço eſta por via de França, pois pera Goa jâ naõ he tempo, pera ſignificar em como vai o Padre Joaõ de Britto, varaõ verdadeyramente Apoſtolico, & inſigne ſogeito em toda a materia, que deſde que veyo comigo deſſe Reyno, eſteve ſempre neſta miſſaõ, que augmẽtou extraordinariamente à cuſta de infinitos trabalhos, & horriveis perſeguiçoẽs; & ultimò ſendo Superior della ſô uſou de ſeus poderes, pera aliviar aos outros, & mortificarſe mais a ſi, andando ſempre em huma roda viva, & metendoſe nos maiores perigos, pera ſalvar as almas, & exaltar a Fê de Chriſto, por amor daqual foi prezo muytas vezes, & padeceo infinitos martyrios: a, eſte famoſo Miſſionario, & grande Apoſtolo de noſſos tempos devo eu alem de infinitas obrigaçoẽs, & innumeraveis favores hum affecto extraordinario.*

12 O meſmo em outra carta fallando do ſancto Martyr, & do incanſavel fervor, com que trabalhava, diz, que o Padre Joaõ de Britto ſe avia no zelo das almas, & trabalhos pellas ſalvar, taõ incanſavelmente, que naõ ſabia, que Saõ Franciſco de Xavier ſe ouveſſe com mais fervor neſtas materias. Refiro os dittos deſte Padre, que como era teſtimunha, & taõ abonada, dos Apoſtolicos empregos deſte ſancto Martyr, naõ tenho pera mim, que fallava tanto levado do affecto, que lhe merecia eſte, quanto pello que julgava do agigantado eſpirito, com que indefeſſamente procurava a ſalvaçaõ das almas à imitaçaõ do grande Apoſtolo do Oriente, dequem foi hum dos maiores imitadores, que teve a Companhia nas Apoſtolicas, & glorioſiſſimas miſſoẽs da India, como ſe deyxa bem ver de tudo, o que fica referido. E quem tiver noticia dos filhos da noſſa Companhia, que nas Indias trabalharaõ incanſavelmente na ſalvaçaõ das almas à imitaçaõ do Sancto Apoſtolo Saõ Franciſco de Xavier, & conferir as obras, & fervores de cada hum com as do ſancto Martyr Joaõ de Britto, por ventura, que julgue, ou ao menos duvide, ſe as miſſoẽs da India depois do Sancto Xavier tiveraõ Miſſionario mais glorioſo.

13 Nos annos seguintes aos de sua morte veyo a este Reyno por Procurador do Malabar o Padre Joaõ da Costa, & trouxe comsigo o cutelo, ou fouce de roçar matto, com que o degolaraõ, a qual por bom preço se ouve do gentio, dequem era; que senaõ queria desfazer della, por ter nisso naõ sei que agouro; mas deyxouse vencer do dinheiro, que tudo vence, com condiçaõ, que lhe avia de tirar o cabo, q de outra sorte temia algum grande desastre; facilmente se veyo no concerto, & se recolheo este precioso instrumento.

14 O Padre lhe mandou na India fazer de filagrana de prata huma bem lavrada bainha, em que o meteo; & quando chegou ao Reyno o foi offerecer a el-Rey, o qual com grande piedade o beijou, porem naõ aceitou a offerta, dizendo, que melhor ficava na Companhia, aonde seria mais respeitada, & naõ correria perigo de se perder, & servia pera afervorar aos Missionarios.

15 Beijaraõ tambem a esta sancta Reliquia os Senhores da Corte amigos do Veneravel Padre naõ sem grande affecto, & piedade lembrandose, que era instrumento do martyrio de hum homem, aquem avia taõ pouco tinhaõ conversado. Entre outros Senhores o Marques de Marialva tomandoo nas maõs, & fazendolhe as merecidas reverencias, disse diante de alguns Religiosos da Companhia: *Naõ sei, quem fez mais, se o sancto Padre Joaõ de Britto pello martyrio, se eu pello impedir.* Significando nisto, que elle fora hum dos mais empenhados, pera o Padre naõ voltar pera a India. Esta peça se guarda na Procuratura do Malabar no Collegio de Sancto Antaõ em Lisboa.

16 Naõ he bem passemos em silencio huma profecia de seu glorioso martyrio, que muytos ouviraõ em Portugal referir ao Padre Joaõ de Britto. Em huma das prizoẽs, que ficaõ referidas, antes de elle vir ao Reyno, estava tambem com seu Mestre prezo hum menino Christaõ; disselhe o sancto Padre: se os gentios depois de me matarem, quizerem tambem matarte a ti, que has de fazer? Respondeo: Padre, os gentios nem a mim, nem a vos haõ de matar agora; mas vos heis de hir à vossa terra, & heis de voltar pera esta, & entaõ vos haõ de matar. O que tudo se cumprio à risca: no ditto deste menino tinha o sancto Martyr grande fé, & delle nacia, ou porventura de revelaçaõ, que

tinha,

tinha, dizer afferivamente, que avia de voltar pera a sua Missaõ, & que lá o esperaõ os torquentos.

17 Alem das maravilhas assima referidas depois da morte do Veneravel Padre, ouve noutras, com q̃ Deos acreditou seu martyrio. No paço do Tirano Reginâda devem huma sua cunhada, & hum filho desta ficaraõ livres do Demonio por receberem o santo baptismo. O mesmo effeito se esperava em huma molher do mesmo tirano, que era Irmaã desta; & sua Irmaã por ordem do Padre Francisco Laynes a instruia no Catecismo. Todas estas conversões se atribuem ao sangue do Padre João de Brito, pois succediaõ em casa do mesmo tirano, que o mandou matar.

18 Em Cornapata veyo à Igreja huma Christaã proxima ao parto, & sentia taes apertos, que se persuadia morreria. O Padre Jozeph Carvalho a consolou, & lhe deu huma firma de huma carta do Padre João de Brito; ella com grande Fé a tomou, & aplicou a si, & teve hum parto felicissimo. Poz ao menino por nome João em honra do Veneravel Martyr.

19 Huma Christaã padecia varias enfermidades; muytos remedios se lhe aplicaram, todos sem effeito. Vendo isto seus pays, lhe deraõ a beber da terra, em que fora derramado o sangue do Martyr, & com este remedio logo ficou livre de todas as enfermidades.

20 Foi evidente final da ira de Deos a morte de Marungichiaõ hum dos principais, que ordinaõ a morte do Padre. Depois della continuou em vexar os Christaõs, & dizendoselhe temesse algũ castigo de Deos, de tudo se ria, dizendo, que ià tardava. Mas parecia queria Deos fosse o seu castigo no mesmo mez, emque o Padre morreo. Porque em Fevereiro no anno seguinte à morte do Padre o assaltou tal enfermidade, que corrompendoselhe as entranhas, as lançava pela boca. Lavrou a corrupçaõ logo por todo o corpo, despedindo de si tal cheyro, que ninguem a elle se podia chegar, & com esta dor, & vehemencia dentro de vinte, & quatro horas, que naõ durou mais a enfermidade, deu sua alma ao Demonio.

21 No mesmo mes deu tal peste na povoaçaõ, onde o Padre foi prezo, que de todos os moradores hum só ficou com vida, como pera testimunha do castigo, & açoute de

Deos. Estas cousas escreve nas Annuas de 1692, & 93 o veneravel Padre Joseph Carvalho tambem ditozo Martyr na mesma missaõ.

O Padre Antonio Dias tem assim em huma Annua feita do Anno de 1692: *He grande a devaçaõ, que os Christaõs tem ao Veneravel Padre Joaõ de Britto, dos quais a algum bebendo da terra do lugar, em que elle morreo, concedeo Deos filhos, tendo delles muytos annos.*

Pero que se veja a grande opiniaõ, que tinha do santo Martyr nosso Reverendo Padre Geral, ajuntemos aqui ás barras, que escreveo aos Confessores das Magestades, quando intentaraõ, que voltasse da India pera ser Mestre dos Principes.

Carta pera o Confessor del-Rey o Reverendo Padre Sebastiaõ de Magalhaes.

Recebi nesta posta huma carta de Vossa Reverencia escrita em sinco de Junho proximo passado, naqual me dá noticia da grande propensaõ, que sua Magestade que Deos guarde, mostra a que o Padre Joaõ de Britto torne a repetir a navegaçaõ da India pera Portugal. Creyo terá Vossa Reverencia entendido, quam prompto estou, & estarei, pera executar assim nisto, como em tudo o mais, que se offerecer, quanto for do agrado, & serviço de sua Magestade mas já, que Vossa Reverencia me adverte, que a singular piedade, & recta intençaõ de sua Magestade só pertende deyxar na escolha do Padre Britto em ficar na India, ou voltar pera esse Reyno, conforme elle julgar, que será maior serviço de Deos; entendo me naõ estranhará sua Magestade significar eu a Vossa Reverencia o que julgo nesta materia; & he, que a vinda do Padre Britto pera Portugal será sem duvida contra o maior serviço de Deos, considerados os grandes talentos de Missionario, que a divina bondade comunicou ao dito Padre, dandolhe zelo Apostolico pera dilatar nossa santa Fé, & particular graça pera a prègar, & atrahir a ella com seu bom modo, & grande pericia da lingoa Malabar grande numero de gentios, & outras muytas prendas proprias de hum homem escolhido de Deos pera o servir na empreza das almas, naõ dos Christaõs em Europa, mas dos gentios na India, donde os sobreditos talentos renderaõ cento por hum, como já mostra a experiencia do copioso fructo, que o Padre Britto colheo da sua prègaçaõ no Malabar,

labar, & em Portugal naõ frutificaráõ bem por certo.

25 O meſmo julgo pondo os olhos no maior bem da miſſaõ do Malabar, a qual tendo a ſua Mageſtade por ſeu ſingular protector, naõ perderà couſa alguma em Portugal com a auzencia do Padre Britto, & na India ganharà muyto com a ſua prezença valendoſe dos ſeus talentos, zelo, & experiencia da miſſaõ, & pericia da lingua Malabar, & tendo nelle hum vivo exemplar de Miſſionarios Apoſtolicos; a cuja viſta, & dos ſinais, que no corpo lhe deyxaràõ os martyrios, que padeceo pella Fê, & amor de JESU Chriſto, conceberáõ grande fervor os Miſſionarios, & trabalharaõ com maior zelo, & deſvelo no bẽ eſpiritual daquella miſſaõ; a qual ſe deve antepor a qualquer emolumento temporal, que o Padre Britto lhe poderia grangear com ſua aſſiſtencia em Lisboa.

26 Pello contrario que deſanimados ficaràõ os meſmos Miſſionarios, & que frios nos ſeus bons propoſitos todos aquelles Religioſos da Companhia, que pertendem paſſar de Europa às miſſoẽs do Malabar, ſe virem deyxar a empreza das almas, aquem devia ſer nella ſua guia, & Capitaõ? Pera huns, & outros ſerà eſte exemplo de grande eſcandalo, & pera o Padre Britto materia de naõ pouco diſcredito, porque o poderàõ tachar de inconſtante, por voltar taõ preſto pera o Reyno, donde partio em Março proxime paſſado, & de menos zelozo no ſerviço de Deos, por trocar os trabalhos da miſſaõ pello deſcanço de Portugal. Com que podera facilmente perder em breve tempo a grande opiniaõ de ſanctidade, que grangeou em tantos annos à cuſta de muytos trabalhos no Malabar, naõ coſtumando Deos concorrer com ſuas particulares graças, & ſingulares dons, com quem deyxa a empreza das almas, a que o chamou. Iſto he o que diante de Deos entendo neſte particular, remetendome ſempre, & em tudo ao rectiſſimo parecer de ſua Mageſtade, em cuja conſciencia deſencarrego a minha. E porque ſenaõ offerece outra couſa, acabo recomendandome nos ſanctos ſacrificios, & oraçoẽs de Voſſa Reverencia Roma. 22 de Julho de 1690.

Serva em Chriſto
Thyrſo Gonzales.

A Carta pera o Reverendo Padre Leopoldo Fues Confeſſor da Rainha diz aſſim.

27 As obrigaçoẽs, em que nos tem poſto a Sereniſſima Ra-

Rainha de Portugal, & a ſingular benevolencia, com que favorece, & patrocina eſta noſſa minima Companhia juſtiſſimamente pedem de nos, como devido tributo, naõ ſó o agradecimento, mas tambem hum animo promptiſſimo pera obedecer ao minimo aceno, & ſignificaçaõ da vontade de ſua real Mageſtade.

28 *Por eſta cauſa quizera eu com o exercicio da minha obediencia ſatisfazer ao grande dezejo, que tem a Sereniſſima Rainha, de que o Padre Joaõ de Britto deyxe a miſſaõ do Malabar, & venha pera Portugal movido das particulares razoẽs, que Voſſa Reverencia de mandado da ditta Sereniſſima Rainha me reprezentou. Porem conſiderado bem eſte negocio diante de Deos; julgo (& iſto meſmo eſcrevi já ao Padre Sebaſtiaõ de Magalhaẽs ſignificaſſe ao Sereniſſimo Rey de Portugal) que tederá em maior gloria de Deos, ſalvaçaõ das almas, acrecentamento da Provincia do Malabar, & maior honra do meſmo Padre Joaõ de Britto, ſenaõ divertirmos a taõ grande Miſſionario da empreza, pera a qual o Eſpiritu Sancto o ſegregou, como a outro Apoſtolo das gentes, da Corte de Lisboa, & o levou de Portugal pera o Malabar. E como a Sereniſſima Rainha com todo ſeu coraçaõ, & affectos promova as obras de ſerviço de Deos, converſaõ das almas, & os progreſſos da miſſaõ do Malabar, tenho certa confiança, de que há de levar a bem perſevere o Padre Britto fideliſſimo Miniſtro, & operario do Senhor em cultivar a vinha, que o meſmo Senhor lhe encomendou. Voſſa Reverencia em meu nome lançado aos reais pès da Sereniſſima Rainha de Portugal lhe renda immortais graças pellas innumeraveis merces, que temos recebido de ſua liberal maõ, & pello muyto credito, que logra a Companhia à ſombra de ſeu poderoſo patrocinio. Nos ſanctos Sacrificios de Voſſa Reverencia muyto me recomendo. Roma 30 de Setembro de 1692.*

Servo em o Senhor
Thyrſo Gonzales.

29 A vida, que aqui fica eſcritta, ſe recolheo da que deſte ſancto Martyr eſcreveo ſeu Irmaõ Fernaõ Pereyra de Britto conforme os documentos, que ſe lhe tinhaõ dado da Companhia, por eſte fidalgo levar em goſto ſer o eſcritor da vida de ſeu muy ſancto Irmaõ. Naõ ſe contentou elle com a ſimples narraçaõ das acçoẽs virtuoſas, mas ſobre

ellas

ellas tecia seus discursos politicos, que faziaõ algum tanto menos fluida, & aprazivel à liçaõ: por esta, ou por qualquer outra causa se naõ imprimio aquella obra, della, como disse, recolhi estas noticias, acrescentando outras certas de homens, que as ouviraõ ao mesmo sancto Padre, & outras que nelle se observaraõ, quando veyo a Portugal. Tambem escreveraõ sua vida em Latim, & a imprimiraõ os nossos Padres Francezes, mas muito diminuta por falta de noticias. Naõ apontou seu Irmaõ as cazas, & rua, onde nacera, o que lhe naõ era difficultozo, sendo ainda viva sua may. Posto que neste ponto fis depois alguma diligencia, nada pude descubrir, no que tive alguma pena, porque chegando, como esperamos, a ser canonizado, poderia servir a noticia, pera nellas se lhe levantar Igreja, como ao glorioso S. Antonio. Só me disse hum nosso Irmaõ Coadjutor muy velho, que elle o conhecera morar com sua mãy na rua de Saõ Christovaõ na Freguezia deste Sancto em as cazas, que depois foraõ de hum Affonso de Pina Caldas, letrado naquelles tempos mui conhecido em Lisboa.

CAPITULO XXXIII.

Vida do Padre Manoel Rodrigues Missionario de Madurè. *Em Goa.*

Entra na Missaõ, & algumas cousas, que lhe succederaõ, & nella obrou.

1 COm razaõ se pode gloriar a Villa de Vianna da Provincia de Alentejo no Arcebispado de Evora de ser patria do Padre Manoel Rodrigues Missionario de grande espirito, & de excellentes virtudes na missaõ de Madurè. Tem esta nobre Villa dado à Companhia homens de muytas letras, & virtude. Entre estes naõ merece lugar inferior o Padre Manoel Rodrigues. Chamavaõ-se seus pays Simaõ Rodrigues, & Catherina Dias. Sendo estudante do primeiro Curso, & tendo dezasete annos de idade entrou na Companhia em Lisboa aos vinte de Janeiro de 1642. Dezejozo de gastar sua vida na conversaõ das almas passou à India no anno de 1647. poucos annos, como

como se vê, depois do fim do seu noviciado.

2 Pellos annos de 1663, anno mais, anno menos, já o Padre Manoel Rodrigues estava na missaõ de Madurè, aonde trabalhou com grande espirito cousa de vinte, & dous annos; & trabalhara os mais de sua vida, se a obediencia o naõ occupara em governar assim na sua provincia do Malabar, como na de Goa. Deu principio aos seus empregos Apostolicos na Residencia de Candalur. Ouve por entaõ alli queitaçaõ, sem os gentios darem molestia ao Padre, nem aos Christaõs. Entre outras conversoẽs foi muy notavel a de hum Capitaõ, o qual era perseguido de huma doença terrivel: ora o privava dos sentidos, ora lhe tolhia os membros, ora fazia com ella tais gestos, & meneos, que bem se deixava entender tinha o diabo no corpo. Huns o tinhaõ por energumeno, outros atribuiam tudo á doença natural; & tudo era, porque á doença natural acreceo o enredo do Demonio.

3 Fes gastos excessivos com Medicos, & idolos, tudo sem algum proveito. Vendose com os cabedais perdidos sem melhora nos achaques; por conselho de alguns Christaõs foi ter com o Padre Manoel Rodrigues. No caminho padeceo accidentes terriveis, procurando o demonio desviallo, pera que naõ fallasse com o Padre. Finalmente vencidas as resistencias veyo a sua prezença. Foi cousa notavel, que applicandolhe o Padre o Sancto Crucifixo, se sentio alliviado do mal, que o atormentava. Foi instruido na fé, & depois de bautizado, cessou a força, & extravagancias daquella malignidade, continuando só o que era nelle achaque natural. Procedeo como fervoroso Christaõ, & acabou a vida temporal com sinais de entrar na vida eterna.

4 No anno de 1666 teve a seu cuidado a Residencia de Mulipari, que era de grande destrito, porque alem do que tinha pera outros rumos, pera o sul era de tres dias de caminho. A maior parte deste anno gastou em compridas jornadas, vizitando por ordem do Padre Provincial as Residencias, de que consta a missaõ. Foraõ muytos os trabalhos, que padeceo nestes caminhos; entre elles o visitou Deos com hum taõ grande, que foi particular mercê do Ceo escapar delle com vida.

5 Foi o cazo, que voltando o Padre de Satiamangalam

pera

pera a ſua Reſidencia, achou os caminhos perturbados com guerra, porque o Nayque de Madurê tinha decido ſobre alguns ſenhores ſeus vaſſalos rebeldes. Julgou o Padre, que poderia paſſar, ſegundo lhe tinhaõ affirmado alguns Chriſtaõs daquella terra. Era dia do Beato Luis Gonzaga, quando o Padre chegou a hum lugar; onde cuidava aver maior ſegurança, ſe achou no maior perigo; porque o ſenhor daquella terra temendoſe do Nayque mandou impedir os caminhos, & matar a quantos paſſaſſem. Antes de chegar ao lugar, onde eſtavaõ os ſoldados, quis Deos, que o chamaſſem pera hum enfermo, que eſtava às portas da morte, ſem ter recebido o ſancto baptiſmo; adminiſtroulho, & neſta demora taõ proveitoſa pera aquella alma eſteve a fortuna do Padre em eſcapar da morte. Acabando de baptizar o enfermo, & continuando ſeu caminho lhe veyo nas coſtas bradando hum ſoldado Chriſtaõ, que naõ paſſaſſe a diante, porque a todas as partes ſe tinha mandado ordem pera o matarem.

6. Com eſte aviſo ſe recolheo o Padre pera a fortaleza, em que eſtava o Regulo já acompanhado de alguns Chriſtaõs, que alli ſerviam de ſoldados, & lhe tinhaõ vindo ao encontro. Querendoſe o Padre meter em huma ramada, lhe ſahio hum Badagâ, que depois de lhe perguntar, quem era, & donde vinha, o notificou, que foſſe diante do Regulo. Neſte paſſo ſe achou o Padre ſó com hum dos ſoldados Chriſtaõs, porque todos os mais o deſempararaõ. Parecialheaõ Padre, que fallando com o Regulo, & certificandoo de quem era, lhe naõ faria deſacato algum. O Badagâ o levou athe a porta da fortaleza, mas por mais inſtancias, que o Padre fez, nem o Badagâ, nem os que aſſiſtiaõ à porta, o quizeraõ deyxar entrar dentro.

7. Era muyta a gente, que ſahio a ver o Padre, & naõ faltaraõ alguns, que o receberaõ com palavras afrontoſas. Foi o Badagâ fallar com o Regulo, dizendolhe, o que lhe pareceo, de ſorte, que o Regulo ficou certificado, que o Padre trazia muito ouro; por iſſo deu ſentença condicionada, conforme o effeito depois moſtrou, que ſe aſſim foſſe, como lhe tinhaõ dito, o mataſſem, & aos ſeus moços, & lhe trouxeſſem o peçheo; quando naõ, que o deyxaſſem ir em paz. Com eſta reſoluçaõ veyo de dentro o Badagâ, que em ſegredo avizou aos ſoldados do

que aviam de fazer ſegundo a ordem do Regulo. Quiſo Padre ficar aquella noyte na fortaleza, mas naõ ſe lhe deu lugar. Diſſeraõlhe, que ſe foſſe pello meſmo caminho, por onde tinha vindo. Sahiraõ logo dous ſoldados, & o foraõ guiando pera hum matto, onde ſe avia de executar a ordem do Regulo.

8 Deſtes dous ſoldados hum era Chriſtaõ, o qual chegandoſe a hum dos moços do Padre lhe diſſe em ſegredo, quanto ſe paſſava; por tanto trataſſem das almas, porque a morte eſtava perto. Creo o Padre o aviſo, por ſer o ſoldado Chriſtaõ; confeſſou aos moços, & elle ſe preparou pera morrer. Chegaraõ ao matto, donde ſahiraõ oyto, ou dez ſoldados, que logo deraõ buſca ao fato. E naõ achando em dinheiro mais, que alguns fanoẽs moeda ordinaria daquellas terras, que todos naõ faziaõ huma pataca, paſmados de acharem taõ pouco, começaraõ a olhar huns pera os outros. Tiraraõ aos moços as arrecadas de ouro, que levavaõ nas orelhas, conforme o uſo da terra, deyxaram porem as do Padre, porque eraõ de pouco valor. Dos ſoldados dous eſtavaõ aſſẽtados; diſſe hum pera os demais, que cortaſſem a cabeça ao Padre, & aos ſeus moços.

9 Ouvindo o Padre eſta ſentença, ſem mais demora ſe poz de joelhos, maõs levantadas pera o Ceo, & o peſcoço offerecido ao golpe da eſpada. O meſmo à ſua imitaçaõ fizeraõ os moços. A quem naõ enternecerà eſta acçaõ, que athe aos meſmos gentios enterneceo? Porque hum dos dous, que diſſemos eſtavaõ aſſentados, & parecia ſer o principal, a quem a facçaõ eſtava encommendada, vendo que quem aſſim ſe offerecia à morte, naõ podia deixar de ſer Religioſo de boa vida, lhe diſſe, que ſe levantaſſe, porque naõ avia de executar nelle ſemelhante ſentença. Como o Padre tinha dado credito ao Chriſtaõ, que lhe tinha dito, que era ordem foſſem todos mortos, perſiſtio na meſma poſtura. O que vendo o gentio ſe levantou, & pegandolhe do braço o fez aſſentar junto de ſi.

10 Porem logo com grande deſenfado lhe começou a perguntar, pera que ſerviaõ humas mezinhas, que no fato, q̃ tomaraõ, tinha achado? Reſpondeolhe o Padre ſinceramente os preſtimos, que tinhaõ as meſinhas. O que o Padre aqui teve por ſingular merce de Deos foi, que dando buſca ao fato, naõ deraõ ſe de hum caliz de cobre,

que

que tinha a copa dourada; porque se o vissem, imaginariam ser todo de ouro, & por isso o matariam. Depois o despedirão em companhia de dous soldados, que o acompanharão athe passar hum rio; alem do qual forão caminhando mais desassistados de semelhantes encontros ao passado, mas com tanta molestia, quanta o mesmo Padre em huma carta sua refere por estas palavras.

11 Aquella noyte, diz elle, dormimos ao sereno leves do fato, & dos estamagos; porque eramos sinco, & o arrôs não bastava pera hum, nem tinhamos com que o comprar, mas dando graças a Deos por nos livrar daquella, que assim pello titulo se me reprezentou pouco de receber, no dia seguinte athe o sol posto caminhamos junto do rio Caveri fartos de agoa, & mortos de fome, que à noyte nos mataraõ em casa de Chinapen Badagâ, não sem lagrimas daquelles Christãos, que ouviraõ o referido. Isto he o que diz o Padre depois de escapar daquelle trance, que destes, & por esta causa padecem muytos os Padres Missionarios naquellas terras: porque como aquelles barbaros não conhecem o valor das almas, que os Missionarios alli vaõ grangear, persuademse, que possuem grossos thesouros; nem as muytas experiencias acabaõ de os desenganar.

12 Por estar a Residencia da Cidade de Madurè sem Padre, se revezaraõ em lhe acodir o Padre Andre Freyre, & o Padre Manoel Rodrigues. O Padre Manoel Rodrigues teve grande trabalho nos caminhos, porque os fes no inverno, que alli no tal tempo, mais que nas outras partes, saõ trabalhozos. Aos Christaõs acodia de noyte, por ter o contrario muytos inconvenientes naquella terra, a respeito de serem os Christaõs de castas inferiores, & segundo a barbaria dos povos seria cousa muy fea, se os gentios o vissem tratar com semelhante gente.

13 Nesta occasiaõ fez muytos bautismos notaveis, delles me contento com referir hum, por ser este homem grande ministro do demonio, assim em perseguir os Christaõs, como em celebrar com apuratos as festas dos idolos. Quis o diabo pagarlhe os serviços pello modo que costuma. E começando pella molher lha matou à força de tormentos. Logo entrou com elle, & o pôz em estado, que jà os parentes davaõ ordem à fogueyra, em que o aviaõ

de queymar. Neste tempo chegou àquella povoação hum Catequista; pedirãolhe os Christãos, que fosse ver aquelle homem, por quanto jà tinha dado palavra de ouvir o Catecismo, se se visse livre do demonio. Estava nos ultimos apertos. Certificouse o Catequista da sua vontade. Disselhe as cousas necessarias no tal conflicto, fazendolhe fazer actos de Fé, Esperança, Caridade, & Contrição. Poslhe vigia, dilatando o bautismo pera o ultimo trance, se o mal não afroyxasse. Mas foi Deos servido de se emlogo vendo melhoria de tal sorte, que ao terceyro dia se achou de todo livre; & sendo instruido competentemente, o Padre Manoel Rodrigues o bautizou, pondolhe por nome Xavier.

CAPITULO XXXIV.

Do que obrou, & lhe succedeo na Residencia de Madurè.

NA Residencia de Madurè fez o Padre Manoel Rodrigues grandes serviços a Deos. Naquelle tempo estava aquella Cidade muy descahida de sua antiga opulencia, por ter o Regulo mudado a Corte pera outra parte. Dalli acodia o Padre aos Christãos de varias provincias todas anexas a esta Residencia, porque alem da provincia de Madurè tinha a de Utamapaliam tres dias de caminho distante pera o Poente; a do Maravà distante dous dias, & mais: a de Tenganje, & a de Caetarro tres, & quatro. Sendo grandissimas as difficuldades em discorrer por estas provincias, no tempo, que alli esteve o Padre Manoel Rodrigues foraõ maiores por rezaõ da fome, roubos, guerras, & injustiças, que avia em todas aquellas provincias.

2 No meyo de tantos infortunios naõ deyxou de colher bom fruto dos seus trabalhos, ainda que naõ taõ copioso, como nos annos de bonança. Tudo o mesmo Padre declara no paragrafo de huma carta sua, que disassim escrevendo ao Padre Andre Freyre. Prezentes devem ser a Vossa Reverencia as calamidades, que este anno passado sobrevieraõ a este Reyno em geral, & muyto em particular por estas bandas: porque naõ falando na fome, que foi tal,

sul, que duvido se dás tres partes dos moradores ficou hua nesta provincia, que a não desemparasse; forão, & saõ ainda hoje tamas as tiranias, & em falta dos inimigos de fóra tantos os de dentro, que ninguem pode dizer, seguro estou. Os ministros Reais por huma parte, & estes saõ os mais perniciosos, os Maravàs por outra, & os ladroẽs por todas, & todos àquem mais há de pilhar.

3 Isto he o que cà corre o anno passado, & ainda continua no prezente, porem naõ obstantes estes impedimentos fis daqui duas viagens às terras do sul. A Utamapalcam não pude ir, porem mandei là hum Catequista, que depois de dous mezes, que là gastou, voltou com grande difficuldade, deyxando feito pouco, ou nenhum fruto, assim por causa da fóme, que há muytos annos dura por aquellas partes, cómo tambem por razaõ da guerra, que há tanto tempo, que ainda a ceza entre aquelles Regulos, sem acabar de ter fim. Nesta terra, aonde assisto, nada se faz de novo na conversaõ, nem vejo sinal de se poder fazer; salvo se Deos nosso Senhor, a quem tudo he facillimo, obrar alguma maravilha, ou de outro modo, que elle só sabe, & nós naõ alcançamos. Nas duas vezes, que fui às terras do sul baptizei cento, & sessenta, & quatro pessoas, naõ entrando nesse numero as que na hora da morte recebendo o sagrado baptismo foraõ pera o Ceo, & as mais dellas eraõ crianças. Athe aqui o paragrafo da carta do Padre Manoel Rodrigues.

4 Avia nesse tempo grande falta de Missionarios, por terem muytos espirado afogados com o immenso trabalho, que tinhaõ sobre seus hombros. Por isso creceo tambem o pezo, a os que ficaraõ com vida. Trabalhava este Padre, como se fosse igual ao numero de muytos obreiros.

5 Entre outras conversoens, que naquella terra fes, foi em tudo rara a de hum mercador gentio. Este deyxando a mercancia se fes logo tratando de viver como homem penitente, & espiritual na sua seyta, ou seytas, porque foraõ varias as que seguio em espaço de vinte annos, que teve esta vida, a qual acompanhou com extraordinarias penitencias, que fazia. Naõ fallando nas dos jejuns, & abstinencias, que eraõ rigorosas, porque passava dias inteiros, & às vezes muytos juntos, sem comer nada, quatorze annos antes de sua morte viveo com sua molher,

como

como se fossem irmãos; & naõ cazados; costumão entre semelhantes penitentes, que de ordinario tem duas, & mais molheres, pera se parecerem mais com seus Deoses; de que prégaõ tiveraõ muytas, por lhes naõ bastar só huma; pera com tais exemplos capearem sua incontinencia.

6 Porèm todo este rigor; & todo este modo de vida, que tinha este mercador feito Jogue era mais mercancia, que fazia pera que o estimassem, que obsequio a seus Deoses, pera os agradar; porque naõ fazendo nenhum cazo delles, nem das seitas, em que elles saõ adorados por divindades, só tratava de se exaltar a si, como se elle fosse Deos entre os cegos, que por tal o tinhaõ, & veneravaõ. Este Jogue, que com mascara de virtude, & penitencia encobria huma soberba luciferina dentro de seu coraçaõ, levado della diante de hum Christaõ blasfemou hum dia da ley de Deos. O Christaõ o reprehendeo com grande zelo, & praticou com elle sobre alguns mysterios, & cousas da ley de Deos, de que o Jogue naõ tinha noticia; & foi com taõ bom successo, que tocandolhe Deos o coraçaõ logo o Jogue se resolveo a ouvir o Catecismo.

7 Foilho dito este com cautela, como se costuma dizer a semelhante gente. Hum anno inteiro se gastou em o provar na Fé, & em lhe propor os divinos mysterios, q̃ encerra. Era este homem doutissimo em suas seitas; & por esta razaõ foraõ muytas, & grandes as duvidas, que propos, pera alcançar melhor a verdade, como elle dizia. Em fim tiradas todas as duvidas, abraçando a ley de Deos de coraçaõ, o que antes era blasfemo se fes prègador do Evangelho; mostrando grande zelo, de que todos conhecessem a Deos. Porisso naõ só a sua molher, mas a todos os moradores da sua casta exhortava a se fazerem Christaõs, dandolhe conselhos saudaveis. Do seu corpo nada tratava, & pellos rigores antigos o tinha taõ debilitado, que naõ se podendo ter em pé, era necessario, que o levantassem duas pessoas.

8 Nesta forma se fes levar diante do Padre Manoel Rodrigues, quando foi vizitar aquella Christandade do sul, aonde elle estava esperando com grande anfia o sagrado bautismo, que recebeo da maõ do Padre; & foi com taõ grande fé, que o Padre lhe deu logo a sagrada Com-

munhaõ

manhaõ, parecendolhe, que naõ podia já durar muytos dias com vida. E assim succedeo, porque só sinco dias, depois que se bautizou, esteve nesta vida miseravel, obrando Deos na sua morte grandes maravilhas: porque dous dias antes de morrẽ disse a sua molher, q̃ só aquelles dous dias teria de vida, & q̃ neste particular lhe guardasse segredo, athe elle espirar. Tanto q̃ espirou, notaraõ os circunstantes, q̃ no rosto lhe aparecera certa lus, & fermosura extraordinaria. Alem disto viraõ huma grande claridade, com aqual se persuadiram, que amanhecera, por ser aquelle tempo de madrugada; porẽ desaparecendo logo ficou escuro, como antes, naõ amanhecendo se naõ dahi a mais de huma hora. Ditoso homem por certo, pois no meyo de sanha, & tam envelhecida cegueyra assim soube abraçar a verdade, & logo salvar dos perigos de a tornar a perder. Certo, que se o Padre Manoel Rodrigues naõ tivera outro premio de suas lõgas navegaçoens, compridas jornadas, & vida taõ penitente, mais que fazer este bautismo nos mattos de Madurè, tudo daria por bem empregado pella consolaçaõ de fazer tal bautismo.

9 O mais, que nesta Residencia padeceo, & trabalhou o Padre Manoel Rodrigues, refere elle mesmo em huma carta sua por estas palavras: No principio do anno de 1674 esperei em Madurè pello Padre Provincial conforme à sua ordem, porque alli se queria ver comigo, & com os mais Padres da missam, que pudessem vir. Depois que o Padre Provincial voltou de Madurè pera a costa da Pescaria, foi eu, ainda que tarde, visitar os Christaõs, que ficam de Madurè pera o sul; porque naõ o fazendo entaõ, temia naõ o poder fazer dahi a muyto tempo, como succedeo depois, que se passou hum anno inteiro, sem poder fazer aquella jornada. Parti pois de Madurè no inverno, & chegando ao primeiro porto fiz avizo aos Christaõs da minha vinda. Depois de lhes administrar os Sacramentos, me veyo demandar hum Catequista, que catequiza, & está morador naquella provincia, & entaõ por razaõ das injustiças se tinha desterrado pera huma povoaçam junto às ferras do Malabar, lugar pouco acomodado, pera exercitar nossos ministerios; porem como a festa do Natal estava perto, me resolvi a ir com elle pera aquelle posto, por naõ ter outro.

10 No

10 No primeiro dia cheguei à fortaleza de Cacharro já de noyte, & na mesma noyte confessando os Christaõs, que alli avia, & dandolhes a Communhaõ me parti de madrugada fazendo a pé minha viagem por caminhos de muita agoa, & de grandes lamas, alem de serẽ infestados de hum Marava ladram, que com bom numero de soldados ya dava roubando, & tinha atemorizado toda aquella terra. Aquelle dia já no fim da jornada nos molhamos todos, & assim passamos aquella noyte em casa de hum Christaõ, & com o mesmo temor, que no dia antecedente, antes de amanhecer me parti por grandes levadas de agoa, deyxando aviso aos Christaõs, q̃ me fossem buscar ao lugar, pera onde caminhava.

11 Alem disto se ajuntou o aver de passar por lugares, & povoaçoens, onde temos grandes inimigos, & o posto, que era o fim da minha jornada, era huma povoaçaõ, em que avia muytos Bramanes, os maiores inimigos, que tem a Ley de Deos, & os mais soberbos, que hà nestas terras: se bem alguns delles alli se tem feito discipulos de hum Pareâ, que he tido por hum oraculo daquelles cegos, por esta razaõ nos foi tambem necessario entrar de noyte naquelle lugar, aonde os Christaõs nos receberaõ com grande alegria, & consolaçaõ.

12 Depois de alli chegar, em huma cazinha de palha, q̃ me largaraõ, fis hum altar, & concertei decentemẽte tudo o mais pera dizer Missa. Confessaraõ os Christaõs, que alli confessei, & aos quais dei a sagrada Communhaõ, mas naõ puderaõ vir todos, porque a chuva, que sem cessar choveo por espaço de oito, ou mais dias, os impedia. Neste tempo, que por razaõ das chuvas, & grandes frios ao pé daquellas serras, pera todos foi muy desabrido, cahi eu com hum dos Christaõs, que no caminho me acompanharaõ, enfermo: mas foi Deos servido, que naquelle sitio, aonde naõ tinha Medico, nem Enfermeiro, nem regalos, que hum enfermo costuma ter nos collos Collegios, me parou a doença, pera ajudar aquelles Christaõs, dos quais os que estavaõ mais longe, depois de amaynar a chuva, se vieraõ confessar, & comungar.

13 Estando eu nesta povoaçaõ succederaõ os cazos seguintes. Em huma das oitavas do Natal, depois de ou ter dito Missa, advertiraõ os Christaõs, que junto da povoaçaõ

voação passava muyta gente de guerra, que mostravão ser numero de duzentos homens; & advertindo nos cerão, que era o Maravá ladraõ assi dito, que dahi pouco distante tinha roubado huma povoação muy rica, & morto nella muyta gente, & o mesmo fizera àquella, se Deos o naõ divertira; porque naquella occasião, conforme me disse hum soldado Christaõ, que o sabia, mais bem intentos de a roubar. Depois, que os moradores souberaõ, que gente era aquella, tanto que a viraõ passar avante, logo despovoaraõ, & eu juntamente com elles; porque temeraõ, que o mal, que entaõ lhes naõ fizera, o fizesse depois. Eu dey muytas graças a Deos, por me livrar com aquelles Christaõs daquelle perigo taõ grande.

14 Outro cazo succedeo, & foi desta maneira. Avia poucos dias antes de eu ir àquella povoação, que fallecera hum Christaõ de boa vida. A molher, que tambem era Christaã, com duas filhas, q̃ tinha, o desemparou naquella doença, levãdo comsigo as filhas pera outra povoação pera viver alli à sombra de huns seus parẽtes gentios. Naõ deyxou isto de causar escandalo entre os Christaõs. Depois da morte do marido veyo ella celebrar as exequias, cõforme o costume da terra; & com a filha mais pequena adoeceo gravemente, o que foi tido por castigo bem merecido, por ter desemparado a seu marido na enfermidade, de que morreo. Mortal era a enfermidade, que ella tinha, por isso lhe ministrei os Sacramentos, & fis o mais, que a occasiaõ pedia.

15 Entrou a enferma em agonia, porem foram tais as vizagens, & meneos, que os circunstantes cheyos de temor, & espanto a desempararaõ. Logo hum Christaõ bem entendido, a quem eu tinha encommendado, que naquella hora lhe meteesse na maõ hum Crucifixo, que tinha indulgencia plenaria, entrando na caza da enferma lhe mostrou a sagrada imagem, animandoa, pera que naõ temesse o inimigo naquella hora. Com a vista do Sancto Crucifixo ficou a enferma quieta, & disse: Com a prezença deste Senhor se acabaraõ os meus temores; & se elle pouco antes aqui estivera comigo, naõ tinha eu, que temer. Depois de dizer isto, declarou huma horrenda vizaõ, que tivera, dizendo assim: Vi huma fantasma negra, fea, & de disforme grandeza, que vinha pera me pegar, & me levar

comſigo; mas tanto, que a imagem de Chriſto crucificado aqui entrou, logo fogio muyto longe, & ainda lá eſtá. Acabando a enferma de referir iſto, com a imagem de Noſſo Redemptor nas maõs deu pacificamente a alma a ſeu Creador, como piamente podemos crer. A filha, que era de menor idade, tambem falleceo, & ſe foi pera o Ceo pellos merecimentos de JESU Chriſto com a graça do bautiſmo. Athe aqui o Padre naquella ſua carta. Depois voltou a Madurê com ſemelhante trabalho ao que tinha padecido na jornada.

CAPITULO XXXV.

De como o Padre Manoel Rodrigues trabalhou, & do que lhe ſuccedeo na Reſidencia de Varugapati.

1 DA Reſidencia de Madurè paſſou o Padre Manoel Rodrigues pera a de Varugapati alem do rio Colaraõ: he dilatada, & por falta de Miſſionarios avia annos naõ aſſiſtia nella Padre algum, mas revezadamente lhe acudiaõ os Padres, que tinhaõ cuidado das outras. *Depois* que o Padre Manoel Rodrigues, ſendo Superior de toda a miſſaõ, alli começou a aſſiſtir, começaraõ tambem a concorrer os Chriſtaõs, que avia muyto tempo naõ tinhaõ recebido os Sacramentos. Eraõ tantos em numero, que quatro, & ſinco Padres teriaõ bem, que fazer, em dar expediçaõ às confiſſoẽs, que cada dia alli avia: & por naõ poder o Padre dar vazaõ a tantos, ſe detinhaõ alli muytos alguns dias, athe lhe chegar a ſua vez. Ouve tambem muytos bautiſmos nos poucos mezes, que em Varugapati entaõ aſſiſtio: paſſaraõ eſtes de quatrocentos.

2 Por ſer a Igreja, que alli avia, pequena pera concurſos taõ grandes, tratou o Padre de fazer huma mais capas com ajuda dos Chriſtaõs, que ſendo gente pobre trabalhaõ nella com taõ grande fervor, que brevemente ſe acabou, com grande conſolaçaõ de todos, & pezar dos inimigos da Fê. Nella celebrou o Padre com os ſeus Chriſtaõs a feſta da Paſchoa. Porem com a vinda do Sabagî, que dahi a poucos mezes deceo com exercito ſobre aquella provincia; naõ ſó a Igreja, mas tambem o Padre Manoel Rodrigues com mais alguns Padres, que alli entaõ ſe acharaõ, cor-

correraõ grande riſco entre aquelles barbaros.

3 O cazo foi, que vindo o Sabagî pacificamente àquellas terras, & publicando a fama delle, que nenhum inſulto conſentia fazerem os ſeus ſoldados, caſtigando ſeveramẽte aquelles, que cometiaõ culpas, ainda muyto leves. Todos ſem nenhum temor ſe deyxaraõ eſtar em ſuas cazas, o Padre Manoel Rodrigues com os mais Padres fez o meſmo. Porem o effeito moſtrou o contrario, do que a fama tinha divulgado. Porque depois que o Sabagî aſſentou o ſeu arrayal junto do rio Colaraõ, dalli ſahiraõ os ſoldados de cavallo cõ muyta gente a buſcar palha pera a cavallaria, & naõ ſe contentando com a que achavaõ nos palheiros, & medas, deſfaziaõ tambem as cazas, que todas ſaõ palhaças.

4 Chegando à Igreja do Padre, que entaõ eſtava cuberta de novo com boa palha, a começaraõ a deſmanchar; & naõ contentes com iſto quiſeraõ levar prezos aos Padres Manoel Rodrigues, Andre Freyre, & ao veneravel Padre Joaõ de Britto, que alli ſe achavaõ, dizendo ſer gente, que tinha fogido da rota dos Mouros, que pouco antes tinha avido no Reyno de Ginja. Vendo os Padres a ſemrazaõ daquella gente, cuja lingua naõ entendiaõ, como nem elles a dos Padres, do modo que puderaõ, lhe ſignificaraõ ſerem Religioſos penitentes, que nenhum trato tinhaõ com os Mouros. Em fim hum delles, que parecia ſer principal, dandolhes credito, naõ ſó naõ fez, o que intentava, mas fazendo-lhes cortezia os deyxou, & ſe foi com os mais ſoldados. Entaõ os Padres, pera naõ terem outro tal encontro, ſe retiraraõ pera lugar mais ſeguro, ficando aquella caza, & Igreja a Deos, & à ventura. Deos a guardou naõ ſó aquella ves, mas tambem a ſegunda, quando o exercito do Sabagî voltou de Ginja, pera ir dar ſobre Tanjaor.

5 Naõ eſcaparaõ porem as ſearas naquella Provincia, porque cortaraõ a mayor parte dellas, pera ſuſtentar os cavallos, tendo neſta parte os Chriſtaõs grandes perdas, & continuos ſobreſaltos, por cauſa dos quais ſe retiraraõ cõ ſuas familias pera os mattos. Neſta occaſiaõ fez tambem nelles ſeu aſſento o Padre Manoel Rodrigues tendo grandes incomodos aſſim por falta do neceſſario pera ſe viver, como por ſer obrigado a eſtar em choupanas. Deſta ſorte aſſim as ovelhas, como o paſtor andaraõ algum tempo por

aquelles mattos, athé que amaynando as desenquietaçoẽs tornaraõ pera suas cazas.

6 Na mesma occasiaõ, em que esta Residencia esteve perturbada com as armas do Sabagi, procurou o Demonio fazer tambem a sua, & meter em trabalho aos Christaõs. Succedeo tudo na forma seguinte. Junto do rio Colarem morava hum mancebo Christaõ homem de grande fé, chamavase Xavier. Este pello tráto, que teve com hum gentio, o perstuadio na ultima doença a ser Christaõ, instruido como sofria o tempo, o baptizou, & brevemente morreo Xavier, & os mais Christaõs com grande pompa o levaraõ à sepultura. Naõ pode sofrer este espectaculo hum Jogue da infame seyta do Lingaõ, cujo torpissimo idolo estes malditos trazem ao pescoço, custoulhe pella vida, que tirou da sua casta, quais erão aquelles Christaõs, tivessem deyxado o Lingaõ por seguir a Ley de Deos, de que a elle se lhe diminuiaõ consideravelmente os lucros com a falta destes discipulos.

7 Ajuntando pois outros da sua facçam, & seyta, no meyo da pompa funeral deu sobre os Christaõs; & sabendo ser Xavier a causa de tudo, lançando mam delle, o começou com os mais a espancar cruelmente. No meyo das pancadas lhe dizia, que largasse a Ley de Deos; a que respondia Xavier, que antes perderia a vida. Naõ contente o Jogue tratou de levar prezo a Xavier diante do Senhor daquellas terras, & fazerlhe queyxa contra os Christaõs, de que desprezavaõ aos seus Deoses. Antes disto tomou as contas a muytos Christaõs, & as atou nos seus pés, & assim andou pascando com grande soberba, & desprezo da Ley de Deos.

8 Quizeraõ os Christaõs compor aquella desordem por meyo das justiças das povoaçoẽs, mas estas estavaõ sobornadas pello Jogue, por isso foi sem fructo esta diligencia. Logo recorreram ao Padre Manoel Rodrigues por conselho neste aperto, & a saber o modo, com que se aviaõ de aver diante do Senhor principal da Provincia, pera cuja prezença estavaõ emprazados. Porque os gentios lhe tinham por força feito passar hum assinado, em que se obrigavaõ a pagar pera o paço certa quantia de dinheiro, se disputando com os gentios ficassem delles vencidos; & a mesma pena pagariaõ os gentios, se elles fossem os vencidos.

Ven-

Vendo o Padre este aperto, & conhecendo bem os embuſtes dos Iogues, os animou com as eſperanças da victoria. A cauſa encomendou a hum Chriſtão parente do Senhor da Provincia, homem de grande Fé, muy lido nas ſuas hiſtorias, & no falar eloquente. Ouvia razoẽs, pera que nem o Padre, nem algum dos ſeus Catequiſtas falaſſe naquella occaſião a campo, mas eſtava de aviſo, pera quando pedindo o aperto, ſe meter nelle como bom paſtor.

Cõ eſta reposta, & reſolução ſe partirão os Chriſtãos cheyos de animo, & confiados em Deos. E o Chriſtão, a quem ſe encomendou o negocio, o fez tão bem, como o podera fazer qualquer Catequiſta dos mais verſados nas ſeitas dos Iogues. Depois do Iogue ajuntar muytos da ſeyta de Xivá, & muytos da ſeita de Viſnu, que pera eſtas funçoẽs todos ſe dam as mãos ſendo entre ſi notavelmente oppoſtos, fez diante do Senhor da terra a queyxa, que aſſima diſſemos. Que já não avia Deoſes, porque os Chriſtãos alem de dizer, que os não avia, os deſpreſavão.

O Governador goſtava muyto do Chriſtão, a quem o negocio ſe encomendara, & por vezes tinha praticado com elle ſobre couſas da Fé, perguntou lhe com agrado, q negocio, & queyxa era aquella. O Chriſtão, que eſtava ſenhor da queſtam, lhe diſſe, que os Chriſtãos a ninguem tinhão feito mal, que ſó enſinavão o caminho da ſalvaçam, a quem o queria ſeguir, & que o Iogue, que ſe queyxava dos Chriſtãos tinha delinquido gravemente, fazendoſe juis em materia, que lhe não competia, & caſtigado com deshumanidade a hum Chriſtão, que lhe não tinha feito algum agravo. Ouvindo o Governador eſtas, & outras razoẽs ſemelhantes não differio por entam a eſte negocio, fazendo pouco cazo das queyxas dos Iogues, que todos os dias em hum corpo como amotinados vinham à porta do paço a pedir lhe fizeſſem juſtiça.

11 Moſtrava o Governador grande deſejo de ſe inteirar das verdades de noſſa ſancta Fé, pera iſto tinha varias praticas com o Chriſtam, o qual lhe deſcobrio os erros das ſuas ſeitas com tão bom ſucceſſo, que o Governador queymou alguns livros, que tinha de feitiçarias, & couſas torpes. Continuando dezejava ſaber a certeza de outras couſas, em que comũmente tropeça toda aquella gentilidade; huma foi a transmigração das almas, que aquellas gentes

fin-

fingirão dizendo: que há outra geraçam, na qual se dá o premio pellas virtudes, & castigo pellos peccados, que se fizerão na primeira. De sorte, que quem foi virtuoso nesta geraçaõ, na seguinte passando sua alma a outro corpo nasce Rey, grande Senhor, ou com alguma das felicidades desta vida; pello contrario succede ao que foi peccador. Mostrou o Christaõ com boas razoẽs, naõ aver segunda geraçam, mais que a presente. Ao que elle disse nem o Governador, nem os seus letrados tiveraõ, que responder. Nestas praticas se gastou quasi hum mes. Enfadado o Iogue de tantas demoras mandou naõ só as cartas inferiores, mas tambem aos Brahmas da cidade, para se porem em campo pellos seus Deoses.

Entre estes hum Brahmane grande Mestre da Ley, o qual por grandeza levava sempre diante de si, ainda na luz do meyo dia, hum pagem com huma tocha acesa, quis disputar com o Christaõ; mas a poucos passos vio bem a pouca luz, que dava a sua tocha, porque as razoẽs do Christaõ como luz maior escureceraõ os seus argumentos, em que naõ avia mais, que fumos. Entendendo o Governador a verdade, ainda que a nam abraçou, lhe pareceo, que nam era bem contradizela. Por tanto encomendou a alguns homens do seu paço, que compuzessem este negocio de sorte, que aos Christaõs se desse alguma satisfaçam, pois sem razaõ foram agravados.

Assim o fizeram, mandaram chamar ao Iogue, & ao Christaõ agravado. Trouxe o Iogue comsigo grande numero de gentios, com o Christaõ vieram poucos Christaõs. Informados elles do succedido reprehenderam gravissimamente ao Iogue, por se atrever a castigar como juis, sendo elle hum pobre pedinte. Mandaraõlhe restituir as contas, que tinha tomado aos Christaõs. Fez alguma repugnancia, em dar as contas, de que elles enfadados lhe mandaram alli diante de todos dar muytos pescoçoẽs. Querendo evitar estes, se foi retirando pera tras, & vergonhosamente cahio dentro de huma cova, ficando sua soberba muy bem humilhada, & escarnecida. Restituio as contas, & os juizes por ultima resoluçam disseram aos Christaõs, que ou elles, ou seus Mestres podiam prègar a sua doutrina naquella Provincia, & que quem os impedisse, seria castigado com rigor, & aspereza. Desta sorte se desvaneceo aquella tempestade

peſtade com ſumma goſto dos Chriſtaõs, & do Padre Manoel Rodrigues, que com ſeus conſelhos os dirigio, & com ſuas oraçoẽs os ajudou.

14 Padecia jà neſte tempo o Padre Manoel Rodrigues muytos achaques, cauſados dos ſeus trabalhos; mas os achaques naõ eram cauſa de afroxar nás obrigaçoẽs de Miſſionario, porque nenhum amor tinha a ſeu corpo. Fez neſte tempo algumas jornadas acodindo a outras partes. Dellas da conta ao Padre Andre Freyre em huma carta na forma ſeguinte. Prezente he a Voſſa Reverencia, como ſahindo eu deſte poſto em Julho de 1677, na conformidade, & pellas cauſas, que tambem lhe ſaõ prezentes, voltei aqui jà entrado Janeyro, & naõ mais ſedo; aſſim por gaſtar tres mezes no ir, & vir das coſtas da Peſcaria, & Travancor; como porque quando cheguei jâ perto, achei eſtar por aqui alojado o exercito do Sabagí; que me tinha primeyro obrigado a deyxar eſte lugar mais depreſſa, do que eu, & os mais imaginavamos.

15 Neſte perſiſti athe Mayo, & naõ ocioſo, como Voſſa Reverencia vio, poriſſo naõ deſcrevo eſte meu ocio. No principio de Mayo me obrigou a ſahir daqui a doença do Padre Vicente Duarte, que Deos tem. Voltei meado Outubro, & no tempo, que aſſiſti na minha Reſidencia, que naõ foram ſete mezes completos, fis quinhentos, & quarẽta bautiſmos; a fora os que ſe bautizaram na hora da morte, que naõ foram poucos, mas nos os naõ coſtumamos eſcrever, porque ſuppomos, o eſtam ja no livro da vida. Entre os dittos bautiſmos me parecem dignos de memoria os dous ſeguintes. Bem conhece Voſſa Reverencia o gentio cabeça deſta povoaçaõ; o qual aſſim por naõ ter filhos da primeyra, & legitima molher, como pella razaõ ordinaria de terem muytas eſtes gentios, cazou com a ſegunda, daqual tem jà dous, ambos bautizados, & a may por cauſa dos meſmos he catecumena, & naõ mais pello impedimento tocado, que ſó com a morte de algum dos tres poderâ ceſſar.

16 Varias vezes ſe tem malogrado os partos da primeyra molher com naõ pequeno ſentimento ſeu, & do marido, que lhe tem mais affeiçaõ aſſim pello natural, que todos louvam, como pello ſangue derivado dos Dureis, ou ſenhores de Catalur, & Parambur, qualidades, que faltam

na

na ſegunda. Pario pois finalmente eſta ſentida may hum filho, em cujo nacimento por muyto dezejado fez o pay grandes demonſtraçoẽs de alegria com banquetes, feſtas, & outros gaſtos, tendo nelles a maior parte Bramanes, & Jogues; aquem eſte anno com demazia por occaſiaõ do parto antes de vir a lus, & depois deu mais os ouvidos, que nunca; gaſtando com elles muyto, & fazendoſe por ſeu conſelho devoto do idolo Perumal, cujo ſinete, ou marca lhe imprimiram nos hombros com hum ferro abrazado, como ordinariamente fazem a ſemelhantes devotos; pagando por ſer aſſim ferrado, & cauterizado o ſalario, que ſe coſtuma, ou ainda mais, a hum, que aqui veyo do Pagode de Xirangam a cavallo à cuſta, & por grandeza do novo candidato.

17 Celebrou depois diſto neſta povoaçam a feſta a hũ Diabo, com que me cauſou nam pouca moleſtia, por ſe ajudar nella por força dos Chriſtaõs; porem bem o pagou logo com a perda da fazenda, & deſterro, que teve por cauſa das guerras, que ſobrevieram. Na conjunçam do dito parto, eſtrondos de feſta, & alegria, referindome hum Chriſtaõ por miudo os gaſtos, que alli ſe faziaõ, & com quem; & as felicidades, que aſſim Bramanes, como Jogues ominavaõ à criança, & aos pays; a eſtes as que coſtumam, & àquella as que elles ignoravaõ, mas Deos por ſua boca declarava, como depois vimos. Diſſe eu entaõ pera o Padre Joaõ de Britto, que eſtava comigo, & pera os mais circunſtantes laſtimados todos da cegueira do gentio, aſſim pella razaõ commua de proximo, como pella particular de nos ter Deos à ſua ſombra dado aqui abrigo, & lugar de aſſiſtencia, que muytos annos procuramos em outra parte ſẽ effeito: diſſe pois, que ſó Deos dando alguma doença àquella criança, ou à may, podia fazer mudar de intentos, & allumiar tanta cegueira.

18 Eis que no dia ſeguinte enferma a criança de ſorte, que os pays, & todos os mais aſſim parentes, como profetas falſos deſconfiaraõ do que tinhaõ dito em ſuas profecias, & do favor dos ſeus idolos, aos quais atribuindolhes o bom ſucceſſo daquelle parto, tinhaõ primeiro invocado, & ſolenizado. Por tanto contra o que o Diabo, & ſeus miniſtros pertendiaõ, reſolveraõſe os pays, que o filho moribundo foſſe bautizado, que por eſte meyo viveria, como ti-

tinhaõ vivido os dous da segunda molher, recebendo em semelhante perigo o baptismo. Mandou logo a hum Catequista, que por achar a criança em grande aperto, lhe deu o santo baptismo, & naquella mesma noyte foi Deus servido de lhe dar a vida eterna, & naõ a temporal, que os pays só intentavam.

19 Com a morte da criança, prantos, & tristezas dos pays toda a congregaçam dos profetas mentirosos de Sapareceo, sentidos tambem todos elles, naõ daquella morte, mas porque com ella tinham fim os banquetes, em que tam abundantemente achavam de comer, que hoje com toda de seus embustes, & mentiras, & naõ pouco se lastimam ao prezente, em que a may da dita criança com beneplacito do marido fica ouvindo o Cateciſmo, & a exemplo seu tambem outras; porque sentindose ella outra ves pejada, deyxando de seguir ao marido em sua cegueira, com esperanças de melhor fortuna se resolveo a ouvir o Cateciſmo; cõ que espero virá a ser toda esta povoaçam de Christaõs, porque nella mais saõ já estes, que os gentios.

20 O segundo cazo foi desta maneira. Huma molher filha de Christaõs cazada com hum gentio, de quem tinha já tres filhos (naõ avia certeza se de pequena fora baptizada) indo hum dia vizitar a seus pais, no caminho foi vizitada do Diabo, que se apoderou della fortemente. O marido querendoa livrar, se foi ter com hum Bramane feiticeiro, que a experiencia tinha mostrado, lançara alguns Diabos com suas rezas, & ceremonias. Fez o Bramane, recebendo primeiro a paga, o que suas mãs artes lhe ensinavam, porem sem proveito: antes indignado aquelle espirito maligno contra elle, & dizendolhe: vos amim afugentar? Lhe pegou com os dentes de hum braço, & o tratou como costumaõ os cães, quando estam mais rayvosos.

21 Afrontado o Bramane de lhe sahir tanto ao contrario, do que tinha experimentado em outros, se resolveo tomar vingança do cazo, & envestindo com a endemoninhada, foraõ tantos os couces, que lhe deu, que lhe lançou fora duas das armas, com que o tinha ofendido. Deyxando pois semelhante medico, em quem a enferma achou mezinhas tam custosas, a levaraõ a outros, que tambem depois de pagos (porque por aqui, como Vossa Re-

verencia ſabe, primeyro ſe paga a cura, & depois ſe dão as mezinhas, pera que nem o preço deſtas falte, aquem as vẽde, que de ordinario ſaõ os Medicos, nem ſuccede ficar o trabalho ſem paga) fizeraõ tudo, o que ſabiam, porem ſem mais fruto, que tornar a pobre paciente cauterizada em varias partes do corpo. Finalmente valendoſe dos Chriſtaõs, como ordinariamente fazem, primeyro com humas contas, & depois com huma Cruz ſe vio aquella pobre molher livre do Diabo, mas naõ de todo, porque faltandolhe a Cruz tornou outra ves a ſer atormentada delle. Ouvio o Cateciſmo com o marido, & filhos, & entam ſendo juntamente baptizada com elles ficou de todo livre. Athe aqui a carta do Padre Manoel Rodrigues.

CAPITULO XXXVI.

Do mais, que o Padre Manoel Rodrigues padeceo neſta Reſidencia, & na de Candalur. E de ſua morte.

ENtre as digreſſoẽs, que fez eſte os annos, que cultivou a Reſidencia de Varugapati, foram algumas em aſſiſtir a Religioſos noſſos Miſſionarios nas ſuas doenças. Adoecendo mortalmente o Padre Vicente Duarte em Aneicareipaleam muytos dias de caminho de Varugapati, tendo noticia o Padre Manoel Rodrigues, fez aquella jornada a toda apreſſa, mas quando chegou, já Deos o tinha alliviado dos trabalhos deſta vida mortal. Teve cõ tudo a ida do Padre muytas utilidades. Em primeiro lugar ſervio de aguar o goſto, que tinhaõ os gentios, aſſim de ſe ter pouco antes por hum deſaſtre queymado aquella caza, & Igreja, como pella morte do Padre. Logo tratou de reedificar a Igreja, em que teve algumas contradiçoẽs, porque os inimigos da Fé por meyo de hum novo Governador lhe fizeram parar a obra.

Tinhaõ os Chriſtaõs prudentemente encuberto algum tempo a morte do Padre Vicente Duarte, athe chegar o Padre Manoel Rodrigues. Aſſim que a morte ſe divulgou veyo logo o Governador a ver o Padre, naõ tanto pello ver, & ſaudar, mas pera lançar maõ, do que por alli achaſſe; & aſſim o teria feito, ſe os Chriſtaõs naõ tiveram encu-

encuberto à morte. Tudo porem se compos por via de hũ cunhado do Governador, homem de melhor condiçaõ. Este vindo visitar ao Padre, lhe descobrio, o que os gentios tinham influido no Governador, dando por causa pera o odiar, que aonde elle estava, naõ chovia; he esta huma das ordinarias culpas, que os gentios formaõ naquellas terras contra os Padres, dizendo ser castigo dos seus Deoses, pellos permittirem entre si, & nas suas povoaçoẽs. Mas brevemente Deos confundio esta calumnia, porque choveo tanto, que o trabalho de tres mezes, que o Governador gastou com naõ pequena oppressam dos naturais em fabricar hum assude, a chuva de huma só noyte assim o desfez com a enchente do rio, que naõ ficou pedra sobre pedra. Entre os gentios, que naõ eram contrarios aos Christaõs, alguns disseraõ ser aquella ruina castigo dõ que o Governador tinha feito ao Padre.

3 Depois de compor as cousas desta Residencia, se recolheo pera Varugapati. No principio de 1679 lhe foi preciso ir a Elamangalam, que dista dalli pera o Poente, como sete dias de caminho. A causa foi a doença do Padre Joaõ Antonio Amadio, que lhe falleceo nos braços. No tempo, que o Padre esteve ausente, ouve grandes revoltas em Varugapati, tudo originado dos inimigos da Fé; por isso quando o Padre voltou, andou primeiro à roda daquella terra tomando as alturas às cousas.

4 Finalmente gentios, & Christaõs o foraõ chamar, & trouxeraõ com grande alegria pera Varugapati. Porem como visse, que naõ se dava comprimento à palavra de se restituir, o que se lhe tinha tomado, nada deu por seguro: & assim se tornou a desviar. Passou a festa do Natal em Vandaley. Alli acodiram muytos Christaõs: todo o aparato da festa teve muyta semelhança com o desemparo da cova de Belem. Tudo se fez em huma pobre, & desabrigada palhota. Depois voltou pera Varugapati tomando as cousas melhor ar.

5 Desta Residencia, aonde tantos annos assistio, & cultivou com incansaveis trabalhos, pois he certo, que o q aqui escrevo, he cousa muy pouca, pera o que elles em si foram, passou pera a Residencia de Candalur, que fica nos mattos, onde habitam os ladroẽs; & alli viviaõ os Missionarios com menos desenquietaçaõ: mas todo o desassossego

ſe guardou pera o Padre Manoel Rodrigues. As cauſas, por que foi pera aquelle poſto, & as perturbaçoẽs, que ſobrevieram, conta elle em huma ſua carta, que quero aqui ajuntar por ſuas meſmas palavras; que nenhumas podem melhor pintar com as ſuas proprias cores eſtes trabalhos, que as palavras de quem os experimentou.

6 Vam correndo (diz o Padre) dous annos, como a Voſſa Reverencia he prezente, que fui mandado pera eſte poſto a fim de fugir viagens, por jâ me ſentir incapaz dellas; porem Deos Noſſo Senhor parece naõ he ſervido, que eu eſteja ſem as fazer, nem faça neſte lugar muyta detença; o que parece mais conforme aſſim ao noſſo particular inſtituto, como no eſtado de viandantes convem a todos, os que ſomos individuos da natureza humana.

7 Acabada a feſta do Natal do anno antecedente, & eſtando eu aqui pera celebrar a do primeyro dia de Janeiro de 1682 de noſſa Redempçaõ, ſem o poder fazer, nem dizer miſſa, por cauſa do Maravà, que correo vinha; parti daqui de madrugada, & na Igreja das chagas fis huma, & outra couſa; & depois tornando pera eſte lugar com melhores novas, em breves dias foi neceſſario voltar, & com reſolnçaõ de naõ tornar a vir, antes de as perturbaçoẽs tomarem aſſento firme. Porem quando menos o cuidava, me obrigou a caridade a ſahir dalli a todo riſco jâ entrada a quareſma, & amedrontado tudo por eſtas partes com a vizinhança do Maravâ. E havendo eu de atraveſſar varias eſtradas continuadas entaõ delle, pera Tricherapali, pera ir fazer companhia ao Padre Rodrigo de Abreu, que me aviſou ficava febricitante cõ dous Chriſtaõs, que o tinhaõ acompanhado a fazer humas cõfiſſoẽs nas ſerras; aonde a malignidade da agoa (com a detença, que lâ fez naõ paſſar de quatro dias) parece, foi a cauſa do dito accidente; parti deſte lugar hum domingo, & athe chegar a Pacuri jâ alto meyo dia, & ſol de Março, tive tres ſuſtos do Maravâ.

8 Logo ao partir me encontrei com alguns, mas como me acompanhavaõ dous Chriſtaõs da meſma naçaõ, que tinhaõ vindo à Igreja, por merce de Deos paſſei ſem riſco; porem elles admirados de me ver foraõ encarados em mim, athe lhe faltar de viſta. Depois ouvimos da parte do ſul tocar tambores Reais, que hiaõ marchando pera o norte. E como o tal ſom nos deu cuidado (porque vindo o exer-

exercito marchando por aquelle rumo, era negocio impossivel escaparmos do seu encontro) feita primeiro consulta; & resolvendo nella continuar a viagem ao som dos tambores, que tocavaõ muyto perto, fomos apressando o passo; & chegados a Varuga, pararaõ aquellas vozes; & se viram em parte do sul varios sombreiros, & cavallos, & sem alli mo descobrirem, mas só depois de passado o perigo, apeamos em Pacacuri *Fervente sole.*

9 Dalli feito depressa de comer, & entre tanto satisfazendo às pensoẽs de sacerdote, pellas tres, ou quatro horas da tarde sahi guiado por hum Christaõ, que o Padre enfermo tinha mandado, athe o fim da jornada, aonde cheguei pella meya noyte; o que sem a tal guia (por nem eu, nem os mais, que me acompanhavaõ a tais horas, sabermos o caminho) naõ era possivel cõseguir; como nem sem impecilhos passar, como passei, hum posto assistido pellos Mayssures, que em tal occasiaõ me teriaõ por sospeito, & mais sabendo o rumo donde eu vinha, & deyxava o Maravâ, que entaõ ou sincero, ou fingido fazia as partes do Nayque.

10 Achei o Padre muyto fraco, & posto, que melhorado das febres, naõ de todo livre dellas; & por isso lhe assisti, athe passar a festa da Paschoa, & o izentar do trabalho, que temos nella. Porem nem esta passei alli sem sustos, porque antes de dizer missa, tendo nos dias antes confessado muytos, & pera o fazer no da festa ainda cousa de sincoenta, estando actualmente confessando deraõ rebate, que vinha o Maravâ. Como esta vos de sua vinda corria avia dias, & por isso se temia, facilmente se lhe deu credito. Porem ainda, que o rebate sahio falso, as confissoẽs pararaõ naquelle dia, & só a suas horas ouve lugar de missa. Fazẽdo pois ainda por alguns dias companhia ao Padre; & certo de o Maravâ, depois da rota entre o Mayssur, & Sabagâ, se ter retirado com medo deste; & tambem certo de ter cessado huma nova, que por via dos Christaõs daquella naçaõ nos veyo, de o dito Maravâ querer entender com elles pello serem, & com os Mestres, que os ensinaraõ; & deyxando ao Padre ja melhorado, me despedi delle. Pera me desviar de algum impecilho no caminho, fis tambem delâ viagem de noyte, & foy Deos servido de me trazer aqui, como tinha levado lâa salvamento, se bẽ cansado, & moido como hum sal.

11 Mas

11. Mas não foi isto bastante pera eu aqui me deter; antes brevemente me retirei por causa de hum Maniagar, que veyo sobre estas terras, & segundo diziaõ, tambem sobre nós. E foi necessario safar daqui com as vitualhas pera as bandas de Aur; onde o medo, que por alli avia dos ladroens, me naõ deyxava fazer lama demasiada. Passei a ver ao Padre Rodrigo de Abreu segunda ves, por estar ainda com algumas reliquias da doença passada. E já antes desta caritativa tinha feito varias viagens da mesma qualidade; & huma foi acodir com os Sacramentos a Tayasséi. Era daquella familia dos cassadores taõ augmentada nesta missaõ daquem, & dalem do rio Colaraõ, de cujo crecimento depois de Deos, foi esta Christaã causa por primeira na fé, que sempre conservou muyto viva com singular devaçaõ, & sanctos procedimentos.

12. Aos Padres mostrava, & tinha tanto affecto, quando os via, como se visse Anjos. E ainda que esta ves escapou, como a idade era já muyta, & por isso nem alcatruzada se podia bem menear, em Novembro do anno, de que fallamos, quando menos o cuidavam, vindo as molheres do serviço do campo, a acharaõ em *passamento*, parece que de todo destituida do calor natural, mas ainda em seu juizo; com que lhes advertio algumas couzas pera bem de sua alma, que alli entregou a seu Creador, como de sua misericordia nos persuadem esperar tantos annos de boa vida desta boa velha.

13. Na ida, & vinda desta jornada me naõ faltou, em que exercitar a paciencia, naõ só com a repitiçaõ das dores, & achaque do braço direyto, mas tambem com hum accidente de pedra, que me molestou dez dias, em que me fez companhia com toda a caridade o Padre Jozeph da Sylva meu vizinho, & duvido se com a mesma lhe assisti eu em hum accidente de dor de olhos, que o molestou outros tantos, ou mais dias, passando por causa delle este bom companheiro algumas noytes sem dormir, & com maiores merecimentos, do que eu nas minhas andanças, & molestias.

14. Como pois o sobredito Maniagar durou pouco no governo, & tambem nesta vida, porque os ladroens o mataraõ, indo elle fugindo de Tanjaor pera Tricherapali, aonde o queriaõ prender, & como com sua morte ficou

isto

isto mais quieto; já com algumas noticias de ser morto o Nayque de Madurè, me despedi do Padre Rodrigo de Abreu, & de noyte como fis à ida pera lá, me vim recolhendo pera aqui; cuidando teria lugar de fazer menos viagens: porèm com a morte do Nayque ficou tudo peor, do que estava; & estes ladroens, que naõ perdem occasiam, estavaõ à lerta; & vendo o governo banzeiro, começaram a fazer das suas, primeiro ao longe, & depois junto da Cidade de Tricherapali.

15 Por razaõ deste desaforo deram os do governo com algum poder sobre as ladroeyras; & dando fuoco em huma povoaçaõ nas arrayas dellas, a qual era menos culpada, & matando alli duas pessoas se recolheraõ. No dia pois, em que elles alli deraõ, sahi daqui pera ir acodir a alguns doentes alem da dita povoaçaõ, por onde avia de passar; & tendo noticia do que passava, depois de ter andado boa parte do caminho, arribei pera este posto; aonde, & em todas estas ladroeiras sabido o succesſo, & correndo cada hora novas, que vinha cavalaria da Cidade, ficou isto por aqui notavelmente medrozo; & tanto, que dous dias antes do Natal de noyte com grande orvalho, & mayor frio, estando eu já repouzando, me vieram acordar, dizendo, que infallivelmente vinha cavalaria em numero, & se nam sabia a hora de vir, nem o lugar, em que trazia a proa.

16 Os moradores com estas novas deyxando o fato, & cabanas (se bem eu ia dantes tinha mandado levar daqui os mais das nossas virtualhas) começaraõ a ir sahindo cadaqual pera seu rumo: & eu com os que me acompanhavaõ, fui seguindo o do Nascente; & depois de parar hum pouco afastado da povoaçaõ com a companhia, que comigo foi, sentindo o rigor do frio, que ajudava muyto hum diluvio de orvalho, que cahia; vendo, que o nascer do sol estava ainda vagaroso, & fazer fogo em tal occasiaõ naõ servia ao intento do desvio, me fis na volta de Cunampati; aonde, & naõ aqui, tive a festa do Natal. Se bem parece foi Deos assim servido, porque como o Padre meu vizinho he nas forças, o que sabemos; & seu espirito as excede, & o concurso dos Christaõs alli foi grande, a naõ ter quem o ajudasse (como nos Christaõs naõ ha prudencia, nem paciencia pera esperar) se o Padre pera satisfazer

fazer a seu dezejo, se puzesse a confessalos de dia, & de noyte, difficultosamente escaparia de alguma doença com o trabalho.

17 Alguns dias depois da festa me retirei pera aqui, ali fim porque os temores da cavalaria de algum modo cessaraõ, como por sobrevirem alli alguns impedimentos à nossa assistencia, que suponho terà o Padre Jozeph da Silva referido a Vossa Reverencia, & serà Deos servido desviar, pera nas occasioens nos naõ vermos de todo desemparados sem hum lugar seguro pera nós, & nossas vitualhas; porem nem por aqui o estou eu ainda: & esta he a razaõ de naõ começar huma Igreja em falta da de Candalur; que por causa dos Mamagares, que nella se vinhaõ alojar, mandei totalmente descobrir; & só existem as paredes, que o inverno futuro desfará: nem cuido, que teremos segurança, em quanto as embrulhadas do Reyno naõ cessarẽ, & ouver cabeça certa, que governe.

18 E com isto tenho referido a Vossa Reverencia se naõ todas, a mayor parte de minhas viagens, & suas causas no anno, de que fallamos; em que os Catequistas pellas mesmas obraraõ pouco nesta residencia; & os que estaõ na Cidade de Tricherapali, quasi nada, excepto o fazerem alguns bautismos no artigo da morte, & acodirem nelle com caridade aos enfermos. Foraõ pois os bautismos este anno entrando tambem alguns dados pellos Catequistas em artigo da morte, quatrocentos, & sinco, & ainda que saõ mais, do que foraõ no anno de 1680 naõ chegam a igualar, os que antigamente eraõ, nem pode deyxar de ser assim, por aver tantas perturbaçoens em todo este tempo.

19 Athe aqui, o que o Padre Manoel Rodrigues dis de suas molestias, & viagens ameudadas, & trabalhosas, que o eram ainda mais pera quem estava taõ achacado, & cercado de trabalhos, como elle estava em espaço de mais de vinte, & hum annos de Missaõ; em que naõ só nesta, mas em outras muytas Residencias della tinha trabalhado com grande espirito, & zelo da conversaõ das almas. Depois de ter vivido, & servido por espaço de vinte, & dous annos nesta laboriosissima Missam de Madurè, sem perdoar a lida, nem trabalho por converter almas à Deos, tendo feito grandes serviços a Deos; os Superiores

res attendendo tambem a seus muytos achaques, o applicaraõ a outras occupaçoens em climas mais amorosos. Bem quizera o Padre antes morrer ao pè de huma mouta desemparado dos alivios humanos, que estes favores, que se faziam a seus achaques. Mas como, quem he Religioso sancto, como elle era, naõ tem outra vontade mais, que a de seus Superiores, com ella se hà de acomodar; & he mais virtude, que encostar aos proprios dictames, ainda que se reprezentem mais sanctos.

20 Como o talento deste Padre era de grande esfera, lhe encomendaram varios governos: No anno de 1686 era Provincial da Provincia do Malabar. Depois foi promovido a ser Provincial da Provincia de Goa. Em todas estas occupaçoẽs deu muytos exemplos de virtudes Religiosas, avendose com grande zelo no cuidado da observancia, indo diante aos mais com o seu exemplo.

21 Foi tido por homem severo. Duas vezes foi Provincial da Provincia de Goa, & nestes seus governos despedio a muytos da Companhia, porque o mereciam. Da segunda ves, que foi Provincial, depois de ter algum tempo de governo, lhe sobreveyo a doença, de que morreo. Preparouse, como quem vivera tam sanctamente. Estando nesta hora, hum Padre grave, que julgava tinha excedido nos muytos, que despedio, esperava desse disto alguma satisfaçaõ; porem como o visse tam desabafado, lhe perguntou, se tinha alguma cousa, que entaõ lhe desse pena; como respondese; que naõ: instou, dizendo dos muytos, que despedira, & que era bem desse disso alguma satisfaçaõ. A isto disse: meu Padre, dos que despedi nenhum escrupulo tenho; de algum escrupulo, que tive dos que naõ despedi, jà estou confessado. Depois com suma paz entregou sua ditosa alma nas maõs de seu Criador, a quem tinha feito serviços taõ glorioſos em todos os annos de sua vida. Sua morte foi em Goa, athe a prezente naõ tive noticia do anno, mez, & dia.

CAPITULO XXXVII.

Em Lisboa 26 de Outubro de 1697.

Vida do Padre Leopoldo Fues Confessor da Sereniſſima Rainha de Portugal Dona Maria Sophia.

1 AInda, que o Padre Leopoldo Fuês naõ teve por patria ao reyno de Portugal, com tudo esses annos,

que entre nós viveo, moſtro tanto amor a eſta provincia, deu nella taõ excellentes exemplos, que naõ pede a boa correſpondencia, os deixemos eſquecer. Viveo neſta caza dos Noviços de Lisboa, por tanto aqui he o lugar neſta obra mais acomodado, pois eſtes ſanctos Irmaõs tiveraõ ſeus exemplos vivos entre ſi, bem he os tenhaõ tambem eſcritos. Naceo eſte Padre em Brunſui na Saxonia em Alemanha aos 18 de Abril de 1642, de gente illuſtre; ainda que neſta materia nunca ſe ouvio de ſua boca huma ſó palavra; & tendo alguns Irmaõs Religioſos, era muito pouco o comercio, que com elles tinha; moſtrandoſe neſta materia homem deſapegado diſto q̃ chamamos carne, & ſangue: nem ſe ſabe, lhe mandaſſe couſa alguma, das muitas curioſidades, que ordinariamente coſtumaõ paſſar pellas maõs, dos que tem occupaçaõ ſemelhante à que teve o Padre Leopoldo.

2 Entrou na Companhia de JESU aos 2 de Outubro de 1657 na qual fes a profiçaõ do quarto voto em 15 de Agoſto de 1675. Aſſiſtio muitos annos na Corte do Eleitor Palatino, ſendo Meſtre, & Confeſſor de ſeus filhos. Donde veyo pera Portugal por Confeſſor *da Rainha Dona Maria Sophia*, a que o meſmo Padre *Leopoldo Fuês* tinha dirigido nas materias de eſpirito desde a idade de ſeis annos; & por eſta cauſa lhe teve ſempre a ditta Senhora grande reſpeito: às boas direcçoens deſte Padre ſe deve a grande piedade, com que ſempre edificou a todo o ſeu Reyno, em que foi grandemente amada de todos, em quanto viveo, & ſentida ſua morte, mais que a de qualqualquer outra Rainha.

3 Ao Padre Leopoldo Fuês deve a Companhia o grande amor, que ſempre teve a noſſas couſas, por iſſo a nomeavaõ alguns, *Regina Apoſtolorum*: & ella na verdade moſtrou ſempre, que era mãy da Companhia patrocinando-a com ſeu real amparo, & enriquicendo-a com o Real Collegio de Beja, que lhe fundou, & com muytos ornamentos preciozos, que deu a todas as noſſas cazas de Lisboa.

4 Depois de chegar a eſte Reyno o Padre Leopoldo Fuès com a Senhora Rainha, eſcolheo das cazas, que temos em Lisboa, a do Noviciado, pera ſua morada: neſta viveo, & neſta veyo a morrer. Em todas as ſuas acçoens

ſe

Digitized by Google

se mostrava homem grande Religioso, & que tinha singular estimaçaõ do exercicio das virtudes. Tinha a sua oraçaõ da Communidade na tribuna, que do claustro donde morava, cahe pera a Igreja: alem desta oraçaõ, quando se levantava a Communidade ordinariamente tinhaõ jà gastado algum tempo neste sancto exercicio no mesmo lugar. Acabada a Missa, gastava muyto mais tempo, que o ordinario, em dar graças a Deos.

5 Todos os annos tinha duas vezes os Exercicios de S. Ignacio; & era de notavel exemplo a severidade do seu retiro neste sancto tempo. Naõ admittia genero algum de visita nem dos de caza, nem dos de fora, por mais illustres, que fossem: se o vinhaõ nestas occasioens a buscar Condes, ou Marquezes, ou algum Bispo, se hiaõ, sem lhe fallar. Direi dous cazos, de que eu fuy testemunha: hum foi, que o veyo visitar o Nuncio de sua Santidade, que entaõ era Cardeal; & dandose recado ao Padre, respondeo: que estava em Exercicios, em os acabando, iria saber de sua Eminencia, o que lhe ordenava: & com esta reposta se recolheo o Cardeal outra vez pera o seu coche sem genero algum de dissabor; como quem sabia, que este era o estilo, que guardava inviolavelmente o Padre Leopoldo Fuês no tempo dos Exercicios.

6 O outro succesſo passou naõ menos, que com a Rainha sua Confessada: veyo esta ao Noviciado, como fazia algumas vezes particularmente no tempo da quaresma, ater oraçaõ na Capella no tempo do Passo, & ouvir a meditaçaõ do P. M: & colloquios dos Irmaõs Novissos, deuse recado ao Padre Leopoldo Fuês, de que sua Magestade estava em caza: elle se deyxou ficar, sem lhe vir assistir; dizendo, que sua Magestade sabia muyto bem, o rigor, que elle sempre observara nos Exercicios, & que disso, se naõ avia de aggradar, nem nestas occasioens esperava delle assistencias algumas.

7 A todos nos causou assim admiraçaõ, como edificaçaõ; como tambem huma grande opiniaõ do respeito, que esta Senhora tinha ao Padre seu Confessor: & nos deixou a nós este grande exemplo da severidade, com que nos devemos portar em taõ sagrado tempo, como he este dos Exercicios de nosso S. Patriarca.

8 A noyte acabado o repouzo hia ouvir liçaõ Espiri-

tual à Capella, & a meditaçaõ q̃ o P. Reytor propunha aos Irmaõs Noviços pera a oraçaõ do dia seguinte. Naõ faltava nos exercicios da Communidade, que eraõ de mortificaçaõ; como servir à mesa, lavar a louça na cozinha, tomar disciplina nas costas em o refeitorio nos dias, que se costuma entre nós. Assim mesmo dizia varias vezes a sua culpa da cadeyra do refeytorio, & fazia este acto de humildade com tanta sumissaõ, dizendo de si tantas confusoens, que edificava sumamente a todos, depois em penitencia destas suas faltas comia na mesa, em que por penitencia se come entre nos.

9 Foi muito inimigo da ociosidade, sempre o acharaõ occupado. Avendo pouco tempo, que se tinha levantado de huma doença, & quando ainda se naõ podia ter em pê, entrando eu no seu cubiculo, o achei assentado em huma cadeira, lendo por hum livro; & como reparasse no divertimento, apontando o dano, que lhe podia fazer, me respondeo: Que naõ podia estar ocioso, & que tinha por menos mal esse dano, que o estar sem fazer alguma cousa.

10 Occupouse em traduzir em latim os sermoens do Padre Antonio Vieyra, & imprimiraõ se em *Colonia* todas estas obras, que verteo em latim o Padre Leopoldo Fuês. Estimou grandemente ao Padre Antonio Vieyra, & todas as suas cousas, a elle se devem todas as boas diligencias, que se applicaram, pera que fallecendo o Padre Antonio Vieyra, se naõ esbrangessem os seus manuscriptos, antes se conservassem todos como partos preciosissimos do mais excellente ingenho, q̃ venerou o seculo de seiscentos.

11 Foi homem naturalmente pudico em todas as suas acçoens, & notou hum Irmaõ, que o acompanhou muitos annos, que sendo tam continuo o trato em palacio, & com os Senhores Infantes, nunca, sendo elles crianciñas, puzera a maõ na cabeça a algum delles, ou o tocara em final da benevolencia, & amor, que lhes tinha.

12 Lembraõme, que na ultima enfermidade, guardou sempre grande composiçaõ, & recato, como o pudera guardar o mais pudibundo Novisso; pondo grande cuidado, em que todo o corpo estivesse cuberto com toda a decencia. Indolhe hum Irmaõ a applicar huma medecina como descobrisse, ou comessasse a descobrir hum pê do doente, este todo desinquieto, lhe disse: Irmaõ, Irmaõ honestida-

ſidade: encommedãdolhe muito a vigilancia nesta materia, tanto das meninas dos ſeus olhos.

13 Visitando a hum ſenhor grande deſte Reyno, deu com os olhos em algumas pinturas nada decentes, no fim da viſita ao deſpedirſe, cheo de hũ ſanto zelo, lhe eſtranhou ter nas ſalas do ſeu palacio aquellas pinturas obſcenas, dizẽdolhe, q̃ ſe as nã̃o mãdaſſe tirar, lhe nã̃o tornaria a caza.

14 Teve muyto ſingular amor à ſua Religiã̃o, & o moſtrou em muytas occaſioens acodindo por ſuas couſas, & empenhando pera iſſo as valias, que tinha com a Rainha. O que bem ſe vio na demanda das couſas tocantes ao Collegio do Santo Xavier de Lisboa; na qual ſem duvida ſe viriaõ a conſeguir todos os bons eſcitos; ſe por algumas razõens particulares, que niſſo intervierão ainda da parte da Companhia, ſe nã̃o deſiſtiſſe da noſſa pertençã̃o.

15 Pera eſtas occaſioens, em que ſe tratava dos negocios da Religiã̃o, he que guardava os ſeus valimentos: nã̃o pera as pertençoens, que tiveſſem alguns Religioſos noſſos em ordem a adiantar o partido de ſeus parentes: & era já taõ conhecida eſta ſua izençaõ, que nenhum ſe lhe atrevia a pedir ſeu patrocinio pera ſemelhantes negocios: mas quando a couſa era da Companhia nã̃o era neceſſario muyto, pera elle a tomar com eſpecialidade à ſua conta.

16 De Beja lhe eſcreveraõ, que o Feitor de hum Conde deſte Reyno impedia, ſe tiraſſe pedra pera o novo Collegio em huma fazenda, que era do noſſo Conde, logo ſem demora alguma, ſe foi a ſua caza o Padre Leopoldo Fuês; & a poucas palavras lhe diſſe: Senhor, de Beja ſe eſcreve iſto; Voſſa Senhoria advirta, que as obras daquelle Collegio ſaõ da Rainha minha Senhora; & que Voſſa Senhoria tem duas filhas em palacio no ſervi̇ço da meſma Rainha: naõ foi neceſſario mais, pera que o Conde eſcreveſſe logo ao ſeu Feitor, que de nenhum modo impediſſe, tirarſe toda a pedra, que quizeſſe pera o Collegio, nas ſuas terras; nem taõ illuſtre Senhor fazia caſo deſtas pouquidades; mas os Feitores cuidaõ às vezes, que ganhaõ muito com eſtes avitres, em outras couſas os queremos ſeus amos mais advertidos; & elles o naõ ſaõ, particularmente quando intervem o ſeu commodo proprio.

17 Ouve grandes debates àcerca da fundaçã̃o do

Colle-

Collegio de Beja, os quais todos se vencerão com ajuda de Deos, que tomou pera isso por instrumento ao Padre Leopoldo Fuês. Elle foi o primeiro, que fallou à Rainha, & a perſuadio, a que fundaſſe o Collegio de Beja; & alhanou as difficuldades, que a podião deſviar deſtes ſanctos intentos.

18 Teve grande devaçaõ à Senhora, nas Vigilias das ſuas feſtas jejuava a paõ, & agoa. Eſtando na meſa, varias vezes por deſcuido, dos que preparaõ o refeitorio, lhe faltou alguma parte principal, & mais preciſa pera ſeus achaques, da raçaõ, que ſe lhe coſtumava pôr: mas nunca deu o minimo ſinal deſta falta, accommodandoſe com ella, como o fizera, ſe achaſſe tudo preparado.

19 Dava muytas eſmolas aos pobres, & tambem à caza em que morava. Com as ſuas eſmolas ſe fes o retabolo do S. Chriſto da Igreja do Noviciado. Ajuntou huma muito boa livraria, a maior parte della eſtava de livros humaniſtas, porque tinha eſpecial affecto a eſta faculdade: ficou eſta por ſua morte ao Collegio de Beja, porque em vida lha tinha applicado com licença do noſſo Reverendo Padre Geral.

20 Foi o Padre Leopoldo muito devoto de Chriſto Crucificado: em eſtando achacado, o tinha quaſi ſempre nas maõs, & lhe fazia muytos colloquios; viſitava muytas vezes na Igreja o altar do Santo Crucifixo. Parece foi vaticinio deſta devaçaõ, o que tinha acontecido ao Padre Leopoldo ſendo menino; mandaraõ fazer delle hum retrato, & o pintor, que o tirou muyto ao natural, lhe pintou na maõ hum Crucifixo, & debaixo do pé as armas da ſua familia; que tambem foi hum como prefagio do ponto, que as avia de eſtimar. Em honra de Chriſto Crucificado tinha eſpecial devaçaõ a Sãcta Maria Magdalena, pello grande affecto, que a Sancta lhe tivera aſſiſtindolhe ao pé da Cruz.

21 Tinha grande zelo do bem aſſim eſpiritual, como corporal do proximo; deſte lhe nacia a aſſiſtencia, que fazia no confeſſionario, todos os dias, que avia confiſſoens na caza, onde eſtava. Tinha ditto ao Porteiro o aviſaſſe, quando as ouveſſe, como aos demais Sacerdotes; naõ querendo, que o ſer Confeſſor da Rainha, o izentaſſe daquelle ſancto exercicio. Aſſiſtia com todas as boas diligencias

cias aos hereges, em que avia alguma inclinaſſaõ, a ſe converterem, & deſtes ſe reduziraõ ſete por ſua induſtria; aos quais favorecia, quanto eſtava na ſua mam. Se adoecia algum; elle em peſſoa o hia viſitar ajudandoo aſſim com ſanctos aviſos, como com eſmolas, ſe avia dellas neceſſidade.

22 Em huma occaſiaõ ſe chegou a elle o Irmaõ ſeu cõpanheiro, & lhe reprezentou a grande miſeria, em que eſtava certo enfermo pobre; pera que o Padre o ſocorreſſe cõ alguma eſmola, aqual elle lhe queria logo levar: aqui lhe diſſe o Padre Leopoldo: Pois eu irei com voſco: & tomando ambos as capas, foi à caza daquelle pobre, aquem achou deitado ſobre huma vil eſteira; conſoloũo, abrigou com ſuas caritativas maõs a deſnudez do enfermo; & dandolhe huma boa eſmola, ſe recolheo pera caza.

23 Dizia a ſua miſſa com devaçaõ, & no altar mor, acabada ella, que durava tres quartos tinha meya hora de oraçaõ dando a Deos as graças por aquelle ſingular beneficio. Quando fazia com o corpo alguma reverencia a Deos, as fazia taõ profundas, que quaſi tocava a terra. Varias vezes jâ alta noyte o achou ſeu companheiro diante do Sanctiſſimo cõ os braços eſtendidos, & derramando muytas lagrimas, & com a meſma poſtura o achou tambẽ outras vezes no ſeu cubiculo diante de Chriſto Crucificado.

24 Alem das ſobreditas devaçoẽs à Senhora todos os dias lhe rezava o ſeu officio; & tambem a coroa cõm grande pauſa, & devaçaõ gaſtando nella meya hora: alem de lhe jejuar as vigilias das ſuas feſtas a paõ, & agoa, como fica ditto, nunca faltava no jejum dos ſabbados; & a viſitava todos os dias na ſua capella, que tem em o Noviciado nos corredores debayxo.

25 No palacio teve ſempre grande circunſpecçaõ em todas as ſuas acçoẽs, particularmente nos olhos, & foi neſtes taõ recatado, que alguma Senhora das de palacio diſſe, que nunca pudera ver, de que cor eraõ os olhos do Padre Leopoldo. Nas viſitas de Senhoras illuſtres, que por razaõ de ſeu officio, naõ podia evitar; ſempre tinha o Cõpanheiro jnnto de ſi, & ſó quando ſe avia de tratar alguma couſa de ſegredo, o mandava a faſtar, quanto baſtava, pera naõ ouvir, o que ſe fallava, ficando ſempre à viſta; nem permittia o contrario.

26 Em

26 Em quanto ſe podia ſervir, no que tocava ao ſeu cubiculo, como em fazer a cama, & mais couſas; naõ conſentia, que as fizeſſe o Companheiro.

27 Sobreveo ao Padre Leopoldo huma fiſtula debayxo da barba, que lhe deu muyto, que padecer aſſim pela moleſtia della, como tambem pella muyta, que tinha no modo de a trazer reparada, que era atando huma faixa por debayxo da barba no alto da cabeça; eſta lhe durou aberta muytos annos, ſem aver remedio algum, que a fechaſſe. Succedia algumas vezes faltarlhe por eſquecimento o Cõpanheiro com as curas coſtumadas; calavaſe o Padre, & ſomente quando apparecia o Irmaõ, ſe ſubria modeſtamente, com que dava a entender o deſcuido do Cõpanheiro. Queyxandoſe eſte, de que o naõ avizaſſe, pois ſabia, que tudo fora eſquecimento; lhe dizia o Padre: Perdoaime Irmaõ a moleſtia, que vos dou; como ſentido ainda daquella leve ſinificaçaõ, com que dava a entender o deſcuido, em que tinha cahido.

28 Varias vezes o Irmaõ Noviço lhe faltou em o refeitorio por inadvertencia cõ a raçaõ de vinho; & como o Padre Miniſtro advertindo o deſcuido, *penitenciaſſe* ao Irmaõ, pera que dalli por diante foſſe mais lembrado: o Padre Leopoldo, como ouviſſe no refeitorio a peniteneia, ſe moſtrou depois ſentido ao Padre Miniſtro, de que por ſeu reſpeito, ſe tiveſſe dado qualquer moleſtia âquelle Irmaõ Noviço.

29 Communicava os ſeus interiores ao ſeu Padre eſpiritual com grande amor, & confiança, aproveitandoſe de todos os aviſos, que lhe dava; como quem naõ fazia aquella acçaõ de virtude por ceremonia. E diſſe o veneravel Padre Joaõ da Fonſeca, que foi ſeu Confeſſor muytos annos, que venerava muyto no Padre Leopoldo a meudeza, com que ſe confeſſava fazendo cazo dos atomos mais pequenos, como ſe foſſem grandes de feitos.

30 Neſtas, & outras virtudes ſe exercitou os onze annos, que viveo neſte Reyno: quando lhe veyo a infermidade, de que morreo; durou eſta vinte, & quatro dias: a origem della attribuiraõ alguns àquella fiſtula, que tinha, aqual algum tempo antes deſta doença; tinha deſpedido deſi, dous oſſiculos, ou laſcas de oſſos das gengivas, & depois ſe fechou; tomando outra via o humor, que deſcarregava

gava pela fistula: começou pois a doença cõ hum tumor na parte infima do ventre; que se ajuntou, sera alguma postema, applicaraõse-lhe alguns remedios resolutivos por transpiraçaõ, cõ os quais se desfez, ou retirou pera dentro o humor, que era causa da inchaçaõ; porem o enfermo foi sempre de mal em peyor; sem sortirem effeito os muytos medicamentos, que lhe applicaraõ os melhores Medicos, & Surgioẽs da Corte, que todos por ordem da Rainha lhe assistiaõ, & ella frequentemente mandava saber do estado da doença.

31 Neste tempo foi visitado por muytas pessoas illustres; porque geralmente era estimado de todos pela suavidade, & candura, que respeitavaõ em seus sanctos costumes, que taõ proveitosos tinhaõ sido a este Reyno pela excellente educassaõ, & piedade singular, com que desde os primeiros annos tinha instruido a Senhora Rainha de Portugal. Porem a maior parte do tempo gastava cõ Deos, com Christo Crucificado, cuja imagem quasi sempre tinha nas maõs, fazendolhe muytos colloquios, & fervorosas jaculatorias; todo resignado em sua divina võtade.

32 Aos principios, em quanto deu qualquer lugar a doença, nunca deyxou de rezar o officio divino, sendo que tinha mais que bastante causa pera o deyxar; & só nelle quisa dispensaçaõ; que lhe deu a total impossibilidade de o rezar. A noyte antes de morrer instou, lhe dessem o sancto Viatico, o qual se tinha dilatado, por parecer aos Medicos, que ainda naõ obrigava a necessidade; nem avia, porque dar esse susto à Rainha, a qual, tinhaõ pera si, que estava pejada, & que cõ a nova podia ter alguma perturbaçaõ nociva; porque sabiaõ o grande amor, & affecto, que sempre tivera ao Padre seu Cõfessor, & o quanto costumava sentir ainda as suas indisposiçoẽs de menor momento.

33 Cõ tudo, vista a instancia do doente, se lhe trouxe o sancto Viatico, ao qual fez hum ternissimo colloquio cõ muytas lagrimas suas, & dos que acõpanhavam ao Senhor; pedio perdaõ a todos da desedificaçaõ, que tinha dado naquella caza: depois recebeo o Divinissimo Sacramento: & dahi a cousa de meya hora pedio a sancta Unçaõ, que logo se lhe deu, indo elle mesmo respõdendo ao Sacerdote, que lha dava. Recebidos assim os Sacramentos, o mais tempo athe as duas horas da noyte, em que morreo, gastou tendo

nas maõs a imagem de Chriſto Crucificado, fazendo fervoroſos actos de Eſperança, Fé, & Caridade: quando ſe aviſinhava jâ a ultima hora da vida, pedio lhe meteſſem na maõ huma vela aceza, & ao Padre ſeu Cõfeſſor, que lhe leſſe a Payxam de Chriſto eſcripta por Saõ Joaõ: neſte tempo levantou os olhos ao Ceo cõ hum modo tam elevado, & ſoberano, que o notou muyto o veneravel Padre Joaõ da Fõſeca, que entam era ſeu Confeſſor, & lhe aſſiſtia; & mo referio por couſa digna de reparo eſpecial, a crecentãdo, que por ventura naquelle tempo, fizera Deos algum mimo eſpecial àquelle virtuoſo Padre, cuja vida fora de homem juſto. Depois abayxando os olhos nomeando cõ humas vozes jà truncadas o Sanctiſſimo nome de JESU, deu a alma a ſeu Criador aos 26 de Outubro duas horas depois da meya noyte no anno de 1697. Tendo 40 annos de Cõpanhia, & 22 annos de profeſſo.

34 Eſta he huma breve ſumma da vida, & morte do Padre Leopoldo Fues. Depois de morto ficou com o roſto aprazivel; cõcorreram a ſuas exequias muytos dos Senhores grandes do Reyno, & muytos Religioſos de todas as Religioẽs; com os quais ſe encheo a Igreja do Noviciado de Lisboa: ſeu corpo foi poſto em hum caixam fechado cõ duas chaves, que ſe meteo em huma das ſepulturas do cruzeiro. Foi ſua morte ſentida de todos, os que tiveraõ conhecimento de ſua bondade, & virtude; particularmente da Rainha Regente ſua confeſſada, que o eſtimava, como ſe fora ſeu pay; & grandemente ſe edificou da humildade, cõ que eſtando pera morrer, lhe mandara pedir perdam do mal, que a ſervira.

35 Nem he bem paſſemos em ſilencio pera prova, do que eſta Senhora eſtimava ao Padre Leopoldo, a grande demonſtraçaõ, que fez a primeira vez, que adoeceo gravemente em o Noviciado de Lisboa; vindo ella meſmo em peſſoa ao viſitar; & metendo-ſe no cubiculo do enfermo, ſe fechou ſó cõ elle, & ſe deteve largo tempo; eſtando eſperando toda a ſua comitiva. Depois de morto, mãdou dizer muytas miſſas por ſua alma; & ordenou, ſe lhe levaſſem algumas alfaias ſuas, como a imagem do ſancto Crucifixo, com que morrera, & outras; que eſtimou como prendas de homem tam virtuoſo, como ella ſabia ſer o ſeu Padre Leopoldo.

36 Foi

36 Foi eſte veneravel Padre verdadeyro Iſraelita ſem genero algum de dobrez, era de natural benigno, & dotado de huma innocente candura; muyto amigo da ſua Religiam, cujos creditos zelou ſempre grandemente, & procurou adiantar, quanto pode: como em effeito adiantou em todas as occaſioẽs, que diſſo ſelhe offereceram: por todas eſtas razoẽs, & pello ſancto, & bom exemplo, cõ que viveo neſta Provincia, & nos edificou, he juſto, fique eſta breve memoria aos vindouros em final do noſſo agradecimento. Tudo o que aqui fica eſcritto ſe recolheo dos teſtemunhos de peſſoas, que cõ elle viveraõ, & ſouberaõ de ſuas couſas, & da maior parte deſtas fui eu teſtemunha de viſta os annos, que vivi em o Noviciado de Lisboa, aonde tambem morava o Padre Leopoldo Fues.

CAPITULO XXXVIII.

Vida do Padre Joaõ Furtado.

Em Coimbra aos 5. de Fever. de 1700.

1 O Padre Joaõ Furtado foi homem de vida inculpavel, porem taõ amigo do retiro, que de ſuas virtuoſas acçoẽs a menor parte he,a de q̃ temos noticia: delle ſe pòde dizer,que foi hũ vivo retrato da perfeiçaõ, & meudeza, cõ que ſe deve portar hum verdadeyro Religioſo da Cõpanhia. O que de ſuas virtudes ſe ſabe, aſſim do que ſe diſſe nas cõferencias, que dellas ſe fizeraõ em o Collegio de Coimbra, onde morreo, como do que diſſeram alguns em particular, he o ſeguinte.

2 Naſceo o veneravel Padre Joaõ Furtado em a cidade de Lisboa;ſeus pays foram Ambroſio Gouvea de Mẽdõça, & Izabel Pereyra; entrou na Cõpanhia em Lisboa aos 20 de Novembro de 1644, tendo de idade dezaſeis annos: acabado o Noviciado foi eſtudar ao Collegio de Coimbra: ſoube cõ grande primor as letras humanas; & ſendo, que cõcorreo cõ muytos de eſcolhidos engenhos,& nas letras humanas de nome conhecido, na compoſiçaõ do anno de 1651, levou o Irmaõ Joaõ Furtado os primeiros premios de proza, elegia, & epigrama; & naõ lhe faltou voto pera levar tambem o primeyro de Heroico, mas por naõ accumular todos em hum ſó; ſendo tantos, & taõ bons

os themas, que cõpetiam; tomada huma leve cauſa, ſe lhe deu o ſegundo premio de heroico. Sendo, que a nota, que ſe punha pareceo a muytos, naõ ſer ſufficiente, pera lhe tirarem o primeyro premio; nunca do Irmaõ Furtado ſe ouvio a minima queyxa; antes na ſua virtuoſa opiniaõ lhe tinham feito grande favor nos premios, que lhe tinham dado.

3 Notavaſſe tambem, que fazendo todos ſingular eſtimaçaõ de ſuas boas prendas, nunca ſe vio nelle ſinal algũ, ou de ſe ter a ſi em mais, ou de ter aos outros em menos: antes nelle tudo era humildade, & comedimento Religioſo. Na Philoſophia, que eſtudou no meſmo Collegio, foi aſſim meſmo grande eſtudante; & tanto, que hum de ſeus cõdiſcipulos, que ao depois leo Theologia em a Univerſidade de Evora, cõfeſſou, que avendo entre ſeus cõdiſcipulos muytos ſingulares eſtudantes, ſó o argumento do Irmaõ Joaõ Furtado lhe dava, em que entender; & quando lhe avia de argumentar, o fazia eſtar cõ ſuſto, porque a experiencia lhe tinha enſinado, que os argumentos deſte ſeu cõdiſcipulo tinhaõ ſempre grande pezo, & vinhaõ muyto bem cõſiderados.

4 Sendo tam aventajados os progreſſos na Philoſophia; eraõ maiores, os que fazia no exercicio das virtudes, que ſempre na Religiam foram o ſeu principal eſtudo: cõtra os ſeus procedimentos nunca ouve a minima queyxa, antes eraõ elles de tanta edificaçam, que ſendo jâ do quarto Curſo, todas as vezes, que podia; hia ter repouſo cõ aquelles Irmaõs do Recolhimento, que avia menos tempo tinham vindo do Noviciado; tendo diſſo particular goſto aſſim o Padre Reytor como o Padre Prefeito do Recolhimento, que na cõta, que tomava aos Irmaõs, ſe lhe diziam, que tiveram repouſo cõ o Irmaõ Furtado; tinha por muyto certo, que no tal repouſo, naõ poderia ter avido couſa digna de ſe notar; porque em ſua prezenſa nenhum teria atrevimento pera fazer, ou dizer couſa, que de ſi tiveſſe algum defeito.

5 Nem por iſſo era de enfado aos Irmaõs do Recolhimento; porque a ſua pratica alem de ſer eſpiritual, era muyto alegre, & deſenfaſtiada a todos, os que cõ elle fallavam. Sendo do terceiro Curſo na quareſma de 1651, acompanhou a hum Padre que foi em miſſaõ à villa de Torres

res novas: paſſada a Paſcoa foi cõ o meſmo Padre a Lisboa, & ſe hoſpedou em a caza de Saõ Roque. Pedio logo o Irmaõ Furtado licença pera ter repouſo com os Irmaõs Noviços, que aſſiſtem naquella caza; & aſſentado cõ elles em o chaõ o tinha, na capellinha dos enfermos com grande cõſolaçam dos Irmaõs Noviços, & naõ menor aproveitamento de ſeu eſpirito. O meſmo fazia no tempo da recreaçam, em quanto eſteve naquella caza.

6 Leo o Padre Joaõ Furtado Philoſophia em Evora cõ nome de grande, & virtuoſo Meſtre; todos os diſcipulos veneravaõ, & viaõ nelle huma grande innocencia de coſtumes, & eſtudo da perfeiçaõ Religioſa. Vêz ouve, em que entrando algum em o ſeu cubiculo no fim das ferias, conheceo nelle alguma affliçam, por cauſa da pouca poſtilla, cõ que ſe achava no fim das ferias, & lhe diſſe: como aſſim eſtá Voſſa Reverenſia tam falto de poſtila tendo tido todo eſte tempo pera a fazer? Aqui acodio o Padre com huma grande candura, & ſancta ſinceridade: Chariſſimo, levoume muyto tempo, o examinar nos Autores ſe eſtavaõ allegados cõ fidelidade, & certeza, por eſtes livros, aos quais me encoſto, quando componho. Moſtrando neſta repoſta, ſe perſuadia, poderia aver algum genero de mentira, em pôr alguma allegaçam de outro modo, do que na verdade era da qual meudeza demaſiadamente eſcrupuloſa, ſe deyxa bem ver a grende pureza de cõſciencia, em q̃ ſe procurava conſervar.

7 Leo aſſim meſmo alguns annos Theologia em Evora cõ cadeyra de ſubſtituto; depois o mandou a obediencia pera Roma, a fazer o officio de Reviſor, onde eſteve algũs annos, & dalli voltando pera o Reyno, foi decano da Theologia de Coimbra: Prefeito do Recolhimento no meſmo Collegio; & tudo o que lhe reſtou da vida alli gaſtou cõ ſancta, & edificativa velhice.

8 Hum Padre, que era Miniſtro do Recolhimento, no tempo, que o Padre Furtado era Prefeito; diſſe que em tres annos, que fizera aquella occupaçam de Miniſtro, poderia jurar, que nunca vira, que o Padre Joaõ Furtado quebraſe a minima regra da Cõpanhia antes era põtualiſſimo na obſervancia de todas. Hia ter as viſitas cõ os meſmos Irmaõs acabada a claſſe. Foi couſa de grande edificaçam, a que fazia todos os dias; depois de irem os noſſos Ir-

Irmaõs pera as ſuas claſſes, tomava o Padre o ſeu tinteiro, & paſta, & ſe hia à livraria publica do Collegio, onde gaſtava todo o tempo das claſſes em fazer ſeus notados; & em dando o ſinal a acabar o eſtudo; ſe recolhia outra ves pera o Noviciado, aonde entaõ eſtava o Recolhimento; cuja diſtancia pellas ſubidas, que tem, he moleſta ainda aos de menos annos, mas a virtude deſte Padre facilitava todas eſſas difficuldades: às quais podia occorrer, levando cõ licença, livros pera o ſeu cubiculo, que facilmente ſe lhe cõcederia. Deſte modo evitava a ocioſidade, cõ mais moleſtia ſua, & cõ muyta edificaçam noſſa.

9 No officio de Prefeito do Recolhimento nunca ſe meteo no governo, & diſpoſiçoẽs do Padre Miniſtro, deyxando a cada officio, o que lhe tocava. Se alguma ves encõtrava a alguns Irmaõs quebrando o ſilencio, a ſua reprehençam era, paſſando por elles, dar hum como ſuſpiro; final da pena, que tinha, de que ſe quebraſſe a regra. Quando cõ a palavra era neceſſario eſtranhar algum defeito, o fazia cõ tanta manſidaõ, & modeſtia, que emendandoſe o delinquente, procurava, nam lhe foſſem as ſuas palavras de alguma affliçam, ou de pena.

10 Hum dia de cõpoſiçoẽs o perturbaram dentro do cubiculo os Irmaõs, que fallavam no corredor: ſahio à porta, pera moderar aquelle deſcuido, ou cõ a ſua prezença, ou cõ as ſuas palavras; & como dèſſe cõ os olhos em hum Irmaõ, que era grande parte daquella pouca cautela, & ſe occultáva de tras de huma meza de eſtudo, das que eſtavaõ no corredor: o Padre Furtado pondo nelle os olhos com grande urbanidade, ſó lhe diſſe graciosamente o de Horacio: *Quandoque bonus dormitat Homerus.* E ainda que a deſinquietaçam, que lhe tinha dado, merecia maior reprehençaõ, naõ cabia eſta na ſumma bõdade do Padre Joaõ Furtado.

11 Quando faziaõ alguma acçam publica, hia aos ſeus cubiculos, & dandolhe os parabens ſe alegrava do bõ ſucceſſo, que tiveſſa. Foi o Padre Joaõ Furtado homem muyto modeſto, & cõpoſto: os olhos andavam ſempre como os coſtumam trazer os noſſos Irmaõs Noviços; por todos quantos paſſava inclinava ſempre a cabeça fazendolhe reverencia; & neſtas materias ſempre procurava, de ſe anticipar a todos, & de os reſpeitar, como ſe lhe foſſem Superiores.

res. As maõs nunca lhe cahiam da cintura pera bayxo, tendoas quietas cõa decencia, que manda a noſſa regra da modeſtia. No ſilencio foi obſervantiſſimo; em dando o final a acabar o repouſo, nam dizia mais palavra alguma. Em ſe tangendo a alguma obediencia, acodia põtualmente, & nos ultimos annos, quando jâ nam podia acodir cõ aquella diligencia, cõ que antes o coſtumava fazer, ſe anticipava, ſahindo do ſeu cubiculo antes de ſe dar o final cõ a campa pera acodir a comunidade.

12 Foi tambem muyto pobre, & amante deſta virtude; o que bem ſe vio em varias occaſioẽs, achandoſe falto de huns oculos, por nam ter, cõ que os cõprar, pedio ao Padre Reytor huma eſmola pera eſte effeito; & depois de os cõprar, como lhe ſobejaſſem alguns reaes, os levou ao Padre Reytor dandolhe as graças pela eſmola, que lhe tinham feito.

13 Pelo amor, que tinha a eſta virtude, nam queria, que chamaſſem ſeu, ao que eſtava debayxo da ſua maõ; como à ſua janella eſtiveſſe huma parreyra pouco cõcertada, ſe lhe offereceo hum noſſo Irmaõ eſtudante dizendo, que ſendo ſua Reverencia cõtente, lhe cõcertaria a ſua parreyra; nam ſe agradou o Padre daquella palavra, ſua; & cõ boas palavras, lhe diſſe: que lhe agradecia muyto aquella boa võtade, mas que a parreyra era da Religiaõ, & nam ſua; por tanto, que ella teria cuidado, de lhe fazer o beneficio neceſſario.

14 Tinha certas horas, em q̃ todos os dias viſitava os enfermos; nas quais viſitas todo ſe reveſtia de affabilidade, alegrandoos cõ praticas ſuaves, & que nada tinham de enfadonhas. Nas ſuas cõverſaçoẽs nunca ſe ouvio palavra de murmuraçam, & ſe acazo ſe dizia palavra, que cheiraſſe a ella, logo ſe calava, & cõ a carregaçam do ſemblante dava a entender, o quanto lhe deſagradava todo o genero de murmuraçam. Nunca da ſua boca ſe ouvio palavra ſinificativa de alguma queyxa dos Superiores, ſendo, que lhe nam faltaram occaſioẽs, em que as queyxas poderiam ter alguma deſculpa, mas a ſua modeſtia, & ſofrimento nunca davam lugar a ellas. Nam ſe metia cõ vidas alheas, ſó tratava de ſe meter cõſigo, & com o que tocava a occupaçam, que fazia.

15 Era por extremo deſapegado de tudo, o que era car-

carne, & ſangue, ou couſas, que tem affinidade com eſta materia. Eſtando no Collegio de Coimbra, o meyo, aver hũ ſeu ſobrinho, que avia mais de vinte annos, que o naõ via, ao qual tomando a viſita de pê, em poucas palavras ſe deſpedio delle, dizendolhe, que nunca mais o buſcaſſe, porque lhe naõ avia de vir a fallar à portaria. Foi tam recolhido, que vivendo muytos annos em o Collegio de Coimbra, nunca pedio licença, pera ir fora, nẽm ſe vio fallar com ſeculares na portaria, mais, que quando foi a fallar cõ ſeu ſobrinho, em que moſtrou o deſapego, que temos referido.

16 Reſava o ſeu officio divino de joelhos, & com grãde attenção. Tinha notavel piedade, & a moſtrava nas couſas de devaçaõ, particularmente no tremendo ſacrificio da Miſſa, que celebrava com muyta pauſa, & reverencia. Tinha ſingular amor à obſervancia das regras, as quais guardava com toda a exaçaõ: em huma conferencia, q̃ fez em Coimbra o Padre Provincial, ſobre, que meyos nos ajudariaõ pera a obſervancia do noſſo Inſtituto; a conſideraçaõ, que deu o Padre Joaõ Furtado, foi, que nos ajudaria o ter amor as regras; & inſtituto, que *profeſſamos*; deu alma a eſta ſua conſideraçaõ cõ o de David em os Pſalmos: *Meditabur in mandatis tuis, quæ dilexi nimis*; Aonde outra letra tem: *Deliciabar in mandatis*; Porque os tinha por delicias, os guardava cõ o cuidado, que elle de ſi confeſſa em outros lugares: inculcou neſta occaſiam o Padre Joaõ Furtado o meyo, de que elle ſe aproveitava, pera ſer tam extremado na obſervancia.

17 Teve tambem muyto eſpecial devaçaõ à Virgem Senhora, & nos deyxou della evidentes indicios nas muitas dedicatorias, que lhe fez na ſua Philoſophia; em todas as materias, que de novo compunha, fazia em o principio ſua dedicatoria à Virgem Senhora, taõ culta, pia, & affectuoſa, que claramente ſe deyxa ver naciaõ as palavras de hum coraçaõ, que todo era da Virgem May. Mas porque as minhas palavras nam podem ſinificar, quanto explicam as ſuas; nam ſerâ couſa moleſta, referir aqui algumas clauſulas daquellas dedicatorias.

18 Na dos additamentos à Logica, diz aſſim: *Virgini Matri dulciſſimæ, Sanctiſſimæ, Auguſtiſſimæ, dedicatio. Nec meritis ſatis tuis, Mater dulciſſima, nec votis meis ſatis, Phi-*

Philoſophicum laborem initio a me tibi univerſim fuiſſe dicatũ: parum nimis eſt maiores quaſdam ejuſdem partes de integro tibi ſiſtere, cui vellem ſingulas quæſtiones, imo & characteres ſingulos, nominatim conſecrare. Accipies igitur hoc opuſculum non tam ad exiguam lucernam, quam ad immenſum tuum ſplendorem, Luna pulchrior, lucubratum, obſequii magis erga te mei, quam Conimbricenſis Logicæ additamentum. Com eſta meſma piedade, & cultura eſtam feitas todas as outras dedicatorias, que ſaõ muytas, & ſe podem ver nas poſtillas deſte Religioſo Padre; eu as deyxo; porque pella piedade, & amor pera com eſta Senhora, com que eſtâ compoſta a referida, ſe deyxa bem ver o nectar de devaçaõ, com que ſuaviſou todas as outras.

19 Seguia em tudo a cõmunidade, com aquella meudeza, que eſtilam os noſſos Irmaõs Noviços; porque o Padre Furtado em toda a ſua vida nam fez outra couſa mais, que ſer perpetuamente nos ſeus procedimentos hum muito apontado Noviço. Muytos Padres, que o conheceram, & trataram por muytos annos, confeſſaram, que nunca viram nelle acçam, que cheiraſſe a peccado venial. Foi dotado de huma pudicicia Angelica; por cauſa deſta ſofreo muytos annos o achaque, de que finalmente veyo a morrer, ſendo que ſe permittira as curas, que a ſurgia applica a ſemelhantes quebras da natureza, pudera viver mais annos, ou paſſar com menos incõmodo, os que lhe reſtavam de vida: mas o ſeu pudór natural naõ deu lugar aos coſtumados reparos, & aſſim ſe accõmodou ſempre com as moleſtias, que nam podia deyxar de padecer muyto grandes. Nam era a menor em tam obſervante Padre o impedirlhe aquelle achaque, o ſervir no refeitorio à meza; quando o aviſavam pera aquelle miniſterio, a ſua deſculpa ordinaria era, dizer com grande ſubmiſſaõ: Eu nam poſſo; porque temo de quebrar. Coſtumava dizer iſto, quando o achaque a penas dava lugar a andar em pé.

20 Em huma occaſiaõ, que por cauſa de deſcançar alguma da gente moça, que aſſiſtia de noyte a alguns doentes, que avia de perigo em o Collegio, ſe aproveitou o Padre Miniſtro dos Padres velhos da caza, pera aſſiſtirem de dia por ſeu turno algumas horas aos enfermos; notou o meſmo Padre a boa graça, & diligencia, com que o Padre Furtado accodia a aſſiſtir o tempo, que o aviſavam eſtiveſſe

com algum doente; ſem nunca ſe deſcobrir nelle palavra alguma, ou ſinal, com que procuraſſe, deſviarſe neſta, ou naquella hora da tal aſſiſtencia.

21 Padeceo o Padre Joaõ Furtado por toda a vida huma deſfeita tempeſtade de eſcrupulos, com que pareceo quis Deos provar, & nelles lhe deu muyto, que padecer em os largos annos, que viveo com eſta anſioſa penalidade.

22 Chegoulhe finalmente por caza a doença, de que morreo, que toda ſe originou da rotura, que tinha avia muytos annos, cujos remedios tinha dilatado athe naõ mais o ſeu pudôr natural. Quando ſe lhe acodio, foi jâ taõ fora de occaſiaõ, que nenhum effeito ſortiraõ os remedios, que ſe lhe applicaram. Em todo o tempo, que a doença lhe durou, ſe occupava em louvores de Deos, levandolhe todas as palavras aquelle Senhor, aquem ſempre ſe dera, & entregara de todo o coraçaõ.

23 Quando neſta ultima doença o aviſaraõ, pera morrer, nada ſe alterou com a nova: a ſua confiçam foi huma reconciliaçaõ breve, dizendo a ſeu Confeſſor: Padre iſto baſta, porque jâ tenho feito todas as diligencias moraes: de ſorte, que com o aviſo da morte, ſe pos fim aos eſcrupulos do Padre Joaõ Furtado: a razaõ devia ſer, a que dizia o Padre Iozeph de Seyxas; Que os eſcrupulos do Padre Joaõ Furtado naõ eraõ depois, ſenaõ antes de obrar.

24 Neſte tempo diſſe o Padre Reytor ao Padre, com quem ſe cõfeſſava o doente, lhe declaraſſe da ſua parte, que tinha ſua Reverencia licença pera aſſinar peſſoas, porquem levava em goſto, ſe repartiſſem os ſeus papeis; agradeceo o doente a benevolencia, que com elle uſava o Padre Reytor, mas naõ veyo em aceytar a tal licença, dizendo: que diſpuzeſſe o Superior do pobre cabedal, que deyxava, como melhor lhe pareceſſe.

25 Morreo *in oſculo domini* aos ſinco de Fevereyro de 1700, tendo primeiro tomado com grande piedade o Sancto Viatico, & Extrema-unçaõ; deyxando a todos grandes ſinais, de que era homem predeſtinado. Foi geral em todos o bom conceyto de ſua ſancta vida, & religioſiſſimos coſtumes: & naõ faltaraõ muytos Religioſos noſſos, que com grande devaçaõ tocavaõ as contas em ſeu veneravel roſto, recolhendo tambem alguns pedaços de ſeu veſti-

veſtido. Ainda ſe eſtendeo a mais a devaçaõ de outros, que depois de eſtar jà na Capella o cadaver, lhe deſcalçaraõ os çapatos, cortaraõ as unhas de ambos os pés, & com ellas algumas particulas da meſma carne; & tambem lhe cortaraõ as unhas das maõs, & parte dos cabellos da cabeça, & barba, pera os conſervarem como reliquias de homem Sancto.

26 Tinha 72 annos completos, quando morreo, de Companhia ſincoenta, & feis annos, & dous mezes, & meyo: & de Profeſſo do quarto voto 35 annos, & meyo. Foi tido, & avido por homem juſto, & de vida innocente, em cujos procedimentos ninguem achou, que culpar; ſempre guardou aquelle teôr de vida, que aprendeo em o Noviciado. Foi muyto douto em todas as faculdades, que aprendeo, bem verdade he, que a multidaõ de eſcrupulos, que por toda a vida o perſeguio, naõ deu lugar, a que ſahiſſem, & ſe lograſſem as relevantes prendas, & grande cabedal de ſabedoria, com que Deos o enriquecera.

27 Os papeis, que deixou foraõ muytos, quadernos de prègaçoens, & de praticas em Portugues; teve o Padre Joaõ Furtado grande liçaõ das ſanctas Eſcripturas, & Sanctos Padres. Deyxou mais feis, ou ſette tomos de Moral em latim todos perfeytos, athe na letra, & acabados como pera a eſtampa, com ſuas introduçoens, reſumos de paragrafos à margem, & ſeus indices no fim de cada tomo. E poſto, que neſtas obras ſempre ſe acoſta a algum Author, que reſume, com tudo dis de ſua caza, refuta, eſtabelece, tudo em claro, & perfeito eſtilo, como quem o teve aureo em todas as ſuas poſtillas, como teſtemunhaõ, os que as verſaraõ. Só pera eſcrever eſtes tomos de Moral, com a perfeiçaõ de letra, com que eſtaõ, quaſi ſem riſca, nem borraõ algum, ſe requeriaõ muytos annos, & demanda muyto trabalho ſó a eſcriptura, quanto mais o eſtudo requiſito pera os compor.

CAPITULO XXXIX.

Vida do Padre Ignacio Rodrigues.

Sua patria, entrada na Companhia, & annos, que nelle viveo.

No mes. aos 5. de Mayo de 1702.

1 O Padre Ignacio Rodrigues, cujas virtudes eſcrevo, foi hum dos homens, a quem tiveram por ſancto, &

amigo de Deos, todos os q̃ o conhecerão, & tratarão; de vida inculpavel, de exemplo muy singular, & digno de que se perpetue na memoria de todos, pera edificaçaõ dos vindouros, & dos que vivêmos com elle; & pera que todos os da Companhia demos graças a Deos por nos dar tam sancto Irmaõ; & pera que entendamos, que em todos os tempos andaõ entre nós, homens de virtude mais, que ordinaria; os quais nos devem servir de estimulo no caminho da perfeiçaõ, considerando, que o seu barro, & o nosso sam de huma mesma especie.

2 Naceo este ditoso Padre na Villa de Chaves, que he huma das melhores da provincia de Trasloſmontes, de seus principios se começou a ver, que era dado por Deos com alguma especialidade, porque as oraçoens de sua may lhe conservaraõ a vida. Naõ sei porque enfadamento a avò do Padre Ignacio, lançou à sua filha huma maldiçaõ, que dos filhos que tivesse nenhum se lograsse, nem lhe passasse do joelho pera sima. Permittio Deos por seus occultos juizos, que a praga tivesse seu effeito; porque tendo alguns filhos, nenhum delles se chegava a lograr, & morria nos primeiros annos: vivendo com esta ansia, recorreo à Senhora, & ao Sanctissimo Sacramento, pedindo instantemente a Deos, lhe deixasse ver logrado a algum filho: tendo este, a quem pôs o nome de Antonio, conseguio com suas oraçoens, que nam moresse, como os mais.

3 Vioſe assim do despacho desta petiçaõ, como de todo o mais teor de sua vida, que Antonio era filho de oraçoens, que ordinariamente costumaõ ser filhos de bençaõ. Era propenso a usar de caridade com os pobres; em certa occasiam chegando à sua porta hum pobre mui roto, & desabrigado, recolhendo-o dentro de casa, o pôs consigo à mesa, & depois o meteo na sua cama, em que o pobre dormio, & descansou. Depois de exercitar este acto de caridade, sentio dentro de si particulares impulsos de ser Religioso da Companhia, os quais se lhe foraõ sempre conservando, até lhe os pôr em execuçaõ. Tambem ajudou a os fomentar o trato com os Religioſos da Companhia, a quem teve por Mestres no Collegio de Monterrey em Galiza nas fronteiras daquelle Reyno, naõ longe da villa de Chaves. Sendo Provincial da Companhia o Padre Doutor Manoel Correa, passando pela villa de Chaves com o Padre seu com-

companheiro, que era natural daquella terra, se lhe offereceo o nosso estudante significando seus antigos dezejos; vendo nelle o bom sitio, que tinha pera a Companhia, o admittio, & feitas as diligencias ordinarias, foi mandado entrar em o Noviciado de Coimbra.

4 Entrou naquelle sancto Noviciado aos onze de Mayo de 1595 tendo de idade quasi dezanove annos: pouco tempo se deteve alli, porque mandando a sancta obediencia alguns Irmaõs Noviços pera Lisboa, hum delles foi o nosso Irmaõ Ignacio, a quem mudou o nome o Padre Mestre dos Noviços attendendo, a que avia outros do mesmo nome, & sobrenome na Provincia. Chegando a Lisboa, como o tempo de Noviço em Coimbra fosse muy pouco, ainda a modestia naõ tinha feito nelle o habito de ter os olhos bayxos, antes com as licenças da jornada estava neste particular como o dia, em que tomou a roupeta, por isso entrando pelo cubiculo do Padre Reytor do Noviciado, se pôs com os olhos abertos, & vendo a livraria do cubiculo disse muyto alegre pera o Padre Reytor: O là quanto de livros naõ estamos nós mal. Quando o Padre Reytor ouvio esta sinceridade, & vio o sitio do novo hospede, disse dentro de si: Bem aviado estou com tal Noviço, naõ nos falta aqui, que desbastar.

5 Nos principios mostrou alguma esperteza, a qual pouco a pouco se lhe foi cerceando, com a destreza, com que o costumaõ fazer os Mestres expertos: Depois com as meditaçoens, & praticas do Padre Reytor de tal modo se penetrou de Deos, que se começou a entregar de veras ao exercicio das virtudes, como veremos, quando abayxo fallarmos de cada huma de per si, que agora só vou dizendo huma breve suma da sua vida.

6 A todos os Noviços era hum vivo espelho de perfeiçaõ. Acabado o Noviciado estudou letras humanas na mesma caza, aonde entam à imitaçaõ do que se usa em Roma, se estudavaõ. Com os estudos em nada desdisse dos fervores de Noviço. Teve naquelle tempo por seu Mestre espiritual ao Padre Joaõ da Fonseca, em cujas virtudes teve muyto que imitar. Era o Irmaõ Ignacio de feliz engenho, que percebia com facilidade, & prompto no que obrava. Soube muy bem as letras humanas. No fallar latim foi expedito, & observante na regra, que manda, aos

que

que estudam; fallar na lingua latina. De Lisboa foi mandado estudar Philosophia a Evora, & sendo, que em Lisboa padecia muyto de hum achaque procedido de fecura, & via, que em Evora se poderia augmentar, se accommodou com a obediencia, daqual nunca se desviou hum só apice.

7 Estudou em Evora alguns annos com geral edificaçaõ de todos, & opiniaõ de virtude: athe que sabendo o Padre Provincial o muyto, que padecia do seu antigo achaque o mandou passar pera Coimbra, pera ver, se com o clima diverso tinha alguma melhoria. Antes que passe a diante naõ quero deyxar em silencio, o que lhe aconteceo, quando em Evora ouve de sahir do Recolhimento, pôr se lhe ter já acabado o tempo; sinificoulhe o Padre Ministro, que se o Irmaõ Ignacio naõ tivesse disso pena, teria elle gosto, que ficasse no Recolhimento por todo o tempo, que estudasse Philosophia; respondeo, que elle por si estava prompto, vivendo na forma dos demais, como se ainda naõ tivesse acabado o seu tempo: porem como a cousa era nova; naõ se quis fiar de si; mas consultou a hum Padre, que lhe disse, qual lhe estava melhor pera o aproveitamento do seu espirito; que elle estava prompto a executar, o que elle resolvesse; & julgandoo assim, pedir aos Superiores, o deyxassem ficar. Respondeolhe, que fizesse, o que faziaõ os mais, que o ponto estava em fazer da sua parte, por se naõ esfriar nos fervores sanctos, que em si sentia. A este conselho se accomodou, dando aos Irmaõs do Collegio os mesmos exemplos de virtude, que dera aos do Recolhimento.

8 Procedendo assim em Evora, como em Coimbra com a mesma igualdade de costumes, sem por achaques, affroxar alguma cousa em seus fervores, o chamou Deos pera as gloriosas missoens do Oriente, que pertendeo com grandes instancias, & conseguio com a difficuldade, que no fim se dirá, toda originada da sua virtude, & mais dotes naturais, todos elles completos pera os nossos minysterios. Concorriaõ no Irmaõ Ignacio todas as boas prendas, que o podiaõ fazer estimado nesta Provincia, porque sabia bem as faculdades, que estudou, & era muyto pera as ensinar nas mais esplendidas cadeiras; o genio amavel, o trato suave, & bem quisto de todos: a sua virtude a ninguem era peza-

pezada. Porem as meſmas razoens, que a outros ſerviraõ de laços, que os ataſſem, foraõ pera elle os motivos do ſeu deſengano, conſiderando, que aſſim tinha mais, que offerecer a Deos.

9 Hia em o ſetimo anno de Religiaõ, & no quarto de Philoſophia, quando foi avizado pera a Miſſaõ da India, de que recebeo gosto incrivel, & o ſinificaõ as cartas, que naquelle tempo eſcreveo a alguns ſeus condiſcipulos. Paſſou a Lisboa, tomou ordens de Miſſa, & a celebrou com grande conſolaçaõ ſua. Chegando o tempo da monçaõ ſe embarcou taõ rico de boas obras, como ellas por ſi o iraõ moſtrando.

CAPITULO XL.

Da devoçaõ, que tinha ao Beato Luis; & como procurou de o imitar em tudo. Como o imitou na devoçaõ ao Santiſſimo, & à Senhora.

1 FOi ſingularmente devoto do noſſo B. Luis Gonzaga, a vida deſte Sancto era a regra da ſua. Eſmerouſe tanto em o imitar, que muytos diziaõ, que ſe ſe perdeſſe a vida do B. Luis a podiaõ tresladar pela vida do Padre Ignacio Rodrigues. Lia frequentemẽte ſua vida, & quaſi a ſabia de memoria. Quando algum o arguia de alguma ſancta extravagancia, ou rigor, que uſava comſigo: era reposta nelle muy ordinaria: Aſſim o fazia o B. Luis. Ajuntou hum dia quatro condiſcipulos, & aſſentou com elles, q cada hum na poſis, em que ſe achaſſe, meteſſe pratica de Deos, pera que aſſim pouco a pouco ſe foſſe conſervando eſte bom coſtume, dizendo, que eſſe era o modo do B. Luis Gonzaga. Repetia, & trazia muytas vezes à pratica os ditos mais eſpeciais do B. Luis nas materias da virtude, & ſentia particular jubilo, quando lhe fallavaõ nelle, como couſa que amava de coraçaõ. No primeiro anno, que ſe examinou de Philoſophia, hum dos Padres examinadores ſabendo eſte ſeu affecto pera com o ſancto, argumentandolhe nos finais, formou toda a ſua duvida, nas açuſſenas, que o B. Luis tem na maõ, ſe eraõ final ex inſtinctu, ou natu-

natural da sua pureza: Tanto que ouvio nomear ao seu Sancto se alegrou por extremo, & respondeo com agrado seu, & de todos os mais, que nas palavras, & semblante liam o seu grande affecto. Assim mesmo era grandemente affeiçoado ao sancto Irmaõ Joaõ Brecmáns: as vidas destes sanctissimos Irmaõs eraõ o norte por onde governava suas acçoens.

2 Assim como a primeira, & maior devaçaõ, que teve o Sancto Luis Gonzaga foi a do Sanctissimo Sacramento, esta foi tambem singularissima no Padre Ignacio Rodrigues. O cuidado, com que se preparava pera o receber, era quanto estava na sua maõ. Os dias da semana Quinta, Sesta, & Sabbado lhe serviaõ, pera se dispor em ordem ao receber; Domingo, Segunda, Terça, & Quarta, pera lhe dar as graças pello aver recebido; pedindo naquelles dias aos Sanctos Anjos, & mais moradores do Ceo o ensinassem, a prepararse, pera receber taõ soberano hospede; & nos outros lhes rogava o ajudassem, a darlhe as graças, por ter visitado sua alma.

3 Nas vesperas de communhaõ gastava mais tempo em oraçaõ. Là no interior de sua alma tinha *effigiado* huma custodia, servindolhe de peanha seu coraçaõ, assistindo ao Sanctissimo todos os Anjos, & outros muytos Sanctos, que conforme sua devaçaõ punha de guarda em Laus perenne ao Senhor, a quem elle tambem assistia com todas as potencias, & sentidos.

4 A sua oraçaõ tinha ordinariamente diante do Sanctissimo. Nos oito dias, que tinha de ferias na quinta a sua maior assistencia era na Capella em prezença do Sanctissimo Sacramento, sendo esta frequente assistencia a maior parte das suas recreaçoens naquelles oito dias. Costumase em Evora levar na quinta-feyra Sancta o Sanctissimo pera a Capella do Recolhimento, por ficar mais perto da Igreja. No tempo, que alli estava o Senhor athe Sabbado da allelluia, naõ somente assistia de continuo na Capella, mas fes concerto com muytos Irmaõs, peraque naquelles dias por seu turno assistissem, & cortejassem a taõ soberano Senhor, que se dignava ser hospede do seu Recolhimento.

5 Succedeolhe hum dia de quinta, que o era tambem de communhaõ, por causa de ajudar a huma Missa, naõ com-

commungar no tempo, que os mais o fizeraõ: dandoſe ſinal com a campa pera a Communidade partir pera a quinta, determinou o Padre Miniſtro do Recolhimento, que elle foſſe tambem por naõ ficar ſó em caza, & q̃ naõ commungaſſe aquelle dia: teve o ſervo de Deos tanta pena, que como hum menino começou a chorar de ſentimento; pello que o Padre Miniſtro, que amava muyto ſua virtude, pello naõ deſconſolar, o deixou ficar em caza aquelle dia, pera naõ perder a communhaõ, que eraõ todas as ſuas delicias.

6 Depois de commungar, alem do quarto, que todos em comunidade gaſtam em dar graças a Deos, gaſtava elle os tres quartos, que faltam athe a hora, em que ſe dâ ſinal ao eſtudo. Huma communhaõ lhe ſervia de aparelho pera outra, & muytas juntas de preparaçam pera o receber em algum dia mais ſolemne. Nas veſporas de cõmunham ſendo do Recolhimento, & tambem quando jâ era do Collegio, hia fallar de Deos com os Irmaõs Noviços, & o fazia com tanto fervor, & agrado, que todos appeteçiam foſſe ſeu cõpanheiro, pera ſe accenderem mais nos dezejos de receber ao Senhor. De muytas cõſideraçoẽs ſe ajudava pera o receber com mais devaçam; mas a conſideraçaõ, em que a ſentia mayor, era a da Cananêa: *Nam, & catelli edunt de micis, quæ cadunt de menſis dominorum ſuorum;* Cõſideravaſe como hum gozinho junto daquella ſacroſanta meſa, eſperando que della cahiſſe aquelle divino ſuſtento, com que ſó ſe ſatisfaziaõ ſuas anſias.

7 Quando na capella ouvia dar ſinal com a campainha a levantar o Senhor, o hia adorar aſſiſtindo-lhe athe commungar o Sacerdote. No dia de Corpus Chriſti era continuo na capella, o meſmo fazia em Lisboa no tempo do Laus-perenne aſſiſtindo no coro da Igreja do Noviciado, ſem nunca ſe aſſentar diante do Senhor.

8 Do myſterio do Nacimento de Chriſto Noſſo Senhor foi tambem por extremo devoto. Em prova deſta devaçaõ referio hum Religioſo, que ſendo ſeu inſtruido, hum mez antes do Natal o ſentia levantar todas as noytes, tanto que ſoava a meya noyte, a ter meya hora de oraçaõ cõſiderando neſte myſterio, & que o ouvia chorar, & ſendo, que ſó lançava ſobre ſi a roupeta, dizia naõ ſentir frio algum, effeitos do grande calor, que ardia dentro em ſua

alma. Esta mesma devaçam inculcava ao seu instruido; & pera acordar sempre à meya noyte, lhe aconselhou, rezasse tres Padres Nossos, & Ave Marias às Almas do Purgatorio, que elle assim o fazia, & que em dando a meya noyte em ponto logo acordava pera a sua devaçam; fez o instruido o mesmo, & cõ grande admiraçaõ sua experimentou, que no ponto, que soava a meya noyte, acordava, ainda que estivesse em o mais profundo sono. Foi devotissimo das Almas do Purgatorio, & lhe tinha applicado toda a satisfaçam das suas obras.

9 Na devaçaõ da Senhora se affinalou sempre muyto à imitaçam do B. Luis. O nome ordinario, com que a tomava na boca, era o de Minha Senhora; & avisitava muytas vezes nas suas capellas pedindolhe perdam do mal, que a servia. Nas vesporas das suas solenidades eram tam rigorosos os jejuns, que muytas vezes, por queyxas, que de tanto rigor tinhaõ os Superiores, o mandavam outra vez à meza ordenando-lhe, que comesse.

10 No tempo, que estudava hummanidades, fazia muitas vezes declamaçoẽs em obsequio da Senhora, & quando na classe as reprezentava, o fazia com tanto affecto de honrar, & engrandecer suas excellencias, que no semblãte se lia o fervente amor, que abrazava seu coraçaõ, resumbrando nas mesmas faces huma graça do Ceo, que só vendose, como eu a vi muytas vezes, se explica; & me occorria, que com aquelle affecto devia reprezentar as suas declamaçoẽs o nosso Beato Estanislao, como se lê na sua vida. O estilo todo era affectuoso, tirando muyto pera o do glorioso Sancto Illefonso, quando ansiosamente multiplica palavras laudatorias desta Senhora, parecendolhe todas muy poucas pera explicar o excessivo do seu affecto.

11 Disse varias vezes, que hum dos maiores gostos, que teria, era andar por todo o mundo pregando a devaçam da Senhora. Tambem se lhe ouvio dizer, que se a sua disgraça fosse tanta, que o despedissem da Companhia, elle tinha feito escrito à Senhora, de servir em qualquer Religiam, & que todos os lucros do seu trabalho se aviaõ de gastar em seu culto, & obsequio, como os do escravo em utilidade de seu Senhor.

12 Todos os dias rezava de joelhos, o Rosario, & officio da Senhora. Nos sabbados, alem do jejum, trazia o cili-

cliciel. Das prerogativas do Rosario fallava com tantas fervores, que a muytos, que o ouviam, fez propor de o rezarem toda a vida. Nas doutrinas, que fazia, sempre inculcava a devaçaõ da Senhora com tal efficacia, que a metia dentro nos coraçoẽs: algum nosso Religioso confessou, que alguma cousa de devaçam, que em si achava pella misericordia de Deos, a devia toda às praticas deste virtuoso Padre, cõ as quais experimentava em sua alma particular devaçam, & ternura para as cousas de Deos.

13 Nam se lhe passou com o Noviciado o costume das Novenas antes das festas da Senhora, este cõservou sempre, reservando pera elle, quando o tinha despedido, o quarto antes da Ladainha, na qual depois de rezar certo numero de Ave Marias, & Salve Rainhas, se detinha em meditar nas prerogativas da Senhora: este mesmo estilo guardava por todo o oitavario das suas festas.

14 Nos dias, que hia à quinta, nam só visitava a Senhora muytas vezes na capella, mas com hum sancto modo, & agrado cõvidava a muytos dos Irmaõs, pera tambẽ a irem visitar. A primeira cousa, que perguntava aos meninos, aos estudantes, & à gente do campo, com que fallava, era, que devaçam tinham à Senhora, depois com exẽplos, que lhes trazia, & com muytas razoẽs os exhortava a lhe terem particular devaçaõ.

15 Todas as vezes, que ouvia horas, ou quartos do relogio, alem de outras breves devaçoẽs, fazia à Senhora muytas jaculatorias. Quando estudava Philosophia, a cada paragrapho da postilla a saudava com 1 Ave Maria. Nas vesporas das suas solenidades lhe fazia sempre especiais mortificaçoẽs, & tomava disciplina publica no refeitorio.

16 Quando veyo do Noviciado de Lisboa pera Evora, pello caminho tudo era dizer louvores da Senhora, cantarlhe Ladainhas, & com este seu bom exemplo afervorou tanto aos companheiros, que todos faziam o mesmo, gastando quasi todo o tempo em honrar, & venerar a May de Deos, de quem com aquelles affectos à imitaçam de seu grande devoto, se confessavam em tudo verdadeyros filhos.

17 Costumava elle dizer, que era o mais desestrado peccador, que avia no mundo, assim se explica sua profun-

da humildade, mas que tinha grande confiança na May de Deos, & que por meyo do seu Rosario, esperava, lhe alcançaria de Deos hum acto de contriçaõ, & verdadeiro arrependimento de todas as suas culpas, na hora da morte. Quando hia a exercicio, ou à quinta, & encontrava, algumas flores, as recolhia, pera fazer dellas offerta à Senhora, & lhe ornar os seus altares. Nos dias de quinta tinha por especial recreaçaõ varrer a capella em obsequio da Senhora, & no tempo das flores, ornarlhe tambem cõ ellas o seu altar. Tinha tam alto cõceyto desta devoçaõ, que dizia, parecerlhe impossivel perderse alguma alma, que fosse devota da Senhora, accrecentando, que Deos se dava por empenhado em a salvar, ainda que fosse do peccador mais perdido, & cõfragado. Finalmente o Padre Ignacio naõ parece, que era seu, mas todo desta Senhora, com ella andava sempre na boca, & no coraçaõ, procurando por todos os modos ser hum de seus maiores filhos, & devotos.

CAPITULO XLI.

De sua rara mortificaçaõ.

1 DAs mais virtudes quero em primeiro lugar referir os exemplos de sua mortificaçaõ, porque nesta virtude deu tantos, & taõ raros, que podem competir, com os que nos deyxaram os sanctos, que mais estudo fizeraõ della, a qual reconhecem todos por fundamento desse formoso edificio da perfeiçaõ Evangelica, & sem ella he facil fundando no ar.

2 Sempre, & em todas as cousas, que podia, & o deyxavaõ, se perseguio, privandose de tudo, o que lhe podia ser de gosto. Os olhos sempre os trazia cahidos, & ouve algum mais esperto, que com sancta curiosidade o observou muytos tempos, pera ver se em alguma occasiaõ o apanhava com elles levantados, & por fim das suas diligencias veyo a colherar, que depois de todas ellas, nam sabia, de que cor fossem os olhos do Padre Ignacio Rodrigues. Outro, que teve com elle trato muy particular em o Noviciado de Lisboa, & no Collegio de Evora, disse, que em todos aquelles annos nunca lhe vira os olhos levantados.

3 Antes era isto já tam notorio, que indo huma vez os Irmãos cõ elle pella cerca de Lisboa, em tempo, que padecia exquisitas dores de cabeça, começara a importunalo, que olhasse pera a cidade em ordem a ver se algum alivio destas instancias só tirara õ delle, levantou os olhos pera o Ceo, & logo os tornou a sua antiga postura, sem poderem acabar com elle, que os puzesse na cidade.

4 Quando hia à quinta (como se conta do Beato Luis) se lhe perguntassem, que cousas avia nella, não saberia responder: & o mesmo acõteceo, quando cõ os mais Irmãos sahia ao campo a fazer exercicio. O que mais he de admirar, nem ainda quando entrava nos templos lhe veriã levantar os olhos, pera ver o ornato, cõ que estavam.

5 No dia, em que a Senhora Rainha de Inglaterra entrou na cidade de Evora, foram todos os Religiosos da Cõpanhia, excepto Noviços, esperar ao caminho, & assim vieram todos diante da mesma Senhora. Avendo por toda a cidade, & ruas por onde passava, cousas muy plausiveis, & curiosas, qu ais as costumam aver nas entradas dos Reys em as cidades, o Padre Ignacio passou por entre ellas sem dar fé de cousa alguma; porque ao depois em caza, fallando os outros diante delle do sumptuoso dos arcos, & do singular ornato das fontes da cidade, & mais cousas apparatosas, elle se achava em tudo tam novo, como se não tivera ido com os mais; por quanto só hia alli cõ o corpo, que os sentidos todos hiam embebidos em Deos. Esta mesma mortificaçam observava nas procissões, quando por acõpanhar a outros, succedia acharse nellas, ou por onde ellas passavam.

6 Parece, que não tinha o Padre Ignacio olhos pera os por em creatura alguma, pois os não poria feios em homem algum, & muyto menos em mulheres; que a pureza dos homens santos não permitte ver semelhantes objetos ainda com aquella indifferença de vista, cõ que se vê huma pedra, ou huma arvore; & tem por abominaçõ dar ainda de improviso com os olhos, em quem pode de qualquer módo, que seja, desenquietar lhe os affectos. Exemplo he este, que o Padre Ignacio aprendeo do seu Beato Luis, que sendo menino, & vivendo annos no serviço da Imperatriz, nunca soube de que cor era.

7 Fugia muyto de ouvir discantes, & aquellas musicas,

coas, que por alguma celebridade Academica succedia ver nas aulas; & pellas evitar mortificando seus ouvidos, sob capa de algum pretexto, que a sua virtude logo descobria, se ficava no cubiculo.

8 Mortificava o olfacto cõ naõ cheirar flor, ou herva suave; & se em alguma occasiaõ por urbanidade se lhe offerecia alguma flor, se escusava modestamente de a aceitar, privando este sentido de qualquer recreaçaõ, que dalli lhe pudesse nacer.

9 O sentido, que trouxe em huma perpetua tortura foi o do gosto. Tinha lido, que a Senhora dissera a huma Religiosa grande serva sua, & que procurava saber, em q̃ mais lhe poderia agradar, que observasse tres cousas: primeira, que guardasse sua pureza cõ toda a exacçaõ. Segunda, que aceitasse cõ bõ animo, o que as outras rejeitassem. Terceira, que se privasse na meza dos melhores bocados. Todas as observou põtualmente por entender o especial gosto, que disso receberia a Senhora; mas em especial, & cõ excesso a terceira; porque sempre na meza se privava, do que era melhor, & podia ser de mais gosto.

10 No principio do anno propunha à Senhora de se abster em seu obsequio de tal fruta por todo aquelle anno, & assim o passava todo sem a tocar, ainda que naõ tivesse outra na meza. Ouve veroẽs inteiros, que naõ meteo genero algum de fruta na boca, dissimulando esta sua mortificaçaõ cõ dizer, que lhe naõ fazia bem, sendo assim, que conduzia muyto a sua frescura pera o achaque, de que tão padecia.

11 Se em alguma occasiaõ era obrigado a comer de algum prato mais bem preparado, elle o destemperava cõ agoa fria, ou de outro modo, & o tornava desenxabido, porem isto fazia cõ tal disfarce, que só o percebia, quem tinha noticia destas suas santas invenções, & de proposito o observava. Hum seu condiscipulo, que o tratou com mais familiaridade, cõfessou, que nunca lhe vira comer doce, nem ainda quando estava doente.

12 Huma vez lhe disseram, que o paõ valo era bõ pera o achaque, que padecia; contentou-se muyto este remedio, pera ter occasiaõ de comer mais vezes do paõ dos moços, sem se cuidar o fazia por mortificaçaõ, mas solamente por medicina.

13 Naõ tocáva couſa particular, que ſe lhe puneſſe; da porçaõ comia muy pouco, & o mais tempo ſe lhe paſſava em a revolver, pera que lhe naõ trouxeſſem couza alguma, o que elle aborrecia, & moſtrava ſentir. Vinha muytas vezes da meſa, quaſi ſem comer, & por eſta cauſa os Superiores o mandavaõ ſegunda vez à meſa, & com eſpecialidade obſervar ſe comia, ou naõ comia.

14 Sobre todas foi muy heroica a mortificaçaõ, com que em certa occaſiaõ ſe vonceo; porque vendo no corredor hum eſcarro nojento, & aſqueroſo, & ſentindo em ſi aquelle horror, que conſigo trazem ſemelhantes objectos, com hum valor incrivel, ſe lançou por terra, & o ſorveo.

15 Achouſelhe hum caderninho, em que tinha eſcritas mortificaçoens eſpeciais pera os dias da ſemana: como, naõ aver de beber agoa à ſeſta-feyra por todo o dia, em honra da ſede, que por noſſo amor Chriſto Senhor noſſo tinha padecido na cruz. Outro dia naõ ſe aſſentar no cubiculo, nem fora delle, quanto lhe foſſe poſſivel, & neſta forma tinha outras pellos dias da ſemana.

16 Por cauſa de ſuas continuas, & rigoroſas abſtinencias ſe lhe debilitou de ſorte o eſtamago, que apenas podia digerir o alimento, ainda que foſſe muy pouco; por eſta cauſa chegou a tal eſtado, que ſe cuidava, ſer tiſico confirmado.

17 Naõ fez menor guerra ao ſentido do tacto, do que a fez aos outros, martyrizandoſe em todo ſeu corpo. Pedio a hum ſeu condiſcipulo, lhe mandaſſe fazer a Lisboa dous cilicios de ferro pera os braços com quatro ordens de bicos; reſiſtio por vezes o condiſcipulo, mas finalmente vencido de ſuas ſanctas importunaçoens, lhos mandou vir muyto à medida do ſeu dezejo; elle os aceitou com incrivel goſto, & agradecimento, dizendolhe, que tinha licença dos Superiores, pera uſar delles. Afora eſtes tinha outros cilicios, que eſtes eraõ os ſeus mais prezados cabedais, & entre todos hum deſmarcado, que ſó vello era tormento, quanto mais uſar delle.

18 Chegou a lançar eſpinhos, & ortigas na cama revolvendoſe entre ellas, como o fizera entre as mais mimoſas flores; mas prohibindolhe o Confeſſor eſta mortificaçaõ, logo inventou outras, com que a ſupriſſe; & niſto, diſ-

ſe

ſe hum Padre, que foi ſeu Miniſtro do Recolhimento em Evora, era muy notavel eſte ſervo de Deos; porque quando lhe atalhava alguma mortificaçaõ, pera attentar por ſua ſaude, logo o ſeu fervor deſcobria; & inventava outras; & que lidar com elle neſta materia, era lidar com a Hidra de Hercules, que cortada huma pullavaõ muytas cabeças; o que mais canoniza eſta ſua virtude ſaõ os modos ſanctos, com que conſeguia muytas licenças, pera ſe mortificar, no que era agradavelmente importuno.

19 Diſſe eſte meſmo Padre, q̃ dandolhe huã vez licença pera certa mortificaçaõ, vira em ſeu roſto hũa alegria taõ do Ceo, q̃ por muytos tempos lhe ficou impreſſa na memoria a imagem della; & q̃ notara, que o ſervo de Deos, como fugindo naõ ſe advertiſſe naquelle jubilo, ſe lahira logo do cubiculo em ouvindo o ſim do Superior.

20 Sendo Noviço naõ trazia veſte no tempo do inverno, pera que o penetraſſe o frio, & foi neceſſario, mandarlhe o Padre Reytor, que a trouxeſſe. Do gibaõ uſava muy poucas vezes. O cilicio punha duas horas todos os dias, nos de communhaõ athe o jantar. Diſſe hum Religioſo, a quem elle em o Noviciado inſtruia, que quaſi ſempre eſtava de joelhos no cubiculo, & que neſta poſtura fazia as ſuas devaçoens, & que reparara, paſſarenſe ſemanas inteiras, em que ſe naõ aſſentava, excepto naquellas occaſioens, em que naõ podia fazer o contrario, como era nas praticas, doutrinas, & refeitorio.

21 Na cama lhe acharaõ por vezes paos nodoſos, ſobre os quais ſe deitava: dãdo em o Noviciado fé deſta extravagancia o cõpanheiro do cubiculo, o diſſe ao Padre Reytor, q̃ em peſſoa veyo examinar, o q̃ paſſava, & achandoos metidos na cama, o reprehendeo ſeveramente; & ainda o chegou a cõminar, que ſe ſe naõ moderaſſe em ſemelhantes extravagancias, o avia de deſpedir da Companhia; ainda que dizia iſto ſó pello aterrar; porque ſabia, que os principios donde nacia eſta ſancta fome de ſe mortificar, todos eraõ de Deos, ſem as feces, que às vezes ſe miſturaõ neſtas extravagancias.

22 Sendo Irmaõ do Recolhimento, quando lhe davaõ ſiroulas, as hia offerecer a outros Irmaõs, pedindolhe por grande mercê, que lhas aceitaſſem, & ſe o faziaõ, recebia goſto muy particular. Neſte meſmo eſtado, ſe lhe davaõ

vaõ alguma penitencia, a recebia com significaçoens de gosto especial; occasiaõ ouve, em que avizado pera huma penitencia, depois de ler a forma, a beijou, & ajoelhando com alegria incrivel, a deu ao Irmaõ Sottominiſtro.

23 Ainda que a ſua vida foi hum perpetuo jejum, nas feſtas feyras da Quareſma jejuava a paõ, & agoa em honra da Payxaõ do Senhor, de que tambem foi devotiſſimo.

24 A' imitaçaõ do S. Xavier apertava algumas vezes com cordeis aquellas partes do corpo, que lemos na vida do ſancto Apoſtolo. Outras vezes metia pedrinhas nos çapatos, pera mortificar os pés.

25 Quando era preciſo eſtar aſſentado, como na meſa, & outros lugares, pera neſſe lugar de deſcanſo o naõ ter, eſtava ſem ſe encoſtar, & aſſentado na extremidade do banco. Finalmente diſſeraõ todos os que o trataraõ, q̃ neſta virtude quaſi paſſou a exceſſo, & que naõ ouve couſa, em que podendo, naõ deſſe deſgoſto a ſeu corpo, a quem caſtigava com ſeveriſſimas diſciplinas, taõ fortemente, que nellas empregava todas as forças, que ainda que naõ eraõ muytas, o dezejo de ſe caſtigar neſtas occaſioens lhe dobrava os alentos.

CAPITULO XLII.

De ſua fervoroſa oraçaõ, & outras virtudes.

1 DEſte deſapego de ſi naciaõ as ancias, que tinha de ſe unir com ſeu Deos pello trato com elle na oraçaõ. O tempo que lhe crecia das ſuas obrigaçoens, o gaſtava todo com Deos. Retiravaſe das recreaçoens ordinarias, pera ter oraçaõ. Em Evora ſendo do Recolhimẽto ſe eſcondia muytas vezes em hũa vaã de bayxo da eſcada do Noviciado, & naquelle retiro lobrego gaſtava muihoras em oraçaõ, como ſe eſtivera na cova de algum deſerto, ſem que alguem deſſe fé delle; ſó as teas de aranha, de que às vezes ſahia acompanhado, davaõ a entender o lugar, aonde eſtivera, athe que alli o foraõ achar os outros Irmaõs.

2 Em Lisboa, quando eſtudava, logo em ſe levantando, ſe hia ter oraçaõ à tribuna, & em dando a campa final à oraçaõ, hia pera a Capella, a ter a ſua hora com os

demais. A poſtura era de joelhos, athe que ſe lhe ordenou, eſtiveſſe hum quarto de joelhos, outro de pè, & aſſim os foſſe alternando. Quando por ſua muyta fraqueza era obrigado a ſe aſſentar algum pouco, o fazia aſſentandoſe ſobre os pés de tal modo, que aſſim aquella parte, como o mais corpo eſtava atormentado.

3 Muytas vezes com licença ficava em oraçaõ, depois de ſe recolher a Communidade. Em Evora tinhaõ os Irmaõs do Recolhimento tal opiniaõ da ſua virtude, que no tempo da oraçaõ, que ſe tem na capella, muytos procuravaõ ficar junto delle, pera aterem melhor, porque com eſta ſancta vizinhança experimentavaõ em ſi mais fervor, & recolhimento interior de ſuas potencias, como ſe o que tinha eſte ſervo de Deos, ſe lhe communicaſſe a elles. Nos dias de almoço, em dando os tres quartos, quando os mais hiaõ ao refeitorio, elle ſe hia à Capella, & alli gaſtava aquelle quarto athe a hora em oraçaõ, dando alimento à alma no tempo, que os mais o davaõ ao corpo.

4 Os dia de quinta eraõ pera elle dias de oraçaõ. Pedia licença pera ir ter oraçaõ à Capella, & affeiçoava a outros, pera o acompanharem, & todos juntos vinhaõ orar no tempo, que os outros ſe recreavaõ. Tambem ſendo do Recolhimento pedia licença pera ſe afaſtar do jogo, & em algum lugar ſolitario fazia as ſuas devaçoens, & depois tinha oraçaõ por largo tempo.

5 Andava taõ actuado no cuidar em Deos, que podemos dizer delle, que andava em perpetua oraçaõ, nem pera elle avia goſto maior, que tratar com Deos, ou fallar de ſuas excellencias. Algum achaque, de que padeceo muyto, ſe crê era mais originado da contençaõ, com que ſe embebia todo em Deos, violentando com eſta força eſpiritual as operaçoens das potencias interiores; no modo que ſe lê ſuccedia a outros ſanctos, & em eſpecial ao B. Luis Gonzaga.

6 Da Pobreza ſe tratou ſempre como filho, que muyto a amava. Naõ ſomente ſe perſuadia, que o peyor de caza ſe lhe avia de dar, conforme o diz a regra, mas com muytas razoens perſuadia elle ao Irmaõ, que tinha a ſeu cargo repartir os veſtidos, lhe deſſe a elle o mais velho, & o peyor, que tiveſſe em ſeu poder.

7 Occaſiaõ ouve, em que naõ avendo outros capatos, que

que ſe lhe dar ſe naõ huns novos, & pedindo a decencia deixaſſe, os que trazia, aceitou os novos, depois com licença os deu a outro Irmaõ, pera lhe dar os uſados, que trazia.

8 Do amor, que tinha de viver daſapegado de tudo, nacia, que em tendo alguns premios, ou livros, os repartia pellos Irmaõs, rogandolhe, que lhe fizeſſem graça de lhos aceitar. Vindolhe algum dinheiro de ſeus parentes o empregou em livros, depois conſiderando, que por aquelle caminho ſe lhe podia o coraçaõ ir affeiçoando às couſas da terra, pedio licença ao Padre Reytor, pera os diſtribuir pellos Irmaõs, outros levou ao Padre Reytor, pera que os aplicaſſe, conforme lhe pareceſſe melhor. Da meſma ſorte diſtribuio outros papeis, & poſtillas, & ouve tempo, em que hum Irmaõ ſeu companheiro, como elle confeſſou, lhe naõ vio tiveſſe outra couſa mais que Horas, cilicios, diſciplinas, & hum reſiſto de papel da Senhora da Conceyçaõ.

9 Acazo hum dia de inverno à noyte, quebrandoſe-lhe hum pedaço do ourelo, como a couſa inutil, o lançou pella janela no patio do Recolhimento. Depois de ſe recolher, lhe começou a vir eſcrupulo (que deſtes padeceo muyto) que podia chover de noyte, & que levando a agoa aquelle fragmento, ſe poderia intupir o cano, por onde deſagua o patio, & aver alguma ruina contra a ſancta pobreza; logo ſe levantou, & o foi lançar, aonde naõ pudeſſe ſer nocivo: depois alliviado deſte eſcrupulo ſe tornou a recolher.

10 Na pureza ſempre entre nós viveo mais como Anjo, que como homem. Baſtava pera prova aquella cautela taõ ſingular, que teve nos olhos, & fica referida aſſima. Tinha por grande deſar neſta virtude aceitar na maõ alhea, qualquer couſa, que ſe lhe offereceſſe por benevolencia, como huma flor, & ſemelhantes meudezas. Dizia, que ſe por falta alguma dos outros avia de ir aos Superiores, era por faltas contra a regra de tocar, aſſim pello que tinha de liviandade, como tambem porque eſtes deſcuidos davaõ occaſiaõ a incentivos menos puros.

11 Na obediencia ſe moſtrou taõ pontual, como Sancto Ignacio quer, o ſejaõ todos os ſeus filhos. Naõ ſe contentando com acodir ao final da campa, eſtando expedi-

to o hia eſperar nos lugares, pera que elle ſe dava. Se o final da campa o apanhava occupado, largava no meſmo ponto, quanto tinha entre maõs. Do amor deſta virtude nacia o que tinha a ſeus Superiores, que era grande. Ainda que ſentia em ſi particular propenſaõ às penitencias, & mortificaçoens, ſempre ſe ajuſtava com as prohibiçoens do Superior, & Confeſſores. Bem verdade he, que deſejava, que tudo, o que lhe ordenavaõ, foſſe ſempre contra a ſua inclinaçaõ, & que todas as obediencias foſſem afflictivas; & as que mais ſentia, eraõ, as que ſe ordenavaõ ao ſeu alivio.

12 Quando ajudava a algum official de caza na ſua officina lhe guardava o meſmo reſpeito, que ao Superior. Diſſe huma ves diante do Irmaõ Sottominiſtro do Recolhimento huma palavra, que lhe pareceo mais aſpera; & tendo pera ſi, que fora pouco reſpeito ao Superior, foi depois pedir ao meſmo Irmaõ, que lhe perdoaſſe, & que lhe deſſe penitencia por aquella falta. Deſte reſpeito vinha, que nas occaſioens, que ſe offereciaõ, de ſervir a algum Superior, o fazia com particular contentamento, dezejando em tudo darlhe o goſto, que pudeſſe.

13 A humildade foi nelle à medida das mais virtudes, fazendo muy a meudo aquellas acçoens, em que ella mais ſe deixa ver. Por iſſo comia no chaõ muytas vezes, beijava os pés aos outros Religioſos; & ſendo já do Recolhimento pedia, lhe notaſſem as faltas, entendendo todos, que a petiçaõ nacia do dezejo, que tinha de ſe humilhar, & abater. No meſmo eſtado de Irmaõ do Recolhimento, pedio, lhe deſſem hum Inſtrutor, como ſe faz em o Noviciado, & como o Padre Miniſtro, por lhe fazer goſto, lho concedeſſe; elle lhe obedecia com aquella candura, que o fizera o Noviço mais obſervante.

14 Aborrecia todo o genero de eſplendor proprio, & por eſta cauſa dizia, que ſe enſinaſſe, ſó goſtaria de alguma eſcola de lêr, porque nella eſtava livre de acçoens, que foſſem de ſeu luſimento.

15 Nas compoſiçoens, ainda que por fazer, o que manda a Religiaõ, ſe canſava nos themas, & procurava de os compor com acerto, & perfeiçaõ, pedia a Deos, que lhe naõ deſſe o goſto de levar premio. E quando depois de o ter dado, ſuccedia deſcubrir algum erro, ſe alegrava, quan-

quanto outros se costumaõ entristecer.

16 Occasiaõ ouve, em que merecendo hum thema seu o premio, o Padre Prefeito por equivocaçaõ dos numeros o deu a outro, estando elle prezente, & sabendo que o thema com o premio lhe pertencia, se calou, ficando mais contente, do que o ficara com o premio.

17 Lendo liçaõ espiritual ou na mesa, ou na Capella, cahia em erros no ler, pera que mandandoo repetir, ouvesse occasioens de seu desprezo, & de o terem por inepto os mais Noviços.

18 Quando estudando Philosophia argumentava, & via que o seu argumento podia ser de algum desdouro ao defendente, desistia na maior força delle. Outras vezes defendendo se mostrava apanhado no argumento, ou por sua humildade, ou por assim dar melhor lugar à gloria do arguente com a qual se alegrava pello muyto que conduzia, pera elle se humilhar.

19 Em Evora, & Coimbra o quizeraõ fazer Sotto-ministro dos Irmaõs Noviços; porèm com todos os modos, & razoens, que a sua virtude lhe suggeria, se escusou, porque aquella occupaçaõ, quanto elle cuidava, tinha algum tanto de honrinha; vendo os Superiores, que disso tomava alguma pena, admittiraõ suas escusas.

20 Envergonhavase muyto, quando alguem lhe pedia, que o encommendasse a Deos, & muyto mais se lhe chamavaõ santinho, porque só queria o desprezassem, & das suas oraçoens tinha muy bayxo conceyto, sendo que o tinha grande das oraçoens dos outros Irmaõs, por isso era facil em fazer contratos espirituaes.

21 Naõ sei, que favor lhe fes o Padre Ministro do Recolhimento, & entendendo o verdadeiro humilde, que cedia em seu louvor, entrou no cubiculo do Padre Ministro, & posto de joelhos começou a chorar, & soluçar em modo, que custou muyto ao Padre Ministro consolalo naquella sua magoa, & tristeza. Em o Noviciado pedio com grandes instancias ao Padre Reytor, lhe desse o grao de Irmaõ Coadjutor temporal; que elle julgava dizer melhor com o espirito de humildade, que o grao de estudante, que de si condus mais pera a altives; que elle taõ de veras aborrecia.

22 Nos officios humildes se occupava com particular jubilo;

jubilo, buſcando todos os miniſterios, que conduziam pera eſta virtude, como levar a ſeus hombros a caldeira dos pobres athe a portaria, o que fazia muytas vezes, & outros ſemelhantes miniſterios.

23 De todas eſtas virtudes, & amor que tinha a Deos naceo o grande amor, que teve aos proximos, procurando naõ ſer penoſo a algum delles; por eſta cauſa era contrario a fallar nos repouſos de Philoſophias, porque ſendo eſtas materias occaſionadas a porfiar, poderia ſuccedêr diſgoſtar a algum de ſeus Irmaõs.

24 Entendeo, que hum Religioſo eſtava delle agravado, & ſendo que naõ achava em ſi culpa daquelle diſſabor, que o outro tinha, ſe foi ter com elle, & com todas as veras, como ſe foſſe culpado, lhe pedio perdaõ. Naõ queria, nem conſentia, que em ſua prezença ſe murmuraſſe de ſeus Irmaõs; & por extremo aborrecia eſte vicio tam perniciozo nas Communidades Religioſas. Se entre alguns do ſeu eſtado ſuccedia aver diſſençaõ; elle ſe metia ora com huns, ora com outros, & tam boas, & ſantas razoens, & com tal modo lhas ſabia dizer, que deſterrava todos os diſſabores, que avia entre huns, & outros, & que elle julgava offenderem levemente a caridade de Irmaõs; & neſta materia fez muytos ſerviços a Deos, & à Religiaõ como certificaraõ, os que com elle vivêraõ.

25 No jogo, & mais recreaçoens nada tinha de injucundo, antes era hum dos que faziaõ mais alegremente a ſua funçaõ, dandolhe Deos hum agrado pera com todos, & elle a todos ſe amolgava, ſem por iſſo ter diminuiçoens a ſua virtude: tudo fazia por dar contentamento a ſeus Irmaõs, que amava como a ſi meſmo.

26 Nos repouzos o ſeu trato era com os que via mais inclinados à virtude; notavaſe, que os que tinhaõ mais trato com elle aproveitavaõ muyto nas virtudes. Tinha eſpecial modo, pera ſe meter com os deſconſolados, & com os que ſe hiaõ eſfriando na virtude, afervorando a eſtes, & dando àquelles cõfolaçaõ nas ſuas affliçoens. Nos argumentos, quando via, que o defendente naõ eſtava na razaõ, elle cortando por ſi lha inſinuava, pera que naõ ficaſſe deſgoſtado ſeu Irmaõ.

27 Quando eſtudava humanidades, vendo que alguns Irmaõs naõ podiaõ eſtudar ſem grande difficuldade

as

as liçoens de hum dos livros classicos, comprou com o seu dinheiro hum commento, & o pôz na livraria publica, pera que os menos adiantados se fossem ajudando com aquelle subsidio: o que elle fez levado da caridade, & dezejo, de que naõ tivessem tanta molestia com aquella liçaõ.

28 Este amor caritativo se via mais no servir aos enfermos: pera lhes assistir, deixava muytas vezes de ir à quinta; quando via, que lhe poderiam negar a licença, andava nos dias antes catequizando ao Superior, pera que o deyxasse ficar em caza, trazendolhe muytas razoens pera o persuadir, á que lhe concedesse a licença.

CAPITULO XLIII.

Opiniaõ, que se teve de sua virtude, & de sua ditosa morte.

1 COm todas estas virtudes, que eraõ notorias a todos, se teve delle hum geral conceyto de Irmaõ Sancto. A hum Padre dos mais graves, & doutos do Collegio de Evora ouvi dizer, fallando deste servo de Deos: Que elle por aquella virtude, & sanctidade, que nelle considerava, lhe tinha dentro de si hum particular respeito, como o podia ter a hum homem de muytos annos, & de muyta autoridade. Outro Religioso, estando o Barbeiro pera fazer o cabello ao Padre Ignacio, disse pera alguns, que alli se achavaõ: a este hei de recolher os cabellos por reliquia, porque he hum sancto. Muytos Padres graves no Collegio de Evora, observando a modestia, com que se avia no servir da mesa; differaõ ao seu Padre Ministro do Recolhimento: Que o Irmaõ Ignacio lhes parecia moço Angelico. Os Padres, que foraõ seus Ministros em o Recolhimento de Evora, differaõ, que naõ tinhaõ conhecido Noviço mais fervoroso, nem mais meudo em todas as cousas, do que no Recolhimento o era este servo de Deos: que naõ avia cousa por minima, que fosse, peraque naõ pedisse licença, que tudo queria fosse regulado pella vontade do Superior. A todos, os que me lembra ter ouvido fallar deste virtuoso Padre, ouvi sempre dizer,

que

que era ſancto, & de vida muy exemplar, & ajuſtada com a regra de ſancto Ignacio, cujos apices erão pera elle como os Mandamentos da Ley de Deos, alem o obſervava a todos: nem denota outra couſa aquella mortificação, que por ſe ajuſtar com a regra buſcou em todas as couſas poſſiveis, a imitação do B. Luis Gonzaga, a quem em tudo procurou de veras imitar.

2 Pera abonar cabalmente ſuas virtudes, quero aqui ajuntar por fim, & coroa dellas o teſtemunho, que deſte grande ſervo de Deos deu por eſcrito o Padre Miguel Dias, que foy ſeu Meſtre ſendo Noviço em Lisboa; o qual por ſuas meſmas palavras he o ſeguinte: Em todo o tempo, que fui Meſtre de Noviços do Padre Ignacio Rodrigues na caza da Provação de Lisboa, fis conceito, que a ſua virtude mais que ordinaria, com que reſplandecia entre os outros Noviços, dava certas eſperanças de perſeverar nella pello tempo adiante, como moſtrou a experiencia: porque era muy dado à oração, & prezença de Deos, muy devoto, ſem biocos, nem ceremonias, muy candido, & ſincero com todos, & em particular com os Superiores, muy docil, & inclinado a todo o genero de virtude, & muy caritativo, & agradavel a todos, tomando muytas vezes pera ſi o trabalho, que era ſuperior a ſuas forças, por alliviar aos outros.

3 Em particular obſervei nelle hum eſpirito de mortificação, & penitencia, tão ſingular, que ſe lhe não fora à mão, negandolhe grande parte das penitencias, pera que me pedia licença, perderia as forças, & a ſaude, como hia perdendo com a muyta abſtinencia, que fazia; & por iſſo foy neceſſario porlhe taxa, determinandolhe com toda a meudeza a quantidade, que avia de comer, do pão, da porção, do poſpaſto, & mais couſas. E geralmente em todo o genero de penitencias, & aſperezas era tão fervoroſo, que algumas vezes me pareceo conveniente, reprehendelo com aſpereza, & ainda ameaçalo (pera lhe meter terror, & ver ſe com iſto o podia moderar) que o avia de deſpedir por extravagante, ſe não ſe emendaſſe.

4 Em huma noyte de ſeſta feyra da Semana Santa, depois de eu ter gaſtado com os Noviços tempo conſideravel em ſanctas conſiderações, & colloquios ao Senhor morto, & à Virgem Sanctiſſima em ſua ſoledade, os mandei reco-

recolhidos aos seus cubiculos, & dormir o restante da noyte. Dahi a pouco (ou a cazo, ou por alguma sospeita, que tive, de que o Irmaõ Ignacio faria alguma extravagancia naquella sagrada noyte) entrei em hum cubiculo, em que estava huma fermosa imagem de vulto do Senhor *Ecce homo*, & achei nelle ao Irmaõ Ignacio de joelhos atado pello pescoço com huma ponta da corda, que era comprida, com que a Santa imagem tinha atadas as maõs; & assim atado exteriormente, & interiormente com seu Deos estava em oraçaõ com hum gesto naõ devoto, que me compungio, & enterneceo.

5 Quando soube, que eu tinha a meu cargo o cuidado da Provincia, logo me escreveo huma carta, em que dizia: Agora sim, que tenho hum pay, que me há de conceder licença pera as mortificaçoens, & penitencias, que dezejo; & foy apontando muytas em particular: mas eu, que o conhecia bem, & sabia, que o seu espirito era maior, que as suas forças, o remeti ao arbitrio do seu Confessor, ao qual por terceira pessoa mandei avizar, que fosse muyto attento com elle, em lhe conceder as penitencias, que pedisse, porque era demasiadamente fervoroso neste particular.

6 Dous annos me andou pedindo com grande instancia a missaõ da India, particularmente huma vez, que me escreveo nesta materia huma carta muy larga, allegando, que tinha feito voto de ir, & outras muytas razoens com tanta descriçaõ, & espirito, que mostrandoa eu ao Padre Joaõ Pereyra meu companheyro, & Secretario da Provincia, se admirou muyto do grande espirito, & prudencia deste servo de Deos, dezejando summamente de o conhecer: & quando o vio no Collegio de Coimbra, se affeiçoou muyto à sua virtude, & agradavel modo de proceder.

7 Mas porque eu, por naõ defraudar a Provincia de tal sogeito, o desenganei, que lhe naõ avia de conceder licença de ir pera a India, instou com taõ repetidas, & fervorosas cartas, que entrei em escrupulo de lhe impedir a missaõ; & pera me livrar delle, propus a sua pertençaõ na consulta da Provincia, explicando aos Padres Consultores a virtude, & excellentes partes deste sogeito; & tendo pera mim, que naõ seriaõ de parecer, que a Provincia

clargesse; mas succedeo o contrario, porque todos emfim mente julgarão, que Deos o chamava pera a India. Com isto lhe deu licença com grande repugnancia minha; que parecia me adevinhava o coraçõ, que nem a India, nem Portugal o avião de lograr, como na realidade succedeo, anticipandose o Ceo a levar pera si, antes de chegar a Goa.

8 Athe aqui o testemunho do Padre Miguel Dias seu Mestre dos Noviços, & na sua carta me dizia, naõ cumpr mais particularidades das suas virtudes, porque já eras tinha de outras pessoas, & noticias nesta sua vida, que ell lhe mandei, pera a ler, & ver se nella avia alguma cousa, que differisse do conceito, & opiniaõ, que tinha deste servo de Deos, como quem sabia com mais certeza o teor de sua santa vida. Com este grande cabedal de virtudes se achava este servo do Senhor, quando no anno de 1702 o avizaraõ pera a missaõ da India, que tanto desejara, & naõ conseguira o seu Beato Luis Gonzaga. Pera ella se embarcou no dito anno. Entrado em a navegaçaõ sobrevieraõ muytas, & muy graves doenças em a nao. Nesta nao, como me disse hum Padre Missionario, nas viagens, que fez, sempre ouve muytas doenças, & assim parecia estar infecionada, como as casas em que há doenças contagiosas. Fosse, como fosse, ella se abrazou em doenças, de que morreraõ muytos passageiros.

9 Quis o Senhor dar esta occasiaõ ao Padre Ignacio Rodrigues, pera ser na morte imitador do seu Beato Luis, como o fora na vida, originandose sua morte de servir aos enfermos, como a do Beato Luis. Acodia com grande fervor a toda a sorte de miseraveis, sem fazer reparo em si.

10 O Padre Francisco Furtado da nossa Companhia seu condiscipulo, & companheiro me escreveo em huma sua o seguinte sobre os fervores, & morte deste seu bom companheiro: Depois, que nos embarcamos (diz o Padre) continuou sempre este Padre com o mesmo fervor de piedade, & como na nao crecião as occasioens, pera exercitar obras de caridade, a que o fervor o levava, era continuo nas confissoens, doutrinas, & acodir aos doentes, naõ se esquecendo de buscar na mesma nao lugar mais escuso pera tomar cada dia huma rija disciplina.

11 Assi-

Assistindo a noyte do Domingo da Resurreiçaõ pera a segunda feyra a hum moribundo, com cabio humа maligna, que em breves dias o tirou de seus sentidos; mas pouco antes de morrer, tornou em si com perfeito juizo, & se confessou comigo, que era já o unico Confessor, que restava na casa, por quanto o Padre João da Rocha já neste tempo naõ dava acordo de si; & eu posto, que estava tambem com maligna, vinha bom cada alguns intervallos, nos quais ficava em casa.

Este foy o unico Sacramento, que tomou o dito Padre, por naõ aver, quem lhe pudesse ministrar o do Santissimo Viatico; & querendolhe eu ministrar o da Santa Unçaõ, se achou naõ ávia o Santo oleo, por se ter entornado. Depois de confessado, passando algũ tempo me fez levar outra vez em bragos ao seu bellichel, & lhe perguntei, se tinha alguma cousa, de que se quizesse reconciliar, ou alguma pena? E me disse com boa semblante, que naõ.

Morreo nos principios de Mayo, & foy muy sentida sua morte de todos, dos quais era tido por Santo. Varias vezes me communicou os grandes desejos, que sentia de servir a Deos nestas partes: & naõ sei, se foy castigo de Deos aesta Provincia de Goa, privala de hum taõ grande fogoyro, em cujas oraçoens me encomendo muytas vezes pedindolhe rogue a Deos lá no Ceo por este seu indigno companheyro. Athe aqui a carta do Padre Francisco Furtado, em que refere a morte do Padre Ignacio Rodrigues. Depois me escreveo o mesmo Padre Furtado, que o Padre falecera em sinco de Mayo.

Tudo o que nesta vida fica escrito recolhi daquelles seus condiscipulos, & contemporaneos, que foraõ testimunhas de vista de suas virtudes, & me alegro muyto de ter feyto este pequeno obsequio a taõ santo discipulo, de quem fuy Mestre nas letras humanas em o Noviciado de Lisboa, & em quem sempre reconheci virtude mais, que ordinaria. Algumas cousas, que destes virtudes passaraõ mais reconditas, contava elle a alguns, que via inclinados à virtude nas praticas particulares, dizendo o que elle nesta, & naquella virtude exercitava; & sabia aquelle, diante de quem o dizia, naõ tinha nisto outro intento, se naõ fomentar a virtude naquelles, que via

viza a ella propenſos com alguma eſpecialidade, ſem niſſo intervir genero algum de vaidade, ou hipocrizia: dos quais vicios ſe ſabia eſtar muy alheyo o Padre Ignacio Rodrigues.

CAPITULO XLIV.

Vida do Padre Diogo Vidal Miſſionario da China, e de Tunquim.

Paſſa à China, alcança grandes favores pera a Cidade de Macao. Trata de abrir Chriſtandade em Quamſi.

No mar anno de 1704.

O Padre Diogo Vidal naceo em Rio de Mouro termo da Villa de Caſcais do Arcebiſpado de Lisboa. Seus pays ſe chamarão Domingos dos Santos, & Maria da Sylveira. Entrou na Companhia em Lisboa. Depois eſtudou no Collegio de Coimbra. No anno de 1684 ſe embarcou pera a India, com intento de gaſtar ſua vida nas miſſoens pertencentes a Macao. Paſſou à China, reſidio muytos annos na Provincia de Cantão fazendo com grande zelo todos os miniſterios de homem Apoſtolico, andando de humas em outras povoaçoens quaſi ſem parar acodindo aos Chriſtaõs. Eſta vida de todos os Miſſionarios he hum continuo exercicio de todas as virtudes, pois ſem ellas mal ſe poderiaõ ſofrer tantos incõmodos, & tantas fadigas, humas ſobre outras.

2 Naõ ſe atou a caridade deſte Padre aos ſeus Chriſtaõs de Cantão, fez hum grandiſſimo ſerviço à Cidade de Macao, porque ſem ella tal couſa cuidar, a bonrou, & livrou de opreſſoens iniquiſſimas, com que de continuo a aſſombravaõ, & deſenquietavaõ os Chinas, em cujas terras, & a cuja merce alli eſtá há tantos annos eſta gloriſa colonia de Portuguezes, & Deos com ſua eſpecial providencia a defende; porque acabando ella, ſe acabaõ as gloriosas Chriſtandades, que dalli dependem, & ſe fomentaõ.

3 No anno de 1692, em que o Emperador da China tinha dado por decreto Real liberdade, pera que no ſeu Imperio ſe pudeſſe livremente ſeguir, & abraçar a Ley de Deos,

Deos, se achava a Cidade de Macao opprimida da pobreza; assim por terem os contrahentes Portuguezes padecido grandes perdas nos seus contratos, como por causa dos Chinas, que moravaõ na Cidade, & tinhaõ algum genero de mando. Estes, & outros vadios Chinas cada dia sahiaõ com historias, & enredos, pera tirarem dinheiro dos pobres Portuguezes; com as quais molestias muyto perturbavaõ a todos, nem ellas eram facilmente remediaveis.

4 Sabendo os Senhores de Macao o grande valimento, que o Padre Diogo Vidal tinha com o Viso-Rey da Provincia de Cantaõ, lhe enviaraõ huma petiçaõ, em que delatavaõ as suas molestias, & causa dellas; pera que fizesse por alcançar do Viso-Rey provizaõ, com que se puzesse remedio a tantos desaforos. Tinha este negocio gravissimas difficuldades, mas todas venceo o bom meneo, & diligencias, que o Padre aplicou, sem despezas da Cidade, que se tal quizesse concluir à força de dinheiro, faria gastos immensos, & mais provavel era, que sem effeito: pois alẽ de outras cousas era preciso mãdar sahir de Macao muytos moradores Chinas, que eraõ a origem destas perturbaçoens. Tudo conseguio, porque sincoenta, & oyto mercadores Chinas foraõ mandados despejar, & naõ pôr mais pé em Macao. Com isto ficou a Cidade desabafada, mas naõ o ficou o Padre Diogo Vidal.

5 Da valhe grande pena vêr o desprezo, com que os Chinas tratavaõ aos Senhores mais nobres de Macao, a os Templos, & aos Sacerdotes. Quanto aos nobres os tratavaõ os Mandarineres Chinas diante dos tribunais mayores como a subditos. Aos Padres chamavaõ Bonzos; ao Senhor Bispo Rey dos Bonzos, às Igrejas Pagodes, aos do governo nomes de pouca estimaçaõ; como tambem o eraõ todos os sobreditos nomes. As quais cousas, que na Europa naõ mostraõ a vileza, que alli ingem, remediou o Padre, alcançando do Viso-Rey hum alvará, em que a todas as cousas se davam nomes graves, & decentes. Ao Bispo se chamava Doutor da sabedoria, que governa a Igreja. A Igreja, Sala do Senhor do Ceo, & nesta conformidade se foraõ dando às mais cousas nomes de respeyto, & autoridade, pelos quais só seriaõ dalli por diante nomeadas. E isto se observa entre os Chinas com notavel rigor, ninguem pode fazer o contrario sob gravissimas pe-

nas,

nas, que elles à risca executaõ. Foraõ todas estas graças, que o Padre conseguio de grande homa pera a cidade, & pera as cousas da Religiaõ. O dito alvara se mandou em Macao abrir em huma grande pedra, & pôr em lugar publico, pera que à sua vista mudem os Chinas o desprezo, que tinhaõ de nossas cousas em estimaçaõ. Cousa foi esta de tanto porte, que com razam pode a cidade de Macao contar ao Padre Diogo Vidal entre os mais insignes bemfeitores.

6 Naquella missaõ naõ avia perseguiçoes, & assim vivia o Padre quieto discorrendo pellas aldeas, em que avia Christaõs, os quais ordinariamente eraõ muy pobres, & sendo que os Chinas geralmente saõ ricos, & naõ taõ fervorosos como outras Christandades do Oriente, avia muytos de grande devoçaõ, & fervor, especialmente nas molheres, em quem o amor de Deos naquella terra mais se atea, porque nellas acha melhor disposiçaõ. Tem na China as molheres grande honestidade, & recolhimento, por isso saõ as vidas mais innocentes. Na Igreja se naõ ajuntaõ com os homens, mas tem Igrejas à parte, aonde assistem aos officios divinos com toda a quietaçaõ, & modestia.

7 Naõ se atando o P. Diogo Vidal só às aldeas, que a seu cargo estavaõ, determinou abrir nova missaõ na provincia de Quamsi. O Collegio de Macao dentro da China tem por destrito seu as provincias de Quantum, onde está Cantaõ, & a provincia de Quamsi, a cuja metropoli foy o Padre Diogo Vidal. Esta provincia confina com o Reyno de Tunquim: já nesta ouve antigamente Padres da Companhia, mas fosse ou por guerras, ou por maos climas naõ duraraõ ali muyto, nem a este tempo se sabia, onde tivessem vivido, ou fossem sepultados.

8 Depois que o Tartaro entrou na China, & della se fez senhor, esteve aquella provincia muytos annos sem se sogeitar, & depois de estar sogeita, assim por aver falta de sogeitos, como pellas grandes dificuldades, que costuma aver naquelle Imperio em abrir novas Christandades, naõ ouve modo, com que se pudesse mandar algum Padre àquella provincia; ate que no anno de 1683, governando aquellas duas provincias hum Mandarim afeiçoado aos Padres da Companhia, que tinha comigo hum secular, que estimava, este fora irmaõ da Companhia, o Padre Philippe chi bem conhecido pello grande milagre, que nelle obrou

Saõ

São Francisco Xavier, se quis aproveitar da ocaziaõ, pera introduzir em Quamsi algum Missionario.

9. Em primeiro lugar deu ordem a cazas na metropoli, pera depois ir o Padre. As cazas se acharaõ, offerecendo-as o Governador àquelle secular, & elloas offereceo aos da Companhia. Naõ bastava isto pera algum Padre poder emprender aquella viagem: pois os Chinas de nenhuã sorte ali permitiriaõ estrangeiros, nem o Mandarim, por ter outros superiores, com o seu favor podia emparar os Padres, quanto bastava pera ser firme a segurança.

10. Ha nos Chinas hum costumo entre elles de grande piedade, & he visitar as sepulturas de seus antepassados, & he crime impedirse a alguem esta piedade. Deste meyo se aproveitaraõ nesta ocasiaõ os Padres. E assim se fez huma petiçaõ ao supremo Mandarim, pedindolhe permitisse, foi se ali hum Padre a tratar das sepulturrs dos nossos. O Mandarim poz o seu despacho, peraque o Governador da cidade Metropoli de Quamsi examinasse, se avia ali sepulturas de nossos. Esta petiçaõ mandou entregar ao Padre Philipuchi, que visto ter jà cazas, & ser o Governador da cidade afeiçoado, podia mandar là Padre com bastante segurança. Assim por estar o despacho passado em nome do Padre Joaquim Calmes, & este falecer, como por outros embaraços, cessou por entaõ esta empreza.

11. No anno seguinte vendo os Clerigos Francezes, quàm bem corria com os da Companhia aquelle grande Mandarim, & que entre os Mandarins naõ se faz delles aos da Companhia a distinçaõ, que hà entre huns, & outros, pertenderaõ dar à execuçaõ, oque intentara, & tinha em aberto o Padre Philipuchi: pera isto differaõ, serem irmaõs do nosso Padre Verbeest, que era Presidente das Matematicas, visitaraõ, & fizeraõ seu prezente ao Mandarim, tratoudos como aos da Companhia. Meteraõlhe huma petiçaõ na forma, da que fica dita; que teve o mesmo despacho.

12. Naõ passaraõ muytos dias, em que hum dos Clerigos teve naõ sei que desconfiança de hum Christaõ, que neste negocio os tinha ajudado; levado ou da hua payxaõ, ou por meter medo ao Christaõ desembainhou huma catana, com aqual deu alguns golpes em hum livro de couro, onde o Christaõ (segundo he estilo dos Chinas) guardava

os

os papeis das vizitas. Divulgouſe o deſacato entre os Chinas, & chegou ao Mandarim; ao qual moderaraõ com lhe dizerem, que aquelle homem tinha de quando em quando furias de louco.

13 Com tudo ordenou o Mandarim ao Chriſtaõ, que lhe levaſſe o ſeu deſpacho. Os Clerigos perſuadidos ſer aquillo naõ do Mandarim, mas do Chriſtaõ, naõ lhe quizeraõ entregar o papel. O Chriſtaõ ſe ouve com cautela reſpondendo ao Mandarim, que como aquelle homem eſtava louco, temia pedirlhe o papel, porque poderia fazer alguã deſatino. O Mandarim, que era prudente, & naõ lhe faltavaõ caminhos pera impedir a execuçaõ do ſeu deſpacho, calou, & ſó diſſe: embora, perderaõ o ſeu viatico, & gaſtos da jornada. De tudo iſto foraõ avizados os Clerigos, mas de nada fizeraõ cazo. Trataraõ do caminho, como aviaõ neceſſariamẽte de paſſar pella cidade, onde eſte Mandarim eſtava, o tornaraõ a viſitar, porem o Mandarim ſe naõ quis ver com elles, mas ainda os tratou com honra, reſpondendo ao ſeu papel das viſitas, & mandandolhe algumas couſas de comer. Pera contraminar o ſeu primeiro deſpacho avizou aos Mandarins da Metropoli, que ſe lá apareceſſem huns eſtrangeiros com tal deſpacho ſeu, ſoubeſſem, q̃ eſtava revogado, & era de nenhum vigor.

14 Continuaraõ os Clerigos a ſua viagem, & chegando à Metropoli viſitaraõ hum Mandarim, que os recebeo bem. Deu eſte logo conta ao Viſo-Rey dos novos hoſpedes, o qual por ter o avizo ſobredito, ſe enfadou, & mandou meter logo em prizaõ ao China, que os guiara. Com iſto o Mandarim ſe foi ter com os Clerigos, contandolhes, o que paſſava, & dizendolhes, ſe voltaſſem logo, ſe naõ queriaõ ter algum grande trabalho. Aſſim o fizeraõ tirando deſta jornada nenhuma outra couſa mais, que gaſtos, & deixarẽ na mais difficultoſa.

15 Ficaraõ muy ſentidos os Clerigos, & ſem advertir nas couſas, que deraõ, a ſe fruſtrar o ſeu trabalho; imaginaraõ, que tudo lhes viera do Padre Francisco Xavier Philipuchi, que aſſiſtia em Cantaõ, & era Viſitador da Companhia. Sobre iſto formaraõ grandes queixas contra o Padre, & o citaraõ a juizo. No que ouve muytos dares, & tomares, que naõ fazem ao meu intento: o qual ſó foi com eſta breve noticia moſtrar a difficuldade da empreza, que tomou

mou em serviço de Deos o Padre Diogo Vidal, & as causas de naõ conseguir adequadamente, o que pertendia.

CAPITULO XLV.

Da jornada, que o Padre Diogo Vidal fez à Metropoli de Quamsi, pera fundar nova Christandade.

PAssaraõ os annos athe 1692, sem se tratar de fazer Christandade na Metropoli de Quamsi. No anno de 92 sahindo o decreto, pello qual se concedeo a liberdade da ley de Deos na China, escreveo o Padre Vidal ao Padre Visitador Francisco Nogueyra, acodisse às almas da provincia da Quamsi, pois eraõ annexas às missoens do Collegio de Macao, & na tal provincia naõ avia Igreja alguma. Estava a provincia de Macao pobre, mas naõ obstante isso o Padre Visitador ajuntou dinheiro, que enviou ao Padre Vidal com ordem, aque puzesse todas as industrias, pera passar à Metropoli de Quamsi, & nella abrir Igreja, & Christandade.

2 Preparouse o Padre com alguns presentes pera os Mandarins, juntamente vio, se avia a carta de doaçaõ, ou de venda das cazas na Metropoli, mas só se achou a petiçaõ com o despacho em nome do Padre Joaquim Calmes; as cazas já estavaõ em terceiro senhor. Confiado em Deos, & levando carta do Padre Antonio Thomas, que era valido do Emperador, pera o Supremo Mandarim daquellas provincias, & outra pera o Viso-Rey de Quamsi, se poz a caminho aos 13 de Dezembro de 1692. Preparando hum presente de oyto cousas visitou ao Supremo Mandarim, o qual o tratou com tanta honra, que dis o Padre, naõ cria, que depois que a China he China, Mandarim de tanta dignidade fizesse semelhante honra a homem Europeo.

3 Era a caza deste homem taõ alteada, que huma Irmãa do Emperador estava cazada com hum Irmaõ deste Mandarim. Recebeo elle todo o presente do Padre, que tambem isto he honra grande, & singular favor. Deu de premio aos moços seis tacis, mandou logo ao barco presente de oito cousas de comer, & no dia seguinte foi em pessoa pagar a visita, cousa, que naõ fazem senaõ a pessoas da sua

calidade. No terceiro dia convidou ao Padre pera banquete. Viſitou aos outros Mandarins, & todos à viſta da honra, que o Supremo lhe fizera, o trataraõ com a meſma cortéſia.

4 A eſte Mandarim deu noticia, em como na Metropoli de Quamſi tiveraõ os da Companhia caza, aqual por falta de comodidade naõ tinhaõ ido concertar, que lhe pedia hum mandado, peraque o povo daquella cidade o naõ impediſſe. E tambem lhe diſſe das ſepulturas dos *noſſos*. Paſſou o Mandarim ordem ao Governador da Metropoli, peraque examinados aquelles pontos, & achando ſerem como a petiçaõ dizia, de tudo deſſe proviſam ao Padre.

5 He eſtilo entre os Chinas fazerſe logo aviſo a todo o deſtrito do Supremo Mandarim, das couſas notaveis, que em ſeu tribunal ſuccedem; & aſſim ſe divulgou logo a extraordinaria honra, comque tratou ao Padre. Deſpedioſe o Padre pedindolhe guarda, por ſer o caminho infeſtado de ladroẽs. Ordenou elle, que de humas em outras eſtancias de ſoldados certo numero acompanhaſſe ao Padre athe a Metropoli de Quamſi. Tudo ſe executou à riſca, porque na China a obediencia aos Mandarins he *pontualiſſima*, por quanto elles ſe fazem mui reſpeitados. Por todo o caminho viſitava aos Mandarins das cidades, os quais todos imitavaõ o exemplo do Supremo Mandarim. Com eſta ocaſiaõ ouve por todas aquellas terras alguma noticia da ley de Deos, que aquelles povos naõ tinhaõ.

6 Aos nove de Janeyro de 1693 chegou à Metropoli de Quamſi. Era jà perto da noyte, & o Viſo-Rey tinha fechado o ſeu palacio. Com tudo pareceo conveniente ir logo viſitalo, aſſim porque jâ todos ſabiaõ da chegada do Padre, como porque ſeria muyto mais honra, & credito, ſe naquelle tempo ſe viſſe com o Viſo-Rey. Tinha o Padre naõ ſó tençaõ de abrir ali Igreja, mas ſe pudeſſe tambem comunicaçaõ com os noſſos Padres de Tunquim, & Cochinchina, porque ſeria eſta communicaçaõ de grandes utilidades, pera ſerem providos os Miſſionarios. Teve eſta viſita bom ſucceſſo, porque o Viſo-Rey o recebeo, & naõ permittio foſſe para o barco, antes o mandou apoſentar em huma hoſpedaria ſua, & pôr à porta guarda de ſoldados, como a peſſoa illuſtre. No dia ſeguinte o foi viſitar levando conſigo o ſeu châ Tartaro, que ſe fez com leyte; he eſta corte-

cortesia final de grande honra, porque he dar a entender, que em pessoa vai servir ao hospede.

7 Deulhe a carta do Padre Antonio Thomas, & quãdo vio lhe falava em Igreja, ficou suspenso; & respondeo, que elle naõ podia dar tal licẽça, visto ali naõ termos antes casas, & como o Padre referisse a licença, que antes se dera ao Padre Joaquim Calmes, respondeo, que essa fora revogada aos Europeos, que antes lâ tinhaõ ido: por quanto este era o mesmo Viso-Rey, que teve as desconfianças com os Clerigos Francezes. Declarouhe o Padre, que aquelles Clerigos naõ eraõ da Companhia, por tanto que o despacho do Padre da Companhia estava em pe, & só se dilatara por causa de morrer o Padre.

8 Como os outros Mandarins costumaõ observar, & acomodarse à vontade do poder mayor, como entenderaõ a desafeiçaõ deste à nova Igreja, todos foraõ desviando o negocio, & pertençaõ do Padre. Vendo elle, que estando o Viso-Rey averso, era remar contra a marẽ, considerando tambem, que entender com as cazas antigas era trabalho de balde, tratou de comprar outras por terceira pessoa, pois ao Padre ninguem se atreveria a venderlhas por medo do Viso-Rey. Hum mancebo China, que o acompanhava, comprou humas com pretexto de serem pera seu Pay, & as trespassou aos Padres.

9 Estando este negocio nas sobreditas alturas, tendo o Padre tomado o pulso às cousas, julgou que o deterse mais tempo tinha seus perigos, porque podia descahir da grande honra, em que estava; & tambem porque os moços lhe adoeceraõ todos, por ser clima de roins ares. Por estas causas tratou de se despedir. Na despedida tambem o Viso-Rey lhe fez notaveis honras, & lhe mandou de presente sessenta taeis, quatro peças de seda, dous copinhos de prata, & quatro colheres. Recebeo o Padre as mais cousas, excepto a prata, porque tambem o Viso-Rey recebeo parte do prezente do Padre. Nestes fins lhe disse o Padre amigavelmente, que naõ sabia, se algum dos Padres o tinha agravado, pois com elle mostrava estes rigores. A isto disse o Viso-Rey, que antes o Padre Verbiest lhe tinha dado hũs oculos, & tambem conhecia ao Padre Thomas Pereyra, que de nenhum fora desgostado, mas que elle naõ podia dizer contra o que julgava; & pegando da maõ ao Padre

em final de benevolencia lhe disse duas, ou tres vezes, não imaginasse, era seu contrario.

Ainda que o Padre nesta viagem não conseguio os intentos de abrir Igreja; foi esta jornada de grandissimo credito pera nossa Santa Fé, entre aquellas gentes, onde era desconhecida. Levava o Padre quantidade de devotos, que repartio por todos os Mandarins assi nas cidades, por onde passou, como na Metropoli de Quansi. Mandou tambem alli imprimir o decreto do Emperador, & repartio muytas copias delle, deixandoas tambem fixadas nas portas da hospedaria; peraque soubessem a via no Imperio si herdade de seguir a ley de Deos. Como o Padre era tratado com tanta honra, & sahia pellas ruas já a cavallo, já em cadeira; sahião innumeraveis a velo, & lhe chamavam hum grande Senhor da ley de Deos: donde se seguio, que nem grande, nem pequeno deyxou de saber havia ley de Deos.

Nem esta fama foi sem fruto espiritual das almas: porquanto à gente, que os Mandarins derão ao Padre pera o servir, mandou elle ensinar o catecismo, & deu livros, & baptizou a tres, que se dispuzerão, & instruirão, quanto bastava. Antes de se partir, vierão juntos todos os Escrivães, de hum tribunal com seu papel de visita, pedindolhe quizessem deixar ver ao Padre, porque o querião conhecer, & abateilhe cabeça. No papel disião, vinhão abater cabeça, & entrar na ley. Na mesma hospedaria disse o Padre muytas vezes Missa. Na volta foi visitando segunda vez aos Mandarins. Chegando à cidade, onde residia o Supremo Mandarim, o visitou, & lhe fez petição, em que declarava o succedido particularmente àcerca das cazas, que estavão em outro dono. Insistia o Padre nisto, não pellas cazas, mas porque fazia muyto à sua pertenção saber se tiverão antes alli cazas os da Companhia. Tambem nesta occasião fez restituir a sepultura do Padre Nicolao Smogolesqui Polaco, sobre a qual indignamente se tinhão levantado algumas cazas de soldados, & outro povo. Por petição do Padre as mandou logo derrubar, & restituir a sepultura, segundo estilo Sinico. Não foi este favor não pequeno, que o Padre Verbiest o não pertendesse os annos antes, & o não pôde alcançar, sem pera isso ser bastante sua grande autoridade, & muyto valimento com os Mandarins.

12 Esta provincia de Quamsi he huma das mais despovoadas da China, montuosa, de ares, & agoas roins. Tem quatro generos de gentes, que os Chinas distinguem por letras, que significam alguns animais, porque tem a estas gentes por barbaras, & huma daquellas quatro castas dizem ser gente, que todos nacem com cauda como bruros. Hà entre os Chinas huma grande politica, que nenhum Mandarim hà de ser natural não só da terra, mas nem ainda da provincia, onde governa; porque a fim estão os naturais mais sogeitos. Só esta provincia além do Supremo Mandarim tem hum natural da terra. Os naturais ordinariamente não vivem nas Cidades, porque nellas moraõ Chinas de outras provincias, mas em aldeas, & palhoças fora das cidades, & pellos campos.

13 He provincia pobre e muy infestada de tigres, & serpentes. O caminho de Cantão athe a Metropoli daquella provincia he hum rio continuado, mas chegando à provincia todo corre entre montes muy perigoso assim pela peçonha, como por outros incomodos, que só a paciencia dos Chinas o pode navegar, pois he huma continua subida de montes, & em partes parece mais facil levar os barcos aos hombros, que pella agoa. E dis o Padre, que havia dia, no qual por causa destas subidas escaçamente se podia andar legoa, & meya com excessivo trabalho dos marinheiros: se ficaõ fora das estancias dos soldados, ha grande perigo de ladroens, & dos tigres, & de noyte huns, & outros fazem preza nos passageiros. De huma ves correo o Padre grande perigo, porque as agoas corriaõ com tal furia, que levaraõ comsigo o barco, & a os marinheiros, que por cordas o puxavaõ à sirga, & dando em huma pedra esteve quasi perdido, fez muyta agoa, & viveraõ bem, que lidar, pera se ver fora deste trabalho. O Padre Diogo Vidal attribue ao Anjo da Guarda, escaparem de perigo tam evidente. Esta he em suma a jornada, que pera gloria de Deos o Padre Vidal emprendeo. No que toca ao caminho, que procurou abrir pera Cochinchina, & Tunquim, por incomodos, que isso por então teve, naõ forão effeito. Consideradas bem as cousas de Quamsi, julgou o Padre, que continuandose em fundar alli Christandade, seria a missaõ huma das mais trabalhosas, & Apostolicas da China.

CAPI-

CAPITULO XLVI.

Passa o Padre Diogo Vidal a Tunquim, & de algumas cousas que passou, athe ir pera a aldea de Hien.

1 DA China passou este fervoroso Padre por ordem da obediencia ao Reyno de Tunquim. Esta viagẽ se fez no anno de 1694. O Padre Provincial Francisco Nogueyra, sendo Visitador tinha metido às escondidas em Tunquim alguns Religiosos da Companhia, por quanto estava alli prohibida com severas leys a promulgaçaõ da fé. Na volta pera Macao disse El-Rey ao Padre Francisco Nogueyra, que voltando o barco, & levandolhe alguma louça da China trataria da estancia dos Padres no seu Reyno: cõ esta tanta, ou quanta esperança, o Padre Francisco Nogueyra, já Provincial, & os mais Padres de Macaõ julgaraõ, que convinha a jornada por ver, se o Rey compria sua palavra, & seria de grande consolaçaõ pera toda a Christandade, se os Padres alli assistissem às claras.

2 Pareceo ir em pessoa o Padre Provincial, por quanto se o Rey o naõ visse lá, se poderia desculpar com isto, pera naõ deyxar ficar os Padres; levou comsigo às claras aos Padres Diogo Vidal, & Joaõ de Sequeyra; & disfarçados pera os esconder no Reyno ao Padre Isidoro Luci Italiano, & mais a dous Padres, & hum Irmaõ de naçaõ Tunquins. Partiraõ de Macao aos 29 de Março de 1694, chegaraõ a Tunquim aos 15 de Abril.

3 Logo que chegaraõ, antes do barco ser visitado, os tres Padres se meteraõ às escondidas pella terra dentro, cõ ornamentos sagrados, & cousas de devoçaõ, porque vindo às maõs dos gentios seriaõ queimadas. Entraraõ os Mandarins no barco, levaraõ do fato, quanto quizeraõ, naõ deixando nem ainda o necessario, pera se aviar pera a volta a Macao.

4 A o Padre Provincial, & aos dous Padres Joaõ de Sequeyra, & Diogo Vidal, os levaraõ à Corte, & ao Irmaõ Ignacio com titulo de Moço dos Padres. Chegados à Corte foraõ admitidos à presença do Rey, que os tratou com benevolencia, & recebeo os prezentes, assim elle como o

Prin-

Principe. Visitaram aos principais Mandarins da Corte, & todos lhe deram boas esperanças, de que el-Rey os deyxaria ficar no Reyno, o que os Europeos Inglezes, Olandezes, & Francezes julgavam por impossivel por causa do grande odio, que elles sabiam tinha o Rey à Ley de Deos.

5 Os Feytores Inglezes, & Olandezes visitaram aos Padres, como alli costumaõ os Europeos, quando alguns vem de novo, só o Bispo de Auren, & os seus Clerigos Francezes faltaraõ nesta benevolencia, cousa de que muyto se escandalizaram os mesmos hereges. Por quanto estes Francezes se queriam alli introduzir cõ o governo espiritual, sendo aquelle Reyno da jurisdiçaõ do Bispo de Maçao, & do padroado dos Reys de Portugal: pelo pouco que gostavaõ de ver naquellas terras aos da Companhia, os naõ visitaram, devendo pello menos dissimular a sua payxam, por naõ dar, que falar aos hereges.

6 O alvoroço, & alegria dos Christaõs, & Catequistas foy taõ grande, que chorараõ de consolaçaõ. De todas as Provincias concorreram à caza dos Padres; era tanto o fervor, que por evitar alguma revoluçam nos gentios, os Padres naõ admitiam visitas se naõ de noyte, & de poucos. Mas ainda que a diligencia dos Padres foy grande, valeo pouco; porque era tanto o dezejo de os ver, que rompiaõ as paredes das cazas, & entravam; por serem as cazas de palha naõ era difficultosa a irrupçaõ. Se os Catequistas os reprehendiam; a reposta era, que naõ queriam mais, que ver aos Padres, & voltar; & alguns ouve, que estiveram tres, & quatro dias esperando às portas da caza alguma conjunçaõ de falar com os Padres.

7 A mislam estava muy perturbada com aquelle Bispo, & Clerigos Francezes, porque o Bispo, & seus Clerigos diziaõ, que todos os que se confessavaõ com os da Companhia, hiaõ pera o Inferno, pois naõ tinhaõ poder pera absolver. Levava o Padre Vidal provisaõ do Bispo de Macao, pera ser alli seu Vigario da vara, o que aceytou por naõ aver clerigo, que o fosse. Fez logo sabedor ao Bispo de Auren da sua provisaõ, & lhe mandou mostrar a Bulla justificada, pella qual constava ser o Bispo de Macao Prelado daquellas Christandades: porem elle se deyxou ficar com estes papeis, & à carta respondeo, ser elle, & naõ

naõ o Biſpo de Macao Prelado daquella Igreja; & mandou intimar aos Chriſtaõs, que o ſeguiaõ, que todas as confiſſoens feytas com os Padres da Companhia eraõ nullas, por naõ terem poder pera abſolver. Bem ſe deyxa ver a perturbaçaõ, que tais diviſoens cauſariaõ, & certo que eſtas Chriſtandades por cauſa deſtes Clerigos tem padecido muyto detrimento, pois he ſem duvida, que ſe achou, que muytos eraõ inficionados com os erros de Janſenio, & transfundiaõ eſta ſua peçonha nos neofitos; & porque os da Companhia ſempre a ferro, & a fogo perſeguem aos hereges, por iſſo tanto os aborrecem. Saõ os Janſeniſtas gente muy diſſimulada, & por eſta razaõ perſeguem mais a ſeu ſalvo, vendendoſe virtuoſos, ſendo que ſaõ lobos com pelle de ovelha.

8 Muytos faziaõ negociaçaõ das confiçoens, aceytando dinheiro por ellas, couſa na verdade, que as fazia pezadas. E os pobres Chriſtaõs ſe perſuadiaõ, que ſem dar dinheyro naõ avia abſolviçaõ. Ao noſſo Padre Leaõ Gonzaga lhe ſuccedeo niſto hum cazo, que quero referir, & prova bem a perſuazaõ, em que a avareza de tais Miſſionarios tinha metido aos neofitos. Pediolhe *hum Chriſtaõ*, ſe o queria confeſſar; reſpondeo o Padre; que de boa vontade: tirou logo da bolſa couſa de huma pataca, que deu ao Padre, & elle a aceitou perſuadido ſer alguma reſtituiçaõ. Ficou o penitente parado, entaõ lhe diſſe o Padre, que determinava com aquelle dinheyro? Imaginou o homem, que o Padre fazia reparo em ſer pouco; & diſſe: Padre, eu ſou hum homem pobre, & naõ tenho por hora mais, que eſte dinheyro; ſe naõ baſta pera eu poder confeſſar todos os meus pecados, confeſſarei tres, ou quatro; & quando tiver mais, entaõ o trarei, & confeſſarei os outros. Ficou o Padre atonito com tal couſa, & lhe deu logo o dinheyro, dizendo, ſe confeſſaſſe, pois os da Companhia naõ levavaõ dinheyro por confiſſoens. Confeſſado eſte foy dar novas aos outros Chriſtaõs, de que eſtava alli hum Padre da Companhia, que confeſſava de graça. Cauſou eſta entre elles novidade tanto abalo, que teve o Padre de os confeſſar a todos, & os deyxou conſoladiſſimos, rogandolhe, que paſſaſſe por alli muytas vezes. Neſta materia pudera eu contar muytas couſas, mas naõ hà porque deter em referir ſemelhantes deſordens, que naõ

podem

podem deyxar de cortar o coraçaõ aos Religiosos da Companhia, pays, & primeyros Apostolos daquellas Christandades.

9 Depois de o Padre Provincial vizitar grande parte daquella Christandade, sem nisso ter impedimento, voltou à Corte, aonde deyxara aos Padres Diogo Vidal, & Joaõ de Sequeyra, que alli tinhaõ feyto muytos serviços a Deos, & só o Padre Vidal tinha baptizado 225 adultos, sendo que avia só tres mezes estavaõ na Corte. Imaginava o Padre Provincial, que voltaria no barco pera Macao, & queria saber do Rey o modo, com que os dous Padres alviam de ficar descubertos em Tunquim. Feitas todas as diligencias pera effeito deste negocio, foy o despacho del-Rey, que os Padres poderiaõ ficar em Hien, que he huma aldea depputada pera morarem todos os estrangeyros. Ordenou mais, que ficassem entregues ao Governador da Provincia do Sul.

10 Este chamou logo aos Padres, & lhes disse, que el-Rey lhes dava a licença de ficarem em Tunquim com os moços, que trouxeraõ de Macao, porque naõ era contente se servissem com Tunquins. Acrecentou mais, que naõ tratariaõ os Padres com os Christaõs, nem prègariaõ aos gentios. Naõ ficaraõ contentes os Padres, mas responderaõ, que no que pudessem, & fosse licito, naõ faltariaõ em dar gosto a el-Rey. Responderaõ com esta equivocaçaõ, porque todos os Christaõs lhes asseguravaõ, que tudo aquillo era medo, que lhe queriaõ meter, & q̃ os Tunquins logo se esfriavaõ na execuçaõ de suas leys. Naõ sentiaõ os Padres tanto o ficar em Hien, quanto averem de estar debayxo das disposiçoens, & querer do Governador daquella Provincia, que era inimigo capital dos Christaõs, & da santa Cruz em tanto extremo, que vendo em hum dia, que pór occasiaõ de festas, que se fazião a el-Rey, huma nao Ingleza lançara a sua bandeyra, em que esta naçaõ usa da Cruz, elle a mandou tirar, & queimar, sem ter algum respeito à solenidade do dia.

11 Sendo pois tal este homem, julgaraõ os Padres por cousa ociosa ficar em Hien: a isto disseraõ os Christaõs; que aquella habitaçaõ era commua aos estrangeyros, & que alli estiveraõ já os nossos Padres quasi com o mesmo aperto, & prohibiçaõ, & actualmente estavaõ os Cleti-

gos Brancezes: só o Bispo de Auren depois de muytos annos com muytos prezentes, que deu ao Rey, & Mandarins, alcançou morar na Corte com trajos de secular, & mercador, tratandose por Feytor del Rey de França: & da dita Corte não só não podia sahir às aldeas, mas nem na Corte podia tratar com os Christãos, se não às escondidas. Demais que tambem os Padres, ao menos trez vezes no anno, avião de ir à Corte offerecer seus prezentes ao Rey; & que neste tempo ainda que às escondidas podiam tratar na conversam dos gentios, & sacramentar os Christãos. Disto resultaria novo animo nos Christãos, sabendo que o Rey tinha concedido licença, de ficarem os Padres descubertos no seu Reyno: a qual cousa não era pequeno favor, sendo tanto o odio, que os gentios tinhão à fé: que as cousas podião tomar outro semblante, & conseguirse alguma liberdade.

12 Por estas razoens julgarão os Padres, convinha ficar ainda com aquelles aperos. Toda a duvida era, se ficaria tambem o Padre Provincial, porque os Christãos instavam, que ficasse. Muytas razoens tinha pera voltar pera Macao. Primeyramente nem elle sabia a lingua da terra, nem a sua muyta idade dava já lugar pera a aprender. Alem disto o Padre, que lhe avia de succeder no governo, não poderia vir a Tunquim, pera se inteyrar dos negocios do governo, que estavam em aberto. A tudo se ajuntava estar o Collegio de Macao muy falto de sogeytos. Por estas razoens disseram os Padres ser conveniente a sua partida. Logo que o Mandarim teve disto noticia, mandou intimar aos Padres, que se o Padre Provincial se fosse, tambem os mais se aviaõ de partir com elle. Isto supposto se resolveo o Padre Provincial a ficar, esperando occasião, em que sem detrimento alcançasse licença, pera se ir pera Macao, como em effeyto succedeo, como adiante refirirei.

13 Aos 7 de Agosto de 1694 estando o Padre Provincial muy doente mandou o Governador, a quem os Padres estavam encommendados, que logo se fossem pera Hien em companhia de hum seu soldado, o qual lhe apontaria lugar, onde assistissem athe sua chegada. Logo os Padres com tres moços, que trouxeram de Macao, & com o Irmaõ Ignacio Martins, se puzeram a caminho. Deixou o Padre Provincial o seu fatinho na Corte, porque o Mandarim

darim os admoĥira, que lhe avia de queymar todas as couſas de devaçam, que no ſeu fato lhe achaſſe. Levarão ſomente alguns livros, & hum ornamento pera dizer Miſſa diſſimulado com a outra roupa, & fato.

14 Tanto que os 3 Padres chegaram a Hien, que diſta da Corte tres dias de caminho, começaram a experimentar trabalhos; porque logo que deſembarcaraõ, o ſoldado os levou à caza das vigias dos ſoldados, onde coſtumavam eſtar os malfeytores prezos; alli os entregou ao Capitaõ dos ſoldados, que os recebeo com muyta galhofa; encõmendou às vigias, que naõ deyxaſſem fallar com elles a peſſoa alguma; & que nem a buſcar de comer ſahiſſe algum, ſem ir com boa guarda. Sobre eſtas recomendaçoens, os meteram em hum canto daquella triſtiſſima caza, naõ ſó eſtreyto, & immundo, mas tam cheyo de ratos, & formigas, que naõ podiam os Padres pôr os pés no chaõ, ſem ſerem moleſtados daquellas levandrjas. Tomaram por melhor partido irem dormir entre os ſoldados, que com os ſeus tangeres, & deſenvolturas os naõ deyxavam pegar no ſono. A todos iſto moleſtava grandemente, & mais ao Padre Provincial por cauſa da doença, que o affligia.

15 Chegando pouco depois o ſeu fatinho, ſe ajuntaram à roda delle os ſoldados, & meudamente foram vendo tudo, pera ver ſe achavam veronicas, & couſas de devaçam. A cazo encontraram duas contas, & huma veronica, & como ſe tiveſſem dado em alguma grande preza, fizeram muyta feſta; naõ ſó naõ quizeram reſtituir eſtas couſas, mas de novo tornaram a revolver o fato. Mas como naõ achaſſem mais das couſas, que buſcavam, inveſtiram com os Padres, & lhes mandaram tirar tudo, o que traziam nas mangas, & algibeyras. Foram abrindo os livros, & breviarios, & como nelles viſſem as eſtampas, os foram pondo tambem de parte, pera os levarem. Depois de muytas inſtancias, reſtituiraõ os breviarios com condiçam, que vindo o Mandarim da Corte, & pedindo eſtas couſas lhas entregariam: ſó o ornamento da Miſſa por vir de miſtura com as outras couſas eſcapou. Dando com a' pedra de ara, a deſcozeram, & achando no meyo a ſancta Reliquia, ſe perſuadiram avia alli couſa de preço, & tanto cavaram, & boliram, que ſe naõ deram por ſatisfeytos athe lhe naõ verem o fundo.

16 Com escapar o ornamento, em dous mezes lhe não foi possivel dizerem huma só Missa, temendo ser sentidos, porque as vigias eram rigorosissimas de dia, & de noite. Huma só consolação os alentava, & era, que vindo da Corte o Mandarim afroxariam alguma cousa destes rigores. Porem estas esperanças brevemente se vio, que eram fallidas.

CAPITULO XLVII.

Padece o Padre Diogo Vidal muytos trabalhos, he desterrado por causa da fé, & sua santa morte.

1 LOgo, que o Governador chegou da Corte, o Carcereyro lhe levou as duas contas, & veronica, que no fato dos Padres tinha descuberto. Foy tãbẽ o Padre Diogo Vidal a caza do Governador com o Padre João de Sequeira pera fazerem seu requerimento. Ficou no carcere o Padre Provincial, por estar doente de cama. O Mandarim alem de lhe não dar audiencia, mandou *logo queymar as contas*, & veronica; & depois mandou dizer aos Padres, que lhe entregassem todos os livros, & cousas de devação, que traziam em seus corpos. A isto responderam, que as mais cousas de devação, que tinhão comsigo, eram do seu uso, & não pera repartirem aos Christãos; que se elle lhe não consentia viverem como Christãos, que erão, os desenganasse, que de outra sorte não podiam ficar naquelle Reyno. Com esta resoluçaõ veyo o Mandarim em que ficassem com as suas cousas de devação, mas que as aviam de dar a rol, porque achandolhe outras seriam castigados; & ordenoulhes, que lhe mandassem os livros, que os queria ver, & depois os restituiria. Fiados nesta palavra lhos mandaram assim os Europeos, como os da lingua China.

2 Considerando o Padre Provincial, que o Mandarim não guardara a palavra, que lhe tinha dado, de que podia ter os seus livros, & temendo que vendo as estampas os mandaria queymar, recolheo os breviarios à cama, onde estava enfermo, & disse ao Capitaõ, que tinha os mais livros, que aquelles nem podia, nem avia de entregar, in-

da

da que lhe mandaſſem cortar a cabeça. Levou o Capitaõ iſto muyto a mal, & mandou a hum ſoldado, que lhos tomaſſe por força. Chegando o ſoldado à cama, o Padre Provincial ſe abraçou com os livros, dizendo por acenos, porque naõ ſabia a lingua, que lhe cortaſſe a cabeça, que quanto livros os naõ avia de entregar. Vendo elles iſto, levaõ os outros livros contando ao Governador, o que paſſara. Calouſe o Governador, & vendo os livros Europeos, como naõ ouveſſe, quem os entendeſſe, os mandou reſtituir. Mandou rever bem os Sinicos; & encontrando nelles hum Cateciſmo, o mandou logo queymar, deyxou ficar dos outros, que lhe podiaõ ſervir, os mais reſtituio.

3 Imaginavaõ os Padres, que com iſto aquietaſſe o Governador, & lhes aſſignaſſe lugar, em que moraſſem, conforme a diſpoſiçaõ del-Rey. Mas elle os deyxou ficar no meſmo carcere encomendando de novo às vigias, q̃ os guardaſſem bem. Como huma vez naõ acompanhaſſem ao moço, que fora buſcar agoa aos Padres, os multou em pena pecuniaria. Alem diſto deu ordem a hum eſcrivaõ, que todos os dias deſſe buſca ao fato dos Padres; foi eſta vexaçaõ, & apertos taõ extraordinarios, que athe os gentios ſe magoavam.

4 Ali os veyo vizitar certo Mandarim, que era da caſa do Principe herdeyro do Reyno, que foi hum grande favor: as lagrimas lhe vieram aos olhos vendo taõ exceſſivas tiranias, & lhe prometeo de fazer com o Principe, que foſſem pera a Corte, mas nunca o pode conſeguir. Outros naõ ſabendo os ſanctos fins, que os Padres tinhaõ neſta ſua prizam, atonitos diziam: de maneira, que os outros pera ſe verem ſoltos, & livres dos carceres, gaſtam quanto tẽ; & vos gaſtaſtes, quanta prata trouxeſtes de Macao, pera vos vires meter neſta immunda prizam? Em fim a todos enternecia tanto ſofrimento, & ſe magoavam de tantas tiranias.

5 Só o Governador pera mais os conſumir, nem ainda os queria ouvir, mas tudo o que entre elle, & os Padres paſſava, avia de ſer por meyo dos ſeus officiais. Nam ſe acabava de perſuadir, que os Padres deyxaſſem de ter mais contas, & veronicas; por iſſo inſtava, lhe deſſem por eſcrito todas, as que tinhaõ do ſeu uſo. Os Padres temẽdo,

que

que confeſſando as que tinham do ſeu uſo, lhas manda-
tomar por força, & queymaſſe, foram dilatando; mas co-
mo creceſſem as inſtancias, & promeſſas de as nõ tomar;
pediram eſcrivam, que fizeſſe o rol: tudo vinha a ſer qua-
tro veronicas, & ſinco contas, as que os Padres, & moços
tinham. Feita a liſta, naõ ſe deu por contente o Governa-
dor, ordenou fizeſſem outra, & que acreſcentaſſem, que
que achandoſelhe mais das apontadas, ſe ſogeytavam a to-
do o caſtigo, que por iſſo lhes foſſe dado. Foram os Padres
diſſimulando com eſta ſegunda obrigaçaõ, & differindo
pera outro tempo.

6 Inſtavam, que lhes aſſignaſſe lugar, pera fazerem ca-
za: depois de importunado, elle em peſſoa foi ver o chaõ,
que lhes avia de conceder, pera fabricarem ſua habitaçaõ.
Aſſignoulhes hum muyto eſtreyto, todo rodeado de mó-
radores, & de tres vigias, que de dia, & de noyte os vi-
giaſſem: a huma pôs defronte da porta. Vieram fazer eſta
mais choupana, que caza, os Catequiſtas da Corte, con-
correram os Padres com os materiaes, que eram bambus,
certo genero de canas groſſas, & eſteyras, concorrendo
alguns Chriſtaõs com eſmolas. Acabada a caza *ſe paſſaraõ*
a ella, ficaram com mais alguma largueza: podiam com
mais ſocego lêr por hum livro, & dizer de quando em
quando Miſſa, ainda que de noyte, & com grandes cau-
telas. Quanto às vigias, & apertos, pera que ninguem
fallaſſe com os Padres, nem foſſem fóra ſem levar guarda,
era tudo quaſi com o rigor, que antes, pois athe a porta
lhe fechavam por fóra. Pera o Irmaõ Ignacio Martins ir à
Corte buſcar algumas cazas, aſſim chamaõ alli a certa moe-
da, pera o ſuſtento dos Padres, dava o Governador raras
vezes licença, porque dizia, que hia lá fallar com os Chri-
ſtaõs; quando lha concedia, era por eſcrito, & ſomente
por tantos dias, ameaçandoo, que ſe fogiſſe, ou ſe deti-
veſſe mais, ſeria caſtigado gravemente.

7 Tinha tal odio à Ley de Deos, que nenhum Chri-
ſtaõ ſe atrevia a ir àquella aldea, por medo do Governa-
dor. A huns mercadores, que vieram a ſeus negocios, ſa-
bendo que eram Chriſtaõs, os mandou prender, & apo-
nar, ſó por preſumir, que tinham vindo a fim de fallar
com os Padres, couſa que aos mercadores nam paſſara por
penſamento. Mandou ſeus ſoldados por toda a ſua provin-
cia

cia pera q̃ lhe trouxessem prezos a todos os Christãos, promettendo premios aos mais diligentes, & notaveis crueldades nos que lhe vieram às mãos, que forão muytos.

8 Aos Padres apertava de cada vez mais. Avia quasi anno, & meyo, que estavam naquella prizam. Morreo lhes hum dos moços, & os outros dous lhe adoeceram. Por esta causa foram obrigados a lavarem por suas mãos a roupa, fazer a cozinha, & o mais serviço da pobre casa. Tudo sofriam fundados na esperança, que os Christãos lhes davam, de que o Mandarim afroxaria, como na verdade succedeo. Dali se cõmunicavaõ por cartas com os Padres, que andavam occultos, com os Catequistas, & Christãos; & já quãdo os Padres queriam sahir fora de casa, naõ os acompanhavam os guardas. Quando pelo anno novo (como era costume) foram à Corte offerecer seus prezentes ao Rey, & Mandarins, naõ lhes poz soldado, que os vigiasse: por isso na Corte podiaõ sacramentar aos Christãos, & bautizar aos adultos, que se convertiam. Voltando da Corte acharaõ agrado no Governador, bem contra o que podiaõ esperar de homem taõ perverso, & taõ inimigo de Deos.

9 Daqui tomou occasiaõ o Padre Provincial pera lhe pedir licença, em ordem a voltar pera Macao pelo Imperio da China. Respondeo com affabilidade, que isso naõ estava na sua maõ, que era cousa del-Rey. Por esta causa foy o Padre à Corte; aonde el-Rey, & os Mandarins o trataram com benevolencia: despacharam tudo, como pedia: porque lhe deram licença, pera se voltar por terra, & levar comsigo os moços, que trouxera de Macao, & que os Padres, que ficavam em Hien, fossem servidos por moços Tunquins: pera isso lhes deyxou tomar dous Catequistas, dos que assistiaõ na Corte: com esta disposiçaõ de cousas ficaraõ os Padres em Hien mais desabafados, & com o commodo, que dezejavaõ, pera aprender a lingua. O Padre Provincial Francisco Nogueyra se partio pera Macao.

10 Tres vezes no anno podiam os Padres ir à Corte a vizitar com seus prezentes a el-Rey, & alli lhes era concedido detersse quinze dias, nos quais o seu desvelo era sacramentar os Christãos. No anno de 1696 voltou de Macao o Padre Provincial Francisco Nogueyra trazendo consi-

consigo alguns Padres, que meteo occultamente na missaõ. Depois de muytos trabalhos chegou à Corte, vizitou a el-Rey. No mesmo tempo vieram de Hien os dous Padres Diogo Vidal, & Joaõ de Sequeyra visitar a el-Rey. Achou o Padre Provincial benevolencia no Rey. Pediolhe, que pois os Padres se achavam taõ mal em Hien, lhes concedesse morar em outra parte: imaginando, que por esta via ficariaõ livres das vigias, & apertos daquelle Mandarim taõ inimigo da Ley de Deos.

11 Naõ succedeo este intento, ainda que El-Rey deu a licença, porque cometendo a execuçaõ della ao mesmo Mandarim, este naõ quis, que os Padres ficassem fora de seu poder; & em comprimento do despacho intentava mudar aos Padres pera outra caza, onde os apertos ou fossem maiores, ou pelo menos iguais: por esta razaõ os Padres se deyxaraõ da sua pertençaõ. Os Padres Vidal, & Sequeyra se voltaraõ pera o carcere de Hien; & o Padre Provincial caminhou por terra pera Macao com intentos de abrir novo caminho pella provincia de Quamsi da China; mas naõ podendo ter effeito, voltou atras, pera seguir o caminho, que o anno antes abrira. Nesta volta foi prezo dos Mandarins por causa da cruel perseguiçaõ, que se levantou contra os Padres, de que elle naõ tinha noticia.

12 A origem foi a seguinte: Por via dos Olandezes se mandava aos Padres de Tunquim hum caixote de contas, veronicas, & cousas de devaçaõ; já outras vezes por esta via lhe foraõ, & as tiravaõ da nao; mas agora foi tal a vigilancia, que o naõ puderaõ fazer. Foi o caixote entre as mais couzas pera a alfandega. Abrioſe no ultimo de Julho de 1696. Deu logo o Mandarim conta a El-Rey, que sahio de si com furor, mandou prender os Padres, & Catequistas, & dar busca nas Igrejas. O Padre Joaõ de Sequeyra estava gravissimamente enfermo na Corte, onde com licença se tinha ido curar: puzeraõlhe rigorozas vigias, & ordenou El-Rey, que o Governador de Hien lhe trouxesse à Corte ao Padre Vidal.

13 Tanto que o Governador teve esta carta, mandou ao Padre Vidal fosse à Corte em companhia de hum dos seus officiais. Em chegando foi levado a palacio, aonde sahio hum valido del-Rey, & em seu nome lhe perguntou; como tendo El-Rey prohibido viessem a seu Reyno aquellas

cou-

cousas se atrevera a mandalas vir. A isto respondeo, que aquellas cousas se mandaraõ de Europa, aonde se naõ sabia, oque passava em Tunquim, & que os Olandezes, por boa cortesia, que com os Padres tinhaõ, naõ abriraõ o cayxote. Avendose o Padre na reposta sempre com palavras, que delviavaõ de si a mentira, & naõ descobriaõ ser o cayxote mandado de Macao.

14 Chegou neste tempo o Governador de Hien, elle com o valido entraraõ a falar a El-Rey, deyxando alli hum Escrivaõ, que tomasse a reposta do Padre, sua patria, & lugares, onde estivera. Feito isto, avisaraõ ao Padre, que fosse pera a caza, que o Governador de Hien tinha na corte. Os Mandarins ficaraõ em conferencia quasi athe a noyte. Logo que o Governador sahio do paço, se foi pera Hien; deixou ordem, que levassem ao Padre Sequeyra pera a caza, onde o Padre Vidal estava. Dalli os levariaõ a palacio sendo chamados; & ultimamente conforme a ordem del-Rey lhos levariaõ a Hien.

15 Aos 2 de Agosto mandou o valido, que levassem ao Padre Vidal a huma praça junto ao templo de certo idolo. Estando alli o Padre esperando, chegou o valido rodeado de soldados: quatro homens traziaõ a seus hombros o cayxote dos premios, outros traziaõ em cestos alguns livros, taboas de estampar, & ferros de hostias, que se apanharaõ na caza de hum Christaõ. Tudo se poz no meyo da praça, o valido cõ os seus adjuntos se recolheraõ à sõbra do alpendre daquelle tẽplo, cujas portas estavaõ fechadas. A'sombra do alpendre se tinhaõ estendido algũas esteiras, que saõ os seus tribunais; estando sobre ellas em pe com as costas pera o templo, fizeraõ vir perante si ao Padre Vidal: entaõ o valido da parte do Rey lhe falou nesta forma: Já vos sabeis, que a fé de Christo he prohibida nestes Reynos. Tinhavos El-Rey dado licença pera ficar em Hien, pera o irdes cortejar nos tempos costumados. Agora vos tomou estas cousas, & segundo as leys do Reyno vos devia tirar a vida: mas como o seu animo he taõ grande, vos manda restituir as cousas de valor, & a prata, q̃ se vos tomou, & perdoa a vida; porem as cousas, que pertencem à Religiaõ as manda queymar em publico.

16 A estas palavras respondeo o Padre Vidal: Quanto aos premios, contas, & veronicas tenho dado razaõ: quan-

ro a me perdoar El-Rey a vida, eu lhe agradeço o beneficio, mas se por prégar a verdadeira fé, me mãdara matar, seria pera mim grande gloria: quando eu vim a Tunquim, jà vim offerecido a morrer por esta causa, porque em toda a parte diante de Reys, & Mandarins hei de professar as verdades, que ensino. Esta pratica atalhou o Mandarim, dizendo, que jà El-Rey lhe tinha perdoado, por tanto convinha agradecerlhe o beneficio; porque senaõ fora esta grande piedade del-Rey, que figura era o Padre pera escapar com vida? Logo o mandou afastar pera huma banda, & elle com os seus adjuntos se assentou nas esteiras. Mandaraõ accender fogo, & indo tirando cada cousa de per si do cayxote as hiam lançando no fogo, no qual ultimamente lançaraõ o cayxote, livros, & os ferros das hostias quebrados. As cinzas de tudo se lançaraõ no rio; & chamando outra ves perante si ao Padre, lhe entregaraõ o dinheiro, vidros, & outras cousas de algum valor, que vinhaõ no cayxote.

17 Feito assim tudo isto, mandaraõ ao Padre acompanhado de soldados pera à caza, onde estava de cama o Padre Joaõ de Sequeyra com ordem, que logo partissem pera Hien, & alli executariaõ as ordens, que o *Governador* lhe desse. Chegados os Padres a Hien, lhes mandou dizer o Governador, estivessem promptos pera partir logo, que viesse ordem del-Rey. No dia seguinte, que eraõ oyto de Agosto lhe mandou dizer, era chegada a ordem, & que na menhaã do dia seguinte aviam sem replica de partir.

18 Mandou tambem a hum Mandarim com quatro escrivaens, pera tomarem a rol tudo, oque os Padres avaõ de levar: naõ custou pouco ao Padre Vidal livrar o ornamento da Missa. Vendo o rol, duas vezes mandou dizer ao Padre, q̃ se tinha alguma cousa prohibida, a entregasse, porque achandoselhe nos lugares, por onde avia de passar, teria gravissimo trabalho. Finalmente partiraõ de Hien em huma barca, na qual hia hum Mandarim, & junto a esta outra chea de soldados. Chegando à provincia do Leste foraõ entregues ao Governador com carta do Governador de Hien.

19 Alli por falta de barca se detiveraõ tres, ou quatro dias, & com licença dos guardas algumas devotas Christans lhe trouxeraõ seus refrescos. O Governador mandou visitar ao Padre, dizendo, que se compadecia do seu trabalho;

mas

mas que era ordem del-Rey, que naõ podia deyxar de a executar. Logo que apareceo barca, continuaraõ, ao principio seguindo-os huma só barca de soldados, ao depois quatro, padecendo muytos incomodos. Antes de chegar aos fins de Tunquim morreo o bemdito Padre Joaõ de Sequeyra da molestia da jornada, como em sua vida escrevo. O Padre Diogo Vidal teve modo, comque dos confins da China se tornou a introduzir na missaõ de Tunquim; nella trabalhou com grandes perigos de vida, athe que a santa obediencia o chamou de Macao, pera onde partio em Mayo de 1698, tendose empregado na cultura das almas por espaço de anno, & meyo, depois que foi desterrado.

20 O Padre Provincial Francisco Nogueyra faleceo ditosamente na prizam, quãdo vinha em ferros pera a Corte. Era este Padre natural de Lisboa homem de grande espirito; & de grandes espiritos. Entrou na Companhia na India. Servio muytos annos na Provincia de Goa; depois passou a ser Visitador da Provincia de Japam, & Vice-provincia da China: onde fez cousas muy heroicas, que me naõ pertence escrever. O Padre Diogo Vidal veyo depois a Portugal, & dahi a Roma; voltou pera o Oriente no anno de 1704. Na viagem morreo tam sanctamẽte, como tinha vivido tantos annos. Sua morte foi na linha, porque encostandose a nao a Guinê contrahiram os passageiros muytas, & graves doenças, de que morreo grãde numero delles, & destas acabou o Padre Vidal com morte de sancto, como me referio o Padre Feliz Jozeph Pereyra, que o confessou, mas naõ se lembrava nem do mez, nẽ do dia de sua morte. O mez ou foi Mayo, ou Junho.

CAPITULO XLVIII.

Do Padre Agostinho de Lima, & Irmaõ Manoel de Almeyda estudante.

Em Braga an. 1660 *aos* 6. *de Janeiro*

1 NAceo o Padre Agostinho de Lima em Regalados terra do Arcebispado de Braga. Seus pays se chamaram Fructuoso Alvres, & Catherina Pires. Entrou na Companhia aos 9 de Março de 1620 na caza do Monte Olivete de Lisboa. Ja neste tempo contava vinte, & hum

annos de idade, & eſtudava cazos de conſciencia. Foi dos Padres Coadjutores eſpirituais de virtude, que ouve neſta Provincia. Aquella teſidam, & modo, em que ſe poz no ſeu Noviciado, eſſe conſervou toda a vida, o que entre nos he ſinal de grande virtude.

2 O mais do tempo gaſtou na occupaçam de Miniſtro, porque o foi no Collegio de Coimbra, no de Sancto Antaõ, na caza dos Noviços, & no Collegio de Braga. Sempre ſe ouve com toda a rectidaõ, & inteireza, deſpido de affectos raſteiros, que fazem os animos mais affeiçoados a eſtes, que àquelles. Nas penitencias, que dava, lhe ficavam devendo dinheiro; taõ bom, & ſuave era o modo, q̃ tinha com os culpados. Comſigo uſou de grande rigor. Duas vezes no dia ſe diſciplinava, athe derramar ſangue. Dous dias na ſomana, & às veſporas das feſtas o ſeu comer naõ era outro mais, que paõ de milho, & agoa. Na meza naõ tocava iguaria alguma fora do comer groſſeiro, que na communidade he ordinario.

3 Em trinta, & ſinco annos naõ dormio em cama; humas vezes tirava os lançois, outras o colcham, ficando ſobre as taboas, & muytas vezes dormia *no cham.* Fazendo grande frio, punha a cabeça de bayxo do eſguicho aberto do lavatorio, & alli deyxava decer a agoa pello corpo, fingindo, que ſe lavava. Por dentro andava mui mal enroupado, pera que o frio o magoaſſe.

4 A ſua pobreza foi rara. Quinze annos trouxe os meſmos çapatos, os quais elle remendava, & pregava com taxinhas os pedaços de ſola, como he coſtume fazerem os ruſticos, & os pobres. Tinhaſe muyto odio a ſi meſmo, & ſe atenuou tanto, que no ſeu corpo nam parecia aver mais, que oſſos, & ſobre elles a pelle. Naõ avia pera elle obediencia mais penoza, que aquella, a que ſe ajuntava honra, & eſtimaçaõ. Avendo as Freyras do Monſaõ de paſſar pera Braga, nomeou o Cabido de Braga a dous homens graves de cada Religiaõ, pera que foſſem conduzidas com o decoro, que ſe lhes devia. Dos dous da Companhia foi hũ o Padre Lima: quando lhe deram o aviſo, tendo aquillo por eſtimaçam, que delle ſe fazia, pedio com grandes veras o eſcuſaſſem, dizendo ſer hum idiota, & Coadjutor eſpiritual, que pera nada preſtava, & outras razoẽs deſte jaez, que naõ tiveram outro effeito, ſenaõ conhecerſe mais ſua humildade.

5 Nas

5 Nas couſas de obediencia, em que ſó concorria mortificaçaõ, ninguem era mais prompto. Eſtando na Reſidencia do Canal, o mandou chamar o Padre Provincial, pera que foſſe pera o Collegio de Bragança: paſſava neſte tempo jâ de ſeſſenta annos. Sendo a terra de clima taõ rigoroſo, elle ſem demora ſe preparou pera a jornada, moſtrando no roſto alegria. Entaõ lhe diſſe certo Religioſo: que a ſua idade naõ era jâ pera Bragança: a que elle reſpondeo alegre: Tudo hâ de ſer contemplar na virtude da obediencia, & nada executar? Com a qual repoſta deu a entender, quam diſpoſto eſtava, pera dar à execuçaõ, o que lhe foſſe mandado.

6 Pera com os pobres era de tanta caridade, que elle, cingido hum avental, lhe repartia à portaria todos os dias a eſmola, que ſe lhe coſtuma dar; & chamava algum Irmaõ eſtudante, que lhes enſinaſſe a doutrina, dizendo, que pera aquillo naõ tinha preſtimo. No ouvir confiſſoẽs foi incanſavel; aos mais pobres ouvia de melhor vontade, & com os rudes ſe detinha mais tempo examinandoos, & inſtruindoos na doutrina Chriſtaã. Ainda que nas confiſſoẽs era com os penitentes algum tanto ſevero, nem por iſſo a gente fogia delle, antes ſe chegavaõ a elle com mais confiança, & dezejo, de que os ouviſſe.

7 Admiravaſe muyto, quando ouvindo confiſſoẽs de Religioſos noſſos, ſe lhe dizia algum defeito mais carregado, naõ ſabendo, como pudeſſe cahir ſemelhante deſcuido em hum Religioſo. Naõ ſe perſuadindo, que outrem cometeſſe, o que elle naõ faria. A ſua conſciencia fiava comigo muy delgado, a penas em ſeus defeitos ſe acharia macula de culpa venial. Na converſaçaõ era agradavel ainda que com os homens fallava muy pouco, ſendo aſſim, que o trato com Deos lhe levava algumas ſete horas. Nunca o viram ociozo, no cubiculo ou rezava, ou ſe ocupava em alguma outra couſa. Quem o naõ achaſſe no ſeu cubiculo, o avia de buſcar em o coro, onde ceſſando as obrigaçoẽs, era certo.

8 Eſte trato com Deos ſe vio mais em o Noviciado de Lisboa, onde a ſolidam convidá ao trato com Deos. Alli compos humas devotas meditaçoẽs, nas quais eſtampou o fervor de ſeu eſpirito. Alli era o primeiro nos officios humildes, & tambem ſe deu com cuidado ao eſtudo dos ca-

zos de conſciencia. Todos os annos tinha dez dias de exercicios eſpirituais de Sancto Ignacio: neſtes a penas ſofria, que alguem lhe falaſſe, querendoos ſomente pera fallar cõ ſeu Deos.

9 Foi homem, em cuja lingua ſe naõ ouvio murmuraçaõ, a todos reſpeitava, & venerava. Cuidouſe, que tivera revelaçaõ de ſua morte, porque diſſo deu alguns ſinais. Logo, que ſe ſogeitou à cama, viſitandoo certo Padre lhe diſſe, pera o alegrar: Tambem os Atlantes cahem, meu Padre Lima? Reſpondeo: jâ nos naõ falta ſenaõ a Igreja. Tendo grandes dores, naõ ſe lhe ouvio palavra, em que as ſignificaſſe, levandoas com admiravel paciencia. Depois de recebidos os Sacramentos acabou ſanctamente em Braga no anno de 1660 aos 6 de Janeiro. Ouve particular ſentimẽto em ſua morte, & todos a boca chea o chamavam ſancto. Procuravam aver reliquias ſuas. O Padre Andre Cardozo, que morreo ſendo Cancellario da Univerſidade de Evora, & na carta Annua eſcreveo ſuas virtudes, dis que eſtimava em muyto ſuas diſciplinas, as quais conſervava enſangoentadas. Hum fidalgo muy illuſtre pedio ſuas contas dizendo, as pezaria a ouro, porque lhas deſſem.

Em Coimbra aos 13. de Março de 1641.

10 *O Irmaõ Manoel de Almeyda* naceo em Alheira no Arcebiſpado de Braga. Neſta cidade começou a eſtudar com grandes moſtras de feliz engenho, porque em dezoito mezes de eſtudo ſoube muy bem o latim. Era o melhor de ſeus condiſcipulos no ſaber, & na virtude. Naturalmente foi modeſto, & bem inclinado. Todos os dias ouvia Miſſa, & prégaçaõ, quando a avia no Collegio. Eſtranhava tanto traveſſuras, & trato menos grave, que jâ o conheciaõ, & diante delle eraõ obrigados os condiſcipulos a eſtar compoſtos. Sua vida era de moço innocente.

11 O Senhor, que o queria pera ſi, lhe deu hum fervente dezejo de ſer Religioſo. Coſtumava elle ir todos os ſabbados viſitar huma imagem de Noſſa Senhora, em hum moſteiro da Piedade, que fica algum tanto afaſtado de Braga. Alli diante da Senhora, elle, & outro eſtudante ſeu amigo fizeram firme propoſito de ſe abraçar com a Cruz de Chriſto em Religiaõ. Ambos o cumpriraõ na Companhia. Teve tanto goſto de o aceitarem na Companhia, q̃ dizia alguns dias antes de entrar a ſeus Irmaõs, que ſe lhe diſſeſſem, que naõ avia de ſer Apoſtolo, & que os Padres o naõ queriaõ, de paſmo morreria.

12 Aos

12 Aos estudantes, aquem tomava liçaõ, levava com taõ bom modo, que dando coma dos que a naõ sabiaõ (o que fazia com huma summissaõ, & encolhimento, olhando pera o Mestre, o qual no rosto lhe lia o sentimento, que tinha de ver castigar alguem) nenhum se escandalizava delle. Depois, que entrou em dezejos de ser da Companhia, frequentava muyto a nossa Igreja, tendo nella oraçaõ, & commungando a meudo; por isso diziaõ delle os Condiscipulos, que jâ era Apostolo. Sabendo elles, que estava aceito, lhe rogavam mil bens, porque todos o amavaõ grandemente, & diziaõ, que bem certas lhe sahiraõ as sospeitas, que tinhaõ, de que avia de ser Apostolo. Na tarde, em que o avisaraõ pera entrar, o levaraõ os Mestres ao refeitorio, onde nenhuma cousa quis comer, dando por resposta, que com o prazer, que tinha de estar recebido na Companhia, se lhe fora o apetite de comer.

13 Foi ser Noviço a Lisboa, onde entrou na Companhia aos 23 de Dezembro de 1638. Estando na primeira provaçaõ, parecia Noviço provecto no tempo de Religiaõ. Fallava de Deos com tal modo, & fervor, que a todos espantava. Naõ se queria, senaõ como os mais, assentar no cham. Logo se poz em huma modestia taõ ferrada, como se jâ andasse com a roupeta. Sendo elle este, antes de se por em andar com os Irmaõs, bem se infere, qual seria depois. Se lhe davaõ alguma reprehensaõ, naõ por faltas, que elle fizesse, pois ninguem se lembrou, que por esta causa lhe dessem alguma penitencia, ainda leve, mostrava tanta seremidade, que nunca se lhe vio mostra de impaciencia, antes recebia as reprehensoẽs com rosto alegre, como quem gostava muytõ de ser mortificado, & desestimado.

14 Tendo seis mezes de Noviciado, seu Mestre o Padre Francisco de Tavora lhe entregou alguns Irmaõs, pera os instruir, avendo outros mais antigos, que o podiaõ fazer. Nas devaçoẽs, & cousas espirituais parecia incansavel, sempre as fazia de joelhos, ou em pé. Era muy amigo dos exercicios de humildade, & com huma sancta sofreguidaõ se pegava sempre, ao que sentia mais repugnancia. Nunca se lhe ouvio palavra, que cheirasse a proprio louvor. Os mais o punhaõ huns aos outros por exemplo de Noviços perfeitos, & em quem se ve muyto de Deos. Folgava muyto de levar, & trazer a panela dos pobres, & de alavar cõ asseyo, & curiosidade.

15 Nun-

15 Nunca replicou ao que o companheiro lhe dizia, antes, que alguma vez o Padre Reytor lhe chegou a dizer por modo de graça: Basta, que obedeçais mais ao companheiro, do que a mim? Isto dizia, porque algumas vezes lhe mandava fazer alguma cousa, sem saber que o Padre Reytor lhe tinha dito o contrario, & o bom Irmão com huma santa fingeleza, sapondo teria o Reytor outra ordem, à risca lhe obedecia. Se lhe perguntava alguma vez o companheiro em cousa de trabalho, se tinha ordem encontrada do Padre Reytor, elle se calava, por não mostrar, que se queria forrar ao trabalho, & constrangido, em voz, que mal se entendia, dizia somente; Que sim.

16 Nas cousas de obediencia era a mesma pontualidade. Muytas vezes quando se dava final a ir emendar as erratas, se via levar a letra meya feita, porque no ponto que dava o final, cessava em continuar a letra, em que estava com a pena. Na guarda das regras se pode bem igualar aos mesmos santos Religiosos, que costumam pôr diante exemplares da observancia. Huma vez disse ao companheiro, que hia ao Padre Reytor, & que logo vinha, porque hia pedir licença pera beber. Tardou quasi meya hora. Depois no tempo de falar lhe perguntou o companheiro, se ficara dando conta depois de pedida a licença? Respondeo, que não, mas que logo se vierá. Perguntado, onde se detivera tanto, deu por reposta com a boca cheya de rizo, que antes, que fosse pedir licença, guardara a regra, que diz, que se recolhão a ter oração, & que tivera hũ quarto de oração, antes que fosse ao cubículo do Padre Reytor.

17 No silencio foi tão observante, que não respondia ao companheiro, senão perguntado a segunda vez, que parece considerava primeiro, o que avia de responder. A sua ordinaria reposta era, sim, ou não, conforme o conselho de Christo. Amava muyto a santa pobreza, & sempre pera si tomava o peyor. Indo huma vez tomar a capa, trouxe a mais rota, o companheiro lhe mandou buscar outra melhor: trouxe a segunda, que pouco se differençava da primeyra; athe que finalmente lhe ordenou trouxesse a melhor de todas, o que fez, por se acomodar com a santa obediencia. Procurava, quanto em si era, aliviar aos outros do trabalho: por isso quando hia à quinta, fazia sem-

pre

pre por trazer algumas couſas das alfayas do refeitorio, q̃ de caza ſe tinhaõ levado. Sendo de pouca idade, naõ avia trabalho, com que ſenaõ abraçaſſe.

18 Em ſuas devaçoẽs era muy frequente, & affectuoſo. Ordinariamente o achavaõ na tribuna do Sanctiſſimo Sacramento. Nos dias ſanctos, acabado o tempo de fallar, hia pera hum cubiculo, que eſtava como capella, por ter em ſi o *Ecce homo*; onde gaſtava meya hora em oraçaõ, & tambem tomava ordinariamente ſua diſciplina. O cilicio punha muytas vezes, tirandoo humas ao jantar, outras à noyte. Dormia ſobre as taboas da barra todas as veſperas de Noſſa Senhora. Levantavaſe muytas vezes antes da communidade, & tinha huma hora inteira de oraçaõ.

19 Comia frequentemente no chaõ, em pé, & de eſmolas, & paõ dos pobres, tanto que parecia ter feito propoſito de nunca comer na meza. Na devaçaõ da Senhora foi exceſſivo. Quem o quizeſſe achar, o tinha certo na ſua capellinha dos enfermos. Alem do Officio ordinario rezava o da Conceyçaõ. Tinha modo particular de rezar a coroa da Senhora. Em hum quaderninho de maõ, que fez em o Noviciado, tem as palavras ſeguintes: Antes de começar o Officio, direi o hymno: *Veni Creator Spiritus*. Alem diſto direi aquella oraçaõ, que diz: *Ure igne, Sancte Spiritus*. O que no Officio ſe hâ de guardar, he iſto: rezalo alternativamente por imaginaçaõ com a Virgem Noſſa Senhora, tirando, que nas Matinas aquellas liçoẽs da Sagrada Eſcritura fingirei dizelas a Virgem, & logo direi tudo o mais, que a Igreja acreſcenta, & aquellas ſaudaçoẽs à Senhora de Laudes, & Veſporas, ſó as direi, & tambem ao acabar do Officio ſó nas Completas.

20 Naquella liçaõ: *Ego mater dilectionis*, dirâ a Virgem Senhora, & logo ſó direi o Cantico de Simeaõ com tudo o mais, conſiderando, que quem tem ouvido tantos louvores à Senhora, & da Senhora, naõ lhe falta nada, & aſſim o direi em acçaõ de graças. Alem diſto todos os *Gloria Patri*, hum acto de amor de Deos, & nas antifonas da Senhora hum acto conforme a ſignificaçaõ; acabando com as ladainhas da Senhora, & varias oraçoẽs. Athe aqui as palavras deſte virtuoſo Irmaõ.

21 Era devotiſſimo de Saõ Jozeph, rezando-lhe ſempre o ſeu Officio. Naõ ſe pode declarar a devaçaõ, que

seve pera com o Sancto Bautista. As devaçõẽs que lhe fazia, saõ muytas. Fallava de suas virtudes com grande fervor. Sua liçaõ espiritual entre dia era a vida do Beato Luis Gonzaga, & della assim mesmo fallava com muyto espirito. Tambem foi muy devoto das sanctas almas do Purgatorio, esta devoçaõ procurava infundir nos outros. Todos os dias rezava as ladainhas dos Sanctos, que segundo o costume da Companhia lhe tinhaõ cahido por sorte os mezes, que della tinha. Estes hia escrevendo em hum quaderno, em que tinha escritas outras devaçõẽs.

22 Tinha as horas do dia repartidas por varios sanctos, a quem nellas se encomendava; & dizia assim nos seus apontamentos: Estes sanctos saõ, pera que cada hum me guarde de offender a Deos naquella hora, que aqui está posto, rezando todas as horas alem da Salve Rainha hum Padre nosso, & huma Ave Maria com alguns collogios, & suspiros. Tinha sinco sanctos, aos quais tinha encomendado a guarda dos sinco sentidos, a saber, o ver a Saõ Bernardo, o ouvir a Sancto Aleyxo, o gostar a Saõ Paulo, o cheirar a Saõ Joaõ de Deos, o apalpar a Saõ Francisco Seraphico.

23 Acabado seu Noviciado foi mandado estudar a Coimbra. Por ter alli alguns conhecidos, disse, que folgara antes ir, pera onde estiveste escondido em algum canto. No caminho sempre tomava disciplina, & se algum dia o naõ podia fazer, a dobrava no dia seguinte. Indo o Companheiro a cavallo lhe disse, que alugasse outra cavalgadura, ao que elle agradecendo-lhe a caridade, respondeu, que em quanto tivesse seu corpo naõ tinha necessidade de pés alheyos.

24 Entrou em Coimbra dia de Sancto Thomas de Aquino, sendo examinado foi mandado à terceira classe, onde andou somente quatro dias. Aos treze de Março, eram tres quartos pera as tres da tarde se recolheo em parte, onde naõ podia ser facilmente achado. Os companheiros, q̃ com elle hiaõ pera a classe, foraõ, & nada differaõ athe as sete horas. Entaõ advertindose mais nisto, o foraõ achar em lugar fechado por dentro opprimido de hum grande accidente, que lhe tolhera a falla. Foi levado em braços pera hum cubiculo, aonde acabou de espirar em 12 de Março de 1641. Ouve finais, de que o accidente procedera

de

de postema, que lhe arrebentou. No dia antes se tinha confessado, & comungado, & sua vida era tão santa, que sempre estava disposto para esta ultima hora.

CAPITULO XLIX.

Vida, & virtudes do Irmão Luis Soares estudante.

Evora 29. de Julho de 1705.

1 Com muyta razão se pode dizer dos nossos dous amantissimos Irmãos Francisco Pacheco, & Luis Soares, o que no seu pranto disse David: *Saul, & Jonathas amabiles, & decori in vita sua, in morte quoque non fuerunt divisi.* 2. *Reg.* 1. 23. Forão as vidas destes dous Irmãos em tudo muy semelhantes, & esta boa semelhança os fez entre si muy amigos em o Senhor. Ambos erão companheiros de cubiculo, ambos no mesmo dia adoecerão, o Irmão Pacheco morreo em huma segunda feira, & na seguinte segunda feira nos levou Deos ao Irmão Luis: de ambos ouve igual opinião de virtude, nos que com elles tratavão, & vião mais de perto seus bons procedimentos. A vida do Irmão Pacheco vai escrita em outro lugar. O Irmão Luis Soares naceo na cidade do Porto. Em estudante teve grande inclinação aos exercicios de virtude, macerando seu corpo com cilicio, & disciplina. Esta tomava elle frequentemente nas costas, de que lhe seguio ter tão sentida esta parte do corpo, que na Companhia não avia cousa pera elle mais penosa, que as disciplinas, que conforme o nosso louvavel costume tomamos no refeitorio nas vesporas dos dias mais solemnes; mas a ellas nunca faltou. De idade de dez annos athe entrar na Companhia jejuou alem dos sabbados da Senhora, todas as Quaresmas, & mais dias, que a Igreja manda jejuar.

2 Inclinouse a ser Religioso de São Francisco; esteve acolto na dita ordem: cada dia esperava pella patente do Padre Provincial, pera tomar o habito. He certo, que lha remetteo, mas ella por estas, ou aquellas cousas, nunca lhe chegou a mão. Enfadado destas demoras, porque o estava tambem do mundo, pedio com grande instancia a Companhia, & dentro de pouco tempo foi admittido nella, dando graças a Deos de conseguir tão depressa estes dezejos.

final de que Deos queria o ſerviſſe antes na Companhia. Pera apreſſar a ſua pertençaõ veyo buſcar a Coimbra ao Padre Provincial, o qual ſe pagou muyto do ſeu fervor, & viſto ſer taõ grande, o aceitou.

3 Foi tomar a roupeta, & ſer Noviço em Lisboa: alli entrou aos 11 de Fevereyro de 1703, ſendo jâ de idade mais crecida, que a ordinaria, de que coſtumamos receber os eſtudantes, porque paſſava de vinte annos. No meſmo dia com elle entrou outro, que tambem viera do Porto; & no meſmo ſe foi do Noviciado, ſem ſe atrever com a vida, antes de a experimentar; ainda que o Irmaõ Luis ſentio o deſacerto do companheiro, naõ foi iſſo parte pera o eſtimar, antes depois ſe reconhecia mais obrigado a Deos, por naõ permittir nelle ſemelhante deſvario.

4 Pera dizer, que neſtes dous annos procedeo como ſancto, baſtava dizer, que foi Noviço, como os quer a Cõpanhia. Naõ avia nelle genero algum de dobrez, em tudo muy liſo com Deos, & com os Superiores. Na ſua boca naõ ſe vio, nem della ſe ouvio palavra impertinente, de que ſe naõ pudeſſe tirar fruto. Por ventura daqui naceo, que alguns menos perfeitos naõ tinhaõ *tanto goſto de eſtar* com elle nos repouzos; & como outros notaſſem ao Superior o deſvio, que eſtes procuravaõ ter naquelle tempo do Irmaõ Soares: eſtranhando-lhes o Padre Reytor a ſua imprudencia, lhes diſſe: Naõ goſtais do Irmaõ Soares, porque naõ ſois taõ perfeitos como elle he; & a ſua virtude he hũa tacita reprehenſaõ das voſſas diſtracçoẽs, & da voſſa pouca perfeiçaõ.

5 O ſeu fallar mais ordinario era das excellencias da Senhora, a quem tinha entranhavel amor. O ſeu officio rezava ſempre de joelhos, & nelle gaſtava largo tempo, pella maior parte mais de huma hora. O dezejo de ſe avilitar foi huma das ſuas principais virtudes: a eſſe reſpeito agenceava, que na cozinha ſe lhe deſſem quaſi ſempre as alfayas mais cuſtoſas de eſfregar, & niſſo moſtrava ter particular goſto; aſſim por ſe mortificar mais, como porque os outros ficaſſem mais alliviados.

6 No veſtido era mais amigo do que mais conduzia pera o deſprezo: as ſuas roupetas lâ dava modo, com que ſempre foſſem curtas, & aſſim as trazia ordinariamente. Preſentio, que hum Irmaõ grande, que fora cozinheiro, ſe

des-

desfizera de huns çapatos de boa medida, & muytos remendos; contentouse delles o Irmaõ Soares, & ouve inveja, pera que se lhe desse aquella peça, da qual vivia muy pago, pellas mesmas razoẽs, porque outros a rejeitariaõ. Quando ouve de ir pera o Collegio de Evora, naõ obstante serem taõ incommodos os çapatos, pera fazer o seu caminho a pé, naõ os quis largar por ser a jornada no inverno, & a pè, succedia chegarem os Irmaõs à pousada molhados; & quando o Irmaõ Soares tirava os çapatos, estarem taõ cheos de agoa, & taõ pezados, que tomandoos os Irmaõs nas maõs se admiravaõ, como pudesse com elles levantar os pés do chaõ; & dizendo lhe, que aquillo naõ era bem se trazer, respondia: Quando estes, meus Irmaõs, naõ faço eu conta de os deyxar. Isto dizia muyto em seu ser, & muy de veras; mostrando lhe tinha o mesmo amor, que costumam os ricos do mundo ter a alguma peça de artificio, & valor particular, que trazem em cabeça de morgado.

7. Era muy dado ao sancto exercicio da oraçaõ. Alem dos tempos ordinarios, gastava nella o mais tempo, que podia. Nos dias de exercicios de Sancto Ignacio naõ se contentava com as quatro horas, porque a estas acrescentava mais. Como tambem as visitas do Senhor, & da Senhora nestes dias eraõ mais compridas. Quando peregrinava fazia quanto estava na sua maõ, por naõ começar de menhaã o caminho, sem primeyro aver tido a sua hora de oraçaõ: a qual naõ gostava de ter, indo andando, como nestas occasioens estilaõ, os que peregrinaõ. Ouve occasiaõ, em que foy preciso, partirse logo de menhaã da pousada; hia o Irmaõ Soares muy sentido, por naõ poder ter antes a sua oraçaõ: a pouco caminho andado, vio huma Igreja do campo fechada, & chegandose a ella disse aos companheyros: Meus Irmaõs, aqui avemos de ter a nossa oraçaõ: & logo se pôz de joelhos da parte de fóra; & passado o espaço da hora, continuaraõ o seu caminho.

8. Nestas peregrinaçoens era nas suas devaçoens exactissimo; tinha elle tantas, que só em commemoraçoens, que fazia depois de rezar o officio, lhe succedia gastar tres quartos de tempo; porque tudo fazia muy pausado. Por lhe naõ faltar o tempo, nem as guardar pera a noyte, pedia aos outros Irmaõs se fossem diante fallando entre si, & elle

elle ſe hia alguma diſtancia mais atrás comprindo com as devaçoens. Nellas peregrinaçoens não obrava couſa, que não ſoſſe de exemplo aos cõpanheyros. Se algum hia mais canſado, elle lhe tomava os alforginhos, & os levava juntamente com os ſeus. Do paõ, que recolhiam das eſmolas, elle ſe pegava, pera o ſeu ſuſtento, ao paõ de ralo. Cousou hum dos Irmaõs, que o acompanhou, que na peregrinaçaõ, que fizera com o Irmaõ Soares, Deos o proveera ſempre abaſtadamente, que devia ſer pello cuidado, que tinha delle ſeu ſervo. Quando em alguma hoſpedage lhe davaõ huma ſó cama pera todos, o Irmaõ Soares ſempre queria, & procurava ſer, o que dos tres avia de dormir veſtido no meyo dos dous Irmaõs, pera que elles deſcanſaſſem entre os lançois.

9 No cubiculo eſtava muyto de joelhos, ordinariamente neſta poſtura o achavaõ, quando eſtava ſó no cubiculo. Diante do Senhor na tribuna gaſtava largo tempo. Nos dias de communhaõ, depois do quarto, que todos gaſtaõ em dar graças ao Senhor, elle ſe deyxava ficar por mais tempo: nos taes dias já o Irmaõ Noviço ſabia, que alli o avia de ir avizar pera ir com os mais tomar o ſeu almoço. O tempo antes da Miſſa tambem o gaſtava em oraçaõ, quando avia de commungar. Porque expediçaõ ao muyto, que rezava, quaſi ſempre andava com as contas na maõ. Sendo dos mais pontuais em acodir aos exercicios ſanctos, era o ultimo, que depois de acabar o tempo, ſe recolhia do lugar, em que ſe oſtumaõ fazer. Finalmente o Irmaõ Soares foy Noviço de grande, & ſingular perfeyçaõ; muy candido, & ſincero, & devoras dezejoſo de ſe apurar nas virtudes: na obediencia puntualiſſimo, que ſoar o ſinal da campa, & acodir elle era o meſmo. Era muy affeyçoado à liçaõ eſpiritual, particularmente de hum livrinho, que trouxera, quando entrou, do qual uſou ſempre, & lhe chamava o ſeu *ſalus Animarum*.

10 Foy Irmaõ, de quem differaõ unanimemente os que foraõ Noviços com elle, que nos repuxos nunca diſſe palavra, que naõ ſoſſe de Deos. Que nunca lhe ſahio da boca palavra, que ſoſſe moleſta, ou offendeſſe a algum Irmaõ. Que nos dias de quinta a ſua mayor aſſiſtencia, depois de jugar por ſeu turno, quando o avizavaõ, era na capella, com licença, que pera iſſo pedia: & alli ſe

hiaõ

hiaõ dar o aviso, quando avia de entrar nó jogo, pera se recrear com os mais: que parecia naõ ter este Irmaõ alivio cabal, se naõ estava com o corpo diante de Deos, que quanto o pensamento de crer he, q̃ nunca delle se afastava.

11 Entre tantos exercicios de sanctidade gastou os dous annos de Noviço. Pouco tempo antes de entrar nos ultimos exercicios, depois de avizado pera os votos, lhe perguntou o Padre Reytor: Quando era o dia, em que avia de entrar em exercicios? Respondeo, que era, quando sua Reverencia ordenasse; o mesmo respondeo ao Irmaõ Sottominisstro, que o dia era, quando parecesse ao Padre Reytor. Elle mesmo contou aos Irmaõs, que na vespora de fazer os seus votos gastara muyta parte da noyte em se aparelhar, pera os fazer com perfeyçaõ, & fervor. Quando na mesma vespora tomou a sua disciplina nas costas, como he sancto costume dos nossos Irmaõs, que acabaõ o Noviciado, & disse a sua culpa, fes esta acçaõ acompanhada de tantas lagrimas, que quasi naõ podia pronunciar as palavras, enternecendo aos Irmaõs, que o ouvirão.

12 Este cabedal de virtudes, ou o cabedal, que estas cousas denotam, tinha grangeado o Irmaõ Soares; quando foy mandado estudar ao Collegio de Evora: foram seus companheyros dous Irmaõs Noviços, dos quais era hum o Irmaõ Francisco Pacheco, que jà hia avizado pera fazer os seus votos. Nesta jornada deu o Irmaõ Soares os exemplos, que costumou nas outras peregrinaçoens. Dizia aos Irmaõs, que elle nos seus estudos nada esperava de si, nem de si fiaria cousa alguma, mas muyto no amparo da Virgem Senhora, a quem tinha escolhido por protectora sua muy especial. Tinhalhe elle cordialissima devoçaõ, & lhe fazia muytos obsequios, por isso confiava tanto no seu patrocinio.

13 No Collegio de Evora se hospedou em o Noviciado, & nelle esteve alguns mezes: avendose com tanta compostura, sesudeza, & assistencia nas capellas, q̃ depois de tempos disse o Padre Mestre dos Noviços a seu companheyro: Padre, este Irmaõ me parece cousa, que tem muyto de Deos; porque o seu modo em tudo naõ està sem virtude solida. Respondeo o Padre: nessa mesma opiniaõ vivia eu. Em todos os mezes, que viveo depois do Noviço, naõ desdisse em cousa alguma da sanctidade, que

trou-

cronesa do Noviciado. Na oraçaõ era tam continuo, q̃ achandoo o Superior nas capellas em tempos de eſtudo (cuidava o boũ Irmaõ o podia fazer) o mandava recolher ao ſeu cubiculo dizendolhe, que no tal tempo a boa oraçaõ era eſtudar bem.

14. Quando hia com os mais Irmaõs ouvir o ſermaõ á Igreja, antes de elle principiar, ſe retirava pera hum canto da tribuna, & ſe punha em oraçaõ, ou eſcuſava pellas horas. Depois de ouvir a ſua Miſſa na capella, ſe deyxava ficar ordinariamente de joelhos por eſpaço de hum quarto. Nos dias antes da feſta de Corpus Chriſti, por ſe andar armando a capella, permittem aos Irmaõs ter o ſeu exame nos cubiculos, que he coſtume entre elles ter na capella. O Irmaõ Soares ſe hia ao retrete da livraria, & alli diante de huma cruz, que eſtá ſobre a eſtante, *gaſtava* aquelles tempos do exame, por lhe parecer, que aſſim era mais conforme ao coſtume de ſe naõ ter no cubiculo.

15. Nas ſuas praticas procurava meter ſempre conſideraçoens ſanctas; particularmente nas veſporas de communhaõ, perguntando, cõ q̃ conſideraçaõ ſe poderia no dia ſeguinte receber melhor ao Sanctiſſimo? E como alguns naõ dizendo conſideraçaõ algũa lhe pediſſem, propuzeſſe elle a ſua, o fazia logo procurando deſpertar nos mais os fervores, que elle em ſi queria. Succedia algumas vezes achar ſe com Irmaõs, que goſtam mais de outras praticas, como de eſtudos, ou couſas indifferentes, & a prezença do Irmaõ Soares, por ſó querer fallar das couſas ſanctas, lhes era menos ſuave: por tanto já ſabiaõ, como o aviaõ de obrigar a ſe retirar; diziaõ couſas impertinentes, & de que ſe naõ tirava fruto: entaõ o Irmaõ Soares dando hum pontoma boca, pouco a pouco ſe hia eſcoando; & deſpedindoſe ſe hia pera a capella ter oraçaõ, & fallar com Deos, & a rogar por aquelles Irmaõs, pera que foſſem inclinados ás couſas ſanctas.

16. Eſcrevia o Irmaõ Soares com perfeyçaõ, pediolhe hum dos Irmaõs, lhe tresladaſſe alguns poemas; deſculpouſe, dizendo, que tinha muyto, que fazer; & apartandoſe, ſe foy pôr em oraçaõ na capellinha de noſſa Senhora da Modeſtia do Noviciado: dahi a pouco eſpaço de tempo indo em ſua buſca aquelle Irmaõ, que lhe pedira, lhe tresladaſſe as poezias; & achandoo em oraçaõ,

lhe

sho disse: Não he, Irmaõ, o que elle tinha, que fazer. Respondeo mansamente: pois que, Irmaõ, não he mais, que todos elles versos.

17 Todos os Irmaõs affirmaram, que no Recolhimento naõ dissera palavra, nem que de longe cheyrasse a huma leve murmuraçaõ, nem que molestasse a algum: antes era tão accommodado, que em tudo cortava sempre por si. No jogo, em que he facil cahir huma palavra de enfadamento, a naõ ouvio alguem da boca deste Irmaõ. Antes gostando muyto estar em o Noviciado, quando lhe mandaraõ, passasse a morar no Recolhimento, disse, tinha nisso gosto, só por naõ ser de pena com as suas idas, & vindas ao Irmaõ Noviço, que tinha cuidado da portaria, a quem lhe parecia, naõ podia deyxar de ser molesto. Se algum Irmaõ o reprehendia, ou se enfadava de alguma sua inadvertencia; a sua reposta era hum profundo silencio, & soffrer com toda a paciencia. Se no jogo se seguia pera jogar, & tendo já pegado no malho, via que outro se levantava pera o mesmo; logo o punha de parte, dando lugar a que o outro entrasse no jogo.

18 No refeytorio comia muytas vezes no chaõ, & de esmolas, & beijava os pés: eraõ nelle tam ameudados estes exercicios, que na menhaã, em que no Collegio se divulgou o seu fallecimento, naõ cahindo hum Religioso do Collegio, em que Irmaõ fosse: perguntou, se acazo era hum, que no refeytorio andava sempre a comer no chaõ; de esmolas, & a beijar os pés? E dizendolhe, que esse era, disse que lhe parecia ser sancto. Tambem hia frequentemente lavar à louça à cozinha. Em pedir licença pera as cousas ainda mais meudas, se via o particular amor, que tinha afim à sancta pobreza, como às regras, & ordens dos Superiores, contra as quais naõ cometteria advertidamente o minimo defeyto. Disse o seu Padre Ministro, que neste particular naõ vira Irmaõ, que fosse mais delgado: & porque entre a lida, que o Padre tinha, sentia alguma importunidade sancta no pedir das licenças deste servo de Deos; lhe deu alguma em geral, por se livrar de lhe ir tam frequentemente à porta do cubiculo.

19 Das faltas, que via necessitarem de emenda em alguns Irmaõs, as dizia ao seu Padre Ministro; pedindolhe, que somente os avizasse sem penitencia, porque

puzeſſem cobro ſobre ſuas acçoens. No Recolhimento foy ſempre companheyro do Irmaõ Franciſco Pacheco em hum cubiculo dos mais proximos à porta do Recolhimento, porque tinhaõ a ſeu cuidado acodir à campa da porta. Differam alguns Irmaõs ao Irmaõ Luis Soares, que ſe eſcuſaſſe daquelle cuidado de ſer porteyro; a iſſo reſpondia; que lá eſtava o Padre Miniſtro, que diſpuzeſſe, o que julgaſſe; que elle em tal couſa naõ avia de falar. O Irmaõ Pacheco ſentindo, que aquellas perſuaſoens pudeſſem obrigar ao Irmaõ Soares a procurar outro cubiculo: lhe pedia tal couſa naõ fizeſſe; porque lhe cuſtava muyto carecer de taõ virtuoſo companheyro. Aſſim ſe conſervaraõ no meſmo aposento eſtes dous benditos Irmaõs, dandoſe hum ao outro ſanctos, & virtuoſos exemplos. Ambos com o aperite de eſtudar; ſem attender aos incomodos, que os exceſſos trazem à ſaude, ſuccedia treſnoytarenſe, levantandoſe muy de madrugada, quando as ſuas idades pediaõ dormir.

20 Finalmente foy Deos ſervido, que no meſmo dia adoeceraõ, & foy neceſſario paſſarem ao Irmaõ Soares pera outro cubiculo: a doença ao principio naõ moſtrou taõ maos ſintomas, como a do Irmaõ Pacheco; mas foy lavrando mais de vagar. Tratou logo de ſe diſpor pera o caminho da outra vida. Tinha elle taõ bem ajuſtada a ſua vida, que conſiderar na morte, lhe naõ dava genero algum de abalo: quando lhe fallavaõ em vida, ou em morte: a ſua repoſta era: O que Deos quizer. A paz, & tranquillidade era tanta, quanta explicar ſe naõ pode: que he a ditta, de quem antes de chegar à morte, ſe tem diſpoſto pera ella com huma vida ſancta, como o tinha feyto eſte ſervo do Senhor. Recebeo os Sacramentos com grandes affectos ſignificadores do ſeu muyto amor de Deos.

21 Depois intendendoſe o mal, lhe deu em delirios, nelles moſtrou ſempre os bons habitos, que na vida tivera: vindolhe à boca muytas couſas ſanctas, como dizer, que os Sanctos Anjos lhe andavaõ baylando por ſima da cabeça. Que o Sancto Xavier o queria levar pera as miſſoens, & couſas deſte, & ſemelhante jaes: frequentemente dizia aos Irmaõs, que lhe aſſiſtiam, ou entravam no cubiculo: Irmaõs, alegria, alegria, & elle a moſtrava muy particular. Na noyte ultima de ſua vida, fazendolhe o Pa-

o Padre, que assistia, colloquios, elle os hia repetindo com a voz cansada: por mais que o Padre lhe dizia repetisse aquellas cousas só lá no coraçaõ, toda via forcejava com a voz. Nesta forma foy passando athe junto das duas horas depois da meya noyte, nos vinte, & nove de Junho dia dos Apostolos Saõ Pedro, & Saõ Paulo; & naquelle tempo com grande paz, & sossego se desatou aquella ditosa alma do corpo; & se foy pera seu Creador, a quem taõ de veras tinha servido. He cousa digna de grande ponderaçaõ o ser sua morte dia dos glorioſos Apostolos Saõ Pedro, & Saõ Paulo: porque foy devotissimo destes dous Sanctos. Quando de Lisboa veyo pera Evora disse hum dos companheyros, que era notavel o affecto, que o Irmaõ Soares mostrava ter a estes Sanctos, fallando delles como de seus singulares protectores, & como quem os venerava, & obsequiava com especialidade. Cubriraõ tambem os Irmaõs o corpo do Irmaõ Soares, assim como tinhaõ usado com o do Irmaõ Pacheco, com muytas flores, & cravos, & outras hervas cheyrosas; todas simbolo das muytas virtudes, com que sua alma tinha florecido em vida. Foy o Irmaõ Luis Soares de muyta bondade, grande affecto às cousas de Deos; nos seus gestos, & acçoens pausado, & modesto: o semblante de si estava dizẽdo virtude, & sanctidade; nem palavras, nem obras avia nelle, que espirassem outra cousa: tal foy o Irmaõ, que o Ceo brevemente nos roubou, como invejozo, de que estivesse mais na terra, quem se tinha feyto taõ merecedor da gloria em pouco mais de dous annos, & quatro mezes, que viveo na Companhia. Do Irmaõ Soares dis em huma carta sua o Padre Reytor do Noviciado de Lisboa estas palavras: *Eu sempre tive ao Irmaõ Soares por bom, & verdadeyro, sincero, & sem refolho algum; & na consulta da provincia pera os votos disse eu, que naõ só era bom Noviço, santinho, mas me parecia indistrabivel.* Athe aqui a clausula da ditta carta; que bem se deyxa ver o muyto, que dis em poucas palavras.

22 O pay do Irmaõ Luis Soares escrevendolhe a morte do filho, fallando dos procedimentos, que tivera antes de ser da Companhia, dis o seguinte: *Desde que teve uso de razaõ, começou a ser inclinado a boas obras, indo todos os dias à Missa com muyta devoçaõ, rezando todos os dias à*

Senhora o ſeu Roſario, jejuandolhe todos os Sabbados: tendo muytas devaçoens a varios Sanctos. E de dez, ou doze annos de idade começou a uzar de ſeu cilicio, & indo todas as ſegundas, quartas. & ſeſtas feyras à diſciplina, & oraçaõ à capella dos Terceyros, & os mais dias, q̃ là naõ hia a tinha ſempre em caza. Todos os Domingos ſe cõfeſſava, os annos primeyros com os Padres Carmelitas, athe os quatorze, ou quinze, & ao depois athe ir pera a Companhia ſe confeſſava com os Padres Congregados. Filho, que nunca deu cauſa aos pays de o caſtigarem, ſempre obedecendolhes em tudo, o que lhe ordenavaõ. Sempre paciente em alguma afflição, que tiveſſe; nunca agravou a peſſoa alguma; a todos agradava. Entre oitenta, ou cem condiſcipulos, que ſeu Meſtre trazia, elle era o de que mais ſe agradava. Foy ſoldado dous annos aqui no Porto, aquelles proximos a ſe recolher na Companhia; mas nem por iſſo deyxava de ouvir Miſſa todos os dias, nem de ſatisfazer ao mais aſſima ditto. Iſto paſſa na realidade. Athe aqui parte da carta do pay do Irmaõ Luis Soares por ſuas meſmas palavras. Donde ſe ve, que o Irmaõ Soares jà era muyto dado a Deos antes de entrar na Companhia.

CAPITULO L.

Vida, & morte do Padre Amaro Fernandes.

Evora 2 de Maio de 1705.

O Padre Amaro Fernandes homem de ſingular virtude, & grande bondade nos deyxou cheyos de ſaudades, pois quando a Companhia eſperava começar a recolher os fructos dos ſeus eſtudos, & do augmento de ſuas virtudes, foi Deos ſervido de o levar pera ſi ſendo Theologo do quarto anno. Naceo eſte Padre na Villa de Montalvaõ em o Biſpado de Portalegre: neſta cidade eſtudou latim, pertendeo a Companhia, & foi admittido nella; deu principio ao ſeu Noviciado em Lisboa aos 29 de Setembro de 1689, tendo 17 annos de idade. Foraõ ſempre ſeus procedimentos de verdadeiro Noviço. A Coimbra foi cõtinuar nos ultimos mezes o ſeu Noviciado, & alli fez os votos, & eſteve algum tempo, athe que com outros Irmaõs foi mandado eſtudar Philoſophia em Evora. No fim deſte eſtudo o mandaraõ enſinar latim na Ilha de Sãõ Miguel.

Vol-

Voltando pera o Reyno, enſinou a meſma faculdade no Collegio de Setuval, & dalli veyo eſtudar Theologia em Evora, aonde foi ſua morte; como diremos depois de dar huma breve noticia de ſuas virtudes.

2 Todos entendem, que na vida religioſa a origem das virtudes, & fonte dellas he o trato familiar com Deos na oraçaõ. Naõ ha duvida, que o Padre Amaro fez della o ſeu primeiro cabedal. Logo de Noviço ſe foi vendo, quãto a ella era inclinado. Porque com Deos gaſtava o tempo, que lhe ſobrava das occupaçoẽs, que eſtavaõ a ſeu cargo. Humas vezes diante de huns reziſtos ſanctos, que tinha no ſeu cubiculo; as mais na tribuna diante do Sanctiſſimo: & reparouſe, que ſempre ſe punha a hum dos cantos mais eſcuros della, por ſe naõ dar fé da muyta aſſiſtencia, que alli fazia.

3 Pellos annos adiante tambem era achado muytas vezes em oraçaõ no cubiculo fora dos tempos, em que todos oraõ. Pellas quarenta horas, & ſomana ſancta na quinta feira, o achavaõ alta noyte tendo oraçaõ diante do Senhor, taõ immovel, que parecia homem todo elevado em Deos. Na ſeſta feira ſancta de menhãa indo com outro Religioſo correr as Igrejas, onde avia ſepulcro, o Padre Amaro em todas fazia a ſua oraçaõ com grande pauza, & naõ como de corrida; & notouſe, que ſó ao deſpedirſe abria os olhos pera o ſepulcro, & logo os compunha, & ſe retirava; dando a entender, naõ eraõ as ſuas idas, pera ver a curioſidade dos ſepulcros, & apparato das Igrejas, mas ſó pera em diverſos templos fazer reverencia ao Senhor. Na capella da Conceyçaõ do Collegio de Evora gaſtava muytas horas, em eſpecial nas ſeſtas feiras da Quareſma, quando eſtava deſcuberta a ſancta imagem de Chriſto morto, que eſtà debayxo do altar: diante della ſe detinha horas eſquecidas, ſem dar fé, de quem entrava, ou ſahia. Naõ era eſta oraçaõ ſó nos templos, & capellas, aonde era certo, quando naõ eſtava no cubiculo; mas tambem quando hia pellos corredores, porque ſe avia com hum modo, que denotava andar com o penſamento em Deos. Quando neſtas occaſioẽs lhe perguntavaõ alguma couſa, reſpondia como homem paſmado, & que tendo o ſentido fixo em outra couſa, o apartavaõ da ſua conſideraçaõ. Nas aulas, quando eſcrevia, ou aſſiſtia às explicaçoẽs, dava de ſi muytos ſinais de que levãtava

tava o penſamento a Deos; aſſim o entendia, quem tinha delle mais particular noticia.

4 Do recolhimento das potencias interiores nacia a compoſtura, & recato dos ſentidos exteriores. Os ſeus olhos andavaõ poſtos em terra. Cuidouſe, & com bons fundamentos, que nunca os puzera em roſto de molher alguma. Antes huma quinta feira ſancta pedindolhe hum Religioſo, quizeſſe ſer ſeu companheiro, pera viſitarem as Igrejas, antes de entrarem ao officio. Reſpondeo, que de boa vontade o acompanharia na menhaã da ſeſta feira ſancta, porem, que naõ era conveniente ir no tempo, que pedia, por andarem as ruas, & Igrejas cheyas de molheres, & que poderia ſuccéder dar com os olhos em alguma, contra o que de ſi eſtâ dizendo, & pedindo a modeſtia, & decoro da Companhia. Succedeo dizer-lhe hum Padre, que na quinta feira coſtumava ir a maior parte da cõmunidade; por tanto, que naõ avia, porque dilatar o goſto daquelle Religioſo. Entaõ ſe deyxou vencer. Porem como os Prelados naõ quizeſſem dar licença no tal dia, por ventura pella meſma razaõ, porque repugnava o Padre Amaro: ficou muy alegre, tendo aquella vontade do Superior por grande providencia divina, que naõ queria tiveſſe a modeſtia dos filhos da Companhia o minimo perigo de qualquer deſar.

5 Nas ruas ſempre hia com os olhos cahidos; & quando era companheiro dos que viſitavaõ molheres, eſtava muy modeſto, ſem levantar olhos. Diſſeraõ muytos, que nunca eſtando à meza lhe viraõ os olhos levantados, nem dar fé, dequem andava no refeitorio.

6 Andavaõ eſtas virtudes acompanhadas de grande mortificaçaõ, ſem a qual ellas ſe naõ achaõ. Nunca o viraõ cheirar huma ſó flor: em tempos de primavera quis hum Padre tentar, o que nelle avia de rigor neſta materia, & colhendo huma flor, inſtou com o Padre Amaro, que a cheiraſſe; mas nunca tal couſa com elle pode acabar. O meſmo Padre na ultima doença do Padre Amaro, pera lhe cõfortar o cerebro, abrio huma cayxinha de balſamo apopletico, & lha offereceo, & ainda inſtou, pera que a cheiraſſe: taõ pouco tiveraõ effeito eſtas inſtancias.

7 A cazo trocandoſe o ſeu barrete cõ o de outro Religioſo, eſte lhe achou dentro pregado hum alfinete, & entendeo

tendeo o trazia pera com elle mortificar, & picar as maõs, quando as tinha no barrete. As ſuas diſciplinas eraõ largas, & rigoroſas, & as tomava muytas vezes fora de horas, por naõ ſer ſentido. A continuaçaõ dellas ſe deyxou mais conhecer na ultima doença, quando ſendo neceſſario ſarjalo, tinha as partes, que ſe coſtumam ferir com a diſciplina, taõ callejadas, que a lanceta entrava por ellas com trabalho, & como por couſa enrijada: reparando muyto o meſmo official em couſa pera elle taõ eſtranha. No comer foi muy parco: dizia naõ goſtar de jantares, em que ſe dava mais do ordinario, & nelles naõ comia mais do coſtumado. Na Theologia ſe aſſentava nos bancos de fora por naõ eſtar encoſtado. Sendo Meſtre de latim nas Ilhas, vendo os eſtudantes a ſua modeſtia, modo retirado, & mortificado; diziaõ, ſer bom pera Meſtre de Noviços.

8 Na obediencia deu tantos exemplos, quantas foraõ as acçoẽs de obediencia, que ſe lhe encomendaraõ; pois nunca ſe eſcuſava dellas. A's confiſſoẽs de noyte acodia em o avizando com grande pontualidade, a qualquer hora que foſſe, & dizia ter niſſo goſto. Pera elle baſtava dizerſelhe, que o Superior mandava iſſo, ou aquillo, pera ſem replica alguma lhe dar cumprimento. Quando o avizavam pera diſputas, ou concluſoẽs, naõ tinha outra palavra, ſenaõ dizer, que ſim. Tambem ſe notou a muyta pontualidade, com que acodio ao final da campa; de tudo ſe deſembaraçava, em ſoando. Na virtude da pobreza quam exacto foſſe, & quam amante, teſtimunhou o ſeu veſtido interior, que era pobriſſimo; & todas as mais alfayas do ſeu uſo, que eraõ couſa muy limitada. Por naõ gaſtar papel, fazia quadernos das concluſoẽs manuſcritas, & coſtas de cartas, & nelles fazia os ſeus apontamentos.

9 Pera prova de ſua grande caridade, baſtava dizer, que nunca da ſua boca ſe ouvio murmuraçaõ. Se diante de ſua prezença algum metia praticas de murmuraçaõ, logo as atalhava, naõ conſentindo foſſem adiante. Entre os do ſeu tempo tinha tres modos, com que dava corte a eſtas taõ communs, como perniciоſas praticas: o primeyro modo era meter de permeyo alguma nova: ſe lhe naõ ſuccedia, entrava com o ſegundo modo, deſculpando a peſſoa, de quem ſe detrahia, dizendo: teria ſua razaõ, & que a tẽçaõ na obra ſeria boa, & ſancta. Quando finalmente via, q tra-

trabalhava de balde, se despedia com estas palavras: Vaõ
queiram, ora fiquem embora. Tinha dito ao Irmaõ Sa-
cristaõ, que quando algum Padre naõ pudesse dizer a pri-
meira Missa, o chamasse a elle, & naõ molestasse outro,
que sempre o acharia prompto, pera lhe ajudar as faltas.
Aos doentes servia com grande amor; foi esta naõ pequena
que fez muyto na memoria dos Irmaõs do Recolhimen-
to, só de assistir algum tempo entre elles por Ministro de
substituiçaõ.

Gostava muyto com as acçoẽs de humildade mos-
do Noviço sempre se adiantava, pera fazer as cousas de
mais abatimento, como em alimpar os lugares menos lim-
pos. Na cozinha fazia sempre por lhe cahir em casa o es-
fregar as panellas, & porque sabia, que o Irmaõ cozinheiro
na repartiçaõ dos officios da cozinha, sempre em primeiro
lugar dava este cuidado, hia com diligencia, & se punha
mais proximo a elle, pera que lhe cahissem as caldeyras, &
panellas, que ordinariamente eraõ suas. No seu fallar, quã-
do contava entre os Irmaõs alguns exemplos, o fazia com
palavras taõ charras, & modo taõ grosseiro, que parecia ser
hum tosco Irmaõ Coadjutor: isso mesmo mostrava procu-
rar, em ordem ao desprezarem, & terem por menos
culto.

Naõ só em Noviço, mas depois sempre muyto dis-
cousas de Deos, & nestas praticas mostrava gosto, como
quem tanto o tinha no coraçaõ. Muytas vezes o viaõ
estar no seu cubiculo fazendo fervorosas jaculatorias. Ain-
da depois, que na doença lhe sobrevieraõ frenesis, dizia
palavras sanctas, & que levavaõ a Deos, pera onde o leva-
raõ as suas propensoẽs. A sua devoçaõ à Senhora foi co-
nhecidamente grande. Na meza do cubiculo tinha diante
dos olhos huma imagem da Senhora com o Menino nos
braços, na qual se estava revendo de continuo.

Em o Noviciado se vio logo quam ternamente ti-
nha no seu affecto a devoçaõ da Senhora. Naõ havia pra-
ca, em que mais se saboreasse, que na das excellencias da
Virgem May, que assim a nomeava de ordinario. Quando
os Irmaõs o queriaõ alegrar, lhe diziaõ: Hoje, Irmaõ Amã-
ro Fernandez, avemos de fallar da Virgem May. Muytas
vezes a visitava nas suas capellas. Na Ilha de Saõ Miguel,
quando estava na quinta, frequentemente se recolhia pera

a ca-

a capellinha da Senhora a tratar com Deos, & com a Virgem Mãy. Na meſma quinta goſtava muyto de cantar a ladainha da Senhora. Notouſe, que tendo ſua tentaçaõ de cãtar, quando eſtava na quinta tudo quanto cantava era ao divino; & ainda algumas letrinhas indifferentes, que de ſi naõ tinhaõ couſa, que deſdiſſeſſe da gravidade, & decoro Religioſo, elle as acomodava ao divino, naõ querendo, que na ſua boca tiveſſẽ lugar ainda hũs longes de profanidade.

13 Ajuntava com eſtas, & mais virtudes hum grande amor à Companhia, moſtrando ter pleno conhecimento do grande bem, que tinha em ſer contado no numero de ſeus filhos. Deſpediraõ no Collegio de Evora a hum Irmaõ Theologo. Acazo certo Padre tambem Theologo entrou no cubiculo do Padre Amaro, contandolhe o que paſſava: & acrecentou, ſe fora aquelle Theologo da Companhia por deſconſolado: a iſto diſſe o Padre Amaro: *Eu confeſſo, que ainda que me mandaſſem pera hũa cozinha por incapas de ſer Sacerdote, & ainda que me fizeſſem moço da cozinha, tirandome a roupeta, com tanto que foſſe ſempre da Companhia, tudo aceituria ſem çoçobro.* Coſtumava tambẽ dizer, pera moſtrar, quam fixo eſtava na ſua vocaçaõ: Que elle era profeſſo do quarto voto, que o naõ podia a Companhia deſpedir. Significando cõ eſtas palavras q̃ na Cõpanhia a melhor ſegurança ſaõ os melhores procedimentos.

14 Da ſua muyta bondade, & virtude nacia ſer amigo de dar a todos goſto, ainda com diſcomodo ſeu: algumas vezes tendo chegado de fora, eſtando ſem deſcanſar, ſuccedia, que algum Religioſo ſem ſaber viera de fora, lhe pedia, quizeſſe ſer ſeu companheiro, pera ſatisfazer na cidade a eſtas, ou aquellas obrigaçoẽs; por lhe dar goſto cortava pello ſeu deſcanſo, & ainda repugnancia, pera fazer a vontade a ſeu Irmaõ. Se a cazo o outro entendendo tinha chegado de fora, lhe dava ſatisfaçaõ de tal couſa lhe pedir: o Padre Amaro inſtava em dar comprimento ao que dezejava; dizendo, que pouco hia no ſeu trabalho.

15 Eſta bondade o fazia bem quiſto de todos, & athe aceito ainda aos meſmos brutos. Na Ilha de Saõ Miguel tinha hum Religioſo no ſeu cubiculo hum camarion, eſtando em tudo pago daquella avezinha, ſó lhe deſcontentava a braveza, & eſquivança. Fez todas as diligencias, q̃ pode, pella amançar; mas todas foraõ debalde, porque de-

pois delle se servaõ, & risco, como antes. Contou tudo ao Padre Amaro, que era Mestre de latim; este lhe disse, que lha mandasse pera o cubiculo. Assim o fez; & dentro de poucos dias se domesticou tanto o canario, que era hum doce feitiço de todos. Fazendo taõ engraçados meneyos com o bico, & com as azinhas, quando se lhe offerecia com a maõ alguma cousa de comer, que dava grande recreaçaõ naõ menos com elles, que com a harmonia do seu canto. Consideradas as diligencias, que o outro Religioso fizera pera tirar as esquivanças do canario; & as poucas, com que o Padre Amaro de bravio o fez meigueyro: entrou o Religioso em pensamentos, de que a virtude do Padre Amaro dobrou a fereza do passarinho, & naõ as diligencias; ou estas ajudadas da virtude de quem as fazia.

16 Tendo passado o discurso de sua vida em muyta observancia, & virtude, estando quasi no fim dos annos de Theologia, lhe sobreveyo huma terrivel doença de febre maligna. Ainda que por toda a vida se dispos pera a morte, o fez então applicando as diligencias, que estavaõ na sua maõ. Recebeo o Sancto Viatico hum dia antemanhaã, por se ver de repente taõ apertado, que cuidou fallecer. No entre tanto fez muytos collaquios, como quem tanto se tinha habituado nas cousas sanctas. Huma vez disse, que pera aquellas horas se naõ aviaõ de guardar as cousas tocãtes à salvaçaõ; por quanto a força do mal debilita tanto as potencias, que nem hum acto de amor de Deos se pode fazer com fervor, & espirito.

17 Sobrevieraõlhe delirios; nos quais nunca sahio em palavras descompostas. Tiveraõ muytos por indicio de ser homem predestinado, sahir nestas palavras: *Eu naõ se me dà de morrer: segurei a minha salvaçaõ, & fis bem.* Tambem mostrava ter seus lucidos intervallos, & nelles, ou mostras delles disse as palavras sobreditas. Morreo em Evora na madrugada dos dous de Mayo de mil setecentos, & sinco. Depois de sua morte foi ditto vulgar entre todos, que o Padre Amaro Fernandes era sancto, & justo. Este conceito corrẽ em toda hũa cõmunidade taõ numerosa, sancta, & disputa como a do Collegio de Evora, he hum abonadissimo testemunho da muyta sanctidade deste servo de Deos.

FIM.

CA-

CATALOGO
DE ALGUNS ESCRITORES DA noſſa Companhia, que foraõ Noviços em Lisboa.

NESTE Catalogo apontarei alguns Religioſos, que eſcreveraõ, & imprimiraõ, como o faço nas outras cazas, referindo os que foraõ Noviços em alguma das cazas, que ſegundo o q̃ fica contado, ouve em Lisboa. Niſto coſtumo ſeguir o que ſe faz na Bibliotheca geral da Companhia, aonde nem todos imprimiraõ livros grandes, & de tudo ſe faz menção, ainda de couſas pequenas, por ſer eſſe o coſtume de todos, os que fizeraõ Bibliothecas, cujo intento foy ſaberſe das tais obras, ou grandes, ou pequenas, como tambem pella meſma cauſa ſe referem obras, que ficaraõ manuſcritas. Iſto ſuppoſto, vamos ſeguindo a ordem do Alphabeto.

Padre Adriaõ Pedro natural de Lisboa entrou na Companhia aos 3 de Junho de 1649, tendo 17 annos de idade. Enſinou Philoſophia em Lisboa, foy Procurador Geral do Malabar, & Japaõ, Reytor do Collegio de Coimbra, & depois do de Sancto Antaõ. Eſcreveo as vidas do Irmaõ Antonio Homem Coadjutor temporal, & a do Irmaõ Bernardo de Mello eſtudante, cujos treſlados manuſcritos ſe guardam no cartorio de Coimbra. Eſcreveo ſobre as Excellencias de Lisboa. Morreo no Collegio de S. Antaõ aos 17 de Março de 1713.

Padre Antonio Carneyro natural de Lisboa, onde entrou na Companhia aos 7 de Abril de 1676. Foy Reytor do Collegio da Ilha de S. Miguel, Prepoſito da caza de Villaviçoza, & Meſtre dos Noviços no Collegio de Coimbra. Imprimio humas Meditaçoens dos Exercicios eſpirituais

de noſſo Sancto Padre. Compos mais hum livro de Meditaçoens pera todos os dias do anno das virtudes de hũ dos Sanctos daquelle dia, intitulado *Sanctuario Mental*. Este livro ſe imprimio em Lisboa; o outro em Coimbra.

Padre Antonio de Macedo natural de Coimbra entrou aos 25 de Agoſto de 1626. Sua vida fica eſcrita, & como por ſeu meyo obrou Deos a cõverſaõ da Rainha Chriſtina. Enſinou letras humanas, & Theologia Moral. Foy Reytor do Noviciado de Lisboa, do Collegio de Evora, & duas vezes Preposito da caza de Saõ Roque, onde ſanctamente falleceo aos 15 de Julho de 1693. Compoz, & imprimio em Paris *Luſitaniam Inſulatam, & Purpuratam, ſeu Pontificibus, & Cardinalibus illuſtratam.* A vida do Padre Joaõ de Almeyda em latim impreſſa em Padua. Elogios, & coroaçaõ da Rainha Chriſtina, impreſſas em Eſtocolmia. As concluſoens Rhetoricas cheyas de eruditçaõ, que teve na Ilha da Madeyra. Os Sanctos Titulares, impreſſo em Lisboa. Todas eſtas obras ſaõ em latim.

Padre Antonio da Sylva natural de Aveyro Biſpado de Coimbra entrou aos 7 de Março de 1622, tendo 17 annos de idade. Sete annos enſinou letras humanas, & Rhetorica, outros ſete Theologia Moral. Morreo ſanctamente em Santarem aos 18 de Abril de 1666. Imprimio hum compendio da vida do Sancto Xavier.

Padre Ayres de Almeyda natural de Santarem entrou na Companhia aos 24 de Março de 1649, tendo vinte annos de idade. Enſinou entre nós as ſciencias athe a cadeyra de Prima de Theologia em o Collegio de Coimbra com nome de grande Meſtre. No meſmo Collegio morreo ſanctamente aos ſete de Março de 1704. Foy ſofredor de enfermidades, que lhe nam faltaraõ. Na ultima doença naõ quis pedir licença, pera dar couſa alguma do ſeu uſo, deixando tudo nas maõs do Prelado, tendo eſcrupulo do contrario. Foy Calificador do Sancto Officio. Imprimio em Coimbra hum Sermaõ do Acto da Fé, que prègou em o anno de 1697.

B

Padre Doutor Bento Pereyra naceo em Borba no Arcebiſpado de Evora: foy filho de huma Irmaã dos dous Padres Bentos Fernandes, hum Martyr inſigne, outro inſigne,

signe Escriturario, entrou aos 27 de Junho de 1620, tendo quinze annos de idade. Depois de estudar Philosophia em Coimbra, ensinou seis annos letras humanas, & Rhetorica em Evora, com nome de grande Mestre. Antes de ser Sacerdote compos cinco volumes de justa grandeza, dos quais logo se dirá. Em Evora ensinou Philosophia. Leo Theologia por vinte annos, parte em Lisboa, & parte em Evora: onde tomou o grao de Doutor aos 24 de Fevereyro de 1647. Foy Calificador do Sancto Officio. Em Roma foy Revisor dos livros da Companhia. Voltando de Italia governou o Collegio dos Irlandezes em Lisboa; onde tambem foy Mestre de Theologia. Foy homem de costumes inculpaveis. Por toda a vida naõ teve outras contas de rezar, mais que as mesmas, que lhe deraõ em o Noviciado. Muy amigo das cousas sanctas, & devoto da Senhora. Foy de estudo incansavel. Por naõ perder tempo, quando seu pay o vinha vizitar a Evora, lhe fazia aviso, o naõ visse se naõ na hora, em que depois do jantar fallaõ entre si os Religiosos. Quando servia à meza, tinha comsigo hum livro, & pondo na meza a comer, lia pello seu livro. Tudo fazia por aproveitar o tempo. Veyo a perder a memoria nos ultimos annos em forma, q naõ sabia o cubiculo, em que morava; & eu, que algum tempo o servi, o levava, & trazia do refeytorio. Quasi todo o dia gastava em ler pello Breviario. Quando lhe fallavaõ de cousas sanctas, fallava sempre a proposito, nas mais vativa, como homem, que ficou como hum menino antes do uso da razaõ, totalmente desmemoriado. Morreo em Evora aos 4 de Fevereyro de 1681. Compoz a Prosodia, que se tem impresso muytas vezes, & anda nas maõs de todos, a qual ultimamente foy amplificada pello Padre Mathias de Saõ Germaõ natural de Monçarás, que do muyto trabalho, que nisso teve, entisicou, & morreo. *Arte da lingua Portugueza* impressa em Leaõ de França. *Pollus Togatus* impressa em Evora. Hum tomo de *Moribus gentium*, o qual manuscrito se conserva na livraria do Collegio de Portalegre. *Hum commento de Horacio* em dous tomos, que se conserva manuscrito no Collegio de Sancto Antaõ de Lisboa. Imprimio hum intitulado *Academia*, em que trata, da Republica literaria. Outro intitulado *Elucidarium Theologiæ moralis, & utriusque juris, exponens proprietatem*

ser-

sermonis Theologici, Canonici, & Civilis. Mais huma *Suma de Moral* em dous tomos, que dizem ser nesta faculdade a melhor Sūma, que tem sahido a luz. Mais hum grande volume, que intitulou *Concionabilia*, que trata de prègaçoens; este manuscrito se conserva no Collegio de Beja. Outros, de que trata separadamente a Bibliotheca da Companhia, como *Thesouro da lingua latina*, *Florilegio*, sāo partes, que andaõ encorporadas na Prosodia. Imprimio *Promptuarium Juridicum, complectens omnes resolutiones secundum jus commune, & Lusitanicum. Regras geraes da Ortographia Portugueza, & Latina* impressas em Lisboa. Tambem fez hum compendio dos livros de Matrimonio do Padre Sanches; que athe o prezente se naõ imprimio.

C

Padre Christovaõ Ferreyra natural da Zevreyra no Arcebispado de Lisboa entrou em Coimbra aos 27 de Novembro de 1596, passou parte do seu Noviciado em Campolide. Sua tragedia, & ditoso fim em seu lugar fica escrito. Morreo Martyr em Japaõ, anno de 1652. *Escreveo* as Annuas de Japaõ de 1627.

D

Padre Diogo Lobo natural de Tangere em Africa entrou aos 20 de Novembro de 1644. Ensinou letras humanas, & Rhetorica em Lisboa. Teve singular talento pera os pulpitos, foy Prègador dos Reys Dom Affonso sexto, & Dom Pedro Segundo. Nos ultimos annos padeceo estupor em hum braço: indo de Lisboa a Coimbra, pera se curar, prègou alli o Advento, & avia de prègar as quinhaãs da Quaresma, quando lhe veyo a doença, de que morreo aos 20 de Março de 1691. Deyxou hum, ou dous tomos de sermoens preparados pera a imprensa; por causa da morte de seu Autor naõ sahiraõ a luz. Destes sermoens sahiraõ dous impressos em hum volume, que se imprimio de sermoens de prègadores nomeados daquelle tempo.

Padre Duarte de Saude natural de Guimaraens no Arcebispado de Braga entrou na caza de Saõ Roque em Junho

nho de 1562. Ensinou Rhetorica em Coimbra. Foy gram de Prégador, & Superior. Passou à India no anno de 1578. Governou o Collegio de Baçaim; foy Superior da missaõ da China, & Reytor do Collegio de Macao. Entrou a prégar na China, onde converteo muytos gentios. Morreo santamente em Macao no anno de 1600. Escreveo huma Relaçaõ da China pera o Padre Prepósito Geral. Mais o Itinerario dos Principes do Japaõ, que delle partiraõ pera Roma no anno de 1584.

F

Padre Francisco Ayres natural da Amieyra no Priorado do Crato. Sua vida, & virtudes escrevo em seu lugar. Morreo santamente na caza do Noviciado de Lisboa aos 11 de Novembro de 1664. Sendo cego, tendo por escreventes os Noviços, ditou alguns livros espirituais, que imprimio, cujos titulos sam: *Directorio espiritual pera o caminho do Ceo, Triumphos do amor divino contra os desprimores humanos, Exemplares metaphoricos da origem das virtudes, Parallelos Academicos entre duas Universidades divina, & profana. Imagem de prudentes, & espelho de ignorantes. Epitome espiritual de tudo, o que deve saber o Christaõ, do que deve crer, & obrar.*

Padre Francisco da Fonseca natural da Cidade de Evora sendo estudante Theologo, & Mestre em Artes entrou na Companhia em Lisboa aos 26 de Março de 1685. Ensinou letras humanas, prégou alguns annos. Sendo Procurador Geral da India foy por Confessor do Embayxador de Portugal o Marques de Alegrete à Corte de Viena de Austria, alli no anno de 1708 se imprimio com nome supposto de Affonso Franco hum Compendio muy perfeyto da vida de Sam Joaõ Nepomuceno, Padroeyro do Reyno de Boemia, composto pello mesmo Padre; & com elle o officio, & ladainhas do mesmo Sancto. Compos mais hum livro desta jornada do Embayxador, & vinda da Senhora Rainha de Portugal, obra muy asseada, & grandemente curiosa, o qual athe o prezente se naõ imprimio.

Padre Francisco da Cruz natural do Louriçal Bispado de Coimbra entrou em Coimbra aos 9 de Dezembro de 1543, tendo 14 annos de idade. Em Coimbra esteve só

onze

annos dias, logo foy pera o Noviciado de Lisboa, Emprendeu letras humanas, Philosophia, & Theologia. Foy Revisor em Roma; Reytor do Collegio de S. Antaõ. Mestre, & Confessor do Principe Dom Joaõ, que agora he Dom Joaõ o Quinto Rey de Portugal, & o seja por muytos, & ditosos annos. Neste anno de 1709 se começou a habitar hum Convento de Religiosas no Louriçal, que por respeito deste Padre mandou fazer a piedade del-Rey nosso Senhor. Foy o Padre Francisco da Cruz muy amigo das cousas de Deos, & tinha grande modo pera encaminhar as almas ao serviço de Deos. Falleceo na caza de S. Roque aos 29 de Janeyro de 1706. Tinha entre maõs huma Bibliotheca de todos os Autores Portuguezes, na qual obra tinha tido muyto trabalho. O que estava feyto deste manuscrito se deu ao Excellentissimo Senhor Dom Francisco Xavier Conde da Ericeyra, grandemente affeyçoado à Companhia, por elle com instancia o pedir pera a sua nobilissima livraria, como quem he taõ curioso, & amigo dos livros, & em seu poder se conserva.

Padre Dom Francisco Laines natural de Lisboa, entrou aos 16 de Outubro de 1672, tendo 16 annos de idade. Foy pera a India no anno de 1681. Trabalhou muytos annos na Missaõ de Maduré, onde sofreo muytos tormentos pela fé; voltou a Europa, & foy a Roma sobre negocios da Missaõ. Em Lisboa foy sagrado Bispo de Meliopor aos 18 de Março de 1708, & nesse anno tornou pera a India. Compoz, & imprimio em Roma no anno de 1707 hum livro intitulado: *Defensio Indicarum Missionum, Madurensis, Mayssurensis, & Carnatensis edita occasione decreti ab Illustrissimo Domino Patriarcha Antiocheno D. Carolo Maillard de Tournon Visitatore Apostolico in Indiis Orientalibus lati.*

Padre Doutor Francisco Soares Lusitano natural de Torres-Vedras no Arcebipado de Lisboa filho de pays muy illustres. Entrou na Companhia aos 5 de Fevereyro de 1619. De sua sabedoria, & excellentes virtudes escreve em sua vida. Foy homem de grande paciencia, & teve bem, em que a exercitar. Morreo de hum incendio casual em Jerumenha no Bispado de Elvas aos 19 de Janeyro de 1659. Escreveo, & imprimio em 4 tomos toda a Philosophia. A Universidade de Evora lhe imprimio huma so-

mo

nho de *Penitencia*, que deixou acabado. Tambem deixou acabado outro das Censuras Ecclesiasticas, & da Bulla da Ceá, que athe agora se não imprimiam. Como tambem huns Commentarios sobre a primeyra parte de Sancto Thomas, que ficarão acabados.

G

Padre Gaspar Vilhela natural de Avis no Arcebispado de Evora, Missionario insigne de Japão, cuja vida fica escrita nesta obra, falleceo em Goa no anno de 1572. Escreveo hum livro sobre as questoens, que lhe propuzerão os sabios de Meaco. Traduzio alguns livros na lingua mais elegante da Corte de Japão. Escreveo muytas Relaçoens, ou cartas das cousas de Japão, que andão impressas no volume, que mandou dar à imprensa o Illustrissimo Senhor Dom Theotonio de Bragança Arcebispo de Evora.

I

Padre João Coutinho natural do Pombalinho Bispado de Coimbra entrou na Companhia em Lisboa aos 7 de Setembro de 1660, tendo 18 annos de idade. Ensinou letras humanas, governou o Collegio de Setuval. Morreo santamente em Coimbra na noyte dos 23 pera os 24 de Abril de 1709. Compoz, & imprimio tres tomos de discursos concionatorios, que intitulou *Estromas*.

Padre João Fontado natural de Lisboa entrou aos 20 de Novembro de 1644, tendo 16 annos de idade. Ensinou letras humanas, Philosophia, & Theologia em Evora, foy depois Revisor em Roma. Suas virtudes ficão escritas em sua vida. Morreo santamente em Coimbra aos sinco de Fevereyro de 1700. Deixou seis, ou sete tomos de Moral em latim todos perfeitos, & acabados como pera a imprensa.

Padre João Monteyro natural de Mezaofrio no Bispado do Porto entrou aos 12 de Abril de 1620, tendo 16 annos de idade. Acabados os estudos navegou pera a India. Em Goa foi Mestre dos Noviços. Ensinou Philosophia, & Theologia em Macao. No anno de 1636 entrou na Chi-

na onde fez grande fruto nas almas. Morreo em Janeiro de 1648. Compos, & imprimio em lingua Sinica hum livro *Tratado da Ley divina*. Outro livro do verdadeyro, & falso culto de Deos, no qual trata da adoraçaõ.

Padre Joaõ de Payva natural de Lisboa entrou aos 19 de Novembro de 1660, tendo 16 annos de idade, era Conego Quartanario na Sé de Lisboa. O seu grao foi de Coadjutor espiritual. Muy observante das regras: ouve delle opiniaõ de homem sancto, & a sua resoluçaõ de entrar na Companhia assim denota. Acabou santamente seus dias na caza professa de Saõ Roque aos 23 de Março de 1682. Imprimio com nome de Joaõ de Britto hum compendio das ceremonias da Missa.

Padre Jorge da Costa natural de Azeitaõ no Arcebispado de Lisboa entrou aos 4 de Mayo de 1626. Ensinou Rhetorica em Coimbra, Philosophia em Evora, onde foi Lente de Escritura, & tomou o grao de Doutor aos 25 de Novembro de 1653. Foi Reytor do Collegio de Setuval, Prepozito da caza de Villaviçoza, Procurador a Roma. Era homem de muyta caridade, acodindo a pobres, & miseraveis. Foi Cancellario da Universidade de *Evora*, da qual occupaçaõ voltando pera a caza de Saõ Roque nella morreo aos 24 de Abril de 1688. Imprimio hum elogio de Ludovico 13. Rey de França. Hum sermaõ do nome de JESU. Hum sermaõ do Jubileu concedido por Innocencio X. Hũ sermaõ da Circũcisaõ cõ allegoria mysteriosa.

Padre Jozeph Soares natural de Setuval entrou aos 3 de Outubro de 1644, tendo 15 annos de idade. Ensinou letras humanas no Collegio de Sancto Antaõ. Morreo no de Evora aos 15 de Setembro de 1658. Compoz o Cartapacio de Syntaxe, de que ordinariamente se usa nas escolas.

L

Padre Luis Alvres natural de Saõ Romaõ Bispado de Coimbra entrou aos 27 de Abril de 1619, tẽdo 14 annos de idade. Ensinou letras humanas, & Philosophia em Coimbra, onde foi Lẽte de Escritura. Foi Reytor dos Collegios de Angra, do Porto, de Evora, Provincial, & Prepozito da caza de Saõ Roque. Morreo na caza de Saõ Roque aos 13 de Janeyro de 1709. Imprimio Em Evora: *Amor Sagrado*.

Digitized by Google

grado. *Inferno cuſtoſo, Ceo de graça.* Mais hum ſermão, q̃ fez no Acto da Fé. Mais dous tomos de ſermoẽs em Portugues. Imprimio em Latim *Joſephum Barbosa illustrē.*

Padre Luis Froes natural da cidade de Beja no Arcebiſpado de Evora, entrou no anno de 1547, & no ſeguinte paſſou à India, & foi hum dos inſignes fundadores da Chriſtandade de Japaõ, como ſe ve em ſua gloriosa vida, q̃ fica eſcrita. Illuſtrou eſte Heroe grandemente as couſas da Companhia na India, & Japaõ com ſuas cartas, que deraõ materia a grandes volumes. Dellas andaõ muytas impreſſas por ordem do Illuſtriſſimo Senhor Dom Theotonio Arcebiſpo de Evora. No anno, que vieraõ a Europa os Senhores Japoẽs, eſteve a ponto de vir com elles, & teve diſſo grandes dezejos, por afervorar com ſua prezença aos noſſos, aquem de continuo com ſuas cartas tinha afervorado. Fallando deſta occaſiaõ em huma carta, que de Macao no anno de 1593 eſcreveo aos Padres, & Irmaõs dos Collegios de Coimbra, & Evora, tem eſtas palavras. *Quando foraõ os Embaixadores, eſtive na ultima diſpoſiçaõ, pera ſe introduzir eſta forma: no qual tempo podem os cariſſimos Irmaõs conſiderar com quanta vivacidade faria meus largos diſcurſos no modo, que tenia pera muyto de propoſito gaſtar com elles largas, & diffuſas horas de repouſo. Levava trazada no entendimento, pera lhe propor no primeiro lugar a phiſionomia do Padre Meſtre Franciſco de ſancta memoria, ſeu modo de dizer Miſſa, ao qual ajudei muytas vezes em Goa, a ſuavidade da ſua communicaçaõ, a efficacia das ſuas palavras, o exẽplo de ſua vida, o roteiro dos annos, que vivco na India, com muytas particularidades annexas a eſta materia. No ſegundo lugar lhe ouvera de tratar de todos os varaens perfeitos, homens inſignes, & eminentes, com que a Companhia lançou ſeus fundamentos neſtas partes Orientais, pella communicaçaõ, que com elles tive, dos quais ſabia muytas, & muy raras couſas.*

Neſta forma vai continuando as couſas, que lhes diria. Logo diz, em como o Padre Gaſpar Coelho Vice-Provincial de Japaõ lhe ordenou compuzeſſe a Hiſtoria de Japaõ, em que gaſtou finco, ou ſeis annos continuos, & que muitas vezes eſcrevia dez horas no dia pello affectuoſo dezejo, que tinha de acabar aquella obra, & a mandar a ſeus Irmaõs. Diz, que a dividira em tres partes: na primeira tratava preciſamente do clima, altura, calidades, coſtumes, ritos,

origem do Japaõ. Na ſegunda de como o Padre Meſtre Franciſco partio de Goa pera Japaõ com ſeus companheiros, & de como a poderoſa, & immaculada Ley Evangelica com a luz da ſua verdade rompeo por aquellas denſas trevas, & do fruto, que em diverſos Reynos ſe foi fazendo desdo anno de 1549, que o Padre Meſtre Franciſco lá chegou, athe o anno de 78, que ſaõ trinta annos; & a terceira parte, que he maior, que as duas precedentes, toma ſeu exordio da converſaõ del-Rey Franciſco de Bungo athe agora. Mas porque a calidade da Hiſtoria, & o pezo della requere ſer muy exactamente limada, & metida na força da diligente examinaçaõ, fica o Padre Vizitador Alexandre Valignano encarregado, pera tomar o aſſumpto deſta reviſta, & ainda eſte anno de 93 a tornou noſſo Padre Geral a encomendar encarecidamente, que ſe acabaſſe, & ſe vier a effeito, creyo ſerà hum pedaço de recreaçaõ aos cariſſimos Irmaõs, que com taõ intenſo amor dezejaõ ſaber as couſas de Japaõ, & acharſe nellas, & o que na Hiſtoria naõ menos lhe agradarâ, ſeraõ as couſas, de que athe agora naõ tiveraõ noticia, por aver muytas, que naõ foraõ referidas nas cartas, que là foraõ enviadas.

Quis referir, o que diz àcerca deſta Hiſtoria de Japaõ por ſuas palavras, por quanto della naõ faz mençaõ a Bibliotheca da Companhia, ſenaõ com palavras, que a confudẽ com o volume das ſuas cartas. Que feito ſeja da tal Hiſtoria, ſe ſe conſerva em Macao, Goa, ou Roma, eu o naõ acho eſcrito. Sẽ duvida, q̃ ſerà couſa muy curioſa. O Padre Froes achãdoſe mal em Macao, voltou a Japaõ, onde morreo a 8 de Julho de 1597. O Catalogo dos varoẽs illuſtres da Cõpanhia, q̃ ſe le em Roma, o tem em 8 de Janeiro do dito anno.

M

Padre Doutor Manoel Correa natural de Loanda em Angola entrou aos 31 de Mayo de 1651, tẽdo 15 annos de idade. Enſinou letras humanas, Rhetorica, Philoſophia, Theologia moral, & Eſpeculativa em Evora, athe a cadeira de Prima, onde ſe formou Doutor na ſancta Theologia. Foi Reytor do Collegio de Coimbra, Procurador a Roma, Provincial, & Aſſiſtente em Roma do Padre Thyrſo Gonzales; depois foi Revizor, & neſte officio falleceo em Roma

na aos 29 de Agosto de 1708. Foi muy devoto da Senhora, em seu obsequio dorou a capella, & ornou com muytas, & muy ricas peças a capella da Conceyçaõ dentro no Collegio de Evora. Compos hum livro de conselhos, & pareceres de Moral, o qual se imprimio em Roma depois de sua morte, intitulado *Idea Conciliaria*.

Padre Manoel de Oliveira natural de Lisboa entrou aos 9 de Outubro de 1671. Ensinou letras humanas, & Rethorica, Philosophia, & Theologia em Coimbra, onde foi Lente de Prima. Imprimio hum sermaõ feito nas exequias da Rainha Dona Maria Sophia.

Padre Doutor Manoel Luis natural de Beja no Arcebispado de Evora entrou aos sinco de Abril de 1622, tendo 14 annos de idade. Ensinou letras humanas, Philosophia, & foi lente de Escritura em Evora, onde tomou o grao de Doutor aos 24 de Fevereiro de 1647. Foi Procurador a Roma, Reytor dos Collegios de Sancto Antaõ, & Evora, onde fez obras de grande utilidade. Era de genio muyto amavel, & grande coraçaõ, que com nada abafava. Morreo em Evora aos 13 de Dezembro de 1682. Compoz em Latim a vida do Principe Dom Theodosio, filho primogenito del-Rey Dom Joaõ o Quarto, que se imprimio em Evora.

Padre Doutor Manoel Pereyra natural da Armuda no Arcebispado de Lisboa entrou aos 27 de Março de 1634, de 14 annos de idade. Ensinou letras humanas, Philosophia, & Theologia. Foi Lente de Prima em Evora. Governou os Collegios de Braga, & Evora: neste governo foi a Roma à Congregaçaõ geral, em que foi eleito o Reverendo Padre Carlos de Noyele. Trouxe bulla, & indulgencias, pera na Igreja do Collegio de Evora erigir, como fez, a Irmandade da Senhora da Boa Morte, que sempre foi em grandes augmentos. Pagoulhe a Senhora esta devaçaõ com a boa morte, que lhe deu. Veyolhe huma supressaõ alta, em q̃ teve dores excessivas. Elle as sofreo com notavel conformidade com a vontade de Deos, & com ellas purificado piamente se pode crer o levou a Senhora a gozar o premio da sua devaçaõ. Morreo sendo Reytor do Collegio de Evora aos 14 de Dezembro de 1683. Tinha disposto pera dar à imprensa a Materia de Restituiçaõ, a qual obra todos louvavaõ muyto, porem sua morte dilatou athe o presente a ditta impressaõ.

Pa-

Padre Manoel Pinheiro natural da cidade de Ponta Delgada na Ilha de São Miguel entrou na Companhia em o Noviciado, que ouve na caza de São Roque, aos oito de Março de 1573, tendo dezasete annos de idade. Dezejozo de gastar sua vida nas missoẽs, passou à India no anno de 1591. No de 1594 entrou no Reyno do Mogor com o Padre Jeronimo Xavier, onde por dilatar a fé, padeceo muytas molestias, & esteve a perigo de perder a vida. Huas vezes lhes misturaraõ cousa na comida, que a elle, & aos mais de caza fez taõ profundo letargo, que a seu salvo entraraõ os ladroẽs, & os roubaraõ. No anno de 1607 foi mandado a Goa como embaixador do Mogor, onde com bõ successo compos a paz entre os Mogores, & Portuguezes. Tornou pera a missaõ. Carregandoo jâ as achaques se recolheo a Goa, onde falleceo pellos anno de 1618. Escreveo as Annuas de 1599 da missaõ do Mogor. Delle se faz menção na Bibliotheca da Companhia.

Padre Manoel Pires natural de Estremos no Arcebispado de Evora entrou aos 29 de Fevereiro de 1667, tendo 15 annos de idade. Exercitou muytos annos officio de prégador na Ilha de São Miguel. Pera esta faculdade tinha grandes talentos. Depois ensinou Philosophia em Evora. Estando prégador na caza de São Roque, o escolheo por seu Confessor a Senhora Dona Catherina Rainha de Inglaterra, àqual foi muy aceito por sua grande prudencia, & juizo profundo em comprehensaõ de quaisquer cousas grandes, em que tinha muyto acerto, & resoluçaõ. Era muy desinteressado: podendo ser muy util a seus parentes, naõ tratou disso. Todo o seu valimento quis pera abrigar as cousas de sua may a Companhia. Por seu respeito favoreceo a dita Senhora muyto nossas cousas, & acodio com grossas esmolas às cazas professas, & às missoẽs da India, & se fez fundadora do seu Noviciado. Deyxou huma boa livraria à caza de Villaviçosa; & dos cabidos da congruã, q se lhe dava, aplicou a mayor parte ao Noviciado da India, & o de mais a alguns Collegios pobres. Morreo na caza de São Roque aos 5 de Janeyro de 1708. Deyxou dispostos pera a imprensa alguns volumes de Sermoẽs, que se espera sahiraõ a luz.

Padre Manoel dos Reys natural de Loures junto a Lisboa entrou na Companhia em Lisboa aos 20 de Novembro de

1652.

1652. Foi de primeiros talentos. Ensinou Rhetorica, Philosophia, & Escritura em Coimbra. Foi insigne prégador. Imprimio hum sermaõ de Santo Thomas de Villanova, & depois de sua morte se ordenaraõ pera a imprensa tres volumes dos seus sermoẽs. Foi muyto humilde: por isso fazendo Reytor do Collegio de Braga, naõ aquietou, athe o naõ escusarem. Morreo santamente em Braga aos 21 de Abril de 1699.

Padre Manoel de Sâ natural da Torre de Moncorvo no Arcebispado de Braga entrou em Coimbra aos 13 de Fevereyro de 1675, acabou em Lisboa. Foi pera a India no anno de 1680, onde ensinou as sciencias com grande nome. No anno de 1708 chegou a Portugal, & logo em 1709 voltou pera a India nomeado Patriarca de Ethiopia. Deyxou câ hum volume de sermoẽs, que pouco depois se imprimio. Tambem compoz hũa Relaçaõ de successos no cerco de Mombaça, que se guarda no cartorio da India no Collegio de Santo Antaõ. [illegible]

Padre Miguel Dias natural de Lisboa entrou na Companhia ao 1 de Novembro de 1650, tendo 14 annos de idade. Foi Mestre dos Noviços em Evora, Reytor do Collegio de Portalegre, onde começou a Igreja nova, q̃ jâ ha annos, que se acabou, contra o que imaginava, quando lhe lançou a primeira pedra. Depois foi Mestre dos Noviços em Coimbra, desta ocupaçaõ foi ser em Roma Penitencieiro em Saõ Pedro, & depois substituto, ou Secretario da Assistencia de Portugal. Vindo de Roma foi Reytor dos Noviços em Lisboa, logo Confessor da Rainha de Portugal Dona Maria Sophia. Fallecendo esta Senhora, foi eleito Provincial, depois Prepozito da caza de Saõ Roque: indo a Roma à eleyçaõ do Reverendo Padre Geral Miguel Angelo, ficou seu Assistente. Por occasiaõ das exequias, que a naçaõ Portugueza fez na Igreja de Santo Antonio a el-Rey Dom Pedro Segundo, prégou o Padre Miguel Dias, o sermaõ se imprimio em Roma no anno de 1707. No anno de 1714 tornou pera Portugal. Imprimio mais hum livro em oitavo, cujo titulo he: *Ultimo instante entre a vida, & a morte.* Mais outro em oitavo, cujo titulo he, *Aparelho Eucharistico.*

Pa-

P

Padre Pedro de Amaral natural de Azurara do Bispado de Viſeu entrou aos 10 de Janeiro de 1603, tendo quinze pera dezaſeis annos de idade. Foi quinze annos Lente de Eſcritura em Coimbra. Compoz huma expoſiçaõ ſobre o Cãtico da Magnificat, que ſahio a luz em Evora. Governou o Collegio de Braga. Exercitou sempre o miniſterio da pregaçaõ, pera o qual foi incanſavel, & com muyta honra da Companhia. Tambem compos hum volume de ſermoẽs em latim, que deyxou corrente pera ſe darẽ a luz. Falleceo em ſancta velhice na caza de Saõ Roque aos 29 de Dezembro de 1711.

S

Padre Doutor Sebaſtiaõ Barradas natural de Lisboa entrou aos 26 de Setembro de 1558. Sua ſancta vida, & virtudes admiraveis eſcrevo diffuſamente, porque foi homem em tudo aſſombroſo, & hum dos *maiores, com que* Deos honrou a noſſa Companhia. Enſinou Rhetorica, & Philoſophia. Foi Lente de Eſcritura em Coimbra, & o mais tempo em Evora, onde tomou o grao de Doutor. Morreo em Coimbra aos 14 de Abril de 1615. Compoz quatro volumes ſobre os Evangelhos, os quais por ſer obra em tudo rara, ſe imprimiraõ muytas vezes. Mais o Itinerario dos filhos de Iſrael pera a terra de promiſſaõ; eſte ſe imprimio depois de ſua morte.

Padre Sebaſtiaõ de Novais natural de Braga entrou aos 11 de Outubro de 1632. Enſinou letras humanas, & Rhetorica por ſete annos, Theologia Moral por nove, Theologia eſpeculativa por ſeis. Foi Reytor do Collegio de Santarem; teve pera os pulpitos talento ſingular. Compoz em honra da Conceyçaõ da Senhora hum elegante livro intitulado: *Lilium inter ſpinas, ſive Cõceptus Dei Genitricis incõtaminatus.* Imprimioſe em Coimbra anno de 1648. O Padre Novais morreo na caza de Saõ Roque.

Padre Simaõ da Gama natural de Lisboa entrou aos dez de Junho de 1657, tendo 16 annos de idade. Imprimio ſete tomos de ſermoens.

IN-

INDICE

DAS VIRTUDES, O PRIMEIRO numero he das paginas, o ſegundo dos paragraphos.

A

ABſtinencia. 753. 7. *vejaſe Mortificaçaõ.*
Amor à Companhia. 422. 3. 552. 5. *& ſeg.* 619. 16. 713. 15. 877. 14. 961. 13.
Amor do proximo. Vejaſe zelo das almas.

C

CAridade. 53. 3. 4. 164. *a fi.* 1. 279. 3. *& nos ſeg.* 306. 3. 312. 1. 2. *& nos ſeg.* 325. 3. 44. 1. *& nos ſeg.* 698. 11. 959. 9.
Caridade com os ſubditos. 622. 4. *& ſeg.* 630. 6. 674. 4. *& nos ſeg.* 685. 9. 754. 9. 10.
Caſtidade 2. 2. 6. 7. 574. 11. 703. 7. 8. *& ſeg.*
Companhia ſemelhanças della. 54. 11. 12. 12.
Communidade. 307. 6. 889. 19.
Conformidade com a vontade de Deos 52. 5. 6.

D

DEſapego de parentes. 72. 10. 452. 8. 887. 15.
Deſpedidos 84. 9. 85. 10.
Devaçaõ a JESU. Vejaſe JESU. A' Senhora. Vejaſe Maria.
Devaçaõ aos Santos. 895. 1, *& ſeg.* 945. 21.
Dignidades. 70. 2. 3. *fugir dellas.* 333. 4. 5. 431. 1. *& nos ſeg.* 596. 4. 597. 7. 816. 23. *& ſeg.*

E

EDificaçaõ. Vejaſe exemplo.
Eſmola. 164. a n. 1. 878. 19. 941. 6.
Exemplo 425. 12.

F

FAlar de Deos. Vejaſe praticas de Deos.

H

HUmildade. 23. n. 9. 71. 7. 8. 9. 268. 1. & ſeg. 318. 13. 432. 4. 445. 1. & nos ſeg. 528. 1. & ſeg. 597. 7. 626. 18. 683. 1. 684. 4. & ſeg. 752. 5. & ſeg. 838. 5. 908. 13. & ſeg. 960. 10.

L

LIçaõ eſpiritual 950. 9.

M

MAria. Vejaſe Devaçaõ à Senhora 257. n. 7. & nos ſeg. 223. 8. 438. 1. & nos ſeg. 478. 6. 482. 526. 1. & ſeg. 559. 6. 573. 8. 685. 11. 695. 1. & ſeg. 744. 3. 748. 16. 878. 18. 888. 17, & ſeg. 945. 19. & ſeg. 898. 9. & ſeg. 948. 9. 960. 12.
Miſſa. 258. 12, & nos ſeg. 688. 7. 747. 16.
Miſſoẽs. Vejaſe zelo das almas. 624. 11.
Modeſtia. 481. 15. 557. 3. 591. 9. 886. 11. vejaſe recato.
Morte ſancta, & ſuave. 330. 4. 465. 8. 9.
Mortificaçaõ. 38. 9. 262. 7. & nos ſeg. 317. 16. & nos ſeg. 26. 326. 6. 332. 2. 332. 2. 498. 2. 562. 2. 574. 13. 591. 11. 624. 9. 705. 13, & ſeg. 675. 8. 900. 1, & ſeg. 940. 3. 958. 7.
Mortificaçaõ publica 169. 3.
Murmuraçaõ fugirlhe 306. 4. 539. 1, & ſeg. 942. 9.

N

NAcimento de Chriſto. 897. 8.

O

OBediencia 8. n. 10. 447. 10. & ſeg. 480. 13. 534. 6, & ſeg. 560. 9. 701. 1. & ſeg. 748. 18. 907. 11. 941. 5. 944. 16. 959. 8.

Ora-

Oraçaõ 260. 1. & nos ſeg. 315. 4. & nos ſeg. 436. 1. & nos ſeg. 499. 1. & ſeg. 507. 1. & ſeg. 573. 6. 709. 4. 745. 5. 875. 5. 905. 1. & ſeg. 949. 7.
Obſervancia 629. 2. 885. 8. 888. 16.
Ocioſidade fugir della. 753. 7. 876. 9.

R

PEnitencia. 333. 7. 536. 1. & ſeg. 556. 1. 575. 14. 628. 25.
Paciencia. 302. 8. 621. 1. 630.
Pobreza. 265. 7. 319. 14. 446. 5. 479. 11. 532. 1. & ſeg. 561. 10. 574. 12. 588. 7. 8. 626. 19. 626. 19. 792. 4. & ſeg. 746. 10. 753. 7. 887. 12. 13. 906. 6. & ſeg. 940. 4. 948. 6.
Praticas de Deos. 540. 2. & ſeg. 559. 7. & ſeg. 884. 5. 952. 15. 960. 11.
Prègaçoẽs. 272. 2. & nos ſeg.
Pureza de conſciencia. 572. 5.

R

REcato nos ſentidos. 561. 11. 876. 11, & ſeg. 879. 25. 907. 10. vejaſe modeſtia.
Renovaçaõ 26. 3.

S

SAnctiſſimo. 258. 11. & nos ſeg. 520. 1. & ſeg. 558. 4. 896. 2, & ſeg.
Silencio 633. 4. 684. 7. 944. 17.
Sofrimento. 79. 13. 14.

T

TRabalho. 328. 13. 14. 15.

V

VOcaçaõ à Companhia 12, 6. & nos ſeg. 21; 5. 169. 2. 314. 1. 2. 691. 1. 707. 26. 752. 4. 942. 11.

Z

ZElo das almas. 24. 11. 73. 1. & nos ſeg. 170 n. 5. & nos ſeg. 263. 13. & nos ſeg. 264. 1. & nos ſeg. 316. 8. 424. 10. 562. 1. 599. 1. & ſeg. 699. 15. 16. 712. 13. 839. 6. 840. 8. 878. 21.

LAUS DEO

Digitized by Google

ERRATAS.

Pag.	§.	Regr.	Errata.	Emenda.
17	55	1	nelle ——— nella	
25	10	4	mam a ——— a mam	
34	14	12	se diga — e Poderiaõ ter.	
51	2	2	saõ de —— de sam	
76	3	5	começarem — começaram.	
88	11	1	devia ——— dizia.	
120	12	3	Reverendissima — Reverencia	
129	14	9	pia —— pia	
136	9	8	asprayada — esprayada	
155	25	4	fazendo — fallando	
156	27	5	cousa — per cousa	
171	10	7	per ——— pera.	
172	13	5	pro —— por.	
177	8	1	hum ——— huma	
177	9	3	Portuguezes — Portugues	
179	6	6	ctem, — crem	
179	7	1	tem — crem	
199	9	3	o sabe — os sabe	
227	11	1	altercraçoens — altercaçoens	
227	11	1	despedio Padre — se despedio o Padre	
230	11	5	que toda — que de toda	
230	11	5	de que Nobunanga — que Nobunanga	
238	6	8	gregando — pregando	
248	13	4	pera novas conversans - pera novas conversoens	
249	18	1	teve, quese divertir — teve, emque se divertir	
261	6	1	pue naõ — que naõ	
275	12	10	os despedia — & os despedia	
277	8	7	Baradas — Barradas	
296	8	7	pederiaõ — poderiaõ	
305	15	3	recolleraõ — recolheraõ	
310	5	4	ao Irmaõ — o Irmaõ	
359	8	2	da da ordem — da ordem	
368	10	5	seus lugares — de seus lugares	
376	6	1	tomava — tomada	
387	1	7	Estavamos — distavamos	
404	4	1	no que — ao que	
406	5	6	urino — teno.	
418	10	7	os deligencias — as deligencias	
439	1	2	tinhale — tinhalhe	
369	13	3	Philipinas — Philippinas	
466	15	5	perfisletemente — perfistentemente	
470	13	6	meteem — meter em	
477	3	14	pro — por	
482	19	6	covalescente — convalescente	
484	24	29	que escreveo — que se escreveo	
497	7	10	buscava — o buscava	
503	3	11	o quem — o que	
526	7	2	hum — hum	
521	13	9	estretissimamente — estretissimamente	
540	2	5	hem o espaço — bom espaço	
546	7	3	tomora — tomàra	
548	4	8	dos ourbs — dos outros	
550	10	15	raturalmente — naturalmente	
552	5	8	hem nome — bom nome	
553	6	9	hemens — homens	
582	20	1	Nogueyra — Nogueyra	
596	1	8	Confimaria — Confirmaria	
621	6	1	ourro — outro	
617	9	17	opportet — oportet	
640	8	2	merececem — merecem	
652	20	10	dispculos — discipulos	
671	4	3	Ee — Fè	
715	4	3	ttabalhos — trabalhos	
724	14	3	era — pera	
734	6	2	tando — arando	
756	5	11	nossos — mossos	
762	3	4	, — ;	
762	3	4	tendo — vendo.	
ibid.	4	15	todo — tudo.	
ibid.	6	3	conza — couza.	
764	tit.	3	conta — consta.	
765	5	6	enrre — entre.	
ibid.	6	12	outras, couzas, — outras couzas,	
772	6	7	Deus — Deos	
804	1	9	prezumia — rezumia	
810	6	5	reclina — reclinado	
818	1	1	Despedindo — Despedido	
844	24	8	Magestade mas — Magestade: mas	
851	13	1	bautimos — bautismos	
ibid.	12	12	cossos — nossos.	
870	13	34	ouros — outros	
871	16	17	os mais — o mais	
874	1	1	mostro — mostrou	
875	4	5	tinhaõ — tinha	
887	12	16	tinhaõ — tinha	
903	14	9	vonceo — venceo	
905	1	28	mui — muitas	
965		7	annes — annos	
974		15	anno — annos	
973		6	conciliaria — consiliarii.	

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google



Digitized by Google


Digitized by Google